

ba", em cuja redação trabalhou uma dezena de anos. Tem mais de meia centena de livros publicados e mais de meio milhão de pesquisas, estudos e artigos estampados em revistas e jornais do país e do exterior. Presidiu a Funtevé (posteriormente Fundação Roquete Pinto) do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, e fez parte do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta (TV e Rádio Educativos, São Paulo), atuando como assessor da presidência desta e coordenador da programação educativa. É detentor de grande número de laúreas e distinções, entre as quais a comenda D. Pedro II do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a medalha D. João VI comemorativa dos 200 anos da vinda da corte portuguesa ao Brasil, da Academia Paulista de História, e a medalha Prudente de Moraes do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. É coautor de livro comemorativo do centenário do "Jornal de Piracicaba", intitulado *Pena, escudo e lança – Cem anos do Jornal de Piracicaba e cronologia piracicabana do século XX* (2ª ed., 2003), e autor do livro *Piracicaba de outros tempos* (Ed. Átomo/PNA, 2001). Além de ter sido jornalista e radialista em Piracicaba, aqui iniciou sua carreira docente, como professor da antiga Escola Normal Sud Mennucci e do Colégio Piracicabano, nos anos cinquenta.

Nas páginas do *Dicionário de Piracicabanos*, obra do Prof. Samuel Pfromm Netto, desfilam nomes de famílias e de pessoas que ajudaram a construir a pujança de Piracicaba em seus quase 250 anos de existência. Naturais do lugar, vindos de regiões distantes ou de outros países, são intelectuais, lideranças políticas, civis e religiosas, autoridades, professores, artistas, desportistas, empreendedores, profissionais liberais, mas também gente simples do povo, que enriqueceram com seu trabalho e com suas vidas nossa terra e a nossa história.

Não foi possível ao Prof. Samuel Pfromm Netto, falecido em 17 de novembro de 2012, ver concluída a presente edição. Mas, graças à contribuição de pessoas e entidades comprometidas com sua obra, o IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba presta essa homenagem ao ilustre professor, oferecendo como presente a todos os piracicabanos – natos ou de coração – seu derradeiro trabalho.



ISBN 978-85-65657-04-4



9 788565 657044

Samuel Pfromm Netto

DICIONÁRIO DE Piracicabanos

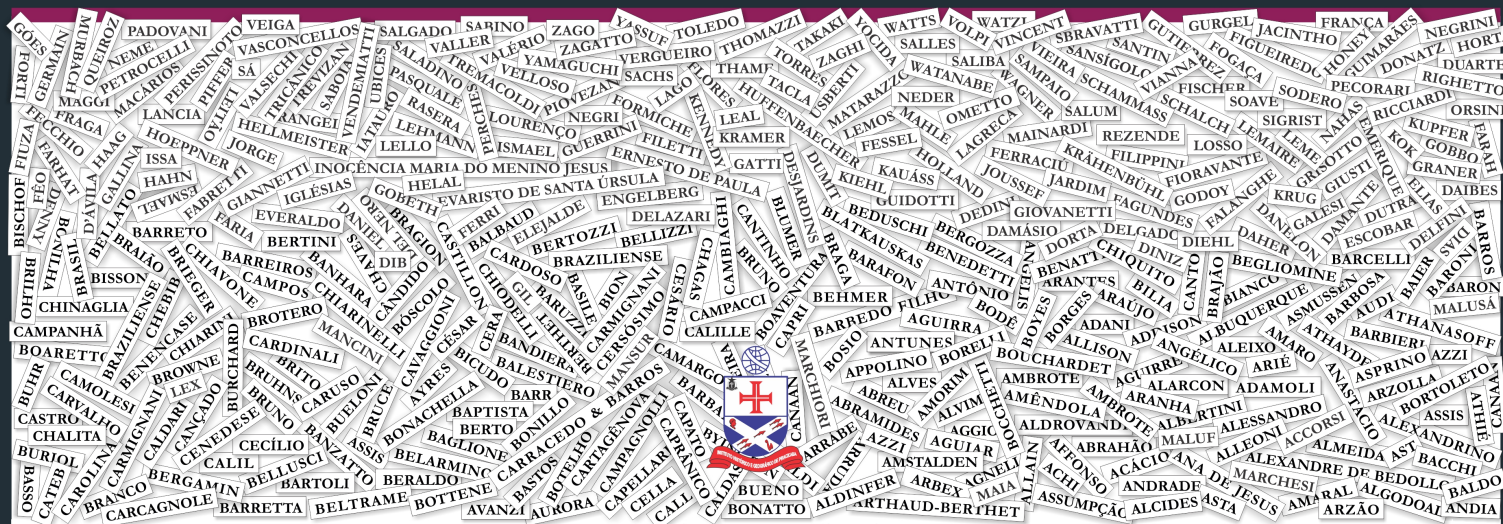
Samuel Pfromm Netto

# DICIONÁRIO DE Piracicabanos



Samuel Pfromm Netto

Piracicabano de nascimento, psicólogo, pedagogo, historiador e jornalista, o autor foi professor da USP, onde realizou cursos de bacharelado, licenciatura, mestrado e doutorado, tendo feito estudos pós-graduados nos EUA, na Europa e no Japão. Foi o responsável pelo livro, assim como pelas pesquisas que a sua elaboração demandou, recorrendo a Instituições e bibliotecas especializadas. Pertenceu a diversas academias e entidades de caráter cultural e científico, entre as quais os Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo e de Piracicaba, a Academia Paulista de História, a Academia Paulista de História, a Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia, o Conselho Técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, a Academia Paulistana de História, a Academia Paulista de Psicologia, a Academia Paulista de Educação e outras, tendo sido presidente ou membro da diretoria de várias dessas entidades. Fez parte do Conselho Editorial do "Jornal de Piracicaba".



**DICIONÁRIO  
DE  
PIRACICABANOS**

**Samuel Pfromm Netto**

**DICIONÁRIO  
DE  
PIRACICABANOS**

**São Paulo - SP**

Ano 2013

I.H.G.P.

Copyright©Samuel Pfromm Netto

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Leonor Zulmira de Azevedo Pires e Lurdes Ferreira Coutinho

**PESQUISA**

Equipe PNA

**DIGITAÇÃO**

Regina Monteiro de Almeida

**EDITORIAÇÃO/DIAGRAMAÇÃO**

Solange Bakhos

**CAPA**

Genival Cardoso

Solange Bakhos

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Sajutá Artes Gráficas Ltda.

Fone: (11) 98095-2781 sajuta\_grafica@hotmail.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pfromm Netto, Samuel, 1932-2012.

Dicionário de Piracicabanos / Samuel Pfromm Netto. —

1. ed. — São Paulo : PNA, 2013.

**Bibliografia**

1. Cultura - Piracicaba (SP)

3. Piracicaba (SP) - Condições sociais

5. Piracicaba (SP) - História

2. Piracicaba (SP)- Condições econômicas

4. Piracicaba (SP) - Descrição

6. Piracicaba (SP) - Política e

governo

13-09046

CDD-981.552

**Índices para catálogo sistemático:**

**1. Piracicaba : São Paulo : Estado : História 981.552**

**INSTITUTO  
HISTÓRICO  
GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA**

---

---

**UMA PUBLICAÇÃO**

---



**I H G P**  
Instituto Histórico e  
Geográfico de  
Piracicaba

---

**APOIO**

---



**Ação  
Cultural**



Prefeitura do  
Município de  
Piracicaba



OJI PAPÉIS ESPECIAIS

# **INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**

---

**Diretoria Executiva IHGP 2012/2014**

**Presidente:** Vitor Pires Vencovsky

**Vice-Presidente:** Pedro Caldari

**Primeiro Secretário:** Orlando Guimaro Júnior

**Segundo Secretário:** Toshio Iczuca

**Primeiro Tesoureiro:** Renata Gava

**Segundo Tesoureiro:** Noedi Monteiro

**Orador:** Gustavo Jacques Dias Alvim

**Diretor de Acervo:** Fábio Ferreira Coelho Bragança

**Suplentes:**

Almir de Souza Maia

Luiz Antonio Balamint

Antonio Carlos Neder

**Conselho Fiscal:**

Antonio Messias Galdino

Moacir Nazareno Monteiro

Legardeth Consolmagno

**Suplentes do Conselho Fiscal:**

Valdiza Maria Capranico

Alexandre Sarkis Neder

Geraldo Claret de Mello Ayres

**Comissão de Publicação:**

Fábio Ferreira Coelho Bragança

Gustavo Jacques Dias Alvim

Orlando Guimaro Júnior (coordenação)

Renata Graziela Duarte Gava

Toshio Iczuca

## **EXEMPLO DE VIDA E TRABALHO**

### **UMA HOMENAGEM AOS PIRACICABANOS**

Piracicaba, a minha cidade! Tenho certeza que era dessa maneira carinhosa que as centenas de personalidades e famílias incluídas na brilhante publicação Dicionário de Piracicabanos se relacionavam com a cidade de Piracicaba.

O sentimento de pertencer à nossa cidade está registrado nesse dicionário e é compartilhado por diversas nacionalidades, por imigrantes e emigrantes que por essa cidade passaram e resolveram se estabelecer. Assim como os peixes do nosso rio, muitos que por aqui passaram também resolveram parar para fazer parte da história piracicabana. Este dicionário representa uma parte daqueles que trabalharam pela nossa comunidade, desempenhando atividades na política, ensino, comércio, serviços e indústria.

Samuel Pfromm Netto, piracicabano, professor, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e de tantas outras instituições, trabalhou arduamente nos últimos anos para registrar e homenagear aqueles que, assim como ele, contribuíram para engrandecer a cidade de Piracicaba. Resultado da dedicação do autor à pesquisa, esta publicação torna-se única pela contribuição exemplar para Piracicaba. Parabéns, Professor Samuel Pfromm Netto!!

**Vitor Pires Vencovsky**  
**Presidente do IHGP**  
**Gestão 2012-2014**

In memoriam

Priscila Maria Pfromm  
Piracicaba, 3.4.1958 – São Paulo, 9.2.2006





## INTRODUÇÃO

Há mais de duzentos anos Piracicaba contribui para o progresso do Estado e do País. Contribuição que resulta, sem dúvida, do trabalho diuturno da população em geral. Mas em larga medida ligada a planos, iniciativas, ideais e realizações de seus mais destacados cidadãos, figuras exponenciais nos âmbitos da política, indústria, comércio, serviços, cultura, educação, economia, artes, ciência e tecnologia, esportes e mídia, que igualmente se notabilizaram, muitos deles, no Brasil e no exterior. São inúmeros os piracicabanos de destaque que souberam honrar a terra em que nasceram, ou sua terra de adoção, se nascidos fora daqui. Converteram suas aspirações em realizações expressivas e deram o melhor de si mesmos para o bem comum. Escreveram com as suas vidas, o seu trabalho, o seu amor à cidade, o seu devotamento às boas causas e o seu exemplo pessoal, a verdadeira história deste lugar onde os peixes param que foi sesmaria, freguesia e vila, antes de ser a cidade tão adorada, “cheia de flores, cheia de encanto”.

A obra teve sua gênese por ocasião do lançamento do livro *Pena, Escudo e Lança*, elaborado na passagem do milênio pelo autor deste dicionário, juntamente com Carlos Roberto Sodero Martins e publicado em segunda edição em 2003. O livro contou a história do *Jornal de Piracicaba*. Ao prepará-lo, seus autores recolheram enorme quantidade de informações biográficas sobre piracicabanos de destaque desde o século 18 e posteriormente decidiram reuni-las em forma de dicionário. O projeto estava em andamento, quando Martins faleceu. Pfromm Netto resolveu, então, prosseguir na empreitada, buscando a colaboração e o apoio de outras pessoas.

A preparação dos originais foi bastante trabalhosa. São cerca de dois milhares de biografias, muitas das quais sobre personalidades da maior importância no passado da “Noiva da Colina”, injustamente esquecidas. Todos os biografados são pessoas falecidas e boa parte pertence a troncos tradicionais de famílias piracicabanas. Mas a obra também inclui muitas pessoas de origens modestas que se projetaram na cidade ou fora desta nas ciências, na indústria, no comércio, na cultura, na educação, nos esportes. O dicionário inclui não só piracicabanos de nascimento, como também cidadãos que, nascidos em outros locais, ganharam notabilidade em Piracicaba. Estes últimos são muitos. A título de exemplo: David Antunes, que usava o pseudônimo “Tago Joé”, autor de numerosos livros de ficção importantes desde os anos vinte, como *Bagunça*, *Briguela* e *Obsessão*, e da belíssima novela intitulada *Piracicaba*, ligou-se por casamento a tradicional família local. Colaborou no *Jornal de Piracicaba* e ganhou grande projeção no país e no exterior como ficcionista, conferencista e estudioso do passado.

A inexistência de uma obra com os dados biográficos desses homens e mulheres, identificados com Piracicaba pelo nascimento ou pelo coração, constituía uma séria lacuna, que precisava necessariamente ser preenchida. Pouca gente sabe, por exemplo, que Piracicaba foi o berço ou solo que escolheram para, parcial ou totalmente, viver suas vidas luminosas alguns dos personagens maiores da história paulista e do Brasil. José Bonifácio e Martim Francisco tiveram terras e engenhos em Piracicaba. O Barão de Monte Alegre, José da Costa Carvalho, fundador do jornalismo paulista e baiano de nascimento, pertence à história piracicabana do século 19. Foi deputado por São Paulo e competiu com Feijó nas eleições para a Regência Una. Foi Senador e Ministro do Império. Recebeu o título de barão, associado a Monte Alegre, a fazenda de sua propriedade em Piracicaba. O Senador Vergueiro, um dos vultos mais representativos da antiga Piracicaba, morador na praça

que é hoje a da Catedral, foi grande proprietário de terras piracicabanas. Opôs-se à escravidão. Foi “cidadão probo e honesto, estadista íntegro, representante fiel de um partido que se ufana de o ter por decano”, nas palavras de Sisson. Luiz de Queiroz, além de dar origem à escola superior de agricultura que ostenta seu nome, foi pioneiro na iluminação pública, na fabricação de tecidos e em inúmeras outras iniciativas arrojadas, originadas de sua altíssima capacidade empreendedora. A lista é interminável: Dedini, Miguelzinho Dutra, Erotides de Campos, Almeida Júnior, Martha Watts, Costa Pinto, Fabiano Lozano, Francisco Morato, Barão de Rezende, Manoel de Moraes Barros, Paulo de Moraes Barros, Barão da Serranegra, Fernando Febeliano da Costa, Arruda Botelho, João Sampaio, Álvaro de Carvalho, Alcântara Machado, os Pacheco e Chaves, Prudente de Moraes Netto, Pedro Ferraz do Amaral, Alceu Maynard Araújo, Hugo Leme, Jaime Rocha de Almeida – a alma do Proálcool –, Prudente de Moraes, Jaçanã Altair, Tales de Andrade, Castro Neves, Brasília Machado, Sud Mennucci, Mário Neme, Rodolfo Miranda, Silva Gordo, Morganti, Ometto... tantos e tantos outros. Além disso, fazem parte da bela história de Piracicaba inúmeras pessoas de origens modestas que se projetaram, no município ou fora deste, em diferentes campos de atuação profissional e social.

A fim de preencher a lacuna aqui referida, foi elaborado este DICIONÁRIO DE PIRACICABANOS. É a única obra deste gênero surgida durante todos estes 240 anos que vão da fundação oficial da cidade (1767) a 2007. Estas páginas reúnem mais de um milhar de verbetes criteriosamente redigidos, sempre apoiados em documentação impressa ou manuscrita fidedigna.

Era imperioso reunir em um só livro as notícias biográficas esparsas – infelizmente, na maioria dos casos, pouco acessíveis ao leitor comum – a respeito dos cidadãos que compõem o panteão da excelência piracicabana. É o que o leitor encontra nestas páginas. Os verbetes referem-se sempre a pessoas falecidas e as informações a seu respeito foram colhidas sempre em fontes impressas confiáveis ou em outras formas de registros escritos merecedores de confiança (lápides tumulares, documentos familiares, anotações do autor).

Em boa parte dos verbetes, há indicação das fontes consultadas. A bibliografia no final do dicionário suprirá o leitor interessado de um extenso rol de livros e periódicos utilizados na elaboração da obra.

Um cometimento desta natureza está sujeito a erros e omissões, decorrentes tanto das fontes consultadas como das limitações do autor. Acresce a circunstância de que a elaboração do dicionário se fez dentro de limites um tanto acanhados de tempo. Certamente demandaria anos a fio de laboriosas pesquisas em fontes primárias, contatos e entrevistas com centenas de pessoas e consultas intermináveis a coleções de jornais antigos e atuais da cidade e do país – trabalho impossível de ser feito por um único autor, com seu tempo dividido entre atividades que lhe garantem o ganha-pão e as horas que lhe sobraram para a feitura deste dicionário. Livros desta natureza são necessariamente seletivos em relação aos biografados incluídos em suas páginas. Com todas as limitações que a obra tem, a expectativa é de que, numa possível reedição revista e aumentada, sejam sanados seus possíveis erros e lacunas e ampliado o repertório de biografados. Lamentavelmente, não foram localizadas informações impressas acerca de um não pequeno número de piracicabanos que se destacaram no passado. De muitos deles restam apenas um nome e uma vaga lembrança, na forma da nem sempre confiável história oral. Ainda mais lamentável foi a má vontade total e não raro até mesmo a recusa de familiares, em vários casos, de fornecer informações sobre antepassados. Face a esses e outros tropeços e dificuldades, não é de estranhar que, aqui e ali, o leitor mais exigente e melhor informado descubra falhas e omissões que poderão ser sanadas se, no futuro, se concretizar a feitura de uma nova edição, revista e melhorada, desta

obra. O leitor é convidado a enviar informações biográficas, sugestões e reparos ao autor.

Referindo-se a erros e omissões que ocorrem em obras pioneiras desta natureza, escrevia um saudoso historiador, mestre e amigo, Brasil Bandecchi, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paulista de História, que “todo pioneirismo paga o seu tributo, mas não perde nunca a marca de aridor de caminhos”, em que pesem as falhas que apresenta. Eis aqui, pois, o primeiro dicionário histórico de piracicabanos. Oxalá sirva de estímulo para, no futuro, o surgimento de outras obras do mesmo gênero, mais alentadas e sem as possíveis imperfeições desta tentativa de reviver pessoas, iniciativas e realizações significativas de que é repleto o passado piracicabano. S. Pfromm Netto

Foram usadas as seguintes abreviaturas neste dicionário:

F., f., ff. falecido em, filho, filhos

N., n. nascido em

v. ver em

A interrogação (?) refere-se a locais e datas incertos.

## **PSICÓLOGO, PEDAGOGO E HOMEM DE MÍDIA: PFROMM NETTO**

Psicologia, educação e mídia formam a tríade da vida e da obra de Samuel Pfromm Netto, paulista de Piracicaba, nascido em 1932 e falecido em novembro de 2012. Filho de Augusto Pfromm e Escolástica Mendes Pfromm. Casou-se com Marilene Olga Clemente Pfromm. Desta união nasceu Priscila Maria Pfromm (falecida em 2007) que lhe deixou um neto e uma bisneta.

Seu primeiro emprego, ainda adolescente, foi como jornalista em um periódico local, o “Jornal de Piracicaba”. Paralelamente, atuou como radialista na PRD-6, a antiga Rádio Clube (hoje Rádio Difusora), e no âmbito da cinematografia fez crítica de filmes na imprensa e presidiu o Clube Piracicabano de Cinema, de que foi um dos fundadores. Formou-se em meados do século passado como professor primário na Escola Normal Oficial Sud Mennucci e logo após a formatura começou sua carreira nos magistérios público e privado. Inicialmente lecionou na própria escola em que se formou e no curso normal do Colégio Piracicabano.

Pfromm Netto mergulhou no estudo das obras essenciais de psicologia em meados do século vinte. Já casado foi professor efetivo de psicologia educacional do Instituto de Educação de Santa Cruz do Rio Pardo, SP, por concurso público. Ingressou no curso de pedagogia da Universidade de São Paulo (1956-59). A USP o acolheu no seu quadro docente no ano seguinte da formatura, na antiga cadeira de Psicologia Educacional, liderada por Arrigo Leonardo Angelini. Tornou-se seu assistente, incumbindo-se das práticas de laboratório e pesquisas de psicologia da aprendizagem.

Pfromm Netto participou ativamente da criação da profissão de psicólogo e de alguns dos primeiros cursos de psicologia do país. Foi um dos responsáveis pelo planejamento e criação do curso de Psicologia e do Instituto de Psicologia da USP. Nos anos 70, participou da criação dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia. Como conselheiro, integrou o quadro de responsáveis pelo CRP-6 (São Paulo e Mato Grosso) desde a sua criação e foi um dos seus presidentes, tendo também feito parte da diretoria da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

A atividade docente de Pfromm Netto não se limitou à USP, onde lecionou desde a formatura até a aposentadoria, tendo orientado centenas de teses de mestrado e doutorado. Criou e dirigiu nos cinco primeiros anos o curso de Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo (1976-80). Lecionou em várias outras instituições de ensino superior no país e no exterior, como professor titular ou professor colaborador, até os primeiros anos do século atual. Realizou inicialmente seus estudos pós-graduados na USP, concluindo o mestrado em 1969 e o doutorado em 1970. Fez estágios e estudos pós-graduados nos EUA e na Europa em 1963, 1965 e 1974 e atuou como professor visitante e chefe de missões de caráter pedagógico e cultural no Japão (1975, 1992, 1995) e na China continental (1995), tendo ainda sido professor visitante e colaborador da Syracuse University, nos EUA (1998).

Criou, produziu e coordenou numerosos projetos e programas de educação a distância desde

1960, quando dirigiu a divisão de ensino da TV e Rádio Cultura (Fundação Padre Anchieta), e foi coordenador do Cianet, organização especializada em cursos a distância. Como pioneiro da instrução programada no Brasil, foi cofundador e diretor de “Matética – Centro de Instrução Programada” em São Paulo, nos anos 60 e coautor da “Biblioteca Pioneira de Instrução Programada”, com vários livros publicados pela Editora Pioneira.

A atuação de Pfromm Netto como professor universitário liga-se estreitamente às suas contribuições como pesquisador e à publicação de livros e artigos em periódicos do país e do exterior, bem como a coordenação de coleções de obras especializadas, como as coleções “Psicologia contemporânea”, juntamente com A. L. Angelini para a editora José Olympio, “A psicologia e você”, em doze volumes, da editora Harper & Row, e “Carmichael – Psicologia da criança”, em dez volumes, 1975, editado pela EPU de São Paulo. Viu publicados mais de meia centena de livros de sua autoria, que versam sobre psicologia, educação, mídia e história e incluem várias obras didáticas, entre as quais, como coautor, a cartilha “Vila Sésamo” (1974) e o conjunto de quatro livros “Atividades em matemática”, para o ensino fundamental, em quatro volumes (três edições publicadas a partir de 1973). Redigiu o capítulo sobre a história da psicologia no Brasil na obra coletiva em três volumes “História das ciências no Brasil”, editada pelo CNPq, EDUSP e EPU em 1979-81. Foi coautor de uma obra da UNESCO (Paris), “The impact of Brazilian television on children and education” em 1981, em edições em inglês, francês e espanhol.

No território da pesquisa científica em psicologia, Pfromm Netto começou com estudos de psicologia, cinema e criança, com trabalhos publicados desde o início dos anos cinquenta, em revistas especializadas e jornais. Desenvolveu igualmente projetos e publicou livros e artigos sobre psicologia da adolescência, psicologia da aprendizagem e do ensino (título de um dos seus livros, editado em 1987 pela EDUSP e EPU), testes psicológicos (é autor de uma Escala de Ansiedade Manifesta para crianças, baseada no instrumento criado por Taylor) e psicologia da comunicação de massa. Entre seus méritos maiores está a publicação do livro “Psicologia da adolescência”, com 420 páginas. Lançado em 1968, teve sete edições e é o primeiro livro brasileiro solidamente fundamentado em pesquisas científicas sobre esta etapa do desenvolvimento humano. Já havia iniciado o preparo de uma nova edição do mesmo quando veio a falecer. Gravou inúmeros videoteipes, entre os quais os que compõem o curso de psicologia da adolescência que ministrou na USP em 1969.

Ao mesmo tempo em que atuava no ensino superior, Pfromm Netto dedicou-se à mídia educativa, notadamente na televisão, no rádio e na informática a serviço do ensino. Foi um dos pioneiros no emprego do computador para fins educativos, como colaborador da Secretaria Especial de Informática do Governo Federal e membro de Comissões do MEC para avaliação e premiação de softwares educativos. Foi um dos fundadores e 2º vice-presidente da Associação Brasileira para Superdotados.

Na área de recursos humanos, foi pioneiro no país em instrução programada e treinamento. Seu currículo inclui uma participação intensa e extensa em programas e iniciativas em treinamento e desenvolvimento de recursos humanos, no contexto empresarial. Dentre as suas contribuições nesta área, salientam-se os trabalhos que desenvolveu em empresas renomadas como a Shell, a Olivetti, o Banco Chase-Mannhatan (Lar Brasileiro), a Editora Abril, o MEC e as secretarias paulistas da Fazenda, Educação e de Administração.

De 1972 a 1975 Pfromm Netto foi Assessor de Ensino da Presidência da Fundação Padre Anchieta, Televisão e Rádio Cultura de São Paulo, bem como diretor da sua Divisão de Ensino. Foi um dos responsáveis pelo programa infantil “Vila Sésamo” realizado na TV Cultura. Corresponsável pela criação e desenvolvimento da TV Educativa da USP, orientou teses e ministrou cursos superiores por meio da televisão na mesma universidade. Vários programas de TV e rádio educativos que realizou foram premiados no país e no exterior. Em 1984-85 presidiu o Centro Brasileiro de Televisão e Rádio Educativos do MEC (FUNTEVÉ), no Rio de Janeiro, na gestão da ministra da educação Esther de Figueiredo Ferraz.

Juntamente com Carlos Del Nero, criou em fins dos anos 70 a Academia Paulista de Psicologia e foi presidente desta, de 1986 a 1987. Foi um dos fundadores e membro da primeira diretoria da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE).

Pelos relevantes trabalhos prestados no Brasil e no exterior ao longo de mais de meio século, no âmbito da psicologia, educação e cultura, recebeu inúmeros diplomas, medalhas e títulos honoríficos. Entre os mais expressivos, constam: prêmios Japão para os melhores programas de televisão e rádio educativos do mundo recebidos em cerimônia presidida pelo então príncipe Akihito, Tóquio (1975); diploma e insígnia do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos da América (1976); comenda do “Colar do Centenário da Fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; diploma do Centenário da Psicologia como ciência (1979); diploma e medalha D. Pedro II do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1994); diploma e medalha Prudente de Moraes do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; diploma da Ordem Nacional dos Bandeirantes (1995); agraciado pelo Rotary Club de São Paulo com o título de “Personalidade do Ano” em Educação (1997); Diploma de Honra ao Mérito da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (2002); medalha da Revolução Constitucionalista (Academia Paulista de História, 2002); Presidente emérito da Academia Cristã de Letras de São Paulo; diploma de Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (2003); homenagem que lhe foi prestada em Ribeirão Preto, SP, onde seu nome passou a designar uma instituição de ensino, o “Liceu Samuel Pfromm Netto” (com o qual não tem nenhuma vinculação); placa de agradecimento da Comissão Especial de Informática da Presidência da República pela sua contribuição substantiva ao desenvolvimento do emprego dos computadores na educação.

Além de suas atividades profissionais como professor e psicólogo, foi jornalista, radialista, escritor e historiador. Fez parte do Conselho Editorial do Jornal de Piracicaba para o qual escreveu por mais de meio século, tendo sido autor, em parceria com Carlos Roberto Martins, do livro “Pena, escudo e lança”, comemorativo do centenário desse jornal.

Seu nome faz parte de um verbete da “Enciclopédia Mirador Internacional” (1976, vol. 7, pág. 3642, “A tecnologia aplicada à educação no Brasil”), que destaca a contribuição de Pfromm Netto como pioneiro da instrução programada no país, desde os anos 60.

Até seus últimos dias foi diretor presidente da PNA – Pfromm Netto & Associados, com sede em São Paulo, organização que, além de sua atividade editorial de livros, se incumbem de treinamento, seleção de pessoal, consultoria, assessoria, serviços e produtos ligados às áreas de desenvolvimento de recursos humanos, educação a distância, ensino-aprendizagem e materiais didáticos.

Pfromm Netto é muito conhecido por sua vida profissional tão fecunda, pois foi um grande batalhador por quase sete décadas, atuando em inúmeras atividades. Mantinha vivo o interesse pelos mais variados campos do saber. Era um pesquisador incansável. Não resistia ao impulso de mergulhar de cabeça em qualquer fonte que lhe trouxesse esclarecimento ao binômio aprender-ensinar. Deixou uma biblioteca de aproximadamente trinta mil livros abrangendo grande parte das áreas de conhecimento.

Ele será sempre lembrado, por todos que com ele conviveram, por sua amabilidade para com todos, quer fossem companheiros de trabalho, alunos, amigos, familiares e até mesmo desconhecidos. Estava sempre disponível para acolher e ajudar qualquer pessoa que o procurasse para partilhar problemas de trabalho, estudo, pesquisa ou mesmo pessoal.

Além de poliglota, desde a adolescência, tinha grande sensibilidade para as artes em geral. Adorava música clássica, mas cultivava a boa música de qualquer gênero, deixando assim uma abrangente coleção de CDs e até mesmo vinil que ainda gostava de ouvir. Conhecia melodias de ópera a samba, sabia de cor uma infinidade de letras da música erudita a popular, pois possuía uma memória simplesmente invejável, principalmente no que se referia, não só a sua abrangente atividade profissional, como também a música, cinema, romance policial e a literatura em geral.

Cultuava os grandes poetas, escreveu e traduziu muitos poemas, sendo uma das suas maiores alegrias ter publicado “Poemas escolhidos de Goethe” para o qual, não só traduziu alguns poemas, como organizou a musicografia dos grandes compositores que por três séculos escreveram músicas para seus poemas.

Tinha começado a escrever vários livros em diferentes áreas do conhecimento, entre eles “A grande poesia paulista”, “Em tempo de valsa”, “Histórias em quadrinho”, “História do conto policial”. Trabalhou até seus últimos dias, deixando no prelo “Jundiá de todos os tempos”, em coautoria de José Antonio Ungaro, e este “Dicionário de Piracicabanos”, seu sonho que agora se concretiza e que, com muita satisfação, como coeditores e sócios da PNA, apresentamos.

Leonor Zulmira de Azevedo Pires  
Lurdes Ferreira Coutinho





**ABRAHÃO, Nelly** (Séc. 20). Seu nome faz parte da relação de piracicabanos que atuaram em 1932 como enfermeiras, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo.

**ABRAHÃO, Reeze** (Séc. 20). Um dos proprietários da firma Reeze Abrahão e Irmãos, juntamente com seus irmãos Luiz e José Abrahão. Atuava no ramo comercial de fazendas e armazéns, com loja à rua Moraes Barros, 341. Participou da Fundação da Associação Comercial de Piracicaba (janeiro de 1941), sendo, nessa ocasião, eleito como membro do Conselho Fiscal da entidade. No ano seguinte, a Associação se converteu em Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, ocasião em que foi igualmente eleito para o Conselho Fiscal deste. Em 1946 tornou-se tesoureiro do Sindicato. Na qualidade de Secretário, fez parte da Diretoria eleita em 1952 e dois anos depois elegeu-se como delegado junto à Federação do Comércio do Estado. É mencionado no rol “In Memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba, no qual figuram dois outros Abrahão: Kalil e Alfredo Abrahão (Salum, 2002). Há uma rua Luiz Abrahão no Jardim Monumento.

**ABRAMIDES, Demosthenes**. N. Grécia (Atenas?). F. Piracicaba, 6.7.1946. C.c. Luiza Abramides. Ff.: Antônio, Eduardo, Joanina, João (v), Lígia, Nicolau (v), Pedro. Proprietário de loja na primeira metade do século 20, na esquina

das ruas São José e Santo Antônio. Transferiu posteriormente a loja para o Mercado Municipal, sob a denominação “Arca de Noé”. Residiu à rua D. Pedro II, nº 980. Vítima de mal súbito, desceu do sobrado da antiga sede do Clube Cristóvão Colombo, que freqüentava, para morrer na Farmácia Confiança, que funcionava no andar térreo (Costa, *Jornal de Piracicaba*, 21.6.1992). No Jardim Monte Líbano II há uma rua com seu nome.

**ABRAMIDES, Nicolau (Nicola)**. N. 1920. F. Campinas, 6.12.1994. Engenheiro agrônomo, diplomou-se pela ESALQ em 1942. Exerceu o cargo de agrônomo regional em Penápolis, SP, tendo atuado nessa cidade como vereador e presidente da Câmara Municipal, desportista, colaborador de jornais e provedor da Santa Casa local. Foi sepultado em Penápolis. Nos tempos de estudante, destacou-se no futebol piracicabano, tendo atuado em vários clubes como goleiro, notadamente na Associação Atlética Luiz de Queiroz. Nesta última, fez parte dos times campeões do futebol piracicabano em 1941 e 1942, assim como do que se sagrou campeão acadêmico em 1939-40 no campeonato patrocinado pela Federação Universitária Paulista de Esportes. Era irmão mais novo de João Abramides Netto (v).

**ABRAMIDES NETTO, João** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo, formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz em

1938. Esportista renomado da Associação Atlética Luiz de Queiroz nos anos trinta, destacou-se como jogador de futebol e foi um dos campeões piracicabanos de bola ao cesto em 1934. Goleiro notável, jogou no time da ESALQ que venceu o Campeonato Acadêmico do mesmo ano. “Um magnífico esportista” (Ripoli, 1943).

**ABREU, Antônio de.** (Séc. 19-20). Agricultor. Proprietário do terreno que doou para a construção do cemitério de Ibitiruna. Este existe desde 7.1.1923 e foi obra do prefeito Fernando Febeliano da Costa (v). A prefeitura de Piracicaba reformou o cemitério em 1999, época em que viviam em Ibitiruna cerca de 200 famílias, dedicadas predominantemente às atividades agropecuárias (*Jornal de Piracicaba*, 17.11.1999).

**ABREU, Bartolomeu Pais de.** N. S. Sebastião, SP, 1674. Bandeirante, oficial da milícia e capitão-general, exerceu em sua cidade natal, muito jovem, o cargo de capitão de ordenanças durante sete anos. Mudou-se para a vila de São Paulo, foi juiz ordinário e desde o início do descobrimento do ouro em Minas Gerais foi um dos participantes mais atuantes do movimento das entradas. Amaral (1980) assinala que ele devassou os sertões do sul mineiro e explorou as regiões de Curitiba e do sul do Iguçu, chegando até o Rio Grande do Sul. Abriu larga estrada, que ia de Sorocaba à barranca do rio Paraná. Mudou-se para o sul de Mato Grosso e explorou a região de Cuiabá. Inspirou e organizou em 1722 a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o moço, o segundo Anhanguera. Propôs ao governo da Capitania de São Paulo a retomada do caminho primitivo à mineração de Cuiabá, que passava por “matas e alagados, morros e chapadões”, junto aos rios Tietê e Piracicaba. O rei de Portugal indeferiu seus sucessivos pedidos nesse sentido, “provavelmente porque o monarca lusitano, sabendo das exigências [de Abreu], que queria participar do ouro

arrecadado, pôs solene pedra tumular sobre o caso. A questão arrastou-se por algum tempo, mas o ponto final foi esse” (Guerrini, 1982). A abertura de um caminho por terra de São Paulo às minas de Cuiabá, passando, provavelmente, por Piracicaba, foi igualmente solicitada por Manoel Godinho de Lara e seus sócios (1722) e pelo sargento-mor Luiz Pedroso de Barros (1724) (v). De acordo com Guerrini (1970), “o caminho para as minas de Cuiabá foi iniciado por Manoel Godinho de Lara e seus sócios, mas concluído por Luiz Pedroso de Barros. Ao que tudo indica, foi o traçado deste sertanista que incluiu a paragem de Piracicaba”. Perseguido pelo governador de São Paulo, Antônio da Silva Caldeira Pimentel (1727-1732), que A. Taunay qualifica como o mais “cínico, imoral e prepotente dos governantes”, Pais de Abreu esteve aprisionado na fortaleza de Santos, mas acabou sendo absolvido das acusações que lhe faziam.

**ABREU, Manoel** (Séc. 20). Médico. Dirigia o Asilo de São Lázaro, fundado em 1877, leprosário, na ocasião (1932) em que este foi desativado e os hansenianos transferidos para o Sanatório Pirapitingui. Funcionava no Bairro Alto, à r. Manoel Ferraz de Arruda Campos.

**ACÁCIO** (Séc. 20). Tendo à frente seu proprietário, sr. Acácio, funcionou à rua Boa Morte, 1164, perto do centro, a Relojoaria Acácio, tradicional estabelecimento piracicabano de venda e conserto de jóias e relógios.

**ACCORSI, Walter Radamés.** N. Taquaritinga, SP, 9.10.1912. F. Piracicaba, 5.4.2006. Professor universitário, engenheiro agrônomo, botânico, pesquisador em fitoterapia. C.c. Judith Moretti Accorsi (1909-1996), ff. Walterly, Waldith. Figura paradigmática na Piracicaba do século vinte, pelos seus elevados dotes de espírito e de cultura, de uma generosidade e desprendimento ímpares, projetou-se internacionalmente com suas contribuições na área da fitoterapia. Filho

e neto de italianos lombardos de Mântova, da comuna de Poggio Rosco, teve como pais Odone e Hermínia Sivelli Accorsi (mãe brasileira, filha de italianos). Os Accorsi fixaram-se inicialmente na região de Araraquara, em Taquaritinga, dedicando-se à hotelaria e ao café. Aos sete anos de idade, mudou-se com a família para Dobrada, perto de Matão, onde seus pais tiveram serraria, máquina de beneficiar café, curtume, sítio e fazenda. Cursou a escola primária de Dobrada e a seguir o curso secundário do Colégio Mackenzie, em São Paulo. Em 1928 veio a Piracicaba, desejoso de cursar agronomia, tendo residido na Pensão Pernet. Após os estudos preparatórios no Atheneu Piracicabano, ingressou em 1930 na ESALQ, formando-se em 1933. Interrompeu os estudos em 1932, para participar como voluntário na Revolução Constitucionalista, sendo ferido em combate, na Serra da Mantiqueira. Ao tempo em que Pedro Moura de Oliveira Santos (v.) ocupava a cadeira de Botânica na ESALQ, foi contratado como assistente desta, na qual, após concurso de livre docência, passou a ser assistente efetivo. Tornou-se titular da cadeira de Botânica em 1942, após aprovação em concurso. A cadeira converteu-se em Departamento de Botânica em 1970, permanecendo Accorsi à frente da mesma até 1982, quando se aposentou e recebeu o título de professor emérito. Durante a sua extensa e profícua atuação na ESALQ, entre 1951 e 1954 foi vice-diretor e depois diretor da Escola. Sua dedicação exemplar ao estudo e às aplicações das plantas medicinais fez com que a ESALQ lhe concedesse, após a aposentadoria, o direito de continuar nela, a frente de um laboratório para a realização das suas pesquisas. Recebeu em 1981 o Prêmio do Mérito Agrônomo Regional. O Rotary Club International concedeu-lhe a Medalha Companheiro Paul Harris. Foi sócio fundador da Sociedade Botânica do Brasil (1969). Realizou inúmeras conferências e palestras em todo o país e foi contemplado com mais de uma centena de diplomas, títulos honoríficos, placas e medalhas.

A Câmara Municipal deu-lhe em 1986 o título de Cidadão Piracicabano. Em 1990 Accorsi inaugurou em Piracicaba um laboratório de plantas medicinais que tem seu nome, na região central da cidade. Rotariano honorário pelo Rotary Clube Centro e líder da comunidade espírita local, mentor que foi da União Espírita de Piracicaba, sua vida e atuação luminosas compõem um dos mais belos capítulos de toda a história de Piracicaba. “Sua vida é um exemplo vivo de bondade, dedicação, espírito humanitário” (Pedroso, 2006). A extensa bibliografia que deixou compõe-se de trabalhos científicos em publicações especializadas e farta colaboração em jornais e revistas, notadamente na imprensa local. A Escola Municipal de Educação Infantil do bairro Sol Nascente ganhou em 2008 o seu nome.

**ACHI, Salim** (Séc. 20). Comerciante, um dos fundadores da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa local em 1902. Eleito para o cargo de Segundo Secretário desta, no ano mencionado.

**ADAMOLI, Carlos**. N. Itália, 1847. F. 1917. Pedreiro e especialista em assentamento de pedras, deixou a Itália com sua família para fixar-se em Piracicaba, a convite do construtor Carlos Zanotta (v.). Foi o primeiro dos Adamoli que se estabeleceram na cidade. A empresa Frick & Co., de João Frick, Carlos Zanotta e Tito Ribeiro (vv.), incumbiu-o de levar avante a construção do serviço de água encanada da cidade, cuja inauguração ocorreu em 1887 (Monteiro, *Jornal de Piracicaba*, 24.8.1995).

**ADAMOLI, Emílio**. N. Itália, 1878, f. Piracicaba, 1947. C.c. Genoveva Penatti Adamoli. Onze ff. Industrial. Seu nome figura em 1903 no “Livro de Protocolo” dos associados de Società Italiana de Mútuo Soccorso de Piracicaba. Criou em 1906 oficina e fábrica de barcos para pescaria, lanchas para corridas e passeios, balsas para cargas, sandolins e deslizadoros para regatas e os batelões do

## ADAMOLI, Emílio Reynaldo.

Encontro das Bandeiras, destinados às festas do Divino. Era a única fábrica deste gênero no Estado. Além de fazer embarcações, representava os motores Johnson na região, trabalhava com móveis e carpintaria, mantinha extração de areia, saibro e pedregulho e era proprietário da fábrica de ladrilhos Santa Cruz, à rua Santa Cruz, 457.

**ADAMOLI, Emílio Reynaldo.** Industrial e político piracicabano. N. em Piracicaba, 1910, f. em 8.11.1995, em Piracicaba. Vereador desde 1952, em quatro legislaturas, presidiu a Guarda Municipal, de que foi um dos fundadores. C. com d. Alzira Sarruge Adamoli. Eram seus irmãos o pintor João Egydio Adamoli (v.), Maria Adamoli Fischer, Pedro Antônio Adamoli (v.), Carlos Adamoli, Humberto Luiz Adamoli, Osvaldo Adamoli, Mauro Rodolfo Adamoli, José Benedito Adamoli, Mirthes Adamoli de Barros e Carolina Francisca Adamoli Petrocelli. Seu pai, Emílio Adamoli (v.), e seus irmãos foram proprietários da Oficina São José, à r. Benjamin Constant, esquina da r. Ipiranga.

**ADAMOLI, João Egydio (Joca Adamoli).** Pintor renomado, n. em Piracicaba, 17.10.1911, f. em Piracicaba, 10.2.1980. Pintava paredes, fazia afrescos em capelas e igrejas e pintava paisagens ao ar livre desde os 19 anos. Discípulo de Frei Paulo de Sorocaba (v.). “Pintor operário”, nas palavras de Cosentino (1984), fez parte do famoso grupo de artistas Santa Helena, de São Paulo. Cosentino refere-se a cinco fases da sua atividade artística, as duas primeiras, 1929-35 e 1935-1941, marcadas por uma exposição polêmica em 1941, e as seguintes pelo refúgio à natureza e participação desta, para, finalmente, sintetizá-la e nela integrar-se. O terceiro período vai de 1941 a 1960, período de interiorização e refúgio na paisagem; de 1960 a 1970, começa com “forte período de revolta interior”; por fim, de 1970 a 80, Adamoli vive um período extremamente fecundo, que se encerra com o seu falecimento, pouco antes de comemorar

cinquenta anos de pintura. Participou de dezenas de exposições individuais e coletivas e de mostras oficiais em sua terra natal, no Rio de Janeiro, em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Florianópolis, Santa Bárbara, Rio Claro, Jaboticabal, Ribeirão Preto. Expôs igualmente no exterior (Canadá, Alemanha). Foi premiado nos Salões de Belas Artes de Piracicaba (1961, 1967, 1968, 1972) e no Salão Paulista de Belas Artes. Suas obras fazem parte dos acervos de numerosos museus do país e do exterior, galerias e coleções particulares.

**ADAMOLI, Pedro Antônio.** N. Piracicaba, 21.8.1906. F. Piracicaba, 1.5.1995. C.c. Maria Ferraz Adamoli. Um dos filhos de Emílio Adamoli (v.). Durante muitos anos manteve residência e oficina na esquina da rua Bom Jesus com a rua Ipiranga. Trabalhou desde os anos de infância na oficina e fábrica de barcos de seu pai, tornando-se, além disso, mecânico, ajustador, marceneiro, montador e reparador renomado de embarcações (Monteiro, *Jornal de Piracicaba*, 24.8.1995).

**ADANI, Côn. Alcício (Séc. 20).** Foi ordenado padre a 5.12.1943. Por ocasião das nomeações realizadas por d. Ernesto de Paula, primeiro Bispo Diocesano de Piracicaba, poucos dias depois da sua posse, o padre Adani foi escolhido para ser o responsável pelo cerimoniário do sólio da Diocese. Tornou-se vigário de Capivari, SP, e em 1954 o Bispo Diocesano nomeou-o cônego honorário. Atuou igualmente como Consultor Diocesano em Piracicaba.

**ADDISON, George O' Neill.** F. séc. 20. Professor universitário da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Formado em 1939 pela ESALQ, tornou-se doutor em agronomia em 1959 e livre-docente em 1961, exercendo a docência de 1940 a 1961. Ocupou-se de atividades docentes e de pesquisa na Cadeira (posteriormente Departamento e Instituto) de Genética da ESALQ. É referido como

“cientista ilustre” no livro comemorativo do 75º aniversário da Escola, editado em 1976.

**AFFONSO, Arthur Campanhã** (Séc. 20). Médico. Seu nome consta da relação de médicos ativos em Piracicaba em meados do século 20, que figura no “Livro dos Municípios do Estado de São Paulo” (1951). Um dos fundadores da Regional de Medicina de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina (1950), esta o agraciou em 1976 com o diploma de Honra ao Mérito. Foi eleito delegado da diretoria da Regional (1959-64) e fez parte da Comissão de Defesa da Classe da Regional em 1970 e de 1973 a 1977. Esteve à frente do Serviço de Proctologia (ambulatório e internados) da Santa Casa de Piracicaba, que lhe conferiu o título de médico honorário em 1978.

**AGGIO, Gerson Antônio** (Séc. 20). Vereador e comerciante, foi eleito vereador pela União Democrática Nacional (UDN) em 1947, quando Luiz Dias Gonzaga venceu a eleição para prefeito, como candidato da UDN, sendo, pois, um dos vereadores da primeira câmara eleita após o fim da ditadura varguista, responsável pela extinção das câmaras municipais no país. As críticas de Aggio ao prefeito originaram um incidente grave, em que o vereador foi baleado com alguns tiros (Eliás Netto, 1992). Aggio tinha armazém de secos e molhados à r. Moraes Barros, 1396, registrado no comércio local em maio de 1944.

**AGNELI, José**. N. Argentina, séc. 20. Técnico de futebol. Em meados do século, incumbiu-se da orientação dos quadros profissionais do E. C. XV de Novembro durante três anos. Deixou suas funções de preparador da agremiação em 1954.

**AGUIAR, Adelardo de Souza [Adelardo de Aguiar e Sousa]** (Séc. 19). Guerrini (1982) aponta-o como o primeiro cidadão de Piracicaba que possuiu um fonógrafo. Além de reproduzir

sons, o aparelho também funcionava como gravador, tendo registrado (setembro de 1895) discursos, nas vozes do intendente municipal de então, coronel Joaquim Fernandes de Moraes Sampaio (v.), e do professor Antônio de Melo Cotrim (v.). Feitas em cilindros de cera apropriados para uso no aparelho inventado em 1877 por Edison, essas teriam sido as primeiras gravações de som realizadas em Piracicaba. Trata-se possivelmente do mesmo Adelardo de Aguiar e Sousa mencionado por Veiga (1975) como um dos “membros reerguedores” da Loja Maçônica Piracicaba, restabelecida em 1895, vinte anos após a fundação.

**AGUIAR, Ana Joaquina de (Nanhana Mestra)**. Professora. N. c. 1806. F. Piracicaba, 9.7.1897. Uma das mais respeitadas figuras do ensino elementar na cidade, no século 19. Descendia dos troncos da família citadina Mendes. Lecionou durante várias dezenas de anos como professora particular, tendo alfabetizado inúmeros piracicabanos de outrora. É mencionada no “Almanak da Província de São Paulo para 1873” como professora particular de instrução primária em Constituição. Nessa época, a cidade contava, além da profa. Ana Joaquina, com três professores primários particulares, todos do sexo masculino: Francisco José Miguel Wey, Joaquim Augusto do Amaral e José de Almeida Leite. O primeiro era igualmente professor particular de alemão. Uma rua no Jardim São Luiz denomina-se Ana Joaquina Aguiar.

**AGUIAR, André Dias de** (Séc. 19). O “Almanak da Província de São Paulo para 1873” registra o nome do bacharel Aguiar como advogado, curador geral dos órfãos e promotor de capelas e resíduos da cidade de Constituição. Além disso, era Secretário da Câmara Municipal. Foi mesário da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, durante a provedoria do pe. João José Lopes Rodrigues (1874-1883) (v.). Seu filho André Dias de Aguiar Júnior [ou

Filho] (v.), c.c. Carlinda Dias de Aguiar, médico, ativo em meados do século 20, fez parte da diretoria da Regional da Associação Paulista de Medicina de Piracicaba.

**AGUIAR, André Vaz de** (Séc. 19). De acordo com o “Almanak” de 1873 para a Província de São Paulo, era ferreiro em Constituição, naquela época.

**AGUIAR, Antônio Batista de.** F. séc. 20. Cirurgião dentista, arrolado na lista de profissionais ativos em Piracicaba em meados do século 20, que fez parte do “Livro dos Municípios do Estado de São Paulo” (1951). Segundo Rocha Netto (*Jornal de Piracicaba*, 14.1.1993), figura querida da sociedade piracicabana e ótimo profissional. Em 1944 atendeu uma cliente famosa no consultório à rua Boa Morte, ao lado da Matriz de Santo Antônio: a cantora lírica e estrela do cinema Martha Eggerth, que teve um problema dentário quando se hospedava com o esposo, o ator Jean Kiepura, no Grande Hotel de Águas de São Pedro. A primeira fonte citada refere-se igualmente ao cirurgião dentista João Batista de Aguiar, atuante na mesma época (v.).

**AGUIAR, Astréa.** V. Aguiar, José de.

**AGUIAR, Bernardo Dias.** Médico, n. 1919. F. em Piracicaba 3.2.2005. C. c. profa. Maria Isabel Stein Aguiar. Filhos: João, Mário Neto, Bernardo Jr., Gilberto, Fábio, Mônica, Patrícia, Elisa Maria. Foi um dos fundadores da Associação Paulista de Medicina Regional de Piracicaba e vice-presidente da primeira diretoria desta, em 1950. Atuou por muitos anos como médico da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, tendo sido, por eleição realizada em 1978, seu diretor clínico. Dirigiu o serviço de Obstetria da Santa Casa. Outros Aguiar que fazem parte da história da medicina piracicabana são os doutores André Dias de Aguiar Junior (v.), José Pessoa de Aguiar (v.), um dos fundadores do Lions Clube de Piracicaba (1955), e João Dias de Aguiar,

que participou do corpo médico piracicabano atuante na Revolução Constitucionalista de 1932.

**AGUIAR, Francisco Pereira de** (Séc. 19). Vereador, pertenceu à Câmara Municipal da vila de Constituição de setembro de 1848 a 1852. Há uma rua com seu nome, no Jardim Campestre, paralela à av. Laranjal Paulista.

**AGUIAR, Heitor de Castro** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, formou-se em 1916 pela então Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz, futura ESALQ. Destacou-se, quando estudante, como jogador de futebol, fazendo parte do quadro da “Associação Piracicabana de Sports Atlético”, predecessora da “Associação Atlético Luiz de Queiroz”. “Foi um dos melhores extremas-direitas de Piracicaba”, na segunda década do século vinte (Ripoli, 1943). Vários outros Aguiar foram diplomados pela Luiz de Queiroz entre 1908 e 1916: Alberto de Moraes Aguiar e Manoel de Moraes Aguiar (1908), João de Aguiar (1913), Júlio Ferreira de Aguiar (1914) e Arlindo Alves de Moraes Aguiar (1916).

**AGUIAR, João Batista de.** N. Piracicaba, 1896. F. 1957. Cirurgião dentista, professor, jornalista. Formou-se professor pela Escola Normal de Piracicaba (a futura Escola Normal Sud Mennucci). Além de exercer o magistério, dirigiu o Grupo Escolar Coronel Joaquim José, de São João da Boa Vista, SP. Em 1930 publicou *Hymnos e canções*, com as biografias dos principais autores, “para uso dos alunos das escolas brasileiras”, que inclui composições de Pedro de Mello, Honorato Faustino e Erothides de Campos (vv.), entre as quais o “Hino do professorado paulista”, com música de Mello e letra de João Lourenço Rodrigues. Colaborou na imprensa piracicabana com poesias e artigos que focalizavam assuntos polêmicos e de cunho social. Em seus últimos anos de vida, passou a viver em Rio das Pedras, SP.

**AGUIAR, João Lourenço Fernandes de** (Séc. 19). Está entre os nomes de proprietários de lojas de tecidos em Constituição no ano de 1874, de acordo com o “Almanak da Província de São Paulo” para esse ano.

**AGUIAR, Joaquim Augusto de** (Séc. 19). Empresário, um dos proprietários da Empresa Telefônica de Piracicaba, juntamente com o sócio Francisco Alves de Oliveira Dorta. Segundo notícia divulgada em 1891, obtiveram exclusividade para a exploração do serviço telefônico já existente na cidade, de que eram concessionários. A empresa foi fruto da iniciativa de Edgard Ferreira e teve como primeira proprietária a firma “Edgard Ferreira & Barros”, com centro telefônico em um sobrado à rua Direita (Moraes Barros), de João Pinheiro de Aguiar. Ferreira era proprietário da linha telefônica de Rio Claro, SP, e veio a Piracicaba em 1889 para criar empresa semelhante, com o apoio de piracicabanos importantes, inaugurada a 27.10.1889.

**AGUIAR, José Batista de** (Séc. 20). Cirurgião-dentista. Mantinha consultório no Largo da Catedral, nº 1042, em meados do século, segundo o “Livro dos Municípios do Estado de São Paulo” de 1951 e o “Guia Informativo de Piracicaba” de 1958.

**AGUIAR, José de** (Séc. 20). Um dos músicos de destaque em Piracicaba nas primeiras décadas do século 20, que chegaram a constituir autênticas pequenas orquestras. Apresentavam-se publicamente e tocavam serenatas nas ruas da cidade (Elias, 2000). Juntamente com Erotides de Campos (v.), Osório Dias de Aguiar e Sousa (v.) e outros, pertenceu às orquestras dos cines Íris – posteriormente Broadway – e Politeama, por volta de 1908-10 (Moura, 1996). Outra Aguiar, Astréa Aguiar, era apontada nos anos 30 como “uma das mais lindas vozes da cidade” (Elias, 2001) e se apresentava freqüentemente em festivais e recitais, naqueles tempos. Nas

primeiras décadas do século vinte, havia uma Casa Aguiar no Largo do Teatro, nº 7, especializada em “artigos para homens, roupas brancas, chapéus, bengalas e perfumaria” (Capri, 1914).

**AGUIAR, José Pessoa de** (Séc. 20). Médico em atividade em Piracicaba, quando o século vinte ia ao meio. Tinha consultório à rua 15 de novembro, nº 930. Um dos fundadores do Lions Clube (1955) e da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina em 1950. Fez parte da sua diretoria (1955-56, 1961-62). Dirigiu o Ambulatório de Otorrinolaringologia da Santa Casa e foi agraciado pela Regional com o diploma de Honra ao Mérito, em 1975. Um dos fundadores do Lions Clube (1955).

**AGUIAR José Rodrigues de** (Séc. 19). Seu nome é mencionado entre os irmãos recém-admitidos na Loja Maçônica Piracicaba, após o restabelecimento desta, em 1894-95 (Veiga, 1975).

**AGUIAR, Manoel Gonçalves de.** Juntamente com Manoel Godinho de Lara e Sebastião Francisco do Rego, foram autorizados em 19.1.1722 pelo Governo da Capitania de São Paulo para abrirem caminho às novas minas de Cuiabá.

**AGUIAR, Manuel Pereira de** (Séc. 19). Comerciante. Era dono de açougue em Constituição, por volta de 1860. Está ligado à edificação do novo Matadouro de Constituição, destinado ao abate de animais para o comércio de carne verde. A construção deveria levantar-se junto à margem do rio Piracicaba, no local conhecido como Engenho d’Água. Em abril de 1861 Pereira de Aguiar requereu à câmara a mudança de local destinado à edificação, transferindo-a para um novo sítio, denominado “das Pedreiras”. Este local, de acordo com Guerrini (1970), era no início da rua do Rosário, à margem do Itapeva, onde o Matadouro



## AGUIAR, Mozart

permaneceu até por volta de 1911. Chamava-se Pedreiras porque, segundo a fonte citada, era o terreno que fornecia à Câmara Municipal as pedras usadas nas sarjetas de Constituição. Francisco Coelho Barbosa foi contratado para realizar a obra, por oitocentos mil réis.

**AGUIAR, Mozart** (Séc. 20). Durante longos anos esteve à frente do 2º Tabelionato e Anexos de Piracicaba. Fez parte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local, sendo eleito em 1960 como um dos mesários desta.

**AGUIAR, Sebastião Ayres de** (Séc. 20). Professor, lecionou português no Colégio Assunção nos anos 30. Pertenceu ao PRP, mas era simpatizante do Partido Constitucionalista. Secretário do prefeito Ricardo de Arruda Pinto (v.), conduziu com êxito o censo piracicabano em 1940. Foi um dos fundadores do Rotary Club local. O governo federal confiou-lhe alto posto no IBGE, onde chegou a ser presidente, no Rio de Janeiro (*Jornal de Piracicaba*, 1.2.1987). V. Ayres, Sebastião.

**AGUIAR E CASTRO, João Tobias de**. N. séc. 19. F. 1891. C.c. Ana de Aguiar Barros, sua prima e f. do Barão de Itu, Bento Paes de Barros. João Tobias era filho do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar e de Domitila de Castro Canto e Melo, marquesa de Santos (Sant'Ana, 1987). Chegou de mudança a Piracicaba em 30.3.1882. No ano seguinte, Aguiar e Castro alugou o prédio construído para o hospital da Santa Casa local. Teve fazenda em Rio das Pedras, a fazenda Java, que pertenceu depois a Massud Coury e por fim a Raul Coury e outros (vv.) (*Gazeta de Piracicaba*, 22.8.2004). Em fins de 1883, recebeu 94 colonos açorianos em sua gleba, para substituir o braço escravo. Guerrini (1970) ressalta que a notícia então publicada na imprensa local a este respeito é a primeira sobre colonos de que se tem notícia na cidade, quatro anos antes da libertação dos escravos no país. Em abril de 1887, juntamente com o dr. Estêvão Ribeiro de

Rezende (v.), assumiu a responsabilidade pelo Engenho Central, que entrara em concordata. No mesmo ano (30 de maio) representou Constituição na reunião na capital paulista em que foi constituído o Congresso Republicano, a que igualmente compareceram Prudente de Moraes, como representante de São Pedro, e Manoel de Moraes Barros, representante de Santa Bárbara. Na documentação da Câmara Municipal de Piracicaba de 1889-90, consta a sua nomeação, com Paulo Pinto de Almeida e Luiz Vicente de Souza Queiroz, para “suplentes de juiz municipal e dos órfãos de Piracicaba”.

**AGUIAR E SOUSA, Osório Dias de**. Jurista, jornalista, historiador, poeta e músico, n. Capivari, SP, 11.5.1869. F. Piracicaba, 1937, onde residiu durante quase toda a sua existência, impondo-se à admiração dos conterrâneos pelos seus altos dotes intelectuais. Ff.: Durval e Sílvio de Aguiar e Sousa (v.). Filho de Antônio José de Souza, fez o curso primário na sua cidade natal. Estudou latim com Júlio Ribeiro, filólogo e romancista. Foi aluno do colégio Moretzshon, na capital paulista, e formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo (1891). Promotor público e juiz de direito em várias comarcas do interior, foi promotor público e advogado em Piracicaba. Colaborador constante do “Jornal de Piracicaba”, do “Diário de Piracicaba” e da “Gazeta de Capivari”, divulgou nesses jornais seus artigos e poesias. Destacou-se como flautista, em concertos e recitais. Integrou a Orquestra Piracicabana, que tocava nos cinemas Íris e Politeama e em festivais. Teve várias composições musicais publicadas na capital paulista. São de sua autoria “A Filosofia do Direito em sua Acepção Mais Elevada” (1896) e o prefácio a “Capivari, Histórico da Sua Fundação...”, de Joaquim de Almeida Grellet (1932). Usava o pseudônimo “Orênio Sabaúna”. Integrou o primeiro corpo docente da faculdade de direito de Piracicaba surgida em 24.2.1933. A rua dr. Osório de Souza, na Vila Independência, presta-lhe homenagem.

**AGUIAR E SOUSA [AGUIAR SOUZA], Sílvio de.** Professor, jornalista, escritor. N. Piracicaba, 7.4.1893. F. Piracicaba, 1962. Professor desde 1911, cursou a escola primária do Grupo Escolar Moraes Barros, diplomou-se pela Escola Normal Oficial de Piracicaba (então Escola Complementar) e foi professor de português desta durante longos anos. Colaborador constante da imprensa local, na qual divulgava artigos, poesias e contos, manteve por longo período, no “Jornal de Piracicaba”, uma coluna muito apreciada, que tinha por título “Piracicaba não é cidade morta”. Valia-se dessa coluna para comentar e criticar problemas e mazelas da cidade, assinando-a com o pseudônimo “Antônio Calixto”. Autor de “A análise lógica no diagrama” (Melhoramentos, São Paulo). A letra do “Hino do Regatas”, com música de Erotides de Campos, é de sua autoria. Era filho do dr. Osório Dias de Aguiar e Sousa (v). Foi um dos piracicabanos que, juntamente com Braz Grisolia, Sidney Petta, Guido Pettinazzi, Orestes Signorelli e Osiris Tolaine, realizaram de 5 a 18 de dezembro de 1937, em “yole” de quatro remos, a famosa viagem náutica conhecida como “reide Piracicaba-São Paulo”, patrocinada pelo Clube de Regatas de Piracicaba. O “Diário” dessa viagem, por ele redigido, foi divulgado no “Jornal de Piracicaba” em 1938 e reproduzido na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba nº 8 por J. L. Guidotti (2001). Sílvio de Aguiar e Sousa foi um dos fundadores do Aero Clube de Piracicaba em 1938 e fez parte da primeira diretoria deste, como 1º Secretário. Uma rua junto à av. Dr. Paulo de Moraes tem seu nome.

**AGUIAR JÚNIOR, André Dias de** (Séc. 20). C.c. Carlinda Dias de Aguiar. Fez parte dos profissionais atuantes na medicina em Piracicaba desde meados do século vinte, com consultórios à rua Voluntários de Piracicaba 654 (Guia Informativo de Piracicaba, 1958) e à rua d. Pedro II, 873 (Guia de Piracicaba, 1966). Participou da diretoria da Regional de Piracicaba

de Associação Paulista de Medicina nas gestões de 1953-54, 1965-66 e 1974-77.

**AGUIRRA, João Manoel de** (Séc. 19). Vereador, ativo na Câmara Municipal de Constituição de 1857 a 1860. Há uma rua “João Manoel de Aguirre”, situada no Grande Parque Residencial, provavelmente em sua homenagem.

**AGUIRRA, José Bicudo de.** N. 1837. F. Piracicaba, 26.5.1900. Referido nos jornais como militar-tenente, foi um dos introdutores do espiritismo em Piracicaba e gozou de popularidade entre os mais humildes, prescrevendo remédios homeopáticos para os seus males. Colaborou na imprensa local com artigos e poesias, notadamente na “Gazeta de Piracicaba”. Veiga (1975) menciona-o como um dos dez membros da loja maçônica União e Caridade de Piracicaba que cooperaram em 1894 para o reerguimento da loja maçônica Piracicaba, fundada em 1875. Ribeiro (1901) alude a Teresa de Jesus Aguirra, filha única do capitão José Bicudo de Aguirra, que foi casada com José Estanislau do Amaral (1817-1899), fazendeiro abastado e empresário, natural de São Paulo, SP, acrescentando que o casal deixou “numerosa descendência”

**AGUIRRE JÚNIOR, José Manoel de** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo formado pela Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz, a ESALQ de hoje, em 1926. Chefiou de 1936 a 1940 a Estação Experimental de Cana de Piracicaba, tendo sido seu primeiro chefe. Respondeu, ao mesmo tempo, pela Chefia da Secção de Cana de Açúcar, em funcionamento na referida estação experimental, como 3ª Secção Técnica da Diretoria de Inspeção e Fomento Agrícola.

**ALARCON, Manoel Lopes.** Empresário, contabilista, advogado (1973), radialista, fotógrafo, seresteiro, musicólogo. N. e f. em Piracicaba (11.8.1922–25.2.1991). Casado com

Maria das Dores Augusto Lopes Alarcon. F: Santo Joaquim. Formou-se em contabilidade pela Escola de Comércio Cristóvão Colombo em 1940. Paralelamente às atividades profissionais, como assessor de grandes empresas e contador renomado, dedicou-se ao estudo da música popular brasileira da velha guarda e à produção e apresentação de programas radiofônicos na rádio Difusora, denominados “Pelos caminhos da saudade”. Publicou os livros *Erotides de Campos, o condor da música popular brasileira* (1985), *Minha vida era um palco iluminado* e *Cinco minutos de leonismo* e colaborou com numerosos estudos sobre MPB nos anos 70 e 80, no “Jornal de Piracicaba”. Descendente de famílias espanholas que imigraram para o Brasil e passaram a viver em Piracicaba, os Lopes Alarcon e os Gutierrez, era f. de Joaquim Lopes Alarcon, negociante estabelecido no largo S. Benedito, à r. Prudente de Moraes, com o armazém Casa Lopes, e de d. Maria Murilo Faé Lopes Alarcon. Foram seus irmãos: Afonso, Carmen Lopes Alarcon Comitre, Iracema Lopes Alarcon Cossa, Sérgio e Sílvio Lopes Alarcon. Esteve à frente da Auditora Modelo de Serviços Contábeis e Fiscais, com sede à r. Moraes Barros, 792 (ed. Georgeta Dias Brasil); posteriormente, Alarcon Auditores Independentes, à r. Regente Feijó, 441. Alarcon foi um dos fundadores e integrantes da primeira diretoria da Associação dos Contabilistas de Piracicaba, criada a 20.1.1950 e convertida em Sindicato dos Contabilistas de Piracicaba em 1963. Uma avenida tem seu nome, no Jardim Santa Rosa, e em 2001 o Sindicato dos Contabilistas da região de Piracicaba homenageou-o postumamente, dando seu nome ao “Auditório Manoel Lopes Alarcon”.

**ALBERTINI, José Dias** (Séc. 19). Atuava como maestro de banda de música em Piracicaba, por volta de 1882, segundo informações de Guerrini (1970). Seu nome é mencionado como “diretor da música desta cidade” autor de uma proposta de construção de coreto nas proximidades do

Salto, para concertos da banda por ele dirigida, aos sábados, domingos e feriados.

**ALBUQUERQUE, Leontino Ferreira de.** Professor, músico, inspetor e diretor de escola, c.c. d. Santina de Albuquerque. N. 1907 e f. 17.10.1992 em Piracicaba, foi um dos mais antigos sócios do Rotary Club de Piracicaba (1941), tendo ocupado todos os cargos da diretoria, inclusive o de presidente (1951-52). A entidade agraciou-o com sua mais alta honoraria, a medalha Paul Harris. Fez parte da Orquestra regida pelo maestro Fabiano Lozano nos anos trinta. Desde 1957 foi Conseqüente do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes.

**ALCIDES I E OUTROS.** Os jogadores de futebol Alcides I, Alcides II, Áureo, Godoizinho, Leme, Moacir, Mônaco, Petrônio, Nenzo, Roque e Venerando compunham o time do Esporte Clube XV de Novembro, treinado por Jacob Pársia, que em 1935 conquistou o título de campeão do interior paulista, em campeonato promovido pela Associação Paulista de Esportes Atléticoes. Em 1947 o XV de Novembro foi o primeiro campeão profissional do interior e no ano seguinte ingressou na Primeira Divisão de Futebol do Estado de São Paulo.

**ALDINFER, Eugênio** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da padaria e confeitaria à rua Governador Pedro de Toledo, 191, próximo à loja Casa Vermelha, de Achille Esmael. No Livro de Registro de Sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, aparece sob o registro nº 222, desde junho de 1939, com capital de 9:000\$000 e como sócio nº 104.

**ALDROVANDI, Alcides.** N. Piracicaba, 1919. F. Piracicaba, 16.8.1996. C.c. Doris de Oliveira Aldrovandi, n. 1924 e f. Piracicaba, 21.4.1997. F.: Carlos Alberto. Médico e escritor, foi combatente da Revolução Constituciona-

lista Paulista de 1932 e tinha consultório à rua XV de Novembro, 969 em meados do século (Guia Informativo de Piracicaba, 1958; Guia de Piracicaba, 1966). Era filho de Umberto Aldrovandi (v.) e Christina Madasio Aldrovandi. Exerceu a medicina durante 51 anos consecutivos. Autor de “A Vila e seus vilões” (1991), livro de reminiscências sobre Vila Rezende e seus moradores de outros tempos. Co-autor, com Luiz Gonzaga Campos de Toledo, de “Dez anos da Associação Paulista de Medicina, Secção Regional de Piracicaba” (1960). Co-fundador (1950) da Regional, foi seu presidente de 1959 a 1964 e em 1973, tendo, além disso, participado da diretoria desta desde 1953, em várias gestões. Integrou, como médico efetivo, o corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, atuando no serviço Pré-Natal do Ambulatório e como médico adjunto da Enfermaria de Obstetrícia. Agraciado com o diploma de Honra ao Mérito da entidade em 1978. Desde o início de sua carreira de médico, deu o maior de seus esforços em favor da Escola de Mães Professora Branca Motta de Toledo Sachs, de Piracicaba. Foi membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Seu nome designa uma das ruas locais, em Terras de Piracicaba.

**ALDROVANDI, Carlos.** Professor universitário, cirurgião-dentista. N. Piracicaba, 8.11.1908, f.º C.c. Eudóxia de La Rochelle Aldrovandi. Ff.: Nancy Marie, Leonie Blanche. Estudou no Grupo Escolar Moraes Barros e formou-se na Escola de Farmácia e Odontologia Dr. Washington Luiz de Piracicaba. Graduou-se igualmente pela “University School of Dentistry” da Universidade de Colúmbia, nos EUA. Foi professor catedrático na USP, livre-docente na Universidade do Brasil e diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araçatuba, tendo publicado vários livros na sua especialidade. Em meados do séc. 20 atuou profissionalmente na capital paulista. Fez parte de diversas entidades científicas e da Sociedade

Paulista de Escritores.

**ALDROVANDI, Domingos José** (Séc. 20). C.c. Nice Bittencourt da Gama Aldrovandi. Agricultor, industrial, contador, farmacêutico, vereador. Foi um dos primeiros contadores da Dedini. Como industrial, criou fábrica de papelão no Sítio dos Kanemblay. Em 1958-59 presidiu a Câmara Municipal de Piracicaba. Em 1962 foi eleito deputado estadual, reeleito em 1966 pela Arena, e atuou como um dos principais líderes da política e da economia piracicabanas. Em 1968 fez parte do grupo de cotistas que adquiriu e passou a editar o “Diário de Piracicaba”, publicando-o sob nova denominação: “O Diário”. Foi de sua propriedade a Farmácia Central, à av. Rui Barbosa, 121, em Vila Rezende. Sua atuação foi decisiva para a criação (1948) da Associação dos Fomecedores de Cana de Piracicaba, que presidiu, assim como para o surgimento da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo e da Cooperativa de Crédito dos Fomecedores de Cana. Foi gerente desta última, que inicialmente abrangia quarenta municípios, com sede própria à rua D. Pedro I. A cidade deve-lhe a criação e construção do Hospital dos Plantadores de Cana de Piracicaba, que tem seu nome. Foi presidente da Associação Brasileira de Fomecedores de Cana. Integrou o Conselho Superior do Colégio Piracicabano, tendo sido seu presidente, em meados do século passado.

**ALDROVANDI, Umberto.** N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. Capitão, fazendeiro, juiz de paz em Vila Rezende na década de 1920-29, músico contra-baixista. C. c. Christina Madasio Aldrovandi. Dez ff.: Mariângela, Olívia (Vivi), Domingos José, Palmyra (Naná), Humberto Jr., Nair, Alcides, Elza, Rodney e Zildéa. Era filho de Domingos e Maria Aldrovandi, que deixaram Mântova, N da Itália, para se fixarem no Brasil, primeiramente numa fazenda de café em Descalvado, SP, e a seguir em Piracicaba. Foi proprietário da Fazenda São João em Piracicaba.

## **ALDROVANDI, Umberto**

Uma rua da cidade tem seu nome, na Vila Rezende. V. Aldrovandi, Alcides, Domingos José e Humberto Aldrovandi Jr. Nos primeiros tempos de vida em Piracicaba, Umberto pai foi padeiro, ferreiro e ajudante de oficina, passando depois a viver com a esposa no sítio do sogro e a administrá-lo (“sítio do Madazio” ou fazenda São João, na Estrada do Meio, a 3km da Vila Rezende).

**ALDROVANDI JÚNIOR, Humberto.** N. Piracicaba, séc. 20. F. ? Pastor metodista, professor. Filho do capitão Umberto Aldrovandi (v.), c.c. Lígia Sá Lobo Aldrovandi. Estudou no Colégio Piracicabano nos anos 30 e foi professor de filosofia. Há uma rua com seu nome, no loteamento Ipanema, próximo à avenida Raposo Tavares.

**ALEIXO** (Séc. 19-20). O preto velho Aleixo, vítima da lepra, era objeto da devoção popular piracicabana nas primeiras décadas do séc. 20. Em 1933 foi criada capela no local em que viveu, sendo nela celebrada mensalmente uma missa pelo Monsenhor Rosa. A capela situava-se na rua do Rosário, entre as ruas Rangel Pestana e D. Pedro II (Carradore, 1998).

**ALESSANDRO, Luigi D'.** Médico, n. séc. 19, provavelmente na Itália. Residiu e clinicou em Piracicaba desde setembro de 1893 até fins de junho de 1900. Apresentava-se como médico e cirurgião dos hospitais “Gesu e Maria degli Incurabile” e “Della Pace” de Nápoles, especializado em “moléstias da pele, veias e sífilíticas”, atendendo na Farmácia Popular. Relatório de 1900 do Barão de Rezende como Provedor da Santa Casa de Piracicaba, apoiado em referências do então diretor clínico, dr. Torquato da Silva Leitão, ressalta a competência do dr. Alessandro no tratamento de moléstias oculares. Foi à Itália em 1.7.1900 para uma viagem de poucos meses. Não há notícias subseqüentes sobre seus possíveis retorno e atuação em Piracicaba, nem do seu falecimento.

**ALEXANDRE DE BEDOLLO, Frei** (Séc. 20). Figurava como Superior do Convento e Igreja do Sagrado Coração de Jesus dos Padres Capuchinhos, em Piracicaba, em meados do século passado.

**ALEXANDRINO, Pedro.** N. Piracicaba, 7.9.1932. F. Piracicaba, 16.11.1991. C.c. Francisca Rodrigues Gomes Alexandrino, n. 1934. Ff: Pedro Luís, Mário, Nívea. Contabilista, cantor, acordeonista, violonista. Destacou-se desde meados do século como seresteiro em Piracicaba e Limeira, tendo feito parte do conjunto piracicabano “Carinhoso” e outros grupos musicais. Iniciou sua carreira artística bem antes dos 20 anos de idade. Cantou no Coro São Tarcísio, na Igreja do Bom Jesus. Revelou-se nos programas de calouros da rádio Difusora e teve um programa só seu, na PRD6. “A caminhada de Pedro Alexandrino não foi das mais fáceis... Trabalhou bastante... Chegou a trabalhar com carro de aluguel, na praça de Piracicaba... Pedrinho conseguiu superar todas as dificuldades e se transformar num cidadão respeitável, num chefe de família querido pela esposa e pelos filhos, num seresteiro admirado e solicitado” (Gerald Nunes). Gravou diversos discos em 78 rpm, assim como os LPs “Ontem ao luar”, “Seresta de Sempre” e “Uma voz... um violão e uma canção”. Submetido inicialmente a uma cirurgia no coração e vítima de um derrame, faleceu em virtude de infecção hospitalar, na Santa Casa de Piracicaba, após passar por duas cirurgias (G. Nunes, *Jornal de Piracicaba*, 19.11.1991). “Com aquela voz romântica de expressão e sentimento inconfundíveis, foi sem exagero um dos melhores e mais perfeitos cantores desta Noiva da Colina... Um eterno namorado das serestas, que ele tanto embelezou e engrandeceu com a magia fascinante de sua bela voz” (S. L. Alarcon).

**ALGODOAL, João de Oliveira** (Séc. 19). É mencionado por Veiga (1975), juntamente com Júlio de Oliveira Algodoal e Rômulo

de Oliveira Algodual, presumivelmente seus irmãos, na relação dos membros da loja Maçônica de Piracicaba “União e Caridade”, que colaboraram para o reerguimento da Loja Maçônica Piracicaba. Uma rua do Jardim Elite recebeu seu nome.

**ALLAIN, Maurice.** (Séc. 19-20). Provavelmente francês de nascimento. Principal representante do grupo francês “Société de Sucrierie de Piracicaba”, proprietário do Engenho Central, por ocasião da consolidação, em 1907, da “Société Anonyme de Sucrierie Brésilienne”, que uniu as propriedades do grupo, localizadas em Piracicaba, Porto Feliz, Capivari e na cidade de Campos, RJ. Há uma avenida junto ao rio, com seu nome, na Nova Piracicaba (antiga avenida dos Bambus).

**ALLEONI, João (Giovanni).** N. Mântova, Itália, 1861. F. 1919. Agricultor. C.c. Margherita Stella Bacchi Arrighi Alleoni. Casal-tronco que originou a família Alleoni em Piracicaba. Fixaram-se inicialmente na fazenda São João, com cerca de 100 alqueires, perto de Água Santa, mudando-se depois para Vila Rezende. Ff.: três nascidos na Itália (Camilo, Antenor, Rosa) e onze em Piracicaba: André, António, João, Guilherme, José Santo, Ricardo, Narcisa, Cecília, Angelina, Anunciata e Antónia. Os Alleoni dedicavam-se ao cultivo de cana-de-açúcar e cereais, assim como à produção de açúcar e aguardente. O nome de João Alleoni pai consta de uma lista da Câmara Municipal de Piracicaba, datada de 17.6.1904, como um dos estrangeiros, moradores na cidade, que não se naturalizaram.

**ALLISON, Clyde C.** (Séc. 20). Professor universitário. Participou, durante muitos anos, das atividades docentes e de pesquisa da Cadeira (posteriormente departamento) de Fitopatologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em meados do século passado, na condição de professor visitante, em virtude

de convênio da ESALQ com a Universidade Estadual de Ohio.

**ALMEIDA, Américo Vespuccio Moreira de.** N. 1839 ? F. Santos, 22.10.1887. Médico. Possivelmente baiano de nascimento como seu sogro, que era fazendeiro em Santo Amaro, BA, passou a viver e a atuar como médico em Piracicaba por volta de 1875-1880. Em 1882 elegeu-se vereador e foi nomeado membro da Comissão de Obras Públicas do Município no início do ano seguinte. Residente à rua do Comércio (hoje Governador Pedro de Toledo), anunciava que se incumbia de aplicar gratuitamente em sua casa a vacina anti-variolica. Em virtude de doença da esposa, mudou-se em fevereiro de 1883 para Santos, onde faleceu, quatro anos depois.

**ALMEIDA, Ângelo Paes de, Padre.** N. e f. Itu, 1734-10.9.1794. Filho de João Gago Pais e Maria de Almeida. Foi o celebrante da primeira missa na então povoação de Piracicaba, presumivelmente em 1770-71. De acordo com Guerrini (1970), veio em 1770 para Piracicaba por ordem do governo da capitania. Era capelão da Igreja de N. S. dos Prazeres, de Iguatemi. O padre Almeida esteve na povoação e seus arredores por mais de dois anos, cele-brando missas em altar portátil. Segundo F. Nardy Filho (em Krähenbühl, 1955), “por suas virtudes, verdadeiro espírito de piedade como também pelo seu caráter reto, foi o padre Ângelo muito estimado e venerado; o próprio capitão-general governador o tratava com toda consideração e admirava o seu verdadeiro zelo apostólico”.

**ALMEIDA, Anna Miguelina de** (Séc. 19-20). Constava em 1900 da lista de capitalistas piracicabanos mais abastados, “que como tais pagavam imposto”, no valor de 100:000\$000, segundo Camargo (1900). Este a menciona igualmente entre os maiores proprietários de casas de aluguel em Piracicaba: tinha 23 casas alugadas, na passagem do século.

**ALMEIDA, António Bonifácio de** (Séc. 19). Vereador em Constituição (1869-72) e procurador da Câmara Municipal. Juntamente com Gustavo de Moraes Barros, dr. António de Moraes Barros, alferes José Correra Pacheco e Mário de Souza, fez parte do contingente de trinta voluntários piracicabanos que seguiram em fevereiro de 1894 para a fronteira de Itararé, participando, assim, das forças paulistas que enfrentaram a Revolta da Armada, também conhecida como Revolta Custódio de Melo. Iniciada em setembro de 1893 no Rio de Janeiro, ao tempo do governo de Floriano Peixoto, a revolta prolongou-se até março de 1894. Há menção anterior (9.11.1893) da partida do piracicabano Francisco Alves Feo para o Rio de Janeiro, a fim de alistar-se em batalhão de voluntários constituído para combater as revoltas na capital federal (Guerrini, 1970). Uma rua de Piracicaba denomina-se António Bonifácio de Almeida, no Jardim Irapuã.

**ALMEIDA, António Custódio de** (Séc. 19-20?). Juntamente com a mulher e seus oito filhos – Ana, Antônio, Cândido, Francisco, João, José Sebastião, Manoel e Prudente –, são apontados como os fundadores de Saltinho, que até 1992 foi distrito do município de Piracicaba, ganhando nesse ano a sua emancipação. Registram-se igualmente nos começos da história de Saltinho a família Etori, dona de terras próximas ao córrego Saltinho, assim como as famílias Marques, Geday, Estevã, Raimundo, Alexandre e a de João Pereira de Aguiar, c.c. Maria de Almeida, pais de Joaquim Mendes Pereira, o primeiro juiz da localidade. Os Custódio (de Almeida) receberam, em pagamento por seu trabalho, 36 alqueires onde Saltinho está situado e teriam sido os primeiros moradores da região, nas casas de barro e madeira que construíram, com cobertura de sapé. Em 1922 Saltinho converteu-se em distrito de Piracicaba (lei nº 1886), instalado em 5.4.1923, graças ao então deputado estadual Samuel de Castro Neves (v). No ano seguinte o

distrito foi anexado a Rio das Pedras, mas voltou a pertencer a Piracicaba em 1948, emancipando-se como município 43 anos depois (C. Perroni, *Journal de Piracicaba*, 19.5.2000).

**ALMEIDA, António de** (1ª metade do séc. 19). Ouvidor. Presidiu na vila de Constituição, juntamente com Silva Freire da Fonseca, as eleições municipais realizadas a 27.8.1827. Há uma rua António de Almeida, no Jardim São Francisco.

**ALMEIDA, António de Arruda.** N. séc. 19, f. Piracicaba, 25.9.1892. Seu nome passou para a história piracicabana por causa de um acidente trágico, que repercutiu intensamente na cidade. Em virtude do disparo acidental de sua espingarda, morreu durante uma caçada. (Camargo, 1900).

**ALMEIDA, António Fiuza de.** N.º F. Constituição, 1853. Tenente-coronel, comerciante e político operoso e influente, proprietário de estabelecimento comercial à rua do Comércio, na esquina da rua Direita (atuais Governador Pedro de Toledo e Moraes de Barros). Vendeu-o a José Pinto de Almeida (v), que se iniciou no comércio nessa casa, como caixeiro. Fez parte da Câmara Municipal em 1833-34 e foi seu presidente, mas pediu demissão em fins de 1834, em virtude de mudança para outra localidade. De volta a Constituição, destacou-se como o vereador que maior número de votos obteve, 930 votos, para exercer mandato que deveria ir de 1841 a 1844, tendo sido novamente seu presidente nesse período, mas a Revolução Liberal de 1842 o depôs. Malgrado a Revolução, tornou-se juiz municipal substituto e delegado de polícia e retornou à presidência da câmara. Um conflito com o vereador Elias de Almeida Prado (v) em julho de 1844 levou-o a deixar a presidência e ocasionou a perda do seu mandato. Retomou, contudo, a vereança, pois seu nome figura entre os dos vereadores em exercício entre 1849 e 1852. Em 1851 incumbiu-se do cumprimento de portaria provincial que

determinava a obrigatoriedade da numeração das casas. Em 1831 fez parte do Conselho diretorial da Sociedade dos Defensores da Liberdade e Independência Nacional em Vila Nova da Constituição. Em 1834, juntamente com Manoel de Toledo Silva, foi autoridade máxima da vila, que de 1824 a 1834 teve duas pessoas a exercê-la (Vitti, 1966). Uma rua do bairro Garças tem seu nome.

**ALMEIDA, Antônio José de** (Séc. 19). Seu nome é mencionado em 16.2.1831 no “termo da vila” (perímetro) para fins de cobrança de imposto, sendo apontada sua casa como ponto de referência para a rua da Barroca (atual Rangel Pestana), “da casa de Antônio José de Almeida até a de Manoel Duarte” (Guerrini, 1970). Está igualmente na relação de proprietários dos “mais notáveis engenhos de açúcar” de Constituição, elaborada em 25.1.1854 pela Câmara Municipal. Em 28.11.1857 apareceu em outra lista como um dos proprietários das mais notáveis plantações de café da cidade da Constituição. Seu nome consta ainda de uma lista elaborada pela Câmara em 1861, como proprietário de engenho de açúcar.

**ALMEIDA, Antônio Vicente de** (Séc. 19). No “Almanak da Província de São Paulo” de 1873, fazia parte da relação de piracicabanos dedicados às “artes, indústrias e ofícios” na cidade, figurando nesta na condição de seleiro.

**ALMEIDA, Benedito de.** N. 1928. F. Piracicaba, 1961. Poeta. Teve seus versos divulgados pelos jornais locais, notadamente no *Jornal de Piracicaba* e na *Folha de Piracicaba*.

**ALMEIDA, Fernando Galvão de** (Séc. 19). Seu nome figura entre os inspetores de estrada incumbidos de acompanhar e fiscalizar obras em andamento na cidade de Constituição, em lista datada de 17.4.1871.

**ALMEIDA, Francisco Franco de** (Séc. 19). Capitalista e fazendeiro e um dos “eleitores” da

vila de Constituição, segundo o “Almanak” da Província de São Paulo de 1858. Proprietário de engenho de açúcar, um dos “mais notáveis” da região, conforme relação de engenhos de açúcar preparada em 1857 pela Câmara Municipal. Figura igualmente na lista feita pela Câmara em janeiro de 1871, que relaciona pessoas e estabelecimentos de natureza agrícola, industrial, comercial etc., existentes em Constituição. A edilidade informa ainda que a fazenda de Franco de Almeida tinha, à beira do rio Corumbatá, uma mina de carvão de pedra, e acrescenta: “o carvão desta foi experimentado, em uma forja, pegando muito bem fogo, vermelhando bem o ferro”.

**ALMEIDA, Francisco Pedroso de.** Paulista, n. 1674, c.c. com Águeda Machado. Filho de Luís Castanho de Almeida e Maria Pedroso. Sertanista, buscava ouro no sertão de São Paulo. Nas suas andanças, fundou o arraial de Araraquara, que, no passado, fez parte de Piracicaba, antes de se converter em cidade.

**ALMEIDA, Henrique Brasiliense Pinto de** (Séc. 19-20). Professor de ensino superior. Docente da “Escola Prática de Agricultura” de Piracicaba, futura ESALQ, desde os primeiros tempos desta, quando foi nomeado (1908 a 1913) para as cadeiras de Agrimensura, Desenho, Aritmética e Engenharia Rural. Autor do livro “O Contador Prático de Algebeira”, editado em 1925, seu nome figura na obra como “Professor de Matemática da E. Agrícola Luiz de Queiroz”. Na Chácara Água Branca, perto do Ribeirão Piracicamirim, há uma rua com seu nome.

**ALMEIDA, Jaime Pinto de** (Séc. 19). C. em 1863 c. Antônia Ferraz de Arruda Pinto, f. de Fernando Ferraz de Arruda (v.). Foi pai de José, Luiz, Maria Clotilde e Antônio Pinto de Almeida Ferraz (v.). Capitalista, banqueiro, comerciante, tenente. Proprietário da casa bancária piracicabana de que se valia o poder



público municipal, para fazer frente às suas despesas, em 1894. Guerrini (1970) menciona-o como “pessoa muito benquista em Piracicaba”, ainda nos começos do século vinte. Foi um dos signatários do “primeiro brado republicano” de Piracicaba em 1876, entusiástica manifestação de solidariedade ao recém-surgido Partido Republicano, enviada ao jornal “A República”, da capital federal. No “Almanak da Província de São Paulo para 1873” seu nome consta como um dos proprietários de uma loja de fazendas em Constituição, pertencente a “Jaime Pinto de Almeida & Companhia”. Em 1883 (25.1) foi nomeado diretor da Companhia Ituana, posteriormente Estrada de Ferro Sorocabana. Pinto de Almeida aparece ainda na relação dos responsáveis pelo 12º Batalhão de Infantaria da ativa, integrante da Guarda Nacional, tendo por sede “a cidade de Constituição, a vila de Santa Bárbara e a freguesia de São Pedro”. O “Almanak da Província de São Paulo para 1873” inclui seu nome, na condição de alferes secretário, na parte relativa a Constituição. Recebeu o título de irmão Benemérito da Santa Casa local, durante a provedoria de Antonio Teixeira Mendes (1891-98). Posteriormente, foi mencionado nos anos 30 como “irmão Benemérito falecido”, pela Mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.

**ALMEIDA, Jaime Rodrigues de** (Séc. 20). Fez parte do grupo de políticos “independentes”, que derrotaram o Partido Republicano nas eleições municipais piracicabanos de 1929. Associou-se depois ao Partido Democrático local, fundado por Francisco Morato (v.).

**ALMEIDA, Jayme Rocha de.** Professor universitário, engenheiro agrônomo e consultor técnico. N. Franca, 22.10.1907, f. Piracicaba, 22.1.1964, c.c. Aurora Ramos Quirino de Almeida, f. José Emílio. Foi diretor da ESALQ-USP (1945-46), onde se formou em 1927, destacando-se no ensino e na pesquisa de tecnologia agrícola, notadamente

da tecnologia do açúcar e do álcool. Seu nome passou a designar um dos institutos da Luiz de Queiroz, de que foi diretor, o Instituto Zimotécnico Prof. Jayme Rocha de Almeida, anexo ao Departamento de Tecnologia Rural da instituição. Quando jovem, foi flautista (tocava no cinema mudo, nos anos vinte) e jogador de futebol. À extrema importância de sua contribuição científica e tecnológica refere-se E. Malavolta (em Elias Netto, 2003) nestes termos: “contribuiu decisivamente para a modernização de nossas usinas e destilarias”. Assinala que a sua amizade com Mário Dedini (v.) muito concorreu para isso, acrescentando que sem o trabalho prévio de Almeida e colaboradores o Proálcool não existiria. Deixou numerosas publicações importantes de caráter científico e tecnológico, entre as quais “Fabricação do álcool da mandioca” (1943) e “Princípios gerais da fabricação do açúcar da cana” (1952). Em Santa Terezinha há uma rua denominada Jayme Rocha de Almeida, em sua homenagem, nas proximidades das ruas Manoel de Barros Ferraz e José Pousa de Toledo.

**ALMEIDA, João Alves de** (Séc. 19). Professor do 2º Grupo Escolar (depois Moraes Barros). Fez parte da loja maçônica Piracicaba após a reativação desta, em 1894. Deu nome a escola estadual no distrito de Tanquinho e a escola à rua Fernando Febeliano da Costa, nº 429 no bairro dos Alemães, bem como a uma rua no bairro Nossa Senhora de Fátima, perto do Cemitério de Vila Rezende.

**ALMEIDA, João José de, Pe.** (Séc. 19). F. Piracicaba, 5.11.1875. O “Almanak” da Província de São Paulo de 1873 registra o nome do padre Almeida como presbítero da cidade de Constituição, ao tempo em que foram vigários da paróquia os padres Joaquim Cipriano de Camargo (1859-1868) e Francisco Galvão Paes de Barros (1869-1898) (vv.). Fez a bênção da fábrica de tecidos de Luiz Vicente de Souza Queiroz, por ocasião do início da construção

desta, quando a primeira pedra do edifício foi colocada, a 1.7.1874. Figura em registros piracicabanos desde meados do século 19. Em 1859 a Câmara Municipal recusou-se a atender seu pedido, para que doasse terreno destinado à construção de hospital para doentes de epidemias ou moléstias contagiosas (lazareto).

**ALMEIDA, João Mendes Pereira de** (Séc. 20). Vereador. Fez parte da Câmara Municipal de Piracicaba de 1926 a abril de 1931.

**ALMEIDA, Joaquim de** (Séc. 20). Comerciante. No almanaque organizado por Neme (1936), “Piracicaba: documentário”, é mencionado como fornecedor piracicabano de carvão vegetal, “o melhor carvão da praça”, e estabelecido à rua Moraes Barros, 81.

**ALMEIDA, Joaquim Ferraz de** (Séc. 19). Vereador. Pertenceu à Câmara Municipal de Vila Nova da Constituição em 1826. No bairro Garças há uma rua com seu nome.

**ALMEIDA, Joaquim Galvão de** (Séc. 19). O “Almanak da Província de São Paulo para 1873” inclui seu nome entre os dos fazendeiros da cidade de Constituição no ano aqui referido. Em abril de 1870 foi nomeado pela Câmara Municipal para ser o inspetor dos serviços da estrada de Constituição que passou pelo “sítio da viúva de Feliz Antônio Alves”.

**ALMEIDA, Joaquim Moreira Machado de** (Séc. 19). Capitão, integrou o grupo de nove intendentess municipais nomeados após a deposição de Américo Brasiliense e a substituição deste por Cerqueira Cezar, no governo do Estado, em dezembro de 1891. Os demais intendentess nomeados nessa ocasião foram o dr. João Baptista da Silveira Melo, o dr. Paulo de Moraes Barros, Amador de Campos Pacheco, Joaquim Fernandes de Sampaio (vv.), João Guidi, Jacó Diehl (v.), João Gomes

Marques e Antônio de Moraes Sampaio. O dr. Paulo de Moraes Barros foi eleito presidente da nova intendência (Guerrini, 1970).

**ALMEIDA, Joaquim Pinto de** (Séc. 19-20). Juiz de paz, fazendeiro, vereador, c. a 31.10.1888 c. Escholástica Morato. Primeiro juiz de paz de Vila Rezende, teve fazenda onde se encontra atualmente a Estação Experimental de Cana, junto a represa formada pelo ribeirão Guamium. Dedicava-se ao cultivo da cana-de-açúcar. Na condição de membro suplente do Conselho Fiscal, fez parte da primeira diretoria do Banco da Indústria e Comércio de Piracicaba, fundado em 1899. Com o Barão de Rezende (v.) e outros, foi um dos signatários da lei da Câmara Municipal que em 1906 convocou todos os homens de Piracicaba entre 16 e 60 anos para a prestação de serviços no combate à praga de gafanhotos que assolava a região. Atuou como vereador de 1905 a 1910.

**ALMEIDA, José Alípio de** (Séc. 20). Professor e diretor do ensino elementar. Dirigiu em Piracicaba, ao longo de uma dúzia de anos, de 1928 a 1939, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

**ALMEIDA, José Augusto da Rocha.** Médico, jornalista, político, vereador e deputado estadual, n. Portugal. Naturalizado brasileiro, fixou-se inicialmente em Rio Preto, MG. Transferiu-se em 1881 para Piracicaba, onde se destacou como médico, político e jornalista. C.c. Henriqueta da Rocha Almeida, após o falecimento desta em 1884 contraiu segundas núpcias no Rio de Janeiro (1886) com Rita da Serpa Rocha. Assumiu em outubro do mesmo ano a redação de um novo jornal, o “Diário de Piracicaba”, sob a direção de Joaquim Luiz da Silva Lopes (v.). Fez parte do corpo médico da Santa Casa de Misericórdia local até 1887. Rocha Almeida pertenceu ao grupo de nove vereadores que constituíram a nova Câmara Municipal em janeiro de 1887, de que igualmente fizeram parte

Prudente de Moraes e o barão de Rezende. Foi vereador de 1887 a 1889. Tinha consultório à rua do Comércio, 71. Passou seus derradeiros anos de vida em Santos, onde f. em 20.5.1895, no exercício do cargo de diretor do Hospital de Santa Isabel. Uma rua com seu nome acha-se no Grande Parque Residencial, com esquina para a rua Aristides Balbino.

**ALMEIDA, José Bonifácio de** (Séc. 19). Comerciante. Em janeiro de 1873 instalou pela segunda vez em Constituição e passou a explorar um salão de bilhar, conforme registro de Camargo (1900). Em fins do século 19, a cidade contava com outros quatro bilhares: o de J. B. de Almeida Barros, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), o da Cooperativa, à rua Luiz de Queiroz, o de Paulino José de Almeida (r. de São José, 39) e o de Luiz Paziano & Cia., à rua Alferes José Caetano.

**ALMEIDA, José Pinto de.** Capitalista e comerciante, n. São Miguel de Rebordosa, próxima à cidade do Porto, Portugal, 20.6.1811, f. 4.4.1885 em Piracicaba. C.c. Ana Cecília de Oliveira, doze filhos. Caixeiro e posteriormente proprietário de loja de tecidos, destacou-se pela filantropia, tendo sido um dos fundadores da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que serviu de base para a criação da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, por volta de 1850, sendo-lhe com justiça atribuído o título de fundador da Santa Casa em 1854. Esteve à frente da provedoria desta (1856-58) e cedeu uma casa de sua propriedade para o funcionamento provisório do Hospital da Santa Casa. Contemplado com o hábito da Ordem de Cristo em 1877, foi comendador e legou à Santa Casa ações que possuía, por ocasião do seu falecimento. Em sua homenagem, no Bairro Alto, desde 1929 a antiga rua da Misericórdia passou a denominar-se rua José Pinto de Almeida.

**ALMEIDA, José Rodrigues de.** Médico, higienista, político, escritor, vereador e Prefeito Municipal de Piracicaba, no período de 1925 a 1930. Rodrigues de Almeida n. na fazenda Mandacaru, perto de Anhembi, SP, 8.10.1878, f. Piracicaba, 23.11.1951. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde iniciou-se na prática médica. Trabalhou com Osvaldo Cruz (1901) na campanha contra a febre amarela e teve consultório em Piracicaba a partir de 1903, passando no mesmo ano a atuar na Santa Casa de Misericórdia local. Foi médico da Usina Monte Alegre (1910-1951) e do Asilo de Velhice e Mendicidade (posteriormente Lar dos Velhinhos), desde 1912. Em 1913 fundou com outros médicos o Centro Médico de Piracicaba, primeira associação médica piracicabana, que teve breve duração. Em 1916 instalou o primeiro aparelho local de raios X em sua residência, à rua Boa Morte, destacando-se como o melhor médico ortope-dista da cidade. Muito culto, político combativo e combatido, integrou o diretório local do Partido Republicano e foi eleito vereador pela primeira vez em 1917, tendo pertencido desde 1925 ao Partido Republicano Independente, vitorioso nas eleições deste ano. Com essa vitória, alternou com o dr. Coriolano Ferraz do Amaral o cargo de presidente da Câmara Municipal e foi prefeito em 1929-1930. Durante esse tempo, empenhou-se em iniciativas de saneamento da cidade e combate à febre tifóide e à febre amarela, modernizando o sistema de tratamento de água. Como vereador, atuou na Câmara Municipal nos seguintes períodos: 1917-19, 1926-28 e 1929-31. Nas palavras de Losso Netto, Rodrigues de Almeida foi o “saneador de Piracicaba”. Na condição de médico, atuou na Revolução Constitucionalista de 1932, como chefe de corpo de saúde nos campos de batalha. Participou da fundação do aeroclube local (1948) e da Associação Paulista de Medicina de Piracicaba (1950). C.c. Cesarina Cardoso, ff. Thiers, médico e general; Dimas, desembargador e vice-presidente do Tribunal de Justiça do Estado; José, engenheiro;

Pedro, engenheiro agrônomo; e Maria Dirce de Almeida Camargo (v.), insigne pianista e professora. Na Paulicéia há uma rua com seu nome.

**ALMEIDA, Lauro Alves Catulê de** (Séc. 20). Professor. Durante muitos anos, no segundo quarto do século 20, foi secretário da Escola Normal Oficial de Piracicaba, posteriormente Escola Normal Sud Mennucci. Colaborou na imprensa local. Dá nome a uma rua piracicabana, no bairro Higienópolis, que liga a av. Dr. Paulo de Moraes com a av. Alberto Vollet Sachs.

**ALMEIDA, Lourenço Antônio de** (Séc. 19). F. Constituição, julho de 1835. Professor de ensino elementar em Vila Nova da Constituição por volta de 1832-33. Aprovado pelo Conselho do Governo da Província para exercer o magistério na vila de Mogi-Mirim, requereu remoção para a escola de primeiras letras de Constituição e foi nomeado para esta, com o ordenado anual de 250 mil réis. Faleceu repentinamente, em meio à atividade docente. Sua vaga foi ocupada, durante poucos meses, pelo prof. Francisco Pereira de Aguiar. Em maio de 1837 assumiu o cargo o primeiro prefeito da vila e secretário da Câmara, Francisco José Machado (v.), após aprovação nos exames a que foi submetido. Em 1841 Machado faleceu e a vaga de professor foi preenchida por Bento Pais de Campos Neto, que, no entanto, foi suspenso de suas funções por ter participado localmente da “Revolução dos Liberais” de 1842, chefiada por Rafael Tobias de Aguiar em Sorocaba, com a colaboração do pe. Diogo Antônio Feijó, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (v.), Gabriel Rodrigues dos Santos e outros.

**ALMEIDA, Luciano José de** (Séc. 19-20). Professor de ensino superior. Dirigiu a Escola Agrícola Prática de Piracicaba (futura ESALQ) de julho de 1902 a julho de 1904. Formado nos EUA, foi o primeiro professor de agricultura nomeado para a escola, a 26.6.1902.

**ALMEIDA, Madalena Maria Salati de.** Poetisa, historiadora. N. Elias Fausto, SP, 7.9.1912. C.c. Benedito Almeida Júnior (v.) em 1932. Oito ff. Autodidata, teve suas poesias divulgadas em jornais locais desde os anos cinquenta e publicou em 1987 o livro “Mombuca: povoação e desenvolvimento”. Escreveu peças teatrais infantis e o livro “História de Jesus para crianças”. Colaborou na coletânea “Força Motriz”, publicada em 1993 pelo Centro Literário de Piracicaba, que a teve como fundadora, e foi membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Recebeu a Medalha de Honra ao Mérito comendador Mário Dedini, por sua atuação em obras assistenciais. Pertenceu à Academia Piracicabana de Letras.

**ALMEIDA, Manoel de Souza** (Séc. 20). Tenente, foi tesoureiro do Regimento Militar do Itu. Um acidente afastou-o de suas funções militares. Reformado, passou a residir em Piracicaba, assumindo a responsabilidade pela área financeira do Colégio Piracicabano nos anos 40, quando o diretor da escola foi o prof. Josaphat de Araújo Lopes (v.). Atuou igualmente no comércio local, na segunda década do século vinte. Há uma rua com seu nome, na Nova Piracicaba.

**ALMEIDA, Manoel Dias de.** N. Piracicaba, 7.7.1885. F. Piracicaba, 11.10.1943. Professor e vereador. Foi docente da Escola Normal Oficial e pertenceu à Câmara Municipal de Piracicaba, de 1929 a abril de 1931. Redigiu os dizeres da placa colocada à entrada do cemitério municipal: “Rendamos respeito aos mortos, descobrindo-nos” (manter o chapéu sobre a cabeça em lugares como igrejas e cemitérios era tido como desrespeito). Um grupo escolar no distrito de Saltinho recebeu seu nome.

**ALMEIDA, Manuel dos Santos** (Séc. 19). Tem seu nome ligado à primeira escritura de compra e venda lavrada em Piracicaba, a

14.10.1822, pelo notário João Leitão Freire, referente às terras que adquiriu de Antônio Francisco do Amaral e sua mulher Francisca de Arruda Camargo.

**ALMEIDA, Manuel Pinto de** (Séc. 19-20). Comerciante. Foi proprietário da Loja do Sol, à rua do Comércio nº 55 (atual rua Governador Pedro de Toledo), fundada em 1851. Um anúncio (Camargo, 1900) refere-se a esta loja como o mais antigo estabelecimento comercial de Piracicaba, com “sortimento completo de fazendas, armarinhos, calçados, chapéus etc”. No final do século 19, passou a ter como sócio da loja Álvaro de Azevedo (v.).

**ALMEIDA, Osiris Magalhães de.** Médico e professor normalista, n. Piracicaba a 8.9.1910 e f. em 1978, provavelmente em São Paulo. C.c. Lúcia de Almeida Barros. Filho de Manoel Dias de Almeida (v.), professor da Escola Normal de Piracicaba. Diplomou-se como professor normalista em 1928 e em medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1934. Especializou-se em urologia, mantendo consultório dessa especialidade na capital paulista, à rua Sete de Abril, 235. Foi assistente do prof. Luciano Gualberto. Chefou a clínica urológica do Hospital Municipal de São Paulo e criou vários aparelhos cirúrgicos de urologia. Pertenceu ao Colégio Brasileiro de Urologia.

**ALMEIDA, Paulo Pinto de.** Médico, político republicano, vereador e juiz municipal, n. Piracicaba, 21.3.1856, e f. São Paulo, 17.3.1905. Filho de José Pinto de Almeida (v.). C.c. Maria Augusta da Silva Leitão, ff. Carlota, Clotilde e Sarah. Foi aluno do colégio São Luiz em Itu, SP. Estudou no Rio de Janeiro, diplomou-se em 1879 pela Escola Politécnica e formou-se na Faculdade de Medicina em 1880, o mesmo ano em que instalou consultório em sua residência, na esquina das ruas do Comércio (hoje Governador Pedro de Toledo) e São José. Participou ativamente da vida da Santa Casa local como médico, membro da Irmandade

desde 1893, mesário, escrivão e provedor, recebendo o título de Irmão Benemérito. Foi vereador de 1887 a 1889. Pertenceu ao Partido Republicano de Piracicaba. Com a Proclamação da República, fez parte do triunvirato que assumiu o governo municipal, juntamente com Luiz de Queiroz (v.) e Manoel de Moraes Barros (v.). Dissolvidas as câmaras municipais e instalados os Conselhos de Intendência Municipal em 1890, Pinto de Almeida foi um dos seus primeiros membros (1890). Juntamente com Francisco Antônio de Almeida Morato (v.), fundou o Banco da Indústria e do Comércio de Piracicaba. Enfermo, mudou-se para a capital paulista em 1903, onde faleceu. “Foi um dos vultos mais representativos de Piracicaba, quer como médico estimadíssimo, quer como político influente. Serviu de padrão para os bons administradores do município” (Cambiaghi, 1984). Uma rua de Piracicaba tem seu nome, no bairro São Dimas.

**ALMEIDA, Pedro Alexandrino de.** N. Piracicaba, 10.10.1864. Banqueiro e tenente na Piracicaba de fins do século 19 e um dos mais operosos vereadores (1899-1901) da Câmara Municipal, foi mesário da Santa Casa de Misericórdia local e Irmão Benemérito desta. Figura de destaque na cidade, Guerrini (1970) ressalta várias das suas iniciativas, tendo em vista o bem-estar coletivo: “foi, a bem dizer, o fundador do Asilo de Velhice e Mendicidade” (posteriormente, Lar dos Velhinhos), situado na Chácara das Jabuticabas e criado em 26.8.1906. Proprietário de uma das primeiras casas bancárias de Piracicaba, por volta da passagem do século, esta tinha o seu nome. Em 1908, em estado de falência, desgostoso, mudou-se para São Paulo. No início dos anos 30 figurava entre os irmãos beneméritos da Santa Casa ainda vivos. Há uma rua na Unileste com seu nome, junto à rodovia Luiz de Queiroz.

**ALMEIDA, Pedro Liberato de** (Séc. 19). Seu nome é mencionado por Guerini (1970) como

Secretário da Câmara Municipal. Registrou em 1866 o primeiro contrato matrimonial não católico firmado em Piracicaba, que uniu o alemão Henrique Bertholdo Graner e a suíça Maria Anna Meier, ambos evangélicos (17 de julho).

**ALMEIDA, Presciliana** (Séc. 20). Seu nome está na relação das senhoras que partiram da cidade a 16.7.1932, como enfermeiras do 1º Batalhão Piracicabano, por ocasião da Revolução Constitucionalista. As demais senhoras mencionadas na lista são Ida Bandiera, Carlinda Barbosa, Nair Barbosa, Matilde Brasileira, Odila Sousa Diehl, Rosalina Juliano, Maria Celestina Teixeira Mendes, Ana Silveira Pedreira, Etelvina Pedreira, Dulce Ribeiro e Maria de Almeida Silveira.

**ALMEIDA, Ricardo Pinto de** (Séc. 19). Capitalista e figura de destaque na política piracicabana do século dezenove. Vereador de 1865 a 1868. Seu nome figura na relação dos piracicabanos mais abonados que, em virtude disto, pagavam impostos ao município, na passagem do século. Foi tesoureiro da Irmandade da Santa Casa na provedoria de José Viegas Muniz (1864-69) e um dos irmãos considerados ilustres em virtude do mérito dos serviços que prestou. Sua casa passou a abrigar um dos Passos da Paixão de Nosso Senhor, obra de Miguel Archanjo Benício da Assumpção Dutra (v.), o Miguelzinho. Por ocasião de incêndio ocorrido em 24.1.1900 no Colégio Assunção, socorreu as freiras responsáveis pelo colégio, hospedando-as em sua chácara. Segundo Camargo (1900), sua morte ocorreu no ano de 1880, referindo-se a ele como padre, mas é possível que se trate de um homônimo. Há uma rua com seu nome, paralela à Rodovia do Açúcar, no Jardim Castor.

**ALMEIDA, Rufino Tavares de** (Séc. 19). Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e Juiz de direito da comarca, em edital de fevereiro de

1889 declarou instalada a Comarca Especial de Piracicaba, denominação resultante do decreto provincial nº 10.083, de 24.11.1888. Seu nome está ligado a um rumoroso caso que envolveu o dr. Manoel de Moraes Barros (v.). O juiz expediu contra este um mandato de prisão, por força de acusação sobre posse ilegal de um depósito. O réu alegou arbitrariedade no caso e obteve “habeas-corpus” do Tribunal da Relação (19.3.1889).

**ALMEIDA, Segisfredo Paulino de**. N. Monte-Mór, SP, 22.6.1894, f. 11.8.1951 em Pira-cicaba. C.c. Hercília de Toledo Almeida (n. Hercília Dias de Toledo). Ff: Arthur Affonso, Aída e Laudo. Patriarca de três gerações de advogados piracicabanos com o mesmo nome: Arthur Affonso de Toledo Almeida, Arthur Affonso de Toledo Almeida Júnior e Arthur Affonso de Toledo Neto. Era filho de Antônio Carlos de Almeida e Elisa Josephina Grellet de Almeida. Estudou em escola primária da cidade natal, completando seus estudos em Capivari, SP, onde começou a trabalhar em cartório de Notas e Ofício de Justiça. Ocupou vários postos, até se tornar escrevente habilitado. Transferiu-se para Ribeirão Preto em 1919, onde foi escrevente habilitado de um dos cartórios da cidade. Mudou-se para Piracicaba, prosseguindo nas atividades cartorárias. De 1928 a 1938 esteve à frente de cartório em Campinas. De 1938 a 1942, em virtude de permuta, foi serventário do Cartório de 1º Ofício de Notas e Ofício de Justiça de Piracicaba. Autodidata, submeteu-se a exames e tornou-se advogado provisionado em 1940. Participou ativamente da Revolução Constitucionalista de 1932, quando residia em Campinas. Segundo depoimento a seu respeito, foi “indulgente, caridoso, prestativo, tolerante... um homem extremamente bom... profundamente simples e humilde”. Foi o Venerável da loja maçônica Piracicaba em 1925-26, época das obras de construção que ampliaram o prédio da entidade, à rua Santo Antônio (Veiga, 1975). Um dos sócios

fundadores do Rotary Club de Piracicaba, criado em reunião realizada no teatro São José a 15.2.1941. Uma rua do Jardim Noiva da Colina, junto à av. Antônia Pizzinato Sturion, perpetua seu nome.

**ALMEIDA, Tibério Lopes de.** N. Cachoeira, BA, 25.2.1818. F. Capivari, SP, 19.6.1905. Médico, vereador, intendente, orador. C.c. Olímpia de Almeida. F: Gomezinda. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, viveu muitos anos em Araraquara, SP, antes de se transferir para Piracicaba em 1884. Teve inicialmente residência e consultório à rua Santo Antônio, mudando-se para o largo de São Benedito, na esquina da rua São José, nº 46, e posteriormente instalou seu consultório à rua Prudente de Moraes (então rua dos Pescadores). Em 1886 passou a ser membro correspondente de Academia Imperial de Lisboa e no ano seguinte obteve igual título da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Colaborou na “Gazeta de Piracicaba” e em periódicos especializados do país. Cambiaghi (1984) aponta-o como o primeiro médico da cidade a se interessar pelo problema da lepra. Atuou como médico, operador e parteiro. Vereador eleito em 1891, fez parte da intendência local. Realizou viagens de estudos aos EUA e à Europa e passou a morar e clinicar na capital paulista na última década do século 19. Faleceu em Capivari, poucas horas após a morte da esposa.

**ALMEIDA JÚNIOR, Benedito (Benê).** Poeta, musicista, romancista, professor. N. Piracicaba a 8.1.1906, f. Piracicaba, 1969. C.c. Magdalena Maria Salati de Almeida (v.). Funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana na cidade natal, foi agente da estação desta. Seu primeiro trabalho literário foi publicado quando tinha 11 anos de idade. Aos 16 anos, foi convidado para reger, como músico profissional, a banda do Circo Nerino. Lecionou música e violão no Conservatório de Piracicaba,

fez parte da Sociedade Paulista de Escritores e presidiu o núcleo local da União Brasileira de Escritores (1960-65). Fez letras para as músicas de Erotides de Campos (v), “Alvorada dos lírios” (1944), romança, e a valsa “Preces de amor”, Germano Benencase (v.) e outros compositores. Teve obras impressas pela editora Irmãos Vitale de São Paulo. Autor de romance (“Nas Asas do Amor”, 1932), poesias (“Quando Canta o Coração”, 1939) e numerosas poesias divulgadas em revistas e jornais, assim como de uma coletânea, “Antologia Piracicabana” (1960).

**ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de.** Artista plástico, pintor e escultor. N. Itu, SP, 8.5.1850 e f. Piracicaba a 13.11.1899, assassinado por José de Almeida Sampaio, seu primo, por razões passionais. A trágica morte ocorreu na frente do antigo Hotel Central, junto à praça José Bonifácio, ao lado da igreja da Matriz. Era filho de José Ferraz de Almeida e de Ana Cândida do Amaral Souza. Contava com parentes e amigos em Piracicaba, vinha freqüentemente à cidade e nela foi sepultado. Nome consagrado da pintura brasileira, desde cedo manifestou seu talento pela pintura. Estudou no Rio de Janeiro, na Academia Nacional de Belas Artes, tendo como mestres Victor Meireles e Jules Le Chevreil. Impressionado com o talento do jovem, d. Pedro II proporcionou-lhe ajuda para aperfeiçoar-se em Paris a partir de 1876, como discípulo do célebre Alexandre Cabanel, na Academia de Belas Artes da capital francesa. Sensível às várias tendências que então se opunham ao neoclassicismo, recebeu em Paris influências dos românticos, realistas, impressionistas e pós-impressionistas. Após participar em 1880 do Salão de Artistas Franceses em Paris, transferiu-se para Roma, onde produziu seus primeiros quadros de temas bíblicos. De volta ao Brasil em 1882, realizou sua primeira exposição no Rio de Janeiro. Fixou-se na capital paulista, dedicando-se à pintura figurativa, notadamente como pintor dos tipos e costumes da vida interiorana paulista (“Caipira picando fumo”,

Cozinha caipira”, “Caipiras negaceando”, “Amolação, interrompida”, “O violero”), mas fez igualmente pinturas históricas (“A partida da moção”), de gênero (“Descanso do modelo”), religiosas (“Fuga para o Egito”, “Remorso de Judas”), paisagens e retratos. Participou de várias exposições nacionais e no exterior nas décadas de 80 e 90. Seus quadros “Caipiras negaceando”, atualmente no Museu Nacional de Belas Artes, “Leitura” e “Descanso do modelo” ganharam medalha de ouro em 1888 na exposição internacional de Chicago, nos EUA. Suas obras principais encontram-se no Museu Paulista, no Museu Nacional de Belas Artes e na Pinacoteca do Estado. Almeida Júnior soube interpretar, “com profunda poesia e inegável satisfação sentimental, as cenas mais humildes da vida caipira. Seu mérito foi focalizar o caipira, com sua vida simples, seus instrumentos de trabalho, sua moradia, sua expressão fisionômica e corporal, suas vestes, seus objetos de uso doméstico e suas preocupações. A característica mais constante de sua obra, que permanece desde as primeiras até as últimas telas, é o sentido exato da composição, tendo a geometria como sua grande aliada... Sua visão do homem do interior é telúrica e lírica” (D. Battistoni Filho, 2005). Foi premiado, um ano antes de morrer, com a medalha de ouro do Salão Nacional de Belas-Artes por seu quadro “Partida da moção” (Museu Paulista). Julgado, o assassino, que teve Prudente de Moraes como defensor, foi absolvido, sob a alegação de que cometeu o crime em defesa de sua honra. Almeida Júnior designa a praça antes denominada Largo do Gavião e Jardim da Cadeia, bem como uma travessa do bairro Nova América. É patrono da Associação Piracicabana de Artistas Plásticos, que promove anualmente, desde 1989, a Mostra Almeida Júnior, em parceria com a Pinacoteca Municipal Miguel Dutra. A Câmara Municipal deu-lhe em 2001 o título “post-mortem” de cidadão piracicabano.

**ALOISI, Fernando.** F. Piracicaba, novembro

de 1965. Jornalista e empresário. Faz parte da história do jornalismo e da tipografia piracicabanos. Foi fundador (ou um dos fundadores) do diário “O Momento”, jornal de orientação liberal, em fins de 1930, e igualmente co-fundador, co-proprietário e responsável pela impressão do “Diário de Piracicaba”, surgido em 1935, tendo como associados Jacob Diehl Netto (v.) e Octaviano Assis (v.). Segundo jornal piracicabano com esse título, era feito na oficina que Aloisi mantinha à praça 7 de Setembro, nº 25, onde funcionavam a redação e a administração. Em meados do século, a Editora e Gráfica Aloisi situava-se à rua São José, 633, tendo sido por longos anos uma das principais tipografias locais, que publicou numerosos livros. O “Diário”, em mãos de outros proprietários e diretores, circulou até 1992. No bairro Nova América uma rua tem seu nome.

**ALOISI, Pedro** (Séc. 20). É mencionado como cantor no programa do concerto que se deu em 5.6.1931 no teatro Santo Estêvão, organizado pelo prof. Pedro de Mello (v.), com a participação de orquestra e do Orfeão Normalista da Escola Normal Oficial de Piracicaba. O programa refere-se, igualmente, como cantores nesse concerto, a Adelaide Baena de Castilho, Leandro Guerrini (v.) e Vicentina Godinho. Outro integrante da família Aloisi que faz parte da história de Piracicaba, Rafael Aloisi, dá nome a rua no Jardim Monumento.

**ALOISI SOBRINHO, João** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo, esportista, diplomado pela ESALQ em 1938. Foi figura de destaque no futebol piracicabano da década de 30, fazendo parte do time da A. A. Luiz de Queiroz que conquistou os títulos de campeão regional e de Piracicaba em 1938 (Ripoli, 1943).

**ALTAFIN, Aristides.** N. Piracicaba, 23.7.1893. F. Piracicaba, 16.1.1989. Industrial, c.c. Ercília Altafin. Ff.: Elisabete, José Antônio e Ivana



Maria. Proprietário de olaria no bairro Rolador, posteriormente Jardim Itamaracá. Descendia de pais italianos de Treviso, Ângelo Altafin e Marcolina Groppo. Morou no bairro Dois Córregos. Uma rua do Jardim Itaberá recebeu seu nome. Pertencia à família Altafin o cirurgião dentista Vasco José Leonard Altafin, f. Piracicaba a 6.11.1996 (v. Andrade, José Miguel de).

**ALTAFINI, José** (Séc. 20). C.c. Maria Altafini, residentes na Vila Rezende. Pais de Mazzola (José Altafini Filho), campeão mundial de futebol pelo Brasil na Suécia em 1958 e ídolo do futebol na Itália, Maria Aparecida, Maria Ignês, Otilio e Luiz. Morou igualmente na Vila Rezende um segundo casal Altafini: Ângelo e Elisa, ff. Carmo e Romilda (Aldrovandi, 1991).

**ALTAIR, Jaçanã**. V. Guerrini, Jaçanã Altair Pereira.

**ALTIERI, Raffaele** (Séc. 19). Italiano de nascimento, fixou-se em Piracicaba e fez parte da primeira diretoria (dezessete diretores) da Società Italiana di Mutuo Socorso, eleita a 8.1.1888. Foram igualmente eleitos nessa ocasião: Vincenzo Bianco, Domenico Castronuovo, Davide Chelotti, Nicola Fiore, Raffaele Galli, Giovanni Guidi, Egidio Infantini, Michele Mancini, Pasquale Mancini, Francesco Martoni, Francesco Midaglia, Antonio Ribecco, Francesco Ronzio, Giovanni Scolari, Caetano Villara e Carlos Zanotta.

**ÁLVARES, João Pereira** (Séc. 19). Juiz de paz. Em 1848 a Câmara Municipal nomeou-o como um dos quatro juizes de paz do distrito do Sul da vila de Constituição.

**ÁLVARES, José** (Séc. 19-20). Foi professor na ESALQ, então Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz, de 1913 a 1918. Lecionou Química Mineral, Orgânica e Analítica. Era diplomado pela “Technische Haheschule” de Karlsruhe, na Alemanha.

**ALVAREZ, Francisco**. Médico e farmacêutico, n. 1894 em Botucatu, SP. F. Piracicaba em 28.5.1966. C.c. Dayse Anny Clark Alvarez, ff. Reynold, Grace Harriet (v), Edna. Formou-se pela Escola de São Paulo em farmácia (1911) e pela Faculdade de Medicina de São Paulo (1924). De 1917 a 1924 atuou na capital paulista e depois em Birigui, onde se casou. Mudou-se para Piracicaba em 1937. Com Alcides Aldrovandi, criou e esteve à frente da Casa de Saúde Santo Antônio, durante 18 anos. Teve consultório de médico, operador e parteiro à r. São José, 104, atendendo ainda o Pronto Socorro. Na Vila Industrial há uma avenida com seu nome.

**ALVAREZ [ALVES], Francisco Ferreira** (Séc. 19). Vereador. É mencionado como um dos vereadores da Câmara Municipal de Constituição, de 1849 a 1852.

**ALVAREZ, Grace Harriet Clark**. N. Birigui, SP, 23.12.1928. F. 27.4.1988. F. Francisco Alvarez (v), estudou no Grupo Escolar Moraes Barros e nos cursos normal e colegial do Colégio Piracicabano. Formou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba. Teve consultório à av. Rui Barbosa, nº 264. Atuou em entidades locais e em várias diretorias da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, dirigindo seu Museu (1980-88), que, após sua morte, recebeu seu nome. Uma rua do Residencial Altos de Piracicaba tem seu nome.

**ALVAREZ, Irmãos** (Séc. 20). Industriais, donos, em meados do século 20, da Fábrica de Telhas e Tijolos Cerâmica Piracicabana, à rua do Porto (bairro dos Marins).

**ALVES, Antônio José** (Séc. 20). Empresário, comerciante. Proprietário da Casa Vigorelli de máquinas de costura, à rua XV de Novembro, 826, comercializava aparelhos eletrodomésticos, fogões, acordeões, violões, motores para máquinas. Mantinha filial em Charqueada.

**ALVES, Bernardo José** (Séc. 18). Vitti (1966) cita-o como um dos “cidadãos abonados” que solicitaram sesmarias na região de Piracicaba, “ancestrais respeitáveis de várias famílias piracicabanas”, na 2ª metade do século 18. Na lista constam os nomes do sargento-mor Carlos Bartolomeu de Arruda (v), capitão Antônio José da Cruz, Joaquim Francisco da Cruz, Francisco da Rocha, Joaquim da Costa Garcia, Ignácio de Almeida Lara, Pedro Leme de Oliveira e Alferes Joaquim Ferreira de Toledo.

**ALVES, Félix Antônio** (Séc. 19). Segundo documentos de 1854, 1856 e 1861, proprietário de um dos “mais notáveis” engenhos de açúcar de constituição e de um dos “estabelecimentos de café mais notáveis”. Faleceu antes de 1869, pois documento da Câmara Municipal cita o “sítio da viúva de Félix Antônio Alves” em 25.2.1869.

**ALVES, Francisco** (Séc. 20). Foi um dos músicos que formaram “verdadeiras orquestras menores” piracicabanas nos anos trinta, fazendo serenatas e tocando em concertos locais (Elias, 2000).

**ALVES, Francisco da Costa.** N. Freguesia de São João Batista de Paradelas, Trás-os-Montes, Portugal, séc. 18. F. Campinas, SP, 2.1.1827. Capitão, fazendeiro abastado e comandante das ordenanças de Jundiá, recebeu do Governo da Província em 1821 a sesmaria do Corumbataí, que se estendia rumo norte, ao longo do rio do mesmo nome. Cinco anos depois, veio ao local – terras da futura Rio Claro, que àquela época faziam parte de Piracicaba –, a fim de demarcar a sesmaria onde foi aberta sua fazenda. Juntamente com Antônio Paes de Barros, futuro Barão de Piracicaba, e com o capitão Manoel Paes de Arruda, fundaram Rio Claro em terras então piracicabanas.

**ALVES, Francisco Ferreira** (Séc. 19). Foi

vereador da Câmara Municipal de Vila Nova da Constituição, de 1849 a 1852. Dá nome a uma rua, em Campestre, perto da avenida Laranjal Paulista.

**ALVES, João Ferreira** (Séc. 19). Em 1854, em lista organizada pela Câmara Municipal de Constituição, aparece como proprietário de um dos “engenhos de açúcar mais notáveis” da vila. Seu nome consta igualmente entre os agricultores de destaque na região, em listas da Câmara local feitas em novembro de 1857 e janeiro de 1861, como importante produtor de café.

**ALVES, Oscar Leite.** Médico e cirurgião dentista, n. São Carlos do Pinhal, 20.3.1902, f. São Paulo, SP, 15.9.1974, c.c. Mariana de Barros Negreiros Leite Alves, de tradicional família piracicabana. Ff.: nove, cinco meninos e quatro meninas. Coursou a Faculdade de Odontologia de São Paulo, SP e colou grau pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1929. Passou a residir em Piracicaba no ano seguinte, dedicando-se à pediatria, em consultório particular e no posto de saúde local. Em 1936 ingressou no antigo Departamento de Profilaxia da Lepra da Secretária Estadual de Saúde e passou a residir sucessivamente em São Carlos, Casa Branca e na capital do Estado. Entusiasta pela taquigrafia, criou o “Método Leite Alves”, difundido em todo o país pelo próprio criador e por inúmeras escolas. Ensinou-o em Piracicaba aos estudantes do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz e desse curso originou-se a idéia da criação da “Associação Taquigráfica Paulista” fundada em 9.2.1932, com sede na capital paulista, na ladeira Porto Geral (rua Varnhagen, nº 26). Foi agraciado com o título de Cidadão Paulistano em 1960, pela Câmara Municipal de São Paulo.

**ALVES, Sérgio Leopoldino** (Séc. 20). Industrial. Principal acionista e diretor presidente da S. L. Alves Indústria e Comércio, estabelecido em Piracicaba. Residiu em Santa Bárbara

d'Oeste. Foi também o proprietário principal da firma Indústria e Comércio Alves Ltda. À empresa S. L. Alves pertenciam a Companhia Fábrica Aurora, produtora das bolachas Júpiter e do macarrão Aurora, e a distribuidora exclusiva da Cia. Antártica Paulista. A sede situava-se no Largo Bom Jesus (travessa d. Felisbina Monteiro, nºs 1495 e 1515), e a distribuidora de cervejas, chope e refrigerantes localizava-se à r. Bom Jesus, nº 712. Vários outros membros da família Alves pertenciam à diretoria da empresa: José Leopoldino, Lourival Leopoldino, Faride Maluf Alves, Therezinha de Jesus Gobbo Leopoldino Alves, Dorothea Alves Ometto e Nilza Alves Matteti, juntamente com outros acionistas.

**ALVIM, Cândido Faria.** 20.9.1901-27.9.1995. Médico. C.c. profa. Nair Dias Alvim (20.12.1910-19.1.1996). Um dos médicos ativos em Piracicaba em meados do século 20, como se constata no “Livro dos Municípios do Estado de S. Paulo” de 1951. A Seção Regional piracicabana da Associação Paulista de Medicina agraciou-o com diploma de Honra ao Mérito em 1977. Foi um dos fundadores da Regional de Piracicaba em 1950. Uma rua da cidade tem seu nome, no Jardim Paineiras.

**ALVIM, Jovinião Reginaldo.** Médico e político. N. Salvador, BA, 5.5.1847, f. Santos, SP, 21.11.1907. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Joana Adélia Alvim, 2 f.; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Maria Augusta Barbosa Ferraz, 2 f.; em 3<sup>as</sup> núpcias c. Ana Sampaio, 3 f. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1870, transferiu-se para Piracicaba, sendo vereador em duas ocasiões: de 1883 a 1885-86 e de 1892 a 1895. Presidiu a Câmara neste seu segundo mandato. De 1887 a 1888 residiu na capital paulista. Tornou-se tenente-coronel do Exército quando era major-cirurgião-mor da Guarda Nacional, tendo atuado como médico da Comissão de Limites entre o Brasil e o Paraguai e como cirurgião militar em Pernambuco e Rio de Janeiro. Além disso, era Cavaleiro do Hábito de Cristo. Intendente (cargo que

corresponde ao de prefeito) de outubro de 1892 a princípios de abril do ano seguinte. Compôs um “Hino Republicano”, quando o país se converteu em república. Manteve consultório à rua da Quitanda (presentemente Quinze de Novembro), pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local e colaborou com o Barão de Rezende (1903-04), empenhando-se na fundação do Sanatório São Luiz para tuberculosos pobres. Proferiu a oração fúnebre no sepultamento de Prudente de Moraes (1902) e presidiu as primeiras reuniões da Sociedade Beneficente Operária de Piracicaba (1902). Seu nome designa uma das ruas da cidade que o acolheu e onde viveu e trabalhou durante boa parte de sua vida.

**AMARAL, Abelardo do** (Séc. 19-20). Foi professor da 2<sup>a</sup> Cadeira (Química Mineral, Orgânica e Analítica) da Escola Prática Luiz de Queiroz, a ESALQ de hoje, de 1908 a 1909. Neste último ano, transferiu-se para Campinas.

**AMARAL, Antônio Correia do** (Séc. 20). Atuou como secretário da diretoria da loja maçônica Piracicaba, eleita a 25.10.1918. Foi a primeira eleição realizada após a reestruturação da loja no mesmo ano, tendo como Venerável João Theodoro Huffenbaecher (v. Família Huffenbaecher).

**AMARAL, Antônio Cypriano do** (Séc. 19-20). Farmacêutico, proprietário da Farmácia Popular, à rua Prudente de Moraes, por volta da passagem do século (Camargo, 1900).

**AMARAL, Antônio Egídio do** (Séc. 19). Industrial. N. Piracicaba, residiu em Uberaba, MG. Em 1890 obteve permissão do governo do Estado para estabelecer uma linha de bondes a tração animal em Piracicaba e subúrbios. Amaral assinou um contrato com a intendência municipal nesse sentido, que lhe concedia o privilégio de explorar a linha durante 50 anos. Como os trabalhos não foram iniciados dentro dos seis meses de prazo previsto, o contrato

caducou. Amaral figura igualmente na história piracicabana do século 19 como co-autor de proposta, com o engenheiro civil Augusto César de Paiva (ou Pina), de estabelecimento de uma rede de esgoto na cidade (1891).

**AMARAL, Antônio Franco do** (Séc. 19). Vereador e sítiante, ativo na Câmara Municipal da vila de Constituição em 1828, em 1842-44 e novamente em 1854-55. É mencionado em 1849 como um dos proprietários de um sítio na divisa de Constituição e São João (Rio Claro), juntamente com Joaquim Roiz Cezar, José Gonçalves de Lima e Feliciano Abreu de Oliveira. Seu nome aparece nas listas de proprietários dos “engenhos de açúcar mais notáveis” de Constituição, preparadas pela Câmara Municipal em 1854 e 1857. Há uma rua em Piracicaba com seu nome, perto da av. Taubaté (Garças).

**AMARAL, Bennur Galvão do.** N. Piracicaba, 1929. F. Piracicaba, 27.10.2005. Escrivão. Formou-se pela Escola Normal Sud Mennucci. C. c. Eunice Aparecida Colombini do Amaral. Ff: Denise e Bennur Júnior. F. de Joaquim Alonso do Amaral e Eugênia Galvão da Silva Amaral. Seu nome aparece no “Guia Informativo de Piracicaba de 1958”, como escrivão habilitado, com atuação no 1º Tabelionato e Anexos da Cidade, cujo oficial era Olavo Leitão (v.). Cidadão benquista, honrado e muito atuante, pertenceu a diversas entidades locais, tendo exercido várias funções de destaque, na segunda metade do século 20. Eram seus irmãos: Cyro, Pedro e Sônia Galvão do Amaral Campos, n. 1937 e f. em Botucatu a 9.1.2007, professora formada pela Escola Normal Sud Mennucci em 1949.

**AMARAL, Breno Ferraz do.** N. Piracicaba, 25.8.1894. F. São Paulo, 30.7.1961. Escritor, jornalista e professor. C. c. Maria Ribeiro da Silva, irmão de Ofélia, Zelina e Pedro Ferraz do Amaral (v.). Filho de Pedro Ferraz do Amaral

(Senior) e Mária Cândida de Almeida Barros. Formou-se pela antiga Escola Complementar de Piracicaba como professor primário e licenciou-se em 1936 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Começou como jornalista quando era adolescente, fazendo com seu primo Léo Vaz (Leonel Vaz de Barros, v.) um semanário intitulado “A Noiva da Colina”, que divulgava textos de alunos e ex-alunos da Escola Complementar. Trabalhou na “Gazeta de Piracicaba” (1909) e no “Jornal de Piracicaba” como redator e secretário de ambos. Mais ou menos à mesma época, foi secretário da Universidade Popular de Piracicaba. Mudou-se para a capital paulista e foi co-diretor da importante “Revista do Brasil”, quando Monteiro Lobato esteve à frente desta, assim como secretário de outras revistas. De 1920 a 1927 ocupou o posto de redator principal do jornal “O Estado de S. Paulo”. Foi igualmente redator do “Diário Nacional” (1927) e do “Correio de S. Paulo” (1934-36). Colaborou em numerosos periódicos e atuou como secretário executivo do IDORT a partir da sua fundação. Melo (1954) destaca a atuação de Breno Ferraz como tribuno e orador: foi um dos promotores da Jornada de 23 de maio de 1932 e “sustentou na praça pública a candidatura de Rui Barbosa à presidência do país, a de Luís Pereira Barreto a senador estadual e a de Amadeu Amaral a deputado”. Publicou as seguintes obras: “Vingança da Noite”, poema, Tipografia do Jornal de Piracicaba, 1919; “Guerra da Independência”, 1923; “Cidades Vivas”, 1924; “Leonor Cabral”, poema dramático, 1933; “José Bonifácio”, póstuma, 1968; “A Literatura em São Paulo em 1922”, póstuma, 1973. Uma rua piracicabana, no Jardim Itapuã, tem seu nome.

**AMARAL, Coriolano Ferraz do.** Médico, agricultor, político. N. Piracicaba, 30.7.1870. F. Piracicaba, 7.10.1949. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Francisca de Almeida Morato, ff. Idalina, Ida, Maria Magdalena, Irma, Ana; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Ana Morato Ferraz, ff. Maria Olívia, Clélia, Lídia,

Ana. Era f. de Joaquim e Francisca Emília Ferraz do Amaral, de tradicional família piracicabana. Tinha 16 anos de idade quando estudou no colégio São Salvador, em Salvador, BA. Em 1896 formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da capital baiana. De volta a Piracicaba, passou a clinicar em consultório no largo da Matriz nº 1 e a integrar o corpo médico da Santa Casa de Misericórdia local, na qual ocupou todos os cargos, desde médico de ambulatório. Foi chefe de enfermaria, diretor clínico, provedor (1920-1946). “Médico conceituadíssimo e político de renome”, segundo Guerrini (1970), foi vereador em cinco triênios, presidiu a Câmara Municipal, foi Prefeito Municipal (1926) e deputado estadual (1916 a 1920). Foi proprietário da fazenda Santa Vitalina. Por ocasião do movimento revolucionário eclodido na capital paulista em 1924, chefiado pelo general Isidoro Dias Lopes, cuja repressão causou elevado número de mortos e feridos e sérios danos materiais, fez parte do triunvirato piracicabano do movimento. Fracassada a revolução, foi preso e levado à capital do Estado como criminoso comum e submetido a humilhações, sendo, depois, libertado e recebido pelos piracicabanos “em uma das mais vibrantes manifestações cívicas da época”, segundo registro de jornal nessa ocasião (Cambiaghi, 1984). Uma das consequências da revolta de 24 foi a fundação do Partido Independente, que derrotou o Partido Republicano em 1925. Piracicaba deve-lhe a concretização de um sonho ousado: a construção de uma “Santa Casa nova”, em terreno com mais de dois alqueires ou seis quarteirões unidos, cuja pedra fundamental foi lançada a 7.9.1923 e cuja inauguração ocorreu em agosto de 1935. “Se José Pinto de Almeida foi o fundador da Santa Casa, dr. Coriolano foi o seu consolidador... trabalho perseverante por quase meio século; ação corajosa e firme, a despeito das incompreensões e da ingratidão; e, às vezes, poucas, também a satisfação e alegria de sentir-se útil à sua terra estremecida”

(Losso Netto, cit. em Cambiaghi, 1984). Irmão Benemérito da Santa Casa por deliberação da Irmandade desta (24.5.1936) e seu provedor honorário (1948), mesmo quando a enfermidade e a idade o debilitaram, continuou a percorrer as dependências da Santa Casa em sua cadeira de rodas. Em sua homenagem, a Câmara Municipal deu seu nome a uma rua de Piracicaba, em Vila Monteiro.

**AMARAL, Delfim (Delfino) Egídio do** (2ª metade do séc. 19). Eleito em 1869 para ocupar o cargo de secretário da Câmara Municipal de Constituição. Atuou nessa condição até 1871, quando ganhou a eleição promovida pelos vereadores para a escolha do novo procurador (tesoureiro) da Câmara. Aparece como “partidor” na relação de pessoas ligadas à área jurídica local, segundo o “Almanak da Província de São Paulo para 1873”, e como proprietário de um bilhar local, na década de 70. Seu nome está ligado a incidente ocorrido em 1876, quando fez “insinuações malévolas” contra vereadores, nas páginas do jornal “Piracicaba”, de 2 de abril desse ano. O incidente ocasionou a demissão do procurador (Guerrini, 1970).

**AMARAL, D. Francisco Borja do** (Séc. 20). Bispo de Taubaté em meados do século. Foi anteriormente vigário da Paróquia do Bom Jesus em Piracicaba, de 1926 a 1932, quatro anos após a criação desta. A fundação da paróquia ocorreu a 4.12.1922.

**AMARAL, Francisco Bueno do** (Séc. 19). Capitalista piracicabano abastado, mencionado na relação dos que, em virtude disto, pagavam imposto municipal em fins do século 19 (Camargo, 1900).

**AMARAL, Francisco Florêncio do** (Séc. 19). Capitão, fazendeiro e vereador. Proprietário de engenho de açúcar em Constituição, faz parte das listas de pessoas e estabelecimentos produtivos preparadas pela Câmara Municipal

em janeiro de 1854 e janeiro de 1861. Em 1829-30 foi Secretário da Câmara. Vereador em 1843-44, figurou igualmente, como “vereador dos mais notáveis”, em documento da Câmara datado de 1854, e assim também na vereança de 1857. Fez parte do grupo de quatro juízes de paz nomeados para o distrito Norte de Constituição em setembro de 1852. Em 1857 é apontado como um dos confinantes do rossio (perímetro urbano) de Constituição, segundo documento do Cartório do 2º Ofício, referido por Krähenbühl (1955). O “Almanach” paulista de 1858 cita-o como um dos catorze eleitores da vila. Um ato do presidente da província nomeou-o a 30.11.1870 como suplente de juiz municipal e de órfãos do termo de Constituição. Em 1873 já era falecido, passando sua fazenda a ser propriedade da viúva, de acordo com o “Almanak da Província de São Paulo” desse ano. Denomina-se Francisco Florêncio do Amaral uma rua da Vila Independência, junto à av. Prof. Alberto Vollet Sachs.

**AMARAL, Irineu** (Séc. 20). Comerciante. Estabelecido em Piracicaba no ramo de jóias, relógios (venda e concerto) e artigos para presentes em meados do século 20, como proprietário da Relojoaria Amaral, à rua Moraes Barros, 1223. Mantinha uma filial em Iracemápolis. Figura no “Guia Informativo de Piracicaba 1958”.

**AMARAL, João Alves** (Séc. 19). Um dos 35 fundadores da loja maçônica “Piracicaba” a 24.11.1875, entre os quais estavam Prudente de Moraes Barros (v.), Manoel de Moraes Barros (v.), Antônio Teixeira Mendes (v.) e outros nomes de grande expressão no passado piracicabano. Na pesquisa que divulgou por ocasião do 1º centenário da fundação da loja, Veiga (1975) observa que nenhuma informação pôde ser obtida em relação a Amaral.

**AMARAL, João Alves do** (Séc. 20). Cirurgião-dentista. O “Livro dos Municípios do Estado de

São Paulo” (1951) registra seu nome, como um dos profissionais ativos na cidade, em meados do século.

**AMARAL, João da Fé do** (Séc. 19). Vereador. Pertenceu à Câmara Municipal da vila de Constituição em 1824, juntamente com Antônio José da Conceição e o Alferes Joaquim de Almeida Lara (Vitti, 1966). Há uma rua denominada João da Fé do Amaral, em sua homenagem, no bairro de Santa Rita das Garças, perto da avenida Taubaté.

**AMARAL, João da Silva** (Séc. 19-20). Construtor da nova Igreja de São Benedito, em substituição à antiga, demolida em 1906. A nova Igreja obedeceu a projeto do engenheiro Eduardo Kiehl (v.) e contou com Augusto Rochelle como mestre-carpinteiro. A esposa do engenheiro, Euthália Kiehl, supervisionou pessoalmente os trabalhos da construção (Elias, 2003).

**AMARAL, Joaquim Augusto do** (Séc. 19). Professor. Seu nome consta como “professor particular de instrução primária” na cidade da Constituição, segundo o “Almanak da Província de São Paulo de 1873”.

**AMARAL, Joaquim Benedito do** (Séc. 19). Vereador. Fez parte da Câmara Municipal de Constituição, no período de 1869 a 1872.

**AMARAL (Neto), Joaquim Ferraz do**. N. 1895. F. São Paulo, 22.9.1980. C.c. Maria Nogueira. Ff.: Leonor e Sílvia. Filho de Vitaliano Ferraz do Amaral (v.) e Antonia Cândida do Amaral Camargo. Engenheiro agrônomo, formou-se pela ESALQ em 1915, ao tempo em que esta era denominada Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz. Atuou no Instituto Agrônomo de Campinas, do qual foi diretor. Pertenceu depois ao Instituto Biológico de São Paulo, onde ocupou o cargo de chefe de Divisão. Dirigiu a Sociedade Rural Brasileira e a revista

desta entidade.

**AMARAL, Joaquim Rodrigues do** (Séc. 19). Fazendeiro. Em 1888, juntamente com Indalécio de Camargo Pentead, adquiriu Monte Alegre da viúva de Pedro Augusto da Costa Silveira (v.). Na relação dos principais engenhos de açúcar e fazendas de café do município, preparada em 1889 para fins de pagamento de imposto, o engenho de açúcar de Joaquim Rodrigues do Amaral ocupava o segundo lugar em importância, com uma produção açucareira de 8 mil arrobas.

**AMARAL, José Estanislau do.** N. Itu, séc. 19; f. Piracicaba, séc. 20. Advogado, fazendeiro. C.c. a piracicabana Lydía Dias de Aguiar Amaral, f. de Manuel Dias de Aguiar e Dulcelinda Teixeira Pinto. Pais da notável pintora modernista Tarsila do Amaral (Capivari, SP, 1890 – São Paulo, 1973). José Estanislau era f. de pai do mesmo nome (1817-1899), fazendeiro, empresário e exportador, c.c. Teresa de Jesus Aguirra. Amigo do pintor Almeida Júnior (v.), José Estanislau filho ganhou deste a pintura “O violeiro” em 1899, ano em que o artista morreu assassinado em Piracicaba. Em 1906 Tarsila ganhou o quadro como presente de seu progenitor.

**AMARAL, Juvenal do** (Séc. 19-20). Jornalista, capitão. Dirigiu o “Jornal de Piracicaba” e foi seu proprietário e redator, de março de 1901 a 1º de março de 1904. Deve-lhe o jornal a primeira edição comemorativa de aniversário, publicada a 4.8.1901, com numerosos clichês, que fez sensação na cidade.

**AMARAL, Oscar Ferraz do, Pe.** (Séc. 20). Ordenado a 5.12.1937. Foi nomeado primeiro vigário da paróquia da Paulicéia, criada por d. Ernesto de Paula (v.) a 22.8.1953 e por este instalada solenemente a 28 dos mesmos mês e ano. A posse do pe. Amaral deu-se a 20.6.1954. No ano seguinte (24.3.1955), à paróquia foi anexada à paróquia da Catedral de Piracicaba.

**AMARAL, Paulo** (Séc. 20). Um dos nomes mencionados por J. M. Ferreira (em Elias, 2000) como integrantes da elite intelectual e artística nos anos 30 do século passado, a “Bloomsbury caipira”.

**AMARAL, Pedro Ferraz do.** N. Piracicaba, 21.7.1901. F. São Paulo, 19... Contista, historiador, jornalista, professor. C.c. Lúcia Garcia Ordine do Amaral. Irmão de Breno Ferraz do Amaral (v.). Fez os cursos primário e secundário em sua cidade natal, diplomando-se como professor normalista pela Escola Normal Oficial (atualmente a Escola Estadual Sud Mennucci). Jornalista desde moço, começou no “Jornal de Piracicaba” e foi um dos fundadores do jornal “A Tarde”. Mudou-se para a capital paulista, tendo trabalhado nos jornais “Correio Paulistano”, “A Gazeta”, “Diário da Noite”, de que foi redator, secretário e redator-chefe, “Diário Nacional” (primeiro secretário de redação e redator-chefe), “Correio de São Paulo”, de que foi diretor, e “O Estado de São Paulo”. Ao tempo em que Monteiro Lobato e Breno Ferraz do Amaral eram diretores da “Revista do Brasil”, foi seu secretário (1923-24). Atuou durante quinze anos como secretário executivo do Idort em São Paulo, até 1955. Foi inspetor do Instituto do Açúcar e do Alcool e colaborou em diversos periódicos do país e do exterior. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, à Academia Paulista de Letras, à Academia Cristã de Letras, à Academia Paulista de História e ao PEN Centre de São Paulo, de que foi presidente. Usava o pseudônimo Gonçalo Simões em algumas das suas publicações. Sua bibliografia inclui os seguintes títulos: “Celso Garcia”, biografia, 1973; “Idort – 30 anos de atividades em São Paulo e no Brasil” e vários estudos publicados na Revista da Academia Paulista de Letras e na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. Traduziu obras de Maupassant, Stendhal e Thomas Mann.

**AMARAL, Valentim.** N. Rio de Janeiro, RJ, 1899, f. séc. 20. C.c. Mara Amaral. Deputado estadual, advogado, inspetor federal do imposto de consumo (fiscal de rendas) e oficial do exército. Em meados do séc. 20, foi o principal mentor do Partido Trabalhista Brasileiro em Piracicaba, fazendo parte do grupo de políticos mais atuantes na defesa dos interesses do município. Dentre as suas numerosas iniciativas e realizações, está o projeto de lei que apresentou à Assembléia Legislativa do Estado para a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, em 1950. Rejeitado o projeto, fez parte do grupo de piracicabanos que se empenharam em 1954-55 para que finalmente a Faculdade surgisse, em virtude da lei n° 2956, de 20.1.1955. Nome influente da maçonaria, contava com largo círculo de amigos piracicabanos, com os quais mantinha contínuo e intenso contato. Foi secretário de finanças na capital paulista. Em sua homenagem, uma escola do ensino fundamental de Piracicaba, no Jardim Primavera, à rua profa. Ana Cândida de Mello Ferraz, recebeu a denominação “Grupo Escolar Valentim Amaral”, figurando no “Guia de Piracicaba” de 1976 e no “Guia Banyan de Piracicaba” de 1978. Uma rua local, no bairro Higienópolis, tem igualmente seu nome (entre as av. Independência e Lauro Alves Catulé de Almeida).

**AMARAL, Vitaliano Ferraz do.** N. Piracicaba, 27.9.1854. F. Piracicaba, 20.3.1917. Advogado, fazendeiro, empresário, jornalista, orador, casou-se em 1887 com Antônia Cândida do Amaral Camargo, filha de Antonio Bento de Camargo. Ff.: Antônia, Antônio, Bento, Francisca, Joaquim (v.), Luíza, Maria Emília, Vitaliano Filho. Foi um dos fundadores, com José Gomes Xavier de Assis (v.), do jornal “Gazeta de Piracicaba”, no qual seu nome aparece como redator. A “Gazeta” surgiu em 10.6.1882 e circulou até a década de 30. O primeiro número do jornal mencionava “Assis & Ferraz” como seus proprietários e

a periodicidade era tri-semanal. Destacou-se como orador popular, em ocasiões como a inauguração do abastecimento de água encanada nas casas, e nas festividades da Proclamação da República (1889) (Guerrini, *Jornal de Piracicaba*, 26.4.1981). Em 1891 Ferraz do Amaral obteve do Conselho da Intendência Municipal uma licença para criar uma linha de bondes com tração animal, ligando os bairros piracicabanos “de Rio das Pedras e Serra Negra”, como consta no contrato assinado nessa ocasião. Fez parte do Centro de Lavradores de Piracicaba, sendo signatário de manifesto datado de 1899 (Camargo, 1900). A fonte aqui referida situa-o entre os lavradores que pagavam à Câmara Municipal imposto de café, açúcar e aguardente, por ocasião da passagem do século.

**AMARAL E MELLO, Balduino do** (Séc. 19). Um dos integrantes do grupo de convencionais da vila de Constituição, cinco ao todo, que participaram da célebre “Convenção de Itu” (1873). Essa primeira assembléia republicana do Brasil, realizada na residência de Carlos Vasconcelos de Almeida Prado e presidida por João Tibiriçá Piratininga, contou com a presença de 134 convencionais. Nessa ocasião, ficou estabelecida a fundação do Partido Republicano Paulista. Os demais convencionais piracicabanos foram Claudino de Almeida César (v.), José da Rocha Camargo Mello, Manuel de Moraes Barros (v.) e Prudente de Moraes Barros (v.).

**AMARO E OUTROS INDÍGENAS** (Séc. 18). O primeiro recenseamento piracicabano de que se tem notícia, realizado em 1775, menciona os nomes de onze índios carijós e seus familiares, moradores da povoação: (1) Amaro, viúvo, com 70 anos e com cinco agregados; (2) Antônio Cardoso, 60 anos, que vivia com sua mulher Ana Maria, 40 anos, e seus sete filhos; (3) Antônio de Pontes, 20 anos e sua mulher, Gertrudes, 19 anos, com sete agregados; (4) Antônio Leite [Paes], 50 anos, vivendo com a mulher, Inácia, de 40 anos, e quatro filhos; (5) Josefa Leme, 60 anos,



com cinco filhos; (6) Maria de Souza, 50 anos, duas filhas; (7) Manuel de Pontes, 50 anos, sua mulher Rita, 40 anos, e um filho; (8) Martinho de Pontes, 40 anos, e sua mulher Sebastiana, 42 anos; (9) Pelônia, viúva, 40 anos, com 4 filhos e 5 agregados; (10) Santiago, 40 anos, sua mulher Elena, 25 anos, e 5 filhos; (11) Vitorino, 50 anos, com sua mulher Francisca, 40 anos, e três filhos (Neme, 1974). A fonte aqui citada fornece dados adicionais sobre o montante da produção agrícola desses indígenas, que seriam “índios acabocados”, em termos de alqueires de milho, feijão e arroz e arrobas de algodão. Aparece em todos os casos, no recenseamento, a ressalva “vive a favor”, não lhes sendo, por tanto, assegurada a posse dos lotes em que os carijós moravam e produziam. Além dos carijós, figura na relação do censo de 1775 um único indígena tape, povo da língua tupi: Cristóvão da Cunha, com 40 anos, juntamente com sua mulher Luzia, de 25 anos, e três filhos.

**AMBROTE, Antônio.** N. Itália. F. São Paulo, SP, c. 1936-37. Engenheiro. Responsável pelo projeto da Igreja de São Pedro, em Monte Alegre, construída por Pedro Morganti em sua propriedade, “no mesmo estilo da igreja de São Frediano, de Lucca, Itália” (Carradore, em Elias, 2003). O pintor italiano radicado no Brasil Antônio Volpi (v.) fez as pinturas que adornam a igreja.

**AMÊNDOLA, Antônio** (Séc. 19-20). Comerciante. Foi proprietário de restaurante por volta da passagem do século, à rua 15 de novembro, figurando nessa condição no “Almanak de Piracicaba” de Camargo (1900).

**AMORIM, Armando Penaforte.** N. Lages, SC, 1903. F. São Paulo, SP, 1978. Professor e pastor presbiteriano, c.c. Dalila Amorim, três filhos. Formou-se pelo Seminário Presbiteriano de Campinas. Atuou em São José do Rio Preto e em 1950 mudou-se para Piracicaba, assumindo a direção do internato masculino do

Colégio Piracicabano. Foi igualmente diretor do Colégio e professor de cursos deste até 1965. Atuou como pastor da Igreja Presbiteriana de Piracicaba desde 1953, logo após a sua criação. Dirigiu ainda o Colégio Presbiteriano de Paraguaçu Paulista, SP, e foi pastor em Campinas e Santa Bárbara d'Oeste.

**AMSTALDEN, Antônio** (Séc. 20). Agricultor, morador do bairro Tabela. Entre os Amstalden, destaca-se o piracicabano Júlio Amstalden, formado pela Escola de Música de Piracicaba, discípulo de Ernst Mahle e Elisa Freixo e organista de renome internacional.

**ANA DE JESUS, Madre** (Séc. 20). Foi Superiora do Mosteiro do Imaculado Coração de Maria e do Patrocínio de São José, da Ordem das Carmelitas Descalças, em Piracicaba, fundado em 1951.

**ANASTÁCIO, Benedito José** (Séc. 19-20). Um dos 31 negros piracicabanos que criaram em 1901 a Sociedade Beneficente Antônio Bento, posteriormente (1907) Sociedade Beneficente 13 de Maio. Auxiliados pelo prof. Silvio de Aguiar e Sousa (v.), levaram avante, a partir de uma planta de Archimedes Dutra (v.), a construção da nova sede da Sociedade em 1943, com a ajuda de industriais locais e do interventor federal no Estado, Fernando de Souza Costa (v.) (Elias Netto, 2000). Uma rua no bairro Nossa Senhora de Fátima perpetua seu nome. Alguns autores o mencionam como Benedito Anastácio.

**ANDIA, Luiz e João** (Séc. 20). Usineiros do grupo de piracicabanos que se empenharam na agroindústria açucareira, pertencendo, assim, à liderança formada por Ângelo Filipini e filhos, os Dedini, Ometto, Mazzonetto, Ricciardi, Lázaro Pinto Sampaio e outros (vv.; Aldrovandi, 1991). Luiz, c.c. Iris Altafin Andia, morou no bairro Guamium e foi um dos fundadores da Usina Modelo em 1946. João foi c.c. Maria Lucafó Andia. Faz parte do passado

piracicabano Antônio Andia, n. no séc. 19 e c.c. Francisca Boni. No séc. 20 o empresário Francisco Andia destacou-se como dono de uma rede de cinemas em Piracicaba. Fundou a Águia Filmes e participou da produção do filme “Os Três Garimpeiros” (Rontani Júnior, 2007).

**ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de.** N. Santos, SP, 25.6.1775. F. Santos, SP, 23.2.1844. Político brasileiro, coronel, deputado, ministro da fazenda, cientista e fazendeiro. Irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva e de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva. Comparece pela primeira vez na história de Piracicaba a 9.12.1831, como comprador de “120 braças de testada com fundo até o Ribeirão Piracicamirim, no lugar denominado Barreiro, pelo preço de trinta e dois mil réis”. Essas terras foram adquiridas de Manuel da Cunha e sua mulher, por intermédio de Joaquim Antônio de Arruda, procurador de Martim Francisco, que o representou no ato da compra. Formado em matemática e ciências naturais na Universidade de Coimbra. De volta a São Paulo, assumiu os postos de diretor geral das Minas de Ouro e Ferro da capitania e de sargento-mor das milícias. Tornou-se inspetor das Minas e da Fábrica de Ferro de São João do Ipanema (1801-2). Político de destaque na primeira metade do século 19, foi deputado à Constituinte brasileira, atuando com seu irmão José Bonifácio na preparação da Independência do Brasil. Após ter sido deportado para a Europa (1823), voltou ao país, sendo várias vezes eleito deputado. Empenhou-se na decretação da maioridade de d. Pedro II e foi ministro da fazenda nos dois reinados. Publicou discursos parlamentares, traduções de livros científicos (mineralogia e um tratado sobre o cânhamo) e relatos da série de viagens que realizou na província de São Paulo. Segundo Pandiá Calógeras, foi “o menos falado dos Andradas, talvez a melhor cabeça deles”. Uma avenida do bairro de São Dimas tem seu nome.

**ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de.** N. Santos, SP, 1763. F. Niterói, RJ, 1838. Estadista, cientista, escritor. O Patriarca da Independência foi proprietário de terras e engenho em Piracicaba, no século 19. Um ano após ter sido destituído da tutela do futuro d. Pedro II, preso e processado, mas absolvido por unanimidade pelo júri, fez seu testamento em 1834, no qual declara ser dono, “na dita província (de São Paulo), distrito de Piracicaba”, de “uma parte num engenho de açúcar, com suas terras e benfeitorias, do qual meu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada é diretor e administrador”. Guerrini (1970), que menciona essa declaração, comenta a alusão a Piracicaba, quando a vila era denominada Constituição, uma indicação de que o antigo e popular nome “continuava sempre vivo e ressurgia, mal lhe dessem oportunidade”. Em sua homenagem, chama-se José Bonifácio a praça central de Piracicaba.

**ANDRADE, Afonso Agostinho Gentil de** (Séc. 19). Vereador e tenente. Seu nome está entre os dos signatários de documentos da Câmara Municipal da vila de Constituição em 1841 e 1842-44, grafado ora como “Afonso Agostinho”, ora como “Afonso Augustinho”, e figura na relação dos vereadores ativos em 1861-64. Na relação dos “engenhos de açúcar mais notáveis” de Constituição, preparada pela Câmara em janeiro de 1854, ele é mencionado, da mesma forma que na relação dos eleitores de Constituição incluída no “Almanach” da província de São Paulo de 1858. Em 1869 a Câmara nomeou-o, juntamente com Albano Leite de Castro e José Bento de Matos, para uma comissão encarregada de examinar a alteração do traçado da estrada que “leva ao Jaú, passando por São Pedro”. A Câmara ressalta a confiança neles depositada, “não só pelos seus caracteres, como por serem conhecedores dos terrenos”, e ainda porque Andrade e Matos se interessavam “pela fatura de uma boa estrada para ali, por serem fazendeiros de além de São Pedro”.

**ANDRADE, António Pereira de** (Séc. 19). Segundo o Almanaque do Estado de São Paulo para 1896, foi o diretor do mercado municipal de Piracicaba em fins do século 19.

**ANDRADE, Armando Navarro de. N.** São Paulo, SP, 1877. F. 1926. Médico. Residiu e clinicou em Piracicaba no século passado, na década de vinte. Tinha consultório à rua Boa Morte, na esquina da rua Rangel Pestana, local em que residiu posteriormente o dr. José Colombo Garboggini (v.). Era irmão de um botânico de renome, Edmundo Navarro de Andrade (1881-1941), que introduziu o eucalipto no Brasil e implantou hortos florestais em todo o Estado. Atuou como médico da Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Transferiu-se posteriormente para Pindamonhangaba, onde fez parte do quadro de professores da Escola de Farmácia.

**ANDRADE, Arthur Guerra de** (Séc. 20). Cidadão operoso e benquisto em Piracicaba em meados do século. Um dos sócios fundadores do Rotary Club local, criado em fevereiro de 1941, após reunião preparatória realizada no dia 15, no Teatro São José. A primeira reunião do clube ocorreu no Hotel Central, situado no Largo da Matriz (hoje Praça da Catedral) a 8.3.1941.

**ANDRADE, Benedicto de. N.** São José do Rio Pardo, SP, 10.9.1913. F. Piracicaba, 28.12.1976. C.c. Elmalia Silva de Andrade, ff. Luiza Maria, Neusa Maria, Alita Maria e Benedito Júnior. F. de Cassiano Nogueira dos Santos e Elisa Benedicta de Andrade, filho adotivo do coronel Luiz Thomaz de Andrade e de d. Luiza Maria Ribeiro de Andrade. Professor, escritor, jornalista, orador, vereador. Negro de origens modestas e dotado de inteligência invulgar, formou-se no ginásio estadual “Culto à Ciência” de Campinas por meio de exames parcelados e projetou-se como intelectual e professor de Português, tendo trabalhado na capital paulista, no Rio de Janeiro, em Lins e

em São José do Rio Pardo, antes de assumir por concurso a cadeira de português da Escola Normal Sud Mennucci de Piracicaba em 1950. Foi igualmente professor da Escola de Comércio Cristóvão Colombo. Dominava vários idiomas. Colaborou em periódicos de sua terra natal e foi jornalista do “Correio Popular” de Campinas, tendo contribuído para a imprensa local com artigos, crônicas, poesias e contos. Foi um dos co-autores da “Antologia Piracicabana” organizada em 1960 por Benedito Almeida Júnior (v.). Em sua cidade natal, pertenceu à diretoria da sociedade Frente Negra Brasileira e foi um dos seus fundadores. Foi radialista e diretor artístico da Rádio Difusora. Pertenceu a várias entidades culturais e beneméritas de Piracicaba, tendo sido um dos fundadores do Lions Clube de Piracicaba (1955) e membro da diretoria da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância Maria Guidotti. Candidato a deputado federal em 1958, elegeu-se como suplente. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo concedeu-lhe em 1962 a medalha e comenda Imperatriz Leopoldina. Vereador de 1970 a 1972, exerceu o cargo de vice-presidente da Câmara local. Recebeu o título de Cidadão Piracicabano, como expressão do reconhecimento pelos serviços que prestou à coletividade e à educação locais. Seu sepultamento deu-se em sua cidade natal, São José do Rio Pardo (Galdino, 1994). Seu nome designa uma avenida da Unileste, junto à rodovia Luiz de Queiroz.

**ANDRADE, Benedito Rodrigues de** (Séc. 20). Cirurgião-dentista, seu nome aparece na relação dos profissionais ativos na cidade que figura no “Livro dos municípios do Estado de São Paulo” de 1951. Tinha consultório à rua do Rosário, 253.

**ANDRADE, Cândido José** (Séc. 19). Lavrador. Participou, com procurações de outros nove lavradores de Piracicaba, da reunião realizada na Capital paulista a 15.12.1887 que originou a

Associação Liber-tadora, entidade surgida para viabilizar a libertação dos escravos existentes no país. A associação pretendia obter a total libertação dos escravos até 1890, promovendo a mudança do regime de trabalho agrícola nas fazendas, com aproveitamento dos libertos e impedindo a desorganização da lavoura (Elias Netto, 2003). Da reunião participaram igualmente Luiz Antônio de Souza Queiroz, Nicolau de Souza e João Francisco de Paula Sousa.

**ANDRADE, Erasto Castanho de** (Séc. 20). Foi secretário da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de 1941 a 1951. Filho de José Miguel de Andrade (v.).

**ANDRADE, Francisco Rodrigues de.** Fins do séc. 18. Em 1797, Rodrigues de Andrade e outros ganharam carta de sesmaria sobre três léguas de Piracicaba, “começando légua e meia um pouco abaixo de Jacariquera e rumo do Nordeste e outra légua e meia com rumo do Norte”.

**ANDRADE, Jacques de** (Séc. 20). Citado em 1941 entre os “representantes máximos do E. C. XV de Novembro”, juntamente com Armando Bellato e Enéas Lemaire de Moraes (v.), por ocasião da inauguração da iluminação do campo do clube (Guidotti, 2002). Uma rua tem seu nome, no Jardim Augusta, perto da Fepasa.

**ANDRADE, J. B.** (Séc. 20). Empresário. Proprietário da Empresa Cinematográfica J. B. Andrade, que manteve em Piracicaba os cinemas Broadway e São José, administrados pelos senhores Saconi e Max. Este último, exímio letrista, incumbia-se da preparação dos cartazes e dos letreiros de publicidade em espelhos, nos dois cinemas.

**ANDRADE, Jeremias Ferraz de** (Séc. 19). Fazendeiro e vereador na Câmara Municipal de

Constituição, segundo o “Almanak da Província de São Paulo para 1873”. É mencionado em deliberações da Câmara (17.2 e 11.4.1870) para a abertura de picada destinada a melhorar a estrada de Constituição a Rio Claro. Foi vereador de 1873 a 1876.

**ANDRADE, José Miguel de** (Séc. 19). Industrial. C.c. Castorina Castanho de Andrade, ff. Thales, Erasto, Lúcia, Cacilda, Deodato, Violeta e Milton. Proprietário da fábrica de licores e vinagres, posteriormente Fábrica de Bebidas Andrade, fundada em 1890, assim como de uma torrefação de café, com sede no largo Municipal (depois praça Tibiriçá), desde fins do século 19 ou antes. Passou a produzir em Piracicaba, a partir de 1898, o refrigerante Gengi-Birra, que existia desde 1870 na capital paulista. Mais ou menos à mesma época, lançou outro refrigerante, a Cotubaína. Foi um dos irmãos da loja maçônica Piracicaba, admitidos após a reativação desta, em 1894, tendo participado da sua diretoria, por volta da passagem do século. Em 1892 presidiu um Gabinete de Leitura, inaugurado em fins de fevereiro desse ano e criado por um grupo de moços, que funcionou em sua residência, a rua Prudente de Moraes. O gabinete foi a segunda biblioteca pública da cidade. Pai do escritor e educador Thales Castanho de Andrade (v.). A Fábrica de Bebidas Andrade passou, posteriormente, em meados do século 20, a ser propriedade de Altafin, Tacla & Cia. Ltda.

**ANDRADE, Maria Antonieta D’Alckmin de.** N. Piracicaba, 1.6.1919. F. Rio de Janeiro, 1969. Escritora, autora de contos e peças teatrais. Após os primeiros estudos em Piracicaba, mudou-se para São Paulo, tendo completado em 1943, na Capital, seus estudos secundários. Ingressou na Escola de Sociologia e Política, mas abandonou os estudos para se casar com o escritor Oswald de Andrade. Cometeu suicídio na então Capital Federal, onde residia, aos 50 anos de idade. Há uma escola municipal com

seu nome, na Vila Olímpia, à rua Casa do Ator, em São Paulo.

**ANDRADE, Pedro Ferraz de** (Séc. 19-20). É um dos piracicabanos mencionados em lista de Camargo (1900), dos capitalistas que pagavam impostos no município.

**ANDRADE, Querubim [Cherubim] Ferraz de** (Séc. 19). Advogado, promotor público, n. Fazenda Água Branca, em Tanquinho. C.c. Maria Emília Pinto Ferraz, filha de Ricardo Pinto de Almeida e Emília Augusta Pinto César. F. de Teodoro Ferraz de Andrade (v.). Fez seus estudos preparatórios no Colégio São Luiz de Itu e formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Atuou como promotor público em Pirassununga, Rio Claro e Piracicaba, abandonando espontaneamente a promotoria para exercer a advocacia. “Tornou-se o advogado dos pobres” em Piracicaba, segundo uma sua biografia. Deu grande impulso à obra vicentina, fundando Conferências e promovendo a construção de casas para desabrigados. Foi secretário da Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz (futura ESALQ) de 1913 a 1923.

**ANDRADE, S. B.** (Séc. 19). Editor do periódico “Piracicaba”, o primeiro jornal publicado na cidade. Com redação confiada a Brasília Machado (v. Brasília Augusto Machado de Oliveira), circulou às quartas-feiras e aos sábados. Seu primeiro número apareceu em 4.7.1874. Apresentava-se com “jornal imparcial, comercial e agrícola” e mencionava como proprietários “Andrade, Coelho & Cia”.

**ANDRADE, Teodoro Ferraz de.** F. Piracicaba, 21.4.1894. C.c. Gertrudes Ferraz de Barros César. Ff.: Joaquim Teodoro, Maria Eufrosina, Francisco, José Teodoro, Amélia Leopoldina, Abílio, Antônio, Querubim, Laurinda e Eulália, todos nascidos na fazenda Água Branca

(Tanquinho). Residiu em Rio Claro, onde foi proprietário da fazenda Santa Rosa. Após casar-se, administrou a fazenda São Pedro, de Estevam Ribeiro de Rezende (1777-1856) (v.), Marquês de Valença e pai do Barão de Rezende, figura de relevo na história de Piracicaba. Comprou depois em Tanquinho a fazenda Água Branca, onde passou a cultivar cana de açúcar em larga escala. Tornou-se proprietário de terras à margem esquerda do rio Piracicaba, formando uma chácara no local em que passou depois a funcionar o Asilo de Velhice. Construiu para moradia familiar uma bela casa na esquina da rua São José com a rua Boa Morte (atualmente praça José Bonifácio), tida como uma das mais confortáveis residências da cidade de então.

**ANDRADE, Thales Castanho de.** N. Piracicaba, 15.9.1890. F. São Paulo, SP, 2.10.1977. Escritor, professor. C.c. Maria Garcia de Toledo. F. de José Miguel de Andrade (v.) e Castorina Castanho de Andrade. Começou a trabalhar como tipógrafo, ainda menor, na “Gazeta de Piracicaba”, mas deixou o emprego para se dedicar à fábrica de bebidas e torrefação de seu pai, atuando como vendedor-viajante. Após estudar no “Kindergarten” do Colégio Piracicabano e no curso primário do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, diplomou-se pela Escola Complementar (posteriormente, Escola Normal Sud Mennucci). Ingressou no magistério em Jaú, numa escola isolada rural, lecionou a seguir em Porto Ferreira e tornou-se docente da escola modelo anexa à Escola Normal de Piracicaba. Nesta última lecionou diversas disciplinas. Foi inspetor técnico do ensino rural, diretor geral do Departamento de Educação e Secretário da Educação do Estado de São Paulo. Atuou por pouco tempo na política, junto à Câmara Municipal de Piracicaba, completando o tempo de um vereador renunciante (1924), e participou da Revolução Constitucionalista de 1932. Adquiriu um sítio a duas léguas de vila Rezende, no bairro de Recanto, montando neste um engenho

de aguardente, olaria e moinho de fubá, plantando café e criando porcos. Promoveu a “Guerra Alfabetizadora”, movimento de grande porte, precursor das campanhas nacionais de alfabetização de adultos. Presidiu o E. C. XV de Novembro de Piracicaba e o Centro do Professorado Piracicabano e foi sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Recebeu da Câmara Municipal da Capital paulista o título de Cidadão Paulistano. Escritor renomado, autor de várias obras didáticas destinadas ao ensino elementar, projetou-se no âmbito da educação graças notadamente ao livro “Saudade”, publicado e exaltado por Monteiro Lobato, com mais de duas dezenas de edições. Impôs-se igualmente como autor de livros destinados às crianças e romances juvenis, desde 1918, quando lançou o livro “A Filha da Floresta”, ilustrado por Alípio Dutra, ponto de partida da coleção “Encanto e Verdade”, editada pela Companhia Melhoramentos, em 26 volumes. Teve ao todo 47 livros publicados entre 1919 e os anos setenta. Em 1927 organizou e editou o livro “Histórias e história”, composto de contos pelos alunos da Escola Normal de Piracicaba na década de vinte. Em 1967 as Edições Melhoramentos publicaram o livro “Encanto e Verdade”, contendo quatro histórias de Thales. Faleceu num modesto quarto de pensão na capital paulista e foi sepultado no Cemitério da Saudade, em Piracicaba. Homenageado com um busto em bronze solenemente inaugurado junto ao G. E. Moraes Barros, em 1985 este foi destruído por vândalos e vendido como sucata aos pedaços no comércio local. Thales Castanho de Andrade dá nome a uma avenida local no Jardim das Flores, nas proximidades do Jardim Monte Líbano. A biblioteca infantil municipal ganhou seu nome à rua do Rosário nº 833 e um novo busto de Thales de Andrade, confeccionado por Jairo Ribeiro de Mattos, foi inaugurado em frente à Escola Estadual Moraes Barros em 2004. Em 1999 foi criada em Piracicaba a Associação de Amigos de Thales Castanho de Andrade, tendo

Benedita Ivete Brandini de Negreiros como primeira presidente.

**ANGELI, Jorge Antônio** (Séc. 20). Vereador e professor, f. em acidente a 16.2.1975. Fez parte da Câmara Municipal de Piracicaba nos anos 60. Candidatou-se pelo MDB na eleição de 1972 para prefeito, em que foi vencedor Adilson Benedito Maluf, eleito pelo mesmo MDB que teve três candidatos nessa ocasião: Angeli, Maluf e Bento Dias Gonzaga. “Filho de numerosa e estimada família de imigrantes italianos”, destacou-se na política local pela sua popularidade (Elias Netto, 1992). Uma rua no bairro Nova Piracicaba tem seu nome.

**ANGÉLICO, Isidoro** (Séc. 20). Figura no almanaque “Piracicaba” de 1914 como proprietário da Padaria União, “movida a eletricidade”. A casa situava-se na esquina da rua Boa Morte, nº 28 e oferecia pães e guloseimas “alemães e italianos”.

**ANGELIS, Felipe** (Séc. 19-20). Professor, escritor, jornalista. Editou em 1906 um jornal em língua italiana em Piracicaba, denominado “Il Popolo”. Melo Moraes (em Krähenbühl, 1955) a ele se refere como um dos professores do Grupo Escolar de Piracicaba, posteriormente G. E. Barão do Rio Branco. Fez parte da loja Maçônica Piracicaba, tendo sido admitido após a reativação desta, em fins do século 19. Seu nome figura igualmente no “Livro de protocolo de associados da Società Italiana di Mutuo Soccorso” em 1902 (Alleoni, 2003). Membro ativo e influente da comunidade italiana local em fins do século 19, presidiu o “Circolo Meridional XX de Setembro”, sociedade fundada em 1898, que funcionava junto ao Hotel do Lago, no largo do Teatro, com fins beneficentes e educativos. Era poeta talentoso. Um poema de sua autoria, “A dor”, figura no *Almanaque de Piracicaba* editado por Camargo em 1900 (p. 149). Foi também professor de curso primário noturno

para adultos que funcionou em Piracicaba em fins do século 19, com a colaboração da municipalidade e do Estado.

**ANTÔNIO, Elias** (Séc. 20). Comerciante, dono da loja Porta Larga, por volta dos anos vinte. Presidiu a Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa de Piracicaba em oito gestões, de 1954 a 1972 (Salum, 2002). Foi seu segundo secretário, na diretoria do Jubileu de Ouro, em 1952. Além de Elias Antônio, a fonte citada alude, no seu “In Memoriam”, a Issa Antônio (v.). João Antônio e Jorge Antônio (Gito).

**ANTÔNIO, Issa** (Séc. 20). Comerciante, estabelecido à av. Rui Barbosa, n<sup>os</sup> 29-33, na esquina da av. Saldanha Marinho, com loja dedicada ao comércio de tecidos, armarinhos etc. Fez parte da diretoria da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa local, tendo sido diretor da biblioteca por ocasião do Jubileu de Diamante da Sociedade, festejado em 1977 (Salum, 2002). O Jardim Santa Rita tem uma rua denominada Issa Elias Antônio, mas no livro de Salum a relação “In Memoriam” menciona duas pessoas distintas: Issa Antônio e Elias Antônio.

**ANTÔNIO, Jamil (Bita)**. Esportista, n.1927 e f. Piracicaba, 24.5.2004. Destacou-se como goleiro do E. C. XV de Novembro e árbitro da Liga Piracicabana de Futebol. C.c. Clementina Maria Mendes Antônio. Ff.: Jorge Mauro, Ronaldo Sérgio, Rosimeire, Renata, Graziela, Andréia Cristina, Érica Fernanda. Era filho de João Antônio e Afif Sarchis Antônio.

**ANTÔNIO, José Dumit** (Séc. 20). Foi comissário de menores em Piracicaba, nos anos 50.

**ANTÔNIO CHINÊS** (Séc. 20). Pintor, desenhista. Mello (1999) menciona-o entre os artistas plásticos de Piracicaba, louvando-se em informação não publicada de Chiarini. Foi empregado da selaria de João Eudóxico da Silva, posteriormente Selaria Baldo, à rua Governador

Pedro de Toledo, na esquina da rua D. Pedro I. Pertenceu, segundo a fonte citada, “ao grupo de Pacheco Ferraz, Pádua Dutra, Malpaga Franco e outros. Morreu muito cedo”.

**ANTUNES, Augusto (Mimi)** (Séc. 20). Mencionado por Moura (1996) como um dos músicos que se apresentavam nas orquestras dos cines Iris e Politeama, por volta de 1908, com o maestro Perfetti (v.) e ao lado de Erotides de Campos, Melita Brasileira, Carlos Brasileira, Osório de Sousa, Aguiarzinho (José de Aguiar) e outros musicistas da Piracicaba de outrora (vv.). Moura cita o mesmo músico como um dos integrantes da orquestra do maestro Celestino Guerra (v.), que se apresentou na festa de formatura dos professores de 1913 da Escola Normal e que igualmente contou com a participação de Erotides de Campos.

**ANTUNES, David**. Bancário, escritor. Pseudônimo: Iago Joé. N. Santa Branca, SP, 4.12.1891, f. Campinas, SP, 19.11.1969. C. c. Ida (Tita) de Moraes Barros Antunes, piracicabana de nascimento e sobrinha de Prudente de Moraes. Quando pequeno, residiu com a família em Jaú, onde posteriormente trabalhou como comerciário. Em 1914-15 estudou na Academia de Comércio de Juiz de Fora, MG. Mudou-se mais tarde para o Rio de Janeiro, tendo sido auxiliar de obras do porto da capital federal. Em 1916 ingressou, por concurso, no Banco do Brasil, fazendo carreira. Com a criação da agência do Banco do Brasil em Piracicaba, passou a atuar nesta no posto de primeiro contador. Ocupou a gerência de agências do Banco em várias cidades, como Campinas, Pirassununga e Piracicaba, aposentando-se em 1947 como inspetor de bancos. Aqui residiu de 1947 a 1958. Com a morte da esposa, transferiu residência para Campinas, sem, no entanto, perder contato com Piracicaba, sua terra de adoção, onde teve inúmeros amigos. Foi secretário do 1<sup>o</sup> Salão de Belas Artes de Piracicaba em 1953 e presidiu o 3<sup>o</sup> Salão, em 1955. Sua estréia literária deu-se

em 1920 com a novela “Gente Moça”, escrita no Rio Grande do Sul e publicada anos depois na revista paulistana “Feira Literária”. Em 1924 teve um conto, “A mais bela”, saído na conceituada “Revista do Brasil”, dirigida por Monteiro Lobato e Paulo Prado, em cujo final escreveu: “Piracicaba, 16.10.1923”. Seu primeiro romance, “Bagunça”, surgiu em 1932 e teve quatro edições. Vieram depois os romances “Incenso e Pólvora” (1937), que tem por fundo a Revolução Constitucionalista de 1932, “Caminhos Perdidos” (1940), “Briguela” (1945), “Lagoa Verde” (1947), “Obsessão” (1956) e “O Pastor e as Cabras” (1968); o ensaio “A Face Trágica da Arte” (1952) e a novela histórica “Piracicaba”, editada em 1956, cuja trama se passa em fins do século dezenove. Contribuiu, além disso, com freqüentes colaborações em jornais e revistas do país. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Campinense de Letras. Piracicaba homenageou-o em 1961 com a inauguração do seu retrato, na abertura do 9º Salão de Belas Artes, e com o título de Cidadão Piracicabano, que lhe foi concedido em 1965. Uma rua na Vila Monteiro, do Cemitério da Saudade, tem seu nome.

**ANTUNES, Francisco Pires e outros** (Séc. 18). Pertence ao grupo dos mais antigos moradores de Piracicaba. Seu nome consta na lista dos habitantes locais em 1775, feita um ano após a elevação de Piracicaba a freguesia (Neme, 1974). A lista registra que Antunes nessa ocasião contava com 60 anos, tendo, pois, nascido em 1715. Era casado com Bernarda Garcia, vinte anos mais moça. O casal tinha nove filhos, o mais velho, Antônio, com 23 anos, e a mais nova, Bernarda, com um ano. Ele era filho de João Pires Antunes e Rosa Paes. Ela, de Anselmo Fernandes e Ana Garcia. Registros posteriores mencionam Bernarda Garcia como viúva em 1783, com cinco filhos em casa. Duas filhas do casal se casariam em 1792: Ana Antonia, com Manoel da Silva, natural de Meia Ponte,

GO, e Joana Perpétua, com Luís Gonçalves de Anhaia. Mário Neme acrescenta que Antunes e sua esposa deveriam estar em Piracicaba desde antes de 1775 e que ele não requereu sesmaria. Outros nomes de moradores registrados no recenseamento de 1775, com as respectivas esposas: (2) Cap. Antônio Correia Barbosa (v.), 40 anos, e Ana de Lara, 28 anos, mais 4 filhos, 12 agregados e 6 escravos; (3) José de Coadros Bicudo, 50 anos, solteiro; (4) Vicente Coelho, 26 anos, mulher Ângela Joaquina, 23 anos, uma filha e um escravo; (5) José Flores, 33 anos, mulher Isabel Barbosa, 3 filhos, 2 agregados e 2 escravos; (6) Bernardo Garcia, 40 anos, mulher Joana Vieira, 30 anos, 3 filhos; (7) Bento Gonçalves, 27 anos, mulher Luzia Freire, 20 anos, 4 filhos e 3 agregados; (8) Domingos Gonçalves, 70 anos, mulher Maria Domingues, 60 anos, 2 agregados; (9) Domingos Gonçalves, 20 anos, mulher Isabel Vieira, 19 anos; (10) Gaspar Gonçalves, 50 anos, mulher Isabel Leme, 40 anos, 4 filhos; (11) Vicente Gonçalves, 30 anos, mulher Maria Pedrosa, 20 anos, 1 filho, 1 agregado; (12) Francisco de Lima, 40 anos, mulher Francisca Dias, 30 anos, 1 filho; (13) Manuel Luís, 40 anos, Inês Garcia, mulher 30 anos, 6 filhos; (14) João Vieira Machado, viúvo, 70 anos, 3 filhos; (15) João Mendes, 30 anos, mulher Escolástica Vieira, 20 anos, 2 filhos; (16) Estêvão Paes [Fernandes], 40 anos, mulher Joana Garcia, 6 filhos e 1 agregado; (17) Francisco Pinheiro, 40 anos, mulher Gertrudes Maria, 22 anos; (18) João Luís do Prado, 50 anos, mulher Maria Correia, 40 anos, 5 filhos; (19) Francisco Rodrigues, 50 anos, mulher Rita Gonçalves, 10 filhos e 1 agregado; (20) João Vieira dos Santos, 25 anos, mulher Maria Garcia, 20 anos; (21) Antonio Coelho da Silva, 35 anos, mulher Úrsula Joana, 22 anos, 1 filho, 1 escravo. Mário Neme levantou dados a respeito de cada um desses vinte e um moradores pioneiros de Piracicaba, acrescentando à relação aqui referida uma dúzia de indígenas, quase todos carijós (v. Amaro e outros indígenas) e seis mulatos (v. Costa, Manoel da, e outros mulatos).



**APPOLINO, Francisco Adolfo** (Séc. 19). Figura como proprietário de uma olaria na cidade de Constituição em 1873, de acordo com o “Almanak da Província”, editado por Luné e Fonseca nesse mesmo ano.

**ARANHA, Antônio Alves.** N. Campinas, SP, 17.6.1854. F. São Paulo, 1923. C.c. Escolástica do Couto Aranha. Professor e primeiro diretor da Escola Complementar de Piracicaba (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci), desde a instalação desta, (10.4.1897 a 29.11.1902). A escola situava-se à rua do Rosário, no local em que funcionou posteriormente a Escola Industrial, em prédio antes pertencente à Sociedade Propagadora de Instrução. Escolástica, sua esposa, foi a primeira presidenta da Sociedade Operária Leigas do Bem, criada a 21.8.1897 junto à loja maçônica Piracicaba (Veiga, 1975). Presidiu a formatura da primeira turma de professores da cidade, juntamente com o dr. Rafael Marques Cantinho (v.), o juiz de direito da Comarca. Melo Moraes (em Krähenbühl, 1955) refere-se ao prof. Aranha nos seguintes termos: “Alto, magro e principalmente íntegro... Jamais curvou a espinha dorsal. Cumpria a lei, acontecesse-lhe o que acontecesse”. Aranha foi igualmente o primeiro diretor da Escola Complementar de Campinas, que começou a funcionar em fevereiro de 1903. A inauguração desta ocorreu em 13.3.1903 e sua primeira turma de professorandos formou-se 1906. Seu antigo prédio situava-se na esquina das ruas Francisco Glicério e 13 de Maio e foi posteriormente demolido. Mais tarde a escola transformou-se em Instituto de Educação Carlos Gomes e por fim em Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Carlos Gomes (C. S. Farjallat, *Jornal dos Professores*, maio de 1993). A esposa, Escolástica, tem rua com seu nome, situada no Jardim Nova Suíça.

**ARANHA, João [de Souza]** (Séc. 19-20). Jornalista. Foi diretor do “Jornal de Piracicaba”

durante alguns meses, a partir de janeiro de 1901, ao tempo em que o periódico teve João Pedro de Meira (v.) como gerente. Há uma rua denominada João de Souza Aranha, no bairro de Santa Rita das Garças, junto à avenida Taubaté.

**ARANHA, Rodrigo Dias Ferraz** (Séc. 19). Uma deliberação da Câmara Municipal, datada de 11.4.1870, nomeou-o inspetor das obras do “caminho de Mont’Alegre ao Alferes José Caetano” (isto é, à propriedade deste último).

**ARANHA, Xisto de Quadros** (Séc. 19). Um dos três vereadores eleitos em 10 de agosto de 1822, na primeira eleição ocorrida em Piracicaba, quando a Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba, subordinada a Itu e Porto Feliz, foi elevada à condição de vila, passando a denominar-se Vila Nova da Constituição. Juntamente com Aranha, foram eleitos vereadores Garcia Rodrigues Bueno e o alferes Miguel Antônio Gonçalves. A Câmara, eleita para um mandato de um ano, tinha poderes tanto legislativos como executivos. Na mesma ocasião foram eleitos os capitães João José da Silva (v.) e Domingos Soares de Barros Ferraz, como ordinários, o primeiro para presidente da Câmara; Pedro Leme de Oliveira, como procurador; Manuel de Barros Ferraz (v.), como juiz de órfãos; e João José da Silva (v.), para o cobiçado cargo de capitão-mor das ordenanças da Vila. Para o mesmo posto foram eleitos, em segundo e terceiro lugar, respectivamente, Domingos Soares de Barros (v.) e o tenente João Leme de Cerqueira (Guerrini, 1970). A fonte aqui mencionada esclarece que as ordenanças na verdade constituíam o próprio Exército brasileiro e que serviam homens de 18 a 60 anos de idade. Existiam em cada cidade ou vila, sendo compostas de 250 homens, chefiados pelo capitão-mor. Em 1823 Aranha passou a ocupar o cargo de tesoureiro dos bens dos órfãos da comunidade. Seu nome figura, juntamente com os de “Franco, Carvalho e Gorgel”, em

documento da Câmara de Constituição datado de 1828. Aranha foi um dos signatários da demarcação do rossio – perímetro urbano – de Constituição, logo após sua elevação a vila (município), a 13.8.1822. Uma rua do Jardim Elite, junto às avenidas Piracicamirim e Prof. Alberto Vollet Sachs, recebeu seu nome.

**ARANTES, Augusta** (Séc. 20). O almanaque “Piracicaba” de 1914 inclui anúncio da Livraria Augusta, de propriedade de Augusta Arantes, com livraria, papelaria, tipografia e seção de armarinhos. Além disso, dedicava-se ao comércio ligado à música, oferecendo gramofones e discos Victor, papel de música e cordas para instrumentos musicais, assim como à venda de “óculos e pince-nez”.

**ARANTES, Mário** (Séc. 19). Proprietário, por algum tempo, do jornal “Gazeta de Piracicaba”, a partir de 21.6.1891. Ao que tudo indica, é o mesmo “professor Arantes” mencionado pela imprensa local em 1892 como um dos mestres de ensino elementar que mantinham salas de aula em Piracicaba. As aulas do prof. Arantes tinham lugar em casa da rua da Palma (atual rua Tiradentes). Os demais professores e os locais em que davam aulas naquela ocasião eram Augusto C.A. Castanho (v.) e Francisca, à rua Direita (a Moraes Barros de hoje), no Bairro Alto; Augusto Saes Cotrim e Fausta Pompe, à rua Prudente de Moraes; Hermínia, à rua Quinze de Novembro; Sardenberg (v.), à rua Rangel Pestana; e Zulmira, no largo da antiga cadeia, onde posteriormente foi construído o G. E. Moraes Barros. Outro registro em jornal menciona o prof. José Azurara, responsável por um “colégio d’instrução primária e secundária para meninos”, em funcionamento desde agosto de 1891. A propósito de uma inspeção realizada em agosto de 1888 pelo Conselho Municipal de Instrução e noticiada pela “Gazeta de Piracicaba” verifica-se que naquela época a cidade contava com escolas (classes) regidas pelos professores Castanho, Cotrim,

Fausta Pompe, Tereza Cristina e Sardenberg, e com um colégio: o Colégio Santo Antônio, provavelmente as mesmas “escolas públicas” dadas como existentes na cidade em 1882, segundo a “Gazeta de Piracicaba” desse ano (v. BARROS, Eulália Pinto de).

**ARAÚJO, Alceu Maynard**. N. Piracicaba, 21.12.1913. F. São Paulo, 23.2.1974. C.c. Cecília Macedo de Araújo, ff. Marcos, Susana. Folclorista, professor, historiador, poeta, escritor. Filho de Mário Araújo e Altina Maynard Araújo, nasceu na farmácia Araújo, de propriedade de Araújo e Beker, à rua Gov. Pedro de Toledo, então rua do Comércio. Usava o pseudônimo Almayara. Estudante normalista em Piracicaba e Botucatu, formou-se professor em 1930, em ciências políticas e sociais (1944) pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e em direito pela Faculdade de Direito da USP. Atuou de 1937 a 1946 na Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo. Foi o terceiro ocupante da cadeira nº 30 da Academia Paulista de Letras. Foi técnico de administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da USP desde 1946, tendo trabalhado como professor assistente do sociólogo Emílio Willems. Exerceu o magistério como professor de educação física de vários ginásios paulistanos (Ipiranga, Mackenzie, Batista Brasileiro) e lecionou na Universidade Mackenzie. Chefiou a equipe de pesquisas folclóricas do Departamento Estadual de Informação de São Paulo e atuou como técnico administrativo do setor de pesquisas sociais do Instituto de Administração da USP. Pertenceu à Academia Paulista de Letras, ao Centro de Folclore de Piracicaba, à Sociedade Geográfica Brasileira e ao Instituto Nacional do Negro. Deixou numerosos livros e estudos: “Chuvisco de Prata”, 1931, poesia; “Caminho, Apenas”, poesia, 1939; “Cururu”, 1948; “Danças e Ritos Populares de Taubaté”, 1948; “Folias de Reis

de Cunha”, 1949; “Documentário Folclórico Paulista”, 1952; “Rondas Infantis de Cananéia”, 1952; “Estórias e Lendas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina” (em col. com Vasco José Tabora); “Literatura de Cordel”, 1955; “A festa do Divino em Piracicaba”, 1955; “Canta, Brasil”, 1957; “Folclore do Mar”, 1958; “Poranduba Paulista”, 1958; “Chefes do Governo Paulista”, 1960; “Medicina Rústica” (col. Brasileira, vol. 300), 1961; “Populações Ribeirinhas do Baixo São Francisco”, 1961; “Folclore Nacional”, 3 vol., 1964; “Cultura Popular Brasileira”, 1971; “Pentatêuco Nordestino”, 1972; “Brasil, História, Costumes e Lendas”, 1973; “Áreas Culturais”, 1973. Uma rua da Nova Piracicaba tem seu nome.

**ARAÚJO, Eliseo Pompeu** (Séc. 20). Cirurgião dentista. Tinha gabinete dentário à rua Tiradentes, 805, em meados do século passado.

**ARAÚJO, Joaquim Xavier** (Séc. 19). Em registro existente na Câmara Municipal, cit. por Guerrini (1970), aparece como o novo proprietário da “antiga Farmácia Piracicabana”, que adquiriu de seu sogro, por volta de outubro de 1881. Nessa ocasião, segundo a mesma fonte, Piracicaba contava com quatro farmácias.

**ARAÚJO, Luiz** (Séc. 20). Foi presidente da Sociedade Beneficente Antônio Bento local, criada a 13.5.1901, eleito em reunião de que participaram 31 negros piracicabanos, na casa de um destes, Zacharias David, à rua Benjamin Constant, então rua da Glória. Em 1907, a entidade converteu-se em Sociedade Beneficente 13 de Maio.

**ARAÚJO, Manuel Antônio** (Séc. 18). Foi-lhe concedida em 1781 carta de sesmaria, relativa a légua e meia “de terras em quadra entre os matos que acompanham o rio Piracicaba e os morros de Araraquara” (Guerrini, 1970).

**ARAÚJO, Manoel Carlos Muller de.** F. 5.7.1989. Cirurgião-dentista, professor universitário. Dirigiu a Faculdade de Odontologia de Piracicaba, como substituto do prof. Carlos Henrique Robertson Liberalli (v.).

**ARAÚJO, Paulo José de.** N. Tietê, 20.12.1911. F. 13.3.1954. Médico. C.c. Maria Aparecida Schiller Moura de Araújo. Ff.: Paulo José Filho e Corina Maria. Estudou em Tietê, SP, e no Grupo Escolar Moraes Barros. cursou o ginásio do Colégio Diocesano de Campinas, SP, e diplomou-se em medicina no Rio de Janeiro. Em Piracicaba desde 1937, teve consultório à rua Boa Morte, 23, dedicando-se à clínica médica, partos e operações. Foi médico da Santa Casa. Transferiu-se em 1939 para Lins, SP, atuando como diretor clínico da Santa Casa e em consultório particular.

**ARAÚJO FILHO, Galaor.** N. 1924. F. Piracicaba, 21.10.1991. Médico. C.c. Maria Luiza de Araújo. Ff.: Adriana, Cássia. Primeiro médico anestesista da Santa Casa local, chefiou o serviço de anestesiologia e oxigenoterapia desta. Foi seu diretor clínico e presidiu a regional da Associação Paulista de Medicina (1965-66), que lhe deu o diploma de Honra ao Mérito (1978). Manteve consultório à rua Voluntários de Piracicaba, nº 684.

**ARBEX, Tufic Alexandre.** N. Yabrud, Síria, 14.10.1904. F. Piracicaba, 7.8.1986. C.c. Amélia Nagib. Ff. Samir, Michel. Comerciante, proprietário, desde 1952, da loja de tecidos Guarani, à rua Gov. Pedro de Toledo, 1050, posteriormente Casa São Paulo. Veio ao Brasil em 1922 e trabalhou inicialmente em Barra Mansa, RJ, como mascate. Transferiu-se para Marília, SP, onde teve loja de tecidos a partir de 1932. De 1949 a 1952 residiu na Capital do Estado, fixando-se permanentemente em Piracicaba em 1952. Presidiu a Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa de Piracicaba em 1974 e 1976 e foi seu vice-presidente na diretoria

do Jubileu de Ouro da entidade, em 1977. Naturalizou-se brasileiro em 1984. Uma rua do Jardim Santa Isabel tem seu nome. Salum (2002), no seu “in memoriam” da Sociedade Sírio-Libanesa local, refere-se igualmente a Chafic Arbex e Nelson Arbex.

**ARIÉ, Jacques** (Séc. 19-20). Professor e pesquisador universitário. Fez parte do corpo docente da ESALQ, então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, como professor de Química Agrícola e Tecnologia. Pressupõe-se que seja europeu de nascimento, que teria ocorrido por volta de 1870 ou antes, pois em 1909 integrava o quadro de professores da escola, quando iniciou suas experiências de vinificação com a uva Isabela, em viveiro com cerca de dez mil pés, valendo-se de equipamento francês (Ferraz, 1912). O livro “ESALQ-75”, organizado por Lordello e outros (1976), registra a sua atuação como docente de 1913 a 1916.

**ARRÁBE, Darviche Simão e Gabriel Simão** (Séc. 20). Ambos figuram em 1902 no quadro de fundadores da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa de Piracicaba, organizado por Salum (2002).

**ARRUDA, Antônio Bonifácio de.** N. em Piracicaba, 5.6.1861. F. São Paulo, SP, 3.7.1945. C.c. Regina de Oliveira, ff.: Marieta, Artur, Sílvia, Maria Nazaré, Orlando, Breno, Ciro, Guiomar. Contabilista e matemático, foi aluno do prof. José Romão Leite Prestes (v.) e estudou direito, sem, no entanto, concluir o curso. Dedicou-se à contabilidade e à matemática. “Matemático competentíssimo, foi mestre dessa ciência” (Arruda, 1952).

**ARRUDA, Antônio Ferraz de.** N. ? F. Piracicaba, 9.5.1859. Tenente da 1ª Companhia do Batalhão da Guarda Nacional da Infantaria da Vila de Constituição, vereador (1845-48), engenheiro e fazendeiro, apontado pelos estudiosos como chefe patriarcal de família

numerosa e como um dos desbravadores de terras na região piracicabana. Após comprar por um conto de réis, dos Teixeiras, a sesmaria do Milhã, em Saltinho, no eixo Piracicaba-Tietê e desmembrada da sesmaria do Congonhal, com 1.500 alqueires, reduzidos em 1908 a 1.200 alqueires, fez nela uma fazenda que ganhou notoriedade em todo o Estado. A Câmara Municipal referiu-se a ele como “amigo da ordem e da monarquia constitucional” em 1846, ao propor seu nome para capitão da 3ª Companhia do Batalhão da Guarda Nacional da Infantaria de Constituição. Um dos donos de “engenhos de açúcar mais notáveis” de Constituição em 1857. Pai de Fernando Ferraz de Arruda (v). No Parque 1º de Maio há uma rua com seu nome.

**ARRUDA, Bento de.** N. Piracicaba, 20.9.1868. F. São Paulo, SP, 24.11.1938. Advogado, tabelião, escritor, jornalista. Fez seus estudos secundários no Liceu Francês. Colaborou no jornal “Comércio de São Paulo”, quando Amadeu Amaral era redator-chefe, na “Revista do Brasil”, no “Correio de São Carlos” e na revista “Chácaras e Quintais”. Advogado provisionado e tabelião em várias cidades do interior paulista, dedicou-se ao cultivo de plantas raras e à caça, sendo de sua autoria os livros “Por campos e vales” (São Paulo, ed. Monteiro Lobato, 1924) e “Guia prático das hipotecas e da sua execução” (São Paulo, 1911).

**ARRUDA, Bento Ferraz de.** N. 16.2.1857. F. 2.6.1937. Fez parte do novo Conselho de intendência municipal de Piracicaba em 1891, criado em substituição ao anterior, que, desde a Proclamação da República, substituiu a Câmara Municipal. O Conselho durou apenas dez meses, de março a dezembro. Figura de projeção na sociedade piracicabana em fins do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, dá seu nome a uma das ruas de Piracicaba, paralela às avenidas Rio das Pedras e Tomé de Jesus. Amigo do imperador D. Pedro II, deu seu nome à fazenda de sua propriedade, em Saltinho, com

403 hectares, onde cultivava cana-de-açúcar e criava gado.

**ARRUDA, Breno** (Séc. 19-20). Professor catedrático da 1ª Cadeira (Física Agrícola) da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, nomeado em 1924 como substituto do professor efetivo e novamente nomeado como professor catedrático em 1931. Em 1932 participou do 1º Batalhão de Voluntários de Piracicaba, por ocasião da Revolução Constitucionalista, tendo recebido “nota de louvor” do Governo do Estado. Atuou junto ao Gabinete do Reitor da USP, nomeado para tanto pelo prazo de três anos, em, 1947 e aposentou-se em fevereiro de 1952.

**ARRUDA [BOTELHO], Carlos Bartolomeu de.** N. Itu, 1739? F. Piracicaba, 7.2.1815. C.c. Maria de Meira Siqueira. Ff. Manuel Joaquim Pinto de Arruda (v.), Carlos José Botelho, Maria Antônia (ou Eugênia Antônia ?) e Maria Francisca. Filho de João de Arruda Botelho e Eugênia Pinto do Rego. Sargento-mor, um dos maiores latifundiários de Piracicaba, dono de vastas extensões de terra, entre as quais a sesmaria que incluía a fazenda Monte Alegre e seu engenho e que, após sua morte, foi vendida pela família ao pe. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel (v.). Em 1767 Carlos Bartolomeu participou de uma das expedições que tinham em vista a fundação e a manutenção da colônia de Iguatemi, à margem esquerda do rio que lhe deu o nome, “a fim de impedir que os espanhóis invadissem o Brasil” (Aranha, 1982). Em março de 1786 adquiriu uma sesmaria de “três léguas de terra para povoar”, nos sertões de Araraquara, então pertencentes ao território de Piracicaba, terras que eram de propriedade de Manuel Martins dos Santos Rego e correspondiam aos atuais municípios de Araraquara, Descalvado, Rio Claro e São Carlos, posteriormente desmembrados de Piracicaba. Guerrini (1970) alude ao seu “gênio atrabiliário” e menciona um documento sobre terras do povoador

Antônio Correia Barbosa compradas por Felipe Cardoso e a respeito da vinda de Carlos Bartolomeu à povoação “onde obteve uma sesmaria contígua às ditas terras”, passando a ser comandante de Piracicaba. Arruda foi, segundo Guerrini, “uma das figuras mais sugestivas dos anais da cidade. Muitos são os ângulos nos quais se pode estudar a figura do celebrizado sargento-mor”. Foi uma das pessoas centrais nas inúmeras controvérsias sobre os limites da vila, em fins do século dezoito e princípios do século dezenove. “Iniciou a questão do rossio, que durou perto de cem anos” (Krähenbühl, 1955). Em 1795 Carlos Bartolomeu obteve carta de sesmaria sobre uma légua de terras que começavam na barra do córrego Itapeva (hoje av. Armando de Sales Oliveira). Em 1798 o sargento-mor assumiu na freguesia de Piracicaba o cargo de capitão das ordenanças e passou a ser o comandante da povoação. Seus amores clandestinos com uma viúva, Maria Flores de Moraes (ou Maria das Flores), assumiram o caráter de escândalos, sendo a mulher desterrada para Itu, por esse motivo. Carlos Bartolomeu teve freqüentes conflitos com o comandante da milícia local, capitão Francisco Franco da Rocha (v.), e com o pároco da freguesia, pe. José Francisco de Paula. Um protesto contra os seus desmandos foi encaminhado em 1802 ao governo da capitania pelos moradores de Piracicaba, no qual Carlos Bartolomeu era descrito como “homem colérico e vingativo, que se servia dos moradores para tais desmandos..., homem libertino e escandaloso”. A 1.2.1803, foi demitido. A despeito disso, incumbiram-no de perseguir escravos fugidos e reunidos num quilombo, perto do rio Corumbatá. Após deixar o comando dos milicianos, mudou-se para Itu, onde, nomeado, assumiu o posto de sargento-mor. Já reformado, arrogante, alimentava em 1811 a esperança de voltar a comandar a freguesia de Piracicaba, ameaçando vingar-se dos seus desafetos. Por esse motivo, foi alvo de reprimenda perante a presidência da Capitania, a 27.9.1811. Carlos Bartolomeu era avô do

coronel Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho (Neto), fazendeiro e chefe liberal; do conde do Pinhal, Antônio Carlos de Arruda Botelho (v.); e do coronel Paulino Carlos de Arruda Botelho (v.), fazendeiro e político, três dos nove filhos do coronel Carlos José de Arruda Botelho, o “Botelhão” (v.), filho caçula do sargento-mor de Piracicaba. De acordo com Krähenbühl (1955), no local onde existiu o engenho d’água do Carlos Bartolomeu de Arruda, o Barão de Limeira instalou no século 19 uma serraria, talvez a primeira de Piracicaba, e seu filho Luiz de Queiroz (v.) construiu a Fábrica de Tecidos Dona Francisca (1877), posteriormente Arethuzina, até 1918, e Companhia Industrial e Agrícola Boyes, após compra pela firma Boyes & Irmãos (v. Boyes). Chama-se Carlos Bartolomeu de Arruda uma rua no Parque N. S. das Graças.

**ARRUDA, Fernando Ferraz de (Nhonhô).**

N. Piracicaba, 1825. F. Piracicaba, 2.11.1889. Fazendeiro, major, vereador. Fez parte da Câmara Municipal empossada a 7.1.1865, sob a presidência de Prudente de Moraes e foi novamente vereador de 1881 a 1884. Aparece como um dos donos de engenhos de açúcar de Constituição, em lista preparada pela Câmara em janeiro de 1861 sobre os proprietários de estabelecimentos agrícolas, industriais e comerciais. Em 1873 figurava no “Almanak da Província de São Paulo” como ajudante de ordens do 12º Batalhão de Infantaria da ativa, com sede em Constituição. Um documento da Câmara, datado de fevereiro de 1876, menciona-o, juntamente com Raimundo da Silva Coelho, como proprietários das “terras das fazendas do Milhã”, vizinhas da fazenda de Fernando Alves Bonilha, “no bairro das Pederneiras”, fazenda assim denominada em virtude da abundância de capim milhã no local, inicialmente pertencente a Tietê e transferida para a cidade de Constituição por lei provincial que data do mesmo ano. Em 1867, Arruda fez na fazenda Milhã, com 500 alqueires, na região de Saltinho, a primeira plantação extensa e

regular de café para exportação. Em 1882, juntamente com o pe. Francisco Galvão Pais de Barros (v.), adquiriu dos herdeiros de Miguel Arcaño Benício Dutra (v.) o terreno à frente do Colégio Assunção e da Igreja da Boa Morte. Posteriormente, o terreno foi desapropriado, para ser convertido em logradouro público. Em 1883 foi provedor eleito da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Seu nome está na lista dos primeiros 25 membros da irmandade da Santa Casa, considerados ilustres pelo mérito dos serviços prestados à instituição. Nardy Filho (em Krähenbühl, 1955) refere-se ao “grande sobrado da esquina do Nhonhô Fernando”, no largo da Matriz (hoje Praça da Catedral), “em cujos baixos o Zé Bento abriu a sua loja *A Bon Marché*”. Piracicaba deu seu nome a uma das ruas de Santa Terezinha.

**ARRUDA, Francisca Salles (Chiquita Arruda).**

N.º F. 9.7.1989. Figura exponencial da música e da educação musical em Piracicaba, pianista, professora e compositora. Foi professora titular de música em Penápolis, Jau e Santa Bárbara d’Oeste, onde se aposentou. Em 1930, juntamente com Carminha Chagas de Moraes, criou e passou a dirigir o Instituto Musical Piracicabano, extinto por volta de 1940, com sede à rua Moraes Barros, nas proximidades da antiga sede do “Jornal de Piracicaba”. Lecionava piano, tendo como colaboradores Leandro Guerrini (v., canto e história da música) e José Pousa de Toledo (v., harmonia). O Instituto formou numerosos pianistas notáveis, como Alcides Guidetti Zagatto (v.), Homero de Magalhães, Maria Helena Mutschele Dutra, Nilce Pacheco Ferraz, Rina Puzzi, Roselis Orsi, Diva Usberti, Maria L. de Aguiar Ayres, Luzia D’Abronzo Cório e sua irmã Mariquinha D’Abronzo, Ediná Domênico Pinheiro, Diva e Décio Penteadó de Castro, Lúcia de Castro Kiehl, Justo Moretti e outros. Foi professora das crianças órfãs do Asilo Coração de Maria. Uma das pioneiras do teatro infantil em Piracicaba, levou à cena no

teatro Santo Estêvão a peça “Branca de Neve e os Sete Anões”, com a colaboração de Jaçanã Altair Pereira Guerrini (v). “Artista de grandes dotes musicais... difundia a arte pela arte, com amor, carinho e despretenção... artista sensível e por isso tão querida” (Zagatto, 1989).

**ARRUDA, Francisco Ferraz de** (Séc. 19). Seu nome aparece entre os dos vereadores que compunham a Câmara de Constituição em meados do século 19. Guerrini (1970) dá notícia de proposta de sua autoria, datada de 1855 e aprovada pelos seus pares, de arrecadação de dinheiro para a conservação do cemitério local, que se encontrava em péssimo estado. A importância em dinheiro, a ser arrecadada de usineiros e fazendeiros, seria calculada com base nas arrobas de açúcar e de café por estes vendidas ao longo de cinco anos.

**ARRUDA, Francisco Pereira de. N.** Piracicaba, 30.9.1843. F. 27.2.1901. Comerciante e político. Foi primeiramente negociante em Amparo, SP, e a seguir em Santa Rita do Passa Quatro, SP. Por ocasião da Revolta da Armada, liderada por Custódio de Melo, participou ativamente das lutas de então. Como recompensa pelos serviços que prestou à Nação, foi nomeado capitão da Guarda Nacional.

**ARRUDA, Homero Corrêa de. N.** 27.2.1908. F. Piracicaba, 22.4.1998. Engenheiro agrônomo, formado pela ESALQ em 1932, doutorou-se por esta em 1961. Assistente técnico da Estação Experimental de Cana de Piracicaba a partir de 1937, passou a chefá-la, desde 1941 até 1962. Neste último ano, a 15.9, aposentou-se, após 25 anos de serviços prestados à agro-indústria açucareira paulista e brasileira (ESALQ 75, 1976). Figura de prol na sociedade piracicabana do século passado, presidiu a primeira diretoria do Clube de Campo de Piracicaba, criado em 1954, durante o período de 1954 a 1963.

**ARRUDA, João Baptista de Sampaio** (Séc. 19-20). Professor do ensino elementar. Lecionou no primeiro grupo escolar de Piracicaba (posteriormente G. E. Barão do Rio Branco) desde a instalação em 1897, inicialmente na condição de professor adjunto.

**ARRUDA, João Ferraz de. N.** Piracicaba, 5.3.1860. F. Piracicaba, 28.3.1918. Médico. Filho do major Fernando Ferraz de Arruda (v). Após formar-se na Faculdade de Medicina da Bahia, voltou a Piracicaba e aqui atuou como médico, principalmente na fazenda Milhã, atendendo colonos e escravos.

**ARRUDA, João Ferraz de** (Séc. 20). Oficial maior do 3º Tabelionato e Anexos, como consta no “Guia Informativo de Piracicaba, 1958”.

**ARRUDA, João Leite Ferraz de** (Séc. 19). Fazendeiro. Em 1848 foi escolhido para ser um dos quatro juizes de paz do distrito do Sul da vila de Constituição. Seu nome se encontra entre os dos vereadores signatários de ofícios da Câmara Municipal de 1853 a 1855. Figura igualmente na relação de fazendeiros de Constituição citados pelo “Almanak da Província de São Paulo para 1873”.

**ARRUDA, João Pereira de. N.** Piracicaba, 23.3.1841. F. Piracicaba 22.11.1910. Médico e fazendeiro, f. de Marcelino José Pereira. C. c. Antônia Eufrosina Leite de Negreiros, onze ff.: João, Antônia, Maria, Júlia, Ana, Virgínia, Francisco Sales, Isaura, José Bonifácio, Sebastião e Otávio. Estudou as primeiras letras na escola do afamado professor José Romão Leite Prestes (v), que lecionou em Piracicaba a partir de julho de 1847. Transferiu-se, quando moço, para São Pedro. No sertão que margeava a serra de São Pedro, adquiriu vasta gleba de mata virgem para formar uma fazenda de café, tendo sido um dos primeiros a penetrar nessa fértil região e nela se estabelecer. Versado em homeopatia, foi, ao mesmo tempo, conselheiro, médico, operador, advogado e amigo sincero da gente

humilde da região. Em 1892 transferiu-se para Piracicaba, a fim de educar os filhos, sempre estimado e respeitado. Seu nome aparece em 1900 no “Almanak” de Camargo, na lista de capitalistas piracicabanos que pagavam impostos ao município na passagem do século.

**ARRUDA, Joaquim Pereira de.** Artesão. N. Piracicaba, 5.3.1841. F. Piracicaba, 7.8.1893. C.c. Maria Amélia Ribeiro, ff. Rufino, Marcelino, Maria José, Antônio, Joaquim e Francisco. Surdo-mudo de nascimento, estudou no Rio de Janeiro, no Instituto Benjamin Constant, onde também aprendeu marcenaria. Montou em Piracicaba uma oficina para fabricação de carros, ventiladores para cereais, móveis etc. Ao tempo em que estudava na então Capital Federal, o conselheiro Costa Pinto [e Silva] (v.), Ministro do Império e amigo de seu pai, foi seu protetor. Em Piracicaba, freqüentava a casa de Costa Pinto, com quem jantava às quintas-feiras.

**ARRUDA, Jonas Vaz de** (Séc. 20). Cirurgião dentista. Seu gabinete dentário localizava-se à rua Santa Cruz, nº 1019, em meados do século 20, segundo o “Guia Informativo de Piracicaba 1958”.

**ARRUDA, José Bonifácio de.** N. São Pedro de Piracicaba, 20.5.1880 (antes do seu desmembramento de Piracicaba, que o converteu em município independente em 1881). F. 1959. Advogado, professor, juiz de direito, jornalista. C.c. Sílvia Carvalho de Arruda. FF: José Bonifácio (Filho), Leni, Ruy Barbosa, Maria Leni, Neide, Maria de Lourdes. Fez curso preparatório no Colégio Ipiranga e diplomou-se como professor pela Escola Complementar de Piracicaba. Dedicou-se inicialmente ao jornalismo, nas redações do “Jornal de Piracicaba” e da “Gazeta de Piracicaba”. Lecionou em Rio das Pedras e em São Paulo. Formou-se advogado pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Foi advogado em cidades do interior e da Capital do Estado e juiz de direito em várias

comarcas paulistas, até aposentar-se. Dedicou-se a estudos genealógicos, tendo publicado o “Livro de minha família”, na Coleção Biblioteca Genealógica Brasileira, São Paulo, 1917, reeditado em 1952.

**ARRUDA, José Rodrigues de.** N. Tietê, 10.10.1904. F. Campinas, 12.3.1974 e sepultado a 13.3 em Piracicaba. C.c. Esther Ferreira de Albuquerque Arruda, ff. Esther, José Roberto, Jonas, Maria Ângela. Psicólogo, professor, escritor. Após estudos iniciais em Capivari e no G. E. Barão do Rio Branco de Piracicaba, completou-os no curso primário anexo à Escola Normal Oficial de Piracicaba, onde posteriormente formou-se professor. Dirigiu as Escolas Reunidas de Cândido Rodrigues (microrregião de Jaboticabal, SP) e lecionou psicologia nas escolas normais de Tietê e Itapetininga. Em 1931 tornou-se professor-chefe de Educação (Psicologia, Pedagogia, Didática e História da Educação) por concurso, na Escola Normal Oficial de Piracicaba, onde se aposentou. Colaborou na imprensa piracicabana, no “Jornal de Piracicaba” e no “Diário de Piracicaba”, assim como em jornais de Itapetininga. É patrono de uma das cadeiras da Academia Paulista de Psicologia. Autor dos livros “Da Aprendizagem das Línguas Vivas e Mortas” (Piracicaba, 1938), um dos primeiros livros brasileiros sobre psicologia da aprendizagem e do ensino com fundamentação científica, e “Compêndio de Psicologia” (Saraiva, São Paulo, 1951).

**ARRUDA, Manuel Joaquim Pinto de** (Séc. 18-19). Lavrador e proprietário de terras, alferes e capitão, filho de Carlos Bartolomeu Arruda (v.) e Maria de Meira Siqueira. É mencionado em 1798 por ter sido incumbido por seu pai de chefiar os trabalhos de abertura da picada Piracicaba-Cuiabá, que não chegaram a ser concluídos. Em 1810, quando atuava como inspetor de caminhos em Piracicaba, foi objeto de queixa “por desacato” feita pelo capitão-



comandante do distrito, Francisco Franco da Rocha (v.). Tornou-se juiz ordinário (presidente da Câmara) da freguesia em 1824. Em 1828 saiu vitorioso, graças a um voto de desempate do juiz presidente da eleição, na escolha de um juiz ordinário para as freguesias anexas. Foi um dos líderes do grupo denominado “Quarenta Coligados” (v.), de franca oposição à Câmara, com interesse em terras do patrimônio municipal, e partícipe da momentosa questão da demarcação do rossio (perímetro urbano). Elegeram-no juiz de órfãos em 1833, ao instalar-se a vila de São Bento de Araraquara (atual Araraquara, desmembrada de Constituição e transformada em município em 1832). Herdeiro de terras e propriedades paternas, juntamente com sua mãe, foi proprietário de engenho de açúcar local, envolvendo-se desde 1822 nos litígios políticos sérios a respeito da demarcação dos limites das ruas do rossio, “objeto de uma controvérsia sem solução durante quase todo o decorrer do século XIX” (Krähenbühl, 1955). A assinatura de Manuel Joaquim figura no “Auto da ereção da Vila Nova da Constituição”, datado de 10.8.1822, que elevou a localidade à condição de vila (município), bem como no “Auto do levantamento do pelourinho e demarcação do terreno para as casas da câmara, cadeia, casinhas e açougue”, na mesma data (Neme, 1943; Guerrini, 1970).

**ARRUDA, Manuel Pais de.** N. Itu, SP, ? F. séc. 19. C.c. Maria Leite. Alferes e agricultor. Um dos fundadores de Rio Claro (São João do Rio Claro), em terras que naqueles tempos faziam parte de Piracicaba. De acordo com Penteado (1977), Arruda deixou a família em Araritaguaba (Porto Feliz) e “desceu em companhia de seu genro... o rio Tietê até a confluência do Piracicaba. Por ele, subiu até à povoação do mesmo nome e lá, embrenhando-se pelo sertão, vem adquirir terras nas margens do Ribeirão Claro... Essas terras foram mais tarde vendidas ao Barão de Piracicaba (Antônio Pais de Barros, v.) e constituem hoje a parte leste da cidade de

Rio Claro e o horto florestal”. Passou a residir nessas terras, nas quais foram construídas a capela e a casa paroquial do povoado. Arruda doou, como patrimônio de São João Batista, a área em que se situavam, “para edificação da cidade e da igreja definitiva”. Confirmado por carta-patente de d. Pedro I em 1824 no posto de capitão das ordenanças da vila da Constituição, Pais de Arruda foi escolhido e nomeado em 1827 pela câmara de Constituição para ser um dos três juizes de paz do povoado de São João do Rio Claro, convertido nesse mesmo ano em “capela curada”, tendo como companheiros, na condição de juizes, o capitão-mor Estêvão Cardoso Negreiros (v.) e Manoel Afonso de Taborda, genro de Pais de Arruda. Rio Claro converteu-se em freguesia em 1830, em distrito transferido de Constituição para Limeira em 1842, em vila em 1845 e em cidade em 1857, só recebendo a denominação atual em 1905.

**ARRUDA, Miguel Antônio Gonçalves de.** N. Piracicaba, 12.11.1837. F. Piracicaba, 11.8.1896. Comendador, proprietário rural, vereador, capitão. Ocupou vários cargos importantes, tendo sido vereador de 1881 a 1891, juiz de paz, juiz municipal e suplente de delegado de polícia. Foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de 1889 a 1891, ao tempo em que a cidade e a província enfrentavam uma grande epidemia de varíola. Quando vereador, empenhou-se, por volta de 1881, pela criação de um mercado municipal. O “Almanak da Província de São Paulo para 1873” menciona-o como integrante do 12º Batalhão de Infantaria da ativa, sediado em Constituição, na condição de capitão. Membro do Partido Liberal, no derradeiro ano do Império foi galardoado com o título de comendador. Sabe-se que se empenhou junto aos companheiros de partido em favor da abolição de escravatura (Guerrini, 1970). Fez parte do primeiro Conselho Fiscal do Banco de Piracicaba, surgido em 1891 por iniciativa de um grupo de capitalistas e tendo como presidente o Conde de Pinhal, que permaneceu nesse cargo

até 1899. Camargo (1900) registra a data de 21.8.1896 como a do seu sepultamento e a ele se refere como “um comendador caridoso”.

**ARRUDA, Mirtes Soares** (Séc. 20). Seu nome está na lista do corpo de enfermeiras piracicabanas que se inscreveram voluntariamente para participação na Revolução Constitucionalista de 1932.

**ARRUDA, Moisés Pereira de.** N. Piracicaba, 6.3.1834. F. Batatais, São Paulo, SP, 21.2.1913. C.c. Ana Tereza de Arruda, f. Antônio Bonifácio de (v.). Foi fazendeiro e coletor federal. É mencionado em 1888 como proprietário de engenho de açúcar em Piracicaba, para efeito de pagamento de imposto municipal, com uma produção de 500 arrobas.

**ARRUDA, Nélio Ferraz de.** N. Piracicaba, 1916, de família com raízes no Vale Médio do Tietê, f. Piracicaba. C.c. Nilde Freidemberg, F. de Fernando Ferraz de Arruda Pinto e Ana Cândida do Amaral Melo. Político, professor, advogado, escritor, empresário, radialista. Nasceu na Fazenda Milhã. Era jovem quando começou a atuar no rádio piracicabano, como locutor e produtor de programas, bastante populares nos anos 40, na PRD-6, posteriormente Rádio Difusora de Piracicaba. Em 1963 foi eleito vice-prefeito da cidade para o período de 1964-68, tendo assumido a prefeitura local em julho de 1968, em virtude da morte do prefeito Luciano Guidotti (v.). Atuou como prefeito até fevereiro de 1969. Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, de 1978 a 1981 em três gestões, e a Sociedade de Amigos do Museu Prudente de Moraes. Publicou numerosos trabalhos em jornais e revistas locais, entre os quais o estudo “O Chimango Melchior de Mello Castanho”, estampado em “Estudos Regionais Paulistas” (Piracicaba, 1989).

**ARTHAUD-BERTHET, Júlio João.** N. 1875, f. 1941. Fitopatologista brasileiro de renome,

ocupou a cadeira de botânica da Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, futura ESALQ, de 1908 a 25.4.1912.

**ARZÃO, Manuel Correia** (Séc. 17-18). Sertanista falecido em 1736 em Cuiabá (ou São Paulo, segundo outras fontes). F. Antônio Rodrigues Arzão, era “bisneto de Cornélio Rodrigues Arzão, natural de Flandres (Holanda), que se casara com a paulista Elvira Rodrigues”, segundo Silveira Melo (em Camargo, 1900). Em fins do século 17 percorreu com seu pai os sertões de Cuiabá, de acordo com Neme (1943). Este ressalta que Arzão descendia de antigos desbravadores dos sertões do Brasil e habitou no século 18 o sertão piracicabano. De acordo com Amaral (1980), foi um dos descobridores de ouro em Serro-Frio (MG) em 1701, tendo sido nomeado no ano seguinte guarda-mor das respectivas minas. Nomeado capitão-mor delas em 1711, foi-lhe anteriormente atribuído o posto de coronel de infantaria de ordenanças. Em 1714 nova nomeação converteu-o em capitão-mor das ordenanças da Vila do Príncipe, sendo a seguir encarregado do governo de toda a vila. Preso por desavenças com o governo mineiro, em 1720 teve seus bens seqüestrados e fugiu para Mato Grosso, passando depois a viver em terras piracicabanas. Em resposta a uma solicitação do governador e capitão-general da Capitania de São Paulo, Luís Antonio de Távora, Conde de Sarzedas, para combater bravios índios paiaguá e caiapó, atacantes freqüentes das caravanas e monções dos paulistas em Mato Grosso, Arzão, já idoso, dispôs-se a fazê-lo com seus companheiros. Deu ciência disso ao conde por meio de carta datada de 28.3.1733, saída de Piracicaba, a primeira carta saída das bandas piracicabanas, segundo Guerrini (1970, 1977 e *Jornal de Piracicaba*, 26.10.1958 e 26.4.1981). Diz Guerrini que, “na ordem cronológica, é o documento mais antigo saído de Piracicaba. Encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e foi localizado pelo historiador conterrâneo Mario Neme”. Achava-se em

Cuiabá em 17.4.1733 quando teve patente para o posto de tenente-coronel da guerra dos indígenas. Uma rua de Piracicaba, junto à rua Corcovado (Parque N. S. das Graças), perpetua seu nome.

**ARZOLLA, Antônio Dall Pozzo** (Séc. 20). Empresário, comerciante. Foi o fundador e proprietário, por longos anos, da Comercial e Importadora com seu nome, à rua Boa Morte n° 1930. A empresa trabalhava com grande variedade de produtos, entre os quais máquinas, tintas, produtos químicos, equipamentos contra incêndios, portas e estruturas metálicas, cofres, móveis de aço e de escritório. Mantinha uma indústria de bebidas compostas e vinhos, apresentando-se como revendedora na região da “Padrão Indústria Metalúrgica e Comércio” e da “Invulnerável Brasileira Portas e Estruturas Metálicas”. A fábrica e o depósito localizavam-se à rua do Rosário, n° 1862 (Krähenbühl, 1955). Em 1943 Antônio Arzolla figurava sob n° 442 no Registro de Sócios do Comércio Varejista de Piracicaba, com loja de artigos escolares, à rua Boa Morte n° 132, registrada no comércio local em 1940, e posteriormente mencionada como papelaria e casa de venda de calçados e artigos escolares à rua Boa Morte n° 1930 (Krähenbühl, op. cit.).

**ARZOLLA, José Dall Pozzo** (Séc. 20). F. 1970. Professor e pesquisador universitário, formou-se engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1944 e doutorou-se em agronomia em 1955. Fez parte do quadro docente desta desde 1947, na cadeira de Química, até o ano em que faleceu.

**ASMUSSEN, Miguel** (Séc. 19). Engenheiro, provavelmente dinamarquês, de família europeia com origens nórdicas. Autor de projeto apresentado à Câmara Municipal, em abril de 1885 e aprovado a 7.1.1886, para a construção do Mercado local no Largo do Gavião (posteriormente Jardim da Cadeia e Praça Almeida Júnior). Aprovado o projeto

em concorrência pública, Asmussen solicitou a transferência do local destinado à construção para a rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), junto à rua Esperança (atual D. Pedro I), onde efetivamente construiu o mercado, que ali permanece desde a inauguração em 5.7.1888. Asmussen foi igualmente autor, e igualmente em 1885, de propostas de abastecimento de água encanada e de luz elétrica para iluminação pública na cidade, sem, no entanto, obter aprovação nestes dois casos. A Câmara acabou aprovando a proposta de abastecimento de água apresentada por João Frick (v.) e Carlos Zanotta (v.), em 29.11.1885.

**ASPRINO, José Antônio** (Séc. 19). O “Almanak da Província de São Paulo para 1873” menciona-o entre os proprietários de lojas de fazendas na cidade de Constituição.

**ASSIS, Benigno Alfredo de** (Séc. 19). F. 19.1.1894. C.c. Nicolina Vaz de Assis. Médico e fazendeiro. Proveniente de Jaú, SP, passou a residir e clinicar em Piracicaba em 1890. Sua clínica médico-cirúrgica funcionou provisoriamente na casa de Joaquim Fernando M. Sampaio (v.) e desde janeiro de 1891 à rua Prudente de Moraes, na antiga sede do Clube Republicano. Camargo (1900) refere-se à sua nomeação para presidente do Conselho da Câmara a 30.12.1891, havendo igual registro em Cambiaghi (1984), que acrescenta ter o doutor Assis ocupado o cargo de delegado de higiene local. Apesar de permanecer em Piracicaba apenas de 1890 a meados de 1892, quando se mudou para fazenda que adquiriu em São Pedro, integrou-se à vida social da cidade, segundo Cambiaghi.

**ASSIS, F. Ribeiro de** (Séc. 19-20). Cirurgião dentista. Formou-se pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro. No anúncio de sua clínica odontológica, publicado no almanaque “Piracicaba” de 1914, apresentava-se como

profissional “com longa prática de sua profissão, executando todos os trabalhos com perfeição e rapidez”.

**ASSIS, José de** (Séc. 20). Livreiro. A livraria e papelaria Americana, à rua Moraes Barros, 127, perto do prédio do “Jornal de Piracicaba”, era de sua propriedade. É mencionado no “Livro de Registro de Sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba” em 1943, sob nº 138, com capital de 20:000\$000 e registrado no comércio local sob nº 743.

**ASSIS, José Gomes Xavier de** (1870-1938). Jornalista e lavrador, pertence à história inicial da imprensa em Piracicaba. Juntamente com Vitaliano Ferraz do Amaral (v.), criou o jornal “Gazeta de Piracicaba” em 1882, que circulou até os anos 30. Em 10.8.1899 lançou um jornal de sua propriedade, o bi-seminário *O Popular*. Jornal que teve vida efêmera, pois deixou de circular a 11.2 do ano seguinte. Camargo (1900) classifica o jornal como uma publicação incolor em política, mas atrelada aos monarquistas piracicabanos e “com o barão de Rezende (Estevam Ribeiro de Souza Rezende, v.) no comando”. O jornal teve diversos redatores e era impresso na tipografia de propriedade de Assis, à rua Alferes José Caetano nº 121-A. Fez parte do Centro de Lavradores de Piracicaba e foi um dos assinantes do manifesto do centro “à classe dos lavradores”, datado de 1.1.1899. Um José de Assis (v.) é mencionado por Neme (1936) como proprietário da Livraria Americana, à rua Moraes Barros 127, nos anos 30.

**ASSIS, Octaviano de.** N. 1897. F. Piracicaba, 27.8.1957. Jornalista, co-proprietário do “Diário de Piracicaba”, segundo jornal piracicabano com este título, surgido em 6.1.1935. Os demais proprietários foram Jacob Diehl Netto (v.) e Fernando Aloisi (v.). A participação deste último na empresa é um tanto confusa, pois seu nome não consta como tal no livro do Registro Civil de Pessoas Jurídicas (Alvim,

1998), aparecendo apenas Assis como diretor e gerente e Diehl Netto como primeiro redator principal. O jornal deixou de circular em maio de 1936, mas reapareceu dois anos depois, para novamente deixar de existir, após sucessivas crises, mudanças de donos e interrupção de circulação, em setembro de 1993. Assis deixou o jornal em fins de 1949, sem esclarecer as razões que o levaram a isto. Tal como Diehl Netto, Assis pertenceu ao Clube Democrático de Piracicaba, ligado ao partido surgido em oposição ao PRP, Partido Republicano Paulista: o Partido Democrático, nascido em 1926 em São Paulo. Este era um partido liberal-burguês que representava interesses poderosos, originado, em parte, de frustrações produzidas pela corrupção eleitoral. Mas também em virtude de outros fatores, como a frustração de interesses cafeeiros e comerciais (Pfromm Netto e Martins, 2003). Democratas e perrepietas, no entanto, acabaram por constituir a Frente Única, cujo papel foi fundamental na Revolução Constitucionalista de 1932. Losso Netto (em Alvim, op. cit.) refere-se a Octaviano como “um jornalista a quem Piracicaba deve soma extraordinária de serviços. Por trás de suas esquisitices – Octaviano era um homem enigmático –, morava um acendrado amor à terra piracicabana e a sua gente. Ninguém mais intransigente na defesa de um ideal, ninguém mais duro à conquista de uma vitória da coletividade”. Uma travessa do bairro Santa Teresinha tem seu nome.

**ASSUMPTÃO, Joaquim Correia d’** (Séc. 19). Aparece como secretário da Câmara Municipal da vila de Constituição, em documentos datados de 1854 e 1855, inclusive no “Livro para registro dos ofícios e representaçoens” da Câmara (1855).

**AST, Íris.** N. Estônia, 19... F. São Paulo, 5.12.1965. Coreógrafa, bailarina, professora, musicista e uma das pioneiras no ensino de balé em Piracicaba. Descendente de família nobre

estoniana, imigrou para o Brasil por ocasião da 2ª Guerra Mundial e passou a lecionar balé na Escola de Música (Pro Arte), no Colégio Assunção e no Centro de Reabilitação locais. Sua laboriosa e profícua atuação docente junto a crianças e jovens piracicabanos de meados do século estendeu-se por quase duas dezenas de anos, contando, para tanto, com a colaboração de Maria Aparecida Romera Pinto (posteriormente sra. Ernest Mahle), Dulce Dedini, Vera Azanha e outras senhoras da sociedade. Passou os últimos anos de vida em Jundiá, lecionando sempre, até que moléstia fatal a impediu de fazê-lo. Faleceu de leucemia, no Hospital do Câncer, na capital paulista e foi sepultada em Jundiá. “Ela foi, sem dúvida, a maior propulsora do balé em Piracicaba... Merece ser lembrada... sempre, pelo grande e pioneiro trabalho desenvolvido por ela, em Piracicaba. Pode-se dizer que com ela o balé teve um apogeu jamais ultrapassado, em anos posteriores, na cidade. Foram muitas as alunas que se beneficiaram de seu ensino competente, honesto, de seu talento e capacidade criadora, de seu amor a uma tarefa bem feita” (Cidinha Mahle, 1990). Existe uma rua com seu nome, no Jardim Camargo, proximidade das ruas Pedro Habechian e Prof. Mello Ayres.

**ASTA (?)** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da tradicional Casa Asta, à rua Governador Pedro de Toledo, 1200. Seu estabelecimento é mencionado no “Guia Informativo de Piracicaba de 1958” como casa especializada em materiais para construção e artigos sanitários. Em “Piracicaba, 1959” um anúncio indica como endereço desta o nº 1429 da rua Governador Pedro de Toledo e acrescenta que a firma se encarrega “de qualquer serviço concernente ao ramo de funilaria, encanador, fogões etc”. No “Guia GGI-Gênese Guia Informativo de Piracicaba” para 1978 a Casa Asta acha-se registrada na relação de estabelecimentos de materiais para construção, mas tem outro endereço: rua Rangel Pestana, 985.

**ATHANASOFF, Nicolau.** N. Pleven, Bulgária, 1879. F. Piracicaba, 3.8.1955. Professor universitário, pesquisador, escritor. Figura exponencial no âmbito das ciências agrícolas, cientista probo e mundialmente respeitado, dedicou a maior parte da sua vida, de 1908 a 1948, quando se aposentou, à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, desde os tempos em que esta se denominava Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz. Foi, primeiramente, professor do ensino elementar, quando moço, às margens do rio Danúbio. Estudou agronomia em Gembloux, na Bélgica. Após a diplomação em 1900, trabalhou por algum tempo em seu país natal. De 1904 a 1906, fez curso de aperfeiçoamento na França, na Escola de Agronomia de Grignon, e prosseguiu seus estudos na Alemanha e na Suíça. Vindo ao Brasil, trabalhou inicialmente no Posto Zootécnico Central de São Paulo Dr. Carlos Botelho. Passou a residir em Piracicaba para ocupar, de 1908 a 1911, a cadeira de zootecnia da futura ESALQ. Após um período em que foi, sucessivamente, diretor do Departamento de Indústria Animal do Ministério da Agricultura e diretor do Posto Zootécnico e da Escola de Agricultura de Pinheiro, RJ, retornou à Luiz de Queiroz em dezembro de 1915, devotando-se por inteiro ao ensino e à pesquisa em zootecnia até aposentar-se, aos 70 anos de idade. De hábitos frugais, modesto, solteirão, residiu em casa simples ao lado do estábulo de bovinos, no campus da Escola. Naturalizado brasileiro e piracicabano de coração, Athanasoff criou em 1926, com a ajuda de dois ex-alunos, Salvador de Toledo Piza Júnior e Octávio Domingues (vv.), a “Revista de Agricultura”, dirigido-a enquanto viveu e nela publicando numerosos estudos de sua autoria. Destacou-se como pioneiro, no país, na publicação de livros e estudos científicos e de divulgação popular sobre zootecnia. Duas das suas obras tiveram larga aceitação entre nós: o “Manual do criador de bovinos” e o “Manual de criador de suínos”, ambos com sucessivas reedições. Publicou também “A mandioca na

alimentação dos suínos”. Foi um dos fundadores do Rotary Club de Piracicaba, em 1941. Faleceu no campus da ESALQ e está sepultado no Cemitério da Saudade (Gomes, 1994). Uma rua do Jardim São Luiz, junto à avenida Cristóvão Colombo, tem seu nome.

**ATHAYDE, Homero Paes de.** N. Sorocaba, SP, 22.1.1930. F. Piracicaba, 1.2.1991. F. de Manoel e Jesusa Paes de Athaide. Político, empresário, advogado, vereador em Piracicaba nos anos 50 a 70, em duas legislaturas. Fez seus estudos primários e de contabilidade em Piracicaba, diplomando-se pela Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo. Formou-se em direito em Itapetininga, em 1973. Pertenceu ao quadro de funcionários da Refinadora Paulista (Usina Monte Alegre) e foi o fundador e proprietário da gráfica e livraria Gralipa. Presidiu a Câmara Municipal piracicabana em 1972, quando ocorreu em março o falecimento do prefeito Cássio Pascoal Padovani (v.). Em virtude disso, foi prefeito municipal em 1972-73. Uma rua tem seu nome, próxima à av. Pio Sbrissa (antiga rua 13 do loteamento Chácara Nazaré II).

**ATHIÉ, Jorge Coury** (Séc. 20). Advogado, político. Figura de destaque na Piracicaba da primeira metade do século passado, presidiu de 1926 a 1936 a Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa. Candidatou-se pelo Partido Social Democrático (PSD) à prefeitura nas eleições municipais de 1947, em que Luiz Dias Gonzaga saiu vitorioso. Seu nome é às vezes registrado como Jorge Coury Athié (Salum, 2002), como Jorge Athié Coury (Elias Netto, 2000) ou simplesmente como Jorge Curi, tal como aparece no “In memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa, às pp. 41-43 da obra de Salum. Nos anos trinta, foi um dos professores da Faculdade de Direito de Piracicaba, fundada em 1933. Seu nome foi atribuído a uma travessa em Santa Terezinha. Há outro Athié que dá nome a uma rua: Gabriel

Coury Athié, no Jardim Maria Claudia.

**AUDI, Elias** (Séc. 20). Empresário e comerciante. C.c. Laurinda Buriani Audi. Ff.: Abibi Neto, Elizabete, Felício, Joveni, Madalena, Michel, Nida, Raul. Salum (2002) menciona-o como proprietário do Posto de Gasolina Ipiranga, na esquina das ruas Benjamin Constant e Prudente de Moraes. Na lista dos estabelecimentos comerciais de Piracicaba em meados do século 20, há uma Beneficiadora de Arroz Audi, igualmente com sede no endereço aqui citado. No “Registro de Sócios” do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (1943), Elias Audi consta como proprietário do armazém “A Favorita”, de gêneros alimentícios, à rua do Rosário 68, na esquina da rua 13 de maio, com capital de 10:000\$000 (sócio nº 72, registro no comércio sob nº 823, de 11.10.1940). Audi está na relação “In Memoriam” que, na obra de Salum, homenageia os associados falecidos da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba.

**AURORA MARIA DE SÃO FRANCISCO, Madre** (Séc. 20). Foi superiora da comunidade de religiosas católicas que proporcionavam assistência aos enfermos da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, em meados do século passado (1955-56).

**AVANZI, Francisco Jesuíno (Chicão)** (Séc. 20). Esportista, destacou-se no futebol paulista desde os tempos em que jogava no E. C. XV de Novembro. Foi campeão brasileiro pelo São Paulo F. C. em 1977 e atuou em 1978 na seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo.

**AVANZI, Osmir Antônio (Celita).** N. 1953. F. Piracicaba, 9.3.2007. Fotógrafo profissional, manteve ateliê no bairro de São Dimas. Irmão do futebolista Chicão (Francisco Jesuíno Avanzi, v.). Aprendeu a fotografar aos 17 anos de idade e foi fotógrafo oficial da Caterpillar do Brasil durante quase vinte anos (R. Alves, *Journal de*

*Piracicaba*, 9.3.2008).

**AYRES, Elias de Mello.** N. Capivari, 2.6.1890. F. Piracicaba, 10.6.1960. Professor, escritor, jornalista, orador. C. c. Maria Amélia de Aguiar Ayres. Ff.: Geraldo, Maria Aparecida, Maria Benedita, Maria Cecília, Maria Stella. Filho de Elias Cândido Ayres e Maria Custódia Anhaia Melo. Formou-se professor em 1910, pela Escola Complementar de Piracicaba, posteriormente Escola Normal Sud Mennucci. Nesta última lecionou biologia durante muitos anos, tendo sido igualmente docente do Colégio Assunção e do Colégio Piracicabano. Foi professor dos ensinos primário, secundário e profissional, tendo sido professor em Pirassununga, antes de transferir-se para Piracicaba. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba (1952-60), atuando como 1º Secretário desta. Colaborador assíduo da imprensa local, teve numerosos artigos, estudos e poesias divulgados por esta, desde moço, notadamente no “Jornal de Piracicaba”. Dentre suas publicações de maior relevância destaca-se o estudo intitulado “A mulher nos destinos de São Paulo”, editado em 1959, por ocasião do primeiro aniversário de instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, SP, no colégio do mesmo nome, a que pertenceu. Autor das letras inspiradas de numerosas músicas, em sua maior parte compostas por Erotides de Campos (v.). Em 1917 fez os versos para a primeira composição musical impressa de Erotides, publicada no ano seguinte pela Casa Tommasi de São Paulo: a valsa “Mariinha”. São igualmente de sua autoria as letras de músicas de Fabiano Lozano e Benedito Dutra Teixeira (v.) e de várias músicas de Erotides: *Abençoi-nos Ó Maria* (1939); *Hino à criança*; *Hino Oficial do Grupo Prudente*; *Longe do meu bem, valsa-serenata*, 1920; *Saudades daqui, valsa-serenata*, 1920; *Separação, valsa*; e *Vida campesina, canção rural*. Fez parte, com destaque, do Conselho Coordenador das Entidades de Piracicaba e

da Sociedade de Cultura Artística. Em sua homenagem, há em Piracicaba uma rua e uma escola, a E. E. Prof. Elias de Mello Ayres, à rua Fernando Febeliano da Costa, 429, vila Independência (bairro dos Alemães).

**AYRES, Sebastião** (Séc. 20). Mencionado igualmente como Sebastião Ayres de Aguiar (v.), um dos sócios fundadores do Rotary Club de Piracicaba em 1941. Além de Ayres (de Aguiar), foram igualmente seus sócios fundadores: Segisfredo Paulino de Almeida, Arthur Guerra de Andrade, Nicolau Athanassof, Sebastião Ferraz Caldas, Eulálio Pinto César, Lamartine Teixeira Coimbra, Carlos Dias Correa, Tufi Coury, Mário Dedini, Clóvis Martins Ferreira, Aldrovando Fleury, Gustavo A. Franco, José Francisco de Freitas, João Teixeira de Lara, Sebastião Nogueira de Lima, Armando dos Santos Leal, Fortunato Losso Netto, Mário Maldonado, Antônio Corrêa Meyer, Aniceto de Almeida Monteiro, João José Rodrigues de Moraes, Gerolamo Ometto, Pedro Ometto, José Alberico Parente, Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Salvador de Toledo Pizza Júnior, Afonso Romano Filho, André Ferraz Sampaio, Antônio Martins Belmudes de Toledo, Francisco de Toledo, Alcides Di Paravicini Torres, Phelippe Westin Cabral de Vasconcelos, Phelippe Westin Cabral de Vasconcelos Filho e José Vizioli. A primeira diretoria, eleita a 15.2.1941, compôs-se de Cabral de Vasconcelos, presidente; Losso Netto, 1º secretário; e Pinto César, diretor de protocolo.

**AZEVEDO, Álvaro de** (Séc. 19-20). Comerciante, esportista. Em fins do século 19, tornou-se sócio co-proprietário da tradicional “Loja do Sol”, fundada em 1851, à rua do Comércio, nº 55 (atual r. Governador Pedro de Toledo) (v. Manoel Pinto de Almeida). Azevedo foi futebolista e jogador do Club Sportivo Piracicaba, em 1903, o primeiro clube piracicabano de futebol, criado nesse ano, e foi seu primeiro vice-presidente. Pertenceu à

Irmandade da Santa Casa de Misericórdia desde 1908-09, tendo sido tesoureiro desta em 1915. Azevedo dá nome a uma rua no bairro Paulicéia, junto à av. Comendador Luciano Guidotti. (v. Azevedo Sobrinho, Bráulio de; Azevedo, Roberto; Cavaggioni, Cacilda de Azevedo).

**AZEVEDO, Antônio José da Costa** (Séc. 19-20). Veiga (1975) menciona-o como integrante do grupo de pessoas que fundaram em 1894 a loja maçônica União e Caridade de Piracicaba. Filiada ao Grande Oriente de São Paulo, parece ter tido duração efêmera. Costa Azevedo tinha sido iniciado na maçonaria em 10.4.1894, na Loja Maçônica Perfeita Amizade, em Piracicaba. Juntamente com os demais franco-mações da Loja União e Caridade, passou a pertencer à Loja Piracicaba quando esta foi reestruturada, a 12.2.1895.

**AZEVEDO, Branca de.** N. Piracicaba, 1879. Centenária, ainda vivia em 1979 a prestigiosa líder política, feminista e de empenhos sociais e caritativos na Piracicaba do século 20. Suas atuações, seus pronunciamentos e seu envolvimento pessoal em causas relevantes para Piracicaba e seus habitantes cobrem quase uma centena de anos. Na Revolução Constitucionalista de 1932 incentivou com veemência convincente a participação dos piracicabanos. Criou o comitê local revolucionário do MMDC, atuando como sua presidente e tendo como principais companheiras as professoras Olívia Bianco (v.) e Eugênia Silva (v.). O comitê funcionou durante o período revolucionário no Teatro Santo Estêvão, hoje desaparecido, na Praça José Bonifácio. Há uma avenida Branca de Azevedo, no Jardim Santa Rosa.

**AZEVEDO, Militão Afonso de** (Séc. 19-20). Professor do ensino fundamental. Dirigiu o Grupo Escolar Barão do Rio Branco em meados do século 20, até 1907.

**AZEVEDO, Roberto** (Séc. 20). Piracicabano, ator teatral e de televisão, da mesma família de Cacilda de Azevedo Cavaggioni (v.) e filho de Bráulio de Azevedo (v.). Formou-se pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Ganhou renome em todo país contracenando com atores famosos como Paulo Goulart, Glória Meneses, Valdir Wey e outros, nos anos 70 e 80. Entre as suas muitas atuações marcantes, estão as que teve na Televisão Record de São Paulo, na novela “Eu e a moto”, de autoria de Roberto Freire (1972-73), na novela “Jogo da vida” de Sílvio de Abreu, com argumento de Janete Clair (1981-82), e em “Razão de viver” (1987), na SBT de São Paulo. Teve interpretações memoráveis no palco, em peças como “Júlio César”, de Shakespeare, no Teatro Municipal de São Paulo, como integrante da companhia de Ruth Escobar (J.R. Cera, *Jornal de Piracicaba*, “Panorama” n°1, junho 1966).

**AZEVEDO, Rui de** (Séc. 20). Piracicabano, fez parte do Comissariado de Menores da cidade nos anos 60.

**AZEVEDO SOBRINHO, Bráulio de.** F. 18.9.1980. Comerciante, tenor lírico, musicista, radialista. C.c. Zélia de Azevedo, professora do GE Barão do Rio Branco. F: Roberto Azevedo (v.). Figura popular e querida de Piracicaba da primeira metade do século 20, irmão de Cacilda de Azevedo Cavaggioni (v.) e de Diva, Emília, Ercília e Lúcia de Azevedo. Pai do ator de teatro e televisão Roberto Azevedo (v.). Destacava-se em palestras, festividades e conversações como contador de anedotas e histórias bem humoradas e imitador, um autêntico “performer” daqueles tempos. “Os Azevedo eram uma família de artistas, teatral. Bráulio de Azevedo... era humorista nato” (Elias Netto, 2003). Bráulio de Azevedo pertenceu à família Álvaro de Azevedo (v.), proprietária da “Loja do Sol”, à rua do Comércio (depois Governador Pedro de Toledo), no local posteriormente ocupado pela loja “A Porta



Larga”. Foi dono da Leiteria Brasileira, no prédio do Clube Coronel Barbosa, na praça José Bonifácio. “Homem alegre e artista notável... homem bom, visceralmente bom, incapaz de, por um minuto, deixar de ser bom” (Flávio Toledo Piza).

**AZZI, Ricardo** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo. Formou-se em 1926 pela ESALQ, ao tempo em que a denominação oficial desta era Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz. Foi técnico da Estação Experimental de Cana de Piracicaba. Outros nomes da família Azzi que se salientaram na engenharia agrônômica: Gilberto Miller Azzi, formado em 1953 e doutor em agronomia pela ESALQ em 1973; Renato Azzi, formado em 1929 pela então Escola Prática de Agronomia piracicabana, autor do livro *A cultura da cana de açúcar* (1938), que foi redator técnico da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo; e Reynaldo Azzi, formado pela ESALQ em 1934.

**AZZI, Rodolpho**. N. Piracicaba, 4.10.1927. F. São Paulo. Psicólogo, professor universitário. C. c. Marisa Gurgel Azzi, f. Roberta Azzi. Formado pela USP, São Paulo, foi professor de filosofia no Colégio das Bandeiras e de psicologia na Cadeira de Psicologia Experimental da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e no Departamento de Psicologia de Universidade de Brasília. Fez parte do grupo de pesquisadores do Centro Regional de Pesquisas Educacionais em São Paulo, nos anos 60. Projetou-se no país e no exterior como professor, pesquisador, escritor e tradutor, notadamente no campo da análise experimental do comportamento, em que foi um dos pioneiros no Brasil.



**BACCHI, Antônio.** N. Piracicaba, 28.12.1883. F. Piracicaba, 8.9.1965. C. em 1<sup>as</sup> núpcias c. Lavinia Galesi Bacchi. Ff.: Alzira, Irene, Ilydia, Irineu, Idalina, Ilda. C. em 2<sup>as</sup> núpcias com Carolina Gesela Garlepp Bacchi, f. Lavinia Ivany. Era filho de Zeferino Bacchi e Victória Bozzolini, imigrantes italianos provenientes da comuna de Viadana, na província de Mântova. Agricultor e empresário, esteve à frente de vários empreendimentos na Piracicaba da primeira metade do século 20, entre os quais diversos loteamentos que originaram a Vila Progresso e o bairro São Dimas. Reservava sempre alguns lotes que doava para a construção de igrejas, como a de Santa Cruz e a de São Dimas. Foi o primeiro presidente e presidente de honra da Associação dos Fornecedores de Cana, fundada em 1947 e instalada à rua São José, na antiga sede da Casa da Lavoura. Uma rua da Paulicéia recebeu seu nome (G.E. Fischer, *Jornal de Piracicaba*, 2.10.1996).

**BACCHI, Irineu** (Séc. 20). Médico, c.c. Maria Izabel Bacchi. Médico assistente do Instituto Penido Burnier de Campinas e irmão contribuinte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Fez parte do grupo de fundadores da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina, a 19.1.1950. Foi responsável pelo Ambulatório de Oftalmologia da Santa Casa de Misericórdia local. Em 1976 a Regional agraciou-o com o diploma de Honra ao Mérito. Mantinha clínica oftalmológica à rua

Governador Pedro de Toledo, nº 842.

**BACCHI, Oswaldo.** N. Piracicaba, 24.3.1916. Engenheiro agrônomo e professor. F. de Ângelo Bacchi e Adele Bacchi, casados por volta de 1912. C.c. Olympia Mendes Bacchi. F.: Nelson. Formado pela ESALQ em 1936, foi seu professor (1937) e ganhou notoriedade por suas contribuições em botânica, tendo publicado a este respeito dezenas de pesquisas e estudos técnicos. Foi membro da Sociedade Brasileira de Botânica e pertenceu ao Instituto Agrônômico de Campinas. Nas listas de nomes constantes do “Livro de Protocolo” da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, correspondente ao ano de 1906, e “Livro Caixa” de 1907 é mencionado “Ângelo Bacchi”, sem quaisquer informações adicionais (Alleoni, 2003), sendo provável que se refira a seu pai. Italiano de nascimento, Ângelo Bacchi consta de uma lista de proprietários de vendas e armazéns em Piracicaba na passagem do século, com casa estabelecida na rua da Palma (atual rua Tiradentes).

**BACCHI, Zeferino.** N. 1906. F. Piracicaba, 1995. Médico, c.c. Maria Luiza Pasquale Bacchi. Ff.: Ângelo Netto (f. 2006), Rubens Luiz. Era f. de Ângelo e Adele Bacchi e irmão de Oswaldo Bacchi (v.). Fez parte do corpo clínico da Santa Casa de Piracicaba desde os anos 30, tendo coordenado desde 1937 a Enfermaria São José, Ambulatório e Consultório de Medicina desta,

tornando-se médico honorário da Santa Casa em 1976. Neste mesmo ano, recebeu o diploma de Honra ao Mérito da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina, de que foi um dos fundadores em janeiro de 1950. Manteve consultório à rua Treze de Maio. Há uma rua na Paulicéia com seu nome.

**BAGLIONE, Benedito** (Séc. 20). Industrial. Foi proprietário da Fecularia Brasil, que fabricava farinha de milho, fubá, canjica e quisera em suas instalações no bairro da Paulista, à r. dr. Paulo de Moraes, 981, de acordo com publicação dos anos 40 (Guidotti, 2002).

**BAIER, Edmunda, Irmã** (Séc. 20). Uma das missionárias da Congregação das Irmãs das Escolas Cristãs, que instalaram o Instituto Baronesa de Rezende (Escola Feminina de Economia Doméstica e Agrícola) em Piracicaba, inaugurado a 11.6.1922. Sob a orientação de Madre Maria Joana Batista Minks (v.), o grupo de missionárias-professoras católicas contava ainda com as irmãs Adolfinia Lubeta, Leocádia Scheucher, Fortunata Stradner e Geralda Vischler. Fixaram-se em Piracicaba a 13.3.1922.

**BALBAUD, Jean** (Séc. 20). Presumivelmente francês de nascimento, dirigiu por muitos anos o Engenho Central de Piracicaba. Figura de destaque na sociedade piracicabana de meados do século 20. Nos anos 40, Balbaud e sua esposa obtiveram seus brevês de aviadores pelo Aero Clube de Piracicaba. Balbaud fez parte do Conselho Diretor do Aero Clube na mesma década. Denomina-se Jean Balbaud uma das ruas do Jardim Água Seca, nas proximidades da av. Cássio Paschoal Padovani.

**BALDO, Augusto** (Séc. 20). Comerciante. Estabelecido em Piracicaba à rua Governador Pedro de Toledo, 1392 (praça Alfredo Cardoso, 894), com importante casa comercial, a Selaria União. Em anúncio estampado no “Almanaque de Piracicaba” de Krähenbühl (1955), figurava

como estabelecimento especializado em “correias para máquinas, capas e capotas para automóveis, máquinas agrícolas, arceios em geral”. Três Baldo são mencionados nos antigos livros de registro de associados da Sociedade Italiana de Mutuo Socorro de Piracicaba: Giovanni Baldo (Livro Caixa de 1905), Domenico Baldo e Pietro Baldo (relação de 1904 dos cidadãos italianos moradores em Piracicaba que não se naturalizaram). Seu nome consta do livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, no ramo de artefatos de couro, como sócio nº 99 (registro no comércio datado de 12.8.1940).

**BALESTIERO, Alexandre** (Séc. 19-20). Comerciante e músico. C.c. Guilhermina Balestiero. Ff: Ana, Antonieta, Irene, Ivone, João (Joanim), Luiz (Tico), Rosalina. Estabelecido na Vila Rezende com uma oficina de carpintaria, no início da Av. Conceição, junto à barbearia de Gustavo Paulillo. Tocava clarineta e contrabaixo na Banda União Operária, na primeira metade do século 20. Na lista dos italianos residentes em Piracicaba que não se naturalizaram, datada de 1904, consta o nome de um Balestiero: Luigi Balestiero. Pertence igualmente à história piracicabana de Vila Rezende o comerciante Santo Balestiero (Santoni), c.c. Maria Corrente Balestiero, ff. Albino Afonso, Antônia e Benevenuto. Era proprietário de armazém na Av. Conceição, junto à esquina da Barão de Valença.

**BANDIERA, Alfredo** (Séc. 20). Comerciante, c.c. Maria Aparecida de Carvalho Bandiera, ff. Alfredo, Celso, Roberto, José Maria, Clementina e Adelina. Após a morte de seu pai, Giocondo Bandiera, assumiu a direção do antigo Bar e Restaurante Familiar Giocondo, à praça José Bonifácio, 16. Anunciava sua casa de pasto nos anos 30 destacando as suas bebidas, as comidas quentes e frias, a “especialidade em bifes” (Neme, 1936). O Giocondo era ponto de encontro de intelectuais e famílias piracicabanas

## **BANDIERA, Ida**

de classe média, junto ao antigo jardim do centro da cidade, na primeira metade do século passado. Passou depois a ser propriedade do japonês Oscar Miziara, que mudou o nome do bar e restaurante para Alvorada. Há uma rua Giocondo Bandiera, em Vila Cristina, junto à av. Raposo Tavares (antigo Bairro do Enxofre).

**BANDIERA, Ida** (Séc. 20). Uma das doze mulheres que se alistaram em Piracicaba por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932 e atuaram como enfermeiras junto ao primeiro Batalhão piracicabano, que partiu de Piracicaba a 16.7.1932. Outras integrantes do grupo: Presciliana Almeida, Carlinda Barbosa, Nair Barbosa, Matilde Brasileira, Odila Sousa Diehl, Rosalina Juliano, Maria Celestina Teixeira Mendes, Ana Silveira Pedreira, Etelvina Pedreira, Dulce Ribeiro e Maria de Almeida Silveira. A esses nomes, Elias Netto (2000) acrescenta outra dúzia de mulheres de Piracicaba que tomaram parte na Revolução como enfermeiras: Nelly Abrahão, Mirtes Soares Arruda, Benedicta Dias Barros, Augusta Braga, Júlia Calil, Maria Isabel Machado César, Lourdes Godinho, Maria José Prates, Luiza Pinto dos Santos, Ambrosina de Campos Toledo, Adelina de Toledo e Silva e Nair de Toledo e Silva.

**BANHARA** (Séc. 20). Família proprietária do antigo bar e restaurante do mesmo nome, no Largo de São Benedito, esquina da rua Prudente de Moraes, por volta dos anos 30 e 40. Talvez aparentada com Filippo Brugnara, cujo nome consta da relação do “Livro de Protocolo” da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, referente ao ano de 1902, e com Fernando Brugnara, um dos italianos residentes na cidade que não se naturalizaram, de acordo com lista de 1904 da câmara municipal. (Alleoni, 2003).

**BANZATTO, Diógenes Anselmo.** N. 1954. F. Piracicaba, 2000. Fotógrafo profissional, aprendeu a fotografar aos 12 anos, com os irmãos Ricardo e Milton Caprecci. Teve ateliê à

rua do Rosário nº 1017 e foi fotógrafo do jornal “O Diário” nos anos 80. Uma rua tem seu nome, no Residencial Serra Verde.

**BANZATTO, Nicolau Victorio** (Piracicaba, 1931-?). Engenheiro agrônomo e geneticista. Foi aluno dos cursos ginásial e colegial da Escola Normal Sud Mennucci e formou-se pela ESALQ em 1956. Pertenceu ao quadro de pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas. Destacou-se por suas contribuições científicas no domínio da genética pura e aplicada do arroz, da mamoneira e do sorgo. Seu pai foi proprietário da sapataria e loja de calçados Banzatto, à rua Alferes José Caetano, perto da rua Prudente de Moraes, por volta dos anos 40 e 50. No Livro Caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba correspondente ao ano de 1905 são mencionados dois prováveis ancestrais: Santo e Antônio Banzato.

**BAPTISTA, Manoel Vieira** (Séc. 19-20). Médico, professor. Ministrou aulas de línguas estrangeiras (inglês, alemão) no Ginásio de Campinas, SP. Em maio de 1908 passou a viver e clinicar em Piracicaba, devotando-se principalmente ao atendimento de crianças, como se constata em anúncios na “Gazeta de Piracicaba”.

**BARAFON, Giacomo** (Séc. 19 – F. São Paulo, SP, séc. 20). Pintor, desenhista. É mencionado entre os primeiros emigrantes italianos vindos a Piracicaba, após a extinção da escravidão. Paisagista e pintor de costumes e cenas pitorescas do século 19, desenhou vários locais da cidade, entre os quais o antigo cemitério anexo à Igreja da Boa Morte e o Largo do Bom Jesus. Iniciou em Piracicaba sua carreira de artista plástico, ao lado de Luigi Lacchini (v.), Cipriano de Fávero, Bonfiglio Campagnoli, Orestes Serceli e Carlo de Servi (Krähenbühl, 1955).

**BARBARINI & BALDI** (Séc. 19-20).

Hoteleiros, proprietários do Hotel Bela Vista, à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), nº 79. Em anúncio publicado no almanaque de Capri (1914), ressaltavam a excelente localização, as “bebidas finas e conservas das melhores fábricas”, os cômodos confortáveis, o asseio rigoroso e o pessoal habilitado ao serviço.

**BARBEDO FILHO, Luiz** (Séc.19-20). Professor da Escola Agrícola Luiz de Queiroz (posteriormente ESALQ), lecionou Física em 1920-21, juntamente com o prof. Antônio de Pádua Dias.

**BARBIERI, César Claudionor** (Séc. 20 – F. 1932). Participou, como voluntário do Batalhão Piracicabano, na Revolução Constitucionalista de 1932, morrendo em combate. Além de Barbieri, faleceram igualmente os voluntários de Piracicaba Ennes Silveira Mello, Romário de Melo Nery, Sylvio Cervelini, Alexandre Petta, Francisco Honório de Souza, Natal Meira Barros, Antônio de Barros, Jorge Jones, Jorge Zohner, José Soares, Homero Sampaio Roxo, Lauro de Barros Penteado, Prudente Meirelles de Moraes (filho do deputado federal Antônio de Moraes Barros), Lamartine Mariano Leite, Plácido Barbosa, Virgílio Gomes e Walter Scanglione (Krähenbühl, 1955; Elias Netto, 2000). Na Vila Rezende há uma rua denominada Claudionor Barbieri, assim como outras ruas em homenagem aos heróis piracicabanos: ruas Romário Nery, Sílvio Cervelini, Alexandre Petta, Francisco de Souza e Homero Sampaio Roxo. Existem igualmente a travessa Natal Meira Barros, em Higienópolis, a praça Ennes Silveira Mello (antigo Largo da Sorocabana) e a rua Jorge Zohner, no Jardim Morumbi, perto da av. prof. Alberto Vollet Sachs.

**BARBOSA, Antônio Correia.** N. Itu, SP, 1732 (batizado a 26.9.1732). F. Itu, SP, 1791. Capitão, sertanista, fabricante de canoas, primeiro

povoador de Piracicaba e diretor da povoação, nomeado a 24.7.1766 por d. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus. C.c. Ana de Lara da Silva. Ff.: Bárbara (ou Ana Bárbara), Cecília, Alexandre, João Damasceno e Antônio 2º. Foi igualmente “notável sertanista das bacias do Pardo e do Ivaí, em plena área ameaçada pelos castelhanos” (Perecin, 1972). O Morgado de Mateus determinou que o ituano, que para cá teria vindo de Jundiá, SP, estabelecesse a povoação “na barra que faz o rio Piracicaba entrando no Tietê, dez léguas mais adiante de Ararituaba, última povoação em que se embarca para o Cuiabá”. Barbosa cumpriu a ordem recebida, fundando oficialmente a 1.8.1767 a povoação de Piracicaba, para onde fora “com administrados [índios], dispersos e vagabundos” (Neme, 1943). O Morgado queria que a capela da nova povoação fosse consagrada a Nossa Senhora dos Prazeres, mas Barbosa conseguiu fazer com que esta fosse substituída por Santo Antônio. Além disso, por motivos diversos, a povoação não foi estabelecida nas proximidades da foz do rio Piracicaba no Tietê, mas a setenta quilômetros rio acima, nas imediações do Salto, à margem direita do Piracicaba, onde, de acordo com Neme, “já se achavam estabelecidos, com ranchos e roçados, hortas e pomares, numerosos pescadores e sertanejos”. Em recompensa pela descoberta de vestígios da antiga picada de Mato Grosso que passava por Piracicaba, o Morgado de Mateus promoveu Barbosa a capitão-povoador em 11.12.1771. Em 1774 o bispo diocesano de São Paulo constituiu Piracicaba em Freguesia e mandou erigir a Igreja Matriz desta. A correspondência de d. Luiz Antônio inclui numerosas menções elogiosas a Barbosa, realçando, assim, a alta consideração que este gozava, em que pese a ocorrência de um rumoroso caso de fabricação e venda de sete canoas pelo povoador (1768). Por outro lado, Neme (op. cit.) refere-se aos desmandos e atos de prepotência do capitão-povoador, uma conduta “de modo a tornar

de desespero e dor os primeiros vagidos da sociedade piracicabana”. Em 1784 Barbosa e o vigário local, frei Tomé de Jesus, lideraram um abaixo-assinado, pedindo ao governador de então, capitão-general Francisco da Cunha Menezes, a mudança de Piracicaba da margem direita do rio para o lado fronteiro, na margem esquerda. A mudança ocorreu em julho de 1784. Lavrava, contudo, o descontentamento dos habitantes contra Barbosa, que aparentemente só cessou com a morte deste, em meados de 1791, sendo nomeado Carlos Bartolomeu de Arruda (v.) para sucedê-lo. O capitão-mor da vila de Itu Vicente da Costa Taques Gôes e Aranha deixou-nos o seguinte perfil severo de Antônio Correia Barbosa: “...figura um índio de qualquer aldeia, porém branco de origem, muito forte, duro, animoso, agradável, ágil para a caça e pesca, totalmente desgovernado, inútil para si e para os seus, sem regra e sem palavra e inábil para qualquer instrução e reforma, isto é o capitão Antônio Correia Barbosa” (cit. em Guerrini, 1978). Uma rua da cidade, que cruza a rua Moraes Barros, recebeu o nome de Antônio Correia Barbosa, em substituição à antiga denominação: rua do Sabão. Uma descendente do povoador, Dora Correia Barbosa, casou-se com Joaquim da Cunha Bueno Júnior, sendo avós do deputado federal Antônio Henrique Bittencourt da Cunha Bueno. Em 1945 deu-se o tombamento da casa junto ao rio Piracicaba que, de acordo com a tradição, tornou-se conhecida como “a casa do povoador”.

**BARBOSA, Cláudio Mendes** (Séc. 19-20). Major, advogado, político e jornalista, c.c. profa. Carlinda de Araújo Barbosa. Ff.: Carlinda, Carlos, Nair. A família residiu de 1925 a 1950 na Vila Rezende, na Av. Dona Maria Eliza, nº 302 em um casarão construído por franceses incumbidos de gerenciar o Engenho Central, no começo do século vinte. Segundo Aldrovandi (1991), a esposa do major tinha um carro Ford 1929 que a tornou conhecida como “terror das avenidas”, naquela época. O major, a esposa e a

filha Nair (de Almeida Leme, n. 1915 e f. 1999) participaram da Revolução de 1932, no Batalhão Piracicabano. Nair colaborou por muitos anos no *Jornal de Piracicaba* e era professora formada aos 17 anos de idade pela Escola Normal Oficial (Sud Mennucci) de Piracicaba. Nair lecionou até 1956 em fazenda de São Pedro, SP, e em escola do bairro Campestre, em Piracicaba, onde se aposentou (C. Perina, *Jornal de Piracicaba*, 4.2.2007).

**BARBOSA, Irmãos** (Séc. 20). Proprietários da Oficina Barbosa, à rua Ipiranga, nº 536, em meados do século passado. Em anúncio de 1955, no almanaque editado por Krähenbühl, apresentavam-se como ferreiros e serralheiros, especializados em portas artísticas, portões de ferro, vitrôs, portas de correr e outros itens do gênero.

**BARBOSA, José de Carvalho** (Séc. 19-20). Professor e engenheiro agrônomo. Formou-se pela então Escola Agrícola Luiz de Queiroz em 1912 e obteve a titulação de livre-docente pela ESALQ em 1937.

**BARBOSA, Theodoro Quartim**. Séc. 19-20, n. Itapira, MG, 12.1.1896. Banqueiro, fazendeiro, industrial, engenheiro agrônomo. C.c. Maria José Whitaker de Lacerda Quartim Barbosa. Ff.: Heloisa, Paulo, Maria Helena, Carlos Eduardo. Formou-se em Piracicaba em 1916 pela Escola Agrícola Luiz de Queiroz (posteriormente ESALQ), tendo sido presidente de seu Centro Acadêmico em 1915-16. F. de Francisco de Paula Moreira Barbosa e Francisca da Luz Quartim. Um dos seus irmãos, Geraldo Quartim Barbosa, cursou igualmente em Piracicaba a ESALQ, recebendo o diploma de engenheiro agrônomo em 1935, e foi também presidente do seu Centro Acadêmico em 1934-35. Theodoro Quartim Barbosa foi Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, dirigiu o Instituto do Café, presidiu a Willys Overland do Brasil e a Cosipa e foi superintendente do Banco Comércio Indústria

de São Paulo. Chefiou missões governamentais à Europa e aos EUA.

**BARBOSA FILHO, Antônio Correia** (Séc. 18). Filho de Antônio Correia Barbosa, primeiro povoador de Piracicaba (v.) e de d. Ana da Silva Lara. Foi o terceiro filho do casal. C. com Úrsula Franco de Andrade, filha do capitão-mor da vila São Carlos (antiga denominação de Campinas). Guerrini (1985) informa que “alguns filhos do capitão-mor nasceram piracicabanos”. Acrescenta, contudo, que não se pode afirmar que o filho Antônio tenha estado ou vivido em Piracicaba. De qualquer maneira, ainda segundo Guerrini, “possivelmente herdara do pai o gênio aventureiro e romanesco, como era hábito naquelas andanças”.

**BARBOZA, Benedito Francisco** (Séc. 20). Comerciante, atuava no ramo dos gêneros alimentícios à frente de seu estabelecimento à r. Benjamin Constant, 329, registrado no comércio local desde 1939. Foi associado do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, figurando no registro de sócios deste sob nº 151.

**BARCELLI, Bruno** (Séc. 19? – Séc. 20). Artista plástico. São de sua autoria as pinturas murais que embelezam o interior do Teatro (depois cinema) São José, inaugurado a 11.7.1927.

**BARON, Pedro, padre** (Séc. 20). Fundou em agosto de 1950 em Piracicaba o Colégio Salesiano Dom Bosco e foi seu primeiro diretor, tendo como sucessor o padre Rafael Kroboczek. Criado e mantido pela Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, em seus primeiros anos funcionou no Grupo Escolar Dr. João Conceição e no Colégio Assunção, até o término da construção do edifício que passou a abrigá-lo na Cidade Alta, no terreno do Clube de Tênis (antiga chácara Laporte).

**BARONI, Antônio** (Séc. 20). Músico. Flautista, fez parte da primeira orquestra piracicabana

de Vila Rezende, em 1920. De acordo com Aldrovandi (1991), integravam essa orquestra, liderada pelo Padre Julião Caravello, os seguintes músicos: José Bruzantim, José Cesta, Narciso Daniotti, Antônio Mauro, Vicente Mauro, Ângelo Rizzolo (v.), Luiz Rizzolo, Luiz Vicino, Vítório Voltani e outros rapazes ou meninos. A fonte citada informa que o padre Caravello, de nacionalidade italiana, reuniu nessa orquestra um grupo razoável de gente jovem que sabia ler música e manejar instrumentos de cordas e sopro. “A pequena orquestra ficou famosa e permaneceu bom tempo em atividade”.

**BARR, Cornélia e Willie** (Séc. 19-20). Faziam parte do primeiro grupo de alunos regulares do Colégio Piracicabano, no ano de 1881. Eram enteados do pastor metodista Junius E. Newman, organizador da primeira igreja metodista no país, em Saltinho, que se transferiu para Piracicaba após o falecimento da esposa. Os demais alunos eram Maria das Dores e Sócrates de Oliveira, ff., e Hilário dos Santos, pupilo, do promotor público Antônio Joaquim Oliveira; Elisa e Margarida Diehl, ff. de Jacob Diehl; Ana Maria, Elisa, Jorge e Nicolau, ff. do Senador Moraes Barros; Otto Keiferth, f. de João Keiferth; Nora e Mary Smith, pertencentes a família estadunidense que vivia em Piracicaba; Angelina e Maria Izabel de A. Barros, ff. de Luiz Antônio de A. Barros; Olívia Ferraz, f. de Joaquim Ferraz; Ana e Flávia da Silva Gordo, ff. de Antônio José da Silva Gordo, cunhado do senador Moraes Barros; Geraldina Borges, f. de Cândido Borges da Cunha; Maricota Gomes, f. de Francisco Pimenta Gomes; Elisa Lopes, f. de A. Oliveira Lopes; Narcisa Augusta de Figueiredo, enteada do juiz de direito Joaquim de Toledo Piza e Almeida; Maria Amélia e Prudente, ff. de Prudente José de Moraes Barros; Alicia dos Santos, f. de José dos Santos; Maria Leopoldina, Rita e Josefina Soares, pupilas, e José Rocha Faria, f. de José A. Faria; e quase ao fim do ano, Mizael e Cristiano Vieira Ottoni, ff. do Senador Cristiano Ottoni



e sobrinhos de Luiz de Queiroz e Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz (Elias, 2001).

**BARREIROS, Nelson (Tuca)** (Séc. 20). Jornalista. Repórter e articulista do “Jornal de Piracicaba” em meados do século vinte, manteve coluna muito estimada pelos leitores, que focalizava acontecimentos e problemas da cidade com lucidez e objetividade ímpares.

**BARRETTA, Torello** (Séc. 19-20). Um dos 27 proprietários de restaurantes na Piracicaba de 1900, segundo o “Almanak” de Camargo para esse ano. A casa de pasto de Barretta situava-se na rua do Rosário. Outros proprietários de restaurantes locais mencionados por Camargo: Antônio Amendola, Pedro Benedicto, Frederico Bertolini, José Biajoni, Antônio Botiglieri, Belatasso Fernandes, João Moretti Folvenço, Irmãos Gabbi, João Gallana, Celeste Gilli, João Lucci, Luiz Maranhão (v), Ângelo Massoneto, Paulino José Miranda, Fortunato Minello, Pedro Monteran, Albino Negri, Salvador Oranges, Domingos Patrian, Gaspar Piatti, João Antônio dos Santos, Francisco Scabelli, Santo Stremendo, Márcia Telles, João Tolagne e Pedro Vargas.

**BARRETO, Elias**. N. Piracicaba, 9.4.1912. Jornalista, escritor. Tinha 18 anos de idade quando começou a colaborar na imprensa local, escrevendo no jornal “O Momento”, diário do Partido Democrático de Piracicaba, surgido em fins de 1930 e usando o pseudônimo Haruni Al Rachid. Publicou igualmente seus escritos na “Gazeta de Piracicaba” e no “Jornal de Piracicaba”. Foi diretor do periódico “Cidade de Limeira” em 1937-38 e redator de uma publicação de Itatiba, intitulada “Ipa”, em 1939. Pertenceu à Sociedade Paulista de Escritores e teve três obras de sua autoria lançadas em 1939 em Limeira: “Quando Jesus aqui passou”, poemas; “Sinfonia dos laranjais”, poesia; e “Minha resposta”, acerca de uma polêmica sobre Rui Barbosa.

**BARROS, Adhemar Pereira de**. N. Piracicaba, 22.4.1901. F. Paris, França, 12.3.1969. C.c. Leonor Mendes de Barros. Ff.: Maria, Adhemar Filho, Antônio. Era filho de Antônio Emídio de Barros e Elisa Pereira de Barros e neto de José Emídio de Barros, bem como de João Inácio Pereira Pinto, n. Piracicaba. Passou a infância em São Manoel, SP e formou-se em 1923 pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, tendo feito estudos pós-graduados no Instituto Oswaldo Cruz e residência médica na Europa. De 1927 a 1932 atuou como médico ginecologista. Foi prefeito de S. Miguel, SP. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932. Pertenceu inicialmente ao Partido Republicano Paulista (PRP), mas afastou-se deste com o advento do Estado Novo, tendo feito oposição a Vargas de 1934 a 1937. Foi eleito deputado e constituinte estadual nas eleições de 1934 e em 1937 teve seu mandato cassado por Vargas. De 1938 a 1941 foi interventor federal no Estado de São Paulo. Por ordem de Vargas, determinou em 1940 a intervenção no jornal “O Estado de São Paulo”, que se opunha ao Estado Novo, voltando o jornal aos seus proprietários somente em fins de 1945. Fundou e liderou o Partido Social Progressista (PSP), surgido em 1946, que resultou da fusão do Partido Republicano Progressista, criado por ele, com o Partido Popular Sindicalista e com o Partido Agrário Nacional. Presidiu o PSP durante cerca de duas dezenas de anos. Em 1947 elegeram-no para governar o Estado de São Paulo. Em 1950 o PSP de Adhemar aliou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), para lançar a candidatura vencedora de Getúlio Vargas à presidência da República. Em troca do apoio a Vargas, couberam ao PSP a vice-presidência do País, confiada a Café Filho, e o Ministério da Viação e Obras Públicas. O Ato Institucional nº 2 extinguiu o PSP e a maioria dos ademaristas filiou-se à Arena. Em 1954 Adhemar disputou o governo paulista com Jânio Quadros, sendo derrotado por este. Em 1955 perdeu a eleição presidencial para Juscelino Kubitschek de

Oliveira e em 1960 para Jânio Quadros, mas em 1957 os paulistanos o elegeram prefeito da Capital. Eleito novamente para governar o Estado em 1962, participou do movimento político-militar de 1964. Posteriormente, desentendeu-se com os chefes militares e em 1966 teve seus direitos políticos cassados por dez anos e exilou-se. Processado por corrupção, não foi condenado. Vítima de enfarte, faleceu em Paris e foi sepultado na capital paulista. Paralelamente à carreira política, dedicou-se a atividades empresariais industriais (transporte, metalurgia, siderurgia, alimentação), agrícolas e de serviços. Além disso, foi proprietário de duas emissoras paulistanas de rádio, quatro jornais na capital paulista e um jornal no Rio de Janeiro, sendo, pois, inegável a sua importância na industrialização e modernização do país. Figura controversa e marcante da história política brasileira, no seu derradeiro mandato projetou e iniciou a construção da Rodovia do Oeste, que, em virtude do movimento militar de 1964, passou a denominar-se Rodovia Castelo Branco. Uma rua de Piracicaba tem seu nome, na Unileste. São Paulo deve-lhe a construção de vários hospitais (iniciou em 1938 o Hospital das Clínicas) e centros de saúde, iniciativas em matéria de saneamento básico, criação de escolas, bibliotecas públicas e museus, desenvolvimento do transporte aéreo (Aeroporto de Congonhas e aeroportos no interior do Estado), de portos e rodovias. Em seu terceiro mandato como governador, iniciou a construção do metrô paulistano. Piracicaba foi beneficiada no seu governo com o decreto (1947) que criou a Escola Normal Livre Miss Martha Watts, no Colégio Piracicabano, a construção do edifício da Escola Industrial (1948) e a conclusão, construção e pavimentação de várias rodovias. Adhemar foi paraninfo dos formandos da ESALQ em dezembro de 1938, representou o paraninfo Getúlio Vargas em 1939 e voltou a ser paraninfo em 1948. Em 1956, condenado a dois anos de reclusão por peculato, refugiou-se na Bolívia, mas foi

absolvido pelo Supremo Tribunal Federal, voltando ao Brasil no ano seguinte. Uma rua piracicabana no Unileste tem seu nome, paralela à avenida Com. Leopoldo Dedini.

**BARROS, Amando de.** N. Piracicaba, 1.9.1860. F. São Paulo, 13.12.1920. Político, deputado estadual, vereador, coronel, viveu a maior parte da sua existência em Botucatu, SP. Vice-prefeito de Botucatu na época da instauração do regime republicano no país, participou dos primórdios do Partido Republicano botucatuense e integrou o Conselho de Intendência do município, que substituiu a câmara de vereadores em 1890-91. Em 1893 fez parte do grupo de cidadãos que criaram a Santa Casa de Misericórdia de Botucatu, inaugurada oito anos depois. Foi vereador de 1899 a 1903, em 1908 e de 1911 a 1916. Elegeram-no deputado estadual em duas legislaturas. No seu testamento, deixou um pequeno legado para a Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Seu nome foi dado em 1927 ao orfanato Amando de Barros (depois Casa das Meninas Amando de Barros). A antiga rua do Comércio de Botucatu ganhou seu nome (Donato, 1985).

**BARROS, Antônio de Moraes.** N. Piracicaba, 5.7.1870. F. São Paulo, 2.8.1931. Advogado, jornalista, político, deputado federal. C.c. Isaura de Almeida, n. Piracicaba, 20.5.1877. Ff.: Francisco, Hermann, Isa, Manuel, Maria. Filho do senador Manuel de Moraes Barros (v.) e Maria Inês de Moraes Barros (*née* Silva Gordo). Formou-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, São Paulo, em 1891, passando a advogar em Piracicaba. Durante vários anos foi redator da “Gazeta de Piracicaba”. Deputado estadual por quatro legislaturas, de 1898 a 1912, retornou à banca de advogado em São Paulo, após deixar a política. Era filho de Manuel de Moraes Barros (v.) e sobrinho de Prudente José de Moraes Barros (v.). Uma rua junto à avenida Dois Córregos e à Rodovia do Açúcar tem seu nome.

**BARROS, Antônio Leite de** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo. Formou-se pela Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz (atual ESALQ) em 1915. Foi secretário da escola em 1940-41.

**BARROS, Antônio Meira.** N. Piracicaba, 14.8.1935. F. Piracicaba, 10.3.2003. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Celí Meira Barros, ff. Gilson e Tânia. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Maria Clarice Groppo. Cirurgião dentista e professor universitário, filho de Romeu Meira Barros, vereador e comerciante estabelecido com armazéns à rua do Porto (Mercadinho do Porto) e à rua Alferes José Caetano, e de d. Olga Mendes de Barros. Formado pelo curso de odontologia de Lins, SP (hoje Unimep), especializou-se em cirurgia bucomaxilofacial. Pertenceu à Faculdade de Odontologia de Piracicaba, hoje FOP da Unicamp, lecionando Cirurgia. Uma rua tem seu nome no bairro Dois Córregos.

**BARROS, Antônio Pais de.** Barão de Piracicaba. N. Itu, SP, 4.3.1791. F. Piracicaba, 11.10.1876. C.c. Gertrudes Eufrásia Aires de Aguiar. Ff: Maria, Rafael (2º Barão de Piracicaba), Gabriela, Antônia, Antônio, Diogo Antônio. Eleito e proclamado suplente de deputado paulista às Cortes de Lisboa em 1821, não tomou posse naquela assembléia. Em 1830-33 fez parte da segunda legislatura do Conselho de Governo da província de São Paulo. Pertenceu igualmente ao Conselho Geral da província na 1ª, 2ª e 3ª legislaturas, desde 1829. Após a extinção do Conselho Geral em 1834, foi deputado (1835) na primeira legislatura da Assembléia Provincial, assim como na 2ª, 5ª e 7ª legislaturas. Em 1854 foi agraciado com o título de Barão de Piracicaba. Antônio Pais de Barros é personagem importante na história de Rio Claro (Ribeirão Claro), ao tempo em que esta era freguesia anexa ao 16º Termo da província de São Paulo, encabeçado por Constituição (Piracicaba) (Müller, 1838). Segundo a mesma fonte, nessa época Rio Claro constituía o 3º

Distrito de Paz do município piracicabano. Em 1817, juntamente com Campos Vergueiro e Marcelino de Godoy, Antônio Pais de Barros aparece como comprador da primeira sesmaria de Morro Azul. Em 1826 Pais de Barros figura como morador da “capela de São João Batista do Ribeirão Claro, nas extremidades das freguesias de Araraquara, Vila de Constituição (Piracicaba) e Corumbata?”. Em 1832 o nome de Pais de Barros está na lista dos fundadores da “Sociedade do Bem Comum”, entidade benemérita criada em Rio Claro para a construção da Igreja Matriz e para promover “os bons costumes e a educação da mocidade” (A. A. Fonseca, em Penteadó, 1978). Em 1845 os empenhos conjuntos dos deputados Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e Antônio Pais de Barros conseguiram a aprovação, pela Assembléia Provincial, de um decreto que elevou a freguesia de São João do Rio Claro à condição de vila autônoma (7.3.1845). Por ocasião do 1º Centenário de Rio Claro (1927), foi inaugurado no centro da cidade um marco que comemorou sua fundação, com o nome de Antônio Pais de Barros inscrito entre os dos seus fundadores.

**BARROS, Cajo Eugênio de Moraes** (Séc. 19-20). Filho de José de Moraes Barros (v). Foi adido do consulado do Brasil em Gênova, Itália, na segunda década do século vinte, conforme registro do almanaque “Piracicaba”, editado por Capri (1914). Era provavelmente natural de Piracicaba.

**BARROS, Domingos de** (Séc. 19). Seu nome aparece no rol dos relojoeiros piracicabanos da passagem do século, com relojoaria no largo Municipal (atual Praça Tibiriçá). (Camargo, 1900). Outros profissionais do ramo, citados pela mesma fonte: Nicolau Castronovo, Amleto Borgo Cavatti, Amador Cosentino e irmão, Lazaro Franco de Godoy, Otto Ruhuk, Donato Tullio e Adolpho Woltzenlogel.

**BARROS, Domingos Soares de.** N. Itu, SP, 1776. F. séc. 19. C.c. Anna Eufrosina da Cruz, e em 2<sup>as</sup> núpcias c. sua sobrinha Gertrudes Maria de Barros. Filhos do 2º casamento: Manoel, Joaquim, Maria, Mariana. Homem de posses, senhor de engenho em sociedade com o sargento-mor Ignácio José de Siqueira. Como 5º Capitão-mor, foi juiz e capitão-comandante, autoridade máxima da freguesia de Piracicaba. Participou dos entendimentos que em 1816 resultaram num documento-representação endereçado ao Conde de Palma, d. Francisco de Assis Mascarenhas, e apontado como “valiosíssima peça histórica, sob todos os prismas” (Guerrini, 1964). O documento, redigido por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (v.), “é um retrato formal de Piracicaba nos seus aspectos diversos” e pede ao capitão-comandante que advogue junto ao rei de Portugal, “com desvelo, interesse, simpatia”, a causa da elevação da freguesia piracicabana a vila autônoma. Juntamente com o Vigário Amaral Gurgel, Soares de Barros foi encarregado de redigir atestação que comprovava o que dizia a representação, sobre a necessidade da conversão da freguesia em vila. O conde de Palma apoiou a pretensão dos piracicabanos. A despeito do seu apoio, somente cinco anos depois o governo de São Paulo deliberou mandar erigir em vila a freguesia de Piracicaba, sob a denominação de Vila Nova da Constituição (Neme, 1945). Soares de Barros produzia açúcar, empregando em sua fazenda 15 escravos seus e mais 10 de sociedade. Foi amigo particular do 4º Capitão-mor, Francisco Franco da Rocha (v.), e seu testamentário. Há uma rua com seu nome, em vila Bessy, junto a Santa Teresinha (Rodovia do Açúcar).

**BARROS, Eulália Pinto de** (Séc. 19). Professora de primeiras letras. Em artigo sobre o ensino elementar em Piracicaba nos tempos do Império, Ayres (1952) menciona-a, assim como os professores particulares José Romão Leite Prestes (v.), José Firmínio de Almeida Leite,

Francisco José Miguel Wey, Lourenço Leite de Cerqueira, Justino Zeferino da Conceição, Antônio Mestre, Policarpo do Amaral Gurgel, Nhonhô Guimarães. Mais tarde, surgiram as escolas de Galvão de Moura Lacerda, Theodoro Huffenbächer, d. Sofia, padre João Lopes, d. Rita Lacerda, d. Eulália Pinto de Barros, Augusto Castanho e d. Francisca Elisa da Silva. De acordo com Salum (1987), a primeira escola piracicabana, fundada em 1826, teve como professor Joaquim Floriano Leite, que nela se manteve por poucos dias, seguindo-se os profs. Manoel Morato de Carvalho e Vicente do Amaral Gurgel. Outro pioneiro do ensino elementar em Piracicaba foi o pe. José Maria de Oliveira, igualmente secretário e coadjutor da Matriz. Vieram depois o prof. Ricardo Leão Sabino e seu substituto, João Morato do Canto, assim como o pe. Francisco de Assis Pinto Castro, que lecionou latim e francês e se aposentou em 1858, e Ermelinda Rosa de Toledo (1858). Em 1860 havia em Piracicaba duas escolas masculinas, com mais de 200 alunos, e uma classe feminina, com 42 alunas. No “Almanak da Província de São Paulo” de Luné e Fonseca (1873), são mencionados como professores particulares de instrução pública em Piracicaba os seguintes: d. Ana Joaquina de Aguiar, Francisco José Miguel Wey, Joaquim Augusto do Amaral e José de Almeida Leite. Às vésperas da República, ministraram ensino particular às crianças os profs. Antônio Sardenberg, Pedro Arribot, Jacques Wolf, Tristão Mariano, Faria Tavares, Adriano Boucault e José de Azurara. No regime republicano, as escolas de ensino elementar expandiram-se pela cidade, contando entre estas o Colégio Rosa, de Luiz Felipe da Rosa, posteriormente Colégio Ipiranga, sob a direção de Augusto Salgado, e a Escola Perseverança, no palacete do Barão de Rezende, na esquina da rua São José com a rua Alferes José Caetano. Lecionavam em Piracicaba em 1892, segundo Vitti (1966), os professores França, d. Zulmira, Arantes, Cotrim, d. Fausta, d. Hermínia,

Sandenberg, Castanho e d. Francisca da Silva. Achavam-se em funcionamento em Piracicaba, durante o ano de 1894, três colégios: Assunção, Rosa e Piracicabano (Neme, 1936). Em 1897 deu-se a inauguração solene do Grupo Escolar Piracicaba, à rua do Comércio, hoje Barão do Rio Branco, um dos primeiros surgidos no interior do Estado. Em fins do século, funcionavam as escolas dos profs. Zulmira Ferreira do Valle, à rua Direita (atual Moraes Barros); Francisca Elisa da Silva, à rua Direita, perto do rio; Isabel Vaz Pinto, à rua Treze de Maio; Eulália Pinto de Barros, à rua Direita; Jacinto Antenor da Silva Mello, à rua Piracicaba (hoje Voluntários de Piracicaba), tendo como adjunta a profa. Otávia de Mello; João Boaventura Pedreira, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo); Tristão Mariano, externato e internato, no qual colaborava a profa. Clara da Costa; Azevedo, r. São João; Artur Madeira, escola noturna para adultos, tendo como auxiliar o prof. Felipe de Angelis; escola noturna municipal do prof. Jacinto Antenor da Silva Mello, mantida pela Câmara Municipal em uma das suas salas; “Scuola Italiana Umberto I”, do prof. Guglielmo Tagneri, à rua Direita; Escola Luiz de Queiroz, à rua Luiz de Queiroz, sob a direção do capitão Justino Martins de Faria e tendo como auxiliar Adolpho Carvalho, mantida pela Fábrica de Tecidos e destinada aos pessoal desta; Escola Fluminense, à rua Luiz de Queiroz, dirigida por Sérgio André Joaquim Pinto; escola da Sociedade Equalitária Instrutiva, para crianças negras, dirigida por Joviniano Pinto, à rua Treze de Maio; Colégio Perseverança, à rua São José, dirigido por Adelina Ferreira da Silva; Colégio da Assunção de Nossa Senhora, sob a direção das Irmãs de São José; Colégio Piracicabano, dirigido pela profa. Lilly Ann Stradley; Escola do Sagrado Coração de Jesus, mantida pelos Capuchinhos, sendo frei Daniel seu diretor, com a ajuda de freis Celestino e Boaventura; Instrução primária do Asilo de Órfãos do Coração de Jesus, sob a direção de Antônia

Martins de Macedo; Externato Huffenbächer, à rua da Esperança (atual D. Pedro II), dirigido por Guilhermina Huffenbächer; e Colégio Ipiranga (antigo Colégio Rosa), dirigido por Augusto Salgado (Camargo, 1900). Em 1904 foi fundado o Grupo Escolar Moraes Barros, posteriormente EEPSP Moraes Barros. O prof. Policarpo do Amaral (Gurgel) dá nome a uma rua no bairro São Dimas. No Piracicamirim há uma rua denominada Pe. José Maria de Oliveira. Existem diversos outros logradouros na cidade cujas denominações homenageiam professores que exerceram o magistério em Piracicaba no século 19: r. Zulmira Ferreira do Valle, no Jardim Nova Suíça; trav. Isabel Vaz Pinto, no Jardim Nova Suíça; r. Clara da Costa, no Jardim Nova Suíça; r. Artur Madeira, na vila Cristina; av. Adolfo de Carvalho, no Jardim São Luiz; r. Sérgio André Joaquim Pinto, no Jardim Nova Suíça; e r. Joviniano Pinto, no Jardim Nova Suíça. O grupo escolar próximo à rua do Porto, na rua 15 de Novembro, 124, recebeu o nome de Francisca Elisa da Silva. (V. **ARANTES, Mário**)

**BARROS, Fernando da Rocha Paes de.** N. São Paulo, 7.861887. F. São Paulo, 19.9.1950. Médico, farmacêutico, professor. C.c. Andreлина do Canto Paes de Barros, n. Piracicaba. Ff.: Dirce, Dirceu, Dyla, Eduir, Herces, Ilka, Luiz, Pedro Fernando e Zoé. Formou-se em Farmácia (S. Paulo, 1910) e em Medicina (Curitiba, 1926). Lecionou na Escola de Farmácia da capital paulista (1911) e na primeira Universidade de São Paulo (1913), na qual foi professor catedrático de Botânica e História Natural, tendo sido um dos fundadores da Universidade, antecessora da USP. Paralelamente às atividades docentes, que incluíram também ensino particular e secundário, criou e manteve na capital paulista um laboratório de análises clínicas. Atuou como farmacêutico em Rafard, Capivari e Elias Fausto e criou várias fórmulas de medicamentos. Além de outras atividades, organizou e dirigiu o Instituto Paulista de Bioquímica (1927).

Trabalhou no Instituto Butantã de 1928 a 1930. Mudou-se para Piracicaba em 1931, instalando seu consultório à r. Prudente de Moraes, nº 198, sob a denominação de “Laboratório Béchamp”. Em 1955 a clínica médica Paes de Barros funcionava à rua João Pessoa nº 90 e anunciava três áreas de atuação: moléstias de senhoras, moléstias de crianças e sífilis. Publicou estudos e pesquias. Aposentou-se em 1950.

**BARROS, Francisco Galvão Paes de (Padre Galvão).** N. Itu, SP, 18.1.1837. F. Piracicaba, 27.10.1898. F. de Matheus Lourenço da Silva Paes e Maria Leopoldina de Barros Paes. Foi aluno dos capuchinhos franceses de Sabóia, que entre 1854 e 1876 dirigiram o Seminário Episcopal de São Paulo. Nomeado coadjutor do vigário Joaquim Cipriano de Camargo junto à paróquia de Santo Antônio, o Pe. Galvão aqui chegou, vindo de Itu, a 3.3.1863. Como vigário da paróquia de Piracicaba, esteve à frente da Matriz de Santo Antônio de 1868 a 1898. Presidiu em 1.1.1893 o lançamento da pedra fundamental da Igreja do Sagrado Coração de Jesus e empenhou-se para trazer a Piracicaba as irmãs de São José, confiando-lhes o Colégio Assunção (J. E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 27.10.1989). Sacerdote popular e estimado, é assim descrito em Capri (1914): “No presbitério era inflexível e dedicado à vinha do Senhor... Na vida mundana, um homem sociável, um cavalheiro de muita educação. De estatura elevada..., sempre amável e risonho, espirituoso e conversador, dando o cavaco por uma anedota e tendo delas boa provisão, era recebido com alegria em grande roda de amigos, que o seu gênio expansivo congregava. Tinha um coração de pomba, inábil para os rancores, mas pronto no perdoar ofensas, sempre generoso e cheio de afetos. A sua bolsa estava a toda a hora aberta para socorrer os necessitados”. Uma verdadeira multidão acompanhou seu enterro. Sepultado em cova simples no Cemitério da Saudade, só por ocasião da reforma deste, quando Fernando Costa (v.) era prefeito de Piracicaba, o padre

Galvão recebeu tûmulo condigno, por iniciativa de um grupo de amigos seus, convertendo-se em local de pedidos, orações e romarias. Uma rua no bairro de São Dimas tem o nome do Pe. Galvão.

**BARROS, Joaquim P. de Almeida** (Séc. 19). Fazendeiro abastado, coronel. Em 1900, segundo o “Almanak” de Camargo, sua viúva fazia parte da lista dos capitalistas que pagavam os impostos mais elevados de Piracicaba: 100:000\$000. A mesma publicação registra igualmente o nome de Luiz Antônio de Almeida Barros entre os lavradores piracicabanos da passagem do século.

**BARROS, José Fernandes (Fernando) D’Almeida** (Séc. 19). Capitalista, um dos que mais pagavam impostos em Piracicaba, na passagem do século (Camargo, 1900). Em Vitti (1966), seu nome aparece com um “Júnior” no fim. Foi vereador de 1877 a 1880 e de 1883 a 1886 (Moratori, 2004). Elegeram-no provedor da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba em julho de 1877, então às voltas com graves problemas financeiros, a ponto de ser proposto o seu fechamento. As medidas severas que tomou e os recursos que conseguiu obter fizeram com que a crise fosse superada. Ao fim do seu mandato, o provedor “mereceu da Irmandade um voto de louvor em reconhecimento pela sua extraordinária atuação” (Cambiaghi, 1984). Em 1873, Luné e Fonseca referiam-se a dois Almeida Barros que faziam parte da Guarda Nacional em Constituição (mais Tietê, Santa Bárbara e São Pedro): o coronel Alexandre Luiz de Almeida Barros, comandante superior, e o alferes Pedro de Almeida Barros, à frente da 2ª Companhia do 12º Batalhão Infantaria da Ativa. Tanto o coronel Alexandre como Luiz Antônio de Almeida Barros são listados pela fonte citada como fazendeiros piracicabanos.

**BARROS, José Marcelino de Moraes.** N. Itu, 10.7.1859. F. séc. 20. Médico e

diplomata. Formou-se em ciências naturais pela Universidade de Bruxelas e doutorou-se em medicina em 1879 pela Universidade de Genebra, na Suíça. Foi interno da Policlínica Geral de Genebra. Em 1892 foi encarregado do Consulado Geral do Brasil em Genebra e em seguida, no mesmo ano, vice-cônsul honorário. Atuou como médico inicialmente em Campinas, SP (1887). Residiu e clinicou em Piracicaba em 1894, com consultório à rua do Teatro, num sobrado à frente da atual Praça José Bonifácio. Posteriormente, tornou-se vice-cônsul em Bremen (1896 e 1899), cônsul honorário em Marselha (1898), cônsul em Southampton, na Inglaterra (1903), adido comercial na Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai (1910), cônsul em Assunção (1911), em Barcelona, Espanha (1913), Lisboa (1916), Havre (1918), Gênova (1919) e Barcelona (1921). (Capri, 1914; Bueno e Barata, 2000).

**BARROS, Leonel Vaz de (Leo Vaz).** Professor, jornalista, escritor. N. Capivari, SP, 6.6.1890. F. São Paulo, SP, 5.3.1973. C.c. Isaura de Oliveira Santos, f. 20.8.1980. F.: Elza. Descendente de troncos quatrocentões, era filho do coronel Joaquim Fernando Paes de Barros e sua terceira esposa, Filomena Vaz de Melo. Neto do tenente Fernando Paes de Barros, fazendeiro em Itu e em Capivari, SP. A família mudou-se para Piracicaba em 1892. Por volta dos dez anos de idade, o menino cursou na capital paulista a Escola Americana (Mackenzie). Estudou também no Ateneu Jauense, em Jaú, SP. Retornou a Piracicaba, diplomando-se como professor normalista pela Escola Complementar em 1911. Nessa época, fez com seu primo Breno Ferraz do Amaral (v.) o semanário “Noiva da Colina”, impresso na tipografia Meira, à rua Prudente de Moraes, que publicava colaborações dos alunos e ex-alunos da Escola Complementar. Atuou no magistério entre 1914 e 1923 em Itápolis, SP, e na Escola Normal da Praça da República, na Capital. Foi

bibliotecário, inicialmente na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e depois na Assembléia Legislativa do Estado, a partir de 1934. Como jornalista, começou escrevendo para jornais piracicabanos, de Santa Bárbara, Rio Claro, Jaú e Amparo. Em 1918 estreou no jornal “O Estado de S. Paulo” e em 1921, com vários companheiros de redação neste, foi um dos fundadores e responsáveis por um novo jornal, a “Folha da Noite”. Participou igualmente da criação e da redação do “Diário da Noite” (1925). Monteiro Lobato incumbiu-o da supervisão da “Revista do Brasil”. Nunca deixou, todavia, de pertencer ao grupo de redatores de “O Estado de S. Paulo”, onde começou como repórter, ocupando depois os cargos de redator-chefe e diretor, até aposentar-se em 1951. Com a morte de Martim Francisco Ribeiro de Andrada (Neto) em 1927, Leo Vaz foi eleito para ocupar sua cadeira na Academia Paulista de Letras. Pouco antes do falecimento, Leo Vaz voltou a residir por algum tempo em Piracicaba, na rua Boa Morte. Apontado por Sérgio Milliet como “um dos escritores mais elegantes de nosso tempo” e por Sud Mennucci (v.) como “êmulos e par com Machado de Assis”, consagrou-se como romancista com a publicação de “O professor Jeremias” (1920), tendo publicado depois o livro de contos “Ritinha e outros casos” (1921), o romance “O burrico Lúcio” (1951) e o livro de crônicas “Páginas vadias” (1957). Além do pseudônimo Leo Vaz, usou igualmente o de Diágoras em seus escritos.

**BARROS, Luiz Antônio de Souza.** N. Itu, SP, 23.9.1809. F. São Paulo, SP, 9.3.1887. Comendador, fazendeiro, dignitário da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. sua sobrinha Ilídia Mafalda de Rezende Souza Barros, f. do marquês de Valença, Estevão Ribeiro de Rezende, tiveram dez filhos; 2<sup>as</sup> núpcias, c. Felicíssima de Almeida Campos, dez filhos. Era filho do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza e Queiroz (1760-1819) (v.) e neto, pelo

lado materno, de bandeirante que fez fortuna em Mato Grosso. Eram seus irmãos Ilídia Mafalda de Souza Queiroz, esposa de Estevão Ribeiro de Rezende, marquês de Valença, pais do Barão de Rezende (v.); Vicente de Souza Queiroz, barão de Limeira, c.c. Francisca de Paula Souza, pais de Luiz Vicente de Souza Queiroz (v.); Francisca Miquelina de Souza Queiroz, c.c. Francisco Inácio de Souza Queiroz; Francisco Antônio de Souza Queiroz, barão de Souza Queiroz e senador do Império, c.c. Antônia Eufrosina Vergueiro, f. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (v.); e Maria Inocência de Souza Queiroz. O comendador Souza Barros foi pai da memorialista Maria Pais de Barros (v). Ele, a esposa e as filhas se converteram ao protestantismo nos anos oitenta, passando a pertencer à Igreja Presbiteriana (Léonard, 1963). “Um dos senhores de engenho e fazendeiros de café de maior prestígio em Piracicaba” (Elias Netto, 2003), eram de sua propriedade na região piracicabana as fazendas Corumbatá e São Luís, bem como outras fazendas no interior do Estado. Em fins de 1852 criou em Constituição a colônia de São Lourenço, que em 1855 reunia 225 alemães, 62 suíços franceses, 5 portugueses e 20 brasileiros (Guerrini, 1970). Plantou chá em São Lourenço, utilizando trabalhadores chineses. “E, compreendendo que a abolição chegaria a qualquer momento”, paulatinamente deu liberdade aos seus escravos, o que não impediu que de vez em quando alguns se revoltassem, recusando-se a trabalhar (Torres, 1968). De acordo com Torres, o Taquaral, em Piracicaba, foi o engenho predileto desse “senhor de vários engenhos” e o sítio do Barreiro, nas vizinhanças deste, a sua fazenda de criação de gado. Como um dos herdeiros das terras e propriedades do pai, foi dono de uma grande chácara da então rua São João, na capital, loteada e convertida em ruas, praças, alamedas e largos. A autora citada salienta que, “lavrador de café e senhor de engenho de amplos recursos”, Sousa Barros “pôde introduzir em suas fazendas as últimas novidades da técnica, utilizando, ao lado do

braço livre do imigrante europeu, o arado, a máquina a vapor, o descarçador de algodão”. Estendeu suas atividades a outros setores e foi também político, agindo discretamente, o que não o impediu de tomar “parte ativa nas reuniões do Partido Liberal, realizadas, muitas vezes, na sua própria casa”. Após seu falecimento, o que ainda restava do Taquaral, de que foi proprietário, acabou sendo vendido por apenas 60 contos de réis (Torres, op. cit.). Existe uma rua Luiz Antônio de Souza Barros no Jardim Estoril, próximo ao rio Piracicaba.

**BARROS, Luiz Pedroso de** (Séc. 17-18). F. Parnaíba, SP, 30.4.1730. Sertanista e explorador emérito, paulista, também conhecido pelo nome de Luiz Pedroso Castanho, filho de Lourenço Castanho Marques e Maria de Araújo. Personagem importante dos tempos que culminaram com a fundação de Piracicaba. Participou ativamente da guerra dos emboabas, no início do século 18, em Minas Gerais. No rio das Mortes, em 1709, fazia parte da tropa de Amador Bueno da Veiga e teve desavença com este porque, a seu ver, a retirada não devia ser efetuada. Recolheu-se a seguir à vila de Parnaíba, onde tinha moradia, e casou-se com Agostinha Rodrigues. Esteve foragido por algum tempo, por ter encabeçado a expulsão de Antônio de Soutomaior, desembargador sindicante, da capitania de São Paulo, em 1712 (Franco, 1954). Em 1722, de acordo com Percin (2000), “objetivando alcançar o perdão por um crime que não cometera, empresariou a abertura do célebre Picadão de Mato Grosso, cujo risco, ligando São Paulo a Cuiabá, atravessava o rio Piracicaba, bem à altura do porto, próximo ao seu formoso Salto”. Guerrini (1970) registra que, segundo carta ao capitão-general (governador geral) de São Paulo, d. Rodrigo César de Menezes, datada de 2.5.1724, Pedroso de Barros partiu de Itu, a 2 de agosto, “seguindo o caminho do Rio Capivari, e daí ao Rio Piracicaba, e deste ao morro de Araraquara”. Não há dúvida, diz Guerrini, que essa viagem



se referia a explorações relativas ao caminho para as minas de Cuiabá. A 26 de agosto, d. Rodrigo comunicou ao rei de Portugal que Pedroso de Barros estava fazendo com inteiro êxito o caminho às minas de Cuiabá. Guerrini louva-se em Mário Neme, que assevera: “O que é mais certo ainda, e indiscutível, é que foi Luiz Pedroso de Barros quem, pelos anos de 1723 a 1725, abriu o caminho de São Paulo até o rio Paraná, à sua custa. Essa estrada atravessava o rio Piracicaba”. Em 1725 o governador-geral da capitania concedeu a Pedroso de Barros, por haver concluído esse caminho, “a mercê do hábito das três ordens, com a tença de cinquenta mil réis cada ano pagos das minas de Cuiabá”. Em 1726 (8 de maio), d. Rodrigo César de Menezes comunicou ao rei de Portugal a conclusão do caminho para as minas de Cuiabá “pelo sargento-mor Luiz Pedroso de Barros, merecedor, por isso, do Hábito de Cristo, honraria insigne para a época”. Nesse ano foi trazido de Mato Grosso para São Paulo o primeiro comboio de gado *vacum* e cavalariço pelo caminho aberto por Pedroso de Barros, incumbindo-se disso seu sobrinho e grande sertanista Manuel Dias da Silva, mestre de campo. Posteriormente, contudo, o caminho não teria sido muito usado, porque mal feito, ou em virtude dos indígenas que infestavam as suas margens ou, ainda, pelo descaminho do ouro que possibilitava. Pedroso de Barros foi sargento-mor do regimento de auxiliares da vila de Parnaíba.

**BARROS, Manoel de Moraes.** Advogado, agricultor, político, deputado e senador. N. Itu, SP, 1.5.1836. F. Rio de Janeiro, 20.12.1902. F. de José Marcelino de Barros e Catarina Maria de Moraes. Irmão de Prudente José de Moraes Barros (v.), foi um dos grandes vultos do passado político e administrativo piracicabano. C.c. Maria Inês de Moraes Barros, f. de Antônio José da Silva Gordo e Ana Brandina de Barros Silva. Esta última era irmã da esposa de Prudente de Moraes. Ff.: Ana Maria, Paulo,

Nicolau, Antônio, Elisa, Jorge, Leonor, Pedro, Lúcia. Estudou na capital paulista no Colégio de Manuel Estanislau Delgado e cursou a seguir a Academia de Direito, tornando-se bacharel em direito em 1857. Nomeado promotor público de Piracicaba logo após sua formatura, foi juiz municipal de 1860 a 1864 e a seguir passou a advogar. Publicado o manifesto republicano de 1870, assinou com outros quinze amigos um manifesto de solidariedade, estampado no jornal “A República”. Sua influência foi decisiva para a criação do Partido Republicano de Piracicaba. Compareceu como delegado do partido à famosa convenção de Itu (1873). Em 1881 o senador hospedou em sua residência a educadora norte-americana miss Martha Watts e a companheira desta, mrs. Kroger, vindas a Piracicaba com o propósito da fundação de uma escola, o Colégio Piracicabano. Elegeram-no para a Assembléia Provincial, no biênio de 1884-1885. Vereador da Câmara Municipal local, foi seu presidente (1887), tendo liderado nos anos 80 a luta pela construção do mercado municipal. Fez parte do triunvirato que, juntamente com Luiz Vicente de Souza Queiroz e Paulo Pinto de Almeida (vv.), assumiu provisoriamente em novembro de 1889, sob aclamação popular, o governo municipal. Formou em Piracicaba sua fazenda de café do Pau d’Alho. Em 1890 foi eleito deputado à Constituinte da República e deputado no Congresso Nacional nas suas duas primeiras legislaturas ordinárias de 1891 a 1896, cabendo-lhe a presidência da primeira câmara legislativa da União, após a Constituinte. Exerceu em Piracicaba numerosos cargos, entre os quais os de juiz de paz, delegado de polícia, inspetor da instrução pública e membro do conselho superior desta. Em 1895 foi eleito senador federal na vaga de seu irmão então empossado como Presidente da República, permanecendo durante sete anos no Senado, até a morte, ocorrida em 1902. Dizem bem do seu espírito público o generoso auxílio que fez para a compra do edifício da Sociedade Propagadora da Instrução, que abrigou a Escola

Complementar de Piracicaba, origem da escola normal oficial, e o donativo que ofereceu para a construção do grupo escolar que tem seu nome. Está sepultado em Piracicaba, no Cemitério da Saudade, ao lado de Prudente de Moraes. “Foi de dedicação sem limite à terra de sua opção” (Guerrini, 1970). “Se foi um exemplar chefe de família, como político a sua vida foi um nobre exemplo de dedicação à causa pública... Foi um dos puros republicanos históricos, um dos convencionais de Itu, um dos valentes propagandistas que tão largas brechas souberam abrir nas velhas instituições monárquicas” (Capri, 1914). É patrono do Grupo Escolar Moraes Barros, posteriormente Escola Estadual Moraes Barros.

**BARROS, Maria Pais de** (*née* Souza Barros). N. São Paulo, SP, 9.7.1851. F. São Paulo, 11.9.1952. C.c. Antônio Pais de Barros, seu primo. Filha primogênita do 2º casamento do comendador Luiz Antônio de Souza Barros (v.) e de Felicíssima Campos Barros. Foi, portanto, neta do brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queiroz. Fundou o Hospital Samaritano e a Sociedade Tênis Clube Paulista, dirigiu a Maternidade São Paulo e foi correspondente de várias personalidades de renome nos meios culturais europeus, notadamente na França e na Inglaterra. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Uma das suas irmãs lecionou línguas estrangeiras e piano no Colégio Piracicabano. Tinha mais de 80 anos de idade quando publicou uma “História do Brasil” e em 1944, com prefácio de Monteiro Lobato, lançou seu livro de memórias: “No tempo de dantes” (2ª ed., 1998). Neste último a autora se refere várias vezes às fazendas do sogro no interior paulista, entre as quais a fazenda Corumbataí de Piracicaba, onde a família passava as férias durante longos meses, nos tempos do Império. Lembra que brincava com outras crianças no Piracicamirim, “que corria a certa distância..., na água límpida do ribeirão,

que corria sobre alvas pedrinhas”. Diz que “as estradas, em Piracicaba, apresentavam-se bem conservadas em contraste com as outras, suas vizinhas. A uma légua de distância, passava-se por uma aguada, onde se viam a um lado, na orla do mato, algumas barracas habitadas por homens, mulheres e crianças em miserável estado de pobreza e enfermidade”. Refere-se à entrada em Piracicaba, “subindo a colina pela rua principal, que ia dar na ponte sobre o rio... pobre ponte enegrecida”, em mau estado de conservação. Lembra, contudo, que “acima do salto, uma bela e sólida ponte”, sobre o “turbulento e encachoeirado Piracicaba”, tinha sido recentemente construída. Alude aos numerosos escravos que trabalhavam na fazenda, assim como a uma colônia de alemães e suíços dedicados ao cultivo do café (colônia São Lourenço).

**BARROS, Natal Meira.** N. Piracicaba, 1914. F. 1932. Voluntário piracicabano na Revolução Constitucionalista de 1932, um dos mortos em combate (v. Barbieri, César Claudionor). Filho do negociante Josué Meira Barros e de Bianca Buldrini de Barros, proprietários de bar e armazém à r. Prudente de Moraes, na esquina da r. do Rosário. Tinha vários irmãos: Julieta D’Abronzo, esposa do comendador Humberto D’Abronzo (v.), Judith, Otávio, Luiz, Ivone e Romeu Meira Barros, pai de Antônio Meira Barros (v.). Há uma travessa Natal Meira Barros, no bairro Higienópolis. Um antepassado dos Buldrini, Natale Buldrini, era dono de armazém e venda na rua do Porto, por ocasião da publicação do “Almanak” de Camargo (1900). Romeu Meira Barros (Buldrini de Barros), vereador em Piracicaba de 1952 a 1955, foi proprietário do tradicional armazém Mercadinho do Porto no nº 1221 da avenida Beira Rio e dá nome a uma praça da avenida. O armazém passou a ter Nelson Buldrini como dono, nas últimas décadas.

**BARROS, Nicolau de Moraes.** Médico. N. Piracicaba, 18.6.1876. F. São Paulo, SP, 6.3.1959. C.c. Francisca Nogueira de Moraes Barros. Ff.: Luiz de Moraes Barros (1909-2003), Nicolau Filho, Alice, Marina. Filho de Manoel de Moraes Barros (v.) e sobrinho de Prudente de Moraes. Estudou no Colégio Piracicabano, no Colégio Delamare da capital paulista e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se médico em 1899. Durante dois anos prosseguiu seus estudos em Viena, Berlim e Paris. Teve inicialmente consultório na cidade de São Paulo, mas logo retornou (1900) a Piracicaba. Pertenceu na capital paulista aos corpos clínicos da Maternidade de São Paulo (médico adjunto e vice-diretor) e da Santa Casa de Misericórdia. Presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e foi sócio benemérito desta. Em 1920-21 venceu o concurso para professor catedrático de ginecologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Montou, juntamente com o dr. Erich Müller Carioba, o primeiro aparelho de radioterapia do país. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba e a várias associações médicas brasileiras e internacionais. Lecionou até 1944, quando foi jubulado e eleito Professor Emérito da Faculdade de Medicina da USP. Entre as suas publicações, destacam-se o livro “Lições de clínica ginecológica” (1940) e um periódico especializado de que foi co-fundador, “Gazeta Clínica” (Cambiaghi, 1984). Em setembro de 1958 Nicolau de Moraes Barros, um ano antes do seu falecimento, participou da comemoração do aniversário do Colégio Piracicabano, tendo sido um dos oradores da festividade (Elias, 2001).

**BARROS, Otacílio Silveira de.** N. Piracicaba, 29.12.1895 – F. ? Jornalista e professor. Formou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (USP) e fez parte da redação do jornal “O Estado de S. Paulo”. Foi professor de latim. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, como soldado

voluntário do batalhão Defesa Paulista.

**BARROS, Paulo José de Moraes.** N. Piracicaba, 16.7.1866. F. São Paulo, 16.12.1940. Médico, político, agricultor, senador, ministro. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Elisa de Salles, f. Berlim em 1911, ff. Cora, Helena, Paulo. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Maria Luiza Quirino dos Santos. Era filho do senador Manoel de Moraes Barros (v.) e Maria Inês Silva Gordo de Moraes Barros e sobrinho de Prudente de Moraes. Formou-se em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e no ano seguinte voltou a Piracicaba, instalando consultório à rua São José. Vereador (1892, 1896-1913), foi presidente da Câmara Municipal em várias legislaturas e exerceu o cargo de inspetor sanitário, liderando o combate às epidemias. Fez parte do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia local e participou como membro da Irmandade desta. Exerceu vários postos elevados nos governos do Estado e federal. Foi intendente municipal em Piracicaba (1891) e chefio o Partido Republicano da cidade (1894). Em 1905-6 permaneceu na Europa, em companhia da esposa, gravemente enferma. No segundo governo paulista de Rodrigues Alves, foi secretário da agricultura do Estado (1912-15). Esteve no Oriente em fins de 1916 e representou o Brasil no Congresso Algodoeiro de Viena (1924) e no Congresso de Emigração em Roma. De maio de 1924 a janeiro do ano seguinte, permaneceu no Egito, para estudos sobre produção do algodão, a serviço do Ministério da Agricultura. Um dos fundadores do Partido Democrático (1926), foi deputado federal em 1909-11 e 1927-29, senador (1935-37), ministro da agricultura (1930), ministro do Estado da viação e obras públicas (1930) e secretário da fazenda de São Paulo (1932). A Fazenda Pau d’Alho, de sua propriedade, acolheu como trabalhadores os primeiros imigrantes japoneses em Piracicaba, a 7.9.1918. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932. Como administrador de grandes empresas, esteve à

frente da Moraes Barros e Irmãos (Fazenda Pau d'Alho), Companhia Cafeeira do Rio Feio (Fazenda Chantebled) e Tecelagem Paraíba. Cambiaghi (1984) registra que pertenceu ao doutor Paulo o primeiro automóvel a circular em Piracicaba. Tendo falecido em São Paulo, seu corpo foi transportado para sua cidade natal e sepultado no cemitério da Saudade. Em sua homenagem há uma avenida com seu nome, na Paulista.

**BARROS, Pedro de Moraes** (Séc. 19-20, n. 8.5.1884). Político, diplomata. Filho do senador Manoel de Moraes Barros (v.). Da mesma forma que seus irmãos, estudou no Colégio Piracicabano, nos primeiros tempos deste. Foi embaixador do Brasil na Liga das Nações. Esteve em Piracicaba em 1956, já idoso, para participar das festividades de aniversário do Colégio Piracicabano, relatando nessa ocasião as suas lembranças de Miss Martha Watts (v.). Teve a oportunidade de visitá-la em 1909, “um dos últimos a vê-la em vida, em sua cidade natal”, em Louisville, Kentucky, EUA (Elias, 2001).

**BARROS, Prudente José de Moraes.** N. Itu, 4.10.1841. F. Piracicaba, 3.12.1902. Presidente da República (1894-1898), governador de São Paulo (1889-90), senador (1890-94). Advogado. Filho do lavrador e tropeiro José Marcelino de Barros, que tinha um sítio perto de Itu, onde Prudente nasceu, e de Catarina Maria de Moraes. A mãe casou-se pela segunda vez com Caetano José Gomes Carneiro. C.c. Adelaide Bemvinda de Moraes Barros (n. Piracicaba, 17.9.1848, f. 8.11.1911, Berlim, Alemanha), filha do seu padrinho Antônio José da Silva Gordo. Ff. Antônio Prudente, Carlota, Gustavo, Júlia, Maria Amélia, Paula, Prudente (Filho). Teve ainda duas filhas, Maria Teresa e Maria Jovita, que faleceram quando menores, e um filho natural, José, n. de uma ligação na mocidade, que ele e a esposa criaram como filho do casal desde os três anos de idade. Irmão de Manoel de Moraes Barros (v.), Prudente teve outros

cinco irmãos, todos nascidos antes dele. Aos dois anos de idade, perdeu o pai, assassinado por um escravo. A mãe o alfabetizou e ele estudou no Colégio Ituano e no Colégio Manuel Estanislau Delgado. Após cursar a Faculdade de Direito de São Paulo (1859-63), mudou-se para Constituição (Piracicaba), onde passou a advogar e se casou. Sua carreira política começou quando foi eleito vereador e presidente da municipalidade piracicabana (1865-68). Pertenceu ao Partido Liberal, mas ingressou no Partido Republicano em 1876. Foi deputado provincial nos períodos de 1868-69, 1878-79, 1881-82 e 1888-89, e deputado geral em 1885-86. Em 1889 fez parte da Junta Governativa de São Paulo, ao ser instaurada a República, e em seguida tornou-se o primeiro governador republicano paulista (14.12.1889 a 18.10.1890). No Senado de 1890 a 1894, foi seu vice-presidente e presidiu o Congresso Constituinte de 1890 a 1891. Disputou pela primeira vez a Presidência da República com Deodoro da Fonseca (1891), sendo derrotado por este, por 122 a 95 votos, mas saiu vitorioso por ocasião da sucessão de Floriano Peixoto, quando se tornou o primeiro presidente civil do país (15.11.1894 a 15.11.1898). Retornou a Piracicaba no dia 19.11, em meio a expressivas aclamações populares. Na passagem pela capital paulista, foram suas estas palavras: “Volto hoje para o meio de vós, trazendo na minha fisionomia, nos meus cabelos brancos, o atestado de que, se não fiz todo o bem que desejava, fiz quando me permitiram as circunstâncias, dei tudo pela Pátria e pela República... Se ainda puder fazer alguma coisa por ela, ficai certos de que não sou um egoísta; darei os meus últimos instantes de vida pela minha Pátria e pela República!”. A 23.11 Piracicaba o acolheu de volta, em trem especial, na estação da Ituana. Saudou-o João Sampaio: “Como a Pátria inteira, eu acompanhei com interesse toda a trajetória luminosa de vosso governo de justiça e honestidade: vi cintilar com mais brilho a vossa estrela, triunfando sobre os mercadores

da honra nacional” (em Peixoto, 1990). Reabriu o escritório de advogado na cidade, convidando seu genro João Sampaio para associado, e retomou as atividades profissionais. “De 1898 a 1902 viveu tranqüila e modestamente em Piracicaba, com a simplicidade dos grandes homens, advogando em sua casa, à rua Santo Antônio” (Beneton, 1993). Na sua atuação como político e homem de governo, são inumeráveis as iniciativas, propostas, medidas, colaborações e manifestações que refletem tanto o brilho da sua inteligência invulgar como a sua serenidade e coragem e o seu altíssimo senso cívico, aliados a grande tino e firmeza. Foi um dos que empunharam a bandeira abolicionista nos debates parlamentares, referindo-se à escravidão como “instituição que nos envergonha perante o mundo civilizado” e afirmando sem titubear que era necessário eliminar o escravo e colocar no seu lugar o trabalhador livre. Participou da defesa dos imigrantes vítimas da violência policial em Piracicaba, sendo um dos fundadores da Associação Protetora das Vítimas da Illegalidade Policial, em 1888. Em sua gestão presidencial, iniciou as negociações que possibilitaram a consolidação das dívidas com a Inglaterra numa única dívida, que abriu o caminho para o saneamento das finanças do país. Conseguiu a pacificação do Rio Grande do Sul e garantiu a posse definitiva da ilha Trindade para o Brasil, fazendo com que o Governo britânico reconhecesse em 1896 a legitimidade da nossa soberania. Enfrentou a revolta de Canudos. Em 1897 foi vítima de um atentado arquitetado por seus inimigos políticos e conspiradores, no qual perdeu a vida o ministro da guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt. “Foi um dos mais ardorosos defensores da autonomia municipal, da federação, das idéias republicanas e dos interesses da política do café... assegurou o controle do governo da República pelos civis, explorando com precaução e habilidade as dissensões internas das Forças Armadas... teve que enfrentar vários focos de oposição herdados

do governo anterior e protagonizados pelo Exército, funcionalismo público e governadores de estados”, segundo Souza (2006). Este assinala que, “homem reservado, de pouca prosa”, desde os tempos de verança em Piracicaba, Prudente de Moraes “fugia das reuniões festivas ou muito formais”. Padecendo de tuberculose, faleceu em sua residência, cercado dos familiares, e foi sepultado numa tarde tempestuosa no cemitério da Saudade. Pouco antes de morrer, disse que desejava que a sua sepultura fosse “assinalada apenas por uma pedra, tendo como inscrição meu nome e as datas do meu nascimento e morte”. A casa da rua Santo Antônio em que viveu, na esquina com a rua Treze de Maio, é hoje sede do Museu Prudente de Moraes, inaugurado em 1957. Contém no seu acervo objetos de uso pessoal, documentos, fotografias, pinturas. Piracicaba deve a Prudente não poucos benefícios, entre os quais a lei nº 21, de 13.4.1877, que fez com que a cidade deixasse de ser Constituição e recuperasse o antigo nome. “Prudente viveu a maior parte da vida nesta Piracicaba, para onde veio sua mãe Catarina Maria, depois do segundo casamento. Foi aqui que ele ergueu sua casa, nasceram seus filhos, construiu sua vida profissional e política e onde ele desejava morrer e ficar enterrado” (Setto, 1995). Passou a chamar-se Prudente de Moraes uma rua da cidade que, no passado mais distante, teve várias denominações: rua dos Pescadores, rua do Concelho, rua da Ponte Velha. Seu nome foi igualmente atribuído a um tradicional estabelecimento de ensino, a Escola Estadual Dr. Prudente de Moraes, à praça General Carlos M. Bittencourt (Cidade Alta). Em 1974 foi instituída a Medalha de Mérito Prudente de Moraes, destinada a cultuar sua memória e que vem sendo atribuída anualmente a personalidades de destaque desde então.

**BARROS, Sebastião Ferraz de** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário de importante armazém piracicabano, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 235, perto do estabelecimento

comercial de Romualdo Bertozzi (v.). Na antiga relação de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002), um dos que dispunham de capital mais elevado (80:000\$000) e com um dos mais antigos registros no comércio local: data de 1906, logo após o registro, em 1905, da farmácia de Miguel Luiz de Souza, à rua São José, 81. Há uma rua com seu nome (Jardim Itapuã).

**BARROS FILHO, Heitor de Moraes.** N. 1929. F. Piracicaba, 11.7.2007. C.c. Wilnez Pousa Moraes Barros. Ff.: Cláudio e Isabel Cristina. Médico. O *Guia de Piracicaba* de Righetto (1966) menciona seu consultório médico à rua Rangel Pestana n° 555. Era filho de Heitor de Moraes Barros e Branca Pellegrini Moraes Barros.

**BARROS JÚNIOR, José Fernando de Almeida (Nhonhô Fernando).** N. Piracicaba, 29.2.1843. Fazendeiro, vereador. Agricultor em Rio das Pedras. O adjetivo “Júnior” figura no nome do biografado em Guerrini (1970), mas é omitido em outras fontes. Fez parte da câmara municipal durante o Império, desde 1877. Foi juiz de paz por diversas vezes, durante a República. Em 1887 foi eleito provedor da Santa Casa de Misericórdia até 1889, um período durante o qual o Hospital enfrentou sérias dificuldades, correndo o risco de ser fechado. Ele “saiu sozinho... pelas ruas da cidade, de porta em porta, pedindo um auxílio, por mais singelo que fosse, para que a Santa Casa... não sucumbisse” (cit. por Cambiaghi, 1984). Almeida Barros Júnior transferiu para a Santa Casa os dividendos de ações a que tinha direito, da Cia. Ituana. Ele foi um dos vereadores que, com Prudente de Moraes, assinaram a representação ao governo provincial paulista pedindo a volta do nome de Piracicaba à cidade de Constituição, volta que efetivamente ocorreu em abril de 1877. José Fernandes (ou Fernando) de Almeida Barros é mencionado como um dos “capitalistas piracicabanos que pagam impostos”, no “Almanak” de Camargo (1900),

aparecendo igualmente na lista dos signatários de um manifesto do Centro dos Lavradores de Piracicaba, em 1899. Na mesma publicação, há uma relação de agricultores piracicabanos na passagem do século, que inclui “Fernando de Barros e Irmão”, Luiz Antônio de Almeida Barros e d. Antônia Lydia de Almeida Barros. Dois Almeida Barros são citados no “Almanak” de Luné e Fonseca (1873), como fazendeiros em Piracicaba: o coronel Alexandre Luiz de Almeida Barros e o comendador Luiz Antônio de Almeida Barros.

**BARTOLI, Vicente (ou Vincenzo)** (Séc. 19-20). Comerciante de origem italiana, proprietário da Tipografia Popular, que anunciava seus serviços de “impressão de obras e encadernação” na passagem do século (Camargo, 1900). Situava-se à rua Santo Antônio, n° 9.

**BARUZZI, Ângelo** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário do Hotel dos Viajantes, à rua Governador Pedro de Toledo, 184, junto ao largo do Mercado, por volta dos anos 30 (Neme, 1936).

**BASILE, Adolfo.** N. Angatuba, SP, 2.1.1918. F. Piracicaba, 5.1.1992. Professor. C. 1<sup>as</sup> c. Guiomar Moraes Basile e em 2<sup>as</sup> núpcias c. Lygia de Aguiar Basile. Dois filhos, n. em Piracicaba. De 5.2.1957 a 7.10.1975 foi diretor efetivo do Instituto de Educação Sud Mennucci e ocupou posteriormente o posto de delegado regional do ensino secundário e normal de Piracicaba. Filho de Nicodemo Basile e Carmela Acquaviva Basile, teve origem humilde: filho de pedreiro, estudou com muito sacrifício, formando-se como professor pelo Instituto de Educação de Itapetininga. Lecionou em escolas primárias e a seguir no ensino secundário, sendo promovido a diretor. Foi inspetor do ensino secundário em São Paulo e esteve a serviço da Secretaria da Educação na capital paulista, antes de passar a viver e atuar em Piracicaba, a partir de 1957. A Câmara Municipal concedeu-lhe em 1972 o

título de cidadão piracicabano.

**BASSO, Gumercindo** (Séc. 20). Sargento. Um dos expedicionários piracicabanos que participaram da 2ª Guerra Mundial, como integrantes da FEB, na Europa. Faziam parte igualmente do grupo de combate de Piracicaba o tenente Carlos Mendes Coelho, o cabo Lázaro Camargo, o cabo Gildo Cortezzi e os soldados Virgino Matarazzo e Pedro Custódio de Oliveira, sendo recebidos festivamente em Piracicaba, por ocasião do seu retorno, a 18.8.1945. Elias Netto (2003) refere-se a uma informação segundo a qual os piracicabanos participantes da conflagração mundial teriam sido 14.

**BASSO, José e Nestor** (Séc. 20). Esportistas, juntamente com Antônio De Lelo, João Jorge, José Maringa e outros, criaram a 26.4.1930 o Tupi Futebol Clube.

**BASTOS, Antônio José de Oliveira** (Séc. 19). N. Portugal. C.c. Ana Amélia Morato Conceição, filha de Antônio José da Conceição e Rita Maria Morato de Carvalho (pais do barão da Serra Negra, Francisco José da Conceição, v.). Foi comerciante em Piracicaba (J. T. Veiga, *Jornal de Piracicaba*, 30.4.1976).

**BASTOS, Francisco Antônio da Rocha**. N. Piracicaba, 11.9.1892. F? Cônego, escritor. Após cursar o ensino elementar em sua terra natal, estudou no Seminário Episcopal de São Paulo (1911), transferindo-se para o Colégio Pio Latino Americano de Roma dois anos depois. Frequentou a Academia de Santo Tomás, aprendendo filosofia e teologia, e diplomou-se em 1917. Voltou ao Brasil após a ordenação, sendo nomeado sucessivamente para a paróquia de S. Bom Jesus do Brás (vigário cooperador), a Igreja de São José da Vila Maria Zélia (capelão), o Centro Operário Paulista (assistente eclesialístico), o Cábido Metropolitano (cônego honorário, 1931, e cônego catedrático). Publicou os livros “Nossa fé” (São Paulo, 1940) e “O

evangelho por sobre os telhados” (São Paulo, 1942). Dirigiu o periódico “Natalício de Jesus” a partir do seu primeiro número (1908).

**BASTOS, Geraldo Carvalhaes** (Séc. 20). Vereador (1960-63), presidiu a Câmara Municipal. Liderou os partidários de Francisco Salgot Castillon (v.), que os piracicabanos elegeram para prefeito em 1959. Político habilidoso, destacou-se pela sua “vivacidade política” e pela articulação do esquema que garantiu a eleição indireta de Alberto Coury (v.) para prefeito de Piracicaba, em fins de 1962 (Elias Netto, 1992). Seu nome foi dado a uma rua da cidade, no Jardim São Francisco.

**BATTISTA, Luigi** (Itália, séc. 19 – ?, séc. 20). Seu nome figura entre os dos italianos que criaram em 1898 a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro. Participou das primeiras reuniões desta, foi designado com outros cinco sócios para a elaboração dos estatutos da sociedade e foi eleito vice-secretário de seu primeiro Conselho diretor.

**BAXTER, Mary Jane** (EUA, Séc. 19 – ?, séc. 20). Professora. Sucessora de Lilly Ann Stradley (v.) na direção do Colégio Piracicabano, entre 1928 e 1931, tendo presidido as comemorações do cinquentenário da escola e a formatura da sua primeira turma de ginásianos, nove rapazes ao todo: Ângelo Lombardi, Antônio de Cillo Netto, Antônio José Rodrigues Filho (v.), Jorge Ferreira, Jorge Pacheco Chaves Filho, José Pires Fleury Júnior, Lauro Moraes Bonilha, Luiz Nogueira, Milton Castanho Andrade. Após deixar a direção, permaneceu até 1942 como diretora do internato feminino do colégio e pertenceu ao conselho superior da instituição.

**BAYER, Peter Joseph** (Séc. 19-20). De origem alemã, fotógrafo e posteriormente barbeiro. Era poliglota. Antes de vir ao Brasil e fixar-se em Piracicaba, teve uma vida aventurosa e movimentada em diferentes regiões do mundo,

inclusive no Nepal, junto a monges tibetanos, e em Darjeling (Índia) onde ganhou fama de bem sucedido proprietário de cavalos de corrida e recebeu vários troféus, na segunda década do século, como proprietário do cavalo Lama. Terminou seus dias na obscuridade, em Piracicaba, num salão de barbeiro à rua Boa Morte, próximo à rua Riachuelo, em fins dos anos 40.

**BECARI, família** (Séc. 20). Tudo leva a crer que os Becari da Piracicaba de meados do século 20 provêm dos imigrantes italianos Becaro, mencionados no início desse século, em listas de sócios da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro: D. Beccaro (lista do Livro de Protocolo de 1901), Panesiano Becaro (no mesmo livro de 1901) e Giovanni Becaro (ou João Becari), cujo nome se encontra em 1905 no Livro Caixa e no Livro de Protocolo. João Becari tinha máquina de beneficiar arroz na Vila Rezende, nos anos vinte (Aldrovandi, 1991). Destacou-se como um dos campeões de bocha nas partidas disputadas no Restaurante Papini, juntamente com João e Santo Braião (v.), os Mazzonetto (v.) e outros. A Casa Becari, à rua 15 de Novembro, nº 858, era um tradicional estabelecimento comercial piracicabano no centro da cidade, com comércio de ferragens, louças, alumínio, artigos para presentes, fogos etc. (Krähenbühl, 1955; Guias de Piracicaba, 1958 e 1966).

**BECKER, David** (Séc. 20). Comerciante, n. România. C.c. Sarah Becker. FF.: Luiz, Salomão, Manoel. Originário da Bessarábia (atual Moldávia), fixou-se em Piracicaba em 1915, passando a integrar a comunidade judaica local, que teve início em 1890, com a família Cardonski ou Cardoso (Rosenthal, 1994). A fonte aqui referida acrescenta que, terminada a 1ª Guerra Mundial em 1918, os Becker e os Krasilchik trouxeram parentes que se estabeleceram igualmente em Piracicaba. A família Becker foi uma das fundadoras da sinagoga de Piracicaba, que funcionou de 1927

a 1970. David Becker foi proprietário da Casa Inglesa, à r. Governador Pedro de Toledo, 62, “especializada em móveis de estilo, tapetes, colchões e fazendas” (Neme, 1936). Manoel Becker formou-se em agronomia pela ESALQ em 1946 (v. Paulin Neto, Luiz).

**BECKER, Jorge L.** (Séc. 20). Pastor Metodista. Seu nome consta da lista feita por Krähenbühl (1955), dos pastores que estiveram à frente da Igreja Metodista de Piracicaba, desde os seus primórdios, em 1881. O nome de Becker vem depois do de J. C. Reis e precede a menção a Oswaldo Dias da Silva (v.).

**BEDUSCHI, Antônio** (Séc. 20). Alfaiate. A Alfaiataria Beduschi situava-se à rua Moraes Barros, nº 1608, à frente do Parque Serra Negra, hoje ocupado pelo Estádio Municipal. Beduschi foi o primeiro presidente do Flor do Bosque, grêmio esportivo de pingue-pongue fundado em Piracicaba a 11.1.1942, com sede na sua residência. Outras alfaiatarias citadas em guias e almanaques da segunda metade do século vinte: Brasileira (r. Alferes José Cactano, nº 1930); Alfaiataria Bom Jesus, de Ângelo Carraro; Alfaiataria Carraro, de Paulo Carraro, à r. Boa Morte, nº 129; Cominetti; Corazza; Dito Alfaiate, à r. São José, nº 670; Domênico, à r. Moraes Barros; Excelsior, à r. Governador Pedro de Toledo, nº 1058; Macluf, à Praça da Catedral, nº 1039; Alfaiataria Francisco Mitidieri, r. Moraes Barros, nº 832; Fernando (Oliveira) Alfaiate, r. Prudente de Moraes, nº 839; Pagliarin, r. Prudente de Moraes, nº 475; Paratodos, r. Governador Pedro de Toledo, nº 2179; Alfaiataria Paulilo, de Salvador Paulilo, r. Governador Pedro de Toledo, nº 987; Alfaiataria São Paulo, r. Boa Morte, nº 1139.

**Begliomine, Pelegrino Adelmo** (Séc. 20). Futebolista. Atuou em São Paulo como jogador da S. R. Palmeiras e do E. C. Corinthians Paulista, passou pelo Fluminense F. C. do Rio de Janeiro e fez parte das seleções paulista e



brasileira. À época em que Antônio Romano (v.) presidia o E. C. XV de Novembro, este contratou-o a 1.9.1954 para ser o técnico do esquadrao alvinegro. Campeão veterano de futebol, Begliomine trabalhou anteriormente como técnico de clubes como o Juventus, Guarani e outros.

**BEHMER, Francisco** (Séc. 19-20). Comerciante. Era de sua propriedade o Armazém Alemão, à rua Prudente de Moraes, nº 80, que anunciava no início do século 20 “chops todos os dias”, grande sortimento de bebidas, “variedade em gêneros alimentícios de primeira qualidade” e especialidades de procedência alemã (Camargo, 1900).

**BEHMER, Otto Edmundo Ernesto** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, professor. Formado em 1905 (3ª turma) pela então Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz, futura ESALQ, fez parte do seu corpo docente em 1915, como Mestre de Leiteria, junto à leiteria que cuidava do preparo de manteiga e caseificação, criada por ocasião da reorganização da 5ª Cadeira, Zootecnia, em 1908. Os primeiros jogos de bola ao cesto em Piracicaba, entre meninos e meninas, foram realizados no quintal de sua casa, em 1906. Esportista, Behmer participou da competição inaugural do Clube das Regatas Piracicaba (inicialmente Natação e Regatas), disputada entre dois barcos, em 12 de outubro de 1907 (Ripoli, 1943). Participaram igualmente da disputa: Martiniano Medina, Amaral Franco, José de Melo Moraes (v.), Paulo Leitão, Gastão Machado Nunes, Plínio Pompeu Piza, Octávio Alves Corrêa de Toledo, Irineu Felix Pedroso, Bernardo Lorena, Modesto Lopes, quase todos estudantes de agronomia locais. A reunião da fundação do clube de Regatas foi realizada na residência de Behmer, a 4.8.1907. Dois Behmer, Otto, na turma B, e Frederico, na turma A, participaram como jogadores no primeiro jogo de futebol realizado em Piracicaba a 15.11.1903, entre os sócios do Club Sportivo Piracicaba,

que terminou com um empate, sem abertura de contagem.

**BELARMINO, Nhô** (Séc. 20). Sitante e escritor. Figura curiosa de escritor caipira piracicabano, escrevia, publicava e vendia seus folhetos com narrações humorísticas, misturando ficção com personagens históricos, por volta das décadas de 30 e 40. Injustamente esquecido, divertiu os piracicabanos do passado com livretos como “A guerra de Portugal com a África” (c. 1940).

**BELLATO, João**. N. 23.11.1887. F. Piracicaba, 20.3.1967. Negociante estabelecido à rua Boa Morte, nº 78, nos anos 40, no ramo de calçados. Pertenceu ao Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, sendo registrado com o capital de 15:000\$000 a 31 de maio de 1940, como sócio nº 146. Nos Livros de Protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, referentes aos anos de 1900 e 1905, e no Livro Caixa de 1900, constam os nomes de Demétrio Bellato, F. Bellato e G. Bellato. Este último (Giovanni?) talvez seja o próprio João Bellato a que se refere este verbete. F. Bellato deve ser Francisco Bellato, n. Itália a 17.7.1850 e f. Piracicaba a 3.5.1934. Um membro da família, Armando Bellato, c.c. Lica Ritter Bellato, pais de Armando Bellato Filho (f. Piracicaba em 5.2.1990), dirigia a agência da Companhia Prudência de Capitalização, à rua Boa Morte, nºs 2 e 172 (Neme, 1936). Armando Bellato foi presidente do E. C. XV de Novembro. Um membro da mesma família, Felipe Bellato, n. em 9.5.1921 e f. em 17.6.1979 em Piracicaba, formou-se pela ESALQ em 1947. Alcebiades Bellato (Bem), n. e f. em Piracicaba e c. com a professora de piano Diva Duarte Bellato (f.), teve instituto de beleza à rua Boa Morte. Foram pais da pianista Cecília Bellato e de Alcebiades Bellato Filho, f. 1.6.2008.

**BELLIZZI, Francisco** (Séc. 19-20). Médico. Ao que tudo indica, italiano de nascimento,

a julgar pelo nome e pela denominação do instituto que manteve em Piracicaba na década de vinte: “Instituto Radiológico e Electrotherapico do Circolo Italiani Uniti”. Em anúncio sobre as atividades do instituto de que era o diretor, informa que dispunha do aparelhamento mais moderno, destacando os de raio x, fototerapia, diatermia e eletroterapia.

**BELLUSCI, João Baptista** (Séc. 19-20). Médico. Deve ser de origem italiana. Formou-se em medicina pela Universidade de Nápoles, na Itália. Viveu e clinicou em Piracicaba por volta de 1926. Apresentava-se como “ex-assistente dos profs. Cardarelli e d’Autona”, mencionando sua condição de médico “especialista em partos e doenças de senhoras”.

**BELTRAME, Moacyr**. N. Piracicaba, 5.9.1931. F. Piracicaba, 11.6.1993. Comerciante. C.c. Maria Aparecida Lordelo Beltrame. Ff.: Carlos Alberto, Luiz Roberto, Moacir José. Fez seus primeiros estudos em Saltinho e cursou o ensino médio na Escola Estadual Sud Mennucci. Passou a dedicar-se ao comércio em 1958, tendo atuado com dedicação e competência em várias entidades do setor: ocupou os postos de Secretário e tesoureiro do Sindicato do Comércio Varejista durante três dezenas de anos, fez parte da diretoria da Federação do Comércio do Estado e foi conselheiro do Sesc. Empenhou-se pela criação e instalação do Sesc e do Senac em Piracicaba. Aficionado do futebol, foi juiz da Junta de Justiça Desportiva da Liga Piracicabana e pertenceu à diretoria do E. C. XV de Novembro. Foi juiz classista durante vinte anos. Uma rua do Jardim Califórnia tem seu nome. Existe igualmente uma rua em homenagem a Flávio Beltrame, no Unileste, junto à avenida Leopoldo Dedini.

**BENATTI, Alberto e Aldo**. Piracicaba, séc. 20. Os irmãos Benatti atuavam no comércio piracicabano por volta dos anos 30-40. Alberto era c.c. Letícia Ribeiro Benatti, ff. Alberto, Maria

Elisa, Maria de Lurdes e Nelson, e foi gerente da filial local das lojas Renner, tradicional empresa riograndense do Sul que manteve lojas em numerosos pontos do país. A filial achava-se instalada na Praça José Bonifácio. Na mesma praça, Aldo Benatti, seu irmão, esteve à frente da Alfaiataria Benatti, mais ou menos à mesma época. Deixou um filho e um neto com seu nome.

**BENEDETTI, Hugo José**. Artista plástico, professor. N. São Paulo, SP, 13.1.1913. F. Piracicaba, 20.11.1977. C.c. Maria da Glória Soares Benedetti. Artista como seu pai, cursou inicialmente o Liceu de Artes e Ofícios na capital, transferindo-se para o Rio de Janeiro nos anos 30, ainda moço. Participou do famoso núcleo dos irmãos Henrique e Rodolfo Bernardelli e frequentou a Escola Nacional de Belas Artes. Colaborou na mesma escola como professor da cadeira de pintura com modelo vivo. Expôs suas obras pictóricas individualmente na então Capital Federal em 1941 e 1943. Também expôs individualmente na galeria Itá, de São Paulo. Viveu em Buenos Aires e a seguir em Belo Horizonte, onde igualmente exibiu suas telas. Passou a viver definitivamente em Piracicaba aos 43 anos de idade, nos altos do bairro dos Alemães, em meados do século passado, impondo-se como “figurista de reais méritos..., fixando em telas esplêndidas a paisagem de Piracicaba”, segundo Losso Netto (1975), que propôs e viu aceito seu nome para se incumbir de um curso de desenho e pintura na Escola de Música de Piracicaba. Manteve depois seu próprio núcleo artístico. A mesma fonte acrescenta que Benedetti soube despertar numerosas vocações, junto a dezenas de alunos que “aprenderam a amar a natureza, procurando uma interpretação pessoal através de sensibilidade pictórica... Sua atuação foi fecunda... um pintor que fez escola e agitou o ambiente de artes plásticas em nossa terra”. Teve trabalhos apresentados no exterior (Japão, Argentina, Chile) e em várias coletivas

importantes realizadas em diferentes pontos do Brasil. Ganhou prêmios em salões oficiais renomados e obras com a sua assinatura foram integradas aos acervos de várias pinacotecas e coleções particulares. Fez paisagens, naturezas mortas, nus, retratos, cenas de costumes (Mello, 1999). “Foi a mais importante aquisição do realismo erudito piracicabano... Não temos dúvida em situar Benedetti entre os mestres da pintura da figura humana” (Cosentino, 1985). Uma rua na vila Prudente tem seu nome.

**BENENCASE, Germano** (Séc. 20). N. Americana, SP. F. Americana. Maestro, compositor, professor, lecionou música, piano e violino no Colégio Piracicabano nos anos 40-50. Uma das suas alunas, Selva do Amaral Garcia, lembra que no Colégio dessa época “fazíamos música o dia inteiro, os pianos nunca estavam vazios. E o maestro incentivava a todos, às vezes permanecia atrás do palco, chorando sua vivuvez e compondo” (cit. em Elias, 2001). Segundo Elias, Benencase era responsável por parte da agitação cultural no Colégio Piracicabano de meados do século: “um tipo excêntrico, lembrado por muitos pelo amor à música, mas, também, pelo colarinho impecável e pela gravata, que era mantida bastante saliente pelo artifício de colocação de um arame interno... Benencase fez sua arte musical ir muito além de Piracicaba, pois sua principal composição, ‘Piquenique Trágico’, foi gravada pela Orquestra Andreozzi, na Odeon, e ele compôs, também, obras utilizadas como fundo musical em filmes nacionais”. Um seu filho foi igualmente professor de música no Colégio Piracicabano, na segunda metade do século passado. Germano Benencase fez parte da Orquestra Sinfônica de Piracicaba e a partir de 1958 regeu a Orquestra Rizzi, centralizada no Colégio Piracicabano. No rol de suas numerosas composições, boa parte das quais em partituras impressas e gravadas em discos, destacam-se, além da valsa mencionada: “Agonia lenta”, gravada pelo grupo Pixinguinha (Odeon, 1919);

“Angelina”, gravada pela Orquestra Andreozzi (Odeon, 1919); “Aniversário fatal”; “Coração de ferro”; “Dilúvio de dores”; “Divina”; “Espinhos de minha vida”; “Lamentações”, com letra de Benedito de Almeida Jr. (v.); “No turbilhão da vida”; “Saudades de meu filho”; “Soou a hora de extinguir-se o nosso amor”; “Triste”; “A valsa da morte”; “Voar para a morte”. A valsa “Piquenique trágico” foi gravada em 1995 no CD Warner “Dose dupla”, com Alberto Calçada. Após aposentar-se, mudou-se em definitivo para Americana. Lulu Benencase, seu irmão, foi poeta e ator famoso no rádio e no palco paulistanos, entre 1930 e 1960, no gênero caipira, responsável, durante muitos anos, pelo programa “Festa na Roça”, na rádio Tupi.

**BERALDO, Pedro** (Séc. 19-20). Comerciante de carne verde, popularmente conhecido na Vila Rezende como Pedro Bucheiro. Após dedicar-se à venda de miúdos em sua carroça, informa Aldrovandi (1991) que Beraldo “ficou muito bem de vida, residiu na rua Boa Morte em frente ao Colégio Piracicabano e depois mudou-se para São Paulo. Foi uma figura marcante no cenário da Vila”.

**BERGAMIN, Jacob**. N. Piracicaba, 17.5.1909. F. Engenheiro agrônomo, pesquisador, professor. C.c. Maria Amélia Gilberti Bergamin, ff. Jacob Filho, Maria Amélia. Formado pela ESALQ em 1933, obteve o título de livre-docente em 1935. Foi professor catedrático de Entomologia e Parasitologia Agrícolas na Escola desde 1946, até aposentar-se, em 1963. Atuou também como assistente técnico do Instituto Biológico e chefe da seção de Entomologia do Instituto Agrônomo. Publicou numerosos trabalhos científicos sobre entomologia e recebeu o título de Honra ao Mérito Rural. Vários outros membros da família Bergamin fazem parte da história da ESALQ: Armando Bergamin, diplomado como engenheiro agrônomo em 1941 e professor assistente, de 1942 a 1967; Armando Bergamin

Filho, formado em agronomia em 1971 e professor assistente doutor (1974); Henrique Bergamin Filho (v), que, após ter sido aluno dos cursos ginasial e colegial da Escola Normal Sud Mennuci, diplomou-se em agronomia pela ESALQ em 1956 e pertenceu ao quadro docente da instituição a partir do ano seguinte, tornando-se doutor em agronomia em 1961 e livre-docente da ESALQ em 1967, tendo assumido vários postos da maior relevância no país; e Maria Dulce Bandiera Bergamin, que passou a integrar o corpo docente da ESALQ a partir de 1970. Em Bueno e Barata (2000), há um registro de que os Bergamin piracicabanos são ligados à família a que pertenceu Ângelo Bergamin, casado com Maria Daros por volta de 1905. No Jardim Itapuã há as ruas Jacob Bergamin e Armando Bergamin.

**BERGAMIN FILHO, Henrique.** N. Piracicaba, setembro 1931. F. Piracicaba, 14.12.1996. C.c. Therezinha Castilho Bergamin. Ff.: Henrique Neto, Cynthia, Denise. Engenheiro agrônomo, professor e pesquisador universitário. Formou-se pela ESALQ em 1956 e tornou-se doutor (1961) e livre-docente (1967) pela mesma escola. Professor da ESALQ desde 1957, após trabalhar como assistente da Cadeira nº 10, de Química Analítica, passou a ser professor adjunto do Departamento de Química. Chefiou-o em três gestões, aposentando-se em 1988. Foi um dos colaboradores do CENA (Centro de Energia Nuclear na Agricultura), desde a fundação deste na ESALQ. Pouco antes de falecer, recebeu a 11.12.1996 em Brasília, no Palácio do Planalto, o Título de Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico do Brasil. Fez parte da Academia Brasileira de Ciências e da Sociedade Brasileira de Química e foi membro do conselho diretor desta última. Dirigiu em Manaus, AM, a principal entidade federal de pesquisas agrônomicas na Amazônia e destacou-se por desenvolver o método de análise de fluxo. Publicou pesquisas

e artigos científicos. Dinâmico, entusiasmado, personalidade cativante e homem de ciência e ação notável, impôs-se à admiração e ao respeito dos conterrâneos, colegas e amigos.

**BERGOZZA, Carlos e Vitória** (Séc. 19-20). Comerciantes de origem italiana, irmãos, estabelecidos com armazém na esquina das ruas Benjamin Constant e 15 de Novembro, perto do Hotel della Giardineira.

**BERTHET, Arthur** (Séc. 19-20). Botânico. Foi professor catedrático de botânica na então Escola Prática de Piracicaba (futura ESALQ), de 1908 a 25.4.1912.

**BERTINI, José (Giuseppe) e Romano.** Irmãos italianos, proprietários da Alfaiataria Bertini na Vila Rezende das primeiras décadas do século 20. José era c.c. Henriqueta Bertini, ff. Clara, Geraldo, Guido. Romano era c.c. Rosa Bertini, ff. Néis, Hélio, Lurdes. No Livro Protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba (1900) consta o nome de Romano Bertini. Romano fez parte da primeira diretoria da Associação Atlética Sucriere (depois Clube Atlético Piracicabano), fundada em 1914 em Vila Rezende. A Casa Bertini, loja com alfaiataria anexa, figura no “Guia de Piracicaba” de 1958, à avenida Rui Barbosa, nº 476.

**BERTO, Nelson (frei).** N. Pau D’Alinho, Piracicaba, 25.8.1938. F. Piracicaba, 1990. Ingressou em 1949 no Seminário Seráfico São Fidélis local e fez seu noviciado (1955-56) em Taubaté, SP, tornando-se franciscano capuchinho. Concluiu em 1959 o curso de filosofia em Mococa, onde fez a Profissão Solene, no mesmo ano. Foi ordenado presbítero na capital paulista em 1963. Atuou em Piracicaba de 1964 a 1969 no Convento Sagrado Coração de Jesus e no Seminário Seráfico, onde foi professor. Formou-se em pedagogia na Unimep (1969). Após uma dezena de anos em São Paulo na paróquia da Imaculada como vigário

cooperador, vice-diretor e diretor do Instituto de Ensino Imaculada Conceição, foi secretário provincial (1978-80). Trabalhou em São Lourenço da Serra, Penápolis e Birigui entre 1981 e 1989 e no Seminário Seráfico de Piracicaba desde janeiro de 1990, o mesmo ano em que faleceu. Colaborador do *Jornal de Piracicaba*, foi “uma alma verdadeiramente franciscana... um grande coração” (J. E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 17.6.1990).

**BERTOZZI, Ana Matheis** (Séc. 20). Professora, jornalista. Desde a década de trinta foi colaboradora assídua do “Jornal de Piracicaba”, dedicando-se notadamente a temas de cunho histórico e patriótico. Enaltecia heróis brasileiros em seus escritos cívicos, elegantes, bem fundamentados e bem redigidos.

**BERTOZZI, Maria** (Séc. 19-20). Em Camargo (1900), aparece na relação de quatro proprietários de fábricas de massas alimentícias em Piracicaba, na passagem do século, com fábrica na rua do Comércio, nº 116: “Ao Industrial”, em sociedade com E. (Emílio?) Bertozzi. Um anúncio de 1914 no almanaque de Capri acrescentava que mantinha no mesmo local uma “aperfeiçoada máquina de beneficiar arroz”, uma “garage de esplêndidos automóveis”, torrefação de café e refinação de açúcar. Os demais pastifícios eram de João Datti, à r. 13 de Maio, nº 32; Agadini Lucchesi, à r. do Comércio, nº 110; e Ângelo Orsi, à r. da Boa Morte.

**BERTOZZI, Romualdo** (Séc. 19-20). Italiano de nascimento, um dos fundadores e membro da diretoria da Sociedade Filhos da Itália Mútuo Socorro, surgida em outubro de 1892, na qual ocupava o posto de porta-bandeira brasileira. Seu nome encontra-se na relação dos associados do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba sob nº 63, como proprietário de estabelecimento de gêneros alimentícios à rua Governador Pedro de Toledo, 231 e com registro no comércio local datado de 30.3.1939

(Alleoni, 2003; Guidotti, 2002). O “Almanak” de Camargo para 1900 registra um armazém de propriedade de Augusto Bertozzi & Cia., na rua Palma (hoje rua Tiradentes). Por volta de 1920-30, o E. C. XV de Novembro teve um Bertozzi, Emílio, como presidente. No Jardim Algodal há uma rua Emílio Bertozzi.

**BIANCO, Olívia**. N. Piracicaba, 7.5.1883. F. séc. 20. F. de Francisco Bianco, italiano, e Júlia Amélia de Moraes Bianco. Professora. Lecionou ginástica feminina na antiga Escola Normal de Piracicaba. Fez parte da primeira turma de 15 professores formados em 1900 pela Escola Complementar de Piracicaba (mais tarde Escola Normal Sud Mennucci). Instalada em 1897, a escola funcionou em um prédio à rua do Rosário, que posteriormente sediou a Escola Industrial Fernando Febeliano da Costa. Olívia Bianco teve por companheiros Antônia de Azevedo, Cândida Correa Borges, Ana Joaquina Bueno, Ana Cândida Canto, Avelina Ferreira da Cunha, Carolina de Souza Costa, Cherubim Fernandes de Sampaio (v.), Domitila Silveira de Menezes, Eugênia Silva, Joaquim Diniz, José Henrique Marques, José da Silva Nunes, José Martins de Toledo (v.) e Maria Isabel da Silva (*Jornal de Piracicaba*, 1947). As professoras Olívia, Maria Isabel, Antônia, Ana Joaquina e Domitila, recém-formadas, passaram a integrar o quadro de professores do Primeiro Grupo Escolar de Piracicaba (posteriormente Barão do Rio Branco), no início do século 20 (Percin, 1996). Há uma Escola Estadual Profa. Olívia Bianco, no Bairro Jaraguá, e uma rua com seu nome, no Jardim Brasília. **BICKING, Tome** (Séc. 19). É mencionado entre os primeiros emigrantes com sobrenomes germânicos que se fixaram em Piracicaba e arredores, inicialmente colonos destinados à lavoura, muitos dos quais depois se deslocaram para o meio citadino, estabelecendo-se com pequenos negócios. Krähenbühl (1955) refere-se ao contrato de casamento de Bicking com Rosa Fuchs, datado de 1859, sendo neste mencionada a colônia

São Lourenço de Piracicaba. Os emigrantes aqui referidos eram alemães, suíços, austríacos, prussianos e outros. Há documentação que menciona a existência do Bairro dos Alemães na cidade em 1861. A fonte aqui indicada refere-se a diversos comerciantes com sobrenomes germânicos em Piracicaba, em meados do século 19: Martinho Diehl, Carlos Ritter, Henrique Schmelling, Pedro Sommerhauser, Bento Vollet, Justino Wolmar. Refere-se igualmente a uma monografia de Júlio Conceição, publicada em 1912, na qual constam nomes de ex-colonos: Diehl, Eschor, Koch, Krähenbühl, Lambstein, Morbach, Portz, Priester, Schmidt, Stein, Vouet. O Schmidt desta relação seria o futuro coronel Francisco Schmidt (v.), conhecido como “rei do café”. (V. Vollet, família.)

**BICUDO, Felipe de Campos** (Séc. 17-18).

Sargento-mor. Juntamente com o tenente José de Campos Paes, obteve sesmaria em 1810, em terras cuja posse lhe foi transferida por Miguel Alberto de Vasconcelos. Situadas nos campos de Araraquara, então distrito de Vila de Piracicaba, foram vendidas a 14.9.1814 a Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (v.), que ali fundou uma fazenda de criação de gado. Vergueiro fez uma sociedade agrícola com o brigadeiro Luiz Antônio em 1816, entrando para ela com a sesmaria e outros bens. Conhecedora como sesmaria (fazenda) do Monjolinho, por ocasião da dissolução da sociedade, Vergueiro deu-a à meação dos herdeiros do brigadeiro Luiz Antônio e estes posteriormente a venderam a João Alves de Oliveira. Nela foi em parte levantada a cidade de São Carlos (Neme, 1936).

**BILIA, Waldemar.** N. São Pedro, SP, 29.9.1932. F. Piracicaba, 19.10.1990. C.c. Maria Augusta Canto Camargo. Ff.: Denise, Fernando. Filho de Ignácio Bilia e Emília Santin. Radialista, diplomou-se em relações públicas pela Universidade Metodista de Piracicaba. Após cursar a escola primária, o ginásio e o curso científico em sua cidade natal, mudou-se em

1957 para Piracicaba, onde concluiu no Colégio Dom Bosco o curso científico. Ingressou no rádio em 1958, na emissora A Voz Agrícola e de 1960 a 1990 atuou na rádio Difusora, como locutor, diretor artístico, animador de programa de auditório e jornalista. Fez parte da Sociedade São Vicente de Paulo. Há uma rua com seu nome, no bairro de Santa Rita, paralela à avenida Antônio Elias.

**BION, Luiz** (Séc. 19-20). No “Almanak de Piracicaba” (1900), é mencionado como um dos cinco dentistas existentes na cidade, na passagem do século. Os demais são Horácio de Carvalho, à rua Prudente de Moraes; Jorge Gooda, à rua São José; João Mac Knight, à rua Direita (atual Moraes Barros); e Adelardo de Souza (Aguar) (v.), à rua Santo Antônio, nº 2.

**BISCHOF, José** (Séc. 20). Comerciante. A família Bischof dedicou-se ao longo de boa parte do século 20 à fotografia profissional e à comercialização de produtos do ramo. Além de José Bischof, que dá nome a rua no Jardim Morumbi, estiveram ligados a essa atividade os demais familiares: Isabel (Frau Bischof), Rodolfo (n. 1917 e f. em Piracicaba em 27.8.1987, ativo no comércio local desde 1930), Oswaldo, Oscar, que também era violinista, Frida, Lori (Leonor), Elza. A loja de eletrodomésticos e material elétrico e o ateliê fotográfico localizavam-se na rua Governador Pedro de Toledo, nº 925 (antigo 1005). Não há notícia de estudo ou levantamento exaustivo de todos quantos se dedicavam profissionalmente à fotografia em Piracicaba. Os registros impressos disponíveis não vão além da menção deste ou daquele fotógrafo, deste ou daquele ateliê (v. a este respeito os almanaques de Piracicaba editados durante o século 20). Fazem parte dessa história obscura, que está para ser escrita, além da Casa Bischof, os profissionais (e/ou estabelecimentos) Eleotério Cantarelli, Ricardo e Milton Caprecci, Foto Rápido Cozzo de João R. Cozzo (v.), José e Idálio Filetti (v.), Foto Fuji,

Foto Studio Rezende, Casa Paulo Foto, Foto City, Foto Reportagem Nascimento, Cícero Correa dos Santos (v), Geraldo P. Toledo (v), Ary Lacorte (v), Jorge Altino Vieira, Diógenes Banzatto (v), Nogueira Neto, Kenji Kawai, Estúdio Spavieri, Osmir Antônio Avanzi, Holler Cine-foto, Claudemir Casarin, José Osmir Dorizotto, Luiz Saconi, Ekeler, Eduardo Fernandes (v), Mário Petrantônio e Phocus Studium. Caldari (1990) lembra dois fotografos da Vila Rezende nas primeiras décadas do século 20: Mário Crivellani, conhecido como Curvinha (v), e Roberto Turin. Entre os mais antigos estabelecimentos do gênero, existiam, em fins do século 19, a “Photographia Vienna”, de propriedade de Arthur Lobenwein (v), à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo) nº 153, talvez o primeiro do gênero, anunciado no “Almanak de Piracicaba” de Camargo (1900), e o ateliê de Mazzilli e Lauria, anunciado pela “Gazeta de Piracicaba” em 4.10.1896 (v. Mazzilli, Francisco Antônio). (*Jornal de Piracicaba*, 19.8.1986.)

**BISSON, Rubens de Oliveira.** Séc. 20. F. Piracicaba, 23.6.1996. C.c. Anita Polacow Bisson. Comerciante e radialista. Após estudar na Escola Normal Sud Mennucci, projetou-se nos meios radiofônicos como locutor esportivo e produtor de programas, integrando o quadro de profissionais da rádio Difusora de Piracicaba em meados do século vinte. Paralelamente a essa atividade, passou a atuar no âmbito comercial, juntamente com a esposa, à frente de uma loja tradicional da rua Governador Pedro de Toledo, nº 1130, a Casa Polacow. O “Guia de Piracicaba” de Camargo e Navarro para 1958 refere-se à Casa Polacow como uma das principais casas comerciais da cidade, no ramo de “modas e confecções para senhoras e cavalheiros”. Entre os emigrantes italianos que se fixaram em Piracicaba no passado, figura Ângelo Bisson, mencionado nos livros de protocolo de 1899 e 1905 da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba (v. Polacow, José).

**BLATKAUSKAS, Waldemar.** 1938-1964. Jogador de bola ao cesto, atuou no time piracicabano do XV de Novembro. Foi bicampeão mundial e tetracampeão sul-americano. Faleceu na via Anhanguera em acidente automobilístico. O Ginásio Municipal de Esportes de Piracicaba tem seu nome.

**BLUMER, Jacob (Filho) e Mathias** (Séc. 19-20). Dedicavam-se à panificação, na passagem do século. A padaria de Jacob Blumer Filho situava-se na rua Direita, nº 1233, atualmente rua Moraes Barros, e a de Mathias Blumer localizava-se na rua Boa Morte. Jacob Blumer Filho é igualmente mencionado no “Almanak” de Camargo para 1900 como proprietário de ferraria, à rua Direita, nº 103, fazendo parte de uma lista na qual constam os nomes de outros quatro profissionais do ramo: Dolchita João Baptista, José Dias da Costa, Marconi Giovanni e Carlos Ursi.

**BLUMER, Pedro** (Séc. 19). Seu nome aparece na relação dos proprietários de hospedarias em Constituição no ano de 1873, segundo o “Almanak da Província de São Paulo”. Outros donos de hospedarias mencionados na mesma fonte são Gabriel Eugênio de Camargo e Sabino Barbosa Sandoval.

**BOARETTO, Gherardo Arturo (Fernando).** Agricultor. N. Gavello, Rovigo, Itália, 17.5.1881. F. séc. 20. C.c. Virginia Marangoni Boaretto. Ff.: Ângela, Carolina, Otilio (Guilherme), Celestina, Antônio, Maria Dileta, Luiz Antônio, Hermenegildo, Zilda, Alcindo, Mafalda. Era filho de Luigi Boaretto, agricultor, e Elisa Rancon, imigrantes italianos que vieram ao Brasil em 1888, juntamente com seus três filhos pequenos, Gherardo Arturo (Fernando), Medardo (Eugênio) e Paolo. Luigi Boaretto figura sob nº 116 na lista de 1904 dos estrangeiros moradores de Piracicaba que não se naturalizaram, cujos nomes são mencionados por Alleoni (2003). Em Bueno e

Barata (2000), consta o nome do italiano Pietro Boaretto (n. 1861), que passou por São Paulo em 1888, juntamente com a esposa, dois filhos, e a mãe, Giuditta Boaretto, n. em 1825. Após a chegada em Santos, Luigi e família dirigiram-se à capital do Estado e depois para Itatiba. O filho Gherardo, que, por motivos ignorados, passou a ser chamado de Fernando, casou-se em 1901 em Piracicaba com Virgínia Marangoni. Tiveram onze filhos. Os Boaretto trabalharam inicialmente como empregados de fazenda em Rio das Pedras. Tornaram-se posteriormente proprietários da fazenda São Joaquim, cuja casa construíram, com tijolos que eles próprios fizeram. Empreendedores, industriais e atilados, passaram a atuar com êxito em Piracicaba em vários campos de atividades, durante o século passado. A marca Boaretto consagrou-se no domínio da aguardente de cana, disputando mercado com outras marcas de sucesso: Tatuzinho (D'Abronzo), Cavalinho (Carmignani), Três Fazendas, Furlan, Bruneli, Zanin etc. (Boaretto, 2003).

**BOAVENTURA, Lélío** (Séc. 20). Capitão, n. Sorocaba. Assumiu em agosto de 1932 o comando do 1º Batalhão Piracicabano, formado por cerca de 600 voluntários que deixaram a cidade a 16.7.1932 para participar da Revolução Constitucionalista, liderados inicialmente pelo tenente Augusto Gomes (v). Este foi substituído a 20.7 pelo capitão Severino José da Costa Jr., que, por sua vez, passou o comando a Boaventura (Krähenbühl, 1955). Há no Centro uma rua Capitão Boaventura.

**BOCCHETTI, Rafael** (Séc. 19-20). Alfaiate, principal proprietário da alfaiataria que tinha seu nome, à rua Moraes Barros, nº 163. A casa, que funcionava igualmente como chapelaria, anunciava no “Jornal de Piracicaba” do início do século o seu “grande estoque de chapéus Borsalino e de outros fabricantes nacionais e estrangeiros”. As confecções eram confiadas a “hábeis oficiais” contratados na capital

paulista, “em condições de atender às mais altas categorias”. Por volta da passagem do século, Piracicaba contava com 14 alfaiatarias (Camargo, 1900). Na relação do Livro Protocolo de 1904 da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba consta o nome de um B. Bocchetti. O de Rafael Bocchetti aparece na lista do mesmo ano da Câmara Municipal, de italianos moradores de Piracicaba que não se naturalizaram. No almanaque de Piracicaba editado por Capri (1914), ocupa três páginas o discurso da professoranda srta. Vicentina Bocchetti, proferido por ocasião da sua formatura na Escola Normal de Piracicaba, como oradora da turma.

**BODÊ, João Guilherme Leon de** (Séc. 19-20). Engenheiro civil. Foi de sua autoria uma proposta, convertida na Lei nº 4 de 1893, segundo a qual o conserto e a conservação das estradas municipais seriam da responsabilidade não só dos sitiantes e fazendeiros locais, mas também de uma turma de trabalhadores remunerados pela tesouraria municipal e sob as ordens de um feitor (Alleoni, 2003). Um anúncio do “dr. Leon de Bodê, Engenheiro Civil, Rua Prudente de Moraes”, foi estampado no “Almanak de Piracicaba” editado por Camargo em 1900.

**BONACHELLA, Maria Cecília Machado.** N. Franca, SP, 1940. F. Piracicaba, 8.2.2007. C.c. Nelson Bonachella. Ff.: Maria Beatriz, Nelson Luiz, Maria Cecília Lieth. Filha de José Luiz Machado e Maria Lavinia Sardinha Machado. Poetisa, professora, jornalista. Residiu em São Simão, SP, até 1951, quando se fixou com os pais em Piracicaba. Sua primeira poesia foi divulgada no *Jornal de Piracicaba* em 1958. Publicou os livros de poesias *Três fases* (1968) e *Era uma vez um país* (1992). Várias antologias incluíram seus versos. Durante 27 anos ininterruptos, desde 1980, coordenou a seção semanal “Palavras & Versos” no *Jornal de Piracicaba*, fazendo desta



o principal veículo de divulgação dos poetas locais. Foi uma das fundadoras do Centro Literário de Piracicaba (CLIP) e sua presidente, de 1994 a 1996. Fez parte da União Brasileira de Escritores e da Academia Piracicabana de Letras. “O braço forte da poesia em Piracicaba... Em todos os movimentos culturais e artísticos, literários e críticos..., sempre a figura de Cecília, numa inequívoca manifestação de suas qualidades de poetisa e escritora, articulista, orientadora, mestra, amiga, solucionadora dessa infinidade de ‘casinhos’ que soem ocorrer neste estranho e complicado mundo de letras” (Lino Vitti). (*Jornal de Piracicaba*, 10.2.2007).

**BONATTO, Antônio** (Séc. 20). Os primeiros registros da presença em Piracicaba dos Bonatto, de origem italiana, datam do início do século 20. Consta um N. Bonatto no Livro de Protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro do ano de 1901. No livro de atas com o registro de estrangeiros moradores de Piracicaba que não se naturalizaram, datado de 1904, aparecem os nomes de Luigi e Valentino Bonato (Alleoni, 2003). Antônio Bonatto era pai de Antenor, Antônio e Laurindo José Bonatto, que, sob a liderança de Antenor, criaram em princípios de 1954 a empresa Cal Lúmen, com usina de grande porte de cal hidratada, junto à saída para Tietê, no km 1, construída segundo plantas de empresas similares existentes na Alemanha e dotadas de equipamentos dos mais avançados, explorando uma das maiores jazidas paulistas de cal. O guia GGI (Gênese Guia Informativo) de 1978 refere-se à Bonato & Cia. Ltda., especializada em terraplenagem, pavimentação e serviços afins, à av. Dr. Paulo de Moraes, nº 334.

**BONATTO JÚNIOR, Antenor.** N. Piracicaba, 1965. F. 2004. Médico. Filho de Antenor Bonatto (v. Antônio Bonatto), formou-se em medicina na Unicamp, em Campinas, SP. Concluiu residência médica em cirurgia plástica na capital paulista, no Instituto Santa Cruz. Foi membro titular da Sociedade

Brasileira de Cirurgia Plástica, tendo exercido suas atividades de cirurgia reparadora e estética em hospital público e em clínica privada com proficiência e zelo exemplares.

**BONILHA, Alfio** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da Casa Bonilha, à Praça 7 de Setembro, 731. Mudou-se depois para a rua Governador Pedro de Toledo. Consta na lista de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, com registro datado de 1942, no ramo de roupas feitas. Antepassados dos Bonilha viviam em Piracicaba desde o século 19. Melchior Bonilha, com residência à rua Boa Morte, em sociedade com Ferrazi, tinha fazenda de café em Baranhão, segundo anúncio de 1892 (Alleoni, 2003). Em 1900, o herdeiro (?) de Antônio Alves Bonilha era capitalista que pagava impostos. Uma rua da Nova Piracicaba homenageia Brotero Bonilha, professor, c.c. Maria Cavalheiro Bonilha, pais do prof. Paulo Domingos Bonilha, n. 1923 e f. 13.12.2004, casado com Theresinha de Almeida Canto Bonilha, ff. Maria José, Maria Teresa, Paulo Domingos Jr., Paulo Tadeu.

**BONILHA, Félix do Amaral Mello.** N. Capivari? 17.1.1863? F. Piracicaba, 18.6.1954. F. de Martim (Félix) Alves Bonilha, f. Piracicaba 10.4.1897, e Maria Augusta do Amaral Mello. Biografado no livro “O lendário capitão Nhô Lica” de F. A. F. de Mello. Figura popular da Piracicaba de outros tempos, teria sido vítima de um raio, que lhe causou sério e permanente desequilíbrio mental. Apanhava pedregulhos, certo de que eram pedras preciosas, confiando-os às agências bancárias locais. Faleceu no Lar dos Velhinhos e tem túmulo no Cemitério da Saudade, graças a uma subscrição popular. Há uma rua com seu nome, no Jardim S. Benedito (IAA).

**BONILLO, Joaquim Álvaro.** N. Campinas, 1940. F. Piracicaba, 6.9.1997. Maestro, professor,

formado pelo Instituto Pró-Música de São Paulo, estudou regência com Koellreuter e Schnorrenberg e foi discípulo de vários músicos de renome. De 1987 a 1992 regeu o Coral Municipal de Piracicaba. Lecionou flauta, violão e piano, fez parte da Orquestra Erotides de Campos, reativou a Orquestra de Câmara da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro e dirigiu o coral do Telesp Clube. Foi sepultado em Atibaia, SP. Divorciado, deixou duas filhas.

**BORELLI, Alberto** (Séc. 19-20). Arquiteto, engenheiro. Oferecia seus serviços na passagem do século, em escritório à rua Boa Morte, nº 19 (Camargo, 1900). Era provavelmente de origem italiana. Projetou o edifício de Terenzio Galesi (v.) e o do Colégio Assunção, em substituição ao antigo prédio, destruído por um incêndio a 25.1.1901. Situado inicialmente junto à Igreja da Boa Morte, o colégio foi depois transferido para a rua Boa Esperança (rua D. Pedro II).

**BORGES, Francisco Correa** (Séc. 19-20). Um dos oito advogados em atividade em Piracicaba, na passagem do século, com escritório à rua São José, conforme lista que se encontra em Camargo (1900). Nessa lista são igualmente citados os advogados Cherubim Ferraz de Andrade, Prudente José de Moraes Barros, Henrique Marques de Carvalho, Antônio Pinto de Almeida Ferraz, Francisco Antônio de Almeida Morato, João Domingues Sampaio e Adolpho Augusto Nardy de Vasconcellos (vv.). Da mesma forma que Prudente (1877-80 e 1887-89), Nardy de Vasconcellos (1891 e 1905-7) e Francisco Morato (1899-01 e 1905-10) foram vereadores em Piracicaba.

**BORTOLETO, Pedro** (Séc. 20). Agricultor. Dá nome à antiga estrada vicinal do Formigueiro, que liga o bairro do Serrote ao município de Saltinho, com sete quilômetros de extensão, passando pelo Sete Barrocas, em Piracicaba. Segundo José Inácio M. Sleimann, a estrada

serve de via de escoamento da cana-de-açúcar e de produtos hortifrutigranjeiros produzidos na região (*Gazeta de Piracicaba*, 26.6.2007).

**BÓSCOLO, Mário** (Séc. 20). Professor. Foi o primeiro diretor da Escola Técnica Industrial Cel. Fernando Febeliano da Costa, à rua do Rosário, permanecendo nesse cargo por dezoito anos, desde a inauguração em 1951 até 1969. Frab Norberto Bóscolo, seu filho, formou-se pela Faculdade de Odontologia de Piracicaba como cirurgião dentista em 1967 e passou a integrar o quadro de docentes desta no mesmo ano. Fez carreira na faculdade, tornando-se doutor (1976), livre docente (1985), professor adjunto (1990), professor titular (1994) e diretor-associado (1998-2002). Publicou dezenas de trabalhos científicos em periódicos especializados e passou a liderar a área de radiologia odontológica do Departamento de Diagnóstico Oral da Faculdade.

**BOSIO, Italina** (N. Itália ? Séc. 19-20). Parteira, veio da Itália e fixou-se em Piracicaba, inicialmente à rua Alferes José Caetano, nº 107, conforme anúncio na “Gazeta de Piracicaba” a 3.4.1897. Apresentava-se como “parteira italiana de primeira classe, aprovada pela Real Universidade de Parma” e “especializada em febre puerperal e abortos”. No mesmo jornal, outra parteira, provavelmente também italiana, anunciava seus serviços a 1.12.1898: Thereza Pasqualina, moradora do bairro do Areião, que nessa data transferiu-se para o nº 202 da rua Direita (hoje rua Moraes Barros). (Alleoni, 2003).

**BOTELHO, André Sampaio** (Séc. 18). Faz parte do grupo de pessoas que ganharam sesmarias na região de Piracicaba, nas últimas décadas do séc. 18. É mencionado por Neme (1974), juntamente com Joaquim Barbosa da Silva, Luiz Botelho de Freitas e Manuel da

Silva Collares, como autores de um pedido de concessão de “duas léguas em quadra, distância de sete léguas da vila de Itu, fazendo pião ou centro no rio Capivari, sobre um salto, achando-se as sobreditas terras entre as estradas que vão da Vila para o povoado de Piracicaba e freguesia de Campinas, em meio mais ou menos”. O pedido acrescenta que “o pião... coloca essas terras margeando o rio pelo lado direito, em ponto mais próximo do sítio da futura Monte-Mor”. Neme informa ainda que o citado Barbosa da Silva, mais José Antônio de Oliveira e Joaquim Duarte do Rego, receberam em 1785 “três léguas de testada e quatro de sertão, a partir da sesmaria de André Sampaio Botelho e outros, pelo Capivari abaixo, da parte dalém do rio”, pretendendo, talvez, ligar a parte que lhes coube nessas terras à que anteriormente coube a Botelho e outros. De acordo com a fonte citada, na década de 1780-89 apenas 13 sesmarias foram concedidas na região de Piracicaba, mas o número de concessões foi bem maior na última década do século 18.

**BOTELHO, Antônio Carlos de Arruda.** N. Vila Nova da Constituição, 23.8.1827. F. Pinhal, SP, 11.3.1901. C. em 1852 em 1<sup>as</sup> núpcias c. Francisca Teodora de Arruda Coelho, n. Constituição em 1830 e f. 1862, f. Carlos José; e em 2<sup>as</sup> núpcias em 1863 c. Ana Carolina de Mello Oliveira de Arruda Botelho, n. 1841 e f. 1945, doze filhos: José, Antônio, Martinho, Cândida, Elisa, Carlos Augusto, Maria, Carlos Américo, Sofia, Carlos Amadeu, Ana Carolina e Antônia. Coronel, político, fazendeiro, empresário. Barão, visconde e conde do Pinhal, comendador da Ordem da Rosa. Vereador e presidente da câmara municipal de Araraquara (1857-60). Tenente-coronel comandante de batalhão da Guarda Nacional. Chefiou o Partido Liberal e foi eleito deputado à Assembléia Provincial em várias legislaturas, tendo ocupado durante dez anos a sua presidência. Em pleno domínio conservador, foi o único liberal que teve assento

na 20<sup>a</sup> legislatura (1886-89), sendo reeleito neste último ano. Proclamada a República, afastou-se da vida política, mas retornou a esta para colaborar na Constituinte, como senador. Em 1893, com a dissolução do Congresso, deixou a política para sempre (Amaral, 1980). Como empresário, organizou e liderou a Companhia Anônima Rio Claro de Estrada de Ferro, ligando Rio Claro a São Carlos (do Pinhal), Araraquara e mais tarde a Jaboticabal (1880-85), fazendo o ramal de Dois Córregos e Jaú. Formou várias fazendas paulistas de café e para o cultivo da cana-de-açúcar. Saldanha Marinho, então presidente da província de São Paulo, nomeou-o como membro da comissão incumbida de obter recursos para o prolongamento da Estrada de Ferro de Jundiá a Campinas, como representante das cidades de São Carlos do Pinhal e Constituição ou Piracicaba (Célio Debes, cit. em Aranha, 1982). Criou o Banco de São Paulo. Um dos precursores do trabalho livre no país, estabeleceu uma colônia de trabalhadores alemães em sua fazenda do Pinhal, que deu nome à Estação Colônia.

**BOTELHO, Carlos José de Arruda.** N. Piracicaba, 14.5.1855. F. São Carlos, 20.3.1947. Médico, fazendeiro e político. Filho único do primeiro matrimônio de Antônio Carlos de Arruda Botelho (v.) com Francisca Teodora de Arruda Coelho. Casou-se em 1883 c. Constança Maria de Brito Filgueiras, n. Rio de Janeiro, RJ, a 23.2.1865 e f. em São Paulo, SP, a 4.5.1918. Tiveram três filhos. Perdeu a mãe quando pequeno, sendo criado pela segunda esposa de seu pai, Carolina. Foi aluno do Colégio São Luiz de Itu, prosseguindo os estudos na capital paulista e a partir de 1874 em Paris, onde teve como seu amigo o pintor Almeida Júnior. Posteriormente, este residiu e manteve um ateliê na casa de Carlos José em São Paulo, à rua do Gasômetro. Formado em medicina na França, após estudos em Paris e Montpellier, retornou ao Brasil em 1880 e em 1882 instalou o primeiro hospital particular paulistano, com

o nome de Casa de Saúde Dr. Carlos Botelho. Atuou como médico cirurgião notável na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e foi seu primeiro diretor clínico, desde 1884. Com Sérgio Meira, foi co-fundador da Policlínica de São Paulo e posteriormente participou da Sociedade de Medicina e Cirurgia como um dos seus primeiros sócios fundadores. De 1904 a 1908, no governo de Jorge Tibiriçá, foi Secretário da agricultura do Estado, impulsionando as culturas do algodão e do arroz. Fundou em 1892 o Jardim da Aclimação e o Jardim Zoológico da capital paulista. Foi vereador e senador estadual. Introdutor da primeira leva de imigrantes japoneses no Brasil, fez o saneamento do porto de Santos, criou o Posto Zootécnico Central paulistano e a Fazenda de Seleção de Gado Nacional em Nova Odessa. Seu nome ficou indissolúvelmente ligado à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz por ter retomado, com empenho, as obras da construção desta, que se achavam paralisadas. Prestaram-lhe numerosas homenagens, por ocasião da inauguração da Escola. Foi paraninfo da turma da ESALQ que se formou em fins de 1940. A avenida que liga a ESALQ à cidade recebeu seu nome em 1905. Deixou nome, igualmente, na cidade de São Carlos, SP, onde teve propriedade agrícola. Há em São Carlos uma avenida que lhe perpetua a memória (L. Guerrini, *Jornal de Piracicaba*, 8.2.1983; Aranha, 1982)

**BOTELHO, Carlos José de Arruda (Botelhão).** N. Piracicaba, séc. 18. F. Araraquara, 25.11.1854. Coronel e agricultor, filho caçula do capitão-mor Carlos Bartolomeu de Arruda (v.). Casou-se em Piracicaba em 1824 com Cândida Maria do Rosário, filha do tenente Joaquim José de Sampaio. Ff.: Maria Jacinta, Carlos Bartolomeu, Antônio Carlos (futuro Conde do Pinhal), Cândida Maria do Rosário, João Carlos, Joaquim, Eulália, Paulino Carlos e Bento Carlos (mas segundo Bueno e Barata, 2000, o casal teve treze filhos). Abriu o picadão de Piracicaba aos campos de São Bento

de Araraquara, onde se localizava o conjunto das Sesmarias do Pinhal, em número de três, herdadas do seu pai e posteriormente divididas entre seus filhos. Morou em Araraquara, então São Bento de Araraquara. É-lhe atribuída a fundação de São Carlos (do Pinhal), embora Aranha (1982) mencione estudo segundo o qual essa fundação teria na verdade sido feita pelo conde de Pinhal, Antônio Carlos de Arruda Botelho (v.), juntamente com seus irmãos, cunhados e Soares Arruda, em 1856. Construiu em 1831 a morada da família na fazenda do Pinhal e em 1841 plantou o primeiro cafezal da região. Foi o primeiro presidente da Câmara Municipal de Araraquara, surgida quando a vila foi instalada em 1833.

**BOTELHO, Paulino Carlos de Arruda.** N. Piracicaba, 23.3.1834. F? C.c. Ana Flora Ferraz Coelho. Filho do Botelhão, Carlos José de Arruda Botelho (v.). Coronel, agricultor e político. Mudou-se para São Carlos, São Paulo, SP, quando da fundação desta. Foi eleito como seu primeiro juiz de paz em 1857 e muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Abriu quatro fazendas, uma na Sesmaria do Pinhal e outras três em Ibitinga, SP. Pertenceu inicialmente ao Partido Liberal e depois ao Partido Republicano de São Carlos, tendo sido seu organizador e chefe (1878). Proclamada a República, foi eleito deputado federal. Prestou relevantes serviços em defesa da ordem legal, por ocasião da Revolta da Armada de 1893.

**BOTTENE, Alcebiades (Tito) e Pedro.** Aviadores e mecânicos. Alcebiades n. Piracicaba a 5.10.1913 e f. Itapira, vítima de acidente aéreo, a 14.12.1962. Era filho de Augustinho Bottene e Emma Falchi. Pedro, seu primo, n. Piracicaba a 29.6.1910 e f. Piracicaba, 1978. C. c. Isabel Barbosa Bottene, era f. de Guerino e Maria Bottene. Ambos fazem parte da história inicial da aviação em Piracicaba, como os primeiros brevetados e primeiros instrutores do Aeroclub. Após completar apenas 4h de vôo,

Pedro fez seu vôo solo a 17.6.1939 e com 10 horas tornou-se instrutor. Vários outros pilotos piracicabanos fizeram seus solos em 1939, entre os quais Aurélio Basso, Antônio Cera Sobrinho (v.), Hélio Morganti (v.), Sylvestre Fernandes e Marcelo Nogueira de Lima (v.). Em 26.4.1938 Pedro e Alcebiades foram eleitos diretores de campo, na primeira diretoria do Aeroclube, sendo reeleitos nesses cargos na segunda diretoria, em fins de novembro do ano seguinte. Ao seu tio João Bottene coube o cargo de 2º tesoureiro na diretoria eleita em 1939. Após trabalhar em Piracicaba, Tito passou a ser piloto de usineiros em Itapira, onde morreu em 1962, no acidente aéreo em que pereceram igualmente o empresário Virgolino de Oliveira e Antônio Caio, prefeito de Itapira (Guidotti, 2003). O pai de Pedro, Guerino Bottene, foi Conselheiro da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, em meados do século vinte.

**BOTTENE, Fleury.** N. Piracicaba, 2.9.1922. F. Piracicaba, 22.2.1991. Aviador, administrador. C.c. Maria Terezinha Cantarelli Bottene, f. Renata. Sargento da Aeronáutica, fez o curso da Escola Técnica de Aviação em São Paulo. Em 1945, no aeroporto de Congonhas, na capital paulista, tornou-se o primeiro controlador de vôo do país. Atuou como diretor na Metalúrgica Mausa, pertenceu ao Rotary Club de Piracicaba e ao longo de 23 anos colaborou com a Santa Casa de Misericórdia local, primeiramente como membro da Irmandade e depois como vice-diretor, tesoureiro, vice-provedor e, de 1969 a 1972, como provedor. Durante a sua gestão, ocorreu a implantação da Escola de Auxiliares de Enfermagem da Santa Casa, que formou sua primeira turma a 18.12.1971, assim como a reforma e a ampliação das instalações da Santa Casa de Misericórdia.

**BOTTENE, João.** N. Piracicaba a 5.5.1892. F. Piracicaba a 7.10.1954. Industrial, mecânico, músico. C. c. Maria Giusti Bottene, pai da Zaira Artêmia Fleury, a primeira mulher aviadora

de Piracicaba, Artêmio Bottene e Amnéris Bottene. Tio de Alcebiades e Pedro Bottene (v.). Filho dos emigrantes Pietro Bottene (v.) e Maria Tereza Cebelle, desde menino revelou seu gosto pela mecânica. Tinha 17 anos quando fez um veículo em miniatura a vapor, o “locomóvel”. Gostava igualmente de música. Após aprender piston e bandolim, integrou na cidade, ainda adolescente, a Corporação Musical Carlos Gomes. Na oficina instalada pelo pai e junto aos seus irmãos, João destacou-se cada vez mais pelo seu engenho e competência, notadamente na mecânica de automóveis. Com o engenheiro agrônomo e futuro prefeito José Vizioli (v.), levou avante o projeto do primeiro carro movido a álcool do país, um Ford 1929, que circulou em 1930, em percurso da usina Monte Alegre ao centro da cidade. Destacou-se igualmente pelo seu pioneirismo no emprego do álcool como combustível de avião. Fez barcaças para o transporte de cana-de-açúcar e durante a revolução de 1932 fabricou granadas de mão na oficina da família. Após a venda da oficina a Pedro Morganti (v.), este o contratou como gerente técnico da usina em Monte Alegre, onde João construiu as primeiras locomotivas a vapor feitas no país. A locomotiva n 1, que recebeu o nome de Fúlvio Morganti, funcionou em bitola de 600 mm durante muitos anos na usina, transportando cana, lenha, álcool, açúcar etc. A segunda, com o nome de Dona Joanhinha, foi utilizada em bitola de 800 mm primeiramente na usina Tamoio, na região de Araraquara, e posteriormente na Estrada de Ferro Cantareira. Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, criou e instalou aparelhagem para a utilização de gasogênio em veículos da usina. Conjuntamente com Pedro Morganti, João Bottene idealizou e fundou o Aeroclube de Piracicaba, em terreno dado pelo primeiro. O entusiasmo pela aviação levou João a aprender a pilotar e obter em fins de 1939 seu brevê e a comprar e recuperar um avião para a família, o “Borboleta Azul”, um Piper Club J3. Após deixar a usina Monte Alegre, associou-se a

Ruben de Souza Carvalho (v.) e a empresários piracicabanos renomados para criar em 1947-48 a Metalúrgica de Acessórios para Usinas S.A., MAUSA. Com esta, Bottene e Carvalho, nas palavras de Elias Netto (2003), implantaram “uma revolução na modernização das usinas brasileiras”. Uma rua em Vila Monteiro tem o nome daquele que merecidamente ganhou o título de gênio da mecânica de Piracicaba. Existem em Santa Terezinha a rua Maria Bottene e na Chácara Nazareth uma rua em homenagem à filha Amnéris Bottene, n. 1916 e f. 1991, professora da Escola Estadual Sud Mennucci, onde se aposentou em 1978. (*Jornal de Piracicaba*, 22.1.1995, 27.10.1996, 21.9.2003; J. U. Nassif, *A Tribuna Piracicabana*, 24.7.2007).

**BOTTENE, Pietro (Pedro).** N. Camisano, Itália, séc. 19. F. séc. 20. Agricultor e industrial, c.c. Maria Tereza Cebelle. Ff.: América, Agostini, Caterina, Antônio, Stefano e Guerino, nascidos na Itália, e João (v.) e Luíza, piracicabanos. Após a vinda ao Brasil em 1888, fixou-se inicialmente na Fazenda Costa Pinto em Piracicaba, mudando-se depois para a cidade. Instalou à beira do Itapeva (atual av. Armando de Salles Oliveira) a fábrica de Bottene & Filhos, que fazia arados, charretes, troles, parafusos e enxadas. Pedro e seus filhos passaram a cuidar da manutenção das embarcações que navegavam no rio Piracicaba e se converteram em fabricantes de barcos, entre os quais um famoso vapor, o “Prainha”, que foi da rua do Porto a Porto João Alfredo (Ártemis) na sua viagem inaugural. Os Bottene dedicaram-se ainda ao comércio lenheiro e canavieiro para o abastecimento do Engenho Central. Vários estabelecimentos comerciais do passado piracicabano estão ligados a membros da família Bottene. À rua São José, nº 138, Alcebiades Bottene instalou sua Oficina Santo Antônio de automóveis e motores de explosão (Neme, 1936). Há anúncios, no “Guia de Piracicaba” de 1958 e no almanaque de Krähenbühl (1955), da Oficina Mecânica de Pedro Bottene, à rua 13 de maio, nº 544 e da Brasil Eletro Auto, de

Tarcísio Bottene, à rua Prudente de Moraes, nº 913. Uma casa especializada em máquinas agrícolas, à rua do Vergueiro, nº 183, pertencia a Campassi, Bottene e Rotta, segundo o “Guia de Piracicaba” de 1966. Neste último, figura ainda um anúncio da Agência Heliar, na av. Armando Salles Oliveira, junto à rua Riachuelo, de propriedade de L. C. Bottene, especializada em acumuladores. Dois integrantes da família Bottene, Tarcísio e Luiz Bottene, presidiram o E. C. XV Novembro, por volta de 1970. Há várias ruas de Piracicaba que lembram nomes da família Bottene, entre as quais a rua Estevam (Stefano) Bottene, no Jardim Maria Claudia, junto à SP 304.

**BOUCHARDET, Virgílio** (Séc. 20). C.c. Maria Quitéria Nolasco Bouchardet. Ff.: Petrônio, Joaquin. De ascendência francesa, dedicou-se, como seu pai, ao trabalho em usinas de açúcar. Residiu em Visconde do Rio Branco, MG, onde nasceram os filhos, em Lorena, SP, e por fim em Piracicaba, residindo na casa do Engenho Central, na vila Rezende. O filho Petrônio, c.c. Maria das Dores Pereira Bouchardet, diplomou-se em contabilidade pela Escola de Comércio Cristóvão Colombo e fez carreira no escritório do Engenho Central. Ff.: Newton, Petrônio, Adilson Roberto, Elizabeth, Maria Aparecida, Sílvia Regina. O filho Joaquin diplomou-se igualmente pela Escola de Comércio Cristóvão Colombo e formou-se professor pela Escola Normal Oficial (a futura Sud Mennucci). Trabalhou na Mesclí, no Fórum e na Prefeitura de Piracicaba, onde se aposentou. Ff.: Virgínia, Haydés, Myrthes. (Aldrovandi, 1991).

**BOYES, Herbert James Simenon.** N. Inglaterra, séc. 19. F. séc. 20. Empresário, c.c. Elvira Sterry Boyes, n. Piracicaba. Ff.: Arthur, Dóris, Kathleen Mary, Vergínia. Com o irmão Alfred Simenon Boyes, constituiu a Boyes Irmãos & Cia., grupo inglês que adquiriu em 11.3.1918 a fábrica de tecidos criada por Luiz de Queiroz (v.) e inaugurada em 1876, inicialmente

com a denominação “Santa Francisca”, assim como o palacete que ele construiu e no qual habitou, à rua Prudente de Moraes. A fábrica e o palacete comprados pelos Boyes eram então propriedades de Rodolfo Nogueira da Costa Miranda (v.), que mudou os nomes de ambos para “Arethusina”, desde 1902. Antes de dirigir a fábrica de tecidos, Herbert trabalhou durante uma dúzia de anos como gerente da Cia. Industrial de São Paulo e foi co-proprietário, com seu irmão, das fábricas São Simão e São Bernardo. Elvira, sua esposa, natural de Piracicaba e que aqui cresceu, era filha do diretor técnico Artur D. Sterry, que Luiz de Queiroz trouxe da Bélgica para dirigir sua fábrica de tecidos. Kathleen Mary, uma das filhas do casal Herbert e Elvira, foi diretora-presidente da Companhia Industrial e Agrícola Boyes e residiu no palacete construído por Luiz de Queiroz até falecer em 7.10.1991. Outra filha, Dóris, casou-se com Norman Ford, que dirigiu a fábrica durante muitos anos. Em fins do século 20, dois filhos do casal, Peter e David, estavam à frente da empresa (Elias, 1992). A Vila Boyes é tradicional em Piracicaba e no bairro São Dimas deu-se o nome de Estádio Vila Boyes ao estádio da Associação Atlético Vila Boyes. Há uma rua Elvira Boyes no Jardim Morumbi, junto à av. Dois Córregos.

**BRAGA, Cincinato César da Silva.** N. Piracicaba, 7.7.1864. F. Rio de Janeiro, RJ, 12.8.1953. Político, advogado, escritor. C.c. Rita Garcez. F. do piracicabano major Domingos José da Silva Braga e Bárbara Augusta César de Matos. Aprendeu as primeiras letras em Descalvado, na Fazenda Graciosa, onde passou a residir aos 7 anos de idade. Dos 13 aos 18 anos, estudou e diplomou-se em Campinas, no Colégio Culto à Ciência. Após ingressar em 1881 na Faculdade de Direito de São Paulo, filiou-se ao movimento republicano e passou a fazer parte da Confederação Abolicionista Acadêmica. Em fins de 1885, um registro da “Gazeta de Piracicaba” refere-se à sua atuação,

ao tempo em que era quintanista de direito, como examinador dos alunos do Colégio Piracicabano naquele ano, juntamente com Prudente de Moraes e outras personalidades de renome (Elias, 2001). Bacharel em direito em 1886, tornou-se promotor público e a seguir advogado, em São Carlos do Pinhal, SP. Mudou-se para a Capital do Estado em 1889, onde continuou a atuar como advogado. Dois anos depois, tomou parte na dissidência política ao lado de Prudente de Moraes e Júlio de Mesquita. Candidatou-se, então, a deputado na Assembléia Constituinte estadual e foi eleito, exercendo o mandato até a dissolução do Congresso pelo Marechal Deodoro. Em 1892 elegeram-no deputado federal, tendo sido reeleito várias vezes. Apoiou Rui Barbosa em 1909, contra a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca à presidência da República. Liderou a bancada paulista na Câmara de 1912 a 1916 e viu divulgados nos jornais da época seus artigos que preconizavam mudanças na estrutura econômica e financeira do país. Com Raul Fernandes e Gastão da Cunha, representou o Brasil na Liga das Nações em Genebra e na Confederação Internacional do Trabalho em 1919. Defendeu com denodo os interesses econômicos paulistas em 1924, como membro da Comissão de Finanças da Câmara. Pouco depois surgiu a série dos seus artigos intitulados “Magnos problemas econômicos de São Paulo”, publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, que reuniu em forma de livro, várias vezes reeditado. Empenhou-se em 1923 pela transformação do Banco do Brasil em banco emissor central do país. Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista e foi eleito deputado constituinte no ano seguinte. Presidiu o Banco do Brasil e fez parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro). A abundante bibliografia de Cincinato Braga, além de grande número de artigos em periódicos, inclui mais de uma dúzia de livros, a partir de um estudo sobre a

fundação de São Carlos, SP, editado em 1894, até a reedição, em 1948, do seu “Magnos problemas econômicos de São Paulo”, como volume da prestigiosa coleção “Problemas brasileiros”, da Editora José Olympio. Faleceu no Rio de Janeiro em uma casa de saúde, mas seu corpo foi transportado para a capital paulista e sepultado no cemitério da Consolação. Há uma rua com seu nome, junto aos bairros Jardim Elite e Nova América.

**BRAGA, Ernani Leite do Canto.** N. Piracicaba, 29.10.1887. F. Piracicaba, 5.9.1930. Jornalista, farmacêutico e personalidade influente na cidade, nas primeiras décadas do século vinte, “um dos grandes vultos do jornalismo piracicabano” (Guerrini, 1970). Além de ser redator-secretário do “Jornal de Piracicaba”, foi também redator-chefe de “O Diário da Manhã”, jornal citadino surgido em 1928, órgão governista, empastado e extinto em 1930. Trabalhou igualmente na imprensa paulistana. Formado em farmácia, deixou numerosos artigos e poesias, publicados nos jornais locais. Participou do movimento revolucionário liderado por Isidoro Dias Lopes (revolta de 1924) contra a falta de liberdade no exercício do voto, as perseguições do Governo Federal aos adversários políticos e a parcialidade nos julgamentos da Justiça Federal (Amaral, 1980). O movimento foi chefiado em Piracicaba por um triunvirato que contou com o médico e político dr. Coriolano Ferraz do Amaral (v). Ernani Braga foi um das “personalidades de grande influência” em Piracicaba, na época da revolução de Isidoro Dias Lopes (Eliás Netto, 2000). Uma rua do Jardim Caxambu, junto à estrada Água Branca, é denominada Ernani Braga. V. Maria Ferraz de Toledo Braga.

**BRAGA, Magno** (Séc.19-20). C.c. Lusia Krähenbühl Braga. Tios de Noedy Krähenbühl Costa (v), ambos foram professores do ensino elementar em Piracicaba. Moço ainda, Magno,

que lecionava no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e teve como alunos Angelino Stella e Antônio de Pádua Dutra (vv), ficou totalmente cego. A esposa pertenceu ao quadro de professores do Grupo Escolar Moraes Barros, quando este se achava sob a direção de José Martins de Toledo (v), nas primeiras décadas do século vinte (N. K. Costa, *Jornal de Piracicaba*, 6.7.1976).

**BRAGA, Maria Ferraz de Toledo.** N.1892. F. Piracicaba, 18.6.1983. C.c. Ernani Leite do Canto Braga (v). Ff.: Arnaldo, Rubens, Yolanda. Popularmente conhecida como Dona Mariquinha Mó, senhora benquista e atuante na Piracicaba das primeiras décadas do século 20. Dá nome a uma rua no Residencial Serra Verde.

**BRAGION, José Mathias.** N. Piracicaba, 17.2.1926. F. Piracicaba, 1994. Professor, contador, escritor. C.c. Dalva Bragion. Ff.: Maria Amália, Miriam Cristina, Gláucia Maria, Ana Raquel, Sérgio Messias e Alexandre Mauro. Aposentou-se como funcionário público. Após formar-se como professor e contador, exerceu atividades docentes e de administração escolar, assim como de contabilista. Desde a década de 60 colaborou nos jornais “Tribuna Piracicabana” e “Jornal de Piracicaba” com seus versos, artigos, crônicas e contos. Reuniu suas poesias no livro “Revoadas”, edição do autor, 1993. Fez parte da União Brasileira de Escritores de São Paulo e do Centro Literário de Piracicaba. Pertenciam à família Bragion dois emigrantes italianos referidos no Livro Protocolo de 1901 da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro: Francesco e Pietro Bragion, assim como Pasquale Bragion, que figura na lista do Livro Caixa da mesma sociedade, referente ao ano de 1907 (Alleoni, 2003).

**BRAIÃO, João** (Séc. 19-20). Comerciante. C.c. Luiza Spolidório. Ff.: Odila, Carlina, Maria (Mariquinha), Helena, Santo (Tinha), Aristides (Bilo), Jonas, Denis. Proprietário de armazém



na esquina das avenidas Rui Barbosa e Dr. Morato, inicialmente junto à saída para São Paulo, Rio Claro e Limeira, em Vila Rezende. Quando jovem, o filho Santo trabalhou com o pai no armazém. Pai e filho destacaram-se como esportistas no jogo de bocha ou “bocce”, de origem italiana, em partidas disputadas no bar e restaurante Papini, na primeira metade do século vinte. Disputado com bolas de madeira, segundo Aldrovandi (1991) “havia verdadeiros campeões neste jogo, com execução de jogadas incríveis, que eram cantadas antes de fazê-las”. Menciona vários outros jogadores de prestígio, além dos Braião, como Domingos José Aldrovandi (v.), João Beccari (v. Becari, família), José Bertini (v.), Titim Betoni, Bonsi (Vinagre), Jordão Bôscolo, Vicente d’Stefano, Joane Ferrazzo, os Mazzonetto (v., Antônio, Domingos, Francisco, João, Luiz e Ricardo), os Martins (Orlando, Paulo e Wolney, v. Martins, Jordão), Alfredo Pelissari, José Pinazza (Zê Polenta) e Sílvio Zílio.

**BRAJÃO, Santo** (Séc. 20). Comerciante. Dedicava-se ao ramo de calçados, na primeira metade do século vinte, pertencendo ao Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba como sócio nº 74. Seu estabelecimento comercial situava-se à rua Benjamin Constant, nº 351, com registro no comércio local sob nº 284. Provavelmente é o mesmo Santo Braião que ganhou renome como jogador de bocha em Piracicaba, filho de João Braião (v.).

**BRANCO, Manuel Lopes Castelo** (Século 18). De acordo com Guerrini (1970), a 25.7.1728 foi-lhe doada sesmaria na região de Piracicaba, “porque tinha feito suas roças de uma e outra parte do rio Capivari, sem constrangimento de pessoa alguma, havia três para quatro anos”. Segundo Neme (1974), ele recebeu “légua e meia de terras em quadra no caminho e sertão de Piracicaba, junto do rio Capivari, de uma parte e outra dele”. Neme acrescenta que a alusão ao “Sertão de Piracicaba” não deixa dúvidas “quanto à localização em terras além-rio Capivari, excetuada uma parte da

gleba de Castelo Branco, na sua integridade margeada pelo caminho de Piracicaba, mas dividida em duas porções pelo referido rio”. Desse “sesmeiro da primeira fase” da história piracicabana, Neme nada pôde apurar quanto a ascendentes ou descendentes.

**BRASIL, Dario** (Séc. 19-20). Advogado, latinista, professor. Estudou na antiga Escola Complementar de Piracicaba, completando na capital paulista sua formação como professor. Lente de geografia e história na Escola Complementar, à rua do Rosário, lecionou latim durante muito anos na Escola Normal Sud Mennucci. Atuou igualmente em Piracicaba como advogado e foi colaborador da imprensa local. Desde 1921 fez parte da Comissão de redação responsável pela “Revista de Educação”, publicada pela Escola Normal Oficial da cidade, juntamente com os professores Honorato Faustino, Antônio Pinto de Almeida Ferraz, Lourenço Filho, Pedro Crem, Antônio dos Santos Veiga (vv.) e Maria Graner. Foi diretor-presidente e docente da Faculdade de Direito Moraes Barros, fundada em Piracicaba em 1933, com 208 alunos por volta de 1936, e o primeiro presidente (1917) do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo. Presidiu a seção local da Ordem dos Advogados do Brasil. Mantinha escritório à rua Santa Cruz, nº 572, como se lê no “Guia de Piracicaba” de 1958, que menciona outros 24 profissionais atuantes na área de Direito da cidade, em meados do século passado: Artur Afonso de Toledo Almeida, João Basílio, Bento Dias Pacheco Botelho, José de Campos Camargo, Noedy Krähenbühl Costa, Raul Coury, José Antônio da Cruz (provisionado), Jacob Diehl Netto, Aldrovando Pires Fleury, João Ribas Fleury, José Pires Fleury, Pompílio Rafael Flores, Riolando Gonzaga Franco, Marcelo Nogueira de Lima, Antônio Lázaro Coelho Mendes, Bento Negreiros, Ruy Negreiros, Maria Luiza de Castro Neves, Marcos Salvador de Toledo Piza, Osmar

Ferreira de Almeida Prado, Benedito Cruz Stipp, Luiz Tavares Júnior, Benedito Glicério Teixeira (provisionado) e João Batista Vizioli (provisionado). Uma rua do bairro Maracanã e uma escola estadual, à rua d. Aurora, na Paulicéia, têm o nome de Dario Brasil. Outras ruas com nomes em homenagem a advogados aqui citados são a rua José de Campos Camargo, no Piracicamirim; José Antônio da Cruz, no Jardim das Flores; Dr. Jacob Diehl Neto, no Jardim Petrópolis; Dr. José Pires Fleury, na Vila Industrial; Pompilio Rafael Flores, no Jardim Algodão; Marcelo Nogueira de Lima, no Jardim Residencial Javari I; Antônio Lázaro Coelho Mendes, no Jardim Conceição; Benedito Glicério Teixeira, no Piracicamirim; e João Batista Vizioli, travessa no Jardim Itamarati.

**BRASIL, Irmãos** (Séc. 20). Comerciantes e empresários, os irmãos Paulo, Pedro Ary e Francisco Dias Brasil, filhos de Pedro Paulo Dias Brasil e Georgetta Dias Brasil, foram donos da Livraria e Papelaria Brasil, à rua Governador Pedro de Toledo e depois à rua Moraes Barros, nº 792. Em 1950, a 27.1, o prédio da Moraes Barros ruíu. Os irmãos decidiram construir no local o edifício Georgetta Dias Brasil, com 7 andares, inaugurado em 1957. Foi o primeiro prédio de apartamentos de Piracicaba, abrangendo no andar térreo, com frente para a Moraes Barros, a livraria. Há uma rua Paulo Dias Brasil no Jardim Novo Horizonte. Paulo f. em 1984, Pedro Ary f. em 1997 e Francisco (Chiquito) f. 8.6.2000.

**BRASIL, José Gabriel Dias** (Séc. 20). Um dos voluntários piracicabanos que combateram na Revolução Constitucionalista de 1932. Em 9.7.2000 foi homenageado pela Câmara de Vereadores de Piracicaba em sessão solene, juntamente com outros participantes da revolução: Walter Radamés Accorsi (v.), Avolino Bortolan, Alberto Botelho, Ormino de Camargo, Paulo Nogueira de Camargo, José Felício, José Martin, Manoel Sampaio Matos (v.),

Manoel da Silva Matos, Caetano Oscar, Júlio Seabra Inglez de Souza, Olênio de Arruda Veiga (v.) e Antônio Zaghi (v.).

**BRASIL, Nelson Oliveira Camponez do (Nelson Camponez de Oliveira)**. N. Piracicaba, 26.5.1901, f. 9.3.1952. C.c. Lydia Pereira Granja. FF.: Moacyr Sobrinho, Nelly, Ysmália. Neto de um comerciante de secos e molhados na vila da Constituição em meados do século 19, o capitão João Francisco de Oliveira, descendia de antigos troncos de Itu, SP, e era f. de João Francisco de Oliveira Netto, funcionário da antiga Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (ESALQ, a partir de 1931), e Leonor Kronka de Oliveira, n. em Varsóvia, na Polônia. Nelson teve oito irmãos: Aracy, Ary, Iracema, Jandira, José Maria, Poty e Sady, que se formaram como professores, e Moacyr, formado em farmácia. Nelson diplomou-se em 1920 pela Escola Normal de Piracicaba, a futura Sud Mennucci. Foi professor e diretor do ensino primário, oficial da reserva do Exército e participante das revoluções de 1930 e Constitucionalista de 1932. Dos anos 30 até falecer em meados do século, devotou-se aos estudos da história de Piracicaba e à colaboração na imprensa local – no *Jornal de Piracicaba*, na *Gazeta de Piracicaba* e no *Diário de Piracicaba*. Tornou-se, assim, nome dos mais significativos de sua terra natal, no que respeita à investigação histórica. Foi “um estudioso, paciente, fuçador, em relação aos fatos, às datas, às gentes de nossa terra. Ninguém como ele para procurar, pesquisar, esmiuçar o passado de Piracicaba. A sua casa era um verdadeiro museu, cheirando a Piracicaba antiga... Foi pena, realmente, Nelson Camponez de Oliveira morrer tão cedo” (Guerrini, 1961). Deixou inúmeros trabalhos históricos publicados nos anos 30 e 40 nos jornais da cidade e muitos escritos inéditos, tendo elaborado alguns capítulos de uma “História da fundação de Piracicaba”, que não chegou a terminar. Vários estudos de sua autoria encontram-se no livro “De Piracicaba para Piracicaba”, organizado por Leandro

Guerrini (1961), entre os quais a notável série intitulada “Chimangos piraci-cabanos de 1842”, divulgada pela imprensa local em 1942. Vários outros Camponez do Brasil fazem parte do passado de Piracicaba, como os professores Ary e Sady de Oliveira Camponez do Brasil e o engenheiro agrônomo e professor Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho. Ary, irmão de Nelson, foi combatente piracicabano na Revolução Constitucionalista de 1932. Sady, igualmente professor, c.c. Rosália Barbosa Camponez do Brasil e irmão de Nelson, n. em 1916 e f. em 15.8.2004 em Piracicaba. Um dos filhos de Nelson, engenheiro agrônomo Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho, formou-se pela ESALQ em 1948. Doutorou-se pela mesma escola em 1958 e tornou-se livre-docente em 1965, fazendo parte do seu quadro de docentes e pesquisadores, desde 1952, atuando como professor adjunto na 2ª Cadeira (Química Agrícola), que a partir de 1970 passou a integrar o Departamento de Solos e Geologia. Camponez do Brasil Sobrinho fez parte da primeira diretoria da Associação dos Amadores de Astronomia em Piracicaba, surgida em 1981 e presidiu o Clube de Campo e o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba de 1998 a 2002 (dois mandatos). Foi c.c. Terezinha Porfírio Camponês do Brasil, n. 1926 e f. em São Paulo em 22.9.1980. Ff.: René, Hebe, Inayá. (Perecim, *Jornal de Piracicaba*, 2001; Lordello e col., 1976; Guerrini, 1961). Há uma rua Nelson Camponês do Brasil no bairro Maracanã.

**BRAZILIENSE, Henrique** (Séc. 19-20). Agrimensor, comerciante. Reis (1921) menciona-o como professor da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, auxiliar da 6ª Cadeira, Engenharia Rural, incumbido das aulas de revisão de matemática, por volta dos anos vinte. Era diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, segundo a mesma fonte. Seu nome figura igualmente como proprietário da Livraria Brasileira, na passagem do século 19 para o 20. Mais ou menos à mesma época,

existia outra livraria, de F. Rodrigues & Cia, à rua Direita (posteriormente rua Moraes Barros). Surgiram depois a Livraria Americana, no nº182 da mesma rua, e a Livraria Augusta, de Augusta Arantes, ambas anunciadas em 1914 no almanaque de Piracicaba.

**BRIEGER, Friedrich Gustav.** Breslau, Alemanha, 11.10.1900, naturalizado brasileiro, 1940, f. de Oskar Brieger e Hedwig Brieger, f. Alemanha, 1985. Professor universitário, geneticista e estatístico. C.c. Anneliese Brieger. Ff.: Franz Oskar, Barbara Hedwig Maria. Cientista de renome internacional, iniciou e consolidou o ensino e a pesquisa de genética na ESALQ, onde assumiu a cadeira de genética em 1936, que originou o Instituto de Genética em 1958. A antiga cadeira de Brieger e o Instituto de Genética passaram a constituir o Departamento de Genética, em 1970. Diplomado pelas universidades de Breslau e Berlim, estudou a seguir na Harvard University, nos EUA (1924-26). Tornou-se livre-docente (1929) e professor emérito da Universidade de Berlim (1936). Foi professor de genética da Universidade de Londres. Professor contratado da ESALQ (1936-54), tornou-se catedrático em 1954 e criou e dirigiu o Instituto de Genética da Escola desde 1958. Naturalizou-se brasileiro em 1940. A extensa bibliografia de Brieger, além de numerosos artigos em revistas científicas, inclui livros como “Estatística Analítica” (1955), “Genética e evolução” (1955-56), “Curso de citogenética” (1956), “Races of maize in Brazil and other Eastern South American Countries” (1958). Aposentou-se em 1967, como professor emérito. O setor e o Instituto de Genética da ESALQ a ele associados ganharam reputação mundial, graças aos seus trabalhos e aos dos seus colaboradores, de pesquisa e melhoramento genéticos. Atribuíram-lhe, com muita justiça, o título de “pai da genética” em Piracicaba.

**BRILHO, Benedicto Cândido Corte** (Séc. 19-20). Professor. C.c. Albertina Frendenburger

Corte Brilho. Ff.: Ary, Cyro (v.), Darwin, Linneu, Moacyr, Ruy. No “Almanak” de Camargo (1900), há, no entanto, um registro do seu casamento em 24.7.1894 com Carlota Diehl. Mestre piracicabano em fins do século 19 e no início do século 20, destacou-se pelos seus empenhos na popularização de noções básicas de botânica e de cultivo inteligente da terra, de modo prático e atraente, tendo publicado em 1912 o livro “Palestras sobre as plantas”, aprovado para adoção nas escolas paulistas. Essa aprovação tinha em vista a importante contribuição que oferecia, “para desenvolver o gosto dos alunos pelas plantas e suas variadíssimas aplicações à agricultura”, com ensinamentos essenciais de horticultura, floricultura, enxertos, podas etc. Os irmãos Moraes Barros, em época de árduas lutas políticas, confiaram-lhe a direção do jornal do seu partido, a *Gazeta de Piracicaba* (Diehl Netto, 1955). Dirigiu, na passagem do século, o 1º Grupo Escolar de Piracicaba (Grupo Escolar Barão do Rio Branco) e foi inspetor escolar em Piracicaba. O grupo escolar do bairro do Chicó tem seu nome. No Jardim São Paulo há uma rua prof. Corte Brilho.

**BRILHO, Cyro Corte.** N. Piracicaba, 29.4.1900. F. Campinas, 5.11.2002. Engenheiro agrônomo. C.c. Elisa Sophia Muller Schirmer Corte Brilho. Ff.: Lia, Roberto. Era filho do prof. Benedicto Cândido Corte Brilho (v.). Tinha 40 anos quando concluiu o curso da ESALQ. Foi um dos combatentes do Batalhão Piracicabano, na Revolução Constitucionalista de 1932. Atuou no Instituto Agronômico de Campinas, como pesquisador em engenharia mecânica agrícola e processamento agro-industrial, dedicando-se durante várias décadas a esses estudos. Foi assistente de consultores técnicos da ONU aos 80 anos de idade e membro do Conselho Estadual de Águas e Energia Elétrica de São Paulo. Dirigiu o Departamento de Engenharia Mecânica da Secretaria de Agricultura do Estado. Ganhou renome internacional com suas contribuições para a tecnologia da cana-

de-açúcar, o beneficiamento de algodão, chá e sisal, o enlatamento de leguminosas e milho verde, a fabricação de doces de frutas, a extração de óleos aromáticos, a fabricação de papel com bagaço da cana-de-açúcar e a modernização da tecnologia agrícola com colhedoras, adubadeiras e plantadeiras. Seu irmão Lineu formou-se em agronomia pela ESALQ em 1941.

**BRITO, Felinto de Matos** (Séc. 19-20). Professor. Lecionou no curso primário anexo à Escola Normal de Piracicaba. Dá nome a uma rua na Paulicéia, no bairro Matão, junto às av. Jaú e Itararé.

**BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de** (Séc. 19). Engenheiro. Autor da planta cadastral de Piracicaba, levantada em fins do século 19, que serviu de base para o projeto de saneamento básico de Piracicaba, feito por ele e José Pereira Rebouças (v. Rebouças, irmãos) e que teve início na rua Rangel Pestana. As obras foram começadas em 1898 (Camargo, 1900).

**BRITO, João Augusto de.** N. Portugal, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. Comerciante. C.c. Amélia Leopoldina Ferraz de Brito. Proprietário, na passagem do século 19 para o século 20, da tradicional Casa Vermelha, à rua Quinze de Novembro, Centro, no local posteriormente ocupado pela casa Siqueira, de Linneu Siqueira (v.), próximo à rua Governador Pedro de Toledo.

**BRITO, Mário Goes Calmon de** (Séc. 20). Foi delegado de polícia em Piracicaba, nos anos 40.

**BROTERO, Frederico Dabney de Avelar** (Séc. 19). Juiz de direito. Foi juiz na Comarca de Constituição na segunda metade do século 19, que então abrangia, além de Constituição, os termos de Tietê e Capivari. O termo de Constituição tinha três distritos: a própria cidade (1º distrito), a freguesia de São Pedro (2º distrito) e o município de Santa Bárbara (3º

distrito). Mencionado no *Almanak da província de São Paulo para 1873*, assim como o promotor público de então, bacharel Melchíades José Alves Vieira. A mesma fonte refere-se ao juiz municipal e de órfãos Antônio José Lopes Rodrigues, ao curador geral dos órfãos e promotor das capelas e resíduos André Dias de Aguiar (v.), aos tabeliães José Manoel de França e Joaquim de Oliveira César e aos três solicitadores de Constituição: Bento Barreto do Amaral Gurgel, José Augusto do Amaral Gurgel e Pedro Liberato de Macedo (v. Antônia Martins de Macedo). Nessa época, Henrique Pedroso de Camargo Moraes era o sub-delegado de Constituição e contava com José Vicente da Silveira Pedreira, Albano Augusto Leitão e José de Paula Bueno como suplentes.

**BROWNE, Valentim** (Séc. 19 – São Paulo, 20.10.1938). C.c. Francisca Ferraz de Almeida Prado Browne. Ff.: Hilda, Helena, Alice, Alzira, Marieta, Elvira, Mário, Maria de Lourdes, Graciema, Orlando. Médico e inspetor sanitário. Residiu em Piracicaba e destacou-se pelos seus empenhos por ocasião da gripe espanhola (1918) e no combate à varíola.

**BRUCE, John L.** (Séc. 19-20). Pastor e pregador da Igreja Metodista de Piracicaba, por volta da passagem do século (Camargo, 1900; Krähenbühl, 1955). A “Igreja Protestante”, sob a sua liderança, situava-se à rua Boa Morte e informava que mantinha, no ano de 1900, a escola dominical ou aula bíblica, culto com sermão e pregação do Evangelho aos domingos, e culto de oração e cântico às quartas-feiras. Uma Bruce, a profa. Mary Bruce, foi diretora substituta do Colégio Piracicabano em 1886-87, durante o período de licença de Martha Watts, a diretora titular (Elias, 2001). Em 1901 o “Jornal de Piracicaba” destacou o nome de John Bruce como um dos seus principais colaboradores. Krähenbühl (1955) apresenta um resumo sobre o movimento evangélico em Piracicaba até meados do século 20, no qual constam os

nomes dos pastores metodistas que estiveram à frente do templo de Piracicaba: James W. Koger (v.), J. J. Ranson, J. L. Kennedy (v.), J. W. Tarboux, Miguel Dickie, James Hamilton, Guilherme R. da Costa, John L. Bruce, E. B. Crooks, A. S. Pinto, J. C. Reis, Jorge L. Becker (v.), Oswaldo Dias da Silva (v.), Guaracy Silveira (v.), José Gonçalves Pacheco, Antônio Paciti, Luiz Gonzaga de Macedo, José Nicolau Lemos, Jacques Orlando Caminha D’Ávila (v.) e Nelson Godoy Costa.

**BRUHNS, Johann Ludwig Hermann (João Luiz Germano Bruhns)**. N. Lübeck, Alemanha, 15.3.1821. F. Kassel, Alemanha, 12.4.1893. C. 1<sup>as</sup> núpcias em 1847 no Brasil com Maria Senhorinha da Silva, foram pais de Manoel Pedro, Maria Louise, Luiz, Júlia e Paulo, todos nascidos em Angra dos Reis, RJ, entre 1848 e 1852. A filha Júlia da Silva Bruhns (1851-1923) casou-se em 1869 com Thomas Johann Heinrich Mann, n. (1840) e f. em Lübeck (1891), na Alemanha. Júlia foi mãe de dois famosos escritores: Ludwig Heinrich Mann (1871-1950) e Paul Thomas Mann (1875-1955), considerado o maior romancista da literatura germânica do século 20 e prêmio Nobel de literatura em 1929. Após a morte da esposa brasileira em 1856 no Rio de Janeiro, João Germano voltou a casar-se, com a viúva de um seu irmão, Emma Bruhns, em 1873, em Wiesbaden, na Alemanha. João Germano viveu em Piracicaba por volta dos anos 70, tendo constituído uma empresa de navegação fluvial juntamente com o coronel Francisco Antônio de Souza Queiroz (1806-1891), futuro barão de Souza Queiroz, fazendeiro abastado e grande proprietário, que foi senador do Império. Souza Queiroz era filho do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza (Macedo e Queiroz) e tio de Luiz Vicente de Souza Queiroz. Autorizados pelo decreto imperial n° 5.290, de 24.5.1873, Bruhns e Queiroz criaram a Companhia Fluvial Sul Paulista, com estatutos aprovados em novembro de 1873, para a exploração do

transporte fluvial no rio Piracicaba, iniciado com um pequeno barco de seis cavalos, o vapor Explorador, lançado às águas a 13.1.1874. A empresa funcionou durante vários anos e teve em 1882 uma frota de quatro vapores, lanchas e batelões, tendo transportado uma média de 240 mil toneladas de mercadorias por ano. Em 1885 foi vendida à Estrada de Ferro Ituana. Após deixar Piracicaba, João Germano passou a viver em Parati (ou Angra dos Reis). Krüll (1997) transcreve um depoimento de Júlia Mann, datado de 1906, no qual esta lembra que João Germano comprou um caixote com dinamite em Hamburgo, trazendo-o para Piracicaba. “Com esta dinamite, explodiu junto com os seus engenheiros suíços os vários desníveis do rio, aplainando o seu leito de Piracicaba até Lençóis, de modo que, depois de três anos de trabalho, o primeiro navio, ocupado obviamente por seu pessoal, pôde fazer a viagem de ida e volta com sucesso. Depois disso, construíram vários navios a vapor pequenos e encomendaram outros na Suíça”. De acordo com Júlia Mann, sua filha, durante as viagens que fez pelo rio Piracicaba João “contraiu malária, perdeu o interesse (pelo negócio) e demitiu-se do cargo de diretor. Isto ocorreu repentinamente e logo a seguir eles venderam sua pequena e querida propriedade em Piracicaba e voltaram para a Europa” (Krähenbühl, 1994). No “Almanak de Piracicaba” de Camargo (1900), vê-se que a empresa de navegação continuava em atividade no início do século 20, “partindo o vapor de Porto João Alfredo às 6 horas da manhã todos os dias 4, 12, 20 e 28 para as estações da fluvial” (p. 303). Bruhns levou à Alemanha as filhas Maria e Júlia, pondo-as num pensionato, e confiou os três filhos homens ao casal von Bippen, em Lübeck. Os filhos Manoel Pedro, Luiz e Paulo regressaram ao Brasil. Este último, casado com a brasileira Amália Moraes Camargo Mendes, foi diretor de uma fábrica em vila Raffard. Tiveram oito filhos, nascidos entre 1882 e o fim do século: Edgar, Oskar, Paulo, Amália,

Elisa, Helena (Anna), Ida e Odila.

**BRUHNS, Júlio.** N. Piracicaba ?, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. Figura popular na cidade, na primeira metade do século 20. Quando moço, trabalhou como revisor na capital paulista, no jornal “O Estado de S. Paulo”. Era aparentado com o famoso romancista alemão Thomas Mann, por intermédio da mãe deste (v. Bruhns, Johann Ludwig Herman). Acometido de sério distúrbio mental, muito loquaz, Júlio Bruhns ganhou fama de bruxo. Culto e extrovertido, “homem exótico..., passou, para seus conterrâneos, apenas como um excêntrico ou um louco. Morou, nos últimos anos de sua vida, num cômodo de uma casa antiga na rua Governador Pedro de Toledo (onde se localizou, posteriormente, a Casa Bonilha), com sua amásia e um cachorro” (Krähenbühl, 1994).

**BRUHNS, Paulo.** N. por volta de 1891? – F. séc. 20. Descendia da família Bruhns, que em Piracicaba está ligada a um alemão que aqui viveu e trabalhou no século 19, Johann Ludwig Hermann Bruhns (v.), avô do escritor Thomas Mann. Há uma rua com seu nome, no Jardim Caxambu, paralela à av. Comendador Luciano Guidotti. Presumivelmente filho de Paulo da Silva Bruhns e sobrinho de Júlia da Silva Bruhns, mãe dos escritores Thomas e Heinrich Mann. Paulo Bruhns (Filho) formou-se em Piracicaba em agronomia (1911).

**BRUNO, Antônio.** Coronel, administrador. N. Porto Ferreira, SP, 31.3.1919. F. Piracicaba. C.c. Sylvia Marques Castelhana, ff.: Léo Fernando, Marcos Alberto, Clara Beatriz, Maria Bernadete, Celso Luís. Tinha 19 anos de idade quando ingressou na Força Pública do Estado, tornando-se aspirante a oficial em 1944. Trabalhou em Bauru e Campinas, transferindo-se em 1958 para Piracicaba. Após um ano de permanência em São Paulo, aposentou-se e voltou a Piracicaba

(1964), passando a atuar como corretor imobiliário e de 1972 a 1983 como gerente da Cia. City Piracicaba, responsável pela criação da Nova Piracicaba. Foi agraciado com o título de cidadão piracicabano em 1967. Em 1990 seu nome passou a designar uma praça no bairro Nova Piracicaba.

**BUELONI, Santos.** N. São Pedro, SP. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Clarice Bueloni, ff.: Francisco, Santos Filho (Tino), Wladir Benedito (Mimo), Maria Clara. Comerciante, capitalista. Proprietário, juntamente com Sylvio Lorandi, João Baptista Cersósimo (v.) e Armando N. Cavaliere, da Casa Centenário, no largo São Benedito, à r. Prudente de Moraes, nº 97. Em 1941 Cavaliere retirou-se da sociedade, que passou a denominar-se “Santos Bueloni & Cia. Ltda.”. Ao comunicar pela imprensa a alteração, ressaltaram que a firma era “há muitos anos mercedora de preferência comercial desta e demais praças comerciais do Estado e do Brasil”, no “ramo de secos por atacados e varejo”. Um Bueloni, Teodoro (Artheodoro) Bueloni, pertenceu à Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, aparecendo o seu nome no Livro Protocolo de 1906 e no Livro Caixa de 1907 (Alleoni, 2003). Artheodoro e Catharina Hanel foram pais de Oswaldo Bueloni (Dova), n. 1920 e f. em Piracicaba em 19.6.2007. Camargo (1900) menciona Ernesto Bueloni como conselheiro da mesma Sociedade e proprietário de marcenaria à rua Santo Antônio. Santos Bueloni Filho, engenheiro agrônomo formado em 1951 pela ESALQ, dá nome a rua no Jardim Santa Rosa.

**BUENO, João de Oliveira.** Piracicaba, séc. 20. Comerciante, estabelecido com loja de ferragens à rua Governador Pedro de Toledo, 193, registrado no Comércio local sob nº 842. Integrou o grupo de negociantes e industriais que em 1933 criou a Associação Comercial e Agrícola de Piracicaba, tendo feito parte da mesa diretora da reunião no Teatro Santo Estevão

(9.7) que aprovou os estatutos da entidade e elegeu sua primeira diretoria. Seu nome, em alguns registros, aparece como João Bueno de Oliveira.

**BUENO, Sebastião (Nhô Serra).** N. Piracicaba (Paredão Vermelho), 16.6.1928. F. Piracicaba, 1997. Pai de Oscar Bueno, o Serrinha, e irmão do cururueiro Abel Bueno. Musicista, radialista, funcionário da ESALQ. Líder, intérprete e compositor do cururu piracicabano, durante 40 anos. Apresentou programas de rádio e animou shows de auditório nas rádios Difusora e Educadora em Piracicaba, apresentando-se igualmente em emissoras de rádio e de tevê paulistanas e de cidades do interior. Deixou em discos parte da sua obra musical: “Cururu de Piracicaba” (1959, com o parceiro Pedro Chiquito, v.), “Ressurreição de Lázaro” (1961), “Cana verde” (1974, como intérprete da música de Chiquito), “Cururu ao vivo” (1997, em parceria com Zico Moreira). Biografado no livro de Olívio Alleoni, “Cururu em Piracicaba” (2006), que focaliza igualmente outros grandes nomes piracicabanos do gênero, como os parceiros mencionados, Parafuso (v. Cândido, Antônio) e outros. De acordo com Alleoni, “Serra era o que se chama hoje de animador cultural. Ele chamava os amigos, divulgava o cururu, não deixaria ninguém desistir... Ele cantava mesmo com hemiplegia, metade do corpo paralisado”. A 17.6.2006 foi inaugurado no Parque 1º de Maio, à rua Antônio Ferraz de Arruda, o Centro Cultural Nhô Serra, justa homenagem ao artista, um dos principais cururueiros do país. Em 2007, uma poesia de Nhô Serra, musicada por Douglas R. Simões, *Riacho da Sandade*, foi classificada entre as dez finalistas do Festival de Música Popular Brasileira de Tatuí, entre 632 músicas inscritas. No festival “Viola de Todos os Cantos”, promovido pela EPTV de Campinas em 2003, *Riacho da Sandade* obteve o 2º lugar na categoria “raiz”. Em 2007 a mesma composição

ganhou uma gravação em cd verdadeiramente primorosa, com três faixas: a do arranjo original de Renato Guizelini com execução por este, e duas faixas em adaptação para orquestra jazz sinfônica, sob a regência do maestro Agenor Ribeiro Netto, responsável pela adaptação.

**BUENO, Vicente Ferreira da Silva.** São Paulo, séc. 19 – Rio de Janeiro, ?. Advogado, juiz de direito, político, Cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi delegado de polícia, juiz principal e de órfãos suplente na então vila de Constituição (1842-43) e juiz municipal e de órfãos efetivo dos termos de Constituição e Limeira em 1849. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Deputado provincial (1850-51 e 1860-61), juiz de direito das comarcas de Marajó (1855), Castro, PR (1856), Franca, SP (1859), Santos, SP (1861) e Campinas, SP (1861). Desembargador da relação da Bahia em 1872, transferiu-se nesse mesmo ano para o Rio de Janeiro. Como político, militou sempre no Partido Conservador. Era descendente do espanhol Bartolomeu Bueno e Maria Pires (séc16-17), antepassados dos Bueno de São Paulo, que se espalharam pelo país, entre os quais Amador Bueno de Ribeira, “o Aclamado”.

**BUHR, Fábio** (Séc. 20). C.c. Edwig Buhr. Foi proprietário de padaria, na Piracicaba das primeiras décadas do século 20. Faz parte dos vários alemães, austríacos e seus descendentes – Heidtmann, Roehnis, Spilak (v.), Pfromm (v.), o confeitiro Jorge e outros, que se dedicavam à fabricação e comercialização de pães, doces e salgados nas primeiras décadas do século vinte em Piracicaba. Seu filho Waldemar Buhr destacou-se na imprensa paulistana, por volta de meados do século.

**BURCHARD, Hermann.** N. Alemanha, séc. 19. F. 1903. Negociante importante, casou-se a 6.8.1887 com Ana Maria de Moraes Barros, filha de Manoel de Moraes Barros, sobrinha de Prudente de Moraes e irmã de Nicolau de

Moraes Barros (vv).

**BURIOL** (Séc. 20). Proprietário do Bar e Restaurante com seu nome, à rua Moraes Barros, 1741, e posteriormente à rua Boa Morte. Foi um dos principais animadores dos carnavais de rua piracicabanos nos anos 40 e responsável pelo legendário “Cordão do Bairro Chinês”, com grandes carros alegóricos e seus participantes fantasiados como chineses, que disputou com o “Cordão dos Cometas” os aplausos da população naquela época. Camargo e Navarro (1958) mencionam seu bar e restaurante como uma das “principais casas comerciais de Piracicaba”.

**BUZZATO, Francisco** (Séc. 19-20). Comerciante, estabelecido à rua Direita (atual Moraes Barros) com selaria. Camargo (1900) destaca-o, assim como outro Buzzato, João, dono da sapataria à rua do Comércio n° 21 (atual Governador Pedro de Toledo). Este último teve seu nome, como Giovanni Busatto, registrado no livro caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba em 1902. Nos livros caixa e de protocolo da mesma sociedade, relativos ao ano de 1905, encontra-se outro nome possivelmente pertencente à mesma família: Vitório Bussato (ou Busato). (Alleoni, 2003.)

**BYINGTON, Albert Jackson.** N. EUA, séc. 19. F. São Paulo, 1952. C.c. Pérola Byington (v). Engenheiro e empresário, liderou o grupo que em 1904 organizou a empresa de eletricidade Cavalcante Byington. Comprou da viúva de Luiz de Queiroz a empresa elétrica de Piracicaba e fundou a “Southern Brazil Electric Company” em São Paulo (1913). Em 1917 inaugurou a nova sede da empresa elétrica piracicabana, no largo da Matriz. Presidiu a Cia. Campineira de Iluminação e Força, surgida em 1907, responsável pela energia elétrica e pelo serviço de bondes em Campinas, SP. Empenhou-se, sem sucesso, pela criação de uma nova linha de bondes elétricos em Piracicaba, em fins de



1913. Há uma rua em Campinas com seu nome.

BYINGTON, Pérola (Pearl Ellis McIntyre Byington). N. 3.12.1879. F. New York, EUA, 6.11.1963. C.c. Albert Jackson Byington (v.). Ff.: Albert Júnior, Elisabeth. Irmã de Mary e Lillian McIntyre, ff. dos norte-americanos Robert e Mary Ellis McIntyre, que residiam em Santa Bárbara. Sua mãe lecionou no Colégio Piracicabano e criou em Campinas, SP, o Colégio Progresso Brasileiro (1892). Em 1886 Pearl e sua irmã Mary foram matriculadas no “Kindergarten” do Colégio Piracicabano. Pearl conheceu em 1901 seu patricio Albert. Casaram-se, apesar da oposição materna. Pearl, ou Pérola, como passou a ser chamada, formou-se na Escola Normal da Praça da República, na capital paulista, e lecionou no Grupo Escolar João Kopke, no Bom Retiro. Durante a I Guerra Mundial, esteve nos EUA, onde dirigiu uma secção da Cruz Vermelha Internacional. De volta ao Brasil, tornou-se diretora do Departamento Feminino da Cruz Vermelha Brasileira e secretária desta. Criou em 1930 a Cruzada Pró-Infância, para o atendimento de crianças pobres e carentes. Criou instituições destinadas às mães de crianças pequenas e uma escola para excepcionais. Durante a Revolução Constitucionalista, liderou a implantação e o funcionamento de locais de assistência a crianças e familiares dos combatentes. Na década de 40, foi responsável pela criação de um lar-escola para crianças pobres no largo de São Francisco, assim como de berçário e creche. Foi co-fundadora da Sociedade de Medicina Social do Trabalho e ganhou o título de membro honorário da Sociedade Brasileira de Pediatria. A Câmara Municipal de São Paulo atribuiu-lhe o título de Cidadã Paulistana. Construiu e fez funcionar, na praça paulistana que hoje tem seu nome, o Hospital Infantil e Maternidade da Cruzada Pró-Infância, onde há uma herma em sua homenagem. O filho do casal Byington, Albert Jackson Byington Jr., n. 1902, casou-se com Elisa Cândida de Arruda Botelho, neta do

piracicabano António Carlos de Arruda Botelho (v.), conde do Pinhal, e de Ana Carolina de Mello Oliveira de Arruda Botelho (Sant’Ana, 1987; Elias, 2001). Empreendedor e industrial bem sucedido, Byington Jr. foi proprietário da rádio Cruzeiro do Sul em São Paulo e da Casa Byington & Co., especializada em importação e comércio de aparelhagem elétrica e radiofônica, distribuidora dos aparelhos RCA e representante da Columbia Broadcasting no Brasil. Dono de quatro emissoras de rádio, duas em São Paulo e duas no Rio de Janeiro, criou a “Rede Verde-Amarela”, nos anos 30. Criou uma gravadora de discos, origem do selo Continental, e a empresa de cinema Sonofilms, em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, que produziu 29 filmes de sucesso, entre 1931 a 1940. Esteve exilado em 1932, por ter participado da Revolução Constitucionalista. Atuou igualmente na negociação de terras no Paraná. O colégio estadual de Maringá, PR, recebeu seu nome.



**CALDARI, Pedro (Piero)** (Séc. 19-20). C.c. Carolina Bottene Caldari. Tronco de família numerosa, de origem italiana, que se estabeleceu na Vila Rezende. Pais de Rissieri Caldari, que se casou com Catharina Furlan Caldari, f. de Ângelo (Andoim) Furlan e Thereza Gallina Furlan, e avós do economista, contabilista e escritor Pedro Caldari, n. em Piracicaba em 1938, c.c. Aparecida Caldari, ff: Adriana Helena, Cristina, Juliana, Mariana, Pedro Júnior, Vera Lúcia (Caldari, 1990). No “Livro de atas com o registro de estrangeiros” moradores de Piracicaba que não se naturalizaram, datado de 17.6.1904, consta o nome de Giacomino Caldaro (Alleoni, 2003).

**CALDAS, Sebastião Ferraz** (Séc. 20). Fez parte do grupo de sócios fundadores do Rotary Club de Piracicaba, criado a 15.2.1941 no teatro São José e presidido inicialmente por Phelippe Westin Cabral de Vasconcelos (v.).

**CALDEIRA, Ignácio da Cunha** (Séc. 20). Pertenceu à família Cunha Caldeira, de Tatuí, ligada ao tronco Liberato de Macedo. Prefeito de Piracicaba em 1932-33 e vereador em 1933. Sua designação deu-se em virtude da supressão das eleições. Seu antecessor foi Luiz Dias Gonzaga (v.), prefeito de Piracicaba em 1930 e 1932. Localiza-se no Bairro Nossa Senhora de Fátima e no Jardim Matilde, junto à Estrada do Meio, uma rua que tem seu nome.

**CALDEIRA, Jayme Cunha, comendador.** N. 1928. F. Piracicaba, 9.4.2007. C.c. Emília Aparecida Caldeira. Ff: Hermenegildo, Emília, Ercília, Eleni. Líder sindicalista e vereador (1960-63 e 1969-72) pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Empenhou-se pela aquisição de terrenos para o prédio e o clube do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba. Foi vice-presidente e tesoureiro da Federação dos Metalúrgicos e Juiz classista. Era filho de Antônio Cunha Caldeira e Francisca Cunha da Rocha.

**CALDEIRA FILHO, João da Cunha.** N. Piracicaba, 10.12.1900. F. São Paulo, SP, 21.5.1982. Musicólogo, professor, crítico musical, jornalista, escritor. C.c. Zaira de Barros Martins. F. de João da Cunha Caldeira e Antonia Ângela de Almeida. Seu pai, natural de Tatuí, mudou-se para Piracicaba e participou ativamente da vida cultural e de negócios da cidade, tendo trabalhado no Banco de Pedro Alexandrino de Almeida (v.). Era menino quando a família mudou-se para a capital paulista. Estudou nos grupos escolares da Sé e do Carmo e na Escola Normal da Praça da República, ingressando aos 18 anos de idade no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Estudou piano com Samuel Archanjo (1925) e contraponto, fuga e orquestra com Savino de Benedictis. Mário de Andrade convidou-o para auxiliá-lo nas aulas de história da música que ministrava no conservatório e em

1927 tornou-se professor deste, mas no mesmo ano deixou o país para estudar em França, junto a mestres e artistas de grande renome, como Alfred Cortot, Wanda Landowska, Nádya Boulanger, Marguerite Long, Isidor Philipp e André Pirro. De volta ao Brasil em 1931, passou a lecionar no Conservatório Dramático e Musical paulistano e no Conservatório Musical de Santos. Desde 1932 teve seus artigos, estudos e críticas divulgados em vários jornais e revistas, entre os quais *O Estado de S. Paulo*, onde foi crítico musical durante 45 anos. Professor por concurso do Instituto de Educação Caetano de Campos, aposentou-se em 1964. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Música e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ganhando extraordinário renome no país e no exterior como um dos mais notáveis estudiosos da arte musical. A União Panamericana, com sede em Washington D. C., nos EUA, concedeu-lhe em 1967 o “Diploma Interamericano de Música” e em 1975 o governo francês deu-lhe o título de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras da República Francesa. Na sua extensa bibliografia, destacam-se os livros *Sonatas para piano de Beethoven*, *História da pedagogia musical*, *Música contemporânea e música no Brasil*, *Música criadora e baladas de Chopin* e *Apreciação musical*. Uma irmã de Caldeira Filho, Maria da Penha Pompeu de Toledo, c. com Sérvulo Pompeu de Toledo (v.), foi psicanalista, pesquisadora e professora de psicologia na USP nos anos 50-60.

**CALIL, Antonio Nassim** (Séc. 20). Comerciante. Salum (2002) registra-o como proprietário da Farmácia Central, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1195 e na relação “in memoriam” dos associados da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. O “Guia de Piracicaba” de Camargo e Navarro (1958) dá outro endereço para a farmácia: rua Prudente de Moraes, nº 801.

**CALIL, Carlos** (Séc. 20). Um dos proprietários e farmacêutico principal da Farmácia São Paulo, nos anos 40, à rua XV de Novembro, nº 724, “uma das mais bem montadas de Piracicaba”, segundo um jornal da época (Guidotti, 2002). A firma proprietária se apresentava como Carlos Calil & Cia. Atuava como laboratório farmacêutico e na venda de medicamentos e perfumaria. Alguns anos antes, Carlos Calil era o dono da Perfumaria Leny, à rua Regente Feijó, 16. Um anúncio da época menciona os sabonetes de sua fabricação: Chevalier, Leny, Rosmy, Amor, Rosita, Geny, Colosso e o sabonete São Pedro, feito com “as águas sulfurosas radioativas de São Pedro... para embelezar a cutis e poderoso contra as caspas, o preferido da elite paulista” (Neme, 1936). Produzia igualmente extratos, loções, água de colônia, pó de arroz, brilhantina, óleos e sabões. Na relação de seus associados homenageados “in memoriam”, a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba incluiu o nome de Carlos Nassim Calil (Salum, 2002), assim como os de Abrão, Antonio e Tufi Calil. Uma sapataria à rua Governador Pedro de Toledo nº 1200, denominava-se Sapataria Calil & Rafy. A mesma fonte menciona Jorge Calile como proprietário da Casa Bidu Confeccões, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 881.

**CALIL, José**. N. 1913. F. Campo Grande, MS, dezembro de 2006. C.c. Nayde Girardi Calil. Ff.: Sônia, Luiz Antônio. Engenheiro Agrônomo formado pela ESALQ em 1939, foi deputado estadual e especializou-se no jornalismo sobre temas e problemas agrônômicos. Colaborou com numerosos artigos no antigo “Suplemento Agrícola” do jornal *O Estado de São Paulo* e pertenceu à Academia Paulista de Jornalismo. Foi sepultado no Cemitério do Morumbi, na capital paulista.

**CALILLE, Antônio**. F. 28.8.1966, Pira-cicaba. Comerciante, proprietário de loja de artigos de alumínio à rua D. Pedro I, ao lado do Mercado

Municipal. Presidiu o Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, tendo sido eleito para o cargo em 1964 e reeleito em maio de 1966, sem, no entanto, concluir o segundo mandato, pois faleceu no mesmo ano. Empenhou-se na dinamização e no fortalecimento do sindicato e iniciou as gestões, prosseguidas por Sebastião Rodrigues Pinto (v.) e Tuffi Elias (v.), que trouxeram o SESC (Serviço Social do Comércio) para Piracicaba.

**CALL, T. Alvin** (Séc. 19). Engenheiro eletricista norte-americano. Luiz de Queiroz trouxe-o dos Estados Unidos, assim como toda a maquinaria necessária, para instalar em Piracicaba uma usina de fornecimento de energia elétrica à cidade. Em prédio “construído inteiramente de pedras, em estilo americano, à margem esquerda do rio Piracicaba, de frente à Ilha dos Amores, foi a usina instalada, com três dínamos, o maior destinado à iluminação particular e os dois outros à iluminação pública” (Kiehl, 1976; Camargo, 1900). A usina foi inaugurada festivamente a 6.9.1893. Uma pequena nota divulgada em Piracicaba a seu respeito indicava que Call regressou aos EUA em 1896.

**CAMARGO, Belmira R. de** (Séc. 19-20). Modista, ativa em Piracicaba à rua da Glória (atual Benjamin Constant), na passagem do século. Em Camargo (1900), está na relação de modistas locais, com Francisca Paula Dellasso, à rua Prudente de Moraes; Madame Hotelmann, na Loja Germânia, à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo) e Dolores Munhoes [Munhoz?], na rua Direita (atual Moraes Barros).

**CAMARGO, Cândido de Barros.** N. Limeira, SP, 17.9.1875. F. São Paulo, SP, 12.5.1929. C.c. Carolina Leite de Camargo. Ff.: Cândida, Maria Antonieta, Carolina, Flaminio e Luiz. Formou-se em medicina em Bruxelas, Bélgica. Fez parte do corpo clínico da Santa Casa de Piracicaba e deixou a cidade na década de vinte, onde

manteve consultório à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo). Foi médico ginecologista, das vias urinárias, operador e parteiro. Foi sepultado em sua cidade natal.

**CAMARGO, Eduardo Ferraz de (Dinho)** (Séc. 20). Farmacêutico. C.c. Thylda Castanho Ferraz de Camargo (Tita), n. 1909 e f. 28.9.2006. Ff.: Eduardo, Sônia. Esteve nas décadas de 30-40 à frente da tradicional Farmácia Popular, de sua propriedade, à rua Prudente de Moraes, na esquina da rua Alferes José Caetano, onde igualmente residia. O filho Eduardo Castanho Ferraz formou-se pela ESALQ como engenheiro agrônomo em 1957. Sua mãe, Thylda, era filha de Godofredo Castanho e Ida Bruhns. Esta última era f. de Paulo Bruhns (v.) e Amália Moraes Camargo Mendes. Paulo, por sua vez, foi um dos cinco filhos de Johann Ludwig Hermann Bruhns (João Luiz Germano Bruhns), n. 1821 e f. 1893 (v.), e irmão de Júlia Bruhns, mãe dos notáveis escritores Thomas Mann e Heinrich Mann. A “farmácia do Dinho” mudou-se depois para as proximidades do Grupo Escolar Moraes Barros.

**CAMARGO, João Baptista de** (Séc. 19-20). Comerciante, proprietário da Casa Porta Larga, fundada em 1887. De acordo com anúncio publicado na passagem do século, localizava-se à rua do Comércio, n<sup>os</sup> 98 e 108 e comercializava “farinha de trigo, arroz, sal, querosene, azeite doce, bacalhau, carne seca, açúcar, arame farpado, telhas de zinco, formicida etc.” (Camargo, 1900). O estabelecimento do n<sup>o</sup> 98 era referido na mesma época como “casa de ferragens”. Demais depósitos de gêneros alimentícios mencionados pela fonte citada: Pedro Paulo Lagreca, à rua do Rosário; Mendes & Cia., à rua da Glória (Benjamin Constant); e Daniel Rosignoli, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo).

**CAMARGO, Joaquim Cypriano de, Pe.** (Séc.

19). Vigário da antiga paróquia de Piracicaba (futura paróquia da Catedral), no período de 1859 a 1868, que precedeu a atuação do pe. Francisco Galvão Paes de Barros (v.) no mesmo posto. Veio de Araraquara, onde serviu de pároco durante seis anos para substituir o pe. José Gomes Pereira da Silva, removido para Campinas. De acordo com Veiga (1976), o pe. Joaquim era filho de Maria Luiza de Camargo, irmã de criação de Maria Justina de Camargo (v.). Esta, por sua vez, era irmã do senador padre Feijó (1784-1843). Pertencia ao padre Cypriano a casa em que residiu Maria Justina, no local onde hoje se encontra o Mercado Municipal. É mencionado no “Almanak da Província de São Paulo para 1873” como “vigário da vara”, no município de Constituição, enquanto o pe. Galvão figura como “vigário da Igreja”.

**CAMARGO, Joaquim Cypriano de** (Séc. 20). C.c. a profa. Maria Dirce de Almeida Camargo (v.). Ff.: Antônia Maria, César José, Felisberto, Regina. Proprietário da tradicional Casa Camargo, grande loja de ferragens e tintas à rua Governador Pedro de Toledo, nº 167. A casa era registrada no comércio local sob nº 52.083, com registro datado de 6.2.1934.

**CAMARGO, Joaquina Ferraz de** (Séc. 19). Seu nome é mencionado por várias fontes como a mais antiga proprietária da chamada Casa do Povoador, louvadas em pesquisas cartorárias realizadas pelo historiador Jair Toledo Veiga e outros, no século 20. O passado distante da referida casa é incerto, cheio de lacunas. Estudiosos piracicabanos põem em dúvida se teria servido de residência ao capitão Antônio Correia Barbosa (v.), como assevera a tradição a este respeito. Segundo Carradore (1998), “na história documentada de Piracicaba, não há qualquer referência que a mesma tenha sido edificada pelo ou para o Capitão”. Carradore e outros mencionam Joaquina Ferraz de Camargo (com seus filhos) como a mais antiga proprietária, devidamente documentada.

Recebeu-a, por herança, de José Carlos Camargo e vendeu-a a 13.8.1890, de acordo com escritura passada nesta data no Cartório do 1º Ofício (Livro 97, f.1.), a Manuel João Ferreira Júnior – a casa e o respectivo terreno, na rua do Porto. A viúva deste último, Ana Brandina de Oliveira, vendeu a propriedade a Cláudio Severiano Luz Teixeira. Provavelmente em 1894, Firmino Teixeira comprou-a. Uma escritura datada de 13.1.1909 refere-se a outros proprietários: Antônio Dias Nápoles e sua mulher que, por sua vez, a venderam a Firmino Bueno de Oliveira. Em 14.11.1913 a casa passou a pertencer à Maria Antônia Torres, em virtude de aquisição no inventário de Bueno de Oliveira. Em 21.1.1922 o Asilo de Órfãs Coração de Maria Nossa Mãe passou a ser o novo proprietário do imóvel, adquirido do inventário da dona anterior. Em 1.8.1922 o dr. Kok, Holger Jensen Kok (v.), o adquiriu. Juntamente com a sua mulher, vendeu-o a José Vigno. Este e a esposa, Maria Buzato, passaram adiante a casa em 1945, que a partir de 29.12 tornou-se propriedade da Prefeitura Municipal, mediante pagamento da importância de 8:000\$000. A prefeitura recuperou a edificação, convertendo-a a um centro cultural, subordinado às Secretarias de Turismo e Ação Cultural e de Serviços Públicos. Instalou na parte inferior da casa um posto de informações turísticas e na parte superior a Galeria Alberto Thomazi (v.). (Elias Netto, 2000; Carradore, 1998).

**CAMARGO, José Benedicto de** (Séc. 20). N. Paraibuna, SP, 26.10.1911. F. São Paulo, 1960. C.c. Dulce Sampaio Coelho de Camargo. Ff.: Lélia Maria, Eduardo José, Antônio Henrique, Maria Dulce. Professor, engenheiro agrônomo. Após estudar em sua cidade natal e em Guaratinguetá, completou o curso primário em Piracicaba, no Grupo Escolar Modelo da Escola Normal Oficial, recebendo seu diploma em 1925. Formou-se professor igualmente pela Escola Normal, futura Sud Mennucci, em 1930. Diplomou-se em contabilidade pela Escola de

Comércio Cristóvão Colombo. Formou-se em 1934 pela ESALQ e tornou-se livre docente em 1936, tendo sido seu professor de 1935 a 1960. Contratado em 1935 como assistente da 6ª cadeira (Engenharia Rural), assumiu a cátedra nos anos de 1938 a 1941 e foi nomeado professor catedrático por concurso em 1948. Dirigiu a Escola de fins de 1957 a 18.10.1960. Estava a serviço da ESALQ na capital paulista, quando um acidente de automóvel ceifou sua vida, aos 49 anos de idade.

**CAMARGO, José de Campos** (Séc. 20). Professor. Foi Inspetor Escolar do 1º Distrito Escolar de Piracicaba nas primeiras décadas do século vinte, que abrangia 15 grupos escolares e 15 escolas isoladas na cidade, bem como os grupos escolares e 27 escolas isoladas de São Pedro e Rio das Pedras (Neme, 1936). Há uma rua no Piracicamirim com seu nome.

**CAMARGO, José Ferraz de.** N. Itu, SP, 18.10.1822. F. Piracicaba, 26.11.1894. Fazendeiro, tinha o mesmo nome de seu pai, c.c. Maria da Anunciação Camargo. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Gertrudes Ferraz de Campos, 5 filhos; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Antônia de Sampaio, 4 filhos, entre os quais Manoel de Arruda Camargo (v.); em 3<sup>as</sup> núpcias c. Francisca de Oliveira, 5 filhos; e em 4<sup>as</sup> núpcias c. Eulália de Lacerda, 4 filhas. Tinha oito anos de idade quando passou a viver em Piracicaba. Trabalhou em sítios locais e foi feitor no engenho de Monte Alegre. Após breve período em Capivari, voltou a Piracicaba e administrou o Engenho de Água Santa, de Bento de Barros, futuro Barão de Itu. Nessa época, comprou a parte dos irmãos por ocasião do falecimento de seu pai e passou a ser o único proprietário do sítio que posteriormente pertenceu ao seu neto José Barbosa Ferraz (v.). Com o avançar da idade, mudou-se para a cidade, tornando-se um dos chefes do Partido Liberal de Piracicaba. Exerceu cargos de confiança e foi nomeado tenente-coronel da Guarda Nacional e posteriormente, no período

republicano, coronel reformado. Foi agraciado com o título de comendador. Teve cerca de quatro dezenas de filhos. Uma rua no bairro de São Dimas tem seu nome. (Camargo, 1900; C. T. E. Lima, “O mecenas de Piracicaba”, *Revista da ASBRAP*, 2006, n° 12).

**CAMARGO, José Ferreira de** (Séc. 20). Nasceu e faleceu em Piracicaba, em datas incertas. Artista plástico. Ganhava a vida como pintor de paredes, quando se viu atraído pela pintura de cunho artístico. Discípulo de Joaquim de Mattos (v.), dedicou-se à pintura sacra e de paisagens em paredes de residências. Atuou igualmente como restaurador de pinturas de imagens religiosas. Antônio Pacheco Ferraz (v.) foi seu amigo e o retratou. Obras de sua autoria foram acolhidas na Capela Mor da Igreja de Santa Olímpia, na antiga Igreja da Imaculada Conceição em Vila Rezende (demolido), no Colégio Assunção, na Santa Casa de Misericórdia, na antiga sede da Prefeitura Municipal no centro da cidade, no cine Broadway, na Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Cego de um olho, isto não o impediu de pintar ao longo de sua vida (Mello, 1999).

**CAMARGO, Manoel de Arruda.** N. Indaiatuba, SP, 18.8.1870. F. São Paulo, SP, 1936. Editor, comerciante, agrimensor, pastor metodista. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Sophia Krähenbühl, f. de Frederico Krähenbühl (v.), e em 2<sup>as</sup> núpcias com a prima desta, Amélia Krähenbühl, filha de João Krähenbühl. Camargo e a esposa eram tios de Noedy Krähenbühl Costa (v.). Atuou como auxiliar do pastor Kennedy (v.), um dos introdutórios do metodismo em Piracicaba. Transferiu-se para a cidade de São Carlos, SP, em julho de 1900, tornando-se responsável pela empresa Krähenbühl & Camargo, filial da Krähenbühl de Piracicaba. No mesmo ano em que deixou a cidade, foi publicado o “Almanak de Piracicaba”, editado por ele, fonte preciosa de informações sobre pessoas, fatos e costumes do passado piracicabano. O almanaque menciona-o como comerciante estabelecido à rua do

Comércio, nº 16 (atual Governador Pedro de Toledo) e revendedor local das bicicletas King, “tão boas como as melhores conhecidas” vendidas ao preço de fábrica, por 295\$000 cada.

**CAMARGO, Manoel Ferraz de.** N. Piracicaba, 3.9.1849. F. Piracicaba, 10.4.1940. C.c. Maria Carolina de Barros Ferraz, f. de Antônio de Almeida Galvão e Isabel de Almeida Barros. Era filho do agricultor José Ferraz de Camargo (v.) e Antônia de Sampaio Ferraz. Vereador de 1902 a 1910, pertenceu ao partido Republicano, presidiu a Câmara Municipal, foi vice-prefeito e prefeito (intendente) em 1902-1903, juiz de paz e membro da Comissão Municipal de Agricultura. Tem seu nome uma rua no Jardim Irapuã, perto da av. Euclides Figueiredo. (V. Madre Cecília do Coração de Maria.)

**CAMARGO, Maria Dirce de Almeida.** N. Piracicaba, 24.1.1915. F. Piracicaba, 8.11.1998. C.c. Joaquim Cypriano de Camargo (v.). Filha do dr. José Rodrigues de Almeida (v.) e Cesarina Cardoso de Almeida. Pianista, organista, professora, jornalista. Diplomou-se pela Escola Normal de Piracicaba. Iniciou seus estudos de piano com d. Nenê Rodrigues aos 7 anos de idade e teve aulas em 1924 com o maestro Fabiano Lozano, aperfeiçoando-se depois com Souza Lima, Antonieta Rudge e Magdalena Tagliaferro, tendo recebido desta última o diploma de aperfeiçoamento artístico em 1948. Lecionou piano desde moça em Piracicaba e desenvolveu a música de câmara na cidade, juntamente com Benedito Dutra Teixeira, Erotides de Campos e Olênio Veiga (vv.). (Cidinha Mahle, *Jornal de Piracicaba*, 13.11.1998). Foi professora de Cidinha Mahle, Bernardete Sampaio, Bárbara Brieger, Beatriz Castro Victória, Maria Helena Peixoto Ferraz, Ediná Domênico Pinheiro e outros. Juntamente com Ernst Mahle, Maria Aparecida Romera Pinto Mahle, Joachim Költreutter e outros, fundou em 1953 a Escola de Música de Piracicaba. Foi ela que reuniu e animou as várias pessoas que criaram a escola

(C. Mahle, 1993). Diplomou-se em Tatuí na primeira turma do Conservatório Carlos de Campos, na classe do prof. Fritz Jank, em 1956. Fez parte do quadro de responsáveis pela Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba, surgida em 1925, atuando como sua diretora artística durante muitos anos. Foi organista da Catedral de Piracicaba e tocou em outras igrejas por mais de cinco décadas. “Profissional muito competente e responsável pela formação de inúmeras pianistas piracicabanas” (C. Mahle, 1986), dotada de extraordinária sensibilidade artística e religiosa devota, é um dos maiores nomes da arte e da cultura piracicabanas do século vinte. Muito querida na cidade, colaborou na imprensa local e deixou vários trabalhos valiosos publicados no “Jornal de Piracicaba” e em outros periódicos. Em dezembro de 1997, a Prefeitura Municipal outorgou-lhe a primeira “Medalha do Mérito Cultural Prof. Olênio de Arruda Veiga”, em homenagem realizada no Teatro Municipal Dr. Losso Netto.

**CAMARGO, Maria Thereza Silveira de Barros.** N. Piracicaba, 12.11.1894. F. séc. 20. Política, empresária, professora. C.c. Trajano de Barros Camargo. Ff.: Flaminio, Flávio, Nelson, Prudente, Renato, Thereza, Trajano Filho. F. do dr. João Batista da Silveira Mello (v.) e de Maria Amélia Morses Silveira. Diplomou-se em 1910 pela Escola Complementar de Piracicaba e residiu em Limeira, SP. Destacou-se na vida pública como deputada estadual (1934-37) e prefeita municipal de Limeira (1934). Empresária, presidiu a Cia. Industrial Máchina São Paulo. Pertenceu a várias entidades renomadas da capital paulista e de Limeira.

**CAMARGO, Maria Justina de.** N. 1796. F. Piracicaba, 15.11.1882. Irmã de Diogo Antônio Feijó, padre e político paulista, regente do Brasil (1835-37). Mudou-se de Campinas para Piracicaba em fins de 1860, um ano após um seu sobrinho, o pe. Joaquim Cypriano de Camargo (v.), ser nomeado para a paróquia local. Vivia



numa casa pertencente ao padre Cypriano, onde hoje existe o Mercado Municipal, juntamente com uma filha e herdeira, Margarida Flora Palhares. Maria Justina tinha em torno de si um grupo de escravos homens que ganhavam seu próprio sustento, assim como mulheres, engomadeiras e doceiras hábeis no preparo de guloseimas como as que foram servidas ao Imperador Pedro II em 1877, quando este visitou Piracicaba. Viveu pouco mais de duas dezenas de anos nesta cidade, benquista e caridosa. A mãe de Maria Justina e de Diogo Antônio Feijó teria sido Maria Joaquina Soares de Camargo, mas essa filiação permaneceu ocultada enquanto ambos viveram, por se tratar de mãe solteira (Veiga, 1976).

**CAMARGO, Pedro de (Vinicius).** N. Piracicaba, 7.5.1878. F. São Paulo, SP, 11.10.1966. Comerciante, proprietário da conceituada Casa Duas Âncoras, de louças e ferragens, na esquina das ruas XV de Novembro e Governador Pedro de Toledo. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Elisa Runcke, f. Martha, c.c. o médico Júlio César de Matos (v), e em 2<sup>as</sup> núpcias c. Messiota de Campos Pereira, f. 1952, ff. Maria Amélia, Pedro Bento, Ruth, Almira (Bila), Elisa (Toge). Figura de projeção na comunidade espírita e nas áreas assistenciais e culturais da cidade, foi também escritor, jornalista, poeta e educador. Formou-se no Colégio Piracicabano e foi o primeiro presidente da Associação de Ex-alunos deste. Procurador do Colégio, nele educou seus filhos. Foi vereador e teve inicialmente uma casa de secos e molhados, denominada O Garraão. Em 1915 era mencionado como co-proprietário da Casa Duas Âncoras, “juntamente com o Velho Pitta”. Mas um anúncio que figura no almanaque editado em 1914 por Capri registra-o como único proprietário da loja, dedicada à venda de “ferragens e louças, camas de ferro e colchões, materiais para a lavoura, cimento, tintas e cal”. Presidiu a Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba de 8.12.1925 a 9.8.1941. A sua adesão à causa espírita cristã

foi decisiva, por volta de 1907, para a instalação e o funcionamento do Grupo Espírita Fora da Caridade Não Há Salvação, liderado por Eugênia Silva (v). “Pedro de Camargo tornou-se grande orador e doutrinador, escrevendo artigos sobre o espiritismo em diversos jornais, com o pseudônimo de Vinicius” (Elias Netto, 2000). Mudou-se para a capital paulista em 1938, onde assumiu a presidência da União Federativa Espírita Paulista e dirigiu a sua emissora radiofônica, Rádio Piratininga, após fazer programas espíritas na Rádio Educadora. Conselheiro da Federação Espírita do Estado, dirigiu o periódico desta, “O Semeador”, durante mais de uma década, a partir de 1944. Presidiu o Instituto Espírita de Educação, que originou o Externato Hilário Ribeiro, de que foi diretor até 1962. São de sua autoria os livros “Em torno do Mestre”, “Na seara do Mestre”, “Nas pegadas do Mestre”, “Na escola do Mestre”, “O Mestre na Educação” e “Em busca do Mestre”, todas de cunho espírita, assim como o opúsculo “Cinqüentenário de O Piracicabano”. Há uma biografia de Camargo, por Eduardo Carvalho Monteiro, intitulada “Vinicius, educador das almas”. As filhas Almira, Elisa e Ruth lecionaram durante muitos anos no Colégio Piracicabano. Almira foi casada com o médico baiano Gualberto Magalhães, que clinicou em Piracicaba, São Pedro e Águas de São Pedro (no Grande Hotel recém-inaugurado).

**CAMARGO, Rodolpho de.** N. 1927. F. Piracicaba, 11.3.1994. C.c. Odélia Galvão Toledo de Camargo. Tiveram filhas. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Formou-se pela ESALQ em 1951, doutorou-se em 1953 e tornou-se livre docente em 1969. Pertenceu ao quadro de professores da escola desde 1952, na condição de professor adjunto, como integrante do Departamento de Tecnologia Rural, originado da antiga Cadeira de Tecnologia Agrícola. Ocupou a Cadeira de Tecnologia de Alimentos, que na sua origem teve Jorge Leme

Júnior como titular. Foi diretor executivo da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba, nas décadas de 70 e 80. Membro do Rotary Club de Piracicaba, governou o distrito rotário n° 4620 (1988-89) e atuou como representante do Rotary Internacional no programa rotariano de intercâmbio de jovens e diretor da “South América, Caribe, México e Antilhas” (SACAMA) de Rotary Internacional. Autor de numerosos estudos e pesquisas. Foi sepultado em São Paulo.

**CAMARGO, Theodureto Leite de Almeida de** (Séc. 19-20). Professor e engenheiro agrônomo. C.c. Davina Ferraz de Almeida Camargo. Formado pela Escola Politécnica de São Paulo, lecionou na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, atual ESALQ, de 1916 a 1931, tendo sido professor catedrático da 2ª cadeira, Química Agrícola. Fez curso de aperfeiçoamento na Alemanha. Em 1960 tornou-se “doutor honoris-causa” da ESALQ. Há uma rua Dr. Theodureto de Camargo no Jardim Glória.

**CAMARGO, Trajano de Barros** (Séc. 19-20). Professor, exerceu o cargo de professor adjunto da 1ª cadeira, Física Agrícola, de 1911 a 1912, na então Escola Agrícola Luiz de Queiroz. Era c. com Maria Thereza Silveira de Barros Camargo. Foram pais do engenheiro Nelson de Barros Camargo, n. 1915 e formado pela Escola de Engenharia Mackenzie.

**CAMBIAGHI, Oswaldo.** N. 1912. F. Piracicaba, 20.3.2005. Médico, escritor, historiador. C.c. Maria Christina de Figueiredo Castro Cambiaghi. Ff: Antônio Carlos, Maria Elisabeth. Atuou na Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, tendo feito parte do Conselho de Ética da Irmandade e recebido o título de Médico Honorário, que o corpo clínico da Santa Casa lhe concedeu em 1984. Neste mesmo ano, lançou o livro “Medicina em Piracicaba”, fruto de pesquisa árdua e minuciosa, com mais de seis centenas de páginas, “verdadeiro

monumento à História de Piracicaba... trabalho de fôlego... todo ele documentado” (Losso Netto, 1984). Em 1989 foi co-autor da obra “Estudos Regionais Paulistas”, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, de que fazia parte. Recebeu a Medalha Prudente de Moraes, concedida pelo Instituto, em 2000.

**CAMOLESI, Luiz** (Séc. 19-20). C.c. Itália Feltrim. Tronco de numerosa família moradora de Piracicaba. Pais de Atílio Camolesi, n. 1922 e f. Piracicaba, 8.8.2007, c.c. Elza Cecília Roque Camolesi, ff: José Luiz, Paulo Sérgio, Zilda do Carmo, Elizabeth, Geraldo, Helena Maria, Ariovaldo. Fez parte igualmente dos Camolesi locais Airton Geraldo Camolesi, f. Piracicaba a 6.7.2007.

**CAMPACCI, Sylvio Armando.** N. Piracicaba, 24.1.1912. F. Piracicaba, 7.7.1992. Voluntário piracicabano na Revolução Constitucionalista de 1932, recebeu cinco diplomas pelas suas ações corajosas, na linha de frente de Itararé. Filho de Antônio Campacci e Ema Frasson. Estudou na escola mista de Tanquinho e foi funcionário municipal. Dá nome a rua, no loteamento Santa Rita.

**CAMPAGNOLLI, Bonfiglio** (Séc. 19-20). Artista plástico. Autor das pinturas de motivos decorativos no interior do teatro Santo Estevão, no início do século vinte, por ocasião da reconstrução e reforma deste, patrocinadas pelo Barão de Rezende, Estevam de Rezende (v). A pintura do pano de boca do teatro, no entanto, foi obra de outro artista, Joaquim Miguel Dutra (v). Construído no século 19 e demolido em 1953, o teatro situava-se na praça José Bonifácio, com fundos para a rua Prudente de Moraes. Há uma rua Bonfiglio Campagnolli no Bairro Verde, nas proximidades da av. Com. Luciano Guidotti.

**CAMPANHÃ, Arthur Affonso** (Séc. 20). V. AFFONSO, Arthur Campanhã.

**CAMPOS, Antônio** (Séc. 19-20). Empreendedor na área de diversões públicas. Instalou e administrou o cine Polytheama, o primeiro a ter essa denominação em Piracicaba, defronte a praça Sete de Setembro (hoje incluída na praça José Bonifácio), junto à rua São José. Após a sua desativação, o salão do cinema passou a ser um ringue de patinação. Erotides de Campos (v) tocou na orquestra do cine Polytheama.

**CAMPOS, Antônio Machado de** (Séc. 19). Fazendeiro, coronel. Segundo Alleoni (2003), proprietário de uma grande fazenda no bairro de Água Santa, cuja decadência influiu no resto do povoado. Na “Gazeta de Piracicaba” de 5.2.1896 um anúncio da fazenda Água Santa, oferecendo a possíveis meeiros “terras apropriadas para plantação de cana”, referia-se a outros Machado: o administrador da fazenda, Moisés Machado de Barros, e João de Barros Machado, que assinava o anúncio. Na relação de lavradores piracicabanos divulgada por Camargo (1900), não figura o nome de Antônio Machado de Campos, mas constam os de João Machado de Campos, Bernardo da Rocha Campos e João Balduino de Campos, todos lavradores que aparecem em registro da Câmara Municipal como pagantes de “impostos de café, de açúcar ou de aguardente”. Alleoni refere-se a Teófilo do Amaral Campos e João Tobias Aguiar e Campos como participantes, em Rio das Pedras, de uma relação dos agricultores responsáveis pelos maiores índices de produção de café, com 105 mil e 90 mil quilos, respectivamente, pagantes de impostos de 210\$000, no primeiro caso, e de 180\$000, no segundo.

**CAMPOS, Benedito Rocha** (Séc. 20). Comerciante, estabelecido com agência de jornais, revistas e livros à praça José Bonifácio, perto da rua S. José. Transferiu-se por volta dos anos 40 para a rua Prudente de Moraes, nº 157. Registrou seu estabelecimento no comércio piracicabano a 6.7.1939, sob nº 165. Pai do

advogado e bancário Raul Rocha Campos, que iniciou sua carreira profissional em Piracicaba, transferindo-se depois para São Paulo. A Agência Campos foi antecessora da Agência Cury, de Silvio Cury, à rua XV de Novembro, atrás da Catedral; a agência da família Huffenbächer, ao lado da praça da Catedral; e as dos irmãos Gianetti, inicialmente na praça José Bonifácio, nº 839, e depois em outros locais (Estação Rodoviária, rua Benjamin Constant, rua XV de Novembro), assim como várias bancas de jornais e revistas em diferentes pontos da cidade, sete ao todo em 1967. O almanaque editado por Capri (1914) tem um anúncio de agência que funcionou à rua Moraes Barros, nº 159 desde 1905, de propriedade de Antônio F. de Moraes, que, além dos periódicos, tinha à venda cartões postais, artigos de papelaria e “colossal stock dos afamados acendedores Imperador e pedras de fâscas”. O “Almanach” de Camargo para 1900 menciona um Rocha Campos lavrador entre os que pagavam “imposto de café, de açúcar ou de aguardente à Câmara de Piracicaba”: Bernardo da Rocha Campos.

**CAMPOS, Bento de** (Séc. 19-20). Atuava no ramo de hotelaria, na passagem do século. Era de sua propriedade um hotel à rua Quinze de Novembro. Segundo Camargo (1900), nessa ocasião Piracicaba contava apenas com três hotéis: o hotel Central, de João Baptista de Castro (v), no largo da Matriz, nº 5; o hotel do Lago, de Manoel do Lago (v), no largo do Teatro; e o hotel de Bento de Campos.

**CAMPOS, Dácio de Souza** (Séc. 20). C.c. Nenê de Souza Campos. Agricultor, empresário. Presidiu a Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo, fundada em 1948 em Piracicaba, e foi vice-presidente e presidente da Associação dos Fornecedores de Cana de Piracicaba. “O famoso Dácio, falante, inteligente, *causeur* que disputava encanto com Bráulio de Azevedo” em meados do século (Elias Netto, 2000).

**CAMPOS, Erotides de (Erotides Jonas de Campos Neves)**. N. Cabreúva, SP, 15.10.1896. F. Piracicaba, 20.3.1945. Compositor, músico, professor. C.c. Maria Benedita Germano de Campos (Tita), n. 1896 e f. 24.1.1993. Filho do músico, professor de música e diretor de banda e conjuntos musicais Antônio Benedito da Silveira e de Francisca da Silveira Neves. Destacou-se pela precocidade nos estudos e na música, sendo aluno de piano, a partir dos 8 anos, da pianista e poetisa Francisca Júlia da Silva (1871-1920). Tocava flauta e flautim desde os nove anos e chegou a organizar uma banda de música infantil. Deixou Cabreúva em 1905 para estudar no internato do Liceu Coração de Jesus, na capital paulista. Vítima de tifo em 1907, teve de deixar de estudar no Liceu. Datam desse ano as suas primeiras composições: três dobrados e uma ária. No ano seguinte, passou a morar em Piracicaba, juntamente com um tio, estudando e trabalhando para se manter. Ingressou em orquestra que tocava nos cinemas e foi aluno da Escola Normal Oficial de 1915 a 1918, tendo como professor de música e incentivador o maestro Fabiano Rodrigues Lozano (v). Em meio ao estudo e à participação em conjuntos musicais que tocavam em cinemas, bailes e festas, encontrava tempo para jogar futebol, tendo sido um dos fundadores do E. C. XV de Novembro, que o elegeu como 1º Secretário da sua primeira diretoria. Lecionava música e fazia arranjos e composições para a editora Campassi & Camin de São Paulo. Em 1917 fez a valsa “Mariinha”, com letra de Elias de Mello Ayres (v), sua primeira composição impressa, em edição da Casa Tommasi de São Paulo, datada de 1918. Após receber seu diploma de professor, em 1919 passou a lecionar, nomeado por concurso, em São Carlos, onde organizou a orquestra do cinema local. Lecionou depois em Tanquinho e Dois Córregos, casou-se (1921) e tornou-se professor de música da Escola Normal de Piraçununga (1923). Compôs então a valsa que o consagraria mundialmente, dedicando-a à filha do prefeito da cidade, Fernando Costa: a “Ave

Maria”. De volta a Piracicaba em 1932, lecionou física e química na Escola Normal. Presidiu a Sociedade São Vicente de Paulo local e atuou como flautista em orquestras, notadamente na Orquestra Piracicabana, nos anos 40. Compôs mais de 230 músicas ao longo de sua vida, boa parte das quais está reunida no livro organizado por José Carlos de Moura “Alvorada dos Lírios” (1996). Artistas, conjuntos e orquestras famosos gravaram suas músicas, notadamente a valsa-serenata que o celebrizou, a “Ave Maria”. Em 1945, ano do seu falecimento, saiu a coletânea de canções escolares que fez com Anísio Ferraz Godinho (v) e José Pousa de Toledo (v), obra que não chegou a ver impressa. O prefácio, intitulado “À memória de um Bom”, resume a sua vida e traz a assinatura de Elias de Mello Ayres, autor de numerosas letras das suas composições. Uma rua da cidade, na Paulista, e um Grupo Escolar no bairro Paraisolândia receberam seu nome. Desde 1961 Piracicaba passou a relembrar anualmente em outubro a vida e a obra do notável musicista na “Semana Erotides de Campos”.

**CAMPOS, Francisco de Paula Machado de**. N. Piracicaba, 7.2.1912. F. São Paulo, 25.7.2006. Engenheiro Civil, dirigente de empresas. C.c. Helena da Costa Machado de Campos, ff. Alba Helena e Tiny. Era f. de Francisco Machado de Campos e Hermantina Camargo Machado de Campos. Estudou no Colégio São Bento em São Paulo e formou-se em 1937 pela Escola Politécnica da USP. Atuou como um dos pioneiros no setor energético paulista, tendo construído várias usinas hidroelétricas. Executivo de grandes empresas, presidiu a Comgás, a Vasp, o Sindicato das Indústrias de Energia Elétrica do Estado de São Paulo, a Associação Paulista de Empresas de Energia e Serviços, o Instituto Mauá de Tecnologia. Foi membro do Conselho Curador deste último, tendo participado ativamente da sua criação, assim como da criação da Fundação Museu da Tecnologia de São Paulo, do qual foi

presidente. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, como irmão e mesário, desde 1965.

**CAMPOS, Gutenberg de.** N. São Pedro de Piracicaba, 21.10.1908. F. século 20. Pastor evangélico, escritor, jornalista. Atuou como pastor em São Carlos, Bauru e outras cidades. Em Bauru tornou-se amigo íntimo do poeta capivarano Rodrigues de Abreu, tendo publicado biografia deste, em 1948. Ingressou na imprensa em 1927, como revisor do periódico “Granberriense”, do Instituto Granbery, de Juiz de Fora, MG, onde se formou. Tornou-se depois redator do periódico “Kernx” em São Carlos e colaborou em vários jornais e revistas, como “Correio do Noroeste”, “Expositor Cristão”, “Fé e Vida”, “Folha do Povo” e outros. Além da biografia de Rodrigues de Abreu, editada em Bauru, é autor de “Cristãos ou Darwinianos?”, ed. Pires, Catanduva; “O Trabalho”, ed. Centro de Cultura de Bauru; e “Cristo ou Barrabás?”, São Paulo, Marabá, 1947.

**CAMPOS, Licurgo do Amaral.** N. Piracicaba, 22.6.1907. F? Professor, cirurgião dentista, contador. C.c. Cecília Pinto Ferraz do Amaral Campos, f. Maria Cecília. Estudou no Liceu Salesiano Sagrado Coração de Jesus e na Escola de Comércio Moraes Barros de Piracicaba, obtendo o diploma de cirurgião dentista pela Faculdade de Odontologia Dr. Washington Luiz de Piracicaba. Atuou como contador e inspetor de contabilidade em várias instituições e dirigiu a Divisão de Contabilidade da Secretaria da Fazenda do ESP. Foi professor de contabilidade em várias escolas e professor e diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Mackenzie. Pertenceu ao Idort, na capital paulista. Recebeu a medalha cultural Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e publicou os livros “Contabilidade Pública” e “Caixas Econômicas Paulistas”.

**CAMPOS, Manoel Ferraz de Arruda.** N. Piracicaba, 15.3.1816. F. Piracicaba, 14.6.1887. Político influente e filantropo muito estimado, destacou-se pela sua dedicação aos leprosos (um dos seus filhos foi vitimado pelo mal de Hansen). Como os escravos leprosos eram alforriados, ia procurá-los nas matas, juntamen-te com seu escravo Eliseu, recolhiamos, alimentava-os, cortava-lhes os cabelos e as unhas. Deve-se a ele a criação do Asilo de São Lázaro (1877-1932), leprosário que funcionou no bairro Alto, na rua que recebeu seu nome. Esse “grande piracicabano, de coração magnânimo e piedoso” (Cambiaghi, 1974) morreu soterrado, quando acompanhava a demolição de um pequeno leprosário e suas paredes vieram abaixo. O asilo fundado por Arruda Campos foi incorporado à Santa Casa de Misericórdia em 1912. Funcionou até 1932, quando os enfermos foram removidos para o recém-inaugurado Asilo Colônia de Pirapitingui. Uma rua do Bairro Alto tem seu nome.

**CAMPOS, Pedro Ferraz de Arruda** (Séc. 19-20). Capitalista, major. Lidera a relação que se encontra em Camargo (1900), dos capitalistas que pagaram impostos em Piracicaba, na passagem do século. Recolhia aos cofres municipais a quantia de 200:000\$000.

**CAMPOS, Rodolpho de Lara** (Séc. 19-20). Fazendeiro, empresário. Cidadão abastado, proprietário da chácara de 77 mil m<sup>2</sup> que se converteu no Clube de Campo de Piracicaba, em virtude da iniciativa de um grupo liderado por Carlos Dias Correa Filho. A mansão que habitava na chácara foi adaptada para ser a sede do clube. Uma avenida junto ao Clube de Campo tem seu nome.

**CANAAN, Jorge** (Séc. 19-20). Advogado de origem árabe. Presidiu a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba, entre 1923 e 1926. Transferiu-se do Rio de Janeiro para Piracicaba nos anos vinte (Eliás Netto, 2000). Pertenceu

ao grupo de intelectuais que reunia Jacob Diehl Neto, João Silveira Mello, Osório Dias de Aguiar e Sousa, Francisco Lagreca (vv.) e outros, participando das “horas literárias” e de outras reuniões culturais.

**CANÇADO, Cyro Lopes.** N. séc.19? – F. Piracicaba, 1955. Proveniente de Agudos, SP, fixou-se em 1935 em Piracicaba, estabelecendo sociedade com João Batista Raya, fundador da Droga Raya, para a criação da Farmácia Raya. Desfizeram a sociedade em 1954 e a farmácia ganhou novo nome, Farmácia do Povo. Segundo depoimento de seu filho, José Agenor Lopes Cançado (“Jornal de Piracicaba”, 26.11.2005), essa nova denominação foi escolhida em homenagem ao pai de Cyro, que fundou por volta de 1850 uma farmácia com o mesmo nome, em Pitangui, MG. José Agenor, após o falecimento de Cyro Cançado, associou-se a Paulo Afrânio Lessa, seu cunhado, e ambos iniciaram a expansão dos negócios. Organizaram, assim, a rede Drogal, que se converteu em uma das maiores redes farmacêuticas do interior paulista.

**CÂNDIDO, Antônio (Parafuso).** N. 1917. F. Piracicaba, 2.12.1973. Compositor e cantor de cururu. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Josefa Santos Cândido, ff. Edwirges, Cecília, Walter, Odair, Waldyr, Waldomiro, Bernadet, José Carlos, Wilson; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Carmem Ferraz, ff. Evangeli e Aparecida. Uniu-se depois a Isaura Maria de Jesus, f. Luiz Carlos, e após a morte desta, a Tereza Barbosa, f. Claudia; em 3<sup>as</sup> núpcias, c. Clarice Alves, ff.: Wanda Aparecida, Evanyr e Paulo Cezar. Era f. de Felício Cândido e Lázara Cândido. Preto alegre e brincalhão, de origens muito modestas, trabalhou como operário no Engenho Central e na coleta de lixo domiciliar, antes de se destacar como cantor e compositor de cururu. Atuou em festas, shows e em programas de auditório da rádio Difusora. Fez parceria com outros

renomados cantores e repentistas de região, como Sebastião Bueno (v.), Pedro Chiquito (v.), João David, Zico Moreira, Onofre Jordão, Augustinho Aguiar, Moacyr Siqueira, Nhó Chico, Armando Chiarini, Bueninho, Luizinho Rosa, Dito Silva, Horácio Neto e Sebastião Roque. Piracicaba homenageou-o dando seu nome a um logradouro em vila Rezende, a Praça Parafuso (*Jornal de Piracicaba*, 21.4.1991).

**CANTINHO, Rafael Marques** (Séc. 19). Juiz de direito da comarca de Piracicaba, nomeado para o cargo em setembro de 1892. Permaneceu nesse posto ao longo de muitos anos. Em 1907 inaugurou o Asilo de Velhice e Mendicidade (futuro Lar dos Velhinhos) na antiga Chácara das Jabuticabeiras. Uma rua tem seu nome, no Jaraguá.

**CANTO, Acácio Leite do** (Séc. 19-20). Escrivão e comerciante na primeira metade do século vinte. Camargo (1900) menciona-o como escrivão da Coletoria de Piracicaba, que funcionava “nos baixos da Câmara Municipal”. Presidiu a Sociedade Beneficente Operária (1911-14), educativa e assistencial. Pai de Acácio Leite do Canto Júnior. Pai e filho ganharam nomes de ruas: o primeiro no jardim Monumento, em rua que cruza a avenida Dr. Clemente Ferreira (rua Acácio do Canto); o filho, em rua na Nova Piracicaba, perto da praça Maria Nassif Curíacos. Acácio Leite do Canto Júnior foi diretor-presidente do conselho administrativo da Faculdade de Direito Moraes Barros, criada em 1933. Pertenceu aos Canto a Escola Prática de Contabilidade Moraes Barros, dirigida por Canto Júnior e reconhecida pelo governo do Estado em fins de 1921. Outro Leite do Canto que faz parte do passado piracicabano, João Baptista Leite do Canto, viveu no século 20. Foi c.c. Rosa Orlando Canto, f. de Vicente Orlando e Paschoalina D’Abronso Canto, n. em 1908 e f. 28.12.2000. Tiveram uma filha, Maria Aparecida. Viveram igualmente em Piracicaba no século 20 Synésio Leite do Canto e sua

## CANTO, Albano Leite do

esposa, Maria Estella Sant'Ana do Canto, que faleceu, viúva, em 13.6.2000. Tiveram os ff. Celso, Luiz Roberto. Uma irmã de Maria Estella, Edith Sant'Ana Canto, foi casada com Pêrsio Leite do Canto.

**CANTO, Albano Leite do, Ajudante** (Séc. 19. F. 1880). Homenageado com a atribuição de seu nome a uma rua no bairro São Dimas, o Ajudante Albano fez parte do grupo de políticos e cidadãos beneméritos de Piracicaba, na primeira metade do século 19. Homem de posses, foi amigo e protetor de José Pinto de Almeida (v.). Seu auxílio foi valioso para que este último pudesse adquirir a loja de tecidos de Antônio Fiúza de Almeida, à rua Direita (hoje Moraes Barros), dando, assim, início a sua atuação como comerciante independente. Leite do Canto, ao falecer, deixou um legado de 2:150\$000 réis para a fundação da Santa Casa de Piracicaba. “O Ajudante Albano Leite do Canto doara um terreno para esse fim, condicionando-o à construção imediata do prédio” (Vitti, 1966; Moratori, 2004). Leite do Canto foi vereador na Câmara Municipal de 1828 a 1832.

**CANTO, Antônio da Rocha do, capitão.** N. São Tomé de Estorãos (ou São Bartolomeu de São Gens), comarca de Guimarães, distrito de Braga, Portugal, c.1595. F. Santana de Parnaíba, SP, 1706. C.c. Ascença de Pinha Cortês por volta de 1851. A esposa n. São Paulo, SP, c. 1624 e f. Santana de Parnaíba, 1687. O casal teve muitas filhas. Em 22.5.1675, Rocha do Canto recebeu sesmaria de três léguas de terra no porto do rio Piracicaba. No testamento de sua mulher, datado de 12.3.1687, é confirmado que o casal possuía terras em Piracicaba (Bogociovas, 2006). A fonte citada ressalta que a mulher de Rocha do Canto pertencia a antigos troncos vicentinos e que ele provavelmente foi o primeiro dos Rocha do Canto a pisar e se fixar em terras brasileiras, tendo aqui vindo na companhia de um seu

irmão, sobrinhos e sobrinhos-netos.

**CANTO, João Olavo do** (Séc. 19-20). Médico. C.c. Pequenina de Castro Neves, irmã de Samuel de Castro Neves (v.). F. de Luís Antônio do Canto. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atuou como médico fora de Piracicaba, voltando a residir na cidade em 1909, com consultório à rua do Comércio n° 18. Anunciava-se como médico e operador, especialista em moléstias de crianças, da pele, moléstias venéreas e sífilis, “grátis para os pobres”. Prestou atendimento não remunerado aos internados do Asilo de Velhice e Mendicidade, foi mesário e fez parte do corpo clínico da Santa Casa local durante oito anos. Desentendimentos ocorridos nesta última fizeram-no deixar a Santa Casa e mudar-se para o Rio de Janeiro em 1918. Dois anos depois, regressou a Piracicaba, retomando suas atividades profissionais. Em janeiro de 1927 mudou-se para Santos, onde veio a falecer.

**CANTO, Joaquim Antônio do, Pe.** Séc. 19. F. 1948. Foi fazendeiro e capelão da igreja de São Benedito, no largo do mesmo nome. Seu nome foi atribuído a uma rua da cidade, na Nova Piracicaba, junto à avenida Armando Césare Dedini.

**CANTO, Manoel Morato do, Alferes.** N. Santana de Parnaíba, SP, séc. 18. F. Rio das Pedras, SP, 1843. C.c. Rita Bueno de Carvalho. Veio para Piracicaba em princípios do século 19, e passou a viver na fazenda Bom Jardim, em Rio das Pedras. O casal teve vários filhos, entre os quais Rita Morato de Carvalho, mãe do Barão de Serra Negra, e Francisca José da Conceição, esposa de Antônio José da Conceição. No almanaque de Krähenbühl (1955), é mencionado como fundador da cidade de Rio das Pedras, segundo o historiador F. Nardy Filho. Alferes da 2ª Companhia da vila de Iguape, Morato do Canto foi juiz ordinário em sua terra natal. Descendia em linha reta de Amador Bueno da

Ribeira de Tibiriçá, de acordo com o linhagista Silva Leme.

**CAPATO, Lourenço.** N. séc. 20. F. Piracicaba, 14.1.2006. Um dos piracicabanos que participaram da II Guerra Mundial na Itália, como combatente da Força Expedicionária Brasileira. Residiu no bairro Alto.

**CAPELLARI, Humberto.** N. 4.2.1921. F. Piracicaba, 6.4.1973. C.c. Ermelinda Dedini Capellari, n. 1922 e f. 21.3.1994 em Salto, SP, que era filha de Armando César Dedini (v.) e Stela Biondi Dedini, ambos italianos. Ff.: Osvaldo, Sílvia, Marco Antônio, Isabela, Humberto Filho. Industrial, comerciante. Liderou o grupo Humberto Capellari & Irmãos em meados do século, com instalações à rua Alferes José Caetano. Era proprietário da Eletro Piracicaba, casa especializada em materiais elétricos, à rua Alferes José Caetano, nº 811 (Krähenbühl, 1955). Ganhou projeção nacional com a fabricação e venda de transformadores elétricos para indústrias e outros ramos de atividade, na empresa Superkaveá, de Dedini e Capellari, criada em 1957 e com sede à rua 13 de Maio, nº 2027. Por volta de 1970 achava-se em funcionamento a firma Capellari Eletricidade Ltda., à rua Santa Cruz, nº 155, especializada em instalações de alta e baixa tensão, assistência técnica, reforma de transformadores etc. A atuação filantrópica de Humberto Capellari incluiu a aquisição de terrenos, juntamente com Hermínio Petrin (v. Petrin, família), para a construção da Casa Transitória Cesário Motta Júnior, na rua do Trabalho. Foi inicialmente um albergue noturno, convertendo-se em 1977 no Hospital Espírita Dr. Cesário Motta Júnior. A Prefeitura Municipal adquiriu o Hospital em 1995.

**CAPELLARI, Lázaro** (Séc. 20). Foi três vezes prefeito de São Pedro. Em Piracicaba, durante a administração do prefeito Cássio Paschoal Padovani (1969-72, v.), foi Secretário

de Administração e de Obras e Serviços Públicos e presidiu o Serviço Municipal de Água e Esgoto (Sema) de Piracicaba. Em seu livro de memórias, “O Último Coronel” (2003), destaca duas das suas numerosas contribuições: a fiscalização rigorosa do Matadouro Municipal e a retirada dos escombros do edifício Comurba, que ruuiu no centro da cidade a 6.11.1964.

**CAPRÂNICO, Antônio.** N. Itália, séc.19. C.c. Maria Stella Pettinelli Caprânico. F. séc. 20, ainda moço, na fazenda que possuía, assassinado por um colono. Ff.: Dionísio, José Antônio e outros, tendo este último sobrevivido até o séc. 21. Segundo informações de familiares, pertenceu à nobreza italiana e fixou-se no Brasil com a esposa em 1900, por ocasião de sua lua de mel. Adquiriu terras na região de Santa Maria da Serra e São Pedro e posteriormente passou a morar em Piracicaba. Ao ter notícia do fim da 1ª Guerra Mundial em 1918, “em homenagem à paz do mundo”, plantou com Dionísio, seu filho mais velho, uma sapucaia, na esquina da rua Moraes Barros com a av. Independência. O prefeito Luciano Guidotti (v.) não permitiu que a cortassem e em 2004 a sapucaia foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba (CONDEPAC) e cadastrada como monumento da cidade. É a primeira árvore que ganhou esse tombamento, como patrimônio cultural e natural do município (*A Gazeta de Piracicaba*, 21.10.2004). Foi criada uma associação de amigos para cuidar da sua preservação.

**CAPRI, Roberto** (Séc. 19-20). Editor e jornalista italiano, radicado em São Paulo, redator da “Revista Comercial e Financeira”, na capital. Associou-se a José Rosário Losso (v.) para organizar e publicar o almanaque *Piracicaba, S. Paulo, Brasil* (1914), impresso em Roma por A. Liebman & Cia. Editou igualmente em Roma um *Libro d’Oro* sobre o Estado de S. Paulo, com uma dúzia de páginas ilustradas sobre Piracicaba, com elogios ao seu desenvolvimento



material e cultural. Em 1915 Capri editou o *Estado de São Paulo e os seus municípios*, onde há informações sobre a cidade.

**CARCAGNOLE, Francisco Eugênio** (Séc. 20). Comerciante e técnico de rádio. Era de sua propriedade o Laboratório Lilo, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 881. Fazia consertos e dava assistência técnica em aparelhos de som e mantinha uma loja para venda desses aparelhos, sendo representante dos rádios Philco em Piracicaba.

**CARDINALI, Antônio.** N. 27.5.1890. F. Piracicaba, 12.8.1976. C.c. Isolina Cardinali, n. 10.5.1892, f. 17.1.1976. Proprietário do escritório de contabilidade, à rua São José, nº 566, perto do Cine Broadway, em meados do século. Eram seus colaboradores os contabilistas Antônio Cardinali [Filho], Orlando José Michelin e Uriel Marcondes César. Este último fez parte das rodas intelectuais da cidade, formou-se como professor pela Escola Normal Livre Miss Martha Watts do Colégio Piracicabano e a seguir em direito, transferindo-se para São Paulo, onde se dedicou à advocacia e veio a falecer. César atuou no filme “Os três garimpeiros”, feito em Piracicaba (1954).

**CARDINALI, Augusto.** N. Piracicaba, 22.4.1904. F. Piracicaba, 15.1.1989. C.c. Ida Siviero Cardinali. Ff.: Djalma Célio, Ednéia, Irandir (Didi), Nadir, Benito, Augusto Jr., Arlete, Aldo Carlos, Aldo João. F. de Célio Cardinali e Maria Colognesi Cardinali. Nasceu na vila Rezende, onde seu pai tinha uma padaria, no início da av. Rui Barbosa. Ajudou o pai desde pequeno na panificadora. Foi carpinteiro e marceneiro, como empregado na casa de móveis Irmãos Nardin, atrás do Mercado. Retornou à vila Rezende, instalando bar e restaurante, o “Bar do Gustinho”, na casa de seu pai, já falecido, e uma loja de presentes, anexa ao bar. Dois anos depois, mudou de ramo e local, inaugurando no centro as lojas Ao Cardinali, de

presentes finos, e A Insinuante, de confecções para senhoras e crianças, à rua Governador Pedro de Toledo, nºs 786 e 803 (posteriormente, nº 826). A cidade homenageou-o conferindo-lhe o título de “Antigo Comerciante” em 1983. Junto à avenida Brasília e ao ribeirão Guamium, nos Jardins Diamante e Monte Castelo, há uma rua Augusto Cardinali.

**CARDINALI, D.** (Séc. 20). Anúncio publicado em 1942 e reproduzido por Guidotti (2002) referia-se à Padaria e Confeitaria Vosso Pão, à rua Prudente de Moraes, nº 743, esquina da rua Santo Antônio, como estabelecimento comercial de propriedade de D. Cardinali. Comunicava aos fregueses que vendia seus produtos no balcão da padaria ou em seus carrinhos, “não tendo, portanto, revendedores”. A mesma padaria passou a ser propriedade dos irmãos Azevedo (v.), conforme anúncio do “Guia Informativo de Piracicaba” de Camargo e Navarro (1958).

**CARDINALI, Eugênio** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da Casa Cardinali, de secos e molhados, à rua do Rosário, nº 107. O estabelecimento foi registrado no comércio local a 1.1.1939 sob nº 6658, com um capital de 10:000\$000.

**CARDINALI, João Baptista** (Séc. 20). Comerciante. Segundo um anúncio dos anos 30 (Neme, 1936), foi o proprietário da padaria, confeitaria e fábrica de macarrão Cardinali, no antigo Largo da Matriz, e da Laiteria, Sorveteria e Bar Nova Aurora, na praça José Bonifácio, nº 25. Registros posteriores referem-se à sociedade que fez com Juvenal Di Giacommo (v.), mas de acordo com comunicado à praça, datado de março de 1941, o sócio Cardinali retirou-se do negócio, permanecendo a firma individual apenas como de Juvenal Di Giacommo (Guidotti, 2002). Em 1967 um anúncio no “Jornal de Piracicaba” referia-se à Organização J. B. Cardinali, proprietária de duas padarias na cidade: a Padaria Brasileira e a Panificadora

Popular, nas ruas Alferes José Caetano, nº 701, e Boa Morte, nº 1482.

**CARDOSO, Alfredo José.** N. Piracicaba, 30.5.1876. F. Charqueada, 30.5.1910. Médico, vereador. C.c. Maria Isabel Machado Cardoso. Ff.: Geny, Oswaldo, Elza. Era f. de Felisberto José Cardoso Júnior e Antonia Leite Cardoso. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1900 e instalou seu consultório em Piracicaba, na rua Governador Pedro de Toledo, então Rua do Comércio, junto ao antigo largo do Mercado, hoje praça Dr. Alfredo Cardoso. Exerceu a vereança entre 1908 e 1910 e foi perito criminal da polícia local, sem remuneração. Fez parte do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia como médico e diretor clínico, bem como da sua Irmandade, como mesário. Exerceu igualmente a medicina no Asilo de São Pedro. Foi o primeiro médico a fazer uma cirurgia cardíaca na cidade e teve a primeira motocicleta (“bicicleta motorizada”) que circulou em Piracicaba, hoje pertencente ao acervo do Museu Prudente de Moraes. Além disso, foi jogador de futebol pelo Clube Esportivo. Altruísta, muito estimado, foi “médico de todos – do pobre, do rico, do remediado, mas, sobretudo, dos deserdados da sorte” (Cillo, 1988). Seu nome passou a designar uma praça no centro e o Grupo Escolar do Bairro Alto.

**CARDOSO [DE CAMPOS], Felipe.** Séc. 18, n. Itu. “Foi o primeiro morador de Piracicaba passível de identificação”, segundo Mário Neme (1974), “o primeiro colonizador de Piracicaba”. Foi quem “primeiro se fixou no solo piracicabano, estimulando com o seu exemplo os mais que para cá vieram desde então” (Neme, 1952). O autor citado assevera-nos que graças a Felipe Cardoso “é que Piracicaba, a cidade, o centro administrativo e espiritual dela se acha onde hoje está”. Felipe Cardoso obteve e se apossou de “um trato de terras que abrangia a meia légua em quadra onde mais tarde se

localizaria a nossa cidade, o rossio, o centro administrativo, compreendendo o largo da Catedral, e que o foi do pelourinho – em sinal de jurisdição, alçada e respeito à justiça, como se então dizia – o pátio da câmara e da cadeia, e os de uso público, todas as glebas enfim que foram depois incorporadas ao patrimônio da municipalidade” (Neme, op. cit.). Cardoso veio com sua família e aqui permaneceu “por espaço de muitos e muitos anos”. Segundo a fonte aqui citada, estabeleceu-se junto do porto de Piracicaba desde pelo menos 1721 e “aqui viveu pelo menos até 1766, quando para cá veio Antônio Correia Barbosa” (v.). Em texto publicado postumamente em 1974, Neme esclarece que Cardoso só requereu em 1726 o título de sesmaria sobre terreno em que se achava estabelecido havia já alguns anos, alegando estar “vaga muita parte de terra no porto de Piracicaba”, alusão que Neme acredita sugerir “pré-existência de alguma ocupação... Por parte de gente anônima e desenraizada”. A doação da sesmaria a Felipe Cardoso deu-se a 26.6.1726 e a confirmação da doação ocorreu a 26.6.1728 (Neme, 1943). Em 1760 ele transferiu uma parte da sesmaria ao sobrinho Francisco Cardoso de Campos, a título de pagamento de dívida (Guerrini, 1970). Uma rua na Paulicéia tem seu nome.

**CARDOSO, José Pereira, Comendador** (Séc. 19-20). Um dos que contribuíram para a edificação da igreja do largo Bom Jesus, no Bairro Alto, juntamente com o cônego João Batista Ferraz e Joaquim Maria de Souza, Mathias Schmidt, Manoel Antunes Barreira, Antônio Roque dos Santos, J. Monteiro e filhos e outros. A igreja do Bom Jesus do Monte teve sua primeira pedra colocada a 6.8.1918, surgindo inicialmente a capela, que foi inaugurada e benzida no ano seguinte. Seu carrilhão foi doado por Cardoso. A paróquia do Bom Jesus foi fundada oficialmente a 4.12.1922, tendo como seu primeiro vigário o pe. Lázaro Sampaio Mattos (v), que rezou a primeira missa,

a 11.2.1923. Dá nome a travessa no bairro Nova América.

**CARDOSO, Rita Evangelina de Almeida** (Séc. 19-20). É-lhe devida a ereção da capela-mor da futura igreja do Senhor Bom Jesus do Monte em 1918, no Bairro Alto, em terreno doado por João António de Siqueira em 1857. Foram entronizados um grande crucifixo e imagens de Nossa Senhora e São João.

**CARDOSO JUNIOR, Antônio, Sargento** (Séc. 20). Comandou o 2º Batalhão de duzentos voluntários piracicabanos que deixaram a cidade a 24.7 e participaram da Revolução de 1932. Dá nome a rua do Jardim Califórnia.

**CARMIGNANI, Caetano.** Séc. 19-20, n. Itália. C.c. Rosa Zílio Carmignani. Ff.: Alcides, Albertina, Carlos, João (Babico), Lucila, Olga, Zelinda. Proprietário da fábrica da cerveja Cavalinho, que instalou em 1904 em vila Rezende, junto à casa da família na avenida Dona Francisca. Três anos depois, lançou a cerveja preta Cavalinho, de alta fermentação, e refrigerantes naturais. Após seu falecimento, os filhos converteram a empresa em fábrica da Caninha Cavalinho, engarrafada inicialmente com aguardente procedente do sítio da Estrada do Meio (Fazenda São João ou sítio do Madázio), de Umberto Aldrovandi (v.). De acordo com informação de Aldrovandi (1991), a Caninha Cavalinho teria surgido por volta de 1910, mas segundo depoimento de seu filho Carlos (*Jornal de Piracicaba*, 9.7.1989) o engarrafamento industrializado da caninha teve início em 1934. Além de outras contribuições relevantes para a cidade, a família Carmignani patrocinou a construção da capela do Lar dos Velhinhos, enriquecendo-a com pinturas e esculturas de artistas piracicabanos notáveis. Três ruas da cidade homenageiam Caetano Carmignani e dois dos seus filhos: a rua Caetano Carmignani, no bairro Nossa Senhora de Fátima, paralela à Estrada do Meio; a rua Carlos Carmignani

e a rua Alcides Carmignani, ambas no Jardim Algodal, que ladeia o rio Piracicaba. Camargo (1900) alude a Joaquim Carmignani como proprietário de dois armazéns, na passagem do século, às ruas São José e Direita (atual Moraes Barros).

**CARNEIRO, Caio Ferreira.** N. 1913. F. 1989. Médico. C.c. Wanda de Camargo Carneiro. Manteve consultório médico em Piracicaba durante muitos anos. De acordo com o “Guia” de Camargo e Navarro (1958), este situava-se à rua São José, nº 622, em meados do século. Fez parte do Conselho Técnico Administrativo da Santa Casa de Misericórdia local (1978). Em 1980 a Regional da Associação Paulista de Medicina, em solenidade realizada na Casa do Médico, outorgou-lhe o diploma de Honra ao Mérito. Seu nome é mencionado por Mahle (1993) entre as pessoas que mais contribuíram para o surgimento e o desenvolvimento inicial da Escola de Música de Piracicaba. A esposa, n. São Carlos, SP, em 1917, diplomada em 1940 pela Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, fez parte do Departamento Municipal de Cultura e foi secretária da educação em Piracicaba, no governo do prefeito Alberto Coury (1962-63, v.). Integrou o grupo de pessoas que se empenharam pela criação e funcionamento da Escola de Música de Piracicaba e destacou-se como autora do romance *E persegue uma palha seca*. Em 1984 passou a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

**CARNEIRO, Orlando** (Séc. 20). Professor universitário, engenheiro mecânico eletricitista. Diplomado em 1919 pela Escola Politécnica de São Paulo, era o responsável pelos trabalhos de engenharia da Prefeitura Municipal de Piracicaba (1921-26) quando a sua colaboração foi solicitada pela ESALQ, a fim de elevar o nível do ensino de Matemática na Escola. Nomeado Professor Auxiliar da Cadeira de Engenharia Rural em janeiro de 1926, passou a lecionar Cálculo Diferencial e Integral e Geometria

Descritiva. Em 1931 foi aprovado em concurso para professor catedrático de Matemática, na recém-criada cadeira nº 16 (Matemática). Lecionou na ESALQ ao longo de 32 anos, de 1926 a 1958. Além dessa atividade docente, tem seu nome ligado a vários trabalhos importantes em Piracicaba: dirigiu as obras de construção do Teatro São José, do Clube Piracicabano (Clube Coronel Barbosa), de cinco pavilhões da Santa Casa e da reforma do Hotel Central, assim como de arruamentos e reformas de residências particulares. Na capital paulista, entre outras obras, construiu o Pavilhão de Máquinas da Metalúrgica Matarazzo. Como professor, além de lecionar na ESALQ, pertenceu ao quadro docente da Escola de Comércio Cristóvão Colombo de Piracicaba (Elias Netto, 2003).

**CARNEIRO JÚNIOR, Miguel** (Séc. 19-20). Professor. Primeiro diretor do Segundo Grupo Escolar de Piracicaba, depois G.E. Moraes Barros, criado em 5.3.1900 e instalado inicialmente a 4.8.1900 em prédio adaptado, à rua Piracicaba (Voluntários de Piracicaba), entre as ruas Santo Antônio e do Comércio (Governador Pedro de Toledo). Permaneceu no cargo até 9.10.1901. Após alguns dias de direção interina pelo prof. João Alves de Almeida (v.), seu sucessor foi o prof. Alfredo Maria de Albuquerque Freitas, que dirigiu o estabelecimento de ensino até 3.8.1903. O Segundo Grupo Escolar mudou-se em definitivo em 24.2.1906 para seu novo prédio, construído a partir de outubro de 1903, ganhando a nova denominação de Grupo Escolar Moraes Barros.

**CAROLINA, Irmã.** F. julho 1999 em Piracicaba. Viveu grande parte de sua vida no Dispensário dos Pobres de Piracicaba, orientando, aconselhando, auxiliando. Trouxe a Renovação Carismática Católica para a cidade e foi a primeira coordenadora de um grupo desse movimento na cidade. Em Campinas buscou orientação junto ao pe. Harold Hahm, que cuidava de jovens alcoólatras e drogados,

para implantar em Piracicaba um centro de atendimento nos mesmos moldes. “De uma bondade incontestável, de uma calma a toda prova, de um amor incondicional a Deus Pai. Irmã Carolina não se cansava nunca. Mesmo nos últimos anos, com o peito ofegante, era comum vê-la à frente de causas por demais nobres” (M. C. M. Bonachella, *Jornal de Piracicaba*, 19.7.1999).

**CARRACEDO & BARROS** (Séc. 20). Industriais. São mencionados em 1914 no almanaque de Piracicaba editado por Fabri como proprietários da Máquina Central de Beneficiar Café e Arroz, “a melhor e mais conhecida desta praça”.

**CARRARO, Carlos** (Séc. 19-20). Negociante, dono de ferraria à rua Santo Antônio. No passado, os veículos de tração animal e os animais de montar eram meios comuns de transporte em Piracicaba e dependiam dos serviços de oficinas de ferreiros. O “Almanak da Província de São Paulo” para 1873 refere-se a três ferreiros ativos na então cidade da Constituição: André Vaz de Aguiar, Francisco Stippes e José Stippes. Na passagem do século, segundo Camargo (1900) existiam pelo menos nove ferrarias, entre as quais a de Carraro. As demais eram de Luiz Gatti, na rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo); João Krähenbühl (v.) e irmão, rua do Comércio, nº 10; Melchior Krähenbühl e irmão, rua Boa Morte; Gallo Martins, rua do Rosário; João Martins, rua Quinze de Novembro; João Politam, rua Prudente de Moraes; José Queixa, rua do Comércio, nº 86; João Stipp Sobrinho, rua do Comércio, nº 59. Outras pessoas da família Carraro, Ângelo e Paulo, tiveram alfaiatarias em Piracicaba (v. Beduschi, Antônio). Há duas ruas com o mesmo sobrenome: rua Floriano Carraro, na Nova Piracicaba, e rua Mário Carraro, no Jardim Santa Rosa, perto da Rodovia Fausto Santomauro (SP-127). No século 20 atuou no comércio piracicabano Alfredo Carrara, que deixou viúva Maria Inês Correa Carrara, n. 1921 e f. 2007. Ff.: Regina Ângela, Antônio Celso,

Maria de Lurdes, Virgílio, Floriano, Francisco.

**CARTAGÊNOVA, Augusto** (Séc. 19). C.c. Teresa Cartagênova. Foi secretário da Escola de Agricultura São João da Montanha, a atual ESALQ, conforme notícia da “Gazeta de Piracicaba” de 29.10.1895. Nessa ocasião, confiada à direção do belga Léon Alphonse Morimont (v.), achava-se a escola ainda em fase de organização e construção, sendo “solenemente inaugurada” a 3.6.1901. O nome de Cartagênova não consta da relação de secretários da ESALQ, no volume comemorativo dos 75 anos desta (1976).

**CARUSO, João**. N. 1904. F. Piracicaba, 11.9.1997. C.c. Maria Laudelina Brasil Caruso. Ff.: George, Paulo Sérgio, João Gustavo, Maria Ângela, Maria Helena. Era filho de Caetano Caruso e Maria Caruso. Cirurgião dentista, dono da loja Jóias e Relógios Caruso, inaugurada em 1930. Situava-se na rua Governador Pedro de Toledo, nº 136, e ganhou registro no comércio local sob nº 33, em 14.2.1939, com capital de 10:000\$000. Caruso começou como ourives em 1925 e montou oficinas de ourivesaria antes dos anos 30. Nos anos 40, viu-se vítima de um trágico acontecimento que comoveu a cidade: sua residência à rua São José, junto ao largo de São Benedito, foi invadida por ladrões e sua esposa foi assassinada a tiros. George Brasil Caruso, seu filho, n. Piracicaba 1933 e f. em Piracicaba a 22.1.2005, formado pela Escola Normal e Colégio Estadual Sud Mennucci, assumiu a direção da loja Caruso, após o falecimento do pai. Era casado com Elza Frias Caruso. Ff.: Ricardo, Cristina Maria, Beatriz, Carolina.

**CARVALHO, A.** (Séc. 19-20). Industrial. No “Almanaque” editado por Capri em 1914 há um anúncio da “Grande Fábrica de Sabão de A. Carvalho & Cia.”, à rua da Glória, nº 104 (depois rua Benjamin Constant), que produzia “diversas qualidades de sabão, como sejam: Sabão

Econômico, em barras, a melhor e preferida marca do mercado; Sabão da Terra, legítimo produto especial da casa; e Sabão Alpha, marca especial”. As vendas eram feitas “em caixas ou pequena porção”. O anunciante acrescentava que tinha sempre em estoque “outras marcas de sabão especial de oleína”.

**CARVALHO, Adolpho**. N. 8.4.1882. F. Piracicaba, 7.1.1955. C.c. Anna Cândida Moraes Carvalho, n. 1888 e f. 1976. Professor. Nome dos mais respeitados nas áreas de educação e cultura, estudou na antiga Escola Complementar, mas formou-se professor na Escola Normal da Praça da República, em São Paulo. Colaborou na imprensa local e lecionou em várias instituições públicas e particulares de ensino de Piracicaba. Residiu na rua Boa Morte e foi diretor do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. A 12.10.1913, Pedro Zalunardo Zanin (v.) e Adolpho de Carvalho fundaram o “Curso Comercial”, que se converteu na Escola de Comércio Cristóvão Colombo. Seu nome figura em 1936 entre os dos integrantes do Conselho Superior a que se vinculava o Colégio Piracicabano, assim como na relação de docentes da ESALQ, ativos em 1935. Há uma escola estadual e uma avenida no Jardim São Luiz com seu nome.

**CARVALHO, Alcides**. N. Piracicaba, 20.9.1913. Engenheiro agrônomo. Formou-se pela ESALQ em 1934 e pertenceu ao quadro de profissionais do Instituto Agronômico de Campinas. Dedicou-se principalmente à pesquisa e à atuação em genética e no melhoramento dos cafeeiros, tendo publicado diversos trabalhos a esse respeito.

**CARVALHO, Álvaro Augusto da Costa**. N. Piracicaba, 23.9.1865. F. Bad-Ems, Alemanha, 25.4.1933. Político, senador, advogado. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Carolina Barbosa em 1887 e em 2<sup>as</sup> núpcias com Maria Rodrigues Alves, em 1919, filha do presidente Rodrigues Alves. Era f. do médico Eulálio da Costa Carvalho (v.) e Amélia

Rodrigues da Costa, primos do Marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho (v.). Estudou no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e em 1886 formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. De 1887 a 1889 foi promotor público em Rio Claro, SP. Na capital paulista, ocupou os postos de secretário de relação e intendente de finanças. Em São Paulo foi secretário da agricultura do estado no governo de Campos Sales (1896-97) e secretário particular do prefeito Antônio Prado. Em 1903 atuou no Rio de Janeiro como curador de órfãos. Foi vereador, deputado estadual (1891-94, 1896-97), deputado federal (1894-96, 1903-11, 1912-14, 1915-20, 1927-30) e senador federal (1918-23). Liderou a bancada paulista no governo federal. Em 1921 chefiou a ala do Partido Republicano Paulista que se opôs, sem êxito, à candidatura de Artur Bernardes para presidente da república, apoiada por Washington Luís. Teve seu nome lançado como candidato ao governo do Estado de São Paulo em 1922. Preso e exilado por ocasião da Revolução de 1932, viveu na França e Alemanha, onde faleceu. O governo francês condecorou-o com a Legião de Honra. Dotado de inteligência invulgar e orador brilhante, era “homem de ação e coragem”, segundo Bento de Abreu Sampaio Vidal. Há uma travessa Álvaro de Carvalho, junto à av. Dr. João Conceição, em homenagem ao biografado ou ao seu homônimo (v.).

**CARVALHO, Álvaro de.** N. Piracicaba, 5.2.1879. F. Jardinópolis, SP, 6.9.1925. C.c. Ercília Junqueira de Carvalho. F.: Nair de Carvalho Leal, c.c. o engenheiro agrônomo Armando Leal. Álvaro era f. do alferes Inocêncio de Paula Eduardo (v.) e Escolástica (Morato) de Paula Carvalho. Formou-se pela Escola Complementar de Piracicaba e lecionou em diversas localidades do Estado. Durante oito anos esteve à frente do “Jornal de Piracicaba” (1904-12), inicialmente como seu redator e depois como diretor e proprietário, a partir de 4.8.1904. Conhecido na intimidade como Alvinho, inteligente, culto e benquisto, foi,

segundo Guerrini (1970), “batalhador de prestígio”. Residiu e lecionou em Jardinópolis, SP, onde veio a falecer.

**CARVALHO, Antônio Alves de.** Em-presário, engenheiro e político. N. Rio de Janeiro, RJ, 22.7.1856, f.º Presidiu a Companhia Brasil, constituída em 1900 (a participação pública da sua criação data de 26.6, de acordo com Guerrini, 1970), que incorporou o Engenho Central de Monte Alegre, a Fábrica de Tecidos Piracicaba (e o palacete de Luiz de Queiroz, à rua Prudente de Moraes). A gerência da companhia coube ao engenheiro Manuel Buarque de Macedo (v.). Por ocasião da sua aquisição, o engenho de açúcar de Monte Alegre, surgido em 1889, produzia três mil sacas de açúcar, produção que crescería para 40 mil sacas por volta de 1910. Em 1907, o engenho presidido por Carvalho contava com um capital de 750 mil contos de réis e 350 operários; a fábrica de tecidos, com um capital de 1.800 contos de réis e 300 operários, de acordo com Negri (cit. em Elias Netto, 2000). Em 1910 Pedro Morganti (v.) adquiriu o Engenho Central de Monte Alegre. A fábrica de tecidos e o palacete permaneceram por algum tempo como propriedades do Banco da República do Brasil, que acabou por vendê-los a Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda (v.).

**CARVALHO, Antônio da Costa.** N. Bahia, c. 1798. F. Piracicaba, ?6.1858. C.c. Teodora Leopoldina da Cunha. Deixou inúmeros filhos, entre os quais José (Neto) e Maria Isabel. Por volta de 1839, fixou-se na capital paulista e exerceu o cargo de coletor de rendas gerais. Mudou-se depois para Piracicaba, onde atuou como juiz de fora. Era irmão de José da Costa Carvalho (v.), Marquês de Monte Alegre. Foi proprietário da Fazenda Bonfim (Bueno e Barata, 2000).

**CARVALHO, Domingos Antunes de** (Séc. 19-20). Comerciante. Um anúncio no “Almanak de Piracicaba” para 1900 registra seu nome como proprietário da Tipografia Comercial,

à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), em frente à Loja do Sol. Além dos trabalhos tipográficos, tinha à venda mercadoria de papelaria, objetos de escritório, livros em branco etc. O mesmo almanaque, no entanto, numa relação de casas comerciais existentes em Piracicaba por ocasião da passagem do século, menciona Joaquim Pereira Granja (v.) como proprietário da Tipografia Comercial. É de se presumir que Granja a tenha vendido a Carvalho, em fins dos anos noventa. Em 1900 a Tipografia Comercial editava um jornal de anúncios, denominado “A Borboleta”.

**CARVALHO, Eduardo de Paula** (Séc. 19-20). Industrial, fazendeiro. C.c. Emília Morato Carvalho a 18.4.1885. Ff.: Maria Emília, Maria Antonieta, Cecília, Maria José, Alice, Plínio, Lúcia. Foi fazendeiro em Santa Maria, SP, dedicando-se à indústria em Piracicaba e Presidente Alves, SP. Passou a residir em São Manuel, SP, onde foi prefeito municipal. Faleceu aos 80 anos nesta última cidade, “deixando um nome muito respeitado” (Arruda, 1952). Era filho do alferes Inocêncio de Paula Eduardo e um dos irmãos de Álvaro de Carvalho (v.).

**CARVALHO, Eulálio da Costa** (Séc. 19-20). Médico, político. Monarquista. Foi vereador (1869-1876) e presidente (1869) da Câmara Municipal, tendo exercido a medicina em Piracicaba na segunda metade do século 19 e nas primeiras décadas do século vinte, até 1927, quando passou a residir em Batatais, SP. Atuou na Santa Casa de Misericórdia desde 1873 como médico da enfermaria feminina e como irmão, tendo sido mesário por ocasião das provedorias do Barão de Rezende e do padre João José Lopes Rodrigues (vv.). Uma avenida na vila Rezende e uma travessa na vila Arcaão foram denominadas Dr. Eulálio, em sua homenagem.

**CARVALHO, Galdino Ferreira de.** N. Inhambupe, BA, 7.5.1888. F. séc. 20. Médico. C.c. Escolástica Gonzaga Franco. Ff.: José

Gonzaga, Maria Helena, Rubens Galdino, Lília Maria. Era f. de Cândido Ferreira de Carvalho e de Francisca Carolina Souza Dantas de Carvalho. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia e exerceu a clínica médica em Piracicaba em consultório à rua Santo Antônio a partir de 1926, anunciando suas atividades como “clínica médica e cirúrgica, partos, doenças de senhoras e crianças, tratamento moderno de sífilis, vias urinárias e diabetes”. Passou a fazer parte da Irmandade (9.10.1926) e do corpo clínico (9.4.1927) da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Um desentendimento com a mesa administrativa levou-o a pedir demissão, juntamente com os doutores Torquato da Silva Leitão e Júlio César de Mattos (vv.), mas posteriormente voltou a atuar na instituição. Mudou-se para São Paulo em janeiro de 1929, mas em outubro do mesmo ano retornou a Piracicaba, instalando seu consultório à rua do Comércio, nº 18 (Governador Pedro de Toledo), e voltou a colaborar na Santa Casa até 1935, quando, juntamente com os doutores José Rodrigues de Almeida e José Colombo Garboggini (vv.), deixou de pertencer a ela. De 1933 a 1935 presidiu o Asilo de Velhice e Mendicidade. Em seus últimos anos de vida, foi vítima de cegueira. Fez parte da Ordem Terceira de São Francisco (Cambiaghi, 1984). Uma rua da Nova Piracicaba tem seu nome.

**CARVALHO, Godofredo Bulhões Ferreira de.** N. Amarante, PI, 29.8.1891. F. São Paulo, 9.11.1954. Médico, político. C.c. Iracema Ferraz Ferreira de Carvalho, f. Piracicaba, 9.4.1992. Ff.: Bonifácio, Fábio, Gilberto, Godofredo, Ivone, Maria Elisabeth, Yara. Filho de médico piauiense, diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde foi assistente interno do dr. Austregésilo, e da Santa Casa de Misericórdia, tendo defendido tese de doutorado em 1913. Iniciou suas atividades profissionais como médico municipal e diretor clínico do Hospital da Santa Casa em Socorro, SP. Clinicou em

Sorocaba, SP. Passou a viver e trabalhar em Piracicaba por volta de 1914-15 na vila Rezende, com residência e consultório à avenida Areão, nº 80 (atual Rui Barbosa), como médico operador e parteiro. Lycurgo de Castro dos Santos Filho (cit. em Cambiaghi, 1970) lembra que o dr. Bulhões era considerado médico dos pobres, “verdadeiro apóstolo que sempre morou em vila Rezende, do outro lado do rio”. Fez parte do corpo clínico do hospital iniciado pela Cruz Vermelha de Piracicaba em 1922, de assistência ambulatorial, socorros médicos e assistência à infância e à maternidade. Foi vereador de 1923 a 1925 e em 1936-37, quando exerceu a vice-presidência da Câmara Municipal. Destacou-se na luta contra o tifo na cidade em 1914 e empenhou-se nas lutas contra a poluição do rio Piracicaba. Desde 1920 pertenceu à irmandade da Santa Casa de Misericórdia, tornando-se irmão remido em 1933. Foi um dos fundadores da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina. O Centro de Saúde de Piracicaba, que contou com o dr. Bulhões como seu diretor, recebeu seu nome, por iniciativa do deputado estadual Bento Dias Gonzaga (v. Gonzaga, Luiz Dias) em 1959. No Jardim Ibirapuera há uma rua com seu nome, entre as avenidas Raposo Tavares e Itararé.

**CARVALHO, Gustavo Ferraz de.** N. séc. 19. F. São Manuel, SP, 8.5.1952. Professor, oficial da marinha. C.c. Maria Antonieta de Carvalho. Ff.: Eduardo Neto, Léo, Zilá. Formou-se pela Escola Complementar de Piracicaba e foi professor nas primeiras décadas do século, tendo exercido sua profissão em várias cidades do interior paulista. Fez parte do grupo de professores diplomados pela escola e contratados para as recém-criadas Escolas de Aprendizes Marinheiros. Carvalho foi para Porto Alegre, RS; Sud Mennucci (v.) assumiu a direção da escola do Amazonas; Pedro Nolasco Vieira, Astor de Azevedo e Arlindo Lopes Chagas rumaram para Santa Catarina; Ernesto de Arruda Mello seguiu para o Rio Grande do Norte e Melchior do Amaral Mello

foi nomeado para a escola de Recife, PE (M. C. T. M. Torres, *Jornal de Piracicaba*, 2.12.1989). Após prestar serviços relevantes à Marinha, foi reformado no posto de capitão. Era filho de Avelino de Paula Camargo e Eulália Ferraz de Carvalho (nascida em Tanquinho) e neto do alferes Inocêncio de Paula Eduardo.

**CARVALHO, Henrique Marques de** (Séc. 19-20). Advogado. Manteve escritório de advocacia à rua Treze de Maio, nº 54, na passagem do século.

**CARVALHO, João Batista** (Séc. 19-20). Farmacêutico. Aldrovandi (1951) menciona-o como um dos farmacêuticos de Vila Rezende, na primeira metade do século 20. Era proprietário da Farmácia Carvalho, pos-teriormente vendida a Abério Sampaio (v.). Registra ainda os nomes de outros dois farmacêuticos rezendenses e seus respectivos práticos: farmácia Santo João, do cel. Manoel Ignácio da Motta Pacheco (v.), prático Benedito Neves Martins; e farmácia Central, de Domingos José Aldrovandi, prático Cornélio Roberto Silveira. Com João Batista Carvalho trabalhava o prático Dário Carvalho. Em Caldari (1990), que se refere a outro Carvalho farmacêutico, José [Zézinho] Arantes de Carvalho, são citados outros dois farmacêuticos rezendenses que atuaram no ramo: Gentil Alfredo Caldari e Rodolfo Gandini. Nos anos 40, Cornélio Roberto Silveira esteve à frente de farmácia no centro, à rua 15 de Novembro, fundos da Catedral.

**CARVALHO, João Morato de.** N. Piracicaba, 14.12.1840. F. Piracicaba, 19.4.1914. Agricultor, coronel. Tronco de família numerosa, foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia, da então vila da Constituição, cujo nome figura na primeira ata da irmandade, datada de 25.12.1854. Fez parte da primeira mesa administrativa da Santa Casa, eleita a 6.7.1856, e de comissão encarregada da planta e da direção da construção do primeiro Hospital, na rua



Direita (atual Moraes Barros). A dedicação e a generosidade de suas contribuições fizeram com que a Santa Casa lhe atribuisse o título de Irmão Benemérito. Ao falecer, deixou substancial legado à instituição. Segundo o “Almanak da Província de São Paulo para 1873”, foi um dos juízes de paz de Constituição, juntamente com Joaquim Floriano Leite, Henrique Pedroso de Camargo Moraes e José de Almeida Leite Ribeiro. Um dos lavradores que, por volta da passagem do século, figuram na Câmara “como havendo pago imposto de café, de açúcar ou de aguardente” (Camargo, 1900). Dá nome a rua do bairro Garças.

**CARVALHO (Júnior), José da Costa, Marquês de Monte Alegre.** N. Salvador, BA, 7.2.1796. F. São Paulo, 18.9.1860. C. 1<sup>as</sup> núpcias em 1828 c. Genebra de Barros Leite, f. 1837, viúva do brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queiroz (v.), e em 2<sup>as</sup> núpcias em 1839 c. Maria Isabel de Souza e Alvim (1825-1877). Esta última, após a morte do marido, casou-se em 1861 com Antônio da Costa Pinto e Silva (v.), perdendo assim, o direito de usar o título de Marquesa de Monte Alegre. Seu pai, José da Costa Carvalho, c.c. Inês Maria da Piedade Costa, n. por volta de 1775, foi patrão-mor da Barra da Bahia. O filho do mesmo nome estudou, quando moço, em Portugal, formando-se como doutor em leis aos 23 anos pela Universidade de Coimbra. Foi juiz foral e ouvidor na cidade de São Paulo e nesta se fixou, exercendo os dois cargos entre 1821 e 1822. Estabeleceu-se em 1822 com loja de fazendas à rua do Ouvidor, na capital paulista (Ribeiro, 1899). Deputado à Assembléia Constituinte Brasileira de 1823 pela Bahia, convocada por D. Pedro I, e representante da Bahia na Assembléia Geral Legislativa reunida na corte em 1826, elegeu-se deputado em São Paulo (1838-41). Firmou-se como um dos mais destacados políticos brasileiros, chegando a presidir a Câmara dos Deputados e depois o Senado. Fez parte da Regência Trina Permanente,

quando da abdicação de D. Pedro I, até julho de 1833, época em que, alegando motivos de saúde que mal ocultavam seus desgostos na vida política, retirou-se para Piracicaba, ao estourar a Revolução Liberal de Sorocaba. Não hesitou em deportar o padre Feijó (antes amigo e depois inimigo) para o Espírito Santo, “por ver na sua permanência em São Paulo ameaça constante à ordem pública” (Alves, 1986). Costa Carvalho foi derrotado por Feijó nas eleições para a regência una. Em 1835 assumiu a direção da faculdade de Direito de São Paulo, cargo que ocupou durante dois anos. A província de Sergipe o elegeu para senador em 1839. Foi senador (vitalício) por Sergipe de 1839 até 18.9.1860. Após a abdicação do imperador e com a cisão do partido liberal, nos tempos em que a vida partidária brasileira se dividia entre os “moderados” do Partido Conservador, os “exaltados” do Partido Liberal e os “reacionários”, adeptos da volta de D. Pedro I, que constituíam o partido “Caramuru”, Costa Carvalho passou do grupo liberal para o Partido Conservador. Em 1841 recebeu o título de barão de Monte Alegre, nome referente à fazenda de sua propriedade em Piracicaba. Foi presidente (governador) de São Paulo em 1842. Tornou-se conselheiro de Estado em 1842 e recebeu os títulos de visconde em 1843 e marquês em 1854. Como ministro do Império, integrou o gabinete conservador do marquês de Olinda e em 1849-50 foi seu substituto na presidência do gabinete. O gabinete Olinda-Monte Alegre é tido como um dos mais brilhantes da monarquia. Nessa ocasião, foi posto fim à Revolta Praieira de Pernambuco. Costa Carvalho realizou a política de intervenção armada do Brasil no Rio de Prata, a que se opunha o seu antecessor, mas tida como necessária por D. Pedro II e outros membros do Governo. Além disso, foi responsável por várias leis importantes dessa época, entre as quais o código comercial, a Lei das Terras e a que extinguiu o tráfico negreiro, conhecida como “Euzébio de Queiroz”. Foi fundador e 1º presidente da Sociedade de Estatística do

Brasil (1854) e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1859. Costa Carvalho casou-se em 1822 com a viúva do brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queiroz e co-proprietária da Fazenda Monte Alegre. “Foi assim, e por dissolução da sociedade mantida com o dr. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, que, a bem dizer, o futuro presidente da província de São Paulo se tornou proprietário da Fazenda Monte Alegre” (Guerrini, 1970). De acordo com Sisson (1948), Monte Alegre “foi sempre respeitado e tido na maior consideração... administrador, foi sempre reto e justiciero, tanto quanto prudente e inteligente... um nome respeitável e um vulto venerado”. José da Costa Carvalho figura na história da imprensa no Brasil como o introdutor da tipografia na então província de São Paulo. Foi o fundador, diretor e redator principal do *O Farol Paulistano*, o primeiro jornal de São Paulo e primeiro jornal de fato, porque impresso e em oficina própria. Começou a circular a 7.2.1827, quando Costa Carvalho completava 31 anos de idade. *O Farol Paulistano* “foi realmente um marco para a vida de São Paulo, de orientação nitidamente liberal” (Nobre, 1950). Para Freitas (1915), o primeiro jornal bandeirante, que desapareceu em 1832, “foi um dos maiores paladinos da reação liberal à política dos desmandos e de absolutismo de Pedro I” (p. 345). O jornal circulava na capital e no interior de São Paulo e até mesmo em outras províncias. Frequentemente estampava cartas à redação provenientes de cidades interioranas. No nº 330, por exemplo, publicado em 15 de abril de 1830, um pira-cicabano anônimo que se auto-denominava “O Rival dos déspotas” escreveu ao *Farol* sobre “um fato horroroso na Vila da Constituição, em opróbrio de todas as Leis e do Código fundamental”, referindo-se aos suplícios a que foi submetido, por determinação do juiz de paz local, um suposto escravo. O jornal circulou até meados de 1832. “Morreu, como viveu”, nas palavras de Paulo Duarte (1958). “Defendendo a liberdade de imprensa e defendendo-a sem medo. Por isso mesmo

foi processado por abuso de liberdade (em janeiro de 1829)... O primeiro jornal, o primeiro processado”. Impresso em prelo de madeira, trazia o *Farol*, junto ao título, em francês, esta legenda: “A liberdade é uma bigorna que usará todos os martelos” (Pfromm Netto e Martins, 2003). Além de Monte Alegre ser bairro e estrada, há uma avenida Marquês de Monte Alegre na Paulista e uma escola Marquês de Monte Alegre.

**CARVALHO, José Ferraz de.** N. 14.6.1849. F. séc. 20. Agricultor. Um dos coronéis piracicabanos dos séculos 19-20, conhecido como “o Passa-Quatro”, foi vereador (1890) em Piracicaba. Em 1924 foi um dos cidadãos de prestígio que aderiram à revolução do general Isidoro Dias Lopes, juntamente com os coronéis Aquilino Pacheco (v.), José Barbosa Ferraz (v.) e outros. Uma rua no centro tem seu nome.

**CARVALHO, José Leão de** (Séc. 19-20). Camargo (1900) menciona-o como “violeiro”, isto é, fabricante de violas, indicando como seu endereço a “rua Direita, em frente a Santa Casa”. A rua Direita é a atual Moraes Barros. Em anúncio estampado na mesma fonte, Carvalho apresentava-se como dono de marcenaria e instrumentos de corda, competente para fazer e consertar qualquer instrumento de corda, e fornecedor de encordoamento e apetrechos para os mesmos.

**CARVALHO, Maria Isabel do Canto.** N. 1908. F. Piracicaba, 5.8.2001. C.c. Luiz Eneas Corrêa de Carvalho. Filha de Acácio Leite do Canto e Eliza Teixeira de Barros Canto. Foram seus irmãos: João Batista, Sinézio, Acácio Júnior, Pérsio, Maria Helena, Conceição, Augusto, Anízio, Sílvio, Maria Eliza. Professora, fez parte do quadro docente da Escola Normal Sud Mennucci em meados do século 20, destacando-se por sua competência e simpatia no ensino da língua inglesa.

**CARVALHO, Manoel Morato de** (Séc. 19). Professor e vereador. Foi oficialmente o primeiro professor de primeiras letras de Piracicaba, então Vila Nova da Constituição, conforme ofício que a Câmara Municipal enviou ao governo provincial a 22.4.1826 (Guerrini, 1970; Guerra, *Jornal de Piracicaba*, 16.8.1981). A escola em que lecionou foi aberta pouco depois. Destinava-se apenas a meninos e chegou a contar com três dezenas de alunos. A edilidade tinha nomeado anteriormente (1.4.1826) Joaquim Floriano Leite para o cargo de mestre régio de primeiras letras, mas este não deve ter tomado posse, justificando-se, assim, a segunda nomeação. A 9.12.1826, a câmara dirigiu-se novamente à presidência da província para informar que Morato de Carvalho desistiu do emprego e mudou-se para fora da vila. De 1873 a 1876 ele fez parte da câmara de vereadores local. Outros Morato de Carvalho, o capitão João e Antônio, foram vereadores: o primeiro, de 1857 a 1860; e Antônio, em 1891 e de 1896 a 1898. Há ruas com seus nomes, no bairro Garças e no Jardim Irapuã.

**CARVALHO, Ricardo Ernesto Ferreira de**. N. Maranhão, 1849. F. séc. 20. Zootecnista, professor universitário. Primeiro diretor da Escola Agrícola Prática de Piracicaba, a futura ESALQ, tomou posse a 22.1.1901, permanecendo no cargo até 27.10 do mesmo ano. Foi, além disso, o primeiro ocupante da cadeira de Zootecnia (5ª Cadeira). Estudou agronomia na França, de 1890 a 1893, tendo feito cursos de especialização em Gembloux (fabricação de açúcar de beterraba) e na Bretanha, sobre irrigação e drenagem. Publicou um livro, “Indústria Pastoral”, elogiado pelos especialistas. Atuou como professor da Escola Agrícola de 1901 a 1904.

**CARVALHO, Ruben de Souza**. N. 1906. F. 27.9.1991. Empresário, professor universitário, engenheiro agrônomo e pesquisador. C.c. Maria da Glória Costa Carvalho Canto, f.

de Antônio Marcelino do Canto e Guiomar Canto. Ff.: Dalmo, Maria da Glória. Foram seus pais Armando de Paula Carvalho e Adelina de Souza Carvalho e seus tios o jornalista e professor Álvaro de Carvalho (v.) e o industrial e fazendeiro Eduardo de Paula Carvalho (v.). Era neto do alferes Inocêncio de Paula Eduardo. Formou-se em 1928 pela então Escola Agrícola Luiz de Queiroz (ESALQ). Em 19.2.1929 foi nomeado ajudante de gabinete e laboratório da cadeira de Botânica da escola. Nesse mesmo ano, foi constituída a cadeira de Fitopatologia e Microbiologia Agrícola, separadamente da cadeira de Botânica, e contratado para ocupá-la um notável cientista estadunidense, Edwin E. Honey (v.), tendo Souza Carvalho como seu assistente. Com o regresso de Honey aos EUA, a cadeira foi posta em concurso. Souza Carvalho inscreveu-se como candidato único e foi nomeado professor catedrático efetivo após brilhante concurso, ocupando o cargo até 1957, quando se aposentou. De acordo com A. Santos Costa (cit. em Lordello e outros, 1976), “a maioria dos atuais fitopatologistas de São Paulo devem a sua formação direta ou indireta aos professores Honey e Carvalho”. Benquisto e atuante na sociedade piracicabana, presidiu a Comissão dos Festejos do Bicentenário de Piracicaba em 1967. Em 1948 associou-se a Lino Morganti e João Bottene (v.) para a corajosa e bem sucedida fundação da Maua (Metalúrgica de Acessórios para Usinas Sociedade Anônima), juntando-se a estes Leopoldo Dediní (v.), com instalações à rua Santa Cruz, nº 1482.

**CARVALHO, Sylvio de Moraes**. N. Campinas, SP, 1909. F. Piracicaba, 4.5.1947. Médico. C.c. Arilda Cardoso de Carvalho, ff. Elza Helena e Augusto. Após estudos secundários em Campinas, concluídos em 1930, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, colando grau em 1936. Passou a morar em Piracicaba, à rua Tiradentes, nº 697, e a clinicar como oftalmologista desde 1937, em consultório particular e como médico do Centro

de Saúde e do Senai. A experiência adquirida no trabalho que realizou no Rio de Janeiro com mais de dez mil escolares, como colaborador do dr. Oscar Clark, tratou de pô-la a serviço dos piracicabanos, notadamente no combate ao tracoma e às verminoses. De acordo com Cambiaghi (1970), “saneou, completamente, o bairro de Dois Córregos; examinou, pesquisou e extinguiu o tracoma”. Faleceu aos 38 anos e foi sepultado em Campinas.

**CARVALHO, Walter.** F. 1993. Professor, sociólogo e crítico de arte, exerceu importante influência em Piracicaba no âmbito das artes visuais. Compôs com Humberto Consentino e José Maria Ferreira (vv.) um trio de críticos que contribuíram de maneira decisiva para o amadurecimento das idéias e das práticas pictóricas. Foi o grande responsável pela realização da Semana José Maria Ferreira, evento de grande repercussão na cidade, em 1991. Um “altivo homem, intelectual por excelência” (C. P. Pizzigatti, *Jornal de Piracicaba*, 8.4.1993). Suas críticas de arte foram divulgadas pela imprensa local.

**CASALE, Paschoal** (Séc. 19-20). Fez parte do grupo de donos de salões de barbeiro e cabeleireiro piracicabanos, na passagem do século (Camargo, 1900), com salão à rua Prudente de Moraes. Outros proprietários à mesma época são mencionados por Camargo, com predomínio de sobrenomes italianos: Rodolpho Cherubino, à rua da Boa Morte; Caetano Ferrairol [Ferraiol], rua Direita, atual Moraes Barros; Raphael Furlani, no largo do Teatro (praça José Bonifácio); João Grisólia, rua Direita; Primo Moretti (v.) & Cia, rua Alferes José Caetano; Morgado & Fachada (v.), desde 1882, à rua Direita, nº 167; Miguel Perrini, rua Direita; Augusto Pille & Cia, rua Treze de Maio; José Maria de Senna, largo do Teatro, nº 3; Felipe Signorelli, Salão Central, rua Prudente de Moraes; Luiz Tronchete, rua Treze de Maio. E Luiz Zambelli, à rua Direita. Surgiram mais

tarde, com o avançar do século, outros salões de barbeiro e cabeleireiro, entre os quais o Salão Smart, de Luiz Woltzenlögel (v.); o salão de João Lucas, à rua do Comércio, vizinho da Padaria Alemã; o Salão do Joel à rua Prudente de Moraes, o Salão do Rodela e do Cossa e o “Salão dos pretos” à rua Boa Morte, o Salão Arthur à rua Prudente de Moraes nº 387, o Salão Cruzeiro na rua Tiradentes nº 571, o Salão N. S. da Aparecida na rua Tiradentes nº 162, o Salão Dois Irmãos na praça Antônio Prado, nº 2192 e outros. Luné e Fonseca (1873) referem-se a um barbeiro pioneiro, na antiga Constituição: Reducino da Conceição Costa.

**CASSAB, Dieb Calil.** (Séc. 20). Salum (2003) menciona-o como proprietário do Armazém Cassab, à rua Tiradentes, nº 542. Na relação “In Memoriam” de antigos associados da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba, seu nome aparece grafado como Diab Kalil Chaim Kassab. A mesma fonte alude a outros Cassab estabelecidos em Piracicaba: Luiz C. Cassab, proprietário da casa de máquinas e ferramentas, à rua Benjamin Constant, nº 1162, e Elias N. Cassab, cujo nome se encontra na referida lista “In Memoriam”.

**CASTANHO, Amadeu.** N. Capivari, SP, 7.8.1875. Advogado, empresário, agricultor. F. Piracicaba, 12.5.1942. C. em 1898 c. Ana Toledo em 1<sup>as</sup> núpcias (4 filhos) e em 1925 em 2<sup>as</sup> núpcias c. Olympia Frecentese (2 filhos). Filho de Augusto César de Arruda Castanho (v.), que viveu em Piracicaba desde 1884. Amadeu tinha 16 anos de idade quando fez parte dos voluntários que, em apoio do governo, combateram o movimento pela restauração da monarquia no país, conhecido como Revolta da Armada, tendo recebido moção por bravura. Em Piracicaba foi escrivão de paz na vila Rezende, chefe da Estação da E. F. Sorocabana e vereador em 1936. Atuou na cidade como advogado e também pela prefeitura do município. Até 1929 dedicou-se ao cultivo

de café, na fazenda Santa Cruz. Constituiu em 1924 a primeira firma autorizada pelo governo federal a fazer loteamentos urbanos na cidade, a Empresa Territorial e Construtora Piracicaba, responsável pela formação dos bairros Bela Vista, Independência, Paulicéia, Piracicamirim e Progresso. No bairro N. S. de Fátima, perto da Estrada do Meio e do ribeirão Guamium, há uma rua com seu nome.

**CASTANHO, Augusto César de Arruda.** N. Capivari, SP, 7.8.1849. F. Capivari, SP, 14.11.1910. Professor, jornalista. Pai de Amadeu Castanho (v.). Mudou-se de Capivari para Piracicaba em 1884, abrindo aqui uma escola particular a 9.5 desse ano. Em 1885 tornou-se proprietário e co-redator do jornal *Gazeta de Piracicaba*, juntamente com José Manuel de França Júnior (v.). Foi membro do Conselho Superior de Instrução Pública do Estado, nomeado a 3.5.1896. De volta a Capivari, foi professor da 5ª cadeira de ensino elementar, nomeado a 24.3.1899. Criado o primeiro Grupo Escolar da cidade em 1908 e instalado oficialmente a 12.7 desse ano, teve a nova escola como responsáveis pelas classes de 3º ano Ursulina Teixeira de Assumpção e Augusto Castanho. Outros Castanho fizeram parte igualmente do corpo docente: Dário Castanho (2º ano) e Palmira Castanho (4º ano). “Os professores... não tardaram a impor-se pelo valor de seu desempenho didático pedagógico” (Campos, 1984). Em 1935 a escola passou a denominar-se Grupo Escolar Augusto Castanho, recebendo nessa ocasião “belo retrato a óleo do patrono, oferta da filha do homenageado, a profa. Palmira Castanho Flores” (Campos, op. cit.). Um Castanho de Capivari é mencionado no “Almanak da província de São Paulo para 1873”: o fazendeiro de cana de açúcar Elias de Mello Castanho.

**CASTANHO, Melchior de Mello, major.** Agricultor, industrial, político. N. Itu, SP, 26.4.1800. F. Piracicaba, 3.11.1871. C.c. Eufrosina Ferraz de Camargo [ou Maria

Eufrosina da Rocha], n. Campinas, SP, 3.10.1811, f. Piracicaba, 1877. Tiveram onze filhos, entre os quais o capitão Vicente do Amaral Mello (v.), político influente em Piracicaba, São Pedro e Rio das Pedras. Descendia de fidalgos portugueses, da Casa Real de D. Fernando. Era f. de Baldoino de Melo Castanho e Antônia do Amaral Gurgel, casados em Itu em 1797. Veio de mudança para Piracicaba por volta de 1835, estabelecendo-se em Rio das Pedras com propriedade agrícola e engenho de fabricação de açúcar. Fez parte do grupo de políticos liberais exaltados, conhecidos como chimangos, tendo ocupado vários cargos de eleição popular. Foi vereador suplente (1837-40) e vereador (1841-44, 1845-48 e 1857-60). Por ocasião da Revolta dos Liberais de 1842, chefiada por Tobias de Aguiar, Diogo Antônio Feijó e outros, em que o primeiro foi aclamado presidente da província em Sorocaba, o major Mello Castanho aderiu aos liberais revoltados. Liderou a tomada da Câmara pelos liberais piracicabanos a 20.5.1842 e adotou várias medidas em favor da causa revolucionária, após assumir a presidência da Câmara e reconhecer Tobias de Aguiar como presidente interino de São Paulo. Ingressou num contingente de voluntários que partiram de Piracicaba (provavelmente a 28.5.1842). Juntou-se aos rebeldes chefiado por Antônio José da Silva Gordo nas imediações de Campinas, onde ocorreu o trágico episódio de Venda Grande, no qual as tropas liberais foram desbaratadas. Mello Castanho, preso “sob palavra”, regressou a Piracicaba, tendo sido reiteradamente procurado por seus inimigos, nas batidas que, sem êxito, realizaram para prendê-lo (Oliveira, em Guerrini, 1961; N. F. Arruda, *Jornal de Piracicaba*, 10.3.1989; Bogaciovas, 2006). Seu nome é lembrado por uma rua da Paulicéia, em continuação da av. Dr. Edgar Conceição.

**CASTELLO, Emílio** (Séc. 19-20). Professor universitário. Formado pela Escola Politécnica da capital paulista, foi nomeado (1912) professor de Agricultura da Escola Agrícola Luiz de

Queiroz (ESALQ). Foi também substituído do prof. Clinton D. Smith (v.) na direção da escola durante alguns meses, a partir de 28.12.1912, e novamente diretor, de 2.10.1914 a 11.1.1916.

**CASTILHO, Adelaide Baena de** (Séc. 20). Cantora. Fez parte do grupo de artistas que nos anos trinta se destacaram em Piracicaba como intérpretes do bel-canto. Seu nome é realçado, por exemplo, no programa de um concerto realizado a 5.6.1931 no teatro Santo Estêvão, organizado pelo prof. Pedro de Mello (v.), em favor da Cruzada pró Lázarus. Outros cantores mencionados no programa: Pedro Aloisi, Leandro Guerrini (v.) e Vicentina Godinho.

**CASTILHO, Joaquim Pereira de.** N. Descalvado, SP, 1958. F. séc. 20. Farmacêutico, c.c. uma piracicabana, filha do comerciante português José de Oliveira Bastos (v.). Tinha inicialmente uma farmácia em Santa Rita do Passa Quatro, SP, quando o médico Joviniano Reginaldo Alvim (v.) convidou-o para assumir em Piracicaba a gerência de uma farmácia que pretendia abrir, em sociedade com o médico Américo Vespúcio Moreira de Almeida (v.), bem como de uma casa de saúde na rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), quase à frente do Mercado Municipal. Castilho acabou ficando com a farmácia, em sociedade com Antônio Aureliano Castro Camargo. Transferiu-a para a rua Direita (Moraes Barros) e depois para a rua dos Pescadores (Prudente de Moraes). Desfeita a sociedade com Camargo, mudou a farmácia para um sobrado de Jorge Büller. Em 1890 construiu um prédio na esquina da rua dos Pescadores com a rua do Pau Queimado (atual Alferes José Caetano), onde surgiria mais tarde a Farmácia Popular, e ali instalou seu estabelecimento. Vendeu a farmácia em 1893 a Joaquim Rodrigues do Amaral (v.), pai do farmacêutico Antônio Cypriano do Amaral (v.), e mudou-se para o Rio de Janeiro. A agitação militar na capital federal, por ocasião da revolta

chefiada por Custódio de Melo, fê-lo regressar a Piracicaba e a transferir-se para Anhembi, onde adquiriu uma grande invernoada. Por ocasião do seu casamento, Castilho contou com o médico Joviniano Alvim e com João Batista da Rocha Conceição (vv.) como seus padrinhos. (J. M. Amaral, *Jornal de Piracicaba*, 23.4.1976; J. T. Veiga, *Jornal de Piracicaba*, 30.4.1976). Quanto à Farmácia Popular aqui referida, de acordo com Erasto da Fonseca (em Elias Netto, 2003), foi seu pai, Benedicto Affonso da Fonseca, quem a criou, em 1905. Erasto nasceu nesse local, a 11.1.1910, que posteriormente abrigaria a Farmácia Popular, de Eduardo (Dinho) Ferraz de Camargo (v.).

**CASTILLON, Francisco Salgot.** N. Espanha, 1925. F. Piracicaba, 23.1.2002. C.c. Ladice Salgot Castillon. Engenheiro, político, vereador e prefeito municipal, deputado estadual. Sobrinho do pe. Martinho Salgot (v.), irmão de sua mãe viúva, que o educou. Foi duas vezes vereador, duas vezes prefeito de Piracicaba e duas vezes deputado estadual. Nos anos 40 estudou no Rio de Janeiro, formando-se na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, época em que se filiou à União Democrática Nacional (UDN). De volta a Piracicaba, foi um dos fundadores do Partido Popular (PP), liderado por Tancredo Neves. Reorganizou e presidiu a UDN local e foi eleito vereador em 1951, tendo participação bastante ativa nos anos cinqüenta. Em 1956 reelegeram-no vereador, o mais votado da cidade. Uma coligação de seis partidos apoiou sua candidatura à prefeitura e em disputa acirrada venceu sua primeira eleição para prefeito (1959), apesar de manobras políticas que tentaram obstaculizá-lo e até mesmo impedir sua posse. Esteve à frente da prefeitura de janeiro de 1960 a agosto de 1962, licenciando-se neste último ano para ser candidato a deputado estadual. Sua operosidade e dedicação à solução dos problemas da cidade valeram-lhe duas vitórias em eleições para a Assembléia Legislativa do Estado (1962, 1966). Retornou a

Piracicaba para disputar novamente a prefeitura em 1968. Eleito prefeito municipal pela segunda vez, governou até 16.10.1969, quando teve os direitos políticos cassados, sem saber por que. Perdeu seu mandato e voltou a trabalhar em Piracicaba como engenheiro. Da mesma forma, sem saber qual o motivo, foi detido em 1970 e aprisionado no quartel de Campinas. Em declarações que fez ao “Jornal de Piracicaba” a 31.1.1993, atribuiu as perseguições e prisão que sofreu provavelmente ao seu envolvimento com sindicatos piracicabanos tanto enquanto era prefeito como quando foi deputado estadual. Permaneceu sem direitos políticos durante uma dezena de anos, só os tendo de volta em 1979. Referindo-se à atuação de Castillon na prefeitura de Piracicaba em 1960-62, diz Elias Netto (2000) que ele “transformou o município num canteiro de obras... Atacou, ao mesmo tempo, a cidade e o campo. Em um ano, pavimentou mais de 90 mil metros quadrados de ruas e avenidas. Iniciou as obras do Estádio Municipal, empolgou a cidade com a remodelação completa do Mirante... Criou jardins em quase todos os grupos escolares, estendeu a rede d’água para bairros que não eram atendidos por esse serviço... E, em grande ousadia, rasgou a nova avenida Beira Rio, mudando toda a fisionomia” desse local. Na zona rural, colocou Piracicaba “como cidade pioneira do Brasil em eletrificação e telefonia rurais”. Iniciou a construção da Estação Rodoviária, completada pelo prefeito Alberto Coury (v.) e inaugurada em 1963. Em 1967 Castillon liderou, sem êxito, os empenhos para a criação da Universidade Luiz de Queiroz de Piracicaba, malogrados por causa da oposição ferrenha dos professores da ESALQ e da Faculdade de Farmácia e Odontologia. Corajoso, inteligente, empreendedor e dotado de extraordinária capacidade de trabalho, Salgot Castillon destacou-se como um dos mais notáveis políticos e administradores piracicabanos do século vinte.

**CASTRO, Abílio Francisco Martins de. N.**

S. Paulo, 19.10.1912. F. S. Paulo, SP, 20.4.1962. Médico, cientista. C.c. Estrina Amélia Lobato, cinco filhos. Era f. do dr. Albino Álvaro Martins de Castro e Maria José Gomes de Castro. Após estudar na Escola Modelo da Escola Normal da Praça da República (Instituto de Educação Caetano de Campos) e no Ginásio do Estado, ingressou em 1931 na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tornando-se médico em 1936. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, servindo no Trem Sanitário. Ingressou em 1937 no Departamento de Profilaxia da Lepra como estagiário e tornou-se assistente do dr. Nicolau Rossetti na Escola Paulista de Medicina, na Clínica Dermatológica e Sifiligráfica desta. Em 1937 foi aprovado em concurso para médico do Departamento de Profilaxia da Lepra na cidade, exercendo ao mesmo tempo a medicina em clínica dermatológica à rua Governador Pedro de Toledo, nº 177. No mesmo local instalou, juntamente com o dr. Caio Leitão (v.), um Laboratório de Pesquisas Clínicas. Transferindo-se para a capital paulista, atuou no Serviço do Pênfigo Foliáceo, ao mesmo tempo em que exerceu a clínica privada, inicialmente com seu pai e depois com seu irmão. Teve numerosos trabalhos publicados em revistas especializadas do país e do exterior, a partir de 1937, resultantes das pesquisas que realizou.

**CASTRO, Hélio Penteadado de (Séc. 19-20).** Professor de física e química, vereador. C.c. Maria Conceição Guimarães de Castro. Ff.: Celso, Lúcia, Ivone, Décio, Clara, Maria Flávia, Hélio. Pertencente ao grupo de educadores notáveis de Piracicaba no século 20, tem seu nome ligado a várias instituições de ensino e culturais da cidade. Lente por concurso da Escola Normal Oficial (posteriormente Escola Normal Sud Mennuccci) e inspetor escolar, pertenceu aos quadros docentes da ESALQ (1938) e do Colégio Piracicabano. Por volta de 1926, solicitada a sua colaboração pela profa.

Lilly Stradley, diretora do Colégio, seu trabalho “foi fundamental para que o ginásio fosse autorizado a funcionar no Colégio” (Elias, 2001). Vereador (1948-51), foi vice-presidente da Câmara Municipal de Piracicaba. Uma rua, no bairro Nova América, tem seu nome, junto à av. Prof. Alberto Vollet Sachs, assim como uma escola.

**CASTRO, João Baptista de** (Séc. 19-20). Proprietário do Grande Hotel Central, no Largo da Matriz, nº 5, atual Praça da Catedral, inaugurado a 19.5.1894 (ou a 13.4.1892, segundo outras fontes). Era conhecido como Castrinho e também como Janjão. Anteriormente esteve à frente do Restaurante do Janjão, cujas portas foram abertas a 31.1.1891. O restaurante, de acordo com Camargo (1900), foi o “embrião do atual Hotel Central, um dos melhores do Estado”. Em anúncio divulgado por volta da passagem do século, Castro informava que residia no hotel com sua família, sendo este “um vasto estabelecimento com acomodações para famílias, quartos claros e bem arejados e preços razoáveis”. Foi vereador em 1914-16. Muito estimado na cidade, ao falecer, deixou o hotel confiado à administração da viúva Castro e filhos. Um dos filhos, Docler de Castro, era casado com a profa. Laudelina Cotrim de Castro (v.) e foi dono da Confeitaria “O Ponto”. À porta do Hotel Central ocorreu em 1899 a tragédia do assassinio do pintor José Ferraz de Almeida Júnior (v.). Antes da construção do hotel, o local era ocupado pela casa do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (v.) que foi demolida. Nele funcionou a “Casa da Aposentadoria”, onde o Ouvidor Geral ouvia a população, e no mesmo local ocorreram as primeiras eleições da cidade, em 10.8.1822 (Elias Netto, 2000). Existe uma avenida João Batista de Castro no Jardim São Luiz, que vai da avenida Sr. Eulália, em Vila Rezende, até a rua Martim Petta.

**CASTRO, José Bonifácio de.** N. séc. 19. F.

S. Paulo, SP, 1974. Médico. Passou a exercer o cargo de inspetor sanitário em Piracicaba em 1917, quando a malária grassava epidemicamente na região. Trouxe consigo grande quantidade de medicamentos, que administrava aos enfermos nas zonas atingidas pela epidemia, ao mesmo tempo em que se empenhava em medidas sanitárias e outras providências para debelar o mal, entre as quais a limpeza e retificação do córrego Itapeva. Retornou posteriormente à capital paulista, onde faleceu.

**CASTRO, Laudelina Cotrim de.** Séc. 20. F. 1981. C.c. Docler de Castro, filha do prof. Benedito Cotrim Dias e de Cândida Wolf Cotrim Dias. Professora, animadora cultural, musicista. Formada em 1932 pela antiga Escola Normal Oficial de Piracicaba, posteriormente Escola Normal Sud Mennucci, nela lecionou durante muitos anos e também na Escola Normal Miss Martha Watts do Colégio Piracicabano. A despeito de ser titular, por concurso público, da cadeira que ocupava na Escola Normal Oficial, ingressou em meados do século na USP e licenciou-se em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da universidade, na rua Maria Antônia, na capital paulista, em 1959. Além disso, destacou-se na sociedade piracicabana do século vinte como pianista, acordeonista e cantora, dotada de notável musicalidade, animadora de “shows” artísticos, festividades e espetáculos teatrais e pela sua participação entusiasmada na vida cultural da cidade. Organizou “excursões, espetáculos de arte e até balés idealizados e acompanhados por ela ao ritmo do piano... Tudo era ela que arquitetava, desde a montagem da cena, até o trajar do personagem... Que criatura maravilhosa, vibrante, determinada era ela!” (Pedroso, 1981). Deixou escritos publicados no “Jornal de Piracicaba” e em outros periódicos. Junto ao bosque da Água Branca, perto do ribeirão Piracicamirim, situa-se a avenida Laudelina Cotrim de Castro, em homenagem à



ilustre educadora.

**CATEB, Antônio** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da tradicional loja de tecidos, “Ao Beija-Flor”, à rua do Rosário, nº 128. O estabelecimento ganhou registro no comércio local sob nº 189, a 1.8.1940, com capital de 15:000\$000.

**CAVAGGIONI, Cacilda de Azevedo.** N. 1917, Piracicaba. F. Piracicaba, 30.5.1994. C.c. Sérgio Cavaggioni. F.: Álvaro Sérgio. Professora, assistente social, radialista, atriz. Filha de Álvaro de Azevedo (v.) e Maria Isabel Pinto César de Azevedo. Formou-se pela Escola Normal Oficial de Piracicaba e diplomou-se em 1942 pela Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ocasião em que defendeu a tese intitulada “Meninos das classes populares de Piracicaba”. Em meados do século vinte dirigiu o Parque Infantil Municipal. Posteriormente, foi vice-diretora da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba e professora da mesma instituição. Colaboradora dos jornais e emissoras de rádio locais, pertenceu a várias sociedades culturais e artísticas, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e a Academia Piracicabana de Letras. Entre suas atuações como atriz teatral, destaca-se a interpretação do papel-título da peça “Tiaí Boneca”, de Ernani Fornari, encenada em setembro de 1954 no palco da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro. Foi irmã de Bráulio de Azevedo (v.) e tia do ator Roberto Azevedo (v.).

**CAVALCANTI, Pedro de Moraes.** N.c. 1652. C. 1680, provavelmente em Itu, c. Francisca de Almeida. Teria sido filho do capitão Pedro Moraes Madureira e de Antônia de Moura Cavalcanti, sua segunda esposa (Bogociovas, 2006). Sertanista. Em 15.11.1693 requereu e obteve do capitão-mor Manuel Peixoto da Motta a primeira sesmaria da região de Piracicaba

(Marques, 1980). Informa a fonte citada: “o peticionário alegou que ia povoar com toda a sua família, de uma a outra banda do rio Piracicaba, ficando o salto no meio”, de acordo com o que constava no Livro 11 das sesmarias antigas, do Cartório da Tesouraria de Fazenda de São Paulo, livro que foi totalmente destruído, segundo Guerrini (1970; Léo Guerra, *Jornal de Piracicaba*, 20.11.1977). É levantada por Neme (1943) a hipótese de que Cavalcanti não teria tomado posse da sesmaria nem procedido os melhoramentos que a legislação exigia, de modo que possivelmente as mesmas terras passaram a pertencer a Felipe Cardoso (v.) em 1726. No bairro Matão há uma rua Pedro de Moraes Cavalcanti, entre as av. Itararé e Raposo Tavares (Bogociovas, 2006).

**CAVIOLI, Paulo** (Séc. 19-20) Juntamente com Jayme Blandy, foi um dos construtores piracicabanos do prédio da Igreja Metodista Central, na esquina das ruas Governador Pedro de Toledo com Dom Pedro I, edifício tombado em 2002 pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba. A construção ocorreu de 1922 a 1928 e foi finalizada por Luiz Walder. A inauguração deu-se em 7.9.1928. Instalada inicialmente em casa alugada na esquina das ruas do Rosário e São José desde 11.9.1881, a partir de 1885 a Igreja Metodista passou a contar com a capela Trinity, na esquina das ruas Rangel Pestana e Boa Morte (*Jornal de Piracicaba*, 10.10.2004).

**CECÍLIA DO CORAÇÃO DE MARIA, Madre [Antônia Martins de Macedo].** N. Piracicaba, 7.7.1852. F. Piracicaba, 6.9.1950. Era filha de Pedro Liberato de Macedo (v.) e Rosa de Aguiar e Almeida. C.c. Francisco José Borges Ferreira, f. em 1893. Costureira e viúva com três filhos, João, Antônio e Rosa, morou na esquina das ruas Tiradentes e Moraes Barros e ingressou na Ordem Terceira Franciscana em

1895. Fundou a 2.2.1898 o Lar Escola Coração de Maria, inicialmente Asilo de Órfãs Coração de Maria, na rua Boa Morte, 1955. Juntamente com o padre capuchinho Frei Luiz Maria de São Tiago, fundou também a congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, a 30 de setembro de 1900, contando inicialmente com sete Irmãs Terceiras. A vinda das Irmãs Franciscanas deu-se a 19.3.1917, por iniciativa de Manoel Ferraz de Camargo (v.), eleito presidente do Lar a 12.12.1915. As primeiras que vieram foram as irmãs Clara Maria da Santa Face, Beatriz do Coração de Maria e Lúcia Maria dos Anjos. A irmã Clara Maria foi a primeira superiora da instituição. Órfã de pai e mãe, n. 16.9.1886 em Porto Ferreira, SP, foi trazida de Descalvado, SP, por madre Cecília. Nascida Cesira Garcia, irmã Clara Maria da Santa Face f. em Piracicaba a 20.8.1970 (W. M. Ferreira, *Jornal de Piracicaba*, 22.3.1992). Após 31 anos de atuação à frente do Asilo, Madre Cecília passou a morar em um chalé simples, à rua São Francisco de Assis, nº 813. Em 1992 teve início o processo de canonização de Madre Cecília, encaminhado ao Vaticano em 1997, no qual são relatadas sua vida piedosa e as graças que lhe são atribuídas (*Jornal de Piracicaba*, 23.1.1998; D. Ricci, *Gazeta de Piracicaba*, 1.10.2006). Uma rua do centro tem seu nome.

**CECÍLIO, Elias** (Séc. 20). Cirurgião dentista, industrial. Foi proprietário de olaria na rua do Porto, anteriormente pertencente ao coronel José Barbosa Ferraz (v.), “a única que fazia telhas curvas” no século 19 (Elias Netto, 2000). Tio do jornalista e escritor Cecílio Elias Netto. Faz parte dos homenageados cujos nomes são lembrados na lista “In memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba.

**CELLA, Joseph**. N. 1924. F. Piracicaba, 1.4.2005. C.c. Maria Aparecida Costa Cella. Ff.: Paulo Roberto, Pedro Roberto. Advogado, delegado de polícia seccional de Piracicaba,

atuou durante 17 anos na polícia civil local. Proveniente de Ituverava, SP, veio para Piracicaba em 1967 e passou a chefiar a delegacia central, a única existente na cidade. Em 1984 foi transferido para a capital paulista e aposentou-se em 1986, mas continuou residindo em Piracicaba. Foi membro da maçonaria local, fazendo parte da Loja Maçônica Leandro Guerrini, com sede na avenida Armando Césare Dedini, nº 380, na Nova Piracicaba.

**CENEDESE, Victório** (Séc. 19-20). Lavrador, industrial. C.c. Joana Brino Cenedese. Ff.: Pedro, Rosa Ana, Maria, Elisa, Fioravante, Margarida, Irene, João Antônio, Amábile, João Batista. Os Cenedese tinham lavoura, olaria, cerâmica e porto de areia em Porto João Alfredo. A residência da família situava-se em Vila Rezende, perto da estação férrea Barão de Rezende (Aldrovandi, 1991). O filho Fioravante ganhou o título de sócio benemérito da Associação Atlética Sucrierie, fundada em 1914, futuro Clube Atlético Piracicabano.

**CERA, José**. N. 11.12.1894. F. São Paulo, 5.5.1993. C.c. Irene Rensi Cera. Ff.: Elza, Irene, Maria Leni, Ivette, José Vicente. Comerciante, fazendeiro. Proprietário de armazém de secos e molhados na esquina das ruas Governador Pedro de Toledo (nº 1616) e Riachuelo, onde igualmente residia com a família. No armazém ocorriam freqüentes reuniões de políticos, que discutiam problemas locais e do país e se abasteciam do “melhor fumo de corda” (para cigarros de palha), especialidade de José Cera. Em 1946 encerrou suas atividades como comerciante, após haver adquirido no município a fazenda Jibóia, juntamente com o prefeito Luiz Dias Gonzaga (v.), Dorival Piedade e seu cunhado Nicola Domarco. Nos anos 60 mudou-se para a capital paulista, acompanhando os filhos. Seus familiares lembram-se de que, até pouco antes de falecer, José Cera preparava aos domingos “uma apimentada caçarola de macarronada e levava para saboreá-la,

juntamente com os filhos e os dezessete netos, em almoço familiar, precedido da costumeira caipirinha”. José Vicente Cera, seu filho, cursou o ginásio e o colégio da Escola Normal Sud Mennucci e diplomou-se como engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1954.

**CERA SOBRINHO, Antônio.** N. 1903 e f. 24.11.2000. Médico, farmacêutico, político, vereador. C.c. Hortência Silveira da Motta Cera (d. Binga), ff. Laís, Antônio, Terezinha Elizabeth. Era filho de João Cera e Georgina Vanucci Cera. Atuou inicialmente na cidade como farmacêutico. Formou-se pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1935 e desde então clinicou em Piracicaba, com consultório e residência à rua Rangel Pestana, nº 970. Estimado como médico de família e buscado tanto por gente humilde e deserdada da sorte, como por clientes com mais recursos, recebia a paga pelos seus serviços, muitas vezes, sob a forma de galinhas, porcos e produtos hortigranjeiros, segundo depoimento que prestou a Elias Netto (2000). Clínico geral, cuidava de crianças, fazia partos e pequenas cirurgias. Passou a pertencer ao Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba logo após a sua vinda à cidade, recém-formado em medicina, respondendo pelo Ambulatório desta, no novo prédio recém-construído na avenida Independência. A 26.8.1939 tornou-se piloto de aviação no Aero Clube de Piracicaba, dirigindo o avião “Piracicaba” após apenas oito horas de aprendizagem. “Entusiasta decidido da aviação, piloto dos veteranos da cidade, nunca perdeu o entusiasmo pelo Aero Clube” (*Jornal de Piracicaba*, cit. por Guidotti, 2003). Desde 1942 foi várias vezes eleito como membro da diretoria do Aero Clube nos anos 40 e em 1962 elegeram-no para presidir a entidade. “Foi uma das figuras mais importantes da história do Aero Clube de Piracicaba e da aviação civil da cidade”, segundo Guidotti (op. cit). Foi vereador de 1948 a 1951 e de 1952 a 1955 e um dos líderes locais do Partido de Representação Popular (PRP),

idealizado e fundado por Plínio Salgado. O PRP local reuniu Cera e outros antigos partidários do integralismo (Ação Integralista Brasileira), bem como novos adeptos dessa orientação. Em 1959 candidatou-se à prefeitura municipal, mas apesar de obter votação significativa, foi derrotado por Francisco Salgot Castillon (v.), que se elegeu com o apoio de uma coligação de seis partidos. Fez parte do grupo de acionistas que criaram e mantiveram o jornal “Folha de Piracicaba”, diário político de oposição ao prefeito Salgot Castillon, e foi presidente do E. C. XV de Novembro (1956-57; 1960-61).

**CERQUEIRA, Carlos, Cônego** (Séc. 19-20). Primeiro vigário da paróquia de vila Rezende, fundada em 14.1.1914. Sua atuação nesse posto foi breve, sem completar um mês, pois a 17.2.1914 a paróquia passou a ser conduzida pelo cônego Julião P. V. Figueira, até 1916. Tendo a Imaculada Conceição como padroeira, a paróquia criada pelo bispo de Campinas, D. João Batista Correa Néri, foi solenemente instalada em 19.1.1914.

**CERQUEIRA, João Leite de.** N. Cuiabá, MT, c. 1752. F. 5.8.1826. C.c. Ana Vitória de Oliveira, batizada em 26.5.1771 em N. S. dos Campos de Lages (hoje Lages, SC), filha de Antônio Rodrigues de Oliveira, um dos fundadores da Vila de Lages, e de Isabel Antônia de Oliveira. Viveu em Piracicaba, onde teve fábrica de açúcar. Foi proprietário de casa, na rua São José, e da fazenda Bonsucesso, à beira do rio Piracicaba. Após sua morte, a esposa permaneceu à frente do engenho, como sócia de Antônio Rodrigues de Almeida Jordão, com grande número de escravos (Bogociovias, 2006).

**CERSÓSIMO, Ruggero.** Médico. N. Piracicaba, séc. 19. F. séc. 20. Viveu na Itália desde os cinco anos de idade, formando-se em medicina pela Real Universidade de Pádua. Durante a 1ª Guerra Mundial (1914-18), alistou-se em um batalhão de Engenharia, distinguindo-

se por atos de bravura e conquistando o posto de capitão. De volta ao Brasil, fixou-se inicialmente em Ribeirão Preto, SP, mas em setembro de 1920 passou a residir e clinicar em Piracicaba. Em anúncio publicado nos jornais locais, apresentava-se em 1921 como médico operador e parteiro, formado na Itália e habilitado por exames na Faculdade do Rio de Janeiro, ex-assistente da real clínica de Módena (Itália) e ex-médico operador da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto, SP. Dedicava-se à clínica médica e cirúrgica geral em seu consultório no largo do Jardim, nº 12. Fez parte do grupo de médicos que deveriam atuar no futuro hospital da Cruz Vermelha de Piracicaba (1922), que não chegou a se concretizar.

**CERSÓSSIMO, João Baptista** (Séc. 20). Negociante. Co-proprietário, juntamente com Santos Bueloni (v.), Sylvio Lorandi e Armando N. Cavaliere, da tradicional Casa Centenário, nos anos 30 e 40. Situada no largo de São Benedito, à rua Prudente de Moraes, nº 97, dedicava-se ao comércio varejista e atacadista de gêneros alimentícios, com registro sob nº 57.289 no comércio local, datado de 21.1.1941. A firma denominava-se Santos Bueloni & Cia. Ltda. e tinha um capital registrado de 10:000\$000. Posteriormente, João Baptista esteve à frente da Casa Cersóssimo, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 641, igualmente atuante no comércio de gêneros alimentícios. Esta última foi registrada a 6.2.1947 no comércio local, sob nº 1.397, com capital de dez mil cruzeiros.

**CERSÓSSIMO, Luiz** (Séc. 19-20). Comerciante, dono da Casa de Louças e Ferragens à rua do Comércio, nº 97 (Governador Pedro de Toledo). Por volta da passagem do século, anunciou a liquidação final do seu estabelecimento (Camargo, 1900). O mesmo cidadão foi anteriormente (1896) proprietário do “Armazém de Louças e Ferragens” à rua Santo Antônio, junto ao pátio do Teatro (hoje Praça José Bonifácio). A 28.2.1896 publicou

anúncio na imprensa local no qual informava que, “tendo de retirar-se para a Europa, resolveu vender pelo custo da fatura todos os artigos que compõem o seu negócio” (cit. em Alleoni, 2003), mas deve ter desistido da viagem ou regressado a Piracicaba, pondo-se à frente de outra casa comercial, no final do século. Piracicaba, nessa ocasião, contava com cinco outros estabelecimentos do gênero: de João Baptista de Camargo (v.); de Graner e Irmão, à rua Prudente de Moraes, nº 84; de João Krähenbühl & Irmão, rua do Comércio, nº 12; de Manoel Pedreira (v.) & Cia., rua do Comércio, nº 159; e de Geraldo Lopes dos Santos (v.), à rua Prudente de Moraes, nº 69. Um antigo membro da família Cersóssimo, o ferreiro Francisco Cersóssimo (séc. 19), foi vice-presidente da “Sociedade Filhos da Itália Mútuo Socorro em Piracicaba”, instalada em outubro de 1892, figurando José A. Cersóssimo como um dos fundadores e conselheiros da sociedade recém-criada.

**CERTAIN, Joaquim Augusto** (Séc.20). Com sobrenome a indicar ascendentes franceses, os Certain fazem parte das famílias tradicionais de Piracicaba. Sílvio de Aguiar e Souza (“Antônio Calixto”) em artigo no *Journal de Piracicaba*, por volta de 1940-49, informa que Joaquim Augusto era grande caçador e fabricava pios, para presentear com eles os amigos e companheiros de caçadas. Tinha uma filha professora, que lecionava em Ipojuca (depois Ipeuna). “Era um caçador completo, perfeito... Certain era figura obrigatória nas rodas de caçadores, com um repertório tão grande de casos que, contando-os, atravessaria toda uma noite”. Um membro da família Certain, Oswaldo Certain Ferraz, destacou-se como cantor na Piracicaba de meados do século vinte, em bailes, festas e comemorações. Formou-se como professor em 1949 pela Escola Normal Sud Mennucci.

**CERVELLINI, Admar.** N. Piracicaba, 23.1.1920 (ou 23.6). F. Piracicaba, 15.7.2002.

F: Admar. Era filho de Eugênio e Augusta Cervellini. Professor universitário, pesquisador, engenheiro agrônomo. Formou-se em 1945 pela ESALQ e no ano seguinte foi admitido como assistente desta, na cadeira de Mecânica e Máquinas Agrícolas. Com a ocorrência de vaga do prof. Octávio de Campos Pacheco (v.), transferiu-se para a cadeira de Física e Meteorologia, ocupando sucessivamente os cargos de assistente (1948-51), livre-docente contratado (1951-53) e professor catedrático a partir de 1953. Em 1956-57 foi professor associado do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Em 1959 atuou nos EUA como pesquisador associado da Kearney Foundation, na Universidade da Califórnia, e pesquisador associado do departamento de Geoquímica do Instituto de Tecnologia da Califórnia. Autor de numerosos estudos e relatos de pesquisa, foi membro da Sociedade Brasileira de Meteorologia e um dos pioneiros do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA), criado a 22.9.1966, por ele dirigido. Devem ter sido seus antepassados dois Cervelini cujos nomes aparecem em livros de registros da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba: Ângelo, no Livro Caixa de 1900, e Gaetano Cervelini, no Livro Protocolo de 1906 (Alleoni, 2003).

**CÉSAR, Claudino de Almeida.** N. séc. 19. F. 28.5.1895. Capitão, foi coletor em Piracicaba, nomeado a 30.5.1878.

**CÉSAR, Cyro Marcondes** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo, professor universitário, pesquisador. Filho da professora Branca Marcondes (v.), foi casado com a gaúcha Zilda Quintana, da família do poeta Mário Quintana. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1936 e obteve o título de livre-docente pela mesma instituição de ensino em 1939. Foi durante muito anos (1937-65) professor da 13ª Cadeira, Agricultura Geral, posteriormente

Solos e Agrotecnia, que, de acordo com o Regulamento da ESALQ aprovado em 1964, passou a integrar o Departamento de Solos e Geologia.

**CÉSAR, Edgar Pinto.** N. Piracicaba, 1.1.1901. F. São Paulo, SP, 28.4.1974. Médico psiquiatra. C.c. Nazareth Davidoff Ferreira de Camargo. Ff.: Maria de Lourdes, Edgard. Filho de Ricardo Pinto César (v.) e Francisca Amélia do Amaral César, bisneto de José Pinto de Almeida (v.), que fundou em 1854 a Santa Casa de Misericórdia. Em 1827 formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, especializando-se em doenças do sistema nervoso. Iniciou sua carreira em 1928 no Hospital do Juqueri, mas no mesmo ano (agosto) instalou consultório em Piracicaba à rua 13 de maio, nº 112 com clínica médica para tratamento de moléstias nervosas e mentais. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Piracicaba (1929-34). Em julho de 1929 deixou a cidade para trabalhar como médico interno do Hospital de Alienados do Juqueri (Franco da Rocha), passando a residir em Pirituba. Tornou-se livre-docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, onde trabalhara como assistente do dr. Antônio Carlos Pacheco e Silva. Dirigiu o Hospital do Juqueri e foi diretor do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo. Além de inúmeros estudos, pesquisas e artigos que divulgou em publicações especializadas, no ano do seu falecimento teve um livro editado pela Manole de São Paulo, “Psicopatologia dinâmica”.

**CÉSAR, Heitor Pinto** (Séc. 19-20). C.c. Aurora Teixeira Coimbra, n. 1905 e f. 6.1.2002, filha de Francisco da Costa Coimbra e Sebastiana Teixeira Coimbra. Ff.: Adherbal, Flor de Lis, Maria Aparecida. Engenheiro agrônomo, pesquisador, professor. Formado em 1917 pela ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, pertenceu ao quadro de docentes da escola de 1923 até 1953, quando se aposentou.

Dedicou-se particularmente à olericultura. São de sua autoria vários livros que tiveram aceitação generalizada no país, publicados pelas Edições Melhoramentos nas coleções “Criação a Lavoura” e “Agronômica”: *Arboricultura frutífera*, *Hortas e hortaliças*, *Manual prático do enxertador*. Uma rua na chácara Nazaré recebeu seu nome.

**CÉSAR, João Leite de Cerqueira.** N. Porto Feliz, SP, 28.12.1822 e batizado em Piracicaba em 1.1.1823, na matriz. F. Piracicaba, 16.8.1890. Fazendeiro, político. C.c. Antônia Isabel de Negreiros, na matriz de Rio Claro, SP. A esposa, natural de Piracicaba, foi aqui batizada em 13.7.1826 e aqui faleceu a 3.11.1890. Antônia Isabel era filha do capitão mor Estêvão Cardoso de Negreiros (v.) e de Bárbara Paes de Campos. Ff. (com sobrenome Leite de Negreiros): Joaquim, Estevam, Antônia Eufrosina, José, Ifigênia, Querubina, Lídia, Serafim. Agricultor dos mais hábeis, morou em Rio Claro e durante muitos anos administrou a fazenda Barreiros, em Rio das Pedras. Comprou depois uma fazenda de café em São Pedro de Piracicaba, a fazenda Bela Vista, e passou a viver nela. Contribuiu significativamente para a fundação de São Pedro, SP, onde foi político influente. Idoso, vendeu a fazenda, passando a morar em Piracicaba, onde faleceu. Morou no centro, em belo casarão situado na esquina das ruas Moraes Barros e Alferes José Caetano. João Leite era neto materno do tenente Manoel de Barros Ferraz (v.) e de Gertrudes Antônia Ferraz de Campos (Bogociovias, 2006).

**CÉSAR, Joaquim de Oliveira.** N. São Paulo, SP, 1815. F. Piracicaba, SP, 20.2.1877. Agricultor, escrivão, político. C. (1836) c. Mariana Rosa de Oliveira César. Após a mocidade passada em Sorocaba, SP, foi nomeado coletor em Piracicaba, tendo exercido esse cargo durante alguns anos. Após sofrer revezes decorrentes da revolução dos liberais em 1842, passou a viver num sítio chamado Ondas. Pouco tempo depois, mudou-se para propriedade agrícola

que adquiriu em Faxina, mas em 1853, com o apoio do tenente coronel e então comendador Francisco José da Conceição (v.), futuro Barão de Serra Negra, foi nomeado tabelião e escrivão do cartório de órfãos de Piracicaba, exercendo esse cargo durante muitos anos.

**CÉSAR, Joaquim Rodrigues.** N. Porto Feliz, SP, 6.1.1800. F. Botucatu, SP, 9.10.1892. Lavrador. C.c. Rosa Balbina de Barros, f. de Manuel de Barros Ferraz (v.) e Gertrudes Antônia Ferraz de Campos. O casal teve 14 filhos. Mudou-se bem jovem para Piracicaba, onde se casou em 1818, e fundou em Recreio, onde teve fábrica de açúcar, a fazenda Corumbataí, à margem do rio do mesmo nome, dedicando-se ao cultivo de café. Idoso, mudou-se para Botucatu, onde faleceu. Rodrigues César era filho do tenente João Leite de Cerqueira César (v.) e Ana Vitória de Oliveira Cerqueira César (Bogociovias, 2006). Uma rua tem seu nome, no bairro Campestre.

**CÉSAR, Nestor Pinto de Barros** (Séc. 19-20). C.c. Benedita Rodrigues Pinto César. Pais de Carlos, Carmen, Cássio, Cecília, Celina, Conceição, Cora. Esta última, n.1915, f. em Barretos em julho de 1987 e foi sepultada em Piracicaba.

**CÉSAR, Ricardo Pinto.** N. 8.6.1872. F. Piracicaba, 6.11.1943. Político, contador, professor. C.c. Francisca Amélia do Amaral César. Pais do médico Edgar Pinto César (v.). Foi vereador na década de vinte, em duas legislaturas (1920-22, 1923-25), quando o coronel Fernando Febeliano da Costa (v.) era prefeito de Piracicaba. Fez parte do quadro de professores da Escola Prática de Contabilidade Moraes Barros, sob a direção do prof. contador Acácio Leite do Canto Júnior (v.). Há uma rua denominada Ricardo Pinto César, no Jardim Algodal, que vai da rodovia SP-304 à av. Cristóvão Colombo.

**CESÁRIO, Salvador** (Séc. 19-20). Comer-

ciante. O “Almanak de Piracicaba” de Camargo (1900) menciona três dúzias de botequins existentes em Piracicaba, por volta da passagem do século, dois deles localizados na praça central: o “de Salvador Cesário, largo da Matriz”, e o de Antônio da Costa Pinto, junto ao Teatro (Santo Estêvão). Antunes (1959) evoca o “boteco do Salvador Cesário”, onde os moços “tomavam um copo de guanchuma (cerveja de baixa fermentação)”, na Piracicaba de fins do século 19. A maior concentração de botequins piracicabanos, de acordo com o almanaque de Camargo, ocorria na rua Direita (atual Moraes Barros), doze ao todo, dos seguintes proprietários: Derossa Antônio (nº 52), Done Pacchine, Elydio Lopes (nº 4), Fernando Perez, Francisco Alferes, João Baptista Mathias, Manoel Antônio Rabello, Oraboia Thomaz, Paschoal Didoni, Sabio Antonio, Sebastião Mugerina, Sophia Castro & Cia.

**CHAKUR (CHACCUR), Hassib** (Séc. 20). Lojista. Em “Piracicaba – documentário” (Neme, 1936), há um anúncio, de toda uma página, da Casa São Paulo, dedicada a vendas por atacado e a varejo de fazendas e armário, com “o maior sortimento de sedas da praça”, de propriedade de Hassib Chakur & Irmãos, à rua Governador Pedro de Toledo, nos 177 e 181. O anúncio menciona a matriz da loja na Ladeira Porto Geral, em São Paulo, SP. Em Salum (2003) aparecem várias grafias do sobrenome Chakur, na relação “In Memoriam” dos homenageados pela Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba. Fazem parte dessa relação Amim Chacur, Bassin Chacur, Chucrala Hassib Chacour, Hassib Chacur, Sarham Chacur, todos presumivelmente pertencentes à mesma família. Guidotti (2002), em transcrição do livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, datado de 1943, inclui Hassib Chakur & Irmão como associados registrados no comércio local sob nº 322 a 11.3.1939, com um capital de 20:000\$000, no ramo de fazendas e armários, aparecendo

Bassin Chakur e Hassib Chakur como os sócios proprietários do estabelecimento comercial.

**CHADDAD, Calil**. N. 1919. F. Piracicaba, 23.9.2003. Irmão do arquiteto e vice-prefeito piracicabano João Chaddad, do empresário, comerciante e compositor Jorge Chaddad e da cantora Zilah Chaddad, o mais velho de seis irmãos, três homens e três mulheres. Casado, teve quatro filhos. Foi figura destacada da comunidade espírita local, dotado de faculdades mediúnicas. Residiu em chácara no bairro Campestre, que se converteu em centro de acolhimento dos que buscavam seu socorro e aconselhamento, dedicando-se igualmente a obras de benemerência para pessoas necessitadas. Apontado como “um mestre da caridade”, deixou muitos seguidores e colaboradores. Na década de 70 os irmãos Calil e Jorge Chaddad levaram avante o empreendimento das Chácaras Unidas na estrada de Campestre, que muito contribuiu para o progresso da região. (*Jornal de Piracicaba*, 20.1.1977 e 24.9.2003).

**CHADDAD, Manoel** (Séc. 20). Corretor. Teve escritórios às ruas XV de Novembro e Moraes Barros. Um dos fundadores do Lions Clube de Piracicaba a 2.3.1955. Elias Netto (2000) inclui Manoel Chaddad numa relação dos principais nomes de intérpretes de cururu de Piracicaba, relação que atribui a João Chiarini. Manoel Chaddad figura na lista dos homenageados “In Memoriam” de Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba, na qual também consta o nome de Marched Zaidan Chaddad, possivelmente o mesmo Zaidan Chaddad que encerra a relação dos fundadores da Sociedade, reproduzida em Salum (2003). Na transcrição da ata da 2ª reunião realizada em 27.11.1902 para a fundação da entidade, feita pela mesma fonte, acha-se registrado o nome de Noman Ibrahim Zaidan Chaddad. Salum (op. cit.) faz igualmente referência a Jorge Zaidan Chaddad e a Elias Zaidan Chaddad como mascates e ambulantes em Piracicaba nos anos trinta. Elias faleceu em

Piracicaba a 5.11.1982. Na Nova Piracicaba há uma rua Manoel Chaddad.

**CHAGAS, João (Sut).** Séc. 20, n.c. 1910. Músico, tornou-se conhecido como Sut no mundo artístico. Era menino quando, por volta de 1918, passou a fazer parte da Corporação Musical União Operária, sob a regência do maestro Surian, apresentando-se inicialmente como tocador de tarol. Tornou-se baterista de prestígio internacional, da mesma forma que seu filho, Sutinho. Realizou numerosas turnês e durante dois anos foi músico nos Estados Unidos, disputando com os bateristas norte-americanos o título de melhor baterista de jazz. Regressou ao Brasil e após superar grave enfermidade auditiva, que o impediu de trabalhar por algum tempo, sendo substituído pelo filho, retornou à Orquestra Tupi, que se apresentava na rede Tupi de televisão, nos anos 60. O piracicabano Sut e seu filho Sutinho ganharam aplausos na Europa e em quase toda a América do Sul (*O Cruzeiro*, 10.8.1963).

**CHAGAS, JÚNIOR, Benedicto** (Séc. 20). Maestro, professor. Fez parte da vida artística, cultural e educacional piracicabana no século vinte, notadamente na década de 30. Foi um dos docentes do Instituto Musical Piracicabano, à rua Moraes Barros, nº 96, fundado em 1930 pelas professoras Carminha Chagas de Moraes e Francisca Salles de Arruda (v.). O instituto diplomou sua primeira turma, toda feminina, em 1935.

**CHALITA, Chafic** (Séc. 20). Comerciante. Na relação “In Memoriam” de associados falecidos e homenageados pela Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba, constam os nomes de Chafic, José e Safi Chalita. Salum (2003) refere-se a um estabelecimento comercial, Aviamentos Chalita, junto ao largo Santa Cruz, na rua Moraes Barros, e a Badaoui Chalita, diretor de honra da Sociedade por ocasião do Jubileu de Diamante desta, em 1977.

**CHAMMA, George.** F. Piracicaba, 17.10.1991. Faz parte da lista “In Memoriam” dos associados da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba, que inclui outros sócios falecidos com o mesmo sobrenome: Mathilde, Nagib (f. Piracicaba, 19.3.1992) e Salime Chamma (Salum, 2003).

**CHARLIER, Félix** (Séc. 19-20). N. Suíça. F. séc. 20. Especialista em apicultura. Fez parte do quadro de técnicos atuantes na antiga ESALQ, então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, na primeira década do século 20. Além da sua atuação profissional, era jogador de futebol. Por ocasião da criação (1909) de um clube de futebol na escola pelo diretor desta, assumiu a presidência do clube, denominado Sport Club Luiz de Queiroz, sendo também um dos integrantes do time. O clube ganhou logo depois nova denominação: Sport Club Agrícola. A 17.4.1909 disputou sua primeira partida, frente ao Progresso Barbarense, com os seguintes jogadores: Armando Jordão, Oswaldo Prudente Correia e Grover; Raymundo Correia da Silva, José Carvalho e F. Luiz [Fausto Luz?]; Gastão Faria, Félix Charlier, Joaquim Pinto de Araújo Novais (Pintinho), [Francisco Medina] Ramos e Wesser (?). Félix Charlier é igualmente mencionado como um dos jogadores do time da Escola Agrícola que, em partida disputada a 13.5.1909, comemorando o segundo aniversário da inauguração do edifício principal da Escola, derrotou o Club Atlético Piraçununguense (Ripoli, 1943).

**CHARROPIN, Émile.** N. França, séc. 19. Engenheiro agrônomo. É mencionado em Ferraz (1911) como professor de Botânica da ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz. No livro comemorativo dos 75 anos da escola, é referido como “renomado engenheiro agrônomo francês” e autor de um texto editado em 1910, “Microbiologia do solo”, no qual relatou as recentes descobertas sobre a fixação do nitrogênio por via bacteriana. Uma fotografia do livro de Ferraz mostra-o junto a seus alunos,



no gabinete de botânica. Incumbia-se das aulas e práticas de fitopatologia e entomologia aplicada, ministradas no 2º semestre do 2º ano do curso, em 1911-12, fazendo parte da cadeira de Botânica. Em dezembro de 1912 Charropin deixou a escola para dirigir no estado do Piauí a Estação Experimental para a Cultura da Árvore-da-borracha.

**CHAVES, Zeferino** (Séc. 19-20). Farmacêutico e principal proprietário da Farmácia Central, à rua Direita (atual Moraes Barros), nº 171. No almanaque de Camargo (1900), anunciava os diversos preparados Chaves, de sua fabricação e à venda na farmácia: Colírio Amarelo, Gotas Verdes (à base de cocaína, para dor de dentes), pílulas Anti-febris (para sezões ou maleitas e febres intermitentes), Pílulas Contra a Opilação ou Amarelão e Xarope Peitoral. Chaves comprou a Farmácia Central de Guilherme de Mattos em fevereiro de 1899, transferindo-a para o outro lado da rua, segundo Camargo. Contudo, em anúncio no livro de Capri (1914), Guilherme de Mattos figura novamente como único proprietário da Farmácia Central.

**CHEBIB, Miner Abdala** (Séc. 20). Comerciante. Dedicava-se à venda de tecidos, com loja à rua Governador Pedro de Toledo, nº 163, com capital registrado de 5:000\$000. Tinha registro no comércio local sob nº 319 e foi sócio nº 32 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba.

**CHIARINELLI, Roggero**. N. 1926. F. Piracicaba, 29.10.1997. C.c. Marlene Elias Chiarinelli, ff.: Maria Cristina, Maria Sílvia, Maria Regina, Renato. Empresário e radialista dos mais estimados, destacou-se como locutor esportivo em meados do século. Era filho de Felice Chiarinelli e Maria Pegorari Chiarinelli.

**CHIARINI, João**. N. Piracicaba, 17.11.1919.

F. Piracicaba, 2.12.1988. C.c. Irahedes Oriani. Ff.: Joides Almer, Joira Pedro, João Robinson. Professor, vereador, advogado, escritor, folclorista. Concluiu o curso primário na Escola Modelo em 1932, diplomou-se pelo curso secundário no externato São José e formou-se professor pela Escola Normal Sud Mennucci em 1941. Em 1942 freqüentou aulas na Escola Livre de Sociologia e Política, na capital paulista, e formou-se em direito. Exerceu o magistério, dirigiu a escola primária do bairro do Chicó e teve diversas funções públicas. Além disso, foi sub-agente de seguros, fiscal auxiliar, editor do periódico “Época” (1934) da revista “Garota”, vereador entre 1951 e 1955, proprietário da livreria “O Pilão” (1966) e membro de entidades culturais do país e do exterior. Fez parte da Associação Paulista de Escritores. Atuou como Secretário de Mário Dedini (v), fundou (1972) e presidiu a Academia Piracica-bana de Letras. Em 1945 criou o Centro de Folclore de Piracicaba. Foi jornalista na Assem-bléia Legislativa. Controverso, loquaz, intelectual convicto da extrema esquerda, militou no Partido Comunista Brasileiro e esteve diretamente envolvido nos acontecimentos políticos de seu tempo. Colaborador constante da imprensa local, foi incentivador e participante incansável da vida intelectual, artística e política piracicabana. Deixou um estudo fundamental, “Cururu – Reminiscências africanas no Município de Piracicaba” (1947), premiado pelo Departamento de Cultura do Estado e publicado na “Revista do Arquivo Municipal”, assim como um livro póstumo de poesias, “Argamassa”. Seu acervo de onze mil livros, 1067 periódicos, hemeroteca e correspondência pessoal passou a ser abrigado no Espaço Memória Piracicabana do Centro Cultural Miss Martha Watts de Piracicaba, no Instituto Educacional Piracicabano, desde fins de 2006. Há em Piracicaba uma escola estadual com seu nome.

**CHIAVONE, Leonardo** (Séc. 20). Comerciante. Manteve durante muito anos, na década de 40, um restaurante denominado Bar Seleteo, no centro, à rua São José, nº 801, no andar térreo do Clube Coronel Barbosa. Seu estabelecimento também comercializava grande variedade de produtos alimentícios, “secos e molhados”.

**CHINAGLIA, Nadir Roberto**. N. 1934. F. Piracicaba, 23.3.2006. C.c. Marília Campos Chinaglia. Ff.: David Guilherme, Lígia, Márcia, Luciana. Era filho de Guilherme Chinaglia e Ana César Chinaglia. Jornalista e radialista. Atuou principalmente nas reportagens esportivas como locutor da rádio Educadora de Piracicaba e nos anos 70 e 80 assinou uma popular coluna de entrevistas no *Jornal de Piracicaba*, denominada “Missão impossível”. Trabalhou igualmente em emissoras de rádio de Americana, Rio Claro, Araras, Limeira, Santa Bárbara d'Oeste, Sumaré (onde atuou por mais de 25 anos) e na rádio Alvorada de Piracicaba, apresentando-se também em emissoras de televisão como a TV Cultura de São Paulo e a TV-CNT de Americana. Foi sepultado em Campinas.

**CHIODELLI, Temístocles**. Itália, séc. 19. Professor, jornalista. Conforme registro em Alleoni (2003), manteve em Piracicaba uma escola de italiano em fins do século 19, destinada aos “filhos de seus patrícios” e da qual era inspetor Pedro Paulo Lagrecca (v.). Pouco depois de criada a escola, passou a publicar durante algum tempo uma “seção italiana”, na “Gazeta de Piracicaba”.

**CHIQUITO, Pedro (Pedro Francisco Prudente)**. N. Capivari, SP, 1915. F. Piracicaba, 16.12.1991. C.c. Alzira Romão Prudente. Ff.: Luiz Francisco, Odete, Aureo, Aparecida de Fátima, Edna, Joana D'Arc, Jairo, Antônio

Donizeti, Lucilene, Marta Cristina. Era filho de Pedro Prudente e Germana Paula da Conceição Prudente. Cururueiro. Autor de versos desde os dez anos de idade, aos dezesseis já ganhava aplausos em festas, com seus repentes. Fez parte do grupo dos mais notáveis artistas piracicabanos do cururu, uma das riquezas folclóricas da cidade, sob a forma de “combate poético” disputado ao som da viola, na voz de repentistas inspirados e muito hábeis no manejo das rimas. Além de Chiquito, destacaram-se no gênero e (ou) com ele cantaram: Antônio Vilanova, João David (João da Costa Carvalho), Sebastião Roque Ortiz, Zico Moreira (Benedito Moreira dos Santos), Lazinho Marques, Agostinho Aguiar, Antônio Rodrigues de Lara, João de Pontes, Antônio Venâncio Vieira, Augusto Moreira da Silva, Dito Mineiro (Benedito de Oliveira), Brasília (Brasilino) Ferraz de Arruda, Braz Lino Soares, Deolindo (Arlindo) Marques, Sebastião Soares, Dionísio (Anísio) Arruda, Barbosinha, Parafuso (Antônio Cândido, v.), Nhô Serra (Sebastião Bueno, v.), Manoel Chaddad (v.), Juvenal Miano e outros. O *Jornal de Piracicaba* (17.12.1991) assinala que Chiquito, figura de destaque nos meios folclóricos locais, cantava “o cururu de roda, em frente de altar, nas festas do Divino, São Benedito, Santo Antônio e tantas outras. O repente de Pedro Chiquito, que cantava com uma voz macia os versos bem rimados que fazia na hora, no princípio era baseado na Bíblia, que conhecia muito bem. Posteriormente, aderiu também ao cururu jocoso (pau trocado)... ele demonstrava toda a sua arte de brincar com as pessoas, de transformar um ambiente pesado, triste, num ambiente alegre, descontraído”. Fez espetáculos de cururu em várias cidades da região e do Estado, assim como em Minas Gerais. Nos últimos anos de vida, apresentava-se com o grupo de Moacir Siqueira. A Câmara Municipal de Piracicaba homenageou-o em agosto de 1991. Segundo a fonte citada, “foi homem simples, alegre e comunicativo, como presente recebeu de Deus o dom de fazer

versos... Tem seu nome citado na literatura folclórica”. (Chiarini, 1947; Carradore, 1998; Elias Netto, 2000).

**CHITOLINA, Lourivaldo.** N. Piracicaba, 10.1.1932. F. 1.7.1993. C.c. Claudete Amaral Cardoso Chitolina. Ff.: Cecília, Rita. Radialista e funcionário da Companhia Paulista de Força e Luz, onde se aposentou. Sua atuação no rádio piracicabano começou em 1979, com um programa diário na rádio Educadora, “Nosso Ranchinho”. Há uma rua com seu nome, no Loteamento Santa Rita.

**CHOAIRY, Ide.** N. Zahle, Líbano, 20.4.1924. F. Piracicaba, 25.6.2004. C.c. Laila Ondina Assuf Choairy, quatro ff. Comerciante, administrador. Realizou seus estudos de níveis elementar e médio no Líbano. Em visita aos irmãos, veio ao Brasil em 1947 e decidiu aqui permanecer para sempre, inicialmente em Campo Grande, MS, depois em Presidente Prudente, SP, Rio Claro, SP, e finalmente em Piracicaba. Dedicado à comercialização de veículos, criou as empresas Piracicabana de Veículos e Dinatrac. Durante mais de um quarto de século atuou como revendedor da marca Ford. Foi ainda proprietário da Marché Veículos, da revendedora Peugeot e da Fortrac, empresa especializada em vendas de tratores e implementos agrícolas. Desde 1975 fez parte da provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, sendo vice-provedor desta e provedor eleito em 1984 e reeleito em 1987. Em 1990 elegeram-no mesário e assim também em 1993, na condição de mesário suplente. Durante as suas gestões como provedor, foi construído e inaugurado (30.11.1987) o edifício do Hospital Santa Isabel. A Câmara Municipal, em solenidade realizada a 1º de agosto de 2000, conferiu-lhe o título de Cidadão Piracicabano.

**CHORILLI, Mário.** F. Piracicaba, 5.6.1983. Formou-se professor em 1949 pela Escola Normal Sud Mennucci. Após exercer o

magistério no ensino público, tornou-se delegado do ensino básico de Piracicaba nos anos setenta. Presidiu o Rotary Club de Piracicaba e teve atuação destacada nos movimentos de caráter filantrópico e social da cidade, assim como na área educacional. A Escola Municipal de Ensino Fundamental do Parque Residencial Primeiro de Maio tem seu nome.

**CILLO, Angelina de.** Piracicaba, séc. 20. Obstetra. Após concluir os estudos de nível secundário no Colégio Piracicabano, dirigiu-se à capital paulista para estudar obstetrícia. Tornou-se, assim, a primeira parteira diplomada a exercer sua profissão na cidade. A sobrinha Paulina, em registro evocativo (*Jornal de Piracicaba*, 9.8.1998), alude a sua crença de pequena, de que, “dentro do armário de tia Angelina”, morava a cegonha que “trazia as criancinhas de Piracicaba”, na primeira metade do século 20. Refere-se à sua ancestral Luzia Righi de Cillo e irmãs, que estudaram igualmente no Colégio Piracicabano. Avó de Paulina, quando criança Luzia “sonhava com a fazenda Pinhal, em andar descalça e ver jacarés no rio Piracicaba. O tempo passou, casou-se, mudou de cidade, teve filhas e netos” (Paulina, op. cit.). A fonte aqui citada formou-se pela Universidade Metodista de Piracicaba. Muitas e muitas dezenas de piracicabanos vieram saudáveis ao mundo, graças aos partos realizados com perícia invulgar por Angelina de Cillo, profissional competente, atenciosa, muito humana.

**CILLO, Nicola de.** N. 1921. F. Piracicaba, 24.07.2005. Historiador, jornalista. C.c. Enilda Dini de Cillo. Ff.: Sílvia, Paulo, Adriana. Filho de Antônio de Cillo e Fortunata Cainelli de Cillo, foi constante colaborador da imprensa local, devotando-se em particular a trabalhos ligados à história e a personalidades de Piracicaba. Algumas das suas contribuições nesse sentido são verdadeiramente antológicas. Alleoni (2003) reproduz notícia pormenorizada, extraída da “Gazeta de Piracicaba” (1.2.1900), sobre a

instalação em Vila Rezende de uma cooperativa italiana denominada “Società Italiana Agrícola Cooperativa”, com 270 associados, na qual o pai de Nicola, Antônio de Cillo, foi eleito conselheiro, na primeira diretoria, sendo outro Cillo, Domênico de Cillo, eleito tesoureiro. A notícia ressalta que a fundação da cooperativa deveu-se aos senhores Arthur Maggione, Domênico de Cillo e Antônio de Cillo. O nome de Domênico (Domingos) de Cillo aparece entre os fundadores e membros da primeira diretoria da Sociedade Filhos da Itália Mútuos Socorros de Piracicaba, sendo eleito porta-bandeira-italiana da sociedade nessa ocasião (1892). No livro de atas com registro de estrangeiros moradores de Piracicaba que se recusaram a receber a naturalização brasileira (1904), estão os nomes de Antônio Di Cillo e Domingos Di Cillo.

**CLAES, José** (Séc. 19-20). Um dos donos do “Theatro Cinema”, co-propriedade da empresa Canto & Claes, na segunda década do século 20. Funcionou no Teatro Santo Estêvão, que a partir de 1908 passou a ser o primeiro cinema permanente de Piracicaba. Explorado no início pela Santa Casa, o cinema do Teatro Santo Estêvão teve depois como dono Ribeiro de Magalhães (v.), pertencendo a seguir a Canto & Claes, com a nova denominação de “Theatro Cinema”, por volta de 1910-14 (Pfromm Netto, 2001). Em 1914 a empresa proprietária passou a denominar-se “Claes & Companhia” (Perecin, 1989).

**CLEMENT, Louis.** Século 20. N. Bélgica, f. São Paulo, SP, 1990-95? Engenheiro têxtil, administrador de empresa. C.c. Eloá Clement. Ff.: Achilles, Astrid, Therezinha. Durante muitos anos, foi diretor da Companhia Industrial e Agrícola Boyes em Piracicaba, originada da fábrica de tecidos D. Francisca (mais tarde Arethuzina) que Luiz Vicente de Souza Queiroz (v.) criou em 1877. Nomes de destaque na sociedade piracicabana de meados

do século 20, o casal Clement esteve ligado a numerosas entidades e iniciativas relevantes. Por ocasião da criação da Associação Atlética Vila Boyes, Louis Clement foi eleito presidente de honra. Deve-se a ele a doação de terreno da Companhia Boyes no qual foi construído e instalado o novo mosteiro das Carmelitas Descalças de Piracicaba, cuja pedra fundamental foi lançada e benzida a 15.8.1954. Grande benemérito, destacou-se em numerosas obras de beneficência, como a construção da segunda torre da catedral piracicabana. Foi quinzista devotado e conselheiro do E. C. XV de Novembro em seus áureos tempos (F.Totti, *Jornal de Piracicaba*, 4.10.2000)

**CLEMENTE, Albino.** N. Verona, Itália, 31.7.1886. F. Piracicaba, 17.10.1972. Empresário. C.c. Christina Pierina Vicino. FF: Amâncio (v.), Maria Brazilina (v.), Natal, Norma, Marilene Olga, Wensen, Yolanda, Zulmira. Emigrou para o Brasil em 1892 e estabeleceu-se em Rio Claro, SP, com empresa para a fabricação e reparação de carrocerias de ônibus e caminhões. Mudou-se para Piracicaba, passando a fazer parte do quadro de funcionários das indústrias Dedini, onde se aposentou.

**CLEMENTE, Amâncio.** N. 18.3.1928. F. Piracicaba, 11.8.2005. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Nilze Frota Clemente, ff. Maria Cristina, Maria Denise, Luiz Henrique, Soraya Patrícia, Fabiana Cristina. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Aurora Aparecida Rodrigues, f. Cunhatay. Vereador, industrial, contabilista. Formou-se pela Escola de Comércio Cristóvão Colombo, dedicando-se inicialmente à contabilidade. Foi vereador na legislatura de 1964 a 1967. Após atuar durante muitos anos no comércio local, criou na década de 60 a Fundidora Unida na Vila Progresso e o restaurante Gamela, na rua Alferes José Caetano. Em 1964 assumiu a presidência do Clube de Regatas de Piracicaba, fundado em 1907, liderando a reforma e ampliação das instalações do clube e a sua participação em campeonatos

de bola ao cesto e outras modalidades de esportes.

**CLEMENTE, Edsel.** Séc. 20. F. Piracicaba, 9.3.2004. C.c. Cecília Clemente. Ff.: Maira, Ediran. Filho de Natal Clemente e Guiomar Clemente. Jornalista e funcionário público municipal, na segunda metade do século. O Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Piracicaba e Região teve em Edsel Clemente um dos seus mais devotados e dinâmicos líderes. Faleceu em acidente automobilístico quando, em viagem de serviço, regressava a Piracicaba.

**CLEMENTE, Maria Brazilina.** N. 1919. F. Piracicaba, 16-2-2003. Enfermeira, administradora. Formou-se em enfermagem em Rio Claro e atuou profissionalmente na capital paulista. Em Piracicaba, foi responsável, durante muitos anos, pelo Armazém do SAPS (Serviço de Alimentação e Previdência Social), à rua 15 de Novembro, n.º. 804, mantido pelo governo federal, desde a sua criação em meados do século vinte, até ao encerramento de suas atividades. Atuou depois na agência local do Ministério do Trabalho e Previdência Social por longo tempo, onde se aposentou.

**CLEOPATH, Christiano.** N. 14.7.1859. F. 23-8-1919. Fazendeiro, negociante. Proprietário da fazenda Santa Isabel, “uma das modelares propriedades rurais de Piracicaba” (Elias Netto, 2000), e grande criador de gado. Christiano, Benedito e Felipe Cleopath fazem parte da história do abate e comercialização de carne verde em Piracicaba, desde a segunda metade do século 19 e nas primeiras décadas republicanas. No centro da cidade há uma rua denominada Christiano Cleopath.

**COBRA, Vitório Ângelo (Cobrinha).** Seres-teiro, compositor, funcionário público. N. Tanquinho, SP, 25.8.1908. F. Piracicaba, 3.11.1995. C.c. Rosalina Fisher Cobra. Ff.: Rosalvito, Rovil. Maior nome das serestras

piracicabanas do século vinte, era filho de Antônio e Ana Taddioto Cobra, imigrantes italianos de Treviso. Começou a sua vida artística aos 14 anos de idade, como integrante do conjunto “Choro Cobra”, no qual atuava como instrumentista e cantor, junto a seus irmãos Pedro, que coordenava o grupo, Salvador, João e Antônio. Começou tocando pandeiro, depois cavaquinho e violão. Foi leiteiro, marceneiro e fabricante de gaiolas, antes de ingressar no funcionalismo público. Em 1932, juntamente com Mariano, no estúdio da Colúmbia em São Paulo, foi o primeiro a gravar a canção “Piracicaba”, de Newton de Mello (v.), convertida depois em hino oficial da cidade. Voltou a gravá-la sete vezes, em diferentes gravadoras. Com mais de oitenta anos, continuou a cantar e a apresentar um programa de rádio em emissora local, tal como vinha fazendo desde 1929-30. Na capital paulista, Cobrinha participou da inauguração da rádio Educadora Paulista, primeira emissora de rádio de São Paulo, sendo essa a primeira vez que se viu diante de um microfone. Cantou ao lado de grandes nomes da música popular brasileira, como Francisco Alves, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Gilberto Alves e Vicente Celestino. Gravou mais de uma centena de músicas e quatro dezenas de discos em “long play”. Formou com Mariano e Capitão um trio de intérpretes notáveis de canções, valsas, toadas e música sertaneja, que nos anos quarenta gravou o “long play” “Mágoas de Carreiro”, no qual Cobrinha cantou em todas as faixas, acompanhado pelos companheiros. O disco inclui composições dos piracicabanos Pedro de Mello (“Piracicaba”), Erotides de Campos, Leandro Guerrini (vv) e Benigno Lagreca. Em 1990, o antigo “long play”, convertido em CD pela gravadora “Revivendo”, de Curitiba, foi lançado oficialmente em Piracicaba, no mês de junho. “Mantendo o espírito sempre jovem”, nas palavras de Geraldo Nunes (1988), Cobrinha foi uma “autêntica lição viva de dignidade artística, de sucesso constante, de calor humano, de

eterno amor ao gênero que abraçou... a seresta. No seu imenso repertório, as canções de ontem estão presentes com o que possuem de mais belo e poético, de mais sincero e mais nosso... Cobrinha é a história das canções de nossa terra”. Em depoimento prestado à jornalista Celina Pereira em 2005, o irmão caçula, Oswaldo Cobra, lembrou que Cobrinha, muito conhecido pela simplicidade e espontaneidade, “tocava muito bem o violão e não cobrava pelas apresentações. Viajou bastante a convite de várias cidades do Rio de Janeiro e do interior de São Paulo e somente em troca das despesas com a viagem. Ele morreu pobre e cantava por puro amor”. Em julho de 1993 a prefeitura e a câmara municipais instituíram oficialmente uma semana com seu nome: “Semana Vitério Ângelo Cobra”, realizada desde então, na qual seresteiros piracicabanos relembram as músicas do seu repertório. O pai e um filho de Cobrinha dão nome a ruas da cidade: rua Antônio Cobra, no Jardim Petrópolis, e rua Rosalvito Cobra, na Vila Cristina.

**CODIN, Romano, Padre.** N. Itália, 1938. F. Madri, Espanha, 23.7.2007. Padre da Ordem dos Xaverianos, foi vigário da Igreja do Imaculado Coração de Maria, no bairro Paulicéia. Foi sepultado em seu país natal.

**COELHO, Antônio Pinto** (Séc.19-20). Comerciante. Na passagem do século, era de sua propriedade a “loja de arreios e oficina de seleiro e correiro” à rua do Comércio, nº124 (atualmente Governador Pedro de Toledo). Oferecia aos clientes arreios nacionais e estrangeiros, que compunham um “completo sortimento de arreios para montaria”, fazendo alé fazendo alia”ento de arreios cionais e estrangeiros, que continhamum “licidade e espontaneidade, “lando Silva, Gilberto Alves,m disso reformas e “toda e qualquer espécie de arreios” (Camargo, 1900). Há uma rua Antônio Pinto Coelho no Jardim São Francisco, junto à Avenida das Ondas e nas proximidades do

rio Piracicaba.

**COELHO, Ary** (Séc. 20). Negociante. Tinha armazém de secos e molhados à rua Benjamin Constant, nº 45, com capital registrado de 8:500\$000 e registro na Associação do Comércio Varejista de Piracicaba sob. nº 696, datado de 3.7.1940.

**COELHO, Francisco Antônio.** N. Piracicaba, 16.7.1930. F. Piracicaba. Advogado, deputado estadual, vereador. C.c. Marli Furini Coelho. Ff.: Fernando, Francisco, Maria, Raquel. Formou-se no Colégio Piracicabano e dirigiu neste o grêmio Josias Flores, diplomando-se depois em direito. Político ativo e respeitado na segunda metade do século vinte, foi vereador na câmara municipal (1960-63, 1964-67, 1970-72) e seu presidente em duas gestões. Dividiu com João Pacheco e Chaves (v.) a liderança do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em Piracicaba, nos anos 60, e atuou como chefe de gabinete de Pacheco e Chaves. Em 1970 foi eleito para deputado estadual. A avenida 2 do loteamento Bosque da Água Branca recebeu seu nome.

**COELHO, Joaquim Moreira.** Coronel. N. Santos, SP, 22.10.1854. F. Piracicaba, 26.6.1920. Jornalista, escritor, foi proprietário de dois jornais piracicabanos: *O Piracicabano*, inicialmente semanário e bi-semanal a partir de 1882, que circulou de 1876 a 1885, e *Lavrador Paulista*, cujo primeiro número foi publicado em janeiro de 1888 e era impresso em tipografia que funcionava na rua Direita (Morais Barros), nº 126. Na opinião de Antônio Gomes de Escobar, jornalista da mesma época, *O Piracicabano* era um jornal de “intrigas e adulações”. Em 14.4.1893 Coelho foi nomeado oficial de registro de hipotecas. Por volta da passagem do século, seu escritório de registro de hipotecas funcionava à rua Boa Morte, nº 79 (Camargo, 1900).

**COELHO, José Antônio Gomes.** N. 1926. F. Piracicaba, 21.5.2006. C.c. Maria de Lourdes

Brieda Coelho. Ff.: José Virgílio, Isabel Cristina, Adriana Maria. Formado em direito, foi delegado de polícia em Piracicaba, na segunda metade do século 20. Era filho de José Gomes Coelho e Isabel Vieira Coelho.

**COELHO, José de Souza Gomes (Nhonhô Coelho).** N. 1880. F. Piracicaba, 17.4.1952. Banqueiro e cidadão benemérito, um dos principais nomes ligados à criação e manutenção de instituições de assistência social em Piracicaba. Amigo do Monsenhor Rosa (v.), liderou em 1933, a pedido deste, o movimento de que resultou a construção e inauguração da capela no local em que viveu o preto Aleixo (v.), na rua do Rosário, desativada em fins dos anos 40. Atendendo igualmente a pedido do Monsenhor Rosa, Nhonhô Coelho formou a comissão da construção de capela e creche no bairro Paulicéia, capela que originou a Igreja Matriz da Imaculada Conceição de Maria. Na década de 1940-49, Frei Evaristo de Santa Úrsula, superior dos Frades Franciscanos de Piracicaba, buscou o apoio de Nhonhô Coelho para a construção do Lar Franciscano de Menores (ou Abrigo de Menores Desamparados), sendo assim possível levar avante a edificação, graças ao empenho desse cidadão altruísta, à frente de um grupo de colaboradores, entre os quais o empreiteiro Paulo Elias Pecorari. Ainda nos anos 40, Nhonhô Coelho liderou a construção do Centro Operário Nossa Senhora Aparecida (posteriormente Capela de Nossa Senhora Aparecida). Foi provedor do Asilo de Velhice e Mendicidade, posteriormente Lar dos Velhinhos, durante longo período, de 1935 a 1949. Segundo depoimento de Milton Rontani, a manutenção do asilo tornou-se difícil, naqueles anos de crise econômica e guerra mundial. “Nhonhô Coelho, já idoso, não media sacrifícios em prol dos necessitados”, lembra Rontani. “Com sua camionete usada, com muitos quilômetros rodados, enfrentava galhardamente não só as intempéries... e as árduas estradas municipais de terra batida, em busca de alimentos aos

velhinhos sob sua guarda. Soube, com afincio, desempenhar a sua missão”. Há uma rua na Vila Rezende (São Luís), denominada José de Sousa Gomes Coelho, paralela às avenidas São João Teodoro e Dr. Morato.

**COELHO, José Narciso** (Séc. 18-19). Seu nome é mencionado na ata da segunda reunião da câmara de Vila Nova da Constituição, a 12.8.1822, juntamente com o de João Álvares, como os primeiros cidadãos a ocupar o cargo de juizes almotacéis da futura Piracicaba. Os almotacéis encarregavam-se de zelar pela boa aplicação das posturas (leis) locais. Coelho envolveu-se em outubro do mesmo ano em sarilho à frente da residência do Senador Vergueiro, por ocasião dos festejos pela aclamação de D. Pedro I. Foi levado preso para Itu e de Itu para São Paulo, juntamente com outros dois implicados nas desordens (Guerrini, 1970).

**COFANI, Pedro (Pietro)** (Séc. 20). Os Cofani, família estimada e empreendedora que se destacou no comércio piracicabano da primeira metade do século 20, mantiveram estabelecimento comercial na região central da cidade. Pedro Cofani e sobrinho foram proprietários da Alfaiataria Cofani, à rua Prudente de Moraes, n<sup>os</sup> 61 e 63, que anunciava seu “comple-to sortimento de fazendas inglesas” e “serviço garantido”. O anúncio, estampado no almanaque de Piracicaba de Capri (1914), reproduzia o diploma obtido por Cofani na capital paulista, na “Scuola di Taglio Fratelli Carnicelli”, a 10.7.1890. Pedro Cofani, em 1912 e novamente em meados do século 20, foi presidente da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba. Há uma rua Pietro Cofani na Vila Pacaembu, junto à ave-nida 31 de Março. Krähenbühl (1955) reproduz uma fotografia que mostra “Rinaldo Cofani, Carcagnoli etc.” como integrantes de um conjunto de baile de Piracicaba, formado de dez músicos, datada provavelmente dos anos 20-30.

**COIMBRA, Antônio Carlos.** Séc. 20. F. Piracicaba, 29.12.1999. Artista piracicabano que ganhou renome como intérprete magnífico de serestas no rádio, em clubes, teatros e ao ar livre. Gravou vários discos. Tornou-se conhecido como “O Mago do Violão”.

**COIMBRA, Lamartine Teixeira** N. 1902. F. Campinas, SP, 15.5.1995. C. em 1926 c. Adalgisa Lapa Coimbra. Ff.: Plauto, Lair. Professor. Formado em 1919 pela Escola Normal (então Complementar) de Piracicaba, ingressou no magistério em Pirangi, então distrito de Jaboticabal, SP, no ano seguinte. Lecionou em Bebedouro, Itapeva e Franca. Foi supervisor de ensino em São José do Rio Preto, Franca e Ribeirão Preto, e diretor das escolas normais de Piraçununga e de Piracicaba, posteriormente Instituto de Educação Sud Mennucci, que dirigiu de 1940 a 1951. Após aposentar-se em 1955, mudou-se para Campinas, SP, onde faleceu. Pai do advogado e professor Plauto Lapa Coimbra, formado em sociologia pela Universidade de São Paulo, c.c. Ângela Pousa de Coimbra, n. Piracicaba, 1933, e f. Piracicaba, 2.1.1993, e avô do médico Marcos Plauto de Coimbra e de Mauro Luís Coimbra, piracica-banos. Marcos Plauto n. a 27.3.1956 e f. a 14.8.1991 e Mauro Luís n. 1957 e f. Piracicaba, 23.8.1991. O filho e os netos dão nomes a ruas: rua Plauto Lapa Coimbra no Loteamento Santa Rosa, a rua Marcos Plauto Coimbra no residencial Paineiras e a rua Mauro Luís de Coimbra no Loteamento Santa Rosa. Lamartine (preocupava-se) “não em punir, mas sim, corrigir os faltosos... Jamais transigiu com a desonestidade, a injustiça, a deslealdade ou a preguiça... sempre apaixonado (pela música erudita)... sua curiosidade insaciável fazia-o beber avidamente qualquer informação nova que lhe chegasse... anotava-as como adendo na enciclopédia ou nos livros específicos de sua biblioteca particular. Comportamento típico de alguém cuja alma foi sempre a da um professor” (L. G. Massei, *Jornal dos Professores*, setembro 1996).

**COLAMARINO, Sebastião (Bastiano).** N. Itália, séc. 19. Comerciante, estabelecido com açougue na cidade. Fez parte da primeira diretoria da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, eleito a 6.3.1898, ocupando o cargo de Porta-bandeira italiana. Seu nome aparece em contratos e abaixo-assinados de abatedores de gado e marchantes estabelecidos com açougues na cidade, datados de 1903. A documentação aqui referida menciona outros abatedores e comerciantes de carne, no início do século 20: Antônio Caprânico, José Carmaria, Joaquim Antônio Correa, Vicente de Próspero, João Antônio de Godoy, Zílio Isidoro, José di Lello, Nicolau Massone, José de Moraes, Luis Antônio de Oliveira, José Bento Pousa, Diogo Stallaghi, Rosário Vizioli (Perecin, 1989). Em 1907 a lista de negociantes de carnes verdes de Piracicaba era acrescida de outros nomes: Flaminio Beretta, Ângelo Berti, Matheo Camigniomi, José Carnevale, Giuseppe Caselato, Amadeo Elias, Roque de Lello, João Baptista Ortolan, Cesário Renna, Domingos Simonetti, Miguel Vizioli, Paulo Vizioli. No ano de 1873, segundo o “Almanak” de Luné e Fonseca, o antigo município de Constituição contava com três cidadãos que exploravam o negocio de “talhos de carne”: Benedito Cleopath, Augusto Mendes Correa e André Sachs. No almanaque publicado por Camargo em 1900, são mencionados trinta e quatro proprietários de açougues, onze localizados na rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), muitos dos quais não aparecem nas listas reproduzidas por Perecin. São os seguintes: Tibúrcio de Almeida, Joaquina de Azevedo, Serafim de Oliveira Bueno & Cia., Sebastião Colamarino, Joaquim Antônio Correa, Rocco Despechio, Raphael Delnero, José Dibello & Cia., Domingos Ferrari, Mauricio Francisco, Joaquim de Godoy, João Hebling, José Hippólito, Francisco Lázaro & Camargo, Alberto Lordello, Alfredo Lordello, Antonio da Costa Lordello, Vicente Marcolino, Joaquim Félix de Miranda, Germano Napo, Luís



Antônio de Oliveira, Luis Opezatto, Euclides Penteadó, Bento Pousa, Vicente Próspero & Cia., Paschoal Rosanégria [Rosamíglia?], João Pinto da Silva, Vicente Pinto da Silva, José Simonetti & Cia., Cassiano, Antônio de Souza, Ângelo Tolaine, Pedro Verza, Rosário Viccioli [Vizioli?], Isidoro Zito.

**COLETTO, João (Giovanni).** N. Itália, séc. 19. Empreiteiro. C.c. Itália Sesso. Ff.: Amália, Ana, Itália, Ítalo, João Filho, Julieta, Magali, Mario, Olga e Paula. Trabalhava em construções em sua terra natal, vindo ao Brasil em 1913, onde se casou. Morou sempre na Vila Rezende, onde era muito conhecido e estimado. Segundo Aldrovandi (1991), a Vila Rezende muito lhe deve, por ter sido pessoa “que mudou as casas e prédios nas suas estruturas e nas fachadas, embelezando-as”. Baluarte do Clube Atlético Piracicabano, foi seu defensor no futebol e iniciou a construção da sede social do clube, na Avenida Barão de Serra Negra. Empenhou-se igualmente em favor da Banda União Operária, fazendo tudo pela banda e socorrendo-a sempre. Foi seu presidente, nas décadas de 30 e 50, cargo ocupado por João Coletto Filho a partir de 1992 (v. Petta, Antônio).

**COLL, Carlos** (Séc. 19-20). Proprietário, na passagem do século, da “Olaria Hespânica”, à rua do Porto, em sociedade com João Iglésias. Este último mantinha uma marcenaria na esquina da rua Treze de Maio com o Largo Municipal (atual Praça Tibiriçá), onde recebia encomendas para a olaria. Um anúncio da firma, estampado por Camargo (1900), diz que fabricavam “telhas número um, iguais às marsehesas” em tamanho, bem como “tijolos refratários para uso industrial, tijolos de molduras e ladrilhos para pavimento” e garantiam “toda a seriedade em negócio”. O almanaque de 1900 refere-se a 23 olarias existentes em Piracicaba naquele ano, dos seguintes proprietários: Maria Duarte Barbosa, Natalio Bizzo, Joaquim Ferraz de Campos, Antonio Morato de Carvalho, Fausto

Chiavusso, Coll & Iglésias, Felipe Diehl, Maria Isabel Duarte, Antonio Gaspar Fessel, Germano Francelli, Pedro Frevelin, Manoel Pinto Girão, Salvador Gobbete, Marcelino Franco de Lima, Luigi Malosso, Luiz Nasella, Paulo Olivetto, Jeronymo Ometto, Joaquim Lucas Ribeiro, Ignácio Ferreira de Campos Salles, Bibiano da Costa Silveira, Acácio Stipp, Antônio Rodrigues Vianna. Uma relação mais antiga de olarias piracicabanos, datada de 1873 e publicada no “Almanak” de Luné e Fonseca, referia-se a apenas cinco olarias, de propriedade de Francisco Adolpho Appolino, Martinho Fischer, Conrado Hebling, Joaquim da Cunha Raposo e Ignácio Ferreira de Campos Salles.

**COLUCINI, Lélío** (Séc. 20). Escultor, industrial. Proprietário da firma Lélío Colucini & Cia., de Campinas, SP. Projetou e fez os monumentos dos Heróis de 1932, em homenagem aos combatentes voluntários constitucionistas que morreram por ocasião da Revolução de 1932, inaugurado a 7 de setembro de 1938 na Praça Sete de Setembro. O projeto de Colucini foi aprovado por uma comissão formada por Sebastião Nogueira de Lima, seu presidente, Fortunato Losso Netto, Aldrovando Fleury, Elias de Melo Ayres e Leandro Guerrini, devendo a obra escultórica ostentar os imortais versos do poeta Francisco Lagreca (v.), um dos doze concorrentes que se apresentaram no concurso de escolhas de dizeres destinados a figurar no monumento. Construído graças a subscrição popular e instalado na praça central por determinação de lei municipal, o monumento foi arrancado, em 1981, do seu local de origem pelo então prefeito João Hermann Netto, assim como outros três monumentos (Luiz de Queiroz, Sud Mennucci e Mário Dedini). A 18 de dezembro de 1988, em grande festa cívica e histórica, o monumento criado por Colucini retornou à praça central da cidade, em cumprimento a determinação do Supremo Tribunal Federal. Nos empenhos que culminaram com o retorno do monumento

ao centro da cidade, destacou-se Luiz José de Mesquita, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que, “apoiado por muitos outros heróis anônimos, não descansou enquanto não conseguiu uma resposta definitiva do Poder Judiciário mais graduado do país” (Pedroso, 1988). O monumento, que pesa 45 mil quilos, tem 4m de frente por 4m70 de fundos e 7m85 de altura.

**CONCEIÇÃO, Aurora** (Séc. 20). Médica. Teve consultório em Piracicaba à rua Quinze de Novembro e residiu no Hotel Central, desde junho de 1929. Era médica formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e tinha sido anteriormente médica em Ribeirão Preto, SP, na enfermaria de crianças da Santa Casa e no Instituto de Proteção e Assistência à Infância daquela cidade. Tratava de moléstias de senhoras e crianças, perturbações digestivas, inapetência, tuberculose e sífilis. Deve ter deixado a cidade após algum tempo de permanência, porque em janeiro de 1931 um jornal noticiou o seu retorno, voltando a morar no Hotel Central, com consultório à rua Quinze de Novembro, nº 124 (Cambiaghi, 1984).

**CONCEIÇÃO, Francisco José da, Barão da Serra Negra.** N. Constituição (Piracicaba), 1822. F. Rio das Pedras, SP, 2.10.1900. C.c. Gertrudes Euphrosina da Rocha (1831-1888), f. do capitalista capitão Manoel da Rocha Garcia e Ana Jacinta do Amaral Rocha. Ff.: João Baptista (v.), Francisco Júlio, Antônio Augusto, Manoel Ernesto (v.), Júlio (v.), José Flávio, Anna Cândida (v., Baronesa de Rezende), Francisca da Conceição, Angelina da Conceição (esposa de Torquato da Silva Leitão, v.) e Maria da Conceição (esposa de Francisco Antônio de Almeida Morato, v.). Quando moço, estabeleceu-se na cidade com loja de fazendas, armarinhos, ferragens e outros artigos. Teve armazém na rua do Porto. Dono de enormes propriedades agrícolas cafezeiras e canavieiras em território paulista, comprou em

1863 a fazenda Bom Jardim, junto à estrada vicinal de Rio das Pedras, SP, construída no passado por seu avô materno Manoel Morato do Canto e depois vendida. Empreendedor e benquista, prosperou nos negócios, dedicou-se à agricultura do café e do algodão e destacou-se na vida política, no Partido Conservador. Sua atuação política valeu-lhe a obtenção do título de Barão da Serra Negra, que recebeu das mãos do Imperador D. Pedro II. O Conde d’Eu e esposa foram por ele hospedados, nas duas visitas que fizeram a Piracicaba. O lisbonense Antônio José da Conceição e Rita Maria Morato de Carvalho, seus pais, pertenciam a um antigo tronco iniciado por Domingos Luiz, “O Carvoeiro”, em Marinhota, Portugal. Bernarda, filha de Domingos Luiz, foi esposa de Amador Bueno da Ribeira, capitão-mor da capitania de São Vicente. Os filhos de Francisco José da Conceição casaram-se com pessoas de destaque na sociedade piracicabana. Anna Cândida foi esposa do dr. Estêvão Ribeiro de Rezende (v.), Barão de Rezende; João Baptista casou-se com Maria de Nazareth, filha do Conselheiro Costa Pinto e de d. Maria Nazareth de Souza Queiroz, da família de Luiz de Queiroz. D. Maria Nazareth era irmã do Conselheiro Antônio Prado, presidente (governador) de São Paulo. A chácara Nazareth foi propriedade dos Conceição. Dono de significativa fortuna, fundou o Banco de Piracicaba e prestou numerosos benefícios a cidade. Foi um dos responsáveis pela consolidação da Santa Casa local, tendo doado a esta 800 ações de sua empresa. Construiu o Hospício dos Alienados (Hospício São Francisco, posteriormente Hospício Barão da Serra Negra), que funcionou de 1897 a 1935, dotando-o de mensalidade para custeá-lo e doando-o à Santa Casa. Foi homem de “sentimentos nobres, gênio franco e expansivo, temperamento enérgico... verdadeira glória de Piracicaba” (Capri, 1914). Sepultado por ocasião de sua morte em capela da Fazenda Bom Jardim, seus despojos foram transferidos

em 1914 para o Cemitério da Saudade. Em 1965 foi inaugurado o Estádio Barão de Serra Negra, sede do Esporte Clube XV de Novembro. Além disso, há uma avenida Barão de Serra Negra na Vila Rezende (Nova Piracicaba). (M. Rocha, *Jornal de Piracicaba*, 24.6.2007) e uma escola Barão de Serra Negra.

**CONCEIÇÃO, João Baptista da Rocha.** N. Piracicaba, 1848. F. São Paulo, SP, 24.8.1921. Médico, político e proprietário. C.c. Maria de Nazareth da Costa Conceição, filha do conselheiro Antônio da Costa Pinto e Silva, grande proprietário de terras em Piracicaba, e Maria Isabel de Souza Alvim. Ff.: Edgar, Jane (c.c. Jorge Pacheco e Chaves, v.). Foi dono da fazenda (chácara) Nazareth, posteriormente loteada e convertida em núcleo urbano. Eleito vereador em 1882, ocupou a presidência da Câmara de 1884 a 1886. Entre numerosas obras a que seu nome está ligado, figuram a aprovação do projeto de abastecimento de água encanada à população (1885) e a construção de pontes sobre o Itapeva na parte alta da cidade, assim como a doação de terrenos para a construção de matadouro e da estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Além disso, foi um dos fundadores da Loja Maçônica de Piracicaba (1875), do Engenho Central e da Cia. de Navegação Fluvial do Rio Piracicaba. Na área médica, foi proprietário da Casa de Saúde Santa Rita e respectiva Farmácia, situadas na rua da Esperança (atual rua D. Pedro II), que fechou em 1884, em benefício da Santa Casa de Misericórdia. Esta o elegeu por unanimidade para ocupar o cargo de provedor, de 1883 a 1887. Pós fim à situação crítica da Santa Casa, cuja irmandade permaneceu inativa ao longo de muitos anos, inaugurando o hospital desta a 29.7.1883 (Cambiaghi, 1984; Moratori, 2004). Em 24.2.1890 deixou Piracicaba, passando a residir na capital do Estado, onde exerceu a medicina e faleceu. Foram seus netos: Jorge Pacheco e Chaves Filho, advogado em São Paulo; João Pacheco e Chaves, deputado federal

(vv.); e Maria Pacheco e Chaves Lanari do Val, c.c. Cássio Lanari do Val. Uma avenida, situada na Paulista, e uma escola estadual de 1º grau receberam seu nome. A avenida é denominada Dr. João Conceição.

**CONCEIÇÃO, José Francisco Rodrigues.** N. Portugal, séc. 19. F. Piracicaba, 13.3.1930. Comerciante. C.c. Maria A. S. Conceição. Proprietário da Charutaria Conceição, à rua Direita nº 94 (hoje Moraes Barros), em antigo sobrado, no local em que se ergueu posteriormente o Edifício Georgetta Dias Brasil. Tinha prática de pilotagem e antes de ingressar no comércio pilotou um dos vapores fluviais de Piracicaba. Dotado de talento poético, expunha na vitrina sua poesias, renovando semanalmente o estoque de versos (Guerrini, 1982). A charutaria, após seu falecimento, passou a ser administrada pela esposa, como se verifica em anúncio publicado por Neme em 1936, no seu “Piracicaba-Documentário”.

**CONCEIÇÃO, Júlio.** N. Piracicaba, 12.3.1864. F. Santos, 10.9.1938. Naturalista, historiador, biógrafo, vereador. Mudou-se para Santos, SP, onde transcorreu a maior parte de sua vida, tendo sido vereador e presidente da Câmara Municipal santista. Prosperou no comércio do café, destacou-se nos movimentos filantrópicos de Santos e ganhou projeção como defensor e estudioso da flora e da fauna brasileira. Colaborou na *Revista do Museu Paulista* e fez várias publicações de cunho ambientalista, assim como estudos e biografias.

**CONCEIÇÃO, Manoel Ernesto da, Conde da Serra Negra.** N. Piracicaba, 25.10.1850. F. São Paulo, 14.3.1923. C.c. Maria de Souza Rezende, filha do Pedro Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Valença, e Justina Emerich de Souza Rezende, que era neta de Estevão Ribeiro de Rezende, Marquês de Valença. Lavrador, comerciante, quinto filho do Barão da Serra Negra, Francisco José da Conceição (v.).

Um dos maiores lavradores de café do Estado, empenhou-se na propagação do café e de outros produtos brasileiros na Europa, tendo mantido em Paris “O Café de São Paulo” para divulgar o produto, com diversas filiais. A eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-18) pôs fim à iniciativa, na qual Manoel Ernesto consumiu grande parte da sua fortuna. Há na Vila Rezende uma avenida Dr. Manoel Conceição, próxima ao Rio Piracicaba.

**CONCEIÇÃO, Maria Martins da.** N. 1868? 1875? F. Piracicaba, 16.3.1994. “A mais velha piracicabana, provavelmente a mulher mais velha do Brasil, morreu antontem de velhice”, noticiou o *Jornal de Piracicaba* a 18.3.1994. Negra, nascida escrava, seus documentos indicavam que teria 119 anos ao falecer. Sabe-se, contudo, que Maria foi registrada quando tinha mais de seis anos, o que sinalizaria 126 anos de vida. De acordo com o jornal, “Maria morreu sem dar um gemido, sem reclamar, sem dar trabalho a ninguém”.

**CONSALES, Guido e José Antônio.** Comerciantes. Anunciavam em jornais de 1967 a loja de sua propriedade, sob o título “Da Itália para Piracicaba”. A “Comércio de Máquinas e Móveis para Escritório Consales” situava-se na rua Santo Antônio, nº 480.

**CONSENTINO, Amadeu & Irmão** (Séc. 20). Comerciantes que atuaram no ramo de venda e conserto de relógios. Mantinham relojoaria à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), nº 88. Em 1941 Amadeu Consentino anunciava em jornal local que estava “à disposição dos interessados na relojoaria Gatti”. Um ancestral dos Consentino, Biájio Antônio Consentino, fez parte do quadro inicial de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba e foi designado na segunda reunião desta, em 1898, para, juntamente com outros cinco sócios, redigirem o estatuto da mesma. Vários membros da família

Consentino dão nome a ruas piracicabanas: rua Humberto Consentino, no Jardim Nova América; Maria de Lurdes Silveira Consentino, em Vila Prudente; Mário Consentino, na Chácara Nazareth 2. Além de Consentino, o ramo de consertos e vendas de relógios contou com numerosos outros profissionais em Piracicaba desde o século 19, com predomínio de italianos e seus descendentes. A mais antiga lista de relojoeiros (Camargo, 1900) menciona os Consentino, mais os seguintes: Domingos Barros, no Largo Municipal (atual Praça Tibiricã); Nicolau Castronovo, rua do Comércio nº 99; Amleto Borgo Cavatti, rua Alferes José Caetano; Lázaro Franco de Godoy, rua do Comércio nº 52; João Guidi, rua Prudente de Moraes; Júlio Miller, rua Prudente de Moraes; Camilo Piguard, rua do Comércio; Otto Ruhuk, rua do Comércio; Donato Tullio, rua do Comércio, 110; e Adolpho Woltzenlogel, rua Direita (atual Moraes Barros). A outra antiga relojoaria de Piracicaba, a relojoaria Provenzano, liga-se provavelmente o nome de Salvatore Provenzano, sócio da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba desde a fundação desta, tendo participado em 1898 da primeira assembléia geral. Na primeira metade do século vinte, há notícia do funcionamento da relojoaria Gatti, à r. Governador Pedro de Toledo, nº 106, de Gatti e irmão; da relojoaria Caruso, de João Caruso, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 136; da relojoaria Consolmagno, à rua Governador Pedro de Toledo nº 126; da relojoaria de Francisco Puzzi, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 122; da relojoaria Loprete, de Caetano Loprete, à rua Moraes Barros, esquina da rua Governador Pedro de Toledo; e da Casa Gallina, de Pedro Gallina, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 925. O Guia de Camargo e Navarro (1958) refere-se a uma dúzia de relojoarias: Acácio, à rua Boa Morte, nº 1164; Amaral, rua Moraes Barros, nº 1223; Cathedral, rua Boa Morte nº 1113; Franco, rua São José, nº 969; Gatti, rua Governador Pedro de Toledo, esquina da rua Moraes Barros; Jóia,

## CONCEIÇÃO, Maria Martins da

rua Governador Pedro de Toledo, nº 1124; Alberto Muller Schirmer, rua Prudente de Moraes, nº 612; Novaes, rua do Rosário, nº 435; Onishi, rua Governador Pedro de Toledo, nº 1126; Rubi, rua Governador Pedro de Toledo, nº 1024; Suíça, Praça Antônio Prado, 2198, estação da Paulista; e São João, rua do Rosário nº 676. Outras relojarias são mencionadas em Righetto (1966): Mori, rua 15 de Novembro, nº 847; Plats, rua Governador Pedro de Toledo, nº 887; Scarpari, av. Rui Barbosa, nº 536; Tedesco, rua São José, nº 582; e Oficina Especializada Scheide, rua Rangel Pestana, nº 986. (V. Cosentino, Umberto Silveira.)

**CONSOLMAGNO, Olympio.** N. 1898. F. Piracicaba, 1966. Comerciante. C.c. Cristina Caravita Consolmagno, n. 1900 e f. 1994. Filhos: João Batista, Dilney, Delnini, Legardeth. Estabeleceu-se inicialmente com uma relojoaria em Rio das Pedras, SP, em 1917. Mudou-se para Piracicaba em 1933, instalando a relojoaria e Ourivesaria Olympio Consolmagno à rua do Comércio, nº 126 (atual Governador Pedro de Toledo), no local ocupado depois pela Loja Céu Cor de Rosa, dedicando-se à fabricação e comércio de jóias e à venda e conserto de relógios. Após alguns anos, passou igualmente a atuar no ramo de ótica. Ao completar 65 anos de idade em 1963, transferiu a loja aos filhos João, Dilney e Delnini. O último deixou a sociedade três anos depois e os irmãos decidiram restringir o negócio ao ramo de ótica. João Consolmagno faleceu em 1976. Outro filho, Legardeth Consolmagno, formou-se em medicina em 1952 e passou a clinicar em Piracicaba como médico oftalmologista, tendo presidido a Regional local da Associação Paulista de Medicina. Em 1966, Olympio Consolmagno e Humberto Provenzano (v. Consentino) receberam significativa homenagem no Clube de Campo, como os mais antigos comerciantes vivos de Piracicaba (Guidotti, 2002). Pertencem igualmente ao

passado piracicabano José Consolmagno, c.c. Anna Libardi, ff. Anna Maria (n. 1924 e f. Piracicaba a 9.5.2006) e Edison Consolmagno, engenheiro agrônomo pela ESALQ (1946) c.c. Terezinha Freitas Consolmagno.

**COOPER, Clyde Lloyd.** N. Missouri, EUA, 1901. F. Georgetown, Texas, EUA, 22.4.1993. C.c. Pauline Cooper. FF: Bonnie, Júlia, Peggy. Professor, reverendo metodista, esportista. Veio ao Brasil com a esposa e filhas, em fins de 1929, para trabalhar no Colégio Piracicabano, como professor de inglês e história natural. A família residiu num bangalô no alto da rua Boa Morte, pegado e acima da casa de Carlos Paolieri, quase em frente do Asilo de Órfãos. Moraram também em casa à rua D. Pedro II, entre as ruas Alferes José Caetano e do Rosário, que anteriormente foi de Lilly Alice Stradley (v.). Esportista entusiasta, introduziu a prática de bola ao cesto na cidade, dando também aulas de recreação esportiva no colégio. Participou da fundação da Liga Piracicabana de Basquete, tendo sido em 1933 seu primeiro vice-presidente. O jornal “O Piracicabano” contou com Mr. Cooper como gerente e Josaphat de Araújo Lopes como redator chefe, nos anos trinta. Dirigiu o Colégio Piracicabano de 1932 a 1935, com dedicação e competência exemplares. Os alunos viam nele o “líder e um amigo verdadeiro”, segundo um relatório da época, sendo “elogiado pelo seu alto senso de justiça e seu humor” (Elias, 2001). Após deixar a direção do Piracicabano, Cooper transferiu-se para o Colégio Americano de Lins, SP. Posteriormente, passou a dirigir em Birigui, SP, o Instituto Noroeste e após alguns anos o Instituto Grambery de Pires de Rio, GO. Em 1969 retornou aos Estados Unidos, falecendo em seu país natal aos 92 anos de idade. (N. K. Costa, *Jornal de Piracicaba*, 27.5.1993).

**CORAZZA, Calixto** (Séc. 20). Músico, professor. Ganhou renome como um dos mais aplaudidos violoncelistas brasileiros, desde os

anos 30-40. Foi professor do Conservatório Musical de Santos, SP, na década de 30, e lecionou na Escola de Música de Piracicaba. Como celista, fez parte do primeiro Quarteto de Cordas Municipal da Cidade de São Paulo. Juntamente com os violinistas Gino Affonsi e Alexandre (André) Schafmann e o violista alemão Johannes Oelsner, a convite de Mário de Andrade e do prefeito Prestes Maia, constituíram desde 2.3.1944 o Quarteto Municipal, que se apresentou com êxito no país e no exterior durante longos anos – a mais duradoura formação do Quarteto de Cordas da capital paulista. Bueno e Barata (2000) assinalam que o sobrenome Corazza estaria ligado a uma família de origem italiana, estabelecida em São Paulo no século dezenove, e associado ao negociante Pietro Corazza (n. 1843), que viveu na capital paulista em 1888. É possível que tanto Calixto como os diversos outros Corazza piracicabanos descendam da família a que se referem os autores citados.

**CORAZZA, Dino** (Séc. 20). C.c. Alice Monteiro Corazza. Empresário, dirigente esportivo. Presidente da Liga Piracicabana de Futebol, eleito por ocasião da criação desta, em 1940. No “Guia” de Camargo e Navarro (1958), é mencionada a oficina Corazza, à rua Benjamim Constant, nº. 1035, com serviços de cromeação, niquelação, oxidação etc. No Jardim Planalto há uma rua com seu nome, perto da avenida Raposo Tavares. Seu filho Ildo Francisco Corazza n. 1921 e f. Piracicaba a 18.5.2001. Era c.c. Nilza Bello Lara Corazza, n. 1924 e f. Piracicaba, 17.1.2007. Ff.: Ildo Júnior, Dino Neto, Maria Alice, Maria Ângela, Plínio Roberto, Antônio Roberto, Ismael Reinaldo, Carlos Eduardo.

**CORAZZA JÚNIOR, Antônio, Comendador.** N. Piracicaba, 1935. F. São Paulo, SP 10.7.2007. C.c. Maria Helena Vieira Aguiar Corazza, empresária e escritora. Ff.: Alexandre, Mônica, Marcos, Thiago. Filho de Antônio

Corazza e Mabilia Delfini Corazza. Empresário e pecuarista, recebeu os títulos de comendador e grande oficial. Teve fábrica de móveis no bairro de Santa Teresinha (1962-2000) e loja de móveis e decorações na avenida Armando de Salles Oliveira, passando a dedicar-se às atividades agropecuárias desde 2000. Exerceu papel decisivo na expansão e no aperfeiçoamento da indústria moveleira na cidade. Faleceu na capital paulista e foi sepultado em Piracicaba, no Cemitério da Saudade.

**COROA, Francisco Candeias** (Séc. 20). Proprietário da Casa Portuguesa, à rua Governador Pedro de Toledo nº 818. A família Candeias Coroa, muito estimada em Piracicaba, foi soterrada na casa em que residia, junto ao edifício Comurba (edifício Luiz de Queiroz) quando este desabou, a 6.11.1964, matando 54 pessoas.

**CORREA, Aldrovando Fleury Pires** (Séc. 20). Advogado, político, vereador e prefeito municipal. Figura de destaque na sociedade piracicabana a partir dos anos 30 e notadamente em meados do século, foi um dos participantes do movimento que resultou na criação da Secção local da Ordem dos Advogados do Brasil em 1933. Participou igualmente da fundação do Rotary Club de Piracicaba em 1941. Vereador em várias legislaturas (1936-37, 1948-51, 1952-55), presidia a Câmara Municipal quando, em virtude do afastamento do prefeito Luiz Dias Gonzaga (v.), assumiu a Prefeitura, permanecendo neste posto ao longo de todo o ano de 1951. Pertenceu inicialmente à União Democrática Nacional (UDN), mas ingressou no partido de Adhemar de Barros, o Partido Social Progressista (PSP). Dentre as contribuições principais da sua atuação como prefeito, destaca-se o primeiro asfaltamento da av. Independência, no trecho que vai da rua Benjamin Constant à Santa Casa de Misericórdia. Como advogado, respondeu durante muitos anos pela área jurídica das

empresas de Mário Dedini (v.). Uma avenida relembra seu nome, no Jardim Petrópolis, nas proximidades da avenida Dois Córregos.

**CORREA, Augusto Dias** (Séc. 20). C.c. Maria Alexandrina de Moraes Correa. Pertence ao tronco da família Dias Correa em Piracicaba. Pai de Ayrton Moraes Dias Corrêa, n. 1928 e f. Piracicaba, 26.7.2001, c.c. Maria Aparecida Di Giacomio Dias Corrêa. São filhos destes últimos o médico Ayrton Filho, Beatriz, Débora e Eloísa.

**CORREA, Demóstenes dos Santos.** N. 1913. F. Piracicaba, 1980. Professor, historiador, jornalista. De origem nordestina, foi durante muitos anos professor de química da Escola Normal Sud Mennucci, destacando-se como incentivador do estudo e da pesquisa em ciências exatas junto aos jovens piracicabanos. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1942. Colaborador assíduo da imprensa local, manteve uma coluna muito apreciada, “De gente, fatos e coisas”, no *Jornal de Piracicaba*, sobre a cidade de outros tempos, personagens, curiosidades e fatos pitorescos do passado. Há uma avenida com seu nome, no Jardim Conceição (Ribeirão do Enxofre).

**CORREA, João José.** N. Tietê, SP, 1910. F. Piracicaba, 4.9.2008. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Myrthes Dias Correa. Ff.: João José Júnior, Cely, Myrthes, João Alfredo Neto. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Josephina de Toledo Correa. Viveu em Piracicaba desde 1919, atuando de 1936 em diante como clínico geral e em ginecologia. Foi médico de maternidade ao longo de quarenta anos. Manteve consultório à rua XV de Novembro, nº 832. Co-fundador da Regional da Associação Paulista de Medicina em 1950, fez parte da comissão incumbida em 1954 dos trabalhos destinados à criação da sede própria da entidade e no mesmo ano foi eleito seu 1º tesoureiro. No biênio 1959-60 elegeram-no para a Comissão de Contas e no de 1963-64 para vice-presidente. Fez parte da

junta administrativa que assumiu a direção da Regional em fins de 1972 e no ano seguinte participou novamente da diretoria da sociedade, como membro da comissão de contas, sendo reconduzido ao cargo em 1974-75. Em 1976-77 foi eleito vice-presidente da Associação e em 1978-79 fez parte da Comissão da Defesa de Classe da mesma. Em 1977 recebeu da associação o diploma de Honra ao Mérito pelos relevantes serviços que prestou na área médica em Piracicaba. Voltou a participar da diretoria da Associação em 1980-81, na condição de membro de Comissão de Defesa de Classe. Além de manter suas atividades profissionais como médico em seu consultório, Correa atuou desde os anos trinta na Santa Casa de Misericórdia local. Desde 1935 foi responsável pelo consultório de cirurgia da Santa Casa e a partir de 1937 também responsável pelo ambulatório desta. Elegeram-no diretor clínico em 1963 e mesário da Santa Casa em 1972 e 1975. Assumiu em 1978 o cargo de conselheiro médico da Mesa Administrativa, continuando no cargo nos anos 80. Em 1984 o corpo clínico da Santa Casa concedeu-lhe o título de Médico Honorário. Por ocasião dos festejos dos 150 anos da Irmandade, deram-lhe expressiva medalha, na condição do mais antigo médico vivo da equipe de profissionais da Santa Casa, como reconhecimento público por toda uma longa e competente atuação em favor dos doentes (Ronaldo Victória, *A Província*, 23-29.7.1989).

**CORREA, Manoel da Silveira** (Séc. 19-20). Agricultor, advogado, vereador, inspetor municipal de ensino. Foi vereador em 1902-4, 1908-10 e 1911-13, tendo presidido a Câmara Municipal local. Dedicou-se à cafeicultura em sua propriedade agrícola.

**CORREIA, Antônio José.** Alferes. Em fevereiro de 1808, tempo em que a freguesia de Piracicaba se achava sujeita a Porto Feliz, o capitão-comandante local indicou Antônio

José Correia para ocupar o posto de alferes da Companhia em Piracicaba, cargo que, de acordo com documentação da época, se achava vago há mais de cinco anos porque o capitão-comandante local, Francisco Franco da Rocha (v.), velho e doente, não contava com ninguém para substituí-lo (Guerrini, 1970).

**CORRENTE, José** (Séc. 20). Agricultor. C.c. Amélia Grande Corrente. Ff.: João, Augusto, Pedro, Santo, Euclides, Guido, Maria, Rosa, Emília, Esmeralda. Filho de Pedro e Emília Sacheto Corrente. José (Bepe) residiu em Vila Rezende, na avenida Salaz (atualmente Mário Dedini), na esquina da avenida Santo Estevão. Foi proprietário de fazenda, na qual seus filhos trabalharam inicialmente (Aldrovandi, 1991). Em 1899 Pedro Corrente, pai de José, figurava na relação dos donos de imóveis na Vila Rezende (Alleoni, 2003).

**CORRER, Jacó (Giácomo?)** (Séc. 19-20). C.c. Rosa Pomper Mayer. Mencionado por Rangel (2003) como um dos fundadores do bairro Santa Olímpia que, juntamente com o de Santana, agregou a maior comunidade de pessoas provenientes da região italiana de Trento e seus descendentes, desde as últimas décadas do século 19. As famílias Vitti, Stênico e Pertí desembarcaram no Rio de Janeiro em 1877 e os Correr, Forti, Degaspari, Brunelli e Cristofolletti, vieram no ano seguinte, com destino inicial à fazenda Sete Quedas, nas proximidades de Campinas. Santa Olímpia e Santana são tidas como o “Tirol brasileiro”. No registro de moradores estrangeiros de Piracicaba em 1904 que não aceitavam a naturalização, constam os nomes de vários Correr: Giácomo, Luigi, Izidoro e Victório (Alleoni, 2003). Um dos Correr dá nome a uma rua na Vila Industrial: rua Ângelo Correr. Este último foi c.c. Virgínia Vitorello e pai de Augusto Correr, n. 1925 e f. Piracicaba, 26.4.2007, que teve como esposa Maria Josefa Degaspari Correr. Augusto e sua mulher tiveram onze filhos.

**CORS, Constante (Constantino)** (Séc. 19-20). Aparece na relação de Alleoni (2002) de italianos que viviam e trabalhavam em Piracicaba nos anos 90, no século 19, com a indicação de que era provavelmente professor de música e responsável por um coro, junto à Sociedade Italiana de Mútuco Socorro.

**CORSO, Serafino**. N. Varazze [Gênova?], Itália, séc. 19. F. séc. 20. Arquiteto. Foi o responsável pelo projeto do prédio do Grupo Escolar Moraes Barros, inaugurado em 1904 na atual Praça Tibiriçá. Juntamente com o empreiteiro Carlos Zanotta (v.), que acompanhou a construção do edifício, Corso responsabilizou-se igualmente pelo projeto e pela execução das obras do portal do Cemitério da Saudade, no início do século 20, também construído pelo empresário Zanotta em 1906 e inaugurado a 2.11 do mesmo ano. Naquela ocasião, o portal foi elogiado como “um dos mais belos do mundo” (Eliás Netto, 2003). O portal foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba e sua restauração obteve aprovação do Conselho em 2006. Da chácara Santa Cruz, de sua propriedade, na capital do Estado, saiu a área central do bairro paulistano da Lapa. Corso está sepultado em túmulo do Cemitério da Saudade, com um bloco de mármore contendo inscrição em italiano. Uma travessa próxima das avenidas Independência e Saldanha Marinho tem seu nome.

**COSENTINO, Umberto Silveira**. N. Piracicaba, 1946. F. Rio de Janeiro, RJ, 20.6.1990. Filho de Ruy Braz Cosentino e Maria de Lurdes Silveira Cosentino. Irmão de Maíra Isabel, Maria Cecília, Marcos, José, Abílio, Cacilda Maria. Médico cardiologista, crítico e historiador de artes plásticas desde os anos 70. Atuante como cardiologista no Rio de Janeiro, mantinha largo círculo de amigos em Piracicaba, notadamente no meio artístico e cultural. De 1985 a 1989 publicou no *Jornal de Piracicaba* uma página dominical com artigos verdadeiramente



antológicos sobre os grandes mestres da pintura local. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da “Association Internationale des Critiques d’Art”, coordenou o projeto Afrânio de Mello Franco, do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, órgão responsável pelas aquisições e aceitação de doações para o museu. Deixou vários estudos e trabalhos analíticos sobre a arte em geral. Participante de equipes de cardiologistas na França, atuou como assistente da equipe do famoso cirurgião Christian N. Bernard (1922-2001) na África do Sul. São de sua autoria vários catálogos de exposições de artistas piracicabanos nos anos setenta e oitenta. Vários Cosentino fazem parte do passado de Piracicaba, com atuação no comércio e em empresas locais, entre os quais Amadeu Cosentino Sobrinho, f. 25.8.2006. O nome de Biagio (ou Bragio) Antônio Cosentino encontra-se nas atas de 1898 da recém-criada Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba (Alleoni, 2003). Pertence à família Cosentino de Piracicaba Paulo Cosentino, n. 1911 e f. Cuiabá, MG, 28.9.1991, c.c. Elza Cosentino, ff. Edgard, Wilma, Paulo. Foi sepultado no Cemitério da Saudade. (V. Cosentino, Amadeu & Irmão.)

**COSSINI, Baptista.** N. Itália, séc. 19. Comerciante. Um anúncio publicado na “Gazeta de Piracicaba”, datado de 29.9.1892 (Alleoni, 2003), refere-se à “Grande Vidraçaria Piracicabana de Cossini Baptista & Filho”, à rua da Glória, nº 18 (atual Benjamin Constant), na esquina da rua Prudente de Moraes. Anunciavam um “completo sortimento de estampas religiosas e profanas, molduras para quadros de todas as qualidades, vidros e espelhos de todas as qualidades e tamanhos. Mapas de todas as nações. Oleados para mesa. Livros italianos. Colocam-se vidros em vidraças, caixilhos, lampiões etc”. No Almanaque de Piracicaba de Camargo (1900) são mencionadas duas casas que, na passagem do século, trabalhavam na cidade nesse ramo: a

de Alexandre Mattou, à rua da Boa Morte, nº 35, e a de José Salvador, igualmente à rua da Boa Morte, no nº 49. No século 20, nos anos 50 e 60, os guias de Camargo e Navarro (1958) e Righetto (1966) referiam-se às vidraçarias Bom Jesus, rua Moraes Barros, nº 1948; Santa Terezinha, rua Benjamin Constant, nº 2109; São Francisco, av. Armando de Salles Oliveira, nº 2018; e São Paulo, de Augusto Pfromm, rua Boa Morte, nº 1584. Atuaram igualmente nesse ramo, em meados do século vinte, José Targon, à rua Prudente de Moraes, nº 116, com registro no comércio local datado de 1941 (Guidotti, 2002) e a Casa São Miguel, da família Morini, também na rua Prudente de Moraes, perto da rua Alferes José Caetano.

**COSTA, Benedicto Evangelista.** N. Piracicaba, 24.6.1921. F. Piracicaba, 23.2.1988. C.c. Jandira Ferreira de Camargo Costa. Ff.: César, Paulo, Rosa. Professor, artista plástico, engenheiro agrônomo. Estudou na Escola Normal Sud Mennucci e formou-se em agronomia pela ESALQ em 1947. Quando adolescente, foi discípulo de Frei Paulo Maria de Sorocaba (v.), no Seminário Seráfico São Fidélis, que o iniciou nas artes plásticas. Exerceu o magistério como professor de desenho e matemática em várias cidades paulistas: Nova Granada, Viradouro, Laranjal Paulista, Santa Bárbara d’Oeste, São Pedro e por fim em Piracicaba, assumindo a cadeira de desenho do Instituto de Educação Sud Mennucci (1962-1982). Lecionou igualmente no Colégio Piracicabano e na Escola de Comércio Cristóvão Colombo. Em Laranjal Paulista, foi vereador e criou e dirigiu a Escola de Comércio local, posteriormente convertida em ginásio municipal. Entre 20.11.1968 e 10.2.1976 dirigiu o Instituto de Educação Sud Mennucci. Aposentado em 1982, passou a dedicar-se integralmente à pintura e à música. Participou dos Salões de Belas Artes de Piracicaba desde o primeiro deles, em 1953. O Salão premiou-o pelas suas obras em 1982 (Menção Honrosa),

1984 (Medalha de Bronze) e 1985 (Medalha de Prata). Ganhou igualmente uma Medalha de Bronze do Salão de Belas Artes de Campinas e fez parte de várias comissões responsáveis pelo salão piracicabano, ao longo dos anos. Colaborou na imprensa local, publicando notáveis artigos sobre educação no *Jornal de Piracicaba* (1980). A Escola Estadual Sud Mennucci atribuiu-lhe o prêmio de “Professor de Ano” em 1981. Modesto, cordial, muito humano e mestre dos mais competentes, soube impor-se na docência e nas artes em Piracicaba pela inteligência, sensibilidade e cultura de que era altamente dotado. Há uma rua com seu nome no Jardim Pacaembu, junto à avenida Luciano Guidotti.

**COSTA, Cláudio** (Séc. 19-20). Farmacêutico. Seu nome consta no almanaque de Capri (1914), como “conhecidíssimo profissional”, responsável pela direção técnica da Farmácia Popular, fundada em 1883 e situada à rua Prudente de Moraes, nº 98, na esquina da rua Alferes José Caetano (posteriormente a “farmácia do Dinho”, em meados do século). A mesma fonte apresenta anúncio de outras sete farmácias piracicabananas existentes por volta da segunda década do século vinte: Farmácia Neves, de Neves & Irmão, à rua do Comércio, nº 84 (atual Governador Pedro de Toledo), fundada por Francisco Leocádio de Castro Neves (v.) e uma das mais antigas da cidade; Farmácia Dantas, sob a direção técnica de Josino Dantas, à rua Moraes Barros, nº 122 C, que informava ter à venda as tradicionais “bichas hamburguesas”; Farmácia Diniz, de A. Diniz & Cia., sob a direção do sócio gerente que dava nome ao estabelecimento, “recentemente organizado e montado a capricho” no Largo do Teatro nº 5 (atual Praça José Bonifácio); Farmácia São José, do farmacêutico Carlos Nehring (v.) e Companhia, fundada em 1875; Farmácia Normal, de Miguel Luiz de Souza, drogaria e perfumaria à rua São José nº 59 e 61, junto ao largo do Jardim; Farmácia São João,

propriedade e direção de Domingos Lopes, na Vila Rezende, com estoque de “bichas, ventosas, perfumarias e aparelhos de cirurgia”; e Farmácia Central, de Guilherme de Mattos (v.), à rua Direita nº 171 (atual rua Moraes Barros). Esta última teve Zeferino Chaves (v.) & Cia. como proprietários, na passagem do século, de acordo com Camargo (1900). Nessa ocasião, Zeferino Chaves estava à frente da Farmácia Central e Antônio Cypriano do Amaral (v.) era o proprietário da Farmácia Popular. Por volta de 1870-73 atuavam em Piracicaba, então município de Constituição, os farmacêuticos Theóphilo de Arruda Mendes (v.), Augusto César de Oliveira (v.) e Francisco Lourenço Tourinho de Pinho (Luné e Fonseca, 1873).

**COSTA, Elóy Febeliano da** (Séc. 19-20). C.c. Maria Amália da Costa, que faleceu a 10.11.1892. É citado no “Almanak de Piracicaba” (Camargo, 1990) e o “Jornal de Piracicaba” de 4.8.1901 destaca-o como um dos seus colaboradores. O álbum “Piracicaba” (Capri, 1914) dedica-lhe uma página, sublinhando que seu conteúdo “é em grande parte devido à pena brilhante do colega tão valoroso”, dotado de “uma consciência simples e pura e de um caráter franco e generoso”. Vários Febeliano da Costa fazem parte da história piracicabana: Fernando Febeliano da Costa (v.), Querubim Febeliano da Costa (v.), Serafim Febeliano da Costa (v.).

**COSTA, Faustino Delduque da** (Séc. 19). Professor. O *Almanaque da Província de São Paulo* para 1873 registra-o como um dos quatro professores públicos de instrução primária do município de Constituição, responsável pela Primeira Cadeira (masculina). Os demais, nessa ocasião, eram os professores João Nepomuceno de Souza (v.), Cândida da Silva Costa e Antônia Germana dos Santos, figurando ainda na lista, como “professor aposentado”, José Romão Leite Prestes (v.).

**COSTA, Fernando de Souza.** N. São Paulo, 1.6.1886 (10.6.1886?). F. Louveira, SP, 21.1.1946. Político, engenheiro agrônomo, industrial, jornalista. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1907 e viveu boa parte da sua mocidade em Piracicaba, tendo sido redator do jornal “Gazeta de Piracicaba”. Passou a viver em Piraçununga depois de formado, onde manteve uma fazenda modelo e foi prefeito durante quinze anos, desde 1912. Foi deputado estadual por diversas vezes, a partir de 1918, e secretário de agricultura do Estado em 1927, quando criou o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal. Presidiu o Departamento Nacional do Café (1937). A despeito de ter participado da Revolução Constitucionalista em 1932, Getúlio Vargas o escolheu para ministro da agricultura (1937) e interventor federal no Estado de São Paulo (4.6.1941-27.10.1945). Quando esteve à frente do ministério da agricultura, apoiou em 1939 a pesquisa de petróleo no poço Lobato (BA) e adotou importantes medidas em favor do cultivo do trigo no país. Criou o Serviço de Triticultura, a primeira estação enológica do país, dedicada ao estudo da viticultura, o Instituto de Experimentação Agrícola, o Instituto Agronômico do Norte e uma Estação Experimental de Caça e Pesca. Quando foi governador do Estado, tomou várias medidas importantes em favor da agricultura e promulgou a Constituição Estadual de 1945. Faleceu em trágico acidente automobilístico em janeiro de 1946, na estrada de Louveira e Rocinha, SP. Deixou vários livros publicados: *Idealismo construtor*, 1930; *Política do café*, 1937; *Novas terras e terras cansadas*, 1943; *No Governo de São Paulo*, 1944. Uma rua na Paulista tem seu nome.

**COSTA, Fernando Febeliano da, coronel.** N. Sorocaba, SP, 16.10.1862. F. Piracicaba, 8.5.1940. Político de grande prestígio nas primeiras décadas do século 20, esteve à frente da prefeitura de Piracicaba, primeiramente como intendente (1905-1907), e duas vezes

como prefeito, de 1908 a 1913 e de 1917 a 1925, tendo sido eleito para a Câmara Municipal de 1905 a 1913 e de 1917 a 1925 (Vitti, 1966). Natural de Sorocaba, tinha oito dias de idade quando passou a viver em Piracicaba. Dinâmico e empreendedor, aos 43 anos de idade entregou-se de corpo e alma à administração municipal. Foi “homem brilhante..., arrojado em sua determinação de urbanizar a cidade, levando melhoramentos a praças e jardins” (Elias Netto, 2000). Adquiriu em 1905 o terreno para a instalação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade. Em 1913 fez parte da comissão de três vereadores que aprovou o projeto de Octávio Teixeira Mendes (v.) para a construção do matadouro municipal. Em 1922 inaugurou a avenida Independência, sendo responsável pelo seu traçado, e dez anos depois levou avante a construção do novo Mirante, junto ao rio Piracicaba. Idealizou o Jardim Tibiriçá, à frente do Grupo Escolar Moraes Barros, o Jardim do Colégio Assunção (Dom Bosco), a Estação da Paulista, o portal do Cemitério da Saudade e outras obras (*Jornal de Piracicaba*, 10.8.2006). Na página dedicada a ele no álbum “Piracicaba”, Capri (1914) sublinha que, “graças ao seu esclarecido espírito e ao seu amor à causa pública, a administração municipal de Piracicaba constituiu-se modelo para todas as outras do Brasil. Piracicaba deu o exemplo, talvez único no Brasil, de uma administração que consegue executar melhoramentos, dia a dia, e apresentar saldo em seu orçamento”. Seu nome, acrescenta a fonte citada, “está intimamente ligado à prosperidade e à grandeza atual de Piracicaba”. Enfermo, foi em busca de cuidados médicos na capital paulista, onde faleceu aos 78 anos de idade. Há uma rua com seu nome, no bairro dos Alemães e Vila Independência. Quatro anos após seu falecimento, em 1944, foi criada a Escola Técnica Estadual Coronel Fernando Febeliano da Costa (Escola Industrial), em funcionamento a partir de 5.5.1951. A escola passou a denominar-se Ginásio Industrial em 1953.

Incorporada pelo Centro Estadual Tecnológico Paula Souza, converteu-se posteriormente em Escola Técnica Estadual.

**COSTA, Francisco Mariano da.** N. Tietê, SP, 13.10.1885. F. São Paulo, 12.11.1951. Professor. C.c. Mariana Silveira Coelho da Costa. Ff.: Cordélia, Cora, Cosette, Graciela, Herbert. Coursou a Escola Complementar de Piracicaba (futura Sud Mennucci), diplomando-se como professor em 1906. No ano seguinte, ingressou no magistério público paulista. Lecionou inicialmente em Mineiros do Tietê, juntamente com a esposa, com quem se casou em 1908. Foi depois diretor de grupo escolar em Itu e a seguir em São Simão. Nomeado inspetor regional e delegado regional de ensino, trabalhou na região de Santos, Botucatu e Taubaté. Transferido para Piracicaba, aqui se fixou, lecionando português, didática e por fim matemática na Escola Normal Sud Mennucci. Lecionou, ao mesmo tempo, no Colégio São José, nos anos 30. Fundou a instituição de ensino denominada Ateneu Piracicabano, onde ministrou aulas de técnicas contábeis. Foi igualmente professor dos cursos preparatórios para ingresso na ESALQ. Aposentou-se no início dos anos 50. Foi “homem de grandeza moral, excelente chefe de família, que teve na sua vida inteira as mais puras gemas do trabalho, da retidão e virtude” (Neme, 1986). Patrono da Escola Estadual de Primeiro Grau do bairro Novo Horizonte, tem seu nome em rua da Vila Jaraguá, perto da avenida Raposo Tavares (rua Prof. Mariano da Costa).

**COSTA, Manoel da, e outros mulatos.** O primeiro recenseamento piracicabano de que se tem notícia, datado de 1775, um ano após a criação da freguesia de Piracicaba, menciona seis mulatos entre seus habitantes, indicando igualmente a mulher de cada um e seus filhos. São os seguintes: (1) Manoel da Costa, 28 anos, e sua mulher Isabel [de Campos], 25 anos, 3 filhos; (2) André Ferraz, 40 anos, e sua mulher Joana

[da Veiga], 19 anos, uma filha; (3) Sebastião da Mota, 50 anos, e sua mulher Margarida, 20 anos, 3 filhos; (4) Francisco Pires, 30 anos e sua mulher Catarina, 20 anos, um filho; (5) Lourenço Rodrigues, 30 anos, sua mulher Narcisa, 20 anos, quatro filhos e dois agregados; (6) Inácio da Silva, 50 anos, sua mulher, Lionarda, 20 anos, 4 filhos e 2 agregados (Neme, 1974). Constatam dos resultados do censo as observações de que as pessoas citadas “viviam a favor”, isto é, não lhes era assegurada a posse das terras em que moravam, e que cultivavam milho, feijão, arroz e algodão.

**COSTA, Philomeno J. da.** N. Piracicaba, 10.10.1904; f ? Advogado, jornalista. Filho de José Joaquim da Costa e Melânia Pineli da Costa, formou-se em direito na Faculdade de Direito de São Paulo em 1929. Presidiu o Instituto Paulista de Contabilidade e atuou no Tribunal de Apelação de São Paulo. Dirigiu os periódicos *Revista dos Tribunais* e *Tempos do Brasil*, em meados do século vinte. Publicou vários livros nas áreas de direito e contabilidade.

**COSTA, Noedy Krähenbühl.** N. Piracicaba, 4.1.1915. F. Piracicaba, 27.4.2000. Advogado, professor. C.c. Hilda Philipowski Krähenbühl Costa. Ff.: Cláudio, Elisa, Inês. Filho de Benedito Gomes da Costa e Noêmia Krähenbühl Costa, ambos professores primários formados em 1912 e 1911, respectivamente, pela Escola Normal Primária de Piracicaba (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci). Advogado, professor, historiador. Passou parte da infância em Jaú, SP, mas voltou à cidade natal quando seu pai adquiriu uma serralheria e carpintaria de seu sogro. Coursou o “kindergarten”, o curso primário e o ginásio do Colégio Piracicabano. Em 1939 formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e colou grau no ano seguinte. Paralelamente, diplomou-se pelo curso de formação de professores da USP, que funcionava no prédio da Escola Normal

da Praça da República. Retornou a Piracicaba para atuar na advocacia. Foi aprovado em concurso para juiz, mas acabou desistindo da magistratura para se dedicar tanto ao magistério como à atividade de advogado em Piracicaba, ao longo de muitos anos, ao mesmo tempo em que colaborava regularmente no “Jornal de Piracicaba”. Poliglota e erudito, antes de ser professor na Sud Mennucci, onde se aposentou, lecionou em Catanduva, SP, e Santa Bárbara d’Oeste, SP. Eleito vereador para o período de 1948 a 1951, desencantou-se com a política e desistiu do cargo, após alguns meses. “Tinha opiniões próprias, era independente, tinha seus próprios princípios. De espírito alegre... Passou por esta vida deixando um rasto de honestidade, sabedoria e bons serviços prestados à coletividade!” (Cillo, 2000). “Estudioso, compenetrado, era um poço de sabedoria. Um dos homens de peso do século XX” (A. R. C. L. Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 3.5.2000).

**COSTA, Querubim (Cherubim) Febeliano da, coronel.** N. Sorocaba, 17.11.1857 (ou 7.9.1861). F. Piracicaba, janeiro de 1920. Jornalista, político. Esteve à frente do diário republicano “Gazeta de Piracicaba”, fundado em 1882, que tinha sua redação e oficina à rua Prudente de Moraes nº 76, nas primeiras décadas do século. Figurava como redator do jornal. Nos anos vinte a “Gazeta” mudou-se para rua São José nº 56. “Foi jornalista da maior reputação no início da imprensa citatina. Militou na política, como membro destacado do Partido Republicano Municipal” (Guerrini, 1970).

**COSTA, Serafim Febeliano da** (Séc. 19-20). Capitalista. No “Almanak de Piracicaba” de Camargo (1900), lidera a lista dos maiores proprietários de imóveis em Piracicaba. Era, nessa ocasião, o dono de 56 casas alugadas. Luné e Fonseca (1873) referem-se a Serafim como proprietário de uma loja de fazendas em Piracicaba, por volta de 1870-80. Outros grandes proprietários de imóveis: Diogo

Antônio F. da Silva, 42 casas; Jacob Diehl, 30; herdeiros do capitão Miguel Antônio, 24; Ana Miquelina de Almeida, 23; Joaquim Antônio Delgado, 22; e Nicolau Stratico, 21. A lista de Camargo limita-se aos imóveis com valor locativo anual superior a 120\$000.

**COTRIM, Antônio de Mello.** N. Tatuí, 13.4.1860. F. Araraquara, 30.12.1937. Professor, jornalista, era filho de Antônio Pereira Cotrim e Maria Carolina de Melo Cotrim. A despeito de não ter nascido em Piracicaba, destacou-se na história do ensino local. Coursou a Escola Normal de São Paulo na Praça da República, após a sua reabertura em 1880, formando-se em 1884. Foi diretor de várias escolas paulistas, em Dourado, Serra Azul, Dois Córregos, São Simão e São Vicente, e instalou o Grupo Escolar “Barão do Rio Branco” a 13.5.1897, ao tempo em que era inspetor escolar do distrito. Dirigiu esse estabelecimento de ensino e militou na imprensa local. Era “um abolicionista destemido” (Guerrini, 1970). Seu nome foi dado a uma escola de Piracicaba, à rua Antônio Bacchi, nº 1024: Grupo Escolar Prof. Antônio de Mello Cotrim, na Paulicéia (Righetto, 1966).

**COTRIM, Mário** (Séc. 20). Comerciante. Um anúncio da *Gazeta de Piracicaba* em 1922 refere-se a Mário Cotrim & Cia., como proprietários de uma loja à rua do Comércio nº 92 (atual rua Governador Pedro de Toledo), especializada em material elétrico e fotográfico em geral, com oficina de consertos e representante local da General Electric e da Kodak.

**COURY, Alarico.** N. Rio das Pedras, SP, 29.9.1914. F. Piracicaba, 22.6.1965. C.c. Jurema Carneiro Coury. Ff.: Alarico, Denise Jurema. Médico. Um dos doze filhos de Massud Coury e Rosa Figurelli Coury, foi irmão de Resk, Taufic, Jorge, Romano, Luiz, José, Alberto, Geny e Raul Coury e de Helena Seman, Luzia Farah e Olga Coury Maluf. Após completar o curso primário em sua terra natal, prosseguiu

seus estudos no Colégio Piracicabano e no Colégio Arquidiocesano da capital paulista. Depois de formar-se pela Faculdade de Medicina de Niterói, RJ, em 1945, passou a clinicar em Piracicaba, à rua São José, nº 632, com atendimento de clínica geral, moléstias de senhoras e partos. Além disso, prestou serviços profissionais a várias empresas e entidades: o Engenho Central, a Mausá, a Estrada de Ferro Sorocabana, o Pronto Socorro Municipal e a Santa Casa de Misericórdia, tendo pertencido ao corpo clínico desta. Fez parte do grupo de fundadores, em 1950, da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina. “Excelente colega, digno profissional e amigo querido de todos... coração bondoso, espírito altruísta” (Cambiaghi, 1984). Uma rua do centro da cidade tem seu nome.

**COURY, Alberto.** Séc. 20. F. Piracicaba, 1968. Empresário. C.c. Eunice Andrade Coury, n. 1925 e f. Cuiabá, MT, 13.12.2006, f. de Erasto Castanho de Andrade e Rita Algodal de Andrade. Ff.: Alberto Júnior, Rosina. Na eleição indireta para prefeito de Piracicaba, realizada em 1962 pela Câmara Municipal, coube-lhe a vitória, sendo eleito Humberto D’Abronzo (v.) como vice-prefeito. A posse ocorreu a 13.11 e Coury permaneceu no cargo até o final do ano de 1963, tendo presidido as eleições municipais que levaram Luciano Guidotti (v.) à prefeitura, a partir de 1964. Durante a sua administração, completou a Estação Rodoviária, que recebeu o nome do Presidente Kennedy. Alberto Coury foi proprietário da Organização com seu nome, especializada em materiais de construção e sediada na Galeria Brasil, à rua Moraes Barros. (V. Coury, Alarico; Coury, Jorge; Coury, Luiz; Coury, Raul; e Coury, Romano.)

**COURY, Jorge.** N. Rio das Pedras, SP, 11.10.1911. F. São Paulo, SP, 17.7.1951. Advogado, político, figura de destaque na sociedade piracicabana da primeira metade do século 20. Foi um dos professores da Faculdade

de Direito Moraes Barros, que funcionou em Piracicaba nos anos trinta (Neme, 1936). Dividiu com Bento Luiz Gonzaga Franco, José Vizioli e Antônio Martins Belmudes de Toledo (vv.) a liderança do Partido Social Democrático (PSD) em Piracicaba, à época das eleições municipais, em 1946-47. Em 1947 participou das eleições para prefeito como candidato do PSD, nas quais saiu vitorioso Luiz Dias Gonzaga (v.). “Profissional competente, de sucesso e, além disso, muito estimado pelas classes menos favorecidas... era um homem requintado, de grande cultura e para ele, Piracicaba tinha que modernizar-se” (Elias Netto, 1992). Dá nome a uma rua no bairro Nova América, junto à avenida Piracicamirim, e a uma escola estadual.

**COURY, Luiz** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Maria Eulália Arruda Coury. Presidiu a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba de 1937 a 1945. Operoso e benquis-to, tem seu nome inscrito na relação “In Memoriam”, em homenagem aos associados falecidos, da referida entidade (Salum, 2003). Em 1933 foi eleito vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (Acipi). Dedicou-se a comercialização de café e foi presidente de honra da diretoria do Jubileu de Ouro da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba, em 1952. Há uma rua Luiz Coury no Gran Parque Residencial.

**COURY, Massud.** N. Líbano, séc. 19. F. Piracicaba, 1943. C.c. Rosina Figurelli Coury, n. Itália. Treze filhos (9 homens e 4 mulheres), entre os quais Alarico Coury (v.) Vindo ao Brasil em agosto de 1905, passou a dedicar-se ao comércio em Rio das Pedras, SP. Cerca de dez anos depois, iniciou-se na compra, venda e benefício de café, fazendo fortuna. Comprou a fazenda São José em 1920, cultivando café. Com Donato Marino formou a firma Coury e Marino, que adquiria quase toda a produção de café da região. Em 1926 mudou-se para Piracicaba, na esquina das ruas Boa Morte e Floriano Peixoto,

onde instalou máquina de beneficiar café e continuou a comercializá-lo. Passou a construir casas para aluguel, no centro da cidade. Em outubro de 1935 inaugurou o cine Broadway, por ele construído. Na fazenda Nova Java de sua propriedade, em Rio das Pedras, adquirida por ele em 26.2.1928, os Coury construíram a usina Bom Jesus, propulsora do progresso da cidade e da região (R. Coury, *Jornal de Piracicaba*, fevereiro de 1998).

**COURY, Raul.** N. Rio das Pedras, SP, 1926. F. Piracicaba, 23.7.2007. C.c. Annita Cobra Coury. Ff.: Jorge Sobrinho, Rosana Elizabeth, Maria Beatriz, Mirian Cecília, Raul Filho, Luiz Gustavo. Empresário, fazendeiro e advogado, formou-se pela Faculdade da USP em São Paulo, em 1951. Era filho do libanês Massud Coury (v.) e de Rosina Figurelli Coury. Seu pai estabeleceu-se no beneficiamento e comercialização de café na fazenda Nova Java em 1928, dedicando-se igualmente à pecuária. Os herdeiros de Massud criaram na área da fazenda a Usina Bom Jesus, posteriormente desativada. A parte central de Rio das Pedras surgiu em área loteada pelos Coury. Massud doou o terreno para a construção do estádio e do ginásio muni-cipais e seus descendentes deram as áreas para a construção do hospital, pronto-socorro, creche, casa da lavoura e uma escola estadual. Acionista, conselheiro e um dos fundadores do grupo Cosan (v. Ometto, Pedro), Raul viu reconhecida a decisiva importância das suas contribuições para o progresso da localidade quando esta lhe deu em 2004 o primeiro título de “Riopedrensis Praeclarus” (*Jornal de Piracicaba, Gazeta de Piracicaba*, 24.6.2007). Coury também dirigiu as usinas Santa Helena, São Francisco, Ipaussu, Rafard, São Jorge e a Destilaria Brasil Central.

**COURY, Romano** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo. C.c. Marina Villela. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1936. Filho de Massud Coury (v.) e Rosa Figurelli

Coury, que tiveram treze filhos (v. Coury, Alarico). Denomina-se Romano Coury uma das ruas do Jardim Caxambu, paralela à avenida Comendador Luciano Guidotti.

**COURY, Tufi** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo e professor universitário, formado em 1934 pela ESALQ. Foi catedrático desta, exercendo suas atividades de docente e pesquisador de 1935 a 1965. C.c. Georgina Fernandes Vieira Coury, n. 1920 e f. Piracicaba, 28.2.2005. Ff.: Rubens Massud e Maria Teresa.

**COZZO, João** (Séc. 19-20). C.c. Catharina Micheletto. Ff.: Afonso, Heimar, Leonel, Maria (n. 1914 e f. 6.6.2006). Fez parte do grupo de fotógrafos profissionais em atividade em Piracicaba, na primeira metade do século 20 e em meados do século. Era de sua propriedade o estabelecimento comercial denominado Foto Rápido Cozzo, à rua Luiz de Queiroz, nº 696 (Righetto, 1966). Segundo H. N. Ferraz (em C. Perina, *Jornal de Piracicaba*, 20.2.2005), Cozzo foi um grande paisagista. Suas fotos compõem cerca de 30% do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

**CREM FILHO, Pedro.** N. 28.6.1886. F. Piracicaba. Jornalista, professor. F. de Pedro Crem e Luiza Muller Crem. O pai, na passagem do século, era dono de armazém à rua Alferes José Caetano. Seu sobrenome parece ser corruptela do sobrenome original da família, Grimm. Formou-se professor pela antiga Escola Complementar de Piracicaba e exerceu o magistério primário em várias cidades paulistas por muitos anos. Em Piracicaba, além de lecionar na Escola Normal Oficial e no Ginásio Piracicabano, foi também professor da Escola Técnica de Contabilidade de Acácio Leite do Canto Junior (v.). Ao tempo em que lecionou na Escola Normal, assumiu o posto de redator do “Jornal de Piracicaba” por volta de 1912, juntamente com Pedro Krähenbühl (v.), seu primo, quando ambos se associaram

a João Franco de Oliveira (v.) e passaram a publicar o “Jornal”, após este ter pertencido a Álvaro de Carvalho (v.), de 1904 a 1912. Por motivos políticos e em virtude dos editoriais do jornal que criticavam desmandos dos detentores do poder, Crem Filho foi obrigado a deixar a cadeira de português que ocupava na Escola Normal, passando, então, a lecionar no Ginásio Piracicabano. Ele e Krähenbühl, logo após o malogro da “revolta dos tenentes” (1924), chegaram a ser presos e levados à capital juntamente com outros piracicabanos que se opunham ao governo. Posteriormente, em virtude de sentença judicial irrecorrível, Crem Filho foi reintegrado na cadeira da Escola Normal. Manteve-se como sócio e redator do “Jornal de Piracicaba” até janeiro de 1933. Vítima de uma enfermidade, faleceu logo depois (Pfromm Netto e Martins, 2003). Pedro Crem Filho era primo irmão da mãe de Noedy Krähenbühl Costa (v.), que foi seu aluno e a ele se referiu como “excelente professor... voz grossa, pausada e calma”. Uma rua na Vila Ducatti (São Luiz), perpetua seu nome, junto à avenida Manoel Conceição.

**CRISTOFOLETTI, José Domingos.** N. c. 1950. F. Piracicaba, setembro 2003. C.c. Lina Cristofoletti. Empresário. Presidiu a diretoria do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo desde os anos 70 e empenhou-se vigorosamente em favor da entidade. Segundo Elias Netto, morreu “com pouco mais de 50 anos, no esplendor de suas forças e de sua alegria, vivendo novos sonhos, retomado de esperanças... O ‘Cristóvão Colombo’ foi sua paixão, consumindo-lhe forças, tempo, energia”. Vários outros Cristofoletti (ou Christofoletti) fazem parte do passado piracicabano, com seus descendentes, entre os quais Clemente Christofoletti (séc. 19-20), c.c. Rosa Vitti; Amadeu Christofoletti (séc. 19-20), c.c. Maria Christofoletti; José Christofoletti (séc. 20), c.c. Theresa Fedrizzi. De acordo com D. Ricci (*Gazeta de Piracicaba*, 6.8.2006), o bairro Pau

Queimado foi berço de várias gerações dos Christofoletti. O bairro teria surgido a partir de uma antiga fazenda de escravos, com moradores de origem espanhola e também portugueses e italianos. Já tinha uma venda de 1909, sendo provavelmente mais antiga a primeira capela, devotada a São Benedito. Feita de pau-a-pique, em terreno doado pelo espanhol José Baesteiro, a antiga capelinha foi demolida em 1957, levantando-se em seu lugar a atual capela, construída com tijolos, sendo igualmente substituído o antigo cruzeiro por um novo.

**CRIVELLANI, Mário.** N. Capivari, 1927. F. Piracicaba, 1993. Veterano fotógrafo, descendente de italianos, em Vila Rezende. Tinha o apelido de “Curvinha” e era proprietário de um ateliê desde 1954, na avenida Rui Barbosa. Segundo Caldari (1990), aos sábados e domingos seu estúdio “se convertia no centro das atenções dos acontecimentos sociais da Vila, tal a profusão de noivas e noivos, crianças que faziam a primeira comunhão, e famílias inteiras que se faziam fotografar; homens e mulheres em busca de fotos 3x4 para seus documentos, afóra os moços e moças que queriam retratar-se em fotos galantes, para trocar fotos com os namorados”. Era igualmente fotógrafo na Vila Roberto Turim, na segunda metade do século passado, que surgiu bem depois de Crivellani, segundo a mesma fonte. Alleoni (2003) menciona o fotógrafo italiano estabelecido em Piracicaba nos anos 90 do século 19, Sívio de Cenzo, que, em anúncio saído na “Gazeta de Piracicaba” de 29.4.1894, a respeito do seu “Atelier Fotográfico Italiano”, à rua Prudente de Moraes, junto ao Largo do Teatro (hoje Praça José Bonifácio), destacava que era “bastante conhecido do público na perfeição de seu trabalho”, informando que tinha adiado a sua mudança para outra cidade, “devido ao muito trabalho que tem para acabar”. Em fins do século 19, um dos fotógrafos mais requisitados de Piracicaba era Arthur Lobenwein (v.), proprietário da Fotografia Viena. Mário



Crivellani dá nome a rua no Jardim Santa Rosa.

**CRÓCOMO, João.** Séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. Comerciante. C.c. Tereza Vidile Crócomo. Ff.: Ada, Francisco, Leticia Lúcia, Maria, Otto Jesu, Salvador, Tereza. Estimado e operoso participe do comércio piracicabano na primeira metade de século 20, manteve estabelecimento comercial de vendas e serviços de oficina no centro da cidade. Seu nome se inscreve entre os dos colaboradores e beneméritos, nos anos vinte, do “Círculo Italiano”, agremiação criada pela comunidade italiana local que se converteu, posteriormente (1938), em Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, com sede na esquina da rua Governador Pedro de Toledo com a São José (Cardoso, 1970; Elias, 2001). Há uma rua na Nova Piracicaba com seu nome, paralela à rua Assis Chateaubriand e perto da avenida Presidente Kennedy.

**CRUZ, José Martin.** N. Castel de Ferro, Granada, Espanha. F. Piracicaba, 1987. C.c. Maria Bôscolo Cruz. Nove ff.. Empresário. Tinha 17 anos de idade quando se fixou no Brasil. Viveu inicialmente em Rafard, SP, empregando-se como escriturário na Usina Sucrerie local. Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista e ao fim desta mudou-se para Piracicaba com a família. Morou na Fazenda Água Santa e depois passou a residir em Vila Rezende, na avenida Rui Barbosa. Após trabalhar na Usina Costa Pinto, estabeleceu-se no comércio local, inicialmente com a Bicicletaria Ideal e a seguir com uma empresa de niquelação e cromação, a Comercial Cruz. Associado do Clube Atlético Piracicabano desde o seu surgimento, pertenceu à diretoria do clube. No loteamento Santa Rosa há a rua José Martin Cruz.

**CULLEN, Laury.** N. Americana, SP, 13.9.1934. F. Piracicaba, 19.2.2002. C.c. Giselda Cesta Cullen. Ff.: Daniela, Giselle Maria, Laury Júnior. Cirurgião dentista, era filho de Laurence Cullen

e Élia Maria Marton Cullen. Formou-se em 1962 pela Faculdade de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e ingressou no Serviço Dentário Escolar da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo em 1963. Atuou como cirurgião dentista nos grupos escolares João Batista Nogueira e Francisca Elisa da Silva. Tornou-se inspetor do serviço nos anos 70, fez parte da Divisão de Estudos, Normas e Programas em Atendimento Odontológico da Secretaria de Saúde do Estado e posteriormente passou a integrar o ERS 47, convertido depois na DIR 15 (Divisão Regional da Secretaria de Saúde nº 15) de Piracicaba, dedicando-se com empenho a programas de municipalização da saúde. “Aliara grande capacidade técnica com caráter, honestidade e dignidade” (J. C. Sachs, *Journal de Piracicaba*, 1.3.2002). Uma rua do bairro Habitacional Água Branca tem seu nome.

**CUNHA, Antônio Castilho.** N. Ubarana, SP, 1932. F. Piracicaba, 8.8.2005. Delegado de polícia. C.c. Hilda da Silva Castilho Cunha. Ff.: Fernando, Regina, Aparecida. Passou a residir e trabalhar em Piracicaba no início dos anos oitenta. Foi delegado titular do 2º Distrito Policial, aposentando-se por volta de 1995. Comandou a Delegacia de Investigações Gerais. Promovido antes de se aposentar, atuou na cidade de Limeira, SP.

**CUNHA, Cândido Borges Martins da** (Séc 19-20). Solicitador. Ativo em Piracicaba na passagem do século. Mantinha escritório à rua São José.

**CUNHA, Joaquim Borges da** (Séc. 19). Jornalista. Editor e proprietário da “Gazeta de Piracicaba” no século 19, em meados dos anos 80. Adquiriu-a dos proprietários e fundadores José Gomes Xavier de Assis e Vitaliano Ferraz do Amaral (vv.), que lançaram o jornal em 12.6.1882. Vendeu-a em 1885 a José Manuel de França Junior e Augusto César de Arruda

Castanho (vv), professores do ensino elementar em Piracicaba.

**CUNHA, José Roxigner Martins da** (Séc. 19). Médico homeopata. Morava à rua das Flores nº 6 (atual rua Treze de Maio), onde, conforme anúncio publicado na “Gazeta de Piracicaba” de 8.4.1883, podia ser “procurado para os misteres da sua profissão”. Em Cambiaghi (1984), seu nome aparece igualmente como José Roxigner Martins.

**CUNHA, Lamartine Antônio da** (Séc. 20). Professor. Docente da 5ª Cadeira da ESALQ (Zootecnia Especial, Bromatologia Animal, Laticínios e Higiene e Veterinária), na segunda metade dos anos 30. Por ocasião da aposentadoria de Nicolau Athanassof (v), em fins de 1948, passou a substituí-lo interinamente na regência da referida cadeira, até setembro de 1949. Na relação de docentes da ESALQ incluída no livro comemorativo do 75º aniversário da escola, “ESALQ 75” (Lordello e outros, 1976), Lamartine Antônio da Cunha aparece como assistente durante um período muito mais longo, que vai de 1918 a 1950.

**CUNHA E OLIVEIRA JÚNIOR, José da.** N. Araxá, MG, 4.2.1888. F. São Paulo, SP, 15.9.1965. Médico e farmacêutico, c.c. Eliosina Afonso de Almeida, f. 13.11.1930. Ff.: Élio, Eros, Selene, Terezinha, Antônio. Estudou no Colégio Diocesano de Uberaba, onde diplomou-se no curso ginasial, formando-se depois em farmácia pela Faculdade de Ouro Preto, MG, e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1915). Após clinicar nas cidades mineiras de Uberaba e Sacramento, transferiu-se para a capital paulista, mantendo consultório de 1934 a 1940 em São Paulo. Passou a residir e atuar em Piracicaba em 1940, trabalhando na Santa Casa de Misericórdia, na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na Sociedade São Vicente de Paulo e na Legião Brasileira de Assistência. Foi

sócio fundador da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina, incumbindo-se da sua tesouraria. Um acidente ocorrido em 1953 obrigou-o a se aposentar. Foi vereador em Sacramento, MG.

**CURCIO, Jaime.** N. Ibitiúva, SP, 1940. F. Piracicaba, 9.9.2007. C.c. Maria Cecília de Lima Curcio. F.: Jaime Alexandre. Instrumentista, músico de serestas, bandolinista. Passou a infância junto aos avós, aprendeu a tocar cavaquinho com dois tios e tinha cerca de 15 anos de idade quando adquiriu seu primeiro cavaquinho. Começou a fazer serenatas aos 19 anos e se afeiçãoou ao bandolim. Residiu desde 1952 em Piracicaba, onde conheceu o seresteiro Cobrinha (v. Cobra, Vitério Ângelo) e por volta de 1983 passou a apresentar-se com Cobrinha. Estudou violino na Escola de Música de Piracicaba, tendo participado da orquestra da escola como 2º violino. Ganhou notoriedade em Piracicaba como o “Jaime Curcio do bandolim”.

**CURIACOS (Curiacus), José** (Séc. 20). Seu nome faz parte da lista dos sócios homenageados “in memoriam” pela Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba (Salum, 2003), nela constando igualmente o nome de Luiz Curiacos. Na mesma fonte há uma alusão à Pensão Curiacos, que funcionava no largo do Teatro Santo Estevão, na atual Praça José Bonifácio. José Curiacos teve seu nome atribuído a uma rua no Jardim Conceição, junto às avenidas Prof. Augusto E. Salles e Anísio Ferraz Godinho. Outro membro da família Curiacos dá nome a um logradouro da Nova Piracicaba: Praça Maria Nassif Curiacos, perto da avenida Cruzeiro do Sul.

**CURY, Cecílio, Monsenhor** (Séc. 20). Ordenou-se a 4.9.1932. No registro histórico da diocese de Piracicaba (Ernesto de Paula, 1955) figura na lista do clero secular local como professor do Seminário Diocesano, juntamente com os professores mons. Francisco Mutschelle

(v), reitor, o pe. Luiz Gonzaga Juliani, diretor espiritual, e o pe. Ivo Vigorito, ministro de disciplina. O Seminário foi inaugurado a 25.3.1954, ao lado da Matriz de Vila Rezende, em prédio próprio, como Seminário Menor da Imaculada Conceição. Uma travessa na Nova Piracicaba (Vila Rezende) denomina-se Monsenhor Cecílio Cury. É paralela à avenida Dona Francisca. Caldari (1990) lembra que Monsenhor Cury ficou completamente cego quando idoso, mas mesmo assim cumpria as suas funções sacerdotais na igreja Matriz da Vila, com a ajuda de um abnegado auxiliar, Antônio de Pádua, sacristão, que constantemente o guiava por toda parte.

**CURY, Michel. N. Hasbaya, Líbano, 6.4.1912. F. Piracicaba, 13.3.1984. Empresário. C.c. Josefina Massuh, piracicabana. Ff.: Gérson, Fernando, Eduardo, Vera Helena. Era filho de Elias Cury e Maria Mattar Cury. Passou a viver no Brasil em 1929. Fixou-se inicialmente em Jaú, SP, onde manteve uma loja de tecidos com seu irmão Alexandre, transferido-a depois para Itapuí, SP, na mesma região. Mudou-se para Piracicaba em 1938, tornando-se proprietário, com seus irmãos Alexandre e Raja (falecido a 3.7.2004), da Casa Cury, tradicional loja de tecidos à rua Governador Pedro de Toledo, na esquina da rua XV de Novembro. Os irmãos Cury criaram em 1954 o Cine Palácio, à rua Benjamim Constant, nº 1113, com capacidade para mais de mil espectadores, tendo igualmente administrado o Cine Colonial na mesma rua, entre 1958 e 1962. Em 1961 Michel fundou a Indústria de Móveis Estofados Cury (IMEC), à rua Moraes Barros. Desde 1942 Michel Cury fez parte do Rotary Club de Piracicaba e foi seu presidente (1950-51). Recebeu o título de cidadão piracicabano em 1968. Personalidades de relevo na sociedade e no comércio locais, os irmãos Cury destacaram-se por numerosas**

**iniciativas de interesse público e nas várias entidades a que pertenceram. Michel fez parte da Sociedade Sírio Libanesa e foi mesário, nos anos sessenta, na diretoria da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. Dois Cury figuram no quadro de fundadores da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba: Mansur Elias Cury e Wardan Ibrahim Cury. Na ata da segunda reunião dos fundadores da sociedade (27.11.1902), seus sobrenomes aparecem grafados como Al-Khoury. Na lista de homenagem “in memoriam” da tradicional entidade, constam vários sócios com sobrenome Cury ou suas variantes (Curi, Kuri, Kury, Coury): os irmãos Alexandre e Michel Cury, Esper Cury Massuh, Gibran Athié Cury, Jabra Issa Kury, José Cury Massuh, Luiz Coury, Massoud Coury, Miguel Pedro Curi, Nicolau Cury Massouh, Rezk Coury, Seleh Kuri e Zahe Cury (v. Alarico, Alberto, Jorge, Luiz e Romano Coury, a respeito dos Coury filhos de Massud Coury). A Sociedade teve como presidentes Mansur Cury (1904), Jorge Coury Athié (1926-36), Luiz Coury (1937-45) e Esper Coury Massuh (1952, 1957-58). Em Salum (2003) são mencionados ainda o Bar Jabra Cury, à rua Moraes Barros nº 1187, e Zahe Cury como um dos mascates e ambulantes do passado, na Piracicaba dos anos trinta. Um comerciante com o sobrenome Cury, Sílvio Cury, foi proprietário da agência de jornais e revistas que em meados do século vinte funcionou à rua Quinze de Novembro, defronte aos fundos da Catedral. Pertence igualmente ao passado piracicabano Adib Cury, c.c. Salime Azen Cury. Foram pais de Elias Carlos Cury, n. 1942 e f. em Piracicaba em 23.4.2007, c.c. Iranilde Lurdes Rodrigues Cury. Ff.: Luciano César, Cássio Elias. Na Nova Piracicaba há uma Praça Michel Cury, na esquina da avenida Presidente Kennedy com a avenida Armando Césare Dedini.**

**CURY, Zahe (Salim). F. Piracicaba, 2.3.1990.**  
Seu nome faz parte da lista de associados homenageados “in memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. Pertenceu ao grupo pioneiro de comerciantes que trabalharam como mascates, na antiga Piracicaba, e que posteriormente aqui se estabeleceram com casas de negócios.



**D'ABRONZO, Humberto.** Comendador. Empresário, industrial, contador, político. N. Mombuca, SP, 1913. F. Piracicaba, 21.5.1974. C.c. Julieta (Meira Barros) D'Abronzo, f. Piracicaba, 25.8.1997. Ff.: Ivana, Ivete, Ivone, Pasqual Neto e Sérgio Roberto. Era filho de Paschoal (v.) e Rosa Pizelli D'Abronzo. Único filho homem com quatro irmãs, passou a administrar os negócios da família, após tornar-se sócio majoritário. Em 1953 a antiga fábrica criada por seu pai deixou de fabricar refrigerantes e se converteu numa empresa de largo porte, a Tatuzinho, voltada para o ramo de aguardente, que permaneceu sob o controle da família D'Abronzo até 1969, como D'Abronzo S.A.. Por volta de 1966, a Tatuzinho mantinha um estoque permanente de aguardente em seus depósitos de cerca de dez milhões de litros. Empregava 300 trabalhadores e tinha frota de 60 caminhões (Righetto, 1966). A Tatuzinho foi vendida em 1969 para o grupo empresarial Almeida, que adquiriu igualmente a Três Fazendas, de Rio Claro. Em 1962, na eleição indireta de prefeito e vice-prefeito, saíram vitoriosos Alberto Coury (v.) como prefeito e Humberto D'Abronzo como vice-prefeito. Permaneceram no governo local durante todo o ano de 1963. Em 1966 D'Abronzo assumiu a presidência do E. C. XV de Novembro, com o firme propósito de reconduzi-lo à Divisão Especial do Campeonato Paulista de Futebol. O entusiasmo e a dedicação extrema ao clube fizeram dele um verdadeiro baluarte do futebol

piracicabano. Contava com a preferência do eleitorado para ser prefeito da cidade em 1968, mas desistiu da candidatura para apoiar seu adversário, Salgot Castillon (v.). Essa desistência decorreu de problemas financeiros e fiscais, segundo Elias Netto (1992). Sua última ação de envergadura foi a aquisição de uma fazenda no estado de Mato Grosso, alguns anos antes de falecer, aos 61 anos de idade. Entre os títulos e honrarias que recebeu, destacam-se os de Cidadão Piracicabano, comendador pela Ordem dos Cavaleiros de São Paulo Apóstolo e Ordem de São Francisco e medalhas Imperatriz Leopoldina, Marechal Rondon e João Pessoa. “Era um homem bondoso, corajoso e lutador... Levou o nome de Piracicaba para todo o território nacional” (N. de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 16.12.2001). Há uma rua no Jardim Algodal, denominada Humberto D'Abronzo.

**D'ABRONZO, Paschoal.** Industrial. N. Cassandrino, Província de Nápoles, Itália, 1.9.1886. F. Piracicaba, 1951. C.c. Rosa Pizelli D'Abronzo, n. São Paulo, SP, 16.3.1893 e f. Piracicaba, 14.11.1969. Ff.: Anna, Humberto, Luzia, Maria (Mariquinha), Suzana. Seu pai deixou a Itália juntamente com a família quando tinha 62 anos de idade, por volta de 1896. Os D'Abronzo fixaram-se inicialmente em Mombuca, SP, e trabalharam como colonos nas lavouras de café e algodão. Rumaram depois para Piracicaba, instalando-se na Vila Rezende. Em 1910, Paschoal e dois irmãos fundaram na

travessa Maria Maniero uma modesta fábrica de refrigerantes, xaropes, licores e vinagres. A expansão do negócio levou-o a sediar a empresa em instalações mais amplas, no nº 44 da avenida Dona Maria Elisa. Comprou moderna maquinaria europeia em meados do século, iniciando a produção da aguardente Tatusinho. A firma passou, então, a ser dirigida com a participação de dois sócios: o filho Humberto (v.) e o genro Jorge César de Vargas. Após a morte de Paschoal D'Abronzo, a firma converteu-se em Sociedade Anônima, sob o controle de Humberto e Jorge e de Rosa, viúva de Paschoal. Em 1969, ano do falecimento desta última, a Tatusinho foi vendida a terceiros. “Meu pai plantou a semente, nós cultivamos bem a terra, molhamos bem a planta e ela cresceu e produziu muitos frutos, graças a Deus” (Anna D'Abronzo, em entrevista ao *Jornal de Piracicaba*, 12.3.2000). Uma rua no Jardim Algodal tem o nome de Paschoal D'Abronzo.

**D'ABRONZO, Sílvio** (Séc. 20). Industrial. Teve inicialmente um armazém com seu irmão Alexandre, à avenida Barão de Serra Negra, na esquina da travessa Maria Maniero. Ambos sobrinhos de Paschoal D'Abronzo (v.), eram filhos de Francisco D'Abronzo e tinham outros irmãos: Ada, Ida e José. Sílvio D'Abronzo foi o principal proprietário de empresa com seu nome, com fábrica em Vila Rezende, à avenida Dona Francisca, nº 256. Produzia vários refrigerantes populares na região, denominados Maçã, Jatubaína, Gengibirra, Moranguinho, Sodinha e Guaraná da Festa. Era igualmente distribuidora de bebidas, entre as quais o chope e a cerveja Caracu, fabricados em Rio Claro, SP, a água Lindóia e o vinho Centauro, conforme anúncio no “*Jornal de Piracicaba*” de 1.8.1967.

**DAHER, Rachid** (Séc. 19-20). Segundo presidente, em 1903, da Sociedade Beneficente Síria de Piracicaba, que passou depois a denominar-se Sociedade Beneficente Sírio Libanesa (Salum, 2003).

**DAIBES, Elias** (Séc. 20). Comerciante. A família Daibes está intimamente ligada à história do comércio piracicabano no século 20. Elias Daibes é um dos homenageados na relação “in memoriam” da Sociedade Sírio Libanesa local. Fez parte da diretoria desta por ocasião do Jubileu de Prata em 1927, como vogal. Em 1933 participou da reunião que, a 9 de julho, no Teatro Santo Estêvão, aprovou os estatutos e elegeu a primeira diretoria da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, sob a presidência de Luiz Coury (v.) e a 29.7.1933 foi eleito 2º tesoureiro da entidade. Era proprietário da Casa Daibes Secos e Molhados, grande estabelecimento atacadista, à rua Governador Pedro de Toledo. Na relação de associados falecidos e homenageados “In Memoriam” pela Sociedade Sírio Libanesa, consta ainda o nome de Ibrahim Daibes. Casado com Carmen Daibes, esta, após seu falecimento, contraiu segundas núpcias com Dovílio Ometto (v.). Outro Daibes, Jorge, é mencionado por Salum (2003), como um dos membros do quadro social da Sociedade, no ano do Jubileu de Diamante desta (1977), que incluía igualmente Salim Daibes Maluf.

**DAMANTE, Francisco**. N. Piracicaba, 14.2.1895. F. Santos, SP, 27.11.1927. Professor, escritor, folclorista, jornalista. Formou-se pela Escola Normal de Piracicaba (futura Sud Mennucci) em 1914 e lecionou em Bom Jesus dos Perdões, SP. Atuou no jornalismo como correspondente e colaborador de *O Estado de S. Paulo*. Publicou artigos, contos e crônicas em periódicos diversos, entre os quais as revistas *A Cigarra* e *Vida Moderna*, tendo também colaborado com histórias para crianças na revista *O Tico-Tico*. Auxiliou Amadeu Amaral em estudos de folclore e devotou-se ele próprio a investigações sobre costumes, festas e lendas populares. Reuniu parte dos seus escritos nos livros *Na roça* (1920) e *O bom povo* (1925). Publicou igualmente os livros *Flores e botões* (1917) e *Pelas florestas e pela instrução* (1919).

Há uma referência em Camargo (1900) a um Damante, de nome Jesuíno, caldeireiro e latoeiro à rua Direita (hoje Moraes Barros). No Jardim Camargo há uma rua Francisco Damante.

**DAMÁSIO, Leônidas Botelho** (Séc. 19-20). Dirigiu a então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, futura ESALQ, no período de 3.4.1913 a 1.10.1914.

**DANELON, Carlos.** N. Piracicaba, 1951. F. Piracicaba, 10.8.2007. C.c. Marilza Gustinelli Danelon. Ff. : Rodrigo, Rafael. Industrial. Era filho de Antônio Danelon e Olga Ferrari Danelon. Deve ter sido seu antepassado Noé Danelon, mencionado na lista dos italianos residentes em Piracicaba que não se naturalizaram, no começo do século 20 (Alleoni, 2003). Vários membros da família Danelon tornaram-se religiosos, entre os quais dois bispos, d. Irineu Danelon e d. Angélico Sândalo Bernardino e o padre Kleber Fernandes Danelon, ordenado em 2004 e ex-coroinha da Igreja Santa Cruz e São Dimas, com pais residentes em Santa Teresinha.

**DANIEL, William.** N. EUA, séc. 19. Um dos norte-americanos que em 1876 solicitaram e obtiveram diversos terrenos em aforamento, concedidos pela câmara municipal de Piracicaba, segundo Krähenbühl (1955), que menciona também os nomes de James Miller, William Prestridge, H. C. Parks e J. Willin, contemplados igualmente com terrenos locais. A fonte citada refere-se a Ernest Loose e Theodor Loose como norte-americanos compradores de terrenos em Piracicaba em 1863, ano em que Thomas Compton Delboux adquiriu outro trato de terra na localidade.

**D'ÁVILA, Jacques Orlando Caminha.** N. Rio Grande do Sul, séc. 20. F. São Paulo, 1990. Pastor protestante e professor. Formado inicialmente em colégio de padres, participou em 1945 da primeira turma diplomada pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista

de São Paulo. Foi pastor da Igreja Metodista Central na capital paulista. Transferiu-se para Piracicaba em 1954, a fim de assumir a direção do Colégio Piracicabano. A administração superior deste dispensou-o em janeiro de 1955, uma decisão que provocou nos estudantes “protestos, certamente não previstos” (Elias, 2001). Permaneceu durante um ano afastado do ministério pastoral, para tratamento de saúde. No ano seguinte, transferiu-se para a Igreja Presbiteriana Independente. Em 1964 dirigiu um programa importante de doações para os menos favorecidos, patrocinado pela Aliança para o Progresso e denominado “Alimentos para a Paz”. Retornou à Igreja Metodista e passou a atuar na capital do Estado, em vários templos. Segundo a fonte citada, D'Ávila teve uma atuação pastoral marcadamente ecumênica, nos últimos anos de vida. “Chegou a receber uma comenda papal... Trabalhou de forma conjunta com a Igreja Católica e outras denominações protestantes na igreja de Santo Amaro, São Paulo, em programas sociais” (Elias, op. cit.).

**DEDINI, Armando.** N. Piracicaba, séc. 20. F. Piracicaba, 16.4.1987. C.c. Norma Jean Dresselt Dedini. F.: Mário Dresselt Dedini (Malo), n. Piracicaba, 29.3.1951 e c.c. Márcia Farah de Toledo, com três filhos: Mariana, Marília, Marcela. Empresário. Era filho de Mário Dedini (v.) e Mariana Corrente Dedini. Estudou no Colégio Piracicabano e posteriormente nos Estados Unidos. Fez parte do quadro de futebol do Clube Atlético Piracicabano, nutrido verdadeira paixão pelo clube (Caldari, 1990). Foi um dos responsáveis pelas empresas do grupo Dedini. Após o falecimento do pai em 1970, em virtude das mudanças ocorridas no grupo, passou a dividir (1971) a vice-presidência deste com Dovílio Ometto (v.), cabendo a presidência a Marcelo Azeredo Santos. Quando faleceu, era conselheiro e acionista das Empresas Dedini. “Espírito alegre, divertido, boêmio e esportivo” quando jovem, assinala Caldari. “Escolas, creches, clubes de futebol, cordão carnavalesco,



entidades assistenciais, pessoas carentes ou em dificuldades..., todos podiam contar com a sua ajuda generosa e incondicional”. Há uma avenida em Piracicaba com seu nome, que cruza o rio Piracicaba, entre o Clube de Campo e a avenida Limeira.

**DEDINI, Armando Césare.** N. Lendinara, Província de Rovigo, Itália, 1898. F. Piracicaba, 1926. C.c. Stella Biondo Dedini. Ff: Edina, Ermelinda, Helena, Iracema, Leopoldo (Neto). Irmão de Mário Dedini (v.), era f. de Leopoldo Dedini e Emília Dedini. Veio ao Brasil em 1914, no navio “Duque de Gênova”, dirigindo-se a Santa Bárbara d’Oeste, SP, onde passou a trabalhar como ferreiro. Adquiriu juntamente com seu irmão Mário, em 1919-20, a oficina de carpintaria e ferraria de José Sbravatti, em Vila Rezende. Armando incumbiu-se de administrá-la desde então, até seu falecimento, vítima de tifo. Uma avenida da Vila Rezende ganhou seu nome.

**DEDINI, Leopoldo, Comendador.** N. Santa Bárbara d’Oeste no séc. 20. F. Piracicaba, 18.4.1976. C.c. Dulce Dedini. Filho de Armando Césare Dedini (v.) e Stella Biondo Dedini e sobrinho de Mário Dedini (v.). Perdeu o pai cedo e assumiu os encargos da família. Pautou-se pelos exemplos paternos e do tio. Este último logo percebeu que o jovem era dono de uma cabeça privilegiada e tratou de orientá-lo. “Foi assim que Leopoldo foi, pouco a pouco, galgando os degraus do sucesso, chegando a grande empresário, como o tio” (Aldrovandi, 1991). Foi diretor presidente das empresas Mausa, Metalúrgica Piracicabana, Colina Agropecuária e vice-presidente do E. C. XV de Novembro. Segundo Monteiro (1986), era cordial com os empregados, tinha sincero interesse por seus problemas pessoais, enternecia-se com os novatos. “As raízes de seu amplo renome nasceram de uma luta leal e limpa. Seu excelso conceito provinha do fato de ser um realizador incomparável... Ele

possuía a mais lúcida inteligência, a devoção sacramental ao trabalho, a escrupulosa retidão de seus objetivos, a extrema generosidade de coração e a suprema ternura pela cidade em que viveu toda vida”. Na Unileste há uma avenida com seu nome.

**DEDINI, Mário, Comendador.** N. Lendinara, Província de Rovigo, Itália, 23.9.1893. F. Piracicaba, 28.2.1970. C. 1<sup>as</sup> núpcias a 23.5.1918 c. Marianna Corrente Dedini, ff. Ada, Armando (v.), Nida. C. 2<sup>as</sup> núpcias em 1931 c. Otília Furlan Dedini; f. Eros. C. 3<sup>as</sup> núpcias c. Ignês Seghesi. Grande empresário, um dos mais notáveis artífices da industrialização piracicabana no século 20, liderou a indústria metalúrgica no país e destacou-se como fabricante de grandes destilarias, instaladas em todo o território nacional. Era “um visionário e um missionário”, dos virtuosos que dificilmente se encontravam juntos “na mesma pessoa, no mesmo homem de negócios”, segundo Mário Dresselt Dedini, seu neto (entrevista ao *Jornal de Piracicaba*, 23.9.2005). Nascido em sítio que produzia o suficiente para o sustento da família – os pais, Leopoldo Dedini e Emília Dedini, e seus quatro filhos, Mário, Armando, Clementina e Palmira, começou trabalhar em uma usina de cana-de-açúcar quando tinha doze anos de idade. Sabedor de que o Estado de São Paulo necessitava de mecânicos especializados, passou a acalantar o sonho de vir ao Brasil e montar aqui uma usina de açúcar. Durante a infância passada num sítio com a família, gostava de consertar aparelhamento agrícola. Chegou a montar uma pequena oficina, para fazer ferramentas e peças novas para máquinas agrícolas. Aos 19 anos, cursou a Escola Técnica de Desenho Mecânico de sua terra natal. Ele e o irmão decidiram tentar a sorte no Brasil. Mário deixou a Itália por volta de 1913 e Armando também o fez, no ano seguinte. A usina Santa Amália, em Santa Rosa do Viterbo, SP, acolheu Mário inicialmente, passando depois a trabalhar na usina de Adolpho Lourencini em Santa

Bárbara d'Oeste. A 8.5.1918 Mário casou-se com Marianna Corrente, que morava em Piracicaba na Vila Rezende, o primeiro casamento realizado no cartório da vila. Mário e seu irmão trabalhavam em Santa Bárbara quando decidiram comprar de José Sbravatti uma modesta oficina de carpintaria e ferraria na vila, convertendo-a em fábrica e oficina de reparos de carroças, charretes e outros veículos, bem como reparação de peças para máquinas agrícolas, engenhocas, caldeiras e fundição. Surgiu, dessa forma, a firma Mário Dedini & Irmão. Mário continuava a trabalhar em Santa Bárbara, tendo assumido a gerência da usina, enquanto Armando atuava na oficina de Vila Rezende. A morte deste, vitimado por uma epidemia de tifo, que também tirou a vida da esposa de Mário, fez com que se transferisse em 1926 para Piracicaba, passando a dirigir a firma, semente do futuro e vasto império industrial Dedini. A oficina localizava-se na área posteriormente ocupada pelas lojas Dedini, onde também Mário teve sua primeira moradia. A fundição funcionava na avenida Salaz, hoje avenida Mário Dedini. Data de outubro de 1924 o barracão que originaria a futura metalúrgica. Em 1928 fabricaram a primeira moenda de cana-de-açúcar para usina. Em 1932 Mário fabricou granadas e as forneceu gratuitamente aos combatentes da Revolução Constitucionalista. No mesmo ano, viúvo, casou-se com Otília Furlan, tendo como padrinhos Pedro Ometto e Louis Clement (vv.). De 1920 até 1939 residiu na Vila Rezende. Mudou-se então para a rua Santo Antônio, um local quase oficial de recepção para políticos e estadistas que visitavam Piracicaba. Desquitado da segunda esposa, casou-se pela terceira vez com Ignez Seghesi, a Ina, “grande companheira e amiga de todas as horas”, segundo Bernadete Faria no *Jornal do Povo*. Em 1935 Mário fez parte do grupo que adquiriu a Fazenda Costa Pinto, cuja usina foi oficialmente fundada no ano seguinte (nos anos 40, passou a pertencer apenas a Pedro Ometto, um dos integrantes do grupo). Na orientação e

expansão dos negócios, Mário Dedini contou com a ajuda, a dedicação e a competência, desde os anos 40, de seu genro Dovílio Ometto (v.), assim com de seu sobrinho Leopoldo Dedini (v.) e do contador Lázaro Pinto Sampaio (v.). A expansão da cultura de cana levou Mário Dedini a produzir alambiques de aguardente e a fundar com Waldomiro Perissinoto (v.), em 1943, a construtora de Destilarias Dedini (Codistil), especializada na fabricação de destilarias para álcool anidro. Moratori (2004) salienta que “a indústria mecânica, com a Dedini liderando o mercado, enlaçou fortemente a lavoura e assegurou a prosperidade local. As máquinas, moendas e destilarias fabricadas na cidade substituíram o maquinário importado”, moendas e destilarias com qualidade equiparada às melhores do mundo. [Mário Dedini], porém, não se limitou a fundir metais e forjar máquinas. Foi além. Associou-se a lavradores, participando ativamente da produção. Popularizou a fabricação do açúcar, que, até 1930, era privilégio de poucas usinas. Investiu em planejamento e assistência técnica às usinas e destilarias. Em 1947, foi um dos empreen-dedores que se associaram, com João Bottene (v.) e Rubem de Souza Carvalho (v.) à frente, para a criação da Metalúrgica de Acessórios para Usinas S.A. (Mausa), cujas atividades começaram no ano seguinte, passando posteriormente seu controle acionário a pertencer ao grupo Dedini. Nos anos 50, surgiram a Dedini Refratários (1952), a Siderúrgica Dedini (1955), a Superkaveá em 1957 (v. Capellari, Humberto). Quando Mário Dedini faleceu em 1970, seu grupo abrangia 18 empresas. Em 1973 foi criada a empresa “holding” M. Dedini S/A e as empresas Kawasaki e C. Itoh injetaram capital na M. Dedini Metalúrgica, passando a participar do seu controle acionário. As empresas do grupo foram reestruturadas no ano 2000. Em 2005 a Dedini Indústrias de Base compreendia seis unidades, responsáveis por quinze áreas de produção, localizadas em Piracicaba e em Sertãozinho, SP, Maceió, AL, e Recife, PE. Um

conjunto de empresas que tem 3.200 funcionários diretos e gera cerca de nove mil empregos indiretos. Graças a Mário Dedini e ao Grupo que dele se originou, Piracicaba é conhecida como o berço da tecnologia sucroalcooleira no país, tendo uma participação da ordem de 60% no mercado de equipamento para o setor sucroalcooleiro, segundo Dovílio Ometto (entrevista no *Jornal de Piracicaba*, 23.9.2005). Mário Dedini ofereceu, com generosidade exemplar, inúmeras contribuições para a comunidade, notadamente nas áreas de saúde e social. Doou nos anos trinta a autoclave e a caldeira que ele próprio transportou e instalou na Santa Casa de Misericórdia, no valor de 15 contos de réis, “a primeira de uma série de doações” (Moratori, op. cit.). Custeou a nova Maternidade da Santa Casa, inaugurada em 1954, que ganhou o nome de Amália Dedini, sua mãe. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa, tendo feito parte do grupo de irmãos considerados ilustres pela instituição, e recebeu o título de Irmão Grande Benemérito. Seu dinamismo e arrojo foram fundamentais para o surgimento das escolas de ensino técnico em Piracicaba (Elias Netto, 2000), tendo sido o orador oficial da inauguração do novo prédio do Senai local, á rua D. Pedro II. Em meados do século sua contribuição foi decisiva para a encampação do serviço da água da cidade pela prefeitura, origem do atual Semae, graças ao vultoso empréstimo que fez ao governo municipal. Doou ferro para a construção das sedes do Clube Treze de Maio e do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz. Ainda vivo, foi galardoado com os títulos de Comendador e Grande Oficial, concedidos pelo Governo da Itália, assim como a medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul, pelo Governo brasileiro. Uma lei municipal atribuiu-lhe em 1952 o título de Cidadão Piracicabano. Contra a sua vontade, erigiram-lhe um monumento, inaugurado em 1961 na praça José Bonifácio, com 17m80, em granito rosa e com 7.800 kg de bronze. A construção foi coordenada por João Chiarini

(v), grande amigo e confidente do homenageado e seu secretário particular, de 1943 a 1970 (B. Faria, *Jornal do Povo*). O então prefeito João Hermann Netto retirou-o da praça, junto com outros monumentos, em 1981. Foi depois instalado na praça Imaculada Conceição, na vila Rezende, e tombado em 2007 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). A Escola Senai de Piracicaba consagrou-o como patrono em 1970, em reconhecimento pelos inestimáveis serviços que prestou à Escola e a Piracicaba, passando a denominar-se Escola Senai “Mário Dedini”. No governo Abreu Sodré, o Ginásio Estadual de Vila Rezende recebeu seu nome. A 18.5.2001 foi inaugurado um museu com seus pertences pessoais, doados pela família, em dependência da empresa Codistil. Em 2005, a Assembléia Legislativa do Estado aprovou projeto que deu a denominação de “Rodovia do Açúcar Comendador Mário Dedini” à SP-308, no trecho entre Piracicaba e Salto, SP. Em Vila Rezende há uma avenida com seu nome. Em 2006 o Distrito Industrial Norte (Uninorte) de Piracicaba ganhou a denominação “Comendador Mário Dedini”.

**DELAZARI, Dácio Oswaldo.** Séc. 20. F. 1995. Professor. Afável, querido por seus alunos, fez parte da intelectualidade piracicabana da segunda metade do século 20. “Sua vida era um livro aberto, cheio de realizações..., soube viver com dignidade, honestidade e inteireza de caráter” (N. Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 25.10.1995)

**DELFINI, Luiz** (Séc. 20). C.c. Ernesta Tremacoldi Delfini. Ff: Maria (f. 23.10.1980), Cristina, Mabilia, Reynaldo, Irene, Carolina, Elidia, Mário. Dos Delfini de Piracicaba, de origem italiana, fez parte Giuseppe Delfini, citado entre os estrangeiros residentes na cidade que não se naturalizaram, no início do século 20 (Alleoni, 2003). A mesma fonte refere-se a um L. Delfini como sócio da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em 1903. Há uma rua Luiz

Delfine no Jardim Residencial Javari I.

**DELGADO, Joaquim Antônio** (Séc. 19-20). Proprietário. Camargo incluiu seu nome no “Almanak de Piracicaba para 1900”, como um dos maiores proprietários de casas de aluguel na cidade, àquela época: tinha vinte e duas casas alugadas.

**DELGADO, Maria Pepa.** N. Piracicaba, 21.7.1887. F. Rio de Janeiro, 11.3.1945. C.c. Almerindo Álvaro de Moraes. F.: Heitor. Filha de Lourenço Delgado, toureiro espanhol e depois fotógrafo, e Ana Alves, n. Sorocaba, SP. Cantora, atriz de teatro de revista e comediante. Artista das mais aplaudidas na antiga Capital Federal, nas primeiras décadas do século 20. Várias cantoras a imitavam, principalmente na interpretação de uma música de sucesso, “Estação das flores”. Muitos diziam que ela era espanhola, mas, segundo o musicólogo Ary Vasconcelos (1985), Pepa “era paulista de Piracicaba”. Tem seu nome ligado aos primórdios do cinema e das gravações em disco no Brasil. Gravou para a Casa Édison do Rio de Janeiro em 1902 (ou 1904) o maxixe “Corta-jaca” de Chiquinha Gonzaga, em dueto com Mário Pinheiro, e “As Laranjas da Sabina” (ou “Fadinho da Sabina”), de Artur Azevedo e Moreira Sampaio. Gravou igualmente com Mário Pinheiro para a Casa Édison em 1906 o tango-chula “Vem cá, mulata”, de Arquimedes de Oliveira e Bastos Tigre. Datado de 1902 e um dos números mais aplaudidos da revista musical “O Maxixe”, de Batista Coelho e Bastos Tigre (disco Odeon), foi grande sucesso do carnaval de 1906 e dedicado ao “Clube dos Democráticos Carnavalescos”, existente no Rio de Janeiro desde 1867. Gravou mais de quatro dezenas de músicas na primeira década do século 20: maxixes, canções, valsas, canções. Em 1908 Pepa Delgado estreou a comédia cinematográfica “Sô Lotero e Siá Ofrásia com seus produtos na Exposição”, baseada na citada revista “O Maxixe”, contracenando

com o comediante João de Deus, um dos mais populares cômicos de então, Francisco Marzulo e outros. De acordo com um jornal da época, “fita engraçadíssima, nítida, perfeita, que recomendamos, certos do seu sucesso”. Tinha 37 anos de idade quando abandonou a carreira artística. Empenhou-se para a construção do Retiro dos Artistas, no Rio de Janeiro (M. Benvegnu, *Jornal de Piracicaba*, 16.9.2007). Pobre e esquecida, Pepa faleceu aos 57 anos de idade.

**DELGADO, Sebastião** (Séc. 19-20). Violonista. Musicista muito popular no começo do século vinte, gordo e mulato, tido como o melhor violonista de Piracicaba e muito estimado. “Com seu violão, Delgado era o tocador dos bares, das serestas e convidado sempre especial aos saraus familiares onde deliciava as pessoas com as modinhas que cantava. Nos bilhares..., era imbatível. E se destacava, também, por ser... o homem mais gordo de Piracicaba” (Elias Netto, 2000).

**DEL NERO, Ermelindo** (Séc. 20). Empresário. Foi presidente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, à frente da diretoria eleita para o período de 1941 a 1944. Pertenceu à entidade desde os primeiros tempos desta, tendo feito parte da diretoria que a conduziu desde o período administrativo de 1934-35. A família Del Nero estão ligadas a criação e a liderança, desde a primeira metade do século 20, de importante fábrica de bebidas que levou seu nome, as “Indústrias Del Nero & Cia.”, situada nos altos da rua Boa Morte. Fabricantes da “Aguardente Brasileira” e da “Caninha Velha 1921”, por volta de 1942 produziram cerca de um milhão de litros por ano. Fabricavam igualmente vinho quinado, vermute, amargo e fernet amargo DNC desde os anos vinte (Guidotti, 2002). Camargo (1900) refere-se, na passagem do século, à alfaiataria de Antonio Del Nero, à rua do Comércio, nº 68 (atual Governador Pedro de Toledo).

**DENNY, Ercílio Antônio.** N. Indaiatuba, SP, 1944. F. São Paulo, SP, 8.3.2005. C.c. Valdevez Mendes Thame Denny. F.: Danielle. Professor universitário, pesquisador, doutor em direito pela Universidade de São Paulo, escritor. Diplomou-se em filosofia, teologia, direito e pedagogia. Durante muitos anos, até seu falecimento, foi professor de filosofia do direito, hermenêutica jurídica e metodologia jurídica na Universidade Metodista de Piracicaba. Seus escritos e sua atuação profissional projetaram-no como um dos mais notáveis e cultos pensadores contemporâneos e como um batalhador em favor de sólidos princípios éticos. Colaborou no *Jornal de Piracicaba* e publicou os livros *Ética e política*, (1998-99), *Política e estado* (2000), *Ética e sociedade* (2001), *Interpretar e agir* (2002), *Experiência e liberdade* (2003) e *Fragmentos de um discurso sobre liberdade e responsabilidade* (2003).

**DESJARDINS, Louis Joseph Maurice.** N. Saint Paul, na ilha e colônia francesa de Réunion, 1880. F. 20.6.1957. C.c. Emília Carnevall Desjardins. Ff.: Alípio, Ari, Ivo, Mário, Odette, Valée. Fixou-se no Brasil em 1910. Técnico de açúcar de cana, ingressou em 1913 no Engenho da Sucrerie em Piracicaba, tendo também trabalhado em Rafard, Lorena e Campos (RJ). Desligou-se da Sucrerie em 1921, mas a ela retornou em 1930, permanecendo em Piracicaba até 1948. Dedicou-se à destilaria de álcool e colaborou na instalação da Morlet S.A. e da Usina Tamandupá. Nos anos vinte trabalhou na Ferrovia Noroeste do Brasil, em Três Lagoas, MT (M.T.G. Percin, 1989).

**DIAS, Antônio de Pádua** (Séc. 19-20). Professor, engenheiro civil. Formou-se pela Escola Politécnica de São Paulo e foi catedrático da Escola Agrícola de Piracicaba (ESALQ) desde a inauguração em 1901 até 1924. Lecionou Física, na primeira parte do curso de Física Agrícola, (1ª cadeira). De acordo com Ometto, no livro “ESALQ 75” (1976), Pádua Dias dispunha de um laboratório de física e

meteorologia, o observatório meteorológico e um gabinete de mineralogia. Como auxiliar de gabinete contava com Joaquim Trajano Sampaio. Nos anos vinte, também atuavam no curso de Física Luiz Barbedo Filho (v.), igualmente formado em engenharia civil pela Escola Politécnica de São Paulo, e Octávio de Campos Pacheco (v.), engenheiro agrônomo formado pela Escola Agrícola Luiz Queiroz em 1914. Dirigiu a escola de 1.7.1923 a 13.2.1927.

**DIAS, Francisco Cotrim.** N. séc. 19. F. séc. 20. C.c. Catharina da Silva Dias. Ff.: Antônio Gustavo, Alberto, Francisco Filho, Gastão, Renato, Zanira, Zoraide. Professor, atuou durante longos anos no ensino elementar piracicabano, como professor e administrador escolar. Bondoso e cordial, de uma retidão exemplar, sempre pronto para colaborar em boas causas, faz parte da galeria dos educadores notáveis de Piracicaba. O filho do mesmo nome, conhecido como “Chico Diabo”, n. 1917 e f. em Araçatuba, SP, em 30.7.1996, foi esportista e formou-se pela ESALQ em 1941.

**DIAS, Gastão da Silva.** N. Piracicaba. 1924. F. Piracicaba, 19.4.2008. C.c. Therezinha Aparecida da Silva Dias. Ff.: Maria Lina, Beatriz, Laura. Era f. do prof. Francisco Cotrim Dias (v.). Intelectual e bancário, ocupou vários postos importantes, em São Paulo e no interior. Após aposentar-se, voltou a residir em Piracicaba. Presidiu o Clube Piracicabano de Cinema (1949-52), de que foi um dos fundadores, e a Sociedade de Cultura Artística (1980-82), tendo participado da diretoria do asilo Nosso Lar.

**DIAS, Jacques Cotrim.** N. Piracicaba, 11.9.1912. F. Piracicaba, 13.6.1962. Comerciante. C.c. Palmyra (Naná) Aldrovandi Cotrim Dias (v. Aldrovandi, Umberto). Proprietário da Casa Jacques, especializada em materiais elétricos e fotográficos (Neme, 1936). Situava-se na rua Moraes Barros, nº 119.

**DIAS, Oscarlino.** N. Mogi-Mirim, SP, 1880. F. Piracicaba, 12.1.1924. Médico, político. C.c. Paula de Moraes Barros Dias, f. de Prudente José de Moraes Barros (v.). Ff.: Maria, Antonieta, Paula, Prudente. Era filho do prof. Sebastião Dias (v.) e de Maria Félix da Silva Dias. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1905, tendo ocupado diversos cargos na Capital Federal. Residiu à rua Moraes Barros nº 85, mantendo consultório no nº 87 (inicialmente no nº 176 da mesma rua). Foi vereador e colaborou a partir de 1905 com a Santa Casa de Misericórdia, a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, a Sociedade Hespânica e o Asilo de Velhice e Mendicidade. Membro da Irmandade da Santa Casa local, elegeram-no mesário em 1910 e provedor (1915 a 1919). Em 1920 passou a ter consultório à rua do Comércio, nº 12 (atual Governador Pedro de Toledo). Sua morte súbita, aos 44 anos de idade, comoveu a cidade.

**DIAS, Sebastião.** N. Rio Claro, SP, 17.12.1859. F. Piracicaba, 1918. C.c. Maria Félix da Silva Dias. Professor, jornalista, escritor. Figura destacada no âmbito educacional paulista, foi diretor do Grupo Escolar Moraes Barros, surgido em 4.8.1900. Estudou inicialmente em Campinas, no Colégio do Padre Lima e em 1885 formou-se professor pela Escola Normal da Praça da República, na capital paulista. Começou a lecionar em Mogi-Mirim, onde foi um dos redatores do jornal “A Gazeta de Mogi-Mirim”, juntamente com João Mendes Junior e Alexandre Coelho. Dirigiu o diário “O Império”, editado na capital paulista. Interrompeu a carreira docente para atuar no Rio de Janeiro como fiel do conselheiro João Marcelino de Souza Gonzaga e trabalhou no jornal carioca “O Correio da Manhã”. Dirigiu um setor do Banco Construtor e Agrícola de São Paulo, dedicando-se durante alguns anos ao comércio. Em 1901 foi adjunto do grupo escolar de Lorena e em 1904 passou a

viver em Piracicaba, assumindo a direção do Grupo Escolar Moraes Barros, cargo em que permaneceu até a segunda década do século vinte. Segundo Capri (1914), era “dotado de inteligência lúcida e esmeradamente cultivada, versado na pedagogia moderna, possuindo longa prática do magistério, força de vontade e outros predicados morais”. Publicou a monografia histórica “Mogi-Mirim” e o livro “De longe – Impressões de viagem”, sobre a viagem que fez à Europa, impresso na tipografia Meira de Piracicaba, que reúne textos anteriormente divulgados na “Gazeta de Piracicaba”. Há na Paulicéia uma rua Sebastião Dias.

**DIAS, Waldemar (Piranha).** N.c. 1920-30. F. 1992. C.c. Maria Aparecida Dias, n. 1928. Ff.: Liliana, Mércia, Márcia Helena. Ator e empresário circense. Criou em 1954 o Circo Teatro Piranha, com uma trupe formada predominantemente pela sua família: a esposa, filhas, genros e neta, contando também com a participação de outros atores. Ativo até 2003 por seus familiares após o falecimento de Waldemar, o palhaço Piranha, o circo voltou a apresentar-se em fins de 2004, no bairro Tupi, graças a um prêmio recebido da Funarte, “Estímulo ao Circo 2004” (C. Perina, *Journal de Piracicaba*, 8.12.2004).

**DIB, Antônio Haddad.** N. Piracicaba, 1962. F. Piracicaba, 11.6.2007. Médico. Filho de Jurjos Haddad Nume Youssef Dib e de Daler Miguel Dib, irmão de Michel Haddad Dib. Após diplo-mar-se em medicina, fez residência médica na capital paulista, no hospital da Beneficência Portuguesa. Especializou-se em cardiologia e manteve uma clínica especializada à rua São João. Além das atividades profissionais, em seus últimos anos de vida passou a dedicar-se às atividades associativas, sendo eleito presidente da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina. Foi diretor científico da entidade na gestão anterior à sua. “Sempre estudou

## **DIB, Antônio Haddad.**

muito, estava sempre atualizado, foi uma pessoa muito honesta. Uma grande perda, tanto do homem como do profissional” (D. B. Piaí).

**DIB, Issa** (Séc. 19-20). Comerciante. Um dos fundadores da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba, a 16.11.1902, surgida em reunião realizada na residência de Mansur Elias Zina (v.), eleito presidente da entidade. Outro Dib figura na relação dos homenageados “In Memoriam” da sociedade: Jurjos Haddad Dib, proprietário da casa Haddad, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1092, pai dos médicos Antônio Haddad Dib (v.) e Michel Haddad Dib. Jurjos fazia parte do quadro social da entidade, por ocasião do Jubileu de Diamante desta, em 1977.

**DIEHL, Antônio e companheiros** (Séc. 19-20). Esportistas. Antônio Diehl fez parte do primeiro time do Esporte Clube XV de novembro, surgido a 15.11.1913 como resultado da fusão do clube dos irmãos Pousa (v.), o Vergueirense, com o clube 12 de Outubro, formado por Leandro Guerrini (v.), seus irmãos e amigos. O esquadrão do XV estreou no futebol piracicabano no dia seguinte ao da sua fundação, sendo derrotado pelo Sport Recreio Normalista por dois a zero. Diehl era um dos beques (zagueiros) do XV. A escalção deste foi a seguinte, no seu jogo de estréia: Alberto Franklin Oliveira, Vicente Mastrandéa e Antônio Diehl; Paco (Francisco Pelegrino), Antônio De Laringa e Belmácio Pousa (Godinho, v.); Guinho (Edmundo Huffenbacher), Milton, Salvinho Provenzano, Francisco Pousa (v.) e Luciano Servija. Reservas: Laércio e Tutu Pousa (José Pousa de Toledo, v.). Carlos Wingeter (v.) foi o primeiro presidente do clube.

**DIEHL, Felipe** (Séc. 19). Foi o primeiro imigrante com nome alemão que adquiriu propriedade em Piracicaba, em 1855. O “Almanak” de Camargo (1900) menciona-o como proprietário de uma olaria e de uma das

grandes chácaras da cidade. A olaria situava-se na rua do Porto e as encomendas podiam ser feitas à rua da Palma (atual Tiradentes), nº 93 A. Segundo C. Perina (*Jornal de Piracicaba*, 19.12.2004), Piracicaba chegou a abrigar cerca de meia centena de olarias, em diversos bairros: rua do Porto, Piracicamirim, Santa Terezinha, Morumbi, Chicó, Pau Queimado e Campestre. As primeiras surgiram no século 19, na rua do Porto e na região dos bairros Piracicamirim e Morumbi, de acordo com informações de H. N. Ferraz passadas à fonte citada. Quatro olarias funcionavam na rua do Porto. Destas, a mais antiga era a de Felipe Diehl. Situavam-se no Piracicamirim a olaria de Guilhermina Girão, depois vendida a Avelino Chiodi, e a de João Brossi. No bairro Morumbi existiam as olarias de Antônio Brossi, Antônio Soller, Chico Pio e da família Rugia. De acordo com Ferraz, Felipe Diehl foi pioneiro na implantação da fabricação de telhas francesas, cuja conformação impedia a entrada de água, quando chovia.

**DIEHL, Júlio Soares.** N. Piracicaba, 24.10.1906. F. Piracicaba, 6.7.1975. Irmão de Jacob Diehl Netto (v.), Antônio e Oscar Soares Diehl. Cirurgião dentista, formado em 1928 pela Escola de Odontologia de Piracicaba. Advogado, professor, historiador. Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba de 1970 a 1971, tendo exercido a advocacia na cidade e colaborado em periódicos locais, com estudos, artigos e poesias. Co-autor, com Guilherme Vitti, de *Piracicaba: dois estudos (1989)*, no qual focalizava os rios Piracicaba e Itapeva. Situa-se no Jardim Itapuã uma rua com seu nome, junto à avenida Thales Castanho de Andrade. No bairro Nova América há uma rua cujo nome homenageia seu irmão Oscar Soares Diehl, paralela à avenida Prof. Alberto Vollet Sachs, perto da rua Luiz Razera.

**DIEHL NETTO, Jacob.** N. Piracicaba, 6.4.1890. F. 23.5.1970. C.c. Odila de Souza Diehl, n. 21.6.1894 e f. Piracicaba, 7.6.1979. Ff.:

Helena, Paschoal José (Pahite), Cecília, Fábio, Ciro. Advogado, político, jornalista. Polemista e advogado brilhante, dotado de extraordinárias cultura e inteligência, escritor primoroso e um dos mais ferrenhos batalhadores em defesa da proteção ambiental da cidade e da população, Jacob Diehl Netto faz parte do panteão das maiores figuras da história piracicabana de todos os tempos. Sempre soube “terçar armas em benefício dos injustiçados, dos desprotegidos da sorte... advogado das causas difíceis... Enfrentava a luta onde houvesse injustiça, por isso era procurado por todas as classes sociais da cidade” (Cillo, 1986). “Ninguém amou esta terra com maior paixão. Ninguém, por Piracicaba, lutou com maior denodo. Ninguém... foi tão vigilante dos interesses de nossa terra e de nossa gente” (Losso Netto, 1970). Filho de piracicabanos, foram seus pais Bento Francisco Diehl e Rita Soares Diehl. Começou seus estudos numa escola particular, como aluno de Maria Leopoldina Soares Mendes, sua tia. Deixou Piracicaba ainda menino para residir em São Paulo, com seus padrinhos Pasqual Saraceni e Ana Diehl Saraceni. Ingressou na Escola Modelo Prudente de Moraes e em 1903 matriculou-se no Ginásio do Estado. Um atrito com um professor fez com que passasse a estudar em outra escola, o Instituto de Ciências e Letras, onde terminou seu curso secundário. Ingressou a seguir na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1909), onde colou grau em 1914. Para se manter na capital paulista, dava aulas particulares e trabalhou como revisor do jornal “O Estado de S. Paulo”. Data de 1915 o início de sua carreira, longa, fecunda, combativa, no foro de Piracicaba. Foram seus companheiros de escritório advocatício Moacyr do Amaral Santos (v), depois Ministro do Supremo Tribunal, e Francisco Carlos de Castro Neves (v), Ministro do Trabalho no governo de Jânio Quadros. Poeta, articulista e polemista, desde 1910 colaborou no “Jornal de Piracicaba” e foi um dos fundadores do “Diário de Piracicaba” em 1935. Fundou também “O

Momento”, juntamente com Moacyr do Amaral Santos, Fernando Aloisi e Mário Neme, jornal que circulou entre 1930 e 1932. Presidiu o E. C. XV de Novembro e por dez anos o Clube de Regatas Piracicaba. Foi consultor jurídico da Prefeitura Municipal de Piracicaba em quatro administrações e fez parte da Câmara Municipal. Presidiu a 8ª Subseção de Piracicaba da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, durante um quarto de século. Participou do 1º Batalhão Piracicabano com a esposa e o filho Paschoal, na Revolução Constitucionalista de 1932. Lutas e campanhas em que se empenhou foram verdadeiramente memoráveis, como combate às indústrias poluidoras do rio Piracicaba (1955-56), a defesa do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz numa ação de usucapião que garantiu para este a propriedade do prédio da sua sede, a campanha contra a escandalosa venda de vagas de professores do ensino público. Dentre as numerosas medalhas e honrarias que recebeu, estão a Comenda Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Medalha da Constituição da Assembléia Legislativa do Estado, a Medalha Cultural e Comemorativa Luiz de Queiroz, outorgada pelo Centro Acadêmico Luiz de Queiroz. Achava-se numa esquina da avenida Saldanha Marinho, à espera de um ônibus, quando foi atingido por um carro desgovernado, acidente que provocou sua morte. Ao noticiar seu falecimento, o “Jornal de Piracicaba” ressaltou que Diehl Netto “morreu exatamente como desejava: combatendo, conclamando as novas gerações à luta por um Brasil melhor”, já que, pouco antes de morrer, ele levou pessoalmente à redação do jornal um artigo de sua lavra, intitulado “Ensine-se o paulista”, trabalho que “traduz o seu espírito combativo, seu civismo sem jaça, seu amor devotado a São Paulo e ao Brasil”. Em outubro de 1992, por ocasião da inauguração do prédio do Fórum Trabalhista de Piracicaba, o órgão passou a se chamar Fórum Trabalhista Dr. Jacob Diehl Netto. Em Piracicaba há uma



## DI GIÁCOMO, Juvenal

rua Dr. Jacob Diehl Netto no Jardim Primavera, perto do cemitério da Vila Rezende, e uma rua com o nome de seu avô, Jacob Diehl, junto à avenida prof. Alberto Vollet Sachs. Jacob Diehl figura no “almanaque” para 1900 de Camargo como proprietário de uma pedreira e olaria com seu nome, situada no nº 83 da rua da Palma (rua Tiradentes, atualmente), assim como na lista dos maiores proprietários de casas de aluguel de Piracicaba, com um total de 30 casas. O filho Paschoal José, conhecido na cidade como Pahite, f. em Piracicaba em 13.10.2000.

**DI GIÁCOMO, Juvenal** (Séc. 20). Comerciante. Aparece como sócio nº 141 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, registrado no comércio a 27.12.1940, como uma das maiores firmas da cidade, tendo 120:000\$000 de capital registrado, e localizada no Largo da Matriz (Praça da Catedral) nº 15, dedicando-se à panificação, fabricação e venda de massas alimentícias e confeitaria. Um “comunicado à praça”, publicado no “Jornal de Piracicaba” de 14.3.1941, dá notícia da dissolução da “firma que girava sob a razão social de Cardinali, Di Giácomo Limitada, retirando-se o sócio sr. João Baptista Cardinali” (v.), ficando em sucessão a firma individual Juvenal Di Giácomo com o mesmo ramo de negócios”. No “Guia” de Piracicaba de Camargo e Navarro para 1958, entre as principais casas comerciais da cidade, consta uma “Padaria Di Giácomo-Filial”, à avenida Manuel Conceição, nº 242. No *Almanaque* de Krähenbühl (1955), a Panificadora e Pastifício Di Giácomo é mencionada como propriedade de Azevedo, Quissini & Cia., à praça da Catedral, nº 1061.

**DINIZ, Moacyr**. N. Piracicaba, 4.6.1903. F? Professor, cirurgião dentista, músico. Coursou o Grupo Escolar Moraes Barros e formou-se pela Escola Normal Oficial (posteriormente, “Sud Mennucci”). Diplomou-se pela Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo, tendo

vivido em Jaú, SP, e São Carlos, SP. Quando jovem, trabalhou como auxiliar de escritório. Tornou-se violinista e passou a apresentar-se em festas. Ao tempo do cinema mudo, foi violinista da orquestra do Cine Teatro São Pedro, em Jaú. Fixou-se depois na cidade de São Carlos, onde lecionou ciências no Ginásio Diocesano. Após retornar à cidade natal, exerceu o magistério como professor de ciências na Escola Normal Oficial, no Colégio Assunção e no Colégio Piracicabano. Fundou, organizou e dirigiu durante muitos anos, em meados do século, o Clube de Ciências, criado junto à Escola Normal Oficial, primeiro clube dessa natureza criado no país. O clube mantinha um museu cujos pertences incluíam achados arqueológicos de Piracicaba, de origem pré-colombiana (Krähenbühl, 1955). Participou em 1938 como membro efetivo do 1º Congresso Brasileiro de Odontologia e em 1951 recebeu a Medalha de Ouro de Honra ao Mérito, que lhe foi conferida na rádio Tupi de São Paulo. Publicou numerosos trabalhos em revistas e jornais, sobre odontologia, biologia e música, e os livros “Os dentes e a saúde” e “Deus e a ciência do homem moderno”. Uma rua no bairro Jaraguá lembra seu nome.

**DO MARCO, Joaquim**. N. Piracicaba, 30.6.1899. F. 22.7.1971. Professor, escritor, jornalista. Intellectual renomado e muito benquisto nos meios culturais e educacionais piracicabanos. Professor do ensino público desde 1919, foi inspetor escolar em Piracicaba e delegado de ensino em Ribeirão Preto. Assíduo colaborador da imprensa local, fundou a revista *Mirante* e deu contribuições decisivas para o êxito de numerosas atividades e realizações de natureza literárias, artísticas e educacionais. Foi conselheiro da Fundação Municipal de Ensino, conselheiro do Centro do Professorado Paulista e um dos sócios fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, tendo feito parte da sua primeira diretoria. Teve atuação importante no Conselho Coordenador

das Entidades Cíveis de Piracicaba, surgido em 1956, do qual foi o primeiro secretário executivo, e no Museu Prudente de Moraes, onde atuou como conselheiro desde a instalação, em 1.8.1957. Sua dedicação aos assuntos e problemas de Piracicaba fez com que se tornasse “membro de praticamente todas as entidades piracicabanas”, na segunda metade do século vinte (Elias Netto, 2003). Na Vila Rezende há uma rua com seu nome.

**DOMINGUES, Octávio.** N. Acre, 1897. F. Teresópolis, RJ, 1972. Engenheiro agrônomo, formou-se pela Escola Agrícola Luiz Queiroz em 1917 e foi professor catedrático desta de 1921 a 1937, o primeiro titular, por concurso, da 14ª cadeira, destacada da 5ª cadeira (Zootecnia), correspondente a Zootecnia Geral e Elementos de Genética Animal, Exterior e Raças de Animais Domésticos, Avicultura e Cunicultura (período de 1931 a março de 1936). Transferiu-se depois para a Escola Nacional de Agronomia no Rio de Janeiro, onde foi professor de Zootecnia Geral. Dirigiu o Departamento Nacional de Produção Animal. Entre as suas numerosas publicações, destacam-se “A perfeição zootécnica e outros ensaios” (1936), “Considerações em torno do en-sino de zootecnia” (1938), “O gado aos trópicos” (1961) e “O gado indiano no Brasil” (1965).

**DONADIO, Gennaro** (Séc. 20). Maestro. Provavelmente italiano de nascimento. É mencionado por João Chiarini em texto sobre antigas bandas de música piracicabanas (em Krähenbühl, 1955). De 1920 a 1930 foi regente da Corporação Musical Luiz Dutra (v.). L. Vitti, em artigo publicado no *Jornal de Piracicaba*, refere-se a Genaro Donadio como o maestro que criou a Banda Musical do bairro de Santana. “Um crânio em que borbulhavam notas musicais ao lado de uma vontade invencível de ensinar e transmitir música”, segundo Vitti, que o classifica como um autêntico herói.

**DONATZ, Christovam.** N. 23.1.1891, Campinas, SP. F. Piracicaba, 21.1.1937. C.c. Araceli Donatz. Vários ff. Era filho de José Donatz e Mariana Donatz. Jornalista, veio moço para Piracicaba, trabalhando inicialmente como tipógrafo. Diplomou-se pela Escola de Comércio Cristóvão Colombo. Foi diretor-proprietário da “Gazeta de Piracicaba” por longos anos, sendo a sua vida, segundo Guerrini (1970), “uma verdadeira odisséia para manter o velho órgão da nossa terra”. O jornal, fundado em 1882, desapareceu logo após a sua morte. “Foi redator, revisor, repórter, cobrador, tipógrafo, impressor, remessista”. “Um grande coração que albergava três modalidades inerentes ao altruísmo – apego para com a família, veneração para com seus semelhantes, bondade e estima a todos que conviveram no círculo de suas relações” (A. S. Veiga). Deve referir-se a ele a travessa Cris-tóvão Donati, no Piracicamirim.

**DORTA, Laureano de Oliveira.** N. Piracicaba, c. 1903. F. Piracicaba, 21.10.1975. Escultor. Artista ingênuo e autodidata, ganhou vários prêmios nos Salões de Belas Artes de Piracicaba. Era tio do artista plástico piracicabano Renato Wagner (v.). Um membro da família Oliveira Dorta, João de Oliveira Dorta, fez parte do grupo dos maiores proprietários de casas de aluguel na passagem do século (Camargo, 1900), como dono de 14 casas alugadas em Piracicaba.

**DUARTE, Gumercindo de Lurdes.** N. Rio Claro, SP, 2.2.1910. F. Piracicaba, 27.12.1992. C.c. Maria José (Tilly) de Camargo Barros Duarte, n. 1915 e f. 20.9.2008. Ff.: Dorothy, Wladimir Antônio, Edson, Martha Angélica. Teve firma de serviços de pintura em 1936 à rua Prudente de Moraes, nº 134 e depois à rua Monsenhor Manoel Francisco Rosa, nº 523. Estudou pintura com Carlo Adler, na Escola de Artes e Ofícios de sua cidade natal. Mudou-se para São Paulo, mas trocou-a para viver em Piracicaba, dedicando-se durante

47 anos à decoração, à pintura em geral e à letragem publicitária. Era idoso quando se tornou discípulo de Archimedes Dutra (v.), seu amigo, com quem estudou desenho e pintura. Participou de numerosos salões de belas artes na capital e no interior do estado, em Piracicaba, Araras, Limeira, Campinas e Rio Claro. Obteve uma dúzia de medalhas, prêmios de aquisição e premiações diversas, tendo exposto nos Salões de Belas Artes de Piracicaba de 1978 (Segundo Prêmio), 1979 (Premio Aquisição), 1983 (Medalha de Bronze), 1984 (Quarto Prêmio) e 1990 (Medalha de Ouro). Foi o ganhador da Grande Medalha de Bronze da Mostra Almeida Júnior em 1992. Exibiu com êxito suas aquarelas em exposição na Casa do Povoador em Piracicaba (1980). Obteve o título de Benemérito do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, após presentear a instituição com a tela “Jesus no Templo”. Conforme assinala Mello (1999), o gênero a que mais se dedicou, com sensibilidade e domínio seguro da palheta, “foi a paisagem, sendo a sua temática, sobretudo, recantos de Piracicaba, trechos do rio e rua do Porto”. Foi um artista “sempre fiel aos reclamos da sensibilidade, da espontaneidade e do sagrado respeito às exigências da pesquisa técnica”, segundo Dutra (cit. por Mello).

**DUARTE, Lacordaire.** N. São João Nepomuceno, MG, séc. 19. F. Piracicaba, 6.3.1903. C.c. Ambrozina Magalhães Duarte, f. Minas Gerais a 27.10.1920. Ff.: Carlos Thomaz, Lacordaire (Filho), Zina, Raul, Luiz, Lamartine. Médico, professor do ensino superior e secundário. Após formar-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, exerceu a profissão de médico primeiramente na então capital federal e depois em várias entidades. Foi professor no Ginásio Mineiro e em São José do Rio Preto. Atuou como coletor e chefe do diretório do Partido Republicano. Viveu durante muitos anos em Piracicaba, residindo à rua Santa Cruz. De 1901 ao seu falecimento em 1903, fez parte do grupo de primeiros

professores da ESALQ, então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, como professor catedrático da 2ª Cadeira (Botânica Geral e Agrícola, Fitopatologia, Zoologia). “Excelente didata, inteligente, modesto, de maneiras afáveis, lecionava com agrado, conquistando, com sua simpatia pessoal, a amizade e admiração de seus alunos” (Cambiaghi, 1984). Dois dos seus filhos estão igualmente ligados à história da ESALQ: Carlos Thomaz de Magalhães Duarte, engenheiro agrônomo formado na primeira turma da escola em 1903, que foi agrônomo do Ministério da Agricultura, e Raul Magalhães Duarte (v.), professor da ESALQ e nela formado em 1912.

**DUARTE, Raul Magalhães.** N. séc. 19. F. Piracicaba, 1946. C.c. Nenê Duarte. F.: Eugênia (Geninha, adotiva). Engenheiro agrônomo, professor. Formado em 1912 pela ESALQ, no ano seguinte começou suas atividades docentes na escola, como ajudante de laboratório de 5ª cadeira, referida nessa época como Zootecnia, para o ensino de entomologia e zoologia. Tornou-se posteriormente professor catedrático em 1931, quando foi criada a 17ª cadeira (Entomologia e Parasitologia Agrícola, Apicultura, Sericultura), de que se converteu em primeiro titular. A referida cadeira originou em 1970 o Departamento de Entomologia da escola (Gallo, 1976, em *ESALQ 1975*). Residiu à rua Moraes Barros, na esquina da rua Benjamim Constant, nas anos 30 e 40. No bairro Jaraguá há uma rua Prof. Raul Duarte, paralela à avenida Presidente Vargas.

**DUARTE (Novaes), Manoel (Manduca)** (Séc. 19-20). Sitante, sertanista, grande conhecedor do rio Piracicaba e arredores, um dos principais personagens das tradições da rua do Porto. Elias (2000) destaca um de seus descendentes, o “Bico Fino”: “João Duarte Novais Filho, herdeiro dos Duarte Novais, nascido em 1904, onde está, neste ano 2000, o casarão da rua do Porto destinado ao turismo”.

**DUMIT, Elias.** Séc. 20, f. 26.2.2001. Comerciante. Figura na relação “In Memoriam” dos antigos sócios da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. (Salum, 2003). Outros Dumit são mencionados nessa relação: João Dumit, José Dumith e Tufic (Taufic) Dumit (v). A fonte citada inclui a “Casa de Camisas” de propriedade de Antônio Dumit, à rua XV de Novembro, perto da rua Governador Pedro de Toledo, entre os estabelecimentos comerciais piracicabanos dirigidos por pessoas da comunidade árabe radicadas na cidade. Salum refere-se igualmente à casa Dumith, à rua Moraes Barros, esquina da rua Santa Cruz. No contexto esportivo, Elias Dumit teve participação das mais significativas na Piracicaba dos anos 40. Foi técnico dos times esportivos do Colégio Piracicabano, desde a saída de Clyde Cooper (v), que disso se encarregava. Pertenceu, além disso, à principal formação do time de futebol do Colégio (Elias, 2001). Há uma rua com seu nome, no Jardim Residencial Javari.

**DUMIT, Taufic** (Tufi). N. 1924. F. Piracicaba, 3.2.1998. C.c. Walda Valentini Faganello Dumit. Ff.: Agda Maria, Cristina Maria, Rosana Maria. Professor. Destacou-se na sociedade piracicabana do século 20 em várias áreas: na matemática, no esporte, no ensino, na política, nas atividades assistenciais aos menos favorecidos. Daí ser muito estimado por seus conterrâneos e muito solicitado para atividades a que se entregava sempre com empenho e entusiasmo invulgares. Era filho de Antônio Dumit (v. em Elias Dumit) e Sayda Sarkis Dumit. Em 14.11.2003, na *Gazeta de Piracicaba*, E. Teixeira publicou uma entrevista com Antônio Dumit Neto, n. 1921 em Kenet, no Líbano, que veio aos 5 anos de idade com a família ao Brasil, fixando-se em Rio das Pedras, SP, em 1925. O pai montou uma loja na localidade, na qual seus sete filhos trabalharam. Mudaram-se para Piracicaba em 1934. Casado desde 1964 com Sônia Dumit, formou-se em 1958 pela Faculdade de Direito de Bauri. São

seus filhos: Antônio Augusto e Luís Ricardo Dumit. Brasileiro naturalizado, presidiu durante uma dezena de anos a Subseção de Piracicaba da Ordem dos Advogados do Brasil. Foi locutor esportivo de rádio, criou jornal em Rio das Pedras e foi um dos fundadores da revista piracicabana *Mirante*. Antes de exercer a advocacia, foi comerciante, político e promotor de empreendimentos imobiliários. Atuou, além disso, como conselheiro e membro efetivo do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo, SP.

**DUTRA, Alípio.** N. Jaú, SP, 29.5.1891. F. São Paulo, SP, 24.1.1964. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Maria José Rolim Dutra e em 2<sup>as</sup> núpcias c. Anita Leme Dutra. F. de Joaquim Miguel Dutra (v) e Malvina de Almeida Dutra. Ff.: Leilah, Altair, Stela, Maria Thereza. Diplomata, artista plástico, músico, professor. Irmão dos artistas José Benedicto, João, Antônio de Pádua e Archimedes Dutra (vv). Nascido em Jaú, mas crescido em Piracicaba, aprendeu a pintar com o pai e os irmãos e formou-se professor pela Escola Complementar de Piracicaba (a futura Sud Mennucci), em 1909. Lecionou desenho na mesma escola (1910-13) e fez em 1912 sua primeira exposição de pinturas. Ganhou prêmio do governo do Estado que possibilitou seu aperfeiçoamento em pintura junto a Baschet, Royer, Laparra e outros renomados mestres da Academia Julien em Paris. Retornou ao Brasil em 1914, expondo suas pinturas na casa Di Franco de São Paulo em 1916. Em 1919 passou a trabalhar em Bruxelas, Bélgica, no Comissariado do Estado de São Paulo, e, ao mesmo tempo, a estudar na “Académie Royale”, após aprovação em concurso. Teve uma breve passagem no Havre, como funcionário do consulado brasileiro, e mudou-se para Paris, onde assumiu o posto de adido comercial adjunto na embaixada do Brasil, sendo admitido, por concurso bastante concorrido (600 candidatos para 20 vagas), na Escola Nacional de Belas Artes. Paisagens e

retratos de sua autoria foram expostos com êxito em 1921-22, por duas vezes consecutivas, no Salão dos Artistas Franceses de Paris. O Instituto Brasileiro do Café confiou-lhe em 1926 o cargo de diretor do Instituto do Café do Estado de São Paulo, com a incumbência de dirigir na Europa o programa de propaganda do café do referido instituto. Permaneceu nesse cargo até 1934, quando o Instituto extinguiu o escritório em Paris. O governo francês, em reconhecimento por seus serviços concedeu-lhe a cruz de cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra. De volta ao Brasil em 1934, dirigiu a agência do Instituto Brasileiro do Café no Rio de Janeiro. Continuou a pintar e a participar de salões e exposições, com destaque para o Salão Paulista de Belas Artes, onde foi distinguido com a grande medalha de prata (1941), o primeiro prêmio Fernando Costa e a grande medalha de ouro em 1943, o prêmio Aquisição de 1957 e a medalha de honra em 1959. Ganhou o prêmio Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo em 1957 e participou em 1951 e 1953 dos júris de seleção e premiação do Salão Paulista de Belas Artes. Recebeu em 1955 o primeiro prêmio do Salão de Belas Artes de Piracicaba e foi igualmente premiado no Salão Nacional de Belas Artes. Além de pintor, foi flautista dos bons. Seus quadros povoam numerosas pinacotecas oficiais e particulares. De acordo com Velloso (2000), em virtude do seu temperamento boêmio, Alípio se desfazia com frequência dos quadros que pintava. Seu irmão João Dutra não queria vender uma pintura de sua autoria, quando Alípio, segundo a fonte citada, lhe disse: “Vende, João, isso é estopa pintada, e nós temos facilidade de fazer mais!” Alípio Dutra integrou o Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo. Publicou “L’industrie du froid au Brasil” (1922, Paris), “Empréstimos brasileiros em França” e deixou inédito um livro sobre Almeida Junior. Em 1973 uma rua ganhou a denominação de Alípio Dutra no Rio de Janeiro, RJ.

**DUTRA, Antônio de Pádua.** N. Piracicaba, 30.5.1906. F. Nápoles, Itália, 11.1.1939. Artista plástico e irmão de pintores, os Dutra piracicabanos (vv.), aprendeu desenho e pintura com o pai e os irmãos mais velhos, formou-se pela Escola Normal de Piracicaba em 1923 e foi professor de desenho da Escola Normal de Casa Branca, SP. Foi igualmente discípulo de frei Paulo de Sorocaba (v.). Ganhou prêmio de viagem em 1937, em concurso público, para aperfeiçoar-se em Florença, na Itália, no curso superior de arte da Reggia Academia di Belle Arti, tendo sido aluno de um mestre afamado, Felice Carena. Participou de inúmeras exposições no país e no exterior e obteve vários prêmios, no Salão Nacional de Belas Artes (menção honrosa, 1926; medalha de bronze, 1927; medalha de prata, 1932), no Salão Paulista de Belas Artes (menção honrosa, 1936; grande medalha de ouro, 1939, póstuma). Pinturas e desenhos de sua autoria encontram-se em entidades oficiais de artes e coleções particulares brasileiras e do exterior. Colaborou na imprensa da região piracicabana, com notas de viagem, crônicas e poesias, e no jornal *A Gazeta* (1937), na capital paulista. Foi co-autor do “Manual de campanha do voluntário constitucionalista” e “Christus, bases da ação católica”, com prefácio de Tristão de Athaide, Rio de Janeiro, José Olympio, 1931. Presidiu o Centro do Professorado Paulista em Piracicaba, onde organizou uma pinacoteca, posteriormente agregada ao Museu Prudente de Moraes. Criou a disciplina Desenho Pedagógico nas escolas normais do Estado, juntamente com seu irmão Archimedes. De acordo com Carena, seu mestre em Florença, Alípio “estudava com profundo amor, tinha grande paixão pela sua arte e se preparava solidamente para se afrontar os mais vastos e complexos problemas. Dotado de uma verdadeira sensibilidade, de grande amor pelo estudo e pela natureza” (cit. em Melo, 1954). Foi, segundo Velloso (2000), “estrela de primeira grandeza no panorama artístico nacional”. Além de pintor, foi músico – compositor e

instrumentista de saxofone – e teria sido eleito pelo Partido Integralista em 1937, para a Câmara Municipal de Piracicaba, de acordo com Velloso (op. cit.), mas seu nome não figura na relação de vereadores piracicabanos publicada por Vitti (1966). Faleceu antes de terminar seus estudos em Nápoles, na Itália, sem completar 33 anos de idade. Há uma praça com seu nome, no centro da cidade.

**DUTRA, Archimedes.** N. Piracicaba, 6.6.1908. F. 1.7.1983. C.c. Zoraide M. de Almeida Dutra. F. do pintor Joaquim Miguel Dutra (v.) e irmão dos artistas plásticos Alípio, Antônio de Pádua, João e José Benedicto (vv.). Artista plástico, professor, escritor, conferencista. Formou-se professor do ensino elementar pela Escola Normal Oficial de Piracicaba, futura Sud Mennucci, em 1927. Após classificar-se em primeiro lugar no concurso público para ensino de desenho em 1929, lecionou na Escola Normal de São Carlos. Em 1939 foi o vencedor de prêmio de viagem à Europa para aperfeiçoamento artístico, que lhe foi atribuído, após concurso público, pelo governo paulista. Em 1947 obteve o primeiro lugar, com direito a matricular-se no 4º ano, em provas de ingresso na “Academia di Belle Arti” de Roma, diplomando-se por esta em primeiro lugar em 1948. Foi igualmente aprovado em 1947 no concurso para ingresso na “Reggia Accademia di San Luca”, em Roma. De 1935 a 1944 pertenceu ao quadro docente da ESALQ, tendo ainda lecionado de 1944 a 1963 na Escola Normal em que se formou e onde se aposentou. Doutorou-se na ESALQ em 1973. O Ministério da Educação encarregou-o de preparar os programas de ensino de desenho nas escolas de nível médio do país. Em 1953 fez parte do grupo que fundou a Escola de Música de Piracicaba e foi seu primeiro presidente (1953-56). Lecionou desenho artístico na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP de 1950 a 1954, após aprovação em concurso público. Em 1967 tornou-se membro do primeiro conselho de curadores da Fundação Municipal de Ensino

de Piracicaba. A cidade deve-lhe a idealização do brasão (1952) e da bandeira (1953) do município e do Salão Anual de Belas Artes, criado em 1953; a construção da Casa de Artes Plásticas Miguel Arcaño Benício de Assunção Dutra, à rua Moraes Barros, nº 233, e da Sociedade Beneficente Treze de Maio; colaborou nos estudos que resultaram na construção do Estádio Municipal Barão de Serra Negra. São de sua autoria os projetos do Marco da Bandeira, demolido, à praça José Bonifácio; a mansão residencial da Usina Monte Alegre; o edifício do curso de pós-graduação em economia da ESALQ; o mausoléu de Luiz Vicente de Sousa Queiroz e sua esposa, no campus da ESALQ; o mausoléu de Almeida Junior, no cemitério municipal. Elaborou desenhos para bandeiras, brasões e medalhas. Entre os numerosos títulos e medalhas que recebeu destacam-se os seguintes: medalha Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1958; medalha do Bicentenário de Piracicaba, 1967; medalha de mérito e cultura, da Sociedade de Amigos do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, 1973; medalha da Revolução Constitucionalista de 1932, da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo; medalha Almeida Júnior, do governo do Estado; medalha da Ordem do Mérito Ipiranga, a mais alta condecoração do governo do Estado, 1980. Participou de grande número de salões de arte e exposições, ganhando medalhas e primeiros prêmios, nos Salões Paulistas de Belas Artes (1935, 1938, 1939, 1941, 1951, 1954, 1957, 1958, 1963, 1979). Participou como membro do júri desse salão numerosas vezes. No Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, obteve medalhas e prêmios em 1927, 1928, 1929, 1930, 1942 e 1943, neste último ano com o quadro “Beira D’Água – Piracicaba”, galardoado com o prêmio máximo do salão. Conquistou igualmente medalhas e prêmios em salões realizados em Jaboticabal (1967), Limeira (1974, 1977), Santa Bárbara d’Oeste (1972), Rio Claro (1977). Teve obras expostas no

exterior, notadamente em Lisboa (1940), Roma (1949), Nova York (1958), Paris. Suas pinturas encontram-se nos acervos de museus e galerias oficiais e particulares do Brasil e do exterior. Fez parte do grupo de fundadores da Associação dos Artistas Plásticos de Piracicaba, APAP, em 1980, da qual foi o primeiro presidente, e pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba desde a sua fundação, integrando a comissão encarregada de organizá-lo, em 1967. “Empreendedor, líder, envolvente, participante, tem seu nome ligado a grande número de iniciativas e realizações nos domínios artístico e cultural da cidade e do Estado” (Pfromm Netto e Martins, 2003). Lembra Mello (1999) que, grandalhão, de hábitos simples, apreciador de pescarias, bons papos e bons doces, Arquimedes Dutra foi, quando moço, jogador de basquete (capitão da equipe de bola ao cesto da Escola Normal em 1927-28, segundo Losso Netto, 1963) e tenista. Uma avenida de Piracicaba tem seu nome, na vila Santa Rosa Ipês, perto da rodovia Fausto Santomauro (SP-127).

**DUTRA, João.** N. Rio Claro, SP, 14.6.1893. F. Piracicaba, 25.12.1983. C.c. Hortência Gomes de Oliveira, n. Portugal. Ff.: Gilberto, Graziela, Joaquim Miguel, Luís Carlos. F. do pintor Joaquim Miguel Dutra (v.) e irmão dos artistas plásticos Alípio, Antônio de Pádua, Archimedes e José Benedicto (vv.). Artista plástico. Professor, flautista. Autodidata cuja iniciação na pintura, ao que tudo indica, deveu ao seu pai, a despeito de ter nascido em Rio Claro, viveu quase toda sua vida em Piracicaba. Formou-se em 1911 pela Escola Normal Primária piracicabana como professor de ensino elementar e nela atuou como professor nomeado de desenho desde 1937, até aposentar-se em 1956. Lecionou anteriormente em Casa Branca, Tatuí e Campinas, no interior paulista. Em fevereiro de 1919 realizou sua primeira exposição, na redação da revista “A Vida Moderna”, na capital do Estado, tendo feito novas exposições em São Paulo em 1921 e 1923 e no interior bandeirante, num total de 31

exposições nas mais importantes cidades, desde 1923. Criador de naturezas mortas e paisagens belíssimas, impôs-se igualmente como retratista de pulso, deixando-nos óleos sobre tela de grande vultos do passado, como Washington Luiz, Júlio Prestes, Lacerda Franco, Theotônio Monteiro de Barros. “Seu temperamento calmo, seu caráter introvertido, sua paixão pelo método e o exercício deste durante sua vida o levariam a dedicar-se mais intensamente ao exercício plástico oferecido pelo tema das naturezas mortas... Exprime-se através de um realismo acadêmico e até maneirista, mas de grande qualidade técnica... Sua pintura reflete seu universo particular, o interior de sua casa, o interior de seu espírito, sua vivência dosada, prudente, calma, metódica” (Cosentino, 1985). São de rara beleza as paisagens piracicabanas que fixou em suas pinturas: “Rua do Porto”, “Porto do Morato”, “Salto de Piracicaba à tarde”, “Rio Piracicaba”... Foi inúmeras vezes premiado, notadamente no Salão Paulista de Belas Artes, com medalhas e prêmios (1935, 1938, 1939, 1947, 1957, 1963, 1974, e em 1979 com o prêmio maior do salão, a Medalha de Honra. Foi convidado oficialmente para expor na famosa galeria Bernheim Jeune de Paris. No Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, ganhou prêmios em 1918, 1922, 1927. Recebeu a medalha do Bicentenário de Piracicaba (1967), a medalha da Revolução Constitucionalista de 1932, a medalha Anchieta da Prefeitura Municipal de São Paulo, o Diploma de Gratidão do Estado de São Paulo (1975), a medalha comemorativa do Centenário do Nascimento de Almeida Junior (1950) e a comenda Ordem do Ipiranga, do Governo do Estado (1982). Antonietta R. C. L. Pedroso (cit. em Mello, 1999), sua aluna na Sud Mennucci, sintetizou com muita felicidade “a figura boníssima do professor João Dutra. Velho professor, pai de todos nós, conselheiro e amigo daqueles tempos, quando se punha a nos dar lições de vida; a nos falar das hipocrisias e inverdades do mundo lá fora; louvando os relacionamentos puros,

despidos da mentira e do interesse; fazendo-nos enxergar além da aparência; distinguir o falso do verdadeiro; repelir a lisonja, a falácia, a mistificação”. “Boníssimo, bem humorado, modesto e simples, amigo de piadas e pescarias, teve seus méritos de artista reconhecidos no país e no exterior, que se refletem no grande número de prêmios obtidos e nas homenagens de que foi alvo” (Pfromm Netto e Martins, 2003).

**DUTRA, Joaquim Miguel.** N. Piracicaba, 19.6.1864. F. Piracicaba, 29.4.1930. C.c. Malvina de Almeida Dutra. Ff.: Alípio, Antonio de Pádua, Archimedes, João, José Benedicto (vv), Helena, Maria do Carmo. Filho de Miguel Ângelo Bonarroti Dutra (v.) e neto do Miguelzinho, Miguel Arcaño Benício de Assumpção Dutra (v.), pai de uma plêiade de artistas plásticos, é, ele próprio, nome de primeira grandeza na história da arte em Piracicaba. Foi pintor, escultor em madeira, decorador, professor de pintura, compositor musical e instrumentista de oficlíde. Como músico, deixou numerosas composições: valsas, tangos, dobrados, xotes, peças para piano e outros instrumentos de solo. Fez parte de várias orquestras locais e apresentava-se em concertos locais juntamente com a Baronesa de Rezende, que era pianista, na casa desta. Como pintor e decorador, embelezou numerosas igrejas no interior paulista (Capivari, Limeira, São Carlos, Caconde, Itapira) com cenas bíblicas e figura de santos, tendo também decorado residências como as da Baronesa de Rezende, de José Leite Negreiros e do prof. Adolfo Carvalho, a igreja Metodista de Piracicaba, o prédio da Sociedade Italiana de Mútuco Socorro, o antigo Teatro Santo Estêvão. Esculturas sacras de sua autoria encontram-se em Igrejas como a Matriz de Santa Bárbara d'Oeste (imagem de Santa Bárbara no altar-mor) e em Limeira (Menino Jesus e São José). Na pintura, Cosentino (1985) destaca-o como um dos principais mestres do realismo ingênuo da região piracicabana. Dentre estes foi o que mais pintou o rio Piracicaba e adjacências, notadamente no trecho que vai da

curva da rua do Porto ao Salto (Mello, 1999). O autor citado comenta que Joaquim Miguel “pintava com muita poesia e ternura os seus quadros, mas freneticamente, não raras vezes em série”, vendendo-os por preços irrisórios ao primeiro interessado que aparecia e usando o dinheiro ganho para comprar cerveja e pastéis. “Muitas de suas telas eram vendidas com as tintas ainda frescas”. Estima-se que tenha feito cerca de 4 mil telas sobre Piracicaba. “Segundo depoimento de seu neto Gilberto Dutra, era apaixonado por quatro coisas: pintura, pescaria, cerveja e jogo-do-bicho”. Joaquim Miguel, segundo Cosentino (cit. por Mello, op. cit.), “tinha o espírito de artista, o temperamento de artista, a despreocupação comum a tantos artistas. Esta é a atmosfera que vamos encontrar em seus quadros”. Velloso (2000) reproduz duas dezenas de suas belíssimas telas, quase todas sobre o rio Piracicaba e arredores, pertencentes a coleção particulares. Há uma rua com seu nome no Jardim São Paulo.

**DUTRA, José Benedicto.** N. Piracicaba, 15.11.1885. F. São Paulo, 13.3.1945. F. de Joaquim Miguel Dutra (v.). Professor, artista plástico. C.c. Izabel Alice Hoepfner Dutra. Ff.: Bárbara de Lourdes, Mário, Renato, Lair e Licínio Hoepfner Dutra (v.). Sua mãe tinha apenas treze anos de idade, quando José Benedicto nasceu. Formou-se professor pela antiga Escola Complementar de Piracicaba, atual Sud Mennucci. Dedicou-se ao magistério público ao longo de toda a sua vida, lecionando inicialmente em Santa Bárbara d'Oeste, SP. Foi depois diretor de grupo escolar em Dourado, SP, e inspetor escolar em Botucatu, SP. Transferiu-se para a capital paulista onde dirigiu o Ginásio Piratininga e deu aulas de desenho no Colégio Visconde de Porto Seguro e no Ginásio Anglo-Brasileiro.

**DUTRA, Licínio Hoepfner.** N. Piracicaba, 18.7.1910. F. São Paulo, SP, 26.2.1970. C.c. Amélia Lotufo Dutra. Ff.: Alice, Maria, Maria



do Carmo, Marisa, Sílvia Maria. Médico, farmacêutico, músico, professor. Filho de José Benedicto Dutra (v.). Quando seus pais viviam em Botucatu, SP, completou no grupo escolar dessa cidade os estudos primários e na Escola Superior de Comércio o curso de guarda-livros. Formou-se em farmácia em 1928 pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo e em medicina em 1936, pela Faculdade de Medicina da USP. A partir de 1929, trabalhou como escriturário da Secretaria da Fazenda do Estado, inspetor de farmácia (1935-37) e auxiliar de gabinete do secretário de educação e saúde pública paulista (1933-35). Como médico recém-formado, ingressou na primeira clínica ginecológica da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, deixando-a para dirigir a clínica ginecológica e obstétrica do Hospital Oswaldo Cruz. Chefiou a fiscalização de tóxicos entorpecentes no Estado. Membro titular da Academia Nacional de Medicina e da Academia de Medicina de São Paulo, da qual foi vice-presidente, pertenceu a várias outras entidades médicas. Lecionou em cursos de ginecologia e foi titular da cátedra de ginecologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia paulistana. Colaborou em várias revistas médicas, ao mesmo tempo em que manteve consultório em São Paulo. Gostava de tocar violino e pintar, no seu lazer. São de sua autoria o livro “Cirurgia conservadora em ginecologia” e mais de sessenta estudos médicos e científicos especializados, quinze dos quais apresentados em congressos no país e no exterior. Conquistou com brilho o Prêmio Honório Líbero da Associação Paulista de Medicina, que também lhe concedeu o diploma de Membro Emérito. “A medicina paulista”, segundo Cambiaghi (1984), “perdeu uma das suas mais expressivas figuras, médico especialista dos mais renomados, quando atíngia o apogeu do seu saber, da sua inteligência, da sua operosidade”, pois faleceu antes de completar 60 anos de idade.

**DUTRA, Luiz.** N. Itu, SP, 25.8.1847. F. Piracicaba, 1911. Músico, maestro. Pertenceu à família de insígnis artistas, de origens ituanas. A paralisia de que foi vítima, durante a maior parte de sua vida, por 40 anos, não o impediu de se dedicar por inteiro à arte musical. Já enfermo, mudou-se para Piracicaba, empenhando-se na criação e regência de várias bandas de música locais. Mesmo depois de agravado seu estado, regia no leito a Corporação Musical Azarias de Mello, e gozou de grande estima e consideração dos cidadãos de Piracicaba (Guerrini, 1970). A Corporação Musical Capitão Lorena, ativa na cidade desde os anos vinte, ganhou o nome de Corporação Musical Luiz Dutra a partir da década de trinta. No Jardim São Paulo, em homenagem a Luiz Dutra, há uma rua com seu nome, junto à avenida Dr. Aldrovando Pires Correia. O nome de Luiz Dutra consta na relação dos maestros que regeram em Piracicaba a Corporação Musical União Operária. Fundada em 1906, a União Operária teve como maestros, além de Dutra, os músicos Antônio Mombuca (v.), Martins Neves, João Surian (v.), Martinho Fischer, João Petermann (v.), Victor Guerrini, Carlos Brasiliense Pinto (v.), José Rafael Pero, Oswaldo Petermann, Hermenegildo Paviglione, Egildo Pereira Rizzi, Aparecido, Armando Barella, Luiz Ferreira Grosso, Romeu Pitolli e Luiz Cláudio Alves (*Jornal de Piracicaba*, 1.5.1997).

**DUTRA, Miguel Ângelo Bonarroti.** N. Itu, SP, 1838. F. Piracicaba 5.8.1914. Músico, artista plástico. C.c. Carolina Dutra. Ff.: Joaquim Miguel (v.), Maria, Messias, Sebastião. F. de Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra, o Miguelzinho (v.). Destacou-se mais como músico, de acordo com Velloso (2000), muito embora Osório de Souza em soneto datado do dia da sua morte, realce igualmente seu talento como pintor nestes versos: “Foste pintor e foste um violinista:/ ainda à tua frente vem, perpassa/ o brilho de aquarelas entre a graça/ de uma valsa dormente e fantasista”. Velloso (op. cit.) accentua que Miguel Ângelo acompanhava o pai

“em todas as empreitadas, quer na execução de obras, como na execução de altares e afinação de pianos e órgãos”. Residiu em Piracicaba à rua Direita, 212 (atual Moraes Barros), em casa que depois passou a ser de seu filho Joaquim Miguel, na qual este nasceu e também onde nasceram Antônio de Pádua e Archimedes Dutra (vv.). A mesma casa serviu de residência para Alípio, João e José Benedicto Dutra, quando moços.

**DUTRA, Miguel Archanjo Benício de Assumpção, o Miguelzinho.** N. Itu, SP, 15.8.1812. F. Piracicaba, 22.9.1875. C.c. Francisca Rosa de Assis. F.: Miguel Ângelo Bonarroti Dutra (v.) Era filho de Thomaz da Silva Dutra, n. Lorena, SP, 24.3.1775, e Gertrudes Maria Pereira, que se casaram em Itu, SP, a 14.2.1809. Artista plástico dotado de talento polímorfo, foi escultor pintor, ourives, organista, compositor, poeta, literato, fabricante de pianos e órgãos, arquiteto, construtor, museólogo, carpinteiro, marceneiro, entalhador. Tinha 32 anos de idade quando, juntamente com a esposa, passou a residir e trabalhar em Piracicaba, contratado para executar trabalhos de entalhe na igreja matriz, acabando por tornar-se mestre de obra. Foi de fato nomeado pela câmara em 1858 para o cargo de diretor de obras da matriz, por ele planejadas e executadas. A despeito de ser ituano de nascimento, é reconhecido como um dos maiores nomes do passado de Piracicaba, onde viveu a maior parte de sua existência, de tempo em tempo deixando a cidade a fim de atender encomendas em outras cidades, notadamente na construção de matrizes e feitura de imagens, em Limeira, Capivari, Itirapina, Araras, Brotas, Itu, Porto Feliz, Rio Claro, Santos, Itapira. Religioso convicto e caridoso, dedicou longos anos de sua vida à construção da antiga igreja de N. S. da Boa Morte, solenemente inaugurada em 1.9.1855. A igreja foi depois demolida, em virtude de incêndio que aconteceu em prédio vizinho, em 25.1.1891. Diz bem do seu espírito caritativo o que se lê em Velloso (2000): “Acudia sempre os mais necessitados. Era mesmo um

caridoso convicto, tudo fazendo para minorar o sofrimento dos mais carentes. Morreu muito pobre, apesar de todo o seu talento, pois quase tudo quanto ganhava com seu trabalho doava aos pobres e à sua querida irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte”. Em seu enterro, o dr. Brasília Machado encerrou sua oração fúnebre com estas palavras: “Descansa, Miguelzinho, descansa pobre, pai da pobreza”. Foi sepultado na Igreja de Boa Morte, na praça que tem seu nome. A história de Piracicaba assinala numerosas contribuições suas. Develhe o projeto e a construção da capela do Passo de São Vicente de Paulo, também conhecido como Passo do Senhor do Horto, abrigando altar, entalhes e imagens, uma das quais é a escultura de roca, vestida com túnica, de Nosso Senhor, imagem que desapareceu, mas foi posteriormente recuperada. O passo encontra-se à rua Prudente de Moraes, vizinho do nº 802. Deixou-nos aquarelas de fazendas locais (Corumbataí, Monte Alegre), imagens de queimada (1847), da festa e da bandeira do Divino, de um “cego com criança” na Piracicaba de 1845, tipos humanos... Sua assinatura está na primeira ata da Irmandade da Santa Casa de Piracicaba (25.12.1854), entre as dos “membros instaladores” da Irmandade, ponto de partida da criação da instituição, figurando igualmente o seu nome entre os dos “25 primeiros irmãos considerados ilustres pelo mérito dos serviços prestados” (Moratori, 2004). Fez parte da comissão de três membros que elaborou e viu aprovada a planta do primeiro hospital da Santa Casa e foi na verdade o autor dessa planta. A fonte aqui mencionada destaca que coube a Miguelzinho a chefia das obras de construção, à rua Direita (atual Moraes Barros, na esquina com a rua José Pinto de Almeida) realizadas de 1865 a 1883. Elegeram-no mordomo do primeiro hospital, na provedoria de José Viegas Muniz (1864-69), sendo designado para a administração das obras de construção. De acordo com M. Cachioni (cit. por B. Elias, 2002), Miguelzinho foi quem projetou

## DUTRA, Mozart Rolim

e executou a primeira construção do teatro Santo Estêvão, na atual praça José Bonifácio, e em 1867 a da Igreja de São Benedito, concluída após seu falecimento. Redigiu um diário com as principais ocorrências em Piracicaba, de 1869 a 1874. Criou (1840) um pequeno museu local, com cristais, amostra de minerais, obras pictóricas, miniaturas, peças raras de fundição, armas e utensílios de índios, armaduras antigas, peles e ossadas de animais, numismática..., segundo depoimento da época (Bardi, 1981). Foi pioneiro em pintura ao ar livre apoiada em cavalete, no meio provinciano paulista; dedicou-se à medicina caseira e ao estudo da natureza, da astronomia, da astrologia. No manuscrito “Depósito dos Trabalhos de Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra” (*sic*), datado de 1847, listou sua produção até então, que incluía abundante produção musical: obras sacras, valsas (1830, 1836, 1847), hino, mazurca, modinha, composições para violino e piano... Pietro M. Bardi definiu Miguelzinho como polidétrico. Setembrino Petri (em Bardi, 1981) destacou-o como “uma das fontes preciosas da documentação iconográfica paulista do século XIX e um dos precursores das artes plásticas no Brasil..., integrado na vida provinciana de São Paulo. Foi, acima de tudo, um homem que viveu seu tempo”. Piracicaba, cultuando-lhe a memória, atribuiu seu nome a uma praça do centro, e assim também à Pinacoteca Municipal, Casa de Artes Plásticas Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra.

**DUTRA, Mozart Rolim.** N. Piracicaba, 2.5.1917. F. Piracicaba, 29.3.1992. C.c. Antônia Sabino Dutra. FÉ: Mozart Filho, Ana Maria, Miguel Ângelo, Isabel Cristina, Luiz Gonzaga, Isaura, Marco Antônio. F. de Benedicto Dutra Teixeira (v.) e Gertrudes Rolim Teixeira, irmão mais velho de Rossini Rolim Dutra (v.). Cirurgião dentista, pianista. Paralelamente aos estudos em grupo escolar primário, foi aluno de piano da professora Dulce de Mattos desde 1924, contando com esta como sua mestra até

aos 16 anos de idade. Ingressou na Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba e formou-se em odontologia em 1934. Manteve seu consultório à rua Rangel Pestana, nº 568, sendo mencionado na relação dos profissionais ativos em atendimento dentário no “Guia de Piraci-caba” editado por Righetto em 1966. Fez parte da primeira diretoria do Sindicato dos Odontologistas de Piracicaba, fundado a 7.4.1944, e pertenceu à Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, Secção Regional de Piracicaba.

**DUTRA, Rossini Rolim. N. Piracicaba, 24.10.1918. F. Piracicaba, 21.3.2000. Músico, professor, advogado. C.c. Henor Seixas Dutra. Ff.: Rosenor, Sandra. Era f. de Benedicto Dutra Teixeira (v.). Teve um aprendizado de música e violino na infância e em 1938 formou-se professor pela antiga Escola Normal de Piracicaba, atualmente Sud Mennucci. Especializou-se em regência de orquestra e aos 54 anos de idade passou a estudar direito na Universidade Metodista de Piracicaba, formando-se com mérito. Participou, desde a mocidade, de numerosos grupos e eventos musicais piracicabanos, entre os quais o grupo musical Os Vigilantes, criado por Leandro Guerrini (v.), que chegou a ter uma dúzia de músicos e tocava em serenatas, clubes e festividades. Tornou-se maestro da Orquestra de Amadores de Piracicaba (a antiga Orquestra Piracicabana), na qual atuou anteriormente como primeiro violino e violista, assumindo, assim, a regência vaga com a morte de seu pai. Tornou-se professor secundário de música e canto orfeônico por concurso, inicialmente na Escola Normal Padre Fabiano, de Capivari, SP (1943-51) e a seguir no Instituto de Educação Sud Mennucci, onde se aposentou em 1976. Lecionou igualmente no Colégio Nossa Senhora d’Assunção e na Escola Estadual de Primeiro Grau Benedito Ferreira da**

Costa, ambos em Piracicaba, na antiga Escola Normal Rural e em Charqueada. Compôs os hinos oficiais das escolas Prof. Benedito Dutra Teixeira, de Charqueada, e Jorge Coury, de Piracicaba. A partir de sua formatura em direito, passou igualmente a atuar como advogado. Fez parte de vários clubes e entidades culturais e artísticas locais, entre os quais o Rotary Club e a Loja Maçônica. Em 1959 recebeu diploma de honra ao mérito do Conservatório Musical de Piracicaba. Em 1998 a Orquestra Sinfônica de Piracicaba homenageou-o com a atribuição do Troféu Fabiano Lozano, em reconhecimento por suas múltiplas e significativas contribuições. Deixou numerosas composições musicais, entre as quais diversos hinos escolares.

**ELIAS, Antônio.** N. Piracicaba, 24.8.1924. F. Piracicaba, 18.11.1989. C.c. Maria Seghesi. Ff.: Adriana, Antônio Celso, Fábio Heloísa, Mário, Renata. Comerciante, esportista. Proprietário e protético da Dental Brasil, foi corretor de imóveis, gerente da Ultragás e dono da lanchonete Karamba's na Praça José Bonifácio. Esportista, fez parte da equipe de remo do Clube Atlético Piracicabano. Nos festejos carnavalescos de Piracicaba, participou ativamente como um dos principais integrantes da Escola de Samba Zoon Zoon. Há uma avenida Antônio Elias, no bairro Santa Rita, mas deve referir-se a um seu homônimo, Antônio Elias (ou Elias Antônio), comerciante da primeira metade do século vinte, cujo nome consta na relação dos sócios homenageados “in memoriam” pela Sociedade Síria Libanesa de Piracicaba (Salum, 2003).

**ELIAS, Tuffi.** Séc. 20. F. 18.8.1980. Empresário, comerciante, dirigente sindical. C.c. Amélia Resk Elias. Ff.: Cecílio (Netto), Marlene. Atuante no comércio local ao longo do século vinte, cidadão dos mais prestativos e envolvidos em tudo que dizia respeito à cidade que amava como poucos, presidiu o Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba por mais de sete anos, de 30.5.1974 até seu falecimento, tendo sido reeleito em 1976. Durante muitos anos esteve à frente do estabelecimento comercial que tinha seu nome, à rua São José nº 852, especializado em venda, concertos e

reformas de máquinas de escrever e de escritório e aparelhos eletrodomésticos. Violinista e seresteiro nos anos 60, abria aos sábados sua residência a amigos e convidados, para deleitá-los com músicas de serenatas, que ele próprio executava, juntamente com Oscar Bischof (violino), Odorico Rolim e Luiz Woltzenlogel (flautas), Luiz Pinazza (acordeão), Hildebrando de Barros, o “Nenzo”, Décio Benedetti e Euclides Rocha (violões), Otávio Correa e Lico Ferraz da Farmácia (cavaquinho) e Antonio Ortilozzi (bandolim). Dona Amélia, a esposa, encarregava-se, nos intervalos, de brindá-los com um bufê primoroso. Foi também proprietário do Tufniquim, bar e sorveteria, situado na praça da Catedral, casa que vendia frutas “e a bebida que ele inventou, sem deixar a fórmula para ninguém” (Elias Netto, 2000). A atuação de Tuffi Elias foi decisiva, durante a sua gestão como presidente do Sindicato aqui mencionado, para a construção e instalação do SESC em Piracicaba, sendo o principal artífice da criação da unidade local deste, inaugurada em novembro de 1979. Deve-lhe o Sindicato a aquisição em 1978 do imóvel da sede própria, onde passou a funcionar, à rua Alferes José Caetano, quase junto à rua Ipiranga. Seu nome está na relação “In Memoriam” dos homenageados pela Sociedade Beneficente Síria Libanesa. Outros Elias que pertencem ao passado piracicabano: Elias Cecílio (v.), Manoel Elias e João Elias, dono de bar à rua Benjamim Constant, são mencionados por Salum (2003).

O “Almanak” de Camargo (1900) registra vários Elias como mascates da Piracicaba da passagem do século: Ajupe Elias, na rua Direita (atual Moraes Barros); Felício Elias, mascate de estrada; Jorge Elias, rua de Santa Cruz, c.c. Yolanda Monteiro Elias, pais de Luiz Carlos Elias, n.1944 e f. 9.8.2001 em Piracicaba, c.c. Maria Valdenia Monteiro Elias; Miguel Elias, rua Boa Morte. Felício Elias aparece também como proprietário, juntamente com um irmão, de loja na rua Direita. Outro comerciante, Manoel Elias, tinha loja de fazendas e armário à rua Prudente de Moraes, na passagem do século. Felipe Elias (Olindo Alfaiate), foi proprietário de alfaiataria, n. séc. 20 e f. Piracicaba em 6.8.2001.

**ELEJALDE, Paulo Franklin de Souza.** N. Rio Grande do Sul, 1901. F. Rio de Janeiro, RJ, 12.12.1959. Médico e político. Veio a Piracicaba em 1925, como integrante de grupo formado pela Liga Paulista Contra a Tuberculose, para estudar a inauguração do sanatório São Luiz, surgido em 1926. Passou a residir na cidade, no mesmo ano, foi admitido como irmão pela Irmandade da Santa Casa e instalou consultório na Vila Rezende, à avenida D. Francisca, nº 26. Em sociedade com o farmacêutico Motta Pacheco, montou em 1928 um laboratório de pesquisas e análises clínicas à rua Moraes Barros, nº 95. Viu-se envolvido em grave ocorrência, na Praça José Bonifácio, a 31.5.1928, de que participaram o cidadão Belmiro de Moraes e um grupo de estudantes, e que resultou na morte do estudante de odontologia Everaldo Alves Capucho e em ferimentos em várias pessoas (Cambiaghi, 1984). Em 1930 mudou-se para Belo Horizonte, MG, passando a lecionar na universidade da capital mineira. Voltou a residir e trabalhar em Piracicaba, de 1937 a 1939, atuando na Santa Casa local. Mudou-se para Lins, SP, em 1939, e posteriormente fixou-se no Rio de Janeiro, RJ, onde dirigiu o Hospital Psiquiátrico D. Pedro II e teve destacada atuação política.

**EMERIQUE, Tércio Epeneto** (Séc. 20). F. São Paulo, 23.5.1973. Professor, psicólogo, pastor protestante. Após formar-se como professor e ingressar no magistério público paulista, lecionou em escolas normais nas cidades de Casa Branca e Mococa. Transferiu-se para Piracicaba, sendo-lhe confiadas disciplinas pedagógicas e de psicologia no Instituto de Educação Sud Mennucci, nos anos 50 e 60. Atuou também como docente dos cursos de especialização para professores mantidos pela mesma escola. Paralelamente ao magistério, destacou-se em Piracicaba como pastor protestante. Por volta dos anos 70, ingressou no curso de pós-graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo, ao mesmo tempo que exercia atividades administrativas na Secretaria da Educação do Estado. Viúvo, estava prestes a contrair segundo matrimônio em 1973, quando veio a falecer.

**ENGELBERG, Evaristo Conrado** (Séc. 19-20). Industrial, inventor. Residiu por muitos anos em Piracicaba, com casa nos fundos do Mercado Municipal. Criou máquinas que o “Almanak” de Camargo (2000) anunciava para o ano seguinte, de modo bombástico: “Surpresa. Completa revolução na mecânica agrícola!”, com patentes dos irmãos Engelberg, pioneiros da industrialização piracicabana. Conrado instalou máquina de beneficiar café e arroz na rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), segundo Torres (2003), que assevera: “Tão importante era a indústria de Engelberg, que, a 6 de agosto de 1890, a *Gazeta de Piracicaba* chegou a noticiar que a Academia Parisiense de Inventores nomeava Evaristo Conrado Engelberg seu membro correspondente, distinguindo-o com medalha de ouro por seu invento de uma máquina de descaroçar café”. De acordo com a fonte citada, o descascador de café Engelberg, o ventilador para café em coco Apartador de Pedras e a máquina de beneficiar arroz Evaristo Conrado”, todos privilegiados pelo Governo Imperial, são mencionados em

anúncios de Almanques paulistas de 1885 a 1888, segundo Ernani Silva Bruno. Nota curiosa: um dos homens mais altos de Piracicaba em fins do século 19 foi um Engelberg, Pedro Alberto Engelberg, com 1m 92 de altura, que se mudou para São Paulo (Camargo, 1900).

**ERNESTO DE PAULA, D.** N. São Paulo, SP, 5.2.1899. F. São Paulo, SP, 31.12.1994. Filho de Luiz de Paula e Constantina Cúndari de Paula, italianos da Calábria. Primeiro bispo da Diocese de Piracicaba, cuja posse solene ocorreu a 8.9.1945. Cursou na capital paulista, quando menino, o Externato Independência e o Grupo Escolar do Carmo. Ingressou no Seminário Menor de Pirapora em 1915. Ordenando padre em 1927 e sagrado bispo em 1942, foi neste ano nomeado bispo de Jacarezinho, PR. Transferido em 1945 para a Diocese de Piracicaba, que tinha sido criada a 26.2.1944 pela Bula “Vigil Campinensis Ecclesiae”, D. Ernesto realizou vasta e fecunda obra pastoral, em que avulta a construção da nova Catedral (1946-50), inaugurada por ele. O telhado da Catedral foi inaugurado no natal de 1949 e a 13.6.1950 D. Ernesto benzeu e inaugurou os vitrais com cenas da vida de Santo Antônio, nas naves laterais. Trabalhou intensamente para a construção das igrejas de São José e Coração Imaculado de Maria, o Mosteiro das Irmãs Concepcionistas, o Santuário São Judas Tadeu dos Premonstratenses, e obteve da municipalidade a concessão do terreno onde se erigiu o Colégio Salesiano Dom Bosco, trazendo para Piracicaba os padres salesianos. O terreno onde se construiu o Cemitério Parque da Ressurreição foi adquirido por D. Ernesto (L. Trevisan, *Jornal de Piracicaba*, 1.9.1993). D. Ernesto de Paula foi ordenado sacerdote a 14.8.1927, na igreja matriz paulista de Santa Ifigênia. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, como capelão militar junto aos combatentes paulistas. Na Arquidiocese de São Paulo, foi vigário cooperador da paróquia de Belém, vigário

cooperador da paróquia de Santa Ifigênia, vice-chanceler e chanceler do Arcebispo e vigário geral. Sagrou-se bispo na igreja de Santa Ifigênia a 4.1.1942, sendo sagrante D. José Gaspar de Afonseca e Silva, arcebispo metropolitano de São Paulo, e tendo como consagrantes o então bispo de Santos, D. Paulo de Tarso Campos, e o bispo de São Carlos, D. Gastão Liberal Pinto. Graças aos empenhos de D. Ernesto, foi autorizado o funcionamento, em 1948, do ginásio piracicabano dirigido pelos religiosos da Congregação de S. João Bosco. Em 1960, deixou a diocese de Piracicaba e passou a colaborar estreitamente com os cardeais Motta, Rossi e Arns, na capital paulista, sendo, além disso, capelão da capela da rua Tabatinguera, nº 114 (Capela dos Franceses da Santa Luzia e do Menino Jesus, perto da sua residência). Dedicou-se ao mesmo tempo à assistência espiritual vicentina. 67 anos de sua longa vida (95 anos) foram dedicados ao sacerdócio; 52 anos de episcopado, sendo 3 em Jacarezinho, 15 em Piracicaba e 34 como Bispo Emérito de São Paulo (Mons. Nardim, *Jornal de Piracicaba*, 14.2.1995). Ao falecer, foi sepultado na cripta da Catedral de São Paulo (Ernesto de Paula, 1945; Pfromm Netto e Martins, 2003). No Jardim Residencial Javari I há uma rua com seu nome. É de sua autoria o livro de memórias *São Paulo do meu tempo*, publicado em 1981.

**ESCOBAR, Antônio Gomes de.** 2ª metade do século 19. Professor e músico. Regente de banda de música, organizou em Piracicaba uma banda composta de meninos, que se apresentou sob a sua regência em 1882, na Matriz local, segundo a *Gazeta de Piracicaba* de 10.6.1882. A banda exibiu-se, igualmente conduzida pela batuta do prof. Escobar, junto ao Salto do rio Piracicaba, de acordo com o mesmo jornal, na edição de 1.8.1882. Segundo Leandro Guerrini, a banda infante-juvenil do prof. Escobar “brilhava pelas ruas. Brilhava antes da missa conventual dos domingos, pela manhã, como era de costume. Antes do início do ofício solene, a banda dos

meninos se exibia na frente da Matriz de Santo Antônio, interpretando peças musicais de agrado público. E o povo, que lotava a praça, aplaudia os musicistas mirins com ardor” (L. Guerra, *Jornal de Piracicaba*, 7.8.1983). Outro Escobar, Antônio Teixeira de Escobar, foi vereador em Constituição, de 1873 a 1880 (Vitti, 1966). Há uma rua Antônio Teixeira Escobar Júnior no Jardim Itapuã.

**ESCOBAR, João Gomes de.** N. c. 1845. F. Piracicaba, 18.3.1887. C.c. Ana Luiza de Escobar, f. a 2.11.1889. Jornalista, professor, músico, comerciante. Proprietário da Tipografia Popular, à rua da Palma (rua Tiradentes), onde também residia, a cidade lhe deve a edição do seu segundo jornal, intitulado *O Piracicaba*, a partir de 1.3.1876. No cabeçalho do periódico, que teve esse título apesar da cidade chamar-se Constituição àquela época, Escobar apresentava-se como redator e proprietário. Segundo seus contemporâneos, Escobar era homem muito caridoso e muito estimado. Além de jornalista, foi professor, poeta e polemista “de idéias avançadas”. Em 1878 transferiu a tipografia e a residência para a rua dos Ourives (a atual Rangel Pestana). Esteve à frente de outros jornais da cidade. Protestante, fez o “celebrizado jornalzinho *Palavra de Deus*. Republicano, jacobino e anticlerical, lançou em 1879 o jornal *A Democracia*, estampando pesadas críticas contra a monarquia, por ele caracterizada como “autêntica escola de servilismo” (Camargo, 1900; Guerrini, 1970; Alvim, 1998). De acordo com Alvim, as propostas políticas de Escobar referiam-se à complicada questão da representatividade dos governantes, segundo a mesma tônica que manteve em outro jornal de que foi redator, *A Alvorada* (1880), dirigido por Joaquim A. Proença, de vida efêmera.

**ESMAEL, José Achille** (Séc. 20). Comerciante, c.c. Maria Luiza Bonamin Esmael. Ff.: José Walter (n. 1945 e f. Piracicaba, 22.2.2006), Feize,

Wanderley.

**EVARISTO DE SANTA ÚRSULA, Frei** (Séc. 20). Frade capuchinho. Muito estimado na cidade, fundou e dirigiu durante longos anos na Avenida Independência, junto ao Seminário Seráfico São Fidelis, construído em 1928, o Lar Franciscano de Menores (Abrigo de Menores Desamparados), instituição de educação e assistência a meninos surgida em Piracicaba graças aos empenhos de Frei Evaristo e seus companheiros capuchinhos e à colaboração de cidadãos amigos da obra. Os recursos para a construção do Lar provieram em boa parte do que foi arrecadado em festividades denominadas “Festas da Paulista”, e da doação de piracicabanos, possibilitando não só o surgimento do edifício e das instalações destinadas a abrigar os meninos, como também a criação e o funcionamento de tipografia e oficina de encadernação, seção de fabricação e conserto de calçados e alfaiataria. O Lar Franciscano surgiu ligado ao Convento Sagrado Coração de Jesus. Além deste estabelecimento, os padres capuchinhos, estabelecidos em Piracicaba desde 1890, assumiram os encargos das seguintes capelanias: Santa Casa de Misericórdia, Colégio Assunção, Lar dos Velhinhos e Lar Escola Coração de Maria (D. Ernesto de Paula, 1955). Há uma rua com seu nome, na nova Piracicaba.

**EVERALDO, Antônio.** N. 1902. F. Piracicaba, 11.8.2005. Ganhou merecido realce entre os idosos de idade muito avançada em Piracicaba, no início do século 21, tendo atingido a idade de 103 anos. Em artigo no “Jornalzinho” do *Jornal de Piracicaba* (26.2.2005), M. Benvegnu registra que, nessa idade, brincava com as bisnetas Yasmin (12 anos) e Luana (3 anos) Vieira Sabino. Segundo Yasmin, “ele brinca comigo sempre que estamos juntos e eu adoro ficar ouvindo suas histórias que ele conta. Ele me explica como eram as coisas no tempo dele”. Yasmin acrescentou que sempre que abria



a janela para ficar vendo a paisagem ele ficava junto com ela, olhando as árvores e o céu, e com a pequena Luana não era diferente “Meu bisavô e a minha irmã sempre estão brincando de bolinha pela casa. Ele é um companheiro”. Família conceituada, os Everaldo ganharam notoriedade durante o século vinte graças à Construtora Everaldo Ltda., sucessora da antiga firma individual, tendo à frente um dos mais competentes construtores locais de edifícios modernos, João Everaldo. O almanaque *Piracicaba* de Krähenbühl (1955) menciona-o como “um dos nossos mais destacados *self made men*... verdadeiro renovador do ramo da construção civil em Piracicaba”.

**FABRETTI, Ermete** (Séc. 20). Construtor. Ff: Doracy, Ézio, Geni, Luiz. Foi responsável por todas as construções feitas para a expansão da indústria Dedini, na Vila Rezende. Aldrovandi (1991) lembra outros Fabretti, possivelmente irmãos de Ermete: Antônio, que tocava saxofone; Júlio, clarinetista, que trabalhava como encanador; Armando, “puxador de areia para as construções da Dedini”; Lino, construtor autônomo. E as moças da família: Adelina, Eletra e Rosa.

**FAGUNDES, Virgílio da Silva.** N. Bragança Paulista, SP, séc. 19, e f. séc. 20. Advogado e negociante de café. C.c Maria Guilhermina Lopes Fagundes (Mimi), descendente do marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho (v). Personalidade de destaque na Piracicaba do passado. Foi vereador da câmara municipal local, de 1929 a 1931, e diretor do Clube Coronel Barbosa, então denominado Clube Piracicabano. Pai do engenheiro agrônomo Virgílio Lopes Fagundes, n. Piracicaba, 21.3.1916, formado pela ESALQ em 1937, advogado e empresário, que fundou a fábrica de Sisal Agave Industrial Limitada, no bairro de Santa Terezinha, em fins dos anos 30. Em entrevista que deu ao *Jornal de Piracicaba* (18.1.1998) o filho lembrou que seus pais moravam na rua Rangel Pestana, onde nasceu, entre as ruas Boa Morte e do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo). Referiu-se ao avô, Antônio José Lopes Rodrigues, que foi juiz; ao tio Fernando Lopes, tabelião; ao

tio Domingos José Lopes Rodrigues, vereador em Piracicaba; e à mãe, que foi professora. Os netos de Virgílio da Silva Fagundes ingressaram no setor local de construção civil nos anos 70, dirigindo a Construtora Fagundes, com a colaboração do pai como consultor jurídico. A rua principal de Santa Terezinha denomina-se Virgílio da Silva Fagundes. Há uma rua Fernando Lopes na Paulicéia, paralela à avenida São Paulo, e uma rua Domingos José Lopes Rodrigues, no Parque Primeiro de Maio, entre as ruas Santa Catarina e Laudelina Cotrim de Castro (D. Ricci, *Jornal de Piracicaba*, 29.3.2006).

**FALANGHE, Francisco** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário, juntamente com João, Humberto e Orlando Falanghe, seus filhos, da Casa Falanghe, grande armazém de gêneros alimentícios e depósito, à Rua Governador Pedro de Toledo, nº 169 (ou 1085). Segundo Guidotti (2002), era uma das maiores firmas de Piracicaba nos anos 30, registrada no comércio local a 27.6.1939 com um capital de 80:000\$000. Após seu falecimento, o estabelecimento comercial passou a ser anunciado como propriedade dos “Irmãos Falanghe, Ltda.” (Krähenbühl, 1955). O comerciante Orlando Falanghe foi c.c. Paulina Meneghel Falanghe, n. 1919 e f. Piracicaba, 5.11.2004. Casaram-se em 1938. Ff: Joana, Maria Elizabeth, Martha Cecília, Maria Christina, Paulo.

**FARAH, Édison.** N. 1915. F. São Paulo,

14.4.2006. C.c. Yvone Farah. Ff.: Cláudio, Flávio, Sérgio. Matemático, professor universitário e musicista. Era filho de José Inácio Farah e Eduarda L. Farah. Completou em Piracicaba o curso secundário e lecionou Canto Orfeônico em Piracicaba. Formou-se em matemática pela USP, fazendo parte do quadro de professores desta, no Instituto de Matemática e Estatística, onde se aposentou.

**FARHAT, Antônio.** N. 1923. F. São Carlos, SP, 18.6.1966. Empresário, professor, contabilista. Filho de Jorge Farhat e Sada Miston Farhat. Irmão de Elias, Feiss, Georgeta, Jorge, Michel, Minerva e Olga Farhat. Foi o segundo diretor presidente, eleito em novembro de 1958, da Companhia Telefônica Piracicaba S. A. Faleceu em desastre automobilístico na região de São Carlos, quando retornava de Bauru, tendo também perdido a vida no acidente seu companheiro de viagem Nagib Ismael, presidente do Sindicato dos Comerciantes de Piracicaba e funcionário da loja A Porta Larga. Com larga folha de serviços prestados à cidade, Antônio Farhat figura na relação de homenagem “in memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba (Salum, 2003). Fazem parte igualmente dessa relação outras pessoas com o sobrenome Farhat: Eduardo Farhat, Jorge Farhat, José Ignácio Farhat. Em Salum (op. cit.) há referências à Casa Farhat de Tecidos, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1015, e à Fábrica de Balas Líder, de Mário Farhat. Uma rua tem seu nome, no bairro do Jaraguá, junto à avenida Dr. Paulo de Moraes.

**FARIA, José Escobar.** N. Santa Rita do Passa Quatro, 1914. Advogado, poeta. Residiu com a família em Piracicaba, onde fez os cursos primário e secundário, completando sua formação em Campinas, SP. Ao tempo em que viveu em Piracicaba, colaborou na imprensa local. Passou depois a ter seus escritos divulgados nos jornais “O Estado de São Paulo”, “Folha da Manhã”, “Diário de São Paulo”,

“Jornal da Manhã” e outros. Nome dos mais importantes da poesia paulista do século 20, fez parte, em meados do século, do grupo “Novíssimos” e atuou como advogado na capital paulista, exercendo igualmente cargo público. Suas obras editadas incluem “Poesia moderna e público” (1948), “Os dias iguais” (1948), “Poemas de câmera” (1950), “Elegia do exílio” (1952) e “Poemas e elegias” (s. d.).

**FARIA, Paulo.** N. Piracicaba, 1926. F. Piracicaba, 11.11.1994. Pintor, empreiteiro, comerciante. C.c. Carmen Caneva Faria. Ff.: Paulo Júnior, Elizabeth Silas Ageu, José Carlos, Wesley, Jéferson. Filho de José Faria e Maria Alvina de Faria. Menino ainda, começou a trabalhar no comércio em armazém à rua Prudente de Moraes, no largo São Benedito, de propriedade de Augusto Pfromm (v.). Associou-se a este último na Vidraçaria São Paulo, à rua Boa Morte, 1584, e na segunda metade do século trabalhou como profissional autônomo. Muito ligado ao Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, seus filhos atuaram em vários campos profissionais. Paulo Faria Júnior foi presidente do clube, nos anos 90, sendo homenageado em 1998 no Clube de Campo, como um dos contemplados com o Prêmio Glamour, atribuído pela coluna social de Serginho Françoço, no *Jornal de Piracicaba*.

**FARIA NETTO, Francisco Adolfo Apolinário.** N. Piracicaba, 11.4.1886. F. São Paulo, SP, 17.5.1976. C. em 1912 em Santa Rita do Passa Quatro, SP, c. Ester Escobar Faria, n. Santa Rita do Passa Quatro, SP, 10.10.1870, f. São Paulo, SP, 19.3.1974. Ff.: José Escobar Faria (v.), Jessé, Gláucia, Samuel, Ibraim. Nascido na fazenda piracicabana de Volta Grande, era filho de Francisco Adolfo Apolinário Faria Filho e Elvira da Cunha Veiga. Fez os estudos primários no Grupo Escolar Moraes Barros, passando depois a estudar no Colégio Perseverança, que funcionava na rua São José, na esquina da rua Alferes José Caetano (palacete do Barão de

Rezende) e mantinha cursos infantil, preliminar, secundário e de línguas. Ingressou a seguir na Escola Complementar (posteriormente Sud Mennucci), onde se diplomou como professor primário. Lecionou em escola rural e foi adjunto e diretor de grupo escolar, tendo atuado como primeiro diretor do Grupo Escolar do Porto (posteriormente GE Francisca Elisa de Castro). Foi também diretor de escolas reunidas, inspetor escolar e delegado regional de ensino em Piracicaba e em outras cidades paulistas. Deixou a delegacia de ensino de Piracicaba em 1936, atendendo convite de Sud Mennucci para ser titular de delegacia de ensino na capital paulista, onde se aposentou. Quando trabalhava no grupo escolar de Santa Rita do Passa Quatro, escreveu “Coração Brasileiro”, livro de leitura e seu primeiro texto didático, editado em 1923 e muito bem acolhido, a ponto de ter uma 2ª edição lançada no mesmo ano. Vieram a seguir “Pirulito I” (1926) e “Pirulito II”, várias vezes reeditados e adotados não só no estado de São Paulo como também em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, no Amazonas e na Bahia. Desejoso de analisar os negros norte-americanos e suas condições de vida, fez extensas viagens nos EUA e converteu suas observações em dezesseis estados daquele país no livro “Os pretos norte-americanos ou causa do progresso espiritual do negro norte-americano”, editado em 1946, com ilustrações do autor, a bico de pena. Uma avenida e uma travessa em Vila Rezende denominam-se Francisco Faria. A avenida cruza a avenida Conceição.

**FECCHIO, Luiz.** Séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. Comerciante. Em 1914 comprou a Padaria do Sol na avenida Rui Barbosa (Vila Rezende). Segundo depoimento de seu neto, Jalto José Fecchio, a S. Menezes (*Jornal de Piracicaba*, 12.9.1997), o avô esteve à frente da Padaria do Sol até falecer. “Depois, minha avó continuou administrando até passar para minha mãe (n. 1911)”. A esposa e dois irmãos tornaram-se depois responsáveis pela padaria. Em julho

de 1989 Iracema Orlandin Fecchio recebeu homenagem, na condição de antiga comerciante e como um dos destaques do comércio da cidade, em festividade no Clube de Campo, promovida pela Associação do Comércio e Indústria de Piracicaba, juntamente com o Sindicato do Comércio Varejista e o SESC.

**FÊO, Joaquim Alves** (Séc. 20). C.c. Adelaide Rocha Alves Fêo. Ff.: José, Antônio, Joaquim Filho, Paulo, Mauro, Hélio, Maria, Anita, João Batista, Leonina, Armando. Professor municipal em várias cidades paulistas, chefe de família numerosa e por todos conhecida na Vila Rezende na primeira metade do século vinte. O filho Paulo, n. c. 1900 e f. maio de 1992, c.c. Rosa Cherubin Fêo, foi pai de Jandira, do industrial Rodolpho, que na juventude foi jogador do E. C. XV de Novembro, e de Paulo Sérgio Alves Fêo, que foi catedrático de ortodontia na Universidade Federal de Goiás. Segundo Aldrovandi (1991), Paulo Alves Fêo “era conhecedor profundo do plantio de cana-de-açúcar e de eucalipto, tendo trabalhado no Engenho Central e na Fazenda da Rhodia em Campinas”. José, professor de ginásio em Taubaté, teve como aluna a apresentadora de televisão e cantora Hebe Camargo. Antônio foi cirurgião-dentista em Tietê e Porto Feliz. Hélio foi contador e procurador da família Kok (v.) de Piracicaba. Maria e Annita foram contadoras, Armando trabalhou na Fábrica Boyes, João Batista trabalhou na Cosipa, em Cubatão, e Leonina foi professora. Joaquim Filho dedicou-se à comercialização de frutas, na capital paulista.

**FERNANDES, José Maria** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário da Confeitaria e Restaurante Porta Larga na passagem do século, é mencionado em 1901 como dono da Confeitaria Progredior, talvez o mesmo estabelecimento com nova denominação. Dinâmico, empreendedor, realizava na sua casa comercial concertos líricos, ao que tudo indica

por meio da reprodução de gravações em discos, sendo cobrado um ingresso de quinhentos réis. Em 1901, na confeitaria Progredior, Fernandes inscreveu seu nome entre os dos pioneiros das projeções cinemato-gráficas em Piracicaba, realizando exhibições de cinema mudo por meio de um projetor Lumière, fabricado pelos criadores do cinema na França, os irmãos Louis e Auguste Lumière.

**FERNANDES, Waldemar Iglésias.** N. Piracicaba, agosto de 1929. F. Piracicaba, 22.4.1998. Escritor, folclorista. Filho de Manoel Iglésias Fernandes e Maria Munhoz Fernandes. Eram seus irmãos: Lázaro (f. Botucatu, 2.6.1992), Cecília, Therezinha, Lourdes, Mercedes, Shirley, Manoel. Fez o curso primário no grupo Escolar Barão do Rio Branco e o secundário no Colégio Piracicabano (1953-55), sem completá-lo, por falta de recursos. Passou a trabalhar na Estrada de Ferro Sorocabana (posteriormente Fepasa), ao mesmo tempo em que expandiu seus estudos como autodidata e viu aceitos em jornais e revistas os textos de sua autoria. Residiu nos anos 80 e 90 em Sorocaba, SP. Segundo Oliveira Mendes (1975), no prefácio de um dos livros de Fernandes, desde criança este escrevia contos, que refundiu e publicou posteriormente, sofrendo influência decisiva, no seu amadurecimento como escritor, de Jaçanã Altair Pereira Guerrini (v.) e David Antunes (v.). Dedicou-se com particular empenho ao estudo do folclore piracicabano, tendo ganhado o Prêmio Sívio Romero do Ministério da Educação em 1968 com o livro “82 estórias populares colhidas em Piracicaba” (edição do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, 1971). Em 1975 lançou o livro “Lendas e credences de Piracicaba e outros estudos”. Como ficcionista, estreou na literatura impressa em livro com a obra “Papéis trocados” (contos), editada em Campinas em 1959. Viu seus estudos acolhidos pela “Revista do Arquivo Municipal” e publicou em 1978 expressivo trabalho de cunho biográfico sobre a piracicabana Lyson

Gaster (v.), atriz teatral bastante popular na primeira metade do século. Aluísio de Almeida (1968), admirador dos seus dotes intelectuais e dos seus méritos como pesquisador, referiu-se a Fernandes como “um folclorista honesto e inteligente que trasladou ao papel a maioria dos próprios vocábulos e frases dos narradores [de histórias de cunho folclórico], enriquecendo assim a nossa literatura popular oral”. Jardim (1975) ressaltou a sua honestidade como pesquisador, empenhado em “perpetuar alguns aspectos do passado da Noiva da Colina, que fatalmente cairiam no esquecimento com o passar do tempo e o suceder das gerações”.

**FERNANDES FILHO, Eduardo** N. 1913. F. Piracicaba, 1.10.1996. C.c. Maria Benedita Sibelô Fernandes. Ff.: Maria Dirce, Maria Aparecida, Maria Regina, Eduardo José, Maria Isabel, Maria Luiza, Maria Helena, Fernando José. Empresário e seresteiro, filho de Eduardo Rafael Fernandes e Adelina Fernandes. Proprietário da Mercantil Piracicaba, grande loja no centro da cidade, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1002, inaugurada em 1952. Referida como “a loja mais bonita da cidade” em meados do século, vendia rádios, aparelhos eletrodomésticos, máquinas de escrever, discos, móveis etc. Presidiu a Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba em 1955-57 e foi um dos fundadores do Lions Clube local em 1955. Fernandes Filho atuou por algum tempo como radialista, na Rádio Difusora de Piracicaba.

**FERRACIÚ, João Otávio de.** N. 1943. F. Piracicaba, 4.8.2002. C.c. Brígida Stênio Ferraciú. Ff.: Rogério, Mirela. Industrial. Era filho de Lívio Ferraciú e Juraci Neves de Melo Ferraciú. Há uma rua Lívio Ferraciú no Jardim Vila Verde.

**FERRAIOLI, Bruno.** F. Piracicaba, janeiro de 1982. Cirurgião dentista. Formou-se em 1925 em odontologia pela Escola de Farmácia

e Odontologia de Piracicaba. Empenhou-se pela criação do Sindicato dos Odontologistas de Piracicaba, surgido em 1944, tendo sido um dos seus fundadores. Participou da diretoria provisória deste como secretário e da sua primeira diretoria, eleita a 12.7.1944. Manteve gabinete dentário à rua Moraes Barros, nº 1115, ativo em meados do século, como se lê no “Guia informativo de Piracicaba” de Camargo e Navarro (1958). Muito estimado, paralelamente ao exercício da profissão, destacou-se como um dos mais dedicados responsáveis pelo Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, de que foi presidente (1952-53), e pertenceu ao Clube de Regatas Piracicaba. Maçom, fez parte da Loja Piracicaba. Tinha índole expansiva, generosa, sensível aos problemas da cidade e da sua gente. “Poucas vezes aceitou cargos administrativos, mas estava sempre pronto nas tarefas a que fosse chamado. Era um soldado que não se atinha ao filosofismo, preferindo a movimentação prática... Gostava do trabalho anônimo, produtivo, sem alarde” (Anôn., *Jornal de Piracicaba*, 21.1.1982). Um dos seus filhos, Bruno Ferraioli Filho, formou-se em odontologia e abraçou a profissão paterna. Uma avenida no Jardim Ipanema recebeu seu nome (perto da avenida Rio das Pedras).

**FERRARI, Lélío.** N. Piracicaba, 19.10.1905. F. Piracicaba, agosto de 1974. Empreendedor, dinâmico, destacou-se na indústria e no comércio piracicabanos no século vinte, à frente da empresa Lélío Ferrari & Cia., com sede à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1029, proprietária da torrefação e moagem “Brasil”, surgida em 1934, assim como de um importante armazém, aberto em 1936 no centro da cidade, com a colaboração dos irmãos Orlando e Osvaldo Ludovico Miguel Ferrari, formado em 1948 pela ESALQ e f. em 2008 em Curitiba, PR. Em 1954 inaugurou o Café Haiti na rua Moraes Barros, ao lado do Banco da Lavoura de Minas Gerais e perto da Galeria Brasil, e nele instalou o primeiro

café de máquina da cidade. Vendeu-o a Lázaro Pinto Sampaio (v.), para se dedicar ao Armazém Brasil, que em 1962 se converteu no primeiro supermercado do interior paulista. O café Haiti teve sucessivos proprietários: Augusto e Oscar Néri, Osvaldo Pacheco, Arnaldo Orsi e Issa Sales, Salim Kraide, João Piedade e, como seu derradeiro dono, Sebastião Ortiz, destacando-se no comércio local como um estabelecimento requintado, por mais de quinze anos (R. Alves, *Jornal de Piracicaba*, 22.7.2007). Quando Lélío faleceu, os supermercados Brasil constituíam uma rede de cinco lojas, localizadas no Centro, Bairro Alto, Paulista, Vila Rezende e São Dimas, empregando cerca de 160 pessoas. Foi o primeiro presidente do Clube Recreativo Ítalo Brasileiro, surgido em 16.8.1951, com base na antiga Sociedade Italiana de Mútuo Socorro. A sociedade enfrentara sérias dificuldades durante os anos da Segunda Guerra Mundial e teve seu prédio totalmente remodelado e decorado, para abrigar o clube aqui referido. O clube contou com Luigi Dedini como vice-presidente e Mário Dedini, Lino Morganti e Antônio Romano (vv.) como presidentes de honra, destacando-se notadamente na promoção de espetáculos de teatro amador, bailes carnavalescos e festas juninas, em meados do século (Elias Netto, 2000). Pertencente à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local, recebeu o título de irmão ilustre, durante a provedoria de Coriolano Ferraz do Amaral (v.), nos anos trinta, e foi eleito como mesário suplente em 1960. De 1957 a 1959, foi presidente do Lar dos Velhinhos. Presidiu a Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (1963-65), empenhando-se pela criação da sede própria da entidade (A. M. F. Nolasco, Acipi 1933-2005, 2005). Há uma rua Lélío Ferrari no Jardim Itapuã.

**FERRAZ, Antônio Correa, Capitão** (Séc. 19-20). Vereador (1914 a 1922), foi prefeito de Piracicaba em 1916. Uma rua no Jardim São Francisco tem seu nome.

**FERRAZ, Antônio de Barros, Barão de Piracicamirim.** N. Piracicaba, c. 9.5.1819. F. Piracicaba, 9.5.1896. Fazendeiro, capitalista, político. C.c. Rita Ferraz de Campos Camargo, filha de José Ferraz de Campos Camargo e Maria Annuniação de Camargo. Era filho de Manoel de Barros Ferraz (v.) e Gertrudes Antônia de Barros. D. Pedro II concedeu-lhe o título nobiliárquico de Barão de Piracicamirim a 25.9.1889. Dono da fazenda Santo Antônio do Piracicamirim, dedicou-se principalmente ao cultivo do café e cana-de-açúcar e à criação de animais, mantendo engenho de fabricação de açúcar e aguardente. Era proprietário de nove casas no centro da cidade, uma das quais edificada em 1867, que lhe servia de residência, à rua São José, na esquina da rua Santo Antônio. Além de barão, era comendador e tenente coronel da Guarda Nacional. Foi delegado de polícia, juiz de paz, juiz municipal de órfãos e vereador (1841-44, 1877-80), ligado ao Partido Liberal, do qual foi chefe local. Envolvido em rumoroso processo, originado da doação irregular, pela câmara, de terreno que lhe pertencia, em 1869, teve como defensor Prudente de Moraes Barros (v.) e graças a este viu revogada a injusta condenação de que fora vítima. Em sua homenagem uma rua do bairro São Dimas recebeu o nome de Barão de Piracicamirim.

**FERRAZ, Antônio Osvaldo (Tonico).** N. Piracicaba, 1.2.1905. F. São Paulo, 25.2.1975. Professor, crítico de arte, escritor. C.c. Hercília Guerrini. F.: Maria Celina Ferraz Guerrini. Após completar o curso primário no Grupo Escolar Moraes Barros, cursou o ginásio e o normal na Escola Normal Oficial de Piracicaba. Foi professor desta e após formar-se ingressou na Escola de Farmácia da São Paulo. Quando jovem, destacou-se como jogador de futebol e dirigente do E.C. XV de Novembro. Foi coproprietário da Farmácia Coração de Maria, ao lado da Matriz de Santo Antônio, em sociedade com Haldumont Campos Ferraz (v.). Ocupou,

entre outros, os cargos de adjunto e diretor de grupo escolar, inspetor escolar e inspetor de ensino rural. Durante vários anos assinou a coluna de crítica de arte do “Jornal de Piracicaba” e colaborou no jornal paulistano “A Gazeta” e em outros jornais do país. Em 1952 fez parte do grupo de intelectuais que fundaram a revista “Folclore”, pertencendo ao seu corpo de redatores. Cronista, conferencista, crítico literário e de arte, foi elogiado por Mario de Andrade pela sua “argúcia fina, firmeza informativa, crítica percuciente”. Lecionou história da arte na capital paulista e atuou nos anos 40-50 no Departamento de Educação da Secretaria da Educação paulista, à rua Antônio de Godoy. Em 1943 publicou o livro “Movimento literário” (ed. Atena, São Paulo), coleção de crônicas e conferências que atestam seus elevados dotes de inteligência e sensibilidade. Situa-se na Nova Piracicaba uma rua que tem seu nome.

**FERRAZ, Antônio Pacheco.** N. Piracicaba, 13.9.1904. F. Piracicaba 22.6.2006. C.c. Hermozilla Pacheco Ferraz. F.: Francisco Antônio. Era filho de Antônio Henrique Ferraz e Maria M. Kato Ferraz e neto de José Ferraz de Camargo (v.), o “Juca Bravo”. Artista plástico, professor. Teve sua mãe como primeira professora e desenhou desde os seis anos de idade. Maria Tereza Ferraz, sua parenta, iniciou-o na pintura com aquarela e por indicação dela passou a estudar pintura com Joaquim Miguel Dutra (v.) e a conviver com os filhos deste. Um dos filhos, Alípio Dutra (v.), recebeu-o e orientou seus passos em Paris, quando, aos 23 anos, Ferraz dirigiu-se à França para estudar pintura durante cinco anos. Na capital francesa cursou a Académie Julien, onde teve aulas com os irmãos Pierre e Albert Laurens. Ao mesmo tempo, freqüentou o curso de figura e composição do mestre impressionista bretão Lucien Simon, o artista que maior influência teve sobre ele. Além disso, freqüentou à noite as academias Grande Chaumière e Colarossi,

estudando nus com modelos vivos, e retrato e figura com Émile Renard. O “Salon des Artistes Français” acolheu em 1928 um auto-retrato de sua autoria, reproduzido no catálogo da exposição. Voltou a expor no mesmo salão em 1929 e percorreu toda a região da Bretanha, uma viagem que influenciou de modo significativo o seu estilo. Em 1930 regressou ao Brasil e graças à intervenção dos irmãos Dutra passou a ocupar uma cadeira e a lecionar em escola estadual. Viveu em Piracicaba, Ouro Preto, Rio de Janeiro, Casa Branca, Sorocaba, Mogi das Cruzes, Ponta Porã, São Paulo e por fim novamente Piracicaba, onde se fixou e trabalhou até a ocorrência do seu falecimento. As localidades mencionadas serviram-lhe de inspiração para inúmeras obras. Em 1975 retornou à Europa, para rever Paris e as paisagens bretãs e percorrer a Bélgica, a Holanda e a Inglaterra. Esteve igualmente na Argentina, no Paraguai e no Uruguai. A despeito da grande variedade de temas que transportou para as telas, o rio Piracicaba e a rua do Porto foram seus assuntos prediletos. Tinha cem anos quando Stella Ferraz, sua sobrinha e também artista plástica, deu-lhe uma tela de presente e juntos pintaram o quadro “Grã-Bretanha”. Ferraz foi um dos sócios fundadores da Associação dos Artistas Plásticos de Piracicaba. Em meio aos numerosos prêmios e distinções que obteve, estão a Medalha de Bronze (1933) e o prêmio Aquisição no Salão Nacional Bela Artes; no Salão Paulista de Belas Artes, a Pequena e a Grande Medalha de Prata (1939,1947), o 1º Prêmio Prefeitura de São Paulo (1947, 1957), o Prêmio Aquisição (1952, 1953, 1957), o 1º Prêmio Governo do Estado (1954, 1969), a Medalha de Honra e a Pequena e Grande Medalha de Ouro (1959, 1963), o 1º Prêmio Secretaria da Cultura (1968) e o Prêmio de Viagem ao País (1972). A Sociedade Brasileira de Artes Plásticas deu-lhe Medalha de Prata (1939, 1947), o Segundo Prêmio (1953, 1961), Terceiro Prêmio (1960), Primeiro Prêmio (1962, 1965) e o Prêmio Prefeitura Municipal (1974). Recebeu a Medalha Cultural e Comemorativa Grande

Oficial Mário Dedini em 1961, a Medalha Bicentenário de Piracicaba em 1969 e a Medalha Prudente de Moraes em 2000. Ganhou ainda a Pequena Medalha de Ouro no I Salão de Belas Artes de Rio Claro (1983), o Prêmio Aquisição no 32º Salão de Belas Artes de Piracicaba (1984), a Medalha de Ouro do 13º Salão Limeirense de Arte Contemporânea (1986) e o Prêmio Renato Wagner da Mostra Almeida Júnior de Piracicaba (1996). Diplomado como Benemérito do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, recebeu igualmente o título de Grande Benemérito e a Medalha de Benemerência (Lei Estadual nº 16.651). Sua produção totaliza mais de um milhar de telas que se encontram em museus de muitos países e em inúmeras coleções particulares. Além de participar desde 1928 de exposições coletivas, teve parte do seu acervo exibida na mostra “Antônio Ferraz, um piracicabano na Bretanha” realizada em 1999 em Piracicaba, na qual foi acentuada a sua condição de pintor impressionista. Nas suas próprias palavras, “impressionista é aquele que vai pela impressão que tem. Por exemplo, eu olho e vejo aquelas flores amarelas e procuro colocar o mais puro que seja daquele amarelo. Eu quero até rivalizar com o sol, quero a cor máxima”. No entanto, de acordo com Ermelindo Nardim (*Jornal de Piracicaba*, 5.9.2003), na verdade Pacheco Ferraz era um artista expressionista. “Ele tem uma obra coerente. Suas cores saturadas e sobrepostas dão densidade aos trabalhos, em que a preocupação com a luz é uma constante. Por isso... ele está fora dos debates simplificadoros como o contraponto entre figurativos e acadêmicos. Ele é ele mesmo”. U.S. Cosentino prefere classificá-lo como “um dos mais importantes expoentes do realismo erudito piracicabano”. Refere-se ao ateliê do artista à rua Ipiranga, onde, “entre as centenas de telas, desenhos, esboços, tintas, pincéis, cavaletes, (há) um mundo especial que é um privilégio poder conhecer. Pacheco está sempre imaginando o amanhã, mas solidamente apoiado numa trajetória séria, onde a evolução é uma consequência do contínuo



questionamento de suas turbulências interiores” (*Jornal de Piracicaba*, 26.7.1985). Lembra ainda que Pacheco Ferraz participou da 14ª Bienal Internacional de São Paulo na “Arqueologia do Urbano”, reunindo bonecos articulados de sucata, máscaras, lanternas de carnaval de rua, caixas de isopor, restos de materiais de consumo... “Um grande artista, à frente de seu tempo” (Eugênio Nardin). “Conhecia a arte clássica e acadêmica como ninguém, era um criador, um colorista, sonhador. Transformava os sonhos em realidade. Foi o gigante da pintura piracicabana” (Jairo Ribeiro de Mattos, *Jornal de Piracicaba*, 24.6.2006). O antigo prédio principal da Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na praça Antônio Prado (av. Dr. Paulo de Moraes), passou a denominar-se Centro Cultural Antônio Pacheco Ferraz a partir de 23.9.2006. Fontes sobre Pacheco Ferraz: Cosentino, 1985; Mello, 1999; Cruz Filho, 2003; Benvegnu, 2006.

**FERRAZ, Antônio Pinto de Almeida.** N. Piracicaba, 24.3.1871. F. Belo Horizonte, MG, 14.8.1956. Advogado, jornalista, orador. C. em 1900 c. Indiana Viegas Pinto, filha de José Viegas Jort Muniz e Maria Auta Viegas. Era filho de Jaime Pinto de Almeida (v.) e Antônia Ferraz de Arruda, ambos de tradicionais famílias piracicabanas, e neto de José Pinto de Almeida (v.), fundador da Santa Casa de Piracicaba, sendo seu avô materno o major Fernando Ferraz de Arruda (v.), proprietário da sesmaria que originou a Fazenda Milhã. Aprendeu as primeiras letras nas escolas do padre João Lopes e do Prof. Adriano Boucault e a seguir cursou o Colégio São Luiz de Itu, como aluno interno. Ingressou em 1887 na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1891. Lecionou em várias escolas: o Colégio Internacional de Madame Cousté, o Colégio Azurara, o Externato Brito e a Universidade Popular. Destacou-se como advogado em Piracicaba, particularmente no foro criminal. O almanaque de Capri (1914) ressalta o “orador

notável pela sua grande eloquência” que foi Antoninho Pinto, “profundo conhecedor de todos os preceitos e segredos da oratória”, sendo a tribuna judiciária aquela em que mais brilhou o seu talento. A fonte citada refere-se ao seu saber, “de grande e variada cultura, não só a jurisprudência criminal” a que recorria nas suas defesas, “mas também a história, a filosofia, as ciências, as letras, tudo, enfim, que o seu espírito sabe combinar para esclarecer a consciência do Júri.” Como literato e jornalista, colaborou em vários órgãos da imprensa: “Gazeta de Piracicaba”, o primeiro “Diário de Piracicaba”, a “Revista Literária” de São Paulo e outros. Em 1900 associou-se a Buarque de Macedo (v.) e Cunha Horta (v.) para a fundação do “Jornal de Piracicaba”, cabendo-lhe os encargos de redator. É certamente de sua autoria o editorial-programa, que tem as marcas inconfundíveis do seu estilo, no primeiro número do jornal, lançado a 4.8.1900. Foi inspetor municipal de ensino por volta de 1913 e em 1921 foi nomeado lente de latim e literatura na Escola Normal (a futura Sud Mennucci). Lecionou posteriormente sociologia e história da língua. Seus derradeiros anos de vida foram passados em Belo Horizonte, MG, onde faleceu, em sua residência, e em cujo cemitério está sepultado. Vivia ainda em 1950, quando Losso Netto registrou no “Jornal de Piracicaba”, no número comemorativo do seu cinqüentenário, uma “mensagem de respeitosa admiração e de gratidão profunda”, pelo muito que fez pela cultura de nosso povo e pela segura orientação que imprimiu ao “Jornal” no seu primoroso artigo de apresentação de 4 de agosto de 1900. Foi, nas palavras de Losso Netto, um “jornalista completo, que aliava um estilo escorreito e ágil a uma cultura polimorfa e profunda. Inteligência de escol, professor emérito, orador primoroso, polemista, filósofo, pontificou durante muitos anos como a mais admirável cabeça pensante de Piracicaba”. Fontes a respeito de Antônio Pinto de Almeida Ferraz: Capri, 1914; Viegas, 1968; “Jornal de Piracicaba”, 24.3.1971; Pfromm Netto e

Martins, 2003). Há uma escola piracicabana Dr. Antônio Pinto de Almeida Ferraz e o bairro Jaraguá tem uma rua com seu nome.

**FERRAZ, Cyro Barbosa.** N. Piracicaba, 1924. F. Piracicaba, 25.7.2007. C.c. Maria de Lourdes Souza Coelho Ferraz. Ff.: José Cássio, Célio. Filho de José Barbosa Ferraz Júnior e Albertina de Paula Leite Barbosa; era irmão de Celso, Dirce, Lizzie e Yule Barbosa Ferraz. Fez parte da tradicional família piracicabana dos Barbosa Ferraz, que teve no fazendeiro coronel Barbosa (José Barbosa Ferraz, v.) um dos seus expoentes.

**FERRAZ, Haldumont Campos (Tico da Farmácia).** N. Piracicaba (Charqueada), 21.12.1901. F. Piracicaba, 26.12.1966. F. de Severiano Alberto Ferraz (v.) e Lázara Nunes de Campos. C.c. Aracy Nobre, ff. Haldumont, Roberto; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Ozória Hellmeister, ff. Renato, Maria de Lourdes, Therezinha, Cecília, Maria Conceição, Mauro, José Eduardo, Ana Maria. Farmacêutico, trabalhou inicialmente com o pai, que dirigiu a tradicional Farmácia Neves. Associado a Antônio Oswaldo Ferraz (v.), tornou-se co-proprietário da Farmácia Coração de Maria, junto à Matriz de Santo Antônio e mais tarde à rua Moraes Barros. Esportista, destacou-se no remo, natação, basquetebol, futebol. Foi sócio benemérito do Clube de Regatas e pertenceu ao E. C. XV de Novembro, de que foi diretor. Presidiu o Tiro de Guerra de Piracicaba durante muitos anos. Participou da Revolução de 1930, atuando no hospital da Cruz Vermelha. Teve vigorosa atuação política como vereador (1948-1951) e nos diretórios do Partido Social Progressista e do Partido Trabalhista Nacional. Foi eleito para vários cargos na Câmara Municipal e presidiu várias entidades. “Estimado por todos, um sorriso constante nos lábios, simpatia irradiante: dessa forma se explica a benquerença em que era tido e o êxito que alcançou na profissão” (Ferraz, 2001). Denomina-se Haldumont Campos Ferraz uma das ruas do bairro Castelinho.

**FERRAZ, Haldumont Nobre.** N. Piracicaba, 2.12.1927. F. Piracicaba, 13.1.2008. Escritor, político, genealogista, historiador, contabilista. C.c. Irene Carlet (f.), n. 25.12.1925. Ff.: Aracy, Nancy, Haldumont Júnior (f. 2004), Irene, Roberto de Jesus, João José, Leonor, Vicente de Paulo. Foi vereador e presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, até seu falecimento. Participante ativo e empenhado em inúmeras entidades piracicabanas, fundou o Sindicato dos Comerciantes, a Assistência Social da Paróquia do Bom Jesus e o Centro de Obras Sociais de Piracicaba. Presidiu a Academia Piracicabana de Letras (1989-90) e foi um dos criadores do Clube de Escritores Piracicaba. Em 1987 seu livro “Paulista, graças a Deus!”, escrito juntamente com H.P. Carradore, ganhou o prêmio Clio da Academia Paulistana de História. Agraciado com vários diplomas e veneras, largamente relacionado e estimado, era filho de Haldumont Campos Ferraz (v.).

**FERRAZ, João Batista, Cônego.** Séc. 20. F. Piracicaba a 21.3.1949. Foi sacerdote em Piracicaba durante muitos anos. Pertenceu a tradicional família piracicabana e esteve à frente da Igreja de São Benedito. “Sabia fazer o bem às escondidas como viveu em sua vida humilde, e cuidadoso da Irmandade de São Benedito, que atendia prodigamente em convívio feliz” (Nardin, *Jornal de Piracicaba*, 15.9.1993).

**FERRAZ, João Mendes** (Séc. 20). Comerciante. Por volta de 1938 tornou-se pro-prietário da casa comercial A Nova Era, à Rua Alferes José Caetano, nº 1198 (antigo nº 138), dedicado à venda de “cereais e massas alimentícias, pratarias finas e bebidas nacionais e estrangeiras das melhores procedências” (Guidotti, 2002).

**FERRAZ, José Barbosa, Coronel.** N. Rio Claro, SP, 8.4.1865. F. São Paulo, SP, 4.5.1937. Prefeito, fazendeiro, capitalista, político. C.c. Carolina Silveira Mello Ferraz, n. 20.2.1869, f. 21.8.1955. Filho de Antônio Barbosa Ferraz e

Ambrosina de Campos Ferraz. Ff.: José Júnior (Juquita), Lavínia, Noêmia, Leontina, Paulo, Edith. Residiu em Piracicaba na praça José Bonifácio. Foi dono da fazenda São José, na estrada Piracicaba-Limeira, junto à ponte de acesso ao Monte Alegre (vendeu-a por volta de 1914). Prefeito de Piracicaba em 1927-28, vereador (1926-28, 1929-31) e proprietário dos prédios do Clube Coronel Barbosa e Teatro (depois cinema) São José, que datam mais ou menos da mesma época, 1927. O Teatro São José, com poltronas para duas mil pessoas, construído pelo arquiteto Antônio Borja Medina (v.), teve o seu teto decorado por Bruno Barcelli (v.) e iniciou suas atividades com espetáculos teatrais, mas logo depois passou a exibir filmes cinematográficos. Após seu falecimento, a viúva vendeu os edifícios a ex-sócios do Clube Piracicabano, tendo colaborado na criação do Clube Coronel Barbosa. O Clube Coronel Barbosa foi fundado em 1940, com sede no edifício que evoca o nome do seu primeiro proprietário, o Palacete Barbosa. Inicialmente, denominava-se Clube Piracicabano (Elias Netto, 2003), sociedade ativa na cidade desde as últimas décadas do século dezenove, onde se dançava e eram realizadas reuniões sociais, com a presença das famílias mais conceituadas. Dedicado a causas filantrópicas, fez parte da irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba desde a segunda década do século 20, foi mesário desta nos anos trinta, membro da comissão de obras do novo hospital (1927-31) e tornou-se Membro Benemérito da Santa Casa. De 1924 a 1933 presidiu o Asilo de Velhice e Mendicidade, futuro Lar dos Velhinhos, contribuiu para a instalação dos primeiros filtros para tratamento de água e prestigiou inúmeros eventos culturais, entre os quais os da Sociedade de Cultura Artística local. Ajudou os Ometto (v.) na compra da sua primeira propriedade rural, contribuindo, assim, para o surgimento do maior grupo empresarial de Piracicaba (C. T. E. Lima). A atribuição do nome do Clube Coronel Barbosa é devida à iniciativa de sua viúva, logo

após a morte do esposo (Ricci, 2006; C. T. E. Lima, *Revista da ASBRAP*, 2006).

**FERRAZ, Lineu Krähenbühl** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da Casa Krähenbühl, tradicional estabelecimento comercial da cidade fundado em 1870, sob a sua direção em meados do século vinte, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1674, como se verifica em anúncio inserido no almanaque de Krähenbühl para 1955. A casa comercializava ferragens em geral para a lavoura e a indústria, cimento votoran, manufaturas metálicas, portas e grades de enrolar, cerâmica, chapas Eternit, persianas, manilhas e telhas. Outro comerciante de igual sobrenome, à mesma época, Orlando Krähenbühl, anunciava no mesmo almanaque a sua casa A Eletrônica, especializada em “rádios, válvulas, lâmpadas, amplificadores, microfones e material elétrico em geral”, em matriz à rua Governador Pedro de Toledo, nº 2190 e na filial à rua XV de Novembro, nº 1661.

**FERRAZ, Lucy de Freitas**. N. Santo Antônio do Monte, MG, 1914. F. Piracicaba, 30.6.2006. C.c. Ruben de Sampaio Ferraz. Ff.: Ruben Ronaldo, Paulo Sérgio, Luciano. Professora, enfermeira. Diplomada pela Escola de Enfermagem Ana Nery, no Rio de Janeiro, formou-se professora pela Escola Normal Livre Miss Martha Watts, do Colégio Piracicabano, nos anos 50. Seu nome está ligado à criação da primeira escola de enfermagem de Piracicaba, instalada à frente da Santa Casa de Misericórdia e da qual foi professora. Foi também diretora do hospital Dr. Gimenes nos anos 70.

**FERRAZ, Manoel de Barros**. Batizado em Itu, SP, a 8.5.1769. F. Piracicaba, 27.9.1830. C.c. Gertrudes Antônia de Barros (Ferraz de Campos), n. Itu, 1783. Pai do coronel Antônio de Barros Ferraz (v.), barão de Piracicamirim. Passou a residir em Piracicaba entre 1808 e 1809. Senhor de engenho, com numerosos escravos, obteve uma grande sesmaria, juntamente com

o tenente Joaquim Galvão de Barros França, em 1817. Em parte dessas terras o barão de São João do Rio Claro fundou a fazenda Santa Gertrudes, em 1854. A viúva Ferraz casou-se posteriormente com Balduino de Mello Castanho e Sampaio, pai de Melchior de Mello Castanho (v.), também residente em Piracicaba, e o casal mudou-se para Indaiatuba, SP. Manoel foi igualmente proprietário do sítio de São João da Montanha (talvez a gleba em que surgiu a ESALQ), vizinho de terras do futuro Marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho (v.) e, do outro lado, do sítio do brigadeiro Joaquim Mariano Galvão (Bogaciovas, 2006). Uma rua no bairro Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) tem seu nome.

**FERRAZ, Octávio de Barros.** N. 1890. F. Piracicaba, 9.4.1944. C.c. Yole Sansígolo de Barros Ferraz. Ff.: Epaminondas Sansígolo e Virgínia. Administrador, político. Sobrinho de Coriolano Ferraz do Amaral (v.) e primo de José Rodrigues de Almeida (v.), ambos prefeitos de Piracicaba. Inteligente, culto e sensível, cursou apenas a escola primária e trabalhou nas fazendas de sua avó. Amigo de Newton de Mello (v.) dedilhou ao violão as primeiras notas da música que se converteu no hino de Piracicaba, enquanto o autor a compunha. Pertenceu ao Partido Republicano Paulista (PRP) nos anos trinta, fez parte da Loja Maçônica Piracicaba e participou da Revolução Constitucionalista de 1932 como voluntário do 1º Batalhão Piracicabano. Ricardo Ferraz de Arruda Pinto (v.), prefeito da cidade de 1938 a 1940, confiou-lhe a tarefa de recuperar o Matadouro Municipal e disciplinar o comércio de carne. Barros Ferraz passou a residir com a família junto ao Matadouro e em pouco tempo este foi recuperado. Permaneceu no cargo de administrador mesmo após duas mudanças no governo, quando José Vizioli (v.), de 1941 a 1943, e Jorge Pacheco e Chaves (1943-1945, v.) estiveram à frente da prefeitura. Acometido por um derrame cerebral, viu-se forçado a deixar

o cargo, falecendo aos 54 anos de idade. No Jardim Nova Suíça há uma rua Otávio Ferraz e a usina de reciclagem da Emdhap tem seu nome.

**FERRAZ, Reinivaldo (Sérgio Oba Oba).** N. 1958. F. julho 1986. C.c. Maria Angélica Ferraz. Ff.: Luciane, Reinivaldo Júnior, Viviane. Radialista. Responsável por programas radiofônicos na Rádio Alvorada de Piracicaba, com grande audiência. Morreu tragicamente assassinado. “Suas virtudes eram inúmeras, e a maior delas era o amor, o respeito que tinha para com o próximo” (G. Nunes, 5.7.1986).

**FERRAZ, Roberto Nobre (Bertão).** N. Piracicaba, 16.2.1930. F. Piracicaba, 1.5.1984. C.c. Marlene Gevartosky Ferraz. Ff.: Roberto Filho, Renato José e Fernanda. Era filho de Haldumont Campos Ferraz (v.) e Aracy Nobre. Formou-se em odontologia pela Faculdade de Alfenas, MG, em 1955. Em meados do século tinha gabinete dentário à rua Moraes Barros, nº 1853 (Camargo e Navarro, 1958). Atuou igualmente como cirurgião-dentista junto ao Grupo Escolar Honorato Faustino, durante muitos anos. Uma praça de Piracicaba, na confluência da av. Armando de Salles Oliveira com a rua Saldanha Marinho, tem seu nome e ostenta um marco escultural estilizado, que lembra o espelho clínico e a sonda exploradora do cirurgião-dentista, junto à placa em sua homenagem (Carradore e Ferraz, 1986; Romano e Salvego, 2006).

**FERRAZ, Sebastião.** N. Tatuí, SP, 1917. F. Piracicaba, 1.2.2008. C.c. Célia Regina Paulo Ferraz. Ff.: Jurema, Amanda. Jornalista, começou como gráfico e professor de artes gráficas e dirigiu a partir de 1951 o *Diário de Piracicaba*, de que foi um dos proprietários desde 1967. Nos anos 50 e 60, nas gestões do prefeito Luciano Guidotti (v.), foi secretário municipal de cultura.

**FERRAZ, Severiano Alberto.** N. Funchal, Ilha

## FERRAZ, Sebastião

da Madeira, Portugal, a 8.9.1869. F. Piracicaba, 12.9.1951. C.c. Lázara Nunes de Campos. Ff.: Haldumont (v.), Jurandina, Jurema, Manoel, Meterlina, Sêrvia Yolanda, Severiano Filho (v.), Uiracy, Yoginêia. Farmacêutico em Portugal, mudou-se para o Brasil. Teve farmácia em Santos, SP, e depois em São Sebastião e Santa Branca. Fixou-se em Piracicaba, assumindo a direção da Farmácia Neves, de Francisco Leocádio de Castro Neves (v.), onde igualmente trabalharam dois dos seus filhos. Fabricava vinhos e outras bebidas de frutas sem visar lucro, dando-os a familiares e amigos. Incentivador dos esportes, pertenceu às diretorias de vários clubes varzeanos de futebol e comprou ações para a criação do E. C. XV de Novembro, de que foi torcedor ferrenho. Muito conhecido e bem relacionado, dá nome a uma rua no bairro Independência.

**FERRAZ FILHO, Severiano Alberto (Nenê).** N. Piracicaba, c. 1900? F. Piracicaba, 16.7.1971. Funcionário público, jornalista. F. de Severiano Alberto Ferraz (v.). Jornalista autodidata, foi redator-secretário do “Jornal de Piracicaba” até 1966, onde trabalhou desde os anos 30, e, ao mesmo tempo, funcionário de alto nível da Prefeitura local, competente e dedicado, tendo atuado como Secretário da Prefeitura e oficial de gabinete de vários prefeitos. Deve-se a ele a atribuição oficial da denominação Cidade Alta, em substituição ao antigo nome, Bairro Alto, à região em que residiu, assim como a condução de campanhas memoráveis nas páginas do jornal de que foi redator. Campanhas que soube sustentar “com lucidez, vigor e pertinência”, segundo Losso Netto. Jamais assinava seus escritos na imprensa, a despeito de ser uma espécie de “faz tudo”: “desde a ‘cozinha’ trivial do jornal, o comentário esportivo, o registro policial, a coluna carnavalesca, o setor político. Sua humildade inata não lhe permitia se exibir nas vitrinas vistosas da imprensa, em que ele era príncipe por merecimento, mas apagado por

vocação” (Losso Netto, *Jornal de Piracicaba*, 17.7.1971). A fonte aqui mencionada traça com perfeição o perfil de Nenê: “Debaixo da sua aparente indiferença, ninguém mais vibrante e humano, mais solidário e leal a todos os irmãos em dificuldades que via pela frente. Sua pena, seu estilo sutilmente irônico, mas inteligentemente direto, era um florete de alta têmpera, manejado por um malabarista da palavra. Poder de síntese aguda e percuciente observação, equilíbrio além do senso comum, eram as principais qualidades do jornalista consumado”. No bairro Água Seca há uma rua com seu nome.

**FERRAZ JÚNIOR, Antônio Barbosa, Coronel** (Séc. 19-20). Fazendeiro, capitalista. É mencionado em Camargo (1900) como um dos capitalistas piracicabanos que mais pagaram imposto aos cofres públicos: contribuía com 100:000\$000, na passagem do século. Além de Ferraz Júnior, os capitalistas mais abonados da cidade naqueles tempos eram o major Pedro Ferraz de Arruda Campos (v.), Anna Miguelina de Almeida, Cândido da Silveira Mello (v.), o comendador Joaquim da Silveira Mello (v.), a viúva Correa Pacheco e a viúva coronel Joaquim P. de Almeida Barros (v.). Nome destacado de tradicional família piracicabana, Antônio Barbosa Ferraz Júnior tem seu nome registrado em primeiro lugar, como presidente, no grupo de signatários de um momentoso “Manifesto do Centro dos Lavradores de Piracicaba” em 1.1.1899 (Camargo, 1900).

**FERREIRA, José Maria.** N. Piracicaba, 21.11.1941. F. 17.2.1991. Professor, escritor, jornalista, crítico de cinema, poeta, teatrólogo, promotor cultural, biólogo. Formado em biologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro em 1965, realizou, como bolsista, estudos na Universidade de Edimburgo, na Grã-Bretanha (1970), e na escola de teatro da Universidade do Estado da Flórida, nos EUA, em 1977-78. “Foi um dos mais completos intelectuais piracicabanos nas últimas décadas

do século XX... era um estudioso da cultura piracicabana” (Elias Netto, 2000). A cidade lhe deve a atribuição da denominação “Bloomsbury Caipira” a um punhado de intelectuais e artistas locais que se destacaram por volta de 1920-40, “transfor-mando a cidade num instigante centro cultural brasileiro”. Colaborador da imprensa local, notadamente com artigos e estudos de temas culturais, cinema, teatro etc., destaca-se entre as suas contribuições o texto que fez para a ópera “A Moreninha”, de Ernst Mahle, inspirada no popular romance de Joaquim Manoel de Macedo. A estréia de “A Moreninha” ocorreu em abril de 1992. No *Jornal de Piracicaba*, foi co-editor, juntamente com Roberto Antônio Cera e Maria Lúcia Hilsdorf, do suplemento cultural “Panorama” (1967). A sala 1 do Teatro Municipal Dr. Losso Netto recebeu seu nome, por proposta da vereadora Aparecida Grigolin Abe. Segundo esta última, José Maria “foi um intelectual à frente de seu tempo. Talento, simplicidade e sensibilidade eram algumas de suas qualidades”.

**FERREIRA, Militão Prates** (Séc. 20). Cirurgião dentista, político. Formado em 1925 pela Escola de Odontologia de Piracicaba. Foi vereador na Câmara Municipal, de 1948 a 1951. Há uma rua que o homenageia, que ganhou seu nome em virtude da Lei nº 4783 de 2000. Situa-se no Jardim Residencial Javari I, perto da avenida Euclides de Figueiredo.

**FERREIRA, Octávio Prates**. N. Rio das Pedras, SP, 21.4.1896. F. Piracicaba, 2.4.1975. Professor, artista plástico. Filho de Benedito Ferreira Alves e Luísa Prates Ferreira. Formouse professor pela Escola Normal de Piracicaba em 1918 e iniciou sua carreira no magistério em 1922, como professor da 1ª Escola Masculina das Escolas Reunidas no Bairro Alto, em Piracicaba. Em 1927 começou a lecionar em uma das Escolas Reunidas Rurais de São Joaquim, igualmente de Piracicaba, passando a dirigi-la em 1930. Foi adido à Delegacia de Ensino

em 1943 e mais ou menos à mesma época lecionou a disciplina de Trabalhos Manuais na Escola Normal Oficial (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci). Lecionou igualmente Desenho no Colégio Assunção de Piracicaba. Seus primeiros desenhos datam dos oito anos de idade. Discípulo em pintura de Alípio Dutra e Joaquim Bueno de Mattos (vv), foi também aluno no ateliê de Fisher Elpons e W. Zadig e também de J. Wasth Rodrigues, na capital paulista. Trabalhava principalmente em telas a óleo e aquarela, sendo ainda exímio em desenhos a bico de pena. Ilustrou vários livros, como as obras didáticas de leitura de Thales de Andrade (v), e fez bonitas capas de livros, como a de “Apologia da Arte Moderna”, de Francisco Lagreca (v). Residiu durante longos anos na rua Boa Morte, perto da rua Riachuelo. Era “retraído, introspectivo, mas muito educado e atencioso... Homem simples e sem vaidade, expôs muito pouco os seus trabalhos” (Mello, 1999). Deixou-nos principalmente telas com paisagens rurais piracicabanas. (U.S. Cosentino, *Jornal de Piracicaba*, 29.9.1985).

**FERRI, João Batista**. N. São Paulo, SP, 6.6.1896. F. São Paulo, SP, 3.2.1979. Escultor. Apesar de não ser piracicabano, ligou-se fortemente a Piracicaba, mantendo estreitos laços de amizade com artistas locais e com figuras expressivas da sociedade piracicabana. Era menino quando começou a freqüentar o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Estudou depois na Itália, de 1913 a 1917, na Escola de Artes Barolo (Piemonte) e na Academia Brera de Belas Artes (Milão). Entre 1923 e 1925 voltou a viver e trabalhar em solo italiano, tendo feito nessa ocasião três monumentos aos mortos da I Guerra Mundial e participado em 1924 da Quadrienal de Milão. Foi professor de modelagem entre 1937 e 1942, na Escola de Belas Artes em São Paulo. Vários logradouros públicos da capital paulista e de cidades do interior ganharam esculturas criadas por Ferri. Além disso, há peças de sua autoria em coleções

particulares do país e do exterior, assim como em museus, como o Museu Nacional de Belas Artes e a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Por volta de 1942-43 expôs no Teatro Santo Estevão de Piracicaba. Ganhou numerosos prêmios, entre os quais os seguintes: Medalha de Ouro (1941) e Prêmio de Viagem ao País (1960), do Salão Nacional de Belas Artes; Grande Medalha de Ouro (1947) do Salão Paulista de Belas Artes, Grande Medalha de Ouro (1947) do Salão Paulista de Belas Artes e vários prêmios em dinheiro e aquisições, do Governo do Estado de São Paulo, da Assembléia Legislativa do Estado e da Prefeitura Municipal paulistana; Medalha de Prata (1951) do Salão Paulista de Belas Artes; Primeiro Prêmio de Escultura, do Salão Internacional de Belas Artes do Museu de Valparaíso, Chile, 1951; Primeiro Prêmio (1952) do Salão Rio-pardense de Belas Artes; Primeiro Prêmio (1960) e Medalha de Ouro (1971) do Salão de Belas Artes de Piracicaba. Cerca de três dezenas de obras de sua autoria foram expostas em 1978 no Museu de Artes de São Paulo. Ferri fez parte de várias comissões organizadoras, de seleção e premiação no país, inclusive no Salão de Belas Artes de Piracicaba. Três de suas mais belas esculturas acham-se em locais públicos na capital paulista: o “Índio Caçador” (rua Vieira de Carvalho, centro), “Guanabara” (vale do Anhangabaú) e “Tempo” (Cemitério do Araçá, área lateral). Outra magnífica escultura, “Bacante”, encontra-se no Orquidário da cidade de Santos, SP (Mello, 1999).

**FESSEL, Antônio** (Séc. 19-20). Médico piracicabano. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Clinicou em Piracicaba desde fevereiro de 1913 (Cambiaghi, 1984). Um membro da família Fessel, Gaspar Fessel, amigo pessoal do presidente Prudente de Moraes Barros (v.), foi zelador do Cemitério da Saudade por 33 anos (1874-1907). Outro Fessel, Elias (séc. 19-20), foi c.c. Maria Rita Fray. Era sua filha Angélica Fessel Menin, n. 1916 e f. Piracicaba, 13.12.2006, c.c. Pedro Antônio

Menin, ff. João, José, Maria Luiza, Dorival, Ismael, Roberto Celso, Leda Maria, Euclides.

**FIGUEIREDO, Ademar Nogueira de** (Séc. 20). Professor. Dirigiu a Escola Normal de Piracicaba de 25.5.1944 a 25.5.1945. Durante a sua gestão, a escola passou a ser denominada Escola Normal Sud Mennucci (decreto nº 14.575, de 1.3.1945), mantendo os cursos ginásial, colegial, normal e primário (escola de aplicação).

**FIGUEIREDO, Aristides.** Séc. 20. F. 1962. C.c. Maria Conceição Figueiredo, n. 8.12.1908. Donos de uma emissora de rádio em Minas Gerais, em 1950 adquiriram a Rádio Difusora de Piracicaba (a antiga PRD-6, Rádio Clube, surgida em 1933). Maria Conceição foi uma das fundadoras do Clube de Lady de Piracicaba. Aristides faleceu em 1962 e desde então a esposa passou à administrar a rádio Difusora, contando, a partir de 1965, com a colaboração de uma sobrinha, Maria Conceição Pippa, e de José Roberto Soave, noivo desta (falecido em 1997). Nos últimos anos, a administração da emissora foi confiada a três sobrinhas-netas do casal Figueiredo: Andréa, Roberta e Daniela (*Jornal de Piracicaba*, 15.10.2006). Há uma rua Aristides Figueiredo, no Jardim São Luiz.

**FIGUEIREDO, Perminio de Abreu e Lima** (Séc. 19-20). Médico. Vindo de Santos, SP, passou a residir e clinicar em Piracicaba em fevereiro de 1900, com consultório à rua Prudente de Moraes, nº 79. Fez parte do quadro de médicos da Santa Casa de Misericórdia, sendo ainda irmão contribuinte e mesário desta. Em agosto de 1905 foi nomeado inspetor sanitário. Durante o tempo da sua atuação na Santa Casa, atendeu o consultório para doentes externos (1909) e substituiu o dr. Alfredo Cardoso (v.) como médico do Asilo de São Lázaro, em virtude do súbito falecimento de Cardoso em 1910; e foi médico consultante de mulheres. Mudou-se em agosto de 1913 para Agudos, SP.

**FILETTI, Dulcina Verza** (Séc. 20). Professora. Estudou no Colégio Piracicabano de 1921 a 1929. Dedicou-se em particular ao ensino de História na mesma instituição de ensino, como professora que foi, entre 1930 e 1973. Os Filetti moraram perto do Colégio, na rua Boa Morte. Era esposa do fotógrafo Idálio Filetti (v.).

**FILETTI, Idálio.** N. Capivari, SP, 1916. F. Piracicaba, agosto de 1987. C.c. Dulcina Verza Filetti (v). Sobrinho do fotógrafo José Filetti, com ateliê à rua Moraes Barros e profissional dos mais competentes, presidiu a Associação dos Fotógrafos Profissionais de Piracicaba. Suas fotografias de eventos, lugares e pessoas ilustraram órgãos da imprensa local, notadamente no *Jornal de Piracicaba*, durante cinco décadas.

**FILIPPINI, Ângelo, Comendador** (Séc. 20). C.c. Constância Lazzari Filippini. Ff.: Benito, Myllos, Newton. Usineiro, administrador. Titular da Coletoria Federal da Vila Rezende, onde residiu, destacou-se nos negócios e na sociedade piracicabana de meados do século vinte. Usineiro bem sucedido, começou como funcionário do Engenho Central. Pertenceu à Loja Maçônica Piracicaba, onde atuou durante quase quarenta anos e na qual deu sobejas provas do seu espírito filantrópico. Segundo Leandro Guerrini no *Jornal de Piracicaba*, “Ângelo Filippini foi trabalhador autêntico, despojado de interesses. Não era de muita conversa, mas agia, e agia com inteligência. Agia nos momentos oportunos e sabia valer suas opiniões, sempre coroadas de bom senso. Possuía visão segura dos problemas... Um excelente companheiro. Sempre recusou cargos eletivos ou de nomeação... Era um genuíno batalhador das causas em pauta” (L. Guerrini). Ligado a várias entidades importantes, fez parte da primeira diretoria da Associação Atlética Sucrier (1914), que se converteu no Clube Atlético Piracicabano. Existe uma rua Ângelo

Filippini no Jardim Nova Iguaçu, paralela à Rodovia do Açúcar.

**FIORAVANTE, Affonso José.** N. 1.2.1907. F. Piracicaba, 1.1.1988. Pai do empresário, professor e advogado Arnold Fioravante, co-fundador e co-proprietário das FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) de São Paulo. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Anna Alleoni, ff. Arnold, Arlete, Giselda; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Rosa Marchese, ff. Hamilton, José Álvaro. Professor, contabilista. Filho de João Libório Fioravante e Marianina Arzolla Fioravante, residentes na vila Rezende, ff. Affonso José, Filomena, Alice, Elidia, João Jr., Celso. Formou-se professor pela Escola Normal de Piracicaba (a futura Sud Mennucci) em 1924 e no mesmo ano completou o curso de contabilidade na Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo. Cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro nos anos trinta e concluiu nos Estados Unidos da América o curso de Parapsicologia da Duke University, EUA, em 1968. Iniciou suas atividades docentes em 1925, tendo lecionado em Recreio, Godinhos, Água Santa e Piracicaba. Em 1929 passou a lecionar na Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo e atuou como professor e diretor substituto em várias escolas, de 1930 a 1953. Foi assessor da diretoria da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba por muitos anos e da Reitoria da Universidade Metodista de Piracicaba até seu falecimento em 1988. Lecionou Economia Política e Administração Escolar na Universidade Metodista de Piracicaba e na Escola Normal Oficial (futura Sud Mennucci). Dirigiu o Grupo Escolar Honorato Faustino, na Vila Boyes, durante vários anos. Em 1956 foi nomeado inspetor escolar por concurso em Presidente Prudente, SP, onde se aposentou, após 33 anos de carreira. Aposentado, prosseguiu no exercício de atividades docentes e de caráter administrativo em várias escolas de Piracicaba. Pertenceu à Universidade Metodista



de Piracicaba, como Assessor da Reitoria. Orientava equipe sobre assuntos de Legislação Escolar, quando faleceu, aos 81 anos de idade. Quando seu nome foi atribuído oficialmente à Escola Estadual de Primeiro Grau de Vila Monteiro, o “Jornal de Piracicaba” (29.12.1981) lembrou que “durante 64 anos de intensa e profícua atividade profissional, o prof. Affonso José Fioravante prestou inestimáveis e relevantes serviços na área da educação. Sua vida foi expressão da mais profunda dedicação à causa que abraçou durante toda a sua existência.” Há uma rua com seu nome, no residencial Eldorado, junto à Rodovia do Açúcar e à avenida Eurico Gaspar Dutra.

**FISCHER, Oswaldo de Almeida.** N. Piracicaba, 22.12.1916. F. Brasília, DF, ? C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Irany Corazza de Almeida Fischer. Ff: Valner, Valnete, Valnides, Valnira. Escritor, jornalista, advogado, funcionário público, professor. Diplomou-se pelo curso primário do grupo Escolar Barão do Rio Branco e completou o curso ginásial da Escola Normal Oficial (posteriormente Sud Mennucci) de Piracicaba. Ingressou na ESALQ, mas deixou-a quando cursava o 2º ano de Agronomia, para seguir para o Rio de Janeiro a fim de se dedicar ao jornalismo e à literatura. Durante os anos adolescentes vividos em Piracicaba, era ginásiano quando fundou o jornalzinho “O Escolar”, estimulado por Thales de Andrade (v), então seu professor; participou da fundação da revista “Garota”, fundou o jornal “A Cidade”, de vida efêmera, e passou a escrever crônicas e artigos na “Gazeta de Piracicaba” e no “Jornal de Piracicaba”, ao mesmo tempo em que colaborava em “O Malho”, “Clima” e outras revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Seguiu em fins de 1943 para o Rio de Janeiro, levando uma carta de apresentação de Mario Neme (v.) a Rubem Braga. Este o encaminhou a Carlos Lacerda, que lhe deu o primeiro emprego. Trabalhou nos periódicos

cariocas “Dom Casmurro”, “O Jornal” e “Vanguarda”. Bacharelou-se em 1948 pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da publicação “Letras e Artes”, de que foi secretário até 1950 e diretor até 1954. Lançou seu primeiro livro, “Horizontes Noturnos” (contos), em 1947. Em 1950, saiu seu segundo livro de contos, “O Homem de Duas Cabeças”, vencedor do prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras. Ingressou nos quadros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1947, onde ocupou os mais altos cargos. Em 1960 transferiu-se para Brasília. Retornou ao jornalismo em 1962 e no mesmo ano fundou na Capital Federal a Associação Nacional de Escritores, ocupando, primeiro, a vice-presidência desta e depois a presidência. Com o livro “Nova Luz ao Longe”, em 1965, ganhou o Prêmio de Ficção Prefeitura do Distrito Federal. Foi Superintendente de Cultura da Fundação Cultural do Distrito Federal até 1964. Fez parte, durante vários anos, do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural de Brasília. Em 1966-68 lecionou Literatura Brasileira na Universidade de Brasília. Em 1970 publicou o romance “O Rosto Perdido” e o livro de crítica literária “O Áspero Ofício”, 1ª série. A 2ª Série desta obra foi editada em 1972 e a 4ª Série em 1980. Ganhou, com o volume inicial, o Prêmio Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras. Recebeu a Medalha de Mérito Cultural da Universidade Federal do Ceará em 1972 e no mesmo ano passou a dirigir um suplemento literário dominical no “Diário de Brasília”, denominado “Enfoque”. Casou-se duas vezes, sendo pai de seis filhos. Em 1980 publicou em Brasília o livro “10 Contos Escolhidos”. “Um autêntico contador de histórias, servido por grandes qualidades artísticas. Seus contos destacam-se pelo equilíbrio, pela interpretação psicológica, pela maliciosa observação das coisas e dos fatos” (Nuto Sant’ Anna). “Almeida Fischer coloca-se entre os mais sérios contistas da nova geração” (Sérgio Milliet).

**FIUZA, Joaquim Manuel, Padre** (Séc. 18-19). Nomeado em setembro de 1802, foi o quarto vigário da paróquia de Piracicaba, tendo sido precedido pelo padre João Manoel da Silva (1774-75, v.), por frei Thomé de Jesus (1784-85, 1787-88, v.) e pelo pe. José Francisco de Paula (1798-1802). O padre Fiuza exerceu esse cargo por breve período, até julho de 1803, sendo então substituído pelo padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel (1804-1816, v.) (Nardy Filho, em Krähenbühl, 1955; Ernesto de Paula, 1955).

**FLORES, Pompílio Raphael**. N. Ouro Fino, MG, 1894. F. Piracicaba, c. 1980. C.c. Ana Castanho Flores, f. 28.6.1976. Advogado. Tinha três anos de idade quando passou a viver em Piracicaba. Foi cartorário em Tatuí e Capivari durante muitos anos. Formou-se pela Faculdade de Direito em Niterói, após cursar inicialmente o curso de direito na cidade do Rio de Janeiro. Não terminou seus estudos na então capital federal, por falta de recursos para custear seus estudos e sua manutenção nesta última. Manteve escritório de advocacia à rua Francisco de Assis, nº 810. Viúvo e sem filhos, vítima de trombose quando tinha mais de 80 anos, sofreu amputação da perna direita, impedindo-o de continuar a atender sua clientela com as visitas que fazia diariamente ao Fórum. A despeito disso, não deixou de praticar a advocacia no seu escritório, profissão que lhe deu apenas a casa em que morava e uma pequena aposentadoria, paga pelo INPS. Sentado em sua cadeira de rodas, na casa em que morava há mais de três décadas, declarou em entrevista ao “Jornal do Povo” em 1978 que “o advogado não deve trabalhar apenas pelo dinheiro, mas sim, pelo amor à Justiça”. O jornal acrescentava que, no escritório abarrotado de livros, manuscritos e antigas fotos, “o doutor Flores impressionava a todos por sua dedicação ao trabalho e perseverança... A amputação da perna não tirou a vontade de trabalhar do velho advogado que continuou trabalhando gratuitamente, fazendo pareceres e dando informações jurídicas aos advogados

que o procuravam em busca de soluções, pois o dr. Flores sempre foi considerado um advogado muito competente, inclusive por haver publicado três livros versando sobre matérias jurídicas”. Seu nome foi dado à rua no Jardim Algodal, paralela à SP-304. Sua esposa, Ana Castanho Flores, foi professora durante longos anos, mestra estimada e inspirada poetisa.

**FOGAÇA, Walfredo de Andrade**. N. Mineiros do Tietê, SP, séc. 19? F. séc. 20. Seis filhos, entre os quais três professores. João de Andrade Fogaça, seu pai, passou a viver com a família em Piracicaba em 1909 e teve uma pensão à rua Moraes Barros desde então. Walfredo formou-se professor pela antiga Escola Complementar (a atual Sud Mennucci) e fez carreira no ensino. Após trabalhar como professor, tornou-se Delegado de Ensino. Um estabelecimento de ensino de São José do Rio Preto tem Walfredo como patrono, o “piracicabano de Mineiros do Tietê”, filho adotivo que foi de Piracicaba, que, nas palavras de A. Oliveira Mendes, “brincou sua meninice nas ruas poeirentas da comuna, aprendeu a ler em suas escolas e como complementarista partiu para as andanças do magistério” (*Jornal de Piracicaba*, 20.11.1977). A pensão dos Fogaça foi posteriormente adquirida pelo sr. Guimarães, pai de Antônio Correia Guimarães (T. L. Ferreira, *Jornal de Piracicaba*, 30.12.1978). Vários outros Fogaça fazem parte do passado piracicabano, entre os quais Nestor Fogaça, c.c. Eulina Galvão Fogaça, n. em 1908 e f. em fevereiro de 2005 em São Miguel Arcaño (SP), ff.: Lúcia, Reynaldo, Maria Georgina, Maria de Lourdes, Nestor Filho, Maria da Glória, Elizabeth. Os Fogaça constituíram um grupo industrial importante em São Miguel Arcaño (Indústria e Comércio Fogaça Ltda.), Flávio Fogaça (beneficiamento de café), serraria, carpintaria, olaria, venda de automóveis (Nestor Fogaça e irmãos), ferragens etc.

**FONSECA, Erasto da**. N. 1907. F. Piracicaba, 10.7.2007. Cirurgião dentista. C.c. Guida Prates

## FONSECA, Erasto da

da Fonseca. F.: Rubens. Filho de Benedito Afonso da Fonseca e Ana de Godoi Fonseca, formou-se aos 19 anos na Faculdade de Odontologia Washington Luiz de Piracicaba. Seu pai era formado em medicina e farmácia. Colaborou na imprensa local e em seus últimos anos de vida residiu em Caiubi (Santa Bárbara d'Oeste, SP).

**FONSECA, Francisco Alberto Mariano da.** F. 2006? C.c. Carmem Fonseca. Ff.: Paula, Lívia. Juiz de Direito. “Um dos jovens juízes que fez brilhante carreira, parte dela acompanhada por mim, enquanto estive em Piracicaba... Tenho recolhidas uma a uma as suas palavras, seus ensinamentos, sua coragem e lição de dignidade” (J. A. C. D. Chagas, *Jornal de Piracicaba*, 17.3.2006).

**FONSECA, João Mendes** (Séc. 20). Industrial, proprietário de tradicional empresa gráfica piracicabana. Imprimiu e editou numerosos livros de autores piracicabanos. Lançou em 1936 o livro de Mário Neme “Piracicaba – Documentário”, com mais de trezentas páginas. Em 1943 publicou a primeira edição da “História da Fundação de Piracicaba”, de Mário Neme (v.), com 209 páginas. Publicou em 1955 o “Almanaque de Piracicaba 1955” organizado por Hélio Morato Krähenbühl, com 286 páginas. Foi escolhido para presidir a Associação Atlética Vila Boyes por ocasião da sua fundação, em 1946.

**FONSECA FILHO, Fausto** (Séc. 20) Engenheiro. Dedicou grande parte de sua vida à Prefeitura Municipal de Piracicaba, com atuação exemplar como engenheiro-chefe da Repartição de Obras desta (Neme, 1936) desde os anos trinta. Segundo Elias Netto (2000), foi “o engenheiro de quem se dizia conhecer os subterrâneos de Piracicaba como a palma da mão”. Dentre os inúmeros benefícios à cidade aos quais seu nome está associado, Elias Netto (1992) ressalta que, durante o período em que Salgot Castillon (v.), foi prefeito (1960-62), “a

cidade se transformou num canteiro de obras, que eram atacadas em todos os quadrantes do município. Nesse trabalho se destacava a presença do engenheiro Fausto Fonseca Filho”. Fazia-se a chamada “revolução rural” (eletrificação e telefonia rurais, construção da estrada de Piracicaba-Rio Claro) e ao mesmo tempo viu-se a mudança da fisionomia da cidade (jardins públicos, construção do novo Mirante e do Estádio Municipal Barão de Serra Negra, pavimentação das ruas, extensão da rede de águas juntamente com a finalização das obras do grande reservatório de águas na rua XV de Novembro, extensão da rede de esgotos, criação da iluminação pública com lâmpadas fluorescentes, surgimento da Avenida Beira Rio). Há uma rua com seu nome no bairro Nova América, junto à avenida Comendador Luciano Guidotti.

**FORMICHE, Giuseppe** (Séc. 19). Maestro. Provavelmente italiano de nascimento, faz parte do numeroso grupo de maestros e musicistas modestos, em boa parte anônimos ou sobre os quais não existem registros impressos, que nos séculos 19 e 20 animaram as bandas de música de Piracicaba, em concertos realizados no Jardim do centro da cidade, no acompanhamento musical de procissões, em solenidades e eventos festivos. Segundo Chiarini (em Krähenbühl, 1955), Giuseppe Formiche foi o primeiro regente da Corporação Musical Carlos Gomes, formada por um grupo de italianos, entre os quais Artheodoro Bueloni (v. Santos Bueloni), João Furlani, Antônio Miche e Paulo Sansigolo. No Livro Caixa (1900) e no Livro Protocolo (1903) da Sociedade Italiana do Mútuo Socorro de Piracicaba consta o nome de outro Formichi: Francesco Formichi (Alleoni, 2003).

**FORTI, Gabriel, Frei.** N. 1893. F. Piracicaba, 5.11.1979. Filho de Luiz Forti e Maria Forti. Ingressou em 1917 na ordem dos Frades menores capuchinhos e professou solenemente em 1921. Residiu em vários conventos da ordem

e desde os anos 60 fixou-se no convento de Piracicaba.

**FORTINGUERRA, Carlos Roberto Hoppe.** N. 1942. F. Piracicaba, 7.2.2001. Cirurgião dentista, vereador. Formou-se em 1969 pela Faculdade de Odontologia de Piracicaba (Unicamp). C.c. Maria Lúcia Baumgartner Fortinguerra. Pai do cirurgião dentista Eduardo Baumgartner Fortinguerra e de Roberto Baumgartner Fortinguerra. Foi professor universitário. Além de sua atuação profissional, destacou-se junto às várias entidades a que pertenceu, como o Rotary Club Piracicaba Cidade Alta (presidente, 1987-88). Presidiu em Piracicaba o Fundo Social de Solidariedade, nos anos 90. Fez parte do corpo de vereadores locais, de 1989 a 1992 (Romano e Salvego, 2006). Uma rua do Jardim Residencial Javari I tem seu nome.

**FRAGA, Celso Galdino.** Séc. 20. F. São Paulo, SP, 24.3.1968. Juiz de Direito. Por muitos anos foi juiz da 1ª Vara da Comarca de Piracicaba. Uma rua da Nova Piracicaba é denominada Celso Galdino Fraga.

**FRAGA, José Mourão** (Século 19). Cirurgião (?). Mencionado por Cambiaghi (1984), seu nome figura em 1826 no 1º Livro de Atas da Câmara Municipal da então Vila de Constituição, como o “surgião Fraga”, a quem os vereadores passaram uma “testação”. O autor citado aventa a hipótese de se tratar de um “cirurgião-barbeiro” leigo que naqueles tempos praticava certas funções médicas, como “pensar feridas, sarjar, aplicar ventosas e sanguessugas, extrair dentes, sangrar, cortar, costurar, operar pequena cirurgia. A sangria, a purga e o clister constituíam a trilogia terapêutica predominante”.

**FRAGOSO, Jorge Dutra** (Séc. 19-20). Médico. Residiu inicialmente em Rio das Pedras, SP, onde foi médico escolar e inspetor municipal de higiene por volta de 1916-17. Passou a clinicar em Piracicaba em 1918, em consultório

à rua São José, nº 62, sem, no entanto, deixar de proporcionar atendimento à clientela rio-pedrense, duas vezes por semana. No mesmo ano foi admitido no corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, durante a provedoria do Dr. Oscarino Dias (v), exercendo gratuitamente seu cargo de médico adjunto do hospital. Tornou-se irmão contribuinte da Irmandade da Santa Casa em 1919 e desde 1920 foi responsável pela clínica médica de mulheres. Mudou-se para Santos, SP, em dezembro de 1920, mas retornou a Piracicaba em 1922, onde assumiu o cargo de inspetor sanitário. Entre 1922 e 1923, comissionado pelo Governo do Estado, aperfeiçoou seus conhecimentos nos EUA.

**FRANÇA, Israel** (Séc. 20). Médico. Residiu e clinicou em Piracicaba, por volta de 1926. Em anúncio saído no “Jornal de Piracicaba” de 11.6.1926, lê-se que mantinha consultório à rua Santo Antônio, nº 15 e residia à rua Boa Morte, nº 136, dedicando-se a “clínica médica, cirurgia, partos, doenças de criança (escola alemã) e sífilis”.

**FRANÇA, José Manoel de.** N. 1833. F. 4.6.1891. C.c. Genoveva do Amaral França. Em 1869 deixou Sorocaba, SP, para assumir em Piracicaba o cargo de 1º Tabelião, após ser nomeado pelo imperador D. Pedro II a 13.10.1869. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Piracicaba em 24.11.1875.

**FRANÇA, Manoel José de, Padre.** N. Sorocaba. Séc.19. Filho do capitão Manoel José França e Isabel de Oliveira França. Vigário da paróquia de Piracicaba. Em “Diocese de Piracicaba” (Ernesto de Paula, 1955) é mencionado o período de 1816 a 1849 como o da sua atuação à frente da paróquia de Piracicaba, mas Oliveira (em Guerrini, 1961), em estudo a seu respeito, afirma que ele veio à “então Vila da Constituição na qualidade de vigário encomendado da paróquia, vaga com o falecimento do presbítero secular e vigário

## FRANÇA, Israel

colado Manoel Joaquim do Amaral Gurgel (v), ocorrido a 2 de fevereiro de 1836”, tendo assumido as suas funções a 30.6.1836. Residiu em casa de chácara à rua da Ponte Velha (atual Prudente de Moraes), próximo ao rio. Na sua residência reuniram-se os piracicabanos participantes da Revolução de 1842 contra o governo da província, chefiada pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar. Seriamente envolvido nos acontecimentos, o padre França foi suspenso de ordens pelo bispo diocesano e teve seus bens apreendidos. Em virtude da sua ausência, a paróquia local ficou vaga e abandonada, até a chegada de seu substituto. O padre Cândido José de Castro o substituiu, de 1.8.1843 a 8.1.1844, até o retorno do padre França, que reassumiu suas antigas funções.

**FRANÇA JÚNIOR, José Manuel de** (Séc. 19). Jornalista. Co-proprietário e co-redator do jornal *Gazeta de Piracicaba* de 1885 a 1891, juntamente com Augusto César de Arruda Castanho (v). Ambos adquiriram-na de Joaquim Borges da Cunha em 1885. Seis anos depois, venderam a “Gazeta” a Mário Arantes (v).

**FRANCEZ, José** (Séc. 20). Industrial, comerciante. C.c. Mezia Rahal Francez, f. em Piracicaba a 6.9.1968. F.: Ruy Francez, formado pela ESALQ em 1942. Manteve durante muitos anos a “Casa Francez”, que negociava com fazendas, armarinho, perfumaria, sedas e miudezas, à rua do Rosário, nº 164, na esquina da rua Prudente de Moraes (Largo São Benedito). Era também proprietário da Fábrica do Sabonete Francez, “o preferido”, conforme anúncio em Neme (1936). Faz parte da relação dos homenageados “In Memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. A Casa Francez aparece como o centésimo sócio registrado no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (registro nº 273, de 27.12.1939), com capital de 15:000\$000. A esposa, Mezia Rahal Francez, cunhada e grande amiga da atriz Lyson Gaster (v), era irmã

do primeiro marido desta, Nicolau Rahal, filho de Abdalla Rahal (v).

**FRANCISCO, Luiz De. N.** Charqueada, SP, 19.4.1909. F. Piracicaba, 12.1.1983. C. c. Olinda Menezes De Francisco. Ff.: Walter, Maria Antônia. Jornalista, administrador, contabilista. Após cursar o grupo escolar de sua terra natal, foi ginásiano e formou-se em contabilidade em Piracicaba. Desde a juventude, destacou-se no futebol piracicabano, inicialmente como jogador da equipe juvenil do E. C. XV de Novembro. Convocado pelo Exército, seguiu na capital paulista a carreira militar, até atingir o posto de Primeiro Sargento. Casou-se aos 30 anos de idade e fixou residência em Piracicaba, nessa ocasião. Exerceu cargos de direção na extinta Associação Piracicabana de Esportes e depois na Liga Piracicabana de Futebol. Prestou serviços à Associação Atlética Sucrierie e ao Clube Atlético Piracicabano. Foi árbitro e técnico de futebol. Trabalhou durante cinco anos na redação do “Diário de Piracicaba” e deixou-o para fazer parte da redação do “Jornal de Piracicaba”, onde permaneceu durante 35 anos. Ganhou notoriedade como redator esportivo deste último e desde 1950 até seu falecimento atuou como secretário executivo do Esporte Clube XV de Novembro. Cordial, bonachão e arguto, foi figura de primeira grandeza no jornalismo esportivo piracicabano e na administração do XV.

**FRANCO, Bento Luiz Gonzaga (Dr. Bentinho).** Político, prefeito municipal de Piracicaba. Dividia com José Vizioli, Antônio Martins Belmudes de Toledo e Jorge Coury (vv), a liderança do Partido Social Democrático em Piracicaba, nos anos 40. O interventor federal do Estado, Fernando Costa (v), nomeou-o prefeito do município, de 15.4.1945 a 18.3.1946 e de 31.7.1946 a 10.3.1947. Primo de Luiz Dias Gonzaga (v), presidiu o Partido Social Democrático em meados do século. Na sua gestão, a praça 7 de setembro foi incorporada

à José Bonifácio.

**FREIRE, Fortunato de Campos, Major, e outros.** Vários registros de Camargo (1900) se referem à participação de voluntários piracicabanos na Guerra do Paraguai (1865-1870). Em 1865 os paraguaios, liderados pelo seu ditador, Francisco Solano Lopez, apresaram o navio “Marquês de Olinda” e invadiram a província de Mato Grosso, a Argentina e o Rio Grande do Sul. Os primeiros voluntários piracicabanos partiram para a guerra a 20.2.1865. A 2.10.1865 a câmara municipal propôs a concessão de prêmio em dinheiro para os primeiros oito voluntários locais. A 9.11.1867 deu-se a partida de outros soldados recrutados na cidade. A 19.6.1867 retornou do Paraguai João Julião, a 4.12.1869 regressou Joaquim Antônio Mattoso e a 27.1.1870 deu-se a volta do voluntário Fortunato de Campos Freire (Krähenbühl, 1955). A Guerra chegou ao fim em 1.3.1870, com a vitória do general Câmara em batalha travada em Cerro Corá, na qual morreu Solano Lopez. “Não sabemos quantos foram os (piracicabanos) participantes diretos da campanha bélica. Restam-nos tão somente alguns nomes, que a história mal registrou” (Vitti, 1966). O voluntário Fortunato de Campos Freire, f. a 8.12.1903, participou das batalhas de Corrientes, Tuiuti, Souce, Humaitá, Itororó e Lomas Valentinas. Primo do médico piracicabano Norberto de Campos Freire (v.), era neto de Bento Alexandre Freire, pai de doze filhos, entre os quais Rosa Freire de Jesus (v.). Bento deixou Porto Feliz em fins do século 18 com toda a família, estabelecendo-se em Piracicaba com um engenho de açúcar na margem esquerda do rio Piracicaba, pouco abaixo do Salto. Participaram igualmente da Guerra do Paraguai dois filhos de Bento de Campos Freire: o alferes José Ribeiro Freire e Francisco Xavier Freire.

**FREIRE, Jerônimo Geraldo de Campos.** N. Piracicaba, 11.8.1910. F. São Paulo, SP, 2.1.1975.

Médico, filho de Norberto de Campos Freire (v.). Após realizar seus estudos primários e secundários em Campinas, onde foi aluno da escola “Culto à Ciência”, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, diplomando-se em 1936. Atraído pela carreira universitária, passou a dedicar-se à urologia. Em 1943 chefou, na qualidade de oficial médico, a enfermaria de urologia do Hospital Militar da capital paulista. Em 1947 obteve o primeiro lugar em concurso realizado no Hospital dos Servidores Públicos do Rio de Janeiro. Em 1948 tornou-se livre-docente da Faculdade Fluminense de Medicina e da Faculdade de Medicina do Paraná. Foi aprovado com distinção em 1950 para a docência de urologia na Faculdade de Medicina de São Paulo e em 1953 conquistou, por concurso, a cátedra de urologia da mesma escola. Autor de mais de 220 estudos e pesquisas em maio de 1968 foi o pioneiro em transplante renal na América Latina, realizado no Hospital das Clínicas de São Paulo. Com sua equipe, realizou desde então inúmeros transplantes renais.

**FREIRE, Luiz Norberto de Sampaio.** N. Piracicaba, 22.8.1885. F. 21.1.1945. Poeta, biógrafo, crítico, ensaísta, advogado. Filho de Norberto de Campos Freire (v.) e Balbina Sampaio Freire. Bacharelou-se em 1907 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi delegado de polícia e exerceu a magistratura em cidades do interior paulista e na capital do Estado. Colaborador de jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro, a 4.8.1901 o “Jornal de Piracicaba” destacou-o como um dos seus colaboradores. Foi membro da Academia de Ciências e Letras de São Paulo. Publicou os livros “Ensaio crítico: Raul Pompéia e Alberto de Oliveira”, Campinas, 1915; e “Versos de outrora”, São Paulo, 1926. Sua poesia “Salto de Piracicaba” faz parte da coletânea “Poetas paulistas”, organizada por Enéas de Moura (1951).

**FREIRE, Norberto de Campos.** N. Piracicaba, 1846. F. Campinas, 3.2.1914. Médico, capitalista. C.c. Balbina Augusta de Moraes Sampaio a 15.5.1883, tendo os noivos como padrinhos o futuro presidente da República Prudente José de Moraes Barros e Bento Antônio de Moraes. Ff.: Luiz Norberto, José, Ana, Joaquim, Joana, Bertina, Jerônimo Geraldo e Benjamim. Atuou inicialmente (c. 1874) como dentista. Partiu para a Europa em 1877 e na Universidade de Wurzburg, na Alemanha, formou-se em medicina em 3.12.1881. Regressou a Piracicaba em 26.9.1882. Prestou exames de suficiência para poder clinicar no Brasil (Rio de Janeiro, RJ, 1884; Salvador, BA, 1886) e instalou seu consultório em Piracicaba à rua São José, nº 19, anunciando suas atividades como “clínica médica, cirúrgica e de partos”. Em fins de 1886 mudou-se para Limeira, SP, mas retornou a Piracicaba em 1894. Passou a residir em Tietê, SP, em 1906, tendo também clinicado nas cidades paulistas de Porto Feliz, Campinas e São Manoel. Norberto de Campos Freire foi um dos fundadores da loja Maçônica Piracicaba em 1875 e em 1900 teve seu nome incluído entre os dos principais capitalistas piracicabanos (Camargo, 1900). Era neto de Bento Alexandre Freire, natural de Porto Feliz, mencionado em Cambiaghi (1934) como “denodado paulista..., tronco de uma das mais ilustres famílias, cujos filhos, naturais de Piracicaba, souberam elevar com nobreza a sua origem, dando início (ao surgimento de) um sem número de profissionais liberais e cooperadores da administração pública”. Bento, segundo a mesma fonte, foi “o primeiro fundador de uma capela existente à margem direita do rio Piracicaba, e cuja padroeira era Nossa Senhora dos Prazeres”. A 29.4.1883 Norberto de Campos Freire teve seu nome aprovado como irmão, em reunião da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. O poeta e professor de direito Esequiel Freire foi seu primo. Um dos filhos de Norberto, Luiz de Sampaio Freire, foi

igualmente poeta e figura na “Antologia dos poetas paulistas”, organizada por Arsênio Palácio e Mário Júlio da Silva em 1933.

**FREIRE DE JESUS, Rosa.** N. 1791. F. Piracicaba, 26.12.1885. Conhecida como “mãe dos que padecem” pelos piracicabanos, fez parte da prole de doze filhos de Bento Alexandre Freire (v. Freire, Fortunato de Campos, e outros). Segundo a *Gazeta de Piracicaba* de 6.1.1886, “era uma excelente alopata, atestado por milhares de curas felizes, e por apreciações de muitos médicos nacionais e estrangeiros”.

**FREITAS, Paulo Ferraz de** (Séc. 19). Neto de Manoel Ferraz de Arruda Campos (v.), político e proprietário de fazenda em Piracicaba. Freqüentou de 1985 a 1988 o curso de medicina no Rio de Janeiro, RJ. Presume-se que tenha se formado como médico (Cambiaghi, 1984).

**FREITAS, Teodomiro Telles de** (Séc. 20). Durante a primeira metade do século, manteve na rua São José, no antigo largo do Teatro (atual praça José Bonifácio), uma tradicional garaparia. Homem simples e cordial, orgulhava-se de oferecer aos piracicabanos e visitantes o melhor caldo de cana da região. A garaparia do seu Teodomiro era, além disso, o ponto de encontro e dos flertes da mocidade piracicabana que “quadrava” o jardim da praça.

**FRICK, João.** N. Suíça (Lisboa, Portugal?), c. 1840. Engenheiro hidráulico, genro do Visconde de Mauá, Irineu Evangelista de Souza (1813-1889). Mencionado por algumas fontes como suíço de nascimento, por outras como português e também como engenheiro civil gaúcho (R. Alves, *Jornal de Piracicaba*, 25.3.2007), João Frick foi o principal responsável pela criação do serviço de abastecimento de água encanada à população piracicabana, inaugurado a 26.5.1885. Vencedor da proposta para tanto, a 22.12.1887 deu-se a assinatura do contrato entre a câmara municipal e Frick, associando-se a este último

o engenheiro Carlos Zanotta (v). A empresa ganhou as denominações de “Frick & Zanotta” e “Empreza Hidráulica de Piracicaba”. Fez-se uma escavação, no Bairro dos Alemães, para a instalação de um reservatório de dois milhões de litros de água. Posteriormente, Tito Ribeiro associou-se a Frick, mas surgiram desavenças entre ambos. A empresa hidráulica foi posta em leilão judicial em 1899 e arrematada a 30.8 por Carlos Zanotta e Tito Ribeiro, “que já eram proprietários de duas terças partes da companhia”. Meio século depois, o serviço de água passou a pertencer ao governo municipal (Guerrini, 1970). De acordo com Krähenbühl (1955), Frick deixou o Brasil para residir em Londres, “onde escreveu terríveis catilnárias contra a venalidade dos políticos e a corrupção dos funcionários administrativos brasileiros”.

**FROTA, Edmundo Morato da** (Séc. 20). Agricultor, administrador. C.c. Maria Luiza Moraes, descendente dos Moraes Barros. Ff.: José Gustavo, Marisa, Maria Luiza, Paulo Otávio, Zuleika, Mário, Nilze (v. Clemente, Amâncio). Era filho do ituano José Teixeira da Frota e de Maria Isabel Morato (nhá Bê). Estes tiveram seis filhos, com sobrenomes Morato da Frota e Teixeira da Frota: Otávio, Auta, José, Gabrielina, Edmundo e Maria Isabel.

**FUCCIO, Francisco de.** N. 1902. F. São Paulo, SP, 30.10.1962. C.c. Ângela Orlandi de Fuccio, em abril de 1937, em São Paulo, SP. Médico. Formou-se em 1927 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Trabalhou inicialmente como médico assistente no Hospital Humberto I, na capital paulista. Teve inicialmente seu consultório em Piracicaba à rua João Pessoa, nº 198 (atual Governador Pedro de Toledo), dedicando-se à “clínica médico-cirúrgica, sífilis, vias urinárias”. Mudou-o para a rua Moraes Barros, nº 143, onde manteve um “preventório para doenças venéreas” e passou também a tratar doenças da pele. Foi irmão contribuinte da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Em

1935 presidiu o “Comitato Pró-Itália Livre”. Mudou-se para a capital paulista em setembro de 1940. Entre as suas publicações, além de conferências, estudos especializados e artigos em jornais, figuram “A sífilis” e “A cultura popular” (3ª ed., 1938). (Cambiaghi, 1986.)

**FUNARI, Ernesto** (Séc. 19). Médico, provavelmente de nacionalidade italiana. Um anúncio publicado na “Gazeta de Piracicaba” (20.12.1891) mencionava-o como “médico cirúrgico-obstétrico, laureado pela Faculdade de Medicina de Nápoles”. Mantinha “gabinete de eletridade para cura de moléstias nervosas” e “gabinete para análise clínica da urina”. Indicava como endereço provisório para atendimento a “casa do senhor Miguel Mancini” (v). Este último (Michele Mancini) fez parte da primeira diretoria da “Società Italiana de Mutuo Soccorso” de Piracicaba, surgida a 1.1.1888, ocupando o cargo de tesoureiro (Capri, 1914). A fonte citada registra igualmente o nome de Pasquale Mancini como conselheiro nessa primeira diretoria da sociedade, que teve inicialmente sua sede na Vila Rezende, no local do antigo Clube Atlético, à Avenida Barão de Serra Negra.

**FURLAN, Antônio.** N. Roncegno, região do Friuli, Itália, séc. 19. F. séc. 20? C. por volta de 1892 c. Joana Lotter, n. Alemanha. Tiveram filhos, entre os quais Aldo e Arthur Furlan. O patriarca Antônio fixou-se inicialmente em Piracicaba, na segunda metade do séc. 19. Fundou a cidade de Charqueada, SP, nas terras de sua fazenda Charqueada. Foi o primeiro Juiz de Paz da cidade.

**FURLAN, Domingos** (Séc. 20). Agricultor. C.c. Santa Furlanetta. Ff.: Frederico, Pedro, Ângelo, Henrique, Sílvio, Domingos Filho, Raquel. Italiano de nascimento, após vir ao Brasil, residiu inicialmente em Água Santa. Adquiriu depois a fazenda do Arruda, fazenda Santo Antônio, no bairro do Guamium, depois



ocupada pela Codistil e pela chácara Dedini. A fazenda tinha engenho de aguardente e moinho de fubá movido a água. Desmembrada a fazenda, a área foi adquirida por Mário Dedini (v.) em 1935, passando a ser a chácara Dedini (Aldrovandi, 1991). Na lista de italianos moradores de Piracicaba em 1904 que não se naturalizaram aparecem os nomes de Domênico, Giuseppe, Girolamo, Luigi, Sante, Valentino e Vicenho (Vicente?) Furlan (Alleoni, 2003).

**FURLAN, Família.** Numerosos Furlan fazem parte da história de Piracicaba, desde o século 19. Esse sobrenome e assemelhados originaram-se de Forlano, que designa os cidadãos de Friuli, no extremo norte oriental da Itália (Bueno e Barata, 2000). Um tronco importante dos Furlan está ligado a Antônio Furlan (v.), fundador de Charqueada. Alleoni (2003) registra os nomes de vários Furlan que viveram em Piracicaba em fins do século 19 e no início do século 20, como Giovanni Furlan e Luigi Furlan, citados nos livros de caixa e protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em 1902, 1903 e 1907. São mencionados a seguir alguns dos Furlan que se fixaram ou nasceram em Piracicaba. (1) Aldo Furlan, c.c. Danúzia da Silva Furlan, pais de Édison da Silva Furlan, n. 1933 e f. 10.9.2007, c.c. Sylvia Helena Ribeiro Furlan, ff. Gilberto, Maurício, Fernando. Uma rua na Nova Piracicaba tem seu nome. (2) Ângelo Furlan, c.c. Anna Mennucci, pais de Dirceu Furlan, n. 1934 e f. 4.11.2004, c.c. Anna Maria Rolim Furlan. Ff.: Derli José, Dirceu Júnior, Edson, Carlos Alberto. Dá nome a uma rua no bairro Santa Terezinha. (3) Pedro Furlan, c.c. Maria Trentin, pais do empresário Assumpto Furlan, n. 1931 e f. 5.11.2004, ff. Lia Marta, Rita de Cássia. Pedro foi sepultado em Araras, SP. (4) Pedro Eugênio Furlan, c.c. Judith Silveira Rocha Furlan, pais de Tarcísio Furlan, que n. 1930 e f. Piracicaba a 28.9.2007, deixando os filhos Dioneth de Fátima, Marisa e Pedro Eugênio (Neto). (5) Júlio Furlan, f. Piracicaba em 19.3.1992. (6) Otávio Furlan,

f. 18.10.1989. (7) Domingos Furlan Filho, c.c. Carmela Mainardi Furlan. Esta faleceu aos 89 anos de idade em 14.10.1991 em Piracicaba e era filha de Domingos Mainardi e Albina Bessi. Domingos e Carmela foram pais de seis filhos: Ernesto, Linda, Albina, Jovelino, Rosa e Alfredo. (8) Antônio Furlan, c.c. Rosa Rinaldi Furlan, f. São Pedro, SP, a 22.8.1980. (9) Antônio Furlan (Nico), f. Piracicaba, 25.12.1991. (10) Antônio Furlan, n. 1932, informou em reportagem no *Journal de Piracicaba* de 9.3.2003, que seu avô Furlan “trabalhava com pinga em engenho há 70 anos (1933) e a vendia para engarrafadoras, mas o engenho foi vendido quando ele faleceu”. Segundo a reportagem “a família Furlan ajudou a formar e a manter a tradição e a fama da pinga de Piracicaba”. (11) Myriam Consuelo Azanha Galvão Furlan, n. 1932 e f. Piracicaba, 27.9.2004, c.c. Osório Furlan, n. 1922. Professora e benemérita, Myriam dedicou-se a várias entidades piracicabanas de cunho caritativo e social, entre as quais o antigo Instituto dos Cegos, a Associação de Pais e Amigos de Excepcionais, o Lar-Escola Coração de Maria Nossa Mãe, o Lar dos Velhinhos, a Casa do Bom Menino e o Clube da Lady. (12) Carlos Furlan, agricultor (séc. 20). Foi casado com Anna Meneghetti Furlan. Ff.: Antônia, Dirce, Emílio, José, Júlia, Luiza, Maria, Odila, Olindo, Osmar (Tcharo) e Pedro. (13) Alcindo Furlan. (14) Edison da Silva Furlan, f. Piracicaba, 10.9.2007. Há ruas em Piracicaba com os nomes de Aldo Furlan, Alcindo Furlan, Ângelo Furlan e João Furlan. Em listas telefônicas de Piracicaba publicadas em 2006-2007, há mais de duas centenas de registros com o sobrenome Furlan ou assemelhados (Furlam, Furlane, Furlani, Furlanis).

**FURLANI, Irmãos. Industriais. Proprietários da Indústria Vesúvio, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 895. De acordo com anúncio no almanaque “Piracicaba” (Krähenbühl, 1955), a Casa Vesúvio surgiu**

em 1907 e se dedicava à fabricação e venda de portas e portinholas de aço e grades de enrolar, vitrais de ferro, caixilhos, aquecedores, central automático Vesúvio, fogões, portas e portões artísticos. Fazia, além disso, soldagens autogênica e elétrica. No almanaque “Piracicaba” de Capri (1914) a casa era anunciada como “Grande Oficina do Vesúvio”, de propriedade de Victório Laerte Furlani, à rua do Comércio, n° 102 e 113a (atual Governador Pedro de Toledo), especializada em serviços de caldeiraria e funilaria, que mantinha “completo sortimento de ferragens e louças, casa especial de artigos de fantasia e depósito de banheiras, pias, caixas, chuveiros, calhas e tubo”. Apresentava-se ainda como casa de bicicletas de aluguel, “especialista em filtros do sistema Pasteur” e vendedora de “artigos de folha por atacado e a varejo, assim como material do seu ramo”. Victório Laerte Furlani foi pai de João Furlani, c.c. Antonieta Marins Peixoto Furlani, que f. aos 89 anos de idade em Piracicaba, filha de João Marins Peixoto e Brasília de Oliveira Marins. João e Antonieta Furlani tiveram três filhos: Adalgleise, Maria Dionete e Vitório Laerte Neto. Nos livros de registro de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, mencionados por Alleoni (2003) e referentes aos anos de 1900 a 1907, encontram-se os nomes de Rafeale Furlani em 1900 e 1904, Luigi Furlani (ou Furlan) em 1902, 1903 e 1907 e Antônio Furlani, em 1904 e 1907. Existe no Jardim Algodoal uma rua Victório Laerte Furlani, paralela à SP-304. José Laerte Furlani tem seu nome inscrito entre os dos vinte fundadores do Lions Clube de Piracicaba em 26.3.1955, juntamente com José Pessoa de Aguiar (v.), Afrânio Martins Alvarenga, Benedicto de Andrade (v.), Manoel Chaddad (v.), Milton Chaves, Eduardo Fernandes Filho (v.), Nelson Gimenes, Cássio Lanai Guatimosin, Eduardo Frederico

Guimarães (v.), Fued Helou Kraide (v. Kraide, Miguel), Carlos A. A. Pederneiras de Lima, Menotti A. G. Luchesi, Heitor Werther Studard Montenegro (v.), Murdoch M. A. Montgomery, Izidoro Polacow (v. Polacow, Adolpho), Benedicto Rebello, Francisco Ribeiro da Silva, Romeu Dias da Silva e Linneu Siqueira (v.).



**GABRIEL, Jorge** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da Casa Libanesa, armazém de secos e molhados, à rua Santa Cruz, nº 60. Figura na lista dos sócios homenageados “In Memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa (Salum, 2003). Teve sua casa registrada com capital de 25:000\$000 no comércio piracicabano, sob nº 754, a 24.4.1940. Foi o sócio nº 14 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002).

**GAGEZOU, Waldemar Alexis** (Séc.19-20). Professor. Por volta de 1911 pertenceu ao quadro docente da Escola Agrícola Luiz de Queiroz (a futura ESALQ). Seu nome aparece em 1911 em “Piracicaba e sua Escola Agrícola”, de M. S. Ferraz, como um dos onze integrantes do corpo de professores da instituição, cabendo-lhe a responsabilidade pelo ensino de química mineral orgânica (2ª cadeira), como titular da cadeira regida até 1909 pelo prof. Abelardo do Amaral (v.), desde quando este se transferiu para Campinas. Era possivelmente de nacionalidade francesa ou belga.

**GALDI, Emílio, Comendador.** Administrador. N. São Paulo, SP. F. Piracicaba, 22.3.1983. C.c. Arlete Galdi. Ff.: Renata, Rosalia e Rosana. Filho de Giacomo e Antonietta Galdi. Mudou-se com os pais e irmãos para Piracicaba em 1944 e estudou na Escola de Comércio Cristóvão Colombo. Começou sua vida profissional como auxiliar de escritório, sendo depois contador,

chefe de escritório, gerente geral, diretor-procurador geral de usinas de açúcar e álcool da região piracicabana e diretor-presidente da Dinatrac S.A. Foi também diretor administrativo na Venezuela da primeira usina de açúcar construída por uma empresa brasileira no exterior. Deu sua colaboração a várias entidades locais e foi benemérito de diversas instituições. Uma rua na Vila Rezende, junto à avenida Cruzeiro do Sul, tem seu nome.

**GALESİ, Terenzio.** N. Itália, 30.1.1871. F. Piracicaba, 22.3.1958. Empresário, comerciante. C.c. Virgínia Ferrara Galesi, n. 2.10.1872 e f. a 21.5.1952. Veio ao Brasil com a família, originária de Mântua, na região italiana da Lombardia, em 1888. Após breve permanência em Rio das Pedras, os Galesi fixaram-se em Piracicaba, no bairro Pompéia. Construiu e instalou em 1906 à rua Prudente de Moraes, nº 98 (posteriormente nº 646), em majestoso edifício que tem seu nome, um banco e um armazém de secos e molhados, mantidos durante quase três dezenas de anos. Sofreu, entretanto as conseqüências da crise econômica desencadeada em 1929 pela quebra da bolsa de Nova York. Em estilo neoclássico, projetado pelo arquiteto Alberto Borelli (v.), o edifício foi restaurado pelo empresário Nelson Torres, seu proprietário desde fins dos anos 80, e a partir de junho de 2006 passou a abrigar uma agência bancária. Da restauração incumbiu-se o arquiteto João Chaddad. Galesi expandiu seus

negócios, passando a atuar como industrial nos ramos de beneficiamento de arroz e refino de açúcar. Foi agente consular da Itália em Piracicaba, presidiu o Círculo Italiano Cristóvão Colombo e participou da criação da Associação Comercial de Piracicaba a 9.7.1933, sendo eleito seu segundo vice-presidente a 29 do mesmo mês. O prédio Terenzio Galesi foi tombado em 1983 pelo Patrimônio Histórico Municipal. Abrigou, no passado, a primeira sede do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz, o consulado italiano local e a redação e oficinas do jornal “Diário de Piracicaba”. Chama-se Terenzio Galesi uma rua do Jardim Algodão, paralela à avenida Cristóvão Colombo. Vários Galesi fazem parte do passado piracicabano, entre os quais Casimiro, Cirilo, Enfren e Marcello Galesi, mencionados em 1904 na lista de estrangeiros que não se naturalizaram (Alleoni, 2003); Anna Maestro Galesi, f. 16.12.1988 em Piracicaba; Francisco Galesi, n. Piracicaba em 1900 e f. em Itu em outubro de 1985, jogador de destaque, do Esporte Clube XV de Novembro, nos quadros infantil, juvenil e de titulares, nos tempos do futebol amador; Hélio Galesi, c.c. Narcisca Casagrande Galesi, n. 1922 e f. Piracicaba, 3.12.2006; Terenzio Galesi Netto, que fez parte do Grupo Espírita Dr. Alfredo Cardoso de Piracicaba e recebeu deste uma homenagem póstuma, a 19.5.2001, na residência da família, à rua do Vergueiro, nº 398; Renato Galesi, formado pela ESALQ em 1938; e Renato Galesi (Filho?), que fez o curso secundário na Escola Normal Sud Mennucci nos anos 40.

**GALLI, Ferdinando.** N. Séc. 20. F. Piracicaba, 31.7.2004. C.c. Leila Galli. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Formado em agronomia em 1945 pela ESALQ, pertenceu ao corpo docente desta desde 1946 até a aposentadoria. Realizou curso de pós-graduação nos EUA, na Flórida University. Após a aposentadoria de Ruben Carvalho (v.), que ocupava a cadeira nº 11 de Fitopatologia, Galli, até então seu assistente, passou a ocupá-la

interinamente. Em concurso realizado em 1959, foi confirmado como seu professor catedrático. Com a reforma universitária de 1970 a 11ª cadeira transformou-se em Departamento de Fitopatologia, passando Galli a chefá-lo (Lordello e outros, 1976). Dirigiu a ESALQ de 23.12.1970 a 22.12.1974, como sucessor de Eurípedes Malavolta (1966-70) nesse cargo. Liderou a criação da pós-graduação em fitopatologia (1964, mestrado; 1970, doutorado). Coordenou a elaboração e a publicação do *Manual de Fitopatologia*, feito juntamente com sua equipe e saído em primeira edição em 1967. E. M. Neves, em artigo publicado no *Jornal de Piracicaba* (agosto de 2004), recordou o excelente professor que Galli foi, lembrando que os chamados “discípulos do Galli” se converteram em renomados pesquisadores e professores. Estudioso emérito, cientista respeitado no país e no exterior, foi, segundo a fonte citada, um mestre “sério, seguro, grande conhecedor da fitopatologia”, dono de uma “didática clara, pausada e objetiva”, professor humano e exemplar.

**GALLINA, Pedro.** N. 1919. F. Piracicaba, 3.7.2007. C.c. Éclair Prezotto Gallina. Ff.: Cecília Regina, Luiz Alberto, Ângela Maria. Comerciante, filho de Affonso Gallina e Carlota Bombo. Proprietário de tradicional joalheria e relojoaria, a Casa Gallina, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 925. Em 1942 o *Diário de Piracicaba* referia-se à “ótima montagem do estabelecimento”, à “perfeição dos serviços executados em suas completas oficinas de consertos de jóias e relógios, as únicas da cidade, especialistas em banhos de ouro e prata, a eletricidade”, às “modernas e vistosas vitrinas”, com “finíssimas jóias e artísticos relógios de pulso, bijuterias e objetos para presentes, que deslumbram pela beleza e esmerada confecção”. Além de Pedro Gallina e familiares, viveram em Piracicaba Victorino Gallina, c.c. Anna Frassetto, pais de Maria Helena Gallina Sachs, n. 1934 e f. Piracicaba em 8.5.2006, que foi casada

com Alexandre Sachs, ff. Francisco Gilberto, Antônio Clóvis, Vlademir Alexandre, Marisa e Wagner Rogério; pais, igualmente, de Antônio Gallina, n. 1938 e f. Piracicaba em 17.5.2007, c.c. Cacilda de Godoy Gallina, ff. Ana Taís, Joceli, Sônia Regina, Leila Inez, Sérgio Antônio, Aristides Fernando, Alessandro e Eloá.

**GALLO, Domingos.** N.1916. F. Piracicaba, 21.1.1998. C.c. Luíza de Souza Gallo, n. 1921. F.: José Enrique. Professor, engenheiro agrônomo. Formou-se em 1945 pela ESALQ e doutorou-se em agronomia pela mesma escola em 1953, tendo ingressado no seu quadro docente em 1946. Trabalhou na escola durante 36 anos, tendo dirigido o departamento de Entomologia. Foi professor assistente da cadeira de Entomologia e parasitologia agrícola, (cadeira nº 17) até 1964. Aprovado em concurso de títulos e provas para catedrático, exerceu esse cargo desde 1964. Fundou o curso de pós-graduação da ESALQ em Entomologia, aos níveis de doutorado e mestrado. Além de lecionar na ESALQ, foi também professor do Colégio Piracicabano, em meados do século. Em 1954-55, a convite de uma universidade norte-americana do estado de Louisiana, lecionou nos EUA, notadamente sobre o combate à broca da cana-de-açúcar. Segundo E. Berti Filho, do departamento de entomologia da ESALQ, “praticamente todo o trabalho sobre broca de cana é decorrente das pesquisas do prof. Gallo” (*Jornal de Piracicaba*, 22.1.1998). Gallo fez parte da diretoria do Clube de Campo. Foi autor de numerosas publicações, contendo pesquisas e estudos na sua especialidade. Os Gallo que viveram em Piracicaba no século vinte incluem o dr. Antônio Gallo, n. 1925 e f. Piracicaba a 27.9.2004, c. em 1<sup>as</sup> núpcias c. Avelina Maria de Sousa Gallo e em 2<sup>as</sup> núpcias com Justina Araújo Gallo, pai de Priscila Cristina Gallo Fernandes. Antônio Gallo era filho de João Gallo e Maria Carboni. Incluem igualmente Umberto Gallo, f. Piracicaba em 12.12.1991.

**GALLO, Jerônimo, Monsenhor.** N. Itália, 1888. F. Piracicaba, 1951. Vigário da paróquia de Vila Rezende, de 1921 a 1951. Caridoso, muito atuante, incansável e muito benquisto, tem seu nome ligado a inúmeros empenhos, iniciativas e realizações em favor da população rezendina, que o venerava. Há uma avenida na Vila Rezende com seu nome, assim como um estabelecimento de ensino na avenida Barão de Valença, denominado “Escola Estadual Monsenhor Jerônimo Gallo.”

**GARBOGGINI, José Colombo.** N. Salva-dor, BA, 9.6.1888. F. Bahia, 27.9.1978. Mé-dico. C.c. Edith Bastos do Amaral Garboggini, n. Belém, PA, 19.9.1902 e f. Piracicaba, 24.6.1954. Ff.: Afrânio, Aldo, José, Maria Edith, Maria Helena, Marilu, Milton, Myriam, Tarcísio, Vicente. Era filho de José Juvêncio Garboggini, descendente de italianos de Gênova, e Guilhermina da Conceição Desterro de Oliveira Garboggini. Era criança quando sua mãe faleceu. Após obter o diploma de bacharel em ciências e letras pelo Ginásio da Bahia, em Salvador, ingressou em 1911 na Faculdade de Medicina da Bahia, tornando-se doutor após defesa de tese em 1916. Começou a clinicar em seu estado natal, na cidade de Juquié, mas decidiu transferir-se para o estado de São Paulo em 1918. Foi médico sucessivamente em Angatuba e Conchas, antes de se transferir para Piracicaba e aqui chegou com a família em 1926. Precedendo essa transferência, deu-se o seu casamento na Bahia com a irmã do cientista Afrânio do Amaral, zoólogo renomado que dirigiu o Instituto Butantã de São Paulo. Sabedor da abertura de uma vaga de médico em Piracicaba, na Estrada de Ferro Sorocabana, apresentou-se como candidato e foi aprovado para ocupá-la. Instalou em Piracicaba o seu consultório à rua Moraes Barros, nº 53 e residiu com seus familiares em um casarão na esquina da rua Boa Morte com a rua Dom Pedro II, onde posteriormente também atendeu sua clientela. A 9.2.1929 tornou-se vice-diretor clínico e médico da enfermaria de

mulheres da Santa Casa de Misericórdia local, assim como do hospício Barão de Serra Negra. Exerceu o cargo de diretor clínico de Santa Casa de 1930 a 1934, exonerando-se a 25.1.1935. Da sua vida profissional ao longo de 62 anos, a maior parte, 53 anos, transcorreu em Piracicaba. Exerceu a medicina junto à Companhia Paulista de Estrada de Ferro, ao Engenho Central, à Usina Monte Alegre e ao Lar dos Velinhos, tendo sido diretor deste último (1936-37). Foi vereador de 1948 a 1951 e um dos fundadores da Associação Regional de Medicina de Piracicaba. Homem de profundas convicções religiosas, fez parte da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio e esteve muito ligado aos padres do Seminário Seráfico e do Convento do Coração de Jesus. Recebeu o título de “Cidadão Piracicabano”, concedido pela Câmara Municipal, a medalha de “Honra ao Mérito” da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina e uma homenagem da Governadoria Distrital do Lions Clube (1975-76). Vários dos seus filhos tiveram papel de destaque na sociedade piracicabana, Tarcísio foi professor titular de química da Escola Normal Sud Mennucci. Extremamente culto, foi um dos fundadores e baluartes do Clube Piracicabano de Cinema, em meados do século, e faleceu em São Paulo, SP, c. 1957. Afrânio (n. Conchas, SP, 14.1.1924, f. Piracicaba, 22.8.1989), engenheiro civil, projetou-se como notável crítico de arte do “Jornal de Piracicaba”, ao longo de três décadas de anos. Estudou na Escola de Engenharia de Ouro Preto, MG, e na Politécnica de Salvador, BA, onde foi professor e pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Marilu foi docente da Faculdade de Odontologia local. A esposa de José Colombo Garboggini, mulher dotada de extraordinária cultura, foi, durante muitos anos, professora de francês no curso clássico (secundário) da Escola Normal Sud Mennucci, e dirigiu a Ação Católica de Piracicaba (J. E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 9.6.1988 e 7.9.1999; M.A.C.L. Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 24.8.1988). “Um dos médicos da

pobreza de Piracicaba... Foi um grande homem, um grande médico, um exemplo a seguir, de dignidade, de bondade” (Cambiaghi, 1984). Há uma rua com seu nome, no Jardim Flores, junto à avenida Thales Castanho de Andrade.

**GASPAR, Manoel** (Séc. 20). C.c. Maria de Jesus Gonçalves Gaspar, f. a 29.9.1997. Ff.: Antônio, Ana, Helena de Jesus, Adalberto, Armando, Isabel, Aurora. Comerciante no ramo de artigos elétricos em geral, proprietário da Casa Gaspar, à rua Moraes Barros, nº 151. A loja foi registrada a 18.1.1940, sob nº 361, no comércio local. Foi o sócio nº 31 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba.

**GASTER, Lyson (Agostinha Belber ou Agostinha Belber Dias)**. N. na aldeia de Hornillos de Alistar, Zamora, Espanha, 2.9.1895. F. Teresópolis, RJ, 2.8.1970. Atriz, cantora. C. 1<sup>as</sup> núpcias em 1912 c. Nicolau Rahal. Ff.: Osíris, Romeu. C. 2<sup>as</sup> núpcias em 1922 c. Itálico Vianello (nome artístico: Alfredo Viviani), n. Adria, Itália, em 1898, irmão do ator Nino Nello. Tinha pouco mais de um ano de idade quando os pais, Rafael Belber Pastor e Maria Antônia Dias, vieram ao Brasil e passaram a viver num sítio do Corumbataí (Santa Terezinha), em Piracicaba, trazendo os filhos Agostinha e Antônio. Tiveram três outros filhos em Piracicaba: João, Maria e Laura. Após trabalhar como lavrador, o pai mudou-se para cidade. Teve um bar no Largo da Matriz, no prédio que foi posteriormente a sede da Companhia Paulista de Força e Luz. Casada e com dois filhos, separou-se do marido e empregou-se como modista na capital paulista. Estudou canto com um maestro que mantinha agência de colocação de artistas, adotou o nome artístico de Lyson Gaster e estreou no palco a 29.5.1919, no Cassino Antártica, como cantora. Ingressou em 1921 na Companhia de Revistas Zaparolli, apresentando-se em Montevidéu, no Uruguai, e no sul do país. No mesmo ano, tornou-se atriz da Companhia

Juvenal Fontes, no Rio de Janeiro, aparecendo em numerosas burletas, comédias e revistas. Seus irmãos Maria, Laura e João participaram igualmente do elenco da companhia, onde conheceu seu futuro segundo esposo, o ator cômico Alfredo Viviani. Ingressaram os cinco na Companhia Nair Alves em 1922. Agostinha e Viviani casaram-se nesse ano, uma união que durou até seu falecimento, em 1970. Fazia parte igualmente dessa companhia teatral um nome famoso da ribalta brasileira: Nino Nello, irmão de Viviani. Lyson Gaster, os irmãos e o esposo ingressaram na Companhia de Sebastião Arruda para uma longa permanência, desde 1922. Ela e o marido decidiram trabalhar por conta própria, primeiramente como a dupla “Os Girassóis”, até 1926, quando Lyson e Viviani organizaram a Companhia de Comédias Lyson Gaster. Apresentaram-se por todo o país, atuando numerosas vezes em Piracicaba, no teatro Santo Estevão, até 1947. A companhia encerrou suas atividades em dezembro do ano seguinte, em Jundiá, SP. O casal apresentou-se ainda em Belém do Pará em 1943 e em seu último espetáculo, no Rio de Janeiro, em 1950, em Copacabana. “Figura admirável, vibradora de platéias, difusora de canções amolecedoras de corações, provocadoras de lágrima comovidas. Benemérita social a seu modo, porque em seus desempenhos em comédias fez multidões sorrirem...” (Fernandes, 1978). “Lyson Gaster foi uma pioneira. Levou o teatro aos mais longínquos e inacessíveis rincões do solo brasileiro. Foi, sem dúvida nenhuma, o nosso Anchieta de saías... Artista eclética, empolgando platéias, principalmente no interior, onde deixou luminoso rastro de passagem... Tive a honra de ser seu amigo” (Procópio Ferreira, em Fernandes, op. cit.). Uma rua do Jardim Nova Iguaçú, perto da avenida Dois Córregos e da Rodovia do Açúcar, tem o nome de Lyson Gaster.

**GATTI, Paschoal e Antônio** (Séc. 20). Comerciantes. Paschoal foi c.c. Antonieta

Gatti, ff. Rodolpho, Roberto, Reinaldo, Renato. Ambos foram proprietários da relojoaria Gatti, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 974, na esquina da rua Moraes Barros. Surgida em 1921, a loja foi propriedade do pai de ambos, o italiano Luiz Gatti, que aos 30 anos de idade chegou ao Brasil e comprou-a para os filhos, sendo Paschoal (Lico) o sócio majoritário. Inicialmente, comercializava artigos para dentistas. Passou, depois, a vender relógios e jóias e foi a primeira casa comercial da cidade a vender óculos. Piracicaba não contava com médicos oftalmologistas naqueles tempos, de modo que os clientes viajavam até Campinas para consultar profissionais e obter prescrições de óculos adequados. Um anúncio publicado no almanaque de Krähenbühl em 1955 refere-se aos artigos e serviços oferecidos pela casa aos clientes: “jóias, ourivesaria, brilhantes, metais, cristais, porcelanas, prataria, seções de ótica, cirurgia, oficina para consertos, artigos para presentes e artigos de couro”. Um filho e uma neta de Lico Gatti, Rodolpho Gatti e Juliana Lima Gatti, filha deste último, assumiram posteriormente a direção dos negócios. No livro de registros de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, a relojoaria acha-se registrada a 30.8.1940 sob nº 57.192, com capital de 30:000\$000 (Guidotti, 2002). No “Almanak” de Camargo (1900) é mencionado Miguel Gatti, como proprietário de uma sapataria à rua do Comércio, nº 101 (atual Governador Pedro de Toledo). Há uma rua Paschoal M. Gatti no Jardim Nova Iguaçú, junto à Rodovia do Açúcar.

**GERMAIN (Germano), Jean.** N. Lyon, França, 11.6.1802. F. Piracicaba, 1868. C.c. Mariana Dias d’Arruda, f. de Manoel Dias Ribeiro. Ff: Manoel, Próspero, Antônia. Percin, sua trineta, informa que, a partir do casamento, Jean “passou a assinar João Germano de França, por espontânea naturalização” (Percin, *Jornal de Piracicaba*, 28.6.1989). Estava no Brasil desde 1826 e viu frustrado o seu desejo de participar da famosa expedição de von Langsdorff no



país. O sogro deu ao casal uma venda de secos e molhados, no cruzamento da rua da Praia (rua do Porto) com a estrada do Picadão. Jean dedicou-se ao cultivo e experiências com plantas medicinais. Mal sucedido em negócios de terras e gado na região de Brotas, SP, voltou à França para tomar posse de herança deixada por seu pai. Ausente o marido, a esposa pôde alienar os bens do casal e adquiriu casa maior e melhor, à rua Direita (Moraes Barros), entre as ruas Tiradentes e do Vergueiro. A herança paterna permitiu-lhe melhorar o padrão de vida e fornecer ao esposo o dinheiro de que necessitava, para regressar ao Brasil. A mulher, uma das matriarcas de Piracicaba, sobreviveu por 24 anos à morte de João Germano. Informa a fonte anteriormente mencionada que de João Germano e sua mulher originaram-se duas famílias tradicionais de Piracicaba, os Dias e os Germano, mas somente os descendentes de sua filha Antônia, por intermédio de João Baptista Germano, seu neto, mantiveram o nome. Talvez pertença à mesma família Germano João Batista Germano Filho, cuja esposa, Ermelinda Giordano Germano (Linda), n. em 1910 e f. em Piracicaba em 22.8.2007. Era filha de João Próspero Giordano e Giuseppina Romano.

**GIANNETTI, Attilio Raimundo** (Séc. 20). Italiano de nascimento, fixou-se inicialmente nos EUA. Em 1932 transferiu-se com o irmão Frank (Francisco) para Piracicaba, onde organizaram e mantiveram o primeiro serviço regular de transporte de passageiros entre Piracicaba e a capital paulista, por meio de nove automóveis da marca Ford, nos anos trinta. Cada veículo levava cinco passageiros e fazia o percurso em cerca de seis horas. Dois outros irmãos passaram igualmente a viver em Piracicaba, Umberto e Benedito (Beny). Seus descendentes deram continuidade ao serviço de passageiros, incrementaram o transporte de cargas (iniciado em 1942) e expandiram a organização, denominada “Viação Piracicabana” e “Expresso Piracicabano”. Em fins da década de

80, transportavam mais de cem mil passageiros por mês em frota de 75 ônibus, ligando Piracicaba à capital, a São Pedro, a municípios vizinhos e ao litoral (Leão e col., 1988). Vários outros Giannetti foram figuras de projeção na sociedade e nos negócios. Aristides Giannetti foi o derradeiro proprietário do antigo Hotel Central, na praça da Catedral, demolido para dar lugar a um banco e a um estacionamento. Benedito, f. Piracicaba em 1991, que residiu na Vila Rezende, foi dono da Fábrica de Vassouras Elefante e posteriormente passou a residir na região central da cidade, segundo Caldari (1990), que menciona igualmente seu irmão Umberto Giannetti, como antigo morador da Vila. Um e outro moravam na rua Manoel Conceição, atrás da igreja Matriz de Vila Rezende. Durante muitos anos, os irmãos Benedito, Frank e Armando Giannetti foram proprietários do restaurante Brasserie, na praça José Bonifácio, que depois passou a pertencer à família Pedreira e, de 1954 até seu fechamento em 2006, à família Lescovar (v). Michele Giannetti foi pai de Edílio Giannetti (v). O controle acionário da Viação Piracicabana, criada e mantida pelos Giannetti até 1992, transferiu-se, nesse ano, para uma empresa paulistana, do grupo Constantino de Oliveira. Durante muitos anos Antônio Giannetti, Irmão & Cia. mantiveram agências de jornais e revistas na Praça da Catedral, na Estação Rodoviária, no Mirante e na rua XV de Novembro, assim como bancas em outros pontos da cidade.

**GIANNETTI, Edílio.** N. 1928 e f. Piracicaba, 25.9.2006. Empresário. C.c. Vanil Luísa Furlan Giannetti. Ff.: Ana Maria, Edílio José, Maria Luísa, Sérgio Luiz. Era filho de Michele e Maria Giannetti. Destacou-se principalmente como empresário de transportes, na Piracicaba da segunda metade do século 20, dirigindo o Expresso Piracicabano de Transportes Ltda. (Righetto, 1966).

**GIL, Israel.** Séc. 20, f. Piracicaba, 30.11.1982. C. em 21.4.1930 c. Maria Conceição Nobre. Ff.: Israel e Malba Nobre Gil. Era filho de Domingos Gil e Ambrozina Moraes Gil. Bibliotecário. Após exercer interinamente o cargo de bibliotecário da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz desde 1924, foi efetivado nesse cargo em 3.5.1932 e nele permaneceu até 1942. Uma rua no bairro Santa Rosa tem seu nome, junto à avenida Adiel Paes Zamith.

**GIOVANETTI, Aladino** (Séc. 20). Alfaiate, subdelegado. Casado, ff.: Armanda, Clélia, Clotilde e Líbera Elias. Foi subdelegado de polícia da Vila Rezende, “um bico”, segundo Aldrovandi (1991), pois tinha alfaiataria. Residiu na avenida Rui Barbosa, logo abaixo da Loja Bertini de tecidos, “a única da Vila”, de propriedade de Romano Bertini. A alfaiataria funcionava no salão à frente da morada. A fonte citada lembra que, “como subdelegado, nada recebia como remuneração. Enfrentava, isso sim, pessoas enfurecidas, armadas e uma porção de problemas para resolver. Quando havia fuga de casais para se casarem, muitos se refugiavam na casa do seu Aladino, à espera dos pais para concordarem com o casamento. Tinha um auxiliar, o soldado Cavalcanti.” Outro morador de Piracicaba com o sobrenome Giovanetti, Duílio Giovanetti, foi dono de armazém na Vila Rezende.

**GIUSTI, Dário Casimiro** (Séc. 20). C.c. Gilda Giusti. Ff.: Getúlio, Hélia Rita, Ieda, Júlio. Agente do correio de Vila Rezende, que funcionava na casa de seu pai, Pelegrino Giusti (v.), na esquina das avenidas Rui Barbosa e Dona Maria Elisa. Duas irmãs cuidavam da agência, enquanto Dário trabalhava como seleiro. Após seu casamento, transferiu a agência e a selaria para os dois salões existentes na frente de sua nova casa, na av. Rui Barbosa, do lado da linha da E. F. Sorocabana, junto ao cruzamento com a av. Dona Francisca (Aldrovandi, 1991).

**GIUSTI, Pelegrino.** N. Piza, Itália, séc. 19. C. 1885 c. Gelsumina Giusti, filha de Felício e Rosalina Giusti, de Limeira, que não eram seus parentes, apesar do sobrenome. Ff.: Leonora, Dário Casimiro (v.), Olindo, Carlos, Ângelo, Maria Magdalena, Paulo, Ana, Elvira, Atilio e Aristides. Veio para o Brasil, em 1866, muito moço, fixando-se na Vila Rezende. Após trabalhar como administrador do assentamento de trilhos da Companhia Ituana, comprou no bairro do Guamium um terreno e instalou neste a primeira fábrica piracicabana de cal. Após seu casamento, teve uma venda no bairro Areão e mais tarde adquiriu do Barão de Rezende um enorme terreno, situado entre as avenidas Rui Barbosa (antiga Areão), Dona Maria Elisa, Manoel Conceição e Dona Lydia. Deve-se a Pelegrino Giusti a construção das primeiras casas em alinhamento, nas avenidas rezendinas Rui Barbosa e Dona Maria Elisa, em conformidade com as exigências da Prefeitura (Aldrovandi, 1991). Há uma travessa denominada Pelegrino Giusti, na Vila Industrial.

**GOBBIN, Narciso (Nino).** Séc. 20. F. 4.7.2007. Empresário. C.c. Lygia Amaral Gobbin. Destacou-se por sua atividade de caráter filantrópico, tendo doado o prédio para a creche do Jardim Santa Rosa. “Tinha visão sempre de um mundo melhor e colaborava sempre para que isso acontecesse... Preocupava-se com o bem-estar de todos... Admirava-o como empreendedor. Tudo que planejava crescia, dava certo. Tinha sempre planos para o futuro, procurando cercar-se de colaboradores capazes e sabia ouvir” (J. Rosenthal, *Jornal de Piracicaba*, 10.7.2007). Foi diretor-presidente da Construtora de Destilarias Dedini Ltda., fundada em 1946 por Mário Dedini e Waldomiro Perissinotto (vv.), a Codistil. Narciso foi presidente de honra do Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Zoon Zoon de Piracicaba, desde os anos setenta. Em 1983 foi eleito o “Industrial do Ano” e homenageado com um banquete no Clube de Campo.

**GOBBO, Natal (Nim)** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Josefina (Pina) Foltran. Ff.: Nair, Elza, Terezinha, Ana. José Natálio, Francisco Archimedes, Dorival, Antônio, Sueli, Maria Elisabete. Antigo morador da Vila Rezende, Natal Gobbo começou como um simples carroceiro das oficinas Dedini, adquirindo depois uma venda na esquina das avenidas Conceição e Barão de Valença. Era filho de Eugênio Gobbo e Ângela Cazzonato Gobbo, moradores nas proximidades de uma represa do ribeirão do Guamium (Aldrovandi, 1991). Uma tradicional escola de datilografia na Vila Rezende teve como dona e professora uma Gobbo: dona Hilda Costa Gobbo (Caldari, 1990), filha de Augusto Costa. Outro membro da mesma família, Arthur Gobbo, teve loja de artefatos de couro à rua Governador Pedro de Toledo, nº 352, com registro no comércio local nº 558, datado de 27.4.1940 (Guidotti, 2002).

**GOBETH (GOBETT), Luiz** (Séc. 20). C.c. Pierina Monfrinato. Comerciante, estabelecido à rua Alferes José Caetano, nº 215, com armazém de gêneros alimentícios que tinha seu nome. Foi sócio nº 2 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, registrado no comércio local a 4.11.1940 sob nº 841, com capital de 8:000\$000 (Guidotti, 2002). Salvador Gobett, n. 1930 e f. Piracicaba em 12.9.2004, era filho de Luiz Gobeth e pai de quatro filhos: Alexandre, Luiz, Luciane e Valéria. Viveram em Piracicaba, no passado, outro Salvador Gobett e sua esposa, Catharina Gobett. Estes últimos foram pais de Salézio Gobett, n. 1913 e f. 4.7.2006, c.c. Carolina De Lello Gobett, pais de Adhemar e Rosany Gobeth. Em 22.2.2005 faleceu em Piracicaba Alcides Gobett.

**GODINHO, Anísio Ferraz.** N. Piracicaba, 13.2.1893. F. 1966. Professor, musicista, compositor, jornalista, escritor. Após cursar o Grupo Escolar Moraes Barros, formou-se pela Escola Normal Oficial. Sua carreira no magistério incluiu atuações como professor

de escola rural, professor adjunto de grupo escolar, vice-diretor da Escola Normal Oficial de Piracicaba, diretor do Ginásio de Piraju, SP, diretor da Escola Normal e Colégio Estadual de Botucatu, SP, e inspetor do Ensino Secundário e Normal paulista. Em 1925 criou na Escola Normal Oficial piracicabana a Liga Infantil de Bola ao Cesto, surgindo, assim, as primeiras equipes estudantis de basquete locais. Instrumentista e compositor, juntamente com Erotides de Campos (v.) e José Pousa de Toledo (v.), publicou em 1945 a coletânea de canções “O cancionário escolar”, com prefácio de Elias de Mello Ayres (v.). Em 1950 as Edições Melhoramentos de São Paulo lançaram “Botânica divertida”, livro de sua autoria. Uma rua no Jardim Planalto lembra seu nome.

**GODINHO, Antenor Pousa** (Séc. 20). Comerciante. Membro da conceituada família piracicabana dos Pousa Godinho, foi de sua propriedade (e dos filhos, após sua morte) uma tradicional casa de rádios, discos, instrumentos musicais e artigos elétricos e eletrônicos, “A Musical”, à rua Moraes Barros, 123, desde os anos trinta. Pertenceu à mesma família Antônio Pousa Godinho, que residiu em São José do Rio Preto, onde faleceu em 28.10.1983, e também a esposa, Ordulia Franco Pousa. Eram pais de Lia Maura e Maria Lays, c.c. o médico José Leni Jardim (v.). Foram irmãos de Ordulia: Lúcia, Êsio, Aparecido, Arabela (c.c. Paulo Dias Brasil, v. Brasil, irmãos), Aline (c.c. Linneu Corte Brilho) e Marina (c.c. Milton Chiarini).

**GODINHO, Belmácio Pousa.** N. Piracicaba, 27.5.1892. F. Ribeirão Preto, SP, 20.2.1980. Professor, instrumentista, compositor, jornalista, esportista. Formou-se em 1916 pela antiga Escola Complementar de Piracicaba (a futura Sud Mennucci). Apaixonado pela música e pelo futebol, foi um dos fundadores do E. C. XV de Novembro e fez parte do seu quadro de jogadores. Seresteiro quando moço, tocou na Orquestra Lozano de Piracicaba e teve

suas próprias orquestras, que se apresentavam em reuniões familiares, cinemas, festividades e bailes. Compositor, começou fazendo valsas na segunda década do século: “Suspiro dolente” e “Teu nome”, 1913; “Eu e ela”, 1914; “Suspiros de Lágrimas”; e “Supremo adeus”, 1917, ao deixar Piracicaba. Além das valsas, criou inúmeras músicas de outros gêneros: tanguinhos, choros, xotes, canções, polcas, quadrilhas, maxixes, fox-trottes, tangos, etc., fazendo-as com extrema facilidade. Chegou a produzir mais de três centenas de composições, muitas delas com letras de Benedicto Costa, seu principal parceiro. Em 5.2.1916, “O Malho”, uma das mais importantes revistas brasileiras da época, editada no Rio de Janeiro, publicou nas páginas centrais a música e a letra da valsa de sua autoria “Sport Club 15 de Novembro, Campeão Piracicabano”. Mudou-se em 1919 para lecionar como professor primário em Bonfim Paulista, no distrito de Ribeirão Preto, passando depois a residir na sede do município. Destacou-se como concertista de flauta e piano. Músicas de sua autoria, como o famoso maxixe ou choro “O mulatinho”, com letra de Felipe Tedesco, foram gravadas nos EUA e na Europa. No futebol, atuou como ala direita do Esporte Clube XV de Novembro, que ajudou a fundar e que teve origem na fusão de dois clubes: o Vergueirense, ao qual Belmácio pertencia, e o 12 de outubro. Foi ponteiro direito do Comercial F. C. de Ribeirão Preto e presidiu o clube (1960). Aos oitenta anos ou pouco menos, continuava a compor músicas, a despeito da idade avançada: “Encanto”, “Brisa de maio”, “Intuições poéticas” e o tanguinho “Surpresa” em 1970; “Balada”, a valsa “Cristina”, “Humoresque” e “Imagem” em 1971; “Alvorecer” em 1972; “Fantasia” em 1973.

**GODINHO, José Toledo** (Séc. 20). Comerciante. Tinha casa de gêneros alimentícios à rua Santo Antônio, nº 1, registrada no comércio piracicabano a 23.12.1941 sob nº 940, com capital de 15:000\$000. Foi sócio nº 53 do

Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba.

**GODOY (Moreira), Antônio.** N. Piracicaba, 1899. F. Santos, 4.7.1975. Artista plástico. Durante os anos de infância, conviveu com a plêiade de artistas da família Dutra, junto aos quais recebeu estímulo e orientação. Era ainda jovem quando passou a residir em Santos. Aperfeiçoou-se em pintura na Espanha, em Madrid, e viajou muito pela Europa, durante sete anos, regressando ao Brasil. A chamado de uma tia, retornou à Espanha, deixando-a novamente após um ano de permanência. Por volta dos anos 30 fixou-se em Santos, SP. A perda de uma vista em acidente ocorrido em 1934 afastou-o da pintura, mas em 1936 retornou às telas e aos pincéis, passando a viver no bairro do Gonzaga, perto do Cassino Atlântico. Recebeu o título de cidadão santista e após seu falecimento uma rua de Santos recebeu seu nome (Mello, 1999, baseado em informações de Eugênio Nardin).

**GODOY, Francisco.** N. 1911. F. Piracicaba, 15.12.1999. C.c. Maria Antonieta Teixeira Mendes Godoy. Professor, esportista. Ff.: Reinaldo (v.), Sônia Raquel e Rodolfo. Foi secretário da educação e promoção social da prefeitura de Piracicaba e professor de educação física da Escola Normal Sud Mennucci durante longos anos, desde as décadas de 30 e 40. Atuou como diretor substituto na Escola Normal, de 20.11.1968 a 10.2.1976. Trabalhou igualmente como professor do Colégio Assunção e do Colégio Piracicabano. Neste último, dirigiu na década de 50 a Escola Normal Livre Miss Martha Watts, que nessa ocasião passou a ser Escola Normal Particular Martha Watts, tornando-se amigo e conselheiro da reitora do Colégio Piracicabano, miss Irene E. Hesselgesser. Destacou-se quando moço no futebol piracicabano e ganhou a estima dos seus concidadãos pela cordialidade, retidão, nobreza de caráter e sagacidade. Francisco Godoy participou da Revolução Constitucionalista de 1932, em um batalhão com cerca de 600

combatentes. Recebeu o título de “Cidadão Piracicabano” em 1.8.1989.

**GODOY, Francisco Bueno de** (Séc. 20). Escrivão. Primeiro escrivão do 1º Ofício em Nossa Senhora do Patrocínio de Araras, deixou essa localidade para ficar à frente do cartório de Piracicaba, antigo Cartório de Registro Civil de Casamentos e depois Registro Civil de Pessoas Naturais. A partir de 1945 e até 1978 a responsabilidade pelo cartório passou a seu filho, Gentil Godoy.

**GODOY, Juvenal Mendes de** (Séc. 20). Professor. Foi docente da ESALQ desde 1913. Após Jacques Arié (1913-16, v.), responsabilizou-se pela cadeira de Tecnologia Agrícola. Tornou-se catedrático de Agricultura Geral, na 4ª cadeira (Agricultura Geral, Especial e Horticultura).

**GODOY, Olegário José de (Sorocabinha)**. N. Piracicaba, 31.1.1895. F. São Paulo, SP, 10.7.1995. C. em 1917 c. Maria Benedita (de Godoy), f. 29.12.1987. Ff.: Avelina, Maria Imaculada, Durvalina, Josué, Olegário José Filho, Terezinha, Samuel. Violero, compositor e cantor de modas-de-violão. Nascido no bairro de Dois Córregos, Sorocabinha era filho de Nhô Juca Sorocaba, o Sorocabão, machadeiro e cantador. Cantor desde os 12 anos de idade, fez parte de um grupo musical criado por Cornélio Pires, que lhe deu o apelido de Sorocabinha. Voltou a colaborar com este em 1929, quando a “Turma caipira de Cornélio Pires” registrou o disco “Desafio de caipiras” na gravadora Columbia, sendo os seus integrantes selecionados por Thales Castanho de Andrade (v.). Godoy cantava e tocava violão numa venda de Dois Córregos quando o então diretor do grupo escolar rural da localidade, o professor Manuel Rodrigues Lourenço (v.), o conheceu. Suas vozes combinavam tão bem que decidiram formar a dupla Lourenço e Olegário. Em contato com a companhia Victor do Rio de Janeiro, Lourenço convenceu-os a mandar técnicos e equipamento

a Piracicaba a 25.10.1929, para fazer gravações no salão nobre da Escola Normal Oficial. Foram registradas nessa ocasião dez músicas pela “Turma Caipira da Victor”, composta de Lourenço, Olegário e seu pessoal: o catiriteiro Antônio Estevão, Sebastião Roque e as filhas de Olegário Godoy. Na mesma ocasião, o Orfeão Piracicabano gravou dez músicas, sob a regência de Fabiano Lozano (v.). Lourenço e Olegário gravaram *Casamento da onça*, composição de Mandi (Lourenço) e uma das primeiras modas-de-violão convertidas em disco no Brasil. A dupla foi contratada pela gravadora Parlophon e desde então passou a usar os apelidos Mandi e Sorocabinha. Viajavam frequentemente ao Rio de Janeiro para fazer gravações, apresentando-se na rádio Mayrink Veiga, ao lado de Carmen Miranda, Aurora Miranda e Gastão Formenti, assim como no Cassino da Urca, a convite de Alvarenga e Ranchinho. Gravaram 110 músicas por eles compostas, em 55 discos, os antigos e frágeis “bolachões” de 75 r.p.m., entre 1929 e 1940. Participaram do filme “Vamos passear com Cornélio Pires?”, produzido por este, por volta de 1932-34, interpretando as músicas “Caboclo feliz”, “Caipira murtado” e “Imposto do selo”. Em fins de 1936 Olegário passou a viver e trabalhar em São Paulo. Foi porteiro das lojas Mesbla. Vez por outra, juntamente com as filhas, participava em programas de rádio. Tendo deixado a vida artística, voltou a cantar em público esporadicamente, como em 1951, no Rio de Janeiro, por ocasião do I Congresso do Folclore Brasileiro, a convite de Rossini Tavares de Lima (Marcondes, 1998; Lopes, 1999, Albin, 2006). Faleceu centenário e esquecido, na capital paulista. Há uma rua com seu nome, no bairro Santa Rita.

**GODOY, Oswaldo**. Século 20. F. fevereiro de 1982. C.c. Lucilla Gatti Godoy. Foi por longos anos Oficial do Cartório de Paz do 1º Subdistrito, à rua Prudente de Moraes, nº 454. Um profissional atencioso, estimado e competente. Pertenceu igualmente à família

com esse sobrenome Gentil Godoy, c.c. Luíza George Godoy, n. 1913 e f. 24.7.2006, pais de Gentil Júnior, Maria Luíza, Maria Aparecida e Maria da Graça. Luíza era filha de David George e Antônia Rabello George.

**GODOY, Reinaldo.** N. 1936. F. Piracicaba, 11.8.2007. C.c. Maria Aparecida Piedade Godoy. Ff.: Reinaldo Jr., Alexandre, Fernando. Era filho de Francisco Godoy (v.). Professor da ESALQ, concluiu nesta o curso de agronomia em 1958, o doutorado em 1961 e a livre-docência em 1970. Lecionou na ESALQ desde 1959, atuando como professor adjunto de Departamento de Engenharia Rural.

**GODOY JÚNIOR, Carivaldo.** N. 1914. F. Piracicaba, 6.7.2000. C.c. Maria do Carmo Guimarães Godoy. Ff.: Maria Helena, Maria Lúcia. Engenheiro agrônomo, professor. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1938. No ano seguinte, passou a substituir Carlos Alves das Neves, como assistente da Cadeira de Agricultura Especial e Genética Aplicada, que vinha ocupando esse cargo desde 1937. Tornou-se livre-docente em 1951 e professor adjunto em 1958.

**GÓES, João Sampaio** (Séc. 20). Empresário. Pioneiro do rádio em Piracicaba. Fundou e dirigiu a PRD-6, Rádio Club de Piracicaba, posteriormente Rádio Difusora (1944), que iniciou oficialmente suas transmissões a 12.10.1933. Na verdade, o início do funcionamento da estação radiofônica foi anterior a essa data, como uma espécie de clube, mantido desde um ano antes graças às contribuições mensais da diretoria e dos ouvintes (Eliás Netto, 2000). Nos anos 50, a Rádio Difusora foi adquirida pelo casal Aristides Figueiredo (v.) e Maria Conceição Figueiredo.

**GÓES E ARANHA, Vicente da Costa Taques, Capitão mor.** N. Itu, SP, 1754. F. Itu, SP, 1.9.1821. C. em 1780 c. Alda Brandina

de Cerqueira Melo. Ff. : Martim, Manoel, José Raimundo, Fernando, Ana Brandina, Francisco Xavier. Era f. de João ou José da Costa Aranha, n. Porto, Portugal, e Gertrudes de Araújo Cabral (ou Arruda Botelho). Capitão mor de Itu. Tinha 20 anos de idade quando a câmara de Itu nomeou-o juiz da medição. Após ocupar esse cargo durante cinco anos, passou a ser juiz ordinário e almotacé da mesma localidade. Aos 30 anos, tornou-se capitão mor, cargo que exerceu durante longos anos. Segundo Afonso de Taunay (cit. por Sant’Ana, 1987), era “homem inteligente e ilustrado, bom latinista, gostava de escrever poesias... Extremamente cioso da autoridade e homem de gênio muito autoritário... Via com maus olhos as idéias liberais... Era o tipo acabado do velho capitão mor.” Em fins do século 18, os sucessivos desmandos do capitão povoador Corrêa Barbosa (v.) infelicitavam os moradores de Piracicaba. De acordo com Mário Neme (1943), “enquanto durou o governo de Corrêa Barbosa, Vicente da Costa em tudo procurou ajudar a nascente freguesia, intervindo várias vezes junto ao governo da Capitania em favor dos piracicabanos, assim fazendo eco à grita geral destes contra a conduta do povoador”. O capitão-mor conseguiu a designação de um novo pároco, frei Tomé de Jesus (v.), e realizou a mudança da povoação, da margem direita do rio para o lado fronteiro, na margem esquerda, em 31.7.1784, conforme deliberação do capitão-general Francisco da Cunha Menezes, governador da capitania desde 1782. Pouco depois, Góes e Aranha enviou de Itu ao capitão-general “uma notícia circunstanciada do que observou em Piracicaba, elogiou muito a qualidade das terras e a salubridade do clima, indicou as medidas a tomar para o progresso da nova povoação. Aos seus amigos e parentes aconselhou que fossem comprar partes de terras em Piracicaba, assegurando que breve seriam aqui concedidas sesmarias” (J. S. Mello, em Camargo, 1900).

**GOMES, Augusto, Tenente** (Séc. 20). Comandou os voluntários piracicabanos que partiram da cidade a 16.7.1932, juntamente com um grupo de doze mulheres como enfermeiras, para a luta em favor da constitucionalização do país, por ocasião da Revolução de 1932. Os voluntários do primeiro batalhão, formado por cerca de 600 piracicabanos, partiram em trem especial da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A 24 de julho, sob comando do sargento Antônio Cardoso Júnior, seguiu o segundo batalhão, com mais de duas centenas de homens. Anota Krähénbühl (1955) que a oficialidade improvisada, comandada pelo tenente Augusto Gomes, “compunha-se dos tenentes Aldrovando Fleury (v.), Leandro Machado, Paulo Carracedo, Luciano Aguiar Valim, Licurgo do Amaral Campos (v.) e Eduardo A. Leite”. Na capital paulista, os voluntários do primeiro batalhão foram recebidos na estação da Luz por dois chefes do movimento, os piracicabanos Francisco Morato e Paulo de Moraes Barros (vv.), daí rumando para o quartel de Quitaúna. A 20.7 o tenente Gomes foi substituído pelo capitão Severino José da Costa Júnior, que comandou o batalhão até a retirada de Silveiras. Em agosto o comando foi assumido pelo capitão Lélío Boaventura, subordinado ao general Euclides de Figueiredo. A 15.9 o Batalhão Piracicabano, após fazer parte do Destacamento São Paulo, foi incorporado ao Destacamento Sampaio.

**GOMES, Frederico Pimentel**. N. Piracicaba, 19.12.1921. F. Piracicaba, 24.11.2004. C.c. Mary Lee Fonseca de Bem Gomes. FF.: Marly, Valquíria, Vangri. Filho de Raymundo Pimentel Gomes (v.), engenheiro agrônomo formado em 1922 na ESALQ, e Sylvia de Souza Gomes, era neto de família tradicional de fazendeiros do Ceará. Deixou a Paraíba em 1937 para cursar o Colégio Universitário da ESALQ e formou-se nesta em 1943. Passou a lecionar na ESALQ no ano seguinte, como professor assistente, primeiramente de Botânica e a seguir da 16<sup>a</sup>

Cadeira, Matemática. Doutorou-se (1948) e no mesmo ano foi aprovado em concurso de livre-docência (1948), conquistando a cátedra (1959) da 16<sup>a</sup> cadeira, posteriormente Departamento de Matemática e Estatística. Em meados do século lecionou no Colégio Piracicabano. Aperfeiçoou-se nos EUA, na Universidade da Carolina do Norte (1952-53), onde se especializou em matemática e estatística. Na década de 60 foi reitor de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1964), diretor geral de departamento do Ministério de Agricultura (1965) e diretor da “Revista de Agricultura” (1968 a 2004). Nos anos 70 dirigiu a Escola de Engenharia de Piracicaba (1971-74) e pertenceu ao Conselho Universitário da USP (1974 a 1978). Nos anos 90 presidiu em dois mandatos o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (1995-98). Ministrou cursos na Argentina em 1961, 1972 e 1973. Publicou mais de cinco dezenas de pesquisas, artigos, dez livros e teses, destacando-se entre suas obras os livros “Curso de Estatística Experimental” (14 edições até 2005) e “Estatística Aplicada a Experimentos Agronômicos e Florestais” (2002), escrito em colaboração com C. H. Garcia. Recebeu numerosas medalhas e honrarias, entre as quais as medalhas Marechal Rondon em 1965, Bicentenário de Piracicaba em 1969, Prudente de Moraes em 1995 e Mérito Científico e Tecnológico da ESALQ em 2001. A ESALQ homenageou-o com troféu do seu primeiro centenário, por seu trabalho na implantação dos cursos de pós-graduação, em 1964. Pertenceu a várias sociedades científicas e culturais, entre as quais a Sociedade Internacional de Biometria, tendo sido presidente da divisão desta no Brasil, assim como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Culto, modesto, afável, mas reservado, perdura na história piracicabana e do país como magnífico modelo de cientista, administrador, cidadão prestativo e professor exemplar.

**GOMES, Raymundo Pimentel.** N. Sobral, CE, 17.1.1900. F. séc. 20. Engenheiro agrônomo, jornalista, escritor, professor. Diplomou-se em agronomia pela ESALQ em 1922. Quando estudante, fez parte da redação da “Gazeta de Piracicaba” e foi colaborador da imprensa local, notadamente do “Jornal de Piracicaba” e do “Diário de Piracicaba. Era c.c. Sílvia de Souza Gomes e pai de Frederico Pimentel Gomes (v.). Na sua longa carreira de engenheiro agrônomo, atuou no Ceará, São Paulo, Paraíba, Rio de Janeiro e Acre. Durante muitos anos militou na imprensa carioca, principalmente no jornal “Correio da Manhã”, e colaborou assiduamente em periódicos do Ceará, Bahia, Paraíba e Pernambuco e na imprensa de Angola (África). Teve seus estudos publicados na “Revista de Agricultura” e “O Solo”, em Piracicaba e em outras revistas do país. Foi professor do ginásio estadual de Tatuí e também da Escola de Agronomia do Nordeste, em Areia, PB. Dirigiu os Departamentos de Produção do estado da Paraíba e do Acre. Foi diretor geral do Serviço Florestal (posteriormente Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) e livre-docente de geografia do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Deixou uma dúzia de livros publicados, entre os quais *O Brasil entre as cinco maiores potências no fim deste século* (1964), *Por que não somos uma grande potência?*, *Fruticultura brasileira*, *A soja, Forragens fartas na seca*, *Adubos e adubações*, *O coqueiro-da-Bahia*, *China uma nova civilização* e o romance histórico *A conquista do Acre* (F. P. Gomes, *Jornal de Piracicaba*, 10.5.1986).

**GONÇALVES, Aurélio Diniz** (Séc. 19). Médico. Exerceu por volta de 1862 o cargo de médico do Quartel da Marinha instalado em Piracicaba, então Constituição, onde funcionou uma vice-diretoria da rota de Itapura. A 26.6.1858 o governo imperial criou uma colônia militar em Itapura, junto ao rio Tietê. No dizer de Guerrini (1970), colônia que teve “função marcante na história de Piracicaba, mormente no capítulo dos transportes, feitos pelos rios

Piracicaba e Tietê, ou a lombo de burros. O escoamento local se fazia grande parte por Itapura, com serviço regular de batelões”. A mesma fonte assinala o interesse do governo provincial de São Paulo em 1861 por uma estrada que partiria de Constituição para a província de Mato Grosso, servindo a colônia naval de Itapura e a agrícola do Avanhandava, até a vila de Brotas. Além do médico mencionado, a vice-diretoria do Quartel da Marinha em Piracicaba contava com o 2º Tenente Antônio Alberto de Figueiredo, responsável por ela, o 1º Tenente Augusto Netto Mendonça e o Alferes Martinho José Ribeiro.

**GONÇALVES, Fernando Ribeiro.** N. Piauí, c. 1901. Médico. C.c. Maria de Lourdes Ribeiro Gonçalves. F.: Emanuel. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atuou em Piracicaba entre 1926 e 1932, com consultório no Bairro Alto, à rua São José, nº 200, e posteriormente à rua Moraes Barros, nº 212. Ex-interno da maternidade das Laranjeiras, na então Capital Federal, apresentava-se como operador e parteiro, especializado em doenças de senhoras e das vias urinárias. Durante a prove-doria de Coriolano Ferraz do Amaral (v., décadas de vinte e trinta), fez parte do corpo clínico da Santa Casa. Figurou como irmão contribuinte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia em 1930. Em 1932 mudou-se para o Rio de Janeiro. Passou depois a residir e clinicar na Bahia, onde faleceu (Cambiaghi, 1984).

**GONÇALVES, Roberto Maria Drummond, padre.** N. Lagoa Santa, MG, 23.1.1900. F. Piracicaba, 12.1.1995. Formado em direito, abandonou a advocacia para tornar-se padre jesuíta. Vivamente impressionado com um projeto de dona Zulmira Soares, depois madre Maria do Cenáculo, passou a devotar-se, com esta e outros colaboradores, à fundação do Instituto das Apóstolas do Cenáculo, que instalou sua Casa Geral em Piracicaba, à rua



Almirante Barroso, nº 151. Viveu no Cenáculo Nossa Senhora de Lourdes até seu falecimento, pouco antes de completar 95 anos de idade, e foi sepultado em Piracicaba. Autor de belos poemas, estes saíram publicados postumamente no livro *Versos inéditos do Padre Drummond*, organizado por Claudinei Pollesel e lançado em Piracicaba em 1999. Além das poesias, o livro contém um resumo da vida do padre Drummond e numerosas ilustrações (C. Pollese, *Jornal de Piracicaba*, 1999).

**GONZAGA, Luiz Dias.** N. 1898. F. séc. 20. Político, fazendeiro, pecuarista. Líder incontestado e personalidade de primeira grandeza no passado político e governamental de Piracicaba, foi quatro vezes prefeito do município e deputado estadual de 1951 a 1954. Em 1930-31 figurava na lista dos principais produtores de café de Piracicaba, com 110 mil cafeeiros, em sua fazenda de Ibitiruna. “Um dos mais fortes e severos prefeitos de todos os tempos, ao estilo dos caudilhos” (Elias Netto, 2000), começou a se impor no meio político na década de 30, quando igualmente teve início a ascensão de José Vizioli (v.) e Jorge Pacheco e Chaves (v.). Alguns anos antes, Gonzaga foi um dos protagonistas de um acontecimento trágico: em rixa entre um seu protegido, o panfletista Belmiro Moraes Lima (“Belmiro Morro Grande”) e um grupo de estudantes de agronomia e odontologia, Gonzaga atirou no estudante Capucho, matando-o. Levado a julgamento, o júri o absolveu (Elias Netto, 2000). Após a vitória de Getúlio Vargas na Revolução de 1930, assumiu como interventor a prefeitura em 1930-31 e em 1932. Os vereadores o elegeram prefeito para o período de 1936 a 1938. Em 1947, pertencendo à União Democrática Nacional (UDN) e acatado como um dos seus líderes, foi eleito pela coligação desta com o Partido da Representação Popular (PRP) e ocupou novamente a prefeitura, de 1948 a 1951. Deixou a UDN para ingressar no partido de Adhemar de Barros (v.), o

Partido Social Progressista (PSP), e ao ser eleito deputado estadual a 8.2.1951 renunciou à prefeitura. Em 1955 lançou-se novamente como candidato a prefeito, mas foi derrotado por Luciano Guidotti (v.), encerrando-se assim a era do “gonzaguismo” em Piracicaba. Suas passagens pela prefeitura foram marcadas por várias realizações importantes. Em 1938, deu-se a construção e a inauguração do Monumento ao Soldado Constitucionalista, na praça José Bonifácio, à frente do antigo Teatro Santo Estevão. Fez o primeiro trecho asfaltado da avenida Armando Salles de Oliveira, entre as ruas Prudente de Moraes e XV de Novembro. Fez estradas na zona rural e criou o Serviço Médico Rural, instalando doze postos de atendimento. Liderou em 1948 a reforma do estádio do E. C. XV de Novembro. Estimulou as obras da construção da Catedral. Desapropriou o terreno onde o Colégio Salesiano Dom Bosco foi erigido. Participou da criação da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba em 9.7.1933, tendo sido seu presidente tanto da diretoria provisória como da diretoria definitiva da associação, de 1933 a 1937, reeleito cinco vezes. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia desde os tempos da provedoria de Oscarlino Dias (1915-20, v.). Denomina-se Luiz Dias Gonzaga a rodovia vicinal que liga Piracicaba e Anhumas, cortando toda a região oeste do município (PI-040), construída de 1984 a 1987. Residente em imponente casarão na esquina das ruas Alferes José Caetano e Dom Pedro II, Luiz Dias Gonzaga foi pai de Bento Dias Gonzaga e Mariazinha Gonzaga Fugatti. O filho Bento (f. 28.7.2000) foi igualmente político influente na Piracicaba do século 20. Eleito deputado estadual em duas legislaturas, participou do bloco de Jânio Quadros na Assembléia Legislativa. Presidiu o E. C. XV de Novembro (1960-61) e foi proprietário da revista piracicabana “Mirante”. Candidatou-se à prefeitura, mas às vésperas da eleição de 1963, após vários incidentes em que se envolveu, desistiu da candidatura. O vencedor foi seu

adversário, Luciano Guidotti (v).

**GOODA, Jorge.** N. Inglaterra, séc. 19. F. séc. 20. Cirurgião dentista, esportista. Na passagem do século, mantinha gabinete dentário à rua São José (Camargo, 1900). Participou em 20.9.1903 da reunião no salão do Clube Piracicabano, sob a presidência de Álvaro de Azevedo, que deu origem ao “Club Sportivo Piracicaba”, primeiro clube local de futebol e germe da futura Associação Atlética Luiz de Queiroz. A 27 do mesmo mês, ocorreu a eleição da sua primeira diretoria, cabendo a presidência a Jorge Gooda. Inaugurado a 11.10 com corridas no Parque dos Sachs (raia do Salto), na área ocupada posteriormente pelas instalações hidráulicas da Companhia de Melhoramentos Urbanos, o clube passou a promover treinos de futebol todas as tardes, sendo Gooda o treinador e um dos “half-backs”. A bola e as botinas usadas pelos jogadores eram inglesas. “O Club Sportivo Piracicaba disseminou o futebol por toda a cidade”, segundo Ripoli (1943), e seus treinos tinham lugar “numa propriedade situada na rua Rangel Pestana, um quarteirão abaixo do local onde hoje está localizada a Escola Normal Oficial, ao lado direito de quem, da cidade, se encaminha para ela, pertencente ao sr. Felisberto Cardoso”. Ripoli menciona os integrantes dos dois quadros iniciais do clube: *Turma A*, R. Wagner, Adolpho Woltzenlogel e Amadeu Consentino; Olegário Guimarães (Colega), Licínio Machado e dr. Alfredo Cardoso; Constantino Cintra, Marino Zanota, Carlos Nehring, Álvaro Azevedo e Frederico Behmer. *Turma B*, dr. Cerqueira César, dr. Ferreira da Silva e Fernando Lopes; Mário Maldonado, Jorge Gooda e Antônio Mendes Filho; Virgínio Pena, Oto Behmer, Felinto Brito, José Vicente Pedreira e Orlando de Brito. A maioria dos jogadores eram alunos da então Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz.

**GORDO, Adolpho Affonso da Silva, Senador.** N. Piracicaba, 12.8.1858. F. Rio de

Janeiro, RJ, 29.6.1929. Político liberal, capitalista, homem de negócios. De 1889 a 1892 foi vereador em Capivari, SP, e fundou o Partido Republicano local, juntamente com Cesário Motta Júnior. Foi deputado federal de 1891 a 1902, voltando a ser deputado federal de 1906 a 1914. Governou o Rio Grande do Norte em 1899, durante quatro meses. Adversário influente e intransigente dos anarquistas estrangeiros e suas organizações no Brasil, foi senador federal de 1913 a 1920 e de 1921 até o ano do seu falecimento. Descendentes do piracicabano “Boava Gordo”, os Silva Gordo se destacaram nas vidas política e empresarial do país. O empresário José Adolpho da Silva Gordo adquiriu em 1970-71 a Refinadora Paulista (Usina Monte Alegre) e o Engenho Central, que funcionou até 1974, e foi dono das terras posteriormente ocupadas pelo distrito industrial leste (Unileste), criado em 1973. Dirigiu o Banco do Estado de São Paulo, foi diretor presidente do Banco do Brasil (1929), secretário de finanças (1931-32) e de justiça (1932) do governo paulista e diretor do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo (1940). Segundo A. B. S. G. Lang, neta de Silva Gordo e autora de tese de doutorado sobre o avô, este “defendeu assuntos polêmicos, como a expulsão dos imigrantes e a lei de imprensa e também era favorável ao voto feminino e às leis trabalhistas. O que parecia uma contradição se revelou a face de um típico representante político de São Paulo... Foi político praticamente a vida toda” (*Jornal de Piracicaba*, 6.8.2000). Em outubro de 1999, a capela de São Pedro, em Monte Alegre, decorada por Alfredo Volpi (v), e construída em 1936, juntamente com outros imóveis pertencentes ao grupo Silva Gordo, foram vendidos para os empresários piracicabanos Marco Antônio e Wilson Guidotti Júnior.

**GRANER, Edgard do Amaral.** N. Piracicaba, 30.7.1909. C.c. Ruth Mendes Graner. Ff.: Murilo, Eliane. Professor e engenheiro agrônomo, filho de João Graner e Maria

Angélica do Amaral Gurgel Graner. Formou-se pela ESALQ em 1933, sendo seu professor desde 1936. Tornou-se livre-docente em 1937. Após concurso, assumiu em 1951 a cátedra de Agricultura Especial e Genética Aplicada (4ª Cadeira), cuja denominação passou a ser Agricultura e posteriormente (1970) originou o Departamento de Agricultura e Horticultura. Fez parte da Sociedade Paulista de Agronomia e foi “Fellow” da “John Simon Guggenheim Memorial Foundation” dos EUA. Autor de renome de mais de uma centena de trabalhos científicos, publicou os livros “Elementos de genética”, “Como aprender estatística” e “Culturas da fazenda brasileira”. Filho de família numerosa, Edgard do Amaral Graner teve onze irmãos: Alda, Ana, João Jr., Elora, Hermínia, Maria, Mariana, Nestor, Olga, Oscar e Zélia Graner.

**GRANJA, Joaquim Pereira** (Séc. 19-20). Comerciante. Dono da Tipografia Comercial, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), em frente da Loja do Sol, no início do séc. 20 (Camargo, 1900), que teria pertencido igualmente a Domingos Antunes de Carvalho. À rua do Comércio nº 77, em fins do século 19, situava-se a casa comercial de Manoel Pereira Granja.

**GRAVONSKI, José** (Séc. 20). Krähenbühl (1955) menciona-o como “idealista de escol, que se dedicou ao trabalho de redenção dos cegos”, tendo fundado o núcleo piracicabano da Associação Promotora de Instrução e Trabalho para os Cegos (APITC). A entidade surgiu em 16.10.1943, em casa alugada à rua São José, nº 304 e um ano depois mudou-se para prédio próprio à rua Vergueiro nº 576. Teve como primeiro e segundo gerentes, respectivamente, Alberone Furtado de Mendonça e Maximino Alves da Silva. Nos primeiros tempos da entidade, foi seu presidente o prof. João Penteadó e contou com o prof. Mamede Freire como diretor técnico.

**GRILLO NETTO, Antônio** (Séc. 20). Proprietário da Vidraçaria Bom Jesus na Cidade Alta, à rua Moraes Barros, nº 1489 (Camargo e Navarro, 1958).

**GRINOLLI, Carlos** (Séc. 19-20). Maestro. Seu nome é mencionado no *Jornal de Piracicaba* de 8.11.1903 como regente da banda de música Stipp, que realizava concertos no jardim público de Piracicaba.

**GRISOLIA, Braz Jordão**. F. Piracicaba, 12.11.1969. Cirurgião dentista, esportista. De acordo com o “Guia Informativo” de Camargo e Navarro (1958), em meados do século tinha consultório à rua Governador Pedro de Toledo, nº 719. Elias Netto (*Jornal de Piracicaba*, 2004) refere-se a Braz Grisolia, Sílvio de Aguiar e Souza (v.) e Osiris Tolaine (v. Tolaine, João e Ângelo) entre outros, como os “remadores heróis” do antigo Clube de Regatas de Piracicaba, nos tempos das catraias, ioles e sandolins.

**GRISOTTO, Floriano** (Séc. 20). C.c. Luiza Bottene Grisotto. Ff.: Irene, Maria, Sybilla, Delta, Nelly, Oswaldo. Nas primeiras décadas do século vinte, foi proprietário de um curtume, próximo ao Matadouro Municipal. Residia em casa vizinha. Valia-se da matéria-prima procedente do matadouro, usando-a para o curtimento do couro de animais e deixando-o pronto para o uso em inúmeras atividades (Aldrovandi, 1991).

**GUARDIA, Miguel** (Séc. 20). Comerciante. Manteve loja de fazendas à rua XV de Novembro, nº 869, registrada no comércio local a 18.4.1940 sob nº 139. Fez parte do Sindicato do Comércio Varejista piracicabano, sob nº 85. Pertencia à família Guardia e viveu em Piracicaba no séc. 20 Manoel Guardia, n. 1926 e f. 2006, c.c. Orides Cherchiaro Guardia. Era filho de Francisco Guardia e Carmen Hidalgo e pai de Eva Letícia e Emerson Diógenes Guardia.

**GUARIGLIA, Calvet** (Séc. 20). Figura influente na sociedade e no mundo dos negócios piracicabanos em meados do século passado, foi o quarto presidente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, de 1944 a 1948, sendo reeleito várias vezes.

**GUERRA, Celestino** (Séc. 19-20). Músico. Regeu uma orquestra piracicabana que tinha seu nome. A orquestra era composta de “distintos (músicos) amadores”, como Erotides de Campos (v.), Benedito Conceição, Augusto Xavier Antunes (Mimi), Ferdinando Ribecchi e Luís da Silveira Neves, tio de Erotides de Campos. Moura (1996) registra a apresentação da Orquestra do Maestro Celestino Guerra na festa de formatura dos professorandos de 1913 da Escola Normal Primária de Piracicaba, a futura Escola Normal Sud Mennucci, que nessa ocasião diplomou 43 novos professores. A Escola Normal funcionava no seu primeiro prédio, à rua do Rosário, onde posteriormente foi instalada a Escola Industrial Fernando Febeliano da Costa.

**GUERRA, Eurico Jaime.** N. Jardínópolis, SP, 14.1.1897. C.c. Guaraciaba de Campos. Ff.: Celso Carlos e Eurico de Campos Guerra. Médico, formou-se em 1929 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e clinicou em Piracicaba desde 1944, com consultório à rua XV de Novembro, nº 963. Foi sócio fundador da Seção Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina e fez parte de sua diretoria em 1953-54. Dedicava-se à clínica geral, moléstias de senhoras e partos. Participou das revoluções de 1924, 1930 e 1932. De 26.4 a 1.12 de 1947 foi prefeito-interventor em Piracicaba. Entre outros cargos relevantes que exerceu, estão os de prefeito municipal de Orlândia, SP; diretor do Ginásio de Avaré, SP; e médico dos centros de saúde da Lapa e do Ipiranga, na capital do Estado. À época em que atuou em Piracicaba, foi igualmente médico do Centro de Saúde e médico residente do Centro de

Puericultura da Usina Monte Alegre.

**GUERRINI, Jaçanã Altair Pereira.** N. São João da Boa Vista, SP, 19.7.1905. F. Piracicaba, 1969. Professora, escritora. C.c. Leandro Guerrini (v.). Filha de Natanael Pereira e Lília Soares Pereira. Era sobrinha-neta do renomado filólogo Eduardo Carlos Pereira. Após fazer o curso primário em Batatais, SP, estudou no Colégio Piracicabano e na Escola Normal Oficial de Piracicaba, formando-se professora em 1925 pela Escola Normal do Braz (Padre Anchieta). Foi por muitos anos professora do Grupo Escolar Alfredo Cardoso em Piracicaba. Colaborou em jornais piracicabanos e periódicos destinados a crianças. Fez várias peças teatrais para o público infantil, apresentando-as no teatrinho de bonecos que fundou na escola em que lecionava, em 1945. Projetou-se na literatura infanto-juvenil, como autora de diversos livros, quase todos publicados pelas Edições Melhoramentos de São Paulo: “Caminhando para a estrela/Ursinho Curioso”, “Flor de Maio” (1939), “João Negrinho e outras histórias”, “Maria Feliz”, “Memórias de uma colegial”, “Felipe, é você, Felipe?”, “A lenda da vitória-régia”, “Rosais em flor” (1948), “Uma estrela no céu está cantando” (vida de Castro Alves), 1951, e “Dá-me o teu coração”. Além de professora e escritora, foi cantora lírica e poetisa e teve um dos seus livros mais festejados, “João Negrinho”, convertido em filme cinematográfico em 1955. Uma das suas primeiras contribuições para o teatro infantil foi a peça musical “Branca de Neve e os Sete Anões”, que fez em parceria com a musicista Francisca Salles Arruda (v.), encenada em Piracicaba no Teatro Santo Estevão em 1937. Há uma escola estadual com seu nome, na Vila Independência, à rua Dr. Paulo Pinto, nº 2.760, e uma rua no bairro Higienópolis, paralela à av. 31 de Março. Jaçanã Altair fez parte do grupo de fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, juntamente com o esposo, em 1967.

**GUERRINI, Leandro.** [Luiz Leandro/Léo Guerra/Porta-Estandarte/Irmão Nemésio/Neno Guerrini]. N. Piracicaba, 23.2.1896. F. Piracicaba, 5.7.1990. C. a 28.12.1925 c. Jaçanã Altair Pereira Guerrini (v.). Ff.: Lília, Délio. Escritor, jornalista, teatrólogo, professor, historiador, músico (flautista), funcionário público. Filho dos imigrantes italianos Giuseppe e Bárbara Garavelli Guerrini, que, logo após o casamento em 1978, vieram para o Brasil, fixando-se inicialmente numa fazenda, em Recreio. Anos mais tarde, o pai deixou a vida de colono para se estabelecer na cidade com um armazém de secos e molhados, à rua do Rosário. Leandro teve doze irmãos, dos quais apenas sete chegaram como ele à idade adulta. Alfabetizou-se sozinho e freqüentou depois a Escola Noturna Igualitária, do prof. Fernando Lopes; o curso Noturno Joaquim Teixeira Mendes, que funcionava em uma sala do prédio da Prefeitura; e a Escola de Comércio Cristóvão Colombo, onde se formou em 1917. Quando jovem, fez parte de vários grupos dramáticos locais e aprendeu flauta com Erotides de Campos, passando a apresentar-se como flautista do conjunto de músicos que tocava no cine Íris. Atuou em diversas outras orquestras e conjuntos, como músico de flauta e flautim. Ingressou na redação do *Jornal de Piracicaba* nos anos vinte e foi seu redator-chefe até 1939, quando assumiu a direção da Biblioteca Pública Municipal. O *Jornal* continuou a contar com os escritos de Guerrini praticamente ao longo de toda a sua vida, sob a forma de crônicas, estudos e artigos de cunho histórico e colaboração vária. Paralelamente ao jornalismo e à direção da biblioteca, lecionou português e música no Colégio Piracicabano por muitos anos, assim como na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, no Colégio Assunção e na Escola Normal Oficial. Boníssimo, estudioso, dedicado, perspicaz, rigoroso e muito culto, pesquisou exemplarmente todo o passado piracicabano, divulgando o produto das suas investigações em muitas centenas de artigos

e livros, com destaque para a sua *História de Piracicaba em quadrinhos* (1970), em dois volumes, e *De Piracicaba para Piracicaba* (1961). Paralelamente às atividades profissionais, sob o pseudônimo de Luiz Leandro, criou diversas peças teatrais, interpretadas por algumas das principais companhias teatrais brasileiras de então (Salaberry, Palmeirim Silva, Nino Nelo, Darcy Cazarré, Iracema de Alencar). A coleção “Teatro Nacional” da editora Hottum Zagari editou suas peças *O príncipe encantado* e *Opereta sem música*, nos anos quarenta. Criou numerosas peças radiofônicas, transmitidas para todo o país pelas rádios Mayrink Veiga e Tupi, do Rio de Janeiro. Os vinte e um contos que escreveu foram reunidos no livro *Contos para uma noiva* (1981). Deixou-nos um livro de memórias: *Leandro Guerrini, fotógrafo de si mesmo* (1995). Na mocidade, Guerrini foi entusiasta pelo futebol, tendo participado da fundação do Esporte Clube XV de Novembro em 1913, que, segundo suas próprias palavras, surgiu “praticamente no quintal de casa... que era vasto e se localizava na rua de Santo Antônio”. Detentor de inúmeros diplomas e honrarias, medalhas e troféus – cerca de quatro dezenas –, entre os quais a medalha D. Maria Leopoldina do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1954), a medalha do Bicentenário de Piracicaba (1967) e a estatueta Imprensa de Piracicaba, do Lions Clube Centro de Piracicaba (1975). Foi membro da Loja Maçônica Piracicaba. “Raras vezes a vida nos oferece uma personalidade assim tão cheia de facetas, uma espécie de caleidoscópio intelectual... Raros viveram tão intensamente e poucos terão desfrutado tantas emoções. A muito custo se há de encontrar outra criatura que, através do ensino, do jornal, da arte ou do livro, tenha exercido tamanha influência sobre a sociedade em que viveu e sobre as gerações com que conviveu... Homem que viveu soberbamente uma porção de vidas” (Flávio Toledo Piza, 1974). “Foi uma das inteligências mais brilhantes que Piracicaba já possuiu... Verdadeiro mestre da sabedoria e da

gentileza” (*Jornal de Piracicaba*, 1990). Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e da Academia Piracicabana de Letras. Há uma praça com seu nome, na Nova Piracicaba, junto à avenida Paulista.

**GUERRINI DE ANDRADE, Julieta (Julieta Bárbara).** N. Piracicaba, 14.12.1908. F. São Paulo, SP, 26.7.2005. C. 1<sup>as</sup> núpcias em 24.12.1936 c. o escritor Oswald de Andrade (José Oswald de Sousa Andrade), um dos responsáveis pela “Semana de Arte Moderna” em 1922, na capital paulista. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Mário Schenberg, físico e professor da USP. F.: Ana Clara Guerrini Schenberg. Era filha de Paschoal Guerrini e Adelaide Guerrini e sobrinha de Leandro Guerrini (v.). Poetisa e pintora, publicou em 1939, pela editora José Olympio do Rio de Janeiro, um livro de poesias: “Dia garimpo”, com prefácio do poeta e embaixador Raul Bopp.

**GUIDOTTI, João.** N. Avaré, SP, 6.5.1914. F. Piracicaba, 24.5.1975. C.c. Isis Ferraz Costa Guidotti. Ff.: Rubens, Ronaldo, Magnólia, Magali e Mara. Comerciante, político e esportista de prestígio, irmão de Luciano (v.), Luiz (v.) e Miguel Guidotti. Os irmãos destacaram-se na indústria e no comércio piracicabanos do século 20, como proprietários de importantes casas comerciais – a Refrigeração Luiz Guidotti Comércio e Indústria, com loja à rua Governador Pedro de Toledo, nº 926 e fábrica à rua Cristiano Cleopath, nº 1467; a Agência GMC (General Motors Company) de Guidotti & Cia., representante dos veículos Chevrolet, Oldsmobile e Opel, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 842 e oficina à rua 13 de Maio, nº 1150; a Casa Guidotti de louças finas, brinquedos, televisores e artigos para presentes, à rua São José, nº 837, esquina da rua Governador Pedro de Toledo nº 842, de propriedade dos irmãos Guidotti (Camargo e Navarro, 1958; Marques, 1959; Guidotti, 2002). João Guidotti presidiu o Esporte Clube XV

de Novembro em 1948-49, 1951-53 e 1955-56, tendo sido seu primeiro presidente após o ingresso do clube no futebol profissional. Além disso, ocupou cargos importantes na Federação Paulista de Futebol. Foi conselheiro do São Paulo Futebol Clube da capital paulista, presidiu a Comissão Central de Esportes de Piracicaba e foi administrador do estádio Barão de Serra Negra. Proprietário de conceituada casa comercial de eletrodomésticos e revendedor da Philips na cidade, João Guidotti idealizou e executou no bairro da Paulicéia em 1958 a construção e instalação da primeira torre de recepção de canais de televisão em Piracicaba. Graças aos seus empenhos, nasceu o Canal 26/TV Piracicaba, em UHF, primeira emissora local de televisão, em 1967. Esteve igualmente ligado a outros empreendimentos de vulto e a numerosas obras assistenciais e humanitárias, notadamente no atendimento de menores, tendo presidido o Centro de Reabilitação de Piracicaba e construído sua sede. Na vida política local, fez parte da Aliança Renovadora Nacional (Arena), surgida em 1965, por ocasião da implantação do bipartidarismo no Brasil e que desapareceu em 1979. Disputou o cargo de prefeito na eleição de 1972. Apesar de ser o candidato mais votado, não foi eleito, e sim o candidato do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Adilson Benedito Maluf (Elias Netto, 2000; Pfromm Netto e Martins, 2003; Lello, *Jornal de Piracicaba*, 1.6.2003). Há uma Escola Estadual João Guidotti, no bairro Morumbi, à rua Anhanguera, s.n., e uma rua João Guidotti no Jardim Alvorada, entre as avenidas Rio das Pedras e Pompéia.

**GUIDOTTI, José Luiz.** N. Limeira, SP, 28.12.1941. F. 12.6.2007. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Regina Helena Fonseca Guidotti e em 2<sup>as</sup> núpcias c. Vera Lúcia Fernandes Guidotti. Ff.: Carlos Eduardo, José Luiz Jr., Kátia Cristina, Kely Cristina, Luciano Sobrinho, Luiz Neto, Paulo César. Escritor, navegador fluvial, esportista, escritor, jornalista. Filho de Luiz Guidotti (v.) e

Diva Ragazzo Guidotti. O barco a motor que ganhou do pai, aos dez anos de idade, selou o rumo de sua vida: converteu-se no mais notável navegador fluvial de Piracicaba, fazendo jus ao reconhecimento, pela Câmara Municipal da cidade, como “o melhor navegador fluvial do mundo”. Quando moço, fez parte de equipes amadoras do Esporte Clube XV de Novembro, que o elegeu para presidente, em 1965. Tornou-se árbitro de futebol, atuando como tal na Federação Paulista de Futebol durante 17 anos e por 8 anos na COBRAF/CBF. Estudou na Universidade Metodista de Piracicaba (1966, curso de Relações Humanas), em Bauru (Faculdade de Ciências Econômicas, curso de Liderança e Relações Humanas, 1971), na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (curso de Direito Desportivo, 1980). Coursou a Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol em 1971. A Marinha do Brasil deu-lhe a carteira de arrais amador (1989) e o título de mestre amador (1993). Colaborou por mais de 15 anos no jornal “Tribuna Piracicabana”, como cronista esportivo e colunista social. No âmbito político, foi vereador em Piracicaba (1964-68) e oficial de gabinete do governador do Estado Adhemar Pereira de Barros (v.). Presidiu o Aeroclube de Piracicaba e de 1994 a 2002 foi presidente do Tribunal de Justiça Desportiva de Piracicaba. Fez parte do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e da Academia Piracicabana de Letras. Como escritor, publicou treze livros, desde “Aventura na bacia do Prata” (1991) até “Rio Corumbataí, relatos de uma navegação” (2006). A paixão pelas águas do rio Piracicaba e pela navegação fluvial em geral marcou extensa e profundamente a sua vida, desde a proeza que realizou em 1990, quando, na companhia do filho Luciano, foi de Piracicaba a Montevidéu: 33 dias de viagem em um pequeno barco de alumínio. Percorreu todo o rio Piracicaba em 1991 e o Tietê em 1992; navegou de Piracicaba a São Simão (GO) em 1994; fez o trajeto do Cone Sul até Puerto Iguazú, na Argentina, em 1995. Data de 2000 sua

viagem de Piracicaba a Buenos Aires, quando os argentinos lhe deram o título de “Maior Navegador Fluvial do Mundo”. Convidaram-no para liderar a “Travessia Buenos Aires-São Paulo”, cujo percurso inicial Guidotti realizou em 2006, atingindo a Foz do Iguaçu com sua equipe. “Um idealista, preocupado com o meio ambiente e com a cruel realidade dos rios...” (I. M. Altafin). “Mostrou que a integração sul-americana por via fluvial era possível... Era um desses homens que não conhecia limites e dificuldades... Em tempos em que a natureza nos pede socorro, difícil imaginar alguém que faça mais falta do que o ambientalista José Luiz Guidotti” (C. Vaz Filho, *Jornal de Piracicaba*, 16.6.2007). Dentre os inúmeros diplomas e honrarias que recebeu destacam-se a Medalha do Bi-Centenário de Piracicaba (1967), a Medalha José Bonifácio de Andrada e Silva (1992) e a medalha Amigo da Marinha, outorgada em 2003 pela Marinha do Brasil.

**GUIDOTTI, Luciano, Comendador.** N. Avaré, 13.12.1903. F. Piracicaba, 7.7.1968. C.c. Amélia Bovi Guidotti. A história piracicabana tem em Luciano Guidotti um dos seus mais expressivos nomes do século 20. Combativo, arrojado, com uma notável capacidade de liderança, incansável e dotado de uma operosidade a toda prova, à sua administração deve Piracicaba a obtenção do título de “Município de Maior Progresso no Brasil”, concedido pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal e o diploma correspondente, entregue a Guidotti pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira em 1957. Oriundo de família modesta de italianos que se fixaram em Avaré, SP, e com escolarização limitada, foi obrigado a trabalhar desde os anos de infância, para ajudar a sustentar a família. Foi vidraceiro, vendedor de quadros de santos, barbeiro, pedreiro. Trocou sua cidade natal primeiramente por Limeira, mudou-se depois para Rio Claro e fixou-se por fim em Piracicaba a partir de 1928. No ano seguinte

instalou uma pequena loja no Largo do Mercado, a “Casa dos Dois Mil Réis”, pioneira em vendas populares na cidade, e trouxe seus irmãos Luiz e João para trabalharem juntos. Durante a 2ª Guerra Mundial, dedicou-se à comercialização do óleo de laranja. Foi, no entanto, graças à instalação de uma sua concessionária de automóveis e caminhões na cidade, a Agência GMC, que viu crescer sua fortuna e passou a ser um empresário bem sucedido. Projetou-se, ao mesmo tempo, com seus atos de benemerência e contribuições a obras assistenciais, colaborando substancialmente para a construção das torres da Catedral e as obras do Asilo de Velhice (posteriormente Lar dos Velhinhos) e do Lar-Escola Coração de Maria Nossa Mãe. Voltando-se para o ativismo político, candidatou-se à prefeitura, competindo com o ex-prefeito Luiz Dias Gonzaga (v), e foi eleito em 1955, com o apoio de uma coligação formada por quatro partidos (UDN, PTB, PSD, PTN), dando início, nas palavras de Elias Netto (1992), a uma administração reconhecidamente transformadora, acontecendo, assim “a primeira grande revolução urbana de Piracicaba”, de 1.1.1956 a 31.12.1959. Em 1957 levou adiante a cobertura do riacho Itapeva, para o prolongamento da avenida Armando de Salles Oliveira, cujas obras terminaram em 1959, desafogando o trânsito. Entregou à cidade o Mercado Municipal totalmente remodelado, em 1958. Reformou e ampliou o Serviço de Abastecimento de Água, reformou praças e jardins, ampliou a rede de esgotos, instalou em prédio próprio a Faculdade de Farmácia e Odontologia, recuperou as finanças municipais... (Camargo e Navarro, 1958; Marques, 1959). Em 1961 liderou o grupo que criou um novo jornal, a *Folha de Piracicaba*, lançada a 5.5, de oposição ao prefeito Salgot Castillon e aos que o apoiavam. Novamente candidato nas eleições municipais de 1963, saiu vencedor nas urnas para um mandato que deveria estender-se de 1964 a 1968, assumindo a prefeitura a 1.1.1964. Nessa sua segunda administração, destacam-se a construção das

avenidas posteriormente denominadas Luciano Guidotti (antiga Água Branca), Cássio Paschoal Padovani (v), Centenário e outras, o viaduto que ligou a rua do Rosário às imediações do Clube de Campo, as pontes do Morato, do Lar dos Velhinhos, da Nova Piracicaba e Santa Rosa. Criou a Fundação Municipal de Ensino, concluiu o Estádio Barão de Serra Negra e levou avante numerosas outras obras importantes, como o Hotel Beira Rio (Hotel Municipal), o Teatro Municipal, a Pinacoteca Municipal, o Paço Municipal, a Estação de Ônibus Urbanos, a nova passagem inferior sobre os trilhos da E. F. Paulista. Implantou praças, ampliou e modernizou a iluminação pública da cidade. Ao longo deste mandato, tal como fez anteriormente, Guidotti doou seus subsídios de prefeito, da ordem de dez milhões de cruzeiros em 1967, a entidades assistenciais, culturais e esportivas de Piracicaba. Faleceu subitamente, pouco depois de participar em almoço festivo no Lar dos Velhinhos, em virtude de problemas cardíacos. Seu enterro foi acompanhado por gigantesca massa popular. Uma multidão estimada em mais de 30 mil pessoas passou pela Catedral, onde seu corpo permaneceu exposto e durante o sepultamento Cobrinha (v) e outros seresteiros cantaram o Hino de Piracicaba (Elias Netto, 2003). Dá nome a uma escola e uma das principais avenidas de Piracicaba.

**GUIDOTTI, Luiz** (Séc. 20). Empresário, político, esportista. Irmão de Luciano e João Guidotti (vv) e Miguel Guidotti e pai de José Luiz Guidotti (v). C.c. Diva Ragazzo Guidotti. Criou uma empresa de comércio e indústria com seu nome, anunciada como “a maior organização em refrigeração comercial do Estado”, especializada na fabricação de itens como balcões frigoríficos, geladeiras de grande porte para fins comerciais e outros produtos do gênero. A loja foi instalada na rua Governador Pedro de Toledo e a indústria na rua Cristiano Cleopath. Ganhou notoriedade nacional como um dos melhores atiradores de revólver do



século passado, tendo recebido a alcunha de “rei dos gatilhos” e fazendo jus a esse título durante cerca de trinta anos. Juntamente com o deputado Domingos José Aldrovandi e o vice-prefeito Nélio Ferraz de Arruda (vv.), é mencionado por Elias Netto (1998) como a base de domínio e de sustentação do ademarismo (Partido Social Progressista) em Piracicaba, nos anos 60. Com recursos obtidos por meio da venda de títulos patrimoniais, criou e liderou, como seu primeiro presidente, o Bela Vista Nauti Clube, em chácara de que era anteriormente proprietário, à margem direita do rio Piracicaba e próximo de Ártemis. A inauguração ocorreu em 1963, passando o clube a oferecer aos seus associados piscinas, quadras esportivas, parque infantil, pavilhão náutico, ancoradouro, bosque pesqueiro, restaurante e bar. Situam-se no bairro Santa Rita as ruas Luiz Guidotti e Diva Guidotti.

**GUIMARÃES, Custódio.** N. Séc. 19. F. São Paulo, 2.12.1923. C.c. Otília Vergueiro Guimarães. Ff.: Judith, Antonieta, Carmelita, José. Médico. Ocupou o cargo de inspetor sanitário em Piracicaba.

**GUIMARÃES, Irineu.** N. Guarará, MG, 1900. F. 1984. Professor de inglês e diretor do Colégio Piracicabano, primeiro brasileiro e primeiro leigo a dirigir a escola, de 1935 a 1938. Elias (2000) registra que ele era de família pobre e estudou em Juiz de Fora, MG, no Instituto Granbery, graças a uma bolsa de estudos. Como prêmio acadêmico, entre 1920 e 1922 pôde frequentar nos EUA a Emory Academy e a Universidade Metodista do Sul. De volta ao Brasil, deu aulas de inglês e português e dirigiu o Departamento Primário do Instituto Granbery. Após deixá-lo, tornou-se professor do Instituto Izabela Hendrix e da Escola Normal Oficial, ambos em Belo Horizonte. Polêmico e corajoso, “figura marcante e personalidade ímpar”, afável com os estudantes e de coração generoso, segundo depoimentos de alunos do seu tempo, transcritos por Elias

(2000), Guimarães enfrentou dificuldades e tensões em virtude de suas convicções ideológicas e políticas na época do Estado Novo de Vargas, quando um processo foi aberto contra ele. Deixou o Colégio Piracicabano no início de 1938 e passou a trabalhar em Juiz de Fora, MG, assumindo o cargo de vice-diretor (1940) e reitor (1943) do Instituto Granbery. Afastou-se deste quando o elegeram vereador e tornou-se afiliado do Partido Comunista. Já aposentado, criou na Zona da Mata um orfanato e uma creche para crianças carentes (Elias, 2000; C. Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 18.9.2004). São de sua autoria os versos da marcha oficial do Colégio Piracicabano, com música de Leandro Guerrini e revisão harmônica de Erotides de Campos (vv.).

**GUIRADO, Luiz** (Séc. 20). Comerciante. Foi proprietário de casa comercial de gêneros alimentícios, à rua Moraes Barros, com capital registrado de 10:000\$000. Sócio nº 71 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, foi registrado no comércio local a 8.3.1940, sob nº 423.

**GURGEL, José Theóphilo do Amaral.** N. São Manuel, SP, 1914. Engenheiro agrônomo, professor. Após formar-se pela ESALQ em 1937, ingressou no seu quadro docente, tendo lecionado de 1938 até 1971, quando se aposentou. Admitido inicialmente como assistente da cadeira de Citologia e Genética Fundamental (futuro Departamento e Instituto de Genética), tornou-se professor adjunto. Após aposentar-se, passou a trabalhar no Departamento de Genética, Evolução e Bioestatística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, SP. Destacou-se por suas contribuições científicas à genética de microorganismos e à citogenética do milho.

**GURGEL, Manoel Joaquim do Amaral, padre.** N. Itu, séc. 18. F. Piracicaba, séc 19. Vigário de Piracicaba. Tomou posse do cargo em julho de 1804, exercendo-o durante uma

dúzia de anos, até agosto de 1816. Informa Nardy Filho (em Krähenbühl, 1955) que ele foi o primeiro vigário colado de Piracicaba, isto é, com direito a côngrua e inamovível. Ao deixar o paroquiato, seu irmão, padre Miguel Joaquim do Amaral Gurgel, o substituiu, permanecendo como vigário da Paróquia de Piracicaba até 1832, segundo a mesma fonte. O padre Miguel Joaquim faleceu igualmente em Piracicaba. Em 1827, quando a paróquia de Piracicaba foi constituída em câmara eclesiástica, o padre Manoel Joaquim foi nomeado seu primeiro vigário de vara, permanecendo nesse posto até seu falecimento. A documentação histórica piracicabana do século 19 tem dois registros importantes ligados ao padre Manoel Joaquim. O primeiro é o título de venda, a 27.3.1816, de “vasta extensão de terra, na qual compreendia a Fazenda Monte Alegre e seu engenho, passado ao vigário Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, por d. Maria de Meira Siqueira, genro e filhos – viúva e herdeiros do sargento-mor Carlos Bartolomeu de Arruda –, fazendo parte da sesmaria que este possuía na freguesia de Piracicaba” (Guerrini, 1970). O segundo documento, assinado pelo padre Manoel Joaquim e pelo capitão-comandante de Piracicaba, Domingos Soares de Barros, é o atestado de veracidade juntado a 17.6.1816 a um pedido dos moradores locais ao governador da Capitania, no sentido de que a freguesia fosse elevada à condição de vila (Neme, 1940). A 31.7.1816 o padre Manoel Joaquim vendeu sua fazenda Monte Alegre a Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (v.) e seu sócio, brigadeiro Luiz Antônio de Souza.

**GUTIERREZ, Augusto.** N. 1918. F. Piracicaba, 27.11.2005. Industrial. C.c. Antônia Ernesta Parizotto Gutierrez. Ff.: Fábio, Helenice. Era f. de Emílio Gutierrez e Antônia Lopes.

**HAAG, Henrique Paulo.** N. séc. 20. F. 1992. Engenheiro agrônomo, professor universitário e pesquisador. Formou-se pela ESALQ em 1954 e passou a pertencer ao quadro docente desta a partir do ano seguinte, tornando-se professor adjunto do Departamento de Química. Doutor em 1958 e livre-docente em 1966, pela mesma escola. Pesquisador altamente qualificado (fez em colaboração com K. Minami um estudo sobre nutrição mineral de hortaliças que Eurípedes Malavolta aponta como “fundamental”, em Elias Netto, 2000), professor competente e estimado, foi colaborador do Lar dos Velhinhos de Piracicaba e de outras instituições e obras assistenciais.

**HAHN, Walter** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Eunice Monfrinato Hahn. F: Priscila, n. 1951 e f. 2.3.2006 em Piracicaba, Walter Hahn Júnior e Lucia Helena Hahn.

**HELAL, Habib** (Séc. 20). C.c. Jamile Assad Helal. Pais de Sara Youssef Ibrahim Nader, n. 1920 e f. 5.8.2007, esposa de Youssef Ibrahim Nader e mãe de Sabat Nader Helal, c.c. Youssef Mikhail Helal, que f. em Piracicaba a 14.10.1999. Vários outros Helal fazem parte do passado piracicabano, provavelmente descendentes dos mesmos ancestrais sírio-libaneses. Salum (2003) refere-se a Jorge Mikhail Helal, que pertenceu ao quadro social de 1977 da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba e aos seguintes homenageados “in memoriam” pela sociedade:

Abdala N. Helal, Antônio M. Helal, Habib J. Helal, Habib N. Helal, Ibrahim N. Helal, Jorges N. Helal, Júlio Helal, José Helal, Julian Helal e Youssef Mikhail Helal. Menciona também uma empresa, a Helal Empreendimentos Imobiliários, com sede à rua São João, nº 1561 e a J. Seti Materiais de Construção, de J. Helal, na avenida Rio das Pedras, nº 883 .

**HELLMEISTER, Martinho** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Helena Hellmeister. F: Diva, n. 1925 e f. Piracicaba em 6.8.2007. Vários outros membros da família Hellmeister fazem parte do passado piracicabano, em diversas áreas de atuação profissional.

**HERLING, André.** N. Piracicaba, 27.1.1930. F. Piracicaba, 15.5.1975. Professor, artista plástico, escritor. Formado pela Escola Normal Sud Mennucci, tornou-se professor de desenho, após aprovação em concurso público, do Ginásio Estadual de Martinópolis, SP. Foi igualmente professor de desenho do Ginásio Estadual Emílio Romi de Santa Bárbara d’Oeste, do Ginásio Estadual de Echaporã (1952), do Ginásio Estadual de Bariri (1955) e do Ginásio Estadual Prof. Elias de Mello Ayres em Piracicaba. Atuou como diretor substituto do Ginásio Estadual de Martinópolis em 1956 e como diretor do Ginásio Estadual Abílio de Paula em São Pedro. Como pintor, participou do Salão de Belas Artes de Piracicaba em 1961 e foi objeto de homenagem no 23º Salão de

Belas Artes de Piracicaba. Publicou vários livros didáticos na área da educação artística, adotados em grande número de estabelecimentos de ensino.

**HOEPPNER, Família** (Séc. 20). Sempre ligados à sociedade e ao comércio locais, os Hoepner, de origem germânica, foram donos da Chapelaria Hoepner, à rua Santo Antônio, e depois na Governador Pedro de Toledo, especializada em “calçados, chapéus e artigos finos para cavalheiros” (Camargo e Navarro, 1958). Um dos filhos de Joaquim Miguel Dutra (v.), José Benedito, casou-se com Izabel Alice Hoepner e teve cinco filhos: Licínio (v. Dutra, Licínio Hoepner), Mário, Renato, Lahyr e Bárbara de Lourdes, nascidos entre 1910 e 1923 (Velloso, 2000). Dois Hoepner, André e seu filho Hélio, foram jornalistas notáveis em Piracicaba, no passado.

**HOLLAND, Luiz Lee** (Séc. 20). Casado com Helena Cera Holland. Ff.: Ana Maria, Evany e Heloisa (n. Piracicaba, 1942, e f. Bertioga, SP, 13.10.2007). Empresário, comerciante, cirurgião dentista. Formou-se em odontologia em 1929 pela Escola de Odontologia Washington Luiz de Piracicaba e foi figura de destaque na sociedade local. Data de 30.1.1936 seu registro como proprietário de casa comercial à rua Moraes Barros nº 122, no comércio local, com um capital de 30:000\$000. Presidiu o Rotary Club Piracicaba (1949-50) e o Esporte Clube XV de Novembro. Após adquirir o prédio à rua Governador Pedro de Toledo, na esquina da rua São José, reformou-o por inteiro e permitiu que nele continuasse a funcionar a sede do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo (Elias Netto, 2000). Às empresas piracicabanas Holland Ltda. e Coury Ltda. foi confiada a construção do Edifício Luiz de Queiroz, da Companhia de Melhoramentos Urbanos (Comurba), cujo trágico desabamento, ocorrido a 6.11.1964, enludou a cidade. Há uma rua Luiz L. Holland no Residencial Santo Antonio.

**HONEY, Edwin E.** N. EUA, séc. 19. Fitopatologista, professor. Discípulo de Whetzel, tido como mais notável especialista norte-americano em doenças de plantas no seu tempo, Edwin Honey estudou com ele na Universidade de Cornell, nos EUA. A ESALQ contratou-o na década de 1920-29, incumbindo-o de organizar a cadeira de Fitopatologia, até então caudatária da Botânica. Deve ter contribuído bastante para a decisão de contratá-lo o engenheiro agrônomo José Vizioli (v.), que se formou na Universidade de Cornell e trabalhou na Estação Experimental de Cana-de-Açúcar, anexa à ESALQ. Uma decisão “destinada a marcar profundamente o futuro da Fitopatologia” no país (Carvalho, em Lordello e outros, 1976). Honey iniciou em 1926 a sua atuação na ESALQ, permanecendo na Escola até 1931, quando retornou aos EUA. Organizou a cadeira, separando-a da antiga 3ª cadeira de Botânica, que incluía Botânica, Fitopatologia e Microbiologia Agrícola. A Fitopatologia ganhou, assim, autonomia em 1931, como 12ª cadeira, convertendo-se mais tarde em Departamento. Carvalho lembra que “o prof. Honey renovou o programa e os métodos de ensino e, auxiliado por seu assistente, prof. Ruben de Souza Carvalho (v.), equipou o ensino de Fitopatologia da ESALQ ao ministrado nos maiores centros... Escreveu duas apostilas, uma de Micologia e outra de Fitopatologia..., os primeiros textos publicados no Brasil a respeito dessas áreas de conhecimento”.

**HORANI, Issa (Issa Elias Haurani)** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da Casa Esperança, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1192. Fez parte da diretoria da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba como seu 1º Secretário, por ocasião do Jubileu de Ouro da entidade (1952). Na época do Jubileu de Diamante (1977), permanecia no quadro social desta. Seu nome figura na relação “In Memoriam” que homenageia antigos associados

## HORSCHUTZ FILHO, Antonio

falecidos (Salum, 2003). Horani integrou igualmente a diretoria da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, em meados do século 20.

**HORSCHUTZ FILHO, Antônio** (Séc. 19-20). C.c. Francisca Delben Horschutz, n. 1891 e f. São Paulo, 18.2.1974. Comerciante. Pais de oito filhos: prof. Edgard Horschutz, formado pela Escola Normal Sud Mennucci, c.c. Maria Lucia Horschutz; tenente-coronel Oscar, c.c. Áurea Pinto Horschutz; Olga, c.c. farmacêutico Bento Dias Ferraz; Maria, c.c. Irial Euclides Chinaglia; Oswaldo, c.c. Ana Maria da Costa Horschutz; Elza, Josephina e Luiz Geraldo Horschutz. Oswaldo n. 1923 e f. Piracicaba em 22.7.2006, ff. Patrícia, Gabriela e Juliana, tendo sido sepultado em Charqueada, SP.

**HORTA, Alberto da Cunha.** N. séc. 19. F. Belo Horizonte, 13.6.1955. Engenheiro, jornalista. Um dos fundadores e co-proprietários do “Jornal de Piracicaba”, surgido a 4.8.1900. Associado a Manoel Buarque de Macedo (v) e Antônio Pinto de Almeida Ferraz (v), Horta incumbiu-se da administração do jornal, mas sua permanência no mesmo não foi além de três meses. A 11.11.1900, “por motivos de saúde na família”, segundo notícia da época, deixou a direção e a gerência e mudou-se de Piracicaba. Por ocasião do cinquentenário do jornal em 1950, esteve com familiares em visita a Piracicaba e participou das festividades do órgão de imprensa que ajudou a criar, de maneira simpática e animada, a despeito de sua idade avançada (Pfromm Netto e Martins, 2003). Alberto da Cunha Horta era formado em engenharia, com muitos trabalhos importantes realizados.

**HUFFENBAECHER, Família** (Séc. 19-20). São escassos os registros publicados sobre a presença e a atuação dos Huffenbaecher em Piracicaba. As referências mais antigas datam

do século 19. João Teodoro Huffenbaecher consta em 1895 como integrante da diretoria da Loja Maçônica no Rito Escocês de Piracicaba, filiada nesse ano ao Grande Oriente do Brasil. Ocupava o cargo de 2º Vigilante. J. T. Veiga (1975) destaca-o como “incansável maçom..., imponente figura nos meios educacionais cidadãos” e alude à sua participação na administração municipal como secretário da primeira câmara municipal republicana, eleita pelo povo (1892-95). Teve papel decisivo no surgimento da loja maçônica Progresso (1918) e foi eleito venerável da Loja Piracicaba, por ocasião do reerguimento desta, no mesmo ano. Edmundo César Huffenbaecher dedicou-se à agricultura e a estudos filológicos. Publicou um curioso opúsculo, *Acentuação gráfica tónica por método fácil em três regras gerais práticas*, impresso na tipografia do Jornal de Piracicaba (c. 1940) e dedicado aos estudantes de sua terra e ao seu filho Yango. Em meados do século vinte, um Huffenbaecher, Licínio Antônio, formou-se como professor pela Escola Normal Sud Mennucci e esteve com a mãe à frente de um estabelecimento comercial na galeria de lojas do largo da Catedral, dedicado à venda de revistas e jornais. Licínio Antônio Huffenbaecher, n. 1929 e f. em São Paulo em 3.9.2007, era c.c. Ercília Maria Cervone Huffenbaecher. Ff.: Mariza, Licínio Jr., Rafael, Atílio, Mara. (Veiga e outros, 1975; Guerrini, 1970; Huffenbaecher, c. 1940). Há uma avenida Dr. João Teodoro na vila Rezende, paralela à avenida Dr. Kok.

**IATAURO, Antônio de Pádua Cillo.** N. Piracicaba, 13.6.1928. F. Piracicaba, 28.11.1980. C.c. Malba Nobre Gil Iatauro, a 21.9.1957. Ff.: Marco Antônio, Júlia Helena, Alexandre. Era filho de João Iatauro e Eunice de Cillo Iatauro. Engenheiro agrônomo. Formou-se pela ESALQ em 1954. A esposa n. em 9.11.1933, sendo seus pais Israel Gil (v.) e Maria Conceição Nobre Gil (Carradore e Ferraz, 1986)

**IATAURO, Carmo** (Séc. 20). Negociante. Proprietário de armazém de secos e molhados à rua do Vergueiro, nº 112, com registro no comércio piracicabano datado de 2.5.1939, sob nº 125 e com um capital registrado de 15:000\$000 (Guidotti, 2002). Foi sócio nº 40 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba. Carmo e seu irmão Nardini Iatauro destacam-se na juventude como jogadores de futebol, “que muitas glórias conquistaram para o XV” (Rocha Netto, *Jornal de Piracicaba*, 19.6.1983). Elias Netto (2000) menciona Carmo Iatauro Filho, o Carminho, como integrante de um grupo de “piracicabanos conhecidos e famosos, Lahyr Krähenbühl, Admar Cervellini (v.), Carminho Iatauro, Zeca Hering”, por volta dos anos 70 e 80, freqüentadores de um conhecido rancho daquela época, o Rancho Pasárgada”, e lembra que os ranchos de então se concentravam, “em sua maioria, desde o Morro do Enxofre até o Guaçu.” Carmo Iatauro Filho n. em 1928 e f. em 30.5.1994 na capital paulista. Era c.c. Elza Castelo Martins Iatauro. Ff.: Lélia, Ana Maria,

Maurício. Foi sepultado em Piracicaba.

**IGLÉSIAS, Francisco de Assis.** N. Piracicaba, 6.1.1889. F. Campinas, SP, 1981. Engenheiro agrônomo, escritor, professor. Filho de imigrantes espanhóis que se fixaram em Piracicaba, freqüentou a escola primária em Piracicaba, inicialmente no Colégio Ipiranga e a seguir em Grupo Escolar. Formou-se pela antiga Escola Complementar da rua do Rosário, embrião da Escola Normal Oficial da cidade, e tornou-se engenheiro agrônomo pela então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ. Logo após a formatura, passou a trabalhar no Instituto Soroterápico do Butantã. Esteve no Piauí em 1913, a fim de realizar estudos sobre a borracha, e em 1915 no Maranhão, para investigar a cultura do algodão naquele Estado. Entre 1920 e 1939 foi superintendente do Serviço de Sementes do Ministério da Agricultura, de 1925 a 1935 dirigiu o Serviço Florestal do Brasil e de 1935 a 1939 foi diretor do Serviço de Sericultura. Dirigiu, além disso, o Ensino Agrícola do Ministério de Agricultura. Viajou pelo nordeste, colhendo dados que reuniu em livro: “Caatingas e chapadões” (1951), em dois volumes, com mais de 600 páginas e apontado pelos especialistas como obra fundamental para o conhecimento do “Brasil real”. Estudos e artigos de sua lavra foram divulgados em importantes periódicos brasileiros, entre os quais a “Revista do Brasil”, a “Revista do Museu Paulista”, o jornal “O Estado

## INOCÊNCIA MARIA DO MENINO JESUS

de S. Paulo” e em anais científicos. Em 2003 a Editora Agronômica Ceres, de Piracicaba, publicou postumamente, graças aos empenhos de Marly T. G. Perecin, um livro fascinante de Iglésias sobre a Piracicaba em que viveu seus anos de infância e adolescência: “Memórias de um agrônomo”. Foi um “arguto observador do início do século XX, o agrônomo que em toda a sua vida sempre se declarou apaixonado e saudoso da sua terra, enquanto pisava os mais diversos Brasis, de norte a sul, ou escrevia obras de grande valor antropológico e científico” (Perecin, 2003). No bairro Matão há uma rua em sua homenagem, perto da avenida Itararé.

**INOCÊNCIA MARIA DO MENINO JESUS, Irmã (Maria Conceta Rufini).** N. Piracicaba, 26.12.1911. F. Piracicaba, 5.10.1991. F. de Nazareno Rufini e Carolina Ferrandi. Administradora interna do Pavilhão Valentina Nogueira de Toledo, no Lar dos Velinhos de Piracicaba. Ingressou em 1929 na Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria (fundada em Piracicaba em 1900). Fez seus primeiros votos religiosos em 1934 e os votos perpétuos em 1941. Dedicou-se aos idosos, pobres e enfermos ao longo de 57 anos. Apesar da saúde frágil, durante todo esse tempo desvelou-se nos cuidados de todos quantos a ela recorriam (W. M. Ferreira, *Jornal de Piracicaba*, 8.10.1991).

**ISMAEL, Nagib.** N. 1934. F. São Carlos, 18.6.1966. C.c. Maria Aparecida Previati Ismael. Ff.: Júlio, Alfredo, Fernando, Fábio. Comerciante, administrador. Presidiu o Sindicato dos Comerciantes de Piracicaba e foi funcionário da loja A Porta Larga nos anos 60. Faleceu em acidente automobilístico nas proximidades de São Carlos, quando o veículo em que viajava, dirigido pelo presidente da Companhia Telefônica de Piracicaba, Antônio Farah (v.), tentou ultrapassar outro veículo, chocando-se com um caminhão que vinha no sentido contrário. Uma rua do bairro Santa Terezinha

tem seu nome.

**ISSA, Demétrio.** N. 1881. F. Piracicaba, 26.8.1979. Comerciante. C.c. Zahra Kalil Issa. Ff.: Julieta, Lídia, Eduardo (c.c. Regina Amélia Barbosa Issa), Olinda (c.c. Hide Maluf) e Jorge Demétrio. Salum (2000) menciona-o como um dos vários comerciantes de origem árabe, síria ou libanesa que em fins do século dezenove e nas primeiras décadas do século vinte trabalharam como mascates e ambulantes em Piracicaba e aqui se fixaram. Os Issa residiram na rua do Rosário, perto do largo São Benedito. Jorge Demétrio Issa formou-se em 1945 e Eduardo em 1949, ambos em agronomia, pela ESALQ. O primeiro n. 1922 e f. em Piracicaba em 4.7.2007.

**JACINTHO, Vicente de** (Séc. 20). Comerciante. Irmão de Nicolau Jacinto, homem de negócios. Proprietário da Loja da Lua, à rua Alferes José Cactano, nº 617 (esquina da rua Prudente de Moraes). O *Almanaque* de Krähenbühl (1955) anunciava o estabelecimento como vendedor de “fazendas, armarinho, perfumaria, modas, chapéus, calçados, roupas brancas, malas para viagem e artigos para homens”. Atuante no ramo de aeromodelismo, oferecia “aviões de todos os tipos” para crianças. Os Jacintho foram donos de um açougue vizinho da loja, à rua Prudente de Moraes. À família Jacintho ligada ao passado piracicabano, pertenceram Antônio e Octávio Jacintho. O primeiro, n. séc. 19 e f. séc. 20, foi c.c. Teresa Jacintho Mataveli, n. 1897 e f. 28.1.1990, ff. Elvira, Antônio, Luíza, Maria Conceição, Alcides, Nair, Luiz, Edivaldo, Lúcia. Octávio Jacintho foi c.c. Maria Bernardete Salles Jacintho, n. 1921 e f. Piracicaba a 6.4.2005. F: Antônio Octávio, c.c. Vera Lúcia P. Jacintho.

**JARDIM, Rubens Moraes** (Séc. 20). Administrador. Primeiro responsável pela agência do Telégrafo Nacional em Piracicaba, a partir da sua criação, a 25.3.1923. A criação e instalação da agência resultaram dos empenhos de Prudente José de Moraes Barros Filho.

**JARDIM, José Leny**. N. São Joaquim da Barra, SP, 3.11.1929. F. 22.6.1979. Médico. C.c. Maria Lays Pousa Jardim. Ff.: Virgílio, Beatriz. Aluno

dos cursos primário e secundário em Ribeirão Preto, SP, formou-se em medicina pela Escola Paulista de Medicina em São Paulo, SP, em 1954. Optou pela especialização em neuropsiquiatria, atuando inicialmente no Departamento de Neurologia e Eletroencefalografia, dirigido por Paulino Longo e Paulo Pinto Pupo. Após a conclusão das obras do Pavilhão Catarina Ometto na Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, aceitou o convite desta para dirigir a clínica psiquiátrica, inaugurada a 3.6.1956. “Jovem, entusiasta, inteligente, viveu desde então para os seus doentes. Sua presença tranqüila, a segurança de suas palavras, a moderação, o espírito compreensivo e humano, o carinho, a solicitude com que se dirigia aos doentes, infundiam-lhes confiança e esperança de cura” (Cambiaghi, 1982). Foi-lhe concedido postumamente o título de Honra ao Mérito pela Associação Paulista de Medicina, seção de Piracicaba, a que pertenceu, tendo participado da diretoria desta (1959-60, 1967-68, 1971-72, 1978-79). A sogra de Jardim, Odúlia Franco Pousa, f. em São José do Rio Preto e era esposa de Antônio Pousa Godinho.

**JARDIM, Walter Ramos**. N. Pedregulho, SP, 6.4.1912. Professor da ESALQ de 1937 a 1965, dirigiu a instituição no primeiro semestre de 1957. Formou-se como engenheiro agrônomo pela mesma escola em 1935 e obteve o título de livre-docente por concurso público, em 1939, da 14ª cadeira (Zootecnia geral e elementos



## JORGE, Aurélio F.

de genética animal, exterior e raças de animais domésticos, avicultura e cunicultura). Em 1949 passou a ocupar, por concurso, pela primeira vez, a 5ª cadeira (Zootecnia especial, bromatologia animal, laticínios e noções de higiene veterinária). Em 1942 tornou-se inspetor da Diretoria do Ensino Agrícola do Estado de São Paulo e foi diretor geral da Produção Animal desde 1947. Pertenceu a diversas sociedades científicas e contribuiu para a literatura especializada com numerosas publicações, entre as quais o livro *Exterior e julgamento dos equídeos e Manual do criador de caprinos*. Na década de 60 fez parte do Departamento Municipal de Cultura de Piracicaba e de 1974 a 1975 presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. No Jardim Nova Iguaçú há uma rua com seu nome, nas proximidades da Rodovia do Açúcar (SP-308).

**JORGE, Aurélio F.** (Séc. 20). Comerciante. Juntamente com seu irmão, foram proprietários da “Leiteria Brasileira”, tradicional casa de lanches, refeições e bebidas na praça José Bonifácio, por volta dos anos 30. Um anúncio em Neme (1936) refere-se a ela como “a melhor casa do ramo”, em Piracicaba.

**JORGE, Norman Kerr.** N. Santos, SP, 19... F. Santos, SP, 1977. Professor, administrador. Dirigiu o Colégio Piracicabano durante cerca de quatro anos, de fins de 1958 a janeiro de 1963. Neto materno de norte-americanos e filho de pai português, modesto chefe de tráfego da Cia. City, junto ao porto de Santos, SP, passou a infância no bairro santista de Campo Grande. Seu pai era presbítero da Igreja Congregacional, tendo dirigido comunidade que deixou para vincular-se à Igreja Metodista. Foi aprovado em concurso público para a cadeira de geografia em Presidente Prudente, SP, e transferiu-se mais tarde para Capivari, SP. Em 1954 passou a lecionar sociologia, geografia e educação social e cívica no Colégio Piracicabano. Elias (2001) menciona depoimento de um dos seus antigos alunos, Walter De Francisco, que lecionou no

Colégio à época em que Norman foi diretor: “portador de uma inteligência rara, um excelente professor, sociável, com boas relações com a cidade, freqüentemente convidado a realizar palestras”. Após deixar a direção do Colégio Piracicabano, Jorge retomou suas atividades docentes e regressou a Santos, sua terra natal, onde faleceu.

**JOSÉ NETTO, Jamil.** N. Porto Feliz, SP, 1933. F. Piracicaba, 8.6.2005. C.c. Conceição Waldira Brasil Vieira José. Radialista e jornalista; fundador da rádio FM Municipal (posteriormente, rádio Educativa FM). Tinha 18 anos de idade quando estreou no rádio em sua cidade natal. Trabalhou depois em emissoras radiofônicas de Guaratinguetá, SP, e Aparecida do Norte, SP. Passou a viver e trabalhar em Piracicaba em 1964, destacando-se como locutor esportivo, em três emissoras locais: Difusora, Educadora e Alvorada. Nesta última, trabalhou igualmente na área jornalística. Entusiasmado pelo esporte, notadamente pelo basquetebol, fez parte da diretoria do E. C. XV de Novembro em diversas ocasiões, nos anos 60 e 70, e empenhou-se pelo basquete feminino na década de 80. Secretário de comunicações do prefeito Adilson Benedito Maluf de 1983 a 1989, colaborou igualmente com este nos anos 90, quando Maluf elegeu-se deputado federal. Foi diretor de comunicação da Câmara Municipal. Presidiu uma importante escola carnavalesca, a Ekyperalta (1976-77). Sua derradeira atividade foi de mestre de cerimônia da prefeitura de São Pedro, SP, de 2001 a 2003, tendo igualmente colaborado nessa condição em inúmeros eventos e festividades em Piracicaba, nos seus derradeiros anos de vida. Personalidade forte, apaixonado por esportes, carnaval e política, “era uma pessoa decidida, rígido em seus princípios, mas de amizade a toda prova”, segundo Adilson Maluf (*Jornal de Piracicaba*, 9.6.2005).

**JOUSSEF (YOUSSEF), Aref.** N. 1916. F. Piracicaba, 16.12.2006. C.c. Antonieta Miguel

Joussef. Ff.: Luiz Roberto, Antônio Carlos, Carlos Alberto e Sandra Elizabeth. Comerciante, filho de Assad Youssef e Karine Assaf Youssef. Seu sepultamento ocorreu em Rio das Pedras, SP.

**JUSTOLIN, Ângelo.** N. Itália (Gorizia, comuna de Cervignano del Friuli?). F. séc. 20. C.c. Regina Cargnelluti. Agricultor. O casal veio ao Brasil no início do século 20. Vieram depois outros membros da família, em 1920, fixando-se em Rio das Pedras e em Piracicaba (Chicó): Luigi e Eleonora Visintin, Pedro e Ângela Canesin, Remígio e Luiza Zandoná, Egídio e Maria Furlan, juntamente com seu pai, Valentín, viúvo de Madalena Bidut. Deles descendia Ana Remigia Justolin Galante, ainda viva em fins de 1997 com 94 anos de idade. Segundo o *Jornal de Piracicaba* de 14.12.1997, o sobrenome Justolin quase desapareceu, em virtude do predomínio de mulheres na segunda geração. Em fins do século 20 foram localizados 254 descendentes dos Justolin, cujos antepassados vieram ao Brasil não como imigrantes para trabalhar como colonos, mas por conta própria. Na última geração existente em 1997, de acordo com a mesma fonte, somente seis descendentes mantinham o sobrenome da família.

**KANTOWITZ, Frederico (Fred)** (Séc. 20). Musicista. Fez parte do conjunto musical piracicabano Megassons, inspirado nos Beatles, que nos anos 60 se apresentava em shows, festas, bailes e na PRD (Rádio Difusora). Fred foi o baterista do grupo, que contava com Célio Augusto Rolim na guitarra base, Rui Roberto Ramos na guitarra solo, Benito nos teclados, Rosivaldo Negreti (Magrão) na guitarra, que ocupou o lugar anteriormente pertencente a Novembrino Capistrano da Costa, o Dico, e José Maria Paes da Silva (Japão), vocalista, n. 1945. A eles se juntava, em noites especiais, o vocalista Walter Ferreira. Júlio e Polé, então estudantes da ESALQ, colaboravam como compositores. Usavam indumentária e cabelos no estilo dos Beatles. O conjunto nasceu no antigo “snooker”-bar Bola Sete, em um encontro entre Japão, Magrão e Célio Rolim, de que igualmente participaram três jovens que já se apresentavam em público, Kantowitz, Dico e Rui Ramos. Tornaram-se os músicos da casa noturna Jequibau, de Pedro Fúlvio Morganti, recém-inaugurada ao lado do Clube 13 de Maio, apresentando-se de quinta-feira a domingo, e ganharam maior projeção quando fizeram aberturas de shows de grandes nomes da música popular como Juca Chaves, Wilson Simonal e Chico Buarque. Passaram depois a atuar no Jardim da Cerveja, fizeram apresentações na televisão (Excelsior, Record) e participaram com êxito das comemorações do Bicentenário de Piracicaba. Fred e Walter faleceram. Magrão

aposentou-se como bancário. Benito (n. 1945) tornou-se gerente no comércio local e Rui passou a ser professor universitário em Vitória (ES). Além de se apresentarem em Piracicaba nos clubes Cristóvão Colombo e Coronel Barbosa e na Sociedade Italiana de Mútuos Socorro, os Megassons deixaram saudade com seus shows em cidades como Americana, Rio Claro, Limeira e Campinas (R. Alves, *Jornal de Piracicaba*, 5.8.2007)

**KAUÁSS, Abdala Al-** (Séc. 19). Comerciante. Seu nome faz parte da relação dos fundadores da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. Pertenceu à primeira diretoria da entidade em 1902, no cargo de procurador. Foram seus companheiros de fundação da sociedade os seguintes: Abraão Issa (Ibrahim Al-Issa), Abraão Haiek (Ibrahim Al-Ayek), Darviche Simão Arrábe (Darwich Semaan Al-Karrab), David Waked (Daoud Uaked), Dumit Neme, Elias Issa, Elias Neme, Elias Simão (Elias Semaan), Feres (Fares) Abdala Rahal, Gabriel Abraão Rezk (Jubran Ibrahim Rizk), Gabriel Simão Arrabe (Jubran Semaan Al-Karrab), Issa Dib, Issa Mokdossi (Issa Al-Makdessi), José Bichara Suleiman (Youssef Bechara Suleiman), José Dagli (Youssef Al-Daghli), José (Youssef) Elias Zina, José (Youssef) Maluf, José Tanus Queiroz (Youssef Tannous Queiroz), Laiun Sarruge (Leon Al-Sarry), Luiz Abraão Rezk, Manoel Elias Zina (Mansur Elias Zina), Mansur Elias Cury (Al-Khoury), Mansur Yassuf (José)

Mansur Al-Bannouf, Miguel (Mikhail) Kraide, Miguel Simão (Mikhail Semaan), Naum Rizk, Numan Ibrahim (Noman Ibrahim Zaidan Chadad), Saad Nabhan (Assad Nabhan), Salim Achi, Salim Miguel (Mikhail) Zaidan, Suleiman Acle (Al-Akl), Suleiman Sarruje (Al-Sarruj), Tansi Nicolau (Tansa Nicola), Tanus (Tannous) Bachir, Wardan Ibrahim Cury (Wardan Ibrahim Al-Khoury), Zaccur Ezz (Zokhour Al-Ez), Zaidan Chadad. Os nomes citados e suas variantes entre parênteses acham-se registrados em Salum (2003) às pp. 32 (ata da 2ª reunião da sociedade) e 35 (quadro dos fundadores em 1902). Vários sócios fundadores foram presidentes da Sociedade: Manoel Elias Zina, em 1902; Mansur Cury, 1904; Assad Nabhan, 1905; José Tanus Queiroz, 1906 e 1909; Gabriel Abrão Rizk, 1907-8, 1911, 1913-14, 1917, 1919-20; Mansur José, 1910; Elias Neme, 1916, 1918, 1921-22 (Salum, 2003).

**KELLER, Antônio** (Séc. 20). Vereador. Presidiu o Partido da Representação Popular (integralista) em Piracicaba, em meados dos anos 50, e fez parte da Câmara Municipal de 1952 a 1955, 1956 a 1959 e de 1964 a 1967. Há uma praça Antônio Keller em Monte Alegre.

**KENNEDY, James L.** (Séc. 19-20). Reverendo, escritor. Pastor da Igreja Metodista de Piracicaba, trabalhou anteriormente no Rio de Janeiro com o missionário metodista John James Ranson (v.), que veio ao Brasil pela primeira vez em 1876. Os missionários Ranson, Kennedy e James William Koger (v., com a esposa e filho) foram companheiros de viagem de miss Martha Watts (v.) em 1881, em navio que saiu de Nova York e aportou no Rio de Janeiro a 16.5. Dirigiram-se dois dias depois a São Paulo e no dia 19 chegaram em Piracicaba, onde miss Watts passou a se empenhar na criação do Colégio Piracicabano. James Kennedy é o autor de “50 anos de Methodismo no Brasil”, publicado em 1928 pela Imprensa Metodista de São Paulo e criou e liderou em Piracicaba no séc. 19 a

Superintendência Distrital da Igreja Metodista do Brasil, sendo aqui realizados diversas vezes os concílios da Região do Centro da Igreja (Elias, 2001; Krähenbühl, 1955).

**KIEHL, Eduardo.** N. Campinas, SP, 5.10.1874. F. Piracicaba, 3.11.1954. C.c. Euthália Kiehl. Cinco filhos, entre os quais o engenheiro agrônomo, escritor e professor da ESALQ, Edmar José Kiehl. Formado em 1899 na primeira turma da Escola Politécnica de São Paulo, que passou depois a integrar a Universidade de São Paulo, foi companheiro de Euclides da Cunha, engenheiro e notável escritor, na construção de ponte sobre o Rio Pardo, em São José do Rio Pardo. Tem seu nome ligado a numerosas obras que concebeu e levou avante em Piracicaba, nas primeiras décadas do século 20, entre as quais várias edificações, a colônia de trabalhadores e estábulos na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz; o edifício da Escola Normal Sud Mennucci, a reforma da ponte sobre o rio Piracicaba; a igreja de São Benedito, por ele concluída em 1918 e restaurada em 1978; e em colaboração com José Rodrigues de Almeida (v.), a construção das câmaras de cimento para tratamento de detritos e sua transformação em adubo e a melhoria do sistema de tratamento de água da cidade. Presidiu o Clube de Regatas Piracicaba e foi mestre e inspirador de diversos empreiteiros locais. Uma rua tem seu nome, no Jardim Glória, junto à avenida Raposo Tavares.

**KLOSTERMAN, Lisel** (Séc. 20). N. Alemanha. Professora e dançarina de balé. Residia na capital paulista por volta de 1943-44, quando várias senhoras da sociedade (Aneliese Brieger, Lívica Meireles, Wanda Carneiro, Carmo Portela) se uniram e a convidaram para ministrar o primeiro curso de balé à juventude de Piracicaba. As aulas eram dadas no local hoje ocupado pelo Museu Prudente de Moraes. A prof<sup>a</sup> Maria Dirce de Almeida Camargo (v.) atuava como pianista e consultora musical e Celisa Barbosa de Oliveira encarregava-se de traduzir a mestra, que falava

## **KNECHT, Theodoro**

em alemão e inglês. (Cidinha Mahle, *Jornal de Piracicaba*, 5.12.1990).

**KNECHT, Theodoro** (Séc. 19-20). Professor. É mencionado no livro comemorativo dos 75 anos da ESALQ, como professor doutor catedrático da escola no ano de 1935, na 18ª Cadeira (Geologia e Mineralogia).

**KOGER, James William, reverendo** (Séc. 19). C.c. Frances Smith Koger. Um filho. Organizador e primeiro pastor da Igreja Metodista de Piracicaba. Veio à cidade na companhia de Miss Martha Watts (v.) e do reverendo James L. Kennedy (v.), em 1881. Instalou a igreja, a terceira do Brasil, a 11.9 desse ano, com a participação de sua esposa, miss Watts, William Godfre e membros da antiga igreja metodista que funcionou em Santa Bárbara, Thomas Dixon Smith, a esposa Elizabeth e a filha Laura Adele. Teriam igualmente participado da instalação E. Fulton Smith, miss Mary Phillips Newman e Leonora Dixon Smith. A atuação de Koger em Piracicaba estendeu-se de 19.5.1881 a 1.11.1883, sendo substituído pelo reverendo John James Ramson (1.11.1883 a 19.1.1884). Koger voltou a liderar a igreja piracicabana de 1.4.1884 a 28.1.1886 (*Jornal de Piracicaba*, 12.9.1971). No período que vai de 1884 até o início do século 20, a Igreja Metodista teve os seguintes pastores: 19.1.1884 a 1.4.1884 (e posteriormente, de 19.7.1889 a 17.12.1889 e de 10.8.1917 a 10.9.1919), James L. Kennedy; 1.4.1884 a 28.1.1886, James William Koger; de 28.1.1886 a 31.7.1888, John William Tarboux; 31.7.1888 a 10.8.1888, James W. Wolling; 10.8.1888 a 19.7.1889 e novamente de 19.7.1889 a 30.7.1894, Michel Dickie, que retornou ao posto de 4.8.1904 a 30.8.1908; de 30.7.1894 a 30.7.1896, James Hamilton; de 6.8.1896 a 19.8.1898, Guilherme José Rodrigues da Costa; de 20.8.1898 a 3.8.1903, John Lee Bruce; e E. B. Crocks, de 4.8.1903 a 4.8.1904. Vieram a seguir: Michel Dickie, 4.8.1904 a 30.8.1908;

Antônio Souza Pinto, 10.2.1909 a 26.3.1910; José da Costa Reis, 4.8.1910 a 14.8.1913; e Jorge Luiz Becker, 14.8.1913 a 10.8.1917 e 2.12.1930 a 14.1.1935.

**KOHLEISEN, Júlia Tekla** (Séc. 20). Locutora de rádio. Fez parte do grupo de locutores com que contou a PRD-6, Rádio Clube de Piracicaba (posteriormente Rádio Difusora), nos seus primeiros tempos. Atuou como locutora desde 1943. Foi a primeira mulher contratada pela emissora e a primeira locutora feminina do rádio piracicabano. Seu pai, Max Kohleisen, foi um dos mentores da União Espírita de Piracicaba. Segundo W. R. Accorsi (*Jornal de Piracicaba*, 15.1.1992), “era muito culto, tradutor juramentado, conhecendo muito bem o francês, o inglês e o alemão... um espírito muito rígido”.

**KOK, Holger Jensen** (Séc. 19-20). N. Dinamarca. Engenheiro, administrador. C.c. Corina Kok. Pai de Einar Alberto Kok, Secretário da Indústria e Comércio do Estado, no governo Montoro. Diretor-gerente do Engenho Central, propriedade da “Société de Sucreries Brésiliennes” com sede em Paris, construiu, juntamente com o empreiteiro Paulo Elias Pecorari (v.), o prédio do Externato São José, posteriormente ocupado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia, e o do Grupo Escolar de Vila Rezende, inaugurado em 1925, antigamente denominada Escola Dr. Kok, a primeira escola primária de Vila Rezende, por ele fundada. Em 2003 a escola passou a ser o Colégio Cidade de Piracicaba, do Sistema Anglo de Ensino. Defronte da Igreja de Vila Rezende, havia um parque fechado, de propriedade da família Kok. Foi presidente de honra da Associação Atlético Sucrierie (futuro Clube Atlético Piracicabano) desde a sua fundação (12.2.1914), que passou a alugar para seus treinos o terreno que Kok possuía, até então utilizado para pastagem e corridas de cavalos. Após seu falecimento, a viúva vendeu em 1941

a praça esportiva ocupada pelo Clube Atlético Piracicabano a este último. Em homenagem ao dr. Kok, foi dado o seu nome ao estádio. Há uma avenida Dr. Kok na Vila Rezende. Einar, seu filho, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1937.

**KOPER, Siegssried Bernard** (Séc. 19-20). C.c. Johanna Koper, n. 1921 e f. 23.8.2007, filha de Johann e Maria Hanzlik. Ff.: Siegssried Bernard Koper Filho e Berta Mary Ingeborg Guastalli. O casal Koper era provavelmente de origem alemã e se fixou em Piracicaba, onde devem ter nascido seus filhos.

**KRÄHENBÜHL, Frederico (Friedrich).** Comerciante, empresário. N. Berna, Suíça, 1850. F. Piracicaba, 1926. C.c. Catarina Ritter Krähenbühl. F. de Pedro Krähenbühl (v.) e Margarida Zur Fluh Krähenbühl. Veio ao Brasil com os pais e seu irmão João (Johann), n. a 30.12.1851 em Rued, Suíça. A família desembarcou em Santos em 1854 (1862?), com destino a Piracicaba. Com a morte do pai, ocorrida em 1887, João e Frederico passaram a ser os proprietários da oficina, fábrica e casa de ferragens dos Krähenbühl. Os filhos imprimiram grande impulso aos negócios, expandindo a firma a ponto desta ocupar dois quarteirões inteiros, com frente para a rua do Comércio, nº 12 (atual Governador Pedro de Toledo) e para a rua Benjamin Constant. Instalaram, além disso, uma filial da fábrica e uma casa comercial em São Carlos do Pinhal, SP, tendo como proprietários Krähenbühl, Irmãos & Camargo (Manoel de Arruda Camargo, seu genro, v.). Mais tarde, a firma voltou a ser apenas de Krähenbühl e Irmão. Um anúncio publicado na passagem do século (Camargo, 1900) mencionava a “Fábrica a vapor de carros, trollys e carroças fundada em 1870”, acrescentando: “Constroem-se carruagens fortes, leves e elegantes, para luxo, comércio, lavoura e indústria. Também reformam-se quaisquer veículos. Materiais escolhidos.

Operários habilíssimos, em número de 40. Especialidade em eixos de graxa, patent e meio patent, importados pela casa João Krähenbühl & Irmão, Piracicaba. Fornecedores de todo o oeste do Estado”. Mais adiante, a mesma publicação inseria outros anúncios de João Krähenbühl & Irmão, a respeito da “Serraria e carpintaria a vapor”, fábrica de fogões, fabricação de arados, oficina mecânica (fundição de bronze, ferraria, serraria, depósito de ferros, fabricação de moinhos para fubá e correias, comissão e importação de maquinismos para a lavoura e a indústria e matéria prima para diversas indústrias). Os Krähenbühl fabricavam veículos de tração animal, como troles, charretes, carroças, carroções, jardineiras (ônibus de tração animal) e até carros fúnebres, que doavam à Prefeitura e à Santa Casa. Produtos totalmente brasileiros, passaram até a ter eixos de aço fundidos, temperados e torneados pelos Krähenbühl, em substituição aos eixos anteriormente importados da Alemanha. Instalou-se, assim, um grande complexo industrial, com serraria, estufa para maturação de madeira, grande oficina mecânica com dezenas de tornos mecânicos, ferraria, fundição de ferro e bronze, carpintaria, marcenaria, pintura. Como era praticamente o único estabelecimento deste gênero na região, atendia não só à clientela local como também a de municípios vizinhos. Os veículos que produziam passaram a ser vendidos por todo o Estado e também em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Tinham grande procura as suas carroças e carroções, seus carros de praça com lanternas de carbureto e suas jardineiras. Além disso, juntamente com os irmãos Jorge e Melchior, que a eles se associaram na organização, atuaram como uma verdadeira escola de artes e ofícios, precursora das escolas Senai, preparando numerosos trabalhadores especializados, como Wenceslau Scudeller, dos irmãos Scudeller (v.); José Barbosa, das Oficinas Barbosa; Alípio Diehl; Joseph Stockman; João Eudóximo da Silva (v.) e muitos outros. Em 1913, Frederico

adquiriu a parte do irmão João, ficando, assim, sozinho à frente da empresa. João instalou nova e grande serraria, marcenaria e carpintaria na cidade, enquanto Frederico permaneceu na produção de veículos, conquistando medalhas de ouro em exposições na Europa (Roma, Turim e outras cidades) e na Exposição do Rio de Janeiro. O governo brasileiro concedeu-lhe o título de engenheiro, honraria de que muito se orgulhava. O primeiro ônibus (a tração animal) da ESALQ foi produzido por Frederico em 1908, para transporte dos estudantes da escola. Deixou aos herdeiros, ao falecer, sua empresa ainda em ascensão. Seus genros André Ferraz Sampaio (v.) e João Teixeira Mendes assumiram o controle da firma, mas se separam após alguns anos. André ficou com a parte mecânica e João passou a administrar a serraria e a carpintaria. Em 1940, André vendeu a mecânica às Indústrias Dedini, ficando apenas com a loja de ferragens, a Casa Krähenbühl. Após seu falecimento, a esposa transferiu a propriedade ao filho, Lineu Krähenbühl Ferraz (v.), e aos genros José Francisco de Freitas e Spencer Correa de Arruda. Estes, por sua vez, a transferiram a Lineu Krähenbühl Ferraz (v.) (*O Estado de São Paulo*, 3.5.1970; *Jornal de Piracicaba*, 2.4.2000). Localizam-se no bairro Jaraguá a rua Frederico Krähenbühl e no Jardim Algodoal a rua João Krähenbühl.

**KRÄHENBÜHL, Pedro (Peter).** N. Suíça, 25.2.1824. F. Piracicaba, 23.2.1887. C.c. Bárbara Margarida Zurflüh Krähenbühl (n. 23.2.1820, f. Piracicaba, 10.8.1904). Ff.: Frederico (v.) e João, ambos nascidos na Suíça, e Melchior, Jorge, Margarida, Bárbara, Maria e Ana, n. em Piracicaba. Imigrou para o Brasil em 1862 (ou 1854, segundo outra fonte), juntamente com a esposa, dois filhos e seus irmãos Samuel, Nicolau e Christian. Permaneceu na Suíça, sua terra natal, apenas o irmão mais novo, Ulrich. Os Krähenbühl fixaram-se inicialmente em uma fazenda de café na região de Piracicaba. Samuel e Nicolau, após alguns anos, mudaram-se para

Campinas e fundaram a Vila Nova Friburgo (1879), perto de Monte Mor. Pedro e Christian permaneceram em Piracicaba e deram início à empresa que ganhou o nome da família. Enquanto Samuel e Nicolau se mantiveram no Brasil como protestantes, religião tradicional dos Krähenbühl, Pedro e Christian conver-teram-se ao catolicismo. Uma pesquisa feita por um dos seus descendentes revelou que o mais antigo antepassado localizado da família, Conrad, era agricultor em 1549, na província de Signau, no Cantão de Berna. Pedro fundou em 1870 em Piracicaba a oficina e casa de ferragens que foram ponto de partida para a consolidação e expansão do grupo Krähenbühl, ajudado pelos filhos mais velhos. “Ao falecer, Pedro Krähenbühl já era considerado um pioneiro da industrialização do Estado. A sua oficina já não era, com efeito, apenas uma oficina, mas uma fábrica” (*O Estado de S. Paulo*, 3.5.1970). Elias Netto (2003) apóia-se em artigo publicado no jornal *Diário de São Paulo* para afirmar que as oficinas Krähenbühl “foram a primeira oficina metalúrgica de São Paulo”.

**KRÄHENBÜHL (Neto), Pedro.** N. Piracicaba. 14.9.1887 (1888?). F. Piracicaba, 16.6.1967. Neto do primeiro Krähenbühl que veio da Suíça para Piracicaba, era filho de João e Bertha Müller Krähenbühl. C.c. Adelaide de Almeida Morato, sobrinha de Francisco Morato (v.). Fez seu curso primário em Piracicaba e prosseguiu nos estudos no Colégio Granbery de Juiz de Fora, MG. Em 1914 diplomou-se pela Faculdade de Direito da capital paulista. Jornalista precoce, colaborou na mocidade em jornais e revistas estudantis. Desde 1907 passou a publicar artigos no *Jornal de Piracicaba*, usando o pseudônimo de Hélio Florival. Dirigiu em São Paulo *O Caráter*, órgão da Associação Cristã de Moços, e fez parte do quadro de redatores efetivos da revista *A Rosa*, de João Guglielmo Neto. Destacou-se na imprensa como cronista, poeta e charadista, tendo publicado um *Dicionário de charadas*. Após formar-se em direito, regressou

a Piracicaba e passou a advogar. Juntamente com João Franco de Oliveira (v.), seu amigo, e Manoel Prates, compôs o trio que em 1912 se tornou proprietário do *Jornal de Piracicaba*. Krähenbühl passou a ser o redator-chefe, deixando de ser sócio e redator em agosto de 1929. No jornal contou com a colaboração de seu primo Pedro Crem Filho (v.) e manteve várias colunas, valendo-se de pseudônimos como Hélio Florival, Chico Feio, João da Rua e O Homem que Acha Tudo Ruim. “Era apreciadíssimo pelo cunho popular que sabia imprimir aos seus escritos... Fazia as delícias dos leitores e leitoras, com produções dialogadas (manejava o diálogo com uma facilidade incrível) e às vezes não eram só diálogos, mas verdadeiros colóquios em que intervinham muito mais de duas pessoas. Escolhia, para as suas interlocutoras, nomes de sabor arcaico... e dava um sabor jocoso à bisbilhotice das comadres” (*Jornal de Piracicaba*, 4.8.1990). A fonte citada refere-se à grande popularidade e bastante estima desfrutadas por Krähenbühl, “homem sem empáfia, sem orgulho e sem maldade. Vítima, como seu primo Pedro Crem Filho, das truculências de políticos situacionistas, por vezes invejosos da popularidade e do prestígio de que gozava, ambos foram presos e remetidos para São Paulo em infecta gôndola de transporte de gado por trem. Os piracicabanos o desa-gravaram, elegendo-o deputado pelo 8º distrito, com sede em Piracicaba. Representou Piracicaba em duas legislaturas na Câmara dos Deputados, sendo muito benquisto por seus pares (Pfromm Netto e Martins, 2003). Foi também vereador (1926-28, 1948-51) e presidente da Câmara Municipal de Piracicaba. Atuou como professor e diretor técnico (diretor acadêmico) da Faculdade de Direito de Piracicaba, criada em 1933. Pertenceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local, sendo admitido durante a provedoria (1915-20) de Oscarlino Dias (v.) e como 2º Secretário fez parte de sua diretoria, eleita em 1952, sob a presidência de Nelson Meirelles (v.).

**KRÄHENBÜHL, Pedro Morato.** N. Piracicaba, 1922. F. São Paulo, 21.7.1958. Poeta e funcionário público administrativo, filho de Pedro Krähenbühl (Neto) (v.). Fez os cursos primário e ginásial em Piracicaba, onde viveu até 1941. Ingressou na Faculdade de Farmácia da USP na capital paulista em 1942, mas abandonou o curso no seu primeiro ano. Ingressou a seguir na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, porém desistiu igualmente do curso. Tornou-se funcionário público do Instituto de Previdência e Assistência Social do Estado e permaneceu nesse posto até 1958, quando, tragicamente, pôs termo à própria vida, na capital paulista. Poeta inspirado, sensível e culto, colaborou em jornais piracicabanos e de outras cidades, assim como no *Suplemento Letras e Artes*, do Rio de Janeiro. O livro *Bagagem avoenga* tem poesias de sua autoria. No bairro Jaraguá há uma rua com seu nome, paralela à av. Dona Jane Conceição.

**KRÄHENBÜHL, Tácito Morato.** N. Piracicaba, séc. 20. F. Piracicaba, 26.10.1989. Oficial maior do Registro de Imóveis da 2ª Circunscrição de Piracicaba, que teve Pedro Krähenbühl (Neto) (v.) como oficial. Esportista renomado, um dos tradicionais campeões de remo no Clube de Regatas de Piracicaba, culto, sagaz e afável, fez parte da melhor intelectualidade piracicabana do século passado. Colaborou na imprensa local e esteve ligado a várias associações e entidades de caráter cultural e artístico, ao mesmo tempo que atuava no Cartório de Registro de Imóveis à rua Boa Morte, nº 1091.

**KRAIDE, Anuar.** N. 1924. F. Piracicaba, 15.11.1995. C.c. Teresinha Ferraz Canto Kraide. Ff: Luiz Marcos, Afonso Celso, Ana Beatriz. Comerciante, musicista, compositor. Pertencente a família tradicional de Piracicaba (Miguel Kraide foi um dos sócios fundadores da Sociedade Beneficente Sírio Libanese em 1902), foi proprietário da Casa de Móveis Kraide, à rua Moraes Barros. Os Kraide têm seu



sobrenome associado a outros estabelecimentos comerciais piracicabanos, como a loja Kraid Magazine, à rua Governador Pedro de Toledo; editora da revista “Mirante”; fábrica de Vassouras Kraid, à rua São José; A Nacional Magazine, de Nagib Kraid, à rua Moraes Barros (Salum, 2003). No meio artístico, Anuar Kraide destacou-se como autor inspirado de música popular, geralmente em parceria com Jorge Chaddad, sendo ambos os autores do hino “Salve o XV de Novembro” (1949), que o cantor piracicabano Pedro Alexandrino (v.) gravou em disco, na década de 1960. Fizeram duas outras músicas em homenagem ao clube “A garra é sua” (1980) e “Jubileu de ouro” (1985). Criaram igualmente uma composição evocativa dos sinos da Igreja do Bom Jesus. Anuar e Jorge Chaddad foram parceiros por mais de 45 anos e juntos compuseram cerca de duzentas músicas. Ao falecer, deixou filhos e netos esse “homem que viveu sua existência com altivez e dignidade, uma vida merecedora de aplausos e respeito”. Os que o conheceram e com ele conviveram evocam a “sua alegria de viver, sua espontaneidade, seu otimismo” (*Gazeta de Piracicaba*, 17.11.2005). O nome de Anuar Kraide, e assim também os de Abud J. Kraide, Antônio Kraide, Fuad Hellu Kraide e Raul Kraide, figuram na relação dos associados homenageados “In memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba (Salum, op. cit.). Miguel (Mikhail) Kraide foi um dos sócios fundadores da entidade em 1902. A fonte aqui citada, em “relação de estabelecimentos comerciais piracicabanos do passado e do presente, dirigidos por arabes radicados em Piracicaba”, inclui a loja Kraid Magazine, à rua Governador Pedro de Toledo, dos irmãos Kraid; a revista “Mirante”, a que está ligado o nome de Fuad Helu Kraid; a firma Móveis Kraid, de Anuar Kraid, à rua Moraes Barros; a Fábrica de Vassouras Kraid, à rua São José; e A Nacional Magazine, de Najib Kraid, à rua Moraes Barros.

**KRAIDE, Miguel** (Séc. 20). C.c. Mariana

Kraide. Ff.: Fued, Raul, Nagib, Aparecida, Nair, Diva, Ivone, Salim. Patriarca de família numerosa, de origem sírio-libanesa, começou como mascate em Piracicaba. “Em lombo de burro, em cima de carroça ou jardineira, sempre carregando um baú cheio de armarinho... Era o mascate” (L. Mattiazo, *Jornal de Piracicaba*, 1.10.1991). Seus filhos se projetaram na indústria, no comércio, no esporte e na vida cultural da cidade. Miguel Kraide foi um dos fundadores da Sociedade Sírio-Libanesa de Piracicaba, quando assinava “Mikhail Kraide”, tal como figura nas atas da entidade nascente. Ahdu Kraide consta como vogal da diretoria do jubileu de prata da sociedade, em 1927 (Salum, 2003). Raul Helou Kraide, f. 19.10.1996, foi “um gigante em vendas... simples como os bons podem ser... corajoso” (L. Mattiazo, op. cit.). Foi industrial, comerciante, tenista e figura destacada da sociedade piracicabana do século 20. Fued Helou Kraide, n. 1915 e f. Piracicaba em 1999, foi um dos fundadores do Lions Clube local (1955). Destacou-se nos meios empresarial e comercial e também no esportivo: foi dirigente do E. C. XV de Novembro e do Velo Clube de Rio Claro. “Uma figura humana sensacional e cativante. Gostava de cultivar amizade, desfrutou a vida como ninguém, sentia saudade dos bons tempos, adorava contar histórias do passado em roda de amigos” (A. P. Silva e T. Icizuca, *Jornal de Piracicaba*, 22.8 e 8.12.1999). No bairro Santa Terezinha há uma rua Miguel Jorge Kraide.

**KRAMER, Família** (Séc. 20). Juntamente com as famílias Polacow, Mitelman, Krasilchik, Becker, Leiderman e outras, fundaram a primeira sinagoga israelita de Piracicaba, que funcionou durante mais de quarenta anos, de 1927 a 1970 (Rosenthal, 199...). Teria provavelmente pertencido à família Kramer o professor assistente da ESALQ Moysés Kramer, que se formou como engenheiro agrônomo na turma de 1932 e lecionou na escola de 1933 a 1935.

**KREYHIG, Lothar**. N. 1925. F. Piracicaba,

3.8.1987. Altruísta, estimado e dinâmico, dentre outras atividades dedicou-se ao escotismo, sendo chefe dos escoteiros em Piracicaba nos anos oitenta.

**KRUG, Carlos Arnaldo.** N. São Paulo, 25.10.1906. Formou-se em Piracicaba como engenheiro agrônomo em 1928. Foi diretor do Instituto Agrônomo de Campinas, destacando-se como cientista pelas suas contribuições à genética. Em 1960 a ESALQ concedeu-lhe o título de doutor honoris-causa.

**KRUG, George** (Séc. 19-20). Professor, engenheiro e arquiteto, f. de Guilherme Krug (v.). Formou-se em arquitetura nos EUA antes do fim do século 19 e de volta ao Brasil associou-se ao pai, cujo escritório foi responsável por obras de vulto, como a do hospital Samaritano, na capital paulista. Fez parte do quadro de professores do Instituto Mackenzie (Curso de Engenharia Civil) e da Escola Politécnica (incorporada mais tarde à USP) e colaborou profissionalmente no escritório de Ramos de Azevedo. Em Piracicaba George Krug incumbiu-se da edificação de um anexo para o Colégio Piracicabano entre 1907 e 1914, assim como a reforma da fachada do seu edifício principal. O anexo, restaurado, foi reinaugurado como Centro Cultural Marta Watts em 2003. Um membro da família Krug, Helmut Paulo Krug, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1933. Francisco José Krug tornou-se engenheiro agrônomo pela mesma escola em 1972 e concluiu seu mestrado igualmente pela ESALQ em 1975. V. Krug, Carlos Arnaldo.

**KRUG, Guilherme (Wilhelm).** N. Cassel, Alemanha, 1832 (ou 1834). Arquiteto. Neto de marceneiro e filho de um fabricante de mosaicos de madeira, formou-se nos EUA pela Universidade do Estado da Pennsylvania e pertenceu a uma das primeiras famílias alemãs que se fixaram em Campinas, SP, sendo responsável pelos projetos do Colégio Culto à Ciência (1873) e do Colégio Internacional

(1874) nessa cidade. Em Piracicaba, incumbiu-se em 1879 da edificação do segundo edifício da Câmara Municipal e da Cadeia. Na capital paulista, fez as plantas dos primeiros edifícios da Escola Mackenzie. Contou com a colaboração do filho, George Krug (v.), em seu escritório paulistano. A pintora Anita Malfatti foi sua neta.

**KUPFER, Otto Rodolpho** (Séc. 19). Médico. A Câmara Municipal de Constituição aprovou-o para exercer a profissão de médico na cidade, a 6.10.1856. Anteriormente, ofereceu seus serviços à Santa Casa local, gratuitamente, tendo o provedor e fundador desta agradecido e elogiado a sua atuação profissional. Von Tschudi, ministro suíço, no relatório (1880) da viagem que fez à América do Sul, conta que esteve em Constituição e foi hospedado na casa do médico alemão. Por volta de 1888, Kupfer morava em Campinas, SP e a 2.5 desse mesmo ano esteve em Constituição, a chamado de antigos clientes (Cambiaghi, 1984).

**KUPPER, Hermann** (Séc. 19). Médico. Um dos primeiros médicos que se fixaram em Piracicaba (Vila Nova da Constituição). Informa Cambiaghi (1984) que seu nome figura juntamente com o do dr. Hermann Melchert (v.) no inventário de Manoel Bento de Moraes, datado de 1853, sendo estes os primeiros nomes alemães que apareceram em documentos oficiais piracicabanos.

**LABATE, Nicola** (Séc. 19). Comerciante e fabricante. Proprietário da Casa Labate, à rua Governador Pedro de Toledo n° 125, registrada no comércio piracicabano em 1.10.1912 sob n° 1.148 (sócio n° 136), com capital de 11:500\$000. O “Diário de Piracicaba” em 1942 (cit. por Guidotti, 2002) refere-se à Casa Labate como loja de “caprichosas confecções próprias, de modernos calçados para homens, senhoras, e crianças”, com “as últimas novidades da Capital, em sapatinhos para crianças e bebês”.

**LACAZ, Rogério da Silva** (Séc. 19-20). C.c. Judith Limongi Lacaz. Professor. Pertencia a família estabelecida na cidade de Guaratinguetá, SP. Formou-se em 1902 pela Escola Normal Secundária (posteriormente Instituto de Educação Caetano de Campos) da Praça da República, na capital paulista. Veio a Piracicaba para assumir a direção da Escola Complementar (futura Sud Mennucci), em substituição do primeiro diretor desta, Antônio Alves Aranha (v.). Durante a sua permanência em Piracicaba, residiu no Hotel Central de João Batista de Castro (v.). Iglesias (2003), após registrar referências um tanto amargas sobre o então jovem diretor, observa, no entanto, que Lacaz “fez carreira louvável na Instrução Pública Paulista”.

**LACCHINI, Luigi** (Séc. 19-20). Artista plástico italiano. Seu nome aparece em 1902 nas listas do Livro Protocolo e Livro Caixa

dos associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba (Alleoni, 2003). Criou em Piracicaba uma escola de desenho e geometria, instalando-a em sobrado ao lado da igreja Matriz (depois Catedral) de Santo Antônio, no centro da cidade, prédio que posteriormente passou a ser ocupado pela Empresa Elétrica. São de sua autoria os cinco painéis pintados internos do saguão e do salão nobre da Escola Complementar – a futura Sud Mennucci -, cujas obras se estenderam de 1913 a 1917. Uma reforma infeliz cobriu de tinta as pinturas de Lacchini, que foram restauradas nos anos oitenta, graças à iniciativa da Associação de Ex-Alunos, Ex-Professores e Amigos da Escola Sud Mennucci, liderada por seu presidente, Jairo Ribeiro de Mattos. (Krähenbühl, 1955; Pfromm Netto e Martins, 2003; J. R. Mattos, *Jornal de Piracicaba*, 14.9.1985).

**LACERDA, Edmundo** (Séc. 19-20). Advogado, professor. Atuou como lente da Faculdade de Direito Moraes Barros, fundada em Piracicaba a 24.2.1933, que teve Acácio Leite do Canto Júnior como presidente e Dario Brasil como vice-presidente (vv). A escola começou a funcionar a 3 de abril do mesmo ano (Neme, 1936).

**LACERDA, Raul Pandiá** (Séc. 20). Funcionário administrativo e musicólogo. C.c. Yara Bulhões de Carvalho Lacerda e irmão do fazendeiro Bento Lacerda. Foi funcionário da

Caixa Econômica de Piracicaba. Apreciador sensível, estudioso e culto da música erudita, teve nos anos quarenta uma das mais notáveis coleções de gravações da cidade, em discos de 78 rotações. Foi responsável pelas audições de música erudita realizadas semanalmente na antiga sede do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, na esquina da rua São José com a rua Governador Pedro de Toledo, abertas ao público em geral e sempre com apreciável número de ouvintes. Além disso, cedia habitualmente as gravações de sua propriedade para programas transmitidos pela PRD-6 aos domingos (programa “Discoteca”), em meados do século passado.

**LACORTE, Ary** (Séc. 20). Fotógrafo profissional e comerciante. Destacou-se como um dos principais e mais competentes artistas fotográficos da cidade em meados do séc. 20 (dos anos 40 aos 60). Manteve casa especializada no centro da cidade, a Foto Lacorte, à rua São José, nº 845. São de sua autoria as fotografias dos serviços públicos locais estampadas na publicação “Piracicaba”, editada por Marques em 1959.

**LAGO, Antônio de Pádua Jovita Correia do.** N. Piracicaba, 13.6.1887. F. Rio de Janeiro, por volta de 1948. C.c. Francisca Maria Vicência Croccia em 1910. F: Mário. Musicista, compositor e maestro, f. do músico José Jovita Correia do Lago e da professora Maria Jovita Correia do Lago, ambos piracicabanos, ganhou notoriedade como maestro de revistas musicais e compositor no Rio de Janeiro, desde os anos 20. Pai do famoso ator, compositor e escritor Mário Lago (1911-2002). A família Correia do Lago destacou-se na vida musical paulista desde o século 19. Apresentava-se em concertos como conjunto vocal e instrumental, composto de sete integrantes: Ambrosina, Emílio Eutiquiano, Francisca Luísa, Francisca Romoalda, José Jovita (pai de Antônio de Pádua), Manoel Prudêncio e Querubina Maria do Céu. Descendiam de

(ou eram aparentados com) Manuel Francisco Correia do Lago, falecido em Mogi-Mirim a 7.9.1863. Emílio foi compositor e professor de música em São Paulo em 1863, e em 1864 regeu a orquestra do Teatro São José, executando quadrilhas, valsas, aberturas de óperas. Os Lago passaram a morar em São Paulo por volta de 1864, abrindo um colégio para meninas, sob direção de Francisca Luísa do Lago Reis. Há registros de concertos realizados na capital paulista em 1870, de que participaram Emílio e José Jovita. São vagas as informações sobre os Correia do Lago em Piracicaba. Sabe-se apenas que aqui viveram José Jovita Correia do Lago e esposa e aqui nasceu seu filho Antônio de Pádua. Quando moço, Antônio estudou na recém-surgida Escola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, mas abandonou os estudos para se dedicar à música. Morou em Piracicaba até os 19 anos de idade, mudando-se para o Rio de Janeiro (1906), onde passou a viver e trabalhar, impondo-se como compositor e regente de orquestras que se apresentavam nos teatros cariocas, notadamente no gênero de revistas musicais. Compôs várias músicas de sucesso, como a marcha-rancho *Estrela do mar*, interpretada no palco em 1926 por Aracy Cortes; o samba *Não quero saber*, gravado por Francisco Alves em 1927; as canções *Estilização* e *Penso em ti*, gravadas por Roberto Vilmar em discos Odeon em 1927, assim como a modinha *O dia nasce*. Seu maior êxito musical foi, contudo a valsa *Deslumbramento*, popularizada em rádio-novela pela rádio Nacional do Rio de Janeiro por volta de 1946 e gravada em disco no mesmo ano por Francisco Alves (Rezende, 1954; Lago, 1976; Vasconcellos, 1985). Referindo-se ao pai, diz Mário Lago que este jamais abandonou o seu “erre enrolado do caipira paulista”, quando dizia quartinho ou boa-tarde. “Tinha a placidez bonachona dos gordos.” Acometido de surdez, esta quase o levou ao suicídio: “por três meses foi preciso arrancar-lhe o revólver da mão e durante muito tempo nunca o deixavam sair sozinho”. Antônio do Lago era o regente da

## LAGO, Manoel do

orquestra do teatro Recreio, na antiga Capital Federal, em 1924, quando se deu a estréia da revista musical *A la garçonne*, que serviu para projetar a atriz Margarida Max, que viria a ser a maior das vedetes do gênero, segundo Paiva (1991). Lago destacou-se igualmente como autor das músicas de revistas cariocas de sucesso, como *Zig-Zag* (1926), *Bric-à-Brac* (1926) e *Flores à cunha* (1934, com libreto de Mário Lago e Álvaro Pinto). Antônio Lago faleceu na Casa de Saúde Pedro Ernesto, na Praça da Cruz Vermelha, Rio de Janeiro, de derrame cerebral.

**LAGO, Manoel do** (Séc. 19-20). Pertenceu à tradicional família que se destacou na área musical (v. Antônio de Pádua Jovita Correia do Lago). Seu nome aparece no “Almanak de Piracicaba” de Camargo (1900) como proprietário do Grande Hotel do Lago, no Largo do Teatro (atual Praça José Bonifácio). No almanaque “Piracicaba” editado por Capri (1914), há um anúncio do Restaurante do Lago, mencionado como “a melhor casa de petisqueiras em Piracicaba. Asseio e modicidade no preço. Aceitam-se pensionistas internos. Direção de Manoel do Lago. Rua Moraes Barros, 161”. Lago foi vice-presidente da Sociedade Beneficente Grêmio Espanhol de Piracicaba, eleito por ocasião da sua fundação a 26.6.1898.

**LAGRECA, Francisco de Castro.** N. Piracicaba, 11.3.1883. F. Piracicaba, 1944. C.c. Luiza Capellari Lagreca. Advogado, poeta, jornalista, escritor de ficção, crítico, ensaísta. Tinha treze anos de idade quando fez um poema, “O Santo”, que encantou Brasília Machado de Oliveira (v.) e este encaminhou-o a Olavo Bilac com referências elogiosas. Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, diplomando-se em 1906, e publicou nesse mesmo ano o livro “Em defesa do Mestre”, em resposta aos ataques à obra de Eça de Queiroz. Ingressou no jornalismo, tornando-se secretário do “Diário da Manhã” (1909). Colaborou assiduamente em jornais e revistas, como o

“Jornal de Piracicaba”, “Diário de S. Paulo”, “A Manhã”, “Jornal do Comércio”, “A Cigarra” e “Vida Moderna”. De “cabelos afogueados e vozeirão tonitroante” (N. K. Costa), são de sua autoria os livros “Porque não me ufano do meu país” (1919); “Cidade do amor” (contos, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, 1922); “Apologia da arte moderna”, com prefácio de Antônio Ferro e capa do artista e professor piracicabano Octávio Prates Ferreira (v.), livro de ensaio publicado em 1923; “Alma nova”, verdadeira cartilha de cidadania responsável, obra premiada e recomendada pelo governo do Estado para uso nas escolas primárias, cuja terceira edição apareceu em 1925; “Figuras de proa”, “Casa da esquina”, “Exaltação” e “Musa humilde”. Em 1959, graças a um grupo de piracicabanos, entre os quais Fortunato Losso Netto, Leandro Guerrini, Pedro Krähenbühl (vv.), Lino Vitti, Archimedes Dutra (v.), responsável pela capa, e Lino Morganti (vv.), que forneceu o papel para o livro e cobriu os custos da sua impressão, foi editada em 1959 a obra póstuma “Poesias”, prefaciada por Losso Netto e impressa pela Editora Aloisi, com o apoio do Departamento Municipal de Cultura de Piracicaba. Por ocasião da criação do monumento aos soldados piracicabanos mortos na Revolução Constitucionalista em 1932, Lagreca venceu o concurso para a legenda em versos que foram gravados no monumento: “Este é o valor da terra estremecida, / É o poema, a glória piracicabana! / Pela Pátria a lutar, vida por vida, / tomaram com bravura soberana! / Dor e martírio de uma raça forte, / que é luz e ideal de um sentimento novo! / Sobre estas pedras não existe a morte, / porque não morre quem defende um povo!” Segundo Losso Netto, “Francisco Lagreca pode ser chamado de poeta de Piracicaba por excelência. Ninguém foi mais fiel, nem mais constante, em seu arrebatado amor pela cidade natal. Ninguém lhe descreveu as belezas naturais com maior paixão... Olhos postos em sua terra natal, desde os deslumbramentos da

infância, até os desenganos da velhice, vibrou sua lira privilegiada, transformando em Poesia autêntica a ‘cidade do amor’, a sua adorada terra piracicabana”. Há uma rua com seu nome, na Vila Independência.

**LAGRECA, José de Castro.** N. Piracicaba, 8.8.1884. F. 19... Jornalista, poeta, conferencista. Desde a juventude dedicou-se ao jornalismo. Trabalhou em diversos periódicos, como “Vida Santista”, “Diário do Brás” e outros. Foi redator de “A Tribuna Brasileira” (1908) e responsável, no mesmo ano, pelo suplemento literário da revista “A Paulistana”. Criou vários periódicos ilustrados, colaborou em jornais paulistas e do Rio de Janeiro e participou ativamente dos movimentos intelectuais de seu tempo. Foi membro da Academia de Ciências e Letras de São Paulo. Publicou os livros “A comédia da vida” (1904) e “Folhas de outono” (1916).

**LAGRECA, Leopoldo.** Séc. 19. N. Itália. F. Piracicaba ? Fez parte dos comerciantes italianos radicados em Piracicaba em fins do século 19, tendo ocupado em 1892 o cargo de secretário da recém-fundada “Sociedade Filhos da Itália de Mútuo Socorro”, cujo presidente foi Pedro Paulo Lagreca (v.). Em março de 1898 demitiu-se da “Società Italiana di Mútuo Soccorso”, fundada no ano anterior, e fundou outra entidade, o “Círculo Italiano Meridional XX de Setembro”, de que foi presidente. O Círculo fundiu-se em fins de 1905 com a “Società Italiana di Mútuo Soccorso”. Leopoldo Lagreca foi um dos cidadãos estrangeiros residentes em Piracicaba nos primeiros anos do século 20 que não se naturalizaram (Alleoni, 2003). Um anúncio da Agência Consular da Itália em Piracicaba (Camargo, 1900) menciona-o como diretor dessa agência.

**LAGRECA, Pedro Paulo.** Séc. 19. N. Itália. F. Piracicaba ? Comerciante, capitalista. Camargo (1900) menciona-o como um dos dez principais “capitalistas piracicabanos que como tais

pagam imposto”. Figura igualmente na fonte citada como um dos proprietários de lojas de fazendas e armarinho na passagem do século, com estabelecimento comercial à rua Prudente de Moraes, e igualmente como o dono de um “depósito de gêneros” à rua do Rosário. Em 1892 Pedro Paulo Lagreca presidiu a “Società Figli de Itàlia di Mútuo Soccorso” de Piracicaba, precursora da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, e foi em 1898 presidente do “Círculo Italiano XX de Setembro”, nova denominação adotada pela sociedade “Figli de Itàlia”. Alleoni (2003), que registra estas informações, dá igualmente notícia da presença do nome de Pedro Paulo Lagreca no livro de atas da Câmara Municipal datado de 1904 com o registro dos estrangeiros moradores de Piracicaba que não se naturalizaram, mantendo, assim, a cidadania italiana.

**LAGRECA, Sílvio.** N. Piracicaba, 1895. F. 1967. Futebolista. Irmão do poeta Francisco Lagreca (v.), foi jogador de futebol de renome, na primeira metade do século vinte. Destacou-se como jogador do E. C. XV de Novembro, assim como em clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foi campeão paulista e brasileiro (Pfromm Netto e Martins, 2003).

**LANCIA, Ernesto Frederico Mora.** N. Novara, Itália, 14.5.1834. F. São Carlos do Pinhal, SP, 10.7.1884. C.c. Antonia Botelho, piracicabana, n. 8.1.1854 e f. 1927. F.: Ida. Médico. Filho do jurista italiano Giuseppe Ernesto Lancia, que foi ministro da Suprema Corte da Itália. Casou-se em 1869 com a quinta neta de Sebastião de Arruda Botelho, patriarca de um dos ramos da família Arruda Botelho. Cambiaghi (1984) acredita que, na época do casamento, Lancia tenha exercido a medicina em Piracicaba, onde residiu por algum tempo. Mudou-se depois para São Carlos do Pinhal, onde faleceu.

**LARA, Emygdio Justino d’Almeida, capi-**

**ção.** N. São Paulo, SP, 9.12.1807. F. São Paulo, 28.4.1879. Homem de grande erudição, latinista, foi um dos primeiros professores leigos de latim em Piracicaba. Monarquista ao longo de toda a vida, militou ao lado de Antônio Manoel Fiúza (v.) e, posteriormente, do Barão da Serra Negra (v. Francisco José da Conceição). Um dos fundadores da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba (1854). Pai de Ambrosina Justiniana d'Almeida Lara, esposa de Antônio Morato de Carvalho, e avô de Francisco Antônio de Almeida Morato (v.). Foi titular da Coletoria de Rendas de Piracicaba e provedor da Santa Casa entre 1858 e 1859. Ao término da sua gestão, preparou um relatório desta, informando que a Santa Casa contava com 143 irmãos e dez irmãs, tendo sido tratados 51 doentes (Moratori, 2004). Fez parte da comissão da construção do primeiro hospital da Santa Casa em 1865, só aberto 18 anos depois. Há uma rua Capitão Emídio, no bairro São Dimas.

**LARA, Felisberto Castanho Leme** (Séc. 18). Requerer e obteve na região piracicabana concessão de légua e meia de terras em quadra, “entre os matos que acompanham o rio Piracicaba e os morros de Araraquara”, em 1782. As terras situavam-se onde acabavam as de Manuel José Velho, seu cunhado, “tenente da Cavalaria dos Voluntários Reais” (Neme, 1974). Em outro documento, é mencionado como “Felisberto Castanha Lara e Leme”.

**LARA, Inácio de Almeida** (Séc. 18). Requerente, juntamente com Pedro Pinto Lara e outros, moradores da freguesia de Piracicaba, da concessão de quatro léguas quadradas na estrada de Itu a Piracicaba, “cortadas ao meio pela referida estrada”, entre a sesmaria do sargento-mor Carlos Bartolomeu de Arruda (v.) e a do tenente-coronel Modesto Antônio Coelho Neto. A confirmação da concessão da sesmaria ocorreu em 1799, em nome de Inácio de Almeida Lara e Bento Leme de Oliveira (J. S. Mello, em Camargo, 1900; Neme, 1974). Uma

rua do bairro Santa Terezinha tem seu nome.

**LARA, João Teixeira de** (Séc. 20). Professor. Foi delegado de ensino em Piracicaba, em meados do século 20. Fez parte do grupo de sócios fundadores do Rotary Club de Piracicaba, que se reuniram pela primeira vez no Hotel Central a 8.3.1941, após reunião preparatória realizada a 15.2.1941 no Cine Teatro São José (Elias Netto, 2000). Pertenceu ao grupo que liderou, no passado, a União Espírita de Piracicaba. Há uma rua com seu nome, perto do cemitério da Vila Rezende, no Jardim Primavera.

**LARA, Plínio Corrêa de** (Séc.19-20). Comerciante. Teve um popular armazém, “Ao Mercadinho”, nas primeiras décadas do século 20. Negociava com secos e molhados, bebidas finas e licores, conforme anúncio no almanaque de Capri (1914). Localizava-se na rua do Comércio, nº 112 (atual Governador Pedro de Toledo), perto da fábrica de macarrão Bertozzi (v.) e da Oficina do Vesúvio de Victório Furlani (v. Irmãos Furlani). Há uma rua Plínio Correia Lara, na Nova Piracicaba.

**LARA, Ubirajara (Bira).** N. 1958. F. Piracicaba, 21.11.1986. Poeta, cirurgião dentista. Poesias de Lara estão no livro *Suindara* (1982). Dirigia-se a Rio das Pedras quando o veículo em que viajava foi atingido por uma carreta, provocando-lhe a morte. Deixou “mulher, dois filhos, uma infinidade de amigos, três livros editados e grande quantidade de poemas esparsos pelo Brasil” (L. Avelina, *O escritor*, UBE, 1986).

**LAVITOLA, Francisco** (Séc. 19). Comerciante. Em 26.11.1891, a intendência municipal de Piracicaba lavrou contrato com Lavitola, concedendo-lhe privilégio de 15 anos para instalar uma empresa funerária na cidade, “a primeira que, nesse gênero realmente, Piracicaba iria possuir” (Guerrini, 1970). Seu nome, contudo, não figura no “Almanak” de Camargo para 1900, que se refere apenas a

Honório José Libório (v.) e Benedito Landini como proprietários de empresa dessa natureza em Piracicaba.

**LEAL, Antônio Carvalho da Silva** (Séc. 19). Médico. Manteve consultório médico em Piracicaba, por volta de 1883-84. Especializado em moléstias de crianças e senhoras, residiu à rua São José, nº 25.

**LEGA & COMP.** Em anúncio datado da passagem do século (Camargo, 1900), apresentam-se como proprietários da Empresa Telefônica de Piracicaba, com sede no Largo do Teatro, nº 5 (atual Praça José Bonifácio). A empresa encarregava-se “de todos os serviços concernentes à eletricidade”, vendia móveis e fazia “qualquer obra de marcenaria”, comercializava material sanitário (“latrinas patent, de luxo... caixas para água de descargas automática”), alugava e consertava bicicletas e vendia “todos os acessórios para as mesmas”.

**LEHMANN, Ernest.** N. Áustria, séc. 19. Agrônomo e professor de agronomia, dirigiu a Real Escola de Agronomia de Monsiedel, em seu país natal. Viveu e trabalhou no Brasil durante algum tempo, como subdiretor da Estação Agronômica de Campinas, então dirigida por Franz Wilhelm Dafert. Este confiou-lhe em 1892 a administração da Fazenda São João da Montanha em Piracicaba, comprada por Luiz de Queiroz (v.) no ano anterior para instalação de uma “Escola Agronômica”, a futura ESALQ. Durante cerca de treze meses, de fins de novembro de 1892 a dezembro de 1893, Lehmann cuidou como pôde da fazenda, mas não conseguiu levar avante o que desejava realizar, por falta de recursos, conforme expõe em relatório encaminhado ao seu superior. Pouco após o falecimento de Luiz de Queiroz, em carta enviada a Dafert, Lehmann lamentou a morte do “nosso velho amigo..., sem ter tido a satisfação de ver realizada a sua idéia de estabelecer uma escola agronômica na fazenda”

(Romero, 1992; Elias Netto, 2003).

**LEITÃO, Caio.** N. Piracicaba, 1906 (1907?). F. Piracicaba, 26.7.1980. C.c. Felisbina dos Santos Leitão. Ff.: Paulo Roberto, Maria Aparecida e Maria de Lourdes. Um dos seus irmãos foi igualmente médico, Mário da Silva Leitão (v.). Filho do médico Torquato da Silva Leitão (Filho) (v.), ocupou o cargo de médico sanitarista do Centro de Saúde de Piracicaba por mais de trinta anos e também a chefia deste. Teve consultório de pediatria à rua Prudente de Moraes, nº 700 e associou-se a outro médico, Abílio Francisco Martins de Castro (v.), para a montagem e direção de um “laboratório de pesquisas clínicas para exame de fezes, sangue, urina e quaisquer outras pesquisas para elucidação de diagnóstico”, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 700. Um dos fundadores da seção Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina (1950) (Cambiaghi, 1984).

**LEITÃO, Mário da Silva.** N. Piracicaba. F. 1976. C.c. Lydia Conceição da Silva Leitão. F.: Luiz. Após formar-se, assumiu o posto de médico do serviço de imigração na capital paulista. Transferiu-se depois para Santos, SP, onde faleceu. Era irmão do médico Caio Leitão (v.) e filho do igualmente médico Torquato da Silva Leitão (Filho) (v.).

**LEITÃO, Olavo** (Séc. 20). Tabelião, c.c. Gessy da Silva Leitão. Filho do médico Torquato da Silva Leitão (v.). Serventuário, esteve à frente do 1º Tabelionato de Piracicaba durante muitos anos, à rua Boa Morte, no antigo nº 2.

**LEITÃO, Torquato da Silva (Pai).** N. Lisboa, 11.6.1810. F. Séc 19? C.c. Maria da Anunciação Leite do Canto. Médico, um dos 25 primeiros irmãos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, considerados ilustres pelos serviços a esta prestados. Formado em medicina pela Universidade de Coimbra, passou a residir na Vila Nova da Constituição em 1845,



## LEITÃO, Torquato da Silva

assim como o seu irmão Jerônimo da Silva Leitão, boticário. Há registro das dificuldades que enfrentou, quando pretendeu exercer a medicina na localidade e foi obstaculizado nessa pretensão pela Câmara Municipal, por ser português. A despeito disso, a própria Câmara nomeou-o para fazer parte de uma Comissão de Salubridade Pública (Cambiaghi, 1984). Um filho com o mesmo nome do pai (v) foi igualmente médico em Piracicaba, e dos mais conceituados.

**LEITÃO, Torquato da Silva (Filho).** N. Piracicaba, 14.6.1854. F. São Paulo, SP. C.c. Angelina da Conceição. FF: Caio, Cinira Maria, Francisco José, Heitor, Irma, Jenny, Júlio, Lucila, Lygia, Maria Angelina, Mario, Olavo, Paulo. Filho do médico português do mesmo nome (v). Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1886. Residiu e clinicou à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), na esquina da rua São José. Em 1887 casou-se com uma das filhas de Francisco José da Conceição (v), Barão da Serra Negra. Proprietário da fazenda Santana, posteriormente vendida (1893) à família Negri, seu nome consta na lista dos capitalistas que mais pagavam impostos em Piracicaba em 1900. Foi médico do hospício Barão de Serra Negra, granjeando reputação como especialista em “moléstias nervosas, mentais e de crianças”. Durante mais de quarenta anos pertenceu à Santa Casa de Misericórdia, desde 1887, sendo reiteradamente eleito mesário desta. Ocupou o posto de Diretor Clínico da Santa Casa, exonerando-se do corpo clínico desta em fins de 1928. Como político, fez parte da Câmara Municipal (1898, 1914 a 1916 e 1926-28). Em 1898 foi homenageado pela Câmara com a colocação do seu retrato na sala de sessões da municipalidade. Presidiu o diretório piracicabano do Partido Independente (1910), foi coletor (1891), inspetor de instrução pública (1898) e juiz de paz (1900). Após ter viajado à capital, achava-se na Estação da Luz para retornar a Piracicaba quando veio a falecer,

sendo o corpo transportado para esta cidade, onde o sepultaram. Cambiaghi (1984) destaca-o como “merecedor da gratidão e reconhecimento dos piracicabanos, pela afabilidade, bondade, distinção e sobretudo dignidade com que exerceu sua profissão de médico”. Uma avenida tem seu nome, no bairro São Dimas.

**LEITE, Argino da Silva.** N. Itu, 2.3.1916. F. Campinas, SP, 1.4.1994. C.c. Zelinda Carmona da Silva Leite. F: Vera Lúcia. Professor e matemático, viveu a maior parte da sua existência em Piracicaba, tendo na juventude, em 1930-31, participado como um dos principais jogadores do Infantil XV de Novembro, esquadra que, jogando todos os domingos, jamais foi vencido, segundo informação de Rocha Netto (1994), um dos seus integrantes. O time, de acordo com a mesma fonte, foi organizado por Agenor Righi Ferraz, “um dos grandes estrategistas” do futebol piracicabano. Proveniente de família numerosa, com onze irmãos, e neto de imigrante português, perdeu a mãe na adolescência. Seu pai era funcionário local da Estrada de Ferro Sorocabana. Formou-se professor em 1935, dedicando-se ao estudo e ao ensino de matemática. De 1939 a 1943 lecionou na Escola Normal e Colégio Nossa Senhora da Assunção, participou como membro da comissão examinadora de matemática da ESALQ e foi preparador de física e química da Escola Normal Sud Mennucci. Aprovado em concurso para professor de matemática em 1943, lecionou em Bauru e Rio Claro. Regressou a Piracicaba e assumiu o cargo de professor de matemática da Sud Mennucci, permanecendo como seu professor durante vinte anos. “Do seu caráter firme e transparente, o que mais se destacava era a humildade e facilidade no trato com as pessoas... Na velhice, minado pela doença, sua luta continuava, inabalável, sempre com o firme propósito de ser útil e de ajudar os outros” (Bonfitto, 1994). Ituano de nascimento, foi, no entanto, “piracicabano de coração, por honra e mérito” (Rocha Netto,

1994). Apreciador e conhecedor, como poucos, da música erudita, participou habitualmente, por muitos anos, das tertúlias na redação do *Jornal de Piracicaba* (A.R.C. Losso, *Jornal de Piracicaba*, 27.4.1994; Pfromm Netto e Martins, 2003). Sua esposa, com quem se casou em 1952, foi igualmente professora da Escola Normal Sud Mennucci. No bairro Santa Rita há uma rua Argino da Silva Leite, próxima à Rodovia do Açúcar.

**LEITE, Bento Dias de Cerqueira** (Séc. 19). Ao tempo em que o atual bairro de Santa Teresinha era conhecido como bairro do Corumbataí, foi seu primeiro fiscal cobrador, de acordo com a primeira referência histórica do local, datada de abril de 1823, data da sua nomeação (*Jornal de Piracicaba*, 24.8.2000).

**LEITE, Renato Ferreira (Naco)**. N. Rio das Pedras, SP, 17.7.1909. C.c. Narcisa Joly. Filho de João Ferreira Leite e Maria de Arruda, teve nove irmãos. Professor, contador, músico. Seu pai foi prefeito de Rio das Pedras (1920-24) e coletor estadual na mesma cidade, a partir de 1925. Concluiu o curso primário no Grupo Escolar Barão de Serra Negra e formou-se pela Escola Prática de Contabilidade Moraes Barros, residindo nessa época na pensão Munhoz, na rua Benjamin Constant. Após ser aluno do curso preparatório do prof. Antônio dos Santos Veiga (v.) no Externato São José, ingressou na Escola Normal Oficial (Sud Mennucci) em 1929. Forçado a deixar os estudos, completou posteriormente sua formação, diplomando-se em 1933 como professor. Aprendeu a tocar clarinete com o maestro João Duarte e Zico Pompeu, em Rio das Pedras. Estudou piano em Piracicaba, no Conservatório Musical da professora Chiquita Arruda (v.). Foi funcionário público na capital paulista, trabalhou numa indústria em Pirituba, teve emprego no Departamento de Estatística do Estado de São Paulo e foi coletor estadual em Rio das Pedras. Lecionou em Campinas, Rio

das Pedras, Santa Bárbara d'Oeste, Pitangueiras, Jaboticabal e Ipeúna. Foi diretor de escolas em Santa Bárbara d'Oeste, Monte Alto, Anhembí, Itacemápolis e na capital paulista, onde se aposentou. Já sexagenário, formou-se como professor secundário em 1970, na Faculdade de Educação Piracicabana. Deixou livro no qual descreve sua trajetória profissional: "Os Ferreira Leite de Rio das Pedras" (B. Jorge, *Jornal de Piracicaba*, 5, 6 e 7.9.2007).

**LEITE FILHO, Antônio de Paula, tenente-coronel** (Séc. 19). Vereador da Câmara Municipal de 1892 a 1898, tendo participado da primeira câmara municipal republicana, eleita pelo povo e empossada a 29.9.1892. Foi um dos fundadores da Sociedade Propagadora da Instrução em 1890, que, valendo-se da verba de ações, construiu um edifício à rua do Rosário, com dois pavimentos e seis salas de aula, no local posteriormente ocupado pela Escola Industrial Fernando Febeliano da Costa. Os trabalhos da construção foram dirigidos por João Manoel de Moraes Sampaio (v.). Confiado ao governo do Estado, o prédio, adquirido em 1896 pela câmara municipal com ajuda financeira de Manuel de Moraes Barros (v.), passou a sediar a antiga Escola Complementar, embrião da futura Escola Normal Sud Mennucci. O funcionamento da Escola Complementar teve início a 21.4.1897. Piracicaba contou com três outros vereadores com o sobrenome Leite, no século 19: Joaquim Floriano Leite (1826 e 1857-60), Cesário Cavalheiro Leite (1869-72) e João B. de C. Leite (1891) (Vitti, 1966; Guerrini, 1970). Há uma rua Antônio de Paula Leite Filho, perto da rodovia Luiz de Queiroz (Tupí).

**LELLO, Ângelo de (di)**. N. Piracicaba, 11.5.1921. F. Piracicaba, 16.10.2001. C.c. Olga de Lello. F.: Teresinha. Professor. Dedicou-se ao ensino e à pesquisa em desenho, atuando como calígrafo e professor de desenho em vários estabelecimentos de ensino. Após trabalhar em Botucatu, SP, como professor de desenho, fez

## LELLO, Ângelo de

parte do quadro de docentes do antigo Colégio Piracicabano e da Escola Normal Livre Miss Martha Wátts, em meados do século vinte. Era irmão de José Antônio de Lello, n. em 1914 e f. em Botucatu em março de 1997, c.c. Ida Barroso de Lello, pais de Edy, Gilberto, José, Joana Marli e Rosely.

**LELLO, Carlos Francisco de.** N. Piracicaba, 1952. F. São Paulo, 26.2.2000. Comissário de bordo. Filho do comerciante Nicola de Lello, n. 30.11.1922 e f. a 22.9.1994 em Piracicaba. Era irmão de Jorge Eduardo de Lello e sobrinho de Ângelo de Lello (v).

**LELLO, José di** (Séc. 19-20). Marchante, estabelecido com açougue em Piracicaba, no início do séc. 20 (Perecin, 1989). Eram igualmente donos de açougue à mesma época: Sebastião Colaramino (rua Boa Morte, nº 46), Antônio Correa, João Antônio de Godoy, Zílio Izidoro (rua Direita, atual Moraes Barros), José de Moraes, Luiz Antônio de Oliveira (rua Treze de Maio, nº 65, e rua do Comércio, nº 53, atual Governador Pedro de Toledo), Vicente de Próspero (rua do Comércio), Diogo Stallaghi e Rosário Vizioli (rua do Rosário). Apoiada em requerimento existente no arquivo da Câmara Municipal (1907), Perecin cita 17 negociantes de carnes verdes em Piracicaba, sem, no entanto, constar o nome de José Lello, mas menciona Roque Lello, n. 11.3.1879 e f. Piracicaba, 18.3.1934, bem como Flaminio Beretta, Ângelo Berti, Matheo Camignioni, Antônio Caprânico, José Carnevale, Giuseppe Cazelato, Sebastião Collamarino, Amadeo Elias, João Baptista Ortolan, Cesário Renna (v.), Domingos Simonetti, Miguel Vizioli e Paulo Vizioli. Em meados do século 20 os Lello tinham um açougue na rua Boa Morte, estando à frente do estabelecimento comercial os irmãos João Antônio, n. 28.4.1911 e f. Piracicaba a 28.8.1986, e Nicola, n. 30.11.1922 e f. Piracicaba a 22.9.1994. Há uma rua Roque de Lello, no Jardim Santa Rosa, uma rua Nicola Lello, na

Vila Industrial, e uma praça Joana de Lello, no bairro Santa Rita.

**LELLO, Orlanda Zocca de.** N. 1913. F. Piracicaba, 18.9.1996. C.c. João Antônio de Lello, n. 28.4.1911 e f. Piracicaba, 28.8.1986. Ff.: Arthêmio, Roque. Filha de José Carlos Zocca e Amábil Peixoto. Professora. Durante muitos anos, em meados do século, fez parte do grupo responsável pelo Parque Infantil Municipal de Piracicaba, liderado pela profa. Cacilda de Azevedo Cavaggioni (v). Um dos seus filhos, Arthêmio, destacou-se como radialista desde a mesma época, na Rádio Difusora de Piracicaba. Foi locutor, sonoplasta, narrador esportivo e apresentador de programas de auditório.

**LEMAIRE, Louis Joseph.** N. Parcy, França, séc. 19. Veio ao Brasil por volta de 1882, com cerca de 40 anos, contratado pelo Barão de Rezende para fabricar açúcar em Piracicaba. Casou-se com Maria das Dores Mello, dona da pensão local em que residiu. Pais de Maria Henriqueta Lemaire e avós de Enéas Lemaire de Moraes (v.) e seus oito irmãos.

**LEME, Carlos Eduardo.** N. Piracicaba, 1939. F. Piracicaba, 1982. C.c. Ana Luiza Malzoni Leme. Ff.: Fernanda, Graziela. Médico e professor, era filho de Zoroastro Leme e Maria Graziela Verderese Leme. Destacou-se como professor orientador do Grupo de Rins do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e como pesquisador, tendo feito estudos pós graduados nos EUA e na Inglaterra. Dirigiu o Departamento de Nefrologia do Hospital do Servidor Público do Estado.

**LEME, Hugo de Almeida.** N. Piracicaba, 22.10.1917. F. Piracicaba, 19.2.1992. C.c. profa. Aglaé de Lourdes Piffer Leme. Ff.: Francisco José, Edna Maria, Hugo Marcos, Beatriz Maria. Ministro da Agricultura, engenheiro agrônomo, professor universitário. Estudou na Escola Normal Oficial, futura Sud Mennucci, e no

Colégio Universitário da ESALQ, formando-se por esta em 1939. Foi professor da ESALQ de 1940 a 1968, catedrático de Mecânica e Máquinas Agrícolas a partir de 1944, seu vice-reitor (1958) e por duas vezes seu diretor (1960, 1963). Durante o governo Castelo Branco, foi ministro da agricultura (1964-65). Esteve à frente da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba desde 1967, tendo sido seu primeiro presidente. Fundou e dirigiu o Colégio Técnico Industrial e em 1968 foi um dos fundadores, o primeiro diretor e presidente do conselho curador da Escola de Engenharia de Piracicaba. Presidiu a empresa Valmet do Brasil. Foi conselheiro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA). Pertenceu a várias entidades científicas e profissionais de renome, do país e do exterior, e publicou mais de duas centenas de livros, estudos, pesquisas e teses. Foi o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola, fundada em Piracicaba em 25.9.1965. Dá nome a uma praça no bairro Paulicéia.

**LEME, Manoel de Arruda** (Séc. 19). Em nota sobre o falecimento de Manoel de Arruda Leme Filho, Camargo (1900) se refere ao pai deste, com o mesmo nome, como pessoa que “exerceu aqui (Piracicaba) grande influência no seu tempo”. O filho faleceu em Piracicaba a 12.11.1889.

**LEME, Renato de Toledo.** N. Bragança Paulista, SP, 20.8.1911. F. Piracicaba, 16.5.1976. C.c. Angélica Álvares de Toledo Leme. F.: Renato Álvares. Médico e professor, filho do farmacêutico Francisco de Toledo Leme e de Maria de Souza Toledo Leme. Formou-se em 1936 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e foi um dos seus professores. Foi médico em Votuporanga, Atibaia, Marília e Bragança Paulista. Viveu e trabalhou em Piracicaba desde 1958, tornando-se desde então médico do Centro de Saúde e neste permanecendo até falecer, sendo sepultado em sua terra natal. “Exerceu sua profissão... com

dedicação e carinho. Os doentes encontravam nele um verdadeiro amigo, compreensivo e paciente... A lealdade, a sinceridade, a bondade predominavam em seu coração” (Cambiaghi, 1984).

**LEME JÚNIOR, Jorge** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo, professor universitário. Diplomado em 1935 pela ESALQ, dois anos depois de formado passou a integrar o quadro de professores da escola, tornando-se seu livre-docente em 1940. Com a aposentadoria de Luiz Silveira Pedreira (v.), professor catedrático da cadeira nº10, Química Analítica e Orgânica, em 1951, Leme Júnior passou a ocupá-la. Exerceu atividades docentes e de pesquisa na ESALQ até 1971 como titular da referida cadeira, que sofreu desdobramento em 1954: a de nº 10 se manteve como Química Analítica e foi criada nessa ocasião a cadeira nº 20, Química Orgânica e Biológica, que, posta em concurso, em 1955 passou a ser ocupada pelo prof. Renato Amilcare Catani, formado pela ESALQ em 1940.

**LEMOS, Diva Maynard Araújo de.** N. Piracicaba. F. Piracicaba, 13.10.1990. C. em 1930 c. Lazaro Soares de Lemos. Ff.: Alceu, Armando, Dirce. Filha de Mário Washington Araújo e Altina Maynard Araújo, que, juntamente com seus avós Virgílio e Olympia de Souza Maynard, fundaram a Igreja Presbiteriana de Piracicaba em 1910. Residiu com o esposo por algum tempo em Botucatu, SP, retornando definitivamente à terra natal em 1944. Fez parte do quadro de professores da Escola Normal Sud Mennucci e dirigiu a Escola Normal Livre Miss Martha Watts do Colégio Piracicabano, em meados do século vinte. Participou, com o esposo, da Revolução Constitucionalista de 1932, quando moravam em Botucatu. Era irmã do escritor e renomado especialista em folclore Alceu Maynard Araújo (v.). “Sempre afável, alegre, muito educada, era estimada por todos que a conheciam e lhe queriam bem” (Neme, 1991).

**LEONARDI, Lineu.** N. São Manuel. SP, 14.7.1943. F. Piracicaba, abril de 1978. C.c. Beatriz Zucolotto Leonardi. F.: Gláucia. Coursou a escola primária e o ginásio em sua terra natal e após a mudança da família para Ribeirão Preto, SP, cursou nesta cidade o Instituto Moura Lacerda. Destacou-se como jogador de futebol e de futebol de salão, sagrando-se campeão estadual de futebol de salão pela seleção de Ribeirão Preto em 1965. Concluiu sua formação médica na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em 1969, fazendo estudos pós-graduados de anestesia na Santa Casa de Misericórdia de Santos, SP. Um irmão, igualmente médico anestesista, aconselhou-o a vir para Piracicaba em 1971. Foi admitido na equipe de anestesistas da Santa Casa de Misericórdia, mas, vítima de uma fatalidade, faleceu aos 35 anos de idade. Oito meses após sua morte, um acidente de automóvel pôs fim à vida da esposa.

**LESCOVAR, Fernando.** F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Angelina Minetto Lescovar, nascida em 1905 e falecida em Piracicaba em 17.1.1992. Ff.: Armando, Gilberto Antônio, Ignez, João (n. 1926, f. 21.2.2008), José Fernandes (Zica), Lurdes, Matilde, Theresinha de Jesus. Filho de Antônio Lescovar, n. Áustria. A família Lescovar foi inicialmente proprietária do Bar e Restaurante Comercial, à rua Moraes Barros, onde hoje se localiza o edifício Georgetta Brasil. Funcionava no andar térreo de prédio que, no seu andar superior, abrigava a sede da UDN (União Democrática Nacional), com salão utilizado em meados do século para festas, palestras e bailes carnavalescos. Após o desaparecimento do Comercial, por volta 1953 a viúva Lescovar e filhos adquiriram na Praça José Bonifácio, nº 905, o Bar e Restaurante Brasserie, que antes pertenceu aos irmãos Giannetti (v. Giannetti, Attilio Raimundo), tendo sido comprado em fins de 1942 por Ambrósio A. R. Gonçalves (Guidotti, 2002). Sob a direção da família Lescovar, a Brasserie converteu-se na segunda metade do século vinte no principal

ponto de encontro de políticos, intelectuais, artistas e pessoas destacadas da sociedade piracicabana. Permaneceu sob a direção de José e a esposa, Rose Meire, e seus irmãos Gilberto e Inês Lescovar, até o encerramento de suas atividades, ocorrido em 2006. De acordo com Massiarelli (*Jornal de Piracicaba*, 9.10.1998), o local da Brasserie abrigou inicialmente (1913) uma casa de frutas. No começo dos anos 40, Umberto, Bene e Francis Gianetti compraram o ponto e criaram restaurante, adquirido depois pelos Lescovar.

**LESCOVAR, José Fernandes (Zica).** N. Piracicaba, 1937. F. Piracicaba, 24.1.2006. C.c. Rose Meire Antonino Almeida Lescovar. Ff.: Fernanda e José Fernando. Filho de Fernando (v.) e Angelina Minetto Lescovar. Comerciante, manteve com a mãe e os irmãos, em meados do século vinte, o antigo Bar e Restaurante Comercial, na rua Moraes Barros, e esteve à frente do tradicional Bar e Restaurante Brasserie na praça José Bonifácio, juntamente com a esposa e irmãos. Comunicativos, cordiais, atenciosos, os Lescovar escreveram no século vinte um dos capítulos mais significativos da história dos restaurantes de Piracicaba.

**LEX, Fausto** (Sec. 20). Dirigiu a Escola Normal (futura Sud Mennucci), de 1.12.1931 a 2.5.1935. Thales Castanho de Andrade (v.) o sucedeu, como diretor substituto, de 19.7.1935 a 25.10.1938.

**LIBERALLI, Carlos Henrique Robertson.** N. Rio de Janeiro, RJ, 13.9.1909. F. São Paulo, SP, 26.9.1970. C.c. Zélia Monteiro Liberalli. Ff.: Carlos Francisco, Cecília, Lúcia. Químico farmacêutico, professor universitário e pesquisador, primeiro diretor, fundador e instalador da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, criada pela Lei nº 2.956, de 20 de janeiro de 1955. A 20 de setembro do mesmo

ano, o governador Jânio Quadros nomeou-o como diretor da nova faculdade e a 22 de junho de 1957 tiveram início as aulas. Formou-se em farmácia e medicina no Rio de Janeiro. Professor secundário de química de 1928 a 1938, tornou-se químico, por concurso, do DNS, onde trabalhou de 1931 a 1938. Em 1946 doutorou-se pela USP, sendo aprovado em concurso para livre docente. Em 1948 conquistou o título de professor catedrático de Farmácia Galênica da Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP. Incumbido de organizar, instalar e dirigir a Faculdade de Odontologia, Liberalli devotou-se de corpo e alma, com idealismo e competência exemplares, à árdua tarefa que lhe foi confiada. “Foi cérebro, coração e alma... da FOP. Viveu realmente os anseios de Piracicaba. Inteligência fecunda, foi superando os problemas. Pensou, equacionou e realizou, com entusiasmo contagiante, com dedicação e amor inusitados... Seu coração agigantou-se para abrigar a realidade da Faculdade que surgia” (Correia, *Jornal de Piracicaba*, 21.4.1977). Após longos anos de dedicação extrema (1957-68), deixou a escola que criou e conduziu com segurança e competência, “por conhecer o pouco de vida que restava”, segundo o *Jornal*. Detentor de numerosos diplomas e veneras, entre as quais as medalhas Imperatriz Leopoldina, Marechal Cândido Mariano Rondon e Pirajá da Silva, membro de diversas entidades científicas e culturais renomadas como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Academia Nacional de Medicina, a Academia Nacional de Farmácia e a Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo, autor de numerosas contribuições à literatura especializada, entre as quais o livro “Elementos de Química”, foi membro do Conselho Universitário da USP e do Conselho Estadual de Ensino Superior. A Câmara Municipal deu-lhe o título de cidadão piracicabano e a Faculdade de Odontologia de Piracicaba entregou-lhe, pelas mãos do Magnífico Reitor da Universidade de Campinas, o título de professor emérito, “Carlos Henrique

Robertson Liberalli realmente foi um exemplo de dignidade e grandeza que permanecerá com destaque na história de nossa terra” (Losso Netto, no *Jornal de Piracicaba* de 21.4.1977).

**LIBÓRIO, Honório José** (Séc. 19). Negociante, político. Vereador (intendente) na Câmara Municipal de Piracicaba em 1890. No “Almanak” de Camargo para 1900 há uma referência a Honório José Libório & Cia. como proprietários de “carros fúnebres” (casa funerária). Há uma rua Honório José Libório na chácara Água Branca. Outra empresa funerária piracicabana da passagem do século foi a de Benedicto Antônio Landini. Localizada à rua XV de Novembro, 68 (antiga rua da Quitanda), a empresa de Libório pertenceu anteriormente a João Zara. A família Libório continuou à frente de estabelecimentos dessa natureza, ao longo do século vinte. Um anúncio de jornal dos anos 40, reproduzido por Guidotti (2002), refere-se à Empresa Funerária Libório, de propriedade de Euclides José Libório, na praça 7 de Setembro, nº 770 (atual praça José Bonifácio) e informa que se trata da “mais antiga e conceituada casa do ramo”. A mesma fonte reproduz uma fotografia datada de 1930, que mostra Euclides como cocheiro de seu carro fúnebre de tração animal. No “Guia GGI” (Gênesis Guia Informativo) de Piracicaba, publicado em 1978, consta o Serviço Piracicabano de Luto, de propriedade de Antônio Pádua Libório & Filhos, à rua Benjamin Constant, nº 1935, esquina da Av. Independência. A residência de Honório José Libório abrigou, no passado, um dos vários “Passos da Paixão” existentes em Piracicaba e hoje desaparecidos. Outros antigos “Passos”, igualmente inexistentes hoje em dia, encontravam-se nas moradias de Ricardo Pinto de Almeida (v.), Francisco Ferraz de Carvalho, José Viegas Moniz e Rita Eufrosina de Oliveira (Elias Netto, 2000). Presentemente, resta apenas o “Passos do Senhor do Horto” à rua Prudente de Moraes, levantado na residência de Felipe Xavier da Rocha (v.) em 1873 e restaurado

105 anos depois pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. No livro de registro de sócios do Sindicato de Comércio Varejista de Piracicaba, Oswaldo José Libório aparece como sócio nº 142, estabelecido à rua Alferes José Caetano, nº 54, e registrado a 2.10.1939 no comércio local com um capital de 5:000\$000 (Guidotti, 2002). Oswaldo foi c.c. Maria Rosa Bettoni Libório (Mariquinha), n. 1918 e f. Piracicaba em 1992. Ff.: Fernando Antônio, Maria Conceição, Oswaldo José Filho (Vadico) e Maria Elisabeth. Há uma rua Honório José Libório na Chácara Água Branca.

**LIBÓRIO, Pamila Edith McFadden.** N. 1921. F. Piracicaba, 18.4.2007. C.c. Antônio Pádua Libório. Ff.: Leroy Leslie, Lucila, Laércio, Laerte, Antônio Pádua. Professora. Filha de Leroy McFadden e Pamila Scurllock McFadden. Durante longo tempo lecionou no Colégio Piracicabano, onde se aposentou. Seus alunos e colegas a conheciam como “Miss Pamila”.

**LIMA, Anísio Ribeiro de** (Séc. 20). Médico sanitaria. Chefiou o Posto de Profilaxia da Malária, instalado em 1946 à rua José Pinto de Almeida. A malária afligia os piracicabanos desde os tempos da fundação da cidade, no século 18. “Médico sanitaria competente, zeloso, modesto, empreendeu o dr. Anísio uma luta sem trégua, com total dedicação, durante três anos, para afinal libertar Piracicaba desse flagelo bicentenário que tantos malefícios causou a seus habitantes. O *Jornal de Piracicaba*, em sua edição de 15.3.1949, pôde então estampar a alvissareira notícia: ‘Desapareceu a malária em nosso município’. O dr. Anísio Ribeiro de Lima, organizando e executando, com exemplar atuação, a campanha antimalária, é merecedor da admiração e do reconhecimento dos piracicabanos” (Cambiaghi, 1984). A fonte aqui citada acrescenta que Ribeiro de Lima, homem tímido e modesto, escondia seus predicados de sanitaria emérito e conseguiu reduzir quase a zero o índice local de infestação

de malária. Uma rua na Vila Industrial evoca seu nome.

**LIMA, Jader Alves de.** N. Piracicaba, 17.1.1913. C.c. Maria Barbosa Alves de Lima. Ff.: Otávio Augusto, Elizete. Advogado, era filho de Dulvalino Alves de Lima e Pursina Bittencourt Alves de Lima. Formou-se em 1934 pela Faculdade de Direito de São Paulo e manteve escritório na capital paulista, à rua José Bonifácio, nº 278, em meados do séc. 20. Foi membro de várias entidades, entre as quais a Liga de Defesa do Comércio e Indústria e a Ordem dos Advogados do Brasil.

**LIMA, João Alves de.** N. Piracicaba, 30.6.1872. F. Séc. 20. C.c. Elisa Oliveira Barros, filha de Rafael de Barros, segundo barão de Piracicaba. Médico e professor. Formou-se em medicina na Universidade de Paris nos anos 80 e iniciou sua atuação profissional na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde foi chefe de enfermaria até falecer. Presidiu a Sociedade de Medicina da Associação Paulista de Medicina e lecionou clínica cirúrgica. Tido como um dos maiores cirurgiões do seu tempo, foi igualmente “excelente professor, como era grande clínico” (Cambiaghi, 1984). Foi titular da cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da São Paulo. “Cirurgião elegantíssimo, rápido em tudo, no falar como no agir, perfeito homem de sociedade [trouxo para a Faculdade de Medicina] o prestígio de seu nome e da sua incontrastável habilidade profissional” (A. Almeida Prado).

**LIMA, João Bierrenbach de.** N. Séc. 19. Professor universitário, vereador. Foi nomeado em 18.9.1917 professor catedrático da ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, de engenharia rural, revisão de matemática, topografia e estradas de rodagem, hidráulica, irrigação e drenagem, mecânica agrícola e construção rural (6ª cadeira). Permaneceu afastado do cargo por razões particulares, de 1920 a 1930, reassumindo o exercício efetivo em

7.11.1931. Após quatro anos, solicitou e obteve novo licenciamento. Permaneceu no quadro de professores da ESALQ até 1947. Bierrenbach de Lima foi vereador em Piracicaba nos anos de 1926-28 e 1929-31.

**LIMA, José G** (Séc. 20). Agente de seguros durante muitos anos em Piracicaba, manteve escritório à rua Santo Antônio, nº 13. Representava a companhia nacional de Seguros de Vida Sul América na cidade, na primeira metade do século 20 (Neme, 1936).

**LIMA, José Gonçalves de** (Séc. 19-20). Por volta da passagem do século, presidiu um clube denominado Recreio Familiar, sociedade dançante que funcionou à rua da Esperança (posteriormente rua D. Pedro II).

**LIMA, Manoel Gonçalves de.** N. Portugal, séc. 19. Comerciante. Estabelecido com loja de fazendas e armazéns no largo da Matriz (atual Praça da Catedral), na esquina da rua Direita (rua Moraes Barros, atualmente), em fins do século 19 (Camargo, 1900). Fez parte do grupo de cidadãos da colônia portuguesa em Piracicaba que se empenharam, em março de 1897, pela criação da Sociedade Portuguesa de Beneficência e integrou a primeira diretoria da entidade, ocupando o cargo de tesoureiro. A sociedade surgiu a partir de uma reunião realizada na residência de Manuel Pereira Granja (v. Granja, Joaquim Pereira), à rua Direita. Augusto Salgado (v.) redigiu os estatutos do núcleo. Granja foi o primeiro presidente.

**LIMA, Marcelo Nogueira de** (Séc. 20). Advogado e vereador. Tinha escritório à rua São José, nº 664, nos anos 50 (Camargo e Navarro, 1958). Fez parte da Câmara Municipal de 1956 a 1959, época em que Luciano Guidotti (v.) foi prefeito de Piracicaba. No Jardim Residencial Javari I há uma rua com seu nome.

**LIMA, Rubem de Lemos Pereira.** N.

1909. F. Indaiatuba, SP, 25.6.2007. C.c. Celina Leopoldo e Silva Pereira Lima. Ff.: Ana Maria, Maria Lúcia, Marcos, Maurício, Cecília Helena. Era filho do coronel Antônio Aymoré Pereira Lima e de Isaura de Lemos Pereira Lima. Pertencente a tradicionais troncos paulistas, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1932. Participou do Batalhão Universitário Luiz de Queiroz de Piracicaba durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Foi o primeiro engenheiro agrônomo do estado a se inscrever no Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA). Dirigiu em São Paulo o Viveiro Manequinho Lopes e foi sepultado na capital paulista, no Cemitério da Consolação.

**LIMA, Sebastião Nogueira de.** N. Casa Branca, 3.11.1880. F. São Paulo, SP, 1964. Advogado, escritor; ministro e presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. C.c. Zenaide Carnarzo Nogueira de Lima. Ff.: Marcelo, Marina, Rosaly, Zenaide, Zilda. Filho de Francisco Eugênio de Lima e Altina Etelvina Nogueira de Lima. Após estudar no Seminário Episcopal, formou-se em 1904 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Iniciou sua vida profissional como advogado militante. Foi promotor público interino em Casa Branca e Mococa (1905-1906), delegado de polícia em Patrocínio do Sapucaí, Araras, Pindamonhangaba e Piracicaba (1906-1912), vereador em Piracicaba (1920-25) presidente da subseção de Piracicaba da Ordem dos Advogados do Brasil (1933-42), um dos sócios fundadores do Rotary Club de Piracicaba (1941), curador de acidentes de trabalho e de menores em São Paulo (1941-43), procurador geral do Estado de São Paulo (1943), secretário de estado da educação e saúde pública (1944), secretário da justiça e negócios do interior (1945), interventor federal do Estado de São Paulo (1945), presidente do conselho administrativo paulista (1946), ministro e presidente do Tribunal de Contas do Estado (1947-48). Participe entusiasmado e influente da vida política, social e cultural



piracicabana na primeira metade do século vinte, destacou-se pelo brilho como político, orador e conferencista dos mais notáveis. Nogueira de Lima foi um dos expoentes da Universidade Popular de Piracicaba, que ministrava aulas de idiomas, literatura e ciências, tendo sido seu primeiro presidente, na segunda década do século 20. Na primeira década do século vinte, estabeleceu e organizou a Guarda Noturna de Piracicaba, que substituiu a antiga Guarda Civil da cidade, criada em 1903 como corpo de Guarda e Polícia Municipal. Presidiu a comissão executiva do monumento dos Voluntários Combatentes de 1932, inaugurado a 7.9.1938 na praça José Bonifácio, com a bênção do monsenhor Manoel Rosa (v.), vigário da Paróquia da Matriz de Santo Antônio. Muito culto, deixou numerosos livros e estudos importantes: *O domicílio da união perante o Código Civil*, 1917; *A prorrogação da hipoteca*, 1917; *Parceria agrícola*, 1918; *O Código Civil e suas emendas*, 1919; *O comerciante e seus livros*, 1920; *A questão religiosa no Império*, 1923; *Tapumes rurais*, s.d; *Desapropriação com financiamento*, 1936; *O furto do "A Rosa Branca"*, 1936; *A neutralidade do Brasil perante a guerra civil na Espanha*, 1936; *Não intervenção*, 1936; *O carlismo na Espanha*, 1936; *O penhor rural*, 1937; *O repouso semanal*, 1937; *Piracicaba na reforma judiciária*, 1940; *O telefone a serviço da justiça*, 1940; *A injúria pelo telefone*, 1940; *Dos casos de agravo*, 1940; *Da perícia médica no processo penal e Lei do acidente de trabalho*, s.d.; *Exploração do prestígio*, 1940; *Tenhamos confiança*, 1941; *Serviço pericial na infortunística*, 1942; *Acidentes de ou no trabalho*, 1942; *O direito de demandar e os meios de defesa*, 1943; *Abelhas que fogem*, 1943; *A raridade da garantia contra os vícios redibitórios*, 1943; *Carlos Gomes e a sua música*, s.d. Na Vila Industrial há uma rua denominada Dr. Sebastião Nogueira de Lima, paralela à avenida Brasília.

**LINA, Roque de Salles.** N. séc. 19. F. séc. 20. Cirurgião dentista. Segundo anúncio em Capri (1914), era formado “pela Escola Odontológica de São Paulo” e oferecia “trabalhos garantidos,

por preços razoáveis”. Tinha gabinete dentário no largo do Teatro (atual praça José Bonifácio), nº 102.

**LOBENWEIN, Arthur.** N. Áustria, séc. 19. Fotógrafo profissional. Proprietário da Fotografia Vienna, com “ateliê montado completamente no nº 153 da rua do Comércio” (mais tarde rua Governador Pedro de Toledo). Um dos pioneiros da fotografia artística em Piracicaba. É a única casa especializada que Camargo (1900) menciona no seu “Almanak”, da passagem do século. Um seu parente (filho?), Edgar Lobenwein, extremamente hábil em tipografia de composição manual e em linotipo, desenhista e fazedor de clichês para impressão, foi funcionário das oficinas do *Jornal de Piracicaba*, à rua Moraes Barros, em meados do século 20. No almanaque editado por Camargo em 1900 lê-se que “Arthur Lobenwein forneceu obsequiosamente todas as vistas que precisamos para a ilustração da capa” – um conjunto de dez fotografias que incluem a igreja matriz, o Salto do rio Piracicaba, o chafariz do centro e o Engenho Central. Além de ser fotógrafo, Lobenwein tinha pendores musicais. Na passagem do século, foi o regente da Sociedade de Canto “Männer-Gesangverein”, da comunidade alemã em Piracicaba. Fundado em 1899, o grupo coral reunia-se em um salão cedido pelo proprietário, junto à Fotografia Vienna de que era o dono. Em 1897 Lobenwein presenteou a *Gazeta de Piracicaba* com uma enorme fotografia panorâmica do Salto, de 1m20 de comprimento por 30 cm de largura. (Guerrini,1970).

**LOBO, Francisca Neves (Chiquinha Lobo).** N. Piracicaba, 20.6.1888. F. séc. 20. Escritora, professora. Coursou a escola elementar do Colégio Patrocínio em Itu (1895-1898) e foi aluna do curso secundário da Escola Modelo Caetano de Campos, na capital paulista (1899-1901). Fez o curso destinado à formação de professores na Escola Complementar Caetano

de Campos, recebendo seu diploma em 1905. Durante um quarto de século exerceu o magistério, até aposentar-se como professora adjunta do Grupo Escolar Maria José da Capital. Proferiu numerosas conferências na capital paulista e em cidades do interior do Estado, na primeira metade do século 20. Na literatura, dedicou-se principalmente ao gênero biográfico, tendo publicado numerosas biografias de brasileiros ilustres em livros e periódicos. Sua vasta produção literária inclui os livros *Lições Úteis*, s.d, três edições; *Glórias brasileiras* I e II (biografias romaneadas), 1943 e 1944; *Vidas dos grandes músicos*, biografias romaneadas, 1945; *Vultos célebres*, 1946; *Poetas de minha terra*, I e II, 1947 e 1950. Biografias dos irmãos Dutra (v.) e de Almeida Júnior (v.) fazem parte do livro *Pintores de minha terra*.

**LOPES, Bárbara Generosa** (Séc. 19). Comerciante. Proprietária de casa especializada no ramo de arreios e selaria, à rua Prudente de Moraes, por volta da passagem do século.

**LOPES, Domingos** (Séc. 19-20). Era de sua propriedade e direção a Farmácia São João, na av. Rui Barbosa, Vila Rezende, segundo anúncio no almanaque de Capri (1914). O anúncio diz que se trata de “estabelecimento moderno, montado de acordo com as exigências da higiene e do Serviço Sanitário; depósitos de preparados nacionais e estrangeiros; bichas, ventosas, perfumarias, aparelhos de cirurgia; manipulação rigorosa e drogas novas. Preços resumidíssimos. Abre-se a qualquer hora da noite, pois o proprietário reside no estabelecimento”. A farmácia São João é igualmente mencionada por Aldrovandi (1991), mas tendo como proprietário o coronel Manoel Ignácio da Motta Pacheco (v.), sem, no entanto, indicar a época (anos 40?) a que se refere esta informação. Motta Pacheco, de acordo com o autor citado, era “farmacêutico diplomado”. Outra fonte, Caldari (1990), alude à farmácia São João associando-a a outros nomes: os de Benedito Neves (v.) (“seu”

Dito da Farmácia, v.) e seu irmão Nabor. Por causa do farmacêutico Benedito, a farmácia era também conhecida como “São Benedito”, em época que Caldari não precisa, limitando-se a dizer que seria “há muitas décadas atrás”.

**LOPES, Jair de Araújo**. N. Santa Rita do Passa Quatro, SP, 1908. F. Piracicaba, 2001. Professora. Irmã de Josaphat de Araújo Lopes (v.), foi aluna interna de colégios metodistas em Ribeirão Preto, Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Diplomou-se como professora pelo Instituto Bennett, na então capital Federal. Após lecionar durante dois anos em classes primárias do Instituto Isabela Hendrix em Belo Horizonte, ingressou no funcionalismo público federal e trabalhou neste até por volta de 1948, quando o irmão, então diretor do Colégio Piracicabano, a trouxe para Piracicaba, onde passou a atuar como secretária, substituta de professores, mestra de Educação Cristã e, posteriormente, diretora do internato feminino, até a extinção deste. Empenhada na guarda e preservação de documento históricos e pertencentes do colégio, parte significativa do acervo do Museu do Instituto Educacional Piracicabano pôde ser preservada graças a ela. “Eu sempre amei este colégio”, declarou em entrevista quando tinha 90 anos de idade. “Não me casei, dediquei minha vida à educação e ao piracicabano. E me sinto muito feliz entre as crianças. Eu ainda tenho muito, muito amor para dar. E isto as crianças entendem” (Elias, 2001).

**LOPES, Joaquim Luiz da Silva (Titico, Totico)**. N. Piracicaba, séc. 19. F. São Paulo, SP, 14.9.1928. Jornalista, historiador, poeta e teatrólogo. C.c. a modista Francisca Nunes da Silva Lopes. De acordo com o *Almanak* de Camargo (1900), Joaquim Luiz foi diretor de um dos mais antigos jornais piracicabanos: *O Diário de Piracicaba*, o primeiro com este título, surgido a 25.10.1886, com redação do dr. José Augusto da Rocha Almeida (v.) e direção de Joaquim Luiz. O segundo *Diário* circulou durante

58 anos, a partir do seu primeiro número, publicado em 1935. Além de fundar e dirigir o primeiro *Diário* local, Joaquim Luiz colaborou posteriormente nos jornais *A Tarde* e *Jornal de Piracicaba*. Escreveu também para revistas do Rio de Janeiro e da capital paulista. Fez poesias e escreveu uma “revista de costume” intitulada *O Manduca*, representada por artistas amadores piracicabanos no Teatro Santo Estevão em agosto de 1888 e por uma companhia de operetas em dezembro de 1898. Em 1917 editou *Piracicaba de outrora e de hoje* (Piracicaba, 1917). Joaquim Luiz foi igualmente diretor do *Jornal do Povo*, que desapareceu em 1899. O ano do lançamento deste é objeto de controvérsia: segundo Guerrini (1970), surgiu em 1890, mas tanto Krähenbühl (1955) como Alvim (1998) dizem que seu lançamento ocorreu em 1882. É estranho que Joaquim Luiz tenha dirigido dois jornais ao mesmo tempo, se aceitarmos 1882 como o ano do surgimento do *Jornal do Povo*. Referindo-se a este último, Krähenbühl assevera que “era monarquista o jornal dirigido por Joaquim Luiz, o popular Titico, jornalista de velha escola”. Parece que o jornal teve uma história acidentada, com várias interrupções de circulação. O *Jornal do Povo* vivia às turras com seu concorrente, a *Gazeta de Piracicaba*, a respeito de problemas citadinos, como, por exemplo, a criação da freguesia (paróquia) de São Benedito. O *Jornal do Povo* era contra e a *Gazeta* a favor. Tradicional defensor dos ideais monarquistas, o *Jornal do Povo* de Joaquim Luiz passou a obedecer à orientação do Barão de Rezende e tornou-se diário a 11.4.1893. Circulou pela última vez a 6.5.1899 (Pfromm Netto e Martins, 2003). Guerrini (*Jornal de Piracicaba*, 12.8.1979) refere-se a Joaquim Luiz como “criatura versátil. Muito falante, relativamente magro, *pince-nez* acavalado sobre o nariz... Vida boêmia, freqüentador dos cafés da época. Orador popular para festas... Espírito folgazão, um bom animador nas reuniões da família piracicabana. Poeta e repentista... Jornalista irreverente”. A esposa teve ateliê de costura à rua Boa Esperança (atual

d. Pedro II).

**LOPES, Josaphat de Araújo.** N. Rio de Janeiro, RJ, 1901. F. Piracicaba, 1983. Professor. Filho de pastor metodista, formou-se em Letras pelo Instituto Grambery, onde lecionou, e foi proprietário de colégio em Uberaba, MG, juntamente com suas irmãs. Em 1939 passou a viver e trabalhar em Piracicaba, como professor de francês e história da civilização no Colégio Piracicabano. Comunicativo, cordial e estimado pelos estudantes, assumiu gradualmente outras funções no Colégio: secretário, tesoureiro, vice-diretor. Em 1946 tornou-se diretor, ocupando o cargo até então exercido por Affonso Romano Filho (v). Deve-se a ele a criação dos cursos ginásial e científico noturnos e da escola normal livre Miss Martha Watts no Colégio, em 1947. Dificuldades por ele enfrentadas junto ao Conselho Superior da instituição somaram-se a uma tromboflebite, acarretando o seu afastamento (1951), em repouso absoluto por mais de um ano. Em 1953, a despeito de sua dificuldade em locomover-se, reassumiu a atividade docente, permanecendo nesta até 1962, quando, em festa especial realizada no salão nobre, se despediu da instituição. Dirigiu o periódico “O Piracicabano”, publicado pelo Colégio, desde março de 1933. Segundo depoimentos de ex-alunos, era “sempre alegre, dinâmico, bem disposto..., quase avô, bonachão, carinhoso..., um verdadeiro *gentleman* à moda antiga, um homem fino e gentil, que tratava a todos com distinção” (cit. em Elias, 2001).

**LOPRETE, Gaetano.** N. Itália, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. Comerciante. Seu nome aparece nas listas de italianos e moradores de Piracicaba (1904 e 1907), que eram membros da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro (Alleoni, 2003). Proprietário da Relojoaria Loprete, à rua Moraes Barros, na esquina da rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo). A relojoaria era anunciada como “casa importadora de jóias” e comercializava relógios, bijuterias, óculos e pincenês, oferecendo serviços de “medição

de vista, óptica fina, oficina de concertos” (Guidotti, 2002). Gaetano, cujo nome também figurava como Caetano, ganhou destaque no almanaque de Capri (1914), no capítulo relativo às sociedades e instituições de beneficência e caridade piracicabanas, nas primeiras décadas do século vinte. É apontado como “o genial autor de acertada emissão” de seiscentas ações, que forneceram o capital necessário para a construção do prédio da Sociedade Italiana, “belo edifício que hoje forma o orgulho da colônia italiana e faz honra a Piracicaba”. Segundo a mesma fonte, foi por iniciativa de Loprete, com o auxílio do dr. Ruggero Pentagna (v), que o “Círculo XX Settembre” e a Sociedade Italiana se fundiram, “reunindo numa só alma a colônia inteira de Piracicaba”.

**LORANDI, Galileu.** N. 1922. F. Piracicaba, 2.6.2006. Filho de Silvestre Lorandi e Maria Carlotto. Engenheiro agrônomo, formou-se pela ESALQ em 1948. Nos registros referentes a italianos residentes na Piracicaba de fins do século 19 e no início do século vinte são mencionados vários Lorandi: Antônio, sócio em 1902 da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro; C. (?) Lorandi, sócio da Sociedade Italiana em 1900; Luís, proprietário em 1896 de um prédio que pagava imposto predial, no valor de 8.640 réis; e Giuseppe Lorandi, que em 1892 pediu à Câmara Municipal arrendamento de terreno do município (Alleoni, 2003). Righetto (1966) refere-se a Romeu Lorandi, proprietário de Empresa de Ônibus com seu nome, cujos veículos ligavam Piracicaba a Botucatu e Ibituruna, com sede à rua José Pinto de Almeida, nº 1107.

**LORDELLO, Antônio da Costa** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário de armazém de secos e molhados à rua do Comércio, nº 102 (a atual rua Governador Pedro de Toledo). Em anúncio publicado por Camargo (1900), referia-se ao seu “sortimento de bebidas, açúcar, sal, gêneros da terra etc.”. A mesma fonte menciona outro

Lordello, na passagem do século: Alberto Lordello, negociante de secos e molhados, à rua do Comércio, nº 135. Entre os demais Lordello que fazem parte da história de Piracicaba, está Sebastião Avelino Lordello, professor de português do ginásio da Escola Normal Sud Mennucci por volta de 1940-50, que residiu na rua Boa Morte.

**LORDELLO, Luiz Gonzaga Engelberg.** N.1926. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Formou-se pela ESALQ em 1948 e passou a fazer parte do seu corpo docente no ano seguinte. Doutorou-se em 1953 e tornou-se livre docente em 1965, na mesma escola. Zoólogo brasileiro renomado, destacou-se nos cenários científicos brasileiro e mundial como pesquisador de nematóides de plantas e do solo, tendo publicado inúmeras pesquisas a este respeito. Atuou como professor titular do Departamento de Zoologia, sucessor da antiga 9ª Cadeira (Zoologia, Anatomia e Fisiologia Comparadas dos Animais Domésticos), que teve Salvador de Toledo Piza Júnior (v) como seu primeiro catedrático. Dentre as suas numerosas contribuições valiosas, figura a de presidente da Comissão do Livro Comemorativo dos 75 anos da ESALQ, editado em 1976. Colaborou freqüentemente na imprensa piracicabana e em publicações ligadas à zoologia. Uma rua no bairro Residencial Bela Vista tem seu nome.

**LORENZO, Rafael.** N. Espanha, séc. 19. F. séc. 20. Membro ativo e influente da comunidade espanhola em Piracicaba. Fez parte do grupo de cidadãos que criaram em 26.6.1898 a Sociedade Beneficente Grêmio Espanhol de Piracicaba (inicialmente denominada apenas Grêmio Espanhol). Por ocasião da fundação da Sociedade, Lorenzo foi eleito seu presidente (Capri, 1914). Seis anos após o surgimento da entidade, deu-se a inauguração de sua sede, construída graças a doações dos espanhóis moradores em Piracicaba e seus descendentes, à rua Prudente de Moraes nº 1292. Após as

vicissitudes que enfrentou por ocasião da 2ª Guerra Mundial, a sociedade teve seu prédio alugado ao médico dr. Francisco Alvarez (v.), que nele instalou um hospital. No ano 2000 a sede foi devolvida à Sociedade Espanhola de Piracicaba (Sociedade Recreativa e Cultural Real Espanhola). Fontes: Capri, 1914; Vasques Filho, artigo no *Jornal de Piracicaba*, 11.9.2001.

**LORETO, José** (Séc. 19). Foi agente em Piracicaba da firma inglesa Julius G. Neville, construtora com sede na cidade de Liverpool. Loreto apresentou em 1890 três plantas preparadas pela construtora britânica para a feitura de ponte metálica que deveria substituir a velha e precária ponte de madeira sobre o rio Piracicaba. Acompanhada de orçamentos, Loreto pretendia, com essa proposta, participar de “concurso” (concorrência) nesse sentido (Guerrini, 1970).

**LOSSO, Anna Glória Lemos Cunha (Anita Losso)**. N. Niterói, RJ, 1901. F. Piracicaba, 8.11.1993. C.c. Fortunato Losso Netto a 23.2.1933, em Niterói. Ff.: Antonietta Rosalina e Magdalena Carmen de Lemos Cunha. Filha de Manoel da Silva Cunha e Carmélia Carolina de Lemos Cunha. Jornalista e participante ativa da vida cultural, artística, social e humanitária na sociedade piracicabana de seu tempo. Formou-se em enfermagem, mas preferiu dedicar-se ao jornalismo. Criou e manteve na edição dominical do *Jornal de Piracicaba* a secção feminina intitulada “Da Mulher para a Mulher”, de 14.9.1941 a 11.7.1972. Companheira inseparável e colaboradora do esposo, participou do dia-a-dia do matutino dirigido por este desde 1939. Dentre as inúmeras contribuições de cunho social que deu à cidade, destacam-se a atuação junto ao Rotary Club de Piracicaba e a campanha em favor da construção da praça do Grupo Escolar Dr. Prudente de Moraes. As colunas femininas que redigia incluíam várias subdivisões: Boas maneiras, Você sabia, O que farei para o meu marido (receitas de cozinha),

poesias etc. Nos últimos anos, passou a incluir notas sobre arte, saúde, vida conjugal, educação no lar, eventos sociais, lançamentos da moda. “Pessoa bastante sensível, possuidora de uma excelente cultura, muito comunicativa..., uma pessoa tão dócil, tão meiga, tão carinhosa e amiga (que) jamais poderemos esquecer”. (*Jornal de Piracicaba*, 9.11.1993; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**LOSSO, Avelina Palma**. N. 8.12.1902. F. Piracicaba, 29.5.1969. C.c. Eugênio Luiz Losso (v.). Durante 32 anos dedicou-se à educação das crianças da região do bairro de Santa Rosa. Filha de Vicente Palma e Carmela Palma, casou-se com o esposo em 1935. Sua escola situava-se dentro da fazenda que originou o bairro e posteriormente foi transferida para prédio emprestado pela prefeitura, mudando-se por fim para prédio próprio, que ganhou seu nome: Escola Estadual Avelina Palma Losso.

**LOSSO, Eugênio Luiz**. N. Jundiáí, SP, 23.5.1898. F. Piracicaba, 7.5.1974. C. a 19.6.1935 c. a Profª Avelina Palma Losso. Ff.: José Rosário (Netto), Maria Helena. Empresário, artista plástico, professor. Foi gerente do *Jornal de Piracicaba* durante 35 anos. Primeiro filho de José Rosário Losso (v.) e Antonietta Bruno Losso, nasceu em Jundiáí, mas logo após o nascimento passou a viver com os pais em Piracicaba, onde foi batizado. Fez o curso primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco (então Primeiro Grupo Escolar de Piracicaba). Desde a meninice evidenciou seu talento para o desenho e a pintura e seu pai decidiu enviá-lo à Itália aos 14 anos de idade, a fim de completar a formação secundária e aperfeiçoar-se em arte (1912). Matriculou-se na Academia de Belas Artes de Nápoles e teve como mestres Dalbono, Dorsi e Niccola Fabricatore, renomado paisagista. Estudou também com Pio Ióris e Eugênio Viti. Permaneceu em Nápoles provavelmente até por volta de 1923, transferindo-se para Roma. Retornou a Piracicaba em 1926, para

morar com os pais no sobrado destes, à rua Boa Morte, onde instalou seu ateliê de pintura. Participou em 1934 do I Salão Paulista de Belas Artes na capital paulista. Em 1933-34 expôs suas pinturas em São Paulo, destacando-se entre estas as paisagens que fez de Piracicaba e Niterói. A despeito dos elogios da crítica, não encontrou compradores para seus quadros. Decidiu abandonar a pintura e passou a se dedicar somente ao ensino, como professor de desenho. Lecionou na Escola Normal Sud Mennucci (1933), em Itapetininga, SP (1934) e após nomeação resultante de concurso público, em São Carlos, SP (1935), onde contraiu matrimônio. Lecionou até março de 1939, quando se uniu ao pai e ao irmão Fortunato como proprietários do *Jornal de Piracicaba*. Encarregou-se da gerência da empresa até seu falecimento – empresa que, além do jornal, incluía tipografia, livraria, papelaria e editora. Dotou o jornal de uma clichéria, a primeira de Piracicaba. Foi um dos fundadores do Salão de Belas Artes de Piracicaba, tendo participado da comissão julgadora do primeiro Salão, em 1953. Fez parte de várias comissões de seleção e premiação do Salão. Em sua homenagem, foi instituída a Medalha Eugênio Luiz Losso, para premiar a melhor pintura dentre as selecionadas anualmente para o salão piracicabano. “O legado de suas telas denota o notável paisagista e excepcional colorista que foi, notabilizando-se como um dos principais pintores paulistas de seu tempo” (Pedroso, 2000). Na Unileste, paralela à Rodovia Luiz de Queiroz, há uma rua em sua homenagem.

**LOSSO, José Rosário (Giuseppe Rosario).** N. Calábria, Itália, séc. 19. F. Piracicaba, 1942. C.c. Antonietta Rosalina Bruno Losso, sua prima, em Jundiá, SP. Ff.: Eugênio, Maria Clementina, Adelaide, Tilza, Antonietta, Fortunato. Negociante. Era filho de Fortunato Losso e Maria Cataldo Losso. Deixou a terra natal aos nove anos de idade para vir ao Brasil, na companhia de Cármine Losso, seu tio, em

navio repleto de imigrantes italianos. Fixaram inicialmente residência em Santos, SP. Com o passar dos anos, José Rosário tornou-se comerciante de pescado, chegando a fornecer mercadoria para a capital paulista e o interior do Estado. Mudou-se posteriormente para Jundiá, SP, onde vivia um seu tio, e casou-se nessa cidade com a prima Antonietta. “E os Losso, que também eram Cataldo por parte da mãe, se uniram outra vez aos Losso, de mãe Bruno, formando uma sólida cadeia de afeto e respeito. A vida foi dura, o trabalho enorme e árduo. O velho conquistou a segurança, perdeu tudo, lutou de novo, tornou a perder e mais uma vez, mas afinal, definitivamente, se firmou, quando lhe cresceram os filhos” (Pedroso, *Jornal de Piracicaba* de 19.3.1989). José Rosário estabeleceu-se com casa lotérica na cidade, o “Chalet Guarany”, à rua Prudente de Moraes, nº88 e manteve ex-tensões do seu negócio em Capivari e Jundiá. Transferiu-o mais tarde para a antiga Praça Sete de Setembro, ao lado do Teatro Santo Estevão, dando à casa uma nova denominação, “Ao Gato Preto”. Italiano de nascimento, era, contudo, “brasileiro de coração. Amava o Brasil, adorava Piracicaba, berço da maioria de seus filhos. O *Jornal de Piracicaba*, no primeiro quarto do século, trazia anúncios desse imaginativo negociante e nele se encontra a sua proposta de consórcio para a venda a prestação de aparelhos domésticos... Cultivava a memória da cidade e demonstrava inequívoca vocação jornalística, ao mandar editar na Europa, a suas expensas,... primorosos cadernos ilustrados da vida de Piracicaba” (op. cit.). Foi o responsável pela publicação do notável almanaque *Piracicaba* em 1914, impresso em Roma pelo editor Roberto Capri. Residiu inicialmente na rua São José e depois no sobrado do atual nº 1411 da rua Boa Morte. Em 1939, às vésperas da 2ª Guerra Mundial, José Rosário e os filhos Fortunato e Eugênio (vv.) adquiriram a empresa do *Jornal de Piracicaba*, composta do periódico desse nome, livraria, papelaria e oficina tipográfica. Em 1942, quando o Brasil entrou em guerra contra o Eixo

(Alemanha, Itália e Japão), em virtude da sua cidadania italiana, José Rosário viu-se forçado a deixar a empresa, que passou a ser propriedade somente dos filhos Fortunato e Eugênio. Ao falecer, deixou aos seus descendentes o legado do seu caráter, probidade, coragem e industriiosidade, assim como a lembrança do seu acendrado amor à cidade que o acolheu. Junto à avenida Jane Conceição, no bairro Jaraguá, há uma rua com seu nome.

**LOSSO NETTO, Fortunato.** N. Piracicaba, 18.8.1910. F. Piracicaba, 3.1.1985. C.c. Anna Glória Lemos Cunha Losso (v). F: Antonietta Rosalina, jornalista, advogada e juíza com curso pós-graduado em Direito pela USP e “Master of Science” em Economia Rural pela Universidade de Ohio, EUA, c.c. o engenheiro agrônomo Ararê dos Santos Pedroso (v). Era filho de José Rosário Losso (v) e Antonietta Rosalina Bruno Losso. Médico, jornalista, empresário, artista plástico. Coursou inicialmente o Jardim da Infância do Externato São José, à rua Moraes Barros. Após completar a escola primária, estudou na Escola Normal de Piracicaba, a futura Sud Mennucci, diplomando-se como professor em 1928. De 1929 a 1934 foi aluno da Faculdade Fluminense de Medicina, em Niterói, RJ, especializando-se em radiologia com os professores e médicos Carlos e Heliodoro Osborne. Datam dessa época suas primeiras incursões nas artes plásticas e no jornalismo. Na pintura, com paisagens do litoral e recantos do Estado do Rio de Janeiro. Voltou a pintar na década de 50, mas a despeito dos seus inegáveis méritos como artista plástico, atestados nos quadros que fez durante as férias e em fins-de-semana, referia-se modestamente a si próprio como pintor amador e autodidata. Dedicou toda a sua vida profissional à medicina e ao jornalismo. Coursava o derradeiro ano de medicina quando se casou em Niterói. Começou igualmente em Niterói e na antiga capital federal, quando estudante, a atuar como jornalista. Logo depois de formado, iniciou

a publicação, no *Jornal de Piracicaba*, de duas centenas de artigos de orientação médica e sanitária, sob o pseudônimo de “Dr. X”. Fez também jornalismo em Botucatu, SP, no jornal de seu cunhado Deodoro Pinheiro Machado. Esteve à frente do *Jornal de Piracicaba* como seu diretor durante 46 anos, paralelamente à atuação, desde 1935, como radiologista responsável pelo Gabinete de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia, cujo Centro de Radiologia ganhou depois seu nome. Durante vinte anos, desde 1943, foi diretor clínico da Santa Casa. Atuou nesta ao longo de quatro décadas. Pioneiro da radiologia em Piracicaba, dedicou a esta vinte anos da sua vida. Na Santa Casa, “eleito diretor clínico..., permaneceu no cargo por 20 anos, período em que costumava auxiliar tanto nas cirurgias gerais quanto nas específicas, como traumas e ortopedia. Atendia, na época, sozinho, recebendo pacientes de toda região a qualquer hora... Costumava iniciar seu trabalho na Santa Casa às 8 horas e só saía da Irmandade quando terminava de atender o último paciente, geralmente à tarde. Ia almoçar e, posteriormente, seguia para o *Jornal de Piracicaba* onde atuou como diretor e editor... Escrevia artigos que iam do editorial às notas de necrologia, registros sociais e ocorrências policiais” (Moratori, 2001). Na extensíssima folha de serviços que prestou à cidade, verdadeiramente interminável, destacam-se contribuições como a fundação do Rotary Club em 1941, juntamente com Paravicini Torres (v); a criação do Conselho Coordenador de Entidades Cívicas de Piracicaba (1956), que presidiu em várias ocasiões, desde a sua fundação; a idealização do Comitê de Vigilância da Águas Poluídas do Rio Piracicaba. Empenhou-se na criação do Parque Florestal de Ibicatu e nas lutas pela construção do pavilhão da maternidade da Santa Casa; na fundação da Faculdade de Odontologia e da Faculdade de Enfermagem; na vinda do Corpo de Bombeiros à cidade; na criação da Biblioteca Municipal; na luta contra a remoção dos monumentos da praça José Bonifácio (1980). Verberou na

imprensa os desatinos de um prefeito municipal, sendo, por essa razão, condenado pela justiça e posteriormente absolvido. Fundou e presidiu, desde a sua criação (1967), a Associação de Combate da Poluição Ambiental da Região de Piracicaba, ACOPARC. Juntamente com Nelson Meirelles (v) e o deputado Pereira Lopes, foi um dos fundadores da Rádio Educadora de Piracicaba. Respeitado, prestigiado e estimado pelos piracicabanos, recusou-se, contudo, reiteradamente, a participar da vida político-partidária e jamais pleiteou cargos ou benefícios públicos. Desde os anos de juventude, destacou-se na música. Foi um dos fundadores do Orfeão Piracicabano e da Sociedade de Cultura Artística, tendo sido presidente e vice-presidente desta última. Participou da criação da Pró-Arte de Piracicaba, que originou a Escola de Música. Foi membro da Academia Piracicabana de Letras e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Incumbiu-se, durante muitos anos, da crítica musical no *Jornal de Piracicaba*. A Câmara Municipal outorgou-lhe o título de Cidadão Preclaro e a Associação Paulista de Medicina, por sua seção regional de Piracicaba, deu-lhe os diplomas de Sócio Benemérito (1967) e de Honra ao Mérito (1975). Numerosas entidades culturais e assistenciais o acolheram nos seus quadros de associados, beneméritos e sócios honorários, concedendo-lhe veneras e diplomas. Recebeu as medalhas Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Grande Oficial Mário Dedini; Luiz Vicente de Souza Queiroz; e Thales de Andrade, assim como medalha de homenagem do Rotary Club de Piracicaba, como um de seus fundadores, por ocasião do jubileu de prata do clube. Em 1974 recebeu o Troféu do Rotary por sua permanência no clube durante 35 anos. No jubileu de prata da Escola de Música de Piracicaba, recebeu medalha de homenagem como um dos seus fundadores e conselheiros. Sua contribuição foi decisiva para a publicação de vários livros, estudos e trabalhos históricos, entre os quais a

coletânea de poesias de Francisco Lagrega (v) e livros de Leandro Guerrini (v) e Guilherme Vitti. Quase tudo quanto escreveu – editoriais, artigos de fundo, crônicas, críticas etc. – saiu nas páginas do jornal que dirigiu, desde 1939. Dentre as inúmeras homenagens tributadas à sua memória, destacam-se a criação do “Prêmio Losso Netto de Jornalismo” em 1989, concedido anualmente ao melhor trabalho de conclusão do curso de jornalismo da UNIMEP, e a atribuição de seu nome ao teatro municipal de Piracicaba, como reconhecimento pela sua incansável atuação na cidade em favor do bem comum, da inteligência e dos valores maiores do espírito (Pfromm Netto e Martins, 2003; Pedroso, 2000; Moratori, 2004).

**LOURENÇO, Manuel Rodrigues.** N. Anhembi, SP, 25.1.1901. F. Piracicaba, 12.3.1987. C.c. Elisa Lourenço em 24.6.1923, f. em 1983. Professor, político, folclorista, pintor, jornalista, compositor e cantor. Veio ao mundo no bairro rural de Bom Retiro, em Anhembi, passou a residir em Piracicaba em 1914 e formou-se pela Escola Normal de Piracicaba (posteriormente Sud Mennucci) em 1920. Perdeu acidentalmente a visão do olho esquerdo, aos 14 anos de idade, o que o obrigou a recorrer a uma prótese ocular. Seus pendores musicais levaram-no a criar em 1917 o Quarteto Caboclo, com os colegas Luís Antônio de Oliveira Júnior (Lulu), Astrogildo de Lima Pezza e Antônio Ferraz de Arruda (Brochado), que fazia apresentações de canto e sapateado em espetáculos em benefício do Grêmio da Escola Normal. Lecionou em Santa Maria da Serra. Professor e diretor do Grupo Escolar Rural de Dois Córregos (onde permaneceu durante 17 anos e por onde se aposentou), constituiu nessa época, com o filho de Nhô Juca Sorocaba, Olegário José de Godoy (v), o Sorocabinha, a dupla de cantadores de modas-de-violão Mandi e Sorocabinha, de renome nacional, com cerca de 64 discos de músicas de sua autoria, gravados



de 1929 a 1940. A dupla apresentou-se ao microfone na rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, assim como nas rádios paulistanas São Paulo e Cruzeiro do Sul, e participou do filme “Vamos passear com Cornélio Pires?” em 1934. Atuaram igualmente como Lourenço e Olegário. Músicas da dupla, com temas como a crise de 1929 e a Revolução Constitucionalista de 1932, são hoje reconhecidas como documentos de valor histórico. Deve-se aos entendimentos mantidos por Lourenço com a companhia de discos Victor a realização de gravações no salão nobre da Escola Normal Oficial a 25.10.1929, pelo Orfeão Normalista, sob a regência de Fabiano Lozano (v.) e pela Turma de Cornélio Pires, formada por Lourenço, Godoy e outros, que gravaram dez músicas. No mesmo ano, Lourenço e Godoy gravaram “Casamento da onça” e “Cururu”, em um dos primeiros discos de modas-de-viola feitos no país, e o desafio “Paulista e gaúcho”, “Que moça bonita” e “Caipira murtado”, de Lourenço, e “Samba”, “Adão e Eva” e “Caboclo feliz”, de Sorocabinha, em gravações da Turma Caipira Victor. Em 1932, a Victor lançou “Rebentô a Revolução” de Lourenço, bem como três outras composições de Lourenço: “Oh! São Paulo”, “Triste festa de São João”, “Os soltero e os casado” e “Depois da colheita” de Sorocabinha, interpretadas pela dupla. Lourenço participou da Revolução Constitucionalista de 1932 como voluntário, recebendo medalha de bronze por sua bravura. Aposentado como professor em 1950, Lourenço elegeu-se vereador pela UDN (União Democrática Nacional) (1960-63) e nessa ocasião presidiu a Câmara Municipal. Em virtude do licenciamento do prefeito Salgot Castillon (v.) em 1962, Lourenço assumiu a prefeitura de Piracicaba, permanecendo nesse posto até a eleição e posse do novo prefeito, Alberto Coury (v.), em novembro do mesmo ano. Em fins de 1962, Lourenço renunciou ao cargo de presidente da Câmara. Como artista plástico, foi inicialmente aluno de desenho

de Joaquim Bueno de Mattos (v.), mas este o dissuadiu de prosseguir no aprendizado, sob a alegação de que jamais chegaria a dominar a perspectiva e o volume. Tinha cerca de 30 anos quando retornou às artes plásticas, graças a frei Paulo Maria de Sorocaba (v.), conseguindo, pouco a pouco, superar as suas dificuldades. Expôs pinturas desde 1953 no Salão de Belas Artes de Piracicaba e por diversas vezes no Salão Paulista de Belas Artes, assim como em mostras oficiais realizadas em Bauru e Jaboticabal, sendo contemplado com medalhas e menções honrosas nessas exposições. Tido como pintor primitivista ingênuo, produziu mais de duas mil obras e participou de dezenas de salões de arte. Foi agraciado com venerated e diplomas de numerosas instituições e entidades culturais, como a Medalha Imperatriz Leopoldina do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Medalha Mário Dedini (1961), a Medalha Tales de Andrade (1967), a Medalha da Constituição (1964), a Medalha de Pioneiro do Desenvolvimento e Progresso de Piracicaba (1964), a Medalha do Bicentenário de Piracicaba (1969) e o título de Cidadão Piracicabano. Situa-se no Loteamento Santa Rosa, junto à Rodovia Estadual Fausto Santomauro, uma rua que tem seu nome (Lopes, 1999; Albin, 2006).

**LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom.**

N. Porto Ferreira, SP, 10.3.1897. F. Rio de Janeiro, RJ, 1970. C (1921) c. Aida de Carvalho, Ff.: Ruy Márcio. Filho de Manoel Lourenço Júnior, português, e Ida Christina Bergstrom, sueca. Professor, psicólogo, pedagogo, jornalista, escritor. Coursou a escola elementar em sua cidade natal, concluindo em Santa Rita do Passa Quatro, SP. Formou-se em 1914 pela Escola Normal de Piraçununga, SP, pela Escola Normal Secundária da capital paulista em 1917 e pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1929, tendo freqüentado durante dois anos (1918-19), a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, RJ. Nomeado professor substituto do Grupo

Escolar de Porto Ferreira, exerceu o magistério desde então. Em Piracicaba lecionou Pedagogia e Psicologia na Escola Normal (futura Sud Mennucci). Fundou em 1921 em Piracicaba a “Revista de Educação” e instalou na Escola Normal um laboratório de psicologia, iniciando suas pesquisas sobre inteligência infantil e avaliação da maturidade para a aprendizagem de leitura e escrita, que culminaram com a criação dos “Testes ABC”, adotados no Brasil e em outros países da América Latina. No Congresso Interestadual do Ensino Primário realizado no Rio de Janeiro, Sampaio Dória apresentou contribuição sobre as práticas pedagógicas lideradas por Lourenço Filho na Escola Normal de Piracicaba, apontando-as como padrão de excelência para todo o país. Empreendeu a reforma do ensino no Estado do Ceará, tendo dirigido a educação cearense nessa época (1922), e em 1924 retornou à docência na Escola Normal de Piracicaba. De 1925 a 1930 lecionou Pedagogia e Psicologia na Escola Normal da Praça da República em São Paulo. Dirigiu o ensino no Estado de São Paulo (1930). Desempenhou a seguir no Rio de Janeiro as funções de chefe de gabinete do Ministro da Educação, diretor do Instituto de Educação e diretor e vice-diretor da Universidade do Distrito Federal. Por ocasião da organização da Universidade de São Paulo, foi nomeado professor titular da cadeira de Psicologia Educacional, mas não chegou a exercer o cargo, em virtude de sua transferência para o Rio de Janeiro. Em decorrência da incorporação da Universidade do Distrito Federal à Universidade do Brasil, passou a integrar o quadro docente desta última, na Faculdade de Filosofia. Tornou-se diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e membro do Conselho Federal de Educação a partir de 1937. No jornalismo, foi redator do “Comércio de S. Paulo” e da “Revista do Brasil”, colaborando no jornal “O Estado de São Paulo” de 1920 a 1929. Fundou na capital paulista a revista “Educação” e os “Arquivos do Instituto de Educação” em

1934 e na então capital federal, em 1944, a “Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos” do INEP. Fez parte da Academia Paulista de Letras (eleito em 1929) e de numerosas outras entidades culturais, científicas e profissionais. A extensa produção bibliográfica de Lourenço Filho inclui, além de estudos, ensaios, artigos e pesquisas publicados em periódicos do país e do exterior, dezenas de livros, entre os quais *Introdução ao estudo da escola nova* (1ª ed. como *A escola nova*, 1927), *Testes ABC* (1ª ed., 1933), *Tendências da educação brasileira*, 1940; *A pedagogia de Rui Barbosa*, 1954; *Organização e administração escolar*, 1ª ed., 1963; *Joazeiro do Padre Cícero*, 1ª ed., 1926, premiado pela Academia Brasileira de Letras. Assinou numerosas traduções e capítulos em obras coletivas como *Brazil*, edição da California University Press; *A Psicologia Moderna*, organizada por Otto Klineberg, e *As Ciências no Brasil*, organizada por Fernando de Azevedo. No âmbito da literatura didática destinada ao ensino fundamental e da literatura infantil, foi o autor consagrado da *Cartilha do povo*, com meia centena de edições impressas até meados do século vinte, da cartilha *Upa, cavalinho!*, da série de livros de leitura *Pedrinho*, com várias reedições, e numerosos livros infantis, como *A irmã do indiozinho*, *A formiguinha*, *No circo*, *Histórias do tio Damião* em doze volumes. “Intelectual, inteligente e culto, foi o grande *sistematizador* da teoria educacional de um longo período de nossa história, fornecendo rigorosa elaboração de conceitos e colaborando para a criação e implantação de instituições legais e administrativas, dando *forma* ao aparelho de Estado no setor da educação e, ao mesmo tempo, construindo o referencial teórico e doutrinário para as atividades educacionais”, segundo Gandini e Riscal (1999). “Mais do que pioneiro, Lourenço Filho foi um dos mais importantes artífices da consolidação da Psicologia no Brasil” (Antunes, 2001).

**LOZANO, Fabiano Sebastian Rodrigues.** N. Tijola (Almeria?), Espanha, 20.1.1884 (1886?).

F. São Paulo, 1965. C.c. Dora Pyles Lozano, de família originária dos EUA e residente em Santa Bárbara d'Oeste, que foi, no passado, distrito de Piracicaba. Professor, compositor, maestro, instrumentista. Filho de músicos, com mãe pianista e irmão clarinetista, deixou sua terra natal aos 13 anos de idade para vir ao Brasil, passando a viver e trabalhar em Piracicaba. Seu pai e Lázaro Lozano (v.), irmão mais velho, foram seus professores de música. Estudou no Colégio Piracicabano e formou-se pela Escola Complementar de Piracicaba (Sud Mennucci) em 1903 e retornou à Espanha, a fim de se aperfeiçoar em piano, harmonia, contraponto, regência e composição, no Conservatório Nacional de Música e Declamação de Madri. De regresso a Piracicaba em 1908, lecionou no Grupo Escolar Moraes Barros e foi professor de música no Colégio Piracicabano, onde tinha conhecido a futura esposa, sua aluna, formada em música em 1909 no Piracicabano. Publicou seus primeiros cadernos de solfejos em 1912. Criou em 1913 a Orquestra do Teatro-Cinema de Piracicaba, que teve Erotides de Campos como um dos seus integrantes. Em 1914, organizou a Orquestra Lozano, com 14 músicos, e redigiu seus estatutos, realizando seu primeiro concerto na Universidade Popular de Piracicaba. A fundação oficial da Orquestra Lozano ocorreu em 1915. Em 1914, por ocasião da passagem da antiga Escola Complementar para Escola Normal e da mudança desta para o prédio da rua São João, Lozano foi nomeado seu professor de música, ocupando esse cargo de 1914 a 1930. Iniciou a organização do Orfeão Normalista e cedo passou a liderar as apresentações deste em Piracicaba e outras cidades paulistas. Em 1925, fundindo suas atividades musicais no Colégio Piracicabano, na Escola Normal Oficial e no ensino para alunos particulares, Fabiano Lozano criou o Orfeão Piracicabano, que originou a Sociedade da Cultura Artística, a partir de uma reunião realizada em sua casa, a 25.5.1925. “O Orfeão Piracicabano é o primeiro coro artístico do Brasil... Falo que é o primeiro em valor. O

Orfeão Piracicabano é o primeiro possuindo valor artístico”, escreveu Mário de Andrade em 1928, acrescentando: “E o prof. Lozano é o animador admirável dessa moçada piracicabana. A ele cabe o mérito indelével dos primeiros prazeres corais que o Brasil pode criar. É um animador de grande mérito!” (cit. em Camargo, 1975). Em 1929, a Orquestra do Lozano passou a ser oficialmente denominada Orquestra Piracicabana (6.7) e filiou-se à Sociedade de Cultura Artística. Em 1930 Lozano empenhou-se em Recife na organização e orientação do ensino de música no estado de Pernambuco. De volta a São Paulo, em 1931 incumbiu-se de organizar o Serviço de Música e Canto Coral do Estado. A despeito das intensas atividades a que se entregou nesse sentido, não deixava de vir periodicamente a Piracicaba, para orientar alunos e acompanhar de perto o que aqui se fazia, em relação à música. Criou em 1952 o Orfeão do Professorado Paulista, regendo-o pela última vez quando se aposentou e foi homenageado como Educador Emérito, após 45 anos de serviços prestados à educação paulista, 5 deles no ensino primário, 16 no secundário e 24 no Serviço de Música e Canto Coral. Um acidente de automóvel na capital paulista pôs fim à sua vida, aos 79 anos de idade. Além das partituras de suas numerosas composições, deixou um conjunto de obras que por longo tempo orientaram o ensino de música nas escolas brasileiras: *Alegria das escolas, Antologia musical, Sorrisos da infância, Minhas cantigas, Caminhos do coração, Dez contos e dez cantos, Vamos viajar, Florilégio musical*. “Sua missão era fecundar as almas dos jovens com a Música, a sua grande paixão. Possivelmente não há no Brasil outro mestre de música que tenha voltado sua atenção para o ensino da música nas escolas, (tanto) quanto o maestro Fabiano Lozano”. (*Jornal de Piracicaba*, 25.5.1975). Há uma rua Fabiano Lozano no Jardim Primavera, perto do Cemitério da Vila Rezende (Camargo, 1975; J. M. Ferreira, *Jornal de Piracicaba*, 20 e 24.5.1986; Elias, 2005).

**LOZANO, Lázaro Rodrigues.** N. Espanha, séc. 19. F. séc. 20. Professor, compositor, maestro, músico clarinetista. Irmão mais velho de Fabiano Lozano (v.). Lecionou música na Escola Complementar (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci) até 1914, quando o irmão o substituiu, e no Colégio Piracicabano. Em 1912 lançou seu livro *Solfejo para las Escuelas com acompanhamento de piano*, “para uso de las escuelas primárias, escuelas normales, colégios, etc”. Apresentava-se no pórtico da obra, como “Professor de Música de La Escuela Normal de Piracicaba” e “Primer Prêmio del Conservatorio Nacional de Música y Declamación de Madrid”. O livro foi impresso na Alemanha, em Leipzig, por Gebrüder Hug & Co. (Costa, *Jornal de Piracicaba*, 23.8.1986) e voltou a ser impresso na tipografia do *Jornal de Piracicaba* no mesmo ano, passando a ser obrigatoriamente usado pelos normalistas, de acordo com Camargo (1900). Autor de numerosas composições musicais, fez a música e letra de “O Piracicabano”, hino do Colégio Piracicabano. O hino foi apresentado pela primeira vez quando o colégio completou vinte anos, em 1901. Registros datados de 1900 mencionam o surgimento em 1900 da “Orquestra Sinfônica de Piracicaba”, por iniciativa do prof. Lázaro Lozano. A 24 de março desse ano, segundo Guerrini (1970), a “grande orquestra”, sob a regência do maestro Lázaro Lozano, executou a marcha fúnebre “Saudade de Almeida Júnior”, de Joaquim Miguel Dutra (v.), em missa celebrada na matriz local “por alma do velho músico Roque de Prado, mandada rezar pelos seus colegas e amigos”. Há no Piracicamirim uma rua Lázaro Lozano, junto à av. Prof. Alberto Vollet Sachs.

**LUCATO, IRMÃOS** (Séc. 20). Industriais, proprietários de fábrica de carrocerias para ônibus por volta de 1940, à rua Prudente de Moraes, nº 118. Um anúncio reproduzido por Guidotti (2002) e datado de maio de 1940 refere-se às carrocerias fabricadas pelos Lucato

como “as preferidas, tanto no interior do Estado como na capital”, em virtude de suas “linhas elegantes, perfeito acabamento interno e externo, resistência e durabilidade”.

**LUCCI, João** (Séc. 19-20). Comerciante. Era de sua propriedade um restaurante, em funcionamento, na passagem do século, à rua da Glória nº 6 (atual rua Benjamim Constant) (Camargo, 1900).

**LUIZ MARIA DE SÃO TIAGO, Frei.** N. Itália?, séc. 19. Frade capuchinho. Chefou o grupo de frades que vieram de Trento, Itália, e aqui chegaram a 16.3.1890. Seis anos depois, fundaram em Piracicaba o primeiro convento de capuchinhos em terras paulistas (Guerrini, 1970). A 16.4.1890, de acordo com a mesma fonte, estiveram “novamente em Piracicaba os frades Félix de Lavalles, Luiz Santiago, Silvério Rabbi e Caetano de Pietramurata, a fim de aqui fundar o seu convento”. Compraram uma chácara e nela se instalaram, iniciando no mesmo local, em 1893, a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, destacando-se nesse trabalho a figura do irmão Francisco Caetano. A 10.12.1895 o Bispo de São Paulo, D. Arcoverde, abençoou a igreja. Segundo o opúsculo sobre a Diocese de Piracicaba com apresentação de d. Ernesto de Paula (1955), a Ordem dos Frades Capuchinhos surgiu em 1525, como uma reforma de ordem de São Francisco de Assis, fundada por este em 1209. Estabelecidos em Piracicaba desde 1890, os capuchinhos passaram a ser responsáveis pelo Convento e Igreja Sagrado Coração de Jesus (Igreja dos Frades), assim como pelo Seminário Seráfico São Fidélis e o Lar Franciscano de Menores, incumbindo-se ainda das capelanias da Santa Casa de Misericórdia, Colégio Assunção, Lar dos Velhinhos e Lar Escola Coração de Maria. A 6.1.1896 deu-se a fundação da Fraternidade da Ordem Terceira, anexa ao Convento dos Capuchinhos. Há uma rua Frei Luiz Maria de São Tiago, no bairro Nova América, junto à

## **LYRA DE JESUS, Francisco**

avenida Prof. Alberto Vollet Sachs.

**LUNÉ, José Batista de.** N. São Martinho do Bispo, Portugal. Médico. Em 3.11.1847 a câmara municipal de Constituição concedeu-lhe título de declaração de nacionalização, passando, portanto, a ser considerado cidadão brasileiro. Em 1855 o Imperador nomeou-o comissário vacinador da vila, mas desde 1847, a convite da câmara, vinha se incumbindo de vacinar os cidadãos locais. Cambiaghi (1984) assinala que Luné foi “provavelmente o primeiro médico a residir em Piracicaba”.

**LYRA DE JESUS, Francisco (Chico Lyra).** N. 1926. F. Piracicaba, 2006. C.c. Regina Piloto de Jesus. Ff.: Aparecida Rita de Cássia, Marlene, Marileide. Compositor, filho de Lázaro Lyra e Maria Aparecida Lyra. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Rio das Pedras.

**MACÁRIOS, Alarico Zacharias de Souza** (Séc. 19-20). Vigário da paróquia de Piracicaba de 1898 a 1902. Iniciou em 1899 as obras de recuperação da Matriz de Santo Antônio, encarregando o artista Joaquim Miguel Dutra (v.) dos trabalhos de pintura.

**MACEDO, Antônia Martins de (Irmã Maria Cecília)**. N. Piracicaba, 7.7.1852. F. Piracicaba, 6.9.1950. F. de Pedro Liberato de Macedo e Rosa Martins Aguiar e Almeida. Seu pai, tabelião, pescador e caçador, faleceu aos 88 anos de idade, em 13.3.1893. A mãe morreu a 4.3.1894. Teve oito irmãos. Aos 36 anos de idade, casou-se com um português, marceneiro e músico de banda, Francisco Borges Ferreira. Tiveram três filhos: Rosa, João, Antônio. Este último, falecido em 1929, combateu no Paraguai, na guerra contra Solano Lopez. Aos 41 anos de idade, Antônia perdeu o esposo e decidiu ingressar na Ordem Terceira Secular de São Francisco. Foi catequista de São Benedito. Organizou um trabalho de costura de roupas para pessoas necessitadas, que ela própria se incumbia de distribuir. Em 1896 manifestou a Frei Luiz Maria de São Tiago (v.), frade capuchinho, o desejo de viver uma vida dedicada à oração, ao trabalho e ao apostolado. Nesse mesmo ano, em terreno doado por Maria das Dores Morato, fundou o Asilo de Órfãos Coração de Maria, posteriormente Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe. O lançamento da primeira pedra ocorreu a 2.2.1897 e o edifício próprio foi solenemente inaugurado a

2.2.1898. A 30.9.1898, graças aos empenhos de Antônia, que, após optar pela vida religiosa, passou a denominar-se Madre Cecília, surgiu a congregação religiosa do Sagrado Coração de Maria, sediada no edifício do asilo. Coube-lhe não somente a direção da instituição, como também o cargo de superiora na Santa Casa de Descalvado, SP, fazendo com que viajasse continuamente de Piracicaba para Descalvado, desde 1904. Foi sepultada na capela do lar escola que fundou. Em 1992 teve início o processo da sua canonização e em 1998 a validade desse processo foi reconhecida pelo Vaticano. Há uma rua Madre Cecília, paralela à rua do Rosário, que termina na Avenida Dr. Paulo de Moraes (Elias Netto, 2003; *Jornal de Piracicaba*, 9.11.2003).

**MACEDO, Flávio de Arruda**. N. Piracicaba, 18.11.1910. F. Brasília, DF, 2.3.1978. C.c. Oneida Leal de Arruda Macedo. Ff.: Sérgio, Sônia. Descendia dos Macedo e Arruda, tradicionais famílias piracicabanas. Era filho de Francisco Antônio Macedo e Maria José de Arruda Macedo. Médico. Estudou inicialmente em sua terra natal e foi, depois, aluno do Colégio São Luiz, em Limeira, SP, e do Colégio Culto à Ciência de Campinas. Formou-se em 1937 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Quando acadêmico, passou a trabalhar no Hospital da Força Pública de São Paulo, permanecendo neste após a formatura, como coronel-médico e cirurgião. Clinicou na capital paulista durante muitos anos e participou

## MACEDO, Luiz Gonzaga de

da Revolução Constitucionalista. Visitava Piracicaba freqüentemente. Foram seus irmãos o médico Oswaldo de Arruda Macedo e o cirurgião dentista Antônio Fausto de Arruda Macedo (Cambiaghi, 1984).

**MACEDO, Luiz Gonzaga de** (Séc. 20). Pastor da Igreja Metodista de Piracicaba. Assumiu esse posto que tinha sido anteriormente ocupado por Antônio Paciti. O pastor José Nicolau Lemos foi seu sucessor (Krähenbühl, 1955).

**MACEDO, Manoel Buarque de.** N. séc. 19. F. Rio de Janeiro, 27.7.1926 (1928?). Engenheiro, empreendedor. Veio a Piracicaba por volta de 1898 e passou a morar na cidade, reabrindo a Fábrica de Tecidos, após esta permanecer fechada por quase dois anos. A Fábrica de Tecidos Santa Francisca, tecelagem de algodão construída em 1874 por Luiz de Queiroz (v.) e inaugurada a 23.1.1876, tinha sido vendida a um sindicato do Rio de Janeiro, do qual Buarque de Macedo participava. Passou, assim, a ser um dos seus proprietários, tratou de reabri-la e assumiu pessoalmente a sua gerência. Tomou igualmente posse do palacete construído por Luiz de Queiroz no fim da rua Prudente de Moraes, fazendo deste a sua morada. A 10.9.1899 Buarque de Macedo comprou o Engenho Monte Alegre. Juntamente com Alberto da Cunha Horta e Antônio Pinto de Almeida Ferraz (vv.), constituiu um grupo que em 4.8.1900 criou o *Jornal de Piracicaba*. Empenhou-se na criação de um ramal ferroviário eletrificado para ligar Piracicaba a Vila Americana, unindo, assim, o município à Estrada de Ferro Paulista, um projeto que só se concretizou duas décadas depois. Segundo Guerrini (1980), a idéia da fundação do *Jornal de Piracicaba* e as providências nesse sentido teriam sido de Buarque de Macedo: “foi... quem lançou a idéia da fundação de novo periódico, independente e vivaz, sem cor política, piracicabano antes de mais nada. Um órgão sem amarras, que não desse confiança a peias partidárias, batalhando em

proveito dos problemas municipais, podendo meter o nariz onde melhor aprobevesse, sem receio de ofender a chefes ou contrariando a programação imperturbável das proposições camarárias. Ambiência própria. Boas penas – a intelectualidade chamada a colaborar, os setores da atividade local a serviço do bem coletivo. Uma semente que não foi lançada a esmo”. Além do seu arrojo e competência como empreendedor, Buarque de Macedo notabilizou-se por suas preocupações sociais e humanitárias. Deu aos operários da fábrica de tecidos “casas condignas, melhores habitações para uma existência melhor... Deu-lhes escolas com mestres solícitos – curso diurno para as crianças e cursos noturnos para os adultos. Fomentou, dessa forma, a instrução dos operários, bem como das demais pessoas que se interessassem pelo assunto. Fundou um clube de danças para a família dos empregados. Festas artísticas e bailes mensais...” (Guerrini, op. cit.). Não são claras as razões que o levaram a desligar-se do *Jornal de Piracicaba* e assim também as contrariedades que sofreu na direção das empresas que liderava. Presume-se que tenha residido no Rio de Janeiro, então Capital Federal, nos seus derradeiros anos de vida, onde veio a falecer.

**MACHADO, Francisco de Campos, Padre** (Séc. 20). Vigário da Igreja do Bom Jesus, na Cidade Alta, em 1934-35. Foi substituído nesse posto pelo pe. João Batista Martins (v.) em 1935 (D. Ernesto de Paula, 1955).

**MACHADO, Francisco José.** N. Jundiaí, SP, 1796. F. Campinas, SP, 12.3.1841. C.c. Maria do Nascimento Amaral. Ff.: Henrique Urias, Francisco José (Filho), Antônio José, Anna Cândida, Elias, Maria do Carmo, Prudenciana Leopoldina, Antônia Hipólita, Inocência Maria. Vereador na câmara de Constituição (1833-36), foi o primeiro prefeito da vila, posteriormente cidade de Piracicaba. Vitti (1966) esclarece que, “com a publicação do famoso Código do Processo, houve profunda alteração no

sistema administrativo do País, surgindo pela primeira vez a separação entre o Executivo e o Legislativo. Apareceu o cargo de Prefeito, que era nomeado pelo Presidente da Província. Este sistema durou até 1840”. Constituição teve apenas dois prefeitos no século 19: Machado, de 1835 a 1837, e Manoel de Toledo Silva, de 1838 a 1840. A 5.5.1835 o presidente da Província, Rafael Tobias de Aguiar, comunicou à edilidade a nomeação de Machado e este tomou posse a 6.7.1935, prestando juramento, em sessão da câmara. A 6.11.1837 comunicou a esta que enviou à presidência da Província seu pedido de demissão do cargo de prefeito. Nesse mesmo ano, Machado submeteu-se a exames na câmara para ser o professor da escola de primeiras letras da vila, perante os examinadores vigário Manoel José de França (v.) e bacharel Delfino Pinheiro de Almeida, e foi aprovado. Em novembro de 1837 pediu demissão do cargo de prefeito. Manteve-se, no entanto, nos empregos de secretário da câmara e professor “de 58 meninos, desde o dia 16 de agosto”. Eram 86 alunos, em outubro de 1840. A 10.10.1838 a câmara nomeou-o, juntamente com Manoel Dias Ribeiro (v.), para a realização dos estudos da picada da estrada que seguiria para Cuiabá, passando pelo rio Corumbataí, com pontes a serem feitas pelo referido Ribeiro e Joaquim Marcelino da Rocha. Francisco José Machado foi juiz de mediação de terras por provisão imperial de 7.11.1828, o primeiro tabelião de Constituição e o primeiro escrivão da municipalidade. Personalidade destacada nos começos de Piracicaba, pertenceu a um célebre “Partido dos Quarenta Coligados” (v.) e presidiu o núcleo local da Sociedade Defensores da Liberdade e Independência Nacional, criada no Rio de Janeiro logo após a abdicação de D. Pedro I (Vitti, 1966; Guerrini, 1970; J. T. Veiga, *Jornal de Piracicaba*, 7.9.1986). Há uma rua no Jardim Brasília com seu nome, paralela à rodovia Luiz de Queiroz.

**MACHADO, Licínio Leite** (Séc. 19-20).

Professor da Escola Complementar de Piracicaba, (a futura Sud Mennucci), nos primeiros anos de funcionamento desta. Dedicava-se igualmente a invenções no domínio da eletricidade, conforme notícia do *Jornal de Piracicaba* de 20.9.1903, que nessa ocasião publicou um seu retrato na primeira página, incluindo-o assim entre as personalidades notáveis que compunham a “Galleria Piracicabana”.

**MACHADO, Maria Lavínia Sardinha.** N. São Simão, SP, 16.5.1916. F. 2007. C.c. José Luiz Machado. FF: Maria Cecília Machado Bonachella (v.) e Maria Lavínia (Filha). Professora e poetisa. Coursou a escola primária, o ginásio e o primeiro ano da escola primária normal na sua cidade natal. Transferiu-se para Niterói, e por fim para o colégio paulistano Santa Inês, onde se formou como professora. Exerceu o magistério até aposentar-se. Passou grande parte de sua vida em Piracicaba. Fez poesias desde os anos trinta, mas só posteriormente passou a publicá-las. Foram divulgadas no *Jornal de Piracicaba* e em coletâneas de poetas piracicabanos. Fez parte de várias instituições culturais e literárias (M. N. F. P. Camargo, *Jornal de Piracicaba*, 28.6.2007; Moraes Júnior, 1994).

**MACHADO, Moreira, Viúva** (Séc. 19-20). Capitalista. Figura na lista dos “capitalistas piracicabanos que como tais pagam impostos”, na passagem do século (Camargo, 1900), correspondendo-lhe a importância de 50:000\$000 réis.

**MACHADO FILHO, Raul.** N. 1910. F. São Paulo, SP, 27.7.1996. C.c. Helena Moreira César Machado. FF: Raul Machado Neto, Custódio, Maria Isabel, Maria Helena, Teresa. Médico pediatra, dedicado e muito estimado pelos piracicabanos, atuou na Santa Casa, no Centro de Reabilitação, na Escola de Mães Branca Motta de Toledo Sachs (antiga Escola de Mães dr. Álvaro Guião). Fez parte do grupo de médicos



## MAC KINGHT (Mac Knight?), João

que criaram em 1950 a Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina e foi presidente desta (1953-54). Foi Secretário Municipal de Cultura. Está sepultado em Piracicaba. “Caráter ilibado, culto, gentil, delicado, carinhoso e afetuoso com os seus pequeninos clientes e com os pais, conforme declarou Raul Cury, seu amigo e admirador, à beira do esquife em que foi conduzido para a sua última morada, no Cemitério da Saudade” (Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 27.7.1996; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**MAC KINGHT (Mac Knight?), João** (Séc. 19). Cirurgião dentista. Em fins do século 19, mantinha consultório à rua Direita, atual rua Moraes Barros, de acordo com Camargo (1900).

**MACLUF, José.** N. Capivari, SP, 11.10.1915. C.c. Leonilda Zambello Macluf. Ff.: José Carlos, Maria Gislene. cursou o ensino elementar em sua cidade natal, no Grupo Escolar Augusto Castanho. Industrial, comerciante. Começou a trabalhar nos anos 40 como aprendiz de alfaiate. Vivendo e trabalhando permanentemente em Piracicaba, tornou-se proprietário do Magazine e Alfaiataria Macluf, na Praça da Catedral nº 1039 (Righetto, 1966; Martins, 1975; Salum, 2003) e sócio-gerente da firma de Artefatos de Cimento Woltzmac. Presidiu a Associação Comercial e Industrial de Piracicaba e a Associação Beneficente dos Alfaiates de Piracicaba (1960-67). Foi conselheiro da Delegacia local da Ciesp, do Clube Recreativo Cristóvão Colombo e do Clube de Diretores Lojistas. Em 1967 foi agraciado com a comenda e a medalha do Bicentenário de Piracicaba.

**MAC NAIR, Stuart** (Séc. 19-20). Missionário evangélico. Mac Nair e dois companheiros, os missionários Guilherme Doglim e Antônio Martin, vieram a Piracicaba em 1900 e logo após instalaram a congregação evangélica conservadora “Irmãos Unidos” na cidade. Seu primeiro templo foi construído à rua Moraes

Barros, nº 1220, perto do largo Santa Cruz. A congregação instalou outros templos em Piracicaba (Paulicéia, Vila Rezende, Santa Terezinha, Jardim das Flores, rua São João e outros locais). O missionário Martin descendia de suíços-alemães e pertencia à confissão luterana, segundo Gerson Martins (*Jornal de Piracicaba*, 2000).

**MADAZIO, José.** Séc. 19-20. N. Itália. Agricultor. Era produtor de aguardente de cana-de-açúcar no Guamium, por volta da passagem do século, segundo Alleoni (2003). A mesma fonte refere-se a outro Madazio: Leandro, cujo nome consta na relação de associados do Livro Caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em 1905.

**MADEIRA, Arthur** (Séc. 19-20). Professor. Foi um dos educadores do primeiro Grupo Escolar de Piracicaba, o futuro G.E. Barão do Rio Branco, surgido em 1897. Colaborou como auxiliar de regência desde os primeiros tempos da escola, quando este teve Antônio de Mello Cotrim (v.) como diretor. O grupo escolar contava, na passagem do século, com três professoras do sexo feminino (Filisbina N. Coelho, Maria de Meira Rocha e a substituta Rosina de Arruda Góes) e seis do sexo masculino: Madeira, João Baptista de Sampaio Arruda (v.), Felipe Angelis (v.), Iclerico Gomes, Francisco F. Ferreira da Silva e Pedro de Mello (v.). Madeira foi, além disso, diretor e professor de um curso noturno primário para adultos, mantido pelo Estado, tendo o prof. Felipe Angelis como seu auxiliar. Na passagem do século, o curso (classe) de adultos contava com 39 alunos e funcionava numa das salas do 1º Grupo Escolar. Na Vila Cristina há uma rua Prof. Artur Madeira, perto da avenida Raposo Tavares.

**MAGALHÃES, Hildebrando de** (Séc. 20). Poeta e editor da revista *Yara*, publicada em

Piracicaba na década de trinta. É o autor de um livro de poesias, surgido nessa mesma época: *Divina Ficção*, impresso em Piracicaba em 1935. Seu nome foi dado a rua na Vila Pacaembu, junto à avenida 31 de março.

**MAGALHÃES, Manoel Ribeiro de** (Séc. 19). Avô do dr. Osíris Magalhães de Almeida (v). Filho de Manoel Dias de Almeida (v) e Deolinda Magalhães de Almeida. Editou a *Gazeta de Piracicaba*, jornal republicano bi-semanal, na época em que teve como redatores Antônio de Moraes Barros e João Sampaio (vv). A tipografia e o escritório da *Gazeta* funcionavam no nº 75 da rua do Comércio (depois Governador Pedro de Toledo). Ribeiro de Magalhães residiu à rua Benjamin Constant, na vizinhança do solar da família Moraes Barros, na esquina da rua do Comércio com a rua Prudente de Moraes.

**MAGALHÃES, Paulo Ribeiro de**. N. Piracicaba, 1901 e f. 1957. Moraes Júnior (1994) menciona-o como jornalista, historiador, poeta, político atuante e um dos proprietários da *Gazeta de Piracicaba*. Trabalhou na imprensa paulistana, fazendo parte da redação de *O Estado de S. Paulo*. Colaborou nos principais órgãos de imprensa do país e foi encarregado de missão profissional na Inglaterra. Desde a década de trinta, dedicou-se à literatura infantil, sendo de sua autoria dois livros publicados pela Editora Melhoramentos de São Paulo: *A Rainha do inferno* (1939) e *Histórias da mata virgem* (s.d.).

**MAGALHÃES, Tarcísio de** (Séc. 19-20). Professor catedrático da ESALQ de 1912 a 1936, primeiro titular da 7ª Cadeira, criada em 1912 sob a denominação Economia Rural. A partir de 1937 a cadeira passou a ser ocupada por Érico da Rocha Nobre (v). A 7ª Cadeira, juntamente com várias disciplinas, deu origem em 1967 ao Departamento de Economia da escola, que por sua vez se converteu no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas em 1970. Dirigiu a escola, então Escola Agrícola

Luiz de Queiroz, de 12.1.1916 a 3.6.1918.

**MAGGI, Nazareno, padre** (Séc. 20). Foi o primeiro vigário da Capela do Sagrado Coração de Jesus, em Saltinho. Nela permaneceu de 1938 a 1943. Construída em 1926, a capela tornou-se oficialmente paróquia em 1937. Por ocasião do início do processo do seu tombamento em 1991 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, o então presidente deste, Dirceu Rother Júnior, declarou que “a importância da capela está relacionada ao seu valor histórico e arquitetônico” (*Jornal de Piracicaba*, 27.9.1991).

**MAGGIONE, Arthur**. N. Itália, séc. 19. Agricultor. Um dos responsáveis pela criação, na Vila Rezende, da “Società Italiana Agrícola Cooperativa”, nos começos do século vinte, inicialmente com 270 sócios. Maggione presidiu a sessão na qual foi eleita a diretoria provisória da entidade, cabendo-lhe o cargo de tesoureiro. Foram igualmente eleitos nessa ocasião o presidente Luíz Negri (v), o tesoureiro Domenico de Cillo e os conselheiros Antonio de Cillo, Lourenço Ducati, Giulio Ferrari, Santo Lavaca, João Ribeiro, Giuseppe Trevizan (v), Nardelli Valentino e Christiano Zinzli (*Gazeta de Piracicaba* de 1.2.1900, cit. por Alleoni, 2003). O nome de Maggione aparece entre os dos irmãos admitidos na Loja Maçônica Piracicaba, quando foi reerguida em fins de século 19, tendo pertencido à diretoria desta, na condição de orador da Loja (Veiga, 1975).

**MAGOSSI, Victório**. N. Araras, SP, 4.1.1897. F. Piracicaba 23.4.1970. C.c. Genebra Magossi, nove ff. Comerciante. Estudou no Seminário Seráfico São Fidélis de Piracicaba. Foi proprietário de vários estabelecimentos comerciais na cidade: hotel, pensão, armazém de secos e molhados, fábrica de móveis e carretéis. Trabalhou na Fábrica de Tecidos Boyes, onde se aposentou. Uma rua do Loteamento Santa Rita tem seu nome.

**MAHLE, Cecília.** N. Piracicaba, 1958. F. Piracicaba, abril de 1973. Filha do maestro e compositor Ernst Mahle e Maria Aparecida Romera Pinto Mahle, renomado casal de musicistas de Piracicaba. Era pequena quando perdeu a visão, mas aprender a ler e escrever em braile e jamais desistiu, ao longo dos seus breves quinze anos de vida, de tocar piano, cantar e compor. Criou mais de 1400 músicas. Segundo Losso Netto (v.), ela “extravasou sua alma em belas melodias, que o amor do seu pai recolheu, orquestrando-as, para deleite de outras criaturas sensíveis”. Para o crítico de arte João da Cunha Caldeira Filho (v.), as composições de Cecília, além da documentação que fornecem da criatividade infantil, são “valioso material, para a aprendizagem de música em grau elementar. As melodias são acessíveis, soam bem e a realização atende aos meios de execução preferentemente oferecidos às crianças”. Registradas pelo pai e publicadas inicialmente pela editora Vitale, as músicas de Cecília ganharam arranjos para vários instrumentos, graças a Ernst Mahle. (R. Alves, *Jornal de Piracicaba*, 25.4.2008).

**MAIA, Sylvio Azambuja de Oliva** (Séc. 19). F. 1933. Médico. Doutor em 1884, foi o primeiro médico interno da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1885) e durante dez anos residiu e clinicou em Piracicaba, sendo, além disso, proprietário da fazenda Pinhal. Tinha como endereço a rua das Flores (atual Treze de Maio) nº 4. Transferindo-se para a capital paulista, granjeou justo renome como obstetra, tendo sido o primeiro ocupante da cadeira de clínica obstétrica (1917-24) da Faculdade de Medicina de São Paulo (Cambiaghi, 1984).

**MAINARDI, Domingos** (Séc. 20). C.c. Albina Bissi Mainardi. Ff.: João, Antônio, Hermenegildo, Severino (Silo), Iná, Idalina, Carmela. Dedicado inicialmente à lavoura, foi depois, até aposentar-se, funcionário das Oficinas Dedini e dono de um curtume, onde fabricava “correias, cordas, relhos, enfim,

todo aviamento necessário” (Aldrovandi, 1991). Residiu na av. Dona Francisca, no lado oposto do campo de futebol da Associação Atlética Sucrierie (posteriormente Clube Atlético Piracicabano).

**MAINARDI, Luiz** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário da padaria e confeitaria Minerva, à rua Alferes José Caetano, nº 116. Anunciava em 1914 que sua casa comercial passara por uma reforma completa e tinha à venda “bolachas palito francês, melindre (doce), polvilho e maizena, biscoitinhos, pão-de-ló, bolos de amores e muitos doces estrangeiros..., grande sortimento de artigos para fumantes, vinhos finos, vermouths, petisqueiras (salames, presuntos, mortadelas, manteigas de diversas marcas, chá em folha e Lipton)”. O mesmo anúncio informava que a padaria e confeitaria de Mainardi aprontava, “com urgência, doces finos para casamentos e batizados” (Capri, 1914).

**MAKDESSI, Issa Al.** (Séc. 19-20). Um dos fundadores da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba em 1903, tendo participado da sua primeira diretoria, como tesoureiro (Salum, 2003). Provavelmente Issa Al-Makdessi e Issa Mokdossi, este último mencionado na relação “in memoriam” dos associados da entidade, conforme a fonte citada, são a mesma pessoa.

**MALAGA e MATTA** (Séc. 19-20). Músicos. Ambos eram maestros. O primeiro regeu a Corporação Musical Carlos Gomes de Piracicaba, e o segundo, a Banda Stipp. Em 1900 as duas bandas se apresentaram com brilho em quermesse promovida pela Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em benefício dos “indictosos sorocabanos”, participando igualmente do evento a Corporação Musical Azarias de Mello. A banda Stipp (1884-1910) compunha-se quase totalmente de pessoas da família Stipp (v.) e a Azarias de Mello foi uma das mais antigas bandas da cidade: reorganizada em 1884 (Guerrini, 1970), perdurou até 1926, segundo

Chiarini (1955). Este último não se refere aos maestros Málaga e Matta, mencionados por Alleoni (2003), como os regentes das bandas que se apresentaram na quermesse, possivelmente realizada para angariar recursos destinados às vítimas da febre amarela (peste bubônica) em Sorocaba, SP.

**MALAGUETTA, Joaquim.** N. Coimbra, Portugal, séc. 19. F. Piracicaba, com 93 anos de idade, no séc. 20. C.c. Maria Uccelli. Filhos: Ângelo, Almerinda, Josefa, Alfredo, Vitalino, Reinaldo, Idalina, Ademar. Veio de Portugal para Piracicaba aos sete anos de idade, passando a residir em Vila Rezende, na av. Manoel Conceição. Nos tempos do império, trabalhou na fazenda do Barão de Rezende, e foi administrador da fazenda Água Santa, pertencente ao Engenho Central, durante 42 anos. A filha Almerinda casou-se com João Oriani, alfaiate, e o casal residiu igualmente na Vila Rezende. Uma das suas filhas foi Irahyses Oriani, esposa de João Chiarini (v.). (Aldrovandi, 1991).

**MALAVOLTA, Euripedes.** N. Araraquara, SP, 13.8.1926. F. Piracicaba, 19.1.2008. C.c. Leila Machado de Brito Malavolta. Ff.: Gianpaolo, Marcelo, Maria Fernanda, Maria Lígia, Maria Lúcia. Engenheiro agrônomo, pesquisador, professor universitário. Filho de Antônio Malavolta e Lúcia Canassa Malavolta, com avós italianos. Estudou em sua cidade natal no Externato Santa Terezinha e no Colégio Progresso, no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas e no Colégio Estadual de Araraquara. Diplomou-se pela ESALQ em 1948 e tornou-se livre-docente desta em 1951, de Química Agrícola. Começou sua carreira docente como assistente de José de Mello Moraes (v.) no ano seguinte ao da sua formatura e dirigiu a ESALQ de 1966 a 1970. Professor catedrático de química orgânica e química biológica desde 1954, foi também diretor do Instituto de Física de Química da Universidade

de São Carlos. Representou o Brasil em 1963 no Congresso das Nações Unidas para as Aplicações da Tecnologia de Plantas, bem como nos Colóquios de Nutrição realizados em Tel Aviv (1970) e Hanover (1974) e participou como convidado no Simpósio Internacional de Potassa (Budapeste, 1974), assim como em numerosas outras reuniões de caráter científico no Brasil e em diversos países. Foi membro pleno (1996) da Academia de Ciências do Terceiro Mundo (TWS). Foi agraciado com a medalha do Bicentenário de Piracicaba e medalhas do Centenário da Ohio State University nos EUA e do jubileu de prata da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Publicou inúmeros trabalhos de pesquisas e livros como *Elementos de química agrícola*, *Manual de química agrícola*, *ABC de adubação e Nutrição mineral de plantas* (edições em português, inglês e espanhol). Um livro póstumo reuniu suas poesias: *Cantos de um poeta silencioso* (2008). Foi sócio titular de várias entidades renomadas, entre as quais a Academia Brasileira de Ciências, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e as Sociedades Brasileiras de Botânica, Bioquímica, Energia Nuclear e Ciência do Solo. Dotado de vasta cultura humanística e artística, foi um dos fundadores e diretores do Clube Piracicabano de Cinema (1949-54) e colaborou no *Jornal de Piracicaba* com poesias e traduções, que assinava como E. Malta. Em 2004 a Câmara de Vereadores deu-lhe o título de Cidadão Piracicabano. Aos seus extraordinários méritos como cientista e professor soube somar um invejável domínio do que há de mais representativo da cultura e da sensibilidade artística de todos os tempos.

**MALDONADO, Mário Brandão Vieira.** N. Barra Mansa, RJ, 1878. F. Piracicaba, 6.3.1944. Médico e engenheiro agrônomo, c.c. Rose Lee Steagall Maldonado. Ff.: Evangelina, Iolanda, João Carlos, José Mário, Lúcia Lee. Era filho de João Luiz Vieira Maldonado, médico e professor de medicina no Rio de Janeiro, RJ, e Eduarda Brandão Maldonado. Diplomou-se

pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, RJ. Exerceu atividade clínica na capital paulista e formou-se pela ESALQ na terceira turma desta, em 1905, passando a lecionar na escola a partir desse ano, logo após a formatura, na 4ª Cadeira. Foi diretor da ESALQ em 1927. Em 1906 Carlos José de Arruda Botelho (v.), secretário da agricultura do Estado, escolheu-o para atuar no Posto Zootécnico Central, na capital paulista, como auxiliar do diretor. “Em breve, tornou-se um dos mais conceituados técnicos nos meios agrônômicos do Estado e do Brasil, e mesmo de outros países, como a Argentina, onde seus trabalhos sobre a febre aftosa tiveram grande repercussão” (Cambiaghi, 1984). Foi diretor superintendente do Departamento de Indústria Animal, desenvolvendo intensa atividade nos domínios da agricultura e da pecuária. A febre aftosa, que em 1921 ameaçava destruir os rebanhos paulistas, pôde ser debelada graças aos seus esforços. Contribuiu significativamente nos experimentos de cruzamento e seleção de gado bovino, de que resultou a raça Caracu, ganhando justo renome como o principal colaborador de Luiz Pereira Barreto. Dirigiu a Faculdade de Medicina e Veterinária de São Paulo e à frente do Departamento de Indústria Animal construiu o parque de Água Branca. Após 35 anos de relevantes serviços à frente do Departamento na capital paulista, aposentou-se e retornou a Piracicaba, onde passou a atender gratuitamente os pescadores e a gente humilde que o procuravam. Seu nome figura com destaque na história da aviação de Piracicaba, tendo presidido o aeroclube local de 1941 a 1943. Uma notícia do *Jornal de Piracicaba* (7.3.1944), por ocasião do seu falecimento, ressalta a importância de sua contribuição nesse sentido: “concorreu decisivamente para a construção do Aeroporto, iniciando nele a construção de sua sede” (cit. por Guidotti, 2003). Foi um dos fundadores do Rotary Club de Piracicaba, criado a 15.2.1941. Seu falecimento ocorreu em modesto quarto da Santa Casa de Misericórdia local.

**MALUF, Abdo** (Séc. 20). Comerciante e empresário. Liderou o grupo Abdo Maluf & filhos, que atuou nos ramos de madeira e cereais. Em anúncio no almanaque de Neme (1936), são referidos como “exportadores de pinho e embuia em grande escala, especialidade em madeiras do Paraná (peroba, jequitibá, pinho, cedro e embuia), depósito de caibros, ripas, vigamentos, tábuas de forro aparelhadas e brutas, tábuas de assoalhos e muitas outras) e depósito de cereais em alta escala. A firma tinha sede à rua Prudente de Moraes, nº 200. Abdo Maluf faz parte da lista “in memoriam” de antigos sócios da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba (Salum, 2003). Há uma rua Abdo Maluf no Jardim Monte Líbano II, perto da avenida Raposo Tavares. Segundo o *Jornal de Piracicaba* (8.11.1992), o sobrenome Maluf significa criador de carneiros. Os Maluf de Piracicaba originaram-se de antepassados de Kafar-Acab, cidade montanhosa do Líbano. Começaram a chegar ao Brasil por volta de 1920. Barata e Bueno (2000) mencionam famílias com o mesmo sobrenome que se estabeleceram no Rio de Janeiro e na capital paulista, aparentemente sem parentesco entre si, nem com os Maluf piracicabanos. Fazem parte do grupo dos Maluf pioneiros em Piracicaba: João Maluf, Jorge (Felicía) Assad Maluf (v.), Salim (Farid) Maluf, Abdo (Salime) Maluf, Gabriel (Guilhermina) Maluf, Elias (Margarida) Zaidan Maluf (v.) e Daibes (Hala) Zaidan Maluf.

**MALUF, Alzira Koury**. N. Casa Branca, SP, séc. 20. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Phelippe Zaidan Maluf (v). Mãe de Salim Phelippe (v), Milton e Paulo Sérgio Maluf e ligada, como o esposo, seus filhos e cunhados, à tradicional loja piracicabana “A Porta Larga”. Residiu na rua Santo Antônio, defronte à casa de Mário Dedini. Figura inesquecível da melhor sociedade piracicabana do século 20, religiosa e generosa, dedicou-se com um empenho admirável a numerosas causas em favor dos mais desfavorecidos. Fundou a Pia União de Santo Antônio (PUSA)

e destacou-se como sua grande colaboradora, assumindo a presidência da entidade após as administrações de Amélia Sampaio e Branca de Oliveira. Graças aos seus empenhos junto ao prefeito Luciano Guidotti (v.), foram construídas 25 casas para famílias sem teto, assim como uma sede social. Esteve à frente da Pia União durante 37 anos. Foi a primeira presidente do Clube da Lady de Piracicaba, desdobrando-se em inúmeras iniciativas de benemerência que organizou e liderou no clube. “Uma pessoa meiga, carinhosa, bondosa, austera, que praticava a religião enxergando no próximo o próprio Cristo” (S. B. Alves, *Jornal de Piracicaba*, 16.6.2007).

**MALUF, Bechara Zaidan e Adib** (Séc. 20). Proprietários de depósito de bebidas, à rua Benjamin Constant (Salum, 2003). Bechara Z. Maluf teve seu nome incluído na relação “in memoriam” dos antigos associados da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa, reproduzida na fonte citada, onde figuram igualmente: Abdo Maluf (v.), Acle Chedid Maluf, Elias Zaidan Maluf (v.), Felício Maluf, Gabriel Maluf, Hide Maluf, Ibrahim Assad Maluf, Jamil Maluf, João Maluf, Jorge Ayub Maluf, Kaiçar Maluf, Moisés Maluf e Phelippe Zaidan Maluf (v.). No quadro de fundadores da Sociedade consta José Maluf, grafado como Youssef Maluf na ata da segunda reunião da entidade, a 27.11.1902. Em 3.8.1985 o prefeito Adilson Maluf inaugurou na Vila Rezende o Conjunto Esportivo Felício Maluf, ginásio coberto para mil pessoas que custou cerca de 800 milhões de cruzeiros (Pfromm Netto e Martins, 2003). Adalberto Felício Maluf foi durante doze anos vereador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), criado em 1980. Jamil, Willan e Aissar [Kaiçar?] Maluf são referidos em Guidotti (2002) como proprietários da firma Irmãos Maluf, inicialmente à rua Governador Pedro de Toledo, nº 241, e a partir de janeiro de 1941 na rua D. à máquina dos srs. João Maluf & Cia.” Uma travessa da Vila Monteiro denomina-se

Adib Zaidan Maluf e a Escola Municipal de Educação Infantil de Vila Cristina tem o nome de Hide Maluf Júnior.

**MALUF, Elias Zaidan** (Séc. 20). Teve estabelecimento de beneficiar arroz à rua Santa Cruz, na esquina da rua Rangel Pestana. Elias e Hide Maluf foram grandes amigos da família de Phelippe Zaidan Maluf (v.), que adquiriu e expandiu o estabelecimento comercial A Porta Larga, na rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo). Elias foi 1º tesoureiro da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba por ocasião do jubileu de prata desta (1927). Participou a 9.7.1933 da fundação da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, tendo sido eleito membro da diretoria provisória da entidade. Escolheram-no para a comissão encarregada de promover a divulgação da nova sociedade e trazer sócios para esta (Guidotti, 2002; *Jornal de Piracicaba*, 24.8.2006; Salum, 2003). Hide Maluf e irmãos são mencionados em meados do século como proprietários do Depósito de Madeiras Maluf e representantes do cimento Perus, à rua Prudente de Moraes, nº 1104 (Krähenbühl, 1955). Hide foi pai de Antônio e Hide Jr., falecidos, e de Adilson Benedicto (prefeito de Piracicaba, 1973-76 e 1983-88), Hadir, Myrian e Marileide Maluf.

**MALUF, Jorge** (Séc. 20). Comerciante. Está na lista das sete maiores firmas, em função do capital registrado, existentes em Piracicaba por volta dos anos 40. Jorge Maluf consta como comerciante no ramo de gêneros alimentícios, com casa comercial à rua São José, 645, registrada no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba sob nº 811 e como sócio nº 96, com um capital de 80:000\$000. No almanaque de Neme (1936), há um anúncio da Casa Maluf, de Jorge Maluf & Cia., à rua São José, nº 65 (antiga numeração), que lista os produtos à venda: “secos e molhados por atacado em alta escala, estoquista dos afamados pneus Dunlop, representante única

de querosene e gasolina Caloric, distribuidora das baterias Willard, completo sortimento de peças genuínas Chevrolet, exclusivista dos produtos da Cervejaria Brahma, fornecedora dos produtos da Cia. Antártica, vendedora única do saboroso Guaraná Zanotta”. Em 1942, uma nota sobre a Casa Maluf recolhida do *Diário de Piracicaba* por Guidotti (2002) menciona-a como representante “do Cimento Itaú, pneumáticos e câmaras de ar Dunlop, cervejas Brahma, águas São Pedro, da Fonte Almeida Salles e champanha, vinhos e sucos de uva Michelin”. Jorge Maluf foi presidente da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba durante muitos anos: 1946, 1948-51, 1953, 1955, 1959, 1961, 1963, 1965, 1967 e 1969-70.

**MALUF, Phelippe Zaidan.** Séc. 20. F. 27.3.1947. C.c Alzira Koury Maluf. Ff: Salim Phelippe (v), Milton e Paulo Sérgio. Comerciante e empresário, um dos oito filhos do casal Salim Zaidan Maluf e Faride Nassim Maluf, libaneses de Zahle. Foram irmãos de Phelippe: Adélia, Adib, Carlos (Caran), Chicre, Jamil, Salim Filho e Syrio. Após chegar ao Brasil, Salim instalou-se com a família em Capivari, SP, dedicando-se ao comércio de cereais. Vitimado pela gripe espanhola, faleceu em 1910, deixando viúva e filhos menores de idade. Em 1920 os Maluf mudaram-se para Piracicaba. Phelippe, o filho mais velho, trabalhou na Casa Maluf, de Jorge Maluf (v), e na Casa Vermelha, de José Basílio de Camargo. No ano seguinte, Phelippe adquiriu de Elías Antônio (v) a loja A Porta Larga, uma antiga casa de ferragens que se convertera em loja de tecidos, na esquina das ruas do Comércio e Moraes Barros. Em 1935, Phelippe permutou sua moradia, à rua Boa Morte, por um imóvel pertencente à família de Álvaro de Azevedo (v), onde funcionou a antiga Loja do Sol. Os filhos de Phelippe tornaram-se sócios do estabelecimento. Em 1947, quando regressava de Jacaréi, SP, após visitar uma empresa de que era sócio, a Indústria de Meias Maluf, Phelippe morreu em acidente automobilístico. Nessa

ocasião, era igualmente co-proprietário da Indústria de Camisas UMR no Rio de Janeiro e da Fábrica de Cretone Eliana, na capital paulista. Uma rua na Unileste tem seu nome (paralela à Rodovia Luiz de Queiroz).

**MALUF, Salim Daibes** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário da Loja Alvorada. A loja dedicava-se à venda de roupas feitas, por volta dos anos 60. Situava-se à rua Governador Pedro de Toledo, nº 983. Provavelmente aparentado com Bechara Daibes Maluf, cuja viúva, Badia Antônio Maluf, n. 1918, f. em Piracicaba a 17.8.1996; tiveram cinco filhos, Ariovaldo, Gilberto, Halla, Liliâne e Roberto.

**MALUF, Salim Phelippe.** N. Piracicaba, 1927. F. Piracicaba, 6.2.2006. C.c. Cleuza Maria Pacheco Maluf. Ff.: Luiz Phelippe, Sílvia Maria, Luiz Marcos e Maria Luiza. Empresário, comerciante. Filho de Phelippe Zaidan Maluf (v) e Alzira Koury Maluf. Irmão de Milton e Paulo Sérgio Maluf. A família Maluf está tradicionalmente ligada a uma grande loja piracicabana, “A Porta Larga”, desde 1921, quando seu pai comprou-a. Com o falecimento do pai, a loja passou a pertencer à viúva Alzira e seus cunhados Adib, Chicre, Jamil e Salim (Filho), tendo como auxiliares nos negócios os filhos Salim Phelippe, Milton, e, mais tarde, Paulo Sérgio, na condição de empregados. Um anúncio de meados do século (Krähenbühl, 1955) refere-se à Porta Larga como loja de propriedade de Chicre Zaidan Maluf & Cia. Ltda., à rua Governador Pedro de Toledo, nº 945. Em virtude de reformulação da razão social ocorrida em fins de 1963, passou a sociedade a ser composta pela viúva de Adib, Sálua, e os irmãos Salim Phelippe, Milton e Paulo Sérgio. A partir de então, Salim Phelippe voltou a trabalhar no estabelecimento, mas doravante na condição de sócio. Nas quatro últimas décadas do século 20, A Porta Larga prosperou de maneira extraordinária. Foi reformada e ampliada. Os 230 m<sup>2</sup> das insta-lações iniciais, ampliados para

1050 m<sup>2</sup> em 1959, tiveram nova expansão em 1970, com a aquisição do prédio vizinho (casa Nelly), que foi demolido, somando 720 m<sup>2</sup> à área ocupada pela loja. “Com o pulso firme de Salim, foram feitas inovações nos momentos certos, que proporcionaram o crescimento da loja... Como atuante no comércio, foi um dos primeiros empresários que acreditaram no potencial do comércio de Piracicaba e incentivou seu desenvolvimento”. (J.A. Godoy, *Jornal de Piracicaba*, 14.2.2006). Novas reforma e ampliação da Porta Larga ocorreram a partir de 1985, passando o estabelecimento a ter 4.300 m<sup>2</sup>. Salim Phelippe, nas palavras do Presidente da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba, Acipi, José Antônio de Godoy, “tinha uma visão muito clara dos negócios, sabia o que era bom, tanto que são poucas as lojas que cresceram como A Porta Larga... Era um grande baluarte do comércio piracicabano” (*Jornal de Piracicaba*, 8.2.2006). Em 1992 deu-se nova alteração na razão social da firma, que passou a incluir, além de Salim Phelippe e seus dois irmãos (como sócios majoritários), seus filhos Luiz Phelippe, Sílvia Maria, Luiz Marcos e Maria Luiza, bem como Daniela, Milton, Paulo Sérgio e Rosemary. Nessa ocasião, a firma passou a ser denominada Porta Larga Magazine Ltda. e foi criada a logomarca *portalarga*. Em 2006, parte do prédio ocupado pela loja foi destinada a uma outra loja. Paralelamente à sua dedicação exemplar à empresa, Salim Phelippe destacou-se pela sua atuação em numerosas entidades e sociedades locais, em posto da maior importância, pois “era um líder e todos respeitavam muito as suas opiniões”, segundo Irandir Cardinali, seu amigo por mais de quatro décadas. Era uma “pessoa espetacular e responsável... Além de honesto, Salim era atuante, inteligente, pontual, sincero, um lutador, que assumia sua posição e jamais era omissivo, sendo essa uma característica marcante em sua personalidade” (Carlos Beltrame, *Gazeta de Piracicaba*, 9.2.2006). Durante perto de meio século, Salim Phelippe participou da diretoria da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba,

tendo sido seu presidente (1965-67 e 1970-71). A diretoria da associação homenageou-o em 2000, dando-lhe o nome à sala das suas reuniões plenárias. Foi asso-ciado e diretor por muitos anos do Lions Clube Piracicaba – Centro. Presidiu a Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Estado de São Paulo (1979-83) e dirigiu a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Piracicaba até o ano 2000. Perdeu a esposa Cleuza Maria, sua companheira durante 51 anos da sua vida, que faleceu a 8.7.2005, aos 74 anos de idade. (*Jornal de Piracicaba*, 25.5.2006 e 24.8.2006; Guidotti, 2002).

**MALUF SOBRINHO, Abrahão** (Séc. 20). Comerciante e presidente do Partido Social Progressista (PSP, de Adhemar de Barros) em Piracicaba. Figura de projeção na política piracicabana, foi, segundo Elías Netto (1922), o grande líder ademarista das eleições de 1962, que, “praticamente sozinho”, enfrentou os partidários de Jânio Quadros e Carvalho Pinto. Seu prestígio foi, depois, fragilizado com a ascensão de Domingos José Aldrovandi (v.), que, eleito deputado, passou a liderar o novo ademarismo em Piracicaba.

**MALUSÁ, Francisco**. N. Itália, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Silvia Giordano Malusá. Nove filhos. Comerciante. Dedicado à fabricação e vendas de calçados, morou inicialmente no bairro de Santana. Estabeleceu-se com a Sapataria Santana na primeira metade do século 20, à rua 15 de Novembro, nº 843 (posteriormente, nº 1016). Transferiu aos filhos o negócio, que se converteu em Malusá Calçados e Cia., com duas novas lojas: à rua Moraes Barros, nº 1266, e na travessa Dr. Morato, nº 48, em Vila Rezende. Um dos seus filhos, Bruno Malusá (n. Itália, 1923), presidiu durante vários anos a “Società Italiana di Mutuo Soccorso”, na década de 90, empenhando-se na recuperação do edifício da entidade, que data de 1887.



**MANCINI, Michele (Miguel).** N. Itália. Séc. 19. Artista plástico, alfaiate. Naturalizou-se brasileiro e durante 15 anos residiu em Piracicaba, onde constituiu família e ganhou a estima dos cidadãos, como se lê em nota da *Gazeta de Piracicaba* (7.6.1894), quando deixou a cidade para se fixar na capital paulista. O jornal o elogia como “honrado e laborioso artista..., labutou com muita independência e civismo no Partido Republicano, que o considera e estima como um dos obreiros do ideal democrático” (cit. por Alleoni, 2003). Seu nome aparece na relação de alistamento eleitoral datada de 31.5.1894, junto aos de outros cidadãos de origem italiana, naturalizados e qualificados como eleitores. Mancini foi o dono da alfaiataria “A Tesoura de Ouro” nos anos 80, à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo) e posteriormente, segundo anúncio da *Gazeta de Piracicaba* em 19.3.1894, igualmente referido por Alleoni, teve alfaiataria à rua dos Pescadores (atual rua Prudente de Moraes). Fez parte da primeira diretoria da “Società Italiana di Mutuo Soccorso” de Piracicaba, eleita a 8.1.1888, dois meses após a fundação, tendo Carlos Zanotta (v.) como presidente. Mancini ocupou o cargo de tesoureiro. Outro Mancini, Pasquale, foi eleito na mesma ocasião como um dos doze conselheiros da entidade (Capri, 1914; Alleoni, 2003). Em 1891 Miguel Mancini fez parte da junta eleitoral da 7ª Seção Eleitoral de Piracicaba.

**MANESCO, Antônio** (Séc. 20). Comerciante. Era de sua propriedade a Elétrica Manesco, especializada em instalações elétricas, na Piracicaba de meados do século vinte. Tinha à venda artigos para presentes e materiais elétricos em geral, à rua Moraes Barros, nº 1019 (Camargo e Navarro, 1958).

**MANIERO, Maria e Rosa** (Séc. 20). Filhas de Ângelo e Páschoa Maniero. Irmãs de Antônio, dono de curtume perto da av. Carlos Botelho; Pedro, que teve fábricas de almofadas para

automóveis na capital paulista e em Campinas; e Teresa Maniero Romani. Muito católicas, as irmãs Maniero consagraram suas vidas aos trabalhos de catequese das crianças, à religião e à caridade, na Vila Rezende, como colaboradoras infatigáveis de Monsenhor Jerônimo Gallo (v.) (Caldari, 1990; Aldrovandi, 1991). Na Vila Rezende existe uma rua Maria Maniero, perto do rio Piracicaba.

**MANSUR, Alfredo, Capitão.** N. 1925. F. São Paulo, 10.2.2005. C.c. Ruth Sant’Anna Mansur. Ff. Marisa e Mirlena. Capitão do Exército, atuou durante 14 anos como delegado do Serviço Militar em Piracicaba e comandou a Guarda Civil local, de 1983 a 1988. Ajudou a formular o plano de segurança para Piracicaba, entregue ao prefeito Barjas Negri, por ocasião da eleição deste (2005). Achava-se hospitalizado em São Paulo quando faleceu e foi sepultado em Piracicaba no cemitério Parque da Ressurreição.

**MAQUEIRA, Antônio Martins** (Séc. 19-20). Comerciante. Integrou, como tesoureiro, a primeira diretoria da Sociedade Beneficente Grêmio Espanhol de Piracicaba, fundada a 26.6.1898. Foi proprietário de padaria, por volta da passagem do século, na rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), como informa Camargo (1900). Os companheiros de diretoria de Maqueira no Grêmio Espanhol foram Rafael Lorenzo, presidente; Manoel do Lago (v.), vice-presidente; e João Medina Rueda, secretário (Capri, 1914).

**MARANGONI, Ernesto** (Séc. 19-20). C.c. Thereza Marangoni. Comerciante, músico. Seu nome aparece no Livro Caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba do ano de 1904 (Alleoni, 2003). A família Marangoni destacou-se no passado piracicabano na fabricação, restauração e reparo de instrumentos musicais, com oficinas próprias, nas ruas Prudente de Moraes, perto do largo de São Benedito, XV de Novembro e Santa Cruz.

Ernesto foi um dos pioneiros na produção e concerto de sanfonas semitonadas em todo o interior do Estado, tornando-se conhecido e aplaudido como virtuose do acordeão. Ensinou o ofício aos filhos, um dos quais, Lulu Marangoni, n. em Piracicaba em 1905, instalou sua oficina em 1920 à rua Santa Cruz e se impôs como um dos mais hábeis restauradores locais, além de se destacar como musicista. Conhecia e sabia tocar praticamente todos os instrumentos musicais. Começou a trabalhar e lidar com os instrumentos desde os 15 anos de idade e foi um dos pioneiros do rádio em Piracicaba, quando Sampaio Góes (v.) criou a PRD-6, depois Rádio Difusora, em 1933. Como violonista, Lulu tocou no conjunto Papini, juntamente com Ernesto Papini (violão e bandolim), Erotides de Campos, Humberto Aldrovandi (vv.), Lulu Woltzenlogel (flauta) (v. Família Woltzenlogel), Cobrinha (vv.), Anysio Godoy, Benigno Lagreca e outros (Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 29.10.1989; Elias Netto, 2000). Outro filho de Ernesto Marangoni que seguiu as pegadas do pai e do irmão, Alcides Marangoni, n. em Piracicaba em 1918 e aqui faleceu a 19.11.2004. Era casado com Lázara Barbosa Marangoni (Nena). Cacilda Marangoni Danelon, sua filha, n. 1922 e f. Piracicaba em 13.5.2007, foi casada com Lino Danelon. Na relação de italianos residentes em Piracicaba em 1901 e arrolados no Livro Caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, consta o nome de Giacomo Marangoni. No Livro Caixa de 1903 da mesma sociedade, é mencionado Sebastiano Marangoni.

**MARANHÃO, Zilkar Cavalcanti.** N. 1913. F. Piracicaba, 14.9.1995. Engenheiro agrônomo, jornalista, político, folclorista. C.c. Cíkira dos Santos Maranhão. Ff.: Jumara Aparecida, Ubirajara, Tabajara, Ubiratan, Jussara, Ubiraci. Era filho de Meton Cavalcante Maranhão e Carolina Fischer Maranhão. Formou-se em Agronomia pela ESALQ em 1935 e a partir do ano seguinte passou a fazer parte do quadro docente da escola, atuando na 17ª

Cadeira: Entomologia e Parasitologia Agrícola, Apicultura, Sericicultura, que se converteu no Departamento de Entomologia em 1970. Maranhão substituiu diversas vezes o professor catedrático Raul Duarte (v.), titular da 17ª Cadeira desde 1931, em virtude de problemas de saúde deste, que ocasionaram seu falecimento em 1946. Maranhão voltou a ocupar interinamente o cargo de professor catedrático de 1948 a 1963. Como pesquisador, produziu contribuições relevantes nos campos da entomologia e parasitologia agrícola, ao longo dos 28 anos de sua carreira (1936-1964), notadamente o livro *Entomologia geral*. Além da ESALQ, lecionou na Faculdade de Ciências Médicas de Botucatu. No *Jornal de Piracicaba*, Silvio de Aguiar e Souza (Antônio Calixto) evocou a família Cavalcanti Maranhão, que por volta de 1907-1908 passou a viver em Piracicaba. “Eram nortistas e, vizinhos de casa, é natural que nossa amizade se tornasse muito estreita, mesmo porque havia nela uma rapaziada trabalhadora e alegre. Pois foi com Othon (Cavalcanti Maranhão) que caeci nas matas da referida chácara (do dr. João Conceição, posteriormente Chácara Nazaré)”.

**MARANHO, Luiz** (Séc. 19-20). Comerciante. Camargo (1900) refere-se a Maranhão como proprietário de um restaurante piracicabano em fins do século 19, à rua da Glória, atual Benjamin Constant.

**MARCHESI, Andréa** (Séc. 19-20). Escultor. Em 16.8.1911 expôs no salão de atos da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro a maquete em gesso do dr. Alfredo Cardoso, segundo J. Chiarini (Elias Netto, 2003).

**MARCHI, João.** N. 1921. F. Piracicaba, 31.7.1998. C.c. Maria de Campos Marchi. Ff.: Francisco Neto, Eunice Maria. Era filho de Francisco Marchi e Maria Inês Tomaz Marchi. Foi combatente na Segunda Guerra Mundial na Itália. Seu sepultamento deu-se em Campinas, no Cemitério da Saudade.

**MARCHINI, Luigi.** N. Itália, séc. 19. Primeiro imigrante italiano de numerosa família cujos descendentes se fixaram no Brasil e na Argentina. Em 1995 cerca de 350 pessoas, entre os Marchini e amigos, reuniram-se em Piracicaba para festejar os cem anos da vinda para o Brasil. Uma das Marchini, Maria, veio em 1895 de Bondeno, Ferrara, no Norte da Itália, para Piracicaba e em 1919 casou-se com Francisco Luccas, então ajudante da padaria. Tiveram cinco filhos e foram proprietários da Padaria Aliança, onde teria surgido o primeiro café expresso da cidade. Mudaram-se para a Argentina, onde Francisco morreu, vítima de atropelamento. Maria faleceu em 1994 na Argentina, aos 96 anos de idade.

**MARCHIORI, Gregório.** N. Itália, séc. 19. C.c. Genoveva Bertassa. Antepassado da família Marchiori, que por muitos anos atuou na área do transporte intermunicipal por meio de auto-ônibus. Gregório Marchiori é citado em 1904 entre os italianos residentes em Piracicaba que não se naturalizaram (Alleoni, 2003). João Marchiori liderou a empresa de ônibus que tinha seu nome, transportando passageiros entre Piracicaba e Araraquara e entre Piracicaba e Torrinha (Righetto, 1966). N. em 1912 e f. em Piracicaba em 4.8.2006, foi casado com Joana Gonçalves Marchiori, com quem teve os filhos Neyde Terezinha, Cleide Terezinha e Antônio Fernando. A sede da empresa João Marchiori era na rua Saldanha Marinho, nº 983, segundo a fonte aqui citada. Luiz Marchiori, f. a 20.2.2004, figura na mesma fonte com a empresa que tinha seu nome em dois endereços: rua Tiradentes, nº 483, e rua Christiano Cleopath, nº 457. A empresa de Luiz Marchiori incumbia-se de transporte por ônibus para São Pedro e Águas de São Pedro, Itu, Porto Feliz, Rio Claro e Rio das Pedras (Righetto, op. cit.).

**MARCO, Joaquim do.** N. Piracicaba, 30.6.1899. F. 1977. C.c. Eurydice de Almeida Moreira do Marco, n. 1907. Ff.: Nicolau, Adolfo, Lucy. Professor, jornalista, poeta. Personalidade

de grande destaque na vida cultural, social e educacional de Piracicaba no século 20, tem seu nome associado a inúmeras iniciativas importantes, com uma dedicação a toda prova às boas causas. Fez carreira no magistério público, tendo ocupado o cargo de delegado regional de ensino. Colaborador constante da imprensa local, fundou a revista piracicabana *Mirante*. “Distinguiu-se muito na imprensa, assinando freqüentemente assuntos de interesse imediato à nossa terra... Um dos mais fecundos articulistas da atualidade” (Guerrini, 1970). Ocupou postos importantes em várias entidades, entre os quais o de conselheiro da Fundação Municipal de Ensino, criada em 1967. Fez parte do grupo dos doze primeiros sócios que formaram em 1968 a primeira diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, tendo ocupado o cargo de 2º secretário da entidade (L. Vitti, *Jornal de Piracicaba*, 30.6.1999). Uma rua tem seu nome, na Vila Rezende.

**MARCOLINO, Vicente** (Séc. 19). Comerciante. Mencionado por Camargo (1900) como proprietário de açougue à rua Boa Morte, nº 105, em fins do século 19.

**MARCONDES, Branca Leite.** Séc. 20. F. Piracicaba, 11.4.1973. Professora. Ff.: Durval, Elza, Cyro, Cássio, Augusto. Principal articuladora do grupo de senhoras que, reunido na Igreja Metodista Central de Piracicaba, criou em 1953 o Serviço de Assistência Social Betel, que deu origem à Associação de Assistência Social Betel – Lar Betel. Prestando assistência a idosos carentes, construiu casas para pequenas famílias (1956), pavilhões do asilo (1958-65) e outras instalações, em área com cerca de três mil metros quadrados, na Vila Independência. Dona Branca foi professora do Grupo Escolar Barão do Rio Branco (Rontani, *Jornal de Piracicaba*, 15.2.2001). Há uma rua com seu nome, no Jardim Elite.

**MARCOS, Júlio.** N. Ponta Grossa, PR,

6.11.1911. F. Piracicaba, 15.9.1998. C.c. Angelina (Lili) Ziller Marcos. Ff.: Zilmar, Marzil, Júlio Filho. Corretor, esportista. Filho de Francisco Marcos e Luiza Barbosa Marcos. Tinha 14 anos de idade quando começou a trabalhar como ferroviário, inicialmente em Pinhalão, PR, e depois em outras cidades paranaenses e em Itararé, SP, deixando essa atividade em 1936. Ingressou no setor de seguros de vida em Itararé e em 1938 passou a ser funcionário da Companhia Sul América de Seguros, aposentando-se em 1955. A partir do ano seguinte, tornou-se corretor autônomo. Morou em Sorocaba (1938-40) e residiu permanentemente em Piracicaba desde 1941, ao longo de quase cinco décadas de vida. Como esportista, fez sua estréia no futebol como jogador no Paraná, no Jaguariáiva, aos 16 anos de idade. De 1938 a 1940 foi titular do time principal do E. C. São Bento de Sorocaba. De 1941 a 1946 defendeu, como jogador titular, as cores do E. C. XV de Novembro de Piracicaba. Trocou o futebol pelo tênis em 1948, permanecendo durante dez anos como o tenista número um de Piracicaba e integrando a equipe de tênis do Clube de Campo da cidade. Nessa condição, participou de vários campeonatos estaduais e sagrou-se campeão, com a equipe de que fazia parte, inclusive nas disputas de vários Jogos Abertos do Interior. Fez parte da diretoria do E. C. XV de Novembro, como conselheiro, 1º secretário, vice-presidente (1950) na gestão de Luiz Lee Holland, e diretor de relações públicas. Comunicativo, boníssimo, dono de uma personalidade cativante, Júlio Marcos destacou-se na sociedade piracicabana do século 20, notadamente nas diversas entidades que conta-ram com sua participação: o Clube Coronel Barbosa (conselheiro e 1º secretário), o Clube de Campo (conselheiro, diretor do departamento de tênis e diretor e executor da construção de quadras esportivas), o Rotary Club de Piracicaba (desde 1942, tendo sido seu 1º secretário, presidente e vice-presidente). Foi um dos agraciados com a medalha da Prefeitura

Municipal, comemorativa do bi-centenário de Piracicaba. Recebeu expressivas homenagens de entidades locais, notadamente do Clube de Campo, pela sua contribuição ao tênis. Uma praça do Jardim Santa Rita tem seu nome, desde 1999.

**MARIA HELENA DO ESPÍRITO SANTO, Madre.** N. Piracicaba. F. séc. 20. Uma das cinco religiosas da Ordem da Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria, vindas a 15.8.1956 do Mosteiro da Luz, na capital paulista, para constituir em Piracicaba o núcleo da Ordem Concepcionista. Em sua companhia vieram as irmãs Maria Oliva, Maria Cecília, Maria Celina e Maria Antônia. Ex-aluna do internato do Colégio Assunção, a irmã Maria Helena, que ingressou nas Irmãs Franciscanas do Coração de Maria e depois no Mosteiro da Luz, foi escolhida para ser a superiora da Comunidade. O convento das concepcionistas foi inicialmente instalado à rua 13 de Maio, na antiga residência episcopal, entre as ruas Santo Antônio e Governador Pedro de Toledo. O mosteiro definitivo teve sua construção começada em março de 1971 no Jardim Monumento, sendo inaugurado a 21.10.1972 (Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 15.8.2006). Há uma rua com seu nome, na Vila Nova Esperança.

**MARIA INOCÊNCIA DO CÉO.** N. Santa Rita, MG, séc. 18. F. Piracicaba 1.12.1834. Divorciada de Manoel José Gomes, com quem se casou em Campinas por volta de 1813, sem filhos, teve nove filhos de paternidade ignorada. É mencionada em documentação de seu tempo como mestra de capela em Piracicaba. Em petição datada de 13.9.1829 e por ela assinada, dirigiu-se à Ouvidoria de Itu, SP, “dizendo-se mestra de capela em Piracicaba há mais de doze anos, sendo a única que exercia a arte da música”, e pediu o arbitramento dos salários que lhe eram devidos. Maria Inocência foi inicialmente casada com o maestro Manoel José Gomes, pai do compositor campineiro Antônio Carlos

## MARIA INOCÊNCIA DO CÉU

Gomes. Não tiveram filhos e divorciaram-se judicialmente por incompatibilidade de gênios. Dona de uma casa na antiga rua Santo Antônio (atual Governador Pedro de Toledo), tocava órgão “todos os domingos, dias santos e em horas da missa conventual e missas aos sábados” (Veiga, *Jornal de Piracicaba*, 19.9.1975; Tibério Graco, *Diário de Piracicaba*, 2.8.1964). Ao ver da fonte citada, foi graças a Maria Inocência que Piracicaba teve suas primeiras audições musicais, por volta de 1817, “quando na véspera os moradores da Freguesia pediam à Corte de Lisboa a sua elevação a vila”.

### **MARIA (MARTINS) DA CONCEIÇÃO.**

N. 29.6.1867. F. Piracicaba, 16.3.1994. C.c. Martins Antônio de Oliveira. Ff: Benedita, João, Benta, Vitalino, Angelino, Lucrécia, Josefina. O *Jornal de Piracicaba* de 18.3.1994, ao noticiar seu falecimento, apontou-a como “a mais velha piracicabana, com 126 anos”, que morreu de velhice na casa de uma filha, no bairro de Santa Terezinha. Nasceu escrava e viveu sempre na zona rural. Segundo seus familiares, era católica fervorosa e devota de Nossa Senhora Aparecida e só ficou doente uma única vez, quando teve malária. Além dos filhos, sua descendência incluía, na ocasião, 38 netos, 57 bisnetos e 4 tetranetos. No *Almanaque* de Camargo (1900), consta que em 1890 faleceu no bairro da Batistada uma macróbia com 130 anos de idade.

### **MARIA MADALENA, Irmã (Celina Lima).**

N. Mogi Mirim, SP, 31.7.1898. F. Piracicaba, 8.6.1983. Filha de José Simões de Lima e Maria Agostinha de Oliveira Lima. Pertenceu à Ordem Católica das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria. Datam de 26.6.1929 seus votos temporais e de 3.1.1934 seus votos perpétuos. Atuou de 8.5.1928 até 1932 no magistério em Amparo, SP, junto ao Lar Escola Divina Providência. Transferiu-se para o Colégio Ave Maria de Penápolis, SP, em 27.1.1936, onde atuou como professora e membro do Conselho local. De 12.3.1939 a 1963 foi professora e secretária

geral da Casa Generalícia de Campinas, SP. Retornou ao Lar Escola de Amparo para ser sua superiora geral. Em janeiro de 1969 passou a dedicar-se ao Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe como sua secretária, até 18.4.1974, quando se transferiu para o Lar dos Velhinhos de Piracicaba, convertendo-se em uma das suas colaboradoras mais dedicadas e eficientes ao longo de nove anos. Faleceu no Lar dos Velhinhos, vítima de uma parada cardíaca. Nas palavras de W. M. Ferreira (*Jornal de Piracicaba*, 9.6.1983), foi “um dos mais vibrantes exemplos de civismo e de religiosidade... enriquecendo com sua sabedoria, inteligência, humildade, acendrado espírito fraterno e incomensurável amor ao próximo a dedicada e competente equipe das Irmãs Franciscanas” do Lar dos Velhinhos.

**MARIANO, Francisco** (Séc. 19). Comerciante. Era de sua propriedade, em fins do século 19, uma sapataria localizada na rua Prudente de Moraes.

**MARIANO (DA COSTA), Tristão.** N. Itu, SP, 1846. F. Itu, SP, 6.4.1908. Professor, compositor, regente, político. Nome dos mais ilustres da cidade de Itu, professor e músico renomado, viveu a maior parte da sua existência na terra natal, mas durante alguns anos dedicou-se ao ensino e à música em Piracicaba. Filho do médico cirurgião Francisco Mariano da Costa, era neto de Joaquim Mariano da Costa, ituano que se aventurou numa monção em busca de riquezas em Cuiabá, mas acabou se dedicando ao ensino e à música: formou uma orquestra e uma banda de música, talvez as primeiras surgidas em Cuiabá (Nardy Filho, 2000). Tal como o avô e seu irmão Joaquim, Tristão manifestou desde cedo seus pendores para o ensino e a música. Começou a lecionar mais ou menos na mesma época do falecimento do irmão (1896), no externato que criou em Itu, com aulas de ensino elementar e secundário, mantendo-o durante uma dezena de anos.

Foi também vereador em diversas legislaturas. Católico fervoroso, desgostou-se com uma celeuma surgida em virtude de resolução da Câmara a respeito dos dobres de sinos a finados e decidiu transferir-se para Piracicaba, aqui instalando um internato que tinha seu nome. A escola funcionou à rua Prudente de Moraes, nº 75. Ministrava, tal como a escola de Itu, ensino elementar e secundário, especializando-se, além disso, no ensino de música. Tristão a dirigia e dava aulas, auxiliado pela profa. Clara da Costa. Em 1900 tinha 60 alunos, cobrava 10\$000 mensais no externato misto e funcionava como internato só para meninas, ao preço de 50\$000 mensais por aluna. Um anúncio do externato Tristão Mariano, estampado por Camargo (1900), cita as disciplinas que compunham o currículo elementar: português, francês, aritmética, sistema métrico decimal, geografia, desenho linear, catecismo da doutrina cristã e música. As aulas começavam às 10 horas e terminavam às 15-16 horas. Em 1903 Tristão retornou a Itu. Dirigiu orquestra e foi mestrecapela em sua terra natal. Lecionou no Colégio São Luís e no curso noturno do Instituto Novo Mundo. Deixou numerosas composições musicais, que dizem bem do seu talento. Nardy Filho (op.cit.) menciona outros Mariano que se distinguiram pelo gosto e aptidão para a música, como Zezinho Mariano, que compôs e regeu partituras sacras na Igreja Matriz de Itu desde os 19 anos, e Tristão Júnior (Nhonhô Tristão), autor de valsas muito apreciadas e prematuramente falecido. Uma irmã de Tristão Mariano, Elisa da Costa, foi esposa de um ituano igualmente famoso como compositor e regente, Elias Álvares Lobo.

**MARIA SÃO JOÃO SENNEPIN, Madre.** Séc. 19. F. Séc. 20. Superiora do Colégio Nossa Senhora da Assunção em Piracicaba, cuja primeira pedra foi lançada em 1882. As seis primeiras Irmãs de São José de Chambéry, congregação francesa trazida ao Brasil sob a liderança de Madre Maria Theodora Voiron

(1835-1925), em Itu, foram recebidas em Piracicaba a 10.8.1893. Cinco dias depois, deu-se em Piracicaba a instalação do seu colégio para meninas, ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte. Em 1896 a igreja ameaçava ruir e em virtude disso foi demolida, dando lugar à Igreja de Nossa Senhora da Assunção. Um incêndio destruiu totalmente o colégio a 25.1.1901 e no mesmo ano teve início a construção de um novo prédio. Em 1903 Madre Maria São João deixou seu cargo, que passou a ser ocupado pela superiora Madre Angélica da Cruz Maurisse, tendo esta última assumido suas funções já no novo edifício do colégio. Em 1922 a Irmã Maria Emília Massonat passou a dirigir o Colégio Assunção, sendo sua sucessora em 1946 a Irmã Martha de Jesus Maldonado (*Jornal de Piracicaba*, 20.8.1983). Após 94 anos dedicados à educação da juventude em Piracicaba, terminou em dezembro de 1987 a ação benemérita das Irmãs de São José de Chambéry no Colégio Nossa Senhora da Assunção (*Jornal de Piracicaba*, 27.3.1994). Passou o colégio a ser administrado pelos padres salesianos, à frente do Colégio Dom Bosco, que se estabeleceram na diocese em 1950. As irmãs de São José de Chambéry, todavia, permaneceram em Piracicaba, atuando em duas comunidades, no Jardim das Flores e em Ártemis (capela de São João Batista).

**MARINO, Vicente** (Séc. 20). Comerciante. Fez parte do grupo que auxiliou Esmeraldo Muller (v.) na constituição da Associação Profissional do Comércio Varejista de Piracicaba, passo inicial para sua posterior conversão em Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba. Designado em fins de 1940 pelo então presidente da Associação Comercial de Piracicaba, André Ferraz Sampaio (v.), para essa incumbência, que levou a bom termo, Muller contou, além de Marino, com a ajuda do próprio Sampaio e de João Franco de Oliveira (v.), Dalcy de Campos Toledo, Luiz Gobeth (v.), José Monteiro, Renato de Oliveira e Sebastião Ferraz de Barros (v.). O sindicato recebeu sua carta de reconhecimento

em 30.11.1942 (Muller, 1958).

**MARMO, José Canuto.** N. São Paulo, SP, 1906. F. São Paulo, SP, 12.9.1973. C.c. Lourdes de Camargo Marmo. Ff.: José, João José, João Francisco. Engenheiro agrônomo e médico. Formou-se pela ESALQ em 1931 e posteriormente diplomou-se em medicina pela Faculdade de Medicina de Niterói. Foi docente da ESALQ de 1932 a 1966, tendo sido preparador de química orgânica do Colégio Universitário, assistente da 11ª Cadeira (Fitopatologia) e livre-docente, destacando-se por suas contribuições sobre microbiologia da água. Lecionou igualmente no ensino médio, ministrando aulas de História Natural nos colégios Assunção e Dom Bosco. Como médico, clinicou inicialmente em Bebedouro, SP, durante dois anos, radicando-se em definitivo em Piracicaba em 1944, com consultório e residência à rua Boa Morte nº 1650. Dedicou-se a moléstias nervosas e mentais e à clínica geral. Fez parte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Por ocasião do seu falecimento, foi sepultado em Piracicaba, no Cemitério da Saudade.

**MAROUN, Nayef Rachid** (Séc. 20). C.c. Hanne (Joana) Nayef Maroun, n. 1914 e f. 19.10.1991. Ff.: Rosa, Maria, Youssef, Mauricio, Georges. Presidiu a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba em 1994. Nayef fez parte da lista de associados homenageados “in memoriam” pela Sociedade, assim como Mário Maroun (Marun). Membros da família Maroun são citados como proprietários de casas comerciais piracicabanas no século 20. Georges N. Maroun é mencionado como proprietário da loja Paulistinha, à avenida São Paulo, nº 259, e Mauricio Maroun figura como dono na casa Maroun, na esquina da rua Governador Pedro de Toledo com a rua Ipiranga. Mauricio é referido como membro do quadro de associados da agremiação, por ocasião do Jubileu de Diamante desta, em 1977 (Salum,

2003).

**MARQUART, Augusto** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário do Café e Sorveteria do Centro. Instalou-o e inaugurou-o a 4.6.1942, à rua Moraes Barros. Seu estabelecimento teve expressiva acolhida pela sociedade piracicabana, convertendo-se em ponto de encontro de personalidades de destaque e intelectuais, em meados do século vinte. É possível que Augusto Marquart tenha laços de parentesco ligando-o aos Marquardt, de origem germânica, estabelecidos no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, mencionados por Barata e Bueno (1999).

**MARQUES, José** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário de loja à rua Moraes Barros, nº 838: a Casa Maracanã, em meados do século. Segundo anúncio estampado no almanaque de Krähenbühl (1955), a loja dedicava-se ao comércio de “roupas finas para crianças, senhoras e cavalheiros e perfumarias”.

**MARQUES, José Gomes.** N. São João de Covas, Lousada, Portugal, séc. 19. F. Piracicaba, 1920. C.c. Maria Miquelina de Almeida. Pais de Leonina, c.c. Octávio Teixeira Mendes (v.). Comerciante. Viveu inicialmente em Santos, de 1869 a 1872, passando a residir em Piracicaba em 1872, onde se casou. Dedicou-se a várias atividades. Camargo (1900) registra a inauguração do Restaurante do Marques em Piracicaba a 17.2.1883. Refere-se igualmente à inauguração do Hotel Marques, no mesmo ano, a 1.8. Foi contador da Fábrica de Tecidos Santa Francisca, de Luiz de Queiroz (v.). Ocupou vários cargos públicos, entre os quais o de coletor estadual, a partir de 1896. Dividia seu tempo entre a coletoria e a atividade política. Tornou-se “um sincero republicano, fazendo parte do grupo de piracicabanos que deram sua adesão ao Clube Republicano do Rio de Janeiro” (Torres, 1982). A viúva de Marques faleceu em São Paulo em 1949.

**MARTIN, João** (Séc. 19). Industrial, comerciante. Teve fábrica de arados, ferraria e carpintaria à rua 15 de Novembro, “em frente do Hospício”, conforme anúncio do fim do século (Camargo, 1900). Fabricava “arados, charruas, carpideiras, riscadores, grades de quebrar torrões e de cobrir plantas” e consertava máquinas, carros etc., trabalhando “pelo sistema americano, sólido e duradouro”.

**MARTINELLI FILHO, Alcides**. N. 1927. F. Piracicaba, 19.3.1997. Professor, engenheiro agrônomo. C.c Ignez Sartori Martinelli. Ff.: Maria, Carlos Augusto, Marisa, Marcos. Era filho de Alcides Martinelli e Amélia Pompermayer Martinelli. Formou-se pela ESALQ em 1952 e doutorou-se pela mesma escola em 1955, pertencendo ao quadro de professores e pesquisadores da escola desde 1955, no Departamento de Tecnologia Rural. Seu pai destacou-se pelo apoio a entidades e programas assistenciais, tendo recebido postumamente o título de Benemérito do Lar dos Velinhos de Piracicaba (1986).

**MARTINEZ, José Vicente**. N. Espanha, séc. 19. Empreiteiro. Guerrini (1970) alude a Martinez como “hábil empreiteiro de obras... espanhol, mas residente em Piracicaba há muitos anos”, e responsável pela chaminé do Engenho Central, com 41m de altura, inaugurada a 25.7.1899.

**MARTINI, Maria Fantasia**. Séc. 20. F. Piracicaba, 2002. Industrial. Juntamente com seu filho, Agostinho Martini Neto (n.1915), criou em Piracicaba a fábrica de Doces Martini, surgida na residência da família na década de trinta, junto às ruas Moraes Barros e Boa Morte. A fábrica mudou-se para a rua Ipiranga nº 1725 em 1934 e gradualmente se expandiu, ampliando a sua clientela por todo o país. O primeiro forno da fábrica foi instalado em 1937. Em 1969 teve início a produção de doces em conserva. Agostinho Martini Neto casou-se com Joana Rocha Martini, companheira e incentivadora do

empresário, f. em 2002. O casal teve três filhos.: Ajoval (falecido), João Augusto e Lúcio Carlos, passando estes últimos a administrar a empresa (Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 16.11.2003).

**MARTINS, Alberto Peçanha**. N. 1899. F. séc. 20. Médico, residiu e exerceu sua profissão em Piracicaba de 1927 a 1929, mudando-se para a Bahia em janeiro de 1930. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi ex-interno da clínica psiquiátrica da faculdade e ex-médico do hospital São João de Deus. Durante sua permanência em Piracicaba, foi irmão contribuinte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local (Cambiaghi, 1984).

**MARTINS, Antônio Carlos Leão**. N. 1929. F. Botucatu, SP, 25.12.2006. C.c. Rosimeire Machado de Souza Leão Martins. Ff.: Antônio Carlos, Edson, Irlene, Marco Antônio, Nilza. Empresário. Proprietário da Companhia Piracicabana de Automóveis, de 1970 a 2000, à avenida Limeira nº 300, concessionária dos veículos da Ford. “Pioneiro, ajudou a popularizar as concessionárias de veículos em Piracicaba” ( A. Carlos Martins, *Jornal de Piracicaba*, 28.12.2006). Faleceu em Botucatu e foi sepultado em Piracicaba, no Cemitério-Parque da Ressurreição.

**MARTINS, Carlos Roberto Soderó**. N. Piracicaba, 4.6.1932. F. Piracicaba, 2005. C.c. Alzira Rodrigues Martins. Ff.: Paulo Celso, Carlos Roberto. F. de Paulo Levy Martins e Inah Maria Soderó Martins, era neto de Carlos Martins Soderó (v.), Pedagogo, psicólogo, professor. Formou-se pela Escola Normal Sud Mennucci nos cursos ginásial, científico e normal. Diplomou-se em pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e realizou estudos pós-graduados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na USP em São Paulo (mestrado e doutorado), obtendo o título de livre-docente pela ESALQ. Iniciou sua carreira profissional como orientador



educacional no Departamento de Ensino Profissional da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Lecionou no ensino secundário em São Carlos e Rio Claro, foi professor do Instituto de Psicologia da USP e desde 1973 fez parte do quadro docente da ESALQ, introduzindo e liderando na escola o setor de aconselhamento psicológico. Colaborou na imprensa piracicabana, notadamente no *Jornal de Piracicaba*, e publicou os livros *Psicologia do comportamento vocacional* (São Paulo, EPU, 1978) e, em co-autoria com S. Pfromm Netto, *Pena, escudo e lança — Cem anos do Jornal de Piracicaba e cronologia piracicabana do século XX* (Piracicaba/São Paulo, Jornal de Piracicaba e PNA, 2003).

**MARTINS, Carolina Sachetto** (Séc. 19-20). C.c. Ignácio Sachetto. Ff.: Maria Aparecida, Maria de Lourdes, Maria Bernardete, Orlando, Homero, Osvaldo, Domingos, José Tarcísio, Alcides (adotivo). Popular na Vila Rezende da primeira metade do século 20, tinha fama de benzedeira, sendo também muito procurada por pessoas que a ela recorriam para aconselhamento em relação a problemas conjugais, pessoais e de criação e saúde de filhos. Teve família numerosa (Aldrovandi, 1991). Há uma rua com seu nome, na Vila Nova Esperança.

**MARTINS, Epaminondas de Moraes.** N. São Gonçalo, RS, 19-2-1859. F. Rio de Janeiro, RJ, 15.6.1941. Médico. C.c. Justina de Moraes Martins. Cinco ff. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, chefou o Departamento de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, e exerceu a medicina em várias cidades. Dirigiu o Hospício de Vargem Alegre, no Rio de Janeiro, durante cerca de duas décadas, e se aposentou nesse cargo. Exerceu a clínica médica na então Capital Federal e já se achava aposentado quando recebeu e aceitou convite para dirigir em Piracicaba o Sanatório São Luiz, destinado a tuberculosos pobres. Por ocasião da inauguração do sanatório, a

31.10.1926, tomou posse do cargo e nele permaneceu até o encerramento das suas atividades em 1930. Era pai do médico Ziliah de Moraes Martins (v.).

**MARTINS, Francisco de Paula** (Séc. 19). Advogado. Nomeado juiz municipal, chegou a Piracicaba a 28.1.1868 (Camargo, 1900).

**MARTINS, Francisco Dias.** N. Traíri, CE, 15.8.1862. F. séc. 20. Médico, professor. Teve consultório no início do século 20 à rua Boa Morte, n° 101, dedicando-se a moléstias de crianças, operações e partos. Dirigiu a futura ESALQ, então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, de 20.7.1904 a 3.5.1908, tendo sido seu quarto diretor. Entre 1905 e 1906 divulgou em série de artigos publicados pela *Gazeta de Piracicaba*, um “Curso sobre higiene rural”. São igualmente de sua autoria o folheto popular *Como evitar a maleita* e um poema, “Dança das névoas”. Foi eleito presidente do Asilo de Velhice e Mendicidade em dezembro de 1908, em assembléia geral que presidiu. Colaborou com a Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba como médico a partir de 1909 e fez parte da sua Irmandade. De 1909 ao início de 1910 presidiu o Conselho Diretor do Sanatório São Luiz, cuja construção e instalação se arrastou de 1904 a 1926. Deixou esse cargo em 1910, por ter sido designado diretor do Serviço de Inspeção, Estatística e Defesa Agrícolas do Ministério da Agricultura, passando a viver no Rio de Janeiro a partir desse ano (Cambiaghi, 1984).

**MARTINS, Gallo** (Séc. 19). Proprietário de uma das ferrarias existentes em Piracicaba em fins do século 19. Na relação das nove ferrarias em funcionamento na cidade nessa época, constam igualmente as de Carlos Carraro (v.), à rua Santo Antônio; Luiz Gatti, rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo); João Krähenbühl & Irmão (v. Krähenbühl, Frederico), à rua do Comércio n° 10; Melchior Krähenbühl, rua Boa Morte; João Martins,

rua Quinze de Novembro; João Politam, rua Prudente de Moraes; José Queicha, rua do Comércio, nº 86; e João Stipp Sobrinho, rua do Comércio, nº 59 (Camargo, 1900).

**MARTINS, Herber Rocha Barros.** N. Capivari, SP, 9.7.1919. F. 7.1.1992. C.c. Ilda Orsini Martins. Cirurgião dentista, professor, vereador. Fixou-se em Piracicaba em 1946, passando a atuar como cirurgião dentista e professor no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e na Escola Normal Sud Mennucci. Lecionou igualmente em São Pedro, Rio das Pedras e Charqueada. Dirigiu o Grupo Escolar José Romão e foi funcionário da Delegacia de Ensino de Piracicaba. Vereador em duas legislaturas, pertenceu à Loja Maçônica Piracicaba. Dá nome a uma rua, no Loteamento Santa Rita.

**MARTINS, João Batista, Padre.** Foi vigário da Igreja do Bom Jesus na Cidade Alta em 1935, até meados de outubro, precedendo nesse posto o pe. Martinho Salgot (v).

**MARTINS, Jordão.** N. Suíça, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Filomena Jacquier Martins. Ff. : Oscar, Alboneia, Abigail, Zilda, Paulo Levy (pai de Carlos Roberto e Paulo Sodero Martins, vv.), Nair, Eunice, Durval, Mirtes, Wolney, Moacir, Loredana. Proprietário da Oficina Martins, na avenida Ruy Barbosa, Vila Rezende, um pouco acima do restaurante Papini. O local abrigou depois, sucessivamente, as agências dos bancos Moreira Sales, Comércio e Indústria e do Brasil. O tradicional estabelecimento passou a ser administrado pelos filhos Wolney (Picapau) e Moacyr (Lico). Fabricavam, comercializavam e consertavam máquinas agrícolas em geral, na primeira metade do século vinte. Segundo o testemunho de Caldari (1990), a oficina Martins “produzia todos os tipos de implementos agrícolas – arado, semeadeira, grades, capinadeira, colhedeira e outros equipamentos mais, empregados na

lavoura, com bom número de empregados, sendo que... o Lico e o Picapau eram os artífices principais, pegando no batente duro, todos os dias... Os seus produtos eram bons e resistentes”. Aldrovandi (1991) registra que a grande residência de Jordão Martins tinha uma sala de jantar e ampla sala na frente, onde funcionavam uma Escola Dominical (evangélica) para crianças e um culto religioso destinado aos adultos. Anota igualmente que Jordão Martins era primo de Antônio Martins, dono de uma oficina na rua Gomes Carneiro, defronte ao Colégio Assunção. O pai de Aldrovandi, Umberto (v), foi ajudante de ferreiro, puxador de fole e martelheiro de Antônio Martins. “Além de compadres, eram amigos e sempre faziam caçadas juntos. Eram ótimos atiradores e o produto da caça era sempre grande”. Há uma rua Jordão Martins no bairro Nossa Senhora de Fátima.

**MARTINS, José Antônio.** N. séc. 19. F. séc. 20. Comerciante, proprietário do Empório Santo Antônio, à rua Santo Antônio, nº 9, anunciado como “a melhor casa da praça no gênero” (Capri, 1914). Cidadão prestativo e atuante na sociedade piracicabana das primeiras décadas do século 20, foi um dos diretores do Asilo de Velhice e Mendicidade da cidade. Fez também parte da diretoria da Sociedade Beneficente Operária, na mesma época, ocupando o cargo de tesoureiro, durante a presidência de Acácio Leite do Canto (v), quando a sociedade construiu e inaugurou a 26.11.1911 sua sede própria, à rua Piracicaba (atual Voluntários de Piracicaba).

**MARTINS, José Roxigner** (Séc. 19). Médico homeopata, ativo em Piracicaba por volta de 1880-90. Um anúncio na *Gazeta de Piracicaba* de 8.4.1883 informa que residia à rua das Flores (atual rua Treze de Maio) nº 6, onde podia “ser procurado para os misteres de sua profissão”.

**MARTINS, Paulo Alves.** N. 1919. F. 2006.

C.c. Odete Cotrim Martins. Participou da II Guerra Mundial na Itália, como integrante da Força Expedicionária Brasileira. Filho de Minervino Alves Martins e Therezinha Garzeri. Foi sepultado no cemitério de Monte Alegre do Sul, SP.

**MARTINS, Paulo Sodero.** Séc. 20. F. Piracicaba, julho de 1997. C.c. Maria de Lurdes Piedade Sodero Martins. Três filhas. Formado pela ESALQ em 1964, completou nesta o seu mestrado em 1968 e doutorou-se em agronomia em 1970. Iniciou em 1965 sua carreira de professor e pesquisador em genética ecológica na ESALQ, junto ao Departamento e Instituto da Genética. Seu falecimento prematuro privou a ESALQ e o país de um dos mais dedicados e competentes pesquisadores no âmbito da genética. Paulo Sodero Martins era irmão de Carlos Roberto (v.), Celso Rubens e Liciania Martins, filhos de Paulo Levi Martins e Inah Maria Sodero Martins, de tradicionais famílias piracicabanas. Segundo os alunos pós-graduados e estagiários que formavam sua equipe na ESALQ, “não exercia apenas o papel de professor e orientador, mas também de pai, amigo e conselheiro... Um exemplo, não só quanto ao trabalho científico, como na sua conduta de vida, no seu contato com as pessoas, no seu carisma” (*Jornal de Piracicaba*, 14.7.1997).

**MARTINS, Ziliah de Moraes.** N. Niterói, RJ, 9.11.1891. F. Niterói, RJ, 15.6.1941. Duas filhas. Médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, filho do médico Epaminondas de Moraes Martins (v.). Instalou consultório em Piracicaba em 1930, após exercer a clínica em outras cidades, atendendo casos de clínica geral, partos e moléstias de crianças, à avenida Dona Francisca, nº 24, na Vila Rezende. Passou a dar cuidados médicos aos trabalhadores das oficinas Dedini, tornando-se muito amigo de Mário Dedini (v.). Ingressou na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, como irmão

contribuinte (1932-35); esteve fora de Piracicaba até outubro de 1936, quando retornou ao seu consultório e à Irmandade de Santa Casa, tornando-se membro do corpo clínico do hospital da Santa Casa. Em 1937 deixou definitivamente Piracicaba, para trabalhar em Niterói, RJ, junto a instituições previdenciárias, e lecionou no Colégio Universitário e em escolas de ensino médio. Coriolano Ferraz do Amaral (v.) elogiou-o “não só pela sua cultura médica, como pelas qualidades de lhanza de trato” e pela sua atuação na Santa Casa de Piracicaba (Cambiaghi, 1984).

**MARTORELLI, Francesco** (Séc. 19). Fez parte da primeira diretoria da “Società Italiana di Mútuuo Soccorso”, eleita a 8.1.1888, como segundo secretário. Os demais membros foram: Carlo Zanotta (v.), presidente; Giovanni Scolari (v.), vice-presidente, Antônio Ribecco, 1º secretário (v. Ribecco, família); Michele Mancini (v.), tesoureiro; e conselheiros Pasquale Mancini, Nicola Fiori, Raffaele Galli, Giovanni Guidi, Davide Chelotti, Egídio Infantini, Raffaele Altieri, Gaetano Villarà, Francesco Ronzio, Vincenzo Bianco, Domenico Castronuovo e Francesco Midaglia (v.) (Capri, 1914).

**MASSO, Francisco** (Séc. 19). Fabricante de cerveja em fins do século 19, segundo Camargo (1900). A cervejaria situava-se no bairro de Tanquinho. Nessa época, Piracicaba contava com uma dúzia de fábricas de bebidas, oito das quais produziam cerveja. Eram seus proprietários: Adalardo Sutjene, à rua Direita (atual Moraes Barros), cerveja e gasosa; Hermann Ravache, à rua do Salto (atual Regente Feijó), cerveja, licores e gasosas; Jacob Wagner (v.), rua da Boa Esperança (atual D. Pedro II), cerveja, licores e gasosa; João Emelotti, rua Direita, cerveja; João B. Fessel, no Salto, cerveja; Micchi & Rutter, rua da Glória (atual Benjamin Constant), cerveja; e Reynaldo Röhsler, à rua da Glória nº 64, cerveja. Aos nomes citados,

Camargo acrescenta os de fabricantes de outras bebidas: Antônio J. de Andrade, fabricante de gasosa, vinagre e xarope, no Largo Municipal (atual Praça Tibiricá); Bianco Ângelo, fabricante de vinagre à rua Treze de Maio; José Miguel de Andrade (v.), no Largo Municipal, nº 47, licores e vinagres; e Sylvestre Fiore & Cia., à rua Prudente de Moraes.

**MASSUH, Esper Cury** (Séc. 20). Comerciante. Era de sua propriedade a Casa Espéria, a rua Governador Pedro de Toledo, nº 1096, inaugurada em 1926. Foi a terceira loja comercial aberta nessa rua. No almanaque de Neme, datado de 1936, há um anúncio da Casa Espéria, com a antiga numeração da rua (nº 142). Registra o nome do proprietário como Massuh Sobrinho e inclui os seguintes dizeres: “Vendas por atacado e a varejo. Completo sortimento de fazendas finas e grossas, armarinho, enfeites, artigos para costureiras, camisas e gravatas, calçados e guarda-chuvas. Única especialista em meias e miudezas”. Esper Cury Massuh presidiu a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa em 1952 e em 1957-58 e tem seu nome registrado na lista “in memoriam” dos sócios falecidos da entidade, reproduzida em Salum (2003). Vários outros Massuh que fizeram parte do grupo de comerciantes muito estimados, na região central de Piracicaba, são igualmente referidos pela fonte citada: Aref Cury Massuh, tesoureiro da sociedade aqui mencionada, membro da diretoria por ocasião do Jubileu de Ouro da entidade (1952), e Alexandre Massuh, vogal da mesma diretoria; Hosny Massuh, proprietário da loja Arca de Noé, no Mercado Municipal; Nicolau Cury Massuh, dono da Casa das Meias (Neme, 1936); José Cury Massuh e Antônio Massuh. Seus nomes fazem parte da lista “in memoriam” de associados falecidos da Sociedade.

**MASTRODI, Orlando (Caju)**. N. 1929. F. Piracicaba, 2.5.2006. Figura popular em Piracicaba no século 20, trabalhou como

balconista e auxiliar de farmácia durante muitos anos. Era f. de Francisco Antônio Mastrodi e Petronilha Flora Mastrodi e irmão de Elza Mastrodi. A vida extremamente sóbria e modesta que levava permitiu que, ao longo dos anos, reunisse pequeno pecúlio. Investiu-o na aquisição da tradicional Farmácia Coração de Jesus, à rua Boa Morte, na esquina da rua Rangel Pestana, que passou a administrar, permanecendo à frente desta até a ocorrência do seu falecimento, em meados de 2006.

**MATARAZZO, Francisco** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário de sapataria na av. Rui Barbosa, defronte da agência do Correio, em Vila Rezende. C.c. Olívia Giraldi Matarazzo. Ff.: Irineu, Roseli, Sônia Maria, Fraoli Terezinha, Antônio Carlos, Maria Madalena, Constância. A mãe de Francisco, de acordo com Aldrovandi (1991), era “benzedeira de fama”, por volta da primeira metade do séc. 20.

**MATHIESSEN, Henrique Christiano**. N. Jutlândia, Dinamarca, 21.9.1895. F. 7.11.1966. Empresário. Natural da parte peninsular ao norte da Dinamarca, fixou-se em fins do século 19 na localidade de Água Santa, na região rural de Piracicaba, concebendo e instalando a Usina Capuava, na fazenda do mesmo nome. Christian foi vereador em Piracicaba de 1892 a 1895, fazendo, assim, parte da primeira câmara republicana, eleita pelo voto popular a 30.8.1892 e empossada a 29.9.1892. Como empresário, tratou de aplicar na sua propriedade agrícola as mais adiantadas técnicas em uso na Europa, sendo a sua fazenda pioneira na mecanização agrícola no país (1921), sob a direção do gerente Tage Flohr Svendsen. Em 1924 teve início em Capuava a fabricação de gás carbônico, obtido a partir da fermentação do caldo de cana, iniciativa igualmente pioneira no Brasil. Em 1931, com licença da “Dansk Gaerindustri” (Indústria Dinamarquesa de Fermento), a Usina Capuava fabricou pela primeira vez no país o fermento seco para o

preparo de pães. O espírito empreendedor e o denodo de Mathiessen fizeram com que a Usina Capuava se projetasse no Brasil e no exterior como a maior e mais antiga fábrica paulista de gás carbônico, destacando-se igualmente como produtora de álcool e aguardente de cana-de-açúcar. (Krähenbühl, 1955). Segundo dados divulgados em 2006 por C.B. Barcella no *Jornal de Piracicaba* (17.12.2006), a destilaria da Capuava vinha produzindo anualmente sete a dez milhões de litros de álcool para bebidas. Uma só empresa, a Pernod Ricard Brasil, atuante no mercado de bebidas destiladas e vinhos, comprava da Capuava dois a três milhões anuais de aguardente (informações do empresário Caio Matthiessen Gudmon, descendente dos Mathiessen e dirigente do Grupo Capuava, que inclui, além da destilaria, as fazendas Bertioiga e Santa Lídia). A mesma fonte informou que a maior parte da produção da Capuava é exportada para os Estados Unidos, o Mercado Comum Europeu, as Américas do Sul e Central. O consumo anual de cana-de-açúcar na destilaria de Capuava é de 150 a 200 mil toneladas, sendo a primeira destilaria do país autorizada pelo Ministério da Agricultura para fazer o envelhecimento da aguardente de cana-de-açúcar. Uma rua Cristiano Matthiessen serve-lhe de homenagem póstuma, no Jardim São Francisco, junto à avenida das Ondas. Outra Mathiessen, Sophia (Rehder), n. 21.4.1870, f. em Piracicaba em 31.12.1962.

**MATTEIS, Giuseppe** (Séc. 19-20). Conselheiro da Società Italiana di Mútuuo Soccorso de Piracicaba, fez parte da diretoria eleita em janeiro de 1914 (Capri, 1914). A mesma fonte registra que os Matteis foram proprietários da Casa Matteis, à rua Alferes José Caetano, nº 145, fundada em 1899. Dedicava-se a vendas por atacado e a varejo, nos ramos de “calçados, couros e artigos para sapateiros e seleiros, retrós e agulhas para máquinas”, funcionando como “depósito de solas e fábricas de cortes”. Há uma rua José Matteis no bairro Nossa Senhora

de Fátima.

**MATTOS, Augusto de.** N. séc. 19. F. setembro de 1891. Deputado. Deixou Piracicaba a 8.2.1886, para tomar posse, na capital paulista, do cargo de deputado provincial. Camargo (1900) informa que Augusto de Mattos tornou-se doutor a 17.11.1882. Mudou-se para São Paulo a 6.5.1890 e no ano seguinte faleceu, sendo sepultado a 1.10.1891.

**MATTOS, Guilherme César de.** N. e f. Piracicaba, séc. 19. C.c. Maria Engrácia César de Mattos, também piracicabana. Pais do médico Júlio César de Mattos (v.). Farmacêutico. Teve farmácia na rua Direita (atual Moraes Barros), a Farmácia Central. Na chácara Água Branca há uma rua com seu nome. (Elias Netto, 2003).

**MATTOS, J. Barbosa** (Séc. 20). Comerciante. Um dos antigos sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (sócio nº 28), registrado no comércio a 11.1.1940, com capital de 30:000\$000, no ramo de secos e molhados (Guidotti, 2002).

**MATTOS, Joaquim Raimundo Bueno de.** N. Campinas, SP, 20.1.1879. F. Piracicaba, SP, 25.6.1933. Artista plástico, professor. Era criança quando passou a viver em Piracicaba. Aos 15 anos de idade, tornou-se discípulo de José Ferraz de Almeida Júnior (v.) na capital paulista. Após a morte deste, foi aluno de outro famoso pintor brasileiro, Oscar Pereira da Silva. Coube a Joaquim de Mattos a incumbência de recolher os pertences de Almeida Júnior após seu assassinato, tendo conservado, até falecer, a caixa de tintas do mestre e alguns objetos de uso pessoal. Em 1901 Joaquim de Mattos voltou a Piracicaba, passando a trabalhar como funcionário da recém-criada Escola Agrícola Prática, futura ESALQ. Tornou-se professor de desenho da Escola Normal (oficial) de Piracicaba em 1914, ao tempo em que esta era

denominada Escola Normal Primária, e dirigida por Honorato Faustino de Oliveira (1909 a 1928), tendo como companheiros de docência Pedro de Mello, Carlos Martins Sodero, Fabiano Rodrigues Lozano, David Müller, João Batista Nogueira (vv.) e outros. A escola funcionava em seu antigo prédio, à rua do Rosário. Permaneceu como professor da Escola Normal até sua morte. A despeito de ter ganhado prêmio de viagem à Europa, recusou-se a viajar, preferindo dedicar-se aos seus alunos piracicabanos (Octávio Prates Ferreira, Ida Schalch, Mário de Campos Pacheco, vv., e outros). Expôs quadros no Salão Morgado em Piracicaba, (1899), no Rio de Janeiro (1916, menção honrosa na Exposição Geral de Belas Artes, e 1918) e na capital paulista. Em 1920, expôs 23 quadros na Universidade Popular de Piracicaba, juntamente com os discípulos Prates Ferreira e Schalch. Sua derradeira exposição teria ocorrido em 1921, na União de Santo Agostinho, em Campinas, SP. O VII Salão Paulista de Belas Artes expôs algumas das suas telas e incluiu dados a seu respeito no catálogo da exposição (Mello, 1999). “Sua obra revela forte relação com o mundo que o cerca e absorve de Almeida Júnior aquela brasilidade que renova a temática de nossa arte” (Cosentino, 1985).

**MATTOS, Jonathas** (Séc. 19). Jornalista e teatrólogo. Em 21.10.1889, com espetáculo em benefício da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, subiu à cena no Teatro Santo Estevão um drama em dois atos de sua autoria: “História de uma camélia”, com cenários de Victor Walker (v.), um dos primeiros exibidores de filmes cinematográficos (1908) na cidade. A música foi executada por orquestra sob a regência do maestro Tristão Mariano (v.) e a peça teve como intérpretes um grupo de artistas amadores da cidade. Jonathas Mattos foi orador e secretário do Grêmio Dramático Beneficente, criado em Piracicaba em abril de 1889.

**MATTOS, José Gabriel Bueno de** (Séc. 19).

Vereador, fez parte da câmara municipal de Piracicaba em 1896-98 e 1902-04. Camargo (1900) registra o sepultamento de sua mãe a 12.3.1885 e seu casamento, ocorrido a 10.7.1888.

**MATTOS, Júlio César de** (Séc. 19). Proprietário de uma loja de fazendas em Piracicaba, então município da Constituição, por volta de 1870, segundo Luné e Fonseca (1873) no seu *Almanak da Província de São Paulo*. Talvez aparentado com o médico Júlio César de Mattos, n. em 1891 e f. em 1941(v.).

**MATTOS, Júlio César de.** N. Piracicaba, 21.3.1891. F. São Paulo, 17.3.1941. C.c. Martha de Camargo Mattos (filha de Pedro de Camargo, v.). F.: Marieta, física diplomada em Paris, com doutorado em São Paulo e professora do Serviço de Energia Nuclear Aplicada à Agricultura (Sena), na ESALQ. Mattos era filho dos piracicabanos Guilherme César de Mattos (v.), farmacêutico, e Maria Engrácia César de Mattos. Coursou o ginásio no Ginásio Anglo-Brasileiro, na capital paulista, no local depois ocupado pelo colégio São Luiz, e diplomou-se em medicina em 1916 pela Faculdade do Rio de Janeiro, defendendo tese no âmbito das doenças nervosas e mentais. Depois de formado, regressou a Piracicaba, instalando seu consultório junto à residência, à rua Moraes Barros, nº 78, ao lado da Farmácia Central. Apresentava-se em anúncios como médico especializado em gonorréia, reumatismo, nevralgias e ciática, com tratamento indolor por diatermia. Atuou na Santa Casa de Misericórdia local (1918-1928). Retornou ao corpo clínico desta em 1931, deixando-o em 1935 quando foi aprovado para ocupar em Araraquara o cargo de médico legista. Em 1937 passou a residir na capital paulista, à rua Barão de Itapetininga, nº 50, referindo-se à sua experiência como médico “dos hospitais de Paris, Londres e Berlim”. Durante os anos de permanência em Piracicaba, foi professor de história natural do Colégio Piracicabano. Exerceu também o cargo

de inspetor federal do ensino secundário.

**MATTOS, Lázaro Sampaio, Padre.** Em 4.12.1922 o bispo de Campinas, d. Francisco Campos Barreto, criou a paróquia do Bom Jesus, desmembrando-a da de Piracicaba e compreendendo a capela de Santa Cruz, origem da Igreja do Bom Jesus, na Cidade Alta. Escolhido para ser seu primeiro vigário, o pe. Lázaro Sampaio Mattos encarregou-se da paróquia nesse ano da sua fundação. Teve como sucessores, nas décadas de vinte a setenta, os padres Henrique Nicopelli (1923, v.), Mário Montefeltro (1925-26, v.) (v.), Francisco Borja do Amaral (1926-32, v.), Vicente Rizzo (1932-34), Francisco de Campos Machado (1934-35, v.), João Batista Martins (1935, v.), Martinho Salgot (1935-71, v.) e José Nardin (v.) (1971-72). A partir de 1972 a paróquia foi confiada aos cuidados dos salesianos da Inspeção Nossa Senhora Auxiliadora, assumindo inicialmente como pároco o pe. Otorino Fantin (1972-77). (J.E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 6.8.1989).

**MATTOS, Manoel Sampaio (Manequinho).** Administrador. N. 1913. F. Piracicaba, 24.1.2001. C.c. Judith Meira Matos. Ff.: Raul Carlos, Manoel Filho, Peter Alexander. Prestativo e empenhado em causas cívicas e em benefício da comunidade, presidiu em Piracicaba o Núcleo dos Combatentes de 1932. Era filho de Sebastião Sampaio Mattos e Gertrudes do Amaral Mattos.

**MATTOS JÚNIOR, Joaquim A., tenente.** Camargo (1900) menciona-o como oficial do 2º Tabelionato de Piracicaba, em fins do século 19, na rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo). Jonathas de Mattos (v.) era o escrevente do 2º Tabelionato.

**MATTOSO, Joaquim Antônio.** (Séc. 19). Um dos vários piracicabanos voluntários da pátria que combateram como soldados na Guerra do Paraguai (1864-1870), contra as

tropas de Francisco Solano López. De acordo com Camargo (1900), Mattoso reapareceu em Piracicaba a 4.12.1869. Elias Netto (2003) refere-se a três piracicabanos que retornaram em 1867, sendo o capitão Belisário um deles; outro voluntário voltou em 1869 e no ano seguinte, com a patente de major, regressou à cidade o voluntário Fortunato de Campos Freire (v.).

**MAURANO, Jeremias.** Italiano. Séc. 19-20. Estabeleceu-se em Piracicaba com casa de móveis e colchões à rua do Comércio, nº 70 (atual Governador Pedro de Toledo). Em meados de 1897 achava-se prestes a encerrar suas atividades. No ano seguinte, passou a ser proprietário da Marcenaria São José, perto da fábrica de chapéus de Henrique Wohlgenuth (v.). A fonte destas informações, Alleoni (2003), alude igualmente a Raphael Maurano, que figurou na *Gazeta de Piracicaba* de maio de 1896 como proprietário de um prédio no valor de 40.320 réis. Raphael foi dono de uma sapataria na rua do Comércio, em fins do século 19 (Camargo, 1900). Um terceiro Maurano, José, figura em Camargo como armeiro e contribuinte municipal, em fins do século 19. José é igualmente mencionado por Camargo como vendedor de chapéus de sol, estabelecido na rua do Comércio.

**MAURO, Carlos.** N. São Pedro, SP, 2.2.1898. F. 4.1.1975. C.c. Aracy Algodoal Mauro, f. de João de Oliveira Algodoal e Isaura de Andrade Algodoal. Ff.: Carlos Rogério, Luiz Jorge, Maria Lília (f.) e Maria Madalena (f.). Filho mais velho dos 12 filhos de Nicolau Mauro e Adélia Daniel Mauro. Foi administrador de bens do Estado, a partir da aquisição de empresa da qual participava, pelo governo estadual. Quando Águas de São Pedro foi emancipada, nomearam-no como seu primeiro prefeito municipal. Teve bela residência em Piracicaba, na rua Moraes Barros, perto da Praça da Catedral. Seu pioneirismo em Águas de São Pedro compõe uma das mais belas páginas do passado paulista.

Em 17.5.1934 adquiriu de Ângelo Franzin parte de suas terras, que incluíam a Fonte Sulfurosa, com cabinas de banho feitas de tábuas. Mauro organizou uma sociedade com a participação de Patrício Miguel Carreta, Joviano Noner, José Matarazzo, Ernesto Giocondo, Antônio Albino Ribeiro, Vitório Maziero, João Batista Algodoal, Emílio Marozzi, João de Oliveira Algodoal, Isaura Andrade Algodoal e Rita Algodoal Guedes Pereira, construindo entre junho de 1934 e julho de 1935 um moderno balneário de alvenaria. Providenciou a ativação de uma linha de transporte por meio de jardineira entre a fonte e a cidade de São Pedro e promoveu a divulgação das virtudes terapêuticas das águas, sendo, assim, o fundador da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro. Em 1935, a sociedade liderada por Carlos Mauro decidiu transformar-se em sociedade anônima, surgindo assim a empresa Águas Sulfídricas e Termas de São Pedro S.A. (21.9.1935) e ocorrendo o ingresso de novos sócios, entre os quais o capitalista Antônio Joaquim de Moura Andrade. Dirigida por Mauro, a sociedade comprou novas glebas, contratou urbanistas, saneou áreas, construiu represa, estação de recalque, linhas adutoras e de distribuição, estação de tratamento, reservatórios, vila para moradias de empregados. Foram abertas ruas e avenidas e edificado o Grande Hotel São Pedro, com balneário e cassino. Carlos Mauro criou também o Hotel Avenida em Águas de São Pedro. A estância hidromineral, onde uma avenida tem seu nome, nas palavras de Flamínio Fávero, foi a “grande obra realizada por Carlos Mauro”. (Waldemar Miranda, s.d.). Um dos filhos de Carlos Mauro, Luiz Jorge Mauro, foi vereador em Águas de São Pedro, nos anos oitenta.

**MAYGTON, Irmãos** (Séc. 20). Industriais. Proprietários da empresa Irmãos Maygton & Cia., responsável pelo Pastificio e Fábrica de Bolachas Cacique, com sede à rua Santa Cruz, nº 1305. Anunciada em 1955 como “a maior do Estado”, contava em 1955 com maquinaria

automática que produzia 40 mil quilos diários de macarrão e forno elétrico que produzia 8 mil quilos de bolacha por dia (Krähenbühl), 1955).

**MAYNARD, Virgílio** (Séc. 19-20). C.c. Olympia Maynard. Em 1910 o casal Maynard realizou em Piracicaba as primeiras reuniões de presbiterianos. Tiveram como auxiliares da reunião Lázaro Camargo do Amaral e Cândida do Amaral. Somente 42 anos depois, a 1.1.1952, foram reabertos na cidade os cultos religiosos presbiterianos pelo reverendo Renato Ribeiro dos Santos. Em fevereiro de 1953 surgiu a primeira União de Moços Presbiterianos e em outubro a igreja foi efetivamente organizada, com 47 membros. Na passagem do milênio, a cidade registrava a existência de três igrejas presbiterianas, com mais de meio milhar de membros (*Jornal de Piracicaba*, 7.10.2000).

**MAZZILLI, Francisco Antônio** (Séc. 19). Comerciante. Na derradeira década do século, por volta de 1894, eram de sua propriedade a Alfaiataria Parisiense e um armazém de secos e molhados, à rua Prudente de Moraes, na esquina da rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), no mesmo local em que existiu anteriormente a casa José Laureano. Nessa ocasião, Mazzilli anunciou sua mudança para a capital paulista e a promoção de “grande liquidação” da alfaiataria e do armazém (Alleoni, 2003). A 4.10.1896, um anúncio da *Gazeta de Piracicaba* referia-se a um ateliê fotográfico em Piracicaba, de Mazzilli & Lauria.

**MAZZONETTO, Domingos (Domenico)**. N. Itália, 1866. F. Piracicaba, 30.8.1940. Industrial, comerciante e agricultor, como seus irmãos, Luiz e Ricardo. C.c. Florinda Bergamin Mazzonetto. Ff.: Angelina, Maria, Isa, Rosa, Luzia, Vicentina, Joana, Antônio, Francisco e Ângelo. Vindo para o Brasil em 1887, fixaram-se em Piracicaba, juntamente com os pais. Eram filhos de Ângelo Mazzonetto, sendo Domênico o mais velho. Colonos em uma fazenda, após



## MAYGTON, Irmãos

três anos passaram a trabalhar por conta própria, fundando na Vila Rezende, à avenida Rui Barbosa, nº 86, uma grande casa comercial. Os irmãos tornaram-se igualmente proprietários da fazenda Santa Maria. Luiz Mazzonetto nasceu na Itália a 4.10.1878, e foi casado com Angelina de Cillo; residiram um pouco abaixo do armazém da família. Filhos: Rosa, Antônio, Judite e Olga. O terceiro irmão, Ricardo, n. na Itália a 20.6.1872 e f. em Piracicaba a 15.6.1963, sendo casado com Marieta Pilon Mazzonetto. Tiveram os seguintes filhos: Antônio, Justina, Judite, Paulino e Mário. Era conhecido como capitão Ricardo, por pertencer à Guarda Nacional. Foi 2º secretário da Sociedade Agrícola e Operária Cooperativa Italiana, criada em 1901, sob a presidência de Ferrari Ventura, sendo Settimo Giusti o vice-presidente, Santo Sabbatini o 1º secretário e Fortunato Sandalo o tesoureiro. Alleoni (2003) refere-se a Ricardo como o fundador do Cine Rezende, que parece não ter durado muito tempo. Outro Mazzonetto (v. Barretta, Torello), Ângelo, teve restaurante na Vila Rezende e foi 1º secretário da primeira diretoria da Associação Atlética Sucrierie, surgida em 8.2.1914 por iniciativa dos funcionários da Usina Sucrierie (Aldrovandi, 1991). No Jardim Algodal há a rua Domingos Mazzonetto e no Residencial Santo Antônio (São Jorge) a rua Cap. Ricardo Mazzonetto.

**MEDEIROS, Antônio** (Séc. 19). Delegado de polícia em Piracicaba, na época da proclamação da República, em que o governo municipal passou a ser exercido, em nome do povo, pelos cidadãos Manoel de Moraes Barros, Paulo Pinto de Almeida e Luiz de Queiroz (vv., 16.11.1889).

**MEDEIROS, Luiz de** (Séc. 19). Juiz de direito em Piracicaba, por volta de 1878, quando Canuto José Saraiva era o juiz municipal de órfãos e Antônio José de Moraes o promotor público.

**MEDEIROS, Potiguar de** (Séc. 20). Delegado

de polícia em Piracicaba em 1931, formado em medicina. Interessado pelo problema da hanseníase na cidade, publicou na imprensa local um plano de assistência aos doentes. Exonerou-se, a pedido, do cargo de delegado, e deixou Piracicaba em abril do mesmo ano (Cambiaghi, 1984).

**MEDEIROS, Raul** (Séc. 19-20). Figura entre os médicos atuantes em Piracicaba no início do século 20, tendo oferecido seus préstimos ao Asilo de Velhice e Mendicidade em 1908. Em anúncio veiculado pela imprensa local, apresentava-se como médico e oculista, com consultório e residência à rua 13 de Maio, nº 18. Nada cobrava dos pobres que a ele recorriam (Cambiaghi, 1984).

**MEDINA, Antônio Borja** (Séc. 20). Arquiteto e construtor. Foi o responsável pela construção do Teatro São José (posteriormente cinema), inaugurado a 11.7.1927. Foi igualmente o construtor do Clube Piracicaba-bano, posteriormente Clube Coronel Barbosa, no local ocupado pelo palacete de propriedade do coronel José Barbosa Ferraz (v.). Após o término da construção do clube, edificou o São José. Na década de 30 construiu o cine Broadway, igualmente na rua São José. Posteriormente desativado como cinema, o prédio do Broadway se converteu em casa de jogos (bingo). Há uma rua denominada Antônio Borja Medina, junto à Rodovia Luiz de Queiroz (Unileste, paralela à av. Benedito de Andrade).

**MEIRA, João Correia Gonçalves**. N. Piracicaba, 22.11.1887. F. séc. 20. Jornalista, crítico, novelista. Trabalhou em vários periódicos interioranos paulistas: *Gazeta* de Anápolis, 1903; *A Tarde* de São Carlos, 1914; *Jornal da Noite* de Rio Claro, 1915. Dirigiu na cidade de Jaú, SP, *O Democrata*. Publicou “Pecado de Amor” (Melo, 1954).

**MEIRA, João Pedro de** (Séc. 19-20). Comerciante. Faz parte da história das artes gráficas em Piracicaba, como proprietário da Casa Meira, à rua Prudente de Moraes, nº 67, atrás do antigo Teatro, “o mais antigo e acreditado estabelecimento gráfico de Piracicaba” (Capri, 1914). Dispondo de “máquinas e materiais modernos”, a casa oferecia nas primeiras décadas do século vinte serviços de tipografia, encadernação, pautação e fabricação de livros em branco, destacando nos seus anúncios que contava com “tração elétrica”. Meira pertence igualmente à história do jornalismo piracicabano: em meados de novembro de 1900, assumiu a gerência do *Jornal de Piracicaba*, posto até então ocupado por Alberto da Cunha Horta (v). Em 31.1.1901 a direção do jornal foi confiada a João Aranha (v), permanecendo Meira como gerente. Em fins de março do mesmo ano, enquanto Meira continuava à frente da gerência, Juvenal do Amaral (v) passou a ser proprietário e diretor do periódico. A tipografia de Meira era anexa à antiga oficina do *Jornal de Piracicaba*. Segundo a revista *Brazil Magazine* de março de 1907, João Pedro era nessa ocasião diretor do jornal *Gazeta de Piracicaba* (*Jornal de Piracicaba*, 5.2.1994). Outro João Meira, provavelmente nascido na primeira década do século 20, e casado com Alcina Maciel Meira, foi pai de Orlando Maciel Meira, que faleceu aos 73 anos de idade em 19.12.2005 em Piracicaba. Orlando, por sua vez, teve como esposa Maria da Glória Landim Meira, sendo pais de Patrícia, Érika e Priscila. Foi sepultado em Itapetininga, SP.

**MEIRELLES, Nelson.** N. Santa Rita do Passa Quatro, SP, 17.3.1904. F. 10.7.1978. C.c. Maria Olívia Morato Ferraz Meirelles, f. de Coriolano Ferraz do Amaral (v), a 14.5.1935. Ff.: Ana Maria, Urbano, Coriolano, Maria Olívia (Filha), Ida, Maria Angélica, Nelson (Filho). Era filho de Urbano Romano de Souza Meirelles e Maria Honorina de Souza Meirelles. Completou o curso primário em Porto Ferreira, SP, e foi aluno

do Colégio Brasil (Ouro Fino, MG) e do Ginásio Culto à Ciência (Campinas, SP). Diplomou-se em farmácia em 1922 e tornou-se médico em 1930 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Após atuar como interno no Hospital do Pronto Socorro Municipal e no Hospital São Francisco de Assis na então Capital Federal, transferiu-se para Piracicaba, instalando seu consultório à rua Boa Morte, especializado em moléstias das vias urinárias e em clínica cirúrgica. Passou depois a ter consultório à rua Quinze de Novembro, nº 656. Ao longo de toda a sua vida profissional, permaneceu ligado à Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, fazendo parte do corpo clínico desta, desempenhando importantes funções e ocupando durante 17 anos consecutivos, de 1946 a 1963, o cargo de provedor. Iniciou sua contribuição para a Santa Casa valendo-se de um pequeno laboratório que possuía e pondo-o graciosamente à disposição das clínicas do hospital. Após atender o ambulatório na clínica cirúrgica feminina, chefiou enfermarias, foi diretor clínico e por fim provedor. Destacam-se na sua atuação as construções, ampliações, reformas e adaptações que realizou. Sócio fundador da regional Piracicaba da Associação Paulista de Medicina (1950), presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Santa Casa (1950). Foi conselheiro da Associação Paulista de Hospitais e delegado da Associação Médica Brasileira e da Associação Paulista de Medicina. A Santa Casa concedeu-lhe a 23.1.1963, pela Mesa Administrativa, o título de Irmão Benemérito. Recebeu o diploma de honra ao mérito da regional piracicabana da Associação Paulista de Medicina em 1975 e o título de cidadão piracicabano, que lhe foi concedido em 1962 pela câmara municipal. Participou da criação da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba e presidiu a entidade durante 25 anos, tendo sido, tal como a esposa, um dos mais ardorosos batalhadores em favor da música culta em Piracicaba. O Sindicato Rural de Piracicaba

elegeu-o como seu presidente. Juntamente com Fortunato Losso Netto (v.), Ernesto Pereira Lopes, Jairo Ribeiro de Mattos e Flávio Toledo Piza (v.), criou a rádio Educadora de Piracicaba, inaugurada a 30.8.1967, inicialmente com instalações à rua Governador Pedro de Toledo e depois (1976) à rua Boa Morte. Sua esposa foi uma das fundadoras da Escola de Música de Piracicaba e secretariou a Sociedade de Cultura Artística local. “Um homem autêntico, verdadeiro varão de Plutarco, permanecerá na lembrança da nossa terra, pelas boas obras que semeou, ao longo de sua vida cristã” (F. Losso Netto). “Desempenhou condignamente sua missão na vida. Cidadão exemplar, caráter íntegro, correção impecável, mereceu o respeito e a admiração dos seus semelhantes”, segundo Cambiaghi. (Cambiaghi, 1984; Pfromm Netto e Martins, 2003; Moratori, 2004).

**MELCHERT, Germano Frederico** (Séc. 19). Médico. Presumivelmente alemão de nascimento, após formar-se em medicina na Europa, fixou-se em Piracicaba a 16.4.1872. Pertenceu à Guarda Nacional da Província, nas comarcas de Campinas e Jundiá, ocupando o posto de capitão cirurgião-mor, nomeado a 5.2.1880 pelo presidente da província de São Paulo (Camargo, 1900; Cambiaghi, 1984). Há notícia de pendências judiciais em que esteve envolvido em Piracicaba, juntamente com sua mulher, em 1882. Camargo (cit.) refere-se erradamente a 14.5.1871 como data do seu falecimento em Piracicaba.

**MELCHERT, Hermann.** N. Altona, ducado de Hölstein (território alemão-dinamarquês), 1804. F. 31.3.1871. C.c. Catharina Cohlsen Melchert. Cursos medicina em Hölstein, na Universidade de Kiehl e a 29.5.1850 registrou seu diploma de médico no consulado brasileiro em Hamburgo. Em 1855 apresentou, para fins de registro, o seu diploma à Câmara de Vereadores de Constituição (Piracicaba). Atendia gratuitamente os doentes da Santa

Casa de Misericórdia local, sendo, por essa razão, objeto de manifestação de gratidão da Santa Casa, que se referiu em termos elogiosos à sua “caridade filantrópica e desinteressada”, aos “valiosos serviços que havia prestado”, de assistência gratuita aos enfermos. Naturalizou-se brasileiro a 2.9.1857. Teve farmácia, no qual aviava as próprias receitas (Cambiaghi, 1984). Os médicos Hermann Melchert e Herman Kupper (v.) foram os primeiros cidadãos de origem alemã que tiveram seus nomes mencionados na documentação oficial de Piracicaba (Krähenbühl, 1955), pois ambos figuram em inventário de Manuel Bento de Moraes datado de 1853, existente no Cartório de 2º Ofício local.

**MELGES, Helly de Campos.** N. Piracicaba, 1928. F. Piracicaba, 3.8.1993. C.c. Maria de Lourdes dos Santos Melges, cinco ff. Professor, poeta, político. Formou-se pelo Grupo Escolar Moraes Barros, Instituto de Educação Sud Mennucci (ginásio), Colégio Estadual Presidente Roosevelt de São Paulo (colégio) e Escola Normal Washington Luiz de Mogi das Cruzes. Diplomou-se em direito pela Unimep. Após trabalhar em casas comerciais e ser ferroviário por concurso da E. F. Sorocabana, dedicou-se ao magistério como professor em várias escolas de Piracicaba e do Estado, diretor, supervisor pedagógico e inspetor escolar. Vereador em Piracicaba de 1977 a 1982, presidiu a Câmara Municipal e foi reeleito em 1989. No ano de 1982 fundou o Partido Trabalhista Brasileiro de Piracicaba e ocupou a presidência do diretório municipal deste. Em 1990-91 presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Foi presidente do Conselho Coordenador das Entidades Civas de Piracicaba, membro da União Brasileira de Escritores e presidente da Comissão Municipal de Bibliotecas de Piracicaba. Recebeu a medalha Thales Castanho de Andrade. Suas publicações incluem os livros de poesia “O livro do Zé Carlito” (1960, infantil), “Na era atômica” (1968) e “O Sermão

da Montanha” (1985). Seu ensaio “A poesia de Paulo Setúbal” ganhou o Prêmio Paulo Setúbal em 1970. Eleito “príncipe dos poetas de Piracicaba” pela Academia Piracicabana de Letras em 1993, foi o diretor responsável pelo primeiro número da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, editado no ano do seu falecimento. “Um baluarte da cultura piracicabana, presente em todos os movimentos em favor das letras, artes e educação” (H. P. Carradore). (*Jornal de Piracicaba*, 4.8.1993). Uma rua da Vila Nova Esperança tem seu nome.

**MELILLO, Aniger Francisco de Maria, Dom.** N. Campinas, SP, 27.6.1911. F. São Paulo, SP, 17.4.1985. Segundo bispo da Diocese de Piracicaba, sagrado em Campinas a 29.6.1960 pelo Arcebispo Dom Paulo Tarso Campos. F. de Vicente Melillo e Regina Morato Melillo, recebeu no batismo um nome que era o inverso do de sua mãe. Foram seus irmãos: Auta, Irene, Irma Zuleika, Pérola, Regina, Santa e Vicente. Ordenado padre a 3.12.1933 em sua cidade natal por Dom Francisco de Campos Barreto, foi inicialmente nomeado vigário cooperador da Matriz do Carmo em Campinas. Incumbido de idêntica missão em 1937 na Matriz de Santo Antônio de Piracicaba, foi coadjutor de Monsenhor Rosa (v.) e permaneceu nesse posto até 1941. Recebeu a seguir nomeação para atuar como membro do Cabido Diocesano e Tribunal Eclesiástico de Campinas. Assumiu a reitoria do Seminário Diocesano campineiro, que contou com sua liderança por quase treze anos, formando inúmeros sacerdotes para as dioceses de Piracicaba, Campinas e Ribeirão Preto. Ao deixar a reitoria, voltou a ser vigário na paróquia de Iracemápolis, onde foi buscado pela Santa Sé para ser o segundo bispo de Piracicaba. Sua posse ocorreu a 15.8.1960. Após 20 anos de atuação, adoentado, solicitou ao Papa João Paulo II que o desobrigasse da administração da Diocese. Foi dispensado a 11.1.1984, passando a ter o título de Bispo Emérito da Diocese de Piracicaba. Dentre as inúmeras

iniciativas que a cidade deve ao seu dinamismo e criatividade, estão a construção do Seminário de Nova Suíça, a criação da Faculdade de Serviço Social (1963), a criação do Colégio Comercial Imaculada Conceição (19.11.1963), a construção do Cemitério Parque da Ressurreição (1971), a criação de doze novas paróquias e a ordenação de catorze novos padres para a diocese. Uma das suas grandes alegrias foi a ordenação do próprio pai, com 83 anos de idade. Incentivou os Cursilhos da Cristandade e os Movimentos de Juventude, sendo nomeado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1968 diretor espiritual do Movimento Nacional dos Cursilhos e implantando-os em numerosas cidades do país. Faleceu na capital paulista, no Instituto do Coração, onde se achava internado, e foi sepultado em Piracicaba, na cripta da Catedral. “D. Aniger se fez amado por todos os paroquianos. Para todos tinha sempre palavras de carinho e de conforto, um sorriso que denunciava felicidade. De atitude solerte. Um abraço indistinto para todos quantos dele se aproximassem... Foi dinâmico e sempre definiu a Crença como exemplo vivo e paternal, tal como acontece com os eleitos” (L. Guerrini, *Jornal de Piracicaba*, 16.2.1986). Em Piracicaba há uma avenida com seu nome, no Jardim Ipanema, junto à avenida Rio das Pedras, e uma Escola Estadual, na rua Pau Brasil, no bairro Bosque dos Lenheiros.

**MELLO, Cândido da Silveira** (Séc. 19-20). Seu nome está na lista dos cidadãos mais abastados de Piracicaba, na passagem do século (Camargo, 1900), como “capitalistas piracicabanos que, como tais, pagam imposto”. Correspondia-lhe a importância de 100.000\$000, a metade do valor atribuído ao cidadão mais abastado da cidade, major Pedro Ferraz de Arruda Campos (v.).

**MELLO, Jacyntho Antenor da Silva** (Séc. 19-20). Professor. Fundou e dirigiu desde 1894 uma escola mista particular à rua Piracicaba nº 22 (atual Voluntários de Piracicaba), na qual

também lecionava a professora Octávia de Mello. Por volta da passagem do século, a escola tinha 31 alunos matriculados. Mello foi também professor da Escola Noturna Municipal, destinada a pessoas do sexo masculino, que funcionou numa das salas da Câmara Municipal, com 35 alunos em 1900 (Camargo, 1900).

**MELLO, João Amaral.** N. São Pedro, SP, 20.5.1879. F. São Paulo, SP, 29.8.1984. C.c. Guiomar Meira do Amaral Mello (n. Analândia, SP, 4.7.1893, e f. São Paulo, SP, 9.5.1992). Engenheiro agrônomo, fazendeiro. Neto de João Leite de Cerqueira César (v.) e Antônia Isabel de Negreiros, proprietários da fazenda São João em que nasceu e da qual seu pai era administrador. Aprendeu as primeiras letras na fazenda, com o professor Urbano de Oliveira Leite Setúbal, tio do escritor Paulo Setúbal, e exerceu os cargos de juiz de paz, sub-delegado e inspetor escolar. Em 1903 formou-se na primeira turma da Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (futura ESALQ) e durante quinze anos administrou a fazenda paterna, sendo um dos pioneiros na eletrificação e na telefonia rurais. Em 1923 tornou-se proprietário da fazenda Boa Esperança, em Rio das Pedras. Vendeu-a depois e adquiriu em 1927 a fazenda Água Branca em Pirassununga, dedicada, como a anterior, ao cultivo de café. A crise de 1929 levou-o à falência, obrigando-o a vendê-la para saldar suas dívidas e pagar os colonos. Tentou, sem êxito, explorar um moinho de cereais em Iracemápolis, SP, e administrar uma fazenda em Xavantes, SP. Em 1934 ingressou como engenheiro agrônomo no funcionalismo público estadual, sendo efetivado como inspetor agrícola em 11.9.1941. Trabalhou como chefe de seção em Pirassununga, Araraquara, Piracicaba e São Paulo. Fixou-se em definitivo na capital paulista em fins de 1945; foi proprietário de um sítio em Suzano, SP (1945-1966). Recebeu expressiva homenagem na ESALQ em 1973 aos 94 anos de idade e ao completar seu centenário ganhou destaque nos jornais e na televisão

com sua lucidez e saúde. “Era homem alegre, pai exemplar, marido fiel e companheiro, avô extremado..., de grande coração e católico fervoroso... Cavalheiro irrepreensível, bom irmão, fino no trato e no trajar” (M. M. A. Bogociovas, 2006). Outro Amaral Mello, Floriano, formou-se pela ESALQ (então Escola Agrícola Luiz de Queiroz) em 1919. No bairro Santa Rita existe uma rua com seu nome.

**MELLO, João Baptista da Silveira.** N. Piracicaba, 20.10.1859. F. Limeira, SP, 21.1.1934. C.c. Maria Amélia de Moraes Barros, filha de Prudente José de Moraes Barros, a 11.9.1888. Era filho de Joaquim da Silveira Mello (v.) e Anna Theolinda Ferraz Silveira Mello. Ff.: João, Prudente, Otávio, Maria Teresa, Sylvio, Adelaide. Médico, político. Formou-se em 1887 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e no mesmo ano instalou consultório à rua da Quitanda, n° 33 (atual Quinze de Novembro) em Piracicaba, mudando-o mais tarde para a rua Treze de Maio n° 96 (1911). Foi médico da Santa Casa de Misericórdia e membro da Irmandade desde 1888. Foi mesário, escrivão e procurador da Mesa Administrativa da Santa Casa. Inspetor sanitário da Saúde Pública em 1905, chefiou em 1906 a Comissão de Tratamento do Tracoma e foi médico da Estrada de Ferro Sorocabana. Membro do Partido Republicano, foi vereador (1892, 1902-04) e presidiu a Câmara Municipal. Foi acionista do Banco de Piracicaba, fundado em 23.8.1891, sendo eleito vice-presidente da diretoria em 1899. Foi também juiz de paz. Mudou-se para Limeira, SP, onde faleceu (Cambiaghi, 1984). Há uma rua com seu nome, no Conjunto Habitacional Água Branca. Vários Silveira Mello formaram-se em agronomia em Piracicaba: André (1914), Prudente (1915), Leo (1938) e Celso Silveira Mello (1941).

**MELLO, João Silveira.** N. Piracicaba, 10.7.1889. F. séc. 20. Professor, advogado, jurista, escritor, jornalista. Neto de Prudente de

Moraes. Aluno do Colégio Piracicabano, do 1º Grupo Escolar (G. E. Barão do Rio Branco) e da Escola Complementar (futura Sud Mennucci), advogado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Quando era procurador do Tribunal Eleitoral, teve escritório de advocacia em São Paulo, à rua São Bento, com dois sócios: Bruno Barbosa, juiz federal, e o futuro escritor e editor José Perez. Exerceu o magistério e a advocacia em Piracicaba, ingressando posteriormente na magistratura. Foi juiz federal substituto na seção de São Paulo e tornou-se mais tarde Juiz da 2ª Vara (1931). Colaborou na *Gazeta de Piracicaba*, *Jornal de Piracicaba* e *O Momento* e foi redator chefe do diário *A Tarde*, com redação no seu escritório, à rua Prudente de Moraes, nº 96. Em 1917 publicou em Piracicaba seu livro *Elogio da Mentira*.

**MELLO, Joaquim da Silveira.** Comendador, fazendeiro, capitalista, historiador. Seu nome aparece na lista de Camargo (1900) dos capitalistas piracicabanos pagantes de imposto municipal na passagem do século, correspondente à importância de 100:000\$000, a metade do valor atribuído ao major Pedro Ferraz de Arruda Campos (v.), o capitalista mais próspero da cidade. Vereador em 1865-68 e 1881-84. Um dos fundadores do Banco de Piracicaba em 23.8.1891, com Antônio Carlos de Arruda Botelho, Francisco José da Conceição (vv.) e outros, fazendo parte da sua diretoria. Tinha com seus irmãos uma fábrica de máquinas à rua do Rossio (atual Christiano Cleopath), que produzia “máquinas completas de beneficiar café, pelo sistema Silveira Mello”, segundo a fonte aqui mencionada. Foi casado duas vezes, sendo sua segunda esposa Antônia da Silveira Mello, sepultada a 29.10.1889. Autor do primeiro estudo histórico detalhado sobre a fundação de Piracicaba, incluído no “Almanaque” de Camargo (1900), reproduzido em livro por Luiz Leandro (Leandro Guerrini) em 1961. Guerrini reproduziu outro estudo

valioso de sua lavra: “A estrada do Picadão de Cuibá a Piracicaba”, publicado pela primeira vez no *Jornal de Piracicaba* em 1915. Uma rua do Jardim Castor tem seu nome, junto à SP-308.

**MELLO, Newton de Almeida.** N. Piracicaba, 1905. F. Araraquara, SP, 12.6.1965. Professor, poeta, compositor, violonista. Entre os nomes mais destacados da vida cultural piracicabana, Newton de Mello tem singular destaque como o inspirado autor da letra e da música de “Piracicaba”, o hino oficial da cidade desde 1975, cuja criação data de 9.9.1931. Era filho do prof. Pedro de Mello (v.) e Sophia Diehl de Mello. Durante muitos anos, pertenceu ao quadro docente da Escola Normal de Piracicaba (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci), onde se formou professor em 1928. Lecionou no interior do Estado. Colaborador dos jornais da cidade, publicou o livro de poesias *Carrilhões* e teve editado postumamente (1997), pela Orquestra Sinfônica de Piracicaba, seu poema tapuío *O pranto do piaga*, que terminou de escrever no último dia do ano de 1964, poucos meses antes do seu falecimento. Trechos da obra foram antes publicados no *Jornal de Piracicaba*, com ilustrações de Archimedes Dutra e Angelino Stella (vv.). Letrista hábil, fez, entre outros, os versos da marchinha *Alô Brasil...*, com música de Erotides de Campos (v.), dedicada pelos autores à famosa cantora e atriz Carmen Miranda. A composição musical *Piracicaba* foi oficializada como hino da cidade e do município pela Lei nº 2207, de 30.12.1975. Há uma travessa Prof. Newton de Almeida Mello, no centro, entre as ruas D. Pedro I e D. Pedro II. Guerrini (*Jornal de Piracicaba*, 13.9.1981) a ele se refere como Newton de Almeida Mello Campos. A propósito do hino oficial da cidade, Guerrini menciona um depoimento do seu criador, segundo o qual “Piracicaba” foi feita por ele quando morava na fazenda Itapeva, em Raffard, SP, acrescentando que compôs a letra e a música simultaneamente, em poucos minutos. Na noite do mesmo dia, cantarolou-a para velhos amigos

no bar Giocondo, na praça José Bonifácio. A divulgação da terna canção-hino ocorreu, segundo o autor, graças a um grupo de “amantes das serenatas de outrora: Benigno Lagreca, José do Amaral, Lauro Alves Catulé de Almeida (v.), Otávio de Barros Ferraz, Décio de Toledo, Guido Olivetto, Benedito do Amaral, Antônio Diehl, Zacarias Martins, João Cozzo, Anísio de Godói (a voz de veludo), Luciano de Cillo, Idúlio Ridolfo, Inocência Geizer do Amaral e tantos outros. Mas, sobretudo, o Vitório Cobra (Cobrinha) e o Capitão (José Toledo) (vv.) se assenhorearam dela” (L. Guerrini, *Jornal de Piracicaba*, 13.9.1981). Vitimado por moléstia insidiosa, faleceu em Araraquara aos 60 anos de idade. Seu corpo foi removido para o salão nobre da Câmara Municipal de Piracicaba e sepultado no Cemitério da Saudade.

**MELLO, Pedro de.** N. Sorocaba, 10.4.1857. F. Piracicaba, 23.5.1940. C. em 1894 c. Sophia Diehl de Mello, f. a 27.9.1959. Ff.: Galileu, Guilhermina, Archimedes, Newton, Elisa, Iracema (adotiva). Professor, poeta, escritor, historiador, polemista, filólogo, musicista. Lecionou e dirigiu um ginásio em São Manuel durante dez anos, transferindo-se para Piracicaba, onde passou a lecionar no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, de que foi diretor. Residiu à rua Ipiranga, nº 68. Professor de francês desde 1911 da então Escola Normal Primária de Piracicaba, na rua do Rosário (Escola Normal Sud Mennucci, posterior-mente), manteve-se nesse cargo até a sua aposentadoria compulsória, aos 74 anos de idade. Compôs numerosas obras musicais, notadamente hinos cívicos e peças de outros gêneros: gavota, mazurca, ária, dobrado, cançoneta, peças para canto e piano. Sua bibliografia inclui *Pela instrução e pelo progresso cívico e estético*, 1911; *O pronome “se” indefinido*, Piracicaba, 1926; *Concerto pró lâzaros*, Piracicaba, 1931; *Hinário poético-musical, A questão social brasileira e a solução racional*, 1933; *A Grande Guerra*, poema, 1933; e um *Dicionário analógico da língua portuguesa*, concluído em 1940, pouco

antes de falecer. Camargo (1900) refere-se a uma máquina inventada por Pedro de Mello: o anemodinamo, “destinado a aproveitar as correntes de ar para fins industriais”, transformando-as em eletricidade. Patenteou esse seu invento em 1899. No bairro Matão uma rua tem seu nome, perto da av. Thales Castanho de Andrade, e há uma Escola Estadual Pedro de Mello.

**MELLO, Ruy Silveira.** N. Piracicaba, 26.4.1919. F. Tietê, SP, 13.12.1965. C.c. Lucy Ferreira Braga Silveira Mello. Ff.: Ruy Estanislau, Maria Aparecida, Luiz Fernando. Médico, político. Era filho de Estanislau Silveira Mello e Antônia da Costa Sampaio Silveira Mello. Após completar o curso primário em Piracicaba, mudou-se para Tietê, SP, onde cursou o Ginásio Estadual. Formou-se em medicina em 1947, pela Faculdade de Medicina do Paraná, em Curitiba. Durante cinco anos foi médico do Posto de Saúde de Martinópolis, SP. Transferiu-se para Tietê em 1953, a fim de ocupar o cargo de médico sanitaria do Centro de Saúde. Atraído pela política, candidatou-se a prefeito municipal de Tietê e foi eleito, tomando posse do cargo a 1.1.1964. Acometido de moléstia grave, mal completara dois anos de atuação como prefeito quando se deu o seu falecimento (Cambiaghi, 1984).

**MELLO, Vicente do Amaral, Capitão.** N. Piracicaba, 24.1.1850. F. Piracicaba, 27.11.1932. C.c. Ephigênia Leite de Negreiros, f. de João Leite de Cerqueira César (v.) e Antonia Isabel de Negreiros. Capitão da Guarda Nacional, fazendeiro, político. Ff.: João, Eufrosina, Melchior, Antônio, Oscar, Ana Cândida, Maria, José, Joaquim, Floriano, Francisca, Ester, Elisa. A esposa nasceu (21.9.1859) e faleceu (17.10.1919) em Piracicaba e era filha de João Leite de Cerqueira César e Antônia Isabel de Negreiros. Corretor de imóveis e café quando moço, passou a administrar a fazenda do sogro logo após seu casamento. Em Rio das Pedras

adquiriu a Fazenda São João, em sociedade com o cunhado José, comprando-a de João Frutuoso Coelho. Um dos fundadores de Rio das Pedras, Vicente impôs-se como chefe político republicano na cidade, tendo exercido cargos na câmara local. Morou em Piracicaba à rua do Comércio, nº 185 (atual Governador Pedro de Toledo). (Arruda, 1952; Bogociovas, 2006). Há uma rua com seu nome, no IAA, junto à rua Virgílio da Silva Fagundes.

**MELLO FILHO, Américo Brasiliense de Almeida.** N. São Paulo, 24.3.1864. F. São Paulo, 8.4.1942. C. a 27.4.1893 c. Francisca de Rezende, filha do Barão de Rezende, Estevão de Souza Rezende (v). Médico, era filho de Américo Brasiliense de Almeida Mello e Marcelina Lopes Chaves, filha dos barões de Santa Branca. O pai de Mello Filho notabilizou-se como político republicano, professor, advogado e estudioso, tendo sido deputado provincial, presidente da Paraíba, do Rio de Janeiro e São Paulo, professor da Faculdade de Direito de São Paulo e ministro do Supremo Tribunal. Mello Filho estudou em Campinas no Colégio São João e formou-se em medicina no Rio de Janeiro em 1889. Exerceu a medicina na capital paulista, no hospital da Beneficência Portuguesa e no Hospital Jaçanã (Santa Casa), gratuitamente, durante muitos anos, bem como no hospital Guapira para hansenianos e no Asilo de Inválidos. Foi um dos fundadores, catedrático e vice-diretor da Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia de São Paulo. Atuou igualmente como médico da Casa de Detenção do Rio de Janeiro, RJ, como inspetor sanitário e como auxiliar do dr. Emílio Ribas. Ao contrário do pai, republicano de projeção, Mello Filho foi monarquista intransigente. Pertenceu a várias entidades renomadas, entre os quais o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Cambiaghi (1982) ressalta suas ligações íntimas com Piracicaba “não só por laços de família, como pela sua participação junto à classe médica

local e à Santa Casa de Misericórdia”. Estava freqüentemente na cidade e nessas ocasiões prestava serviços gratuitos à Santa Casa, sendo assim colaborador dedicado e membro da sua Irmandade durante muitos anos. Desde 1915 tornou-se procurador da Irmandade em São Paulo, para receber recursos a ela destinados pelo Tesouro do Estado e pelas Loterias Federais. Foi-lhe conferido o título de Irmão Benemérito a 16.1.1921 (Ribeiro, 1899; Melo, 1954; Cambiaghi, 1984). Uma avenida da Vila Rezende recebeu seu nome.

**MELLO FILHO, Antônio de** (Séc. 19-20?) J. de Melo Moraes (em Krähenbühl, 1955), em artigo no qual evoca a Piracicaba dos primeiros anos do século 20, refere-se a Mello Filho como responsável pela primeira exibição de filmes levada a efeito na cidade, na rua Prudente de Moraes, nº 112, no andar térreo de sobrado ali existente, sem, no entanto, mencionar a data. Acrescenta apenas que o ingresso custava duzentos réis. Há, no entanto, registros de exibições de filmes cinematográficos em Piracicaba desde 1896. O pioneirismo não teria sido de Mello Filho, mas de Klene e H. Mewe, que em outubro de 1896 apresentaram em Piracicaba o primeiro “cinematógrafo”, projetando “vistas naturais animadas” em cinco horários sucessivos, com entradas ao preço de um mil réis. Essas projeções ocorreram cerca de dez meses após a primeira exibição pública de cinema pelos irmãos Auguste e Louis Lumière em Paris. Em 23.6.1901 José L. Ribeiro publicava no *Journal de Piracicaba* que oferecia à venda um cinematógrafo Lumière novo. Três meses depois, a Confeitaria Progredior, de José Maria Fernandes (v), passou a oferecer projeções cinematográficas aos seus fregueses. Essa e outras projeções esporádicas precederam a instalação e o funcionamento do primeiro cinema permanente, no antigo Teatro Santo Estevão, com a denominação “Cinematógrafo Cháritas”, a partir de 5.12.1908. As rendas do cinema destinavam-se à Santa Casa de



Misericórdia, proprietária do aparelho de projeção. Funcionou por pouco tempo, na mesma época, o “Ideal Cinematógrafo”, em um barracão da rua Boa Morte, com Berto Graner como operador do projetor (Pfromm Netto, 2001).

**MELO, Luís Correia de.** N. Tietê, SP, 6.12.1888. F. São Paulo, SP, 5.2.1969. Em sua terra natal, após completar o curso primário, estudou no colégio particular do prof. Teodoro Antunes Maciel. Foi, depois, aluno do filólogo Álvaro Guerra, na capital paulista. Começou no jornalismo dirigindo o semanário *O Tietê*. Em 1908 ingressou no jornal *O Estado de S. Paulo* como revisor, deixando-o para assumir a secretaria do *Jornal de Piracicaba*. Admitido em 1909 como redator do periódico *Imprensa* na Capital Federal, deixou o Brasil para viver e trabalhar no Porto, em Portugal, passando a pertencer à redação de *O Comércio do Porto*. De volta ao Brasil, retomou a carreira jornalística. Foi redator de *A Notícia*, *O Estado de S. Paulo*, *A Nação* e *São Paulo Ilustrado*. Secretariou o jornal *A Gazeta* e subsecretariou *O Combate*. Foi ainda redator-secretário dos jornais paulistanos *Folha da Noite*, *Correio Paulistano* e *Jornal da Manhã* e dirigiu a revista paulistana *A Cigarra*. Criou várias publicações, entre os quais *Cine-Revista*, *O Relâmpago*, *O Idealista*. Colaborou no jornal *Correio da Manhã* e na revista *Leitura*, ambas no Rio de Janeiro. Fundou o primeiro Instituto de Estudos Paulistas, juntamente com Amadeu Amaral, Léo Vaz (Leonel Vaz de Barros, v.), Breno Ferraz, Júlio de Mesquita Filho e outros. Pertenceu a diversas entidades culturais, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Instituto Genealógico Brasileiro, a Sociedade Paulista de Escritores e a Associação Paulista de Imprensa. Muito ligado a Piracicaba, que visitava frequentemente, tinha largo círculo de amigos na cidade. Fez parte do quadro de funcionários da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo desde 1935, onde se aposentou. Entre as obras que publicou, destacam-se: *Viagens à Europa*, 1910; *Minutos de um ano*

(crônicas), 1918; *Minhas tapeações literárias*, 1929; *Brasil maravilhoso*, 1944; *Subsídios para um dicionário de intelectuais rio-grandenses*, 1944; *Dicionário de autores paulistas*, 1954, publicado pela Comissão dos Festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

**MELO, Maria Antonia de (Irmã Maria Madalena de Jesus).** N. Piracicaba. 1886. F. séc. 20. Escritora, religiosa, professora, tradutora. Após completar o curso primário, ingressou na Escola Complementar de Piracicaba (futura Sud Mennucci). Em 1903 passou a pertencer à Congregação das Irmãs de São José, permanecendo na vida religiosa durante 18 anos e atuando como professora e enfermeira. Deixou-a em 1921 para acudir sobrinhos menores na orfanidade, passou a ser funcionária pública e, desde 1924, tradutora de francês. Estreou na literatura com um livro para crianças, *O presente do anão* (1927) e publicou em 1935 *Linguagem em ação*, editado em São Paulo pela tipografia e editora Cúpulo.

**MENDES, Acary de Oliveira.** N. São Pedro, SP, 6.10.1915. F. Piracicaba, 18.7.1978. C.c. Alina Coelho de Oliveira. Professor, jornalista, poeta, historiador. Ainda na infância, passou a viver em Piracicaba, onde freqüentou a escola primária, o ginásio e o ensino normal, diplomando-se como professor pela Escola Normal Oficial (a futura Sud Mennucci) em 1936. Começou sua carreira no magistério como professor estagiário de uma escola em Assis, SP, passando em seguida a lecionar em Capivari, como professor efetivo. Tornou-se professor adjunto do Grupo Escolar Dr. Paulo de Moraes em Piracicaba e em 1941 assumiu a direção do Grupo Escolar Prof. Pedro Crem Filho. Durante uma dezena de anos lecionou português e história no Ginásio Nossa Senhora da Assunção. Colaborador de diversos periódicos, foi redator-chefe do *Jornal de Piracicaba*, onde exerceu antes os cargos de repórter e secretário. Após o término do período da ditadura de Vargas (1938-47), fez parte do

grupo de vereadores eleitos para compor a câmara municipal, com a retomada do regime democrático no país, mas renunciou ao mandato, inconformado com a rejeição pelos seus pares de um projeto importante em favor do ensino local. Foi um dos principais idealizadores e fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Recebeu o título honorário de cidadão piracicabano, que lhe foi concedido pelo legislativo local. Destacou-se como um dos membros mais atuantes do Rotary Club de Piracicaba, tendo pertencido igualmente ao Lyons Clube. Atuou na cidade como representante e corres-pendente do jornal *O Estado de S. Paulo*. Publicou *Crianças*, série de livros de leitura para ensino elementar. “Pedagogo completo, jornalista integral. Solucionava problemas educacionais. Vibrava diante dos problemas municipais... Inteligência privilegiada... Uma vitalidade múltipla... Rotariano dos mais vibrantes, orador de bons predicados, animou muitas conferências, ou no terreno do ensino, da constância histórica da urbe, ou nos arraiais rotarianos, sempre com talento, segurança e honestidade” (Guerrini, 1985). Há uma rua com seu nome, no Conjunto Residencial Mário Dedini.

**MENDES, Antônio Joaquim** (Séc. 19-20). Um dos diretores, nas primeiras décadas do século vinte, da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada em Piracicaba em 1897. Teve como companheiros de diretoria Antônio Coelho Prates, João Pereira Cardoso, Manoel Bastos Sobrinho, Manoel Saraiva e Antônio Correa Bosques (Capri, 1914).

**MENDES, Antônio Teixeira.** N. Freguesia de Salvador de Moura, Minho, Portugal, 7.12.1851. F. Piracicaba, 6.5.1913. Fazendeiro, Industrial. C. a 21.4.1878 c. Elisa Barreto do Amaral Gurgel Mendes. Ff.: Antônio, José, Octávio, Maria, Josefa, Joaquim, Carlos, Bento, Paulo, Benedito, Elisa, Luiz. Era filho de Joaquim Teixeira Mendes (v.) e Josefa Lopes. Chegou ao Brasil

em 1862, passando a trabalhar em Brotas, SP, e a seguir em Ribeirão Bonito, SP, que deixou para fixar-se em Piracicaba, onde contraiu matrimônio. Trabalhou na Loja do Cobra, acabando por tornar-se seu proprietário. D. Pedro II deu-lhe uma medalha de ouro, por ter salvo três pessoas de um incêndio em São Paulo, com risco da própria vida. Recusou honrarias que d. Luiz, rei de Portugal, pretendia oferecer-lhe por serviços prestados em Piracicaba à colônia lusitana, por entender que tinha apenas cumprido seu dever e por ser republicano. Apesar de ser pessoa dos mais influentes junto ao eleitorado piracicabano, sempre recusou convites para cargos eletivos. Em 1891 elegeram-no provedor da Santa Casa, tendo ocupado o cargo até 1898. Pertencia-lhe uma próspera serraria, perto da Estação da Estrada de Ferro Sorocabana, com um grande depósito de madeira, ambos totalmente destruídos por um grande incêndio, a 13.9.1899. A serraria e o depósito faziam parte das empresas da firma Antônio Teixeira Mendes e Filhos, que incluía uma oficina mecânica e uma fundição de ferro e bronze. Foi juiz de paz em Piracicaba de 1910 a 1913. Em fins do século 19, foi vice-presidente do Grêmio Dramático Beneficente, fundado em abril de 1899. Participou da fundação da Loja Maçônica Piracicaba (1875), atuando como seu 1º Vigilante, ao lado de seu sogro e irmão de loja, Bento Barreto do Amaral Gurgel, eleito 2º Vigilante. Abolicionista convicto, amigo pessoal de Prudente de Moraes Barros e de Luiz de Queiroz (vv.), incumbiu-se da aquisição da Fazenda São João da Montanha, em nome de pessoas pertencentes à família de Luiz de Queiroz, para ser doada ao governo do estado a fim de nela instalar uma escola agrícola. Atuou como primeiro-secretário da escola após a sua fundação e teve como seu sucessor no cargo o português Augusto César Salgado (v. Salgado, Augusto), seu genro, casado com Maria Josefa Teixeira Mendes. Em seu derradeiro relatório como provedor (1898), Teixeira Mendes destaca que acrescentou ao patrimônio da Santa Casa

o Necrotério, o Hospital de São Francisco (posteriormente Hospício Barão de Serra Negra), um quarteirão no bairro dos Alemães e o Teatro Santo Estêvão, no centro da cidade (Veiga, 1975; Torres, 1982; Moratori, 2004). Antônio Teixeira Mendes foi pai de Octávio Teixeira Mendes (v).

**MENDES, Carlos Teixeira.** N. Piracicaba, 28.5.1888. F. Piracicaba, 2.6.1950. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Foi aluno da Escola Complementar de Piracicaba, a futura Sud Mennucci, e do Colégio Salgado. Em 1908 formou-se em agronomia pela Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (futura ESALQ), tornando-se catedrático desta em 1917, na cadeira de agricultura especial, e diretor da Fazenda Modelo da escola. Foi anteriormente professor adjunto de química (1911-14) e professor auxiliar de agricultura (1915-17). Realizou estudos no exterior, na Escola da Grignon, França (química) e na Inglaterra, nos laboratórios da Estação Experimental de Rothamsted. De volta ao Brasil, empenhou-se especialmente em estudos sobre a secagem de café e o uso de fosfato na produção agrícola. Membro de várias sociedades científicas, entre as quais a Sociedade de Agronomia Paulista, publicou os livros *Aubos Verdes* (1928), *Sobre a produção cafeeira* (s.d.), *O problema do trigo* (1928) e *Contribuição para o estudo da mandioca* (1940). (Melo, 1954; Lordello e outros, 1976). Há uma rua Dr. Carlos Teixeira Mendes na Vila Independência.

**MENDES, Francisco Augusto Teixeira.** N. Piracicaba, 1905. F. 4.10.1980. C.c. Vera Leite Teixeira Mendes. F: Ricardo. Era filho de Antônio Teixeira Mendes Filho e Estella de Almeida Teixeira Mendes. Médico, formou-se pela Faculdade de Medicina da USP em 1929, tendo trabalhado na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* quando estudava. Fez para o jornal a cobertura dos combates ocorridos na capital paulista durante a Revolução de 1924. Foi

funcionário público estadual, ocupando cargo no gabinete de Mariano Wendel, secretário da agricultura do estado. Foi o primeiro vice-presidente da Comissão Interestadual do Paraná-Uruguai, por ele idealizada. Dirigia o Hospital da Imigração em São Paulo, quando se aposentou.

**MENDES, Joaquim Teixeira.** N. Piracicaba, 1886. F. Rio de Janeiro, 24.4.1978. Industrial, professor, era filho de Antônio Teixeira Mendes (v.) e Elisa Barreto do Amaral Gurgel Mendes. Paralelamente às atividades que exercia na área industrial – era torneiro extremamente hábil, pertencente a uma “família de industriais por excelência, de acreditado conceito na cidade e fora dela” (Guerrini, 1983), – mantinha uma escola noturna, de nível elementar, em sala dos fundos do antigo prédio da prefeitura municipal, com cerca de quarenta alunos, e entrada pela rua Alferes José Caetano. Muito culto e modesto, avesso à política, nas palavras de Guerrini, que foi seu aluno, faleceu após “uma trajetória laboriosa, brilhante e digna”, sendo sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, onde passou os últimos anos de sua existência.

**MENDES, José Estevam Teixeira.** N. Piracicaba, 27.8.1906. F. séc. 20. Após os estudos primários na capital paulista, foi aluno da Escola Normal de Piracicaba. Diplomou-se em 1928 pela então Escola Agrícola Luiz de Queiroz (a futura ESALQ), onde passou a trabalhar, como assistente auxiliar das seções de Genética e Agronomia e chefe da seção de café. Dedicou-se principalmente à pesquisa e à atuação no setor de cafeicultura, tendo publicado vários livros e numerosos estudos a este respeito. Suas obras incluem *Viagem de estudos aos países cafeeiros das Américas do Sul e Central* (1941), *Lavoura cafeeira paulista* (1947) e *Ensino de variedades de café* (1952).

**MENDES, Luiz Carlos Coelho, Mon-senhor.** N. séc. 20. F. 13.11.1997. Ordenou-se

padre a 8.12.1950 e foi pároco de Santa Bárbara d'Oeste (Ernesto de Paula, 1955). A fonte citada menciona-o como o "atual vigário" da paróquia em meados do século vinte.

**MENDES, Luiz Teixeira.** N. séc. 19. F. séc. 20. Formou-se em agronomia em 1904 pela então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, tendo sido professor auxiliar da escola entre 1911 e 1913. Por ocasião da fundação do Centro Agrícola Luiz de Queiroz a 23.5.1909, depois Centro Acadêmico Luiz de Queiroz, Luiz Teixeira Mendes foi eleito presidente da diretoria provisória. A 18 do mesmo mês, elegeram-no presidente da primeira diretoria definitiva da entidade. Faziam também parte dessa primeira diretoria José da Fonseca Ferreira, vice-presidente (formado em agronomia em 1910); Martiniano Medina, 1º secretário (formado em 1909); José da Silva Carvalho, 2º secretário; José Theodoro da Costa, 1º orador (formado em 1909); Arthur Torres Filho, 2º orador (formado em 1910); Irineu Félix Pedroso, tesoureiro (formado em 1909); William Wilson C. de Souza, Bernardo Lorena e Joaquim Botelho Filho, todos formados em 1909, membros da comissão de sindicância.

**MENDES, Maria Leopoldina** (Séc. 19-20). Professora. Lecionou trabalhos manuais na Escola Normal Primária (futura Sud Mennucci). Fez parte do corpo docente da escola, por ocasião da inauguração do seu novo prédio (11.8.1917), à rua São João, sob a direção de Honorato Faustino de Oliveira (v.) (1909 a 1928).

**MENDES, Octávio Teixeira.** N. Piracicaba, 21.3.1882. F. Piracicaba, 26.10.1945. C.c. Leonina Marques Mendes, f. de José Gomes Marques (v.). Ff.: Maria Elisa, Octávio Augusto, Luiz Octávio, Maria Celestina, Maria Ângela, Maria Antonieta, Antônio José, Pedro, Maria Leonina, Theodemiro, Maria José, José

Mariano, Mariana, Marieta. Foi aluno do curso (preparatório) anexo à Faculdade de Direito da capital paulista e formou-se pela Escola Politécnica de São Paulo (1905), trabalhando e estudando ao mesmo tempo. Com a morte do pai, Antônio Teixeira Mendes (v.), assumiu a direção da firma deste. A partir de 1908, passou a dividir a responsabilidade pela condução dos negócios com seu irmão Joaquim Teixeira Mendes (v.). Compraram em 1908 um terreno no qual foi construído o prédio nº 1209 da rua Rangel Pestana (posteriormente rua Octávio Teixeira Mendes, no trecho da Fepasa ao Bairro Alto) e que passou a abrigar suas oficinas. Recebeu medalhas e diplomas na Exposição Industrial do Rio de Janeiro em 1908 e na do Centenário da Independência em 1922, quando apresentou uma mostra dos seus produtos. As oficinas abrangiam mecânica, serralheria, marcenaria e fundição de ferro, bronze e alumínio. Capri (1914) refere-se a Teixeira Mendes & Cia. como proprietários das "grandes oficinas de fundição de ferro e bronze, mecânica, carpintaria e fabricação de veículos, fornecedores de engenhos centrais, empresas hidráulica e elétrica, câmaras desta cidade e dos municípios vizinhos". Fabricavam troles, carroças, carroções, carretelas, carros para terreiros e outros, anunciando que seus veículos tinham obtido "as melhores recompensas nas exposições que têm concorrido". Mantinha escritório técnico para exame e conserto de máquinas e "levantamento de plantas, medições, nivelamentos, desenhos, construções de edifícios públicos ou particulares e pontes, assentamento de máquinas etc.". Construiu um prédio de três andares na rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo) como loja para seus próprios produtos e os da General Electric, como seu representante. Criou e manteve uma fábrica de filtros. A crise de 1929 o atingiu, obrigando-o a vender boa parte do seu patrimônio, inclusive a casa em que residiu durante 25 anos, na rua Santa Cruz. Após abandonar as atividades industriais, dedicou-se a planejar e construir

uma escola profissional, ao mesmo tempo em que exercia o magistério como professor catedrático da ESALQ. Lecionou nesta de 1909 a 1943, primeiramente na 6ª cadeira (Engenharia Rural) e de 1931 em diante como professor catedrático da 15ª cadeira, Mecânica agrícola. Essas cadeiras, juntamente com a de Topografia, passaram a compor o Departamento de Engenharia Rural da ESALQ de 1970 em diante. A escola profissional, denominada “Curso Complementar das Profissões Elementares”, devidamente autorizada, funcionou de 1934 a 1943, sendo-lhe anexada uma “Escola de Agrimensura Paula Souza” em 1935. Inquieto, altamente criativo, permanentemente voltado para a solução de problemas e o progresso de Piracicaba, tentou, sem êxito, montar uma fábrica de carros de passageiros e vagões de estradas de ferro (1924); empenhou-se na solução de problemas ligados à energia elétrica, aos telefones, ao matadouro, ao abastecimento de água. Idealizou e executou o projeto do Matadouro Modelo, cuja primeira pedra foi assentada a 30.8.1912. A inauguração deu-se a 29.11.1913. Por ocasião da Revolução de 1932, tomou parte ativa da formação do Primeiro Batalhão Piracicabano e fez parte deste. Criou um simulacro de metralhadora, a “Catraca”, engrenagem acionada por uma manivela, que produzia um forte som de tiros, assustando, assim, os soldados inimigos. Fez também foguetes providos de bombas explosivas (Mendes, cit. em Torres, 1982). “Homem fora de série. Único. Inigualável... Dedicando-se a uma grande diversidade de atividades, empregando sua imensa criatividade em campos muito diversos, poderia ser comparado, em certo sentido, a Leonardo da Vinci... Tudo o que foi feito durante sua curta existência teve razão de ser e foi importante. Nem sempre compreendido, embora sempre respeitado e estimado, sua obra, suas atitudes, sua classe, seus escritos, fazem de Octávio Teixeira Mendes... um nome importante da História da Cidade de

Piracicaba” (Torres, 1982). Além de inúmeros artigos e estudos em periódicos e publicações avulsas, foi autor de *Engenharia rural*, 1912; e *Dissertação sobre assuntos de engenharia*, Piracicaba, Tip. Casa Giralde, 1917. Há uma rua Dr. Otávio Teixeira Mendes na Cidade Alta. Vários Teixeira Mendes forma-ram-se em agronomia em Piracicaba: Luiz (v.), 1904, Carlos (1908), Octávio Sobrinho (1926), Antônio José (1934) e Pedro Teixeira Mendes (1935).

**MENDES, S.B.** (Séc. 20). O almanaque *Piracicaba* de Neme (1936) refere-se a S.B. Mendes como proprietário de duas casas comerciais tradicionais de Piracicaba: a loja de ferragens, louças, vidros e materiais para construções “As Duas Âncoras”, à rua Governador Pedro de Toledo nº 156, e a “Livreria e Papelaria Giralde”, à rua Moraes Barros, nº 102. Situada pouco adiante do Hotel Central e quase à frente do prédio do *Jornal de Piracicaba*, que igualmente abrigava livreria e papelaria, a Giralde, além de comercializar os artigos do ramo, mantinha uma tipografia de obras e se apresentava como único agente do jornal *O Estado de São Paulo* em Piracicaba, na década que precedeu a II Guerra Mundial.

**MENDES, Theodolindo de Arruda** (Séc. 19-20). Seu nome faz parte da relação de vereadores piracicabanos na passagem do século, entre 1898 e 1901 (Camargo, 1900).

**MENDES, Theóphilo de Arruda** (Séc. 19). Luné e Fonseca (1873) incluem seu nome na relação dos farmacêuticos ativos em Piracicaba (então município da Constituição) nos anos setenta do século 19.

**MENDES & CIA.** (Séc. 19-20). Firma estabelecida em Piracicaba, em fins do século 19, com “depósito de gênero”. Situava-se na rua da Glória (atual Benjamin Constant), segundo Camargo (1900). Em meados do século 20, existiu outra firma com a mesma

denominação, proprietária da Merceria Yara, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 896 (Krähenbühl, 1955).

**MENDONÇA, Lino Vidal de** (Séc. 19-20). Professor. Diretor efetivo da Escola Complementar de Piracicaba (a futura Sud Mennucci). Ocupou esse cargo de 30.11.1902 a 6.8.1903.

**MENEGHEL, Luiz.** N. Piracicaba, 3.7.1899. F. séc. 20. C.c. Maria Luiza Berto Meneghel. Ff.: Paulo Antônio, Serafim, Daniel, Diácono, Augusta, Mafalda, Dolindana, Marisa, Antônio Luiz. Agricultor, usineiro, industrial. Filho de Paulo Meneghel e Angelina Junco. Com a anuência dos irmãos, adquiriu as terras de seu pai em São Paulo, SP, e montou uma pequena usina. Confiou depois a administração desta aos irmãos e adquiriu terras em Bandeirantes, PR, onde passou a residir e trabalhar. Montou uma modesta usina de açúcar, que posteriormente se converteu na segunda maior usina açucareira paranaense. Diretor-presidente da Açúcar e Álcool Bandeirante S.A., foi por duas vezes prefeito de Bandeirantes, vereador da câmara municipal em duas legislaturas e presidiu a Associação de Usineiros do Paraná. Recebeu os títulos de comendador pela Sociedade Geográfica Brasileira (1961) e benemérito pelo Papa Pio XII, tendo em vista os serviços que prestou à igreja, entre os quais a construção da igreja de Bandeirantes. Foi presidente benemérito do União Futebol Clube de Bandeirantes.

**MENEZES, José Perche de** (Séc. 19). Seu nome consta na relação dos 27 maiores proprietários de casas de aluguel em Piracicaba em fins do século 19, com valor locativo superior a 120\$000 anuais. Tinha doze casas alugadas (Camargo, 1900).

**MENNUCCI, Amadeo.** N. Toscana, Itália,

séc. 19. F. São Paulo, SP, 18.8.1930. Negociante, marmorista. C.c. Tereza Lari. Ff.: Sud, América, Asmara, Sida, Oriente, Alarico. Proprietário da Antiga Marmoraria Italiana, à rua do Comércio, nº 155 (atual Governador Pedro de Toledo), na passagem do século. Um anúncio da marmoraria menciona a fabricação de “túmulos desde os mais simples até os mais suntuosos. Faz todo o serviço concernente à arte” (Camargo, 1900). Provenientes de Lucca, na Itália, os irmãos Amadeo e Palmiro Mennucci vieram para o Brasil em 1890. Palmiro retornou à Itália, onde foi pai de Vasco Mennucci, que em 1927 emigrou para o Brasil e teve dois filhos, o professor e presidente do Centro do Professorado Paulista Palmiro Mennucci (Neto) e Túlio Mennucci. Amadeo estabeleceu-se em Piracicaba. Tornou-se vice-presidente da “Società Italiana di Mutuo Soccorso” em fins do séc. 19 e foi eleito conselheiro desta em janeiro de 1912 (Capri, 1914). Por volta de 1918, Amadeo Mennucci mudou-se com a família para a capital paulista. Residiram nas ruas das Palmeiras e Frederico Alvarenga. Ao falecer, o féretro saiu da avenida São João, rumo ao Cemitério do Araçá, onde foi sepultado. “Foi o tipo de idealista mais puro que eu conheci”, escreveu Sud Mennucci (v.) a respeito do seu pai. “Obrigado a trabalhar para viver desde os sete anos, adquiriu, sozinho, uma bagagem de conhecimentos que me espantava. Era, sem dúvida uma inteligência privilegiada a que a luta afinou seu ideal de conquista da Justiça” (cit. em Gisbrecht, 1997).

**MENNUCCI, Sud.** N. Piracicaba, 20.1.1892. F. São Paulo, SP, 22.7.1948. C.c. Maria da Silva Oliveira Mennucci. Ff.: Astarté, Astréa, Aécio, Lélia, Mévia. Filho de Amadeo Mennucci (v.) e Tereza Lari. Professor, escritor, jornalista. Aprendeu as primeiras letras no lar, à rua do Comércio, por iniciativa própria. Aos sete anos, passou a freqüentar a Escola Particular Italiana do Prof. Aldo Padovani, onde estudou até completar o 3º ano primário. Transferiu-se

para o Grupo Escolar Moraes Barros, onde cursou o 4º e o 5º anos. Ingressou na antiga Escola Complementar (que posteriormente recebeu seu nome), diplomando-se como professor em 1908. Afeiçoado ao futebol, participou nesse mesmo ano da fundação do Esperança Foot Ball Club, formado por estudantes da Escola Complementar, sendo eleito seu presidente. Pertenceu também ao Club Esportivo, atuando como goleiro. Nessa ocasião, uma bolada quebrou-lhe o nariz, entortando-o para sempre. Tinha 18 anos de idade quando deixou Piracicaba para iniciar uma fulgurante carreira de educador, jornalista e escritor. Começou no magistério como professor nomeado para escola pública em Cravinhos, SP. Nessa ocasião, iniciou igualmente sua carreira jornalística, como colaborador do *Jornal de Piracicaba* e da *Gazeta de Piracicaba*. Lecionou em Piracaia, SP, em 1911, colaborando no jornal local, e tornou-se substituto efetivo em 1912, no grupo escolar de Dourado, SP. Em 1913-14 participou da missão paulista encarregada de reorganizar a Escola de Aprendizes Marinheiros em Belém do Pará. O *Jornal de Piracicaba* publicou nessa ocasião uma série de artigos de Sud, intitulados “Cartas de Belém”. Outros periódicos divulgaram seus escritos, entre os quais algumas das principais revistas do país: *Fon-Fon*, *A Cigarra*, *Vida Moderna*, *Careta*. Em 1914 mudou-se para Porto Ferreira, SP, por ter sido nomeado para o Grupo Escolar da cidade. Ali conheceu a futura esposa, professora como ele. Casaram-se em 1917 e no ano seguinte passou a escrever no jornal *O Estado de S. Paulo*, publicando nessa ocasião seu primeiro livro, com ensaios de estética. Dirigia interinamente o Grupo Escolar de Porto Ferreira quando aceitou convite para chefiar o Escritório Central do Recenseamento Escolar do Estado, sediado na capital. Tornou-se delegado regional de ensino em 1920-21, inicialmente em Campinas e a seguir em Piracicaba, em virtude de permuta. Instalou em 1921 as escolas do Bairro Alto e da Vila Rezende, bem como as de Charqueada.

Em 1922 criou as escolas dos bairros de Chicó, Tanquinho, Água Santa, Recreio, Porto João Alfredo (Ártemis), Monte Alegre, Dois Córregos, Saltinho e outros bairros, totalizando em um ano 21 escolas, na zona rural de Piracicaba. Em 1923 criou escolas rurais em Divisa, Godinhos, Pau d’Alinho, Pau Queimado, Costa Pinto, Santana, Santa Rosa, São Joaquim, São Pedro, Serrote e as escolas reunidas da rua do Porto (J. R. Mattos, *Jornal de Piracicaba*, 25.9.1985). Aderiu à Maçonaria e continuou a colaborar no *O Estado de São Paulo* e em outros periódicos. A convite de Júlio de Mesquita Filho, mudou-se para São Paulo em março de 1925 e tornou-se redator do tradicional órgão de imprensa paulista, ao mesmo tempo que passava a ministrar aulas no Liceu Franco-Brasileiro, só deixando de fazê-lo dois anos depois. Trabalhou no Rio de Janeiro, como responsável pelo Recenseamento Escolar. Foi co-fundador da revista *Arlequim* em 1928 e no mesmo ano, juntamente com Máximo de Moura Santos e seu cunhado Manoel, criou o Ginásio Moura Santos, de que foi um dos sócios e diretores. Em 1929 aceitou a indicação do escritor Amadeu Amaral para candidatar-se a uma vaga na Academia Paulista de Letras, tornando-se o segundo ocupante da cadeira nº 13, a partir desse ano (31.7). Participou ativamente da criação da Associação Paulista de Imprensa e do Centro do Professorado Paulista. Assumiu a presidência do Centro por ocasião da fundação deste, para o período de 1933 a 1936. Foi reeleito, liderando oficial ou oficiosamente a entidade até falecer. Em dezembro de 1930 passou a dirigir o jornal *O Tempo*, publicado pela Legião Revolucionária em São Paulo. A 8.1.1931 deixou-o para tornar-se diretor da Imprensa Oficial do Estado, responsável pela publicação do *Jornal do Estado* desde 18.1.1933, que se converteria depois no *Diário Oficial*. Dirigiu a Diretoria Geral do Ensino do Estado (1931). De 1934 a 1939, dirigiu a *Revista do Professor*, juntamente com Moacyr Campos. Em fins de 1939, o IBGE

incumbiu-o de chefiar o Recenseamento Geral no Estado de São Paulo (1940-41). Passou a fazer parte da redação do jornal *O Correio Paulistano* (1941-43) e em 1943 tornou-se diretor-superintendente do jornal *O Estado de S. Paulo*, nos anos em que esteve sob a intervenção do governo estadual. A 1.3.1945 a Escola Normal Oficial de Piracicaba, durante a interventoria de Fernando Costa (v.) no governo do Estado, passou a denominar-se “Sud Mennucci”. Em abril do mesmo ano, nos dias 21 e 22, Sud e familiares foram festivamente recepcionados em Piracicaba, para a inauguração de placa com seu nome, na mesma Escola Normal (antes Escola Complementar) em que ele estudou e se formou. Alvo de numerosas homenagens em várias cidades, a despeito do agravamento do seu estado de saúde, tornou-se diretor geral do Departamento Estadual de Estatística (1947) e colaborou no *Jornal de São Paulo*, mas viu-se forçado a deixar de trabalhar em janeiro de 1948. Faleceu na noite de 22 de julho desse ano, sendo sepultado no cemitério de São Paulo, em túmulo que tem seu rosto esculpido em pedra e a frase “Para alumiar, eu me consumo”. Na extensa bibliografia de Sud Mennucci, destacam-se os numerosos livros que publicou, mencionados a seguir: *Alma contemporânea* 1918; *Humor*, 1923; *Rodapés*, crítica literária, 1927; *A crise brasileira de educação*, 1930, premiado pela Academia Brasileira de Letras; *A escola paulista*, 1930; *Brasil desunido*, 1932; *Cem anos de instrução pública*, 1932; *O que fiz e o que pretendia fazer*, 1932; *História do Diário Oficial*, 1934; *Aspectos piracicabanos do ensino rural*, 1934; *Pelo sentido ruralista da civilização*, 1935; *Corografia do Estado de São Paulo*, 1936; *O precursor do abolicionismo no Brasil – Luiz Gama*, 1938; *O pensamento de Alberto Torres*, 1939; *À margem das Cartas Chilenas*, 1942; *Machado de Assis*, 1943; *Discursos e conferências ruralistas*, 1946. Em 1959, o antigo patrimônio de Pioneiros (ou Bacuri) tornou-se município, recebendo o nome de Sud Mennucci. O Centro do Professorado Paulista instituiu a Medalha Sud Mennucci, oficializada por decreto a 10.10.1977 e uma rua no bairro

da Paulista ganhou seu nome. Ralph Mennucci Giesbrecht, neto de Sud, fez um livro sobre o avô: *Sud Mennucci: Memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* (São Paulo: Imprensa Oficial, 1997). “Talento equilibrado e profundo” (Júlio de Mesquita Filho). “Foi visceralmente professor. No campo do magistério processou ele aquela mesma revolução renovadora da mentalidade brasileira que nós outros – Mário de Andrade, Graça Aranha, Oswald, Bandeira e a coorte vibrante dos modernistas – desencadeamos no campo geral da cultura” (Menotti Del Picchia).

**MEZZACAPPA, Antônio** (Séc. 19). Comerciante. Proprietário de sapataria à rua Alferes José Caetano, em fins do séc. 19. Vários outros Mezzacappa pertencem à história de Piracicaba. Eduardo Mezzacappa, c.c. Anna Amélia Pont de Negreiros, fez parte do quadro docente da antiga ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, atuando nesta como mestre de leiteria de 1917 a 1920. Formou-se em agronomia pela mesma escola em 1914. Roberto Mezzacappa, seu filho, n. em 1922 e f. a 8.8.2006 em Piracicaba, foi c.c. Nair Montibeller Mezzacappa. Eduardo Mezzacappa Filho, professor, n. 1925 e f. 28.10.2008 em Piracicaba, foi c.c. Leny Almeida Leme Mezzacappa, ff. Mauro César, Maurício e Jussara Maria. Mário Pont Mezzacappa, f. no início da década de 70, foi professor assistente doutor do Departamento de Genética da ESALQ, tendo atuado como docente desta de 1947 a 1970. Formou-se engenheiro agrônomo em 1946, doutorou-se em 1952 e dedicou-se ao melhoramento genético do milho pipoca. Em meados do século 20, funcionava na praça José Bonifácio n° 775 uma casa especializada em rádios, o Laboratório Mezzacappa (Camargo e Navarro, 1958). Francisco Mezzacappa faleceu em 29.9.1990 e Roberto Mezzacappa morreu em 4.8.2006. Florindo Mezzacappa formou-se em agronomia em Piracicaba em 1915.



**MIAZAKI, Irmãos** (Séc. 20). Proprietários do restaurante Líder Bar em meados do século, à rua Governador Pedro de Toledo, na esquina da rua São José. A família Miazaki fez parte de uma das levadas de imigrantes japoneses que se fixaram em Piracicaba no séc. 20, primeiramente na zona rural e depois na cidade, enfrentando não poucas dificuldades de adaptação, como lembra Kazuo Miazaki, conhecido na cidade como Mário Japonês, principalmente na época da II Guerra Mundial.

**MICHEL, Jean.** N. séc. 19. Professor da Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz de Piracicaba (a futura ESALQ) nos primórdios desta, entre 1907 e 1909. Era presumivelmente de origem francesa. Regeu a 4ª cadeira (Agricultura) a partir de 1.7.1907. Em 1909 foi substituído pelo prof. Hubert Puttemans (v. Puttemans, Arsène). Nos anos 30, a antiga 4ª cadeira passou a ser designada como Agricultura Especial e Genética Aplicada e em 1967 teve o nome mudado para Agricultura Especial e Genética Aplicada para Agricultura. A reforma da Universidade de São Paulo em 1970 fez com que a 4ª cadeira, juntamente com a 12ª (Horticultura) e suas secções técnicas, se reunissem em um único departamento, o de Agricultura e Horticultura.

**MIDAGLIA, Francesco (Francisco)** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário, em sociedade com os filhos, da Alfaiataria Midaglia, fundada em 1882, à rua Prudente de Moraes, nº 58. Além de fazer confecções “com o máximo capricho, de acordo com os últimos figurinos”, anunciava que mantinha “sempre escolhido sortimento de casimiras inglesas e francesas de superior qualidade” (Capri, 1914). Foi conselheiro da Società Italiana di Mutuo Soccorso de Piracicaba, fazendo parte do grupo de sócios eleitos a 8.1.1888, dois meses depois da criação da entidade. No registro de contribuintes municipais citado por Camargo em 1900, constam as alfaiatarias (com fazendas à venda) de Francisco Midaglia, no largo do Jardim, e

a de Luiz Midaglia, à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo).

**MIGUEL, Aziz.** Séc. 20. F. 1993. Comerciante. Foi proprietário do Bar e Sorveteria Aziz Miguel, no Bairro Alto, à rua Santa Cruz, dando continuidade à casa comercial herdada de seu pai, Davi Miguel, na esquina da rua Regente Feijó. Seu nome faz parte da lista dos associados homenageados “in memoriam” pela Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba (Salum, 2003). Cecília S. Miguel é mencionada na mesma lista. Após o falecimento de Aziz Miguel, seu estabelecimento comercial passou a ser mantido pelo filho, Jorge Miguel (n. 1937), sob nova denominação: Mercado 33, nome que evoca o mais alto grau alcançado por seu pai na maçonaria, pois era maçom. Segundo o filho, o estabelecimento teria surgido antes de 1918 e inicialmente funcionava como armazém para venda de lenha (D. Ricci, *Jornal de Piracicaba*, 23.3.2003). Outros Miguel fizeram parte, no passado piracicabano, do Sindicato do Comércio Varejista local: João N. Miguel, sócio nº 70, com registro no comércio datado de 19.1.1940, tinha loja de fazendas à rua Moraes Barros, nº 270, e M. Miguel era dono de um estabelecimento de ferragens à rua Governador Pedro de Toledo, nº 156, com registro no comércio desde 15.10.1937, na condição de sócio nº 95 (Guidotti, 2002).

**MILANI, Francisco Ferreira.** N. São Paulo, SP, 19.11.1936. F. Rio de Janeiro, 13.8.2005. Ator, diretor, humorista, radialista. Tinha 15 anos de idade quando foi contratado inicialmente como operador de som pela rádio Difusora de Piracicaba, passando depois a atuar como locutor e pianista em programa infantil. Deixou Piracicaba para trabalhar no rádio no Rio de Janeiro, nos anos cinqüenta. Sua família, que se fixou em Piracicaba nessa mesma década, manteve um bar e restaurante no andar térreo do prédio do Clube Coronel Barbosa. Trabalhou na rádio Nacional e nas tevês Record e Tupi no

Rio. Fez parte do elenco de atores de teatro do Centro Popular de Cultura da União Nacional de Estudantes e viu-se forçado a deixar a mídia na época dos governos militares. Em 1975 retornou à televisão e ao teatro, participando de telenovelas e mini-séries na tevê Globo, e dirigiu programas de Jô Soares e Chico Anísio. Atuou em filmes cinema-tográficos e fez parte dos elencos dos programas de televisão *Zorra total* e *A grande família*. Foi sepultado no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro (M. F. Ribeiro, *Jornal de Piracicaba*, 16.8.2005).

**MILANI NETTO, Antônio (Frei Diogo).** N. 1917. F. Piracicaba, 12.5.2004. Religioso franciscano, era filho de Augusto Milani e Cizira Milani. Foi sepultado no jazigo da Ordem Franciscana, no Cemitério da Saudade.

**MILLEN, Wady** (Séc. 20). Contabilista, residiu à rua Riachuelo, nº 785. Destacou-se como profissional dos mais atuantes em meados do século vinte, empenhando-se na fundação da Associação dos Contabilistas de Piracicaba, criada a 20.1.1950. Fez parte da primeira diretoria da entidade. Em 28.2.1961, convertida em Sindicato dos Contabilistas de Piracicaba, que, nessa data, prestou expressiva homenagem póstuma a Wady Millen (Righetto, 1966).

**MILLER, Manoel.** Séc. 19. F. 3.12.1890. Comerciante e industrial. Criou e dirigiu uma fábrica de sabão em Piracicaba, nas últimas décadas do século 19 (Camargo, 1900). Camargo se refere a um outro Miller, Christiano Júlio Miller, atuante em Piracicaba no século 19, que a 31.8.1885 contraiu matrimônio com Maria Diehl.

**MINELLO, Fortunato.** Comerciante. Manteve um restaurante na cidade na antiga rua da Glória, nº 21 (posteriormente rua Benjamin Constant). Seu nome se encontra entre os dos sócios da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, figurando no Livro Protocolo de

1899 (Camargo, 1900; Alleoni, 2003).

**MINKS, Maria Joana Batista, Madre.** N. Morávia, 1856. F. séc. 20. Religiosa, professora, pianista, poetisa. Madre Geral da Congregação das Irmãs Cristãs em Gratz, na Áustria, foi reeleita por doze anos. Ganhou a Cruz de Ouro do governo austríaco e a Medalha de Prata da Cruz Vermelha, pela sua atuação durante a I Guerra Mundial. Fez parte do grupo de freiras que deixaram a Áustria para vir a Piracicaba, aqui chegando a 13.3.1922, a fim de instalar e fazer funcionar o Instituto Baronesa de Rezende, construído e fundado por dona Lydia de Souza Rezende (v), na esquina da avenida Barão da Serra Negra com a avenida Dona Lydia, com denominação em homenagem à sua mãe. Inaugurado no mesmo ano, o instituto manteve internato e externato com curso primário, jardim de infância e cursos diversos: culinária, flores, bordado, costura, pintura, datilografia, piano, música. Além da madre Minks, compunham o grupo inicial de educadoras as irmãs Geralda, Adolfine, Fortunata, Edmunda, Leocádia. Vieram posteriormente outras freiras: irmãs Maurícia, Lídia, Clara, Clemência, Beatriz, Celeste, Imaculada e Terezinha. A irmã Maurícia, natural de Gratz, capital da província austríaca de Estíria, tinha cerca de 80 anos de idade quando retornou a passeio a Piracicaba, para rever seus ex-alunos e amigos. “Desempenharam função exponencial no processo de abasileiramento do primeiro bairro de origem imigrante e industrial de Piracicaba... O Instituto Baronesa de Rezende se constituiu em legítimo patrimônio histórico e cultural de Piracicaba” (Perecin, *Jornal de Piracicaba*, 3.10.1993).

**MIRANDA, Joaquim Félix de** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário de açougue à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), na passagem do século. Seu nome aparece na lista dos contribuintes municipais pagadores de impostos, no “Almanak” de Camargo (1900).

**MIRANDA, Paulino José de** (Séc. 19-20). Comerciante. Camargo (1900), que registra seu nome na lista dos contribuintes municipais em fins do séc. 19, refere-se a Miranda como proprietário de um bilhar, à rua São José, nº 39. Miranda foi igualmente dono de um restaurante, na mesma época e provavelmente no mesmo endereço.

**MIRANDA, Rodolpho Nogueira da Rocha.** N. Rezende, RJ, 8.11.1860. F. São Paulo, SP, 13.11.1941. Empresário e político. F. de Luiz da Rocha Miranda Sobrinho, barão do Bananal, n. 7.8.1836 em Rezende, RJ, e f. 28.10.1915 no Rio de Janeiro, RJ, e da primeira esposa deste, Amélia Brasília Nogueira, n. Bananal, RJ, a 2.10.1842 e f. no Rio de Janeiro, RJ, a 11.1.1875. Liga-se à história de Piracicaba por intermédio da Fábrica de Tecidos Arethusina, assim denominada em homenagem a sua mulher, Arethusa Miranda. A fábrica, construída por Luiz de Queiroz (v.), chamava-se antes Santa Francisca. Depois de permanecer fechada durante dois anos, foi vendida a um sindicato, do qual fazia parte o engenheiro Buarque de Macedo (v.). Este transferiu-se para Piracicaba e assumiu a gerência da fábrica. Posta como garantia para pagamento de dívida junto ao Banco da República do Brasil, o banco acabou por vendê-la a Rocha Miranda. Em 1907 a fábrica de fiação e tecidos figurava entre as 21 maiores empresas industriais paulistas, com capital de 1.800 contos de réis e 300 trabalhadores. Por volta de 1911, contava com 4.396 fusos e pagava seis mil réis diários aos seus empregados, tendo como proprietários Rodolpho Miranda & Filho. Em 1891 Rocha Miranda foi deputado à Constituinte e de 1897 a 1909 deputado federal. Em 1909 foi ministro da agricultura. Coube-lhe a iniciativa da criação do Serviço de Proteção aos Índios (Pereira e outros, 1988).

**MISSON, Luiz** (Séc. 19-20). Fez parte do grupo de professores que lecionaram na ESALQ nos primeiros anos desta, quando era

denominada Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. Exerceu a docência em 1905-1906.

**MITELMAN, Marcos** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Dora Mitelman. Teve casa de móveis à rua Prudente de Moraes, nº 187. Achava-se registrado no comércio piracicabano desde 5.8.1940, sob nº 760, como sócio nº 90 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002).

**MITELMAN, Nathan** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Domingas Mitelman. Um anúncio em Krähenbühl (1955) cita-o como sócio de Salomão Kramer (v. Família Kramer), ambos donos da Casa New York, à rua Governador Pedro de Toledo, nºs 1021 e 1025. A loja tinha à venda “móveis, fazendas, tapeçarias, congoleuns, roupas feitas etc.”. De acordo com o livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, transcrito em Guidotti (2002), a firma registrou-se no comércio local em 1921, a 17.2, com um capital de 20:000\$000 (sócio nº 50, registro no comércio nº 11.833). A mesma fonte reproduz um anúncio da Agência Chevrolet, de propriedade de Mitelman, Svartsi, Petrocelli (v.) & Cia. Ltda., à rua Prudente de Moraes, nº 835, especializada em carros e caminhões da marca Chevrolet novos, veículos usados e peças e acessórios em geral. O anúncio ressaltava que vendiam “automóveis a longo prazo, facilitando-se os negócios”. Outro anúncio, reproduzido por Guidotti (op. cit.), refere-se a Mitelman e seus sócios como proprietários de três postos de abastecimento de combustíveis, nos quais se vendia “gasolina absolutamente pura”: Postos São José, São Paulo e Piracicabano. O anúncio foi publicado a 26.7.1941 no *Diário de Piracicaba*, em resposta a rumores que circulavam a respeito dos produtos que comercializavam.

**MITIDIERI, Francisco.** N. Lagonegro,

província de Potenza, Itália, 1889. F. Piracicaba, 19.5.1977. C.c. Emma Cavioli (f. Piracicaba, 24.9.1984). Comerciante, proprietário da Casa Mitidieri, especializada em modas e confecções finas (alfaiataria), que, em meados do século, localizava-se à rua Moraes Barros, nº 832, defronte o prédio do *Jornal de Piracicaba*. Mudou-se depois para a rua São José, na vizinhança do local em que ruuiu o edifício Comurba. Veio para o Brasil com os pais e irmãos, quando tinha 14 anos de idade, estabelecendo-se inicialmente em Amparo, SP. Ainda jovem, deixou os pais e veio a Piracicaba, onde comprou a alfaiataria Bocchetti (v.), convertendo-a em alfaiataria com seu nome. Fez parte da diretoria do antigo Círculo Italiano Cristóforo Colombo (atual Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo) e foi associado assíduo do Clube de Regatas de Piracicaba, tornando-se sócio remido deste em 1930 (N. de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 8.12.1991). Cordial, afável, comerciante honrado e respeitado, Francisco Mitidieri soube gozar da estima geral, na Piracicaba dos anos 40 e 50. Seu filho José Mitidieri formou-se engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1946, doutorou-se pela escola em 1954 e fez parte do seu corpo docente (1950).

**MOHTAS, Motel** (Séc. 20). Comerciante. Manteve loja de roupas feitas à rua Governador Pedro de Toledo, nº 148A. Registrado no comércio local desde janeiro de 1939 como sócio nº 94 e com registro nº 62.863, com capital de 50:000\$000 (Guidotti, 2002).

**MOISÉS, João** (Séc. 20). Comerciante. Seu nome consta na lista dos associados da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba homenageados “in memoriam” pela entidade (Salum, 2003). Foi proprietário de loja de fazendas e armarinhos à rua do Rosário nº 109, com registro no comércio local datado de 7.6.1940. Outro piracicabano com o mesmo sobrenome, Jorge Moysés (v.), foi vereador na Câmara Municipal de Piracicaba em 1960-63.

**MOMBUCA, Antônio** (Séc. 19-20). Músico. Fundador e primeiro regente da Lira Guarani, posteriormente Corporação Musical União Operária, que teve depois como maestros, com o passar dos anos, Martins Neves, João Surian (v.), Martinho Fischer, João (v.) e Oswaldo Petermann, Victor Guerrini, Carlos Brasiliense Pinto (v.), José Rafael Pero e outros. Com sede à rua Santo Antônio, a Corporação centenária surgiu a 1.1.1906 e desde então tem participado de eventos importantes, solenidades e festas religiosas em Piracicaba. Ganhou sua sede própria em 1963 e foi o único grupo sul-americano a participar de um festival de bandas realizado em Barcelona, na Espanha.

**MONFRINATO, Família** (Séc. 20). Proprietários, desde a década de trinta, de conceituada loja de móveis de sua fabricação, a Móveis Monfrinato, na Cidade Alta, à rua Moraes Barros, 1429.

**MONIZ, Irmãos** (Séc. 20). Donos de tradicional loja de “tecidos e armarinho, chapéus, calçados e outros artigos do ramo”, à rua do Rosário, nº 354, conforme anúncio estampado na *Folha de Piracicaba* de 1.8.1967.

**MONLEVADE, João** (Séc. 19-20). Médico, inspetor sanitário. Atuante em Piracicaba em 1918, matinha consultório à rua do Comércio, nº 70 (atual Governador Pedro de Toledo), dedicando-se ao tratamento da sífilis e de moléstias das vias urinárias. Em 1918 fez parte do grupo de 85 médicos e professores da Missão Médica Militar enviada à França pelo Brasil, a título de colaboração com as forças aliadas, por ocasião da I Guerra Mundial (Cambiaghi, 1984). Provavelmente aparentado com o engenheiro brasileiro Francisco Paes Leme de Monlevade (1860-1944), pioneiro da eletrificação das ferrovias brasileiras, que em 1922 inaugurou o trecho Jundiá-Campinas, primeiro trecho eletrificado de grande tráfego no país, e foi secretário da viação no estado.

**MONTEFELTRO, Mário, Padre.** Vigário da paróquia do Bom Jesus. Foi seu terceiro pároco, de 1925 a 1926, sendo substituído neste último ano pelo pe. Francisco Borja do Amaral (v.) (1926-1932).

**MONTEIRO, Antônio** (Séc. 19). Capitalista. Seu nome aparece na relação de Camargo (1900) dos maiores proprietários de casas alugadas em Piracicaba, em fins do século 19. Era dono de uma dúzia de casas de aluguel.

**MONTEIRO, Damázio Cardoso.** N. 1888. F. 1958. Moraes Júnior (1994) o inclui entre os poetas piracicabanos do passado, apresentando-o como repentista e poeta popular que “cantou suas composições por todo interior paulista”. À luz de lampião, deu aulas de alfabetização de adultos (1920-25) em fazenda do bairro Formigueiro, idealizou um serviço de guarda-noturna na cidade e teve suas poesias publicadas por jornais locais.

**MONTEIRO, Francisco de Assis Jorge.** N. Bahia, 1865. Médico. Passou a morar e clinicar em Piracicaba em 1921, sendo admitido no mesmo ano como irmão contribuinte da Santa Casa de Misericórdia. Em 1929 passou a integrar o quadro de médicos da Santa Casa, atuando na enfermaria de mulheres. Em um anúncio datado de 1921, ao instalar seu consultório, apresentava-se como médico, operador e parteiro, com mais de 30 anos de prática, e “ex-assistente do prof. Camargo no serviço de cirurgia do Instituto Paulista”, dedicando-se a moléstias do útero, das vias urinárias e de crianças. Tinha inicialmente consultório e moradia à rua Quinze de Novembro, nº 67-B, transferindo-o depois para a rua Boa Morte, nº 26 e mais tarde para o largo do Mercado. Deu igualmente sua colaboração à Sociedade Portuguesa de Beneficência (Cambiaghi, 1984).

**MONTEIRO, João** (Séc. 20). Professor, artista plástico. Lecionou desenho na Escola Normal

Sud Mennucci e no Colégio Piracicabano, nos anos 40 e 50. Modesto, pacato e afável, dominava como poucos os segredos do desenho artístico do tipo convencional, permanecendo, entretanto, mais ou menos distanciado das rodas de artistas plásticos da cidade. Perdura, no entanto, a lembrança do excelente professor que foi, metuculoso, paciente e amigo dos seus alunos e companheiros de magistério, em meados do séc. 20.

**MONTEIRO, José Ortiz.** N. 1913. F. Piracicaba, 22.2.2000. C.c. Philomena Amalfi Ortiz Monteiro. Ff.: José Júnior, Fernão, Márcia, Ruth. Advogado. Formou-se em direito em 1940, pela Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo. Era filho de Anísio Ortiz Monteiro, ex-prefeito de Taubaté, e Ruth Patto Ortiz Monteiro. Dotado de extraordinária cultura, conhecedor como poucos de artes e vinhos, mudou-se da capital paulista para Piracicaba em 1971. Passou a colaborar assiduamente na imprensa local, notadamente no *Jornal de Piracicaba*, assinando estudos, artigos e crônicas. Publicou um livro de crônicas. “Digno, honesto, humano, sincero. Um homem cujo valor não estava só no seu tamanho e nem só em sua cultura. O valor dele estava... nos atos que praticou... na sua dignidade, no seu respeito ao ser humano e na sua sinceridade” (G. Nunes, *Jornal de Piracicaba*, 18.9.1991).

**MONTENEGRO, Heitor Werther Studart.** N. séc. 20. F. Piracicaba, 18.9.1993. Enge-nheiro agrônomo, professor. Formou-se pela ESALQ em 1945 e doutorou-se em 1952, tornando-se livre-docente em 1956. Professor adjunto da ESALQ, iniciou sua carreira docente em 1953. Foi um dos fundadores do Lions Clube de Piracicaba em 1955.

**MONTERA, Vicente.** N. Itália, séc. 19. Comerciante. Era de sua propriedade a casa de calçados “À Bota de Ouro”, à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), na esquina

da rua São José. Anunciava sua sapataria como “a oficina mais importante de Piracicaba”, fabricante de “calçados garan-tidos, serviço caprichoso em botas sob medida”, a preços razoáveis, mas a dinheiro (Camargo, 1900; Alleoni, 2003).

**MONTERAN, Pedro** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário de restaurante no largo Municipal (atual praça Tibiriçá), nº 171A, em fins do século 19, segundo Camargo (1900). A mesma fonte registra seu nome na relação de donos de vendas e armazéns nessa época, com casa comercial no largo do Jardim (atual praça José Bonifácio).

**MORAES, Acácio de** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário da Casa do Anzol, anunciada como armazém de secos e molhados em Capri (1914). Vendia artigos nacionais e importados, à rua do Comércio (atual Alferes José Caetano), nº70.

**MORAES, Antonieta Dias de**. N. Santos, SP, 1916?. F. São Paulo, SP, 1998. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Alberico Marques da Silva, fazendeiro santista, f. Roberto Dias de Moraes e Silva; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Elvio Homero, poeta paraguaio; em 3<sup>as</sup> núpcias c. Eduardo Supupira Filho, escritor e jornalista santista. Filha do médico José Dias de Moraes e de Maria Antonieta Cerqueira Dias de Moraes, baianos. Residiu na capital paulista a partir de 1944, mas morou por algum tempo na França, Itália e Argentina. Voltou a morar na França nos primeiros anos da década de 70. Sua ligação com Piracicaba decorreu dos estudos do filho, engenheiro agrônomo, que se formou pela ESALQ em 1964 e ingressou no ano seguinte no quadro de docentes da escola, doutorando-se em 1972. Roberto casou-se com Adeli Bacchi, que encenou várias peças teatrais de Antonieta, com temática inspirada no folclore brasileiro. Antonieta passou a permanecer mais e mais tempo em Piracicaba, iniciando uma relação mais profunda com a cidade, escolhida

por ela para pôr em prática seu talento teatral, segundo depoimento de sua nora Adeli (*Jornal de Piracicaba*, 14.9.2003). Mulher de vanguarda, amiga de Monteiro Lobato e do poeta chileno Pablo Neruda, comunista convicta e atuante, ganhou projeção internacional com seus livros para crianças e jovens, notadamente na França, onde uma tradução de *Três garotos na Amazônia* obteve o prêmio “Loisirs Jeunes” de 1973 e saiu com prefácio de Miguel Angel Asturias. Deste último ela traduziu três livros para a língua portuguesa. Antonieta começou com livros de poesia: *Gota no rio*, 1948; *Poema da paz*, 1962, com prefácio de Jorge Amado e ilustração de Cândido Portinari; e *Recônditos da noite* (1961). Publicou várias obras de literatura infanto-juvenil, entre as quais *Três garotos na Amazônia*, 1975; *A varinha do caçador* (contos, 1976) e *Tonico e o segredo*. Organizou obra sobre violência na literatura infantil, com base em entrevistas com d. Evaristo Arns, Samuel Pfromm Netto, Paulo Freire e outros (São Paulo, Global, 1984): *A violência na literatura infantil e juvenil*. Lecionou literatura e civilização brasileiras na faculdade de Letras de Bensaçon, França; foi membro da “Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques” de Paris; e sócia da União Brasileira de Escritores (UBE, São Paulo), dirigindo o Departamento de Literatura Infantil e Juvenil da sociedade. Teve livros publicados na Europa, nos anos 70 e 80, em francês. Seu romance infanto-juvenil *Tonico et le secret d'État* (Paris, 1975) ganhou prêmios literários na França e na Espanha. Reconhecida mundialmente como uma das maiores escritoras da literatura infanto-juvenil, viu-se, no entanto, mais prestigiada no exterior do que no Brasil.

**MORAES, Antônio F. de** (Séc. 19-20). Comerciante. Dono da casa Piracicaba-Express, agência de jornais e revistas nacionais e estrangeiros, por ele fundada em 1905. Um anúncio (Capri, 1914) informa que a agência é especializada “em cartões postais, papelaria, colossal estoque dos afamados acendedores

Imperador e pedras de faíscas”. Mas adverte: “vendas só a dinheiro”. Situava-se à rua Moraes Barros, nº 159.

**MORAES, Antônio José de** (Séc. 19). Promotor público em Piracicaba, por volta de 1877-78.

**MORAES, Benedicto Rodrigues de (Ditoca).** N. Tietê, SP, 13.3.1893. F. séc. 20. F. de Luiz Rodrigues de Moraes e Theodora Augusta de Moraes. Formou-se professor pela antiga Escola Complementar de Piracicaba (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci), e assim também seu irmão Plínio Rodrigues de Moraes (v.), diplomado em 1911. Decidiu radicar-se em Piracicaba. Foi prefeito da cidade por nomeação, de maio de 1931 a abril de 1932, deixando o cargo para participar da Revolução Constitucionalista. Foi eleito vice-prefeito de Piracicaba em 1951, quando Samuel de Castro Neves (v.), seu companheiro de candidatura pela aliança de partidos União Democrática Nacional, Partido Social Democrático e Partido Trabalhista Brasileiro, foi vencedor da eleição para prefeito. Um conflito com o prefeito levou-o a renunciar em 1955. Em 1968 Rodrigues de Moraes recebeu o título honorífico de cidadão piracicabano. Uma rua tem seu nome, no Jardim Esplanada.

**MORAES, Cacilda da Silveira.** N. 1918. F. Piracicaba, 17.5.2004. F. de Abílio da Silveira Moraes e Maria da Silveira Martins. Professora. Lecionou matemática e estatística durante muitos anos, até aposentar-se, na Escola Normal Sud Mennucci em meados do século 20. Pertenceu a família numerosa e estimada, tendo onze irmãos, quase todos falecidos antes dela: Mariana, Abílio, Isaura, Pedro, Eudóxia, Violeta, Rui, Lurdes, Wilson, Odette, Maria José.

**MORAES, Enéas Lemaire de.** N. Piracicaba, 1910. F. Piracicaba, 5.2.1987. C.c. Maria de Lourdes Simionato Moraes. F.: Roberto

Simionato de Moraes, engenheiro agrônomo formado pela ESALQ em 1960 e professor desta desde 1962. Cirurgião dentista e professor. Irmão do engenheiro agrônomo e professor da ESALQ desde 1950 Celso Lemaire de Moraes, f. 24.9.2008 em Piracicaba. Foram igualmente seus irmãos: Dirceu (jornalista), Osório, Lourdes, José, Maria Aparecida, Ernesto e Rubens Lemaire de Moraes, radialista. Todos filhos de Osório de Moraes e Maria Henriqueta Lemaire, professora. Tal como Rubens, Enéas pertence à história do rádio em Piracicaba, tendo participado ativamente da criação da PRD-6, posteriormente Rádio Difusora. Foi seu primeiro locutor. Tomou parte na Revolução Constitucionalista, conquistando o posto de primeiro tenente da reserva. Formou-se em 1929 pela Escola de Farmácia e Odontologia Washington Luiz de Piracicaba. Foi secretário na administração municipal (1969) e presidiu o Esporte Clube XV de Novembro. Em 1950 implantou o departamento de cirurgia buco maxilo facial da Santa Casa. Foi professor da Faculdade de Odontologia de Piracicaba. “Seus elevados dotes pessoais e profissionais, de moral severa, de coração boníssimo, de inteligência clara, de habilidade invulgar, o consagraram como cidadão piracicabano dos mais úteis e corretos” (M. L. Alarcon). Uma travessa tem seu nome, no Residencial Altos de Piracicaba.

**MORAES, Fernando** (Séc. 19-20). Professor. Fez parte do corpo docente da escola da Sociedade Equalitária Instrutiva, de ensino elementar e secundário, à rua Treze de Maio, nº 11, para alunos do sexo masculino. Funcionava à noite, sob a direção de Joviniiano Pinto. Além de Moraes, contava com os professores Cherubim Fernandes de Sampaio (v.), José Bonifácio e Octávio de Barros Ferraz (v.). Funcionava na mesma escola uma classe mista de música, do prof. Hermógenes Conceição. Era grátis para associados da entidade, pessoas de cor em sua maioria, e tinha 125 alunos em

fins do século 19 (Camargo, 1900).

**MORAES, Francisco Feliciano de.** N. 29.10.1880. F. séc. 20. Cirurgião dentista. Profissional estimado e competente, prestou valiosos serviços aos piracicabanos na primeira metade do século vinte.

**MORAES, Joaquim D’Almeida Leite** (Séc. 19). Foi o terceiro provedor da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, eleito a 9.10.1859. Ocupou o cargo até 1864, “um período crítico na história da Irmandade”, segundo Moratori (2004), marcado por falta de recursos, dificuldades sérias e desânimo.

**MORAES, José de Mello.** N. Piracicaba, 17.2.1891. F. Piracicaba, 11.8.1956. Engenheiro agrônomo, professor. Fez o curso elementar no Grupo Escolar Moraes Barros e estudou a seguir no Colégio Piracicabano e na antiga Escola Complementar (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci). Diplomou-se em 1909 em agronomia pela então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, fazendo parte da sétima turma de formados. Em 1913-14 estudou química na Alemanha, nas universidades de Halle e Leipzig. De volta a Piracicaba, inscreveu-se em concurso pra professor assistente de química, obtendo o primeiro lugar. Lecionou em Leopoldina, Minas Gerais e foi inspetor agrícola no Paraná e em Santa Catarina. Fez parte do quadro docente da ESALQ de 1918 até seu falecimento, na cadeira de Química (2ª cadeira), origem do departamento de Química (1970). Catedrático da escola, dirigiu-a durante 27 anos, de 1927 a 1954, recebendo em 1951 o título de doutor honoris-causa. De 1938 a 1941 foi diretor dos Centros de Indústria Agrícola do Ministério da Agricultura. Tornou-se reitor da Universidade de São Paulo (1954-55). Foi secretário da agricultura do estado de São Paulo e ocupou numerosos outros cargos relevantes. Desde moço, trabalhou como jornalista no *Jornal*

*de Piracicaba*, foi co-proprietário deste por volta de 1912 e ao longo de toda a sua vida colaborou no referido jornal. Durante vários anos assinou a “Página Agrícola” do jornal *Folha da Manhã*, a atual *Folha de S. Paulo*. Na sua extensa bibliografia, merecem destaque os inúmeros estudos científicos (e agrônômicos, em particular), bem como o capítulo que fez para o livro *Vida intelectual nos Estados Unidos* (1945), onde resume as observações que fez, em viagem àquele país. Membro fundador da Universidade de São Paulo, comendador da Coroa da Itália e membro de várias sociedades científicas e profissionais, entre as quais a Sociedade Química do Brasil, a Sociedade Sul-Americana de Solos e a Associação dos Agrônomos, o menino que no início do século vinte foi “companheiro de peraltices e sonhos de Francisco Lagreca, no Largo de São Benedito... Era um piracicabano de corpo inteiro: no amor à Terra, na obsessão de vê-la engrandecida, na inteligência vívida e até na fala exuberantemente bairrista... Estudante pobre, brilhou pela fulgurância de seu talento... Professor, galgou toda a escala da nobre carreira, lecionando a dezenas de gerações, elevando a cátedra a culminâncias respeitáveis... Homem singular, lutador extraordinário, piracicabano fanático, que viveu para um grande ideal, a sua Luiz de Queiroz (F. Losso Netto, *Jornal de Piracicaba*, 12.8.1956). Seu nome designa uma escola, a Escola Estadual Prof. José de Mello Moraes, na avenida São João, nº 564 no bairro São Judas (Melo, 1954; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**MORAES, Luís Rodrigues de** (Séc. 20). Político. Foi vereador na Câmara Municipal de Piracicaba de 1914 a 1916, reeleito para o período de 1917 a 1919 e novamente reeleito para o triênio de 1920 a 1922 (Vitti, 1966).

**MORAES, Plínio Alves de.** N. 1917 F. Piracicaba, 14.3.2002. C.c. Leny Alves de Moraes. Ff.: Bento José, Ada Maria. Médico, filho de José Elias de Moraes e Ada Alves de



Moraes. Manteve consultório e laboratório de análises à rua Moraes Barros, nº 975 (Camargo e Navarro, 1958). Foi o segundo diretor da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, de 1968 a 1973.

**MORAES, Romeu Cândido de.** N. 1918. F. Piracicaba, 4.3.2006. Veterano no meio cinematográfico piracicabano, partícipe atento na cidade em tudo que se referia a cinema. Era filho de José de Moraes e Cândida de Moraes. Atuou durante muitos anos como operador cinematográfico (projeccionista) do antigo Cine Broadway, na rua São José. Com bom gosto e refinamento, incumbia-se da programação musical em discos de música clássica que precedia as exhibições dos filmes. Colaborou com o Clube Piracicabano de Cinema em meados do século, cedendo filmes clássicos de sua propriedade (como “Espiões” de Fritz Lang, do cinema mudo) e fazendo a sua projeção. As sessões do clube eram realizadas nos salões dos clubes Cristóvão Colombo e Coronel Barbosa e da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro.

**MORAES, Sebastião Pires de** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário de farmácia à rua Moraes Barros, nº 247, registrada no comércio local a 26.4.1939 sob nº 247. Foi o sócio nº 97 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002).

**MORAES, Tito Gomes de.** N. 1911. F. Piracicaba, dezembro de 1997. Médico. Especialista em pediatria, atendeu várias gerações de piracicabanos, por mais de 60 anos. Mantinha consultório à rua 13 de Maio, nº 709 (Camargo e Navarro, 1958). Fez parte do grupo de médicos que fundaram a Seção Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina a 19.1.1950 e nessa ocasião foi eleito como seu primeiro presidente, mas não aceitou o cargo, declarando que, por justiça, este deveria pertencer ao dr. Luiz Gonzaga de

Campos Toledo (v.) e este, em nova eleição, foi efetivamente eleito para a presidência. Em 1977 foi agraciado com o diploma de Honra ao Mérito da entidade e em 1984 o corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia concedeu-lhe o título de Médico Honorário da instituição. Faleceu na piscina do Clube de Campo de Piracicaba, quando praticava natação, aos 86 anos de idade. “Sua figura era inconfundível pela sua simpatia, cavalheirismo no trato com as pessoas, de sorriso espontâneo, simples e aberto... Sempre pronto e disposto para atender altas horas da noite e de dia, um anjo da guarda para as crianças” (N. de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 27.12.1997) (Cambiaghi, 1984).

**MORAES (Filho), Prudente José de.** N. Piracicaba, 29.12.1874. F. Piracicaba, 2.5.1943 (1945?). F. de Prudente de Moraes Barros (v.), primeiro presidente da República civil, e Adelaide Benvinda da Silva Gordo. Advogado e deputado federal em várias legislaturas, foi secretário particular de Prudente de Moraes quanto este ocupou a presidência do país. Estudou inicialmente no Colégio Piracicabano e transferiu-se para a Escola Militar em 1890. De volta a São Paulo, frequentou o curso preparatório do Colégio Costa e o Ginásio Sílvio de Almeida. Foi aluno da Faculdade de Direito de São Paulo (1893), mas diplomou-se no Rio de Janeiro, na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, em 1897. Passou a advogar no escritório de Inglês do Souza (1899). Em 1914 tornou-se professor da faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e recebeu o grau de doutor, ocupando a cátedra de direito civil de 1917 a 1925. Fez parte do Tribunal Arbitral que decidiu a questão dos limites entre Minas Gerais e Espírito Santo. Pertenceu a várias entidades, como o Instituto de Direito Comparado (Bruxelas, Bélgica), Sociedade Brasileira de Direito Internacional, Instituto dos Advogados Brasileiros (foi vice-presidente e primeiro secretário do instituto). Era casado com Brandina de Moraes, sua parenta, filha do

general Mendes de Morais. Seu sepultamento ocorreu no Rio de Janeiro (Melo, 1954).

**MORAES NETTO, Prudente de (Prudente José de Moraes Barros).** N. Piracicaba, 19.6.1895. F. São Paulo, 23.6.1961. Advogado, agricultor, jornalista, formado pela Faculdade de Direito da USP (1919), filho de Gustavo de Moraes Barros e Carolina Zenor de Moraes Barros. Um dos fundadores da Liga Nacionalista, do Partido Democrático e do MMDC, secretário geral do Partido Constitucionalista e um dos dirigentes da União Democrática Nacional. Atuou na imprensa e dirigiu o *Diário Nacional*. Participante da Revolução Constitucionalista de 1932, foi exilado. Exerceu vários cargos importantes, tendo presidido a Empresa Terras Conselheiro Prado do Norte do Paraná. Seu pai, filho de Prudente José de Moraes Barros (v.), foi negociante em Piracicaba no séc. 19. Gustavo teve os seguintes irmãos: Prudente de Moraes Filho (v.); Antônio Prudente de Moraes, n. Piracicaba a 9.1.1880 e f. São Paulo, SP, a 11.12.1944, formado em engenharia civil pela Escola Politécnica de São Paulo em 1906, organizador do serviço de águas de São Paulo; Maria Amélia de Moraes, c.c. João Baptista da Silveira Mello (v.); Carlota de Moraes, c.c. João Domingues Sampaio (v.), que teve escritório de advocacia na cidade junto com seu sogro; Júlia Prudente de Moraes, residente em Piracicaba; Paula Prudente de Moraes, residente em Piracicaba; Maria Teresa e Maria Jovita, falecidas quando eram menores, e José, filho natural de Prudente de Moraes, criado por este e sua esposa.

**MORAIS, Nestor de.** N. Rio Claro, SP, 1886. F. 1923. Jornalista, funcionário público. Fez parte da redação do jornal *Gazeta de Piracicaba*, tendo sido seu redator-chefe. Foi secretário da Prefeitura Municipal de Piracicaba.

**MORAIS, Virgílio Jorge de** (Séc. 20). Empresário. Proprietário da primeira linha

regular de auto-ônibus dentro de Piracicaba. Entrou em funcionamento em 3.3.1936.

**MORAIS JÚNIOR, Rubens** (Séc. 20). Primeiro responsável pela Agência do Telégrafo Nacional, implantada em Piracicaba a 25.3.1923.

**MORANDI, Luís.** N. Piracicaba, séc. 19. Construtor, responsável pela edificação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Antônio Spinelli (v.) fez o púlpito, com a ajuda do marceneiro Emílio Adamoli (v.). Este também projetou e levantou os andaimes da igreja. As imagens dos santos vieram da Europa em 1902, esculpidas pelo entalhador tirolês Antônio Tavella de Gardena (? V. Tavella, Franz). Frei Paulo de Sorocaba (v.) pintou a fachada, o presbitério, o altar mor e o quadro de São Francisco de Assis (Elias Netto, 2003).

**MORATO, Francisco Antônio de Almeida.** N. Piracicaba, 17.10.1868. F. São Paulo, SP, 21.5.1948. C.c. Maria da Conceição de Almeida Morato, filha de Francisco José da Conceição, Barão da Serranegra (v.). Jurisconsulto, político ilustre e professor, foi advogado, vereador (1899-1901, 1905-1907, 1908-1910), inspetor escolar e promotor público em Piracicaba. Foi aluno do Colégio Moretzshon, prestou exames no Curso Anexo à Faculdade de Direito de São Paulo e formou-se por esta última em 1888. Passou a exercer a advocacia em sua cidade natal, com escritório no Largo da Matriz (hoje Praça da Catedral). Juntamente com Paulo Pinto de Almeida (v.), fundou em 1899 o Banco Indústria e Comércio de Piracicaba. Em 1907, por ocasião da fundação do Clube de Regatas de Piracicaba (inicialmente Natação e Regatas), formado principalmente pelos estudantes da Escola Agrícola, ganhou a eleição para presidente do clube. A 15.8.1909 elegeram-no provedor da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, permanecendo no cargo até meados de 1910. Mudou-se para a capital do estado, tornando-se advogado do escritório de

Estêvão de Almeida, pai do poeta Guilherme de Almeida. Fez parte do grupo de fundadores da Ordem dos Advogados do Brasil e eleito seu primeiro presidente, permaneceu no cargo de 1916 a 1922 e de 1925 a 1927. Em fins de 1918, aprovado em concurso, passou a ser professor da Faculdade de Direito e recebeu o grau de doutor, assumindo a 2.10.1922 a cátedra de prática do processo civil e comercial. Fundador do Partido Democrático (1926) e eleito presidente deste, tornou-se deputado federal em 1927. Foi quem teve a iniciativa de formar a Aliança Liberal, que originou o Movimento Revolucionário de 1930, com a deposição do presidente Washington Luís e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, a 3.11.1930. Liderados por Francisco Morato, os democratas esperavam assumir a direção política de São Paulo, logo após a conquista varguista da presidência. Vargas, no entanto, frustrou essa expectativa, impondo ao país um regime autoritário. Excluiu os democratas de todos os cargos importantes e nomeou um pernambucano para a interventoria paulista (Love, cit. em Pfromm Netto e Martins, 2003). Morato passou, então, a ser um dos organizadores da Frente Única, com atuação decisiva na eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932. Morato participou ativamente desta. Esteve preso e viveu exilado na França e em Portugal, em 1932-33. Na questão dos limites entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, atuou como árbitro e delegado paulista. Recebeu da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco o título de professor emérito, o primeiro a ser concedido pela faculdade, e durante três anos foi seu diretor. Recusou a presidência (governador) do Estado, mas na interventoria de Macedo Soares aceitou o cargo de Secretário estadual da justiça e negócios do interior (1945-47). Presidiu o Tribunal de Ética Profissional, recebeu o título de membro honorário da Ordem dos Advogados do Brasil. “Admirado pelos seus adversários, político graças à sua inteligência e saber... Um dos mais lídimos expoentes da

cultura jurídica do Brasil e brilhante professor catedrático” (J.M. Moraes, *Jornal de Piracicaba*, 1.8.1952). “Um grande jurista. Mestre entre os mestres” (Vicente Rao). “Seus pareceres, publicados na *Revista dos Tribunais...*, escritos em português castiço, são brilhantes lições de direito... A palavra burilada e a elegância do Mestre, a energia e eloquência, iluminavam a cátedra... Soube ensinar, erudito e claro, honrando sobremaneira sua terra e sua gente” (A. Fleury, *Jornal de Piracicaba*, 17.5.1972). (Melo, 1954; Pfromm Netto e Martins, 2003). Na Vila Rezende há uma avenida Dr. Morato e na Vila Areão existe uma travessa Morato.

**MORATO, Santa** (Séc. 20). Comerciante, musicista. Era de sua propriedade o Bufê Santa Morato, especializado em “serviços finos”, à rua Gomes Carneiro, nº 781. Durante longos anos, Santa Morato foi organista da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

**MOREIRA, Elisa de Melo Godói.** N. Piracicaba, 1.3.1900. F. ? Cirurgiã dentista, professora, escritora, musicista. Formou-se pela Escola Normal (futura Sud Mennucci) e em 1920 concluiu o curso de odontologia pela Escola Washington Luiz de Piracicaba. Colaborou em vários jornais e revistas desde 1919. Trocou a odontologia pelo magistério, dedicando-se a ensinar às crianças no Grupo Escolar Moraes Barros, como substituta efetiva. Em 1922 lecionou nas cidades paulistas de Cabreúva e Indaiatuba e em 1923 foi nomeada para o cargo de professora primária da escola de Santana, em Piracicaba. Passou depois a ser adjunta e auxiliar do diretor do Grupo Escolar de Marília, SP. Decidiu, então, deixar o magistério e dedicar-se à profissão de cirurgiã dentista, em grupo escolar da cidade de Pindamonhangaba, SP. Publicou o livro *Vamos ler* e teve vários textos de sua autoria incluídos em livros didáticos de leitura, em meados do século 20.

**MOREIRA, Osvaldo (Veneno).** N. 1921. F. Piracicaba, 10.1.2001. Comediante e violonista. Palhaço circense, fez rir várias gerações piracicabanas ao longo de mais de quarenta anos, juntamente com Dalila, sua mãe, e familiares. Manteve, assim, o circo-teatro da Família Veneno durante 50 anos, apresentando-se continuamente em Piracicaba e em municípios vizinhos até 1990. Após seu falecimento, a família Moreira decidiu manter a companhia, apresentando comédias no Teatro Municipal Dr. Losso Netto e em numerosos outros locais e mantendo a tradição, iniciada por seu fundador, de realizar espetáculos para favorecer entidades beneficentes, por meio da arrecadação de alimentos a título de ingresso. Em uma única apresentação, realizada em 2003, o Circo-teatro da Família Veneno arrecadou 650 quilos de alimentos, doando-os a entidades assistenciais piracicabanas. “Veneno foi um dos maiores cômicos de Piracicaba” (Edson Rontani, *Jornal de Piracicaba*, 3.7.2004). Um dos cinco filhos de Moreira, Laélso Moreira, n. 1946 e conhecido como o palhaço Poneis, foi o único que seguiu a profissão paterna, percorrendo com o pai uma trajetória de espetáculos itinerantes pelos bairros piracicabanos. Radialista além de ser palhaço, uniu-se ao filho Diógenes (palhaço Rico), continuando a tradição deixada por Veneno (C. Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 28.3.2004).

**MORELLI, Francisco** (Séc. 19). Comerciante. Era proprietário de uma sapataria em Piracicaba, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), em fins do séc. 19 (Camargo, 1900). Na relação de estrangeiros que não se naturalizaram, transcrita por Alleoni (2003) e datada de 1904, constam os nomes de dois moradores de Piracicaba com o mesmo sobrenome: Cândido Morelli e Luigi Morelli. Outro membro da família Morelli, filho de Baptista Morelli e Carolina Danieli, foi Ângelo Morelli, n. 1917 e f. 8.5.2007, ff. Maria Aparecida, Antônio Rudnei, Neli Neusa, Aristue, José, Maria Isabel.

**MORETTI, Giovanni (João)** (Séc. 19-20). Comerciante, estabelecido em Piracicaba com o Hotel e Restaurante Moretti, à rua da Glória, nº 6 (atual rua Benjamin Constant), “primeira casa ao sair da Estação, à rua Rangel Pestana”. De acordo com um anúncio em Capri (1914), o restaurante era especializado em “jantares para batizados e casamentos a preços módicos” e tinha um estoque de “bons vinhos de mesa e bebidas de todas as qualidades”. Em Camargo (1900) há uma referência a João Moretti Folvenço, dono de um restaurante à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), no fim do século 19.

**MORETTI, Justo.** N. Piracicaba, 15.7.1899. F. Piracicaba, 1951. Comerciante, artista plástico, professor. Popular e muito benquisto em Piracicaba na primeira metade do século vinte, foi proprietário da tradicional Tabacaria Tupã, na praça José Bonifácio, na esquina que posteriormente passou a ser ocupada pelo prédio do Banco Mercantil de Descontos. Desde moço dedicou-se ao desenho, à pintura e à escultura, dando inumeráveis provas do seu talento artístico. Preferia pintar paisagens e natureza morta, mas gostava igualmente de passar para as telas figuras de animais, principalmente cabeças de cães e pássaros. Fazia seus trabalhos por diletantismo, distribuindo-os aos amigos e familiares. Pertenceu à maçonaria local e era diplomado pela antiga Escola Normal, a futura Sud Mennucci. Mello (1999) assinala que Moretti serviu o exército no Rio de Janeiro, então Capital Federal, e nessa época cursou até o segundo ano da Escola de Medicina. Divertia-se fazendo caricaturas e pintava quadros a óleo, que punha à venda para suprir suas necessidades. “Espírito realista, defensor incansável da verdade”. Apesar de não ter nenhuma religião, ajudou, “consideravelmente, inclusive com dinheiro, a construção da catedral da cidade”, incentivando seus amigos a procederem assim. Moretti foi um dos comerciantes e industriais que a 9.7.1933, no antigo teatro Santo Estevão,

fundaram a Associação Comercial de Piracicaba. Fez parte da sua diretoria provisória, aclamada naquela ocasião, e incumbiu-se, juntamente com Elias Zaidan Maluf, Vicente Rando e Esmeraldo Lopes Müller (vv), de promover a propaganda da nova associação e a busca de associados. Uma rua no Jardim Algodal, junto à praça do Império e perto da rodovia SP-304, lembra seu nome. Seu filho, Justo Moretti Filho, n. 1924, formado pela ESALQ (1947) e professor catedrático desta (1948), foi um dos melhores violinistas piracicabanos do século vinte. Atuou na orquestra de câmara de Piracicaba, como um dos primeiros violinos.

**MORETTI, Primo** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário da barbearia de Primo Moretti & Cia., à rua Alferes José Caetano, por volta de 1900. Seu nome aparece na lista de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro presentes em 1900 no sepultamento do Barão da Serranegra, bem como Giovanni Moretti (v). Além de um e outro, constam igualmente nos livros de caixa e protocolo da Sociedade, referentes aos anos de 1900 e 1905, os nomes de Michelle, Pietro e V. (?) Moretti. Uma casa comercial de Michelle Moretti, à rua Boa Morte, n° 8, é mencionada na relação de vendas e armazéns existentes na Piracicaba de fins do século 19 (Camargo, 1900).

**MORGADO & FACHADA** (Séc. 19-20). Comerciantes. Proprietários da Casa Fachada, à rua Direita, n° 167 (atual Moraes Barros), desde 1882. Mantinham salão de barbeiro e cabeleireiro e exploravam os ramos de perfumaria e artigos para fumantes. Anunciavam que tinham à venda “charutos Havana, Rio Grande e Bahia, das mais acreditadas marcas, e cigarros de todas as qualidades” (Camargo, 1900).

**MORGANTI, Fúlvio** (Séc. 20). Empresário. Filho de Pedro Morganti (v).

**MORGANTI, Hélio**. N. São Paulo, SP, 28.11.1911. C.c. Edith Guimarães Morganti. Filho de Pedro Morganti (v). Irmão gêmeo de Lino Morganti (v). Empresário, químico. Estudou na escola Dante Alighieri de São Paulo (então Instituto Médio) e em Florença, Itália, no “Real Instituto Cicognini de Prato”. Sua extensa atuação nas áreas empresarial e social, notadamente em Monte Alegre e em Araraquara (Usina Tamoio), inclui a direção da Refinadora Paulista, instalada em Piracicaba (1924), Refinaria Tupi, Laboratórios Novoterápica e outros. Pertenceu a entidades como a sociedade de Agricultura e Colonização Araraquara – Mato Grosso, de que foi presidente, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (conselheiro), a Comissão Brasileira (presidente) da Comissão Internacional de Técnicos de Açúcar e várias sociedades de renome da capital paulista e de Araraquara. Presidiu em Piracicaba a Sociedade Piracicabana de Mútuo Socorro e foi agente consular honorário da Itália em Araraquara. Autor do *Manual Técnico para usina de açúcar* e numerosos estudos e trabalhos técnicos publicados no país e no exterior. Deve-se aos irmãos Lino (v) e Hélio Morganti a criação, em Monte Alegre, da primeira fábrica de papel de bagaço de cana do país, em 1951.

**MORGANTI, Lino** (Séc. 20). Um dos filhos de Pedro Morganti, irmão gêmeo de Hélio Morganti (v). Empresário. Estudou na Itália, quando jovem. Herdou do pai, com seus irmãos, o conglomerado de empresas surgido na primeira metade do século a partir das usinas de Monte Alegre em Piracicaba e Tamoio em Araraquara, que se converteu na organização agro-industrial Refinadora Paulista S.A., com escritório central na capital paulista. Dinâmico e empreendedor como seu pai, fundou, juntamente com o engenheiro Rubem de Souza Carvalho (v) e João Bottene (v), a Mause – Metalúrgica de Assessorios para Usinas S.A. em 1948. Foi deputado federal. No início dos anos 50, tornou-se co-proprietário,

juntamente com o grupo Dedini, do *Diário de Piracicaba*, e que em 1952 publicou o primeiro jornal impresso no país em papel de bagaço de cana, fornecido pela sua Fábrica de Papel e Celulose Morganti, em Monte Alegre. Em 1971 a usina Monte Alegre foi vendida a grupo liderado por José Adolfo da Silva Gordo. Desativada em 1981, foi adquirida sete anos depois pela Indústria de Papel Simão, sob a direção de Raul Calfat, e em 1995 passou a ser propriedade do grupo Ermírio de Moraes (Votorantim Celulose e Papel S.A.). “Foi uma das mais fortes lideranças de Piracicaba, seja como comandante de um império empresarial..., seja em suas atividades sociais e políticas” (Eliás Netto, 2003).

**MORGANTI, Pedro.** N. Massarosa, Luca, Itália, 2.4.1876. F. Rio de Janeiro, RJ, 22.8.1941. C.c. Giannina (Joaninha) Dal Pino Morganti, n. em Alexandria, no Egito, em 1879 e f. a 5.3.1948. Ff.: 14 ao todo, entre os quais Beatriz, Elza, Fúlvio, Hélio, Lino e Renato. Era filho de Tommaso Morganti e Beatrice Sargentini Morganti e irmão de Carlos e Biaggio Morganti, igualmente italianos que emigraram para o Brasil, passando a residir na capital paulista. Pedro veio a bordo do navio Garibaldi em janeiro de 1890, pouco antes de completar 14 anos de idade, desembarcando em Santos e deslocando-se a seguir para São Paulo. Seu irmão Carlos levou-o para trabalhar na mesma casa em que ganhava a vida, uma torrefação e venda de café à rua Amaral Gurgel. Dormia inicialmente sobre o balcão da venda; mudou-se para um pequeno quarto de porão. Teve que regressar à Itália, tal como seu irmão Paulo, para fazer o serviço militar em Bolonha. De volta a São Paulo, casou-se e desde 1902 passou a dedicar-se à refinação de açúcar, recorrendo ao laborioso e primitivo processo manual, em modestas instalações à rua Amaral Gurgel, nº 110, na Vila Buarque. Em 1904 instalou uma filial da refinaria, na atual rua Querino de Andrade (antiga ladeira do Piques), sob a direção

do irmão Paulo e passou a contar com dois sócios, Narciso e Stefano Gosi. O bom êxito nos negócios animou-o a adquirir em 1910, em sociedade com José Pugliesi (v.), o Engenho Monte Alegre em Piracicaba, surgido em 1889. Obteve financiamento para modernizá-lo e o engenho passou a fazer parte da Companhia União dos Refinadores, do Açúcar União, fundada por ele e Pugliesi. Em 1917 comprou o Engenho Fortaleza em Araraquara, que ganhou nova denominação: Usina Tamoio. Organizou a Companhia União Agrícola. Em Piracicaba o “reino de Monte Alegre” passou a abranger propriedades em Monte Alegre, Santa Rita, Santa Rosa, Taquaral e em outros locais. Data de 1924 a criação da Refinadora Paulista S.A., conglomerado das empresas de Morganti, com escritório central na capital paulista. Além de abranger as usinas de Piracicaba e Araraquara e uma refinaria montada na capital paulista, a Refinaria Tupi, passou a incluir vários outros segmentos: uma fábrica de papel e celulose em Monte Alegre, com a utilização do bagaço de cana como matéria prima, a fazenda Guataparã em Ribeirão Preto (café e gado), hortos florestais e participação em várias empresas em São Paulo, Piracicaba, Santa Bárbara. Quando o Instituto do Açúcar e do Alcool realçou a importância do álcool anidro e sugeriu a sua fabricação no país, Pedro Morganti liderou um esforço pioneiro nesse sentido: instalou em Monte Alegre o primeiro equipamento (e outro, pouco depois, na Tamoio) para a sua produção, passando a fornecer ao país 30 mil litros de álcool anidro por dia. Seu apego a Monte Alegre, sua generosidade e seu senso de responsabilidade social manifestaram-se de múltiplos modos: construiu dezenas de casas para trabalhadores; dotou Monte Alegre de escola (o Grupo Escolar Marquês de Monte Alegre foi inaugurado em prédio da usina a 7.2.1927); liderou junto aos moradores a construção da capela de Monte Alegre, a “Igreja de São Pedro”, projetada em 1930 por Antônio Abronte e inaugurada em 1937, confiando ao artista Alfredo Volpi (v.)

a pintura dos afrescos no seu interior; criou o clube de futebol União Monte Alegre Futebol Clube (UMA), com sede própria, salão de dança, biblioteca e outras instalações; instalou ambulatório médico; cuidou de proporcionar múltiplas condições de conforto e bem-estar aos seus empregados e familiares. Daí ter sido “literalmente idolatrado pelos moradores de Monte Alegre... Ele pretendeu que seus colonos vivessem como uma grande família” (Elias Netto, 2000). Entusiasta pela aviação e consciente da sua importância decisiva para o progresso do país, engajou-se na Campanha Nacional de Aviação, fazendo de Piracicaba e Araraquara, juntamente com João Bottene (v.), focos importantes da campanha. Em terras de Monte Alegre foi construído o Aeroporto de Piracicaba, inaugurado a 18.4.1942, que recebeu o nome de “Comendador Morganti”. Com a sua morte, sucederam-lhe os filhos Lino, Hélio, Fúlvio (vv.) e Renato Morganti (Elias Netto, 2003). “Ele foi o Príncipe dos Canaviais Paulistas” (M. de Ornellas). “Era homem de gênio... Em Araraquara e Piracicaba, Morganti, só com o seu braço, com a sua energia sobrenatural, com o seu imenso poder criador, com a sua intuição prodigiosa, realizou duas explorações agrícolas e industriais, como poucas coisas existem comparáveis neste país... Adorava a terra do Brasil e sabia regá-la do suor mais rico e generoso do seu trabalho” (Assis Chateaubriand). Pedro Morganti ganhou o título de Cidadão Honorário do Brasil. Tornou-se Comendador da Coroa do governo italiano e recebeu a medalha de ouro de “Cavaliere de Lavoro”. Portugal homenageou-o atribuindo-lhe o título de Comendador da Ordem da Lavoura e da Indústria. Seu nome passou a designar uma via em Monte Alegre: Via Comendador Pedro Morganti. A sua estátua e a da esposa, esculpidas pelo italiano Ottone Zorlini (1891-1967), principais monumentos de Monte Alegre, foram roubadas em 18 e 19.8.2007. (Ornellas, 1967; Elias Netto, 2003). Uma tragédia enlutou a família em 1977: o

industrial Pedro Fúlvio Morganti morreu assassinado em pleno centro da cidade, a 23.2. (Carradone, 2002).

**MORIMONT, Léon Alphonse.** N. Arbre (Namur), Bélgica, 22.12.1850. F. 1899, perto da Costa do Marfim, África. Engenheiro agrônomo. Filho de fazendeiro em Loverval, Hainaut, em seu país natal, estudou na célebre Escola de Gembloux, formando-se com distinção. Foi, inicialmente administrador de fazenda na França. Trabalhou na Espanha, em La Constança, e depois perto de Palermo, na Sicília, Itália; em Portugal, perto de Sintra; e no Senegal, onde foi bem sucedido, mas uma doença tropical obrigou-o a voltar à Europa. Durante três anos trabalhou na Espanha, em Andaluzia, em vinhedos, cultivo de cereais e irrigação. Veio ao Brasil em 1893 para assumir em Piracicaba a direção da Fazenda São João da Montanha, tendo em vista a criação de uma escola prática de agricultura, a futura Luiz de Queiroz. O secretário estadual da agricultura, comércio e obras Jorge Tibiriçá Piratininga fez-lhe o convite para dirigir a fazenda e elaborar o projeto da escola. O projeto de ensino técnico agrícola elaborado por Morimont em 1894 figura em relatório técnico publicado no ano seguinte. Morimont permaneceu três anos em Piracicaba (dezembro de 1893 a novembro de 1896), empenhando-se no seu trabalho, mas viu-se obrigado a interrompê-lo, por determinação superior. Amargou uma exoneração em fins de 1896. Passou, então, a dirigir com êxito uma vasta propriedade agrícola africana em São Tomé. A antiga enfermidade contraída no Senegal voltou a fragilizá-lo e ele morreu num navio quando regressava ao seio da família, perto da Costa do Marfim. Deixou esposa e filhos, um deles agrônomo como o pai, e também um irmão, Jules, um e outro formados pela Escola de Gembloux como o pai. A ESALQ preserva a documentação de Morimont: cartas, relatórios técnicos. Teve textos de sua autoria publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* e na *Revista Agrícola*,

em favor do ensino de agronomia. “Otimista, confiante na pujança do Brasil e no potencial econômico paulista”, Morimont propôs para a futura escola de agronomia em Piracicaba “um bem dosado equilíbrio entre teoria e prática, havendo esta por predominar sobre aquela” (Perecim, 2003).

**MORINI, Irmãos** (Séc. 20). Proprietários da casa São Miguel, tradicional vidraçaria piracicabana, à rua Prudente de Moraes, nº 630. Além dos vidros e espelhos, comercializavam por atacado e varejo estampas e artigos religiosos e tinham à venda “telas a óleo de pintores catalogados, para decoração de residências, escritórios e estabelecimentos”, conforme anúncio no *Guia de Piracicaba* de Camargo e Navarro (1958).

**MORLET, Jean Joseph**. N. França, Séc. 20 ? Engenheiro, industrial. C.c. Victória Morlet. F: Janette. Juntamente com Américo Perissinoto (v.), montou na Vila Rezende, onde residia, uma importante fábrica de destiladores, à rua Dr. João Conceição, nº 1145: a Morlet S.A. Equipamentos para Usinas de Açúcar e Destilarias (Krähenbühl, 1955; Righetto, 1966; Aldrovandi, 1991). Valendo-se das colunas de destilação e retificação fabricadas pela Morlet, Umberto Aldrovandi (v.) passou a produzir álcool, que, por ocasião da 2ª Guerra Mundial (1939-45), era misturado à gasolina pelos motoristas de praça em seus veículos. “Isso acontecia, já em 1940, com sucesso”, segundo Aldrovandi. Um anúncio publicado por Righetto em 1966 refere-se à Morlet S.A. como “construtora de destilarias de álcool de todos os tipos, equipamentos para usinas de açúcar, patente da Fives-Lille da França para todos os processos de desidratação de álcool” e “caldeiraria especializada em materiais não ferrosos: cobre, alumínio e aço inoxidável, com larga experiência nesse setor de caldeiraria”.

**MORRONE, Luís**. N. São Paulo, SP,

1906. F. São Paulo, SP, 1998. Escultor, viveu durante muitos anos no bairro paulistano de Higienópolis. Discípulo de Ettore Ximenes, participou de numerosos salões e exposições, a partir do Salão de Belas Artes de Porto Alegre, RS, em 1940 e do Salão Paulista de Belas Artes, onde obteve pequena medalha (1941, 1948) e a grande medalha de Ouro (1957). Acumulou numerosos outros prêmios, como o primeiro prêmio da Prefeitura de São Paulo (1945), o prêmio governo do Estado de São Paulo de 1954, o prêmio de viagem ao país (1958), o prêmio aquisição (1961) e prêmio da Assembléia Legislativa paulista (1965); a medalha de prata do Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1950; as medalhas de ouro do Salão Pan-Americano de Arte (Porto Alegre, RS, 1958) e do Salão de Belas Artes de Piracicaba em 1961 e 1963. Foi membro da diretoria do comitê Brasileiro da Associação Internacional de Artistas Plásticos (1974-75). Autor de inúmeros bustos e esculturas de piracicabanos notáveis, desta-cando-se ainda, na sua vasta obra, monumentos como os de Fernando Costa, Anchieta (Itanhaém, SP), Militar (Pinacoteca do Estado de São Paulo) e bustos como os de Vital Brasil e Menotti del Picchia (1948). O busto de Luiz de Queiroz, à frente do edifício principal da ESALQ, é de sua autoria. Amigo de Piracicaba e dos piracicabanos, manteve um seletto círculo de amigos na cidade que, atraídos pela sua bonomia e pelo seu talento, o acolhi-am em suas residências e o cumulavam de gentilezas.

**MOSCHINI, Irmã (Maria Felicíssima da Eucaristia)** (Séc. 20). Filha de Luigi Moschini e Stefânia Zenatti Moschini. F. aos 73 anos de idade, era religiosa das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria em Piracicaba. Irmã da religiosa Franciscana do Coração de Maria irmã Maria Luigia Moschini.

**MOURÃO, Francisco Alves** (Séc. 19). Piro-técnico. Fabricava e comercializava foguetes e fogos de artifício no Bairro Alto, à rua Direita,



nº 9 (atual rua Moraes Barros), em fins do século 19. Outro fogueteiro piracicabano dessa época era José Mafaldo de Oliveira, com casa à rua Ipiranga (Camargo, 1900). Os fogueteiros era profissionais de prestígio nos séculos progressos, pela contribuição que davam às numerosas festividades, públicas e particulares, mantendo, assim, entre nós antiga tradição herdada de Portugal, desde os tempos coloniais.

**MOURÃO, Luís Antônio de Souza Botelho, Morgado de Mateus** (Séc. 18). Fidalgo português, nono governador e capitão-general da Capitania de São Paulo, que governou até 13.6.1775. Na carta patente de 12.1.1765 que restabeleceu a Capitania de São Paulo, o rei de Portugal, D. José, nomeou d. Luis Antônio para governá-la. Desembarcou em Santos a 7.4.1766. Nesse mesmo ano, o governo confiou ao ituano Antônio Correa Barbosa (v.) a tarefa de organizar uma povoação nos então sertões de Piracicaba, “mais adiante de Araritaguaba (a Porto Feliz de hoje em dia), última povoação em que se embarca para Cuiabá”. Em seu discurso de posse no governo paulista, o Morgado de Mateus diz que, encarregado pela coroa portuguesa de restabelecer o “antigo esplendor” da capitania, pretendia, para tanto, “acrescentar suas povoações, estender aos confins dos seus domínios, fertilizar os campos com a agricultura, estabelecer na terra diferentes fábricas, idear novos caminhos, penetrar incógnitos sertões, descobrir o ouro das minas, fortificar suas praças, armar o seu exército, fazer respeitar as leis e respeitar as justças”. Após mencionar essas suas palavras, Belloto (1979) assevera que “estas foram, realmente as coordenadas de sua administração durante os dez anos que durou: exploração territorial, povoamento e urbanização, fomento econômico, fortalecimento militar e organização burocrático-administrativa”. Diretivas que redundaram, entre outros resultados, no surgimento oficial de Piracicaba, fundada

a 1.8.1767. A nova povoação surgiu com propósitos estratégicos, já que se situava no caminho que conduzia a Cuiabá, onde tinham sido descobertas minas de ouro em 1718, convertendo-se depois em entreposto comercial e centro de abastecimento das regiões de Rosário, Diamantina e Livramento. Além disso, a região piracicabana se enquadrava nos planos militares do Morgado de Mateus, que originariam uma colônia à margem do rio Iguatemi, na fronteira do Paraguai. Segundo Mário Neme (1943), “a rigor, a criação de Piracicaba se deve exclusivamente ao regime de intenso militarismo inaugurado na Capitania por d. Luís Antônio. Com o objetivo de consolidar a nova povoação, o governador dos paulistas mandou provisão para o erguimento da respectiva capela, sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres (1770). Piracicaba foi elevada a freguesia durante o seu governo, em 1774. Só dez anos depois o governo autorizou a mudança desta para o lado esquerdo do rio, tido como mais amplo e saudável (Pfromm Netto, 2001; G. Vitti, *Jornal de Piracicaba*, 26.7.2001). Além de ligar-se às origens de Piracicaba, d. Luís Antônio tem lugar de honra na história paulista como o governador que, auxiliado por sertanistas bandeirantes, devassou as regiões do Ivaí, Iguatemi, Tibaji, Iguaçu, Piquiri e Guarapuava, e fundou inúmeras vilas e colônias militares.

**MOYSÉS, Jorge (Gito)**. N. 1923. F. Piracicaba, 24.10.1989. C.c. René Santana Moysés. Ff. : João Netto, Jorge Filho, Roberto, Renato. Comerciante e político que gozava de geral estima em Piracicaba, foi vereador (1960-63). Seu nome faz parte da relação dos associados homenageados “in memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba (Salum, 2003). A mesma fonte menciona a existência, no século vinte, do estabelecimento comercial Casa Regente, de propriedade de Davi Moisés, na esquina da rua Regente Feijó com a rua do Rosário, e se refere a João Moisés (v.). No Jardim

Vitória há uma rua com seu nome.

**MÜLLER, David** (Séc. 19-20). Professor, esportista. De origem germânica, fixou-se em Piracicaba, onde se destacou nas primeiras décadas do século 20 como professor de educação física, futebolista e jogador de basquete. Fez parte do quadro de professores da antiga Escola Normal de Piracicaba, figurando neste por ocasião da inauguração do novo (e definitivo) prédio da escola na rua São João, em 11.8.1917.

**MÜLLER, Esmeraldo Lopes** (Séc. 19-20). Comerciante. Pertenceu à primeira diretoria, como 2º secretário, da Associação Comercial de Piracicaba, e à diretoria do jubileu de prata da entidade, em julho de 1958. Era de Esmeraldo Müller & Cia. a Agência Chevrolet à rua Prudente de Moraes nº 172, de venda de veículos (automóveis, caminhões), peças, acessórios, pneus e rádios. Mantinha oficina mecânica, que oferecia, entre seus serviços, “solda autogênica e carga de acumuladores”, como se lê em anúncio da agência no almanaque *Piracicaba* de Mário Neme (1936). Esmeraldo Müller foi diretor comercial da Telefônica Piracicaba S.A. (Krähenbühl, 1955). Uma praça no Jardim Esplanada evoca seu nome, perto da avenida São Paulo. Um texto de sua autoria, historiando as origens e a expansão da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, faz parte da *Polianteia comemorativa do jubileu de prata da fundação*, publicado pela associação em julho de 1958. No Jardim Esplanada situa-se a praça Esmeraldo Lopes Müller.

**MÜLLER, Jacob** (Séc. 19). Marceneiro, estabelecido em Piracicaba (então município da Constituição) por volta de 1870. Seu nome está na relação de profissionais ativos na cidade na área de artes, indústrias e ofícios que faz parte do almanaque do Estado de S. Paulo de Luné e Fonseca (1873). Outros marceneiros da mesma época: Bertholdo Graner, Luiz França e Pedro

Blumer (v).

**MÜLLER, Júlio** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário de tradicional relojoaria e bijuteria à rua Prudente de Moraes, nº 38. Um anúncio publicado na passagem do século refere-se ao “grande sortimento de jóias de ouro, prata, brilhantes e outras pedras finas, relógios de ouro, prata, níquel e de parede”. Comprava ouro, prata e pedras preciosas e mantinha no estabelecimento uma oficina de relojoeiro e ourives (Camargo, 1900).

**MUNHOZ, Irmãos** (Séc. 20). Comerciantes e industriais. Era de sua propriedade uma grande casa de comércio e exportação, cereais, açúcar e benefício de arroz, a Casa Munhoz Comércio e Indústria, à rua Moraes Barros nº 1067 (posteriormente Supermercado Munhoz, com seção de atacado à rua São José, nº 1064), com filial na capital paulista. Francisco Munhoz, n. Piracicaba a 12.9.1911, liderava o grupo, que também atuava no setor de rações, com a empresa de Rações Ceres. Foi casado com Consuelo Carvalho Munhoz, com quem teve três filhos. Presidiu a Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba de 1953 a 1955, foi um dos fundadores do Clube de Campo de Piracicaba e ocupou a presidência do Rotary Club Piracicaba. Em 1966 elegeram-no para a Provedoria da Santa Casa de Misericórdia, permanecendo no cargo até 1969. A despeito das dificuldades que enfrentou, tomou várias medidas importantes para a dinamização e o aprimoramento das instalações e serviços da Santa Casa, entre as quais a ampliação da maternidade Amália Dedini, a instalação do pavilhão Monsenhor Rosa, destinado à pediatria, a ampliação do centro cirúrgico (que recebeu o nome de Rosa Carmignani), a construção do centro de recuperação viabilizada graças a doação dos industriais Alcides e João Carmignani (v. Caetano Carmignani), a reforma do pavilhão de mulheres e as providências iniciais para a criação e instalação da escola de enfermagem

na Santa Casa, inaugurada em 1969, na gestão do provedor Fleury Bottene (v.) (Krähenbühl, 1955; Moratori, 2004). Outro Francisco Munhoz viveu igualmente em Piracicaba no século 20. Foi casado com Encarnação Martins Munhoz, n. 1908 e f. Piracicaba em 23.5.2004, deixando os filhos João Antônio, Francisco Filho, Valdomiro e Araci. Residiu à rua Faria Filho, nº 185, no bairro João Conceição. Pertenceu aos Munhoz a Transportadora Piracicaba, com sede à rua São José, nº 1080 (Righetto, 1966).

**MUNIZ, Joaquim Viegas.** N. Portugal. F. Piracicaba 1883. Engenheiro. Introduziu em Piracicaba a realização da Festa do Divino, então conhecida como Folia do Divino, sob a forma tanto de procissão fluvial como de rua, em 1826. Segundo a tradição, a festa, originária de Portugal, tinha o caráter de pagamento de promessa e busca de proteção divina, por ocasião das epidemias que afligiam os moradores da rua do Porto. Viegas Muniz foi quem primeiro teve a idéia de promover o Encontro das Bandeiras no leito do rio Piracicaba. “Os festeiros da Igreja, ou Comissão da Igreja, os seus auxiliares, ou alferes da Bandeira e os mordomos não mais receberiam a Folia do Divino em terra, mas na água, no primeiro cortejo no leito de um rio que se teve conhecimento no Brasil”. (*Jornal de Piracicaba*, 18.7.1976 e 11.9.1983; Krähenbühl, 1955).

**MUNIZ, José Viegas.** N. Botucatu, 6.1.1806. F. Piracicaba, 3.2.1869. C.c. Gertrudes Ferraz de Camargo. Após passar a primeira fase de sua existência na terra natal, mudou-se para Piracicaba, dedicando-se a cafeicultura. “Religioso, fugia da política e se dedicava intensamente às campanhas de cunho social”, de acordo com Moratori (2004). Acabou, contudo, por filiar-se ao partido da oposição, o Partido Liberal. Seu entusiasmo pelas festas religiosas foi marcante, notadamente em relação à Semana Santa e à Festa do Divino. Muniz participou dos empenhos que resultaram na fundação,

em 1854, da Santa Casa de Misericórdia, sendo eleito nessa ocasião para a vice-presidência da irmandade, que teve José Pinto de Almeida (v.) como presidente. Foi provedor da Santa Casa de 1864 a 1869, ano em que faleceu. Juntamente com Miguel (Miguelzinho) Dutra, Antônio da Costa Carvalho (vv.) e outros, fez parte das comissões encarregadas de elaborar a planta do edifício do hospital da Santa Casa, cuja construção teve início em 1865 e foi concluída em 1883. Durante as provedorias de Emygdio Justino D’Almeida Lara (1858-59) e Joaquim D’Almeida Leite Moraes (1859-64) (vv.), Muniz ocupou na mesa diretora o cargo de mordomo dos presos.

**MURBACH, Balthazar** (Séc. 19). Comerciante. Proprietário de uma padaria no então município da Constituição, por volta de 1870 (Luné e Fonseca, 1873).

**MUSSI, Alfredo** (Séc. 20). Produtor e locutor de rádio. Atuou na PRD-6, Rádio Club de Piracicaba, posteriormente Rádio Difusora, quando esta foi dirigida por seu fundador, João Sampaio Góes, de 1933 a 1950. Seus programas tinham audiência expressiva e promoviam concursos com premiação. Um deles, “Caixa de Surpresas”, apresentado nos dias ímpares às 17h30, sob o patrocínio da alfaiataria de Salvador Paulillo (v.), anunciava no *Jornal de Piracicaba* de 12.10.1941: “Quem escrever acertando o nome da valsa brasileira que está encerrando a Caixa de Surpresas terá como prêmio um costume de casimira Espádua inglesa sob medida, no valor de 200\$000, confecção da famosa alfaiataria da sua confiança Paulillo Alfaiate” (Guidotti, 2002). Rontani (*Jornal de Piracicaba*, 30.5.1962) e outras fontes listaram nomes dos que atuaram como locutores na antiga PRD-6: Manoel Lopes Alarcon (v.), Almeida Filho, Bento Amaral, Eunice Aparecida, Lázaro Armando, Arnaldo Arnould, Nélio Ferraz de Arruda (v.), Roberto de Barros, Rubens de Oliveira Bisson (v.), Carlos Cantarelli, Dirley de Almeida

Canto, Cacilda Cavaggoni (*née* Azevedo) (v.), Ulisses Cury, Wilson Esteves, Antônio José Fabris, José Laerte Ferraz, Demerval Garcia, Armando Gaspar, Hélio Guimarães, Júlia Tekla Kohleisen (v.), Oswaldo Luís, Roberto de Mattos, Ulisses Micki, Monteiro Netto, Enéas Lemaire de Moraes (v.), Roberto Moraes, Clemente Nelson, Geraldo Nunes (v.), Darci de Oliveira, Samuel Pfromm Netto, Luiz Rolando, Antônio Santana, Francisco Santana, Cláudio Schüller, Carlos Silveira, Armando Silvestre, Carlos Y. Stievan. Rontani destaca ainda, entre os locutores vindo de outras cidades que atuaram no rádio piracicabano: Juez Camargo, Idalício Castellani, Maria Cecília, Fazzio Júnior, Ferraz Filho, Valter Gonçalves, Paulo Guedes, Calife Jorge, Seme Jorge, Sérgio de Oliveira, Odaly Ortolano, Célia Regina, Moura Vianna. Refere-se igualmente a alguns dos nomes de destaque no rádio e na televisão do país que iniciaram suas carreiras em Piracicaba, como Belinazzo Neto (Léo Batista), Gil Gomes, Marconi Júnior, Olavo Marques, Francisco Ferreira Milani (v.) e José Rosa.

**MUTSCHELLE Francisco.** N. Piracicaba, séc. 20. F. São Paulo, SP. Professor. Ordenado padre por d. Ernesto de Paula (v.) em 8.12.1946, foi reitor do Seminário Diocesano de Vila Rezende a partir de 1954. A 9.7.1954 foi nomeado cônego honorário pelo Bispo Diocesano d. Ernesto de Paula e a 12.3.1955 recebeu nova nomeação, vinda do Vaticano, tornando-se monsenhor (camareiro secreto). Posteriormente, deixou o sacerdócio. Contraiu matrimônio com a pedagoga e professora primária, secundária e universitária Marly Santos Mutschelle, n. Rio de Janeiro, que lecionou em Piracicaba nas Faculdades de Serviço Social (1967-68) e de Educação Piracicabana (1967-69), assim como no Instituto de Educação Sud Mennucci, no Colégio Piracicabano, no Colégio N. S. da Assunção e outras instituições. O casal residiu durante muitos anos na capital paulista. Guerrini (Jornal de Piracicaba, 1.9.1985) evoca

um cidadão alemão que viveu em Piracicaba no século 19, Gotto Mutschelle, ao que tudo indica antepassado de Francisco Mutschelle. Fazem parte igualmente do passado piracicabano Jacob Mutschelle, homenageado com a atribuição do seu nome a uma rua do bairro Morumbi, junto à avenida Prof. Alberto Vollet Sachs, e o Monsenhor Lázaro Mutschelle, homenageado “in memoriam” pelo Lar dos Velhinhos de Piracicaba em 24.8.1986 com a outorga do título de Benemérito.





**NABHAN, Saad (Assad)** (Séc. 20). Comerciante. Eleito vice-presidente da Sociedade Beneficente Síria (posteriormente Sociedade Beneficente Sírio Libanesa), por ocasião da fundação desta, em eleição realizada a 27.11.1902. Foi o quarto presidente da Sociedade, em 1905 (Salum, 2003).

**NADER, Youssef Ibrahim** (Séc. 20). C.c. Sara Youssef Ibrahim Nader, n. 1920 e f. Piracicaba, 5.8.2007. F.: Sabat. A esposa Sara era filha de Habib Helal e Jamile Assad Helal. As famílias Nader e Helal fazem parte do núcleo de sírio-libaneses que desde os começos do século 20 passaram a figurar na história de Piracicaba. Salum (2003) menciona Elia Youssef Nader como integrante do quadro social da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba por ocasião do Jubileu de Diamante desta (1977).

**NAHAS, Joudath (Jaudete)** (Séc. 20). Comerciante. Pertenceu à Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. Fazia parte de seu quadro social à época do jubileu de diamante da entidade (1977) e tem seu nome entre os dos associados homenageados “in memoriam” pela sociedade (Salum, 2003). A fonte aqui referida registra igualmente outro comerciante piracicabano pertencente à família Nahas: Munir Nahas, proprietário da Casa Confiança, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1140. Na passagem do século, Camargo (1900) referia-se à loja de fazendas e armarinho de Abto Nass

(Abdo Nahas?) no largo do Jardim (praça José Bonifácio).

**NAIME, Latif Jorge** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Nair Haidar Naime. Ff.: Yvonne, Walter. Um dos sócios da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa cujos nomes constam da relação dos homenageados “in memoriam”, reproduzida por Salum (2003). Proprietário do Bar e Sorveteria à rua Benjamin Constant, na esquina da rua Dr. Paulo Pinto. Na lista dos homenageados “in memoriam” consta igualmente o nome de Habraim Naime.

**NAPO, Germano** (Séc. 19-20). Comerciante. Contribuinte municipal que pagava impostos à prefeitura em fins do século 19 (Camargo, 1900). Tinha uma casa de carnes à rua Treze de Maio.

**NAPOLEÃO, José, alferes** (Séc. 19-20). Comandante do destacamento de polícia em Piracicaba, na passagem do século. O efetivo do destacamento compunha-se de 22 praças (Camargo, 1900).

**NAPTI, Tufi Elias** (Séc. 20). Comerciante. Seu nome está no quadro social da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa correspondente ao ano do jubileu de diamante desta, em 1977, assim como na relação dos sócios homenageados “in memoriam” pela sociedade (Salum, 2003).

**NARDIN, João** (Séc. 19-20). Italiano de

nascimento, filho de Antônio Nardin, c.c. Carmelina Franco Nardin. Ff.: Mons. José (v.), Maria do Carmo, Antônio Neto, Osvaldo, Eugênio, Hélio, Cecília, Therezinha, Raul. Estabeleceu-se com marcenaria e foi co-proprietário de empresa com os irmãos Luiz e Paulo. Teve como sucessoras a Fábrica de Móveis de Eugênio Nardin, à rua Tiradentes, nº 1012, “especializada em móveis de estilo” (Krähenbühl, 1955) e a firma Móveis Paulo Nardin, de Nardin e Checolí, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 826, com escritório na capital, à rua São Paulo, nº 245 (Marques, 1959). Quatro cidadãos italianos Nardi (?) viveram em Piracicaba no início do século 20: Antônio, Giacomio, Giovanni e Paolo Nardi. O primeiro está na lista dos que não se naturalizaram (1904) e os demais nas relações de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em 1907 (Alleoni, 2003). Em Righetto (1966) há um anúncio da Auto Importadora Nardin Ltda., à rua D. Pedro I, nº 821, dedicada ao comércio de peças e acessórios em geral e para tratores.

**NARDIN, José, Monsenhor.** N. Pira-cicaba, 8.7.1915. F. Piracicaba, 27.7.2008. F. de João Nardin (v.), ordenou-se a 9.1.1938. Em 1944 participou do Congresso Eucarístico Regional de Piracicaba, cujo encerramento se deu quando a diocese foi instalada. Foi capelão da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Atuou como pároco da Catedral e foi Vigário geral em Campinas em quase toda a sua vida sacerdotal, tendo exercido igualmente o sacerdócio em Mogi Mirim. Nos derradeiros anos de vida, foi capelão do Lar dos Velhinhos, onde residiu desde 2004. Foi “o padre Vieira de Piracicaba, o maior orador sacro da cidade” (Jairo R. Mattos). “Uma pessoa bonís-sima, mas intransigente na defesa da nossa igreja” (Mons. Jorge Simão Miguel).

**NARDINI, Alfredo.** N. Itália, séc. 19. Professor. A *Gazeta de Piracicaba* de 19.6.1892 menciona-o como responsável pela Escola Ítalo Brasileira, em funcionamento diurno e noturno,

no largo da Cadeia (atualmente, praça Tibiriçá). As matérias lecionadas eram: italiano, latim, português, caligrafia, aritmética, geometria, geografia, história da Itália e do Brasil etc. Os valores cobrados eram os seguintes: curso diurno, com as matérias mencionadas, exceto o latim, que constituía curso especial, 5\$000; curso noturno de português, 5\$000; curso noturno de italiano, 8\$000. A escola garantia “a maior dedicação e zelo no desempenho desta missão”, esperando “merecer o benévolo acolhimento do público” e chamava atenção “da classe operária para o curso noturno”. Antes de Nardini, como “Escola Italiana, Externato Diurno e Noturno”, fundada a 17.1.1893, tinha como responsável o prof. Guglielmo Togneri (v.) (Alleoni, 2003).

**NASCIMENTO, Avelino Franco do** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário do “Sport Piracicabano” (antiga Casa Fachada), casa de diversões, bilhares, jogo de bola, tiro ao alvo, etc. Segundo anúncio (Capri, 1914), tinha “sempre bebidas finas, cervejas geladas das melhores marcas, cigarros, charutos, laticínios, doces e sanduíches”, à rua Moraes Barros, nº 84. Em 1914 fez parte da diretoria da Sociedade Beneficente Operária, fundada a 9.11.1902, que tinha a caridade e a instrução por divisa, Serafim Franco do Nascimento. A sociedade, nessa ocasião, contava com Acácio Leite do Canto como presidente e Carlos Martins Sodero como vice-presidente (vv), sendo este último também diretor da escola noturna mantida pela organização.

**NASCIMENTO, Ayrton.** N. 7.12.1920. F. Piracicaba, 16.5.1998. Casado, quatro filhos. Cantor, com escritório de licenciamento de veículos à rua Santo Antônio. Foi o “querido cancionista de voz suave como veludo” (N. de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 4.3.1999). Seu avô, João Chrisóstomo do Nascimento, era fazendeiro de café, e sua avó paterna era uma índia Paiaguá. Acompanhavam-no nas serestas vários grupos



## NASCIMENTO, Flávio

musicais, entre os quais o Conjunto Serenata. “Possuía um rancho em Ártemis, onde recebia os amigos, que formavam um conjunto de serestas... Interpretava suas melodias com a alma e o coração cheios de amor!” (N. de Cillo).

**NASCIMENTO, Flávio.** N. 1929. F. 1986. C.c. Dinorá Usberti Nascimento. Professor. Formado pela Escola Normal Sud Mennucci e muito estimado, teve atuação expressiva na área educacional piracicabana. Faleceu vítima de acidente automobilístico, quando viajava com a esposa, na estrada de Amparo-Campinas.

**NASCIMENTO, Lineu Cotrim do.** F. Piracicaba, 22.10.2005. Professor. Além de exercer o magistério e atuar na vida econômica e social de Piracicaba, foi um dos diretores do Centro de Professores de Piracicaba por volta dos anos setenta, ocupando o cargo de tesoureiro da entidade.

**NASCIMENTO, Serafim F. do** (Séc. 19-20). Proprietário do “Armazém de secos e depósito de fumos” na praça do Mercado Municipal, nº 2, por volta da passagem do século. Publicou no almanaque de Camargo (1900) anúncio no qual declarava que tinha “sempre em depósito feijão, arroz, café, banha, farinha, açúcar, fósforos, bacalhau etc.” a preços módicos.

**NASIM (NASSIN) Sagi** (Séc. 20). C.c. Farid Salum Nasim, f. 6.3.2006. Ff.: Jorge, Ignácio, Sérgio Ademir. Comerciante, um dos associados constantes da relação “in memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba. Salum (2003) menciona Jorge Salim Nassin como dono da loja Helena Modas, à rua d. Eugênia. Segundo a mesma fonte, Sagi Nassin foi mascate (vendedor ambulante) em Piracicaba, na década de 30.

**NASSAR, Rafik** (Séc. 20). Comerciante. Fez parte do quadro social da Sociedade Beneficente

Sírio Libanesa de Piracicaba e tem seu nome inscrito no rol dos associados homenageados “in memoriam” pela referida sociedade. Salum (2003) menciona-o como membro do quadro social do ano do jubileu de diamante da entidade (1977) e faz igualmente referência a Jamil Nassar, diretor vogal naquela ocasião.

**NATALI, Lauro.** N. Teófilo Otoni, MG, séc. 20. Economista, professor, filatelista. Fixou-se em Piracicaba em 1957, passando a atuar como secretário executivo da recém-criada Faculdade de Farmácia e Odontologia. Formado em economia pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo (Fundação Álvares Penteado), lecionou na Universidade Metodista de Piracicaba e liderou o movimento filatélico local, mantendo durante muitos anos uma coluna especializada no *Jornal de Piracicaba*, desde 1962. Fundou o Clube Filatélico de Piracicaba e foi um dos criadores da Associação Brasileira de Filatelia. Presidiu o Conselho Deliberativo do Clube Coronel Barbosa e fez parte da diretoria do Lar dos Velhinhos, como seu secretário. Recebeu numerosos prêmios nacionais e internacionais ligados à filatelia, assim como medalhas, diplomas e honrarias, entre as quais a medalha Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Foi sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba desde 1986.

**NATIVIDADE, Francisco de Paula Silva** (Séc. 19). Funcionário público. Luné e Fonseca (1873) referem-se a Natividade como responsável pela agência do correio do município de Constituição naqueles tempos.

**NAVAL, Vicente** (Séc. 19-20). Comerciante, proprietário do armazém de secos e molhados à rua Moraes Barros, nº 398, registrado com capital de 40:000\$000 no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, como sócio nº 52 (Guidotti, 2002). O armazém de Vicente Naval

é citado em fins do século 19 por Camargo (1900), que o localiza na rua Direita, nº 2 (antiga denominação da rua Moraes Barros). Vicente Naval foi pai do esportista Vicente Naval Filho, o “Gatão” (v). Há uma rua Vicente Naval, junto à rodovia Luiz de Queiroz.

**NAVAL FILHO, Vicente (Gatão).** N. Piracicaba, 10.5.1928. F. Piracicaba, 2.3.1995. Esportista. Jogador de futebol do E. C. XV de Novembro. Foi quem marcou o maior número de gols e mais jogou pelo clube. Sagrou-se campeão do IV Centenário de São Paulo em 1954, como jogador do E. C. Corinthians Paulista. Destacou-se como um dos mais populares e estimados profissionais de futebol do passado. Começou no futebol atuando em clubes piracicabanos amadores, entre os quais o do Colégio Piracicabano e o da ESALQ. Após fazer parte do time principal da Sociedade Esportiva Palmeiras local (1944-45), ingressou no XV de Novembro, permanecendo neste até 1952, quando passou a jogar na capital paulista, no Corinthians. Retornou ao XV de Novembro (1955-60). Nos anos de 1959, 1961, 1964, 1967, 1970 e 1986 atuou como técnico de futebol do clube. Foi também técnico dos times da Ferroviária de Botucatu, Paulista de Jundiá, Inter de Limeira e Velo de Rio Claro. Seus filhos Tatau, Gatãozinho, Luiz Cláudio e Paulo Roberto foram igualmente futebolistas.

**NAVARRO, Antônio de Moraes** (Séc. 19). Fazendeiro. O “Almanaque de São Paulo” de Luné e Fonseca (1873) destaca-o como um dos lavradores piracicabanos na segunda metade do século 19.

**NAXARA, Alfredo** (Séc. 19-20). Compositor, músico. O catálogo de partituras editadas pela Casa Levy de São Paulo, na segunda década do século vinte, inclui uma polca composta por Naxara, com o título *Noiva da Colina*. É de se presumir que seu autor seja piracicabano ou um

músico de fora encantado com as belezas da cidade, a ponto de nomear a polca que compôs com o belo epíteto criado por Brasília Augusto Machado de Oliveira (v) para a cidade em que viveu e atuou como promotor público, de 1873 a 1876. Brasília Machado usou-o como título para seu poema sobre Piracicaba.

**NECHAR, Família** (Séc. 20). Comerciantes e industriais, os Nechar figuram com destaque no passado piracicabano pelos seus empreendimentos e iniciativas e pela sua participação na vida social e comunitária da cidade. Alberto Nechar, n. 10.5.1884 e f. 10.6.1944 em Piracicaba, foi c.c. Helena Nechar (1889-1959). Jorge Nechar, n. 21.12.1906 e f. a 12.2.1965 em Piracicaba, foi c.c. Dulcina Farah Nechar, n. 4.6.1908 e f. Piracicaba a 30.11.1990. Izidoro Nechar faleceu em Piracicaba a 23.10.2005. N. K. Costa, no *Jornal de Piracicaba* (1.9.1992), refere-se a Antônio Nechar, seu amigo. Na relação dos antigos sócios da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba, homenageados “in memoriam” (Salum, 2003), encontram-se os nomes de Abdala Nechar, Elias Nechar, George (Jorge) Nechar, Jamil Nechar e Pedro Nechar. Este último, n. Piracicaba a 5.9.1927 e filho de Alberto Nechar, casou-se com Isis Tabith Nechar, ff. Carlos Augusto, Luis Alberto e Pedro Júnior. Radicado em Catanduva, SP, foi prefeito da cidade nos anos 70. Comerciante e formado em contabilidade, ocupou vários cargos honrosos, fez parte de inúmeras organizações filantrópicas catanduvenses e gozou de grandes prestígio e estima na comunidade. Os Nechar têm seus nomes associados à Fábrica de Balas e Caramelos Nechar, à rua Voluntários de Piracicaba, nº 1048, na esquina da avenida Armando de Salles Oliveira, e à firma Café Nechar, à rua Moraes Barros, na esquina da rua Manoel Ferraz de Arruda Campos. Existe uma rua no jardim Monte Lino II, cujo nome homenageia Jorge Nechar, paralela à avenida Raposo Tavares e perto da avenida São Paulo.

**NEDER, Antônio.** F. Piracicaba, 6.11.1964. C.c. Diva Neder. Ff.: Elmosa, Rahme Nelly, Antônio Carlos, Zaíra. Comerciante, proprietário da Casa São Carlos, loja à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1027, que anteriormente pertenceu a Romão Neder (v.). Pai do professor universitário, pesquisador e cirurgião dentista Antônio Carlos Neder, que dirigiu a Faculdade de Odontologia de Piracicaba e foi vice-reitor da Universidade Estadual de Campinas, e da engenheira agrônoma Rahme Nelly Neder, f. 2008, formada pela ESALQ em 1954, doutora em 1957 e professora na mesma escola desde 1958, c.c. engenheiro agrônomo e igualmente professor da ESALQ Hélcio Falanghe. Morreu vitimado pela tragédia que abalou Piracicaba e repercutiu no mundo inteiro: o desabamento do edifício Luiz de Queiroz (Comurba), com quinze andares, 40 m de altura e 54 apartamentos construídos. A catástrofe resultou em 45 mortos e dizimou famílias inteiras, entre as quais a do comerciante Francisco Candeias Coroa (v.), que perdeu a mulher, três filhas e a sogra. Neder faleceu na sarjeta, abraçado a um menino de oito anos, filho do proprietário da casa Ópera de artigos eletrodomésticos, Ludovico Felipe, que morreu igualmente nessa ocasião, dentro de sua loja, totalmente destruída. Figuras de destaque da comunidade sírio-libanesa de Piracicaba, os Neder tiveram quatro dos seus familiares incluídos na lista “in memoriam” em homenagem a sócios falecidos da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba: Antônio Neder, José Neder, Romão Neder (v.) e Youssef Miguel Neder (C. Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 23.11.2003; Salum, 2003).

**NEDER, José.** N. Piracicaba, 12.5.1921. F. São Paulo, SP, 6.2.1983. C.c. Christina Ribeiro Neder. Ff.: Romão Neto, João José, Leila Aparecida, Sérgio Ricardo, Christina, Zahira. Médico, filho de Romão Neder (v.), cursou inicialmente a escola primária em Campinas, SP, no Ateneu Paulista, completando seus

estudos em Piracicaba, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Após fazer os cursos ginásial e colegial no Colégio Piracicabano, estudou na Faculdade de Medicina da PUC-Sorocaba, recebendo seu diploma de médico em 1957. Especializou-se em urologia e tornou-se assistente da Clínica Urológica da faculdade em que se formou. Estagiou na clínica urológica do Hospital das Clínicas de São Paulo e ao longo de quinze anos fez parte da equipe médica do Hospital do Servidor Público, onde ajudou a organizar o serviço de urologia, do qual foi médico-cirurgião, e chefiou o setor de ambulatório de urologia. Lecionou clínica urológica em Sorocaba e no curso de enfermagem do Hospital do Servidor Público do Estado. Durante mais de vinte anos exerceu cargos importantes na área médica, em centros de saúde de Piracicaba, São Paulo e Amparo. Esportista, destacou-se como integrante de equipes de futebol (E.C. XV de Novembro), voleibol e bola ao cesto. Cambiaghi (1984) ressaltou “seu gênio expansivo, sua cordialidade, sua bondade de coração”, seu apego à família e seus méritos profissionais. Residiu em chácara no bairro Nova Piracicaba e teve consultório à rua Governador Pedro de Toledo.

**NEDER, Romão.** N. Líbano, 1892. F. Piracicaba, 8.12.1930. C.c. Zaíra Jorge Roston Neder. Ff.: Diva, Labiba (Habibe), Antônio, José (v.), Mathilde. Comerciante, começou como mascate em Piracicaba, juntamente com a esposa, por volta da segunda década do século vinte, valendo-se de um carro Ford abarrotado de peças de tecidos e armarinhos. Tornou-se proprietário de loja na rua Governador Pedro de Toledo, que, por ocasião da sua morte, passou a ser administrada pela esposa e por Antônio Neder (v.), a quem coube dar continuidade ao negócio, como Casa São Carlos. Deve referir-se a essa loja a menção de Salum (2003) a “Zaíra Neder, tecidos, à rua Governador Pedro de Toledo, frente ao mercado”, na sua

relação de antigos estabelecimentos comerciais piracicabanos dirigidos por árabes radicados na cidade. A esposa, Zaíra, pertenceu à numerosa família dos Roston (v), nove irmãos que deixaram o Líbano e, exceto um deles, se fixaram em Piracicaba e São Pedro (M. Neder, comunicação pessoal, 2007), provavelmente pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Há uma rua *Zaíra Neder* no bairro Água Seca, junto à rua Narcisa Chessine Ometto. Romão e Zaíra Neder foram pais de uma insigne psicóloga, Mathilde Neder, formada pela USP, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e responsável pelo setor de Psicologia Médica do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, que presidiu a Academia Paulista de Psicologia.

**NEGREIROS, Estêvão Cardoso (de), capitão mor.** N. c. 1781, Meia Ponte (atual Pirenópolis), GO. F. c. 1846 (Rio Claro, SP ?). C.c. Bárbara de Almeida Paes, em 2<sup>as</sup> núpcias. Seis filhos. Era filho do ituano Lourenço Cardoso de Negreiros e Maria Leite de Araújo, prima irmã de frei Antônio de Santana Galvão, canonizado em 2007. Estêvão fez carreira nas tropas milicianas e gozou de todas as vantagens oferecidas pelos postos militares, conquanto não recebesse nenhum soldo, não sendo, pois, militar no sentido estrito. Alferes aos 18 anos de idade (1798), tenente (1806) e capitão (1810), foi, a pedido, reformado por patente real de D. João VI em 1819. Viveu com a esposa na cidade de São Paulo a partir de 1804, dedicando-se ao negócio de fazenda seca. Mudou-se para Itu, SP (1808) e enviuvou (1809), atuando como administrador dos dízimos. Foi vereador em Itu em 1814. Novamente casado, permaneceu em Itu como senhor de engenho até 1822, quando passou a residir na vila da Constituição (Piracicaba), como senhor de engenho e lavrador. Encarregaram-no de abrir e conservar estradas na região, por diversas vezes. Em 1824 tomou posse do posto de capitão de milícias

em Constituição e em 1828 ganhou a eleição para ser capitão mor das ordenanças da vila. Nesse mesmo ano, a Câmara de Constituição o escolheu e nomeou para ser o 1º Juiz de Paz do povoado (capela curada) de Rio Claro, “Capela curada de São João Batista do Ribeirão Claro”, então um dos distritos do município de Vila Nova da Constituição (Rio Claro tornou-se vila somente em 1845). Cardoso de Negreiros foi um dos “pioneiros do desbravamento e da colonização dos sertões do Ribeirão Claro” (O. A. Penteado, 1977), “um dos mais ativos agentes propulsores da nascente povoação... nada se fazia sem a sua direta participação e sua residência sediava as reuniões mais importantes. Era a alma viva da nascente localidade” (Bogaciovias, 2006). Uma rua tem seu nome, no Jardim São Benedito.

**NEGREIROS, Estêvão Leite de.** N. Rio Claro, SP, 21.12.1846. F. Piracicaba, 19.11.1902. Agricultor. C.c. Francisca Leocádia César, sua prima, em Botucatu, SP, a 10.5.1874. Teve 15 ff.: Estêvão Júnior, Antônia, José, Joaquim, Justina, João Cândido, Prudente, Teófilo, Maria, Laura, Pedro, Paulo, Lídia, Francisco, Faustino. Residiu em São Pedro (cujas terras pertenciam a Piracicaba e, desmembrada desta, só foi elevada a vila em 1881), iniciando aí sua vida de lavrador. Exerceu em São Pedro o cargo de delegado de polícia e foi vereador. Mudou-se posteriormente para Rio das Pedras (freguesia desmembrada da paróquia de Piracicaba em 1889 e elevada a município em 1894), mas veio a falecer em Piracicaba (Arruda, 1952).

**NEGREIROS, Francisco de Campos** (Séc. 19). Ourives. Ativo em Piracicaba, então município da Constituição, por volta de 1870, segundo a relação de profissionais da cidade que se encontra no almanaque de São Paulo editado por Luné e Fonseca (1873).

**NEGREIROS, Ignácio Leite de, coronel,**

**comendador.** Fazendeiro, capitalista. C.c. Ângela de Barros Negreiros, filha de Luiz Antônio de Almeida Barros. Ff.: Osvaldo, Diva, Celina, Enedina, Ruy, Marina. O comendador Leite de Negreiros foi um dos oito filhos do coronel José Leite de Negreiros, c.c. Narcisa Leite de Negreiros, sua prima, e nascido na fazenda Barreiros, em Rio das Pedras. Estudou no Colégio Azurara de Piracicaba. Destacou-se como um dos capitalistas mais abastados de Piracicaba, onde residiu, e em meados do século 20 era proprietário de uma das mais importantes fazendas de Rio das Pedras (Arruda, 1952). Foi agraciado com o título de comendador pelo Vaticano.

**NEGREIROS, Paulo Leite de** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo, formado pela ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, em 1912. Passou a pertencer ao quadro docente da escola em 1921, atuando como ajudante de laboratório. Fez parte da docência da ESALQ até 1938 (Lordello e outros, 1976).

**NEGREIROS, Ruy de Barros** (Séc. 20). Advogado. N. Piracicaba. Foi aluno do curso primário do Colégio Piracicabano, na época em que era dirigido por Lilly Ann Stradley (v), à frente da escola de 1898 a 1928. Uma peraltice fez com que seu pai, o comendador Ignácio Leite de Negreiros (v), transferisse o menino para o internato do Colégio de São Bento, na capital paulista. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Após bacharelar-se, retornou a Piracicaba. Aqui advogou por muitos anos. Foi nomeado prefeito de Rio das Pedras, nomeação decorrente das suas “virtudes de equilíbrio, imparcialidade, lisura, temperadas pela sua índole de comedimento, e sobretudo, desprendimento” (Noedy Krähenbühl Costa). Como era um dos mais antigos inscritos na 8ª Subseção da Ordem dos Advogados de Piracicaba, sob nº 3.476, esta prestou-lhe significativa homenagem, na qual foram exaltados seus muitos méritos e qualidades.

**NEGREIROS, Sebastião de Arruda.** N. séc. 19. F. séc. 20. C.c. Laura Bastos de Arruda. Ff.: Moacir, Eloá, Mauro, Walter. Formou-se professor pela Escola Complementar de Piracicaba (posteriormente Sud Mennucci) e durante alguns anos lecionou no ensino primário na cidade de Cachoeira Paulista. Mudou-se para o Rio de Janeiro, exercendo o cargo de professor da Escola de Grumetes até aposentar-se, em 1940. Formou-se em direito pela Universidade do Rio de Janeiro e passou a advogar na então capital federal. De 1930 a 1936 foi prefeito em Nova Iguaçu, RJ, sendo reconduzido ao cargo em 1947, por eleição. Foi deputado estadual no estado do Rio de Janeiro (Arruda, 1952).

**NEGREIROS JÚNIOR, José Leite de** (Séc. 20). Fazendeiro. C.c. Manuela Botelho Negreiros, f. de Bento Dias Pacheco Gonzaga e Adelaide de Campos Camargo, n. em Capivari. Ff.: Bento, José, Caio, Adelaide, Maria, Celisa. Proprietário de fazenda em Piracicaba em meados do século 20, foi político influente em Rio das Pedras, SP, tendo ocupado vários cargos importantes. Presidiu a câmara municipal rio-pedrense e foi delegado de polícia e juiz de paz (Arruda, 1952).

**NEGRI, Adelina** (Séc. 19-20 ?) Cantora. Apresentava-se no café concerto que existia no Largo de São Benedito, disputando com outra artista, Henriqueta Borghi, os aplausos e a preferência do público local (D. Antunes, 1959).

**NEGRI, Luigi (Luiz).** Séc. 19-20. N. Itália. Comerciante, proprietário de um armazém em Piracicaba, em Santa Lídia, na passagem do século (Camargo, 1900). Em 1.2.1900, por ocasião da criação da “Società Italiana Agrícola Cooperativa” em vila Rezende, com 270 sócios, Negri foi eleito presidente da entidade. Seu nome aparece na lista de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba em 1905, no Livro Protocolo desta

(Alleoni, 2003). Há uma rua Luiz Negri no bairro Nova Piracicaba. Outro Negri, Albino Negri, é citado por Camargo (op. cit.) como dono de um restaurante na cidade, à rua Luiz de Queiroz, na passagem do século. A família Negri tem realizado em Piracicaba um encontro periódico das pessoas com esse sobrenome, de que participaram cerca de 250 pessoas em 2007 (*Jornal de Piracicaba*, 16.6.2007). Nessa ocasião, foi homenageado Dário Negri, já falecido e um dos promotores do encontro, que tem lugar na Fazenda Negri, entre os bairros de Santana e Santa Olímpia. Ganhou notoriedade no país e no mundo o piracicabano Barjas Negri, ministro da saúde no governo-federal desde 2002 e prefeito municipal de Piracicaba (2005-2008, 2009-2012). Barjas Negri formou-se em economia pela Universidade Metodista de Piracicaba (1973) e concluiu seu mestrado (1977) e doutorado (1994) pela Universidade Estadual de Campinas, a UNICAMP. Professor desta desde 1986 e da UNIMEP (1974-95), teve expressiva atuação nas três esferas de governo: na municipal, como secretário de educação (1979-82) e de planejamento de Piracicaba (1993-94); na estadual, como coordenador de políticas sociais e coordenador de planejamento e avaliação do governo (1983-86) e na federal, como secretário-executivo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (1995-96) e secretário-executivo do Ministério da Saúde (1997-2002) e, a seguir, como Ministro da Saúde.

**NEGRINI, Germano** (Séc. 19-20). Professora. De acordo com o almanaque de Capri (1914), foi um dos professores da Escola Noturna mantida em Piracicaba pela Sociedade Beneficente Operária, sob a direção de Carlos Martins Sodero (v.). A escola contava com subvenção da municipalidade e do Estado, fazendo parte de seu quadro de professores, além de Negrini, outros quatro educadores: José Martins de Toledo, Pedro Crem Filho (vv.), Hildebrando Martins Sodero e José Pereira de Abreu. Em 1912 freqüentavam a escola 153 alunos e as

aulas eram dadas no verão das 19 às 21 horas e no inverno das 18h30 às 20h30. A Sociedade Beneficente Operária surgiu em 9.11.1902. José Luiz de Carvalho teve a iniciativa de criá-la e as primeiras reuniões da sociedade foram presididas por Joviniano Reginaldo Alvim (v.). Em 26.11.1911 deu-se a inauguração do seu prédio próprio, à rua Piracicaba (atual Voluntários de Piracicaba).

**NEHRING, Carlos** (Séc. 19-20). Farmacêutico. Era de sua propriedade a Farmácia São José, à rua Santo Antônio, na esquina da rua Treze de Maio. Além de ter à venda os medicamentos convencionais e aviar receitas médicas, a farmácia, fundada em 1875, anunciava em 1914 várias especialidades preparadas exclusivamente por Nehring, como o seu Xarope Peitoral Brasileiro, para moléstias dos pulmões e da garganta; as Pílulas Indianas, “remédio seguro contra febres de fundo palustre – sezões, maleitas, intermitentes..., remédio indispensável aos moradores à beira dos rios e lugares baixos”; a Pomada Anti-herpética Maravilhosa, “reputada como a melhor até hoje conhecida para a cura de diversas moléstias da pele”; Extrato de Salsaparrilha e Carioba Composto, “ótimo depurativo nas moléstias que tenham sua origem na impureza do sangue, tais como tumores, úlceras, moléstias venéreas, moléstias da pele, reumatismo, etc.”; Calozina, “infalível para extração de calos”; Nevrosina, que “faz cessar em poucos minutos as dores de dente, por mais violentas que sejam”; remédio contra papo etc. (Capri, 1914). Um anúncio anterior, publicado por Camargo (1900), dizia que na farmácia havia sempre “um completo sortimento de especialidades nacionais e estrangeiras, drogas, instrumentos, aparelhos, medicamentos homeopáticos, bichas hamburguesas etc.. Além dos remédios já mencionados, acrescentava a Água de Quinina, “o melhor remédio higiênico para o cabelo”, e a Tintura Dentifrícia, “o melhor remédio higiênico para a boca e dentes”. Segundo o

## NEME, Elias

mesmo anúncio, os preparados especiais da farmácia eram “aprovados e licenciados pela Inspetoria Geral de Higiene”. Carlos Nehring prestigiava e praticava o futebol. Fez parte da comissão organizada para elaborar os estatutos do primeiro clube futebolístico da cidade, o “Club Sportivo Piracicaba”, surgido em 15.9.1903 e formado por estudantes da Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz (a futura ESALQ). Nehring foi jogador de um dos quadros de futebol do clube, a Turma A (Ripoli, 1943), sendo, portanto, um dos primeiros futebolistas de Piracicaba, juntamente com Adolpho Woltzenlogel, Amadeu Consentino (v.), o médico Alfredo Cardoso (v.), Álvaro de Azevedo (v.), Frederico e Otto Behmer (v.), José Pedreira (v.), Marino Zanotta, Mário Maldonado (v.), Jorge Gooda (v.) e outros. Outros Nehring fazem parte da história de Piracicaba, como Henrique Nehring, formado pela Luiz de Queiroz em 1911 e auxiliar de ensino na escola de 1912 a 1916; Hélio Nehring, professor, que deu nome a uma escola; e Líneo Carlos Nehring, falecido em Piracicaba a 2.2.2007.

**NEME, Elias** (Séc. 19-20). C.c. Afife Neme. Dono de antiga loja de tecidos e armarinho, à rua Alferes José Caetano, na esquina da rua Treze de Maio, em sociedade com outros membros de sua família. Participou da fundação da Sociedade Beneficente Síria (futura Sociedade Beneficente Sírio Libanesa) em 16 e 27.11.1902, juntamente com Dumit Neme, e presidiu a sociedade em 1916, 1918, 1921 e 1922. Seu nome está na lista dos sócios homenageados “in memoriam” pela entidade, reproduzida em Salum (2003). Na mesma lista constam os nomes de Abdo Neme (pai de Mário Neme, v.), que foi 1º secretário da Sociedade (1927) e Abrão Assad Neme. Salum cita ainda Dumit Neme, no quadro de fundadores da sociedade em 1902. Refere-se também a Ibrahim Kamel Neme, dono da Camisaria Neme, à rua Governador

Pedro de Toledo. Oscar, f. de Elias Neme e professor, f. em Piracicaba aos 87 anos.

**NEME, Mário A. N.** Piracicaba, 2.5.1912. F. São Paulo, SP, 14.3.1973. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Amábile Cenedese Neme. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Lícia Maria Neme, bióloga da USP. Filho de Abdo Neme (v.) e Missera Miguel Neme, que residiram à rua Alferes José Caetano, nº 112. Escritor, museólogo, historiador, jornalista. Coursou durante um ano o jardim de infância do Externato São José, transferindo-se para o Grupo Escolar Moraes Barros, mas abandonou o curso primário deste em princípios do terceiro ano de estudos. Foi em seguida aluno do Ateneu Piracicabano, da Escola de Comércio Moraes Barros, da Escola de Comércio Cristóvão Colombo e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, deixando-as todas depois de meio ano de curso. Trabalhou como bedel na ESALQ. Dessa forma, irrequieto, impaciente, abandonou as várias escolas que freqüentou, sem concluir um só curso. Em 1931 submeteu-se a exames no Ginásio Municipal de Limeira, a fim de obter o título de guarda-livros prático. Aprovado nesses exames, deixou, todavia, de retirar a certidão que o qualificava para esse mister. O jornalismo atraía o jovem autodidata. Aos quinze anos de idade, passou a colaborar na *Gazeta de Piracicaba*, misturando política e humorismo, numa coluna intitulada “Piparotadas” e usando um pseudônimo: “Dr. Salim”. Criou ou foi colaborador de vários periódicos de literatura e humorismo quando moço. A convite de Fernando Aloisi (v.), tornou-se redator (e posteriormente secretário) de um novo diário piracicabano: *O Momento*, surgido em 1930. Apresentado como “diário independente”, era na verdade órgão do Partido Democrático. Razões de cunho político levaram ao desaparecimento do jornal, dois anos depois do seu lançamento. Em 1936 surgiu uma das contribuições essenciais de Mário Neme a respeito de sua terra natal: o livro-almanaque *Piracicaba, documentário*, editado em Piracicaba

por João Mendes da Fonseca. Mário Neme mudou-se para São Paulo em 1936, onde vários piracicabanos, seus amigos, atuavam na imprensa, e passou a trabalhar na redação do *Correio de S. Paulo*. Foi nomeado para um cargo de escriturário na Câmara Municipal e após o golpe de estado de Getúlio Vargas (1937) transferiu-se para a Divisão de Documentação Histórica e Social do Departamento de Cultura da prefeitura paulistana. Tornou-se amigo de Mário de Andrade e encarregou-se de orientar a “Revista do Arquivo Municipal” de São Paulo, onde apareceram seus estudos sobre o passado de Piracicaba, que deram origem ao livro *História da fundação de Piracicaba* (1943). Igualmente póstumo, surgiu em 1974 seu importante estudo *Apossamento do solo e evolução da propriedade rural na zona de Piracicaba*, publicado na “Coleção Museu Paulista”, uma espécie de segunda parte da sua obra capital sobre as origens de Piracicaba. Em 1944 Mário Neme passou a fazer parte do corpo redatorial do jornal *O Estado de S. Paulo*. Durante trinta anos, tratou principalmente de assuntos ligados ao interior bandeirante. Tido em altíssima conta pelo diretor do jornal, Júlio de Mesquita Filho, este sempre lhe confiava as revisões finais de seus livros. De 1930 a 1971 o *Suplemento Literário* do jornal divulgou estudos importantes de Mário Neme, cuja maioria não foi recolhida em livros. Ligou-se em 1941 às revistas paulistanas *Planalto* e *Clima*, que publicaram trabalhos de sua autoria. A partir de fins de 1944, passou a encarregar-se de organizar as edições do *Boletim Bibliográfico* da Biblioteca Municipal paulistana. Reuniu diversos contos em livros: *Donana sofredora* (1941) e *Mulher que sabe latim* (1944), muito elogiados pela crítica. Fez uma peça teatral (1944) e viu seus contos publicados em tradução francesa e em antologia do conto internacional impressa na União Soviética. Lançou em 1945 o livro *Plataforma da nova geração*, com os resultados de inquérito que realizou junto a jovens escritores. Fez três biografias para o livro *Les explorateurs célèbres* (Paris e Genebra, 1946). Em 1947, saíram

em Curitiba em forma de livro seus *Estudinhos brasileiros*. Ao longo dos anos 40, Mário Neme foi um dos mais ativos e fecundos participantes do grupo de intelectuais que criaram a Sociedade Paulista de Escritores (1942), origem, em parte, da União Brasileira de Escritores, resultante da fusão da entidade paulista com a Associação Brasileira de Escritores, em 1958. Em 1961 assumiu a direção do Museu Paulista (Museu do Ipiranga), tirando-o do abandono e da obscuridade. Foi o articulador das negociações que resultaram na passagem do Museu para a Universidade de São Paulo. Tirou-o do marasmo em que vinha se arrastando, dinamizou-o, deu vigoroso impulso às publicações do museu. Durante os anos em que esteve à frente do Museu, multiplicou-se a si próprio como estudioso, conferencista, escritor. Esteve em vários países africanos (origem de um seu livro notável, *A difícil África Negra*, 1966), falando sobre o Brasil, e fez conferências na Europa, às voltas com pesquisas históricas sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian. Lançou duas obras de fundamental importância para a história do Brasil: *Notas para a revisão da história de São Paulo* (1959) e *Fórmulas políticas no Brasil holandês*, sua derradeira e fascinante obra-prima, publicada por Fernando Henrique Cardoso em coleção dirigida por este, “Corpo e alma do Brasil” (1971). Data de 1983 a publicação póstuma, pelo Museu Paulista, de *O Brasil holandês no tempo de Nassau*, uma continuação do livro de 1971. Erudito, genial, brilhante, audacioso, Mário Neme figura no panteão das mais notáveis personalidades que a cidade em que nasceu deu ao país e ao mundo culto. Foi um dos maiores estudiosos do passado piracicabano, provavelmente o maior deles (Elias, 1978; O. D. Neme, *Jornal de Piracicaba*, 21.9.1986; Pfromm Netto, 2001, 2006 e na Revista do IHGP, 2008). Dois Neme formaram-se pela ESALQ: Neme Abdo Neme, em 1930, e Raul Neme, em 1942.

**NEPTUNE, André Martin Louis.** N. Haiti, 1927. F. Piracicaba, 25.7.1991. C.c. Nair Bressan



Neptune. Ff.: Jussaura, Jacqueline, Nordahl, Yasmine Michele, Karina Christina. Engenheiro agrônomo, professor universitário, pesquisador. Formou-se pela ESALQ em 1954 lecionou nesta desde 1958. Livre-docente em 1966, em 1974 tornou-se professor Titular da cadeira nº 2, Química Agrícola, absorvida em 1970 pelo Departamento de Solos e Geologia, e em 1975 foi eleito para chefiar o Departamento. Foi co-autor de várias obras científicas importantes, entre as quais “Absorción de íons por las plantas” (Maracaibo, Venezuela, 1965) e “Manual de química agrícola” coordenado por E. Malavolta (editora Ceres, 2ª ed., 1967). Foi professor do Colégio Piracicabano e impôs-se no país e no exterior como cientista dos mais renomados nos estudos de solos e nutrição de plantas. Há uma rua com seu nome, em Nova Pompéia.

**NEVES, Benedito** (Séc. 20). Farmacêutico. Conhecido como Dito da Farmácia. Esteve à frente da Farmácia São Benedito (Farmácia São João), na Vila Rezende, na primeira metade do século 20. Era “um senhor franzino, de baixa estatura, calvo, muito brincalhão e sempre de bom humor... Notável farmacêutico” (Caldari, 1990). Com ele trabalhava um irmão, Nabor Neves, muito parecido fisicamente com Benedito, segundo a mesma fonte. Nabor atuava igualmente como juiz de paz na Vila Rezende, junto ao Cartório de Registro Civil do bairro (v. Lopes, Domingos).

**NEVES, Alfredo José de Castro.** N. Piracicaba, 1917. F. Piracicaba, 1987. Médico, filho de Samuel de Castro Neves (v.). Seguindo as pegadas do pai, fez da medicina um autêntico sacerdócio. Na sua atuação profissional na Santa Casa de Misericórdia e no Lar dos Velinhos, por mais de trinta anos neste último, deu provas sobejas de competência clínica, bondade e desprendimento exemplares. Desde o falecimento do seu antecessor, o dr. Luiz Gonzaga de Campos Toledo (v.), na direção da clínica do Lar dos Velinhos, exerceu essa

função até falecer. Segundo Jairo Mattos (*Jornal de Piracicaba*, 28.8.2008), “fez tudo que pôde para melhorar a vida do próximo, principalmente dos mais desvalidos pela sorte... Exerceu com amor a profissão que escolheu por vocação”. Reconhecido como grande benemérito pelo Lar dos Velinhos, tem perpetuado seu nome em um pavilhão da instituição. Francisco A. B. de Castro Neves, seu filho, é igualmente médico.

**NEVES, Elza O. Castro** (Séc. 20). Oficial responsável pelo Cartório de Paz do 3º Subdistrito, com sede a rua São José, nº 1529, nos anos sessenta (Righetto, 1966).

**NEVES, Francisco Carlos de Castro, Ministro.** N. Piracicaba, 25.4.1914. F. São Paulo, SP, 1974. Advogado, jornalista e político, filho de Samuel de Castro Neves (v.). Formou-se pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP) e especializou-se em questões trabalhistas. No final do “Estado Novo” (1937-1945), pertenceu ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Tornou-se deputado estadual em 1947. Como jornalista, dirigiu na capital paulista o jornal *A Noite* a pedido de Vargas e participou da criação, no Rio de Janeiro, do jornal *Última Hora*, atuando como seu diretor-adjunto. Elias Netto (2000) refere-se à sua atuação política em Piracicaba quando jovem, ligado a grupos esquerdistas, tendo sido detido em virtude dessa participação. Associou-se, mais tarde, a Jânio Quadros e Carvalho Pinto, tendo participado de seus governos. Em 1961 tornou-se Ministro do Trabalho e da Previdência Social, no governo Jânio Quadros. Uma rua na Unileste tem seu nome. “Culto, profundamente culto, grande orador e orador com idéias próprias... Foi meu companheiro sempre, na prefeitura, no Estado, na presidência, símbolo de dignidade também” (Jânio da Silva Quadros, *Jornal de Piracicaba*, 12.10.1982).

**NEVES, Francisco Leocádio de Castro.** N. Salvador, BA, 9.12.1851. F. séc. 20. C.c.

Marcolina (Maria?) Josefina de Matos Neves a 26.1.1878. Ff.: Oscar, Carolina, Samuel. Capri (1914) cita-os como Ozéas, Samuel e Carlina. Farmacêutico. Tinha 23 anos de idade quando passou a residir em Piracicaba (1874). Recebeu o diploma de farmacêutico aos 21 anos de idade, pela Faculdade de Medicina de Salvador. Contratado para atuar como farmacêutico na colônia militar em Itapura, passou a aguardar em Piracicaba a ordem de embarque, mas pessoas que se tornaram suas amigas, entre as quais João Baptista da Rocha Conceição e Costa Pinto e Silva (vv.), trataram de dissuadi-lo disso e conseguiram a revogação do seu contrato junto ao Ministério da Guerra. Fixado em definitivo em Piracicaba, assumiu a direção de uma farmácia, pertencente a Albano Leitão, da qual posteriormente passou a ser proprietário. O estabelecimento, que ganhou seu sobrenome: Farmácia Neves, localizava-se na rua do Comércio, nº 84 (atual Governador Pedro de Toledo). Um anúncio inserido no almanaque de Capri em 1914 refere-se a Francisco Leocádio como fundador da farmácia, mas menciona Neves & Irmão como seus proprietários. Boníssimo, caridoso, muito benquisto pela população, fez parte da Loja Maçônica de Piracicaba. “Distinguiu-se pelo seu espírito caritativo. Por efeito da profissão de farmacêutico, a pobreza encontrava nele um arrimo todo especial” (Veiga, 1975). Após o falecimento de Francisco Leocádio, seu filho Samuel de Castro Neves (v.) assumiu a direção da farmácia (Capri, 1914).

**NEVES, Samuel de Castro.** N. Piracicaba, 15.1.1890. F. Piracicaba, 20.2.1972. C.c. Lucila Zanota de Castro Neves. Ff.: Francisco Carlos, Alfredo José (vv.), Carlos, Oseas, Maria Luíza, Maria Helena. Médico, farmacêutico, político. Filho de Francisco Leocádio de Castro Neves (v.), foi um dos mais notáveis homens públicos e médicos de toda a história de Piracicaba. Fez o curso primário do 1º Grupo Escolar de Piracicaba (G.E. Barão do Rio Branco,

posteriormente) e estudou em Itu, no Colégio São Luiz. Formou-se em farmácia pela Escola de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro em 1909. Muitos anos depois, diplomou-se em medicina pela mesma escola (1931). Após o falecimento de seu pai, passou a dirigir a farmácia deste. Atraído pela política, elegeu-se vereador de 1917 a 1919, de 1920 a 1922 e de 1948 a 1952. Foi deputado estadual eleito em duas legislaturas, em 1922 e 1925, pelo Partido Republicano e nessa época, juntamente com Sud Mennucci (v.), então delegado de ensino em Piracicaba, conseguiram a elevação do número de escolas em Piracicaba de 80 para 200, de modo que a cidade passou a contar com “a mais completa e mais ampla rede de ensino primário de todos os municípios do Brasil” (cit. em Cambiaghi, 1984). Após diplomar-se em medicina, passou a ter consultório à rua Rangel Pestana, nº 95, dedicando-se à clínica médica, moléstias de crianças e senhoras, partos, vias urinárias e sífilis. Transferiu-se depois para a rua Prudente de Moraes, nº 654. Foi mesário da Santa Casa de Misericórdia e fez parte do corpo clínico do seu hospital. Participou da criação da Seção Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina em 1950, como um dos seus fundadores. Nas eleições para prefeito em 1951, Samuel Neves saiu vitorioso, apoiado pela coligação PTB-UDN-PSD. Sua grande obra foi a encampação do serviço de águas pela Prefeitura (Elias Netto, 1992). Problemas de saúde, entretanto, obrigaram-no a licenciar-se do cargo de prefeito. “Deixando a Prefeitura, Samuel de Castro Neves também abandonou a vida pública, muito embora a sua influência permanecesse, ainda, junto a parte do eleitorado”, segundo a fonte citada. Cambiaghi (op. cit.) lista outras realizações de Samuel Neves: ampliação e reforma dos serviços de água, esgoto e limpeza pública; implantação dos telefones automáticos pela Companhia Telefônica Piracicaba, fundada em 1953; criação do Dia de Piracicaba (1º de agosto); criação do Salão de Belas Artes (Lei

nº 354, de 25.4.1953) e realização do primeiro Salão de Belas Artes; solicitação ao governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, que dotasse Piracicaba de uma Faculdade de Farmácia e Odontologia, que efetivamente foi criada e iniciou suas atividades em 1957. Em 1960 a Câmara Municipal concedeu-lhe o título de “Piracicabanus Praeclarus”. Seu nome é lembrado nas denominações da Escola Estadual Dr. Samuel de Castro Neves, na Estrada Limoeiro, nº 56, no bairro da Santa Teresinha; da rodovia SP 147 (Piracicaba-Anhembi), e de uma rua Samuel Neves, no Jardim Europa, cruzando a avenida São João. “Viveu para fazer o bem. A Medicina proporcionou-lhe campo fértil para seu grande coração, de proverbial bondade, dedicação, ternura para com todos, vocação para ajudar, amenizar, consolar, constituindo-se no bom samaritano de todas as horas” (Cambiaghi, op.cit.).

**NICOPELLI, Henrique, Pe.** (Séc. 20). Foi o segundo vigário da paróquia do Bom Jesus do Monte, na Cidade Alta, fundada em 4.12.1922. O padre Nicopelli esteve em 1923 à frente da paróquia, que contava com uma capela, inaugurada em 1919. A inauguração da Igreja de Bom Jesus do Monte só ocorreu em 1.5.1938 (J. E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 6.8.1989).

**NOBRE, Érico da Rocha.** N. Manaus, AM, 23.10.1908. F. séc. 20. C.c. Maria Magdalena Moraes Nobre. Ff.: José, Pancrácio, Érico, Frederico, Lauro Augusto, Maria Magdalena. Engenheiro agrônomo, professor e pesquisador universitário. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1931. Passou a ser professor da escola em 1934 e tornou-se livre-docente desta em 1937, ano em que assumiu como catedrático a 7ª Cadeira (Economia Rural). Essa e outras disciplinas foram reunidas em 1967 no Departamento de Economia, recém-criado, continuando Nobre como seu titular. Em 1970, em substituição ao Departamento de Economia, deu-se a criação do Departamento de Ciências

Sociais, continuando com o mesmo titular, até a aposentadoria deste em 1972. Érico da Rocha Nobre dirigiu a ESALQ de 14.8.1954 a 29.12.1957. Fez parte de sociedades científicas e culturais, entre as quais o Instituto de Economia Rural da Sociedade Rural Brasileira de São Paulo e o Instituto do Ceará. Residiu à rua Alferes José Caetano, nº 920.

**NÓBREGA, Nelson.** N. Piracicaba, 1900. F. São Paulo, SP, 25.1.1998. C.c. Lúcia Carvalho Nóbrega (Suanê). Filho de Vitor Nóbrega e Mariana Flora Ferraz Nóbrega. Artista plástico. Discípulo de Joaquim Bueno de Mattos (v.), completou sua formação na capital paulista e de 1917 a 1922 no Rio de Janeiro, com Rodolfo Amoedo e Eliseu Visconti. Iniciou sua carreira de artista na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1920. Mudou-se para São Paulo em 1926, passando a dedicar-se exclusivamente à arte. Expôs várias vezes no Salão Paulista de Belas Artes e obteve os prêmios da Prefeitura de São Paulo em 1934, menção honrosa em 1935 e medalha de bronze (1936). Fez igualmente exposições de trabalhos de sua autoria na capital paulista e em outras cidades e participou de vários movimentos artísticos importantes (Salão da Feira das Indústrias de São Paulo, 8º Salão do Sindicato dos Artistas de São Paulo, 1º Salão de Arte Moderna de São Paulo, 1ª Bial de São Paulo, Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro). Expôs igualmente no exterior (Nova York, Londres). Foi professor de pintura e desenho em São Paulo e dedicou-se principalmente à aquarela. Fundou e dirigiu a Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo e de 1960 a 1972 dirigiu os cursos livres da Faculdade Armando Álvares Penteado, na capital. “Nelson Nóbrega foi o primeiro moderno da pintura piracicabana” (João Chiarini, cit. por U. S. Consentino, *Jornal de Piracicaba*, 20.10.1985). “Ao longo de sua vida, seu ateliê em São Paulo esteve aberto aos iniciantes e aos aficionados de sua arte, os quais recebiam preciosas lições do mestre Nelson

Nóbrega” (F. A. F. Mello, 1999). Suanê, a esposa de Nóbrega, foi igualmente pintora.

**NOCETTI, Francisco Gonçalves.** N. Piracicaba, 1905. F. São Paulo, SP, 1968. Professor, pastor metodista, artista plástico. Oriundo de modesta família de espanhóis que imigraram para o Brasil e se fixaram em Piracicaba, estudou no Colégio Piracicabano e casou-se com uma professora, comissionada na delegacia de ensino local em 1953. O casal teve as filhas Cleide, Grace e Ceyla. Além disso, acolheu em seu lar a menina Maria Lúcia, filha adotiva do banqueiro Amador Aguiar, muito amigo de Nocetti. Teve um irmão gêmeo, Odilon, que se tornou pastor metodista como Francisco. Este último foi ordenado pastor em 1936. Atuou inicialmente em Ourinhos, SP, e na capital paulista. Presidiu o Conselho Superior da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista de São Bernardo do Campo e em 1936 dirigiu em Birigui, SP, o Colégio Noroeste. Residia em Santos quando recebeu convite para assumir a direção do Colégio Piracicabano. Mudou-se para Piracicaba em 1953, no início do ano, e dirigiu o colégio até janeiro de 1954. Nessa ocasião, o colégio passou a denominar-se Instituto Educacional Piracicabano. Juntamente com Paulo Guaracy Silveira (v), Nocetti planejou a criação de uma Faculdade de Educação Física vinculada ao Piracicabano, que não se concretizou. Segundo Elias (2001), Nocetti dedicou-se à pintura, “deixando sua arte espalhada por várias igrejas”.

**NOGUEIRA, Adriano.** N. 1928. F. Piracicaba, 2004. Formado pela Escola Normal Sud Mennucci nos anos 40, um dos fundadores do Partido Socialista de Piracicaba. Funcionário dedicado do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz durante muitos anos, destacou-se na literatura e no jornalismo. Fez parte da União Brasileira de Escritores. Desde 1989 até seu falecimento, editou juntamente com Rosani

Abou Adal o periódico mensal *Linguagem viva*, publicado como encarte no jornal “A Tribuna Piracicabana”.

**NOGUEIRA, João Batista.** N. séc. 19. F. séc. 20. Integrava o quadro docente da Escola Complementar de Piracicaba (a futura Escola Normal Sud Mennucci) desde 1898. Era professor de história e geografia da escola quando esta foi transferida em 1917, do seu antigo prédio à rua do Rosário para as instalações definitivas, à rua São João. Em meados do século vinte, um grupo escolar situado na então vila de Santa Teresinha recebeu seu nome (Righetto, 1966).

**NOGUEIRA, Odilon Ribeiro.** N. séc. 19. F. séc. 20. Fez parte da primeira turma de sete engenheiros agrônomos da Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, futura ESALQ, formados em 1903. Tornou-se professor da mesma em 1909 e permaneceu na atividade docente até 1925. No início dos anos 20, Nogueira é mencionado como professor de anatomia e fisiologia do 1º ano do curso (dois semestres) e de zootecnia geral, exterior e raças no 2º ano (dois semestres, na mesma época em que Nicolau Athanassof se encarregava das aulas de zootecnia especial e bromatologia animal, no 3º ano, assim como de noções de veterinária e higiene. As disciplinas mencionadas faziam parte da 5ª cadeira (zootecnia). Posteriormente, a ESALQ passou a contar com duas cadeiras de zootecnia, a 5ª e a 14ª. Em 1970, em virtude de depar-tamentalização ocorrida, essas cadeiras passaram a compor uma única unidade administrativa, o Departamento de Zootecnia. Há uma rua no bairro Jaraguá, denominada Prof. Odilon Nogueira, junto à avenida Dona Jane Conceição.

**NOHRA (NOUHRA), Tansa Chalita.** F. 28.7.1992. Comerciante. Presidiu a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa em 1971 e de 1978

a 1991. Foi primeiro secretário da sociedade por ocasião do jubileu de diamante desta, em 1977. Em virtude do seu falecimento, a presidência passou a ser ocupada pelo vice-presidente Chalita Nohra. Na relação de sócios homenageados “in memoriam” pela entidade, constam os nomes de Tansa Chalita Nohra e Rosa Antônio Nohra. No quadro de sócios no ano em que a Sociedade festejou seu jubileu de diamante (1977), constavam os nomes de quatro pessoas da família Nohra: Chalita Nohra, Eli Tansa Nohra, Nufra Chalita Nohra e Tansa Chalita Nohra (Salum, 2003). Nohra Chalita Nohra, n. 1929 e f. São Pedro, SP, a 13.5.2007, foi c.c. Asma Risk Nohra, ff.: Jorge, Jamil, Chalita Neto. Era filho de Chalita Nohra e Catar Nohra.

**NOVAES, Jayme Pinto da Silva** (Séc. 19-20). O *Almanak* de Camargo (1900) tem um anúncio da “Loja de Fazendas, com sortimento de fazendas de lei”, de propriedade de Jayme Pinto da Silva Novaes. Situava-se no nº 1 do largo do Teatro (atual praça José Bonifácio).

**NOVEMBRE FILHO, Alfredo de** (Séc. 20). C.c. Elsa Leitão de Novembre. Industrial. Co-proprietário da empresa Balas Líder S.A., juntamente com Mário Farah, Ruy Pacheco Ferraz e outros, com sede à rua Visconde do Rio Branco, nº 170. Foi diretor-gerente da empresa, por volta dos anos sessenta.

**NUNES, Geraldo.** N. 1935. F. Piracicaba, 22.11.2000. C.c. Maria Helena Piedade Nunes. F: Ana Maria. Jornalista, radialista, professor. Era bem moço quando passou a trabalhar em empregos modestos: auxiliar de alfaiate, ajudante de farmácia. Começou na antiga farmácia São José varrendo o chão, foi seu empregado durante uma dezena de anos e ao deixá-la sabia até preparar medicamentos. Após formar-se como professor, atuou no magistério público estadual, deixando-o em 1960 para

trabalhar como repórter do *Diário de Piracicaba*. Dedicou-se desde então ao jornalismo, ao longo de quase quatro décadas. Em 1977, a convite de Losso Netto (v.), passou a pertencer à redação do *Jornal de Piracicaba*, desempenhando funções de crescente responsabilidade, a ponto de, no mesmo ano, coordenar sozinho a primeira edição do jornal rodada em “off-set”, com 72 páginas. Como coroamento da carreira foi seu editor, de 1985 a 1994 e desde 1990 fez parte do conselho editorial do jornal. Vivaz, objetivo, de uma retidão exemplar e com uma vocação verdadeiramente extraordinária para o jornalismo, vivendo intensamente os textos que redigia, sincero e corajoso, dizia a respeito de si mesmo que era um “romântico por excelência”. O rádio também o atraiu: juntamente com Roberto Moraes, fez o programa “Sábado debate” na rádio Difusora, fez rádiojornalismo e na FM Municipal (posteriormente, Educativa FM) coordenou e apresentou por longo tempo um apreciadíssimo programa de serestas. Ele próprio tornou-se seresteiro. A câmara dos vereadores outorgou-lhe o título de Cidadão Piracicabano. “Conviveu com as lideranças de todas as forças vivas da comunidade piracicabana... Interlocutor e amigo de prefeitos, juizes, vereadores, bispos, militares e cidadãos comuns. Com seu jeito típico e a forma apurada de ver os fatos, ele comandou a equipe que gravou nas páginas do jornal os momentos mais importantes da cidade e da sua gente. Sem saber, Geraldo Nunes foi mais que um jornalista. Foi um historiador do dia-a-dia que escreveu boa parte da história de Piracicaba. E com muita justiça, inscreveu nela o seu nome” (C. E. Gaia, *Jornal de Piracicaba*, 5.9.1999). “Dedicado e leal. Emotivo e muito humano... Geraldo corajoso. Geraldo bravo, valoroso, que nunca aceitou os limites que a vida teima em nos impor” (A. R. C. L. Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 23.11.2000). Fez parte de diversas agremiações culturais e sociais piracicabanas, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

e o Rotary Club da Vila Rezende. Geraldo Nunes dá nome a viaduto na SP-304, rodovia Geraldo de Barros, que liga Piracicaba a São Pedro, em virtude de iniciativa de seu amigo antigo companheiro de rádio, o deputado estadual Roberto Moraes. A Câmara de Vereadores de Piracicaba homenageou-o “in memoriam”, conferindo-lhe a medalha do Mérito Legislativo, em julho de 2007, que foi entregue à viúva.

**NUNES, Joaquim Pinto** (Séc. 19). Comerciante. O *Almanak* de Luné e Fonseca para 1873 refere-se a Nunes como proprietário de uma padaria, no então município da Constituição.

**NUNES, José Dias (Tião Carreiro)**. N. Montes Claros, MG, 13.12.1934. F. São Paulo, SP, 15.10.1993. C.c. Nair Avanço Dias, n. 1935. Filha: Alex Marli. Compositor, violeiro e cantor, impôs-se como um dos principais nomes da música caipira brasileira. Compôs com Piraci (v. Rodrigues, Miguel Lopes) e Lourival dos Santos (1917-1997) “Rio de lágrimas”, que projetou Piracicaba e seu rio em todo o país, e com Piraci “Sou piracicabano”. Criado em Araçatuba, SP, tinha 8 anos quando começou tocar viola. Em 1951, em dupla com Coqueirinho e com o nome artístico de Palmeirinha, estreou no circo Gíglío, iniciando longa carreira em circos, praças públicas, gravações e apresentações no rádio e na televisão. Substituiu seu nome artístico pelos de Zezinho e, a seguir, Zé Mineiro, fazendo dupla com Lenço Verde. Separou-se deste e em 1954 formou uma nova dupla com Pardinho (Antônio Henrique de Lima, n. 1932 e f. 2001). Em 1956 ganharam o concurso da rádio Tupi de São Paulo, interpretando o cururu “Canoeiro”, de Zé Carreiro. Nesse ano, a dupla passou a trabalhar na mesma emissora radiofônica e nela permaneceu durante seis anos. Teddy Vieira convidou-os para gravar um disco em 78 rpm na Colúmbia e deu-lhes os nomes de Tião Carreiro e Pardinho. Nos anos subseqüentes, a dupla uniu e separou-se por seis vezes. Tião fez dupla com

Carreirinho e juntos ganharam “Rei do Gado” (1958), de Teddy Vieira. Formou igualmente duplas com Paraíso e Praiano, inventou um novo modo de tocar viola, o pagode sertanejo, e durante três dezenas de anos foi uma das principais atrações musicais da Festa do Peão Boiadeiro em Barretos, SP. Em 1968 a gravadora Chantecler lançou “Em tempo de avanço”, “longplay” de Tião Carreiro e Pardinho, com uma música autobiográfica do primeiro, composta por ele e pelo Capitão Furtado: “A beleza do ponteiro”. A dupla apareceu no filme “Sertão em festa” (1970), de Oswaldo de Oliveira. No início dos anos noventa, Tião Carreiro e Pardinho faziam três a quatro “shows” por semana, nos estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Minas Gerais, mas a dupla separou-se em definitivo em 1991. Gravou mais de oitenta discos. A gravadora Continental-Warner lançou em 1996 o CD *Saudades de Tião Carreiro*, com remasterizações e mixagens com outras vozes famosas da música caipira. Em 2003 foi criado o “Prêmio Nacional Tião Carreiro de Excelência da Viola”. Em 2005 o clássico “Rio das Lágrimas” foi incluído no filme cinematográfico *Dois filhos de Francisco – A história de Zezé Di Camargo & Luciano*. Tião Carreiro tinha um vasto círculo de amigos e admiradores em Piracicaba. Nutria grande paixão pela cidade, que lhe atribuiu o título de Cidadão Piracicabano. “Amou profundamente Piracicaba, sua gente e o rio. Acima de tudo, foi um amigo leal, dessas pessoas raras que aparecem de tempos em tempos” (S. Pavanelli). “O maior tocador de viola da música sertaneja, com cara de poucos amigos, bigodão de escova e coração de menino... Era um fazedor de sucessos... Viveria num eterno volta-separa de Pardinho, seu principal companheiro... Foi o primeiro violeiro a fazer discos de solos e viola” (R. Nepomuceno, 2005). (C. Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 13.10.2003 e 10.10.2004; Albin, 2006).



**OLITA, Eduardo (Léo).** N. séc. 20. F. Piracicaba, 17.11.1996. Músico. Pertencente à tradicional família piracicabana ligada ao comércio do centro da cidade, com casa de negócios à rua Boa Morte, próxima do Colégio Piracicabano, foi nome dos mais respeitados no cenário musical, verdadeiro virtuose da flauta. Integrou um antigo conjunto de musicistas, denominado Conjunto Serenata, de que participaram vários outros músicos renomados, como Olênio de Arruda Veiga (v.), que liderava o grupo, Valdir Belluco, Sérgio Belluco, Luís Bortolai e cantores como Cobrinha (Vitório Cobra) e Airton Nascimento (vv.). Em 1974 Olitta e seus companheiros prestaram significativa homenagem a Erotides de Campos (v.), por ocasião do cinquentenário da valsa *Ave Maria*, em sessão promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. “Pais amorosos, muito relacionados na cidade, eram integrantes do Conjunto Serenata, Léo com a sua flauta e Nêgo com a clarineta... Participaram de várias orquestras e conjuntos locais. Léo fazia dupla com Luiz Bortolai... Os remanescentes do conjunto... estão dando continuidade ao “Serenata” para que as lembranças do Léo e do Nêgo jamais sejam esquecidas” (Nicola de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 25.3.1997).

**OLIVEIRA, Augusto César de** (Séc. 19). Farmacêutico. O “Almanak da Província de São Paulo para 1873”, editado por Luné e Fonseca, incluiu Augusto César na lista

dos farmacêuticos de Piracicaba, junto com Theóphilo de Arruda Mendes (v.) e Francisco Lourenço Tourinho de Pinho. Há uma rua com seu nome, no Jardim Castor.

**OLIVEIRA, Brasília Augusto Machado de.** N. São Paulo, 4.9.1848. F. São Paulo, SP, 5.3.1919. C.c. Maria Leopoldina de Souza. Ff.: Maria Susana, José de Alcântara, Brázilia Leopoldina, Octávio Augusto. Filho do notável historiador paulista brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira e Leocádia Tomázia de Lima. Pertence à história de Piracicaba por ter sido o criador do primeiro jornal da cidade em 1874, *O Piracicaba*, à época em que Constituição era a denominação oficial da cidade. Além disso, atuou como promotor público local de 1873 a 1876, tendo deixado a cidade a 12 de maio deste último ano. Aqui nasceu seu filho José de Alcântara Machado de Oliveira (v.). Durante a sua permanência na cidade, tornou-se amigo de Prudente e Manuel de Moraes Barros, Cândido Barata Ribeiro (futuro prefeito do Distrito Federal e senador da República) e Eulálio da Costa Carvalho (vv.). Nos anos setenta, auxiliou o negociante português José Teixeira Mendes (v.) na criação de um gabinete de leitura, inaugurado no início de 1876, com mais de mil volumes, provavelmente a primeira biblioteca aberta ao público na cidade. O jornal era bissemanal: circulava às quartas-feiras e aos sábados. Como proprietário e editor do jornal, constavam, respectivamente, os nomes de



Andrade Coelho (e Companhia) e S. B. Andrade (v), mas o responsável efetivo pelo conteúdo estampado em *O Piracicaba* era Brasília Machado, seu redator. Por ocasião da célebre Exposição Internacional de Filadélfia (1876), comemorativa do centenário da independência dos EUA, Brasília Machado fez uma edição em inglês do seu jornal, com notícias e informações sobre Piracicaba (então denominada Constituição), para distribuição gratuita no local da exposição. No mesmo ano, publicou seu livro de poesias *Madresilvas*, impresso em Portugal, no qual figura o formoso poema de exaltação de Piracicaba que a designa como *Noiva da Colina*: “Sacode os ombros nus, ó Noiva da Colina,/ que a luz da madrugada encheu o largo céu,/ e arrançante das mãos o manto de neblina,/ que ondula sobre o rio, enorme e solto véu...”. Descendente de uma das mais distintas famílias paulistas, Brasília Machado teve um irmão e uma irmã, José Carlos e Rita Amália. Conheceu a pobreza: era muito jovem quando perdeu o pai. Após os primeiros estudos, ingressou no recém-criado Seminário Episcopal Paulistano. Em 1868, após completar os preparatórios no curso anexo, passou a frequentar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Foi aluno, depois amigo, de José Bonifácio o Moço. Este o indicou posteriormente para governar a província do Paraná. Formou-se em 1872 e doutorou-se em 1875. Depois de residir e trabalhar em Piracicaba, tornou-se promotor público em Casa Branca, SP, onde também advogou, de 1876 a 1879. Exerceu vários cargos até 1884, quando foi escolhido para ser presidente da província do Paraná (1884-85). Liderou várias organizações políticas e defendeu tese para cátedra (1890-91) na faculdade de direito em que se formou. Ocupou a cadeira nº 1 da Academia Paulista de Letras, de que também foi presidente. Na imprensa, após a sua atuação à frente do primeiro jornal piracicabano, foi colaborador, fundador e (ou) diretor de diversos jornais. Católico devoto, presidiu a Federação Católica de São Paulo (1893) e recebeu do

Papa Pio X o título de Barão da Santa Sé. Fez parte de várias entidades respeitáveis, como a Academia Brasileira de Letras, o Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo dirigido o Banco do Crédito Real de São Paulo. Sua produção literária é considerável. Inclui enorme quantidade de artigos de jornal, poesias, ensaios, depoimentos, discursos, estudos e textos na área de direito e outros. Alcântara Machado, na biografia que publicou sobre o pai (*Brásílio Machado*, 1937, ed. José Olympio) menciona 48 obras de sua autoria, assim como mais de trinta arrazoados e vários relatórios. Além de *Madresilvas* (1876), publicou outros livros de poesia, *Perpétuas* (1882) e *Ave Maria* (1900). Seus discursos foram reunidos em dois volumes, publicados em 1906. Na obra *Dias de Imprensa* (1900, reeditada com novo título, *Pró Pátria*, no mesmo ano) recorda seus tempos de jornalista. Publicou ainda numerosos textos avulsos em revistas e jornais e a coletânea *Hinário cristão* (São Paulo, Salesiana, 1907). Foi em 1895 um dos redatores de *São Paulo Histórico*, revista do dr. Estêvão Leão Bourroul e por este editada. Em 1893 e 1899 presidiu a comissão da redação da *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo* e em anos subseqüentes continuou a fazer parte dessa comissão, até 1908. Fundou e dirigiu o periódico *A Pátria*, órgão da Federação Católica, e a revista *Santa Cruz*. Juntamente com D. Duarte e Tiburtino Mondim, foi um dos promotores do primeiro Congresso Católico Diocesano em 1901. Em 1907 assumiu o posto de redator-chefe do *São Paulo*, diário matutino católico, fundado com a sua colaboração em 1905. Tornou-se presidente, no Rio de Janeiro, então Capital Federal, do Conselho Superior de Ensino da República, em 1911. Sentindo que a morte estava próxima, deixou o Rio de Janeiro em 1919 para regressar à capital paulista, onde faleceu e foi sepultado. “Grande orador, dos maiores do seu tempo” (Waldemar Ferreira). “Genial orador de inspiração inesgotável, de

fascinante magia na palavra e de incomparável riqueza de pensamentos” (César Bierrenbach). (Ribeiro, 1899; Machado, 1937; Pfromm Netto e Martins, 2003). Uma rua no bairro da Paulista denomina-se Brasília Machado, junto às avenidas Dr. João Conceição e Jane Conceição.

**OLIVEIRA, Honorato Faustino de.** N. Itapetininga, SP, 17.2.1867. F. São Paulo, SP, 7.11.1948. Professor, médico, escritor, compositor, musicista. Uma das figuras centrais da história da educação de Piracicaba. Tinha 18 anos de idade quando, mercê dos seus notáveis dotes de educador, prestou concurso que possibilitava, nos tempos do Império, uma nomeação interina para lecionar em escola de bairro, vila ou cidade. Ganhou, assim, uma nomeação para a escola do bairro de Chapada, em Itapetininga, SP, ali permanecendo durante um ano. Removeu-se a seguir para a escola de outra vila, Sarapuí. De 1887 a 1889, autorizado por licença que lhe foi concedida, freqüentou o curso de três anos da Escola Normal da Praça da República, na capital paulista. Após diplomar-se, nomearam-no para a 3ª Escola da sua cidade natal, onde permaneceu até 1894. A ocorrência de uma reforma da Escola Normal paulistana, com o acréscimo de matérias e a concessão de um novo diploma, o do chamado “professor complementar”, com direito à nomeação para as então projetadas “escolas complementares” do Estado, fez com que Honorato Faustino voltasse a matricular-se na Escola Normal da Praça. Obteve, dessa forma, um segundo diploma de professor e foi nomeado em 1895 para a Escola Modelo Peixoto Gomide em Itapetininga, SP, onde lecionou. Passou depois, já no século 20, a morar em Piracicaba, onde, a convite do governo estadual, assumiu em 2.6.1904 a direção da Escola Complementar (posteriormente, Escola Normal Sud Mennucci), criada em 1896. Revelou notável tino administrativo na direção da escola quando, em 1911, as escolas complementares do estado foram convertidas em escolas normais primárias, e a dirigiu até

6.5.1928. Nomeado para dirigir na capital paulista a Escola Normal da Praça da República, passou a fazê-lo desde 2.4.1928 até novembro do mesmo ano, como diretor em comissão. Efetivado no cargo, conservou-se nele até dezembro de 1930, quando motivos da natureza política forçaram-no a se aposentar. Formou-se em medicina em 1920 pela Universidade do Paraná. Um seu anúncio, cit. por Cambiaghi (1983), diz que dava atendimento grátis aos pobres nos domingos e feriados e atendia outras pessoas, ao entardecer, na Farmácia Santa Cruz, no Bairro Alto. Fez parte do quadro de professores da Escola de Farmácia e Odontologia Washington Luiz de Piracicaba e da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local. Além do ensino, a que se dedicou como professor e diretor, Honorato foi escritor, músico e compositor musical inspirado. Seu livro *Lições práticas de pontuação e acentuação do A* teve seis edições, de 1919 a 1939 (Melhoramentos, São Paulo). Em 1939 saiu do prelo outra obra de sua autoria, *Lições práticas da pontuação do A pela figura crase*, igualmente editada pela Melhoramentos. Das músicas que compôs, inegavelmente as mais populares e das mais bonitas são *Adeus, escola* e *Bandinha da roça*. Assinava suas músicas com um pseudônimo, F. Haroldo. Seu nome designou no passado um dos Grupos Escolares da cidade, à rua José Ferraz de Camargo, nº 292 (Righetto, 1966) – posteriormente, endereço do Colégio COC – e em 1950 o Colégio Estadual e Escola Normal de Capivari, SP, passou a denominar-se Honorato Faustino, mas seu nome foi substituído pelo de Padre Fabiano. Há uma rua (no bairro Matão) com seu nome, que cruza a avenida Raposo Tavares, assim como uma travessa Honorato Faustino, tendo, contudo, seu nome substituído pelo de Padre Fabiano. “Autêntico mestre-escola e, ainda, eminente didata e administrador invejável... Cabe-lhe, pois, o título de consolidador da Escola..., consolidando-a na hora da tormenta e do perigo” (Thales C. de Andrade). “Grande e admirável mestre..., a expressão incisiva do

venerado diretor, do mestre e do pai espiritual, do educador e do guia perfeito de legião de alunos; nasceu para educar e instruir gerações” (Rosalvo de Salles) (Comissão da Poliantéia, 1946; Melo, 1954; Cambiaghi, 1984).

**OLIVEIRA, João Franco de.** N. séc. 19. F. Piracicaba, 24.10.1968. Empresário, jornalista. Homem de origens modestas, foi inicialmente um empregado obscuro das oficinas Krähenbühl (v.) e na primeira década do século vinte foi tipógrafo do *Jornal de Piracicaba*, surgido em 1900. Simples, comedido, muito econômico, conseguiu amedidar um pequeno patrimônio que foi o ponto de partida para a sua ascensão profissional e pessoal, facilitada pela retidão nos negócios e pelo tino empresarial. Quando o jornal deixou de ser dirigido por Álvaro de Carvalho (v.), que esteve à frente do periódico de 1904 a fevereiro de 1912, conseguiu reunir recursos para se tornar um dos proprietários do jornal. “João Franco era o dinamismo personificado”, assevera Leandro Guerrini (cit. em Pfromm Netto e Martins, 2003). “Montou a (Tipografia,) Papelaria e Livraria do Jornal... No seu ‘pé-de-bode’, manivela na frente, quinzenalmente ia para São Paulo e voltava com o calhambeque abarrotado pela frente. Dispensava fretes e carretos e vendia mais barato do que os demais... A Papelaria e Livraria do Jornal era um verdadeiro bricabraque... Talento, psicologia de João Franco... Demarcou época, esse estabelecimento comercial”. Em 1912 o *Jornal de Piracicaba* tornou-se propriedade de João Franco, Pedro Krähenbühl e Manoel Prates (vv.), que pagaram vinte contos de réis por sua aquisição. A partir de 13.3.1912, além dos três nomes citados, o jornal mencionava Pedro Crem Filho (v.) e José de Mello Moraes (v.) como seus diretores proprietários, e Pedro Krähenbühl (v.) passou a ser seu redator-chefe. Os vários sócios deixaram a empresa nos anos subseqüentes e desde 1933 João Franco de Oliveira tornou-se o único proprietário. “Jornalista de grandes méritos, imprimiu ao jornal segura orientação,

mantendo a linha de ponderação e respeito..., impondo-se cada vez mais às simpatias da população conterrânea” (*Jornal de Piracicaba*, 4.8.1950). De 1933 a 1939, João Franco teve a colaboração decisiva, como seu redator-chefe, de Leandro Guerrini (v.), que, em virtude da morte de Pedro Crem Filho, ocorrida em 1933, foi promovido a diretor do periódico, permanecendo nesse posto até 1939, quando João Franco vendeu a empresa a José Rosário Losso (v.) e seus filhos, Fortunato e Eugênio (vv.). Faleceu quase esquecido o homem que, de 1912 a 1939, ao longo de quase três décadas, manteve acesa a chama do tradicional diário piracicabano surgido no alvorecer do século 20 (Pfromm Netto e Martins, 2003). Há uma rua com seu nome na Unileste, junto à avenida Leopoldo Dedini.

**OLIVEIRA, João Marques de (Gato Preto).** N. 21.6.1923, Ribeirão Claro, SP. F. Piracicaba, 9.1.1995. Futebolista e profissional de costura, ingressou aos 21 anos de idade no E. C. XV de Novembro, três anos antes da implantação do futebol profissional no estado. Sua estréia no clube deu-se a 19.3.1944, ganhando o título de campeão do Torneio Início da Liga Piracicabana de Futebol. Atuava como goleiro e destacou-se em partidas memoráveis de futebol. Sua carreira praticamente encerrou-se em Campinas, a 4.7.1948, quando foi atingido por uma chuteira de um jogador, num jogo entre Ponte Preta e o Batatais, em Campinas (Rocha Netto, *Jornal de Piracicaba*, 12.1.1995).

**OLIVEIRA, José de Alcântara Machado de.** N. Piracicaba, 19.10.1875. F. São Paulo, 15.12(1.4?).1941. Advogado, professor, historiador, escritor, político. Pertence à plêiade dos maiores nomes da literatura e da cultura brasileiras o piracicabano que, filho de Brasília Augusto Machado de Oliveira (v.), fez seus primeiros estudos na capital paulista, na Escola Neutralidade de João Kopke, e os secundários no afamado Colégio Moretzsohn.

Em 1893 formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Tornou-se professor por concurso (1895) de Medicina Pública (medicina legal) da mesma faculdade, onde foi, posteriormente, vice-diretor (1930) e diretor (1935). Elegeu-se vereador na câmara municipal paulistana de 1911 a 1916, deputado estadual (1915 a 1924), senador estadual de 1924 a 1930, deputado e líder da bancada paulista na Assembléia Nacional Constituinte (1933-34) e senador federal (1935). Pertenceu a várias entidades culturais ilustres, entre as quais a Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, de que foi presidente, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto dos Advogados Brasileiros e outros. Dirigiu a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, foi membro da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e das Academias Paulista, que presidiu, e Brasileira de Letras. Retraído, “parcimonioso nas palavras e gestos, mantendo a fisionomia séria e grave”, segundo Guido Fonseca (s.d.), sua vida dividia-se entre o estudo, o ensino e a prática do Direito, a política e a pesquisa histórica. Esta última gerou uma sua contribuição de valor inestimável: o livro *Vida e morte do bandeirante*, lançado em 1929. Fez um livro a respeito do seu pai, *Brasilio Machado*, editado em 1937, e numerosos livros e estudos nos campos da medicina legal e do direito. Permaneceu na presidência da Academia Paulista de Letras, em que ocupava a Cadeira nº 1, sucedendo a seu pai, até a ocorrência da sua morte, quando preparava dois livros que não chegou a terminar: uma *Biografia do Tietê* e uma biografia do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, seu avô, autor de uma obra clássica do passado paulista, o *Quadro histórico da província de São Paulo* (1864) (Melo, 1954; Fonseca, s.d.). Dá nome a uma rua do Jardim Itapuã.

**OLIVEIRA, Procópio Rodrigues.** N. 28.8.1883. F. séc. 20. Foi destacado comerciante piracicabano, na primeira metade do século vinte. Proprietário de um estabelecimento especializado no ramo de auto-peças (*Jornal de*

*Piracicaba*, 28.8.1979)

**OLIVEIRA, Sebastião Rodrigues de** (Séc. 20). C.c. Maria del Rosário Sanchez de Oliveira. Ff.: Margarida, Antônio. Advogado solicitador, nos anos 30 e 40 manteve escritório na praça da Catedral, vizinho da Casa Edison (nº 1024). Pais da profa. Margarida Sanchez de Oliveira, formada pela Escola Normal Sud Mennucci em 1949, e do engenheiro agrônomo Antônio Sanchez de Oliveira, formado pela ESALQ em 1957. Este, n. 1931 e f. em 12.3.2008, c.c. Sônia Castanho Ferraz de Oliveira, 4 ff., doutorou-se em 1969 e tornou-se livre-docente em 1971 igualmente na ESALQ, fazendo parte do seu quadro de professores e pesquisadores desde 1963. Atuou como professor adjunto da escola, no Departamento de Engenharia Rural. Pertenceu anteriormente aos quadros profissionais da Secretaria da Agricultura de São Paulo e do Instituto Agrônomo de Campinas.

**OLIVEIRA, Sebastião Santos de (Tião).** N. Dois Córregos, SP, 8.5.1913. F. Piracicaba, 18.11.1994. C.c. Gê Trench de Oliveira, f. 26.4.1991. Ff.: Marisa, Marina. Administrador, empresário. Filho de Guilherme de Oliveira e Rita dos Santos Oliveira. Tendo perdido o pai quando tinha dois anos de idade, foi criado pelo avô materno, em uma fazenda de São Manoel, SP. Após a conclusão do curso primário em São Manoel, diplomou-se em contabilidade (1932) pela Escola Superior de Comércio de Botucatu, SP. Trabalhou desde os 12 anos de idade, até aposentar-se, no final dos anos 60, passando a dedicar-se inteiramente a programas rotários, como integrante que era do Rotary Club Piracicaba. Residiu em Piracicaba desde 1949, como funcionário da Companhia Gessy (posteriormente Gessy-Lever), onde ingressou em 1942, fazendo carreira: foi vendedor, inspetor e por fim (1957) supervisor de vendas. Seu espírito de pioneiro e empreendedor levou-o a obter brevê de aviador civil e a tornar-se talvez o primeiro homem de

## **OLIVEIRA, Tibúrcio de**

vendas do país a se valer do avião para o seu trabalho, como piloto do seu “Paulistinha”. Foi proprietário de um hotel em Rio Claro, SP, em sociedade com dois amigos, nos anos 50 e 60. Durante o quase meio século em que viveu e trabalhou em Piracicaba, fez parte do grupo de responsáveis pela implantação da Unimed, que contou com a sua colaboração de 1970 a 1988 e inaugurou seu retrato no ano 2000, na galeria dos fundadores. Pertenceu à diretoria da Associação de Vendedores (Arcesp), exercendo os cargos de secretário e tesoureiro. Desde que começou a viver em Piracicaba, o Rotary Club Piracicaba contou com a sua participação efetiva, estimulante e produtiva, tendo exercido numerosos cargos, entre os quais o de presidente do seu conselho diretor (1956-57). Atuou na fundação dos Rotarays Vila Rezende, Paulista e Povoador. Tornou-se governador do distrito rotariano 461 e neste fundou nada menos que nove novos clubes, entre os quais o da Cidade Alta e o de Rio das Pedras. Presidiu ou participou de inúmeros comissões rotarianas. Teve extensa e intensa atuação na Fundação Rotária, implantando no distrito o Programa de Intercâmbio Educacional de Jovens quando era governador e empenhando-se no Programa Paul Harris da vacina antipólio. Pouco antes de falecer em 1994, o Rotary Internacional outorgou-lhe seu Prêmio por Serviços Meritórios (“Distinguished Service Award”), pela sua contribuição a numerosos programas em favor da compreensão internacional. Foi galardoado com a maior honraria mundial conferida pelo Rotary Internacional, o prêmio “Dar de si antes de pensar em si”. Nas décadas de 1950 e 60, não mediu esforços para que surgissem em Piracicaba a Companhia Telefônica Cípatel e o corpo de bombeiros e fosse instalado o “pulmão de aço” para respiração artificial na Santa Casa de Misericórdia. Há no Rotary Club uma Comissão de Bolsas “Sebastião Santos de Oliveira” (M. Sakate, minoru.htm, 2007) e uma rua em Piracicaba recebeu seu nome, no bairro Panorama, junto à avenida Dois Córregos.

“Para a sorte de quem conviveu com ele, e foi capaz de aprender com seu exemplo, deixou-nos um legado de otimismo e de amor à vida” (Marina T. Oliveira, 2006). “(Teve) o seu esquite envolto na bandeira do Rotary. Inumeráveis coroas... (foram) levadas para enfeitar a tumba pelos jovens do intercâmbio (Programa de Intercâmbio Internacional de Jovens), a quem ele tanto amou e muito se dedicou” (F. S. Pacheco, *Jornal de Piracicaba*, 4.12.1994). A filha Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, formada em música pela Universidade São Judas Tadeu, com mestrado (1991) e doutorado (1996) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aposentou-se como livre-docente do Instituto de Artes da UNESP. Marina Trench de Oliveira, a segunda filha, formou-se em 1969 como psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tornou-se psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, sendo admitida como membro efetivo da “International Psychoanalytical Association”. Foi c. 1<sup>as</sup> núpcias c. Francisco Komatsu, ff. André, Auiti, Fernando, Francisco; c. 2<sup>as</sup> núpcias c. o psicanalista Arthur Mogeimes Rodriguez. Uma e outra filha têm grande número de publicações especializadas.

**OLIVEIRA, Tibúrcio de** (Séc. 19-20). C.c. Anna Zílio de Oliveira. Ff.: Cícero, Hélio (Baíco), Célia. Comerciante, músico, esportista. Vice-presidente do E. C. XV de Novembro na primeira diretoria deste, eleita a 4.12.1913, por ocasião da sua fundação, tendo Erotides de Campos (v.) como primeiro secretário. Músico da banda União Operária, Tibúrcio também foi jogador de futebol do E. C. XV de Novembro. Manteve por volta dos anos quarenta um chalé (casa lotérica), à rua Alferes José Caetano, entre as ruas Prudente de Moraes e Treze de Maio, defronte da Sapataria Banzatto.

**OLIVEIRA, Victor Valentie de** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo formado em 1916 pela

Escola Agrícola Luiz de Queiroz, a futura ESALQ. De 1918 a 1921 fez parte do quadro docente da escola. Seu nome aparece na publicação de Reis (1921) sobre a escola, como professor da 5ª Cadeira, Zootecnia, incumbido das aulas de zoologia geral e descritiva e das de entomologia e parasitologia. A Zoologia se converteu na 9ª Cadeira, por ocasião da reorganização da escola em 1925. Em 1931, um novo regulamento criou a 17ª Cadeira, de Entomologia e parasitologia agrícola, apicultura e sericicultura, disciplinas retiradas da 9ª Cadeira. A reforma implantada na ESALQ em 1970 converteu a 9ª Cadeira em Departamento de Zoologia e a 17ª Cadeira em Departamento de Entomologia.

**OLIVEIRA E SILVA, Maria Luiza Piza de.** N. Piracicaba, 17.7.1910. F. Piracicaba, 29.12.1992. C.c. Leonídio Vieira da Silva, n. Santos, SP, f. 1989. Professora, f. de Luiz Antônio de Oliveira e Theodora de Toledo Piza. Residiu, após o casamento, em Santos, onde o esposo dirigia a Leon Srael Agrícola e Exportadora, empresa ligada à comercialização e exportação de café. Após a aposentadoria do marido, voltou a viver em Piracicaba juntamente com este, na chácara Canadá. Um depoimento de L. V. C. Piza, seu sobrinho (*Jornal de Piracicaba*, 7.3.1993), menciona-a como “uma pessoa de personalidade dura, forte, porém de grande coração. Gostava de carnaval. Foi na Equipe Lanka, que ajudou a fundar, membro da Comissão de Frente”. Presidiu o Movimento de Arregimentação Feminina em Piracicaba e participou ativamente do Museu Prudente de Moraes, sendo homenageada pela diretoria do museu com um cartão de prata. Segundo o sobrinho, “...cultua, pintava muito bem, falava inglês e francês com perfeição... Deixou grandes saudades... Todos que com ela conviveram e a conheceram podem dizer quanto ela foi firme em seus propósitos”.

**OLIVETTO, Hugo Diehl** (Séc. 20).

Comerciante. Teve armazém e bar a poucas quadras do centro de Piracicaba, em meados do século. Um artigo de N. K. Costa no *Jornal de Piracicaba* de 21.8.1990 ressalta que Olivetto foi um lutador, muito inteligente e muito engraçado. “Com seus 150 quilos, só saía de casa de automóvel (morava à rua Floriano Peixoto)... Foi mascate, foi comerciante, foi pintor de casas, até empresário de circo... Teve um Ford enorme, com motor de doze cilindros. Parecia um dinossauro ou um mastodonte... Na parte trazeira iam muitas mercadorias, sapatos de sola de pneu, chinelos, armarinhos, miudezas e outras mais, que saía a vender por outras cidades e até em arraiais. Às vezes trocava mercadoria por mercadoria”.

**OLIVETTO, Paulo** (Séc. 19-20). Comerciante. Figura no *Almanak de Piracicaba* editado por Camargo (1900) como proprietário do “Armazém Veneziano”, instalado na rua do Comércio, nº 29 (atual Governador Moraes Barros). Armazém de grande porte, apresentava-se como negociante de “fazendas, molhados, armarinho, etc., depósito especial de vinhos portugueses e italianos das primeiras marcas; compra e vende gêneros do país”. Acrescentava que “nesta casa recebe-se também encomenda de tijolos, os quais são bons, grandes, bem queimados e a preços módicos”.

**OMETTO, Antônio.** N. Vegiano, Itália, 9.7.1853. F. Piracicaba, 9.7.1901. C.c. Catterina Biagio, n. Itália, 12.7.1860, f. Piracicaba, 21.7.1941. Ff.: Constante, Carolina, José, Pedro, Jerônimo, João, Luiz. O casal chegou no Brasil a 17.9.1887, com seus dois primeiros filhos, os menores Constante e Carolina, a bordo do navio Roma, desembarcando no Rio de Janeiro. Deslocaram-se para a capital paulista e foram contratados como colonos para uma fazenda de café em Amparo, SP. Empregaram-se a seguir em Três Pontas, SP, na fazenda de café Salto Grande, do barão de Indaiatuba. Em 19.11.1887 o irmão de Antônio, Girólamo Ometto (n. Itália

c. 1841 e f. Itália, 1901), acompanhado da esposa, Pierina Ometto, e seus oito filhos (Virgínia, Marco, Pietro, Sílvio, Macário, Maria, Ana e Regina), desembarcou na então Capital Federal. Um terceiro grupo dos Ometto (Thomaz, Marco e Assunta) estabeleceu-se igualmente em terras paulistas. Após adquirir um pequeno lote em Tupi, SP, Girólamo convidou o irmão Antônio e sua família para a compartilha de uma moradia comum e a fim de ajudá-lo na lavoura de cana e na produção de aguardente. Antônio, a mulher e filhos foram colonos na fazenda do Coronel Barbosa Ferraz (v.) durante vários anos. Na passagem do século, segundo Camargo (1900), Jerônimo Ometto era proprietário de uma olaria em Piracicaba. Em 1906, a viúva Catterina e o filho Constante, a conselho de Barbosa Ferraz, adquiriram vários alqueires de terra na Fazenda Água Santa, entre Piracicaba e Limeira. Levantaram no local uma casa de madeira, posteriormente substituída por outra, de barrote. Graças a um sobrinho, Sílvio Ometto (c.c. Amália Ragazzo Ometto e pai do industrial João Ometto, n. 1921 e f. Piracicaba 20.6.2000, c.c. Julieta Zulzke Ometto), a casa foi coberta e a propriedade passou a compreender um grande salão, um paiol para milho e um rancho para animais. Em torno da casa, “a horta, o bananal, as mangueiras, o chão varrido, a criação de galinhas, porcos, cabritos, e um bem precioso, uma vaca com seu bezerro” (Elias Netto, 2000). Dedicaram-se inicialmente ao corte e à venda de lenha e a um cultivo de subsistência e para venda. Caterina encarregava-se pessoalmente de vender frutas e verduras e adquiriu novas terras, juntamente com seus filhos. Passaram a produzir tijolos e aguardente de cana. O filho Pedro, n. 2.10.1893 em Piracicaba e f. 2.3.1966 igualmente em Piracicaba, casou-se em 1914 com Narcisa Chesini, sendo os pais de Ernesta, Dovílio (v.) e Helena Ometto. Constante, o irmão mais velho de Pedro, n. 21.7.1882 em Pádua, Itália, e f. Piracicaba a 24.10.1968, contraiu matrimônio com Zaira Paggiaro, n. em Pádua, Itália, a 4.7.1886 e f. em Piracicaba

a 1.2.1968. Foram igualmente irmãos de Pedro Ometto: Carolina, n. Pádua, Itália, a 8.8.1885, c.c. Felício Pavan; José, n. Amparo, SP, 1889, c. 1913 c. Romana Belloni; Jerônimo, n. Piracicaba em 24.8.1895 e f. 9.9.1974 em Piracicaba, c. em 1918 c. Teresa Collete; João, n. Piracicaba, 1897; e Luiz, n. Piracicaba, 1899, c. em 1924 com Cecília Cera. O surgimento, a expansão e a consolidação empresarial dos Ometto em Piracicaba e em outras regiões do Estado é uma das mais admiráveis expressões de um autêntico neo-bandeirantismo do século vinte, por tudo quanto representa de tenacidade, denodo, sagacidade, empreendedorismo e confiança no futuro. As sementes plantadas pelos modestos imigrantes italianos que aqui aportaram, quando se esboçava o advento da República e o Segundo Reinado chegava ao fim, marcaram o início de um dos mais fecundos capítulos de toda a nossa história. Barata e Bueno (2000) apresentam as linhas essenciais da construção do “império Ometto”, iniciado com a aquisição das terras da fazenda Água Santa. Em 1914, montaram seu primeiro Engenho. Em 1918, adquiriram a antiga fazenda Boa Esperança, em Limeira; em 1932, a fazenda Bela Vista, que originou a Usina Boa Vista; a Companhia Industrial e Agrícola Ometto (1937), a Usina São João, a Usina Iracema, a Usina Costa Pinto (1935, em virtude de uma associação de Pedro e João Ometto com Mário Dedini e José Bassinello); a Usina Barra, a Usina Santa Lúcia, a Usina São Martinho, a Usina Santa Cruz...”. De acordo com a fonte citada, cinco vigorosos grupos econômicos foram os principais protagonistas dessa expansão: (1) Grupo Luiz Ometto, 15 empresas; (2) Grupo Pedro Ometto, 14 empresas; (3) Grupo José Ometto, 10 empresas; (4) Grupo Jerônimo Ometto, 5 empresas; (5) Grupo Dovílio Ometto, notadamente no setor do açúcar e álcool. O coroamento desse processo de expansão foi a constituição do grupo Cosan – Cosan S.A. Indústria e Comércio e Empresas controladas, que compreende (fins de 2006) 16 usinas, duas refinarias de açúcar e dois terminais portuários,

todos no Estado de São Paulo. O conglomerado Cosan encerrou seu exercício social no ano de 2006 com uma receita líquida de 2,5 bilhões de reais. Um piracicabano, neto de Pedro Ometto, lidera o grupo: Rubens Ometto Silveira Mello, engenheiro pela Escola Politécnica da USP, diretor-presidente desde o ano 2000 e presidente do Conselho de Administração da Cosan, eleito Eminentíssimo Engenheiro do ano de 2006 pelo Instituto de Engenharia (Elias Netto, 2000, 2003; Pfromm Netto e Martins, 2003; Campos, 2006; *Jornal de Piracicaba*, 20.7.2001 e 14.12.2006). Os esposos Antônio e Catterina, os filhos Pedro, Jerônimo, Constante e sua esposa Zaíra descansam no Cemitério da Saudade, em jazigo da família. Em 1956 os Ometto custearam a construção do pavilhão Catterina Ometto, na Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Várias ruas de Piracicaba têm nomes em homenagem aos Ometto, como a rua Catarina Ometto, no bairro Piracicamirim; travessa Pedro Ometto, no Jardim Europa; rua Sílvio Ometto, no Residencial Paineiras; e a rua Narcisca Chessine Ometto, no bairro Água Seca. Desde meados do século vinte existia na rua Benjamin Constant, nº 1734, a Agência Ford Gerólamo Ometto S.A. Comércio de Automóveis, mencionada no almanaque de Krähenbühl (1955) e nos guias da cidade editados por Camargo e Navarro (1958) e Righetto (1966). Gerólamo Ometto foi o sócio nº 69 registrado no comércio piracicabano desde 3.8.1940, no ramo de venda de autos e acessórios, com capital de 150:000\$000, como consta no Livro de Registro de Sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002). Nessa ocasião, suas instalações eram na rua Governador Pedro de Toledo, nº 96. Guidotti (op. cit.) destaca-o como a segunda maior firma da cidade, em termos de capital registrado. Gerólamo Ometto foi sócio fundador do Rotary Club Piracicaba, a 15.2.1941. No *Guia de Piracicaba* editado por Righetto em 1966, consta a Comercial Importadora Ometto Ltda., dedicada ao comércio de peças e acessórios para automóveis,

à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1268.

**OMETTO, Antônio Orlando.** N. 1942. F. Piracicaba 6.5.2007. C.c. Inaya Toledo Veiga Ometto. Ff.: Alexandre, Rosália, Felipe. Filho de Thomaz Ometto e Verônica Bachin Ometto. Advogado, foi presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), subseção de Piracicaba. Formado em Bauru em 1969, atuou como advogado criminalista e durante mais de duas décadas de anos prestou serviços à organização Unimed nas unidades desta em Sorocaba, Salto/Itu, Capivari e Guarujá. “Muito bom colega, cordial e bom presidente da subseção... Leal e apaziguador” (J. B. S. Negreiros).

**OMETTO, Dovílio.** N. Piracicaba, 14.7.1918. F. São Paulo, 29.8.2007. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Ada Dedini Ometto, filha de Mário Dedini (v.) e Mariana Corrente Dedini. Ff.: Mário, Cláudia, Juliana. C. 2<sup>as</sup> núpcias c. Carmen Eugenie Ometto, viúva de Ibrahim Daibes (pais de Gláucia e Adriana Daibes). Empresário, usineiro, engenheiro agrônomo e esportista, filho de Pedro Ometto (v.) e Narcisca Chessini. Formou-se pela ESALQ em 1941. Seu primeiro e único emprego foi na Dedini, desde o ano seguinte ao da formatura, como assessor de Mário Dedini em projetos e empreendimentos, notadamente na siderurgia. Desempenhou várias outras funções na empresa. Casado com Ada, uma das duas filhas de Mário, em 1970 tornou-se líder e sucessor deste e passou a ser o principal articulador do grupo empresarial Dedini. Dedicado ao grupo por mais de 65 anos, dizia que tinha muitos motivos para se orgulhar disso: “a própria história da Dedini, que eu vivi e (nela) participei ativamente, as grandes realizações que a Dedini fez e faz em vários segmentos, as inovações tecnológicas que a Dedini desenvolve, a tradição que a Dedini tem no mercado, nosso pessoal e seu crescimento, e o ‘espírito dediniano’ que possuem todos aqueles que trabalharam e contribuíram com



a Dedini em sua longa história” (C. Sanches, *Jornal de Piracicaba*, 30.4.2006). A despeito da idade avançada, trabalhava dez horas por dia, ou mais. A longa e fecunda história das suas iniciativas e realizações inclui a criação do processo conhecido como DHR, Dedini Hidrólise Rápida, que em poucos minutos converte o bagaço de cana, por meio de hidrólise ácida, em material para produção de álcool. Teve a satisfação de ver coroado de êxito os seus esforços em relação ao DHR, com a assinatura de convênio entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e a Dedini, para a construção de instalação destinada a pesquisas científicas e tecnológicas com o propósito de otimizar o processo criado por ele (C. Ancona, *Jornal de Piracicaba*, 31.8.2007). De acordo com Ancona, com o mesmo entusiasmo pela vida, Dovílio “deu sentido e significado à cana-de-açúcar como matéria-prima para a produção do álcool combustível. Foi um dos lutadores pelo Proálcool, na década de 70... e deu continuidade ao projeto, investindo fortemente na expansão das empresas Dedini”. Alvo de expressivas homenagens e honrarias, elegeram-no em 2006 o líder empresarial do ano do setor de bens de capital pelo Fórum de Líderes do Jornal “Gazeta Mercantil” e o governo do Estado de São Paulo outorgou-lhe a Medalha dos Bandeirantes. “Ele fazia as coisas acontecerem. Era um homem visionário e de uma capacidade de trabalho extraordinária. Tinha otimismo o tempo todo, acho que até dormindo ele era otimista!” (Mário Dresselt Dedini). “Foi um grande líder, um homem que continuou a obra de Mário Dedini com enorme empenho. Para mim, é uma tristeza grande (a sua morte), porque me apoiou no começo da carreira e era uma referência” (Rubens Silveira Mello). “Era um homem de uma sabedoria, uma competência e uma generosidade incomparáveis. Deixa para posteridade um exemplo de dignidade da vida” (Jairo R. Mattos). “É uma referência de Piracicaba não apenas econômica, mas humana. A contribuição dele para o progresso da cidade é fantástica. Era formado

pela escola (ESALQ) e foi a pessoa mais vezes escolhida como paraninfo” (Antônio Roque Dechen, diretor da ESALQ). “Era, acima de tudo, um ético... Dovílio não era homem de fazer as coisas na moita, na calada da noite. Dovílio fazia tudo às claras, era transparente” (Olênio F. Saconi). “Dovílio ajudou o país. Ofereceu uma imensa contribuição ao povo brasileiro: ajudou o Brasil a construir seu futuro, nos caminhos da tecnologia” (A. C. M. Thame).

**ORANGES, Salvador** (Séc. 19-20). Comerciante. Era de sua propriedade um restaurante, por volta da passagem do século, localizado na rua Boa Morte e mencionado no almanaque de Piracicaba de Camargo (1900). A relação dos restaurantes existentes na cidade nessa época, citados por Camargo, abrange vinte e sete estabelecimentos, cinco dos quais na rua da Glória (atual Benjamin Constant), quatro na vila Rezende, três na rua Quinze de Novembro e três nos largos do Jardim e do Teatro (atual praça José Bonifácio). Salvador Oranges consta igualmente no almanaque citado como um dos donos de vendas e armazéns na rua Boa Morte.

**ORLANDO, Irmãos.** (Séc. 20). Industriais, estabelecidos no ramo da fabricação de bebidas, os irmãos Caetano (n. 1917) e José Orlando estiveram à frente de uma empresa piracicabana tradicional nesse setor, a R. Orlando Comércio de Bebidas Ltda., igualmente denominada Orlando & Cia. A empresa começou com seu pai, em fábrica instalada no Bairro Alto, onde permaneceu durante treze anos e foi posteriormente transferida para a rua XV de Novembro, onde ficou por três anos, e posteriormente passou a funcionar na rua Benjamin Constant, nº 1598 durante treze anos, encerrando suas atividades em 1988. Em registro nostálgico do *Jornal de Piracicaba* (22.1.1995), Caetano Orlando recordou que as principais bebidas que fabricavam, de grande aceitação popular, eram os refrescos, espumantes ou gasosos, em grandes garrafas,

notadamente a Gengi-birra e a Etubaína. “Cada Gengi-birra custava 400 réis, com o que dava para se comprar três pãezinhos. Vendia cerca de cem dúzias por dia, mas no final do ano, nas festas, era um Deus nos acuda... Tinha 40 empregados e produzia durante o ano para estocar”. A origem da Etubaína liga-se a um refresco concorrente, a Cotubaína, criada em Piracicaba em fins do século 19, por volta de 1898, pela fábrica de bebidas da família Andrade. Em 1913 a fábrica Orlando iniciou a produção de um refrigerante similar, mudando apenas o início do nome. Tornou-se conhecido como Etubaína do Orlando. A entrega nos bares e residências era inicialmente feita em carroça ou carrinho de mão, nas ruas de terra de Piracicaba. Em 1937 os irmãos Orlando compraram um caminhão Chevrolet, para facilitar a distribuição do produto gaseificado à população. Vendiam diariamente cem dúzias do refresco, que custava 400 réis. Nos anos 60, Etubaína, Gengi-birra, Maçã, Gasosa, Água Tônica, Guaraná e Laranjada compunham a linha dos Refrigerantes Orlando, vendidos em Piracicaba e em municípios vizinhos (*Jornal de Piracicaba*, 19.6.1966).

**ORSI, Frederico Ferraz** (Séc. 20). Funcionário categorizado da Prefeitura Municipal durante longos anos. Foi prefeito-interventor em Piracicaba durante um curto período em 1947, após o prefeito Bento Luiz Gonzaga Franco (v., 31.7.1946 a 10.3.1947) (v.) e antes do prefeito Osvaldo Machado Cardoso, no mesmo ano de 1947. Há uma rua Frederico Ferraz Orsi no Jardim Monte Líbano II, paralela à rua Prof. Pedro de Mello.

**ORSINI, Ernesto (Ernestinho)**. N. Piracicaba, 1921. F. Piracicaba, 13.1.1987. Futebolista. Tinha 18 anos quando se inscreveu na Associação Piracicabana de Esportes, como jogador de futebol da Sociedade Recreativa Palestra Itália, da Cidade Alta, nela permanecendo até 1942. Passou, então, a

pertencer ao esquadrão do Esporte Clube XV de Novembro, inicialmente no time de aspirantes e depois no de titulares. Jogou igualmente em outros clubes locais, notadamente no Paulista Futebol Clube.

**ORSINI, José Antônio** (Séc. 20). Empresário. Foi proprietário do Grande Hotel, à rua Boa Morte, nº 1293. Em meados do século vinte, a rede hoteleira piracicabana compunha-se, além do Grande Hotel, tido como de primeira classe, dos hotéis Esplanada (1ª classe luxo), à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1337; Brasil, à rua Boa Morte, nº 1143; Central (1ª classe), no Largo da Catedral, nº 979; Jardineira, à rua Benjamin Constant, nº 1065; Paulista, à rua Boa Morte, nº 2132; Regina, à rua XV de Novembro, nº 976; e pensões Brasileira (r. Benjamin Constant, nº 634), Santo Antônio (r. Governador Pedro de Toledo, nº 2054) e Nossa Senhora Aparecida (r. Rosário, 848).

**ORSINI, Luiz** (Séc. 19-20). Comerciante. Camargo (1900) inclui Orsini entre os 25 proprietários de sapatarias na Piracicaba da transição do século 19 para o seguinte. A sapataria de Orsini localizava-se no largo do Jardim (atual praça José Bonifácio). Oito dessas sapatarias achavam-se na rua do Comércio (rua Governador Pedro de Toledo).

**ORTIZ SOBRINHO, José (Zequita)** (Séc. 20). Comerciante. C.c. Julieta Assini Ortiz, n. 1925 e f. Campinas, SP, 1.6.2006. Ff.: Joseli Regina, Maria Cristina, Maria Eugênia, Roselene. Estimado e cordial, destacou-se no setor lojista piracicabano desde meados do século. Juntamente com a esposa, abriu em 1947 uma barbearia na rua Moraes Barros, nº 1432, transformando-a mais tarde em perfumaria, camisaria, casa de artigos para presente e por fim loja de departamentos, o Magazine Ao Zequita (posteriormente A & Z Ao Zequita), vendendo roupas e eletrodo-mésticos. O casal permaneceu mais de três décadas à frente do

negócio. Em fins dos anos 70, passou a direção a Luis Carlos Furtuoso, seu genro, casado com Maria Cristina Ortiz Furtuoso e figura de destaque no comércio e indústria, presidente do conselho executivo da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (Acipi). Em 2007 a empresa abrangia sete lojas, em Piracicaba, Campinas e Rio das Pedras.

**OTERO, Telmo.** N. Santa Gertrudes, SP, 25.7.1924. F. Piracicaba, 18.7.2006. C.c. Anésis Antônia Bragaia Otero. Ff.: Denise, Maria Teresa. Empresário, era filho de Hygino Otero, f. 1974, e Marina Pedreira Otero. Mudou-se com os pais para Santos, SP, onde o pai teve loja. Frequentou escola do ensino elementar em El Rosal, na Galícia, Espanha, cidade natal de sua mãe, completando os estudos no Brasil, em grupo escolar e ginásios santistas. Em 1940 a família mudou-se para Piracicaba. Seu pai passou a explorar uma cerâmica, no bairro Marins, onde Telmo trabalhou durante três anos. Formou-se em Piracicaba em 1945 pela Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo e foi seu professor. Fundou com um grupo de colegas o Clube dos Bancários de Piracicaba. Sócio-proprietário de um estabelecimento tradicional, a Casa Triângulo, especializada em material de construção, ferragens e artigos afins, à rua Prudente de Moraes, nº 659, da firma Otero Filhos Ltda., que criou com o pai e seu irmão Luiz, atuou no comércio piracicabano por mais de 50 anos. Presidiu a Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (Acipi) durante sete gestões, de 1977 a 1991, e foi vice-presidente do Conselho Consultivo da entidade. Participou da fundação do Lions Clube Piracicaba Norte, fundou um clube de ioga, foi membro da diretoria e vice-presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado, assim como membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e da Sociedade dos Amigos do Museu Prudente de Moraes. Ocupou as presidências do Centro Cultural e

Recreativo Cristóvão Colombo e da Corporação Musical União Operária. Em 1993 a Câmara de Vereadores de Piracicaba conferiu-lhe o título de Cidadão Piracicabano. Seu nome passou a designar o prédio próprio da Acipi, cuja construção teve início durante a sua gestão como presidente, em 1985.

**OZORES, José.** N. Ipeúna, SP, 23.11.1922. F. São Paulo, SP, 9.1.1985. C.c. Inair Esquerro Ozores, n. Piracicaba, SP, 4.4.1926. Ff.: Maria Luiza, Maria José, João José (arquiteto, n. 28.11.1958, f. Piracicaba, 13.8.1988). Empresário. Filho de João Ozores e Florinda Fregadoli. Menino ainda, começou como servente de pedreiro e tornou-se pedreiro. Em 1956 constituiu com João Casarotti a Construtora Casarotti, tendo Francisco Salgot Castillon (v.) como responsável técnico. Em 1960 adquiriu com a esposa as quotas de Casarotti, tornando-se, assim, os únicos proprietários. Em 1975 a empresa passou a denominar-se Obra S/A Projetos e Construções. Numerosas construções, ampliações e reformas de grande porte foram concretizadas por Ozores em Piracicaba, na segunda metade do século passado. Recebeu homenagens “post-mortem” do Hospital Santa Isabel, do Lar Betel e da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, cujo primeiro edifício, no antigo Externato São José, foi por ele reformado para a instalação da Faculdade (Patrícia Ozores Polacow, 2008).



**PACHECO, Amador de Campos, major** (Séc. 19). Político. Fez parte do Conselho da Intendência Municipal, em substituição da Câmara Municipal piracicabana em fins do século, nos albores da república. Integrou, assim, o grupo de cidadãos indicados em dezembro de 1891 e oficializados a 24 do mesmo mês, juntamente com Paulo de Moraes Barros, João Batista da Silveira Mello (vv.), Jacob Diehl e outros (Guerrini, 1970). A nomeação da intendência decorreu de acontecimentos políticos que culminaram com a deposição do presidente de São Paulo, Américo Brasiliense de Almeida Melo. A câmara municipal que a precedeu, de acordo com a fonte citada, renunciou e abandonou os cargos a 17.12.1891, e aconselhou os empregados municipais que fizessem o mesmo, vivendo a cidade “uma grande efervescência nos meios políticos”. A intendência aqui mencionada foi presidida por Paulo de Moraes Barros (v.) e perdurou até a eleição e a posse da primeira câmara municipal republicana eleita em Piracicaba pelo povo, a 30.8 e 29.9.1892, respectivamente. Amador de Campos Pacheco exerceu novamente a vereança municipal no período de 1899 a 1901 (Vitti, 1966). Há uma rua Amador de Campos no distrito de Tupi, perto da rodovia Luiz de Queiroz (SP 304).

**PACHECO, Antônio Correa** (Séc. 19-20). Político. Vereador em Piracicaba, de 1896 a 1898 e de 1911 a 1913 (Vitti, 1966). No *Almanaque*

de Camargo para 1900 há uma referência à viúva Correa Pacheco na lista de “capitalistas piracicabanos que, como tais, pagam imposto”, no valor de 100:000\$000, colocando-a, assim, entre os dez maiores capitalistas de Piracicaba, na passagem do século. No distrito de Tupi há uma rua Antônio Correa Pacheco.

**PACHECO, Aquilino de Oliveira.** N. 1899. F. 17.10.1991. C.c. Myrthes Ferraz Pacheco. Ff.: Maria Dione, José Oswaldo, Cleuza Maria, Aquilino José, José Renan. Foi sogro do empresário e comerciante Salim Felipe Maluf (v.) e era filho de Marcolino de Oliveira Pacheco e Patrocina de Oliveira Pacheco. Pertencente a tradicional família piracicabana, foi cidadão operoso e benquista, tendo vivido mais de noventa anos, de fins do século 19 à derradeira década do séc. 20.

**PACHECO, Aquilino José, coronel.** N. Piracicaba, 9.2.1839. F. séc. 20. C.c. Messias de Arruda Leite em 1<sup>as</sup> núpcias (29.9.1857) e c. Rita Arruda Pacheco, irmã da primeira esposa, em 2<sup>as</sup> núpcias (1.11.1864). Ff.: onze ao todo, sendo quatro do 1º casamento. Lavrador, político. Era filho de Firmino de Campos Pacheco e Francisca Luiza de Campos Penteado. Em São João da Bocaina (atualmente Bocaina), SP, onde residiu no séc. 19, foi eleito vereador e presidente da câmara municipal. Era dono de importante propriedade agrícola em Bocaina. De volta a terra natal, onde se dedicou

igualmente à lavoura, impôs-se como um dos mais respeitados integrantes do diretório do Partido Republicano. Desempenhou vários cargos de nomeação ou de eleição popular, sendo intendente em Piracicaba de 9.3.1899 a 18.9.1900 e em 1901-2 e de 28.1.1904 a 17.12 do mesmo ano. Fez parte da Câmara Municipal de 1898 até 1904 e de 1908 a 1910. A atual estrutura do Cemitério da Saudade é obra do coronel Aquilino, responsável pela ordenação dos túmulos, a feitura de guias e sarjetas e a drenagem das águas pluviais (M. M. Setto, *Jornal de Piracicaba*, 3.1.1999). O cemitério teve início nos anos 60, no século 19, a partir da concessão de uma carta de data ao médico Otto R. Kupfer (v.), pela câmara municipal a 22.1.1860. Um dos primeiros registros de sepultamento, de Theodor Loose, data de 1869. Foi “elevada a soma de serviços prestados ao torrão natal por esse conterrâneo ilustre” (Guerrini, 1970). Uma rua Aquilino José Pacheco encontra-se na Cidade Alta, paralela à avenida Independência.

**PACHECO, Benedito Luiz da Motta** (Séc. 20). C.c. Anarcy dos Santos Negrão Motta Pacheco (1931). Médico. Filho do farmacêutico Manoel Ignácio da Motta Pacheco (v.), n. em Minas Gerais (bisneto de Manuel Antônio Pacheco, barão de Cocais), e de Maria Claudina da Motta Pacheco, residentes desde 1893 no Estado de São Paulo. Formou-se em Curitiba pela Faculdade de Medicina do Paraná (1929) e desde março do ano seguinte clinicou em Vila Rezende, à avenida Rui Barbosa, nº 19, notadamente no atendimento de moléstias de crianças e na cura de “varizes e hemorróidas sem operação e sem dor” e “moléstias ano-retais”. Parece ter deixado Piracicaba por algum tempo, pois a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia local eliminou-o de seu quadro por motivo de mudança em 1934, mas um anúncio inserido em 1940 no *Jornal de Piracicaba* referia-se à sua atuação como médico na cidade, novamente com consultório à avenida Rui Barbosa, no nº

46, dedicando-se ao tratamento de “moléstias do estômago, úlceras, gastrites”. Data de fevereiro de 1944 uma nomeação para atuar como médico sanitário do Posto de Higiene da cidade (Cambiaghi, 1984).

**PACHECO, Ignácio Correa** (Séc. 19-20). O *Jornal de Piracicaba* destacou-o na edição de 4 de agosto de 1901 como um dos seus colaboradores.

**PACHECO, Manoel Ignácio da Motta, coronel** (Séc. 19-20). Personalidade de destaque na Piracicaba das primeiras décadas do século vinte. Foi um dos fundadores da Associação Comercial em 9.7.1933, convertida em Associação Comercial, Industrial e Agrícola em 1944, que originou a atual Acipi. Fez parte da primeira diretoria da entidade, eleito como um dos seus diretores em 29.7.1933. Juntamente com Luiz Coury (v.), Motta Pacheco foi indicado em 1935 pela associação para membro do Conselho Consultivo Municipal, que substituiu a câmara de vereadores (Muller, 1958). Há uma rua com seu nome, no Jardim Monumento.

**PACHECO, Mário de Campos**. N. Piracicaba, 1902. F. São Paulo, séc. 20. Artista plástico. Discípulo de Joaquim de Mattos (v.), participou do Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro (1935, 1936, 1940, 1944) e do Salão Paulista de Belas Artes (1936, 1940, 1941, 1942, 1948, 1952, 1957, 1958, 1959, 1960). Em 1953 compareceu no Salão de Belas Artes de Piracicaba. W. Ayala (1977) destaca no *Dicionário brasileiro de artes plásticas* duas das suas paisagens: “Fim de tarde” e “Ibirapuera”. Segundo João Chiari, foi “dono de uma pintura neoclássica, paisagista dominante de todos os lugares que buscou..., pintando tudo com simplicidade e simpatia”.

**PACHECO, Octávio de Campos**. N. séc. 19. F. Piracicaba, SP, séc. 20. C.c. Ida de Campos

Pacheco. Ff.: Arli, Clóris, Neide, Osmar, Vilma (f. São Paulo, SP, 26.1.1988). Engenheiro agrônomo, professor universitário. Formou-se em 1914 pela então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, e pertenceu ao seu quadro docente de 1918 a 1948, ingressando na antiga 1ª Cadeira, Física Agrícola, como auxiliar de ensino. Aposentou-se em janeiro de 1948. Os Pacheco residiram durante muitos anos na rua Alferes José Caetano, no quarteirão junto à antiga sede da Prefeitura Municipal.

**PACHECO, Pedro Ferraz.** N. Itu, batizado a 12.9.1723. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Maria Delfina de Lemos a 24.11.1748 na vila de Santana do Parnaíba, SP, batizada na mesma vila a 12.11.1733 e f. Itu, 15.4.1778. C. 2<sup>as</sup> núpcias em Itu, SP, em 1778, c. Gertrudes Maria Barbosa, tia, por afinidade, do fundador de Piracicaba, Antônio Correa Barbosa. Teve duas filhas. Em Itu, SP, foi soldado da cavalaria das ordenanças e lavrador de cana, com pequena produção de açúcar, tendo dividido sua existência entre Itu e Piracicaba. Mencionado como um dos moradores de Piracicaba em 1767, seu nome aparece igualmente nos recenseamentos realizados nesta localidade em 1782 e 1791. Um sítio abaixo do córrego Itapeva foi de sua propriedade (Bogaciovias, 2006). Situa-se no bairro Maracanã uma rua com seu nome, junto à avenida Rio das Pedras.

**PACHECO E CHAVES (PACHECO CHAVES), João.** N. 27.12.1916. F. São Paulo, SP, 6.2.1995. C.c. Ruth S. Pacheco e Chaves. Ff.: Maria Cristina, Mercedes, Francisco Miguel. Político de projeção nacional, agricultor, formado em agronomia pela ESALQ em 1936. Filho de Jorge Pacheco e Chaves (v.) e Jeanne Conceição Pacheco e Chaves, que descendia do Barão da Serranegra. Foram seus avós Elias Antônio Pacheco e Chaves e Anésia da Silva Prado, irmã de Eduardo, Caio, Martinho (Martinico), Ana Brandina e do conselheiro Antônio da Silva Prado, todos filhos de Martinho

da Silva Prado Júnior e Veridiana Valéria da Silva Prado. Residiu com a esposa na chácara Nazareth, onde passava os fins de semana, após as contínuas viagens que fazia pelo país. Foi o último dos Pacheco e Chaves a morar na chácara de modo permanente. De 1947 a 1950, a convite de Brasília Machado Neto, ocupou a direção geral do Senac. Começou na política em 1950, elegendo-se deputado estadual pelo Partido Social Democrático. Eleito deputado federal em 1954, foi sete vezes reeleito. Destacou-se como um dos fundadores do partido MDB (Movimento Democrático Brasileiro), criado em 1965, que reunia os políticos contrários ao regime militar então vigente e foi amigo pessoal de Ulisses Guimarães. O governador Franco Montoro confiou-lhe a Secretaria da Cultura do Estado. Foi também secretário de abastecimento do prefeito paulista Faria Lima, secretário estadual da agricultura no governo de Lucas Nogueira Garcez e presidente do Instituto Brasileiro do Café (1953-54). Graças a ele o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira veio a Piracicaba em 1958, para a solenidade de formatura na ESALQ e a inauguração das torres da Catedral. Sua intensa atividade política fora de Piracicaba, notadamente em Brasília e nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro, não o impediam de manter contínuos contatos e entendimentos com as lideranças políticas locais. Juntamente com Francisco Antônio Coelho (v.), Pacheco e Chaves conduziu as articulações para a organização do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) em Piracicaba. Em decorrência da nova legislação partidária, deu-se na cidade o realinhamento dos partidos políticos e o MDB transformou-se em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), sob o comando dos deputados Francisco Antônio Coelho e João Pacheco e Chaves (1979) e este último foi reeleito como deputado federal em 1982, passando a ser “o principal interlocutor de Piracicaba junto ao governador André Franco Montoro, de cujo governo foi Secretário de Cultura, sendo

responsável, assim, pela abertura de portas no governo estadual à administração de Adilson Benedicto Maluf”, prefeito de 1983 a 1988 (Elias Netto, 1992). Acrescenta a fonte aqui citada que, dessa forma, “o poder passava, novamente, pela Chácara Nazareth, na moderação e no espírito conciliador de João Pacheco e Chaves”. E mais adiante: “nenhum outro político piracicabano, ao longo destes 50 anos (1942-92), teve a dimensão nacional de João Pacheco e Chaves”. De acordo com João Verderese, amigo íntimo de Pacheco e Chaves, destaca-se nos seus esforços e realizações em favor de Piracicaba a luta pela implantação do cinturão verde na região. “O cinturão... manteve culturas de subsistência ao redor da cidade, barateando o custo dos alimentos. Na vida pública local, colaborou para a obtenção dos recursos que ergueram o Centro Cívico, duplicaram a SP-304, (e originaram) o anel viário, o Parque da Rua do Porto e... a pavimentação da Piracicaba-Anhembi” (*Jornal de Piracicaba*). Submetido na França a uma cirurgia cardíaca, esta provocou-lhe lesão cerebral e o deixou paraplético, sem, no entanto, afetar-lhe a lucidez e a tenacidade. Passou a locomover-se numa cadeira de rodas. Diz bem do seu espírito inquebrantável e do seu denodo a participação infalível de Pacheco e Chaves em todas as reuniões do Conselho de Curadores da Fundação Padre Anchieta (TV e Rádio Educativos), na capital paulista, valendo-se da sua cadeira de rodas, nos derradeiros anos de vida. “Nunca houve nada que maculasse sua imagem de político correto e sério... Foi um dos últimos políticos de Piracicaba em evidência nacional” (V. Dionísio, *Jornal de Piracicaba*, 7.2.1995). Inexistia em Piracicaba, até 2007, uma via ou logradouro com seu nome (Elias Netto, 1992, 2000, 2003; Sant’ana, 1987).

**PACHECO E CHAVES (PACHECO CHAVES), Jorge.** N. séc. 19. F. séc. 20. C. a 26.12.1912 c. Jeanne (Jane) Conceição, f. de João Baptista da Rocha Conceição (v.) e Maria de

Nazareth da Costa Pinto. Ff.: Jorge (Filho) e João (v.). Jane, a esposa, era neta paterna do barão da Serranegra, Francisco José da Conceição (v.), e neta materna do conselheiro Antônio da Costa Pinto e Silva (v.). Jorge Pacheco e Chaves teve como pais o abastado capitalista Elias Antônio Pacheco e Chaves, exportador de café e dono de numerosas fazendas, e Anésia (Nezita) da Silva Prado. Foram seus irmãos: Anésia (freira), Antônio Caio, Eduardo (o famoso às da aviação brasileira Edu Chaves), Elias Júnior, Eponina, Fernando, Lucília, Marieta, Raul. O irmão de Jorge, Eduardo Pacheco e Chaves (1887-1975), amigo de Santos Dumont, realizou em 1920 o primeiro vôo com êxito, do Rio de Janeiro a Buenos Aires, com avião da Escola de Aviação da Força Pública de São Paulo, e foi um dos responsáveis pela localização do aeroporto internacional de Cumbica, na capital paulista, inaugurado em 1985. Jorge Pacheco e Chaves foi prefeito de Piracicaba como interventor nomeado, de 17.8.1943 a 10.3.1945, durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Entre as suas realizações, destacou-se a reforma do jardim da praça José Bonifácio e a inauguração do Parque Infantil da cidade a 20.8.1944, cuja construção teve início em 1941, durante a gestão do prefeito José Vizioli (v.). Em terras de sua propriedade, realizou o loteamento da vila Jaraguá, na Paulicéia, “ao lado direito de quem sobe a rua do Rosário, acima do leito da Companhia Paulista” (Krähenbühl, 1955), incumbindo Ludovico Trevisan (v.) de conduzir as vendas do loteamento. Em sua homenagem, há no bairro Paulista uma rua com seu nome, que cruza com a avenida Dona Jane Conceição.

**PACHECO & SILVA** (Séc. 19-20). Camargo (1900) menciona-os como proprietários de moinho de fubá, máquina de beneficiar café e arroz e torrefação de café, no Largo Municipal (atual praça Tiberiça), n<sup>os</sup> 126 e 128. Segundo um anúncio da firma, tinham “sempre café em pó especial e em grão, que vendem barato; arroz limpo, da terra, milho etc.; depósito de óleos



para máquinas”.

**PADOVANI, Cássio Paschoal.** N. Piracicaba, F. São Paulo, SP, 7.3.1972. Político, advogado, comerciante, contabilista. De origens modestas, pertencente a família tradicionalmente ligada à panificação na cidade, gozava de gerais estima e consideração entre seus conterrâneos como cidadão honrado, franco, determinado e trabalhador infatigável. Em fins do século 19 os Padovani, italianos, já faziam parte da comunidade local: o nome de Aldo Padovani consta do Livro Protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro referente ao ano de 1899 e o de Arnaldo Padovani está no Livro Caixa da mesma sociedade, relativo ao ano de 1900 (Alleoni, 2003). Por volta de 1899 a 1900 Vicente Padovani foi um dos conselheiros eleitos para a diretoria da mesma sociedade, sob a presidência de Vicente Bertoli e a vice-presidência de Amadeo Mennucci (v), pai de Sud Mennucci. Irmão de Marcelo Casale Padovani (f. 10.6.1987) e Fábio Casale Padovani (f. 2001), Cássio Padovani foi padeiro na juventude, no estabelecimento comercial mantido pela família. Seu nome figura como sócio de Arthur Padovani na firma Padovani & Cia., proprietária de padaria à rua do Rosário, nº 70, com capital de 30:000\$000, registrada no comércio local a 1.1.1939, segundo o livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002). Os amigos referiam-se carinhosamente à ele como o “calabrês”. A cidade o elegeu como vice-prefeito em 1968, juntamente com o prefeito Francisco Salgot Castillon (v) candidatos da Arena. Em decorrência da cassação deste último, ocorrida a 16.10.1969, Padovani assumiu o cargo de prefeito quatro dias depois. Presidia, nessa ocasião, a companhia telefônica de Piracicaba, Cipatel (Companhia Piracicaba de Telecomunicações) que, após sua saída, passou a ser presidida por Felisberto Pinto Monteiro. Padovani ocupou outros cargos importantes, entre os quais o do quinto presidente (1948-51)

da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba. Sua operosidade à frente da Prefeitura é atestada por numerosas realizações, notadamente na periferia e na zona rural, em meio à turbulência que afetava as vidas políticas local e nacional. “Construíram-se a Avenida Alberto Volet Sachs, o Centro Comunitário de Tanquinho, os grupos escolares de Ártemis e o ‘Valentim Amaral’ no Jardim Primavera; cobriu-se o Itapeva em seu final, abaixo do Clube de Campo; asfaltaram-se bairros inteiros; completou-se e criou-se o serviço de águas em Saltinho, canalizou-se a água para o Matadouro; construíram-se poços artesanais nos distritos, redes de água no Jaraguá, campos de futebol nos bairros; cobriu-se o Teatro Municipal; reformou-se o Ginásio de Esportes; prosseguiu-se nas obras do novo prédio da Câmara Municipal; asfaltou-se a estrada do Aeroporto até Monte Alegre; tiraram-se os trilhos dos bondes, já desativados, e asfaltaram-se as ruas e avenidas, entre as quais a conclusão da Avenida Luciano Guidotti, a Avenida 9 de Julho, as ruas do Jardim Primavera; criaram-se escolas públicas, com seus respectivos prédios, nos bairros Bela Vista, Jibóia, Vila Nova, Pau D’Alho, Ártemis, Ibitiruna, Vila Nova etc. Era uma atividade febril, em meio a graves conflitos políticos, em que se destacava a figura de Lázaro Capellari (v), secretário de obras e assistente imediato do Prefeito, como Cássio Padovani fazia questão de frisar, prestigiando o seu mais poderoso colaborador”. Elias Netto (1922), que sintetiza dessa forma as realizações de Padovani como prefeito, acrescenta que “foi, ainda, na administração de Cássio Paschoal Padovani que começou a se ventilar a possibilidade da vinda da Caterpillar para Piracicaba” e a amadurecer a idéia da construção de um Distrito Industrial em Piracicaba. Os exames médicos a que se submeteu no começo de março de 1972, realizados pelo dr. Zerbini e sua equipe, acusaram obstrução das coronárias e aneurisma ventricular. Submetido a cirurgia, a despeito do êxito desta, Padovani não resistiu, na fase pós-

operatória. Faleceu no Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo, na noite de 7.3.1972. Uma avenida no bairro Morumbi denomina-se Dr. Cássio Paschoal Padovani.

**PÁDUA, Antônio de (Tote).** N. Piracicaba, 1928. F. Piracicaba, 11.1.1994. C.c. Maria Vitalina de Pádua. F.: Valdir. Pescador, poeta, folclorista e cantor, foi figura muito popular que residiu no Largo dos Pescadores. Segundo Marly T. G. Perecin, “o símbolo da rua do Porto e da cultura caipiracicabana, ou seja, a antiga cultura paulista de Piracicaba... A sua paixão era o rio Piracicaba, que conhecia na palma da mão. Foi pescador, entre os melhores, e exímio nadador”. Aposentou-se pela Mause, onde trabalhou durante muitos anos, Sua fé robusta e sua devoção ao Divino Espírito Santo, seu amor por Piracicaba e seu civismo são ressaltados pela autora citada. Participante da Festa do Divino desde os sete anos de idade, liderou um grupo folclórico que abria, no passado, as comemorações do Divino, no largo em que morava (M. T. G. Perecin, *Jornal de Piracicaba*, 18.1.1994). Antônia Malagueta de Paula, sua mãe, era muito devota do Divino Espírito Santo e grande colaboradora da festa. Com a ajuda da mãe, Tote, no passado, fazia todas as bandeirolas que enfeitavam o Largo dos Pescadores e parte da rua do Porto. “Aos poucos, e seguindo o exemplo da mãe, Tote foi se envolvendo com a Festa, cada ano mais e mais, tornando-se o coordenador geral de todos os festejos da Folia do Divino na cidade” (*Jornal de Piracicaba*, 25.8.1985).

**PAINO, João** (Séc. 19-20). Comerciante. Proprietário da Sorveteria Paino, na passagem do século, localizada no largo do Jardim (praça José Bonifácio). Segundo os dizeres de um anúncio estampado no *Almanak de Piracicaba* (Camargo, 1900), “o abaixo assinado, confiando no bom gosto do respeitável público piracicabano, resolveu abrir um estabelecimento confortável, onde se encontrarão bebidas

finas, doces feitos com todo esmero, cerveja Antartica a 1\$500 a garrafa. Especialidade em sorvetes de todas as qualidades e feitos com todo capricho. Aceitam-se encomendas para batizados, casamentos e festas, garantindo o proprietário o superior serviço, ordem e asseio em seu trabalho. João Paino”. Nessa época, segundo a mesma fonte, Piracicaba contava com as confeitarias de Antônio Fernandes, no largo do Teatro (praça José Bonifácio); Joaquim de Souza, à rua Prudente de Moraes; e Manoel Henrique de Oliveira, no largo do Jardim (praça José Bonifácio).

**PALMA, Ângelo** (Séc. 20). Comerciante. Fez parte da diretoria da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, no final dos anos trinta. Segundo a *Poliântéia comemorativa do jubileu de prata* da fundação da Associação (1958), a falta de policiamento na cidade preocupava em 1938 “os responsáveis pela manutenção da ordem e do sossego público e para melhoria do policiamento, esta Associação deu todo o seu apoio moral para a constituição do seu Corpo de Vigilantes Noturnos, indicando para compor a sua diretoria o sr. Ângelo Palma, membro da diretoria de então” (Muller, 1958).

**PALO, Vicente** (Séc. 19). Segundo uma nota publicada na *Gazeta de Piracicaba* de 27.11.1892, presume-se que era músico italiano aqui residente e talvez regente de banda de música. A nota, transcrita por Alleoni (2003), tem o título “Banda de Música Italiana” e registra o seguinte: “Esta boa banda de música presta-se para tocar em todos os divertimentos, *soirées*, casamentos, festas etc., nesta e nas cidades vizinhas. A banda dispõe de um repertório moderno e escolhido com apurado gosto. Para tratar com Vicente Palo à rua 15 de novembro”.

**PANDOLPHO** (Séc. 19-20). Família tradicional e numerosa de italianos que se fixaram em Piracicaba, em fins do século 19, e seus descendentes. Alleoni (2003) reproduz uma lista,

## PANDOLPHO

datada de 1904, de estrangeiros residentes na cidade que não se naturalizaram, pertencente ao arquivo da Câmara Municipal, na qual constam os nomes de Giovanni, Sante e Noé Pandolpho. Cerca de quarenta pessoas com os sobrenomes Pandolpho, Pandolfe, Pandolfi e Pandolfo figuravam em listas telefônicas piracicabanas nos anos de 2005-2006.

**PAPINI, Ernesto.** N. Lucca, Toscana, Itália, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. C. em 1913 em Piracicaba c. Luiza Zílio (Gigeta). Ff.: Ada, Armida, Justina, Thereza, Yolanda e Zaira. Teve Ernesto seis irmãos, um dos quais se fixou igualmente em Piracicaba: Alfredo Papini, c.c. Sílvia Zílio, irmã de Luiza. Ernesto veio a Itália em 1902, e em 1905 abriu seu Restaurante Papini na Vila Rezende, à avenida Rui Barbosa nº 490, que pouco a pouco se impôs na cidade como uma das suas mais populares e concorridas casas de pasto. Acolheu pessoas famosas como o presidente Getúlio Vargas, Ademar de Barros e os Dedini; foi o local de festas, confraternizações e homenagens inolvidáveis e reuniões de cunho político e cultural, funcionando até 1964. Ganharam projeção as “papinadas”, noitadas musicais que promovia, de que participavam o próprio Ernesto Papini (violão e bandolim), Umberto Aldrovandi (violão e bandolim), Erotides de Campos (flauta), Antônio Vitório Cobra, o Cobrinha seresteiro (vv.), Moacyr Martins (bandolim), Rui Ramos (viola), Lulu Marangoni (violão) (v. Marangoni, Ernesto), Benigno Lagreca, Castelo, Eugênio Vaz dos Santos, Demétrio Marangoni, Anysio Godoy, Lulu Woltzenlogel (v. Família Woltzenlogel), Pepe Artigosa e outros. A banda Corporação Musical da União Operária também se apresentava no local. Além do restaurante, funcionavam no mesmo local um bar, uma confeitaria e duas canchas de bocce, jogo predileto dos italianos, “com campeonatos, apostas e muita bebida”, segundo Aldrovandi (1991). Há uma rua

Ernesto Papini na Nova Piracicaba, junto à avenida Armando Césare Dedini.

**PARENTE, José Alberico** (Séc. 19-20?). Comerciante. Foi de sua propriedade uma importante Casa Agrícola, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 76. Em anúncio incluído por Neme (1936) no seu almanaque *Piracicaba*, lê-se que trabalhava com uma extensa linha de produtos: adubos simples e compostos, produtos Bayer para citricultura e veterinária, pulverizadores nacionais e importados, formicidas, máquinas e ingredientes Baillard, máquinas agrícolas em geral e numerosos produtos químicos para uso nos sítios e fazendas de então.

**PARSIA, Jacob** (Séc. 20). Esportista, funcionário da Escola Normal Sud Mennucci em meados do século. Quinzista da velha guarda, foi jogador do Esporte Clube XV de Novembro e do Esporte Clube Carioba, quando ainda não havia o profissionalismo, sendo apontado como um dos melhores ponteiros direitos do passado. Tornou-se depois treinador da equipe quinzista formada por Lobo, Mônaco e Petrônio; Venerando, Moacir e Roque. Alcides, Nenzo, Áureo, Godoy e Leme, campeã do interior em 1931. Outro membro da família Pársia, Alcides, formou-se como professor pela Escola Normal Sud Mennucci e destacou-se como compositor de música popular, tendo feito a marcha carnavalesca “Centro do Professorado Paulista” por volta de 1987-88.

**PASCHOALOTO, Vincenzo** (Séc. 19). Comerciante. Proprietário de uma marcenaria à rua XV de Novembro, em fins do século 19 (Camargo, 1900). Nas relações de antigos sócios da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, correspondentes aos anos de 1898 e 1903, respectivamente, constam os nomes de Romano Pasqualoto e Túlio Pasqualoto.

**PASQUALE, Carlos.** N. Piracicaba, 9.10.1906. F. 27.8.1970. C.c. Elza Giordano Pasquale. Ff.: Denise, Solange. Médico, professor, empresário. Era filho de Luiz Pasquale (v.) e Adelaide Zanotta Pasquale. Quando faleceu, exercia o cargo de diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de São Paulo. Fez seus estudos de nível elementar e secundário na capital paulista, no Grupo Escolar da Consolação e no Ginásio do Estado, diplomando-se neste último em 1925. Formou-se médico em 1931 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sem, contudo, praticar a medicina. Exerceu o magistério nos ginásios São Bento (1929), Oswaldo Cruz (1929-31), do Estado (1938) e Paulistano (1931-1942). Entre 1931 e 1944 dirigiu o Colégio Paulistano, de que foi um dos fundadores-proprietários, na rua Taguá, posteriormente sede das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). De 1954 a 1955 dirigiu o Departamento Nacional de Educação e exerceu numerosos e importantes cargos na área da educação nos anos 50 e 60. Organizou e dirigiu o Fundo Estadual de Construções Escolares (1960-61) e foi, interinamente, secretário da educação do Estado (1959-60 e 1962). Presidiu o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Secundário do Estado de São Paulo e de 1964 a 1966 dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação e Cultura. Fez parte do Conselho Estadual de Educação entre 1963 e 1970 e do Conselho Federal de Educação de 1967 a 1970, tendo presidido o primeiro entre 1969 e 1970. No âmbito empresarial, foi um dos proprietários da Editora do Brasil S.A., especializada em livros didáticos e literatura infantil. Destacou-se como autor de várias obras didáticas para o ensino de Ciências Físicas e Naturais e Química. O Código de Educação do Estado de São Paulo, o Censo Escolar (1964) e o Salário-Educação (1964) são algumas das suas contribuições decisivas para a educação brasileira. Dentre as distinções que recebeu, estão as condecorações da Legião de Honra e as Palmas Acadêmicas, que recebeu do

Governo da França, e as medalhas Imperatriz Leopoldina e José Bonifácio, a Cruz do Mérito em Educação Física e o Prêmio de Educação Visconde de Porto Seguro. Carlos Pasquale ocupa um lugar dos mais meritórios na história da educação brasileira no século vinte. “Foi administrador íntegro e competente, educador dedicado e criativo, intelectual respeitado, cidadão exemplar. Graças a seu trabalho intenso e inovador deixou contribuição inestimável para o aperfeiçoamento da Educação nacional” (José Augusto Dias, em Fávero e Britto, 1999).

**PASQUALE (Paschoal), Luiz.** N. Itália, séc. 19. C.c. Adelaide Zanotta Pasquale. Comerciante. Viveu em Piracicaba desde a última década do século 19, Foi diretor da Sociedade Filhos da Itália Mútuos Socorros, na condição de seu vice-secretário, desde a instalação desta, em outubro de 1892, sob a presidência de Pedro Paulo Lagreca. Os demais participantes da diretoria incluíam Francisco Cersósimo, vice-presidente; Leopoldo Lagreca (v.), secretário; Flaminio Barreta, tesoureiro; Antônio Ribeco (v. família Ribeco) e José Braquetto, censores; Domingos de Cillo, porta-bandeira italiana; Romualdo Bertozzi (v.), porta-bandeira brasileira; e doze conselheiros e suplentes, entre os quais Paschoal Orsi, José A. Cersossimo, Ângelo Tolaine (v.), José Guerrini, Césare Fabbris (Alleoni, 2003). Luiz Pasquale foi proprietário de loja à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), nas proximidades da *Gazeta de Piracicaba*, da loja de João Brito (v.), da fábrica de chapéus de Henrique Wohlgemuth (v.) e da marcenaria de Jeremias Maurano (v.) (Pfromm Netto & Martins, 2003). Uma rua que cruza a rua Narcisca C. Ometto, no bairro Morumbi, tem seu nome.

**PASQUALETTI, Fortunato** (Séc. 19-20). Presidiu a “Società Italiana di Mútuo Soccorso” de Piracicaba, no início do século vinte, tendo participado da criação e instalação, na Vila Rezende, em fins de janeiro de 1900,

da “Società Italiana Agrícola Cooperativa”, que começou com o elevado número de 270 sócios, segundo notícia da *Gazeta de Piracicaba* de 1.2.1900, reproduzida por Alleoni (2003). Em março do mesmo ano, atuou como presidente de uma reunião das sociedades existentes em Piracicaba, tendo em vista a promoção de uma quermesse em benefício da população de Sorocaba com menos recursos, vítima da febre bubônica que grassava na cidade. A iniciativa altruística partiu da “Mútu Soccorso”. Pasqualetti foi, além disso, um dos moradores de Piracicaba que participaram em 1892 da fundação da “Società Figli de Itália” Mútuos Socorros na cidade, figurando na primeira diretoria da entidade como conselheiro suplente, segundo a *Gazeta de Piracicaba* de 27.10.1892. Por ocasião do sepultamento do Barão da Serranegra em 1900, Fortunato esteve presente, assim como um outro italiano com sobrenome semelhante, Tomaso Pasqualetto (Alleoni, op. cit.). Nos livros de protocolo e caixa da Sociedade Italiana de Mútu Socorro referentes aos anos de 1898 a 1903 encontram-se os nomes de Romano Pasqualotto, Vincenzo Pasqualotto, Tomaso Pasqualotto e Túlio Pasqualotto.

**PASSARELA, José.** N. 1895. F. séc. 20. O sobrenome identifica o proprietário e seu estabelecimento comercial, uma “bombonière” situada entre os bancos Itaú e Bradesco, na praça José Bonifácio nº 13, desde os anos 30 pelo menos, pois um anúncio desta se encontra no almanaque *Piracicaba* de Neme (1936). Refere-se aos seus saborosos pastéis, empadas e coxinhas, doces finos, bombons, balas, café, refrescos. Faz parte importante e inesquecível da memória piracicabana referente ao século vinte, no que a cidade teve de mais popular e cativante, ponto de encontro da juventude de então, onde começaram inúmeros flertes e namoros, sob o olhar complacente, alegre e benévolo do seu proprietário. Eram, como lembrou Geraldo Nunes no *Jornal de Piracicaba*, os “bons tempos

do Restaurante Giocondo... da Brasserie... da cantina Vicentão, da casa de balas e doces do Passarela, da Leiteria Brasileira, do bar Nova Aurora e tantos outros”. Em outra evocação publicada no mesmo jornal, Durval de Moraes Salles refere-se a Passarela como o “jacarandá” da praça José Bonifácio, nesta permanecendo “como lâmpada de um passado remoto – a figura humilde de um bom velhinho, cabelos brancos e óculos de lentes grossas, mas conhece todo mundo, sendo seu costume cumprimentar a todos que... (passavam) na calçada de sua casa de doces”. Em sua homenagem, há uma rua José Passarela no Jardim São Jorge, perto da estrada do Abacateiro e da rua Conchas (N. De Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 8.12.1991).

**PATERNIANI, José** (Séc. 20). Comerciante. Foi dono do posto de gasolina e acessórios de automóveis São Cristóvão, à avenida Rui Barbosa, nº 176, na Vila Rezende, registrado no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba sob nº 647 (que data provavelmente de 1939), com capital de 30:000\$000. Caldari (1990) informa que o posto, ligado à Esso, vendia gasolina, óleo diesel, óleos lubrificantes e lavava carros, tendo também uma oficina de consertos. Era pai do professor titular da ESALQ Ernesto Paterniani, formado pela escola em 1950 e ligado ao seu Instituto de Genética, doutor em agronomia em 1954 e livre-docente em 1962. Caldari recorda que seu José Paterniani “não se desfazia do seu boné... com frio ou com calor, lá estava ele de boné na cabeça, de cor cinza e sempre do mesmo feitio. Devia comprá-los na loja do Bertini, com certeza, como a maioria das pessoas. Vendia fiado”. No rol de associados da Sociedade Italiana de Mútu Socorro, em seu livro caixa, há uma menção no ano de 1900 a Giovanni Paterniani.

**PATUREAUX, André** (Séc. 19). Engenheiro. De acordo com o historiador Silveira Rocha (cit.

no *Jornal de Piracicaba* de 6.5.1983), era natural de Maurício, na África, com antepassados franceses. Dedicava-se à renovação da indústria do açúcar local e trabalhava numa oficina de construções metálicas quando Irineu Evangelista de Souza, visconde e depois barão de Mauá, o conheceu e tratou de recomendá-lo ao imperador D. Pedro II. Este o convidou “para reorganizar a indústria açucareira paulista..., para servir de exemplo para o resto do país”. Coube a Patureaux a incumbência de dirigir a construção do Engenho Central de Piracicaba em 1881. Fundada a empresa pelo barão de Rezende, Estevão Ribeiro de Souza Rezende (v.), com capital de 400:000\$000 réis, fez-se a encomenda da maquinaria em França, que chegou a Piracicaba em novembro de 1881, sendo montada sob a direção de Patureaux. Júlio Henrique Raffard, em terras de Capivari, liderou as instalações e o funcionamento de um Engenho Central, fundando o povoado que levaria seu sobrenome. Patureaux foi contratado por ele para dar assistência técnica, sendo a pedra fundamental assentada a 12.5.1883. Posteriormente, a empresa de Raffard uniu-se ao Engenho Central piracicabano e a outras usinas para a constituição da “Société de Sucreries Bresiliennes”, que foi depois nacionalizada (Camargo, 1900; Guerrini, 1970). Em Souza (1978), onde o sobrenome é grafado como Paturau, consta que foi representante da empresa Brissoneau Frères e autor de um novo processo e aparelhagem para a fabricação de açúcar. A empresa citada forneceu os maquinismos para o Engenho Central de Piracicaba. Patureaux foi arrendatário do Engenho Central de Porto Feliz, SP, em 1885-86, e seu co-proprietário em 1888.

**PAULILLO, Salvador.** N. Piracicaba, 7.3.1893. F. Piracicaba, 6.11.1963. C.c. Ângela de Avanzo Paulillo. FF.: Antônio, Anézia, Elídio, Erasmo, Jaime, Moacir, Sérgio (Kita). Comerciante. Estabeleceu-se como alfaiate, permanecendo ativo no ramo por mais de cinquenta anos. Teve no início uma pequena alfaiataria na Vila

Rezende, na avenida Rui Barbosa. Transferiu-a para a rua Alferes José Caetano, nas proximidades do Grupo Escolar Moraes Barros. Mudou-se a seguir para a rua Governador Pedro de Toledo, nº 145, onde permaneceu até falecer, aos 70 anos de idade. Homem de trato afável, dinâmico e estimado por todos, destacou-se na comunidade em numerosas iniciativas importantes. Tem particular relevância o seu devotamento a entidades profissionais do comércio piracicabano, notadamente a Associação Profissional do Comércio Varejista, que ajudou a fundar em 1941, depois convertida em sindicato (1942), sendo escolhido para suplente de diretor na primeira eleição do sindicato (14.3.1943). Com a morte do presidente deste, André Ferraz Sampaio (v.), em 1946, passou a fazer parte da diretoria do sindicato na qualidade de secretário. Em 1952 ganhou a eleição para presidente do sindicato, empenhando-se para desvinculá-lo fisicamente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba. Seus esforços tiveram êxito. Afastado da presidência de 2.6.1954 a 25.4.1956, retornou a ela em 26.4.1956. A 6.7.1958 o Sindicato inaugurou sua sede independente, nos altos do cine Politeama, em sala na Praça José Bonifácio, nº 908. Durante a solenidade da inauguração, Paulillo tomou novamente posse como presidente da diretoria então eleita, sendo reconduzido à presidência nas eleições de 1960 (30.4) e de 1962. A morte impediu-o de completar seu último mandato. Sob a sua liderança, o Sindicato realizou eventos numerosos e importantes, de caráter local, regional e até estadual. Entusiasmado pelo esporte, presidiu o São João da Montanha Futebol Clube e foi um dos organizadores da primeira corrida de automóveis realizada na cidade, de que participou o famoso Francisco Landi. Foi Juiz de Paz do 1º Cartório de Registro Civil, membro da Junta de Conciliação e Julgamento e suplente de vereador, tendo atuado como vereador durante algumas semanas, em substituição ao vereador titular. Estava registrado no comércio local como

sócio do Sindicato do Comércio Varejista sob nº 255, com data de 7.10.1939, com capital de 3:500\$000. Foi um “homem simples, mas correto, dinâmico e incansável batalhador em prol do progresso e do desenvolvimento de sua cidade” (*Diário de Piracicaba*, 6.11.1963; Guidotti, 2002).

**PAULIN NETO, Luiz.** N. séc. 20. F. Piracicaba, 14.7.1998. Engenheiro agrônomo. Formou-se pela ESALQ em 1951. Nos anos 70, a Televisão Cultura, da Fundação Padre Anchieta, contou com a sua assessoria e a do engenheiro agrônomo Manoel Becker, igualmente formado pela ESALQ em 1946, na produção de programas sobre agricultura, como “Almanaque agrícola” e “A batalha da nutrição”.

**PAULO MARIA DE SOROCABA, Frei (João Batista Rodrigues de Melo).** N. Sorocaba, SP, 24.6.1873. F. Piracicaba, 11.7.1955. Figura exponencial na história piracicabana, religioso, artista plástico, músico, professor, venerado em vida e reconhecido como uma das expressões maiores da pintura realista ascética (U.S. Cosentino), foi o mestre dedicado, apurado e incansável de toda uma plêiade de artistas locais, como Adamoli, Stella, Lourenço, os Nardin, Segá (vv.), Martho e outros. Quem privou com ele ou pelo menos o conheceu não esquecerá nunca a sua figura modestíssima, o seu falar manso, o seu despojamento, a sua simplicidade, a sua ternura, o seu carisma. Filho do alfaiate e maestro de orquestra e coro Pedro Rodrigues de Melo e Frutuosa da Rocha Pinho, aprendeu a tocar violino com o pai e teve aulas com um violinista sorocabano de valor, Salustiano Zaferino de Santana. Junto ao avô materno, o armador José de Pinho, iniciou-se na escultura e na montagem de presépios. Tinha dez anos de idade quando começou a receber lições de desenho, notadamente as que lhe proporcionou Antônio José da Rosa (ou Rocha), e em breve dominava o traço, a litografia, as fotografias,

os retratos. Trabalhou com um tio materno na pintura e decoração de paredes e dedicou-se também à fotografia, nos anos noventa. Tinha seus 27 anos de idade quando, após ter sido recusado antes por motivo de saúde, ingressou como leigo na Ordem dos Frades Capuchinhos Menores (1900). Foi cozinheiro no Convento da Ordem em Taubaté, SP, ao mesmo tempo em que se exercitava em desenho, pintura e música, nas horas livres. Deixou Taubaté para atuar em Campos Novos, PR, e na capital paulista, nos conventos da Imaculada Conceição e do Largo de São Francisco. Com seu notável talento artístico reconhecido pelos superiores, teve a oportunidade de levar avante a sua formação artística na Europa, em Trento e Rovereto, dedicando-se particularmente à pintura de cunho religioso e visitando numerosos museus, igrejas e pinacotecas. Retornou ao Brasil em fins de 1913. Após dois meses passados no Convento da Imaculada Conceição em São Paulo, fixou-se em Piracicaba, de 1913 a 1923. Fez a decoração do Convento dos Frades e decorou a Igreja dos Frades. Após permanecer em Botucatu e depois em Santos (1923-1928), retornou a Piracicaba e aqui viveu até o falecimento, ocorrido em meados do século vinte. Estes 27 anos da segunda permanência na sua cidade de eleição são marcados pelo aperfeiçoamento e a consolidação dos seus dotes pictóricos e pela atuação como mestre dos que buscavam, no Seminário Seráfico São Fidélis, em que residia, seus ensinamentos, seus conselhos, seu estímulo. Cosentino (*Jornal de Piracicaba*, 10.11.1985) distingue na sua obra duas linhas essenciais: (1) quadros cuja temática é constituída de santos, cenas religiosas, retratos de frades, cenas conventuais; (2) quadros cujo tema focaliza em particular a paisagem e nos quais manifesta com vigor o seu talento. Seu atelier, local de trabalho e local de ensino-aprendizagem, acolheu generosamente todos quantos buscavam a sua orientação e estímulo. “Era mais que um atelier, era uma família artística que foi aos poucos se ampliando...

Nem era um atelier restrito ao professor e aos alunos. Era freqüentado por artistas já notórios na cidade... O atelier se caracterizava por ser livre, dinâmico e móvel” (Cosentino, *Jornal de Piracicaba*, 24.11.1985). “Praticamente não expôs seus trabalhos, que, hoje em dia, estão em coleções particulares, no Seminário Seráfico São Fidélis e na Igreja dos Frades em Piracicaba, na grande maioria. No Salão de Belas Artes de Piracicaba ganhou o Prêmio de Aquisição, em 1954” (F.A.F. Mello, 1999). Uma rua na Vila Pacaembu reverencia-lhe a memória: a rua Frei Paulo de Sorocaba, junto às avenidas 31 de Março e Comendador Luciano Guidotti.

**PAVANELLI, Cezar** (Séc. 20). Comerciante. Era de sua propriedade a Casa Pavanelli, à rua do Rosário, nº 55. O estabelecimento, dedicado ao comércio de gêneros alimentícios, foi registrado em 1940 no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba sob nº 556, com um capital de 4:500\$000 (Guidotti, 2002). Um presumível antepassado, Ângelo Pavanello, consta em 1904 na lista de moradores italianos de Piracicaba que não se naturalizaram, transcrita por Alleoni (2003).

**PECCININI JÚNIOR, Gustavo**. N. séc. 20. F. Piracicaba, 17.3.1997. Médico, teve consultório à rua Governador Pedro de Toledo, nº 636 (Righetto, 1966). Em 1963 a Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba contratou-o para fazer parte do seu quadro clínico. Pertenceu à Associação Paulista de Medicina – Regional de Piracicaba e integrou a diretoria desta (Cambiaghi, 1984).

**PECORARI, Alfonso Senofonte**. N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. C.c. Amância Pecorari. Pai de Alidor Pecorari. Comerciante. Os Pecorari fazem parte das primeiras famílias de imigrantes italianos que se fixaram em Piracicaba, em fins do século 19. Nos livros Caixa e Protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, relativos aos anos de 1901

e 1905, constam os nomes de Alfredo Pecorari e Alfonso Pecorari (grafado como Pecorali). O segundo, conforme informações de Elias Netto (2000), teria trabalhado no Rio de Janeiro a serviço do Conde de Itamaraty, presumivelmente o proprietário do palácio da antiga Capital Federal que passou a ser conhecido como Itamaraty. Conviveu na Corte e participou de um conjunto de músicos que tocavam nos saraus da realeza brasileira. Em fins do século 19, Pecorari adquiriu em Piracicaba uma olaria na antiga rua do Porto. Converteu-a em bar e armazém, que passou a ser um dos locais mais freqüentados da região beira-rio, atraindo uma clientela de que fizeram parte várias personalidades notáveis, como o artista plástico Joaquim Dutra (v). Foi também juiz de paz, tendo casado numerosos pares em seu estabelecimento comercial. Ganhou notoriedade como exímio pescador. O bar e armazém, após sua morte, passou primeiro para Alidor Pecorari, seu filho, e posteriormente para os netos Paulo, Hélio e Maria Alayde. Converteu-se no Restaurante Arapuça, à avenida Alidor Pecorari, nº 482. Um neto que herdou o sobrenome de seu avô, Affonso Pecorari Netto, formou-se em agronomia em 1941 pela ESALQ e atuou profissionalmente como engenheiro agrônomo. A avenida Alidor Pecorari situa-se perto do rio Piracicaba, entre a avenida Beira Rio e a rotatória junto a ponte Pedro Francisco Prudente.

**PECORARI, Paulo Elias**. N. séc. 19? F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Angelina Pecorari. Empreiteiro. Nome de destaque no grupo dos mais ativos projetistas e construtores de edificações na Piracicaba do século 20. Entre as inúmeras obras que projetou, construiu e (ou) supervisionou está o edifício que fez juntamente com o engenheiro Holger Jensen Kok (v) para sediar o antigo Externato São José, na rua D. Pedro II, nº 627, na esquina da rua Alferes José Caetano, cuja pedra fundamental foi lançada em 1921. Pertenceu inicialmente às irmãs de São José de Chambéry, que em 1893 instalaram



e mantiveram o Colégio Nossa Senhora da Assunção na rua Boa Morte. O externato iniciou seu funcionamento em 1924. O prédio foi adquirido pela Prefeitura Municipal em 1955 e doado ao Estado, para sediar a recém-criada Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba. Pecorari e Kok foram igualmente responsáveis pela construção do edifício do Grupo Escolar de Vila Rezende em 1925, que funcionou até 1953. Na década de 40 um projeto de Paulo Pecorari originou o edifício do Lar Franciscano de Menores e a igreja adjacente, na avenida Independência. Geraldo Pecorari, um dos seus filhos, professor formado pela Escola Normal Sud Mennucci, em meados do século participou da criação do Clube Piracicabano de Cinema e fez parte da sua diretoria (Alleoni, 2003; Elias Netto, 2000, 2003; Pfromm Netto e Martins, 2003; Moratori, 2004). No Jardim Petrópolis, junto à avenida Dois Córregos, há uma rua cuja denominação homenageia Paulo Elias Pecorari.

**PEDREIRA, José Vicente** (Séc. 19-20). Proprietário do Hotel Lago, no largo do Teatro (atual Praça José Bonifácio), nas primeiras décadas do século 20. Um anúncio inserido no almanaque *Piracicaba* (Capri, 1914) reproduz fotografia do hotel, localizado na esquina do largo, destacando como seus pontos altos: “casa de primeira ordem no centro da cidade... excelentes cômodos para famílias e viajantes”. Dois Pedreira fizeram parte do quadro de docentes e pesquisadores da ESALQ: Luís da Silveira Pedreira (v.), de 1923 a 1951, e o professor assistente (1939) Antônio da Silveira Pedreira (Lordello e outros, 1975). Este último formou-se em agronomia pela ESALQ em 1938. Há uma rua com seu nome, no Jardim Caxambu.

**PEDREIRA, Luís da Silveira.** N. Piracicaba, 1901. F. Piracicaba, 27.5.1989. C.c. Lúcia da Silveira Pedreira. Ff.: Wladimir Theodureto, José Vicente, Maria Lúcia. Professor, pesquisador.

Formou-se professor pela Escola Normal Oficial (a futura Sud Mennucci) e engenheiro agrônomo em 1923 pela então Escola Agrícola Luiz de Queiroz. Dedicou-se ao ensino e à pesquisa de química ao longo de 28 anos, de 1923 a 1951. Começou sua carreira profissional como assistente de José de Mello Moraes (v.), que se incumbia de lecionar Química geral mineral e Química orgânica e analítica na ESALQ dos anos vinte. Na época em que Mello Moraes passou a atuar como catedrático de Química agrícola, Pedreira obteve aprovação em brilhante concurso de cátedra, tornando-se chefe da 2ª Cadeira, Química analítica e orgânica. Permaneceu nesse posto até aposentar-se, em 1951. Na sua produção bibliográfica, além de numerosos estudos e artigos, destacam-se dois livros que marcaram época no âmbito de literatura didática científica brasileira: *Análise química qualitativa* e *Química orgânica* (1947), com mais de 600 páginas, publicado em São Paulo pela USP (Lordello e outros, 1975; Pfromm Netto e Martins, 2003). Os filhos Wladimir e José Vicente seguiram na ESALQ as pegadas do pai: o primeiro concluiu o curso de agronomia em 1951 e o segundo, engenheiro agrônomo em 1956, doutorou-se em agronomia em 1972.

**PEDREIRA, Manuel da Costa.** N. Portugal, séc. 19. F. séc. 20. C.c. Antônia Pedreira. O casal teve vários filhos. Pedreira foi proprietário de uma casa de ferragens, denominada “A Vitória”, na confluência da rua do Comércio com a rua Direita (Governador Pedro de Toledo e Moraes Barros, presente-mente). Residiu na rua XV de Novembro, na área central da cidade (J. Canto, *Jornal de Piracicaba*, 1.8.1967).

**PEDROSO, Ararê dos Santos** (Séc. 20). C.c. Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso. F.: Marcelo Batuira da Cunha Losso Pedroso. Engenheiro agrônomo, formou-se pela ESALQ em 1957 e tornou-se doutor em agronomia pela mesma escola em 1972. Dedicou-se ao ensino e à pesquisa na ESALQ de 1960 a

1973. Pertenceu ao Rotary Club de Piracicaba. Dinâmico, arguto, atento como poucos à problemática do país e às mazelas deste, seu falecimento, ainda jovem, privou Piracicaba, São Paulo e o país de uma inteligência superior como poucas e de uma criatura humaníssima, generosa e devotada à família, ao estudo e ao equacionamento e análise dos nossos maiores desafios como povo e como nação. Só quem privou com Ararê Pedroso e pôde testemunhar o brilho das suas idéias e ponderações e o seu devotamento às melhores causas pode avaliar o quanto perdemos, com o seu desaparecimento. Era casado com Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso, diretora e co-proprietária do “Jornal de Piracicaba” e filha do médico e jornalista Fortunato Losso Netto (v.).

**PENATTI, Ângelo** (Séc. 19-20). Os Penatti têm seus nomes registrados no rol dos cidadãos estrangeiros que, residindo em Piracicaba no início do século 20, não se naturalizaram e por essa razão foram incluídos na “lista de declarações de estrangeiros que se acha no arquivo da Câmara Municipal”, datada de 17.6.1904 e transcrita por Alleoni (2003). Além de Ângelo, a relação inclui Francisco e Pietro Penatti, assim como um E. Mannoele Penatte, ao que tudo indica, todos de origem italiana.

**PENEZZI, Maria Benedita Pereira.** N. Piracicaba, 19.7.1917. F. Piracicaba, 26.6.1985. C.c. Vicente Penezzi. Ff.: Escolástica, João, José, Lázaro, Martha, Narcisa, Thomas Augusto, Vicente Júnior, Walkir. Era filha de Augusto José Pereira e Escolástica Pereira. Advogada e política. A simpatia de que gozava, notadamente junto à gente humilde, a sua fibra e o seu devotamento às boas causas fizeram com que fosse a primeira mulher eleita vereadora pelo voto popular direto em toda a história de Piracicaba, como candidata do Partido Social Progressista, nas eleições realizadas em 1955. Após cumprir seu primeiro mandato (1956-69), foi reeleita para os períodos de 1960-63 e

1964-67. Teve seus direitos políticos suspensos, mas uma decisão em seu favor, do Supremo Tribunal da Justiça, permitiu que retornasse à política. Seis meses após, foi novamente reeleita para a Câmara dos Vereadores, cumprindo novo mandato (1969-72). Concorria às eleições municipais de 1976 como candidata da Aliança Renovadora Nacional (Arena), quando a perda de um filho levou-a a desistir da candidatura. Denodada e corajosa, soube enfrentar os preconceitos em virtude de ser mulher, negra e de origens modestas. Tinha mais de 50 anos de idade quando passou a estudar direito. Formou-se em 1975 pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Administrativas de Itapetininga, SP. Diplomada, soube exercer com dignidade e dedicação a profissão de advogada, notadamente em favor de pessoas sem recursos. Participou ativamente de várias entidades, como o Clube de Lady de Piracicaba, a Ordem dos Advogados do Brasil e a Sociedade Brasileira de Educação e Integração. Os numerosos títulos e condecorações que recebeu incluem a Medalha do Bicentário de Piracicaba, o título de Benemérita Perpétua do Clube da Lady, a medalha e o diploma Ana Nery, a medalha e o diploma Barão de Taquari, o diploma de Honra ao Mérito da Câmara Municipal de Piracicaba e o título e diploma de Comendadora, pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração. Em 1987 deu-se a inauguração da praça Maria Benedita Penezzi, na confluência da avenida Dr. Paulo de Moraes com a rua Dr. Lula, no acesso ao Castelinho (*Jornal de Piracicaba*, 26.8.1987; Elias Netto, 2000). A casa em que residiu, pertencente aos seus pais, à rua Tiradentes, na esquina da rua Regente Feijó, foi tombada em 2000 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural. No local funcionou o Espaço Cultural Ditinha Penezzi, fechado após um incêndio, mas com reabertura prevista para 2008.

**PENNA, Virgílio da Silva.** N. séc. 19. F. séc. 20. C.c. Noêmia de Almeida Penna, natural de Piracicaba e filha de Francisco Augusto de

Almeida Barros e Maria Joaquina Ferraz de Almeida. F: João da Silva Penna. Engenheiro agrônomo, Virgílio formou-se em 1905, na terceira turma diplomada pela então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, juntamente com Constâncio Cintra, Gastão Machado Nunes, Luiz Antônio Maciel, Mário Brandão Maldonado (v.), Otto Behmer (v.) e Paulo Esnard de Souza Nogueira. Seu filho João da Silva Penna vivia nos anos 90 na capital paulista, à rua Maranhão, nº 43 e era neto da irmã do médico dr. Coriolano Ferraz do Amaral (v.).

**PENTAGNA, Oreste.** N. Itália, 1890. F. São Paulo, 1966. Sobrinho do médico Ruggero Pentagna (v.). Formado pela Real Academia de Medicina de Nápoles, foi médico assistente dos hospitais da academia e veio a Piracicaba em abril de 1921, em visita ao tio. Revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em 24.4.1922 anunciava a instalação de um “laboratório de análises histo-químicas” à rua Prudente de Moraes, nº 100. Dedicou-se também a doenças de crianças, e para tanto fundou e dirigiu à rua Santa Cruz, nº 103, seu Instituto Pró-infância, inaugurado em 1925, onde posteriormente passou a funcionar a Escola de Música. Como “Régio Agente Consular”, representou o governo italiano em Piracicaba desde 1924. Presidiu a comissão organizadora das festividades pela “Marcha sobre Roma” do Partido Nacional Fascista, que incluíram uma sessão solene no Teatro Santo Estêvão a 28.10.1926, muito concorrida. Foi o primeiro presidente da Sociedade Recreativa Palmeiras, tradicional clube de futebol piracicabano, liderando a diretora eleita por ocasião da sua fundação a 26.6.1926, que contou com Pedro Cofani e Dario Brasil (vv.) como vice-presidentes e Dino Corazza (v.) como diretor esportivo. Manteve juntamente com o dr. O. Taddei uma clínica médico-cirúrgica à rua Santo Antônio, nº 25 e residiu à rua Rangel Pestana, nº 145. Passou a pertencer à Irmandade

da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba em novembro de 1928. Transferiu-se para a capital paulista em abril de 1929, a fim de chefiar o Serviço Pediátrico do Hospital Umberto Primo, sendo substituído no Instituto Pró-infância local pelo médico Ângelo Tancredi (v.). Em 1961 publicou em São Paulo, juntamente com Edmondo Andrei, um *Compêndio médico* (Cambiaghi, 1984).

**PENTAGNA, Ruggero.** N. Scario, Salerno, Itália, 17.4.1871. F no Estado do Rio de Janeiro (após março de 1938). C. em 1907 c. Alzira de Castro Pentagna, filha de um fazendeiro de Valença, RJ. Foi aluno do Colégio de Montecassino e em 1889 ingressou na Universidade de Nápoles, formando-se em medicina em julho de 1895. Exerceu no Hospital de Nápoles o cargo de assistente, por concurso, e durante quatro anos foi médico militar efetivo. Veio ao Brasil em 1900, submeteu-se a provas de habilitação (julho de 1901) e fixou-se em Piracicaba desde julho de 1901, passando a residir à rua Alferes José Caetano, nº 104, próximo à Farmácia Popular, atendendo gratuitamente as pessoas sem recursos. Dedicava-se principalmente à cirurgia e obstetrícia. Permaneceu cerca de um ano na Itália, entre 1906 e 1907, retornando ao Brasil em abril de 1907. Em outubro de 1907 foi nomeado agente consular da Itália em Piracicaba, após Pedro Paulo Lagrega (v.) pedir demissão do cargo. Em abril de 1921 foi nomeado vice-cônsul italiano. Atuou como médico do Lar dos Velhinhos e da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Deixou Piracicaba para passar a viver e clinicar em Ribeirão Claro, PR, tendo vindo a Piracicaba a passeio em março de 1938. Em 1926, por ocasião da fundação da Sociedade Recreativa Palmeiras na Cidade Alta (26.6), elegeram-no presidente, juntamente com os vice-presidentes Pedro Cofani e Dario Brasil e o diretor esportivo Dino Corazza (vv.) (Capri, 1914; Cambiaghi, 1984; Pfromm Netto & Martins, 2003).

**PENTEADO, Antônio Augusto de Barros.** N. Limeira, SP, 29.7.1876. F. séc. 20. C.c. Celisa de Camargo, filha do coronel Flaminio Ferreira de Camargo e Cândida de Barros Camargo, que residiu em Piracicaba. Irmão do deputado federal Joaquim Augusto de Barros Penteado, eram filhos do capitão Manoel de Toledo Barros e Maria Augusta Penteado de Barros. Engenheiro, empresário, político. Foi aluno do Colégio São Luiz de Itu e do Curso Anexo à Faculdade de Direito de São Paulo. Durante sete anos (1893-1900) fez o curso completo da Escola de Minas de Ouro Preto, MG, obtendo em 1896 a carta de agrimensor e em 1900 o diploma de engenheiro civil e de minas. De volta à cidade natal, exerceu sua profissão por algum tempo e realizou estágios nas empresas elétricas de Franca, SP, e Bragança Paulista. Constituiu com sócios uma firma, denominada Ignarra, Penteado & Cia., que comprou em Piracicaba a Empresa Elétrica Luiz de Queiroz. Desde 4.9.1903 passou a residir em Piracicaba. Assumiu a gerência da empresa elétrica local, tratando de reformá-la e aperfeiçoá-la. De acordo com a imprensa local, “acrescentou-lhe novo e belíssimo corpo, dado ao conjunto das edificações um aspecto mais compatível com a elegância dos nossos edifícios públicos” (cit. por Moratori, 2004). Foi presidente do Asilo de Velhice e Mendicidade (1909) e atuou como escrivão durante a provedoria de Francisco Antônio de Almeida Morato (v.) na Santa Casa de Misericórdia (1909-1910), sendo ele próprio eleito provedor em julho de 1910. Passou a dirigir, ainda, o Hospício de Alienados e o Hospital de Lázaros. Foi reelito em 1912 e sua atuação frente à Santa Casa estendeu-se até 31.1.1915. Ligado ao Partido Republicano, foi prefeito municipal de Piracicaba de março de 1914 a 11.1.1916, como sucessor do coronel Fernando Febeliano da Costa (v.). Presidiu o E.C. XV de Novembro. Uma rua do Jardim Elite tem seu nome, paralela às avenidas comendador Luciano Guidotti e Independência.

**PENTEADO, Juvenal de Azevedo** (Séc. 19-20). Foi professor da antiga Escola Complementar de Piracicaba, posteriormente convertida em Escola Normal Sud Mennucci, ao tempo em que funcionava nas primeiras instalações, à rua do Rosário. Criada em 1896 e instalada em 21.4.1897, formou sua primeira turma de professores em 1900, quinze ao todo. Penteado fez parte do grupo de docentes da Escola Complementar na primeira década do funcionamento desta, antes de ser convertida em Escola Normal Primária (1911). Elias de Mello Ayres, um dos seus alunos, lembra-o no estudo “A Escola Complementar de Piracicaba em seus últimos anos”, referindo-se igualmente aos demais docentes nessa época: João Batista Nogueira, Antônio Firmino Proença, Carlos Martins Sodero, Lázaro Lozano, Henrique Carneiro Seoane (vv.), Laura Martins de Melo, Agalma Rodrigues, Lília Mac Intyre e Quintina Soares (*Jornal de Piracicaba*, 20.4.1947).

**PENTEADO, Manoel Theodoro de Oliveira.** N. Descalvado, SP, 20.5.1881. F. Araraquara, SP, 23.12.1958. C.c. Dalila Garcia Penteado, f. 1955. Ff.: Altair Maria, Antônio Carlos (engenheiro agrônomo pela ESALQ, 1922), Glicie, José Manoel, Manoel, Manoel José. Médico, filho do capitão Sebastião de Oliveira Penteado e Isabel Guilhermina Klein de Oliveira Penteado. Nasceu na fazenda Graciosa, em Descalvado, e estudou no Colégio São Luiz de Itú. Em 1904 formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira profissional na cidade natal e passou a residir e clinicar em Piracicaba em 1917, a convite do médico Oscarlino Dias (v.), que estava enfermo, para substituí-lo em sua clínica. Teve consultórios no largo da Matriz (atual Praça da Catedral) e em Vila Rezende. Em virtude da recuperação da saúde de Oscarlino Dias, devolveu-lhe a clínica. Foi convidado por Pedro Morganti (v.) para atuar como médico em Araraquara, SP, na Usina Tamoio. Permaneceu nessa cidade até 1944, assumindo

igualmente o posto de médico dos empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro em Araraquara. De 1944 a 1955 residiu na capital paulista, retornando a seguir à Usina Tamoio (Cambiaghi, 1984).

**PENTEADO, Misael Bozom, reverendo.**

N. 1941. F. Piracicaba, ? 10.1991. C.c. Assenção Lopes Bozom. Ff.: Rode, Misael Júnior, Quezia. Filho de Oscar Bozom Penteado e Virgília Maria Penteado. Foi pastor da Igreja Sede do Evangelho Quadrangular de Piracicaba, à rua Floriano Peixoto nº 1721, na Cidade Alta. Residiu no bairro Jardim Elite, à rua João de Oliveira Agodoal.

**PERCHES, Alcides Lordello (Séc. 20).**

F. Piracicaba, 10.9.1995. Em 12.10.1933 foi inaugurada a primeira emissora de rádio de Piracicaba por iniciativa de João Sampaio Góes: a PRD-6, Rádio Clube de Piracicaba, posteriormente denominada Rádio Difusora. Alcides Lordello Perches foi o primeiro funcionário contratado, com o devido registro, para atuar como locutor da PRD-6, recebendo em 1936 o salário de duzentos mil réis. Vários Perches fazem parte da história de Piracicaba. O lavrador João de Arruda Leite, filho do piracicabano João Pereira Arruda, (n. 1822 e f. em Piracicaba em 1892), foi esposo de Maria José Perches de Menezes, filha de José Perches de Menezes e Antônia Perches de Aguiar. Tiveram os filhos Maria Antônia Perches de Arruda Stip, Ercília Perches de Arruda Dias, José Perches de Arruda, Margarida Perches de Arruda Penteado, Nair Perches de Arruda Coelho, Geni Perches de Arruda Mendes e Paulo Perches de Arruda (Arruda, 1952). Vários membros da família Perches fazem parte da história de Piracicaba. Moacyr Lordello Perches, c.c. Izola Pardi Lordello Perches, foi pai de Maria Eugênia Lordello Polizel, f. 26.7.2007 e c.c. Estanislau Roberto Polizel; Oswaldo Lordello Perches foi professor (v. Zanin, Pedro Zalunardo); Célia

Perches destacou-se em meados do século 20 como um das mais valorizadas docceiras e donas de bufê de Piracicaba; Pedrinho Perches e seus companheiros formaram um conjunto musical que abrilhantou bailes e festas locais, mais ou menos na mesma época; e a tipografia Perches figura na lista dos tradicionais estabelecimentos do gênero existentes na cidade, no século vinte.

**PEREIRA, Abel. N. 7.7.1955. F. Piracicaba,**

9.6.2007. Ff.: Aretuza Karen, Aritana Nair, Abel Francisco. Empresário, filho de Jayme Pereira (v.), igualmente empresário, e Thereza Fornazier Pereira. Atuou no setor de construção civil, como sócio-proprietário da empresa Cicat Construções Cíveis e Terraplanagem. Foi sepultado na capital paulista.

**PEREIRA, Carlos A. (Séc. 19-20).**

Farmacêutico. Proprietário da Farmácia Santo Antônio, à rua do Comércio, nº 106 (atual Governador Pedro de Toledo), onde igualmente residia e atendia pessoalmente as pessoas que o procuravam, segundo anúncio no *Almanak de Piracicaba 1900* de Camargo, permanecendo o estabelecimento aberto até às 22 horas. Apresentava-se como “único depositário nesta cidade dos preparados de M. Morato, propagados por D. Carlos”: o Elixir e as Pílulas de Tayuyá. Vendia igualmente o Xarope Peitoral criado e fabricado por ele e as Pílulas Sudoríficas do “ilustrado clínico Dr. C. Leite”, recomendadas para “influenza, constipação etc.”, garantindo à clientela “prontidão, asseio e modicidade de preços”.

**PEREIRA, Jayme. N. séc. 20. F. Piracicaba,**

19.7.1996. C.c. Thereza Pereira. Ff.: Abel Pereira (v.), Fátima Pereira Gandelin. Empresário. As perdas, primeiro, da esposa e posteriormente de Jayme Pereira, vítima de tumor cerebral, fizeram com que a família decidisse criar em Piracicaba a Fundação do Câncer Jaime Pereira, organização não-governamental, com perto de uma centena

de pacientes cadastrados e em atendimento, em fins de 2006. Surgida quatro anos depois do falecimento do seu patrono, passou a ter como uma das suas diretoras a filha de Pereira, Fátima Pereira Gandelin (n. 1953), procurando atender a doentes de todos os tipos de cânceres e sem recursos (E. Teixeira, *Gazeta de Piracicaba*, 21.12.2006). Há uma avenida Jaime Pereira, no loteamento Terras de Piracicaba.

**PEREIRA, Luiz.** N. Piracicaba, 27.7.1933. F. São Paulo, SP, 6.7.1985. Sociólogo. Pertenceu ao grupo de professores e pesquisadores de sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde se formou (1955), fez seu doutoramento (1961) e foi professor adjunto desde 1972. Dedicou-se em particular à Sociologia da Educação e teve várias obras publicadas, como único autor ou em colaboração, entre as quais *A escola numa área metropolitana* (1960), *Populações marginais* (1978) e, em colaboração com Marialice M. Foracchi, *Educação e sociedade* (1964). Teve fim trágico, pondo termo à vida aos 52 anos de idade. Era professor formado pela Escola Normal Sud Mennucci (C. R. Beisigel, em Fávero e Britto, 1999).

**PEREIRA, Marcelino José.** N. Itu, SP, 19.3.1805. F. Piracicaba, 18.10.1888. Deixou Itu ainda jovem, para residir em Piracicaba, impondo-se como um dos mais importantes agricultores da região. Proprietário da fazenda do Bongue, onde cultivava chá, à margem do rio Piracicaba, foi dono de larga parte da Vila Rezende. Administrou a Fazenda Monte Alegre e, segundo Guerrini (1970), “prestou bons serviços na construção da primitiva igreja matriz. Militou sempre no Partido Conservador”, que apoiava o Imperador D. Pedro II. Mencionado como um dos 14 eleitores da paróquia (cidade) de Constituição em 1858. Faziam parte da relação de eleitores locais, além de Pereira, os senhores Francisco Franco de

Almeida (v.), Francisco Florêncio do Amaral (v.), Affonso Agostinho Gentil de Andrade (v.), João Morato de Carvalho (v.), Francisco José da Conceição (v., Barão da Serranegra) (v.), capitão Salvador Ramos Correa, Manoel Alves de Oliveira Dória, Manoel da Rocha Garcia, Emygdio Justino de Almeida Lara (v.), José Bento de Mattos, Manoel Duarte Novaes, Antônio Corrêa Pacheco (v.) e Joaquim Luiz da Silva. Quatro desses eleitores foram vereadores locais, de 1861 a 1864: Gentil de Andrade, o capitão Corrêa, Oliveira Dória e José Bento de Mattos. Almeida Lara foi o titular da coletoria de rendas local. (*Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo*, 1858; Vitti, 1966). Fez parte de comissão em que teve como companheiros o provedor José Viegas Muniz (1806-1869) (v.), Joaquim Floriano Leite, José Caetano Rosa (v.) e Miguel Dutra (v.), incumbida da construção do primeiro Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, criada em 1865. O primeiro hospital só foi aberto em 1.8.1883 (Moratori, 2004).

**PEREIRA, Manassés Ephraim.** N. Piracicaba, 1885. F. Piracicaba, 1971. C.c. Hermantina de Camargo Pereira. Ff.: José Severo, Maria Aparecida. Professor. Aparentado com o notável filólogo e pastor presbiteriano mineiro Eduardo Carlos Pereira, formou-se professor pela antiga Escola Complementar, origem da Escola Normal Sud Mennucci. Prosseguiu seus estudos na Escola Normal da Praça da República, na capital paulista, e trabalhou inicialmente como tipógrafo, aos 14 anos de idade, em gráfica de propriedade de seu tio, onde era impressa a revista *O Estandarte*. Começou a lecionar no ensino elementar em 1909, em Monte Alto, SP, mas logo retornou a Piracicaba e passou a ser professor e vice-diretor da Escola em que se formara, convertida em Escola Normal Primária em 1911. Dedicou 50 anos de sua vida ao magistério como professor de francês, nos tempos em que a aprendizagem desse idioma

era obrigatória nas escolas. Ministrou aulas na Escola Normal Oficial da cidade, assim como no Colégio Piracicabano e na Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo. Seus dois filhos dedicaram-se igualmente à docência. Maria Aparecida Pereira foi professora de matemática e José Severo, formado em pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, destacou-se nesta última como notável professor e estudioso de estatística e tradutor de numerosas obras de caráter científico e didático em educação, psicologia e em outros campos do conhecimento humano. No Jardim Noiva da Colina há uma rua Manassés Ephraim Pereira, junto à avenida Aldrovo Pires Correia. Em virtude de lei estadual de 14.7.1971 o Ginásio Estadual da Rua do Porto passou a denominar-se Ginásio Estadual Prof. Manassés Ephraim Pereira. Em 1972 o Ginásio e o Grupo Escolar Francisca Elisa da Silva foram integrados e se converteram na Escola Estadual Francisca Elisa da Silva. Posteriormente, uma Escola Estadual ganhou seu nome, à rua Dona Stella, nº 1039, no bairro Monte Líbano.

**PEREIRA, Norival Guedes** (Séc. 20). C.c. Rita Algodal Guedes Pereira (n. 1907 e f. Piracicaba, 30.3.1997). Ff.: Gizela, Ronaldo, Telma. Empresário. Ronaldo Algodal Guedes Pereira, seu filho, falecido em Piracicaba, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1956 e doutorou-se pela mesma escola em 1969. Foi docente e pesquisador da ESALQ, 1963-71 (Lordello e outros, 1976), casado com Noemi Ometto Pereira.

**PERFETTI** (Séc. 19-20). Maestro. Apesar de ter sido uma das principais figuras da vida musical piracicabana nas primeiras décadas do século 20, são vagas e escassas as informações disponíveis a seu respeito. Segundo Moura (1996), Erotides de Campos (v.) tocou sob sua regência, em orquestras dos cinemas Íris, no local ocupado posteriormente pelo

Broadway, e Politeama. Veiga (*Jornal de Piracicaba*, 22.5.1993) igualmente se refere a Perfetti, quando menciona “as pequenas e excelentes orquestras que abrihantavam as festividades e sessões cinematográficas” na Piracicaba de outros tempos. A julgar pelo sobrenome, era de origem italiana. Segundo Elias Netto (2000), fundou, com Benedito Dutra Teixeira (v.), Erotides de Campos e Tereza Ferraz, o Instituto Musical Piracicabano, com aulas de piano, violino, flauta, canto e canto coral. O Instituto funcionou na Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, nos anos vinte.

**PERISSINOTO, Américo**. N. Piracicaba, séc. 20. F. Piracicaba, 30.8.1995. Empresário, político. Juntamente com Jean Joseph Morlet (v.), criou na Vila Rezende a empresa Morlet S.A. Em 1972 foi eleito vice-prefeito da cidade para o período de 1973-76, juntamente com Adilson Benedicto Maluf, então eleito prefeito, ambos pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). No Loteamento Santa Rosa há uma rua com seu nome.

**PERISSINOTO, Augusto**. N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. Os Perissinoto fazem parte do núcleo inicial de famílias italianas que se fixaram em Piracicaba, em fins do Século 19 e no início do século seguinte, dedicando-se predominantemente às atividades rurais. O nome de Augusto Perissinoto aparece em 1901 na relação dos associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro (Livro Protocolo), transcrita por Alleoni (2003), figurando igualmente no Livro Protocolo e no Livro Caixa da entidade, referentes a 1907. A fonte aqui citada refere-se também a Antônio Perissinoto (“Perisginotto”), no Livro Caixa de 1901. Residiu na Vila Rezende. Caldari (1990) evoca Augusto Perissinoto, o “Seu Gusto”, cujo filho, Waldomiro Perissinoto, foi proprietário de oficina de caldeiraria: a oficina Perissinoto. Seu proprietário associou-se a Mário Dedini (v.) e familiares (Armando, v., Nida,

Ada e Otília Furlan Dedini) e a Lázaro Pinto Sampaio (v.), como cotistas, para o surgimento da Codistil, Construtora de Destilarias Dedini, em 6.11.1943, na avenida Rui Barbosa. De acordo com Caldari, a empresa originou-se do desejo de Perissinoto de “expandir os negócios da sua pequena e acanhada oficina de conserto e de fabricação de pequenos alambiques de cobre para pinga, e avançá-los na área do álcool anidro, ainda na fase de indústria incipiente e de pouca expressão no país”. Em 1955 seu capital social era de Cr\$12.000.000,00 e o valor da sua produção industrial superava a casa dos cinquenta milhões de cruzeiros, dando empregos a 165 trabalhadores nas oficinas (Krähenbühl, 1955).

**PERPÉTUO, Abner da Silva.** N. São João da Boa Vista, SP, 1932. F. Piracicaba, 10.7.1990. C.c. Lizeika Ferraz Perpétuo. Ff.: Gisele, Grasiela. Filho de Honório Perpétuo (v.) e Durinda da Silva Perpétuo. Engenheiro agrônomo, cientista social, pedagogo. Formou-se pela ESALQ em 1956; em estudos sociais em Ouro Fino, MG, em 1974; em pedagogia em Monte Aprázivel, em 1980. Atuou como engenheiro agrônomo junto à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado (1957-59) e ao Banco do Brasil (1959-88). Coordenou o setor de ensino superior para a prefeitura municipal de Tatuí, SP (1971-72) e foi membro do Conselho Regional da Igreja Metodista (1970-78), assim como do Conselho Diretor da Universidade Metodista de Piracicaba (1971-76). Coube-lhe a direção geral do Instituto Americano de Lins (1977-79) e a direção da Faculdade de Odontologia deste (1978-79). De 1975 a 1979 foi membro do Conselho Geral da Igreja Metodista. Fez parte do Conselho Coordenador das Entidades Cívicas de Piracicaba, da Loja Maçônica de Piracicaba e de várias entidades, como a Sociedade Paulista de Agronomia, o Rotary Club de Lins (1977-79), a Associação de Engenheiros Agrônomos e Arquitetos de Piracicaba, a Academia Piracicabana de Letras, o Instituto

Genealógico Brasileiro. Presidiu de 1988 a 1990 a Associação de Assistência Social Betel (Lar Betel) de Piracicaba. Recebeu inúmeras honrarias e medalhas, entre as quais a medalha Marechal Rondon da Sociedade Geográfica Brasileira e a medalha André Vidal de Negreiros, da Ordem Nacional dos Bandeirantes. Um dos seus irmãos, Daniel da Silva Perpétuo, formado igualmente pela ESALQ em 1951, n. 1927 e f. Goiânia, GO, a 7.8.2007. Era c.c. Tilza Ferraz Perpétuo, ff. Edson e Ivone, e fez parte da Igreja Presbiteriana. Especializou-se em economia rural e mecanização agropecuária, foi músico e radioamador, trabalhou na Carteira Agrícola do Branco do Brasil e colaborou em revistas especializadas e no jornal “O Estado de S. Paulo”. Uma rua do Jardim Santa Rosa, perto da avenida Oradiel Paes Zamith, é denominada Abner da Silva Perpétuo.

**PERPÉTUO, Honório.** N. Bofete, SP, 13.2.1892. F. séc. 20. C.c. Durinda da Silva Perpétuo. Ff.: Abner, Daniel, Edrei, Gabriela, Lícia, Tirza. Professor, dentista. Formado pelo curso normal da Escola Caetano de Campos da Praça da República, na capital paulista. Coursou igualmente a Faculdade de Odontologia, mas não chegou a concluir o curso. Trabalhou, contudo, como “dentista prático”, tendo recebido licença especial que o autorizou a fazê-lo. Lecionou em escolas de várias cidades paulistas e era professor em Mococa, SP, quando, mediante permuta, passou a pertencer ao quadro docente do Grupo Escolar Moraes Barros, nos anos quarenta. Pouco antes da sua aposentadoria, removeu-se para o Grupo Escolar de Água Santa (G.E. Dr. Alarico Silveira). Modesto, afável, comedido e culto, manteve um curso preparatório para o ingresso nos ginásios locais, sendo responsável pelo estímulo e encaminhamento de inúmeros adolescentes piracicabanos para o ensino médio e superior, que se destacaram nos âmbitos profissional, cultural e social, no século 20. Professores como o pai, seus filhos ganharam



## PERPÉTUO, Honório

projeção no magistério paulista e em atuação junto à Igreja Metodista local. Pertenceram a órgãos administrativos importantes e uma das filhas, Lícia, atuou durante muitos anos na Secretaria da Educação do Estado em São Paulo, no largo do Arouche. Abner (v.) formou-se em agronomia pela ESALQ em 1956, onde igualmente se formou seu irmão Daniel, em 1951.

**PERRY, Christóvão de la Sierra** (Séc. 19). Quase nada se sabe sobre este médico, que viveu e atuou em Piracicaba (então Constituição) na segunda metade do século 19. A 16.11.1857 a Câmara Municipal declarou a legalidade de sua carta de médico, podendo, portanto, exercer sua profissão na cidade. Juntamente com outros médicos (Melchert, Kupfer, vv., Rios), auxiliou a Santa Casa de Misericórdia local nos primeiros tempos desta, tendo recebido elogios com seus colegas pela colaboração prestada, feitos por José Pinto de Almeida, provedor e fundador da Santa Casa. Sabe-se que oferecia gratuita-mente seus serviços à gente humilde e sem recursos que buscava socorro médico (Cambiaghi, 1984; Moratori, 2004). Talvez fosse aparentado com os Perry do Rio de Janeiro, RJ, de origem inglesa, que fundaram a Floresta Perry e o Solar das Magnólias em Teresópolis, RJ, segundo Barata e Bueno (2000).

**PESCARIN, Luigi**. N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. Seu nome é mencionado como integrante da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, no Livro Protocolo de 1902 (Alleoni, 2003). Outro Pescarin, Antônio, mais conhecido como Totó, ganhou notoriedade na Vila Rezende das primeiras décadas do século 20 como hábil fabricante de botas, “que ficaram famosas. Recebia pedidos de várias cidades. Suas botas percorreram o Brasil e mesmo atingiram outros países. A sapataria ficava ao lado do Bar e Restaurante Papini, na avenida Rui Barbosa” (Aldrovandi, 1991). Antônio Pescarin foi casado com Assumpta Cardinalli Pescarin, irmã de

Agostinho Cardinali. Tiveram os filhos Luiz e Paulo (padre). Na vila Rezende há uma travessa Antônio Pescarin.

**PETERMANN, João**. N. séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. Músico, regente, compositor. Tronco de família de musicistas que viveram e atuaram em Piracicaba desde a segunda década do século vinte e lideraram bandas de música locais. João regeu a Corporação Musical Pedro Sérgio Morganti, da União Monte Alegre, mas destacou-se notadamente como maestro da banda de música inicialmente denominada Corporação Musical Lira Guarani. Criada em 1.5.1906, passou a denominar-se Corporação Musical União Operária a partir do ano seguinte. Antônio Mombuca (v.) foi seu primeiro maestro e João Petermann a regeu durante 25 anos, desde 1916. Seu filho Oswaldo Petermann assumiu a regência após o pai, permanecendo nesse posto ao longo de 40 anos. A banda contou com outros maestros, como Martins Neves, João Surian (v.), Martinho Fischer Neto, Victor Guerrini, Carlos Brasiliense Pinto (v.), José Rafael Pero (N. F. Arruda, *Jornal de Piracicaba*, 1.5.1986). De 1982 em diante, passou a ser conduzida por Antônio Petermann (*Jornal de Piracicaba*, 1.5.1987). Desde 1947 a corporação tem sede própria à rua Santo Antônio, nº 508, conta com José de Souza Campos Neto como maestro e é presidida desde 1992 por João Coletto Filho (n. 1938). Anteriormente, o pai deste presidiu a banda durante mais de quinze anos. Nos anos quarenta a sessenta, fez parte do grupo das cinco melhores bandas de música paulistas na categoria Sênior, gravou dois discos em “long-play” e conquistou duas vitórias memoráveis em Barcelona, sob a regência de Oswaldo Petermann, ganhando o troféu do Concurso Internacional de Bandas de Música. Em 1950, sob a batuta do maestro Carlos Brasiliense Pinto, foi vencedora do Concurso de Bandas Cívicas de São Paulo, promovido no Teatro Municipal pelo Departamento de

Cultura do Estado. Apresentou-se com êxito, além disso, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1961. No bairro Higienópolis, junto à rua Osório Germano da Silva, há uma rua cuja denominação homenageia o maestro Oswaldo Petermann (*Jornal de Piracicaba*, 2.5.2006; M. Rocha, *Jornal de Piracicaba*, 1.5.2007). O coreto da Praça da Catedral ganhou oficialmente o nome de Coreto Maestro Petermann.

**PETERS, Ricardo Maximiliano (Richard Maximilian).** N. Alemanha, séc. 19? F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Sophia Schwartz Peters. Ff.: Edite, Ricardo Filho, Yolanda. De origem germânica, manteve durante muitos anos uma serralheria, oficina de concertos e bicicletaria, inicialmente na rua Prudente de Moraes e depois na rua Boa Morte. A filha Edite, piracicabana, nascida em 1925, faleceu em 3.12.2006, e Ricardo Peters Filho morreu anteriormente.

**PETRIN/PETRINI, Famílias** (Séc. 20). As denominações Petrin e Petrini talvez designem um só tronco familiar (ou dois independentes um do outro), cujos antepassados, italianos de origem, passaram a viver e trabalhar em Piracicaba no início do século 20, ou antes. Nas listas de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro transcritas por Alleoni (2003), o sobrenome Petrini aparece no Livro Caixa da entidade referente a 1907 (Ademiro Petrini), e na lista de italianos moradores de Piracicaba que não se naturalizaram, datada de 17.6.1904 (Giovanni e Sebastiano Petrini). Em 1936 o almanaque de Piracicaba editado por Mário Neme publicou um grande anúncio da Fábrica de Balas A Atlante, de propriedade de José Petrin, à rua Governador Pedro de Toledo, nº<sup>os</sup> 194 e 196 (posteriormente nº 1432): “Registrada sob nº 35.138 e contando com moderníssimas instalações que obedecem aos mais rigorosos preceitos de higiene..., funciona há mais de 15 anos” (desde antes de 1921, portanto). Sua

produção em 1936 era de 850 k diários de mais de 300 tipos de balas, rebuçados, caramelos, bombons, chocolates etc. Em anúncio saído 19 anos depois (Krähenbühl, 1955), a empresa constava como Fábrica de Balas e Bombons A Atlante e José Petrin & Filho apareciam como seus proprietários. Ao nome do empresário Hermínio Petrin, destacado integrante da comunidade espírita de Piracicaba, ligam-se várias iniciativas notáveis, de caráter filantrópico. Foi casado com a empresaria Ositha de Oliveira Petrin e tiveram os filhos Hermínio Júnior, Thaís, Paulo César e Antônio Carlos. A esposa nasceu em 1915 e f. em Piracicaba em 26.11.2004. Em 1952, fundou o Nosso Lar, à rua Ipiranga, nº 2191, casa destinada principalmente ao atendimento de crianças órfãs, abandonadas ou de famílias sem recursos. Em 1960, deu-se a inauguração da Casa Transitória Dr. Cesário Motta Júnior, em terreno adquirido e doado por Hermínio Petrin e Humberto Capellari (v.), na rua do Trabalho, convertida em 1977 no Hospital Espírita Dr. Cesário Motta Júnior. Este foi transferido para o km 8 da rodovia Luiz de Queiroz. Hermínio Petrin foi seu diretor presidente durante muitos anos. Há uma rua José Petrini no parque Orlanda I, junto à avenida Roma.

**PETROCELLI, Irmãos** (Séc. 20). Destacaram-se no ramo de vendas e serviços ligados a veículos de transporte, notadamente automóveis e caminhões. Em anúncios dos anos 50, são mencionados como concessionários dos veículos Chevrolet (General Motors), oferecendo “peças e acessórios, pneus e câmaras de ar de todas as marcas”, mantendo negócios em três locais: a Agência Chevrolet, à rua Prudente de Moraes, nº 855; a Vulcanização e Posto São José, posto de serviço, à rua Prudente de Moraes, nº 862; e uma oficina mecânica, à rua Regente Feijó, nº 774 (Krähenbühl, 1955; Camargo e Navarro, 1958). Outros anúncios (Guidotti, 2002) mencionam Mitelman, Svartsí,

## PETROCELLI, Irmãos

Petrocelli & Cia. Ltda. como donos da Agência Chevrolet, à rua Prudente de Moraes, nº 835 (v. Mitelman, Nathan). Um anúncio intitulado “Chevrolet 1942” informa que “M.S. Petrocelli & Cia. Ltda. apresentarão hoje ao público piracicabano o novo Chevrolet 1942”, acrescentando: “vejam essa maravilha da indústria automobilística norte-americana em sua agência nesta cidade, à rua Prudente de Moraes, 835”. Um dos membros da família, Rubens Petrocelli, f. Piracicaba a 5.1.1992.

**PETTA, Antônio.** N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. Seu nome está no Livro Protocolo de 1907 dos associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro (Alleoni, 2003). Comerciante, foi o primeiro presidente da Associação Atlética Sucrerie, fundada em 8.2.1914 pelos empregados da Usina Sucreries, mais tarde Clube Atlético Piracicabano. Caldari (1900) evoca outro membro da família Petta, radicado na Vila Rezende: Martin Petta, com oficina na avenida Rui Barbosa (à altura do nº 60). Dedicava-se “ao ramo da mecânica e ao fabrico de bombas a vapor (burrinhos), válvulas e outras peças delicadas. Estava a desenvolver-se e para tanto, construíu um novo barracão através do seu amigo e companheiro João Coletto (v.), no Areião... mas, por um golpe de infortúnio, ambos morreriam sob a obra, desabada durante um terrível temporal”, em meados do século vinte. Seu filho Antônio Petta, diplomado pela ESALQ em 1950, foi professor titular e pesquisador desta desde 1952, doutor em agronomia (1954) e livre-docente (1967). Um membro da família, Alexandre Petta, foi morto na Revolução de 1932. Há uma rua Alexandre Petta na vila Rezende.

**PETTINELLI, Armando** (Séc. 20). C.c. Maria Tricta Pettinelli. Era filho de Agostinho Pettinelli e Henriqueta Jordão Pettinelli. Diplomou-se pela ESALQ em 1936 como engenheiro agrônomo. Foi irmão de vários

professores piracicabanos: Orlando Agostinho, nascido em 1921 e falecido em Piracicaba em 2006, c.c. Therezinha Beduschi Pettinelli; Felisberto Pettinelli, c.c. Maria Ducatti Pettinelli; Adele Pettinelli Muller, c.c. o protético Dejandir Muller (f.); e Hilda Pettinelli (f.).

**PEZZATO, Domênico e Francisco** (Séc. 19-20). Italianos de nascimento, fazem parte do rol dos moradores de Piracicaba que não aceitaram a adoção da cidadania brasileira. A lista é de 1904 (Alleoni, 2003).

**PFROMM, Augusto (Teotônio).** N. Piracicaba, SP, 10.4.1898. F. Piracicaba, 18.6.1966. C.c. Escholástica (Tica) Mendes Pfromm, n. Rio Claro, SP, 1.2.1900 e f. Piracicaba, 15.5.1967. F.: Samuel Pfromm Netto. Os evangélicos luteranos Samuel Pfromm e Ida Christina Glüge Pfromm, seus pais, deixaram Bremen, na Alemanha, e fixaram-se em Iracemápolis. Ferreiro, comerciante e chacareiro, Samuel residiu em Rio Claro, depois em Piracicaba, em chácara no início da rua do Rosário e depois à rua Prudente de Moraes, em chácara defronte do palacete de Luiz de Queiroz, antes de mudar-se para a capital, onde faleceu. Quando jovem, Augusto foi violinista de orquestra em Rio Claro, SP. Após casar-se, transferiu-se com a esposa para Piracicaba e manteve com cunhados e irmãs a Padaria Alemã, na rua do Comércio (Governador). Deixou-a para ter armazém e bar junto ao largo de São Benedito, na rua Prudente de Moraes, o “Bar do Ponto”. Foi, a seguir, dono da vidraçaria São Paulo, à rua Boa Morte, nº 1584, onde residiu por longo tempo. Juntamente com Walter R. Accorsi, Leandro Guerrini, Eugênia Silva, Olga Meira Barros e outros, participou ativamente do movimento espírita kardecista local. Eram seus irmãos: Bertha, Elza, Olga, Oscar, Wanda e Waldemar Pfromm.

**PFROMM, Priscila Maria.** N. Piracicaba,

3.4.1958. F. São Paulo, 9.2.2006. Div. de Elias Korn Neto. F.: Daniel Pfromm Korn (Cabal). Era filha de Samuel Pfromm Netto e Marilene Olga Clemente Pfromm. Arquiteta, decoradora, radialista, artista plástica, escritora. Revelou precocemente seus múltiplos talentos artísticos, apresentando-se a 16.11.1967 em concerto de piano no Masp, na capital paulista, escreveu peça teatral aos 7 anos e ganhou prêmios em salão de arte infantil. Fez curso primário na Escola de Demonstração do Centro Regional de Pesquisas Educacionais da USP e diplomou-se em 1968. De 1969 a 1975, foi aluna dos cursos ginásial e colegial do Colégio N.S. de Sion em São Paulo. Formou-se em arquitetura pela Universidade Mackenzie de São Paulo em 1981. Realizou estágios e trabalhos especializados em vários escritórios renomados de arquitetura na capital paulista e na agência de publicidade DPZ. Atuou como decoradora e vendedora do grupo Henri Matarasso e na loja de decoração Baú, de Renina Katz. Viajou muito, estendendo seus horizontes culturais e seu círculo de amizades e profissional nos EUA, na Europa, na Argentina e no México. Desde os anos sessenta escreveu, produziu e apresentou inúmeros programas radiofônicos, notadamente na Rádio Cultura FM de São Paulo (Fundação Padre Anchieta) e na Rádio Ministério da Educação do Rio de Janeiro. Além disso, entrevistava personalidades famosas, como Simone de Beauvoir e grandes nomes da música internacional popular e erudita, fazendo-o com desenvoltura e brilho, graças ao domínio de meia dúzia de idiomas cultos. Fazia-os sempre em meio a pesquisas laboriosas e se destacava na produção de programas de música tanto do gênero erudito como de música popular, como *Jazz Improviso, Passagens, Palbeta, Com-passo, Partitura, Semifusa, Fraque e claque, Concerto Mec, Mulheres compositoras, Gênese, Acorde, Caminhos barrocos, Vozes do século, Caleidoscópio, Sarau, Coreto e serenata, Laboratório, Midnight blues*. Teve sua competência reconhecida dentro e fora do país: ganhou o prêmio da Associação

Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 1991 e foi uma das redatoras de prestigiosa revista inter-nacional sobre “blues”, editada nos EUA. Foram seus parceiros na concretização de séries e programas radiofônicos avulsos numerosos nomes maiores da música e da cultura brasileira, como os maestros Jamil Maluf e Almeida Prado, o historiador e crítico musical Veiga Oliveira, Álvaro Moya, Carlos Conde, Martha Herr e muitos outros. Uma das suas séries, sobre a expedição de Spix e Martius no Brasil, fez parte de uma exposição realizada na Pinacoteca de São Paulo e foi apresentada com êxito na Alemanha. Dedicava-se ultimamente a três projetos de elaboração de livros sobre temas do seu interesse: a historia dos celtas, os blues e a história das histórias de detetive, crime e mistério, não concluídos. Está sepultada no Cemitério da Saudade, em Piracicaba.

**PHILLIPEAUX, Mademoiselle.** Professora de piano em Piracicaba nos começos do século 20. Rival de Fabiano Lozano (v.) nesse ensino (*Jornal de Piracicaba*, 22.5.1986), teria sido a primeira mestra de piano da cidade.

**PICCOLI, E. L.** (Séc. 19-20). Dono, em meados dos anos trinta, do hotel que antes foi de Manoel do Lago, no Largo do Teatro (atual praça José Bonifácio). Segundo Neme (1936), situava-se em 1936 à rua São José, nº 77. Tinha “40 confortáveis cômodos, com água corrente em todos os quartos”. Era “o mais central da cidade” e mantinha à disposição dos hóspedes um “auto Chevrolet nº 326”. Piccoli reformou o hotel, tornando-o “confortável para visitan-tes e famílias”, com “cozinha de primeira ordem”. Os atuais Piccoli de Piracicaba têm possivelmente parentesco com este pioneiro da hotelaria local. Um estudante com o sobre-nome Piccoli, Luiz Adalberto Piccoli, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1941.

**PIFFER, José** (Séc. 20). Tabelião. Substituiu

o serventário do 1º Tabelionato de Piracicaba por volta dos anos quarenta e foi oficial menor deste, em meados do século. O 1º Tabelionato da cidade passou posteriormente a contar com Olavo Leitão (v.) como seu oficial e Osvaldo Gava como oficial maior (Camargo e Navarro, 1958). Fez parte da irmandade da Santa Casa e foi um dos seus mesários. Ganhou destaque na política um integrante da família Piffer: José Carlos Piffer. Estudou na Escola Normal Sud Mennucci, nos seus cursos ginásial e colegial, formou-se engenheiro agrônomo em 1958 pela ESALQ e foi instrutor desta (1963-65). Foi ministro interino da agricultura. Teve destacada atuação política como assessor de Humberto D'Abronzó (v.), quando este se achava no auge da popularidade. Animado por sua atuação no Ministério da Agricultura, Piffer pretendeu candidatar-se à prefeitura local. em 1968, como sucessor de Luciano Guidotti (v.). Não foi, todavia, candidato, nessas eleições em que Francisco Salgot Castillon venceu João Guidotti, irmão de Luciano (vv.) (Lordello e outros, 1976; Elias Netto, 1992). Uma rua da Nova Piracicaba denomina-se José Carlos Piffer.

**PINAZZA, Família** (Séc. 20.). Antigos moradores de Piracicaba, descendentes de imigrantes italianos que se fixaram na cidade entre fins do século 19 e o início do século 20. Alleoni (2003) menciona Antônio Pinazza, registrado como membro da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba em 1901, e F. Pinassa, registrado em 1906. Alaor Pinazza faleceu em Piracicaba a 14.12.1996 e seu filho Alaor Pinazza Júnior morreu em Piracicaba a 14.3.2007.

**PINHEIRO, Euvaldo Rodrigues** (Séc. 19-20). C. em 4.9.1922 c. Josephina De Domenico Pinheiro, n. Ipeúna, 14.7.1900. Ff.: Adail, Dilza, Edinã, Edyl, Irany, Nize. Residentes à rua Boa Morte, defronte do Colégio Piracicabano, os Domenico Pinheiro distinguiram-se por suas contribuições nas áreas de educação e música,

assim como em outros campos de atividade, desde os anos trinta. Josephina estudou na Escola Normal (atual Sud Mennucci) e fez parte do Orfêo Piracicabano que Fabiano Lozano criou e regeu. Após a formatura, lecionou até aposentar-se como professora do Grupo Escolar Dr. Prudente de Moraes. Era filha de Giacomo (Jacó) De Domenico, imigrante italiano c.c. Paola De Domenico. Vieram de Messina, na Sicília, para o Brasil em 1896. De Domenico trabalhou no Colégio Piracicabano como zelador, jardineiro e hortelão. Fazia os pães caseiros que alimentavam professores, alunos e funcionários do internato do Colégio. Convertido ao protestantismo, fez parte da Igreja Metodista de Piracicaba até falecer. Residiu durante muitos anos no próprio colégio, onde seus filhos estudaram. Após aposentar-se, morou na casa que construiu, à rua Alferes José Caetano, nº 1352. Giacomo e a esposa vieram ao Brasil com uma filha e dois enteados e tiveram quatro filhos nascidos no Brasil. Um dos enteados, Antônio Lombardo, diplomou-se na quinta turma da então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a ESALQ dos dias atuais, e exerceu a profissão no Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, durante o governo de Vargas.

**PINHEIRO, Luiz Faria Lemos.** N. São Paulo, SP, 3.11.1919. F. Piracicaba, 21.5.1969. C.c. Guiomar Paiva Pinheiro. Ff.: Gerturdes, José Luiz, Justino. Médico, filho de José Leite Pinheiro, igualmente médico, e Nair Faria Lemos Pinheiro. Coursou a escola primária em Itu, SP, onde passou a infância. Frequentou a seguir o Colégio Diocesano de Campinas, onde completou o ginásio e o curso Colegial. Formou-se pela Faculdade de Medicina da USP a 12.12.1944. Trabalhou inicialmente no Sanatório Esperança, na capital paulista, mudando-se para Santos, onde contraiu matrimônio e atuou no laboratório da Santa Casa de Misericórdia. A partir de 1959 passou a viver e trabalhar, à frente do seu Laboratório de Patologia Clínica, à rua Benjamim Constant,

nº 1066. Seus colegas elegeram-no para presidir a Seção Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina (1969), mas faleceu após os cinco primeiros meses de gestão, quando praticava tênis no Clube de Campo. Foi sepultado em Itu e teve seu nome dado a uma rua na Vila Monteiro, paralela à avenida Prof. Alberto Vollet Sachs. Profissional altamente competente, afável, estimado e culto, estudioso e colecionador da arte barroca brasileira e versado em vários ramos do conhecimento, colaborou na imprensa local com artigos que publicava regularmente no *Jornal de Piracicaba*. Há uma rua com seu nome, na vila Monteiro, junto à rua Carlos Martins Sodero.

**PINHEIRO, Breno** (Séc. 20). Editou a revista piracicabana *Sala de Espera*, na década de 1920-29. Surgiram depois, ainda na primeira metade do século 20, as revistas locais *Única*, editada por Moacyr do Amaral Santos e Mário Neme (vv.) (1933); *Época* (1934), editada por João Chiarini (v.); *Uyara* (1935), editada por Hildebrando de Magalhães (v.). Grêmios estudantis foram responsáveis pela publicação do *O Mentor* (1911), do Grêmio da Escola Normal Primária – depois Escola Normal Sud Mennucci – e *O Piracicabano* (1935), do Colégio Piracicabano. Em 1921 surgiu a *Revista de Educação* da Escola Normal de Piracicaba, impressa na tipografia do *Jornal de Piracicaba*, sob a responsabilidade de um colegiado composto por Honorato Faustino, diretor da escola, e Antônio Pinto de Almeida Ferraz, Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Pedro Crem Filho, Dario Brasil, Antônio dos Santos Veiga (vv.) e Maria Graner (Krähenbühl, 1955; *Jornal de Piracicaba*, 4.8.1992; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**PINTO, Antônio Ferraz de Arruda** (Séc. 20). C.c. Cândida Dória Ferraz. Ff.: Lúcio, Fernando, Celina (n. Piracicaba, 1931 e f. Piracicaba, 13.6.2007). Fez parte de tradicional família a que pertenceram Fernando Ferraz de Arruda Pinto (séc. 19-20, v.), Ricardo Ferraz de Arruda Pinto

(v.), que foi prefeito da cidade, e numerosos Ferraz de Arruda do passado. Uma rua tem seu nome, no Parque 1º de Maio.

**PINTO, Antônio José de Andrade** (Séc. 19-20). Industrial. Tinha uma “grande fábrica de limonadas, gasosas, águas minerais e vinagres”, desde fins do século 19 (ou antes). Seu estabelecimento situava-se à rua Treze de Maio, nº 41. Andrade Pinto fez parte da diretoria da Maçonaria de Piracicaba, na passagem do século (Camargo, 1900).

**PINTO, Carlos Brasiliense** (Séc. 19-20). Professor e maestro. Os professores da família Brasiliense Pinto destacaram-se no ensino e na vida musical piracicabanos, desde as primeiras décadas do século 20. Moura (1996) menciona Carlos e Melita Brasiliense Pinto entre os músicos que participavam, àquela época, da orquestra dos cinemas Íris (no local depois ocupado pelo cine Broadway, à rua São José) e Politeama, sob a regência do maestro Perfetti. Este último e Carlos Brasiliense Pinto são referidos igualmente por Veiga, no *Jornal de Piracicaba* de 22.5.1993. Veiga acrescenta que Piracicaba “sempre abrigou, além de bons conjuntos para bailes, pequenas e excelentes orquestras que abrilhantavam as suas festividades e as sessões cinematográficas ou teatrais: esta regida por Fabiano Lozano, aquela por Celestino Guerra, outra por Zico Mazagão, outra mais pelo maestro Perfetti, outra, ainda, por Carlos Brasiliense e outra, também, por Adolfo Silva”. Chiarini (em Krähenbühl, 1955) lembra a atuação do maestro Carlos Brasiliense como regente da Corporação Musical União Operária, durante o primeiro Concurso de Bandas Cívicas do Interior de São Paulo, em 1950, no palco do Teatro Municipal da capital paulista, uma atuação que marcou época. Além de reger orquestras e bandas de música, Carlos Brasiliense Pinto atuou como músico da Orquestra Lozano criada por Fabiano Lozano (v.) e precursora da Orquestra Sinfônica

de Piracicaba. Paralelamente à atividade musical, dedicou-se ao magistério, como professor de música do Colégio Piracicabano. Segundo Jaçanã Altair Pereira Guerrini, cit. por Elias (2006), Carlos está associado à criação de “Piracicaba”, hino oficial da cidade, com música composta por Newton de Almeida Mello (v.) no bar Giocondo, em companhia de Brasiliense Pinto: “Mello cantarolou a melodia e Brasiliense escreveu-a no mármore da mesinha. Depois, passou-a para o papel e escreveu a primeira partitura para piano. Harmonizou a música e cuidou da sua divulgação entre os alunos do Piracicabano. Educadora e musicista de igual relevo em Piracicaba foi a professora e pianista Melita Lobenwein Brasiliense Pinto. Lecionou no Colégio Piracicabano durante muitos anos. Em 2001 a partitura original da “Marcha esportiva do Colégio Piracicabano” foi doada à escola, com letra e música de Melita, juntamente com a do “Hino da primeira série”, com música de Carlos e letra de Melita. Outro membro da família Brasiliense Pinto, Matilde, pertenceu ao grupo de mulheres piracicabanos que atuaram como enfermeiras durante a Revolução de 1932. No bairro Matão há uma rua Prof. Carlos Brasiliense Pinto.

**PINTO, Domingos de Cerqueira e outros farmacêuticos** (Século 19). Farmacêuticos. *O Almanak da Província de São Paulo* para 1873 e o *Almanach Administrativo Mercantil e Industrial da Província de São Paulo* para 1858 fornecem nomes de pessoas que, em meados do século 19, mantinham farmácias em Piracicaba. No primeiro, constam como boticários da cidade Domingos de Cerqueira Pinto e Fernando José Pinto da Costa. No almanaque de 1873 são mencionados três farmacêuticos estabelecidos em Piracicaba: Theóphilo de Arruda Mendes, Augusto César de Oliveira e Francisco Lourenço Tourinho de Pinho. Na passagem do século, Camargo (1900) refere-se a cinco farmácias e seus proprietários: Central, de Zeferino Chaves

(v.), à rua Direita (Moraes Barros), nº 171; Neves, de Francisco Leocádio de Castro Neves (v.), à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), nº 84; Popular, de Antônio Cypriano do Amaral (v.), à rua Prudente de Moraes; São José, de Carlos Nehring (v.), à rua Santo Antônio; e no nº 106 da rua do Comércio, a farmácia Santo Antônio, de Carlos A. Pereira (v.).

**PINTO, Fernando Ferraz de Arruda** (Séc. 19-20). C.c. Ana Cândida do Amaral Melo, professora. Ff.: Maria de Lourdes, Lineu, Nélio, Áulio, Milton, Divaldo, Zaida, Nice, Marina, Hilda, Lila, Gláucio. Era filho de Bento Ferraz de Arruda (v.) e Ana Pinto Ferraz, casal que teve uma dúzia de filhos, vários dos quais personalidades de destaque em Piracicaba e em outras localidades. Lineu Ferraz de Arruda (v.) formou-se engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1937 (casado com Lélia Ulson Arruda). Nélio Ferraz de Arruda (v.), professor, político e radialista, foi vice-prefeito (1964-68) e prefeito de Piracicaba em 1968. Áulio Ferraz de Arruda formou-se em agronomia pela ESALQ em 1938 e casou-se com Helena Ribeiro de Arruda. Milton Ferraz de Arruda, igualmente engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1932, casou-se com Diva de Moraes Arruda. Zaida, Nice, Marina e Lila formaram-se como professoras (Arruda, 1952). Existe uma rua Fernando Ferraz de Arruda Pinto na Paulista.

**PINTO, José Pereira** (Séc. 19-20). Industrial. Proprietário da Fábrica São José, que produzia sabões, entre os quais o “Sabão Flor de Piracicaba”. Situava-se à rua Boa Morte, no local em que existiu anteriormente a chácara de Pedro Stupp (v. Nicolau Stupp). (Camargo, 1900.)

**PINTO, Ricardo Ferraz de Arruda**. N. Piracicaba, 1.2.1887. F. Piracicaba, 22.10.1968. C.c. Maria das Dores (Mariquinha) Dória Ferraz. Lavrador, político, jornalista, orador de destaque, f. de Bento Ferraz de Arruda (v.) e

Ana Pinto César Ferraz. Estudou nos colégios de Itu e São Luiz de São Paulo e na Faculdade de Direito de São Paulo, sem, contudo, concluir os estudos por motivo de saúde. Durante mais de trinta anos administrou a Fazenda Milhã e a Fazenda D. Pedro II, do Vaivem, de propriedade dos Ferraz de Arruda. Soldado constitucionalista na Revolução de 1932, foi prefeito municipal, como interventor nomeado por Adhemar de Barros (v.), de 1.6.1938 a 4.1.1941, sendo larga a soma de serviços que prestou à cidade. Oficial responsável pelo 3º Cartório de Notas (3º Tabelionato e Anexos) em meados do século como seu primeiro titular, contou com João Ferraz de Arruda (v.) como oficial maior e Armando Bellato, Ernesto Lemaire de Moraes, Francisco Salles, Arnaldo Benedito Salles e Luiz Ferraz de Arruda como escrivães habilitados (Camargo e Navarro, 1958). Criou escolas primárias em Ibitiruna e no bairro da Paulista (Escola Estadual Dr. João Conceição) e notadamente a Biblioteca Municipal de Piracicaba, primeira instituição dessa natureza surgida no interior do Estado, na antiga sede da Câmara Municipal, à rua Alferes José Caetano, entre as ruas São José e Prudente de Moraes. Criada em maio, seu funcionamento teve início a 31.5.1939, com Leandro Guerrini como bibliotecário e sob a orientação de Israel Gil (v.), bibliotecário da ESALQ. Denominada inicialmente Biblioteca Adhemar de Barros, ganhou depois o nome de Arruda Pinto. Em seus primeiros tempos, no final de dezembro de 1939 tinha 2.227 livros, registrando 13.325 consultas e 14.556 retiradas de livros na sua seção infantil. Em 1939 isentou de impostos e taxas sanitárias os prédios que fossem levantados até abril de 1942, fazendo com que a cidade ganhasse 132 edificações apenas no ano de 1939, sendo então prevista a construção de um prédio por dia em Piracicaba, em 1940, graças ao dispositivo legal do prefeito. Em fevereiro de 1941 foi um dos sócios fundadores do Rotary Club local, que se reuniu pela primeira

vez, sob a presidência de Philippe Westin Cabral de Vasconcelos (v.), a 8.3.1941 no Hotel Central. Brilhou como um dos principais oradores dos festejos realizados no centro da cidade, em virtude do término da 2ª Guerra Mundial, no dia 3.5.1945, em que discursaram também os professores Elias de Mello Ayres e Josaphat de Araújo Lopes e o político Valentim Amaral (vv.). Em 1946-47 liderou os partidários de Adhemar de Barros em Piracicaba, juntamente com Geraldo Pinto de Toledo e Geraldo Carvalhaes Bastos (vv.), por ocasião das eleições municipais. Presidiu o Conselho Administrativo da Caixa Econômica de Piracicaba e foi presidente de vários clubes, como o Coronel Barbosa e o Cristóvão Colombo. Fez parte da diretoria do Esporte Clube XV de Novembro e foi membro do seu Conselho Esportivo. Praticava caça de campo e de mata e pesca. Muito estimado e respeitado por todos, atuante, dinâmico, empreendedor, colaborador constante da imprensa local, lembra Guerrini (*Jornal de Piracicaba*, 7.4.1985) que Arruda Pinto “pertenceu às sociedades recreativas da terra, porque adorava a dança, bom dançador que era. Marcava as chamadas quadrilhas (nos festejos juninos) com garbo e imponência. Revivia o passado com satisfação”. O autor citado ressalta ainda o amigo incondicional que foi, “franco, alegre, comunicativo..., pertenceu, como rebento de destaque, a uma das famílias mais distintas e tradicionais da terra, com larga margem de serviços prestados à coletividade... Piracicabano dos mais ferrenhos... Um coração de diamante. Alma aberta para o amor ao próximo, sem qualquer alternativa. Um abraço constante aos deserdados da sorte... Bandeirante de linhagem e bandeirante que não se dobrava à viração que soprasse. Um tipo de paulista acrisolado, um paulista de presença robusta, sem ser rude todavia. Cavalheiresco... Conhecia o segredo de exaltar a terra dos pagos, sem agredir a quem quer que seja. Tinha para si que os inimigos se combate com argumentos e não com a espada” (Guerrini, 1970; Elias Netto, 1992, 2000, 2003;



*Jornal de Piracicaba*, 1.2.1987; Luiz F. M. F. Arruda, *Jornal de Piracicaba*, 26.2.2005). No Jardim Elite uma rua tem seu nome.

**PINTO, Sebastião Rodrigues.** N. Quatá, SP, 12.3.1908. F. abril de 1979. C.c. Maria Romera Rodrigues Pinto, f. 23.9.2008. F.: Maria Aparecida Romera Pinto Mahle. Contabilista, comerciante, político, administrador. Filho do major Sebastião Theodoro Pinto e Catarina Rodrigues Pinto. Seu pai foi prefeito de Atibaia em três legislações e teve vários filhos, mas apenas cinco sobreviveram: Sebastião, Zacarias, que foi prefeito em Nazaré Paulista, e três irmãs. Após a infância e a adolescência vividas em Atibaia, SP, mudou-se em 1928 com os familiares para Piracicaba. O major foi proprietário de uma casa comercial que vendia principalmente mercadorias importadas, principalmente louças e porcelanas. Sebastião formou-se em contabilidade pela Escola de Comércio Cristóvão Colombo em 1930, época em que conheceu sua futura esposa, professora, filha de imigrantes espanhóis, que lecionava em Tanquinho. Sebastião foi funcionário da Empresa Elétrica de Força e Luz nos anos trinta, na sede desta, ao lado da Matriz de Santo Antônio (a futura catedral). Em 1935 conheceu o comerciante rio-clarense Oscar Meyer. Tornaram-se muito amigos e juntos fundaram a Casa Edison, para venda de rádios, discos, geladeiras e outros aparelhos elétricos, no nº 1024 da Praça da Catedral. Anos depois, Sebastião tornou-se o único proprietário da loja e posteriormente mudou-a para a rua XV de Novembro, nº 805. Católico devoto, cordial, expansivo e idealista, destacou-se na comunidade com suas atuações em inúmeras entidades, entre as quais a Santa Casa de Misericórdia, na qual foi membro da irmandade, atuando como segundo secretário e como mesário durante a provedoria de Nelson Meirelles (v.) (1946-1963). Destacou-se igualmente pela contribuição que deu ao Abrigo de Menores Desamparados, de que foi um dos fundadores, ao Lar dos Velhinhos e às

obras da Igreja dos Frades. Bastante ativo na vida política piracicabana, elegeu-no vereador para a legislatura de 1960-63 e foi presidente da Câmara Municipal. Conforme frisa Guidotti (2002), sua casa comercial se converteu em local de encontro dos políticos locais e de fora, como Carlos Lacerda, Herbert Levy e outros, particularmente os políticos vinculados ao seu partido, a União Democrática Nacional, que gozava de grande popularidade nos anos sessenta. Integrante dos mais ativos do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, presidiu o sindicato de 30.8.1966 a 29.5.1974, sendo reconduzido ao cargo a cada dois anos. Graças aos seus empenhos e aos de seu sucessor à frente do sindicato, Tufi Elias (v.), Piracicaba passou a contar com o Serviço Social do Comércio, SESC-Piracicaba, inaugurado em 30.11.1979. Seu estabelecimento comercial mudou-se para a rua XV de Novembro, na entrada da galeria Lúcia Cristina, próximo da Catedral, pouco antes do seu falecimento. Empenhou-se para a construção de uma sede própria do Sindicato que presidia, mas em virtude da morte do prefeito Luciano Guidotti (v.) e do estabelecimento do regime militar no país, esses esforços foram baldados, sendo seqüestrados pelo Ministério do Trabalho os recursos bancários do Sindicato que se destinavam a essa finalidade. Elias Netto (1992, 2000) ressalta a importância do apoio de Sebastião, “um udenista histórico”, para o lançamento da candidatura de Luciano Guidotti a prefeito, na eleição de 1955 e na qual este saiu vitorioso, derrotando Luiz Dias Gonzaga (v.) e marcando, assim, o fim do gonzaguismo na cidade. Uma rua Sebastião Rodrigues Pinto perpetua a sua memória, no Jardim Algodal, entre a avenida Franco de Souza, que ladeia o rio Piracicaba, e a rua Emílio Bertozzi.

**PINTO DE CASTRO, Francisco de Assis, padre.** Sacerdote e professor de latim e francês em meados do século dezenove. Foi aprovado em concurso público, ganhando a Cadeira Nacional ou Aula (escola) de Gramática Latina,

pleiteada pela Câmara Municipal ao governo da província desde 1844, com reiteração do pedido em 1846. Em atas dos trabalhos da Câmara de 15.7.1858, acha-se registrada a aposentadoria do padre Pinto de Castro como professor de Gramática Latina (e Francês) da cidade. Segundo Vitti (1966), o primeiro professor nomeado para a escola foi Ricardo Leão Sabino (v.), autor de um curioso pedido à Câmara, em 2.2.1853, de concessão de um terreno para construir um teatro (Guerrini, 1970). O professor João Baptista Morato do Canto foi seu sucessor, durante quatro anos, vindo a seguir o padre Pinto de Castro. Em 1856 este elaborou desenhos e descrições da casa em que residia e da matriz de Santo Antônio, registrados em ata da Câmara Municipal nesse ano. O padre e professor morou no fim da rua dos Pescadores (Prudente de Moraes) e princípio da rua da Praia (rua do Porto) (Elias Netto, 2000).

**PINTO E SILVA, Antônio da Costa.** N. Rio de Janeiro, RJ, 13.3.1826. F. Rio de Janeiro, 1.6.1887. C. em 1<sup>as</sup> núpcias c. Maria Nazareth de Souza Queiroz e em 2<sup>as</sup> núpcias a 3.10.1861 com a viúva de Costa Carvalho, marquês de Monte Alegre (v.), Maria Isabel de Souza Alvim (1825-21.9.1887). Costa Carvalho é tido como seu primo legítimo. Político, capitalista, fazendeiro, foi grande proprietário de terras em Piracicaba. Bacharelou-se em direito pelo curso jurídico da capital paulista em 1849. No ano seguinte o governo imperial encarregou-o de pesquisar documentos históricos nos arquivos de São Paulo, parte dos quais foi divulgada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ingressou no Partido Conservador e foi eleito deputado provincial no Rio de Janeiro (1852) e deputado geral por São Paulo nas legislaturas de 1857 a 1865, de 1869 a 1872, de 1876 e de 1881 a 1883. Luné e Fonseca (1873) mencionam Pinto e Silva como presidente da câmara municipal de Constituição e como advogado e fazendeiro local. Governou as províncias do Paraíba (1885), Rio Grande do Sul (1868), São Paulo

(1870-71) e Rio de Janeiro (1885). Tornou-se ministro do Império no gabinete Caxias a partir de 15.2.1877. Mais conhecido no passado de Piracicaba como conselheiro Costa Pinto, casou-se aos 65 anos de idade no Rio de Janeiro com a viúva e segunda esposa do marquês de Monte Alegre. Em virtude do seu segundo casamento, esta perdeu o direito de usar o título de marquesa de Monte Alegre. Herdeira, no entanto, do rico cabedal de Costa Carvalho, a herança dos Monte Alegre passou a ser compartilhada por Costa Pinto e Silva com a esposa. Quando governava São Paulo, convocou uma reunião de influentes fazendeiros e capitalistas, da qual resultou a organização da Associação Promotora da Colonização e Imigração (26.3.1871), entidade que teve como primeiro presidente Francisco Antônio de Souza Queiroz. Este era filho do brigadeiro Luiz Antônio e tio de Luiz de Queiroz (v.), a quem Piracicaba deve a ESALQ. Francisco Antônio e sua Associação tiveram papel saliente na introdução pioneira do trabalho livre na agricultura bandeirante. Elias Netto (2003) destaca a vinculação de Costa Pinto e Silva à chamada “dinastia açucareira” de São Paulo, “por laços de amizade e parentesco, e por interesses econômicos”. Além das glebas de Monte Alegre, teve extensa propriedade rural junto ao rio Corumbataí e foi dono de bela residência onde hoje se localiza o teatro São José, na rua São José, no centro de Piracicaba. Hospedou nessa casa o presidente da província paulista, quando aqui veio para inaugurar o serviço de abastecimento de água e um chafariz de mármore na atual praça José Bonifácio, doado à cidade por Júlio Conceição (v.) (irmão de João Batista da Rocha Conceição, v., que foi esposo de Maria de Nazareth da Rocha Conceição, filha de Costa Pinto). Laços familiares e interesses comuns fizeram com que os Costa Pinto e Silva, os Rocha Conceição e mais tarde os Silva Prado se unissem, juntando-se depois a estes os Pacheco e Chaves. Em 1874 Costa Pinto adquiriu uma chácara com 14 quarteirões, à margem do ribeirão Itapeva,

com portão de frente na rua Santo Antônio e vizinha à chácara de Manoel de Moraes Barros. A Usina Costa Pinto S.A., que atualmente faz parte da Cosan, a estação Costa Pinto da antiga ferrovia “União Sorocababy-tuana” (Sorocabana) e a avenida Conselheiro Costa Pinto na Paulista homenageiam essa notável figura de ministro do imperador D. Pedro II, conselheiro, governador de São Paulo, político atilado, homem empreendedor, homem de ação. Em Neme (1974) consta o nome de Teodora (ou Tereza) Leopoldina da Costa Pinto como uma das herdeiras em 1888 das terras de Salto Grande do Corumbataí. Foi esposa de Carlos Augusto Rodrigues Pinho. Tiveram seis filhas, suas herdeiras: Josefina, Margarida, Carolina, Almira, Maria das Dores e Celisa. Neme acrescenta que os dois quinhões de terras de Teodora Leopoldina da Costa Pinto acabaram divididos entre mais de cinquenta proprietários condôminos. Localizavam-se perto do ribeirão da Assistência (Ribeiro, 1899; Torres, 1975; Amaral, 1980; Bueno e Barata, 2002; Elias Netto, 2003). A estação férrea Costa Pinto, inaugurada em 1888, foi desativada em 1966.

**PIOVEZAN, Romeu** (Séc. 20). Proprietário da “Casa das Chaves”. Além da confecção de chaves, a casa mantinha oficina de consertos para bicicletas, armas de fogo, máquinas de costura etc., por volta dos anos 30-50.

**PITTA, João D.** (séc. 20). Proprietário da farmácia na rua Moraes Barros, nº 248, com capital registrado de 10:000\$000. É mencionado como sócio nº 46 no livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002).

**PITTA, João Leão.** N. Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, 11.4.1875. F. Piracicaba, 11.2.1957. C.c. Maria Joaquina dos Reis Pitta. Doze filhos, mais dois de criação: Maria Rosa, Maria Isabel, Maria Inês, João de Deus,

Doralice Haladia, Mathilde Adelaide, Urubatão, Benvinda Joaquina, Maria Emília, Zoraide, Maria Eugênicia, Messiota e as adotivas Isaura e Tica. Tinha 16 anos de idade quando veio ao Brasil a bordo de um navio, primeiramente como clandestino e depois como faxineiro e auxiliar de cozinha. Desembarcado no Rio de Janeiro, RJ, empregou-se numa padaria e foi tecelão. Deixou-o para residir e trabalhar em Piracicaba, onde foi um dos fundadores e primeiro presidente do Grupo Espírita Fora da Caridade não há Salvação, desde 26.3.1906, primeiro centro espírita criado na cidade e o segundo do Brasil. João Leão trabalhou durante vinte anos na loja de ferragens As Duas Âncoras, de Pedro de Camargo (Vínicius) (v.) e tornou-se seu sócio. Criou uma fábrica de bebidas, mas não foi bem sucedido. Como propagador do espiritismo no país, fez palestras em vários Estados – mais de quatro mil – e atuou na cidade como representante da editora espírita O Clarim. Uma peça teatral de sua autoria, “O operário”, foi representada na União Municipal de Piracicaba e escrita quando tinha idade avançada (E.C. Monteiro, s.d.; A.A.P. Rocha, 2005). Gravou um disco de 78 rpm com palestras e deixou várias monografias inéditas.

**PITTA, Urubatão.** N. Piracicaba, 18.11.1907. F. São Paulo, SP, 17.10.1988. C.c. Nair Azzi Pitta, professora, f. de Alfredo Azzi e Amália Lucadello Azzi. Ff.: Áurea Amélia, Renan, João Alfredo, Cairbar. Filho de João Leão Pitta (v.), foi aluno do curso primário do Grupo Escolar Moraes Barros e só tardiamente, aos 21 anos de idade, retornou aos estudos, no Colégio Santo Antônio, em Limeira, SP, ao mesmo tempo em que trabalhava como secretário do colégio. Concluiu o curso de contabilidade em 1934. Tentou, sem êxito, estudar medicina no Rio de Janeiro. De volta à terra natal, estudou na Escola Normal Oficial, futura Sud Mennucci. Formou-se como professor em 1937, estudando como normalista ao mesmo tempo em que

dava aulas gratuitas para soldados na cadeia local e na Sociedade Beneficente Treze de Maio. Trabalhou como professor no magistério oficial do Estado durante 33 anos. Lecionou em escolas de várias cidades do interior, antes de retornar a Piracicaba em 1957, como diretor do Grupo Escolar Honorato Faustino, onde se aposentou em 1969. Colaborou na fundação da Associação Espírita Urubatão em 1935 e atuou como seu secretário, junto ao primeiro presidente da entidade, José Coelho Prates. Organizou uma escola na associação e foi um dos que mais se empenharam na construção da sua sede própria, à rua Fernando Febeliano da Costa, nº 1828. Faleceu na capital paulista em 1988, no Hospital do Servidor Público. “Foi sempre humilde e alegre..., querido por todos” (J. Sebastianes, *O Diário*, 18.12.1991). Há em Piracicaba uma rua com denominação em sua homenagem: a rua Urubatão Pitta, no bairro Santa Rosa, perto da avenida Manoel Lopes Alarcon (A. A. P. Rosa, 2005).

**PIZA, Flávio Moraes de Toledo.** N. Mineiros do Tietê, SP, 1907. F. Piracicaba, 3.5.2000. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Anna Japur de Toledo Piza e em 2<sup>as</sup> núpcias c. Trenidad Gimenez Moral de Toledo Piza. F: Eurico. Administrador, jornalista. Filho de Epaminondas de Toledo Piza e Maria do Carmo Moraes Piza, veio para Piracicaba quando tinha 11-12 anos de idade. Estudou no Colégio Piracicabano e ingressou na ESALQ, mas um problema de visão o impediu de ir adiante nos estudos. Esta dificuldade, no entanto, não lhe tolheu os passos como auto-didata. Lecionou língua portuguesa, aprofundou-se no estudo da literatura. Residiu em Lins, Pompéia, Batatais e Marília, tendo sido um dos fundadores da emissora de rádio de Marília. Funcionário público da Secretaria da Justiça do Estado, administrou a fazenda do Serviço Social de Menores (depois Febem), em Batatais, desde a construção desta unidade. Retornou a Piracicaba, terra natal de sua primeira esposa,

em 1956. Sua sólida cultura e seu denodo redundaram na sua nomeação para secretário municipal de saúde, educação e serviço social de Piracicaba e para diretor da Casa de Artes Plásticas Miguel Dutra, onde criou o Salão de Arte Contemporânea. Recebeu diversos diplomas e honrarias, entre os quais as medalhas do mérito Prudente de Moraes, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Bicentenário de Piracicaba; e Sívio Romero, da Prefeitura do Distrito Federal. Colaborador assíduo da imprensa piracicabana, estreou no *Jornal de Piracicaba* em 22.3.1923, escrevendo sobre o esgoto na Vila Rezende e o Clube de Regatas. Dezenas de anos depois, sob o pseudônimo de Roberto Matheus, iniciou a publicação de crônicas intituladas “Plumas ao vento”, no mesmo jornal, mantendo-as até pouco antes de sua morte. Organizador do Serviço Social Municipal, diretor da Pinacoteca Municipal, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, de que foi um dos fundadores (1967), participou da criação da Rádio Educadora de Piracicaba, manteve uma apreciada página dominical de cultura no *Jornal de Piracicaba* e durante algum tempo escreveu anonimamente os artigos de fundo do jornal, encarregando-se ainda de uma coluna sobre livros recém-publicados: “Livros de hoje e de todos os tempos”. “Ele amou a vida. Fez tudo para ser feliz. Contrariedades não lhe faltaram. Enfrentou-as como são capazes os fortes... Viveu com retidão. Sempre se ocupou de maneira útil. Nasceu para isso. Aceitou. Cumpriu tudo. Enquanto viveu, serviu... Esse bravo e competente cidadão valorizou a vida de muitos”. (J. R. Mattos, *Jornal de Piracicaba*, 5.5.2000)

**PIZA, Luiz Vicente Colognesi.** N. 1927. F. Piracicaba, 19.2.2007. C.c Alice Dorta Colognesi Piza. Ff.: Heloisa Helena, Antônio Airton. Professor. Formado pela Escola Normal Sud Mennucci, era filho de Antônio Piza de Oliveira

e Philomena Colognesi. Além da sua atividade docente, pôs sua operosidade e dedicação a serviço de várias entidades e iniciativas na sociedade e na vida econômica piracicabanas do século 20.

**PIZA, Marcos Salvador de Toledo.** N. Piracicaba, 1928. F. Piracicaba, 2.6.2006. C.c. Maria Concheta Cosentino de Toledo Piza. Ff.: José Márcio, Martha. Filho de Salvador de Toledo Piza Júnior (v.), formou-se pela Faculdade de Direito de Niterói, RJ, e exerceu a advocacia na cidade natal com escritório à rua Quinze de Novembro, nº 849. Além das lidas jurídicas, projetou-se na imprensa piracicabana com artigos, poesias, crônicas e estudos muito apreciados, divulgados principalmente pelo *Jornal de Piracicaba*. É mencionado na *Bibliográfica Brasileira de Direito*, publicada pelo Senado Federal, e em *Poetas piracicabanos*, de Carlos Moraes Júnior (1994).

**PIZA, Milton de Souza** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo e professor universitário. Formou-se pela ESALQ em 1915. Figura em Reis (1921) como professor de laticínios, correspondente à última parte do programa da 5ª Cadeira, Zootecnia, com aulas dadas na Leiteria da então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, com ênfase em exercícios práticos diversos. Após ter atuado como Mestre de Leiteria na escola, Souza Piza tornou-se mais tarde professor catedrático da Faculdade de Medicina Veterinária de São Paulo (A. P. Trivelin e W. R. Jardim, em Lordello & outros, 1975).

**PIZA JÚNIOR, Salvador Mota de Toledo.** N. Capivari, SP, 28.12.1898. F. Piracicaba, 22.1.1988. C.c. Helena Mendes de Toledo Piza. F.: Marcos Salvador (v.). Engenheiro agrônomo, cientista, professor, escritor. Filho de Salvador de Toledo Piza e Letícia da Mota Piza. Formou-se professor pela Escola Normal de Piracicaba (Sud Mennucci) em 1917, então

Escola Normal Primária. Courseou a seguir a Escola Agrícola Luiz de Queiroz, onde se diplomou em 1921. Nomeado para o cargo de ajudante de laboratório da 5ª Cadeira, Zootecnia, iniciou uma brilhante carreira de professor e pesquisador na futura ESALQ. Foi professor auxiliar (1925) e catedrático interino (1931). Em virtude do novo regulamento da escola, aprovado em 1931, a 5ª Cadeira ganhou a denominação de Zoologia, anatomia e fisiologia comparada dos animais domésticos. No mesmo ano Piza Júnior tornou-se, por concurso, o seu primeiro catedrático, cargo em que permaneceu até a aposentadoria compulsória, quando completou 70 anos de idade. Em 1970 a ESALQ homenageou-o, outorgando-lhe o título de Professor Emérito. Um prêmio de viagem possibilitou-lhe aperfeiçoamento na Alemanha. Em Berlim comunicou sua descoberta científica de uma barata silvestre, destruidora de vegetais, a “*Leucofea Surinamensis*”, projetando-o nos quadros da zoologia mundial. Fez igualmente cursos de aperfeiçoamento na África Inglesa e nas Índias Neerlandesas. A Academia de Agronomia de Berlim concedeu-lhe o título de doutor “*honoris causa*” (1929) e a Academia Brasileira de Letras deu-lhe o prêmio Carlos de Laet de literatura pelo seu livro *Aspectos íntimos do Japão*. A ESALQ editou em 1968, com ilustrações de Álvaro Pinto Segal, o livro *Discursos*, coletânea de alguns dos muitos discursos proferidos por Piza Júnior em diferentes ocasiões. Pesquisador e escritor infatigável, publicou em revistas e jornais do país e do exterior mais de dezessete centenas de artigos, pertenceu a diversas sociedades científicas e culturais renomadas, publicou numerosos livros e estudos sobre temas de sua especialidade. Foi participante ativo de inúmeros congressos e reuniões científicas no Brasil e em outros países. Residiu à rua Dom Pedro II, nº 970. Sua faina contínua de professor e pesquisador emérito não o impediu de escrever poesias, tendo frequentemente como tema a Piracicaba que tanto amava. No âmbito científico propriamente dito, descobriu

e estudou 456 espécies novas de insetos e aracnídeos da fauna sulamericana. As coleções do *Jornal de Piracicaba* e do *Diário de Piracicaba* (posteriormente *O Diário*) agasalham trabalhos de sua lavra que refletem seu profundo e variegado conhecimento e seu talento como divulgador de ciência e cultura. Foi um dos sócios fundadores do Rotary Club Piracicaba em 1941 e freqüentador assíduo e produtivo das suas reuniões, ao longo de toda vida. Ganhou o cobiçado título de “Paul Harris Fellow” do Rotary Club International e inúmeros outros títulos e venerated, entre os quais o de cidadão piracicabano, a medalha Prudente de Moraes do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e a medalha Luiz de Queiroz da ESALQ. Foi um dos fundadores, juntamente com seus colegas Carlos Teixeira Mendes e Philippe Westin Cabral de Vasconcellos (vv.), da *Revista da Agricultura* (1926), na qual, um mês antes do seu falecimento, viu impresso um estudo de sua autoria: “Reencontro com Metadiaea” (dezembro de 1987). “Todos nós que com ele trabalhávamos, aprendemos a amá-lo e a respeitá-lo profundamente, como homem íntegro, voltado à Ciência e, sobretudo, pelo seu imenso amor à querida Casa à qual serviu até ser colhido pela morte... Uma vida de estudos, pesquisas e sobretudo de amor imenso à Ciência, ao Ensino, à Pátria” (L.G.E. Lordello, 1988). “Ultrapassou os limites do naturalista ou do cientista podendo, entre outros, ser colocado na categoria de sábio... Além de suas contribuições para a sistemática de insetos e outros animais, Piza esclareceu detalhes da citologia do escorpião *Tytius behienses* que figuram em livros de referência... Introduziu no Brasil a mosquinha que foi buscar em Uganda para o controle biológico da broca do café. Sabedor de várias línguas, vivas e mortas, Piza tinha um bom senso invejável que transparecia nas suas conversas e palestras... Quando Piza se aposentou... eu era diretor da ESALQ. Mandei gravar numa placa de ouro: “A Mestre Piza, sua Escola Agrícola de ontem, de hoje e de

amanhã” (E. Malavolta, em Elias Netto, 2003). (Melo, 1954; Coutinho, 1961; Lordello, *Jornal de Piracicaba*, 1.9.1988).

**PIZELLI, Nicola.** N. séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Maria Regina Goi Pizelli. Ff.: Antônio (f. 14.9.2004), Armando. Comerciante. Figura popular na Piracicaba de meados do século 20, ligado a Paschoal D’Abronzo (v.) e filhos por laços de parentesco e profissionais. Era irmão de Rosa Pizelli D’Abronzo, esposa de Paschoal, sendo Nicola, portanto cunhado deste. Dono de um avantajado veículo de tração animal, o “carroção do Nicola”, barulhento e folclórico, era por ele conduzido para a distribuição e venda das bebidas fabricadas pelos D’Abronzo: refrigerantes, xaropes, licores, vinagres, aguardente (a caninha Tatuzinho foi durante muitos anos marca de propriedade de Paschoal, seu filho Humberto e Jorge Vargas, seu genro). Além da sua atividade profissional, Nicola destacou-se como hábil sanfoneiro, que se apresentava nas festas familiares e comunitárias realizadas na Vila Rezende, juntamente com outros músicos amadores. Devotava-se também a um “hobby” cultivado com carinho, para a alegria das crianças da vila: a confecção de miniaturas de veículos, utensílios, parques de diversão etc.

**PIZZINATTO, Amélio.** Um armazém à rua Moraes Barros, nº 241, na primeira metade do século vinte, era de sua propriedade. Registrou-o no comércio local sob nº 1426, com capital de 15:000\$000, conforme lançamento no livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002).

**POLACOW, Adolpho (Haim Palatnic)** (Séc. 20). C.c. Sarah Polacow. Ff.: Bertha, Eva, Isabel, Israel, Izidoro, Jacob e Mírlia (n. 1922 e f. São Paulo, SP, 11.6.2007). Comerciante, filho de Luiz (Leib) e Anna Polacow e irmão de José Polacow (v.). Adolpho e José, segundo anúncio do *Jornal*

de *Piracicaba* de 7.7.1915, foram proprietários da Casa Ingleza, à rua do Comércio n° 72, “baixos do sobrado” (rua Governador Pedro de Toledo). Ofereciam “vendas em prestações semanais, mensais ou à vista, de mobílias, colchões, colchas, quadros, relógios, espelhos etc., capas de lã para senhoras, capas de borracha para homens, sobretudoos de casemira, roupas brancas e casemiras estrangeiras e nacionais”. Posteriormente, Adolpho foi proprietário da Casa Liberdade, loja da primeira metade do século vinte, no local depois ocupado pelo banco Safra, na praça José Bonifácio. O filho Izidoro, jornalista de “O Diário” e funcionário de alto nível do Branco do Brasil, figura de destaque nos meios cultural, social e econômico da cidade, foi c.c. Mary Rocha Polacow, n. 1920 e f. em Piracicaba a 27.5.2006. Tiveram cinco filhos: Sônia Maria, Lúcia Helena, Rubens, Renato e Ivone. Izidoro foi um dos fundadores do Lions Clube de Piracicaba em 1955 e seu primeiro presidente, presidiu o Clube Coronel Barbosa, foi diretor superintendente da Usina Açucareira De Cillo em Santa Bárbara d’Oeste nos anos 70 e fundador e primeiro presidente do Clube dos Bancários, que originou o Sindicato dos Bancários de Piracicaba. Jacob, formado em agronomia pela ESALQ em 1932, n. na Romênia em 25.6.1913 e desapareceu quando pilotava avião em 1968, tendo ganho renome na arte fotográfica como membro do Cine Foto Clube Bandeirante com sede na capital paulista. Foi c.c. Menha Polacow, f. Ione. Outro Polacow, Marcos, formou-se pela ESALQ em 1946.

**POLACOW, José** (Séc. 20). Membro de uma das famílias judaicas tradicionais de Piracicaba, dedicou-se ao comércio de “modas, confecções para senhoras e cavalheiros”, na loja que fundou, a Casa Polacow, à rua Governador Pedro de Toledo, n° 1130. A filha, Anita Polacow, contraiu matrimônio com o radialista e comerciante Rubens de Oliveira Bisson (f. 23.6.1996, v.) e ambos passaram a administrar a Casa Polacow,

permanecendo em atividade até por volta de 1992.

**POMPE** (Séc. 19). Fotógrafo. Em notícia da *Gazeta de Piracicaba* de 21.12.1894 (cit. por Alleoni, 2003), lê-se que na última década do século 19 funcionava à rua Prudente de Moraes, “no sobrado”, a Fotografia Pompe, presumivelmente assim denominada em virtude do sobrenome do proprietário. Além das fotos, vendia vários produtos, tendo recebido “um grande sortimento de objetos próprios para presentes de natal, ano bom e reis”. E acrescentava: “especialidade em brinquedos para crianças”.

**POMPERMAYER, Giacommo e Pompeo** (Séc. 19-20). Ambos fazem parte da lista de estrangeiros moradores de Piracicaba que, no início do século vinte, recusaram a sua naturalização. A lista, datada de 17.6.1904, acha-se reproduzida em Alleoni (2003), tendo sido arquivada na Câmara Municipal. O *Almanak* de Camargo para 1900 menciona um “Jacob Pumpmeyer” no rol dos lavradores ativos em Piracicaba em fins do século 19. Há uma rua Pompeu Pompermayer no bairro Piracicamirim, entre as avenidas Rio das Pedras e Pompéia. A família Pompermayer expandiu-se consideravelmente, totalizando cerca de meia centena o número das pessoas com esse sobrenome, residentes em Piracicaba, na primeira década do século vinte e um.

**PORTANTE, Ernesto** (Séc. 20). C.c. Aparecida Morales Portante. Veio da capital paulista, onde é possível que tenha nascido, e passou a residir e a trabalhar em Piracicaba, onde a esposa tinha laços familiares. Teve um ateliê no Lar dos Velinhos, onde permaneceu por dois anos, e a seguir passou a fazer esculturas em sala à rua Prudente de Moraes, cedida pelo despachante Paulo Toledo. Sua carreira foi marcada nos primeiros tempos pela convivência

com Victor Brecheret. Portante colaborou com Brecheret e outros três escultores na execução do majestoso Monumento das Bandeiras, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Segundo Nelson Massini (cit. por F. A. F. Mello, 1999), “a influência de Brecheret foi muito marcante para o escultor Ernesto e suas obras guardam traços da... escola européia de Mestrovic, que Brecheret incorporou durante sua estada em Roma em 1912 e transmitiu aos seus discípulos. No entanto, é com Rodin e Bourdelle que as esculturas de Ernesto Portante mais se relacionam... A maior parte de suas obras possui um caráter estritamente nacionalista, com motivos indígenas, animais ou musas relacionadas com a natureza”. O *Lar dos Velhinhos* reuniu suas principais obras, mas há muitas outras, disseminadas por todo o país. Em seus derradeiros anos de vida, teve uma perna amputada. Entre os prêmios que recebeu, destacam-se a medalha de bronze (1978), o 1º prêmio (1979) e o 1º prêmio (1981) do Salão de Belas Artes de Piracicaba. “Deixou um rastro de muito amor entre todos com quem conviveu... Conseguiu deixar seu amor esculpido em barro, cimento, gesso e mármore, para toda a eternidade” (Massini, op. cit.). Uma rua tem seu nome, na vila Prudente.

**PORTELLA, Cícero.** Séc. 20. F. Piracicaba, 1988. Atuou durante muitos anos como oficial maior do 2º Tabelionato e Anexos (Camargo e Navarro, 1958).

**PORTO, Leonídio Augusto de Souza.** N. séc. 19, Sergipe. F. 5.5.1899, Piracicaba. Jornalista e professor. Redator da *Gazeta de Piracicaba*, nos anos noventa do século 19. Em virtude do seu falecimento, o jornal passou a ser dirigido por João Sampaio (v.). Paralelamente à atividade na imprensa, ministrava aulas particulares.

**POSSOLO, Adolpho.** N. Rio de Janeiro, RJ, 18.6.1869. F. séc. 20. C.c. Augusta da Silva Cruz Possolo. Um anúncio publicado em 1893

refere-se a Possolo como médico-operador, com consultório à rua do Rosário, “em frente ao nº 8”. No ano seguinte, passou a clinicar em consultório à rua Treze de Maio. Durante a provedoria de Antônio Teixeira Mendes (1891-98), segundo um relatório de 1894 da Mesa Administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, transcrito por Moratori (2004), Possolo foi contemplado com o diploma de irmão benemérito, “porque é o médico da Santa Casa nas poucas falhas do dr. Torquato (da Silva Leitão), sendo porém o operador efetivo”. Seu nome é mencionado nessa condição, em relatórios da Irmandade da Santa Casa datados de 1919 e do início dos anos 30. Fez parte da irmandade até 1936, mas segundo Cambiaghi (1984), Possolo mudou-se para o Rio de Janeiro em julho de 1898, retornando à cidade “para se convalescer” em agosto de 1903, quando seus clientes e amigos o receberam festivamente.

**POUSA, Família** (Séc. 20). Família numerosa, os Pousa, Pousa Godinho e (ou) Pousa de Toledo se destacaram na Piracicaba do século vinte pelo seu tino comercial e administrativo, sua sociabilidade e operosidade. Percin (1989) registra o nome de João Bento Pousa como um dos signatários de uma petição a 1.9.1903, na qual os marchantes e donos de casas de carne – João Bento era um destes últimos – se queixavam dos prejuízos que vinham sofrendo, no comércio local de carnes verdes. De acordo com Camargo (1900), o açougue de Bento Pousa situava-se à rua Alferes José Caetano. Posteriormente, a família Pousa passou a identificar-se com a venda de rádios, discos e instrumentos musicais, na casa comercial *A Musical*, de que foram proprietários, à rua Moraes Barros, nº 125. À frente dos negócios, desde meados do século, estiveram Walton Pousa e seus irmãos. Em 1936, no almanaque organizado por Mário Neme, *A Musical* foi anunciada como “casa especialista no ramo” e “única distribuidora” de rádios Philco, “o rádio que mais se vende em todo mundo”.



**POUSA, Francisco** (Séc. 20). F. Piracicaba, 18.9.1961. Professor, esportista. Foi um dos vários membros da família Pousa (v.) que, na primeira metade do século vinte, gozaram de geral estima em Piracicaba e deram contribuições de inegável valia para a vida social, econômica e cultural da cidade. Irmão de Belmácio Pousa Godinho e José Pousa de Toledo (vv.), o popular Chico Pousa figura com estes entre os fundadores do Esporte Clube XV de Novembro, de que foi um dos grandes jogadores, nos tempos do amadorismo. Era médico direito. Formou com Carmo e Nardini um dos maiores trios-médios de toda a história do clube. Em 1918-19, juntamente com Pereira, Belmácio, os irmãos Iatauro e outros, atuou como jogador da Associação Atlética das Palmeiras, de São Paulo (Rocha Netto, *Jornal de Piracicaba*, 7.8.1983).

**PRADO, Elias de Almeida**. N. Sorocaba, SP, 1799. F. Piracicaba, 1.1.855. C.c. Maria Rita Bueno de Carvalho. Fazendeiro, político. Personalidade de relevo na sociedade piracicabana do século 19 e tronco de família numerosa, destacou-se na política local: foi vereador nas legislaturas de 1833-36, 1841-44 e 1845-48 e presidiu a Câmara Municipal. Seu nome foi dado a uma avenida, no bairro de Garças, junto à avenida Taubaté.

**PRADO, João de Almeida, capitão**. N. Itu, 16.2.1824. F. Piracicaba, 31.10.1912. C.c. Carolina Ferraz do Amaral Prado, n. Porto Feliz, SP, 10.7.1831 e f. Piracicaba, 10.6.1913. Os Almeida Prado fazem parte dos antigos e renomados troncos familiares piracicabano e de Itu, SP. João de Almeida Prado teve como antepassados remotos o abastado fazendeiro Miguel de Almeida de Miranda (f. São Paulo, 1659) e sua mulher Maria do Prado, que no século 17 originaram a união dos sobrenomes Almeida e Prado e foram avós do bandeirante Miguel de Almeida Prado (n. 1658). Maria do Prado, por sua vez, era filha do patriarca da família dos Prado, João do Prado. Fazendeiro

e genealogista conceituado, João de Almeida Prado colaborou com Silva Leme, na *Genealogia paulistana* (1903-5). Seu túmulo no Cemitério da Saudade mostra-o sentado sobre uma pedra, com um livro caído no chão. Foi cunhado do major Fernando Ferraz de Arruda (v.). Em 1908, Almeida Prado separou a parte que lhe cabia na fazenda Milhã, fundada por Antônio Ferraz de Arruda, pai do major Arruda, retirando mais de 300 alqueires da fazenda, na área correspondente aos cafezais. (Bueno e Barata, 2002; Moratori, 2004). Um Almeida Prado assinou em 1831 um documento “em defesa da Majestade Imperial”, quando D. Pedro I abdicou em favor de seu filho: Elias de Almeida Prado foi um dos signatários do documento. No bairro Graças há uma avenida Elias de Almeida Prado.

**PRADO, Luiz de Almeida**. N. 1921. F. Bocaina, SP, 1997. C.c. Lúcia Barros de Almeida Prado. F.: Tereza Maria. Engenheiro agrônomo e advogado. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1943. Filho de João Ferraz de Almeida Prado e Almerinda do Canto de Almeida Prado, era irmão de João Lincoln de Almeida Prado e Lygia Almeida Prado Camarero. Foi sepultado em Jaú, SP.

**PRATES, Manoel** (Séc. 19-20). Co-proprietário do *Jornal de Piracicaba*, juntamente com Pedro Krähenbühl (v.) e João Franco de Oliveira (v.), que o adquiriram em 1912 de Álvaro de Carvalho (v.). Em alguns registros consta igualmente o nome de Fernando Lopes Rodrigues (v.) como um dos novos donos do jornal. O preço de venda, segundo registro feito nessa ocasião no 1º Tabelionato, foi de vinte contos de réis. Manoel Prates era responsável pela tipografia do periódico e permaneceu como co-proprietário deste de fevereiro de 1912 a novembro de 1918 (Pfromm Netto e Martins, 2003). Vários outros membros da família Prates se destacaram no passado piracicabano, entre os quais Olavo Prates, n. 30.10.1904, e o professor

e artista plástico Octávio Prates Ferreira (v).

**PRESTES, José Romão Leite.** N. São Paulo, séc. 19. F. Piracicaba, 25.9.1875. Veio a Piracicaba a 20.7.1847 como mestre-régio nomeado para o ensino elementar, quando esta era Vila Nova da Constituição (1822-1856). Sua atuação como mestre-escola foi marcante, ao longo de 22 anos, tendo como discípulos muitos daqueles que posteriormente se destacaram, na cidade e no país. Jubilado em 1867, pouco depois da sua aposentadoria, abriu uma escola particular. Além disso, pianista que era, dava lições de piano em casas de família, sendo assim, um dos pioneiros da educação musical em Piracicaba. Residiu à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), na esquina da rua Piracicaba (Voluntários de Piracicaba). Um registro a seu respeito, no *Almanak* de Camargo (1900), informa que “ao seu enterro concorreu enorme acompanhamento de piracicabanos, que assim deram ao benemérito professor uma demonstração póstuma de reconhecimento”. Transcreve, em seguida, trecho de um artigo da *Gazeta de Piracicaba* de 29.9.1895: “Lá no cemitério municipal se encontra modesta, porém significativa pedra tumular, feliz lembrança dos seus discípulos que assim se dignificaram, prestando um tributo de gratidão e respeito à memória veneranda do seu Mestre”. Segundo a mesma fonte, o responsável pela iniciativa póstuma foi o cidadão Lourenço Leite de Cerqueira. Na legislatura de 1865-68 José Romão foi vereador da Câmara Municipal. Atuaram igualmente como professores em Piracicaba por volta de 1850-55 Ermelinda Rosa de Toledo, também como mestra de primeiras letras, e Joaquim d’Amaral Gurgel como professor particular, de acordo com o *Almanak* da Província de São Paulo para 1858. No *Almanak* de Luné e Fonseca para 1873, lê-se que José Romão recebia a remuneração anual de 500\$000 como professor de primeiras letras da cidade de Constituição e era igualmente professor de música e piano. Em 1873 exerciam

o magistério como professores particulares de instrução pública Ana Joaquina de Aguiar (v.), Joaquim Augusto do Amaral (v.), José de Almeida Leite e Francisco José Miguel Wey. Este último também era professor de alemão. Situa-se na avenida Manoel Conceição, nº 381, uma escola que homenageia o dedicado e competente pioneiro do ensino fundamental e da educação musical em Piracicaba: a Escola Estadual José Romão.

**PREVITALLI, Francesco e outros** (Séc. 19-20). Vários Previtalli emigraram da Itália, fixando-se em Piracicaba, na zona rural e na cidade nos anos de transição do século 19 para o século 20. Os livros de Caixa e Protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro correspondentes a essa época mencionam cinco: Francesco, Giúlio, Luigi, Pietro e Vittorio Previtalli, como sócios da entidade, entre 1903 e 1907. Deixaram numerosos descendentes, parte dos quais integra a atual população piracicabana.

**PRIETO, Família** (Séc. 19-20). Os Garcia Prieto, pais e seis filhos, vieram de Cuias, na província espanhola de Grana, para Piracicaba. Segundo informações publicadas no *Jornal de Piracicaba* (2004), por um dos filhos, Pedro Garcia Pietro, n. 1917, moraram inicialmente em um sítio, no bairro Serrote. Dedicavam-se ao cultivo de arroz, feijão e legumes, que transportavam em carroça para vendê-los na cidade. Posteriormente, os Prieto instalaram uma banca por volta de 1920 no Mercado Municipal, misto de quitanda e mercearia. Um boxe que, em anos mais recentes, passou a ser administrado por um dos filhos de Pedro.

**PROENÇA, Antônio Firmino.** N. Sorocaba, 26.6.1880. F. 4.4.1946. Professor. Formou-se em São Paulo pela Escola Normal da Praça da República em 1904 e desde a mocidade dedicou-se ao magistério. Lecionou matemática

na antiga Escola Complementar, que originou a Escola Normal Sud Mennucci. Transferiu-se mais tarde para São Carlos, onde lecionou metodologia e prática de ensino por mais de uma década. Em 1929 passou a desempenhar na capital paulista o cargo de inspetor geral de instrução. Após dedicar 35 anos de sua vida ao magistério, aposentou-se, mas não deixou o ensino: atuou no Ginásio Caetano de Campos, por ele fundado em São Paulo e de que foi professor e diretor. Foi também diretor da Escola Normal de Piraçununga e do Ginásio Estadual de Campinas. Colaborador constante de jornais e revistas pedagógicas, fez livros didáticos adotados nas escolas de todo o país, que tiveram dezenas de edições. Os de maior êxito foram a *Cartilha Proença*, com 53 edições até 1939; o *Primeiro livro de leitura* (46 edições até 1946); o *Segundo livro de leitura*, que teve 32 edições até 1946; e *Leitura de principiante*, que tinha alcançado nada menos que 65 edições, ano após ano, até 1946. Publicou outras obras, entre as quais *Como se ensina geografia* (1930), *Palestras pedagógicas* (1938) e *Escreva certo!* (1939). Segundo Antônio D'Ávila, Proença foi “um dos mais notáveis educadores paulistas” (Mello, 1954; *Poliantéia do 1º Centenário do Ensino Normal de São Paulo*, 1946; *Jornal de Piracicaba*, 20.4.1947).

**PRÓSPERO, Atilio Orestes** (Séc. 20). F. 12.12.2006. Professor universitário, pesquisador, artista plástico. Doutorou-se pela ESALQ em 1972 e pertenceu ao seu quadro docente desde 1963, como assistente (Lordello e outros, 1975). Foi discípulo de Frei Paulo de Sorocaba (v.) em artes plásticas, segundo Cosentino (*Jornal de Piracicaba*, 24.11.1985).

**PRÓSPERO, Vincenzo di** (Séc. 19-20). Alleoni (2003) inclui Vincenzo di Próspero entre os italianos que se fixaram em Piracicaba nos anos de transição entre os séculos 19 e 20, tendo participado em 1898, na casa de Gustavo Müller, da primeira assembléia geral do “Círculo Italiano Meridionale XX Settembre in Piracicaba”, sob

a liderança de Leopoldo Lagreca. Seu nome consta igualmente nas atas do ano de 1898. O “Círculo XX Settembre” fundiu-se em 1905 com a “Sociedade Italiana di Mutuo Soccorso”, criada em 13.11.1887, com Carlo Zanotta (v.) como presidente (Capri, 1914). Percin (1989) inclui Próspero em relação de dez marchantes estabelecidos com açougues em Piracicaba em 1903, autores de uma representação ao Intendente Municipal, existente no arquivo da Câmara Municipal. Queixavam-se do prejuízo que vinham sofrendo, em virtude dos preços fixados para a venda de carne verde na cidade. Deve ter sido seu descendente José Próspero, c.c. Carmen Gonzáles Ruiz. Foi sua filha Maria Próspero Bellin, n. 1924 e f. 1.7.2007, c.c. João Bellin. Os Bellin tiveram treze filhos.

**PROVENZANO, Salvador** (Séc. 19-20). C.c. Diva Neves Provenzano, n. 1920 e f. Piracicaba, 27.6.2007. Ff.: Umberto, Maria Cecília, Maria Izabel, Maria Angélica, Irani Diva, Sônia Maria, Antônio Fernando, Maria Cristina, Maria Clara, Salvador José. Comerciante. Era de sua propriedade a Fábrica de Chapéus de Sol a rua Prudente de Moraes, nº 38, conforme consta em Camargo (1900) e em Alleoni (2003). Participou da criação da sociedade “Círculo Italiano Meridionale XX Settembre in Piracicaba”, fazendo parte do seu Conselho Diretor. A entidade fundiu-se depois com a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, de modo que ambas passaram a constituir uma única sociedade. A Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba registra seu nome como associado em 1898. Ligados igualmente ao ramo de relojoaria e ourivesaria na Piracicaba do século vinte, destacaram-se nesse sentido Umberto Provenzano, casado com Maria Duarte Provenzano, e seu filho Amadeu Provenzano, casado com Maria Isabel Galesi Provenzano. Amadeu, n. 1923 e f. a 26.10.2004, era pai de Amadeu Filho, Ana Maria, Carlos, Lídia, Maria da Graça, Nelson, Ruy e Vilma Maria Provenzano. Outro membro da família

Provenzano, José Provenzano, faleceu em Piracicaba em 16.11.1968. Há uma rua Umberto Provenzano no Jardim Parque Jupia.

**PUCCI & GHIARA** (Séc. 19-20). Hoteleiros italianos. Proprietários do “Hotel della Giardineira”, à rua da Glória, nº 22 (Benjamin Constant), na esquina da rua XV de Novembro, perto da Estação da Sorocabana. No Almanaque de Capri (1914), anunciavam que o hotel tinha “excelentes cômodos e quartos para solteiros ou casados” e destacavam sua “especialidade em vinhos e bebidas finas, cozinha italiana e brasileira”. Alleoni (2003), com base nas relações de sócios da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba (livro de protocolo de 1905 e 1907 e livro caixa de 1907), cita os nomes de dois Pucci, Paolo e Ricardo, e de Archile Ghiara.

**PUGLIESI, José, comendador** (Séc. 19-20). Fez sociedade com Pedro Morganti (v.) e ambos fundaram a Companhia União de Refinadores, adquirindo o Engenho Central de Monte Alegre.

**PUPIN, João**. N. 1917. F. 22.2.1998. C.c. Hermínia Tegon Pupin. Ff.: Pedro Neto, Luzia, Aramis Valentim Luiz. Comerciante, agricultor. Era filho de Pedro Pupin. Os Pupin fixaram-se no bairro Boa Vista, no sítio São João, tendo numerosos descendentes, que fazem parte da população piracicabana no século 21.

**PUTKAMER, Hermann** (Séc. 19). Engenheiro. Atuou em Piracicaba como engenheiro de municipalidade (Krähenbühl, 1955). Foi um dos participantes da concorrência pública realizada em 1885 para o abastecimento de água na cidade, de que saiu vitorioso João Frick (v.). Posteriormente, Putkamer atuou como um dos colaboradores de Mayrink na E. F. Sorocabana.

**PUTTEMANS, Arsène** (Séc. 19-20). Fitopatologista, arquiteto e paisagista. É

mencionado por Reis (1921) como responsável pelo parque da ESALQ, “construído em estilo inglês, compreendendo cinco gramados dos quais dois salientam-se por sua grande extensão. Ao longo das aléias estão esteticamente dispostos vários maciços, constituídos com espécimes das floras indígena e exótica. Em cada maciço predomina uma variedade, sendo avultado o número de famílias e espécies representadas no parque. Coleções de arbustos com folhagens multicores completam as plantações”. De acordo com a fonte citada, Arsène Puttemans fez um delineamento rigoroso dos planos, “dentro dos preceitos da arte e da utilidade ao curso da Escola. Não pôde, infelizmente, ultimar a sua obra, retirando-se antes de a haver completado”. Atuou na ESALQ como professor auxiliar, de 1905 a 1913. Um registro dos docentes da Escola, desde as suas origens até 1975 (Lordello e outros, 1975), inclui outro integrante de seu quadro de docentes com o mesmo sobrenome: Hubert Puttemans, ativo no período de 1910 a 1911.

**PUZZI, Francisco** (Séc. 20). Proprietário de relojoaria que tinha seu nome, na primeira metade do século. De acordo com o livro de registro de associados do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, registrou-se neste a 17.7.1934, sob o nº 496, com capital declarado de 10:000\$000. A relojoaria Puzzi localizava-se à rua Governador Pedro de Toledo nº 122, por volta dos anos 30 (Guidotti, 2002).



**QUARENTA COLIGADOS** (Séc. 19). Grupo de moradores de Constituição formado como um partido, segundo Guerrini (1970), em franca “oposição à câmara, ou à política dos mandatários da Vila... Todos eles com interesse nas terras do patrimônio municipal, em virtude dos cortes sofridos com a demarcação do rossio”. O ponto de partida da contenda, de acordo com Neme (1936), foi a concessão a Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho (v.), em 1796, “de uma sesmaria que confinava com as terras doadas por Corrêa Barbosa e então, percebendo que estas terras teriam futuramente muito maior valor que a sesmaria obtida, procurou entrar em combinação com os herdeiros de Felipe Cardoso, os quais lhe outorgaram nova escritura de venda das terras que anteriormente já tinham sido compradas por Corrêa Barbosa. De posse desse *título nulo e burlo*, passou Arruda Botelho a intimidar os antigos povoadores aqui estabelecidos e a impedir que novas famílias construíssem suas casas nos terrenos a que tinha pretensão de direito. Esta questão prolongou-se por muitos anos, tomando ainda maior incremento quando o coronel Theobaldo da Fonseca e Souza, que possuía um engenho de açúcar (no local depois ocupado pela chácara Nazaré), também entendeu de assenhorar-se de grande parte dos terrenos doados por Corrêa Barbosa à povoação. Depois disso ainda outros proprietários, todos de muita influência, seguiram o exemplo de Arruda Botelho, todos com títulos oriundos do original

do mesmo Arruda Botelho, dando-se então a formação do partido dos 40 coligados, do qual faziam parte os seguintes senhores: tenente-coronel Theobaldo da Fonseca e Souza, tenente José Joaquim de S. Paio, Raphael Antônio de S. Paio, Joaquim de S. Paio, José de Campos Negreiros, Carlos José Botelho, Luciano Ribeiro Passos, Caetano da Cunha Caldeira, Vicente de Campos Gurgel, Elias de Almeida Prado, José Ferraz Peixoto, José Alves de Castro, Antônio França do Amaral, José Roiz Leite, Joaquim Roiz Leite, Xisto de Quadros Aranha, Francisco José Machado, João Luiz Leitão, Alferes Manoel Joaquim Pinto de Arruda, Felipe de Campos Bueno, Manoel de Barros Ferraz, João Leite de Cerqueira, Lourenço Leite de Cerqueira, Joaquim Leite de Cerqueira, José Marinho, Marcelino José Pereira, José Xavier de Cerqueira, Joaquim Marcelino de Cerqueira, Francisco Xavier de Barros, Custódio Jacyntho Ribeiro Leite, José Vaz Pinto, José Ferraz de Campos, Francisco de Camargo Penteado, Manoel Affonso Taborda, Francisco Florêncio do Amaral e Antônio de Cunha Ferraz”. O autor citado acrescenta que a disputa sobre as terras engendrou “numerosas representações, não sendo nunca solucionada a questão, que assim foi se eternizando, resultando disso pretensões proprietárias”. Os Coligados converteram-se em partido de oposição sistemática à Câmara de Constituição. Em 1824, tendo à frente o tenente Theobaldo da Fonseca e Souza, enviaram uma representação ao presidente da província,

atacando João José da Silva (v.), capitão-mor de Constituição. Segundo eles, nas primeiras eleições realizadas na vila em 1822 “houve manifesto suborno, e a câmara, pelos eleitos, ficou *em família*, isto é, parentes se elegeram e se nomearam a si próprios”. Pediam a anulação dos atos anteriores, para novas eleições e nomeações (Guerrini, op. cit.). O capitão-mor tratou de desmentir as acusações dos Coligados, fazendo, por sua vez, denúncias contra estes, entre as quais a de que o seu partido era composto só de parentes entre si. Guerrini observa que em 1824 a câmara “se via abarbadada com os casos dos *avanços* que muitos proprietários de terrenos limítrofes procediam nas terras de vizinhos” e menciona em particular os casos da viúva Maria de Meira e do tenente-coronel Theobaldo da Fonseca e Souza, Luciano Ribeiro Passos e Miguel Joaquim do Amaral Gurgel, vigário local (Neme, 1936, 1943; Guerrini, 1970).

**QUEIRÓS, Laurival José Pereira de.** N. Séc. 19. F. Séc. 20. C.c. Matilde Faria Pereira de Queirós. F: Walter. Professor. Dirigiu a Escola Normal de Piracicaba (atual Sud Mennucci), desde a saída de Honorato Faustino de Oliveira, de 17.5.1928 até 30.11.1931. Segundo depoimento de M. C. T. M. Torres, que se formou pela Escola Normal em 1928, ele “se fez estimar por seu feitio carinhoso e afável” sem, contudo, deixar de manter a disciplina na escola. Walter Faria Pereira de Queirós, seu filho, n. Campinas, SP, em 1914 e f. São Paulo, SP, em 9.7.1977, formou-se em direito. Foi advogado e ocupou vários cargos importantes, entre os quais os de secretário da segurança pública de São Paulo, diretor da guarda civil, diretor geral dos Institutos Penais do Estado e diretor da Escola de Polícia. Quando faleceu, dirigia na capital paulista o escritório da Sudene. Foi casado com Alice Faria Hellmeister e pai de Laurival José Pereira de Queirós Neto (M. C. T. M. Torres, *Jornal de Piracicaba*, 4.9.1990; Sant’Ana, 1987).

**QUEIROZ, Luiz Vicente de Souza.** N. São Paulo, 12.6.1849. F. São Paulo, 11.6.1898. C. em 1880 c. Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz, f. São Paulo a 7.5.1936, filha do conselheiro do Imperador, senador do Império e engenheiro Christiano Benedicto Ottoni (1811-1896) e de Bárbara de Barros Ottoni. Descendente do brigadeiro Luiz Antônio (Luiz Antônio de Souza Macedo e Queiroz, 1746-1819, v.), seu avô, e do patriarca da família Pais de Barros, Fernão Pais de Barros, Luiz de Queiroz era filho do barão de Limeira, Vicente de Souza Queiroz (1813-1872) e de Francisca de Paula Souza, filha do conselheiro senador Antônio Francisco de Paula Souza, o criador da Escola Politécnica de São Paulo. Proprietário de várias fazendas, o Barão de Limeira destacou-se como “incentivador de novas culturas e introdutor de plantas úteis e ornamentais. A camélia era uma das muitas flores que foram por ele aclimatadas, tornando-se em pouco tempo muito requisitada e popular” (Kiehl, 1976). Em 1846 adquiriu uma gleba com engenho de açúcar em Piracicaba. Teve quinze filhos, oito homens e sete mulheres. Luiz Vicente foi o quinto. Pouco depois de completar oito anos de idade, deixou o país em companhia de um irmão mais velho, Vicente, para estudar na Europa, onde permaneceu durante dezesseis anos. Várias fontes registram que estudou na Escola Agronômica e Veterinária de Guignon, na França, e na de Zurique, na Suíça, mas de acordo com Marcovitch (2005) não terminou os estudos, pois seu nome não foi localizado nos arquivos dessas escolas. Perdeu o pai em 1873 e regressou ao Brasil para tomar posse da herança deixada por este. Além de outros bens, coube-lhe a fazenda Engenho d’Água, adquirida de Manuel Rodrigues Jordão pelo pai, parte da antiga sesmaria do Bom Jardim de Cima do Salto, que pertenceu a Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho (v.) no século 18. Disposto a instalar junto ao rio Piracicaba uma fábrica de tecidos, movida por força hidráulica, comprou maquinaria inglesa para esse fim. Passou a cultivar algodão para

os teares. Trouxe técnicos especializados belgas à cidade. A 23.1.1876 inaugurou sua fábrica de tecidos Santa Francisca. Instalou uma linha telefônica pioneira na região, entre a fábrica e sua fazenda Santa Genebra. Comprou barcos para transportar pelo rio a produção da fábrica. Montou a serraria Água Branca, com máquinas modernas. Contraiu casamento com Ermelinda Ottoni, um casamento por amor e em regime de separação de bens. Amavam-se muito, “apesar da diferença de gênios: ela muito séria, piedosa, mulher exemplar, ele alegre, brincalhão, gostando muito da mocidade” (Kiehl, 1964). O casal passou a residir em palacete que Luiz de Queiroz construiu à rua dos Pescadores (Prudente de Moraes), perto do Salto do rio Piracicaba, entre as ruas do Vergueiro e das Flores (Treze de Maio). Fez um parque em torno do palacete, que ocupava todo um quarteirão, e nele formou um pequeno jardim de aclimação para variedades exóticas e de algodão. Valeu-se de mudas do seu parque para embelezar e arborizar as ruas e praças da cidade. Passou a acalentar o sonho de criar uma escola de agricultura em Piracicaba. Com esse objetivo em vista, incumbiu (1891) o arquiteto londrino Hutchings de fazer a planta para a sede da escola e construções complementares e contratou o professor Davemport, do “Michigan Agricultural College” nos EUA, para levar avante a construção e o funcionamento da instituição. Dois anos antes, Luiz de Queiroz arrematou em hasta pública (1889), por intermédio de Francisco Morato (v.), a fazenda de São João da Montanha, para nela instalar sua escola. Luiz de Queiroz fiscalizava pessoalmente as obras e a esposa incumbia-se do preparo das refeições dos trabalhadores, em uma grande cozinha. As dificuldades que enfrentava, todavia, eram tantas e tamanhas que decidiu doar ao governo a fazenda São João da Montanha com suas benfeitorias, com a condição de que as obras fossem concluídas e a escola instalada, dentro do prazo de dez anos. Desgostoso com a inércia e a indiferença do governo do Estado

a este respeito, testemunhou a paralisação das obras. Vendeu tudo que tinha em Piracicaba, exceto a Usina Elétrica. Comprou terras muito férteis no Norte do Paraná, nas quais pretendia criar uma grande empresa agropecuária. Mudou-se em 1894 para São Paulo, onde faleceu, em meados de 1898, em sua residência, sem ver seu sonho piracicabano concretizado. Somente três anos depois (3.6.1901), e às pressas, a futura ESALQ foi inaugurada, com a denominação de Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. Além das suas atividades como homem empreendedor e empresário, Luiz de Queiroz destacou-se na sociedade piracicabana de seu tempo com suas contribuições de caráter benemérito. Foi abolicionista entusiasmando, arriscando, por vezes, segundo Kiehl (1975), “os bens materiais e a própria vida em prol da campanha” em favor da abolição dos escravos. Pertenceu ao grupo dos sócios fundadores do Clube Republicano Piracicabano, surgido a 19.10.1889. Fez parte do triunvirato que assumiu provisoriamente, em novembro de 1889, o governo municipal, juntamente com Manoel de Moraes Barros e Paulo Pinto de Almeida (vv.), sob aclamação popular. Exerceu gratuitamente os cargos de suplente de juiz municipal e juiz de paz (1890). Em 1959 Piracicaba homenageou-o com um monumento na praça José Bonifácio, feito pelo escultor Luiz Morrone (v.) e erigido graças a campanha popular liderada pelo Rotary Club Piracicaba e o Lions Clube de Piracicaba. Mas em 1981 o prefeito Herrmann Netto retirou-o da praça, sendo igualmente retirados a herma de Sud Mennucci, o monumento em homenagem a Mário Dedini e o monumento ao Soldado Constitucionalista. Seis anos depois, o retorno dos monumentos à praça José Bonifácio foi determinado pelo Supremo Tribunal Federal, sendo decisivas para esse retorno as contribuições de Losso Netto, em seus editoriais no *Jornal de Piracicaba*, e do advogado Luiz José de Mesquita. Em 12.6.1964, dia do seu aniversário, seus restos mortais e os da esposa foram transladados para o campus da



ESALQ e depositados em mausoléu defronte ao prédio principal. O mausoléu, projetado por Arquimedes Dutra, tem esta inscrição: “A Luiz Vicente de Souza Queiroz... o teu monumento é a tua escola”. Em 1991, a antiga residência do diretor da ESALQ, no campus desta, passou a ser o Centro Cultural da escola, incorporando o Museu Luiz de Queiroz, criado em 1984, e o Salão de Artes Plásticas Ermelinda Ottoni de Queiroz. Uma rodovia e uma rua paralela à rua Antônio Correa Barbosa e à avenida Beira Rio têm seu nome. “Fizeste tudo para o bem de todos. Em tão curta passagem pela vida semeaste o bem, que do bem e para o bem tão só viveste” (S. Toledo Piza Jr.). “Luiz de Queiroz, coração bondoso, alma pura e simples, que tanta benfeitoria fez à cidade sem nunca ter ocupado um cargo público...” (E.J. Kiehl). “Homem de forte envergadura, republicano intemerato, caráter de rija tèmpera, benemérito da pátria e benfeitor de Piracicaba” (Anôn., em Capri, 1914). (Kiehl, 1975; Pfromm Netto, 2001; Marcovitch, 2005).

**RAMOS, João Baptista** (Séc. 19-20). Comerciante, proprietário da “Parisiense”, loja que em anúncio do *Jornal de Piracicaba* de 7.7.1915 destacava suas confecções segundo a última moda de Paris – “tailleurs” para senhoras e roupas para homens, rapazes e crianças, de acordo “com os mais modernos figurinos”, oferecendo seu “grande estoque de casimiras inglesas, francesas e tecidos próprios para vestimentas de senhoras e crianças”, a preços módicos. A alfaiataria Parisiense localizava-se à rua Prudente de Moraes, nº 91, vizinha da Loja da Lua.

**RANDO, Vicente** (Séc. 20). C.c. Esterina César Rando. Pais de Guido César Rando, engenheiro agrônomo n. 25.11.1920 em Piracicaba e formado pela ESALQ em 1943. Negociante, proprietário da casa comercial com seu sobrenome, na região central de Piracicaba. Foi tesoureiro na primeira diretoria da Associação Comercial, Industrial e Agrícola local, criada em 1933. A família Rando inclui igualmente Dante Rando, formado pela ESALQ em 1942; Mauro Rando, n. 1936 e f. 1.4.2006 em Piracicaba, c.c. Irma P. de Mori Rando; e seu pai, Antônio Rando, c.c. Ermínia Alves de Godoy. Mauro Rando teve os seguintes filhos: Célia Regina, Francisco Antônio, Mauro Antônio e Sílvia Aparecida.

**RANGEL, Justino Marcondes** (Séc. 19-20). Professor de Pedagogia. Integrava o corpo

docente da Escola Normal Oficial de Piracicaba (posteriormente Sud Mennucci), quando se deu a inauguração do seu novo prédio em 11.8.1917, à rua São João.

**RANISTEANU, Jorge**. N. Romênia, sec. 19. F. séc. 20. Formou-se pela renomada escola de agronomia de Gembloux, na Bélgica. Incumbiu-se da 5ª Cadeira da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, como titular de Zootecnia, na condição de professor chefe, de janeiro de 1913 a novembro de 1925. Sob a sua orientação, foram construídas as instalações da leiteria e do estábulo.

**RAPETI, João Batista e Virgílio** (Séc. 20). Comerciantes. O primeiro, associado do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, teve loja de louças à rua Governador Pedro de Toledo, nº 275, com registro no comércio a 26.4.1940 (registro nº 551). Virgílio dedicou-se à venda de gêneros alimentícios em armazém à rua Boa Morte, nº 124. Registrou seu negócio no Sindicato em 20.9.1938, sob nº 80, com um capital de 9:000\$000. Batista Rapetti foi vereador na Câmara Municipal, de 1956 a 1959 (Guidotti, 2002; Vitti, 1966). Há uma rua Batista Rapeti no distrito de Tupi.

**RASERA, Giovanni**. N. Itália, 1843. F. séc. 20. C.c. Rosa Storel Rasera. Ff.: Luigi, Guglielmo, Antônio, Giuseppe Lavrador. Proveniente da Itália, a família desembarcou em Santos, SP,

a 24.12.1887, fixando-se em Piracicaba. Em 2007 estimava-se em quase um milhar o total de descendentes da família Rasera, que no século 20 deu nome a loja de tecidos e armarinhos à rua do Rosário, nº 2494. “Cidadãos ilustres fizeram parte dessa família. Obras importantes nos foram deixadas por eles” (*Jornal de Piracicaba*, 7.12.2007). O filho Luigi, n. 1869 e f. 7.11.1937 em Piracicaba, c.c. Luísa Vidotto, dedicou-se a trabalhos de agrimensura e engenharia. Residiram no bairro Saibroeiro e tiveram depois uma chácara no atual Jardim Elite. Ff.: Maria, Pedro, Virgílio, Ernesto, Alberto, Irene. Fundou a banda Lira Guarani e presidiu a Ordem Terceira dos Franciscanos. Luigi foi irmão de José Rasera e este foi avô de Antônio Oswaldo Storel, n. 1935, vereador em Piracicaba (três mandatos) e cirurgião dentista. Há uma rua e uma praça Luiz Razera no bairro Nova América. Um Razera, Francisco Luiz, n. Piracicaba a 30.1.1935 e f. 28.2.1988, era filho de Luiz e Elisa Camolesi Rasera e seu nome passou a designar a antiga estrada Água Branca pelos seus empenhos em favor de melhoramentos no bairro. Fez parte dos conselhos fiscais da Associação dos Fornecedores de Cana (1976-79) e da Cooperativa de Crédito dos Fornecedores de Cana (1979-80, 1982-84, 1986) e da diretoria do Esporte Clube XV de Novembro. C.c. Olympia Puppín, teve cinco filhas e destacou-se no Bairro Água Branca, tendo ocupado vários cargos de destaque.

**RAVACHE, Alberto** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, formou-se pela ESALQ em 1909. Pertenceu à família Ravache um comerciante estabelecido em Piracicaba desde os anos trinta ou antes: Antônio Ravache. Teve loja de louças à rua Moraes Barros, nº 816. Foi associado do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, com registro no comércio nº 307, datado de 5.12.1939. Consta como capital registrado a importância de 15:000\$000 (Guidotti, 2002). Antônio Ravache foi presidente do Sindicato do Comércio Varejista local de 8.9.1946 a

14.6.1952, tendo atuado igualmente como seu secretário na primeira diretoria do sindicato, em 1942-46.

**RAVELLI, José** (Séc. 19? – Séc. 20). C.c. Teresa Pelissari Ravelli. Ff.: Alcides, Amábile, Angelina, Ângelo, Assumpta, Marino, Orlando, Riccieri, Romilda. Lavrador. Os Ravelli fixaram-se no bairro piracicabano do Guamium e se dedicavam à lavoura como empregados, depois como arrendatários e por fim donos de terras. Passaram a morar na Vila Rezende, voltando-se para outras atividades. Marino, casado com Bruna Ida Ravelli, teve propriedade agrícola no Kanebley, perto da estrada velha para São Pedro. Foi fornecedor de cana para o engenho Central e pai de nove filhos: Adda, Alcebiades, Archimedes, Célia Catarina, Helena Terezinha, Jonas, José, Leonice e Maria Eucléida.

**RAYA, Francisco** (Séc. 19-20). Comerciante, pai de Armintos Raya. Em 1909 inaugurou a Casa Raya, de fabricação e conserto de calçados. O filho Armintos (n. 1924) passou a conduzir os negócios da firma, abrangendo a Casa Raya, à rua Moraes Barros, nº 822, e o Chalé Paulista, à rua São José, nº 795. Em meados do século, a Casa Raya mencionava os produtos que comercializava: “artigos em geral para esportes, sapateiros e seleiros; baralhos novos e usados; artigos para pesca; chuteiras, quédés, tênis e sandálias para esportes” (*Diário de Piracicaba*, 10.9.1951). Armintos Raya e outros empresários de Piracicaba criaram na avenida Independência, a 10.6.1967, o “Jardim da Cerveja”. Desaparecido, deu lugar ao curso CLQ.

**REBELLO JÚNIOR, Guilherme Pereira**. N. Aracaju, SE, a 5.6.1864. F. Bahia, séc. 20. Médico. Filho de um conceituado médico baiano, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1878. Viveu e atuou profissionalmente em Piracicaba entre 1929 e 1935. Foi irmão contribuinte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba de fevereiro

de 1932 até 1935, quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Seu consultório situava-se defronte o teatro São José, à rua São José, nº 93. Segundo anúncio no *Jornal de Piracicaba* (8.4.1931), apresentava-se como médico de “olhos, ouvidos, nariz e garganta; tratamento médico operatório, prescrição de óculos etc.”, salientando que atuou como “professor livre de clínica de olhos de Faculdade de Medicina da Bahia, por concurso de provas públicas”.

**REBOUÇAS, Irmãos** (Séc. 19). Engenheiros mulatos escuros, filhos de Antônio Pereira Rebouças, advogado do Conselho de Estado e representante da Bahia na Câmara dos Deputados (1830-1873), e Carolina Pinto Rebouças. O casal teve oito filhos, três dos quais ligados a Piracicaba: Antônio Pereira Rebouças Filho, José Pereira Rebouças e André Pinto Rebouças. Antônio Pereira Rebouças Filho, n. Cachoeira, BA, 1839 e f. 1874, foi autor de vários projetos de vulto no Paraná e em São Paulo, como os da ferrovia Paranaguá-Curitiba (1871-74) e da rodovia Antonina-Curitiba (1866). Projetou a ponte sobre o rio Piracicaba em 1873. Engenheiro militar, fez estudos avançados na França. Chefiou a comissão encarregada da exploração da estrada de Curitiba a Guarapuava, elaborou o projeto do cais da Alfândega no Rio de Janeiro e inaugurou as obras da estrada de Mato Grosso. Trabalhou também na construção da estrada de ferro entre Campinas e Rio Claro. Quando dirigia as obras e medições para a ponte sobre o rio Piracicaba, foi vitimado pela malária e faleceu aos 34 anos de idade. Seu irmão André Pinto Rebouças, que concluiu as obras, n. Cachoeira, BA, 1838 e f. Funchal, Ilha da Madeira, 1898, formou-se pela Escola Central em 1860, participou da Guerra do Paraguai e especializou-se em obras portuárias na Europa. Pioneiro no Brasil em mecânica de solos e no uso do cimento Portland, construiu as primeiras docas do Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Paraíba e Pernambuco. Tomou parte na instalação de núcleos coloniais junto

aos rios Paraná e Uruguai. Junto a José do Patrocínio, teve participação saliente no movimento abolicionista e juntamente com Joaquim Nabuco fundou o Centro Abolicionista da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde era professor. Além disso, escreveu em jornais vários artigos sobre a escravidão, usados no manifesto da Confederação Abolicionista. Publicou vários estudos sobre a estrutura agrária brasileira após a abolição, defendendo a imigração de trabalhadores rurais para o Brasil. Exilou-se do país após a proclamação da República, deixando-o para sempre. Viveu seis anos na África e residia na Ilha da Madeira quando morreu. O terceiro Rebouças ligado à história piracicabana, José Pereira Rebouças, encarregou-se de fiscalizar a abertura da picada da Estrada de Ferro Ituana, que permitiria a feitura do ramal de Piracicaba para a Vila de São Pedro, inaugurado em 4.6.1893. Posteriormente, passou a morar em Piracicaba, mantendo um escritório de consultoria na cidade. Em 1893, juntamente com o engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (v.), encarregou-se do projeto da rede de esgotos de Piracicaba. São Paulo deve-lhe a criação do seu Serviço de Abastecimento de Água. José Rebouças projetou, além disso, a nova estação da Companhia Ituana (posteriormente Sorocabana) no Bairro Alto, entre as ruas Moraes Barros e XV de Novembro, onde foi construído o Grupo Escolar Alfredo Cardoso. A antiga Ponte do Mirante sobre o rio Piracicaba, depois de reformada e ampliada, passou a ser Ponte Rebouças (Guerrini, 1970; Pereira e outros, 1988; Monteiro, 1997; Barata e Bueno, 2000; Elias Netto, 2003).

**REGITANO, Michele e Vicente** (Séc. 19-20). O primeiro faz parte do grupo de numerosos imigrantes italianos que passaram a viver e trabalhar em Piracicaba, entre fins do século 19 e no início do século 20. Seu nome está na relação do livro caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba correspondente ao ano de 1900 (Alleoni, 2003). Vicente Regitano consta

## REHDER, Alberto

no rol dos sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, como proprietário da casa de calçados à rua Governador Pedro de Toledo, nº 233, registrado no comércio local a 27.4.1940, sob nº 1279, com capital de 12:982\$000. O guia de Piracicaba editado em 1958 por Camargo e Navarro inclui, entre as principais casas comerciais de Piracicaba, a Casa Regitano de materiais elétricos em geral, à rua XV de Novembro, nº 1130, igualmente mencionada no guia editado por Righetto (1966). Dois membros da família Regitano estão ligados à ESALQ: Vicente Regitano Netto obteve seu diploma de engenheiro agrônomo pela escola em 1967 e Arlete Regitano, formada igualmente em agronomia pela ESALQ em 1964, fez parte do seu corpo docente, como professora assistente, entre 1965 e 1968 (Lordello e outros, 1975).

**REHDER, Alberto** (Séc. 19-20). Possivelmente ligado à família de Klaus Rehder, de origem germânica, que se fixou em 1852 na capital paulista, presidiu a Associação Atlética Sucrierie, fundada em 12.2.1914. Mudou seu nome para Rezendópolis Futebol Clube e em 1942 converteu-se em Clube Atlético Piracicabano. Foram igualmente seus presidentes: Antônio Petta, Constante Valler, Manoel Lourenço, Fernando Matiazzo, Antônio A. Lacerda, Abério Sampaio, Humberto D’Abronzo, Oriente Feccchio, Máximo Pereira, Nelson Fogaça, Lazáro Pinto Sampaio, João Zílio e Mário Teles (Aldrovandi, 1991). Em 1914 o time era formado por Lorena, Afonso e Virgílio; Rochelle, Mário e M. Peta; Filipini, Mário, Segá, Findt e F. Cenedese. Os jogos entre a A.A. Sucrierie e a Piracicabana, futura Luiz de Queiroz, eram “espetáculos muito apreciados” em meados da segunda década do século.

**REICHERT, Theodoro.** N. Boreck, Breslau, Alemanha, 22.12.1824. F. São Paulo, SP, 14.11.1898. C.c. Paula Peixoto Gomide, a 1.1.1859, filha de Francisco de Assis Peixoto

Gomide, juiz de direito em Mogi das Cruzes, SP. Ff.: Theodoro Reichert Filho, promotor público em Bragança e Capivari que depois residiu em Piracicaba, e Eusébio Gomide Reichert. Médico, teve consultório na capital paulista, por volta de 1865, à rua São Bento. Mudou-se para Taubaté e em março de 1887 fixou-se em Piracicaba. Anunciava-se como “formado e premiado pela Universidade de Breslau (Alemanha), habilitado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 7.7.1855... operador, especialista nas operações das vias urinárias. Residência: rua das Flores, nº 4 (rua Treze de Maio). A polícia local contratou-o em 1889 para debelar um surto de varíola. Em 30.8.1889 mudou-se para a capital paulista, onde veio a falecer. Com Carlos Botelho e outros, fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (7.3.1895), convertida depois na Academia de Medicina de São Paulo. Seu nome está associado a medicamentos da época, como a “Água Sifilítica do Dr. Theodoro Reichert, 1857” e a um livro muito popular entre os piracicabanos do passado, o *Formulário Terapêutico*, volume de 400 páginas, no qual o autor indica medicamentos “antigos e novos” e descreve as moléstias em que são empregados (Cambiaghi, 1973; Barata e Bueno, 2000).

**REICHSTEINER, Carlos Tobias** (Séc. 19). Médico. Residiu em Constituição (Piracicaba) desde 11.11.1862, tendo apresentado em 1863 à Câmara Municipal seu “diploma em medicina, que o autoriza a exercer a sua profissão de médico”. Em 1864 requereu e obteve da Câmara uma declaração de que apresentara seus títulos de médico, cirurgião e parteiro e que, devidamente autorizado, clinicou na cidade de 11.2.1862 a 22.2.1864 (Cambiaghi, 1984).

**REIS, Francisco Tito de Souza** (Séc. 19-20). No período de 4.6.1918 a 30.6.1923, ocupou a direção da futura ESALQ, então denominada Escola Agrícola Luiz de Queiroz.

**RENNA, Francesco Césare (Cesário),**

**Cesarino).** N. Itália, 1881. F. séc. 20. C.c. Maria Rita Ferreira Leite. Marchante. Filho de Nicola Renna e Alfonsina di Francesco Vitélio. Veio ao Brasil com os pais em 1888 e teve estabelecimento comercial, administrado por ele e pela mãe. Negociava com carne verde, trazendo gado de Rio Verde, MT, de fazenda pertencente à família da esposa, neta de Inácio Leite, que a recebera como parte de uma sesmaria. Os Renna são antepassados maternos do médico piracicabano Olívio Nazareno Alleoni, autor do livro *Uma fresta para o passado, A presença italiana em Piracicaba* (2003), que à p. 217 reproduz fotografia de Francesco Césare Renna à frente do balcão do seu açougue. Fez parte do “Círculo Italiano Meridionale XX Settembre in Piracicaba”, de que há notícia na última década do século 19.

**RENNOTTE, Françoise Marie.** N. Wandre, Bélgica, 11.2.1852. F. São Paulo, 21.11.1942. Médica, professora formada em 1874 em Paris, França. Veio ao Brasil em junho de 1878, aos 26 anos de idade, desembarcando no Rio de Janeiro, RJ. Transferiu-se para Piracicaba em 1882, com o propósito de colaborar com Martha Watts (v.), fundadora do Colégio Piracicabano, e assumiu a direção pedagógica da escola. Passou a colaborar na *Gazeta de Piracicaba*, assinando artigos como a série “Educação da Mulher”, que o jornal publicou a 23, 25 e 30 de agosto de 1882. Polemizava pela imprensa local e passou a presidir a “Sociedade Literária”, que promovia reuniões mensais destinadas aos alunos e funcionários do colégio, com música e declamações. Embora não fosse protestante, Renotte não se envolvia em disputas com miss Martha Watts sobre religião. Passou, também, a colaborar em um jornal paulistano feminista, *A Família*, onde também escreviam Júlia Lopes de Almeida e Prisciliana Duarte de Almeida. Em 1886-1887, viajou com Martha Watts aos EUA. De volta a Piracicaba, introduziu experimentos de física e química no Colégio Piracicabano e ministrou curso de química

experimental, noticiado com destaque pela *Gazeta de Piracicaba* a 4.10.1887. Desejosa de estudar medicina, partiu em 1889 para os EUA e após três anos de estudos obteve em 1892 o diploma de médica pelo “Woman’s Medical College” da Pennsylvania, em Filadélfia. Data de 1895 a tese que apresentou à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, a fim de poder exercer a profissão de médica no Brasil. Esteve nesse mesmo ano em Piracicaba e novamente em 1902, por ocasião do falecimento do irmão de Prudente de Moraes, o senador Moraes Barros. Renotte instituiu o prêmio anual Prudente de Moraes, de cem mil réis, destinado ao melhor aluno do Colégio em cada ano. Após a revalidação do diploma de médica no Brasil, Renotte instalou seu consultório na capital paulista, dedicando-se particularmente à obstetria e à ginecologia. Assumiu a direção da Maternidade de São Paulo, empenhou-se em obras de benemerência (fundou no bairro de Higienópolis o Hospital da Criança e a seção brasileira da Cruz Vermelha Internacional). O governo da Alemanha concedeu-lhe a Cruz do Mérito pelas suas ações e iniciativas, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18), honraria que doou ao Colégio Piracicabano. Em seus derradeiros anos de vida, a cegueira e a surdez a infelicitaram. Foi a primeira mulher admitida no quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e fez parte, como sócia titular, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Face às dificuldades que enfrentava para viver, passou a receber do governo do Estado uma pensão vitalícia. Cambiaghi (1984) transcreve o que o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou a seu respeito no dia seguinte ao do seu falecimento: “Muitos dos nossos leitores ainda se lembrarão da sua figura, tal como era vista há trinta ou quarenta anos, nesta capital. Foi ela, talvez, (a primeira) a dar ao traje feminino em nossa terra uma simplicidade que, por vezes, lembrava o traje masculino. Era magra, de estatura meã, de atitudes vivas e enérgicas. Vestia geralmente um *tailleur* de casemira, paletó

de corte simples, chapéu de palha com fita larga e de cor. Usava sombrinha como se fora bengala. Isso num tempo em que os vestidos eram de cauda e os chapéus femininos ostentavam altas e custosas plumas... Há anos, quando se realizou no Rio de Janeiro um Congresso Internacional da Cruz Vermelha, vieram diversas comissões estrangeiras que visitaram São Paulo, sendo recebidas na sede dessa instituição. Ela, que havia muito se recolhera ao lar, não resistiu ao desejo de comparecer a uma das reuniões. Cega, pelo braço de pessoa amiga, andando com dificuldade, deu entrada no salão. Seu nome foi anunciado. Deu-se então uma cena comovente: aqueles homens que vinham de outras terras estavam ao par de seus trabalhos e a cumularam de homenagens”. (Cambiaghi, 1984; Elias, 2006; Perina, *Jornal de Piracicaba*, 3.3.2006; J. B. A. De Lucca, *Jornal da APM*, setembro de 2001). Na capital paulista há uma pequena rua com seu nome, entre a rua Cuxiponés e a praça Dr. Vicente T. Garcia (Jardim Vera Cruz), perto da avenida Pompéia.

**REZENDE, Estêvão Ribeiro de Souza, barão de Rezende.** N. 19.8.1840, Rio de Janeiro, RJ. F. 11.8.1909, Piracicaba. C.c. Anna Cândida da Conceição Rezende, piracicabana, n. 1846 e f. 1940, filha do barão da Serranegra, Francisco José da Conceição (v). Barata e Bueno (2000) dão Anna Cândida como falecida em 5.4.1938. Ff.: Luiz de Souza Rezende, n. 1873 e f. 16.5.1902 em São Paulo, SP; Estêvão Rezende de Souza; Francisca Rezende de Almeida e Mello, c.c. Américo Brasiliense de Almeida Mello (v); e Lydia Sophia de Souza Rezende. Industrial, agricultor, político, parlamentar e jornalista. Descendia por linha paterna de uma antiga e importante família brasileira, com antepassados provenientes do arquipélago de Açores (Portugal), João de Rezende Costa, f. 1758, e Helena Maria Gonçalves, f. 1772, que se fixaram em Minas Gerais. Tiveram doze filhos, um dos quais, José de Rezende Costa (1728-1800), foi herói da Inconfidência Mineira.

José teve uma filha e um filho com o mesmo nome do pai, que foi, como este, inconfidente e degredado. O filho retornou em 1809 ao Brasil e chegou a ser conselheiro do Imperador d. Pedro I em 1827. Josepha Maria de Andrade Rezende, uma das suas filhas, contraiu matrimônio com o coronel Severino Ribeiro. Tiveram uma dúzia de filhos, entre os quais Estêvão Ribeiro de Rezende (1777-1856), e foram donos da fazenda da Cachoeira, no atual município de Lagoa Dourada, MG. Estêvão Ribeiro de Rezende, o primeiro desse nome, formou-se em direito em 1804 pela Universidade de Coimbra. Foi ministro de d. Pedro I (1824-25), deputado, senador, presidente da província de Mato Grosso de 1838 a 1840 e presidente do Senado (1841), obtendo sucessivamente os títulos de barão (1825), conde (1826) e marquês de Valença (1848). Deixou numerosos descendentes, entre os quais cinco filhos naturais, posteriormente legitimados. Casou-se por volta de 1819 com Ilidia Mafalda de Souza Barros Leite, n. 1805 e f. 1877, filha do brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queiroz (v) e Genebra de Barros Leite, patriarcas da família Souza Barros e avós de Luiz de Queiroz (v). O filho do marquês de Valença estudou inicialmente no Rio de Janeiro e depois no colégio Duval, em São João del Rei, MG. Formou-se em direito em São Paulo, pela Faculdade do Largo São Francisco, em 1863. Atraído pelo jornalismo, liderou um periódico acadêmico e conservador, intitulado *Ensaio Filosófico Paulistano*, e foi redator de *O Constitucional* (1860), órgão do Partido Conservador e adversário de *A Imprensa*, jornal dos chefes liberais Martim Francisco e José Bonifácio de Andrada e Silva. O marquês de Valença adquiriu extensa gleba em Piracicaba, que abrangia as áreas posteriormente ocupadas pelo Engenho Central e pelo Mirante e avançava muito além. Seu filho Estêvão herdou-as e ao casar-se com a filha do barão da Serranegra uniu as terras que se estendiam da Fazenda São Pedro (Vila Rezende) à Nova Piracicaba dos dias atuais. Estêvão Ribeiro de Souza Rezende

fixou-se em Piracicaba em 1863, onde se casou em 16.10.1865 e em breve se converteu em um dos mais influentes políticos do Partido Conservador local, liderado pelo sogro. Rezende foi delegado de polícia em Piracicaba (1865) e provedor da Santa Casa de Misericórdia local em 1873-74. Vereador da Câmara Municipal piracicabana de 1873 a 1876, 1877 a 1880 e 1887 a 1889, fez parte da Assembléia Geral Legislativa Paulista em 1877 e atuou como deputado provincial em cinco legislaturas, em 1870, 1871, 1874, 1876 e 1878. D. Pedro II era seu padrinho de batismo. Hospedou-o em sua residência em Piracicaba, assim como a princesa Isabel e seu esposo, o conde d'Eu, em 1886. No ano seguinte recebeu o título de Barão de Rezende. Combateu tenazmente o jogo de loteria, por considerá-lo não só anti-econômico, mas também como um imposto disfarçado, que penalizava a parte mais carente da população. Foi um dos subscritores do projeto de criação de um Instituto Agrônomo, sob a liderança de Antônio Prado. Na imprensa, escreveu assiduamente no jornal *O Correio Paulistano*, destacando-se entre seus escritos os artigos que dedicou às estradas de ferro e os trabalhos de caráter histórico e político. Dirigiu a Companhia Ituana de estrada de ferro e fundou a Companhia Fluvial Paulista, de navegação a vapor nos rios Piracicaba e Tietê, conseguindo levar o vapor “Explorador” até o salto de Avanhandava e posteriormente à cidade de Tietê, de modo a beneficiar não só Piracicaba, mas também varias povoações ribeirinhas do Tietê, entre as quais São Manoel, Botucatu e Ibitinga. Em 1883 Rezende embrenhou-se pelo sertão paulista, a fim de mapear o melhor caminho de ligação entre os vales dos rios Tietê e Grande em Ibitinga com o de São Francisco de Sales, em Minas Gerais. Em 1881 criou a companhia que originou o Engenho Central em Piracicaba, montando-o com maquinaria vinda da França. Escolheram-no para gerenciá-la. Exerceu a gerência da empresa até a sua liquidação, quando fez proposta que o converteu em proprietário do maior engenho da

época em todo o Estado. Piracicaba deveu-lhe também a construção do belvedere (1890) do Mirante; da ponte sobre o rio Piracicaba, na direção da rua Moraes Barros, pouco acima do Salto (1872-75); do antigo prédio da Prefeitura Municipal; e do Teatro Santo Estêvão, na atual praça José Bonifácio, que construiu em 1871 e reformou em 1890. Despendeu soma elevada nas obras do teatro, que passou a pertencer à Santa Casa de Misericórdia a partir de 1892, convertendo-se na sua principal fonte de receita. Fundou a companhia Niágara Paulista em 1891. Construiu um Hospício de Alienados junto à Santa Casa, na esquina das ruas da Misericórdia e da Quitanda, as atuais ruas José Pinto de Almeida e Moraes Barros, inaugurado em 1897, que ganhou o nome do seu benfeitor. Teve papel saliente na criação do Sanatório São Luiz para tuberculosos e na construção da Igreja da Imaculada Conceição na Vila Rezende, em terreno de sua propriedade, que doou para essa finalidade. Tinha casa na esquina da rua São José com a Alferes José Caetano e era proprietário da chácara São Pedro, onde faleceu. Foi sepultado no Cemitério Municipal (Cemitério da Saudade). “Era uma alma bonís-sima, um coração perenemente aberto a todos os ideais elevados e nobres, cativando pela amenidade do trato tanto quanto pela inteireza do caráter ou pela delicadeza dos sentimentos”, registrou o *Jornal de Piracicaba* no seu necrológio (13.8.1909). Foi Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo e Moço Fidalgo da Casa Imperial. Dois dos seus irmãos se tornaram igualmente barões: Geraldo Ribeiro e Souza Rezende, barão Geraldo de Rezende (Campinas, SP) e Pedro Ribeiro de Souza Rezende, barão de Valença. A Vila Rezende perpetua-lhe a memória na sua denominação e o barão de Valença dá nome a uma avenida no mesmo bairro, paralela à avenida dona Francisca, que recebeu esse nome em memória da esposa do barão de Rezende. (Ribeiro, 1899; Capri, 1914; Guerrini, 1970; Amaral, 1980; Aldrovandi, 1991; Barata e Bueno, 2000; S. Menezes, *Jornal de Piracicaba*, 7.5.2000; Elias Netto, 2003.). O



Engenho Central por ele fundado foi tombado como patrimônio histórico em 1989.

**REZENDE, Lydia Sophia de Souza.** N. Piracicaba, séc. 19. F. Piracicaba 24.6.1933. Filha do barão e da baronesa de Rezende, Estêvão Ribeiro de Souza Rezende (v.) e Anna Cândida da Conceição Rezende. Figura de particular destaque na sociedade piracicabana de fins do século 19 e das primeiras décadas do século seguinte, impôs-se à admiração e ao respeito dos seus conterrâneos no meio acanhado daquela época pelos seus múltiplos dotes intelectuais e artísticos, espírito de iniciativa, generosidade, sentimentos cristãos e desprendimento. Estudou na França e foi a mulher-símbolo feminino da cidade no seu tempo. Promotora incansável da vida cultural e artística na cidade, pianista e organista, abria as portas da sua residência para a promoção de saraus, abrilhantados pelos talentos locais e de fora. Ao mesmo tempo, desvelava-se em favor dos enfermos e destituídos de recursos. “Era uma mulher à frente do seu tempo”, escreveu Celiandra Perina no *Jornal de Piracicaba* (18.6.2006). “Sempre esteve envolvida em ações que valorizavam a mulher, num período em que a voz ativa na sociedade era masculina, além de seu lado que valorizava a caridade. A lista de benfeitorias que têm as mãos de Lydia é vasta... Além do coração caridoso, Lydia tinha alma de artista... Tinha um profundo amor pelas artes e atuou em prol da música e da filantropia, um marco no período”. Idealizadora da criação de uma escola feminina preparatória para a vida doméstica em Piracicaba, deu os passos necessários para a sua concretização. Dispôs-se, assim, a financiar o empreendimento, que resultou na vinda à cidade de madre Maria Joana Baptista Minks (v.) com cinco outras missionárias por esta lideradas, a 13.3.1922. No dia 11.6 do mesmo ano, inaugurava-se na Vila Rezende a Escola de Economia Doméstica e Agrícola do Instituto Baronesa de Rezende, a instituição que dona Lydia almejava, sob a orientação das seis

irmãs educadoras, pertencentes à Congregação das Irmãs das Escolas Cristãs, com sede em Eggenberg, no distrito de Graz, Áustria. Além do curso de economia doméstica feminina, o instituto então criado incluía os cursos de jardim da infância e primário. Em 1923 Lydia de Rezende formalizou sua doação, em caráter permanente, dos bens móveis e imóveis que tinha cedido como empréstimo à congregação. Esta ampliou-se com a chegada de outras missionárias e estendeu-se a outras cidades paulistas e aos estados de Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina, dezoito casas ao todo, devotadas ao ensino (cursos infantil, fundamental e médio), aos cuidados de enfermos, idosos e crianças pobres, à catequese, ao trabalho vocacional e a atividades manuais, artesanais e serviços domésticos. Uma unidade foi instalada na África, em Costa do Marfim. Em 1970 ganhou uma nova denominação: Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, sendo Piracicaba o berço da Província Brasileira desta. Muito amigas, Lydia de Rezende e madre Baptista Minks são, na verdade, co-fundadoras do Instituto Baronesa de Rezende (Perecin, *Jornal de Piracicaba*, 30.10.1993). Dentre outras iniciativas devidas aos empenhos pessoais de Lydia de Rezende, salienta-se a construção, no atual bairro Algodoal, de sanatório para tratamento de tuberculosos: o Sanatório São Luiz, cujo nome traduzia uma homenagem póstuma de sua idealizadora ao irmão, Luiz, que morreu vitimado pela doença em 16.5.1902. O sanatório foi construído entre 1904 e 1911, mas só foi inaugurado em 1926 e seu funcionamento não foi além de dois anos, pois o presidente Vargas ordenou a suspensão dos recursos para a sua manutenção. Em 1904 Lydia de Rezende lançou a pedra fundamental para a construção da Igreja da Imaculada Conceição na Vila Rezende, que terminou em 1908. Posteriormente, a igreja foi demolida, para dar lugar à nova matriz. A cidade lhe deve igualmente a ereção do seu marco mais antigo, o monumento comemorativo do centenário

da Independência do Brasil, inaugurado em 7.9.1922, em terras que lhe pertenceram e hoje fazem parte do Jardim Monumento. “Ela era um forte exemplo para as mulheres em Piracicaba. A arte era sua paixão. Em prol de festas beneficentes ou culturais, Lydiá pintou quadros inspirados em palmas, flores e pássaros vindos especialmente para ela do Amazonas e Ceará” (M. Costa, cit. por Perina, op. cit.). Lydiá de Rezende pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo como única sócia mulher no seu tempo, primeiramente como sócia honorária e a partir de 1914 como sócia benemérita. Lydiá e sua mãe dão nome a duas importantes artérias paralelas, a avenida dona Lúcia e a avenida dona Francisca, que se estendem da Vila Rezende à Nova Piracicaba (Capri, 1914; Aldrovandi, 1991; Perecin, 1993; L. Dário, *Jornal de Piracicaba*, 26.3.1998; Elias Netto, 2003; Pfromm Netto e Martins, 2003; C. Perina, *Jornal de Piracicaba*, 18.6.2006).

**REZK (RIZK), Gabriel Abrão** (Séc. 19-20). Comerciante, um dos fundadores da Sociedade Beneficente Síria (posteriormente Sírio Líbanesa) e eleito para presidir a entidade em vários mandatos: em 1907, 1908, 1911, 1913-14, 1917 e 1919-20. Na ata da reunião que criou a sociedade em novembro de 1902 estão os nomes de Jubran Ibrahim Rizk e Naum Rizk entre os dos membros efetivos. No quadro de seus fundadores, publicado por Salum (2003), constam como tais Gabriel Abraão Rezk e Luiz Abraão Rezk. Gabriel foi pai de Amélia Elias e sogro de Tuffi Elias (v).

**RIBECCO, Família** (Séc. 19-20). Os Ribecco têm lugar de destaque entre os italianos que passaram a viver e trabalhar em Piracicaba, em fins do século 19 e no início do século seguinte. Camargo, no seu “Almanak” de 1900, registra a existência do “belo palacete de Antônio Ribecco, em que reside o major Tito Ribeiro”, no “segundo trecho” da rua Rangel Pestana, perto da Serraria de Mendes & Filho, destruída

por um incêndio, e da estação ferroviária. Segundo a mesma fonte, Antônio Ribecco tinha, nessa época, um moinho de fubá junto ao Salto e uma loja de fazendas e armarinho no largo do Jardim (praça José Bonifácio). Era, além disso, proprietário de uma padaria. A Casa Ribecco (de Antônio Ribecco), no largo da Matriz, anunciava na *Gazeta de Piracicaba* de 16.12.1894, “para o Natal e Ano Bom, castanhas frescas, figos de Lisboa, amêndoas de Bari, nozes do Chile, frutas em compota, ameixas francesas, macarrão branco de semolina, bacalhau sem espinhas e muitas outras miudezas” (cit. em Alleoni, 2003). Em 1892 foi um dos fundadores e integrantes da diretoria da Sociedade Filhos da Itália Mútuos Socorros em Piracicaba, posteriormente denominada “Circolo Italiano XX de Setembro”, segundo Alleoni (op. cit.), que o menciona ainda como participante da atividade de abate de bovinos, diretor gerente do Banco Descontos e associado da Sociedade Italiana de Mútuos Socorro. Uma fotografia reproduzida por Perecin (1989) mostra-o como marchante, junto a Christiano Cleopath, por volta de 1916. Outro Ribecco morador de Piracicaba à mesma época, Francisco Ribecco, pertenceu à Loja Maçônica Piracicaba, esteve envolvido em padaria e, de acordo com anúncio em Camargo (1900), foi proprietário de uma loja de fazendas e armarinho à rua da Glória, nº 34, esquina da rua Direita (atuais ruas Benjamin Constant e Moraes Barros). Anunciava que tinha à venda “grande sortimento de fazendas, calçados, chapéus e miudezas, molhados, louças, gêneros do país etc., etc.”. No Jardim Algodoad há uma rua Antônio Ribecco, junto à Praça do Império e perto da Rodovia SP-304.

**RIBEIRO, Acácio Martins** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, fez parte da segunda turma de alunos da Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, formados em 1904, uma turma composta apenas de cinco formandos: Ribeiro, Francisco de Oliveira Júnior, Henriques César F. Vaz, José da

Cruz Moraes Sampaio Júnior e Luiz Teixeira Mendes. Foi professor da ESALQ de 1911 a 1916. A 12.10.1909 foi eleito para ser o segundo presidente do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz, fundado em 23.5.1909, tendo como companheiros de diretoria José Fonseca Ferreira, vice-presidente; Carlos Duarte, 1º secretário; José da Silva Carvalho, 2º secretário; Arthur Torres Filho, 1º orador; Hermínio Braga, 2º orador; Joaquim Junqueira, tesoureiro; David de Souza Camargo, Anthero de Souza e Apparício Silva, comissão de sindicância (Lordello e outros, 1975).

**RIBEIRO, Alex Goldschmidt Vasconcellos.** N. Itapeva, SP, 11.8.1934. F. Piracicaba, 13.4.1982. C.c. Sílvia Vasconcellos Ribeiro. Ff.: Maria Sílvia, Alex (Jr.). Filho de Alexandre Ribeiro e Julieta Vasconcellos Ribeiro, formou-se em 1961 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Passou a viver e exercer sua profissão em Piracicaba em 1965, no início com consultório à rua Boa Morte, nº 1340, junto ao médico Luiz Gonzaga de Campos Toledo, e posteriormente no nº 1904 da mesma rua. Membro do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia desde 1965, ocupou o cargo de diretor clínico do hospital desta, de 1972 a 1975. Dedicou-se à clínica geral, cirurgia e doenças dos vasos sanguíneos. Fez parte da Associação Paulista de Medicina, Regional de Piracicaba, tendo sido seu delegado em 1974-75. A perda de uma filha em desastre de automóvel, ocorrido em 1976, amargurou seus derradeiros anos de vida, falecendo com apenas 47 anos de idade.

**RIBEIRO, Álvaro Azevedo, comendador.** Empresário, contabilista. N. Cordeirópolis, SP, 22.10.1925. F. Piracicaba, 22.9.2007. C.c. Maria José Monteiro Azevedo Ribeiro. Ff.: Álvaro Filho, Arthur Alberto Neto, Kátia Aparecida. Era filho de Arthur de Azevedo e Elvira Fracarolli de Azevedo. Tinha três anos de idade quando passou a residir em Piracicaba.

Formou-se como técnico em contabilidade pela Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo em 1948 e trabalhou inicialmente como contador (1948-51). Juntamente com seus irmãos, foi co-proprietário da rede de padarias Vosso Pão (v. Ribeiro, irmãos) de 1951 a 1962. Teve um armazém de secos e molhados entre 1962 e 1965 e a seguir foi subgerente do Banco Aliança de São Paulo. Atuou durante 27 anos (1968-95) como corretor de imóveis. A Câmara Municipal de Piracicaba outorgou-lhe o título de cidadão piracicabano e a Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística deu-lhe a Cruz do Mérito Cívico Cultural no grau de comendador, em dezembro de 1978. Ganhou a medalha cívica e cultural Diogo Antônio Feijó do Instituto Internacional de Heráldica e o diploma e comenda da Legião de Honra Garibaldi. Foi suplente de Juiz Classista da Justiça do Trabalho em Piracicaba, sócio benemérito do Clube Cristóvão Colombo e sócio remido do Clube Coronel Barbosa, tendo feito parte das diretorias de ambos. Presidiu a Guarda Municipal de Piracicaba e ocupou numerosos cargos de relevo, como conselheiro do Esporte Clube XV de Novembro, vice-presidente da Associação Comercial e Industrial, delegado do CRECI, tesoureiro do Lar Bethel e ministro da eucaristia da paróquia da Catedral de Santo Antônio. Os piracicabanos elegeram-no várias vezes como “corretor do ano”.

**RIBEIRO, Bergardina Augusta Maygton Azevedo** (Séc. 20). F. 2004. Conhecida como “dona Augusta do Vosso Pão”, era ainda moça quando deixou São Pedro, SP, pondo fim a uma casamento infeliz de juventude. Veio trabalhar em Piracicaba, como garçonne, no início dos anos 40, do bar Nova Aurora, no local depois ocupado pelo banco Bradesco. Admirada por seus dotes de beleza, empreendedora corajosa e resoluta, criou em 1943 a padaria Vosso Pão, que passou a fornecer pães a toda a região (Elias Netto, 2000 e no *Jornal de Piracicaba*, 26.5.2004).

Segundo a fonte citada, chegou a fabricar mil pãesinhos para distribuição aos fiéis, nas festas de Santo Antônio. Em 1951 os irmãos Azevedo Ribeiro (v.) passaram a dirigir a empresa. Por volta da passagem dos anos 70 para os anos 80 o Vosso Pão desapareceu, surgindo na área que ocupava, na esquina das ruas Santo Antônio e Prudente de Moraes, o edifício Canadá.

**RIBEIRO, Cândido Barata.** N. Bahia, 11.3.1843. F. Rio de Janeiro, 10.2.1910. Médico e político eminente, c. em Piracicaba em julho de 1866 com Ana Cornélia Borges, n. Lages, SC, a 16.9.1848 e f. Rio de Janeiro, RJ, a 15.11.1933. FF: Bento, Felizardo. Doutor em medicina em 1867 pela Faculdade do Rio de Janeiro. Após um período de permanência em Sorocaba, SP, residiu e trabalhou em Piracicaba de 1869 a 1873. Foi médico particular de Prudente de Moraes Barros no Rio de Janeiro, quando este ocupou a presidência do país. Fez parte do grupo de signatários do manifesto em favor do Partido Republicano, juntamente com Manoel de Moraes Barros, Miguel Arcaño Benício Dutra, Bento Barreto do Amaral Gurgel, Ricardo e Jaime Pinto de Almeida, Pedro Liberato de Macedo e outros, enviado por cidadãos de Constituição (Piracicaba) em 1870 à redação do jornal *A República* no Rio de Janeiro e por este publicado, como primeira ostensiva manifestação de apoio ao novo partido. A Santa Casa de Misericórdia enfrentava sérias dificuldades, durante a provedoria de Joaquim D'Oliveira César (1869-73), quando Barata Ribeiro aceitou o convite que lhe fizeram, para fazer parte da sua Irmandade. Admitido como irmão a 9.1.1873, foi eleito procurador da Irmandade no dia 25 do mesmo mês, mas a 7 de maio solicitou sua exoneração e mudou-se para a capital paulista. Deixou São Paulo para assumir em Campinas, SP, o cargo de primeiro médico e diretor de serviços clínicos da Santa Casa de Misericórdia, recém-inaugurada naquela cidade. Dirigiu o Hospital de Caridade de Campinas e fundou a Escola de

Crianças Pobres da mesma cidade. Nos anos oitenta passou a atuar no Rio de Janeiro, RJ, ocupando em 1882-83 a cátedra de Clínica Médica e Cirurgia de Crianças na Faculdade de Medicina. Paralelamente às atividades como médico e professor universitário, dedicou-se empenhadamente à política, notadamente a serviço das causas abolicionista e republicana. Teve destacada atuação no movimento de propaganda e favor da emancipação dos escravos no país, declarando-se vigorosamente a favor da libertação total e imediata destes. Na política, o brilho da sua atuação fez com que fosse convidado para ocupar vários cargos relevantes. Presidiu a Intendência do Conselho Municipal do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e foi presidente do Conselho em 1891, prefeito do Distrito Federal em 1892-93, ministro do Supremo Tribunal Federal sem receber vencimentos e senador da república pelo então Distrito Federal (1900-1909). Como cientista e escritor, publicou livros e estudos de matéria médica e de 1865 a 1906 foi um dos redatores do periódico *Atheneo Médico*. Um dos vários dramas de sua autoria, *O Segredo do lar*, foi levado ao palco no teatro Lucinda, no Rio de Janeiro, a 6.9.1881. Durante a época da sua permanência em Piracicaba, escreveu e inter-pretou uma peça teatral, *Noêmia Keller*, na qual Prudente de Moraes Barros fez o papel de Frei Anselmo, como integrantes de um grupo de atores amadores locais. Uma das principais ruas do bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, e um logradouro na cidade de Campinas, SP, têm seu nome. (Cambiaghi, 1984; Barata e Bueno, 2000).

**RIBEIRO (Azevedo Ribeiro), Irmãos** (Séc. 20). Em “Piracicaba” (1959) são mencionados como proprietários de uma rede de casas comerciais, liderada pela tradicional Padaria e Confeitaria Vosso Pão, com matriz na área central da cidade, à rua Santo Antônio, nº 743. Mantinham oito filiais locais: às ruas do Rosário, Governador Pedro de Toledo, Treze de Maio, Bairro dos Alemães (duas filiais), na Cidade Alta

## RIBEIRO (Azevedo Ribeiro)

e Vila Rezende e na Paulista. No “Almanaque de Piracicaba 1955” (Krähenbühl, 1955) há um anúncio da Panificadora e Pastificio Digiacomo, de propriedade de Azevedo, Quissini & Cia, à Praça da Catedral nº 1061. Elias Netto (2000) registra os nomes dos irmãos Azevedo: Alcides, Rui, Décio e Álvaro (v).

**RIBEIRO, José Cornélio.** N. Piracicaba, 1962. F. 1999. Artista plástico. Dedicou-se tanto à pintura figurativa como à arte abstrata. Uma exposição de 47 das suas obras, feitas nos anos noventa, foi organizada e realizada em Piracicaba em abril de 2001, por iniciativa do artista plástico e crítico de arte Cássio Padovani. Incluiu pinturas, desenhos, colagens, esculturas e modelagem em argila. Segundo Padovani, “Ribeiro foi um artista de grande sensibilidade, que tinha um olhar diferente para a vida; em sua obra havia traços de ingenuidade, esperança e expectativa em relação às pessoas” (*Jornal de Piracicaba*, 13.4.2001).

**RIBEIRO, Hamilton** (Séc. 19-20). Médico. Tudo quanto se sabe a seu respeito, de acordo com Cambiaghi (1984), limita-se a um anúncio inserido a 29.1.1916 no *Jornal de Piracicaba*. É mencionado como médico de clínica geral, especialista em moléstias de crianças e das vias urinárias. Manteve consultório à rua Boa Morte, nº 142.

**RIBEIRO, Manoel Dias** (Séc. 19). Mestre carpinteiro. M. T. G. Percin, no *Jornal de Piracicaba* de 2.8.1989, registra que em 1823 a câmara municipal de Vila Nova da Constituição pretendia construir uma ponte sobre o rio Piracicaba, mas não contava com os recursos necessários para a sua feitura. Ribeiro construiu a ponte às suas próprias custas, no local conhecido como Vaievém, no prolongamento da rua dos Pescadores (atual Prudente de Moraes), ponte que, de acordo com a fonte citada, “tornou-se elemento dinâmico no desenvolvimento

da comunidade”. Guerrini (1970) refere-se igualmente a Ribeiro, a propósito de rixas ocorridas em maio do mesmo ano, entre seus escravos e camaradas e os do tenente-coronel Teobaldo da Fonseca e Sousa. Segundo Guerrini, houve “pancadaria da grossa na rua da Praia (hoje Moraes Barros) entre os dois grupos”. O incidente originou-se da disputa entre Ribeiro e o Tenente-coronel a propósito de um terreno do rossio. Fonseca e Sousa valeu-se de um grupo de escravos e libertos para atacar a casa em construção de Ribeiro. “Houve revide e o caso deu muito pano para manga, pois o governo da província deu razão ao oficial e a edilidade não concordou com isso”. A competência provada de Ribeiro na feitura da ponte sobre o rio Piracicaba levou o governo da Província a requisitá-lo para construir uma ponte no Cubatão (3.6.1825). Em agosto de 1827, no entanto, a câmara piracicabana cassou os direitos do mestre-carpinteiro sobre a ponte por ele construída, alegando que não tinha feito os concertos necessários. Seria este, nas palavras de Guerrini, “o primeiro caso de desapropriação que encontramos nos anais de nossa terra. Dessa forma, a ponte, com seu pedágio, passou a ser propriedade do senado (local)”.

**RICCIARDI, Arnaldo** (Séc. 20). F. Piracicaba, 14.6.1999. C.c. Nida Dedini Ricciardi, n. Piracicaba, 1921 e f. São Paulo, SP, 21.1.2006. Ff.: Marcos, Maria Beatriz, Adriana. Empresário e esportista. Personalidade de destaque em Piracicaba no século 20, impôs-se quando moço como uma das principais figuras do esporte local, vitorioso em diversas modalidades nos Jogos Agrícolas de 1940: dardo, arremesso de peso, salto em extensão, 300 metros rasos. Integrou o quadro de jogadores do Flor de Samambaia Futebol Clube nos anos trinta, clube que formava futuros defensores da Associação Atlética Luiz de Queiroz (Rípoli, 1943). Na sua carreira de empresário, uniu-se a João Bottene, Romeu de Souza Carvalho, Mário Dedini,

Dovílio Ometto, Lino Morganti e Armando Dedini (vv.) na criação e consolidação de importante indústria, com sede na rua Santa Cruz: a Metalúrgica de Acessórios para Usinas S.A., Mausa. Casado com uma filha de Mário Dedini (v.), Ricciardi fez parte da Associação de Amadores da Astronomia de Piracicaba, criada em 1981, ocupando o cargo de vice-presidente.

**RIDOLFI, José** (Séc. 19). Italiano de nascimento, mencionado como engenheiro, em documentação da Câmara Municipal relativa ao ano de 1891, na qual figura como co-autor de uma proposta para a criação de uma hospedaria do imigrante em Piracicaba, “feita em primeiro de outubro pelos engenheiros Antônio Soler e José Ridolfi”. A Câmara solicitou ao Estado a instalação do alojamento, sendo necessária para essa finalidade a construção de prédio no largo da Estação Velha, à rua Moraes Barros (local posteriormente ocupado pela Escola Estadual Dr. Alfredo Cardoso). Ridolfi e Soler propuseram na verdade dois projetos: um deles, de um prédio com capacidade para dois mil imigrantes, ao custo de 173:704\$000 réis, e outro, menor, ao preço de 55:664\$000 réis (Guerrini, 1973; Alleoni, 2003). Alleoni refere-se a dois outros Ridolfi (ou Ridolfo), ativos em Piracicaba em 1902-1903, de acordo com registros nos livros caixa e de protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, pois ambos eram seus sócios: Cherubino Ridolfi e Arturo Ridolfo. Na passagem do século, Camargo (1900) incluiu o nome de Olyntho Ridolfi, entre os dos proprietários de vendas e armazéns na cidade, com casa comercial na rua Boa Morte.

**RIDOLFI, Júlio**. N. Piracicaba, 11.2.1905. F. séc. 20. Professor, historiador, jornalista, escritor. Provavelmente descendente dos Ridolfi (v.) ou Ridolfo, imigrantes italianos que se fixaram em Piracicaba no século 19, estudou em Campinas como aluno do Seminário

Episcopal, onde também frequentou o curso de filosofia. Lente de português do Ginásio do Estado em Araçatuba, SP, foi professor em vários outros colégios paulistas, tendo dirigido o Ginásio Diocesano Santa Maria. Presidiu o Centro de Estudos e Divisão Cultural da cidade de Araras, SP, onde viveu e lecionou. Deixou extensa colaboração esparsa em periódicos do país e foi autor do livro *História da Civilização*, destinado a estudantes ginasianos e editado em meados do século.

**RIGHETTO, Marco**. N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. Mencionado por Alleoni (2003), em transcrição da lista de estrangeiros residentes em Piracicaba no começo do século vinte que não se naturalizaram. Provavelmente tronco da família Righetto, que em meados do século vinte mantinham estabelecimento comercial ao lado da Catedral, perto da esquina da rua XV de Novembro. Entre os Righetto que se destacaram no século 20 na cidade, estão Rubens Righetto, que editou o *Guia de Piracicaba* em 1966, e Alceu Marozzi Righetto, que se projetou nos meios cultural e político locais. Graças aos empenhos deste último, foram aceleradas e finalizadas as obras da construção do novo teatro (Teatro Municipal Dr. Losso Netto), inaugurado em 1978. Nessa ocasião, Alceu Righetto estava à frente da coordenadoria de ação cultural da Prefeitura, na administração Hermann Netto (1977-82). N. 1938 e f. 17.6.2008, c.c. Arlete Eli Coghi, ff. Andrea Mara, Vanessa Lia, Christian César e Janaina Cléa, Alceu foi um dos jovens jornalistas de *O Diário* responsáveis em 1974 pelo I Salão de Humor de Piracicaba, concebido por Roberto Antônio Cera e Ermelindo Nardin (Elias Netto, 2000).

**RIGHI, Napoleão** (Séc. 20). C.c. Philomena Francisca Scrocça Righi, n. 1906 e f. Piracicaba, 21.8.2007. Ff.: Neide, Nilza, Norival, Luciano, Helena, Napoleão Filho, Henrique, Natanael, Neuza. Philomena foi sepultada em Rio das

Pedras, SP. Há notícia da presença dos Righi, de origem italiana, em Piracicaba desde o início do século 20. Em 1905 A. Righi pertencia ao quadro de sócios da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba (Alleoni, 2003).

**RIGO, Antônio** (Séc. 19-20). Comerciante. Foi proprietário de uma padaria, à rua 13 de Maio, por volta da passagem do século (Camargo, 1900).

**RIGO, Waldemar Chitolina**. N. séc. 20. F. Piracicaba, 7.7.2004. Contabilista, professor, seresteiro. Fez parte dos quadros docentes de várias instituições de ensino: Ginásio Dom Bosco, Colégio Piracicabano, Álvares Penteados, Escola de Comércio Cristóvão Colombo. Funcionário do Banco do Brasil, teve atuação notadamente nas áreas de seleção e treinamento de pessoal do banco. Apreciador de serestas e ele próprio seresteiro, “era saudosista por excelência”, segundo J.R. Mattos, que acrescenta: “poucos conheceram como ele nossa terra e nossa gente. Era um arquivo vivo... Uma extraordinária criatura” (*Jornal de Piracicaba*, 2004).

**RINN, Daniel**. Séc. 19-20. Ff.: Alain, André, Odila. Engenheiro, presumivelmente de origem francesa. Foi o segundo gerente da unidade piracicabana da Sociéte de Sucrieries Brésiliennes (Engenho Central), logo após o engenheiro dr. Kok (v.). Segundo Aldrovandi (1991), com ele o Engenho “teve um grande progresso. Era amante das caçadas e das pescarias, apresentando uma lesão num dos braços, produzida pela pata de um leão, quando em caçada pela África”.

**RIOS, Nelson Comitre**. N. 1924. F. Piracicaba, 22.9.2005. C.c. Virgínia Seron Rios. Ff.: Ana Maria, Arthur José, Nelson. Industrial conceituado, filho de José Rios e Anna Comitre.

**RÍPOLI, Caetano**. N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. C.c. Emília Vicino Rípoli. Ff.: Clotilde, Joana, Líbero (v.), Maria, Redenta, Romeu Ítalo (v.). Tronco dos Rípoli piracicabanos, foi durante muitos anos funcionário dedicado e estimado do escritório do Engenho Central. Uma fotografia reproduzida por Aldrovandi (1991, p. 112) mostra-o plantando uma árvore comemorativa do Dia da Árvore, junto ao Engenho, com seus companheiros de escritório, por volta dos anos 30: Nelson de Andrade Fogaça, Ignácio de Oliveira Gusmão, Francisco Cesta, João Baptista do Amaral, Euthymio Mendes de Almeida, Oscarino de Assis e Natalim Bertinatto, assim como o jardineiro Domingos Peccini.

**RÍPOLI, Líbero** (Séc. 20). N. Piracicaba. F. São Paulo, SP. C.c. Cecília Rípoli. Ff.: Isabel, Líbero Filho. Fixou residência na capital paulista, onde ocupou vários cargos e foi funcionário graduado da Prefeitura Municipal, ao mesmo tempo em que desenvolvia intensa atividade de caráter político em Piracicaba e em São Paulo. Visceralmente político, homem de comícios em praça pública que se destacava pelo vozeirão e pelo ardor combativo, em meados do século. Ligou-se principalmente ao grupo de políticos piracicabanos que apoiavam Getúlio Vargas (Partido Trabalhista Brasileiro, Partido Social Democrático), na época de Valentim Amaral, Pacheco e Chaves, Vizioli, Bento Luiz Gonzaga Franco, Samuel Neves (vv.). Foi sepultado no Cemitério da Saudade de Piracicaba. Um dos seus filhos destacou-se no mundo das artes: Líbero Rípoli Filho granjeou fama em São Paulo como ator, autor e diretor de teatro, na segunda metade do século vinte.

**RÍPOLI, Romeu Ítalo**. N. Piracicaba, 1914 (1916?). F. Piracicaba, 28.10.1983. C.c. Bela Rípoli. Ff.: Caetano (Neto), Elizabete. Empresário, engenheiro agrônomo, político e esportista que começou como estudante pobre, formou-se em 1941 em agronomia pela ESALQ.

Vivaz, inteligente, dotado de excepcionais dinamismo e capacidade de liderança, muito combativo e irrequieto, salientou-se por seu entranhado amor à terra natal e ao Esporte Clube XV de Novembro, de que foi presidente, assim como pela participação apaixonada na vida política local. Fascinado pelos esportes desde cedo, foi inegavelmente o grande líder do XV de Novembro. Estudou no Ateneu Piracicabano, na Escola de Comércio Cristóvão Colombo e no Colégio Universitário. Após a formatura na ESALQ, foi funcionário da Secretaria da Agricultura do Estado e técnico da Usina Tamoio, em Araraquara, SP, de Pedro Morganti (v.). Teve fazenda e criou a Indústria Piracicabana de Seda. Atraído pelo ramo imobiliário, construiu inúmeras casas populares, vendendo-as a prestações. Em terrenos que eram de propriedade de Mário Dedini (v.), planejou e executou as obras da Cidade Jardim, primeiro loteamento na cidade destinado a oferecer um alto padrão residencial aos seus moradores, dando, assim, uma nova expressão urbanística e arquitetônica a Piracicaba. Dirigiu graciosamente a construção da Maternidade Amália Dedini, inaugurada na Santa Casa, em 1954. Homem público influente e dinâmico, presidiu a comissão responsável pela construção do Ginásio Municipal de Esportes. A Comissão Municipal de Preços contou com Rípoli durante quatro anos como membro e quatro anos como seu presidente. Construiu a Cidade dos Esportes, posteriormente desativada. Em meados do século, os piracicabanos elegeram-no vereador por três vezes consecutivas: 1948-51, 1952-55 e 1956-59. Em 1968, voltou a candidatar-se e novamente foi eleito vereador, tornando-se presidente da Câmara Municipal. Foi candidato a prefeito de Piracicaba (1976) e vice-prefeito. Eram os tempos do regime militar (1964-1985) e Rípoli teve sua casa invadida e seus documentos pessoais apreendidos. Deixou, então a Câmara, amargurado e deprimido. Tempos depois, o Exército enviou-lhe carta informando-o que nada de irregular tinha sido

constatado em seus documentos e atividades (Elias Netto, 1992). A atuação de Rípoli nos esportes piracicabanos foi extensa e decisiva e começou nos tempos de estudante na ESALQ. Graças aos seus empenhos, em 1939 foi criada a Federação Náutica Piracicabana, liderada pelo Clube de Regatas. Dirigiu a antiga Associação Atlética Luiz de Queiroz, tri-campeã de futebol na cidade em 1941-43. Iniciou a construção das arquibancadas do campo do Esporte Clube XV de Novembro, à rua Regente Feijó, e da sua sede social. Presidiu a Liga Piracicabana de Futebol. O XV de Novembro o elegeu presidente seis vezes, desde 1959; faleceu sem completar seu derradeiro mandato, em 1983. Sob seu comando, o XV ganhou os títulos de vice-campeão paulista em 1976 e campeão de interior, após ter realizado excursões por uma dúzia de países. “Em suas mãos”, assevera-nos Losso Netto no *Jornal de Piracicaba* de 29.10.1983, “o veterano clube viveu seus maiores momentos de glória... Lutador intemorato, não transigia com a injustiça. Na política esportiva, cheia de malícia e de desonestidade, Rípoli jamais deixou que esbulhassem os direitos do seu clube e nem dos pequeninos. Porisso mesmo era um verdadeiro líder no futebol paulista, ouvido, respeitado, condutor dos mais autênticos no desporto mais popular do Brasil”. Além da sua devoção ao tradicional clube de futebol, Rípoli sempre teve um carinho e um apego especiais pela Associação Atlética Luiz de Queiroz, cuja história narrou em seu livro *Quarenta anos de glórias* (1943). Foi pioneiro na televisão na cidade: criou a Sobratel, Sociedade Brasileira de Televisão, em associação com Arthur Bernardo, para a fabricação de televisores e implantou na cidade a primeira retransmissora de televisão da América do Sul. Piracicaba o elegeu como uma das personalidades do ano, em 1975-76. Recebeu inúmeros diplomas e condecorações. Uma avenida tem seu nome, no Parque Residencial Eldorado, paralela à avenida Eurico Gaspar Dutra e perto da SP-308 (Rodovia do Açúcar). “Poucos, muito poucos, vibraram como ele



por esta terra, dando seu trabalho em prol do seu engrandecimento e projeção... Uma das suas mais expressivas figuras humanas: Romeu Ítalo Rípoli” (Losso Netto, *Jornal de Piracicaba*, 20.10.1983). (Rípoli, 1943; Elias Netto, 1992, 2000; Pfromm Netto e Martins, 2003; *Jornal de Piracicaba*, 28.10.2003).

**RITTER, Marcelino.** N. Piracicaba, 9.1.1903. F. São Paulo, 23.9.1976. Jornalista brilhante da velha escola, fez parte do grupo conhecido como “a turma de Piracicaba”, na redação de *O Estado de S. Paulo*, na primeira metade do século vinte, que incluía Mário Neme, Sud Mennucci, Léo Vaz (Leonel Vaz de Barros), Hoepfner, Breno e Pedro Ferraz do Amaral (vv.). Fez os primeiros estudos em Piracicaba e iniciou-se no jornalismo na redação da *Gazeta de Piracicaba*. Mudou-se para a capital paulista e passou a trabalhar no *Diário da Noite*. Deixou-o para ingressar na redação de *O Estado de São Paulo*, onde, mercê de seus excepcionais talentos de jornalista e seu exemplar domínio do idioma, foi primeiro redator, depois redator-secretário e por fim (1951) diretor-redator chefe, cargo em que se aposentou. Paralelamente às lides jornalísticas, tornou-se funcionário público na Secretaria da Agricultura do Estado, exercendo cargo de chefia no Departamento de Assistência ao Cooperativismo. Foi secretário geral dos Conselhos de Expansão Econômica do Estado, técnico de economia e finanças, secretário da Comissão de Abastecimento, delegado do governo junto à Feira Nacional das Indústrias. Durante o governo de Fernando Costa (v.), foi seu oficial de gabinete (1941-45). Sua maior contribuição à literatura jornalística está nos editoriais e artigos que deu à estampa no jornal *O Estado de São Paulo*, em meados do século. É de sua autoria o livro *Fernando Costa na interventoria* (Deip, São Paulo).

**RIZZI, Ângelo** (Séc. 19-20). Seu nome faz parte da lista dos associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba correspondente ao

ano de 1898 (Livro Protocolo) (Alleoni, 2003) e reaparece com incorreção ortográfica, “Rissi”, no registro de estrangeiros (1904) residentes em Piracicaba que não se naturalizaram. Presume-se que sejam os Rizzi de fins do século 19, italianos que, imigrantes, passaram a viver e trabalhar em Piracicaba, o tronco da família Rizzi que se expandiu na cidade. Egídio Rizzi teve mercearia na cidade, situada no Mercado Municipal. Foi sócio nº 135 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, registrado sob nº 454/981, a 4.8.1941 (sócio nº 135), com capital registrado de 12:000\$000, segundo Guidotti (2002) e era proprietário de uma mercearia. A esse tronco devem pertencer os numerosos Rizzi piracicabanos que vieram depois, entre os quais Reginaldo Rizzi e Egildo Rizzi e seu filho, Egildo Pereira Rizzi (n. 1936). Este último, musicista emérito e regente de orquestra, tem seu nome ligado à Orquestra Rizzi (1958), à orquestra resultante da fusão das orquestras Piracicabanas de Amadores e Rizzi em 1965 e à Orquestra Sinfônica de Piracicaba, sob a liderança de Hélio Manfrinato, Olênio Veiga (v.) e Egildo Rizzi Filho, desde 1994. Em Alleoni (2003) há uma referência a Vincenzo Rizzo, estrangeiro que residiu em Piracicaba em 1904 e não se naturalizou.

**RIZZI, Reginaldo Pereira.** N. 1923. F. Piracicaba, 1.7.2007. C.c. Aguy Pereira Rizzi. Ff.: Regina, Cláudio Rogério, Carla, Ângelo, Maria Valéria. Era filho de Egildo Rizzi e Rita Leite Pereira Rizzi. Família de musicistas respeitáveis, os Rizzi estão no rol dos mais destacados e devotados cultores da arte musical em Piracicaba, pelo seu talento e por suas iniciativas. Reginaldo foi violoncelista da antiga Orquestra de Amadores Benedito Dutra Teixeira, regida, alternativamente, no passado, por Egildo Pereira Rizzi e Rossini Rolim Dutra (v.). A eles se juntaram vários músicos, como os Manfrinato, os Belluco e outros, retivando-se assim em 1991 a Orquestra Piracicabana de Amadores, que posteriormente se converteu na Orquestra

Sinfônica de Piracicaba. A Orquestra Rizzi, surgida em 1958, com cerca de quinze músicos, fez parte igualmente do passado musical da cidade (O. Veiga, *Jornal de Piracicaba*, 21.5.1993; W. Manfrinato, *Jornal de Piracicaba*, 8.8.1996)

**RIZZO, Ângelo, bispo.** N. Itália (séc. 20<sup>o</sup>). Consagrou em 1985 a Igreja de Sant’Ana, no Jardim Primavera, em Piracicaba. Dom Ângelo Rizzo era da Diocese de Ragusa, na Itália, quando veio a Piracicaba para proceder à referida consagração.

**RIZZOLO, Luiz.** Itália, séc. 19<sup>o</sup>. Comerciante, artesão. Provavelmente as únicas referências a Luiz Rizzolo são as que se encontram em Aldrovandi (1991). Situam-no na Vila Rezende da primeira metade do século 20, onde mantinha uma Fábrica de Polainas (perneiras), da qual reproduz uma fotografia, datada de 1928. Nela aparecem seus prováveis empregados: João Guarda, Rolando Oliveira Diniz (Rolo), Augusto Betoni e Américo Zampieri. Rizzolo pertenceu ao grupo de bons sapateiros que faziam calçados, “e bons”, artesanais. Além de Rizzolo, dedicavam-se a esse mister na Vila Rezende de outrora: Albino Orlandin, Chico Pulvi (apelido), Francisco Matarazzo, Luiz Tordin, João Busato, João Fernandes, Jorge Castellani e Leandro Everaldo. Deve estar ligado por laços distantes de parentesco aos numerosos Rizzolo (Rizzollo) integrantes da população piracicabana no século 21.

**ROCCO, Luís** (Séc. 20). Comerciante. Provavelmente italiano de nascimento, figura como proprietário da Relojoaria e Bijouteria Piracicabana, que mudou da sua localização anterior (?) para a rua Prudente de Moraes, n<sup>o</sup> 69, ao lado da Coletoria. Segundo Alleoni (2003), Rocco faz parte dos italianos residentes na cidade que participaram de uma visita do Conde Antonelli e outros à Fazenda Santa Rosa. Alleoni descobriu outro Rocco morador em Piracicaba na passagem do século: Perrella

Rocco, que pertenceu à maçonaria.

**ROCHA, Felipe Xavier da** (Séc. 19). C. em 1<sup>as</sup> núpcias com Benedita Antônia de Lima Rocha e em 2<sup>as</sup> núpcias com Rita D’Elboux da Richa. Advogado, vereador. Fez parte da câmara municipal da vila de Constituição em 1841-44, onde exercia a profissão de advogado, um dos primeiros da vila, tendo participado em 1841 de comissão criada pela câmara para solenizar a coroação do Imperador D. Pedro II (Guerrini, 1970). Além do exercício da advocacia, Rocha ocupou os cargos de juiz municipal e delegado de polícia, empossado a 18.9.1842. No mesmo ano, foi juiz de direito substituído em Campinas, SP, presidindo a devassa contra implicados na revolução de Sorocaba, SP. Pertencia ao Partido Conser-vador e desempenhou funções e cargos relevantes na edilidade local. Residiu na rua dos Pescadores (Prudente de Moraes), esquina do largo do Teatro (praça José Bonifácio). O casal Rocha levantou em 1873 a Capela dos Passos do Senhor do Horto, anexa à casa em que residiam, concebida, planejada e executada por Miguel Arcanjo da Assumpção Dutra (v.) e inaugurada na Procissão dos Passos do Domingo de Ramos no mesmo ano. Feita no estilo barroco, antes de 1930 a imagem da capela desapareceu, sendo posteriormente recuperada e retornando ao seu nicho original. As pessoas aflitas com problemas familiares recorriam, no passado, à Capela dos Passos, em busca da ajuda divina para resolvê-los (*Jornal de Piracicaba*, 19.3.1978).

**ROCHA, Francisco Franco da.** N. Itu, SP, 1744. F. Piracicaba, 23.6.1813. C. 1<sup>as</sup> núpcias c. Rosa Soares da Silva, ff. Eufrásio, Francisco, João, Luís e Manoel; em 2<sup>as</sup> núpcias c. Maria de Arruda do Amaral, ff. Ana, Antônio, Carlota, Francisco, Gertrudes, Maria (I), Maria (II). Quarto capitão-mor da freguesia de Piracicaba, desde fins do século 18. Seu nome foi proposto a 27.9.1791 por Vicente da Costa Taques Góes e Aranha ao governo da capitania, para ocupar

o posto de capitão-comandante local (1792-1797). Guerrini (1970) informa que “o capitão-comandante seria uma espécie de prefeito de nossos dias, com funções também legislativas”. A proposta afirmava que Franco da Rocha seguiria dentro de oito dias para Piracicaba, “a ver seu povo e receber os novos povoadores e destinar-lhes lugares para seus estabelecimentos e plantações, e providenciar tudo quanto parece conveniente àquela freguesia”. Franco da Rocha voltou a assumir o comando militar da freguesia (1.2.1803 a 23.4.1811), quando Carlos Bartolomeu de Arruda (v.) foi destituído do posto, em virtude de escândalos ligados a “uma tal de Maria das Flores” (Maria Flor de Morais). Em 11.3.1811, alegando “moléstia, velhice e falta de posses”, Franco da Rocha pediu demissão. Teve sesmaria na paragem denominada Jacaréquara. Foi dono de engenho, canaviais e em 1802 um total de oito escravos, mais três agregados (Guerrini, 1970; Santos, 1972).

**ROCHA, João.** N. Piracicaba, 1908. Segundo N. Monteiro no *Jornal de Piracicaba* de 9.7.1998, que publicou livro sobre a participação negra na Revolução Constitucionalista de 1932, especialmente na chamada Legião Negra, João Rocha, o “João Pintor”, foi o único piracicabano que fez parte da Legião. Teria sido o primeiro a embarcar no famoso “Trem Blindado” dos paulistas e participou de combates em Buri, Itararé, Gramado e Cruzeiro do Sul, sob o comando do coronel Afonso Negrão. Monteiro refere-se igualmente à participação no conflito de outros soldados negros de Piracicaba, entre os quais José Felício (n. Charqueada, SP, 1913), Sebastião Firmino de Arruda (n. Piracicaba, 1909) e outros.

**ROCHA, Mamede Monteiro da** (Séc. 19-20). Médico, atuou em Piracicaba desde junho de 1902. Cambiaghi (1984) reproduz os dizeres de um anúncio publicado na *Gazeta de Piracicaba* de 19.6.1902, no qual se apresenta como médico

que trata “pelo método homeopático”. Seu consultório situava-se à rua Piracicaba (atual Voluntários de Piracicaba), nº 21.

**ROCHA & CIA** (Séc. 20). Um anúncio inserido no almanaque de Piracicaba de Krähenbühl (1955) refere-se ao Posto São João, de Rocha & Cia., revendedores dos produtos Shell (gasolina, óleo diesel e querosene), à rua Boa Morte, nº 1280.

**ROCHA NETTO, Delphim Ferreira da.** N. Itu, SP, 9.6.1913. F. Piracicaba, 23.8.2003. C. a 8.1.1937 c. Yara Moreira Freire da Rocha. Ff.: Weimar, José Carlos, Delfim Sérgio. Jornalista, funcionário público. Após estudo com os frades capuchinhos (1919-20), foi aluno do Grupo Escolar Barão do Rio Branco (1921-22) e do Grupo Escolar Modelo da Escola Normal Oficial de Piracicaba (a futura Sud Mennucci), onde frequentou os cursos Primário e Médio, diplomando-se em 1926. Estudou na Escola de Contabilidade Cristóvão Colombo (1929-30) e na Escola Prática de Contabilidade Moraes Barros (1931). Dos 14 aos 18 anos, trabalhou na livraria Americana, de seu tio João do Amaral Mello e depois, de José de Assis (Filho) (v.). Morou e trabalhou na capital paulista (1933-34) e em Bauru, SP (1935). Neste último ano, aprovado em concurso para fiscal de rendas, passou a pertencer, como agente fiscal de rendas, ao quadro de funcionários da Secretaria da Fazenda do Estado, exercendo essa atividade até 1937 na capital e de 1939 a 1944 em São Carlos, SP. Retornou a Piracicaba em 1944, para tornar-se chefe do Posto de Fiscalização Estadual local e Inspetor de Rendas (1949). Trabalhou em Pirassununga a partir de 1955 e em Rio Claro desde 1960. Aposentou-se em 1964 como Inspetor de Rendas e viveu desde então em Piracicaba. Eleito vereador em Piracicaba em 1955, exerceu seu mandato por pouco tempo, em virtude da remoção para Pirassununga. Apaixonado pela imprensa desde a mocidade, começou no jornalismo

com notícias esportivas publicadas pelo *Jornal de Piracicaba* desde 1930. Com sua mudança para a capital em 1933, passou a representar a Associação Atlética Luiz de Queiroz e o Esporte Clube XV de Novembro junto à imprensa paulistana. De 1937 a 1939 fez parte da redação do *Jornal de Piracicaba*. Removido para São Carlos, SP, passou a chefiar a seção esportiva do *Correio de São Carlos* desde 1939. Estava de volta em Piracicaba em 1944, quando seus textos retornaram à página esportiva do *Jornal de Piracicaba*, ao mesmo tempo em que atuava como correspondente dos “Diários Associados” de Assis Chateaubriand, da *Gazeta Esportiva* de Cásper Líbero e da revista carioca *Sport Ilustrado*. Colaborou também no jornal *O Diário* de Piracicaba. Publicou dois livros sobre o E. C. XV de Novembro. Além do título de Cidadão Piracicabano (1967), recebeu numerosas outras honrarias e distinções, como a de Cidadão Prestante, que lhe foi outorgado em 1986 pela Câmara Municipal de Piracicaba, e os de Presidente de Honra, Sócio Remido e Grande Benemérito do Esporte Clube XV de Novembro. Ligado desde 1928 à Associação Atlética Luiz de Queiroz, criou em 1933 o famoso “A Encarnado”, símbolo do clube a partir de então. Recebeu a Medalha do Bicentenário de Piracicaba em 1984 e em 1992 a diretoria da ESALQ instituiu o “Troféu Rocha Netto”, com entrega anual por ocasião da festa de formatura da escola. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, ao Clube dos Escritores, à Academia Piracicabana de Letras e à Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. Seu prodigioso arquivo, cuja documentação se estende de 1913 a 1991, foi confiado em dezembro de 2006 ao Centro Cultural Martha Watts, em subsolo do Colégio Piracicabano, à rua Boa Morte. Além de 600 livros, documentos e troféus, reúne perto de cinquenta mil imagens e trinta mil exemplares de periódicos de esporte, predominantemente de futebol (Família Rocha Netto, 2006).

**ROCHELLE, Edson.** F. 17.10.1990. Engenheiro agrônomo pela ESALQ, formou-se em 1960. É igualmente da família Rochelle, e formado pela mesma escola no mesmo ano, Luiz Antônio Rochelle, mencionado como integrante do seu corpo docente em (ou desde) 1963. Este último doutorou-se em agronomia pela ESALQ em 1970. Augusto Rochelle foi mestre-carpinteiro em Piracicaba e incumbiu-se de obras da Igreja de São Benedito.

**RODRIGUES, Fernando Lopes** (Séc. 19-20). Comerciante, jornalista. Na passagem do século, fundou e dirigiu a Livraria Rodrigues, nos baixos do Clube Piracicabano, à rua Direita (Moraes Barros), nº 71A. Em 1900 publicou um anúncio no *Almanak de Piracicaba* de Camargo, que diz bem da qualidade do estabelecimento. Após indicar como proprietários F. Rodrigues & Cia., refere-se ao seu “completo sortimento de livros nacionais e estrangeiros sobre religião, literatura, teatro, educação, ensino, livros úteis e instrutivos de comércio, agricultura, medicina, jurisprudência, legislação etc.”. E prossegue: “Esta casa encarrega-se de assinaturas de todos os jornais nacionais e estrangeiros, especialmente os de modas. Aceita encomendas de livros para Europa, as quais serão executadas com toda prontidão e módica comissão”. Oferece ainda “livros em branco de todas as qualidades, papel, canetas, lápis, penas, tintas... Imagens, estampas e objetos de devoção, letras douradas... artigos de engenharia, músicas e objetos de fantasia”. Em 1909-10 Rodrigues publicou em Piracicaba *O Jornal das Crianças*, dominical, com quatro páginas, ao preço de um tostão, impresso na Tipografia Meira (Krähenbühl, 1955).

**RODRIGUES, Francisco José** (Séc. 19). Proprietário da tabacaria que passou posteriormente a ser de Justo Moretti, na praça José Bonifácio (esquina da rua São José). Por ocasião da visita de D. Pedro II a Piracicaba, assumiu, ainda jovem, o comando

do “Santo Estevam”, embarcação que conduziu o imperador e sua comitiva em passeio no rio Piracicaba, até o porto de Araquá (N. K. Costa, *Revista de Estudos Piracicabanos*, nº 1, 1972). O imperador visitou Piracicaba duas vezes: em 1846 e em 1878.

**RODRIGUES, João José Lopes, padre** (Séc. 19). Nardy Filho (em Krähenbühl, 1955) menciona-o como um dos sacerdotes coadjuvadores da paróquia de Piracicaba, na segunda metade do século 19. O padre Lopes Rodrigues rezou a sua primeira missa a 21.4.1872 na Igreja Matriz de Piracicaba (hoje Catedral). Foi provedor da Santa Casa de Piracicaba (1874). Uma rua do bairro São Dimas é denominada Padre Lopes, em sua homenagem.

**RODRIGUES, José** (Séc. 20). Comerciante. Fez parte do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, com registro nº 116, datado de 24.3.1939 e capital registrado de 40:000\$000. Era dono de padaria à rua Moraes Barros nº 187 (Guidotti, 2002).

**RODRIGUES, Miguel** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário de padaria à rua Boa Morte, 1591. Registrou-se a 26.3.1940 no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba sob nº 447. Seu capital registrado era de 10:000\$000 (Guidotti, 2002).

**RODRIGUES, Miguel Lopes (Piraci)**. N. Piracicaba, 1917. F. Caieiras, SP, 1974. Cantor e compositor. Começou sua carreira artística em 1941, formando dupla com Diogo Mulero (Palmeira) e apresentando-se na rádio São Paulo, da capital paulista. Além de co-autor de “Rio de Piracicaba” (Rio das Lágrimas), juntamente com Tião Carreiro e Lourival dos Santos, fez diversas músicas de sucesso, entre as quais “Adeus, morena, adeus”, gravada por Tonico e Tinoco em 1946. Oduvaldo Viana contratou-os em 1942 para o programa “Arraiá da Curva Torta”

da rádio Difusora de São Paulo, e a dupla gravou seu primeiro disco em 78 r.p.m., contendo “O burro Canário” de Palmeira e “Mulheres célebres”, do Capitão Furtado e Bandeirante. No mesmo ano passaram a atuar no Rio de Janeiro, na rádio Nacional. Apresentaram-se igualmente no Cassino Atlântico e nessa ocasião o cantor, até então conhecido como Piracicabano, passou a ser apenas Piraci. Em 1944 a dupla gravou “Louvação a São Gonçalo”, de Piraci e Ariovaldo Pires, e “O mundo daqui a cem anos”, de Palmeira, Piraci e Ariovaldo. Retornaram à capital paulista em 1945, contratados pela rádio Difusora, mas separaram-se no ano seguinte. Em 2004 a gravadora Revivendo lançou um cd com 21 interpretações do Palmeira e Piraci. Segundo C. Rangel (*Jornal de Piracicaba*, 4.3.2004) Piraci compôs mais de cinco centenas de músicas e começou sua carreira artística em 1937 com seu irmão Santiago Lopes, como a dupla “Os irmãos piracicabanos”. Dirigiu o setor sertanejo da gravadora Chantecler, lançando discos de cururueiros de Piracicaba. Uma rua tem seu nome, no Jardim Camargo.

**RODRIGUES, Neidson**. N. séc. 20. F. Belo Horizonte, MG, 28.2.2003. Professor da UNIMEP e político. “Teórico socialista, militante da esquerda”, influenciou o prefeito João Herrmann Neto, eleito em 1976, no sentido de adotar uma orientação socializante em sua administração (Elias Netto, 1992).

**RODRIGUES FILHO, Antônio José** (Séc. 20). Estudou no Colégio Piracicabano, nos tempos de misses Stradley e Baxter (vv.) e formou-se pela ESALQ em 1935, lecionando nesta nos anos 30. Foi vice-governador do Estado. Seu filho Roberto Rodrigues foi ministro da agricultura, no governo Lula, até junho de 2006.

**ROESQUELLE, Gabriel** (Séc. 19). Um

dos primeiros médicos de Piracicaba, estrangeiro e naturalizado. A 18.10.1842 apresentou à Câmara Municipal seu diploma de médico e carta de naturalização, segundo Guerrini (1970), que acrescenta: “É um dos primeiros nomes estrangeiros que encontramos nas atas da municipalidade”. A Câmara concedeu-lhe licença para clinicar, em despacho que reza o seguinte: “Pode usar da sua faculdade”. Isto é praticamente tudo quanto se sabe a seu respeito.

**RÖHSLER, Reynaldo** (Séc. 19-20). Fabricante de cerveja em Piracicaba, na passagem do século, mencionado por Camargo (1900). De acordo com a fonte aqui citada, nessa época a cidade contava com pelo menos oito cervejarias. A fábrica era na rua da Glória (atual Benjamin Constant), nº 64, onde também existia a cervejaria Micchi e Rutter.

**ROLIM, José** (Séc. 20). Ff: Marina, Rosaura, Rosicler, Rosiris. Cirurgião dentista. Ativo em Piracicaba em meados do século vinte, é mencionado no “Guia de Piracicaba” de Camargo e Navarro (1958), com consultório à rua Alferes José Caetano, nº 1151. Pai da poetisa Marina Rolim e de várias professoras, formadas pela Escola Normal Sud Mennucci por volta dos anos 40-50.

**ROMANELLI, Luiz** (Séc. 19-20). C.c. Amália Romanelli. FÉ: Clorinda, Guiomar, Leonor, Maria Luíza, Olga, Paulo, Rolando, Vinicius. Tocou na orquestra do Cine Íris Theatre, novo nome, desde 22.10.1910, do cine Bijou Theatre, de Muller & Costa, de que faziam parte Erotides de Campos. Carlos e Melita Brasileira Pinto, João Vizziolli, Osório de Souza (vv.), Adolphino Silva, Totó Carmelo, Renato Guerrini (Elias Netto, 2000; Pfromm Netto, 2001). Uma das filhas de Luiz Romanelli, Clorinda Romanelli, n. 1920 e f. 11.3.2005, foi professora das mais conceituadas na cidade, na segunda metade do século vinte.

**ROMANO, Adyr Costa** (Séc. 20). Advogado. Delegado. C.c. Maria do Carmo de Toledo Romano. F: Adyr de Toledo Romano, n. 1950 e f. em São Paulo, SP, a 7.6.2007. Delegado regional de polícia com sede em Piracicaba, em meados do século. Atuavam nessa época, como delegado adjunto, Zenon Batista Sitrângulo, e Reynaldo Pereira como delegado substituto (Camargo e Navarro, 1958). Em 1959 Romano dava notícia ao Deops-SP dos problemas enfrentados em Piracicaba, cujo destacamento policial contava então com 76 soldados, duas dezenas destes exclusivamente para o controle do trânsito, representado em 1959 por 1.243 automóveis, 1.689 veículos de carga, 64 de transporte coletivo, 30 motos, 2.245 bicicletas e 2.472 carroças. Segundo Romano, a cidade não contava com guarda civil e reivindicava principalmente o asfaltamento das estradas para Limeira, Rio Claro, São Pedro e Tietê, assim como um empréstimo para o reaparelhamento do Serviço de Águas local. Romano viveu os tempos atribulados enfrentados pelo país com a renúncia do presidente Jânio Quadros (25.8.1961), o governo de João Goulart (1961-64) e o regime militar que teve início em abril de 1964 (Elias Netto, 1992, 2000).

**ROMANO, Antônio, comendador.** N. Piracicaba, 26.6.1914. F. São Paulo, 28.7.1983. C.c. Francisca Querubim Romano. Empresário, esportista, filho de Caetano Romano e Maria Azzini, nascido em família modesta com sete filhos (Américo, Antônio, Elisa, Elza, Hélio, Henrique e Pedro), destacou-se na cidade como proprietário da maior organização para retífica de motores a explosão do interior do Estado, funcionando em edifício próprio, à rua São José, nº 1122. O prestígio alcançado pela retífica foi tal que teve clientes importantes fora de Piracicaba, como Assis Chateaubriand, dos Diários Associados e da TV Tupi (Elias Netto, 2003). Paralelamente à atuação como empresário bem sucedido, ganhou notoriedade

no domínio esportivo e à frente da Santa Casa de Misericórdia. Seu pai era sapateiro e Antônio trabalhou, ainda na infância, como engraxate na praça José Bonifácio, para ajudar a manter sua família. Tornou-se, depois, mecânico, profissão a que se dedicou durante toda a sua vida, lidando não somente com automóveis, caminhões, jardineiras e tratores, mas também com locomotivas. Participou como auxiliar de João Bottene (v.) na construção da primeira locomotiva totalmente projetada e produzida no interior do Estado e a segunda do país. Ligou-se em 1958 à empresa União Veículos, juntamente com Maks Weiser e Amadeu Castanho. Nos esportes, jogou em vários times de clubes do Bairro Alto, desde os anos trinta. Eleito presidente do Esporte Clube XV de Novembro em 1953, voltou a ocupar o posto em 1964, empenhando-se na reestruturação do clube. Dirigiu o Lar Franciscano de Menores, o Lar Escola Coração de Maria e foi benemérito do Lar dos Velhinhos e do Clube de Campo Piracicaba. Foi colaborador e organizador da Festa do Divino local. Seu notável espírito filantrópico foi reconhecido pelo Vaticano, que lhe concedeu em 1959 a Comenda da Ordem de São Silvestre. Em 1972 a Santa Casa de Misericórdia o elegeu para provedor, permanecendo no cargo de 1972 até 1983, quando, seriamente doente, deixou-o para falecer logo depois.

**ROMANO, Cezário** (Séc. 20). C.c. Joana Romano. Ff.: Iolanda, Julieta, Tino, Vicente. Comerciante. Teve casa de calçados à rua Moraes Barros, nº 117, registrada no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba a 26.4.1940 sob nº 542, com capital de 15:000\$000. Após seu falecimento, a casa passou a ser dirigida por Tino Romano, dinâmico e muito estimado, que morreu assassinado, uma tragédia que abalou Piracicaba, em meados do século.

**ROMERO, Juan (Juan Romero Garcia)**

(Séc. 19-20). Fez parte da diretoria da Sociedade Beneficente Grêmio Espanhol de Piracicaba, fundada a 26.6.1898. Em 1914 ocupou o cargo de segundo secretário da diretoria (Capri, 1914). Segundo J. Vasques Filho (*Jornal de Piracicaba*, 27.6.2002), os Romero (Garcia) residiram na casa-sede da sociedade de 1924 a 1940. Era um casarão na rua Prudente de Moraes, tendo como vizinhos outro casarão, na esquina da rua São José com a Santa Cruz, e uma chácara do lado oposto com um sobrado ocupado por estudantes. “Nos terrenos da frente..., não habitados, corria, em um grotão, entre a Prudente e a Treze de Maio, um ribeirão, afluente do Itapeva”. Vasques Filho diz que a única atividade da sociedade na casa eram as reuniões mensais da diretoria, que ocorriam em um grande salão.

**RONTANI, Edson**. N. Piracicaba, 23.3.1933. F. Piracicaba, 24.2.1997. C.c. Ivete D’Abronzo Rontani. Ff.: Fábio, Everaldo, Eron, Edson Jr. Advogado, professor, artista plástico, jornalista, funcionário público, vitrinista e decorador, ganhou fama principalmente como desenhista, chargista e estudioso das histórias e quadrinhos. Tinha dez anos de idade quando começou a desenhar. Foi discípulo de Frei Paulo de Sorocaba (v.) e Hugo Benedetti (v.). Atraído pelos quadrinhos, tratou de reunir, ao longo da sua vida, uma das maiores e mais completas coleções particulares de gibis editados no Brasil, composta de mais de 170 mil exemplares de periódicos desse gênero. Essa dedicação aos quadrinhos levou-o a lançar em 12.10.1965 “Ficção”, o primeiro “fanzine” brasileiro sobre quadrinhos, mimeografado e distribuído a centenas de apreciadores do gênero, contando-se entre estes Maurício de Souza, Jô Soares, Zé do Caixão e Gedeone Malagola. Fez pinturas a óleo sobre telas, esculturas, cartuns, caricaturas e desenhos técnicos. Criou e instalou na cidade o Estúdio Orbis, que, além de manter curso de desenho artístico, funcionou como agência de publicidade, fornecendo ilustrações para

anúncios destinados a jornais e revistas nos anos 50 e 60. Deu forma ao boneco-símbolo do Esporte Clube XV de Novembro, o Nhô Quim. Formou-se em direito (1974) pela Universidade Metodista de Piracicaba e aposentou-se em 1988 como funcionário da Secretaria Estadual de Agricultura, tendo colaborado na imprensa local com artigos e ilustrações desde 1952, notadamente no *Jornal de Piracicaba*, *Folha de Piracicaba*, *Diário de Piracicaba*, *A Tribuna de Piracicaba*, *A Folha* e as revistas *Mirante* e *Galeria*. Edson Rontani era genro do comendador Humberto D’Abronzo (v.) e Julieta Meira Barros D’Abronzo. “Um visionário, artista extremamente importante para o cenário das artes gráficas piracicabanas e brasileiras... O primeiro a criar humor gráfico aqui... sem sombra de dúvida, foi o precursor do Salão de Humor em Piracicaba... Além de estimular os jovens a descobrir o humor como uma linguagem de expressão e pensamento, abriu uma porta para a geração que hoje se consagra” (Fausto Longo, *Jornal de Piracicaba*, cit. por M. Benvegna, 25.8.2006). Há uma rua em sua homenagem, no Bairro Verde, e uma sala do Teatro Municipal Dr. Losso Netto tem seu nome (Família Rontani, 2006).

**ROSA, José Caetano, Alferes.** F. Piracicaba, 9.12.1871. Personagem importante na história de Piracicaba no século 19, pertenceu à Câmara Municipal como vereador (1830-32) e foi seu presidente. “Era grandemente estimado” (Guerrini, 1970). Na documentação referente ao censo de 1822 em Vila Nova da Constituição, estudada por Perecín (1991), Rosa aparece na lista da Segunda Companhia de Ordenanças (Piracicaba e Santa Bárbara), como proprietário de engenho de cana, com duas dúzias de escravos e uma produção avaliada em 930 mil réis. Figura na composição da câmara municipal para o triênio de 1822-24 como um dos juizes ordinários da 3ª Câmara, sendo mencionado como cidadão natural de Portugal. Desde 1807 Nicolau Vergueiro (v.) tinha

formado, na primeira gleba por ele adquirida em Piracicaba, uma propriedade agrícola. Em 1816 decidiu deixar a advocacia e dedicar-se mais à agricultura, transferindo sua moradia para Piracicaba. Tratou de promover a feitura de estradas e fez um projeto de edificações que, segundo Forjaz (1924), “consistiu em cruzar todas as ruas, formando ângulos retos, de 40 em 40 braças, de modo que elas tivessem 60 palmos ou 13m3 de largura e formassem quarteirões ou quadras de 1.600 braças quadradas cada um. Esse plano... tornou Piracicaba um das cidades melhor arruadas no Estado de São Paulo” e o alferes Rosa foi incumbido de executá-lo. (Prudente de Moraes Barros, no *Almanaque literário da província de São Paulo*, 1878, pp. 130-131; Marques, 1879, reed. 1980; Forjaz, op. cit.). Uma antiga rua piracicabana, a rua do Pau Queimado, passou a denominar-se desde o século 19 rua Alferes José Caetano, em honra ao benemérito arruador da cidade.

**ROSA, Manoel Francisco, Monsenhor.** N. São Roque, SP, 26.4.1874. F. Piracicaba, 7.6.1965. F. de Antônio Claudino Rosa e Izabel Francisca de Moraes Rosa. Figura de primeira grandeza no passado de Piracicaba, humilde, generoso, humaníssimo e religioso de fé robusta, avulta como um verdadeiro santo, venerado e respeitado por todos. Viveu mais de noventa anos e mais de meia centena de anos viveu-os em Piracicaba, para onde veio em 1910. Nascido numa fazenda de São Roque, passou a ler e escrever muito cedo e aos treze anos recebeu a primeira comunhão, ingressando cerca de dois anos depois no Seminário Diocesano de São Paulo. Fez os cursos básicos, de filosofia e teologia no seminário e destacou-se entre seus companheiros pela memória prodigiosa, assim como pela facilidade com que aprendeu vários idiomas, o latim em particular. Em 1900, a 22.12, foi ordenado na capital paulista. Tornou-se coadjutor da paróquia paulistana de Santa Cecília logo após a ordenação. Foi pároco da igreja de Nosso Senhor do Belém em Descalvado,



SP, de 1902 a 1910. Dom Nery, bispo de Campinas, nomeou-o (20.2.1910) pároco da Matriz de Santo Antônio de Piracicaba e nesta permaneceu até seu falecimento. De acordo com J. C. S. Forastieri (*Jornal de Piracicaba*, 6.7.1994), ao assumir a paróquia, que recebeu do cônego Marçal Ribeiro, encontrou-a dividida entre duas facções: a que era favorável a monsenhor Soledade, seu vigário anterior, e a facção ligada aos frades capuchinhos. O padre Rosa tratou de se entender com estes últimos. Fez-se penitente, e na sua condição de Terceiro Franciscano, conseguiu habilmente incorporá-los na sua paróquia e restabelecer a unidade religiosa com extrema habilidade. “Procurou sempre reafirmar a posição da Igreja, reivindicando a manutenção de direitos que a tradição perpetuara” (Forastieri, op. cit.). O segundo bispo de Piracicaba, d. Aníger Francisco de Maria Melillo (v.), deu um lugar aos seus despojos na cripta da Catedral reservada aos bispos da Igreja. Ali descansa “o monsenhor, o vigário, o amigo de todos”. O sepultamento desse “padre inatacável..., relíquia piracicabana”, segundo João Chiarini, uniu a todos, num ritual ecumênico espontâneo, sem precedentes na história da comunidade” (Forastieri, op. cit.). Uma rua do centro de Piracicaba tem seu nome, estendendo-se da avenida Armando Sales de Oliveira à rua Luiz de Queiroz.

**ROSAS, Joaquim Augusto Ribeiro de Carvalho Rios.** N. Rio de Janeiro, RJ, 24.2.1813. F. 18.5.1873. C.c. Barberina Maria Messias. Médico, filho de José Augusto Ribeiro, cursou a Faculdade de Medicina espanhola de Madri, onde se formou em medicina e cirurgia. Uma ata da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Constituição registra a 3.8.1856 os seus “préstimos em medicina e botica, gratuitamente, aos doentes pobres sob a responsabilidade da irmandade”. Em 1857 solicitou autorização à câmara da vila de Constituição para oferecer seus serviços profissionais de médico. Em 23.8.1859, na

provedoria de Emydio Justino D’Almeida Lara (1858-59), foi lido em sessão da mesa administrativa um relatório do fundador da Santa Casa, José Pinto de Almeida, com “sinceros louvores” a Joaquim Augusto e outros médicos, “pela caridade filantrópica e desinteressada com que espontaneamente prestaram (serviços)”. Manifestação semelhante de gratidão ocorreu a 4.8.1861. Foi nomeado agente vacinador do município a 31.8.1865, sendo assim, confirmada nomeação anterior da câmara (7.7.1865), em substituição a Theodoro Morato do Canto. A nomeação foi aprovada pelo presidente da Província a 14.7 do mesmo ano, como se lê em participação com as assinaturas de Prudente de Moraes Barros, então presidente da câmara, Ricardo Pinto de Almeida e outros. Pertencia a Joaquim Augusto o que teria talvez sido o primeiro carro a rodar pelas ruas da cidade, em 11.5.1868 (Camargo, 1900). Passou a residir em Tietê a 10.11.1866 (Cambiaghi, 1984).

**ROSENTHAL, Elias.** N. São Paulo, SP, 22.9.1932. F. São Paulo, SP, 19.1.2001. C.c. Anna Rosenthal a 20.12.1958. Ff.: Júlio, Sônia, Eliana. Cirurgião dentista e professor, filho de Pedro (v.) e Ana Rosenthal. Os Rosenthal mudaram-se para Piracicaba em 1940. Elias foi aluno do Grupo Escolar Barão do Rio Branco e diplomou-se pela Escola Normal Sud Mennucci nos cursos ginásial, científico e normal. Em 1956 formou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo. Trabalhou inicialmente como cirurgião dentista na capital paulista na Igreja do Calvário e em consultório que manteve juntamente com seu colega Joaquim Lourenço. Teve posteriormente consultório na rua Teodoro Sampaio, em Pinheiros, e por fim na rua Francisco Leitão, juntamente com Marcos Goldchmit, seu cunhado, c.c. Rosa Rosenthal Goldchmit. Apaixonado pelo passado da odontologia entre nós, desenvolveu paralelamente às suas

atividades profissionais numerosos estudos da maior relevância, alguns dos quais se converteram em livros e artigos em publicações especializadas. Visitas a museus europeus, notadamente ao Deutches Museum de Munique, na Alemanha, animaram-no nos empenhos para a criação do Instituto Museu de Odontologia de São Paulo (Imosp), por ele organizado e coordenado. Dedicou-se igualmente, com exemplar envolvimento, à Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas (Apcd) e aos congressos de odontologia realizados no país. Fez a restauração da história da Escola de Farmácia e Odontologia Washington Luiz de Piracicaba (1914-31), posteriormente Escola de Odontologia Prudente de Moraes (1931-35). Presidiu a Distrital Pinheiros da Apcd em várias gestões e em 1999 a Apcd Regional de Piracicaba homenageou-o concedendo-lhe o título de Sócio Benemérito. Ao longo da vida, cultivou como dois “hobbies” que o entusiasmavam desde os anos de adolescência passada em Piracicaba: os atores e filmes de cinema e a música popular norte-americana, que conhecia como poucos. Entre as suas publicações destacam-se *Cem anos da descoberta dos Raios X* (1995), *Os dentes e o folclore no Brasil* (1998), *A odontologia no Brasil século XX* (2001, póstumo) e *A evolução da endodontia* (póstumo, completado pela esposa, com a colaboração de Eva Epelbaum). O museu que criou na capital paulista ganhou seu nome: “Instituto Museu e Biblioteca de Odontologia Dr. Elias Rosenthal”. “Jovial, fala mansa, alegria no rosto, otimismo no espírito, cultura na mente, determinação nos seus objetivos, seus olhos claros mostravam a perspicácia dos inteligentes” (T. R. Magalhães, *Jornal de Piracicaba*, 13.2.2001). Há uma rua Dr. Elias Rosenthal no Conjunto Habitacional Água Branca (Família Rosenthal, 1998).

**ROSENTHAL, Pedro** (Séc. 20). F. 1978. C.c. Ana Rosenthal f. 1982. Ff.: Elias, Esther, Rosa, Paulina, Jayme, Mendel (Dôdo). Negociante.

Após trabalhar em Piracicaba como vendedor ambulante, estabeleceu-se com loja de móveis e roupas feitas à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1421, vizinha da Igreja Metodista, onde permaneceu até 1975. Esteve muito ligado à primeira sinagoga de Piracicaba, que funcionou até 1970, à rua Ipiranga, nº 780.

**ROSSI, Família** (Séc. 19-20). Alleoni (2003) refere-se a várias pessoas com o sobrenome Rossi, provavelmente aparentadas, que emigraram da Itália, fixando-se em Piracicaba, entre fins do século 19 e no início do século seguinte: Ernesto, Flaminio, Giovanni, Luigi, Pietro e Victório Rossi. Seus nomes fazem parte da lista de 1904 dos estrangeiros residentes na cidade que não se naturalizaram, pertencente ao arquivo da câmara municipal. Devem fazer parte dos antepassados de muitos dos numerosos Rossi residentes em Piracicaba, no século 21, que totalizam mais de noventa pessoas.

**ROSSINI, Tácito**. N. Itália, séc. 19. Médico. Formou-se pela “Regie Università di Pisa e di Firenze” e atuou no Hospital Europeu de Alexandria, no Egito, fixando residência em Piracicaba, onde passou a clinicar por volta de 1889. Um anúncio publicado no *Gazeta de Piracicaba* no ano aqui referido, redigido em italiano, informava que estava à disposição do público dia e noite, na residência de Pedro Paulo Lagrega (v.). (Cambiaghi, 1984.)

**ROSTON, Adib José** (Séc. 20). É mencionado por Guidotti (2002) como negociante, dono de uma loja de tecidos à rua Governador Pedro de Toledo nº 229 (esquina da rua D. Pedro II), sob nº 14 no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, com capital de 12:000\$000. Em Salum (2003), vários Roston têm seus nomes incluídos entre os dos associados homenageados “in memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa local: Isac, Jorge, José e Roston J. Roston.

**RUFFATO, Arlindo.** F. Piracicaba, 25.10.1989. C.c. Dirce Souza Pinto Ruffato, n. 1920 e f. Piracicaba, 13.3.2006. Professor. Foi vice-diretor e depois diretor substituto (1951-57 e 1959-61) da Escola Normal Sud Mennucci. A esposa era filha do renomado educador e psicólogo campineiro Antônio Norberto de Souza Pinto e Maria de Lucca Pinto. Situa-se no Jardim Santa Rita uma rua Arlindo Ruffato, junto à avenida das Concepcionistas. Foi sepultado em Campinas, SP.

**RUHUK, Otto** (Séc. 19-20). Comerciante. Foi proprietário de relojoaria na rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo) e era provavelmente de origem germânica (Camargo, 1900). À mesma época, tinham igualmente relojoarias na rua do Comércio: Amador Cosentino e irmão (nº 88), Donato Túlio (nº 110), Lázaro Franco de Godoy (nº 52) e Nicolau Castronovo (nº 99). Dedicavam-se igualmente ao comércio e ao conserto de relógios na Piracicaba da passagem do século Adolfo Woltzenlogel, à rua Direita (Moraes Barros); Amleto Borgo Cavatti, à rua Alferes José Caetano; e Domingos de Barros, no largo Municipal, atual praça Tibiriçá.

**RUIZ, Antônia Matheus** (Séc. 19-20). Professora. Foi a primeira diretora do Grupo Escolar Capitão Antônio Correia Barbosa, desde quando este foi instalado, a 13.11.1923, no bairro Bairrinho.

**RUSSO, Vicente** (Séc. 19). Proprietário do Hotel Piracicabano, que o adquiriu de Modesto Antônio Corrêa Lemos. Situava-se no largo do Teatro, atual praça José Bonifácio. Segundo anúncio publicado em *O Piracicaba* (maio de 1881), era “um antigo e acreditado hotel, com cômodos necessários para hóspedes e comidas todas as horas”. Oferecia “serventes para o giro do estabelecimento”, no qual os hóspedes

contavam com “troles para passeios, viagens às estações das estradas de ferro Paulista e Ituana ou para qualquer ponto” (cit. por Veiga, *Diário de Piracicaba*, 1.8.1959). De acordo com outro anúncio, saído na *Gazeta de Piracicaba em 1882*, “o proprietário... continua às ordens das pessoas que quiserem honrá-lo com as suas freguesias. Das 8 horas em diante há bifes a 400 réis cada um, simples, com batatas ou com ovos. Tabela: por dia, 3\$000; almoço a qualquer hora, 1\$500; em mesa redonda, 1\$000; pensionistas, uma só pessoa, por mês 30\$000; maior número, 25\$000”.



**SÁ, Joaquim José de** (Séc. 19). Uma lei provincial datada de 6.4.1887 concedeu-lhe privilégios para a instalação de “uma linha de bondes, por tração animal ou a vapor entre as cidades de Piracicaba e Rio Claro, ressaltando os direitos da Companhia Ituana, podendo o concessionário construir linhas urbanas nas mesmas cidades”. Sá residia em Rio Claro e a 4.6 do mesmo ano solicitou à câmara piracicabana a celebração de um contrato nesse sentido, mas no dia seguinte a câmara rejeitou a proposta. Um parecer do barão de Rezende a esse respeito (1.7.1887) foi favorável à pretensão do interessado, e assim também um parecer de Prudente de Moraes (12.8.1887). A 17.8 a câmara aprovou a proposta e um contrato foi lavrado e assinado em 3.10.1887. Camargo (1900) dá notícia da existência (1885) de uma linha de troles entre Piracicaba e Rio Claro, que faziam esse percurso em “estrada mal conservada”. Pertencente a Bandeira, Custódio e Granitos, seus troles partiam diariamente às cinco horas da manhã, do ponto à frente do hotel do Lago, em 1900.

**SABINO, José** (Séc. 19-20). C.c. Luiza Sabino. Os Sabino acham-se incluídos no rol das numerosas famílias de emigrantes que deixaram a Itália em fins do século 19 e na primeira década do século 20, fixando-se em Piracicaba, predominantemente na área rural. José Sabino, um desses italianos, aparece na lista de declarações de estrangeiros

(1904) residentes em Piracicaba que não se naturalizaram e que está no arquivo da Câmara Municipal, reproduzida em Alleoni (2003). Na primeira década do século vinte, Sabino adquiriu no bairro rural de Ibitiruna a fazenda-solar da Serranegra, cujo primeiro proprietário foi o Barão da Serranegra, Francisco José da Conceição (v). De 1947 a 1985, a propriedade cafeeira foi administrada por um dos seus descendentes, Nathálio Zanotta Sabino, que a deixou, ao falecer, ao filho José Carlos Sabino, engenheiro agrônomo piracicabano e neto de José Sabino. Entre os visitantes ilustres acolhidos no Solar da Serranegra no século dezenove, destaca-se o Imperador D. Pedro II. Segundo informações prestadas pelo atual proprietário ao *Jornal de Piracicaba* (9.1.2005), as telhas que cobrem o solar foram confeccionadas artesanalmente por escravos na propriedade, “grande produtora e exportadora de café, algodão e cereais” no passado. Outro filho de José Sabino, Natálio, foi c.c. Assunta Paulieri Sabino, n. 1907 e f. Piracicaba em 24.8.1985. Ff.: Luiza, Vergínia, José Carlos, Nelson, Maria Isabel.

**SABINO, Ricardo Leão, capitão.** N. Maranhão (séc. 19?). Militar e professor. Enviado a Portugal a fim de completar os estudos e tendo d. Pedro I (d. Pedro IV de Portugal) assumido a liderança do movimento da restauração do trono português para sua filha Maria da Glória (depois Maria II), participou

como voluntário no cerco da cidade no Porto, nos combates em Évora, na entrada triunfal na capital lusitana. Casou-se e retornou ao Brasil, fixando-se no Maranhão, onde foi professor do poeta Gonçalves Dias (1823-64). Posteriormente, teve o poeta e teatrólogo paulistano Paulo Eiró (1836-71) como discípulo. Sob o comando de Caxias, atuou na Guerra do Paraguai (1865-70), ganhando o posto de capitão do exército e o hábito de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Acompanhou Caxias em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul e residiu em Santo Amaro (São Paulo). Desde 1844 a Câmara Municipal de Constituição vinha pleiteando a criação de uma escola, cadeira ou aula (ginásio) gratuita de Gramática Latina. Criada a escola, Sabino foi nomeado para ser seu professor, incumbido de lecionar latim e francês. Vitti registra que “custou a aparecer” (em 1952) e “volta e meia desaparecia, com justo queixume da Câmara às autoridades competentes”, até que foi embora de vez, sendo substituído por João Baptista Morato do Canto (v). Sabino faz parte igualmente da história do teatro em Piracicaba. Requereu à Câmara a concessão de “um terreno no largo da Forca, para levantar um teatro”. Documentação referente ao ano de 1853 menciona como interessado não mais o capitão, mas uma “Sociedade (Fundadora) do Teatro”, sendo o terreno destinado à edificação do prédio cedido a 23.7.1853, na atual praça José Bonifácio. Guerrini (1970) alude a uma resolução da câmara datada de 17.7.1858, indicando que já havia uma “Casa do Teatro” na cidade, nessa ocasião. Segundo a mesma fonte, em 1859 “os pequenos comerciantes faziam feira nas calçadas do teatro” que precedeu o teatro Santo Estêvão, cuja pedra fundamental foi lançada em 1871 (Krähenbühl, 1955; Guerrini, 1970; Vitti, 1966; Elias Netto, 2000).

**SABOIA, Leopoldo Viriato Figueira.** N. Sobral, CE, 19.12.1890. F. Piracicaba, 26.11.1971. Médico. C.c. Esther do Amaral Mello Saboia, f. de Vicente do Amaral Melo e

Efigênia Leite Negreiros. Ff.: Antônio Leopoldo, Vicente Carlos, Célio Augusto. Filho de José Viriato de Saboia e sobrinho neto do médico Vicente Cândido Figueira de Saboia, visconde de Saboia, possuidor de vários títulos de relevo, que dirigiu a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1881-89). Começou a exercer a clínica em Rio das Pedras e foi médico em várias cidades paulistas (Garça, Cedral, Americana), antes de se fixar em Piracicaba. Foi prefeito municipal de Americana. Teve consultório a rua Ipiranga, nº 25, transferindo-o mais tarde para a rua Santo Antônio, nº 12. Dedicava-se inicialmente à clínica geral e parto, mantendo laboratório de análises clínicas. Passou depois a atender crianças, “moléstias internas de adultos, tuberculose, sífilis e moléstias infecciosas agudas”. Exerceu o cargo de médico-chefe do Posto de Puericultura de Piracicaba.

**SACCÁ, Rosário Averna.** Itália, séc. 19. F. 10.8.1951. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Formou-se na Itália pela Escola Superior de Agricultura de Portici e ocupou o posto de assistente na Estação Experimental de Agricultura de Roma, tendo sido assistente de professores notáveis no seu país natal, como Ampola, Comes e Ulpiani. Contratado a 6.1.1913 para o cargo de professor catedrático da 2ª Cadeira (Botânica, Fitopatologia e Zoologia) da então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, nela permaneceu durante quinze anos como docente e cientista dos mais conceituados, até 1.4.1928. Segundo P. C. T. Carvalho (em Lordello e outros, 1975), “exerceu atividades de pesquisa em Fitopatologia, desenvolvendo intenso trabalho de recenseamento de doenças de plantas. Publicou vários trabalhos de interesse, sobre ocorrência de doenças, novas para a época, em videira, café e outras plantas. Organizou herbários e museu com material coletado em várias regiões do Estado de São Paulo”. De acordo com a mesma fonte, foi vítima de críticas injustas feitas por um seu colega na escola e repetidas impensadamente

por outras autoridades brasileiras em fitopatologia, quando não passavam do produto de incompatibilidades de natureza pessoal. “Para a época, a contribuição de Saccá foi bastante valiosa, podendo ser considerado como um dos pioneiros da pesquisa em fitopatologia no Brasil” (Carvalho, op. cit.). Em seu histórico do departamento de Botânica, Accorsi (em Lordello e outros, 1975) informa que em 1.9.1926 Saccá licenciou-se para seguir viagem à Tripolitânia, Cirenáica, Eritreia e Senegal, a serviço do governo italiano, que mantinha essas possessões em território africano. Após retornar à Luiz de Queiroz, a convite de Arthur Neiva e Fernando Costa (v.), assumiu a chefia da Seção de Fitopatologia do Instituto Biológico do Estado de São Paulo, na capital paulista. Na sua produção científica, destacam-se estudos como os que publicou acerca das doenças da cana-de-açúcar (1916, 34 páginas), do cafeeiro (1917, 101 páginas) e das plantas hortícolas (144 páginas). Grande conhecedor de vinhos, manteve por algum tempo uma sociedade para a fabricação industrial de um vermute de frutas, que, de acordo com Mariconi, teve notável aceitação na cidade. (F. A. M. Mariconi, *Jornal de Piracicaba*.)

**SACHS, Alberto Vollet.** N. 15.9.1906. Professor, político. Formou-se pela Escola Normal Oficial (depois Sud Mennucci) em 1932 e foi seu diretor substituto, de 26.10.1938 a 1.5.1939. Nos anos vinte, foi um dos membros da irmandade da Santa Casa de Misericórdia homenageados com a atribuição do título de “Ilustre” e nas décadas de 30 e 40 exerceu o cargo de inspetor escolar na região. Na década de 50 elegeram-no vice-prefeito de Piracicaba, quando Luciano Guidotti (v.) ganhou a eleição para prefeito (1955). Desentendimentos com este último levaram Sachs a renunciar. Um Vollet Sachs ganhou notoriedade na Inglaterra, como professor de português e literatura, na Universidade de Manchester, na segunda metade do século: Carlos S. Vollet Sachs (*Jornal de Piracicaba*, 21.4.1977; Elias Netto, 1992).

Existe uma avenida Professor Alberto Vollet Sachs, no bairro Nova América, estendendo-se do cruzamento da avenida Prof. Lauro Alves Catulé de Almeida (Fepasa) à avenida Pádua Dias – Rodovia Luiz de Queiroz (SP-304).

**SACHS, André** (Séc. 19). Alemão de nascimento, figura entre as personagens significativas da história de Piracicaba principalmente por ser o criador, em terreno cedido pela Prefeitura, ao lado do Salto, perto da Fábrica de Tecidos Santa Francisca, de Luiz de Queiroz, de um parque que ele próprio construiu, o Parque Sachs, convertido posteriormente em Jardim da Ponte e Jardim do Parque Infantil, onde, em parte, e bem mais tarde, surgiram o Parque Infantil Municipal e o Hotel Beira-Rio. Elias Netto (2000) esclarece que, no início do século 20, “era um lugar privilegiado para piqueniques das famílias piracicabanas... André Sachs como que deu complemento ao grande parque ecológico criado por Luiz de Queiroz”. Criou-o com um quiosque e um pesqueiro, além de fornecer o espaço necessário para um coreto destinado às apresentações de bandas de música. Eram nele disputadas partidas de “jogo hamburguês” (boliche). Em 19.2.1869 a câmara contratou-o para fazer as sarjetas da rua da Quitanda (atual rua XV de Novembro) e em 12.3 do mesmo ano para fazer as calçadas (passeios) em toda a extensão das sarjetas já feitas (Guerrini, 1970). Em 1883, André Sachs montou junto ao Salto uma fábrica de cerveja, “possivelmente a primeira instalada em Piracicaba”, segundo a mesma fonte. Um filho, que tinha o mesmo nome do pai, faleceu em Piracicaba a 14.8.1878, segundo Camargo (1900).

**SACHS, Branca Motta de Toledo.** N. Lorena, SP, 2.8.1906. F. Piracicaba, outubro de 1995. Formou-se como professora na Escola Normal Oficial (posteriormente, a Sud Mennucci), ao tempo em que esta já funcionava em seu prédio definitivo, na rua São João (desde 1917). Paralelamente às atividades docentes, impôs-

se desde fins dos anos trinta como uma das mais ativas e dedicadas líderes da filantropia piracicabana. A 17.10.1939 fundou a Escola de Mães Dr. Álvaro Guião, entidade que passou depois a ter seu nome: Escola de Mães Professora Branca Motta de Toledo Sachs, para atendimento de gestantes sem recursos, proporcionando assistência às mães e futuras mães, orientando-as, fornecendo-lhes vestimentas, medicamentos e alimentos, realizando palestras e reuniões de cunho educativo, na sede da entidade, à rua Prudente de Moraes, nº 1578, no Bairro Alto, e contando com a ajuda de doadores e profissionais voluntários. Branca fez poesias, tendo publicado a maior parte dos seus versos na imprensa local, entre 1939 e 1943. Entre as honrarias e títulos que recebeu, figuram os de cidadã piracicabana, a medalha do bicentenário de Piracicaba, o título de Dama do Ano do Lions Clube, os troféus Cana de Ouro e Gente's e a Medalha de Mérito Prudente de Moraes (1989). (Moraes Júnior, 1944; H. Benetton, *Jornal de Piracicaba*, 1985; *Jornal de Piracicaba*, 24.10.1999).

**SALADINO, Alberto** (Séc. 19). Médico, muito estimado pelo seu espírito caritativo. Dele partiu a iniciativa, com a colaboração do padre Francisco Galvão de Barros (v), de fundar a Conferência de Santo Antônio, para socorro das pessoas necessitadas em Piracicaba. A entidade foi criada em 16.5.1888, contando inicialmente com oito associados e prestando socorro a cerca de nove famílias pobres. Em 1900 socorria 31 famílias e mantinha 17 casas para pessoas desprovidas de recursos. A Conferência filiou-se pouco depois do seu surgimento à Sociedade de São Vicente de Paulo sediada na França.

**SALGADO, Augusto** (Séc. 19). Professor. Dirigiu em Piracicaba, em fins do século 19, o Colégio Ipiranga. Este funcionou anteriormente com outra denominação: Colégio Rosa, de propriedade de Luiz Felipe da Rosa. A 30.11.1894 o colégio foi vendido,

ganhou novo nome e passou a contar com seu novo diretor. Salgado reorganizou o plano de estudos da escola, ajustando-o ao programa do Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo e oferecendo desde então um curso de preparatórios e cursos avulsos (Desenho, Caligrafia, Escrituração Mercantil). Camargo (1900) destacou a aprovação dos seus alunos “em várias faculdades superiores” na capital paulista. Mas a 15.12.1899 a *Gazeta de Piracicaba* publicou carta de Salgado, sobre o fechamento da escola, “depois de cinco anos de vida laboriosa”. Trata-se provavelmente do mesmo Augusto César Salgado que, juntamente com Lacordaire Duarte, Antônio de Pádua Dias (vv), Aristóteles Pereira (1901-1904) e José Vatz, fez parte do primeiro grupo de professores da Escola Prática São João da Montanha de Piracicaba, a futura Luiz de Queiroz, tendo como diretor Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho (1901-1904). Salgado desempenhou cumulativamente o cargo de secretário da escola, permanecendo neste de 14.12.1901 a 22.6.1910 (Lordello e outros, 1975; Reichardt, 2001). Foram seus sucessores os seguintes secretários, de 1910 até os anos 70: Paulo Barbosa de Campos (1910-12), Cherubim Ferraz de Andrade (1913-23), Ricardo Pinto César (v) (1923-40), Antônio Leite de Barros (v) (1940-41), Erasto Castanho de Andrade (1941-51), Serafim dos Santos (1951-59) e Joaquim Piedade (1959-71). Há uma rua Augusto Salgado na Vila Belém. Um Salgado, Eduardo Augusto, formou-se em agronomia em Piracicaba, no ano de 1931.

**SALGOT (SORS), Martinho, Monsenhor.** N. Centelhas, província de Barcelona, Espanha, 1.4.1889. F. Piracicaba, 23.9.1971. Filho de Salvador Salgot e Coloma Sors, estudou com os frades dominicanos no seminário Vich, em Barcelona, completando sua formação na Argentina, em Santa Fé, onde recebeu a ordenação sacerdotal (2.10.1920). Trazido a Campinas, SP, por D. Francisco Barreto, atuou como vigário em várias paróquias: Descalvado,



1925-26; Monte Alegre, 1926-29; Posse de Ressaca, 1929-31; e Rio das Pedras, 1931-35. Em 18.10.1935 assumiu em Piracicaba a paróquia do Bom Jesus (Senhor Bom Jesus do Monte), no Bairro Alto, a terceira surgida na cidade, permanecendo à frente desta durante 36 anos. Inteiramente devotado à missão de condutor de almas, soube aliar com bondade e firmeza a liderança do seu rebanho à ajuda dos necessitados e ao apoio efetivo a obras como as Conferências Vicentinas e a Assistência Social Mariana. Tornou-se amigo do prefeito Luiz Dias Gonzaga (v.) (1935) e tratou de exercer um papel dos mais importantes no desenvolvimento do bairro, que passou a chamar de Cidade Alta, ao invés de Bairro Alto, empenhando-se particularmente nos melhoramentos públicos. Reiniciou as obras da construção da Igreja Matriz da paróquia, paralisadas desde 1932, urbanizando, arborizando, convertendo o local em bela praça, unindo seus esforços aos do novo prefeito, Ricardo Ferraz de Arruda Pinto (v.). Deu atenção especial à Vila Progresso, construindo sua capela e envidando esforços para que surgisse a paróquia de São Dimas (1959), denominação que desde 1965 passou a designar o bairro. Levou avante a construção de várias capelas e igrejas rurais. Sob a sua influência, Pedro Morganti (v.) construiu em 1936-37 a capela de Monte Alegre. Fez também a Casa e o Salão paroquiais do Bom Jesus. O Salão abrigou nos seus primeiros anos a Assistência Social da Paróquia do Bom Jesus, posteriormente transferida para a capela e o salão que o padre Salgot fez no bairro do Piracicamirim. O conjunto que hoje compõe a antiga e extensa Paróquia do Bom Jesus muito deve, como lembra F. S. Castillon, “à operosidade de Monsenhor Martinho Salgot, o Construtor, que não mediu esforços para fazer chegar aos bairros mais afastados da Paróquia os benefícios da presença da Igreja”. “Pároco exemplar”, escreveu J. E. Sesso. “Sua figura de padre solícito e amoroso jamais apagar-se-á”. Dentre as inumeráveis veneras e honrarias que

recebeu, estão o título de Cidadão Piracicabano e a medalha do bi-centenário de Piracicaba. Sesso sublinha ainda que ele “viveu e morreu pobre-mente”. Na última doença, os amigos lhe paga-ram o hospital. Seu nome digno, inspirador e abençoado designa uma avenida na Vila Areão, junto à Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba, entre as avenidas Limeira (SP-147) e Rio Claro (SP-127). (F. S. Castillon, *Jornal de Piracicaba*, 7.4.1994 e 5.6.1994; J. E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, abril de 1986 e 1.4.1989).

**SALIBA, Wahibo João.** N. 1912. F. Piracicaba 21.9.2000. C.c. Maria de Lourdes Limonge Saliba. Ff.: Elizabeth, Carlos Eduardo, Heloisa, Carlos Alberto. Médico, era filho de Saliba João e Nour João. Manteve consultório à rua Quinze de Novembro, nº 824. Pertenceu ao corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, atuando no ambulatório de otorrinolaringologia desde 1960-61. O corpo clínico da Santa Casa concedeu-lhe o título de Médico Honorário, durante a provedoria de Ide Choairy (v.) (1984-90). Em 1978 a Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina homenageou-o com a atribuição do Diploma de Honra ao Mérito. Outros Saliba, igualmente médicos, atuaram em Piracicaba no século vinte e pertenceram igualmente ao quadro de profissionais da Santa Casa: Jorge Saliba, que teve consultório à rua Alferes José Caetano, nº 1111 (anteriormente, nº 1039), e fez parte do ambulatório de oftalmologia, e Wadi João Saliba (v.).

**SALIBA, Wadi João.** N. 1932. F. Piracicaba, 21.2.2006. C.c. Marilda Ramos Stroppa Saliba. Ff.: Carlos Roberto, Luciane, Giseli. Médico. Pertenceu ao corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, tendo sido admitido durante a provedoria de Fleury Bottene (v.) (1969-72). Faleceu em Piracicaba aos 73 anos de idade. Residiu à rua Governador Pedro de Toledo nº 1794 e manteve consultório de otorrinolaringologia (tratamento e cirurgia) à rua Alferes José Caetano, nº 1039.

**SALLES, José.** N. séc. 20. F. Piracicaba, 14.2.1997. Professor, muito estimado e dono de invulgar cultura, formou-se pela Escola Normal Sud Mennucci. Exerceu o magistério nesta última, nas décadas de 50 a 70, assim como em outros estabelecimentos de ensino, como docente de português e francês. Vários livros didáticos de sua autoria, muito apreciados e adotados em numerosas escolas do país, foram editados durante o século vinte. Esportista, praticava futebol, remo e basquete no Clube de Regatas. Uma rua recebeu seu nome, no bairro Terras de Piracicaba.

**SALLES, Rosalvo Ventura de.** N. Salvador, BA, 13.11.1897. F. São Paulo, SP, 17.7.1966. C.c. Regina Octávia Tricânico. F.: Regine Maria. Formado pela Faculdade de Medicina de Salvador, BA, em 1920, trabalhou inicialmente em Pernambuco, tendo fundado vários postos de saúde naquele estado. Atuou igualmente nesse setor no Rio de Janeiro e em São Paulo e instalou postos de saúde em Sertãozinho, São Carlos e Piracicaba. Passou a residir e clinicar em Piracicaba por volta de 1924, mantendo inicialmente seu consultório à rua Benjamin Constant, nº 114, voltado para o tratamento de doenças venéreas, das vias urinárias, sífilis e moléstias de crianças. Assumiu a 18.10.1924 o cargo de médico chefe do posto de higiene local, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), nº 151. Colaborou com a Santa Casa de Misericórdia e foi membro da irmandade desta desde 9.4.1924. Lecionou nos anos vinte na antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia Washington Luiz de Piracicaba e colaborou com numerosos artigos e ensinamentos no *Jornal de Piracicaba* e em outros jornais do país. Fez parte do grupo de médicos que em 1924 se empenharam na criação da Sociedade Médica de Piracicaba, sendo escolhido para assumir a tesouraria desta, e na fundação do Sindicato Médico de Piracicaba em 3.10.1931. Transferiu o consultório para a rua Boa Morte, nº 39 e em

fins de 1931 deixou a cidade, em virtude de sua nomeação para inspetor sanitário das delegacias de Sorocaba e Bauru. Participou, como combatente, na Revolução Constitucionalista de 1932. Após a revolução, ingressou por concurso no Departamento de Saúde do Estado. Ocupou o cargo de Delegado de Saúde da capital e depois o de Inspetor Técnico dos Centros de Saúde do Estado, no qual se aposentou. Foi diretor e conselheiro do Clube Piratininga, na capital paulista. Homenageado pelo clube por ocasião do seu falecimento, fizeram-se ouvir vários oradores, que “enalteceram sua vida, sua obra, seu idealismo, seu amor a São Paulo, sua honestidade, sua bondade”. Seu nome foi dado a rua da capital (Cambiaghi, 1984). Salles foi co-autor dos livros da *Coletânea SNES*.

**SALUM, Issa** (Séc. 20). C.c. Jamile Abdala Salum. Tronco da família Salum radicada em Piracicaba, de origem síria, veio com a esposa para o Brasil nos anos vinte, estabelecendo-se em Piracicaba, onde faleceu. Seu nome faz parte da relação dos homenageados “In Memoriam” da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa piracicabana, na qual constam igualmente os nomes de Hamat Salum e Antônio Salum. Este último, vereador e proprietário da loja de fazendas e armarinho Casa da Paz, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1300 em meados do século, a 1.8.1989 recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Piracicabano. Issa Salum era pai de Elias Salum, formado pela Escola Normal Sud Mennucci e pela Universidade Metodista de Piracicaba, onde lecionou desde os anos 60. Foi professor em escolas estaduais, bem como nas Escolas de Comércio Cristóvão Colombo, Olívia Branco, Mello Ayres e Industrial. Fundou o Clube dos Radioamadores de Piracicaba e vários grupos de escotismo; presidiu a Sociedade Sírio Libanesa local e pertence a entidades importantes, como o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Casado com Maria Alice Paiva Salum

(S. Menezes, *Jornal de Piracicaba*, 14.12.1997; Salum, 2003). Outro membro da família, João Issa Salum (n. 2.7.1931 e f. 2003), comerciante, teve expressiva atuação nas áreas política, de educação e cultura, filantrópica e sindical. Foi suplente de vereador e dá nome a viaduto na rodovia do Açúcar (km 157). No Jardim Monte Líbano há uma rua Issa Salum.

**SALVO, Arlindo de** (Séc. 20). Professor. Dirigi a Escola Normal Sud Mennucci de 27.11.1956 a 26.10.1956.

**SAMPAIO, Abério** (Séc. 20). Farma-cêutico. Estabelecido na Vila Rezende, foi por longo tempo proprietário de antiga farmácia que adquiriu do farmacêutico João Batista Carvalho (Farmácia Carvalho), segundo Aldrovandi (1991).

**SAMPAIO, André Ferraz**. N. Piracicaba, 9.5.1884. F. Piracicaba, 2.9.1946. C.c. Maria José Krähenbühl Ferraz. Industrial, agricultor e professor, era filho do coronel Arlindo Ferraz de Andrade e Delfina Sampaio Ferraz de Andrade. Pai do industrial Lineu Krähenbühl Ferraz (v.). De janeiro de 1926 até o seu falecimento, foi o titular da tradicional Casa Krähenbühl, na rua Governador Pedro de Toledo, inicialmente em sociedade com João Teixeira Mendes. Ambos eram genros do antigo proprietário, Frederico Krähenbühl (v.). Alguns anos depois, André e João se separaram, ficando a parte mecânica da firma com o primeiro e a serralheria e carpintaria com o segundo. Em 1940, Ferraz vendeu a parte mecânica do estabelecimento e ficou apenas com a loja de ferragens, que passou posteriormente a pertencer ao filho Lineu. Além da direção dos negócios da Casa Krähenbühl, Ferraz Sampaio impôs-se com seu dinamismo, objetividade e espírito de liderança na comunidade empresarial piracicabana da primeira metade do século vinte. Destacou-se igualmente como agricultor: plantou eucaliptos

em escala comercial na sua propriedade agrícola e foi pioneiro em citricultura agrícola na região. Duas entidades surgidas na primeira metade do século vinte contaram com ele entre seus fundadores: a Associação Comercial, Industrial e Agrícola, nascida em 9.7.1933, de que foi um dos diretores e mais tarde (1938-41) o segundo presidente; e o Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, que, fundado em 1941 como Associação Profissional, após ano e meio se converteu em Sindicato. Seu pai era agricultor na zona cafeeira de Jaú. Quando moço, André retornou à cidade natal para estudar na Escola Complementar (posteriormente Escola Normal Sud Mennucci). Recebido o diploma de professor, após lecionar durante breve período mudou-se para capital paulista, a fim de trabalhar no comércio de café. A convite do sogro e do irmão deste, voltou a morar em Piracicaba para assumir o posto de gerente da Casa Krähenbühl, dando extraordinário impulso aos negócios da firma. Um ônibus puxado por tração animal e por ele projetado ganhou o nome de “jardineira”, designação que passou a ser adotada em outras regiões. A cidade o elegeu vereador em 1926. Em 1941 fez parte do grupo de cidadãos que criaram o Rotary Club de Piracicaba. Exercia novamente a presidência do Sindicato do Comércio Varejista desde 18.11.1944, mas faleceu sem completar seu derradeiro mandato (*Jornal de Piracicaba*, 10.5.1970; Guerrini, 1970; Guidotti, 2002). Situa-se em Santa Teresinha uma rua com seu nome, paralela à rua Virgílio da Silva Fagundes.

**SAMPAIO, Antônio Moraes**. N. Piracicaba. F. séc. 20. C.c. Etelvina Mader Sampaio. Ff.: Amílcar, Corinho, Diva. Professor, na primeira metade do século vinte e nos anos 50. Geógrafo e historiador, foi vereador e líder da câmara municipal. Exerceu o cargo de inspetor da Escola Normal Livre e do Colégio Progresso de Araraquara, SP, e foi professor de geografia da Escola Normal de Piracicaba

(Sud Mennucci), bem como da Escola Moraes Barros e do Colégio Piracicabano. Em 1932 foi lançado seu livro *Epopéia piracicabana*, impresso em Piracicaba. Publicou igualmente um *Estudo sobre a lenda Nhala Seca* (Melo, 1954).

**SAMPAIO, Cherubim Fernandes de** (Séc. 19-20). Professor. Um dos quinze formandos (30.11.1900) da primeira turma de professores diplomados em Piracicaba pela Escola Complementar (atual Sud Mennucci). Seu paraninfo foi o professor João Lourenço Rodrigues (v.). Teve como companheiros de formatura: Antônia de Azevedo, Olívia Bianco (v.), Anna Joaquina Bueno, Carolina de Souza Costa, Ana Cândida Couto, Avelina Ferreira da Cunha, Cândida Correa Borges, Joaquim Diniz, Domitila de Menezes, José Henrique de Menezes, Joaquim da Silva Nunes, Eugênia Silva (v.), Maria Isabel da Silva e José Martins de Toledo (v.). A primeira turma da Escola, que começou a funcionar a 22.4.1897, incluía cinco alunos que a deixaram no último ano de estudos e foram diplomar-se na capital paulista, na Escola Normal da Praça da República, igualmente convertida em Escola Complementar (1895): Dario Brasil (v.), Filinto de Brito, Adolfo Carvalho (v.), Dario Castanho e Sebastião Fischer. No Jardim Nova Suíça há uma rua Querubim Sampaio, junto à Estrada Municipal.

**SAMPAIO, Eduardo da Costa, capitão** (Séc. 19-20). Vereador em 1926-28, foi prefeito de Piracicaba. Por ocasião das revoltas tenentistas que agitaram o país em 1924, e em São Paulo tiveram por chefe o general reformado Isidoro Dias Lopes, uma junta de revolucionários assumiu em Piracicaba o comando da Prefeitura a 10.7, ficando à frente desta o capitão Costa Sampaio. Foi novamente prefeito em Piracicaba por alguns meses, de fevereiro a julho de 1928 (Vitti, 1966; *Jornal de Piracicaba*, 2.9.1984; Amaral, 1980; Pfromm Netto e Martins, 2003). No

Jardim Taiguara há uma rua com seu nome.

**SAMPAIO, João Domingues.** N. Rio Claro, SP, 26.7.1877. F. São Paulo, 1969. C.c. Carlota de Moraes Barros a 27.9.1899, filha de Prudente José de Moraes Barros. Ff.: Iná, Prudente, Vera. Nome de primeira grandeza nas histórias política e do jornalismo em São Paulo, João Sampaio ligou-se a Prudente de Moraes Barros (v.) por laços de amizade, parentesco e profissionais. Nascido numa fazenda, passou a viver em Piracicaba desde os cinco anos de idade. Seu pai, o coronel Joaquim Fernandes de Moraes Sampaio, foi antigo chefe político, fazendeiro e delegado de polícia em Piracicaba. Após estudar no antigo Colégio Santo Antônio, foi aluno do Colégio Piracicabano a partir de 1890 e completou os estudos na capital do Estado, no Ginásio Paulista. Ingressou na Academia de Direito do Largo de São Francisco em 1894 e tornou-se bacharel em direito em 1897. De volta a Piracicaba no ano seguinte, passou a dedicar-se à advocacia (1898-1907) e em 1899 casou-se com uma filha de Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil da República. Ao mesmo tempo em que advogava, atuava como redator no jornal *Gazeta de Piracicaba*, de 1898 a 1899 e de 1903 a 1904. Em 1901 foi eleito 1º Juiz de Paz local, por um triênio. Como advogado, inicialmente junto com Prudente de Moraes, após trabalhar em Piracicaba de 1898 a 1907, mudou-se para a capital paulista. Militou na área jurídica, até falecer, aos 92 anos de idade. Na capital, deu continuidade à atuação como jornalista. Ingressou no jornal *O Correio Paulistano*, onde foi redator e diretor mais de uma vez e seu reorganizador em 1934. Sua preocupação maior, contudo, foi com a política. Visceralmente oposto à ditadura, foi deputado estadual e federal em várias legislaturas a partir de 1907, pugnando sempre no Congresso do Estado pelos interesses piracicabanos. Foi senador estadual e vereador na Câmara Municipal paulistana. Dotado de excepcional

capacidade de trabalho, atuou com brilho em numerosos setores públicos e privados. Fundou as cidades de Garça, SP, e Londrina, PR, tendo atuado durante longos anos na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, desde 1928. Sua combatividade e seu desassombro são evidenciados por um episódio ocorrido em Piracicaba em 1946, nos tempos da ditadura de Getúlio Vargas. Por ocasião da inauguração do monumento a Prudente de Moraes na cidade, proferiu um verdadeiro libelo contra o regime ditatorial vigente no país e a Carta de 1937. Ao deixar a tribuna, foi detido e durante quinze dias permaneceu preso (*Jornal de Piracicaba*, 1977; Assis, 1976; Sant'Ana, 1987; Pfromm Netto e Martins, 2003). Há uma rua Dr. João Sampaio, no bairro São Judas, e uma escola tem seu nome.

**SAMPAIO, João Manoel de Moraes** (Séc. 19-20). Político, foi vereador em Piracicaba em 1887-89 e 1891 (Vitti, 1966). Está entre os piracicabanos que em 1890 fundaram na cidade a Sociedade Propagadora da Instrução. A Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia conferiu-lhe o título de Irmão Benemérito, durante a provedoria de Antônio Teixeira Mendes (v.) (década de 90), de Irmão Ilustre (1908-9) e Irmão Grande Protetor (in memoriam) na gestão de Coriolano Ferraz do Amaral (v.) de 1930 a 1946 (Moratori, 2004). Os títulos que lhe foram concedidos ressaltam o seu espírito filantrópico. Vários outros cidadãos com sobrenome Sampaio são referidos por Camargo (1900) no rol de fundadores da Sociedade Propagadora: Joaquim André de Sampaio (v.), Francisca Ferraz de Sampaio, Anna Miquelina de Sampaio. A sociedade construiu edifício na rua do Rosário, “espaçoso sobrado de dois andares, de construção simples, mas sólida, em terreno de 50 a 60 ares, ajardinado na frente e cercado de muros”, sendo João Manoel o diretor da construção. Após entendimentos entre a Câmara Municipal e a Sociedade, o prédio foi vendido à primeira por 34 contos de réis e oferecido ao Governo do Estado para a instalação da Escola

Complementar de Piracicaba, a futura Escola Normal Sud Mennucci. A criação da escola ocorreu em 1897, sendo o curso complementar para a formação de professores instalado em 21.4.1897. Posteriormente (1951) o local passou a abrigar a Escola Técnica Industrial Fernando Febeliano da Costa. Camargo (op. cit.) refere-se no seu *Almanak* para 1900 a dois outros Moraes Sampaio, ambos agricultores: Bento M. de Moraes Sampaio e José da Cruz de Moraes Sampaio. Acha-se localizada no bairro Novo Horizonte uma rua João Manoel de Moraes Sampaio.

**SAMPAIO, Joaquim André de/Joaquim Fernando (Fernandes) de Moraes** (Séc. 19-20). Tenente-coronel e político. Vereador em Piracicaba em 1890, 1892, 1893-95 e 1896-98. Intendente municipal, de 1895 em diante “passou a assinar-se Joaquim André de Sampaio, como era geralmente conhecido e como passou aos anais de nossa terra... Um dos grandes homens da história política e administrativa de Piracicaba” (Guerrini, 1970). Figura no grupo de duas dúzias de piracicabanos abonados, apontados por Camargo (1900) como capitalistas, que, como tais, pagavam impostos à prefeitura, correspondendo-lhe o valor de 40:000\$000. A mesma fonte inclui “Joaquim André & Companhia”, provavel-mente a mesma pessoa, na lista dos principais lavradores em Piracicaba, na passagem do século. Quando estava à testa do município, adquiriu a 2.3.1895 um terreno de Francisco Manuel de Oliveira no bairro dos Alemães, para a instalação do Hospital do Isolamento, destinado a doentes de moléstias contagiosas. Guerrini (op. cit.) menciona que Joaquim André teve um seu discurso gravado em fonógrafo pelo dentista Adelardo de Souza Aguiar em Piracicaba, em 1895 (ou antes). Souza Aguiar explorou comercialmente seu aparelho, com “bastante peças para serem ouvidas”. Cobrava um mil réis por pessoa. No bairro da Paulista há uma rua Joaquim André, paralela à avenida Dr. Paulo

de Moraes.

**SAMPAIO, Lázaro Pinto** (Séc. 20). Empresário, contabilista, político. Nome dos mais respeitáveis e prestigiados no contexto político, social e econômico de Piracicaba em meados do século 20, dotado de grande capacidade de liderança e arguto articulador político, faz parte da galeria dos piracicabanos mais notáveis de todos os tempos. De origens modestas, trabalhou como telegrafista ferroviário da Estação Barão de Rezende. O filho de Ana Sampaio e irmão de Inez Sampaio, moço ainda, foi admitido como contador no escritório das oficinas Dedini, quando experimentavam um significativo surto de expansão na década de trinta e se converteu em amigo e colaborador de Mário Dedini (v). Paralelamente à trajetória profissional, deu sucessivas provas do seu talento na esfera política. Foi candidato a prefeito municipal (1947). A cidade o elegeu vereador para o período de 1952 a 1955, reconduzindo-o à Câmara Municipal para novos mandatos em 1956-59 e 1964-67. Em várias ocasiões, Sampaio presidiu a Câmara. Dirigia a empresa de equipamentos pesados Morlet (que teve a parte majoritária de ações adquirida em 1960 pelo grupo Dedini e foi incorporada à Codistil), quando se tornou o primeiro Secretário Municipal de Finanças. Em 1967 fez parte da sociedade que adquiriu o “Diário de Piracicaba”, mas deixou-a dois anos depois. Nos anos 70, fez parte do Conselho Municipal de Expansão e Desenvolvimento Industrial de Piracicaba, que desempenhou importante papel nas negociações de que resultaram a vinda da Caterpillar e o surgimento do distrito industrial. Há uma rua Lázaro Pinto Sampaio estendendo-se da Vila Rezende à Nova Piracicaba, paralela às avenidas Dona Lúcia e Dona Francisca (Elias Netto, 1992, 2000, 2003).

**SAMPAIO, Eduardo da Costa** (Séc. 19-20). Capitão. Vereador (1926-28) e prefeito de

Piracicaba (15.2 a 13.7.1928).

**SAMPAIO, Manoel Rodrigues de** (Séc. 19). Mestre empreiteiro. Contratado pela câmara municipal, fez uma ponte sobre o rio Piracicaba em 1832-33, “na embocadura da rua do Poço” (rua Moraes Barros). A obra foi dada por terminada a 25.12.1833 (Guerrini, 1970; Vitti, *Jornal de Piracicaba*, 7.8.1983). A câmara designou João da Mota para “servir de cobrador em dita ponte”.

**SANCHES, Henrique.** N. 1919. F. Piracicaba, 18.7.2006. C.c. Cacilda Bisson Sanches. Ff.: Fernando Neto, Flávio Rafael, Luiz Eduardo, Paulo Henrique. O tronco dos Gutierrez/Gutierrez Sanches em Piracicaba está ligado a Fernando Gutierrez e Josepha Sanches, nn. presumivelmente no século 19. Três filhos de Henrique Sanches formaram-se em agronomia pela ESALQ. Luiz Eduardo Gutierrez diplomou-se em 1970 e seu nome figurou desde o ano seguinte como professor assistente da ESALQ. Fernando Gutierrez Neto formou-se em 1969 e Flávio Rafael Gutierrez é igualmente engenheiro agrônomo.

**SANCINETTI, Danilo.** N. Jaú, SP, 1928. F. 2003. Engenheiro mecânico, professor, filatelista, numismata. Formou-se em engenharia mecânica pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Uma nomeação para montar a maquinaria da Escola Técnica e Industrial Fernando F. da Costa fez com que viesse a Piracicaba, onde passou a residir. Tornou-se professor e posteriormente diretor da escola. Herdou do pai o gosto pela coleção de selos, moedas, cédulas e outros itens. Membro da Federação Brasileira de Filatelia, foi vice-presidente da Federação das Entidades de Filatélicas do Estado de São Paulo e sucessor de Lauro Natali (v) na presidência do Clube Filatélico e Numismático de Piracicaba (outubro de 1963). O Ministério das Comunicações, por intermédio do clube e

da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, lançou a 14.12.2004 um carimbo com a sua efígie (*Jornal de Piracicaba*, 14.12.2004).

**SANGIRARDI, Ângelo.** N. São Luís do Paraitinga, SP, 1889. F. 25.9.1946. Advogado, escritor, professor. Após concluir a escola primária em sua cidade natal, estudou na capital paulista no Seminário Episcopal (1900-05) e formou-se em direito pela Faculdade do Largo São Francisco em 1911. Lecionou no Ginásio Nogueira da Gama. Em 1911 ingressou na polícia e atuou como delegado em São Luís da Paraitinga de 1911 a 1912, Queluz (1912-1917), Santo Amaro, Pirajuí, Bariri, Monte Azul, Bebedouro, Barretos (1925), Jaboticabal (1926), Itápolis (1929), São José do Rio Pardo (1929) e São Carlos (1930). O governo provisório afastou-o do cargo, mas Sangirardi retornou a este como delegado comissionado em Piracaia. Foi a seguir delegado em São Miguel, São Carlos, Piraçununga e Amparo (1933). Neste último ano, passou a viver e trabalhar como delegado de polícia em Piracicaba, com residência na rua Boa Morte. Nos anos trinta, esteve à frente das delegacias dos municípios de Taubaté, Pindamonhangaba e São João da Boa Vista, transferindo-se em seguida para a circunscrição da capital do Estado e servindo junto à Delegacia de Acidentes em Tráfego. Desde 1913 foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Durante a permanência em Piracicaba, criou e publicou um jornal humorístico semanal com oito páginas, denominado *A Lanterna de Diógenes*, que circulou até 1934. Sangirardi e os demais responsáveis pelo jornalzinho escondiam seus nomes sob pseudônimos pitorescos: diretor, Conselheiro Espinafre; redator, Espadachim dos Arcadas; redator responsável, King Kong; secretário, O Filho do Espinafre. Apresentava-se como “órgão de caráter piadístico e espinafrativo” e satirizava pessoas, usos e costumes da Piracicaba de então. Custava 300 réis. Os nomes dos piracicabanos mencionados no periódico eram

trocados de maneira pitoresca: doutor Fausto Dura Lex (Fausto Lex), Davi Sá Ruge (David Sarruge), Luiz Dilema Silveira Mello (Luiz Silveira Mello), Sebastião Solene Nogueira de Lima, Tônico Anselmo Chuvisqueiro, Juquita de la Carnefraca, Benedito Pires Salamargo, Jorge Silveira Academia, Lauro Capilé de Almeida e outros. Brincadeiras como essas não impediam *A Lanterna* de ter numerosos anunciantes: a Relojoaria Gatti, a Livraria Americana, o Hotel dos Viajantes, o Armazém de Cardinali e Filhos, A Porta Larga, as Casas Pernambucanas, a Fábrica de bolachas e macarrão Aurora, Atílio Alfaiate, o dentista Chedid, os advogados Jacob Diehl Netto, Pedro Krähenbühl, Luís Silveira Mello, Moacir Amaral Santos e muitos outros. O jornalzinho era impresso na tipografia Aloisi. Sangirardi colaborou em jornais e em revistas como a *Onze de Agosto* e a *S. Paulo* (Mello, 1954; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**SANGIRARDI JÚNIOR, Ângelo** (Séc. 20). Filho de Ângelo Sangirardi (v.), delegado de polícia em Piracicaba na década de 30. Advogado, escritor. B. A. Moura (em Lordello e outros, 1975) evoca-o como companheiro dos “boêmios agrícolas” na cidade, nos anos trinta. “Peru, Titico, Candão, Gaúcho, Júlio Seabra (o pai), Thompson, Lineu, Washington e outros. Registra seus múltiplos dotes: conferencista, apaixonado pela música clássica (falou sobre Beethoven, no Teatro Santo Estêvão), “conteur de mesa de bar, *blagueur* sob as copadas árvores do antigo Jardim Público, da Praça José Bonifácio”, orador de comícios, agenciador de estudantes de agronomia para atuação como extras na encenação da ópera *O Guarani* em Piracicaba. Faquir do Circo Teatro Dudu, quando este se apresentou em Piracicaba. Publicou um livro: *Memórias de um passageiro de carrocinha de lixo*, cuja capa apresentava Sangirardi Jr. deitado num carrinho. Bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais, mas deixou de colar grau e fazer o juramento solene. Só o fez diante de Gama e Silva, seu antigo companheiro de

turma na Faculdade de Direito paulista, 22 anos depois. Na sua produção poética, destaca-se o *Poema da cidade*, uma das mais bonitas poesias sobre Piracicaba, reproduzida pelo *Jornal de Piracicaba* de 1.8.1952.

**SANSÍGOLO, Miguel (Michele).** N. Vicenza, Vêneto, Itália (então sob domínio austríaco), 11.6.1850. F. Piracicaba, 9.10.1921. C.c. Virgínia Lovisetto. Ff.: José Egydio, Ausônia, Giuseppe, Ida, Elizabetha, Lino, Emma, Lavínia, Pedro, Yole. Marceneiro, hábil entalhador e proprietário de uma modesta casa de pasto em Caldogno, perto de Vicenza, emigrou da Itália, fixando-se em Piracicaba, onde começou como entalhador de peças para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a Igreja dos Frades. Os filhos colaboravam nesse mister, ajudando-o “a produzir magníficas obras em madeira que ainda hoje podem ser vistas, apesar do tempo”, na igreja inaugurada em 1895 (E. S. B. Ferraz, 2001). Teve residência e marcenaria à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), próximo à rua Treze de Maio. Amigo de Prudente de Moraes Barros, costumava caçar com este, nos campos da região. Após dez anos de permanência no Brasil, resolveu retornar à Itália com a esposa, três dos seus filhos e um neto, mas após alguns anos, voltou a viver e trabalhar em Piracicaba, na mesma casa que ocupava anteriormente, novamente com oficina de marcenaria. De acordo com um dos seus descendentes, Barros Ferraz (op. cit.), o casal Sansígolo teve treze filhos, dez nascidos na Itália e três em Piracicaba, que geraram 36 netos. Os filhos Lino e Pedro, após o falecimento do pai e com a ajuda dos netos, assumiram a direção da casa Móveis Sansígolo, expandindo-a, na rua Prudente de Moraes, entre as ruas Governador Pedro de Toledo e Benjamin Constant. Com a aposentadoria de Lino e Pedro, a firma passou a ser administrada por Miguel Sansígolo (Neto). Uma das filhas de Miguel e Virgínia Sansígolo, Elizabetha (1882-1967), casou-se com Anselmo Ferrari e teve onze filhos, entre

os quais Léo (v.), Orlando e Oswaldo Ferrari. Outra filha, Yole (1901-1981), foi esposa de Octávio de Barros Ferraz. Casaram-se em 1930. Octávio, que ocupou o cargo de administrador do Matadouro Municipal desde 1938, faleceu em 1944, deixando a filha Virgínia e o filho Epaminondas, engenheiro agrônomo formado pela ESALQ em 1958, doutor em agronomia (1968), livre-docente (1974) e professor da ESALQ desde 1960. Sua mãe Yole Sansígolo Ferraz foi durante muitos anos funcionária dedicada e estimada da Escola Normal Sud Mennucci, onde se aposentou, em 1971.

**SANSÍGOLO, Miguel Lino.** Piracicaba, séc. 20. C.c. Maria Antônia Lombardi Sansígolo, f. 13.10.2006. Ff.: Miguel Ângelo, Marco Aurélio, Mário Augusto, Beatriz, Maria Cecília. Filho de Lino Sansígolo e Antônia Cera Sansígolo e neto de Miguel Sansígolo (v). Professor em vários estabelecimentos de ensino, dedicou-se ao magistério em Piracicaba durante dezenas de anos. Professor efetivo da Escola Normal Sud Mennucci desde 1977, nas disciplinas de Desenho geométrico, técnico e arquitetônico e de Trabalhos manuais. Sua simplicidade, retidão e bondade granjearam a estima dos piracicabanos desde meados do século vinte.

**SANTIN, Hermenegildo** (Séc. 20). C.c. Julieta Sansam Santin. Ff.: José Francisco, Mário Antônio, Rosélis Regina (Gele), Wilson Florindo, Sérgio, Valdir, Roselena. Filho de Florindo Santin, agricultor dedicado ao cultivo de cana e cereais, e de Luiza Regina Santo Santin. Hermenegildo teve cinco irmãs: Adelina, Ana, Emília, Maria e Teresa. Deixou a zona rural e passou a viver na Vila Rezende, onde instalou uma pequena oficina, na travessa Maria Maniero. Mudou-se para a avenida Dona Lydia, nº 139 e posteriormente para um grande terreno no primeiro quilômetro da rodovia Piracicaba – São Pedro, ponto de partida para o surgimento e a expansão da Santin S.A. Indústria Metalúrgica (1948). A direção dessa importante empresa



passou a ser exercida por um dos seus filhos, o industrial José Francisco Santin (f. Piracicaba, 9.10.1991). (Aldrovandi, 1991; Elias Netto, 2000).

**SANTOS, André Ferreira dos.** N. 1871. F. Engenho de Dentro, RJ, 1942. C.c. Dileta dos Santos. Ff.: Aloísio, Dildré, Alaíde, Iolanda. Médico negro. Trabalhou inicialmente em São Pedro, SP, nas primeiras décadas do século vinte. Transferiu-se para Piracicaba, onde permaneceu até 1929, tornando-se um dos médicos mais queridos da cidade, o “Doutor Preto, médico experimentado e ótimo clínico geral”, segundo Lycurgo de Castro dos Santos Filho. Prestou atendimento clínico na Santa Casa de Misericórdia desde 1918, a convite do diretor clínico desta, Torquato da Silva Leitão (v.), e na Sociedade Portuguesa de Beneficência. Em outubro de 1921 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. Em 1929, após uma crise na Santa Casa que resultou na demissão de três dos seus facultativos, encarregaram-no de dar atendimento ao ambulatório e ao Asilo de São Lázaro. No mesmo ano, desgostoso com intrigas de natureza política, deixou Piracicaba e instalou uma casa de saúde em Engenho de Dentro, RJ, onde passou a residir e veio a falecer em 1942. Um dos seus filhos, igualmente médico, Aloísio Ferreira dos Santos, morreu assassinado por um frentista de um posto de gasolina (Cambiaghi, 1984).

**SANTOS, Anibal Cypriano da Silveira.** N. São Roque, SP, 17.3.1902. F. 16.8.1979. Médico. C.c. Thaís Pinto Viegas, filha de Antônio Pinto de Almeida Ferraz (v.) e Indiana Viegas Pinto. Ff.: Hume Aníbal, Maria Amélia, Cid Vinio. Irmão de Augusto Graco da Silveira Santos (v.), bem como de Trajano, c.c. a piracicabana Carolina Cintra e colaborador do *Jornal de Piracicaba*, Clotilde (f. 1918) e Hildebrando César (v., f. 1913). Tinha nove anos de idade quando se mudou com a família para Piracicaba, na ocasião em que seu pai, Joaquim da Silveira Santos (v.),

foi nomeado para lecionar português e literatura na escola normal, a futura Sud Mennucci. Após formar-se em Campinas no Ginásio Culto à Ciência, Aníbal cursou a Faculdade de Medicina de São Paulo, diplomando-se em 1930. Durante esse tempo, trabalhou no jornal *Correio Paulistano*. Tornou-se médico psiquiatra do Hospital do Juqueri e em 1940 passou a ser livre-docente de psiquiatria da USP. Pioneiro em eletroencefalografia e na técnica projetiva de Rorschach para psicodiagnóstico, lecionou psicologia médica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e fez parte do grupo responsável pela criação do curso de psicologia nesta última. Organizou e dirigiu o departamento de psiquiatria na Faculdade de Ciências Biológicas de Botucatu, SP; lecionou psiquiatria na Universidade de Campinas; foi professor titular e diretor da Faculdade de Medicina de Jundiá, SP. Publicou mais de quatro centenas de estudos e pesquisas em revistas especializadas do país e do exterior; presidiu o Centro de Estudos Franco da Rocha e a Seção de Neuropsiquiatria da Associação Paulista de Medicina e foi professor assistente de psiquiatria na universidade estadunidense de Illinois (Cambiaghi, 1984).

**SANTOS, Augusta dos** (Séc. 19-20). Professora. Fez parte do grupo dos primeiros docentes da Escola Complementar, surgida em Piracicaba em 21.4.1897 e convertida posteriormente em Escola Normal (a futura Sud Mennucci). Lecionou no primeiro ano, sob a direção de Antônio Alves Aranha (v.), que também ministrava aulas no terceiro ano, assim como sua esposa, Escolástica do Couto Aranha. Além de Augusta, era igualmente responsável por aulas no primeiro ano o prof. João Batista Nogueira (Camargo, 1900).

**SANTOS, Augusto Graco da Silveira.** N. São Roque, SP, 14.4.1900. F. 1971. Professor, jornalista, escritor, Fez curso primário em São João da Boa Vista, SP, e passou a viver e estudar

em Piracicaba. Diplomou-se pela Escola Normal Oficial (a futura Sud Mennucci). Trabalhou na capital do Estado como escrivão e professor da Escola Normal e a seguir no Colégio Estadual e Escola Normal Peixoto Gomide, em Itapetininga, SP, como docente. Colaborou na revista *A Cigarra*, na *Revista do Arquivo Municipal* (de São Paulo), na *Revista do Brasil* e no jornal *O Estado de S. Paulo*. Publicou livros de poesias: *Manbã* (1921) e *Rapsódia* (1924). Em Piracicaba foi secretário de redação do *Jornal de Piracicaba* e um dos fundadores do diário *A Tarde*, junto com João Silveira Mello (v.) e Pedro Ferraz do Amaral (v.).

**SANTOS, Cícero Corrêa dos.** N. Rio Claro, SP, 14.10.1915. F. Piracicaba, 29.1.1994. C.c. Nair Massariol dos Santos. FF.: Célia Regina, Creuza Maria, Armando José, Lizete, Marcos. Filho de Fernando Corrêa dos Santos e Oscalia Góes Santos. Fotógrafo dos mais competentes e uma das pessoas mais queridas e populares, em virtude da jovialidade, generosidade e dinamismo. A cidade o acolheu aos 14 anos de idade. Trabalhou na casa Peu e bem cedo teve início a sua paixão pelo E. C. XV de Novembro, do qual, posteriormente, foi um dos dirigentes. Um dos grandes jogadores de futebol do XV, o zagueiro Idiarte Massariol, foi seu cunhado. Quando o clube ascendeu à I Divisão no futebol paulista (1949), Cícero passou a comparecer aos jogos e às festas com um pitoresco traje caipira, ganhando o apelido de Nhô Quim, nome que o jornalista paulistano Thomaz Manzoni deu ao time. Rocha Netto (*Jornal de Piracicaba*, 27.1.1994) registra que em 1968, quando o XV, tendo ganho o título de campeão da II Divisão do ano de 1967 e retornando à I Divisão, foi homenageado com uma taça de prata pelo governador Abreu Sodré, Cícero dirigiu-se ao Palácio dos Bandeirantes com seu guarda-chuva, chapéu de palha, calça “pula-brejo” e botinas “ringideiras”, para dar ao governador uma gaiola de passarinho. Graças à máquina fotográfica de Cícero,

Piracicaba ganhou imagens valiosas de festas e acontecimentos do passado, notadamente nas áreas política, esportiva, de carnaval e social, muitas das quais tiveram ampla divulgação. Foi um dos fundadores da escola de samba carnavalesca Zoon-Zoon e recebeu numerosas homenagens, troféus e diplomas. A Câmara Municipal, todavia, negou-lhe em vida o título que mais ambicionava, de Cidadão Piracicabano, só o concedendo “post mortem”. Um edema pulmonar agudo pôs fim a esse profissional exemplar, criatura boníssima, quinzista fanático e piracicabano de coração. (Geraldo Nunes, *Jornal de Piracicaba*, 26.1.1994; Mário Terra, *Jornal de Piracicaba*, 30.1.1994; Adriana Ferezim, *Jornal de Piracicaba*, 16.2.2003.) “Na memória de várias gerações que com ele conviveram ele viverá, dificilmente sua figura inquieta se apagará. Ele guardou no papel a imagem de muitos de nós” (A. R. C. L. Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 27.1.1994). No Bairro Alto, uma praça, a praça da sapucaia, ganhou seu nome.

**SANTOS, Geraldo Lopes dos** (Séc. 19-20). Proprietário da loja “A Napolitana” na passagem do século, à rua Prudente de Moraes, nº 69. Vendia ferragens, tintas, louças, ferramentas etc., e era também livraria, papelaria e loja de armarinho.

**SANTOS, Hildebrando César da Silveira.** N. São Roque, 1.10.1891. F. Piracicaba, 5.12.1913. Escritor. Filho do professor Joaquim Silveira Santos (v.), faleceu quando cursava a Escola Agrícola Luiz de Queiroz, a futura ESALQ. “Foi de uma inteligência invulgar... Não deixou livros, mas grande número de produções poéticas pelos jornais de nossa terra” (L. Guerrini, 1970). Publicou poesias e ensaios no *Jornal de Piracicaba*, fez traduções e dedicou-se ao ensino de idiomas.

**SANTOS, Joaquim da Silveira.** N. São Roque, SP, 1.6.1864. F. São Paulo, SP, 23.9.1947. Professor, escritor. Diplomou-se em 1886 pela

Escola Normal de São Paulo. Convidado a participar do seu quadro docente logo depois de formado, não pôde fazê-lo por motivo de doença. Após seu restabelecimento, passou a lecionar em escolas primárias do Estado, em São Roque e São João da Boa Vista. Assumiu em 1910 a cadeira de português na Escola Normal Primária de Piracicaba, a futura Sud Mennucci, permanecendo nesse cargo até 1924. Removeu-se, então, para a Escola Normal de Itapetininga, onde se aposentou. Abolicionista e adepto fervoroso do positivismo de Augusto Comte, fez parte da Igreja Positivista do Brasil e da Igreja Positivista de São Paulo de entidades como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Sociedade Amigos da América, a Sociedade Amigos de Augusto Comte, de que foi patrono, e a Sociedade Brasileira de Cultura. Participou do movimento republicano no século 19 e colaborou nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Diário Popular*. Após aposentar-se, transferiu sua residência para capital paulista e fez parte do primeiro Conselho Consultivo do Estado (1931). Na sua bibliografia, que inclui textos de poesia, filologia, história e filosofia, destacam-se vários trabalhos de cunho positivista, como *A igreja católica e a escravidão*, *Augusto Comte, sua vida e sua obra* e a biografia *Miguel Lemos*. Era pai de Anibal, Hildebrando e Augusto Graco da Silveira Santos (vv.).

**SANTOS, Mário Lásaro dos.** N. 1909. F. Piracicaba, 13.6.1983. C.c. Edméa Barbosa Santos. Ff.: José Lásaro, Edméa, Maria Clara, Mário Lásaro Filho. Cirurgião dentista, formou-se pela Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba de Jorge Augusto da Silveira (v.), que funcionou de 1915 a 1930.

**SANTOS, Moacyr do Amaral** (Séc. 20). Advogado, com atuação destacada na primeira metade do século vinte, foi Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. A propósito da criação da Seção local da Ordem dos Advogados

do Brasil em 26.3.1933, Elias Netto (2000) menciona-o como um “dos advogados que compareceram ao ato (e que) haveriam de ser figuras exponenciais em futuras atividades junto ao Estado e na comunidade”, bem como Jacob Diehl Netto, Luiz Silveira Mello e Aldrovando Fleury (vv.). Lecionou na primeira faculdade de direito de Piracicaba, surgida em 24.2.1933, sob a direção de Acácio Leite do Canto Júnior (v.). Por ocasião da fundação da Associação Comercial de Piracicaba (depois convertida em Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba e por fim na Associação Comercial e Industrial de Piracicaba, Acip) a 9.7.1933, participou da mesa diretora dos trabalhos e fez parte da diretoria provisória da entidade, constituída por aclamação dos presentes; a 13.7, juntamente com Luiz Coury (v.) e Henrique Nehring, foi incumbido da elaboração dos estatutos da Associação. Nessa ocasião, já o reconheciam como “jurista consagrado”.

**SANTOS, Pedro Moura de Oliveira.** N. séc. 19. F. séc. 20. Engenheiro agrônomo, professor. Formou-se em agronomia pela Escola Agrícola Luiz de Queiroz (a futura ESALQ) em 1913 e passou a fazer parte de seu quadro docente como auxiliar de ensino a partir do ano seguinte, na 4ª Cadeira (Agricultura), tornando-se posteriormente professor catedrático. Reis (1921) refere-se a Oliveira Santos como professor que, no início dos anos vinte, ministrava as aulas de Horticultura prática e Prática de máquinas agrícolas. Pertenceu ao corpo de professores da escola até 1940 (Lordello e outros, 1975).

**SANTOS NETO, Laymert Garcia dos.** N. 31.5.1921. Nome dos mais respeitáveis na sociedade piracicabana do passado, destacou-se pela liderança, pioneirismo e arrojo em vários setores, notadamente na telefonia. Em meados do século presidiu a Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba

(depois Acipi). Nessa ocasião, tendo em vista as repetidas queixas a respeito da má qualidade dos serviços telefônicos locais, então sob o controle da Companhia Telefônica Brasileira, Santos Neto entendeu-se pessoal e diretamente com a Secretaria da Viação e a Ericsson do Brasil S.A. Essas negociações originaram a Telefônica Piracicaba Ltda. a 22.5.1953, logo convertida em sociedade anônima, a Cipatel, com 1.800 acionistas em 1958. Santos Neto presidiu desde 1953 a primeira diretoria da empresa, que contou com Francisco Munhoz como superintendente e Esmeraldo Müller como diretor comercial. Construída a sede da organização à rua Voluntários de Piracicaba, estendidos os cabos e a fiação e instalados os equipamentos automáticos, ocorreu a sua inauguração em 19.1.1957, inicialmente com dois mil aparelhos telefônicos. A fundação da companhia é marco significativo do pioneirismo piracicabano no sistema de autofinanciamento para a criação de serviços telefônicos municipais no país (Müller e outros, *Poliântéia...*, 1958; Elias Netto, 2000; Nolasco, 2005).

**SARAIVA, Canuto José** (Séc. 19). Advogado, político, juiz municipal de órfãos (1878). Um dos vereadores eleitos para a câmara municipal de Constituição que tomaram posse a 7.1.1883, para um mandato de 1883 a 1886. Tiveram como presidente Manoel de Moraes Barros (v) e como vice-presidente José Custódio Soares de Barros (Guerrini, 1970). Há uma rua Canuto Saraiva, no Jardim Taiguara, paralela à rua Virgílio da Silva Fagundes.

**SARAIVA SOBRINHO, Antônio**. N. 1881. F. 1945. Moraes Júnior (1994) o inclui entre os poetas piracicabanos da primeira metade do século 20. Trabalhou na *Gazeta de Piracicaba* por volta dos anos 20. Escrevia editoriais e comentários de natureza política, crônicas e poesias patrióticas, segundo a fonte aqui mencionada. A *Gazeta* não sobreviveu após a

morte do seu derradeiro diretor e proprietário, o campineiro Christovam Donatz (1891-1937) (v), de acordo com Guerrini (1970).

**SARDENBERG, Antônio de Carvalho**. N. séc. 19. F. São Paulo, SP, 8.6.1896. C.c. Maria de Carvalho Sardenberg, f. São Paulo, SP, 18.3.1893. Professor de primeiras letras, regente de escola particular em Piracicaba por volta de 1888 (Guerrini, 1970), na época em que a cidade contava igualmente com os professores Augusto Castanho (v), Augusto Saes Cotrim, Tereza Cristina, Fausta de Saes Pompe (f. 7.4.1894 em Piracicaba) e o colégio Santo Antônio, segundo informação datada de 7.8.1888. A Sardenberg e aos demais aqui citados, Mello Ayres acrescenta outros: “ao vesperar a República, Piracicaba apresentava um punhado de nomes dando vida ao ensino particular: Antônio Sardenberg, Pedro Arribot, Jacques Wolf, Tristão Mariano (v), Faria Tavares, Adriano Boucault, José de Azurara” (*Jornal de Piracicaba*, 1.8.1952).

**SBRAVATTI, Ermínio** (Séc. 20). F. Piracicaba, 26.12.1984. C.c. Maria Belloni Sbravatti (f. 2006). Pf.: Deise Conceição, Elenice. É provável que o tronco dos Sbravatti faça parte das inúmeras famílias procedentes da Itália que se fixaram em Piracicaba em fins do século 19 e no início do século seguinte. Os Sbravatti foram proprietários de estabelecimento comercial na cidade, por volta da metade do século vinte (Casa Sbravatti), mas seu sobrenome não faz parte do que estão arrolados em Alleoni (2003), na sua recuperação da “presença italiana em Piracicaba, décadas de 1880 e 1890 e vislumbres do século XX”, na maioria dos casos, antigos associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro local. Ermínio Sbravatti deve ter nascido pouco antes ou depois da passagem do século. Caldari (1990) refere-se a um Sbravatti que atuou na área farmacêutica na Vila Rezende de outros tempos (primeira metade do século vinte) e a Jacira Sbravatti Rizzolo, sócio-fundadora da Sociedade Amigos da Vila Rezende, surgida em 26.11.1958.

Fazem parte do passado piracicabano João Sbravatti, n. 6.7.1906 e f. Piracicaba a 8.2.1979; Lino Sbravatti, n. 26.10.1916 e f. a 24.1.2004 em Piracicaba; e Domingos Sbravatti, f. de Santo Sbravatti e Izabel Guidi, n. 1931 e f. Piracicaba a 15.10.2007.

**SCARANARI, Júlio** (Séc. 20). Comerciante. N. Krähenbühl Costa, no *Jornal de Piracicaba* de 25.8.1992, evoca a rua Moraes Barros das primeiras décadas do século vinte, na região central de Piracicaba, mencionando a alfaiataria de Júlio Scaranari. “No lado esquerdo, a Casa Giraldes, loja do velho Hanibal Carneiro Giraldes, depois um portãozinho, em seguida um prédio mais baixo onde foram o Café do Jamil Nechar e a Alfaiataria de Júlio Scaranari, logo pegado o antigo sobrado do Jornal (de Piracicaba), em continuação..., casas mais baixas, que iam até a esquina da então rua do Comércio (hoje Gov. Pedro de Toledo), espaço em que estiveram a casa residencial de D. Clotilde, irmã de dr. Antoninho Pinto de Almeida Ferraz, as Livrarias de José de Assis e a de Justino Leal... (Americana e Leal), uma delas vizinha de A Musical, de Belmácio Pousa Godinho e, finalmente, na esquina, a agência do Banco do Brasil, de que era funcionário o sr. Hildebrando de Magalhães... Do lado direito..., um sobradão antigo, de taipa, datando do ano de 1870. Pertenceu a Pedro (Pedrinho) Camargo, que o vendeu quando se mudou para São Paulo. Ali, isto é, no sobradão, foram feitos vários estabelecimentos. A Farmácia Central, de Guilherme de Matos, a Livraria Giraldes, de José Carneiro Giraldes, uma casa de Materiais Elétricos de Jaques Cotrim e Docler de Castro, este cunhado daquele, o Restaurante Comercial do velho Lescovar. Isso em baixo, no andar térreo. Em cima..., cursos preparatórios do dr. Otávio Teixeira Mendes e prof. Adolfo Carvalho. Instituto Musical Piracicabano, de d. Carminha Chagas de Moraes e Chiquita Arruda (Sales de Arruda), sede da antiga UDN, sociedades dançantes etc. Prosseguindo..., a

Marcenaria do Zara, o Café Central de Avelino Franco do Nascimento..., a Garaparia do Estácio, que foi genro do barão Borges, a Casa Silveira, Sapataria de Prudente Silveira Mello, o Salão Smart de Pedro Chiarini e seu cunhado Romero... afinal, na esquina com a Governador, a relojoaria do Gatii... Ia me esquecendo da Livraria Católica e da Alfaiataria do Mitidieri?”.

**SCARPARI, José** (Séc. 20). F. Piracicaba, 1982. C.c. Josefina Amstalden Scarpari, f. Piracicaba em 2001, que, em 1<sup>as</sup> núpcias, foi casada com Paulo Danelon. Ff.: Leonor, Antônio José, Maira de Lurdes, Maria Aparecida, Edite, Elza. Do seu primeiro casamento, Josefina teve os ff. Luís e Paula Danelon. O *Guia de Piracicaba* editado por Righetto (1966) refere-se à (Ótica e) Relojoaria Scarpari, na Vila Rezende, à avenida Rui Barbosa, nº 536. Em 20.5.1975 faleceu em Piracicaba Antônio Scapari.

**SCHALCH, Ida**. N. Piracicaba, 21.12.1881. F. Piracicaba, 14.10.1968. Piracicabana, filha de um casal europeu (o pai, um engenheiro suíço; a mãe, alemã), viveu quase toda sua existência na cidade em que nasceu. Schalch era um sobrenome conceituado na Europa, associado a nomes importantes nos domínios da ciência, geologia, medicina, pintura e arquitetura. Ida teve duas irmãs, igualmente nascidas em Piracicaba, igualmente alunas do Colégio Piracicabano: Sophia (n. 1878) e Helena (n. 1880). Seus pais foram proprietários do Hotel Europa, na rua do Comércio (posteriormente rua Governador Pedro de Toledo). Elias (2001) salienta que as irmãs Schalch talvez “tenham sido das primeiras brasileiras a se especializarem”, com o apoio de uma sociedade dos EUA, a “Woman’s Missionary Society”, para o exercício de atividade missionária no Brasil e a direção dos colégios que os metodistas começaram a criar no país. Ida formou-se no Piracicabano em 1911 e enveredou pelos caminhos da pintura, tendo como professores Alípio Dutra e Joaquim Bueno de Mattos (vv.). Estudou pintura e

retratos na capital paulista. Expôs em 1916 e em 1918 no Rio de Janeiro, conquistando menção honrosa de 2º grau na XXIII Exposição de Belas Artes de 1916, e em Piracicaba a partir de 1920, tendo posteriormente participado do Salão de Belas Artes local. Foi professora de pintura e desenho no Colégio Piracicabano, até aposentar-se (1961). Suas irmãs Helena e Sophia estudaram igualmente nos EUA. A primeira dedicou-se à matemática e lecionou essa disciplina no Piracicabano. Fez curso de pós-graduação no “Randolph Maccon College”, na Virgínia, nas áreas de matemática, física e química e exerceu a docência até 1950. Sophia, a irmã mais velha, dedicou-se ao jardim de infância do colégio. Estudou pedagogia e psicologia na “Methodist Training School” do Tennessee. Dirigiu durante quinze anos o jardim da infância e paralelamente lecionou psicologia e pedagogia, no período matutino. Atuou por algum tempo no Colégio Noroeste em Birigui, SP, e no Colégio Isabela Hendrix de Belo Horizonte, MG, mas regressou a Piracicaba para residir com as irmãs. Organizava festas no colégio e foi amiga devotada da Lídia Rezende (v.), filha do barão de Rezende. Doou, pouco antes de falecer, a casa em que residia com as irmãs ao Colégio Piracicabano, à rua do Rosário, nº 1260, convertida posteriormente em Clínica de Fisioterapia da Universidade Metodista de Piracicaba. Ida Schalch é a única piracicabana do sexo feminino que figura entre os cinquenta artistas plásticos biografados por F.A.F. Ferraz de Mello (1999) no seu *Dicionário piracicabano de artistas plásticos*. (Elias, 2001; Mello, 1999.)

**SCHAMMASS (CHAMMA), Dib (Dudu).** N. 1910. F. Piracicaba, 17.5.1976. C.c. Odette de Souza Schammass. Ff.: Celso Salim, Elizabeth Maria, Eliana Aparecida e Márcia de Fátima. Comerciante. Vários membros da mesma família viveram e trabalharam em Piracicaba, durante o século 20. Entre os sócios homenageados “in memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa local, Salum (2003) anota os nomes

de George Chamma, Matilde Chamma, Nagib Chamma e Salime Chamma. A fonte citada inclui o armazém José Chammas, na esquina das ruas Santa Cruz e Regente Feijó, entre as casas comerciais de árabes radicados em Piracicaba durante o século vinte.

**SCHEIBER, Júlio** (Séc. 19-20). Jornalista. Leo Vaz (1967) recorda que Scheiber foi um “consumado conhecedor do ofício (de jornalista)”. Mudou-se com a família, do Rio de Janeiro para Piracicaba, e trabalhou como redator do *Jornal de Piracicaba*, na época em que esteve sob a direção de Álvaro de Carvalho (1904-1912) (v.). De acordo com a fonte citada, Scheiber deixou a redação do jornal por ocasião da campanha civilista de 1909-10.

**SCHIAVON, Conrado.** N. São Paulo, SP, 6.9.1935. F. Piracicaba, 18.9.1997. Advogado. C.c. Vera Tavares Schiavon. Ff.: Conrado Filho, Carla, Veridiana, Renata. Era filho do capitão Jovino Lázaro Schiavon e de Dirce Ferreira de Oliveira Schiavon. Exerceu a advocacia trabalhista em Piracicaba e na região e fez parte do quadro docente da Universidade Metodista de Piracicaba, na sua Faculdade de Direito, de que foi vice-diretor na década de 70. Foi um dos sócios fundadores da Organização Santamarense de Educação e Cultura (Osec), mantenedora da Universidade de Santo Amaro (Unisa), na capital paulista. Seu sepultamento deu-se no Cemitério Parque da Ressurreição. Educador dinâmico e devotado ao ensino, imbuído de um altíssimo senso de responsabilidade social, advogado trabalhista renomado, impôs-se entre os seus pares e seus alunos e na sociedade em geral como modelo e exemplo de dedicação e competência a serviço das melhores causas.

**SCHIMIDT, Jorge Assumpção (Chimitão).** N. Rio Claro, SP, 1924. F. Itapeva, SP, 22.10.2007. C.c. Mirian Pires Schmidt. Seis filhos. Engenheiro agrônomo formado em 1948 pela

ESALQ, instalou em Itapeva em 1949 a 1ª Patrulha Motomecanizada do Ministério de Agricultura, que teve papel decisivo na modernização do campo da agricultura no sudoeste do estado. Foi eleito vereador, prefeito municipal de Itapeva (1969-72) e suplente de deputado estadual. Criou a “Tribuna Sul Paulista”, primeiro diário local de Itapeva.

**SCHMELLING, Henrique.** N. Alemanha, séc. 19. F. Piracicaba, novembro de 1897. Informa Guerrini (1970), com base em documentação da câmara municipal, que Henrique Schmelling foi proprietário do largo de Santa Cruz. Vendeu-o a Albano Leite do Canto (v.) e este, por sua vez, o cedeu para ser construída a antiga capela de Santa Cruz, antecessora da Igreja ali existente. A doação feita por Canto se fez sob a condição de “continua-rem-se as festas sob sua invocação”. Era ancião quando faleceu em 1897 (Camargo, 1900).

**SCHMIDT, Franz (Francisco), coronel** (Séc. 19). Conhecido como “Rei do Café”, um dos inúmeros cidadãos de origem germânica que emigraram para o Brasil no século 19 e passaram a viver e trabalhar inicialmente como colonos em propriedades rurais de Piracicaba. Júlio Conceição a ele se refere e também ao seu irmão (Franz e Wilhelm), em monografia que editou em 1912, cit. por Krähenbühl (1955). Foi uma “figura excepcional”, de acordo com este último, que acredita tratar-se na verdade de Jorge Schmidt, “nome que aparece em quase todas as escrituras de contrato de casamento e cuja letra firme e educada indica homem de trato e educação”. Schmidt residiu na colônia de São Lourenço, fundada por volta de 1858 e composta predominantemente por cidadãos de origem alemã. Da colônia de São Lourenço trata o diplomata e estudioso suíço J. J. Von Tschudi, que a visitou em 1860.

**SCHMIDT, Maria da Aparecida, irmã.** N. 1924. F. Piracicaba, 5.3.2007. Missionária do Coração de Jesus Crucificado. Era filha de João Conrado Schmidt e Rita Isabel Hebling Schmidt. Era irmã dos profs. Lourdes, Luiz Gonzaga, Nelson, Odila e Therezinha Schmidt e de João Francisco e Mário Schmidt. Vários outros Schmidt fazem parte do passado piracicabano. Carlos Schmidt, no século 20, foi casado com Anéris Maria Schmidt, n. 1936 e f. Piracicaba a 28.9.2007, ff. Carlos Alberto, Rosângela, Maristela, Mateus César, Márcia. Leo Schmidt, n. 1931, f. Piracicaba a 9.9.2007 e foi c.c. Cláudia de Angelis Clementi Schmidt, ff. Giuliano e Luciano. Em meados do século foi instalada e passou a funcionar à rua Boa Morte, nº 1236, a Schmidt Refrigeração Ltda, representante local dos produtos eletrodo-mésticos da marca Frigidaire. Um antigo morador da Cidade Alta, o antigo bairro dos Alemães, foi Jorge Henrique Schmidt, integrante do grupo de moradores do bairro que solicitaram abertura de rua no local (G. Vitti, em Elias Netto, 2003).

**SCHNOR, Orivaldo.** Séc. 20. F. 2004. Empresário. Fundou em Piracicaba em 1982 o Grupo Supricel (Construtora e Incorporadora, Supricel Logística e Supricel Combustíveis), especializado em logística e transporte, comercialização de combustíveis e construção civil, com unidades distribuídas em 16 estados do país. Seus filhos Luís Guilherme, Paulo Fernando e Ana Cláudia assumiram o comando da organização, com a colaboração do diretor Carlos Alberto Olmos, genro de Orivaldo, após seu falecimento (*Jornal de Piracicaba*, 28.10.2007).

**SCHWARTZ, Wilhelm (Guilherme).** N. Rostock, Alemanha, 1872. F. 5.11.1949. C.c. Paula Holtz. Ff.: Jochen Folz, Ilza Paula. Médico. Formado em medicina em seu país de origem, especializou-se em doenças pulmonares e manteve clínica em sua cidade natal, dedicando-se igualmente à otorrinolaringologia (foi

o primeiro médico dessa especialidade em Piracicaba). Deixou a Alemanha para fixar-se no Brasil, inicialmente em Porto Alegre, RS, durante cinco anos, e a seguir em Curitiba e Ponta Grossa, no Paraná. Decidiu viver a atuar profissionalmente em Piracicaba, instalando-se na rua Piracicaba, nº 95. Passou depois a ter consultório à rua do Vergueiro, nº 430, na residência que construiu e onde viveu com a família. Cambiaghi (1984) anota que o dr. Schwartz e a esposa “eram pessoas singulares e originais que conviveram com os piracicabanos durante muitos anos, merecendo deles toda a estima e consideração... Ambos estão sepultados, lado a lado, no Cemitério da Saudade de Piracicaba”. Schwartz fez parte da irmandade da Santa Casa de Misericórdia local desde 1937.

**SCOLARI, Giovanni.** N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. Músico e professor de música. Uma nota da *Gazeta de Piracicaba*, datada de 8.4.1899, refere-se à realização de um “Concerto Scolari” nos salões do Club Piracicabano, festa artística realizada provavelmente para obter recursos destinados ao “velho e notável artista... o professor Scolari, cego e desprotegido, (que) muito merece do público ilustrado”. Acrescenta a nota que participaram da festa, como colaboradoras, “distintas senhoras desta cidade” (cit. em Alleoni, 2002).

**SCOPOLI, Giacomo** (Séc. 19-20). Escultor notável, provavelmente italiano de nascimento, autor de imagens religiosas. Peças de sua autoria encontram-se na Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus do Monte, à rua Moraes Barros, inaugurada em 1925. É igualmente o autor da imagem do Sagrado Coração de Jesus colocada a 15.11.1936 na Igreja do Sagrado Coração de Jesus (*Jornal de Piracicaba*, 8.7.1998) e de um crucifixo de três metros, no Museu Histórico e Religioso instalado no antigo dormitório do Seminário Seráfico, na avenida Independência.

**SCUDELLER, Wenceslau.** N. Susegama, Treviso, Itália, 3.10.1889. F. séc. 20. Tronco da família Scudeller, tradicionalmente ligada à indústria e ao comércio piracicabanos, veio para o Brasil com o irmão Guilherme e os pais Giovanni e Tereza Franceschi Scudeller em navio que partiu de Gênova a 1.1.1892 e um mês depois aportou no Rio de Janeiro. Filho de ourives, Giovanni gostava de pintar e tornou-se pintor profissional, tendo trabalhado para importantes fábricas de carros de luxo (Coupé, Landau, Vitória). Segundo Wenceslau, seu pai valeu-se de uma artimanha, a fim de poder imigrar para o Brasil: apresentou documentos no quais constava como agricultor, sendo contratado nessa condição para trabalhar numa fazenda junto ao Jaguari, na região de Campinas. Após alguns meses, mudou-se para Piracicaba, onde tinha um patrício seu amigo, João Zara. Depois de alguns trabalhos de caráter temporário, Giovanni foi admitido na Casa Krähenbühl como empregado em 1898. Wenceslau acompanhava o pai e o ajudava na oficina pela manhã e à tarde estudava no “coleginho” mantido pelos frades. Em 1908 passou a trabalhar nas oficinas Krähenbühl, em serviços de pintura. Wenceslau deixou a empresa em 1928 para instalar oficina própria, que passou posteriormente aos filhos, os irmãos Scudeller (*Jornal de Piracicaba*, 10.5.1970). Em Alleoni (2003) é mencionado Nicolau Scudeller como membro da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, registrado no Livro Caixa da associação em 1906. A 24.5.2006 faleceu em Piracicaba Guerino Scudeller, n. 1922 e c.c. Maria Celeste Tedeschi Scudeller. Seus pais eram João Scudeller e Fiorentina Stefani. Deixou seis filhos e foi sepultado em Cerquilho, SP (*Jornal de Piracicaba*, 25.5.2006). Em guias de Piracicaba editados no século 20 (Camargo e Navarro, 1958; Righetto, 1966) são mencionadas a Casa Scudeller de tintas e artigos para pintura em geral, à rua Quinze de Novembro, nº 1114, e a Pinturaria Scudeller, pinturas para automóveis, à rua Dr. Otávio Teixeira Mendes, nº 1238.



**SEBE, Emílio.** Séc. 20. Vereador, teve vários mandatos sucessivos na Câmara Municipal de Piracicaba: 1948-51, 1952-55, 1956-59, 1960-63. Presidiu a câmara e foi prefeito substituído em outubro-novembro de 1962, em virtude das renúncias do presidente da câmara Manoel Rodrigues Lourenço (v.) e do prefeito Salgot Castillon (v.). Pertenceu à Sociedade Beneficente Sírio Líbana local e faz parte do quadro dos homenageados “in memoriam” pela entidade (Salum, 2003). Elias Netto (1992), que se refere a Sebe como vereador do Bairro Alto, registra que o breve período em que permaneceu à frente da prefeitura “foram dias agitados”, principalmente por ter declarado de utilidade pública a Chácara Nazaré e sua vizinha, pertencente à família Botelho, a “chácara do Vevé”. Uma rua da cidade tem seu nome, junto à avenida Dr. Paulo de Moraes.

**SECKLER, José Rodrigues, Monsenhor.** N. e f. Porto Feliz, séc. 19. De 1902 a 1908 foi o décimo segundo vigário da paróquia de Piracicaba. Sucessor do padre Alarico Zacharias de Souza Macários (v.) (1898-1902), ao deixar o paróquiato teve como seu substituído o Monsenhor Vítor Soledade (v.) (1908-10), que precedeu o paróquiato de Monsenhor Manoel Francisco Rosa (v.).

**SEGA, Álvaro Paulo.** N. Piracicaba, 16.2.1917. F. Piracicaba, 7.3.1991. C.c. Lílían Guerrini Segá (v.). Desenhista técnico da ESALQ, são de sua autoria inúmeros desenhos e aquarelas, meticolosos e belos, que figuram em livros, artigos e publicações científicas dos professores da escola. Aposentou-se em 1974. Aluno em artes plásticas de Frei Paulo Maria de Sorocaba e Antônio Pacheco Ferraz (vv.), assim como de Oscar Pereira da Silva em pintura e de Batista Ferri em escultura, freqüentou a Escola de Belas Artes de São Paulo como aluno ouvinte. Participante dos Salões de Belas Artes de Piracicaba, obteve prêmios em 1963, 1965, 1967, 1968 e 1977. Em 1969 ganhou a medalha e o

diploma do bi-centenário de Piracicaba. Pintor, escultor e entalhador, dedicou-se igualmente à música e ao fabrico e restauro de violinos. Fez mais de meia centena de violinos (Nicola de Cillo, *Jornal de Piracicaba*), figurando, assim, na galeria dos melhores “luthiers” da região. “Pertenceu à excelente escola de pintores realistas de Piracicaba, tendo se destacado como paisagista... Colorista de grandes predicados..., eficiente nos contrastes de claro-escuro..., foi o primeiro a expor no Salão de Artes Plásticas Ermelinda Otoni de Souza Queiroz, da ESALQ, em 1984” (Mello, 1999). Há notícia da presença de italianos com sobrenome Segá na população piracicabana desde a passagem do século. Na “lista de declarações de estrangeiros que se acha no arquivo da Câmara Municipal”, datada de 17.6.1904, referente a estrangeiros moradores na cidade que não se naturalizaram, constam os nomes de Serafim, Ângelo e Joanni Segá (Alleoni, 2002).

**SEGA, Lílían Guerrini.** N. Piracicaba, 1926. F. Piracicaba, 1967. C.c. Álvaro Paulo Segá. Filha de Leandro Guerrini (v.) e Jaçanã Altair Pereira Guerrini (v.), formou-se professora e dedicou-se à literatura. Graciosa, emotiva e culta, seus pendores literários manifestaram-se desde a infância, favorecidos pelo convívio com os pais, ambos escritores notáveis, e pelo ambiente saturado de livros em que cresceu. Os jornais locais difundiram seus versos. Benedicto Almeida Júnior (v.) (1960) inclui em uma antologia de autores piracicabanos um conto de sua autoria, “Páginas soltas de um diário”, escrito enquanto ouvia em junho de 1951 um programa junino, transmitido pela rádio Difusora, a PRD-6. Assinou-o apenas como Lílían Maria. Uma rua na Nova Piracicaba tem seu nome, paralela às ruas Prof. Armando Bergamin e Ten. Thomaz Nunes.

**SEGATTO, Pedro.** N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. C.c. Albina Dezuó Segatto. Ff. Teresinha, Esmeralda. Entalhador hábil, trabalhou nas

Oficinas Dedini na primeira metade do século 20. Não somente modelava peças para máquinas e engrenagens, como também cabeças de Cristo e sinos para igrejas. “Um artífice da madeira, em especial a de cedro. Ninguém a trabalhava com maior habilidade”, na fabricação de “moldes ou modelos para a fundição de peças de ferro, aço, bronze, alumínio ou de qualquer outra liga metálica. Um artista, sem dúvida alguma” (Caldari, 1990). Os Segatto residiram na Vila Rezende e foram proprietários do terreno onde João Coletto (v.) construiu a casa de Waldomiro Perissinotto, “a mais bonita da época na Vila toda”, segundo a fonte citada.

**SEOANE, Henrique** (Séc. 19-20). Professor. Lecionou trabalhos manuais na Escola Normal Primária (posteriormente Escola Sud Mennucci). Fazia parte do corpo docente da escola, por ocasião da inauguração das suas novas (e definitivas) instalações, em 1917 na rua São João, em um quarteirão que pertenceu à antiga Chácara Laport. Honorato Faustino de Oliveira (v.) era o diretor, nessa ocasião.

**SERCELLI (SANCHELLI?), Bruno.** N. séc. 19. F. séc. 20. Artista plástico e decorador. Presumivelmente italiano de nascimento, viveu e exerceu suas atividades de artista figurativo dos mais competentes na capital paulista. Executou as pinturas do teto do Teatro São José, cuja construção foi confiada pelo coronel José Barbosa Ferraz (v.) a Antônio Borja Medina (v.), a partir de projeto arquitetônico de Orlando Carneiro (v.), professor da ESALQ. As obras do teatro, depois cinema, custaram cerca de 800 contos de réis e a sua inauguração ocorreu festivamente, a 11.7.1927, tendo como principal atração o Orfeão Piracicabano, sob a regência do maestro Adolpho Silva (v.). Krähenbühl (1955) refere-se a Orestes Serceli e outros (Cipriano de Favero, Bonfiglio Campagnoli, Carlos de Servi) como artistas ativos em Piracicaba como pintores e desenhistas, nos tempos de Barafon e Lachini (vv.), por volta de 1910-20.

**SERRA, Paulo Geraldo.** N. Campinas, SP, 16.10.1926. F. Piracicaba, 4.5.1988. C.c. Zoé Versiani Serra. Ff.: Gil, Eduardo, Ruy Carlos, Cid Marcos. Engenheiro químico, formou-se em 1941 em química industrial pelo Instituto Mackenzie de São Paulo. Trabalhou em Igarapava na Usina Junqueira, na Companhia Química Rhodia de Campinas e na Usina Jerônimo em Limeira, ingressando a seguir na Indústria Paulista de Amido, em Piracicaba. Em 1954 a prefeitura municipal de Piracicaba contratou-o para dirigir o departamento de água e esgoto, que originou em 1969 o Serviço Municipal de Água e Esgoto da cidade. Foi o homem que “deu vida e estrutura” ao SEMAE... “A instituição deve a ele pratica-mente tudo o que é hoje... Realizou um trabalho de fôlego nas dependências do SEMAE, tornando o serviço tão eficiente que sua prática foi considerada modelo para as demais regiões da bacia (do rio Piracicaba)” (A. R. C. L. Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 16.10.1993). Dinâmico, operoso, corajoso e inteligente, contribuiu decisivamente para a modernização e o bem-estar piracicabanos. Além de atuar durante três dezenas de anos no SEMAE, de que foi o primeiro presidente, batalhou na defesa do rio Piracicaba, buscando o apoio do Conselho Coordenador das Entidades de Piracicaba e fundando, com outros, a ACOPARP (Associação de Combate à Poluição do Rio Piracicaba); na melhoria do serviço telefônico da cidade; na manutenção e ampliação do Lar Betel; na introdução do flúor na água tratada, em benefício da saúde dental das crianças; em inúmeras outras iniciativas e contribuições, que levaram o poder legislativo local a agraciá-lo em 1980 com o título de cidadão piracicabano. Fez parte do Rotary Club e de várias outras entidades das mais representativas. As responsabilidades que assumiu junto ao serviço de água e esgoto da cidade levaram-no a buscar técnicas e conhecimento no exterior, especializando-se em engenharia sanitária pela “Southern Methodist University” em Dallas, Texas, nos EUA, em

1955-56, de onde trouxe para Piracicaba as técnicas mais avançadas para o tratamento de água em regiões urbanas, sendo pioneiro no tratamento industrial de água potável. Coube-lhe a direção técnica da ACOPARP. A administração municipal outorgou-lhe em 1980 o diploma de Honra ao Mérito e a Fundação Rotária atribuiu-lhe postumamente o título de Companheiro Paul Harris. Em 16.10.1993 o prédio da unidade do SEMAE recebeu seu nome, à rua XV de Novembro, nº 2200.

**SÉRVOLO, João** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário de loja de calçados à rua Governador Pedro de Toledo, nº 135. Foi registrado sob nº 705 no comércio local a 9.7.1940, com um capital de 10:000\$000. Pertenceu ao Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, inscrito como sócio nº 80.

**SICILIANO, Alessandro Vincenzo, conde.** N. S. Nicola Arcella, Cosenza, na Calábria, Itália, 17.5.1860. F. Rio de Janeiro, RJ, 19.2.1923. C.c. Laura de Mello Coelho, n. Campinas, SP, 18.5.1838, f. São Paulo, SP, 28.5.1918. Ff.: Alexandre Siciliano (v), Ana Teresa Siciliano Smith de Vasconcellos (vv). Aos 9 anos de idade deixou a Itália em companhia dos pais, Biágio Caetano Siciliano e Teresa Alario, desembarcando em Santos, SP. Alessandro casou-se em Piracicaba a 23.4.1881 com a neta do coronel Frutuoso José Coelho, patriarca dos Coelho piracicabanos, vereador na Câmara Municipal local (1823), açoriano de nascimento, e sua mulher piracicabana Antônia da Silva Ferraz. Em sociedade com Francisco Siciliano, seu irmão, fundou em 1890 em São Paulo, no bairro do Pari, a Companhia Mecânica Importadora. A empresa mudou por completo a fisionomia do bairro “e continuou aumentando sua produção de pontes metálicas, de máquinas para beneficiar café e de grandes peças metálicas para moinhos” (Manera, em Piccazio, 1992). Siciliano se destacava como

“grande importador de material para estradas de ferro, fabricante de máquinas para a lavoura e a indústria, de material cerâmico e sanitário e de produtos de ferro”. Tinha “uma grande serraria a vapor, uma construtora e empreiteira e a Sociedade de Produtos Químicos L. Queiroz, entre outras atividades” (*Jornal do Comércio*, em Piccazio op. cit.). Corajoso, empreendedor e dinâmico, Alessandro prosperou nos negócios, tornando-se cidadão benquisto e respeitado. O rei da Itália Vitor Emmanuel III condecorou-o sucessivamente com os títulos de Cavaleiro, Comendador e Grande Oficial da Coroa da Itália. O Papa Benedito XV agraciou-o com o título de conde Siciliano, transmissível aos seus descendentes primogênitos masculinos. Deu contribuições relevantes para a produção, a comercialização e o aperfeiçoamento do cultivo do café com artigos em periódicos, pronunciamentos e projetos com o propósito da valorização do café brasileiro (Capri, 1914). Manteve ao longo de toda a sua existência uma ligação carinhosa com Piracicaba, onde viveu os primeiros anos da sua juventude e onde se casou (Barata e Bueno, 2000).

**SICILIANO, Alexandre, Conde (Jr.).** N. Piracicaba, 20.11.1886. F. séc. 20. Engenheiro, político. cursou o Ginásio Paulista e depois de fazê-lo seguiu para a Europa, onde estudou no “Hasselches Institut” de Frankfurt am Main, no “Institut Wiget” em Rorschach e na Escola Cantonal de Saint Gall em Gall. Foi também aluno da “Teutsche Hochschule” de Dresde, na Saxônia. Estudou em 1905-6 na Escola Politécnica de Zurique, na Suíça, e diplomou-se como engenheiro civil em Karlsruhe, Baden, Alemanha, pela Universidade Técnica Friedericiana, em 1910. Passou onze anos de sua vida como estudante em escolas renomadas européias. De volta ao Brasil, dedicou-se intensamente aos negócios e empresas iniciados e desenvolvidos por seu pai e à Fiesp, representando-a nos estudos

sobre a lei de férias aos trabalhadores. As classes patronais da indústria paulista fizeram-no deputado à Constituinte de 1934. Na Conferência Panamericana de Buenos Aires em 1935, atuou como delegado-perito do Brasil. O rei da Itália condecorou-o a 16.12.1929 com a Ordem de Comendador da Coroa da Itália. Filho primogênito da primeira linha masculina do conde Alessandro Vincenzo Siciliano, após o falecimento deste tornou-se o Conde Siciliano 2º, título confirmado pelo Papa Pio XI a 25.6.1924. Guerrini (1970) assinala que Alexandre Siciliano residiu em Londres durante longo tempo, foi financista e economista e teve vários estudos publicados a respeito de café, economia e finanças. Presidiu desde 1922 a Companhia Brasileira de Mineração Metalúrgica. Em 1919, fixou residência na Ingla-terra, permanecendo ali até 1923. Deixou numerosos estudos, entre os quais *Valorização do café*, São Paulo, 1903, e *Agricultura, comércio e indústria no Brasil, em face do regime aduaneiro*, São Paulo, edição do Centro dos Industriais, 1931 (Barata e Bueno, 2000; Guerrini, 1970).

**SICILIANO, Heribaldo.** N. Piracicaba, 13.9.1878. F. 29.3.1943. Engenheiro. Realizou estudos secundários nos ginásios do Estado em Jundiá, SP, e na capital paulista. Obteve o diploma de engenheiro pela Escola Politécnica de São Paulo em 1903. Vereador municipal em São Paulo durante nove anos, presidiu o Rotary Club de São Paulo, dirigiu a rádio Educadora Paulista e foi o primeiro presidente da companhia aérea Vasp. Entre os trabalhos que publicou, merece ser destacado *O ruído e o trânsito urbano*, edição sem data (c. anos 30) pela Sociedade Amigos da Cidade, São Paulo (Mello, 1954).

**SIGRIST, Francisco Erasmo, Frei.** N. 1932. F. 1998. Brasileiro filho de suíços, passou a viver a atuar em Piracicaba a partir de 1985, liderando a Fraternidade Nossa Senhora da

Glória (Jardim Glória). Segundo depoimento de frei José Gomes de Souza Júnior, que com ele conviveu durante quatro anos, à jornalista Celiana Perina (*Jornal de Piracicaba*, 15.11.2006), frei Sigrist preocupou-se em “reurbanizar a antiga favela do Jardim Glória e transformá-la em um espaço digno”.

**SILVA, Adelina de Almeida Ferreira da.** N. séc. 19. F. séc. 20. Professora. Fez parte do grupo dos primeiros professores formados em Piracicaba pela antiga Escola Complementar (posteriormente, Sud Mennucci). Destinada à preparação de mestres-escolas para o ensino elementar em curso com quatro anos de duração, a Escola Complementar foi criada em 1896 e solenemente instalada em 21.4.1897, sendo Antônio Alves Aranha (v.) seu primeiro diretor. A turma inicial formou-se em 1900 e era composta de quinze diplomados.

**SILVA, Adolpho** (Séc. 20). Professor e maestro, atuante em Piracicaba nas primeiras décadas do século vinte. Em 1927 regeu o Orfeão Piracicabano nas solenidades de inauguração do Teatro São José, em apresentação promovida pela Sociedade de Cultura Artística local (*Jornal de Piracicaba*, 30.6.2002). Se nome encontra-se na relação dos orfeonistas fundadores, a 23.5.1925, da Cultura Artística, que teve como primeiro presidente o prof. Antônio dos Santos Veiga, igualmente integrante do grupo coral. Em artigo publicado no *Jornal de Piracicaba* de 22.5.1996, Olênio Veiga menciona Adolpho Silva como regente de uma das orquestras locais, “pequenas e excelentes orquestras que abrilhantavam as festividades e as sessões cinematográficas ou teatrais”.

**SILVA, Ciro** (Séc. 20). Artista plástico. Filho de modesto alfaiate e presumivelmente auto-didata, dedicou-se à pintura de cunho religioso. Expôs suas obras na Casa do Médico de Piracicaba. Após visitar a exposição, Maria Cecília Graner Fessel registra que se apaixonou “imediatamente

pelo seu estilo, pelas formas quase geométricas dos traços, pelas cores brilhantes e alegres. Fascinou-me especialmente uma tríade de quadros representando aspectos da vida de S. Francisco de Assis” (*Jornal de Piracicaba*, 12.4.2001). A autora citada refere-se à sofrida morte de Ciro, ao que parece ocorrida pouco antes da publicação do seu artigo. “Seu tempo foi pequeno para o seu enorme desejo de retratar as cenas e histórias de sua terra, com suas pinceladas tão calorosas e vibrantes”. Deixou filhos.

**SILVA, Eberard Gonçalves da.** N. União dos Palmares, AL, séc. 20. F. 23.3.1998. C.c. Ilda Borges Gonçalves. Ff.: Cássia Maria, Maria José, Maria Paula (Magic Paula), Maria Angélica (Branca). Antes de vir a Piracicaba com a família, morou em Oswaldo Cruz, SP, onde foi proprietário de um jornal. Mais conhecido como Beto, viveu grande parte da sua vida, 21 anos ao todo, em Piracicaba e durante uma dezena de anos trabalhou na cooperativa local de suinocultores. Mudou-se para Piracicaba, segundo a esposa, exclusivamente para que as filhas pudessem jogar basquete: “a Branca era criança e Paula tinha 19 anos”. De acordo com esta última, “ele era uma pessoa bastante espirituosa e especial e adotou Piracicaba como sua cidade” (*Jornal de Piracicaba*, 8.4.2001). Pai de jogadoras de basquete internacionalmente famosas, Eberard foi homenageado “in memoriam” com a atribuição de seu nome a uma sala no gabinete do deputado estadual Roberto Morais à rua Alferes José Caetano, nº 120. “Magic Paula” (n. 11.3.1962) foi atraída pelo basquete ainda menina, na cidade de Oswaldo Cruz, onde nasceu e morava com os pais e irmãs, convertendo-se posteriormente em estrela mundial desse esporte. Atuou em Piracicaba nas equipes da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), BCN e CESP/Unimep, foi campeã mundial na Austrália em 1994 e campeã da Copa América em 1996, ganhando numerosos outros títulos importantes

no Estado, no país e no exterior desde 1981, quando se tornou campeã paulista de basquete pela primeira vez. O “Women’s Basketball Hall of Fame”, nos EUA, a escolheu para fazer parte do seletíssimo grupo das melhores jogadoras de basquete do mundo, em 2006 (*Jornal de Piracicaba*, 27.4.2006).

**SILVA, Eugênia.** N. Piracicaba, 13.11.1877. F. Piracicaba, 14.8.1971. Trineta do fundador de Piracicaba, Antônio Correa Barbosa (v.), décima terceira filha de Antônio Galvão da Silva e Joana Corrêa Barbosa da Silva. Ingressou na recém-criada Escola Complementar destinada à formação de professores em Piracicaba, criada em 1896 e instalada em 21.4.1897 e fez parte da primeira turma formada por esta em 1900. Lecionou no Grupo Escolar Piracicaba (posteriormente Grupo Escolar Barão do Rio Branco), fundado em 13.5.1897, e impôs-se ao longo do século como figura verdadeiramente paradigmática na dedicação aos desfavorecidos, a “mãe da pobreza de Piracicaba”. Foi também professora no Grupo Escolar Moraes Barros e na Escola Normal (atual Sud Mennucci). Com Branca de Azevedo e Olívia Bianco (vv.) e tendo a primeira como presidente, constituíram o comitê feminino MMDC por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932. Adepta do espiritismo quando este engatinhava na cidade, fez parte dos pioneiros que criaram o Grupo Espírita Fora da Caridade não há Salvação (1904-1906), à rua Tiradentes, nº 840, juntamente com João Leão Pitta (v.), Casimiro Guimarães, Luiz Arzolla, João Crispim de Oliveira, Pedro de Camargo (v.), João Eudóxio da Silva (v.), e outros, na primeira década do século 20. Uma rua ganhou seu nome, no Jardim Europa: a rua Dona Eugênia, que corta a avenida Carlos Botelho e é paralela às ruas João Sampaio e Dr. Paulo Pinto. Há igualmente uma travessa Dona Eugênia, junto ao Jardim das Carmelitas. Guerrini (1970) registra que, caridosa por excelência, em virtude da sua

bondade, do seu acrisolado amor aos humildes, mereceu de um cronista local estas palavras: “Mãe da pobreza de Piracicaba! Vive para o próximo, esquecendo-se de si mesma!”.

**SILVA, Francisca Elisa da (Francisca de Castro).** N. Piracicaba, 24.2.1843. F. Piracicaba, 13.9.1918. Professora de primeiros letras nos tempos em que a cidade se denominava Constituição (1856-1887), após ter sido Vila Nova da Constituição (1822-1856), esteve inicialmente à frente da escola (classe) de ensino elementar no Bairro Alto, à rua Moraes Barros (Vitti, 1966). Após aprovação na capital da Província para o exercício docente, Francisca Elisa lecionou em Constituição na 3ª Escola Mista, na rua Direita (atual Moraes Barros), perto da rua do Porto, cujo grupo escolar ganhou o seu nome como patronesse. Posteriormente, essa denominação passou a designar uma escola estadual na vila Rezende, à rua Prof. Armando Bergamin, nº 334 (Jardim Monumento). Ela lecionou durante 29 anos sem jamais pedir uma licença. Doente, aposentou-se em 31.8.1901. “Um dos grandes vultos do magistério primário da nossa terra” (Guerrini, 1970). A fonte citada esclarece que “Francisca Elisa da Silva é também conhecida por Francisca de Castro... Isto porque sempre morou, em solteira, com sua irmã, d. Petronilha de Castro, esposa do dr. João Batista de Castro. Daí, então, nasceu a pequena confusão de seu nome”. Elias Netto (2000) evoca com ternura Francisca Elisa de Silva, realçando seu lado humano: “vira crianças infestadas de piolho, de pés no chão, vitimadas por febre tifóide”, na Piracicaba dos tempos do Império.

**SILVA, Jaime Luiz da.** Séc. 20. F. 1982. Radialista, atuou durante muitos anos na mídia piracicabana. Morreu repentinamente, quanto atuava como repórter da TV Campinas.

**SILVA, João Eudóximo da.** Séc. 19-20. F. 1976. As fontes a respeito do passado piracica-

bano têm inúmeras lacunas, entre as quais a deste cidadão modelar como tal, como profissional e como exemplo da dedicação à causa dos menos afortunados da sorte. Modesto, avesso às exterioridades enfatuadas e praticante da caridade sem nenhum alarde, pertenceu ao grupo dos pioneiros do espiritismo piracicabano, que criou o Grupo Espírita Fora da Caridade não há Salvação, nos começos do século vinte. Como comerciante, foi exemplo de probidade e seriedade nos negócios. Foi proprietário de loja dedicada ao ramo da selaria e colchoaria, à rua Boa Morte, nº 33. Como sócio nº 120 do Sindicato do Comércio Varejista local, foi registrado no comércio a 13.4.1940, sob nº 502. Era mulato e atingiu idade propecta. A selaria Aurora, de que era proprietário, começou a funcionar em 1907, à rua do Comércio, 65A (atual Governador Pedro de Toledo), perto do largo do Mercado Municipal (Guidotti, 2002; Pfromm Netto e Martins, 2003). Uma rua do Parque Jupia lembra seu nome, junto à rua dos Mandis.

**SILVA, João José da, capitão-mor.** F. Campinas, SP, 7.3.1828. Neme (1946) refere-se a este como “juiz presidente” em Constituição, em cuja residência ocorreu a vereança que houve a 11.8.1822 e esclarece: “Em cada vila funcionava uma Casa da Câmara, que se compunha de dois juizes ordinários, dois ou mais vereadores e um procurador. Uns e outros eram eleitos entre os homens bons ou vizinhos da vila. Os juizes ordinários eram os presidentes da câmara, funcionando um em cada semana”. A fonte citada transcreve extenso ofício de João José da Silva, na condição de capitão-mor, a propósito de conflitos de terras na vila da Constituição. João José foi eleito para o cargo de capitão-mor da vila, exacerbando, assim, os ódios do tenente José Joaquim de Sampaio, que ambicionava o referido posto, e do genro deste, o alferes Manoel Joaquim Pinto de Arruda (v), que não conseguiu obter para si o cargo de sargento-mor de Vila Nova da Constituição.

O capitão João José da Silva foi eleito juiz ordinário, e a seguir, capitão-mor de ordenanças na primeira eleição municipal, ocorrida em 1822, em Vila Nova da Constituição. É, pois, como ressalta Guerrini (1979), “o primeiro capitão-mor da nossa terra”. Um rua tem seu nome, no bairro Nova América, paralela à avenida Prof. Alberto Vollet Sachs.

**SILVA, João Luiz Pereira da.** N. Campinas. F. 1971. Médico. Formado pela Faculdade de Medicina do Paraná, irmão dos médicos Rafael e João Augusto Pereira da Silva. Dirigiu o Serviço de Tuberculose do Centro de Saúde de Piracicaba (1949-63), mudando-se para sua cidade natal em 1963. Foi um dos sócios fundadores da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina em 19.1.1950.

**SILVA, João Manoel da, padre** (Séc. 18). Vigário da paróquia de Piracicaba, criada em 1774. Nomeado seu primeiro vigário, tomou posse do cargo no mesmo ano, a 21.6. Piracicaba tornou-se freguesia em junho de 1774, separando-se, dessa forma, da paróquia de Itu. O padre João Manoel esteve à frente da nova paróquia durante um ano e meio. Deixou-a por discordar dos modos atrabiliários do povoador Antônio Correa Barbosa (v.) (Guerrini, 1970; D. Ernesto de Paula e outros, 1955). Somente em 1784 a paróquia teve seu segundo vigário, Frei Tomé de Jesus (v.). Situa-se no bairro Nova América uma rua com seu nome, paralela à avenida Piracicamirim.

**SILVA, José Ferreira da.** N. 1875. F. 1935. Moraes Júnior (1994) menciona-o como “poeta e articulista (nos jornais locais), muito ácido e intransigente quanto a suas opiniões e a respeito da arte literária e, bem por isso, chamado de “Agripino Grieco de Piracicaba”. Autor dos mais polêmicos, amiúde, promovia verdadeiras pelejas pela imprensa, o que o fez odiado e temido por muitos”. São muito parcas as informações disponíveis a seu respeito.

**SILVA, José Gomes Pereira da, padre** (Séc. 19). Vigário da paróquia de Piracicaba de 1854 a 1860, após o padre Manoel José de França (1836-1854) (J. E. Sesso, *Jornal de Piracicaba*, 17.6.1990). Fischer (*Jornal de Piracicaba*, 22.5.1994) transcreve provisão existente nos Livros de Tombo da Matriz de Santo Antônio, pertencentes ao acervo da Cúria Diocesana, que associa o padre Pereira da Silva à Igreja de São Benedito: “Atendendo, havemos por bem conceder-lhe (ao vigário encomendado José Gomes Pereira da Silva) faculdade para que possa benzer a Capela de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito pelo Revmo. Pároco, observando em tudo o Ritual Romano, concedemos que na mesma se possa celebrar o Santo Sacrifício da Missa e mais atos religiosos”. A bênção só ocorreu em 15.2.1858. Segundo Fischer Pereira, da Silva teria sido pároco de 1849 a 1859. Há uma rua com seu nome, no bairro Santa Terezinha, junto à rua Corcovado.

**SILVA, José Teixeira da** (Séc. 19-20). Foi oficial do Registro Civil de Piracicaba, por volta da passagem do século. Outro Silva, Paulo Luiz, figura como escrivão da então Constituição, no almanaque de Luné e Fonseca, em 1873.

**SILVA, Luiz da.** N. Piracicaba, 1937. F. 1998. Escritor, funcionário público. Pertenceu a diversas entidades e ganhou em 1972 prêmio no 1º Concurso Nacional de Poesias Místicas. Autor de *Poesia e Misticismo*, 1972; *Natureza*, 1977; *Paraíso poético*, 1980; *Voz da alva*, 1982; *Vida do Sete Encruzilhadas*, 1982; *Um caso real e dramático*, 1983; *Cordeiro fiel*, 1992; *Águia do leste*, 1996. Residiu em São Pedro, SP (C. Moraes Jr., 1998).

**SILVA, Mariano da, e SILVA, Rubens (Caçula)** (Séc. 20). Irmãos, compositores, violeiros e cantores de música caipira, n. por volta da primeira década do século vinte, em Piracicaba. Pai e tio, respectivamente, do músico Caçulinha, acordeonista e titular de um famoso regional dos programas de televisão, n.

1942. Fizeram parte da Turma de Piracicaba ou Turma Caipira Cornélio Pires, que se apresentou na capital paulista em 1924 e no Rio de Janeiro em 1929. Neste último ano, o grupo gravou os primeiros discos brasileiros de música caipira para o selo Colúmbia: “Desafio entre paulistas”, “Verdadeiro Samba Paulista” e “Jorginho do Sertão”, compostos por Cornélio. A dupla gravou depois (1934) duas modas de viola de sua autoria e fez novos discos em 1934 e 1939, separando-se em seguida. Mariano uniu-se a Cobrinha (Vitório Ângelo Cobra, v.) em gravações e apresentações ao vivo. Juntos, Mariano e Caçula gravaram uma dezena de discos. O primeiro fez cerca de 25 discos com diversos parceiros e com 16 músicas de sua autoria, entre as quais “Eu e você” (1939) e “Piracicaba”, de Newton de Melo, ambas com Cobrinha. Mariano teve músicas de sua autoria postas em discos por vários intérpretes, entre os quais Rolando Boldrin, nos LPs *Eta mundo* (1979) e *Giro a giro* (1980). (Albin, 2006; Nepomuceno, 2005).

**SILVA, Nicolau (Picolino).** N. séc. 20. F. Campinas, 29.7.1997. C.c. Maria Silva. Engenheiro agrônomo, atleta. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1949. Quando estudante, destacou-se em várias modalidades esportivas, mas foi no futebol que mais se celebrizou, como jogador das equipes da Associação Atlética Luiz de Queiroz, do União Monte Alegre e notadamente do Esporte Clube XV de Novembro, quando se tornou “Campeão da Lei do Acesso” e passou a integrar a Divisão Especial do futebol paulista. Rocha Netto registra que Picolino disputou 97 partidas nos anos quarenta e marcou 62 gols: “foi em campos de Piracicaba que... marcou seu nome como atleta e também honrou, nesta e em outras plagas, o seu diploma de agrônomo”. Morava em Campinas quando uma tragédia extinguiu sua vida: o grande campeão, atleta notável e orgulho da ESALQ, morreu assassinado. Deixou esposa e filhas.

**SILVA, Olavo Ferreira da.** N. Salesópolis, SP, 25.5.1923. F. Piracicaba, 8.2.1989. Artista plástico, professor. Formou-se em São Paulo na Escola Técnica Getúlio Vargas em pintura e decoração. Foi, a seguir, discípulo de Gino Bruno e Malagola em pintura. Atuou no magistério em Lins, SP, como professor de desenho, artes plásticas, desenho técnico e pintura na década de quarenta. Passou a residir e trabalhar em Piracicaba em 1952, como professor de desenho técnico do Ginásio Industrial Cel. Fernando Febeliano da Costa, até aposentar-se em 1977. Lecionou igualmente no Colégio Técnico e Industrial (1970-76). Expôs suas pinturas em salões oficiais do Estado e nos Salões de Belas Artes de Piracicaba, tendo, além disso, participado ativamente em várias comissões organizadoras, de seleção e premiação. Suas paisagens e naturezas mortas foram contempladas com vários prêmios, desde 1951. Sócio fundador da Associação Piracicabana de Artistas Plásticos, foi seu presidente durante vários anos. Detentor de inúmeros prêmios e honrarias, tornou-se Benemérito do Lar dos Velhinhos de Piracicaba. Uma de suas obras, “O homem de pouca fé”, foi incorporada ao acervo da capela da entidade (F. A. F. Mello, 1949; Cosentino, *Jornal de Piracicaba*, 13.10.1985; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**SILVA, Oswaldo Dias da, bispo.** N. Birigui, SP, 1923. F. Piracicaba, 4.5.2006. C.c. Maria da Penha Dias da Silva. Ff.: Poliana, Lígia, Oswaldo José, Hélio, Rosa Helena. Filho de José Dias da Silva e Rosa Afini. Pastor e bispo da Igreja Metodista em Piracicaba durante três dezenas de anos, ocupou em fins da década de 1970-79 a presidência do Colégio Episcopal da Igreja Metodista no Brasil. Exerceu importante papel nos entendimentos realizados por ocasião da crise vivida pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) em meados dos anos de oitenta. “O bispo faz parte da história de Universidade por ter ajudado a encontrar os caminhos que nos permitiram chegar onde



estamos hoje” (A. S. Maia, *Jornal de Piracicaba*, 6.5.2006).

**SILVA, Pulcina Ferreira da.** N. Tietê, SP, 15.8.1846. Seu nome é lembrado como uma das macróbias de Piracicaba no século 20. Vivia ainda, em maio de 1970, no lar Bethel, com 124 anos de idade, juntamente com sua filha Inocência, n. 1888 (*Jornal de Piracicaba*, 11.5.1970).

**SILVA, Thomaz Fermino da** (Séc. 19). C.c. Maria Symplicia de Oliveira. Agricultor. Encabeça a lista, junto com outros cidadãos de Constituição, dos que doaram a Constituição as terras nas quais se achava edificada a Capela de Santa Maria (que pertenceram a Piracicaba, antes da criação do município de Santa Maria). A escritura da doação foi registrada na Câmara Municipal a 11.9.1879 (Guerrini, 1970).

**SILVA E MORAES, José de Goes Botelho da, capitão** (séc. 18). Incumbido pelo Governo da Capitania do comando da tropa para a picada de Piracicaba a Cuiabá. Segundo consta em um registro de batismo ocorrido em Piracicaba a 21.5.1798, era casado com Luciana Francisca de Camargo e ambos são citados como padrinhos no batismo de uma criança, feito pelo vigário José Francisco de Paula. Há notícia das desavenças entre José de Goes e o sargento-mor Carlos Bartolomeu de Arruda (v.), “cujo gênio atrabiliário era notável” (L. Guerrini, 1970). O autor aqui citado lembra que o projeto da picada seria “mais uma prova dos antigos caminhos para as famosas minas de Cuiabá, passando por nossa terra”.

**SILVEIRA, Antônio da Costa.** N. Piracicaba, 19.10.1887. F. séc. 20. Poeta e professor, formado pela antiga Escola Complementar de Piracicaba. Um “bom poeta”, assevera-nos Guerrini (1973). Filho de Bibiano da Costa Silveira e Antônia Angelina da Costa Silveira.

Foi assistente técnico do ensino do Estado. Um dos poetas incluídos por Enéas de Moura na antologia *Poesia Paulista* (Rio de Janeiro: Minerva, 1951). Publicou poesias notadamente no *Jornal de Piracicaba* e na *Gazeta de Piracicaba*.

**SILVEIRA, Antônio Ferraz da, coronel.** N. Piracicaba, 1894. F. Rio de Janeiro, 4.6.1990. C.c. Aracy Potyguara Ferraz. Ff.: Alayr, Dora. Filho de tradicional família piracicabana, fez com brilho sua carreira militar. Foi sepultado no Rio de Janeiro.

**SILVEIRA, Guaracy.** N. Franca, SP, 27.9.1892. F. séc. 20. C.c. Etelvina Crem Silveira. Ff.: Lígia, Paulo Guaracy (v.), Onésimo, Noemi, Elena Grácia. Filho de Zeferino Carlos da Silveira e Ana Silveira de Sousa. Pastor metodista, político, escritor, jornalista. Após a conclusão do curso primário no grupo escolar de Ribeirão Preto, SP, estudou no Colégio São Joaquim em Lorena, SP, e no Colégio Granbery de Juiz de Fora, MG. Ordenado presbítero em 1921, organizou e presidiu a Igreja Metodista do Brasil. De 1915 a 1928 foi ministro da Igreja Metodista em Piracicaba, São Paulo e Ribeirão Preto, SP, e de 1930 a 1938 ocupou o posto de secretário geral da Igreja Metodista do Brasil, aposentando-se como pastor em 1938. De 1934 a 1946 foi deputado pelo Estado de São Paulo. Silveira dirigiu em Taubaté, SP, o Departamento Estadual do Trabalho em 1940-42 e o escritório em Sorocaba, SP, do Departamento Nacional do Trabalho (1945), elegendo-se deputado federal (1946). Fez parte do Conselho Superior Metodista, ao qual se vinculava o Colégio Piracicabano. Sua atuação na imprensa inclui a redação da *Revista do Ensino Religioso para Adultos* (1926-28), da Confederação das Igrejas Evangélicas do Brasil, e o trabalho como redator da revista *O Expositor Cristão* (1930-34 e 1938-42) e no *Correio da Tarde* de Ribeirão Preto. Sua bibliografia, bastante extensa, compõe-se de inúmeros artigos e estudos e vários livros,

entre os quais *Evangelho, patrologia e razão*, 1920; *Memórias do coronel Simplicio*, sob o pseudônimo de Hélio Silvano, 1933; *Religião oficial; Lutero, Lóiola e o totalitarismo*, 1943; *Do vale da sombra às montanhas*, 1944; *Discursos parlamentares*, 1947. (Mello, 1954; Coutinho, 1961).

**SILVEIRA, Ignácio Florêncio da.** N Cabreúva, SP, 10.10.1876. F. São Paulo, SP, 24.7.1968. C.c. Antônia de Almeida Barros (Iaiá), filha de Antônio Fernando de Barros e Antônia Lydia de Almeida Barros. Quinze filhos. Fazendeiro, funcionário público federal, político. Criança, deixou sua cidade natal para residir em Piracicaba e tinha onze anos de idade quando passou a freqüentar as aulas do professor Antônio de Carvalho Sardenberg (v.). Foi aluno de Sardenberg durante quatro anos. Em 1892, trabalhou como empregado da Loja do Sol, de Joaquim Pinto de Almeida. Tornou-se administrador de fazendas, até se estabelecer como co-proprietário da fazenda Santo Antônio da Boa Vista (ou fazenda de dona Antônia), onde morou até 1919. Político militante, ocupou posição de relevo na sociedade local. Alistou-se em 1908 no Partido Republicano Dissidente de Prudente e Manoel de Moraes Barros (vv.). Foi vereador (1908-10), inspetor municipal de ensino e presidente da Comissão Municipal de Agricultura, incumbida de orientar a absorção dos europeus que imigraram para Piracicaba nas primeiras décadas do século. Vice-presidente do Clube Piracicabano durante cinco anos, atuou como tesoureiro do Asilo de Velhice e Mendicidade e da Santa Casa de Misericórdia, destacando-se na busca de recursos, por meio de grandes quermesses e festas beneficentes em favor da Santa Casa, festividades que marcaram época na Piracicaba dos anos vinte. Foi um dos piracicabanos ilustres, juntamente com Coriolano Ferraz do Amaral, Pedro Crem Filho, João Silveira Mello, Pedro Krähenbühl, André Ferraz Sampaio (vv.), Manoel Galvão de França Pacheco e outros, aprisionados, inicialmente em Piracicaba (11 dias) e depois na capital

(22 dias), por ocasião da revolução de 1924 chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes. A 4.9.1924 a cidade se engalanou para receber seus “homens bons”, que retornavam engrandecidos. Cooperou decisivamente, logo depois, para a criação do Partido Republicano Independente, que conquistou, por eleição, todos os postos importantes da administração local. Em 1925 deixou Piracicaba para exercer em Campinas, SP, o cargo de coletor federal de rendas, e a seguir, em Pirassununga, SP, o de oficial do cartório do registro geral de hipotecas. Transferiu-se para o 13º Registro de Imóveis na capital paulista, onde faleceu. Seus filhos, quinze ao todo, cresceram em Piracicaba, exceto um deles (P. Ferraz do Amaral, *Jornal de Piracicaba*, 10.10.1976).

**SILVEIRA, Jorge Augusto da** (Séc. 19-20). Cirurgião dentista. Formou-se pela Escola de Odontologia do Instituto Granbery, de Juiz de Fora, MG, em 1920. Dedicado ao exercício da profissão em Piracicaba e à educação, chegou a dirigir os destinos do ensino público paulista e a 10.1.1915 assumiu a direção da Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, originada de reunião que ocorreu a 18.11.1914 no Teatro Santo Estêvão e da qual Silveira participou. Em 1927 passou a ser Escola de Odontologia Washington Luiz. Romano e Salvego (2005) referem-se a ele como diretor-proprietário da escola, tendo enfrentado não poucos contratemplos e vicissitudes para mantê-la. Instalada inicialmente à rua Piracicaba (atual Voluntários de Piracicaba), no prédio da Sociedade Beneficente Operária, a escola manteve curso com dois anos de duração e formou sua primeira turma a 27.11.1916. Mudou-se em 3.7.1919 para a rua Quinze de Novembro, nº 33 e em 17.6.1923 para a rua Alferes José Caetano, nº 190-A (número mudado em 1940 para 1167). Em maio de 1929 a escola comprou o prédio da rua Santo Antônio em que residiu Prudente de Moraes Barros, na esquina da rua Treze de Maio. Em 6.7.1931 o nome da instituição foi modificado,

## SILVEIRA, Jorge Augusto da

passando a intitular-se Escola de Odontologia Prudente de Moraes. Encerrou suas atividades em 1935, em decorrência do cancelamento, por Getúlio Vargas, do funcionamento de todas as escolas reconhecidas pelos governantes estaduais. A antiga escola piracicabana de odontologia formou numerosos profissionais, muitos deles que se destacaram tanto no ensino superior como no exercício da profissão: Carlos Aldrovandí (v.), Ulisses Berna, Durval de Moraes Carvalho, Enéas Lemaire de Moraes (v.), Paulo Teixeira de Camargo, Mozart Rolim Dutra (v.), Antônio Zogbi (v.), Sebastião de Camargo Teixeira (v.), Nivaldo Rodrigues Pizza, Mário Lázaro dos Santos (v.), João Zacharias Maia e outros (Pfromm Netto e Martins, 2003; Romano e Salvego, 2005). No bairro Morumbi uma rua lembra seu nome, junto à avenida Prof. Alberto Vollet Sachs.

**SILVEIRA, Manoel A** (Séc. 20). Comerciante. Proprietário de uma loja piracicabana tradicional, a Casa Tressê. Localizava-se na rua Governador Pedro de Toledo, 128. No almanaque publicado por Mário Neme em 1936, um anúncio da Casa Tressê destacava sua especialidade em “calçados para homens, senhoras e crianças; tênis, sandálias, chinelos, polainas e mais artigos pertencentes ao ramo; chapéus e bonets finos; camisas, meias e gravatas; sombrinhas; bolsas e malas de viagem”.

**SILVEIRA, Maria Immaculada Xavier da.** N. Piracicaba, 9.9.1900. F. séc. 20ª Escritora, advogada, filha de João Xavier da Silveira e Izabel do Amaral Silveira, que residiram na rua Santo Antônio, nº 4, no centro da cidade. Fez seus estudos primários e secundários em Piracicaba. Diplomou-se em direito em 1925 pela Faculdade do Largo de São Francisco na capital paulista. Atuou como advogada em São Paulo e no Rio de Janeiro. Conferencista conceituada, poliglota e escritora. Os registros a seu respeito geralmente a destacam como autora do livro *Padre Chivo*, editado em São Paulo

em 1923, e como a primeira mulher advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil (R. Alves, *Jornal de Piracicaba*, 16.9.2007). Melo (1954) cita-a como autora do livro *Padre Mário*, publicado em São Paulo em 1934.

**SILVEIRA, Paulo Guaracy.** N. 1923. F. São Paulo, SP, 20.1.2007. C.c. Zilda Costa da Silveira. Ff.: Guaracy Neto, Nancy, Maricy. Professor, advogado, jornalista, psicólogo. Formou-se pela Faculdade Federal do Rio de Janeiro e era pós-graduado pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, tendo concluído seu mestrado na “Southern Methodist University” (Dallas, EUA). Exerceu em Piracicaba os cargos de diretor da Escola Industrial Cel. Fernando Febeliano da Costa e da Escola Normal Livre Miss Martha Watts, do Colégio Piracicabano, em meados do século vinte, de modo dinâmico, inovador e competente. Nos anos cinquenta, foi co-diretor, com S. Pfromm Netto, do mensário *Suplemento Pedagógico do Jornal de Piracicaba*, destinado aos professores e estudantes normalistas, que divulgou pesquisas, estudos, notícias e comentários de cunho educacional. Após aposentar-se, passou a residir em São Paulo com a esposa e filhos. Fez parte do grupo de educadores, juntamente com o professor e advogado piracicabano Arnold Fioravante, que criaram na capital paulista as Faculdades Metropolitanas Unidas, em meados do século. Foi reitor e professor do Instituto Presbiteriano Mackenzie em São Paulo. Era filho do pastor metodista Guaracy Silveira (v.). Uma escola de ensino técnico em São Paulo tem seu nome.

**SILVEIRA, Pedro Augusto da Costa** (Séc. 19). Fazendeiro. Guerrini (1900) reproduz uma nota do jornal *O Paulista*, publicada igualmente na *Gazeta de Piracicaba* de 5.4.1887, segundo a qual Costa Silveira acabava de adquirir “uma importante máquina para o fabrico de açúcar”, que seria montada “na sua magnífica fazenda

de Monte Alegre”. De acordo com Elias Netto (2003), Monte Alegre em 1881 passou a ser propriedade de Pedro Augusto e sua mulher Virgínia, herdeiros de José da Costa Carvalho (v.), o marquês de Monte Alegre. Pedro Augusto faleceu em 1888 e sua viúva vendeu a propriedade a Joaquim Rodrigues do Amaral (v.) e Indalécio de Camargo Penteado. Em 9.3.1900 a fazenda foi comprada pela Companhia Engenho Central do Monte Alegre. Uma rua do bairro Campestre ganhou seu nome, junto à rua José Machado e Silva e nas imediações da avenida Laranjal Paulista.

**SILVEIRA, Sinval Furquim** (Séc. 20). C.c. Maria das Dores Costa Silveira. Farmacêutico. Durante muitos anos esteve à frente de seu estabelecimento comercial à rua Boa Morte nº 20, na esquina da rua Rangel Pestana: a Farmácia Coração de Jesus, criada em 1924. A farmácia ganhou registro nº 553, a 26.4.1940, com capital de 20:000\$000, no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002). Em 1959, mencionada como estabelecimento de propriedade de Silveira e Dário Carvalho, a farmácia foi vendida a Orlando Mastrodi, o “Caju” (v.). O filho de Sinval, Sinval Silveira Filho, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1940, passou a pertencer ao quadro docente desta desde 1941 e doutorou-se pela escola em 1961. N. em 1918, faleceu em Piracicaba em 8.8.2007. O neto, Sinval Silveira Neto, igualmente engenheiro agrônomo pela ESALQ (1965), obteve os títulos de doutor (1969) e livre docente (1972), fazendo parte do corpo de professores e pesquisadores da escola desde 1966 (Lordello e outros, 1975). É igualmente seu neto Antônio Carlos Silveira.

**SIMÃO, Salim**. N. Piratininga, SP, 25.9.1920. F. Piracicaba, 5.5.2004. Engenheiro agrônomo, professor e pesquisador. C.c. Laila Simão. Ff.: Moysés, Faride, Maria Teresa, Laila Maria. Filho dos libaneses Moysés e Faride Simão, veio a Piracicaba com 20 anos de idade, para

estudar na ESALQ. Recebeu seu diploma de engenheiro agrônomo em 1945, obtendo depois os títulos de doutor (1953), livre-docente (1955) e professor catedrático (1961) na mesma escola. Cordial, humaníssimo, pesquisador dos mais notáveis, liderou com êxito a 12ª Cadeira da ESALQ, Horticultura. Foi diretor da escola (1974-78); reitor, vice-reitor e pró-reitor da Universidade de São Paulo; diretor da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; professor do curso de pós-graduado em fitotecnia; professor-visitante de fruticultura na Universidade Nacional de Assunção, Paraguai; fez parte de diversos conselhos e organismos nacionais e internacionais; prestou assessoria a inúmeras organizações e profissionais na área da fruticultura. Publicou dezenas de artigos e pesquisas, assim como livros de grande repercussão, como o seu *Tratado da manga* e o *Manual de fruticultura*. Dedicou sete anos de sua existência à pesquisa sobre a influência da lua na vida vegetal, defendendo com brilho sua tese a esse respeito, na qual concluiu que não havia influência significativa da lua no plantio e no desenvolvimento dos vegetais que estudou (bambu e plantas hortícolas). Publicou mais de uma e meia centena de trabalhos científicos. Investigou principalmente mais de meia centena de espécies de manga, assim como a banana e as culturas de figo, abacate, mamão, bambu e tomate. Orientou 18 teses de doutorado e 22 dissertações de mestrado. Em reconhecimento pelos serviços prestados à bananicultura nacional, o Ministro da Agricultura homenageou-o com a entrega do troféu “Cacho de Ouro”. Um depoimento de A. R. C. Losso Pedrosa no *Jornal de Piracicaba* (17.2.2006) descreve Simão como “comunicativo, simpático, igual e por essa natural simplicidade cativava a todos... (era) avesso a burocracias e prático acima de tudo”. O anfiteatro do pavilhão de horticultura da ESALQ ganhou seu nome (13.11.2006) e assim também uma escola municipal de educação infantil no bairro Jardim Vitória (16.5.2008). (Lordello e outros, 1975; R. Vitória, *Jornal de*

*Piracicaba*, 12.11.2006).

**SIMIONATO, Romeu.** N. séc. 19 F. séc. 20. C.c. Luiza Salvador Simionato, n. 1891 e f. Piracicaba, 1972. Ff.: Maria de Lourdes (c.c Enéas Lemaire de Moraes, v.), Maria Tereza, José. Comerciante, proprietário de tradicional armazém de secos e molhados, a Casa Simionato, à rua Boa Morte, n° 130 (posteriormente, n° 1617), que ocupava todo o andar térreo do amplo sobrado em que residia, durante boa parte do século 20. Romeu Simionato pertenceu ao Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, como sócio n° 139 e registro no comércio local de n° 1188, datado de 11.2.1939, com capital de 20:000\$000, no ramo de “gêneros alimentícios e ferragens” (Guidotti, 2002). Outra família Simionato que viveu em Piracicaba na mesma época foi a de José Simionato, c.c. Helena Braião Simionato. Esta última, n. 1922 e f. 2004. Tiveram duas filhas, Maria Luiza e Adriana. Em tempos mais distantes, Ermínio Simionato foi proprietário da Casa Pivatelli de gêneros alimentícios, à rua Governador Pedro de Toledo, n° 65. Registrada no comércio local desde 1.1.1920, com capital de 23:000\$000 (registro n° 610), Simionato foi sócio n° 128 do Sindicato do Comércio Varejista local. Era igualmente de Piracicaba o casal Antônio e Henriqueta Campos Simionato, pais de João Antônio, Celina e Teresa Aparecida do Carmo. Henriqueta n. em 1907 e f. em Piracicaba a 16.4.1992. Era filha de Antônio de Campos Negreiros e Virgílica Camargo Negreiros.

**SIMONI, Tufi e irmãos** (Séc. 20). Comerciantes. Era de sua propriedade o estabelecimento comercial denominado “Comércio de Móveis Simoni”, à rua Quinze de Novembro, n° 827 e 831. Em anúncio publicado no *Jornal de Piracicaba* em meados do século 20, destacavam que tinham à venda “móveis funcionais de linhas modernas, ternos estofados,

poltronas-camas e divãs Luiz XV, móveis de junco para terraços, abajures, colchões de molas, sofás-camas da incomparável marca Drago, copas tipo americano?”. Tufi Simoni pertenceu à diretoria da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba. Eleito para o período de 1957-1959, faleceu tragicamente em dezembro de 1957, tragado pelas águas do rio Piracicaba.

**SIQUEIRA, Hildebrando Seixas.** N. Piracicaba, 5.11.1904. F. Campinas, SP, 1946. Professor, escritor, jornalista. Coursou a escola primária em Itatiba, SP, e fez estudos secundários em Serra Negra e em Campinas, SP. Foi escrevente de cartório, tabelião interino e professor de vários colégios e nos ginásios do Estado, na capital paulista, e Nossa Senhora do Amparo, em Amparo, SP. Atraído desde menino para o jornalismo, trabalhou na revista *A Cigarra*, que publicou seu primeiro conto, e nos seguintes periódicos: *Correio Paulistano*, *A Razão*, revista *Cadernos da Hora Presente*, *Gazeta de Campinas*, *A Onda* e *A luneta*, ambos de Campinas; o *Serra Negra*, na cidade de igual nome; e *O Comércio e Amparo Jornal*, ambos de Amparo, SP. Fez parte de várias entidades renomadas, como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o PEN Clube do Brasil, a Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, a Associação de Geógrafos Brasileiros, a Sociedade Paulista de Escritores, a Associação Paulista de Imprensa. Foi integralista atuante e amigo de Plínio Salgado. Após escrever um romance que repudiou, destruindo-o, e ter publicado *Os franciscanos em Amparo* (1936), lançou o livro *O castelo pegou fogo* (1940), com prefácio de Menotti del Picchia e publicado em traduções em inglês e castelhano. Autor de uma *Autobiografia de Rodrigues de Abreu* (1945), deixou várias obras inéditas, segundo Melo (1954). J. P. Leite Cordeiro elogiou-o como “um espírito curioso, arguto e observador, amante de nossas coisas e de nossa tradição”. Há uma rua com seu nome no bairro do Jaraguá, junto à av. Nove

de Julho e Dona Jane Conceição. (v. Battistoni Filho, 2008.)

**SIQUEIRA, João Antônio da** (Séc. 19-20). Figura na história de Piracicaba notadamente como dono de um terreno doado para a construção da capela do Senhor Bom Jesus do Monte. A 5.11.1900 a Câmara Municipal de Piracicaba autorizou a construção da capela no largo do Bom Jesus e no qual seria depois levantada a Igreja da Paróquia do Bom Jesus, fundada a 4.12.1922. A primeira pedra foi assentada a 6.8.1918 (D. Ernesto de Paula e outros, 1955; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**SIQUEIRA, Joaquim de Meira.** Capitão-mor. N. São Vicente, SP, Séc. 18. Casou-se em Itu em 1744 com Maria de Oliveira Cordeiro. Tiveram a filha única Maria de Meira de Siqueira, c. em 1767 c. Carlos Bartolomeu de Arruda (Botelho) (v.). Foi a segunda autoridade executiva de Piracicaba imediatamente após o povoador Antônio Correia Barbosa (v.).

**SIQUEIRA, Linneu.** N. 1916. F. São José do Rio Pardo, 29.3.2007. C.c. Jandyra Siqueira. FF: Linneu Júnior, Eliana, Vera Lúcia. Empresário, comerciante. Proprietário, durante muitos anos, de uma tradicional casa de ferragens, louças e materiais para construções e lavoura, a Casa Camargo, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1063 (antigo nº 1036). Vice-presidente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba, eleito em 1955, assumiu a presidência em 1956 e foi presidente eleito da entidade de 1957 a 1959. Foi um dos fundadores do Lions Clube local em 1955.

**SMITH, Clinton D.** (Séc. 19-20). Professor, dirigiu a então Escola Agrícola Prática de Piracicaba, a futura ESALQ, no período de 4.5.1908 a 27.12.1912.

**SMITH DE VASCONCELLOS, Ana Teresa**

**Siciliano.** N. Piracicaba, 27.2.1883. F. séc. 20. C.c. Jayme Luiz Smith de Vasconcellos, 3º Barão de Vasconcellos. Em virtude do seu casamento, tornou-se a 3ª Baronesa de Vasconcellos. Ana Teresa, filha do conde Siciliano (v.), casou-se a 21.6.1911 no palacete dos pais, na capital paulista, e deixou geração do seu casamento (Barata e Bueno, 2000).

**SOAVE, José Roberto.** F. Piracicaba, 31.3.1997. C.c. Maria Conceição Pippa Soave. FF: Roberta, Andréa, Daniela. A convite de Maria Conceição Figueiredo, sua tia, proprietária da Rádio Difusora de Piracicaba, deixou Batatais, SP, para passa a viver em Piracicaba e gerenciar a emissora, fazendo-o desde 1965. Empresário corajoso e inovador, conseguiu para a Rádio Difusora em 1976 uma emissora em FM, inaugurada dois anos depois e pioneira no país.

**SOARES, Antônio.** N. 1875. F. 1947. Moraes Júnior (1994) refere-se a Soares como poeta e articulista que, profissionalmente, foi um modesto operário. Otimista, com versos repassados de sentimento e dominando bem a técnica da feitura de poesias, teve sua produção divulgada apenas nos jornais piracicabanos do seu tempo, produção que, de acordo com a fonte aqui citada, é de “inquestionável qualidade”.

**SOARES, Cipriano José** (Séc. 19). Jurista. Companheiro de formatura de Prudente de Moraes Barros (v.), a 16.8.1864 tomou posse do cargo de primeiro promotor efetivo de Constituição. Esta tinha sido designada como sede de comarca.

**SOARES, Jesuíno José.** N. Vila de Una, SP, 11.2.1811. F. 4.7.1895. C.c. Maria Gertrudes de Arruda, adotou o sobrenome “Arruda” da esposa, segundo Guerrini (1970). Casou-se em Piracicaba e há quem diga que ele próprio era natural de Piracicaba, exercendo aqui as

atividades de tropeiro no século 19.

**SOBRAL, Amândio José.** N. Piracicaba, 15.4.1902. F. séc. 20. Advogado, professor, escritor. Formou-se pela Faculdade de Direito de Niterói, RJ, em 1932. Dirigiu o Liceu Ipiranga (seria, talvez, o antigo Colégio Ipiranga de Piracicaba na passagem do século, que mudou a denominação inicial, a partir de 1894, para Colégio Rosa). Foi examinador do Conselho Superior de Ensino e dirigiu a biblioteca do Ministério da Justiça. Autor de obras de ficção e livros didáticos, dedicou-se mais ao gênero conto. Entre as obras que publicou, destacam-se *Contos na sombra e na luz*, *Contos exóticos*, *Contos daqui e dali*, os manuais didáticos *Pontos de história da filosofia*, *Pontos de sociologia geral* e os livros *História da sociologia* e *Nótuas de etnografia* (Mello, 1954).

**SODERO, Carlos Martins.** N. Barra Mansa, RJ, 29.12.1881. F. Piracicaba, 3.6.1942. C.c. Maria Joaquina Marcondes Pereira. Professor e erudito, foi um autêntico expoente da cultura piracicabana na primeira metade do século vinte. Além de ser intelectual de grande envergadura, destacou-se igualmente pelo seu modo de ser generoso e humaníssimo, pondo-se sempre a serviço das boas causas. Órfão de pai aos quatro anos de idade, passou a viver com a mãe e dois irmãos menores em fazenda do avô materno, no estado do Rio de Janeiro. Em virtude do segundo casamento da mãe, os Sodero mudaram-se para Silveira, SP. Formou-se pela Escola Normal Secundária da capital paulista e lecionou inicialmente em Caçapava, SP, em escola isolada urbana. Aberto um concurso para professor na Escola Complementar de Piracicaba, inscreveu-se e foi aprovado com distinção. Lecionou na futura “Sud Mennucci” para mais de trinta turmas, bem como na Escola Nossa Senhora da Assunção e no Seminário Seráfico São Fidélis. Fez parte da Ordem Franciscana Secular, como membro do seu Conselho em Piracicaba, e da Sociedade São Vicente de Paulo local. Sua

produção bibliográfica compõe-se de estudos e artigos publicados em periódicos, notadamente na imprensa local e em revistas. Por volta de 1912, como vice-presidente, fez parte da diretoria da Sociedade Beneficente Operária de Piracicaba. Fundada a 9.11.1902, com a divisa “caridade e instrução”, a primeira se traduzia pelo fornecimento de medicamentos e cuidados médicos aos associados e a instrução assumia a forma de cursos noturnos para os sócios, seus filhos e outros interessados, geralmente pessoas modestas, com pouco ou nenhum recurso. Carlos Sodero dirigia a escola, que em 1912 contava com cerca de 153 alunos. Mais ou menos à mesma época, tornou-se irmão da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, durante a provedoria de Antônio Augusto de Barros Penteadado (1910-15) (v). Foi eleito procurador da Santa Casa em 1915 (provedoria de Oscarlino Dias, v., 1915-20) e mesário (provedoria de Ferraz do Amaral (v), 1920-46). Por ocasião da inauguração do novo prédio da Escola Normal de Piracicaba (a futura Sud Mennucci) em 1917, à rua São João, Carlos Sodero era seu professor de física, química e história natural. A Santa Casa homenageou-o, considerando-o Irmão Ilustre, nos anos vinte (Moratori, 2004). Carlos Martins Sodero era descendente de italianos, contando entre seus antepassados Fernando Sodero (n. Itália, 1850 e f. Barra Mansa, RJ, 1886), filho do cap. Carlo Sodero e de Serafina di Grazzie. Fernando Sodero casou-se em Barra Mansa em 1881 com Orlandina Martins (n. Barra Mansa, 1864 e f. Piracicaba, 1938), filha de Manoel Antônio Martins (Barata e Bueno, 2000). Vários dos descendentes de Carlos Martins Sodero ganharam renome no Estado e no país, durante o século vinte, como os professores da ESALQ Paulo Sodero Martins e Carlos Roberto Sodero Martins (vv). Pouco depois do seu falecimento, o governo do estado conferiu o nome de Grupo Escolar Carlos Martins Sodero ao Grupo Escola do Pau Queimado em Piracicaba. A prefeitura local deu seu nome à avenida que vai da Avenida Independência à praça rotativa da Avenida

Cássio Paschoal Padovani.

**SODRÉ, Benedita Stahl.** N. Ribeirão Bonito (Microregião de São Carlos), SP, 17.8.1900. F. séc. 20. C.c. Abel de Faria Sodrê. F.: Herta Sodrê. Após concluir a escola primária na cidade natal, mudou-se para Piracicaba. Fez o curso secundário no Colégio Piracicabano e a seguir ingressou na Escola Normal Primária local (posteriormente, Escola Normal Sud Mennucci), recebendo em 1919 seu diploma de professora na nova e definitiva sede da escola, à rua São João, então sob a direção de Honorato Faustino de Oliveira (1909 a 1928, v.). Ingressou no magistério primário em Ribeirão Bonito em 1920, na Escola Mista de Água Virtuosa. Exerceu depois o cargo de professora em vários estabelecimentos de ensino do interior do estado: Cabrália, Ipaçu, Elias Fausto e no Grupo Escolar Coronel Paulino Carlos, de São Carlos. Em 1940 a Livraria Liberdade de São Paulo lançou uma cartilha de sua autoria que obteve imediata e notável aceitação em todo o país: a *Cartilha Sodrê*, reeditada ano após ano, ao longo do século, pela Companhia Editora Nacional de São Paulo. A *Cartilha Sodrê* faz parte do pequeno grupo de velhas cartilhas que, nas mãos dos professores primários do passado, mais contribuíram para a alfabetização do povo brasileiro, juntamente com as cartilhas de Thomaz Galhardo, Antônio Firmino Proença (v.), Mariano de Oliveira, Lourenço Filho (v.) e a cartilha *Caminho suave*, de Branca Alves de Lima (1949). O êxito alcançado pela *Cartilha Sodrê* no início dos anos quarenta animou sua autora a publicar toda uma coleção de livros de leitura, a “Coleção Sodrê”, cujas primeiras edições saíram com o selo da Livraria Liberdade: *Primeiras lições úteis* ou *Primeiro livro Sodrê* (1940), *Segundo livro Sodrê* (1941), *Terceiro livro Sodrê* (1946) e *Quarto livro Sodrê* (1946). Em meados do século, a *Cartilha Sodrê* atingiu sua 104ª edição, um feito raramente alcançado no mundo inteiro por qualquer outra obra de cunho didático. Protótipo das valorosas professoras primárias

paulistas de outros tempos, boníssima e culta, Benedita Sodrê faz parte do panteão dos grandes educadores bandeirantes. Está a merecer o reconhecimento de Piracicaba, a cidade em que, meninota e no início da idade adulta, hauriu o que de melhor havia em matéria de ensino e aprendizagem às crianças (Pfromm Netto, Dib e Rosamilha, 1974). “São admiráveis os seus livros... Louvo-lhe o patriotismo, e o devotamento com que se dedica à causa da alfabetização dos brasileiros” (Chiquinha Rodrigues).

**SOLEDADE, Victor Leonardo da, Monsenhor.** N. Bahia, séc. 19. F. séc. 20. Assumiu o paróquio junto à Igreja Matriz de Piracicaba de 1908 a 1910, em substituição ao Monsenhor José Rodrigues Seckler (1902-1908). Em 1910 regressou ao seu estado natal, sendo, então, nomeado vigário de Piracicaba o padre Manuel Francisco Rosa (v.); criado o bispado de Piracicaba, Monsenhor Rosa passou a exercer o cargo de cura da Sé (Nardy Filho, em Krählenbühl, 1955).

**SOUZA, Dario Freire de** (Séc. 20). C.c. Cidinha Leme de Souza. Ff.: Maria Lúcia, Francisco, Maria Cecília, Maria Sílvia. Engenheiro agrônomo, professor universitário. Formou-se pela ESALQ em 1944 e pertenceu ao seu corpo docente de 1945 a 1955. Doutorou-se pela escola em 1953 e solicitou sua exoneração dois anos depois, tendo atuado na antiga e extinta Cadeira de Agricultura Especial e Genética Aplicada (4ª Cadeira), que em 1970 passou a integrar o Departamento de Agricultura e Horticultura, originado da reforma da Universidade de São Paulo. Residia na capital paulista, onde faleceu e foi sepultado, no Cemitério da Paz.

**SOUZA, Faustino Fernandes de.** N. Mogi das Cruzes, SP, 31.3.1905. F. Piracicaba, 1984. Arquiteto e artista plástico. Aposentado em 1950 como projetista arquiteto, fixou-se em Piracicaba e passou a dedicar-se à pintura,



notadamente em telas de natureza morta e paisagem. “Caracterizou-se por um desenho preciso, certamente influência da profissão que exercia, utilizando fotos e instrumentos de medição, na ânsia de uma produção perfeita... Era afável, educado, de gestos comedidos, um cavalheiro e, sobretudo, honesto na sua arte” (informações de Manoel Martho mencionadas por F. A. F. Mello, 1999). Obteve vários prêmios nos Salões Anuais de Belas Artes de Piracicaba e em salões e exposições realizados em outras localidades paulistas. Uma homenagem póstuma foi-lhe prestada em 1984 pelo 32º Salão de Belas Artes de Piracicaba. (U. S. Cosentino, *Jornal de Piracicaba*, 25.8.1985).

**SOUZA, João Nepomuceno de** (Séc. 19). Jornalista. Uma nota de Guerrini (1970) refere-se à existência do jornal piracicabano *Opinião* em 1881, sem, contudo, esclarecer se surgiu nesse ano ou era mais antigo. A fonte citada reproduz o seguinte texto, que se encontra nos anais da Câmara Municipal local: “Leu-se um ofício do cidadão João Nepomuceno de Souza comunicando a esta câmara ser ele editor responsável à publicação do jornal *Opinião*, cuja tipografia se acha em sua residência à rua da Palma, nº 24 (atual rua Tiradentes)”. O jornal de João Nepomuceno de Souza deve ter desaparecido sem deixar rastro, pois o almanaque de Camargo (1900) e os almanaques paulistas e piracicabanos dos anos oitenta e noventa, no século 19, silenciam a seu respeito (Pfromm Netto e Martins, 2003).

**SOUZA, Júlio Seabra Inglez de**. N. São Paulo, SP, 3.7.1915. F. Piracicaba, 8.12.1998. C.c. Zoraide Inglez de Souza, piracicabana, em 1937. Cinco ff. Engenheiro agrônomo, escritor, jornalista, pesquisador. Secretário da agricultura do Estado de São Paulo do governo Laudo Natel, exerceu vários outros cargos relevantes: chefe de gabinete do secretário da agricultura, presidente do Serviço Social Rural de São Paulo, representante do governo do

estado na administração da Unicamp, diretor da Escola Municipal de Engenharia, Secretário Municipal. Diplomado pela ESALQ em 1935, seu devotamento à escola era tamanho que, nos derradeiros tempos de vida, trabalhou voluntariamente para ela. Anteriormente, trabalhou no Instituto Agrônomo de Campinas, na Estação Experimental de São Roque, onde se dedicou ao estudo da viticultura, e na Estação Experimental de Jundiáí, convertendo-se em um dos mais notáveis especialistas em cultura de uvas. Aposentou-se em 1964 e passou a manter escritórios de reflorestamento em Jundiáí e em Piracicaba. Dedicou-se por inteiro, em seus últimos anos de vida, à coordenação e redação da *Enciclopédia agrícola brasileira*, com a colaboração de uma e meia centena de especialistas, tendo concluído os três primeiros volumes, num total de 1.700 páginas. Seu filho Sérgio Inglez de Souza, no *Jornal de Piracicaba* de 31.3.1999, explica que o sobrenome “Inglez veio de Portugal junto com a corte de D. João VI e o Sousa veio do Pará, onde se deu a união, gerando os Inglez de Souza. Quanto ao Seabra, dizia ele ser uma pitada do Oriente”. Deixou São Paulo, onde nascera, muito cedo, para residir no Rio de Janeiro e quando moço veio para Piracicaba, a fim de cursar a ESALQ, onde conheceu a esposa. Durante muitos anos colaborou com o conteúdo técnico na revista agrícola *Chácaras e Quintais*, atuando como especialista, jornalista e editor. Nela publicou mais de uma centena de artigos sobre agricultura. Entre os livros de sua autoria de maior repercussão, estão *Origens do vinhedo paulista*, *Cultura da videira*, *Poda de plantas frutíferas*, *Uvas para o Brasil*, *Maracujá e Dicionário de frutas do Brasil*. Participou da criação do “Fórum Paulista de Fruticultura”. Segundo o depoimento de seu filho Sérgio, “foi um quinzista roxo e morreu sem ver o XV de Piracicaba se tornar um time grande. Da terra natal, absorveu a grandiosidade das idéias e o amor ferrenho ao trabalho”. Foi alvo de numerosas homenagens e prêmios, como o Prêmio Romeiro Pereira, por sua resenha

histórica da cidade de Jundiá, a Comenda San Martin e Bolivar e o Prêmio Jaboti por sua *Enciclopédia Agrícola Brasileira*.

**SOUZA, Mário Frota de** (Séc. 20). Farmacêutico. Teve a Farmácia Normal, na rua São José, “em antigo e acolhedor prédio, de vetusta fachada..., pertinho da garaparia do “seu” Teodomiro (Teles de Freitas)..., sempre lembrada pelos flertantes para um encontro, após quadrarem o jardim e conseguirem uma deixa da eleita, escolhida no singular desfile domingueiro (na praça José Bonifácio)”. (J. Fioravante Jr., *Jornal de Piracicaba*, 1.11.1985).

**SPILACK, Luiz.** N. Áustria, 2.4.1891. F. Piracicaba, 14.3.1929. C.c. Olga (Pfromm) Spilack. Ff.: Oscar, Ida, Dirce. Comerciante. F. de Ludwig (n. 1859) e Franziska (n. 1864) Spilack. Imigrante europeu, veio ainda criança ao Brasil em 19.3.1893, na companhia dos pais, irmãos e uma sobrinha. Desembarcaram em Santos e fixaram-se em Piracicaba. Juntamente com a esposa, assumiu a direção da filial da Padaria e Confeitaria Alemã, na rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), entre as ruas Moraes Barros e Quinze de Novembro, na vizinhança da barbearia de João Lucas e do chalé e engraxataria de José Albino, adminis-trados por Franz Drieselmann. Após o falecimento do esposo Luiz em 1929, a viúva ficou à frente da Padaria Alemã, que se conve-rteu em filial da Padaria Cardinali e mudou-se depois para a rua Quinze de Novembro, perto do Itapeva (av. Armando Salles de Oliveira), onde funcionou até meados do século vinte. Olga nasceu em Piracicaba em 11.6.1894 e aqui faleceu em 22.1.1949. Era irmã de Augusto Pfromm (v) e tia do piracicabano Samuel Pfromm Netto, autor deste dicionário. Fundada pelo alemão Buhr (v), a Padaria e Confeitaria Alemã foi vendida nos anos dez a Waldemar Heidtmann e este, por sua vez, vendeu-a a Manoel Graça de Carvalho. Funcionou em prédio alugado, de propriedade de Nicolau Jacinto, irmão de

Vicente de Jacinto (v), o dono da Loja da Lua à rua Prudente de Moraes.

**SPINELLI, Antônio** (Séc. 19). Autor dos altares em madeiras e do púlpito da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, construída de 1893 a 1895 pelos padres capuchinhos, que se estabeleceram em Piracicaba em 1890. A tradicional Igreja dos Frades, à rua São Francisco de Assis, também recebeu esculturas do tirolês Tavella (v) e do italiano Giácomo Scopoli, bem como pinturas do italiano Pietro Gentili e de frei Paulo Maria de Sorocaba (vv). O púlpito custou três contos de réis. De acordo com Nelson Berto (*Jornal de Piracicaba*), a igreja teve inicialmente três grandes estátuas na sua fachada frontal, criadas por Antônio de Fávero, com as imagens do Sagrado Coração de Jesus, São Pedro e São Paulo. Essas imagens foram retiradas posteriormente. Fávero as fez sob a orientação do prof. Luigi Lacchini (v). Data de 1900 a inauguração do púlpito que Spinelli criou. Em 1.4.1900 o guardião frei Crispim de Rallo procedeu à bênção da Via-Sacra, com belíssimos quadros do irmão Redentorista Maximiliano, artista bávaro, autor igualmente da Via-Sacra da antiga basílica de Aparecida do Norte. As capelas laterais receberam imagens feitas por Antônio Tavella (v). A fonte citada informa que frei Paulo de Sorocaba, na pintura do altar-mor e do presbitério (1917-18), contou com a colaboração de Eriberto Frabecato, Plácido Zenotti e Fausto Zenotti. Frei Paulo fez as pinturas das capelas laterais em 1921, ajudado por Antônio de Fávero. A capela lateral de São José, obra de frei Paulo, Angelino Stella (v) e Antônio de Fávero, foi concluída a 19.3.1924 e nessa ocasião procedeu-se a bênção da imagem de São José, feita pelo escultor Giácomo Scopoli (v).

**SPOTTO, Renato Coli.** N. 1927. F. Piracicaba, 6.3.2007. C.c. Violeta dos Santos Spotto. Ff. Renata, Roberto, Rosana, Ricardo. Cirurgião dentista. Manteve gabinete dentário à rua do

Rosário, nº 916 (Camargo e Navarro, 1958), mudando-o depois para a rua Governador Pedro de Toledo, nº 570 (Righetto, 1966). Foi secretário de esportes da prefeitura municipal de 1960 a 1963. Recebeu em junho de 2000, no Clube Coronel Barbosa, o Troféu “Yoichiro Umeda” do Panathion Club, em homenagem como dirigente (Romano e Salvego, 2005). Era filho de Rosário Spotto Sobrinho (v.) e Olga Coli.

**SPOTTO SOBRINHO, Rosário.** N. Espírito Santo do Pinhal, SP, 3.9.1893. F. Piracicaba, 2.2.1952. C.c. Olga Coli, f. de Atílio Coli e Velia Barreto Coli. Médico, agricultor, industrial. Era filho de Ângelo Spotto e Filomena Brunelli Spotto. Ingressou na Força Pública de São Paulo aos 18 anos de idade e atingiu o posto de sargento. Participou na Itália como soldado voluntário na 1ª Guerra Mundial, ganhando a Cruz de Guerra, por mérito militar, bem como várias medalhas. Longe do país durante seis anos, voltou ao Brasil e passou a morar em Piracicaba, onde se casou, a 5.3.1924. Na Revolução Constitucionista de 1932 foi instrutor dos voluntários piracicabanos. Tornou-se fazendeiro e teve a fazenda São Pedro, em Piracicaba, juntamente com dois irmãos. Dedicou-se à indústria, instalando uma fábrica de calçados na cidade. Tinha 40 anos de idade quando passou a estudar (1933) na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Colou grau de médico em 1939, regressou a Piracicaba e instalou consultório na vila Rezende, na esquina das avenidas Dr. Morato e Dona Francisca, sendo também médico do Dispensário de Tuberculose e dos empregados das oficinas Dedini. Em 1950 foi sócio fundador da Regional de Piracicaba da Associação Paulista de Medicina.

**STEIN, Guilherme** (Séc. 19). C.c. Maria Krähenbühl Stein. Ambos foram batizados pelo pastor adventista Frank H. Westphal nas águas do rio Piracicaba em abril de 1895. Nessa

mesma ocasião surgiu em Piracicaba a primeira coletividade da Igreja Adventista dos Santos do Sétimo Dia do Estado de São Paulo. Os cultos dos adventistas locais passaram a ser realizados na residência dos Stein, que se incumbiam de preparar a massa e assar o pão eucarístico para os fiéis. De acordo com Elias Netto (2000), a primeira Santa Ceia adventista realizada em Piracicaba em fins do século 19 foi igualmente a primeira ocorrida no país. Krähenbühl (1955) menciona o funcionamento na cidade, em meados do século 20, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na rua Santo Antônio, nº 458, pertencente ao Culto Adventista do Brasil. Nessa ocasião, informa que se achavam ativos em Piracicaba os templos de várias outras denominações evangélicas: Igreja Metodista, a mais antiga (1881); Igreja Presbiteriana Independente, à rua Tiradentes, nº 153; Congregação Cristã do Brasil (Pentecostais), na rua Treze de Maio, nº 1318; Congregação Presbiteriana de Piracicaba, na rua Treze de Maio, nº 844; Templo Evangélico, à rua São João, nº 1212; Igreja Evangélica Assembléia de Deus, na rua do Rosário, nº 2414; e Casa de Oração, autônoma, à rua Moraes Barros, nº 1220.

**STELLA, Angelino.** N. Piracicaba, 14.6.1904. F. São Paulo, 30.4.1981. Artista plástico, funcionário público estadual, professor. Filho de Giuseppe Stella e Giuseppina Stella, morou durante longos anos na rua Boa Morte, nas imediações da Igreja e do Colégio Nossa Senhora da Assunção. Um dos primeiros discípulos piracicabanos do desenho e pintura (1920) de frei Paulo de Sorocaba (v.), estudou com este durante uma dezena de anos, auxiliando-o na pintura mural das capelas laterais de Nossa Senhora e de São José da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Estudou na Escola Complementar (posteriormente, Escola Normal Sud Mennucci), sem, contudo, concluir o curso. Em 1931 foi nomeado desenhista especializado pela Secretaria da

Agricultura do estado para trabalhar na Casa da Lavoura de Piracicaba e permaneceu nesse cargo durante mais de quarenta anos, aposentando-se em 1974. Frequentou a Escola de Belas Artes de São Paulo (1931) e estudou desenho e pintura com Antônio Rocco até 1936 e atuou profissionalmente na feitura de muitas e muitas centenas de desenhos de caráter científico, técnico e de divulgação. Lecionou desenho e pintura no Centro do Professorado Piracicabano em 1941. Ganhou em 1943 um concurso de cartazes promovido pela Secretaria da Agricultura do Estado e fez o mural “Batismo de Cristo” na capela do antigo Departamento de Migração e Colonização do Estado de São Paulo, encomendado pelo Departamento de Produção Vegetal. Participou dos Salões Paulistas de Belas Artes, recebendo vários prêmios. Participante ativo dos Salões de Belas Artes de Piracicaba, conquistou diversos prêmios, entre 1965 e 1977. Dirigiu a Pinaco-teca Municipal e fez inúmeras ilustrações para livros e periódicos do país e do exterior. A maior parte das suas obras, pintadas a óleo, como o retrato de *Frei Paulo de Sorocaba* (c. 1940), e *Estudo de figura* (c. 1940), *Tentando compor*, 1970, e *Rua do Porto*, 1972, pertence a acervos particulares e a várias pinacotecas paulistas. “Foi um verdadeiro artista, dotado de imaginação e cultura... Um sonhador, um idealista inveterado... de uma espontaneidade toda intensa e singular” (Jahyra B. Arruda, *Jornal de Piracicaba*, 1981). Surpreendentemente, segundo Claudia Rangel, Stella nunca vendeu um único quadro, a despeito de tê-los feito em quantidade e de pertencerem ao que de melhor se fez em matéria de arte pictórica na Piracicaba do século vinte. (U. S. Cosentino, *Jornal de Piracicaba*, 18.8.1985; F. A. F. Mello, 1999; C. Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 18.7.2004). Na relação dos estrangeiros moradores de Piracicaba no início do século vinte que não se naturalizaram, pertencente ao arquivo da Câmara Municipal e datada de 17.6.1904, consta o nome de Pietro Stella (v. Alleoni, 2002). Há uma rua Angelino Stella nas Glebas Califórnia,

junto à estrada dos Marins.

**STÊNICO, Jacob, Padre.** N. Piracicaba, 19.12.1919. F. Piracicaba, julho de 1994. Neto de Simão Stênico e Maria Correr Stênico, que, juntamente com o casal Virgílio Stênico e Luíza Correr Stênico, fazem parte dos casais pioneiros fundadores do bairro de Santa Olímpia. Os Stênico eram de Romagnano, província de Trento, e desde 1877 passaram a viver no Brasil. Nascido em Santa Olímpia, onde era popular como “Pacó”, fez seus estudos sacerdotais iniciais em Rio Claro, SP, no Seminário Menor dos Padres Estigmatinos, e depois no Seminário Maior de Ribeirão Preto, SP. Começou a exercer sua atividade como religioso junto à comunidade tirolesa de Piracicaba em 1972 e quatro anos mais tarde passou a morar no bairro, em quarto nos fundos da igreja. Humilde, virtuoso e muito estimado pelos seus paroquianos, deu nome a uma praça que se localiza no bairro em que nasceu, viveu e luziu como sacerdote, conselheiro e exemplo de caridade, a praça Padre Jacob Stênico. Sua avó Maria Correr Stênico, a “Zia Maria”, era conselheira muito respeitada dos moradores de Santa Olímpia. Faleceu em 1947 e dá nome a uma rua da Vila Rezende: a rua Maria Stênico, paralela à avenida Manoel Conceição e à rua Octávio Amaral Gurgel (M. Massiarelli, *Jornal de Piracicaba*, 20.11.1992).

**STIPP, Nicolau** (Séc. 19). C.c. Ágada Stipp, f. 5.8.1865. Ff.: José, Pedro, Margarida. Tronco da família Stipp, veio de Bremen, na Alemanha, juntamente com a esposa e filhos, passando a viver e trabalhar em Piracicaba. Sua moradia, uma chácara, situava-se num terreno acidentado, que passou a ser conhecido como Morro do Stipp. Seu filho José abriu uma venda em 1855, a primeira casa comercial surgida na cidade, como consta no Livro de Licenças, pertencente ao Arquivo Municipal. Os alemães que aqui se fixaram nos tempos do Império teriam sido os introdutores da carne de porco em Piracicaba. Pertenceu a um Stipp, chamado Thiago Stipp,

o primeiro matadouro de porcos local. Os pendores musicais da família Stipp fizeram com que organizassem uma das primeiras bandas de música de Piracicaba, formada predominantemente por músicos que tinham o sobrenome Stipp. Um apanhado a respeito das bandas de música locais, preparado por J. Chiarini para o almanaque de Krähenbühl (1955), data a atuação da banda na cidade a partir de 1884 até o ano de 1910 e reproduz uma fotografia na qual se encontram irmãos, sobrinhos e primos Stipp, dezesseis ao todo, mais o trombonista Antônio dos Santos (Adão). No *Almanak* de Camargo (1900) há um anúncio da “Ferraria Stipp”, de propriedade de João Stipp (Sobrinho) e Companhia, à rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo) nº 59. Apresentava-se como casa de ferreiro, serralheiro e de fabricação de fogões e grades, especializada em ferramentas de corte”. A mesma fonte registra, na passagem do século, a existência de uma olaria de Acácio Stipp em Piracicaba, o casamento de Pedro Nicolau Stipp em 1865 e o de João Stipp com Maria C. Engelberg no mesmo ano. Nas suas “Efemérides Piracicabanas”, o referido almanaque inclui o casamento a 30.1.1866 de “Gregório Perche(s)” com uma filha de José Stepp (Stipp?). Um anúncio da Fábrica São José de Sabão Flor de Piracicaba, de propriedade de José Pereira Pinto, à rua Boa Morte, informava em 1900 que a sede da fábrica se achava na “chácara do falecido Pedro Stipp”. Em meados do século 20, Piracicaba contou no seu correio com um funcionário exemplar e muito estimado na cidade: Euclides Schalh Stipp, c.c. Luiza Stolf Stipp (f. 18.11.1982). Eram pais de Iraides, Yeda, Nivaldo, Yammed Paulina, todos professores, e José Neto. Nascido em 1931, Nivaldo faleceu em Barra Bonita, SP, a 22.10.2001. Era c. com Maria do Carmo Contador Stipp e deixou os ff. Eugênio e Eduardo.

**STOLF, Francesco.** N. Trento, Itália, séc. 19.

F. séc. 20. Tronco de numerosa família, seu nome aparece no livro protocolo de 1906 e no livro caixa de 1907 da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba. Deixou a terra natal quando tinha 14 anos de idade. Vendeu a parte que lhe cabia na propriedade rural da família, para fundar uma fábrica de cerveja, a Cervejaria Oceania. Esta chegou a ocupar todo o quarteirão em região que atualmente corres-ponde à avenida Armando Salles de Oliveira com a rua D. Pedro II e contou com trinta empregados. Insatisfeito com o lucro que obtinha, montou em seguida uma fábrica de gelo, cuja produção chegou a ser de quatro mil quilos diários de gelo. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-18), segundo relato de seu filho Jacob (cit. em Elias Netto, 2000), populares puseram fogo na residência dos Stolf. Estes se refugiaram em um sítio no antigo Corumbataí (Santa Terezinha). Francesco tornou-se proprietário de uma fábrica de cal e após alguns anos criou o laticínio Ideal, o primeiro da cidade a fornecer leite pasteurizado à população, que chegou a engarrafar diariamente cinco mil litros de leite, distribuído à freguesia por meio de carrocinhas. Posteriormente, a empresa de laticínios Vigor adquiriu a Ideal. O filho Jacob e vários outros Stolf atuaram no comércio piracicabano. Antônio Stolf dedicou-se ao ramo de secos e molhados no seu armazém à rua Tiradentes, nº 103, registrado no comércio a 9.1.1940 sob nº 330, com capital de 10:000\$000 e como sócio nº 26 do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba (Guidotti, 2002). Fidélis Stolf também se voltou para o ramo dos gêneros ali-mentícios em armazém na avenida Ruy Barbosa, nº 30, registrando-se no Sindicato a 13.4.1940 sob nº 496 (sócio nº 59). Fortunato Stolf foi proprietário de casa comercial no bairro Santa Terezinha, também de gêneros alimentícios, registrada a 26.3.1940 com capi-tal de 3:000\$000 (registro no comércio sob nº 455, sócio nº 150). Na rua Moraes Barros, nº 1252, localizou-se o armazém de Jacob

Stolf, registrado no Sindicato a 12.1.1942 sob nº 1018, com capital de 4:000\$000 (sócio nº 33). Dois Stolf destacaram-se na vida política piracicabana, ambos vereadores: Antônio Stolf (1952-55, 1958-59, 1960-63) e Mário Stolf (1956-59, 1960-63, 1964-67). No *Almanaque de Piracicaba* de Krähenbühl (1955), Mário Stolf figura como proprietário da agência de automóveis Citroen, à rua Rangel Pestana, nº 1039. Era casado com Ivone Marchini Stolf, n. 1918. Na segunda metade do século passado, Piracicaba deveu aos Stolf um cinema na praça José Bonifácio, nº 914: o cine Politeama, inau-gurado em 1954 e desaparecido em 1981. Situa-se no Jardim Itapuã a rua Antônio Stolf (paralela à av. Pedro Habecchian) e em meio aos bairros São Jorge e Novo Horizonte a rua Mário Stolf, junto à rua Cap. Ricardo Mazzoneto. Faz parte igualmente da família o piracicabano José Stolf, que dá nome à uma rua no bairro Nossa Senhora de Fátima, que cruza com a rua Ignácio da Cunha Caldeira (Jardim Matilde) e é próxima da avenida Brasília.

**STOREL, Ernesto** (Séc. 20). C.c. Theresa Adelina Storel, n. 1914 e f. Piracicaba a 11.12.2006. Ff.: Antônio Oswaldo, Nilza Maria, Oscar, Geraldo. Ancestral das dezenas de Storel que fazem parte da sociedade piraci-cabana no século 21. Cidadão benquisto e hon-rado, teve como esposa uma das descendentes dos Rasera, José Rasera e Rosa Sesso Rasera. No início do milênio, mais de meia centena de pessoas com o sobrenome Rasera moravam em Piracicaba (v. Rasera, Giovanni).

**STORER, João Eugênio e José.** O primeiro, n. 12.10.1906 e f. 9.7.1994, era c.c. Elisa Mennucci. Agricultor, era filho de José e Izabel Storer. Quatro filhos. Foi colaborador nas atividades da paróquia do bairro de Dois Córregos. Há uma rua com seu nome (João Eugênio Storel?) no bairro mencionado. O segundo, José Storer, n. 1911, f. em Piracicaba a 28.8.2004. Casado com

Maria Previde Storer, f. aos 91 anos de idade em 25.7.2007 em Piracicaba, José era filho de João e Maria Storer. Quatro filhos: Marly Aparecida, Luiz Carlos, Stela Antonia e João José (Elias Netto, 2003).

**STRADLEY, Lilly Ann.** N. Greenville, Tennessee, EUA, 1859. F. EUA, 1935. Professora. Durante três dezenas de anos dirigiu o Colégio Piracicabano, vivendo e trabalhando em Piracicaba de 1898 até princípios de 1928. Sucessora de Martha Watts (v.), foi a diretora que permaneceu por mais tempo à frente do colégio. Veio ao Brasil em 1896 para desenvolver atividades de cunho missionário e escolar, inicialmente em Petrópolis, num colégio aberto por Martha Watts. Elias (2001) ressalta duas das principais contribuições de Stradley para a expansão do colégio em Piracicaba: o novo edifício, que recebeu o nome de Martha Watts, iniciado em 1907 e inaugurado em 1912, e a instalação do curso ginásial, tendo contado, para a sua concretização, com a ajuda decisiva do professor Hélio Penteado de Castro (v.). Quando se aposentou, construiu uma casa em Piracicaba, na qual residiu até retornar aos Estados Unidos, nos anos trinta, onde faleceu. “Lilly Stradley... mostrou sua força, personalidade e determinação, apesar de sempre se manter ‘modéstissima’... uma das marcas de seu perfil é a da sua imensa capacidade de dirigir, criar, ampliar” (Elias, 2001). Em 1993 foi inaugurada a biblioteca Miss Lilly Stradley no Instituto Educacional Piracicabano. A escritora Jaçanã Altair (Pereira Guerrini) (v.) fez dela uma das personagens de seu livro *Memórias de uma colegial* (São Paulo, editora Melhoramentos).

**STURION, Antônio Giuseppe.** N. 24.8.1878, Conegliano, Treviso, Itália. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Antônia Pazzinato Sturion. Ff.: Mário, Ermelindo, Octávio (f. 10.3.1990). Lavrador, emigrou da Itália em 1885, fixando-se em Piracicaba na região de Saltinho, na zona rural.

Foi administrador da fazenda de São Joaquim, em Saltinho. Antônio era filho de Giovanni Sturion e Antônia Marcon. Seus três filhos trabalharam igualmente na faina rural até 1947. Mudaram-se para a região urbana e criaram em sociedade seu primeiro estabelecimento comercial, denominado Casa Três Irmãos, que é mencionado no guia de Camargo e Navarro (1958) com endereço à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1936, no ramo de tecidos em geral, com vendas por atacado e varejo. No *Almanaque* de Krähenbühl (1955), um anúncio refere-se a Mário Sturion e irmãos como proprietários da Casa Três Irmãos atacadistas e varejistas. Ofereciam “chapéus, roupas feitas, casimiras e linhos, máquinas de costura, fazendas e armarinhos” em suas duas lojas: na matriz à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1936 e na filial à rua Prudente de Moraes, nº 635. Mario Sturion casou-se com Ignez Zangelmi Sturion, ff. Mário Antônio, Marisa Maria, Marlene Aparecida, Milton José, Marcos Augusto (f. 9.12.1989). Além de manter a loja com os irmãos, Mário Sturion criou a Indústria de Colchões Sturionflex (1958), a indústria de Móveis Sturion (1960) e a Sturion Metais. As empresas ganharam a denominação coletiva de “Sturion Indústria e Comércio Ltda.” Fez, além disso, novo edifício da Casa Três Irmãos, ampliando-a para a comercialização de móveis e aparelhos eletrodomésticos (1963). Ganhou destaque na sociedade piracicabana pelas suas iniciativas filantrópicas e sociais e por sua liderança no meio empresarial. Comendador agraciado com a Cruz do Mérito da Ordem da Solidariedade do Mérito Cultural (1976), recebeu a Medalha do Bicentenário de Piracicaba (1970) e o troféu Cana de Ouro como cidadão piracicabano de destaque em 1972 (Martins e col., 1975). Em 2002 foi-lhe concedido o Diploma de Reconhecimento ao Mérito pela Câmara Municipal de Piracicaba. Há uma avenida no bairro Morumbi em homenagem a Antônia Pazzinato Sturion, paralela à avenida

Prof. Alberto Vollet Sachs. Um político denominado Sturion, Sidane Antônio Sturion, foi vereador em Piracicaba (1952-55 e 1960-63) e faleceu em 31.7.2002.

**SUDÁRIO, Júlio da Silveira.** N. Piracicaba, 10.12.1906. F. 1978. Farmacêutico, escritor, jornalista. Formou-se pela Escola de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba e residiu em Itápolis, ocupando o posto de redator do jornal *A Ordem*. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, publicou artigos e estudos em vários periódicos, entre os quais a *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo) e a revista *Feira Literária*. Sua bibliografia inclui *Breviário* (poesias), 1927; *Breves notícias sobre Itápolis*, 1938; *Confederação americana*, Cuba, União Panamericana, 1943. Usou o pseudônimo Paes Leme Júnior em alguns dos seus escritos (Melo, 1954).

**SURIAN, João.** N. séc. 19. Músico, maestro. Regeu a Corporação Musical Carlos Gomes, criada no século 19, por volta dos anos 80, e a Banda União Operária, surgida em 1906, época em que a cidade chegou a contar com cinco bandas, que se apresentavam em coretos, bailes, solenidades e procissões. Surian teve Martinho Fischer como seu sucessor, à frente da União Operária (G. Nunes, *Jornal de Piracicaba*, 1.5.1992; N. F. Arruda, *Jornal de Piracicaba*, 1.5.1987). Um ofício da câmara municipal de Piracicaba datado de 5.7.1919 referia-se à existência de quatro bandas de música da cidade: Azarias de Mello, União Operária, Piracicabana e Giuseppe Verdi, sob a regência dos maestros Franklin César, Juvenal Correa, Augusto José Pereira, Eugênio Cervellini e João Surian (G. Vitti, *Jornal de Piracicaba*, 13.11.1988). Segundo Carradore (2002, na *Revista do IHGP* nº 9), a Banda União Operária denominava-se inicialmente Lira Piracicabana e teve origem na cisão das bandas Azarias de Mello, então regida por Luiz Dutra, e Carlos Gomes, sob a regência do maestro

Buttera.

**SVARTSI, Germano** (Séc. 20). C.c. Noêmia Kramer Svartsi. No *Jornal de Piracicaba* de 1.8.1994, J. Rosenthal cita-o em entrevista, como proprietário de “loja de confecções finas à rua Governador Pedro de Toledo, em frente às Casas Pernambucanas”: a Casa Germano, gerenciada pela viúva após o falecimento do esposo. Nos anos 40, três postos piracicabanos de combustíveis, os postos São José, São Paulo e Piracicabano, eram de propriedade de Mitelman, Svartsi, Petrocelli e Cia. Ltda. (Guidotti, 2002).

SVENDESSEN, Tage Flohr. N. Dinamarca, séc. 19. F. séc. 20. Gerente da Usina Capuava, em Água Santa, de propriedade do seu compatriota Cristiano Mathiessen. Ocupava esse posto por ocasião da implantação da mecanização agrícola da usina em 1921, que constituiu um empreendimento pioneiro da mecanização agrícola no Brasil.





**TACLA, Elias** (Séc. 20). Comerciante. Os Tacla fazem parte dos numerosos sírios e libaneses que imigraram para o Brasil em fins do século 19 e nas primeiras décadas do século 20 e se fixaram em Piracicaba. Elias Tacla, um dos mais antigos e operosos integrantes desse grupo, tem seu nome inscrito entre os sócios homenageados “in memoriam” pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa (Salum, 2003). Fez parte da diretoria da entidade nos anos vinte, quando, graças aos seus esforços, juntamente com Jorge Athié Coury(v.) e Abdo Neme (v. Mário A. Neme), a sociedade adquiriu de Samuel de Castro Neves (v.) o imóvel que passou a ser a sua sede definitiva, desde 12.8.1926, convertendo-se desde então no centro de conagração da comunidade dos sírios e libaneses. A sociedade teve anteriormente sua sede na rua Treze de Maio n° 52, em prédio adquirido na presidência de Gabriel Abrahão Rezk (v.) a 13.2.1908 (Elias Netto, 2000). Um membro da família Tacla, igualmente homenageado “in memoriam” pela associação, João Tacla, formou-se em agronomia pela ESALQ em 1943. Há uma rua Elias Tacla no Jardim Primavera. (V. Andrade, José Miguel de.)

**TAKAKI, José (Shigueki)** (Séc. 19? - Séc. 20). Imigrante japonês. Seu sobrenome designa uma praça no bairro da Paulista, desde 17.4.1960. Veio casado ao Brasil, em companhia da esposa e de onze filhos. Seu quinto filho, Fernando Takaki (n. 1934), não sabe informar o ano

em que, recém-chegados do Japão, passaram a viver em Piracicaba (provavelmente em 1918). Lembra apenas que seus pais e os filhos trabalharam inicialmente na lavoura (ele próprio começou a trabalhar aos sete anos de idade) e que o pai “sempre foi lavrador, plantava de tudo”. Veio com seu irmão Shigueri (João) Takaki. Trabalhou primeiro na fazenda Pau d’Alho e depois comprou o primeiro sítio. Os Takaki chegaram a ter três sítios. Com a morte do pai, ocorrida em meados do século, a família mudou-se para zona urbana de Piracicaba, passando a comercializar verduras e legumes agrícolas no Mercado Municipal (*Jornal de Piracicaba*, 19.10.1997). Segundo Ana P. Silva (cit. por Elias Netto e outros, 2003), setenta e duas famílias japonesas passaram pela fazenda Pau d’Alho, mas quase todas já tinham deixado a fazenda em 1932, “muitas delas buscando a independência nas cidades”, tal como ocorreu com os Takaki. Viveu e trabalhou igualmente na Piracicaba do século vinte um “nissei” com o mesmo sobrenome: Júlio Takaki, piracicabano de nascimento, n. 21.4.1924 e f. fevereiro de 2000. Foi casado com Mioki (Rosa) Takaki, com quem teve três filhos. O *Jornal de Piracicaba* de 18.6.2000 a ele se refere como cidadão “bastante participativo, colaborador das entidades assistenciais, comerciante de hortifrutigrangeiros, entre outras atividades”. Os Takaki que no século vinte se fixaram em Piracicaba incluem igualmente Yukie Takaki, nascida em 1915 em Kobe, no Japão. Veio

## TANCREDI, Ângelo C.

aos 15 anos de idade ao Brasil, para trabalhar no cultivo de café na fazenda Pau d'Alho. Júlio (in memoriam) e Yukie Takaki foram homenageados em 18.6.2000 pela câmara municipal, em sessão solene comemorativa dos 92 anos da chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil, e assim também Kazuo Miazaki, natural da província de Fukuoka, onde nasceu em 1924. Veio para o Brasil com a família em 1929. Yukie casou-se com Shiguero Takaki. Tiveram nove filhos e vinte e um netos. Após trabalhar na Pau d'Alho, Yukie viveu na Fazenda Cachoeira, perto de Ártemis, e no Limoeiro, onde iniciou o cultivo de tomate, milho, feijão, melancia, mandioca, cana-de-açúcar, hortaliças e frutas e criou gado. Em 1955, ela e o marido trocaram a agricultura pelo comércio na cidade. Outra sessão solene, comemorativa dos cem anos de amizade nipo-brasileira e dos 77 anos da chegada dos japoneses em Piracicaba, teve lugar na câmara municipal em 8.8.1995, sendo homenageadas dez pessoas, entre as quais o cidadão Rosário Takaki. De acordo com Elias Netto (2000), ficaram famosos em Piracicaba os “pastelões japoneses” aqui introduzidos por Rosário Takaki e Mário Miazaki, no século passado.

**TANCREDI, Ângelo C.** N. 1901. F. São Paulo, SP, 16.6.1948. C.c. Maria T. Tancredi. Ff.: Diana, Rafael, José, Domingos. Médico. Irmão do médico Francisco C. Tancredi (v.). Mudou-se para Piracicaba em 1929, a fim de substituir o médico Orestes Pentagna (v.), na direção do Instituto Pró-Infância, à rua Santa Cruz, nº 103. Instalou seu consultório à rua Quinze de Novembro, nº 138, mudando-se depois para o nº 53 da mesma rua e em 1933 para a rua D. Pedro II, nº 53. Apresentava-se como “médico operador e parteiro”, formado pela Real Faculdade de Nápoles e no Rio de Janeiro. Na Itália, trabalhou como assistente do Real Instituto de Primeira Patologia Médica de Nápoles e foi interno do Hospital dos Pellegrinos de Nápoles. A Irmandade da

Santa Casa de Misericórdia o admitiu como irmão contribuinte em julho de 1931. Deixou Piracicaba em janeiro de 1937, para passar a clinicar em Santos, SP (Cambiaghi, 1984).

**TANCREDI, Francisco.** F. São Paulo, SP, 20.12.1949. Médico, irmão de Ângelo Tancredi (v.), igualmente médico. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba o admitiu como irmão contribuinte em 1931. Teve consultório à rua Rangel Pestana, nº 94. Especializado em “moléstias nervosas e mentais”, transferiu-se para a capital paulista, com consultório à rua D. José de Barros, nº 168. Dirigiu em São Paulo o Sanatório Charcot e fez parte do corpo clínico do Manicômio Judiciário do Juqueri (Cambiaghi, 1984).

**TANGERINI, Nestor Tambourideguy.** N. Piracicaba, 1895. F. Rio de Janeiro, 30.1.1966. Escritor, jornalista, professor. C.c. Dinah Marzullo Tangerini, n. 1917. Ff.: Nelson, Nirton e Nirson. Tio das atrizes Marília Pêra e Sandra Pêra (ff., Maurício Marzullo e Dinorah Tangerini Marzullo). Apontado por Douglas Trufano, como “um dos maiores poetas satíricos do Brasil”, Nestor teve como pais uma brasileira com origens bascas e um italiano restaurador de obras de arte e cantor lírico. Deixou Piracicaba aos cinco anos de idade, quando seus pais se transferiram para Sacramento, MG, onde nasceu uma irmã, Gilda, que teve curta vida. Mudou-se mais tarde para a Itália. Paralelamente ao exercício do magistério, como professor de língua portuguesa, escreveu crônicas e poesias com pseudônimos em periódicos da época. Fez músicas (sua valsa *Dona Felicidade* foi composta em parceria com Benedito Lacerda e gravada por Castro Barbosa para a RCA Victor em 1937). Escreveu peças de teatro de revista para o teatro João Caetano e a companhia de Jardel Jércolis, no Rio de Janeiro, interpretadas por Ítala Ferreira, Oscarito, Dercy Gonçalves, Grande Othelo, Aracy Cortes, Henriqueta Briebe, Walter Dávila:

*Tudo pelo Brasil, Estupenda! Magnífica!, Na dura!, No tabuleiro da bahiana, Gol.* Participou da Fundação de *O Espeto*, revista popular de humorismo e sátira, onde colaborou com poesias, esquetes, crônicas, monólogos e caricaturas. Ocupou cargo público no antigo Departamento de Correios e Telégrafos (Claudia Rangel, *Jornal de Piracicaba*, 22.5.2005).

**TARDIVO, Nãocy (Jacó).** F. São Paulo, SP, 28.12.1996. Empresário. Filho de Jacob Tardivo e Amália Tardivo. Permaneceu durante mais de cinquenta anos à frente do seu estabelecimento comercial, a Galeria dos Tecidos à rua Governador Pedro de Toledo, nº 916. Estimado, empreendedor e dinâmico, assumiu a 30.5.1983 a presidência do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, permanecendo doze anos nesse posto, até 29.5.1995. “Foi um dos presidentes mais atuantes dos que passaram pelo Sindicato” (Guidotti, 2002). Reformou o prédio adquirido na gestão de Jorge Chaddad para nele instalar a segunda sede do Sindicato, inaugurando-a a 6.12.1985, com a presença de Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado e dos Conselhos Regionais do Sesc e do Senac. Empenhou-se com êxito, juntamente com o secretário executivo do Sindicato, José Maria Saes Rosa, para a implantação de uma unidade do Senac na cidade, em edifício construído em 1966, até então ocupado pela Guarda Civil Municipal, que anteriormente sediara o Centro de Reabilitação. Outra iniciativa de vulto de Tardivo foi a aquisição de um imóvel à rua Governador Pedro de Toledo, nº 484, pertencente à família de Aquilino José Pacheco (v.). Após sua completa reforma, tornou-se a nova Sede do Sindicato, inaugurada a 3.6.1995. Recusou a sua recondução à presidência deste, na eleição de 25.4.1995, concordando apenas com a escolha do seu nome para ser o segundo vice-presidente, na chapa liderada por José Maria Saes Rosa. A posse da nova diretoria deu-se no mesmo dia da inauguração da nova sede. Enfermo, em novembro do ano seguinte

“Jacó” foi internado no Hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo, onde faleceu. Nãocy Tardivo pertencia a família cujos antepassados, vindos da Itália, fixaram-se em Piracicaba entre fins do século 19 e o início do século seguinte. Um comunicado à praça, publicado na *Gazeta de Piracicaba* de 21.6.1895, informa que Giuseppe Tardivo adquiriu de Bartolo Seccone, naquela ocasião, um restaurante à rua do Rosário, na esquina da rua Treze de Maio. O mesmo Tardivo está na lista dos italianos residentes em Piracicaba que não se naturalizaram, datada de 17.6.1904 e arquivada na Câmara Municipal local. Seu nome consta igualmente em Camargo (1900), no rol dos comerciantes de Piracicaba proprietários de vendas e armazéns, com um estabelecimento comercial à rua Direita (atual Prudente de Moraes). Francisco Tardivo aparece também entre os moradores de Piracicaba em 1904 que não se naturalizaram. Nos livros caixa e de protocolo da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, relativos ao ano de 1902, é mencionado como associado Giácomo Tardivo. Foram irmãos de Nãocy a esposa de Santos Buelloni (v.), Clarice Tardivo Buelloni, n. 11.11.1908 em Piracicaba e f. igualmente em Piracicaba a 16.7.1977, e Raul Tardivo, agente em Piracicaba da Companhia de Seguros Sul América, em meados do século vinte (Família Buelloni, 2006; Alleoni, 2003).

**TAVARES, Bellini** (Séc. 19-20). Maestro. As escassas informações disponíveis a respeito deste musicista limitam-se a assinalar que atuou na vida artística e cultural de Piracicaba por volta da primeira década do século vinte. Nessa ocasião, surgiu na cidade uma Orquestra de Câmara, de que fizeram parte os então jovens Erotides de Campos, Benedicto Dutra Teixeira e Belmácio Godinho (vv.). A orquestra teve como regentes Tavares e o professor e flautista Honorato Faustino de Oliveira (v.), que dirigiu a Escola Complementar (Normal) de Piracicaba de 1909 a 1928.

**TAVELLA, Antônio (Franz?)** (Séc. 19). Escultor tirolez de renome. Autor de esculturas sacras para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, construída entre 1893 e 1895 (*Jornal de Piracicaba*, 8.7.1998). Outras fontes se referem não a Franz, mas a Antônio Tavela de Gardena (v. Morandi, Luiz)

**TEDESCO, Nestor.** N. Piracicaba, 23.6.1929. F. Piracicaba, 25.6.1990. C.c. Júlia Tedesco. Ff.: Jaqueline, Telma. Há notícia da presença dos Tedesco em Piracicaba desde fins do século 19 e no início do século 20. Na *Gazeta de Piracicaba* de 4.10.1900 Guidi (Guido?) Tedesco é mencionado como um dos associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro presentes ao sepultamento do Barão da Serranegra, realizado em Rio das Pedras (cit. Alleoni, 2003) e figura igualmente no Livro protocolo da associação, referente ao ano de 1900. Comerciante, de família italiana, mas com raízes mais remotas presumivelmente germânicas (*tedesco* é o mesmo que germânico, alemão), Nestor começou no ramo de concerto de relógios e jóias em sociedade com Pedro Galina, tendo feito seu aprendizado com Umberto Provenzano (v. Salvador Provenzano). Instalou posteriormente uma oficina à rua Boa Morte, n.º. 2135, juntamente com um irmão. Em 1951 transferiu a loja para outro local, tornando-se dono da Relojoaria Tedesco, à rua São José, n.º. 582. Um anúncio de meados do século destacava os artigos que comercializava: relógios, jóias, artigos para presentes, concertos e reformas (Folheto de programação dos cinemas locais, março de 1858). A casa Tedesco é mencionada em 1966 no *Guia de Piracicaba* organizado por R. Righetto. Há uma rua João Tedesco no bairro Água Branca e uma rua Nestor Tedesco no loteamento Chácara Nazareth II. Outro membro da família, Adriano Tedesco, n. e f. no séc. 20, foi c.c. Lygia Pereira da Silva Tedesco, n. 1916 e f. Piracicaba, 23.7.2007. Ff.: Adriano Sérgio, Lygia Maria, Adriano Écio, Adriana

Lígia.

**TEIXEIRA, Benedicto Dutra.** N. Jaú, 11.8.1892. F. Piracicaba, 21.11.1962. C.c. Gertrudes Rolim Teixeira. Ff.: Mozart Rolim Dutra e Rossini Rolim Dutra (vv.). Era filho do advogado Sebastião Teixeira e de Maria Dutra Teixeira. Maestro, violinista, professor, compositor. Com a morte da mãe, Maria Dutra Teixeira, passou a residir em Jundiá, SP, na casa do avô, Miguel Ângelo Bonarroti Dutra Teixeira, musicista e pintor de renome. O avô mudou-se para Piracicaba, onde Benedicto continuou e terminou sua escolarização de nível secundário. Trabalhou desde pequeno, na lavoura, como entregador de jornais e mais tarde como tipógrafo de *A Gazeta de Piracicaba*. Desde bem cedo seu pendor para a música se manifestou. Tendo como instrumento predileto o violino, seus primeiros passos na arte musical foram guiados pelo avô. Cresceu em meio a artistas, na companhia dos primos (vv.) João, Alípio, Arquimedes e Antônio de Pádua Dutra. Autodidata, só tardiamente beneficiou-se do ensino de mestres do violino como Júlio Bastiani e Frank Smith, na capital paulista. O primeiro, professor catedrático do Conser-vatório Musical de São Paulo, e Smith, um grande concertista nas primeiras décadas do século. À medida que amadurecia, passou a organizar e liderar corais e conjuntos instrumentais. Montou, dirigiu e regeu a Orquestra Piracicabana de Amadores durante vários anos. Participou da fundação da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba e foi seu presidente e diretor artístico. Como professor de violino, contou entre seus discípulos com Olênio de Arruda Veiga, Leontino Ferreira de Albuquerque e seu filho Rossini (vv.). Durante trinta anos lecionou música na Escola Normal Oficial (posteriormente Sud Mennucci) e na Escola Normal Livre Nossa Senhora d'Assunção, nas quais liderou seus Orfeões Normalistas. Em 1932, por ocasião da Revolução Constitucionalista, fez

parte do Batalhão de Professores. Dedicou-se à composição musical, criando inúmeras obras: valsas, mazurcas, polcas, hinos escolares, cantos corais e músicas de outros gêneros. Entre as suas músicas de maior êxito, impressas em partituras pelos Irmãos Vitale de São Paulo e pela editora Bevilacqua do Rio de Janeiro, destacam-se *Laurinha, Sempre Sonhos, Paisagens, Um Lenço, Salve Maria, A filha da floresta* (inspirada em livro de Thales Castanho de Andrade), *Trovas* (versos de Álvaro Moreira), *Riacho, Eduwilda, Suprema ventura, Quem canta...* (versos de Corrêa Júnior), *Czardas, Festa no arraial, Foi o vento... foi a vida* (versos de Corrêa Júnior). Compôs o *Hino do Colégio Assunção*. Transferiu-se para Marília, SP, estimulando o canto coral na cidade, e posteriormente residiu em Penápolis, SP, onde se aposentou. Muito querido na cidade, apreciador de pescarias em canoa no rio Piracicaba, que praticava com destreza, tendo à cabeça seu velho chapéu de palha, cordial e bem humorado, sabia unir o amor à música à alegria de viver e conviver. Entre as muitas honrarias que recebeu, figuram um título “honoris causa” concedido pelo Conservatório Dramático e Musical de Piracicaba, do qual foi presidente do conselho (1959), o de Cidadão Piracicabano outorgado pela Câmara Municipal a 22.11.1961 e a comenda Princesa Dona Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Em 1965 seu nome passou a designar o Colégio Estadual de Charqueada, SP, atualmente Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Benedito Dutra Teixeira. Há em Piracicaba uma rua com seu nome, na região da chácara Nazaré (*Jornal de Piracicaba*, 11.8.1992; N. de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 5.10.1986; Velloso, 2000).

**TEIXEIRA, Benedito Glicério.** Advogado solicitador em Piracicaba, em meados do século 20. Foi eleito vereador para dois mandatos, de 1948 a 1951 e de 1952 a 1955. Tinha escritório na praça José Bonifácio e

residiu à rua Boa Morte, entre as ruas Ipiranga e Riachuelo. Era irmão do cirurgião dentista Sebastião de Camargo Teixeira (v.). Benedito presidiu a Banda União Operária de Piracicaba (Aldrovandi, 1991). Situa-se no Piracicamirim uma rua com seu nome, junto à avenida Dois Córregos.

**TEIXEIRA, Mário.** N. 1925. F. 24.9.1988. C.c. Maria Trombim. Fez parte do grupo de fundadores do Sindicato da Fiação e Tecelagem de Piracicaba em 1958 e foi seu presidente, de 1958 a 1964. Trabalhou na Companhia Industrial Boyes entre 1943 e 1959. De 1972 a 1988 foi funcionário da Prefeitura Municipal, tendo exercido o cargo de porteiro do Cemitério da Saudade, seu derradeiro emprego. Enfrentou dificuldades durante o regime militar (1964 a 1985) e teria falecido sem recursos, segundo consta em Elias Netto (2003). Há uma praça com seu nome, no bairro Algodal, entre a avenida Conceição, a rua Nicolau Athanassof e avenida Adolfo de Carvalho.

**TEIXEIRA, Sebastião de Camargo.** Séc. 20. F. 13.6.1978. C.c. Lázara Maria Ferreira Teixeira. Ff.: Maria Terezinha, Nelson Antônio, Milton Francisco, Neuza Luzia, Blaird Sebastião, Edimir Domingos, Maria Aparecida, Maria Angélica, Wladiney Brás. Cirurgião dentista, irmão do solicitador Benedicto Glicério Teixeira. Vereador em Piracicaba (1948-51, 1952-55). Formou-se pela Escola de Odontologia Washington Luís de Piracicaba em 1929 e teve gabinete dentário à rua Boa Morte, nº 1542.

**TEIXEIRA & ROLIM.** Séc. 20. Proprietários de empresa que em 1901 inaugurou um serviço de transporte por trolés entre Piracicaba e Rio Claro. A duração média de cada viagem era de seis horas.

**TELLES, Adalberto de Queiroz** (Séc. 19-20). Professor da ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz. O livro comemorativo do 75º aniversário da escola (Lordello e outros, 1976) limita-se a registrar seu nome como docente, no ano de 1915. Barata e Bueno (2000), em verbete referente a Queiroz Telles, mencionam o engenheiro Adalberto de Queiroz Telles, n. Paris, França, em 2.9.1878. Foi secretário da agricultura e era bisneto de Antônio de Queiroz Telles, n. Portugal, c. 1761, e Ana Joaquina da Silva Prado.

**TELLES, Márcia** (Séc. 19-20). No *Almanak de Piracicaba* de Camargo (1900) é referida como proprietária de um restaurante na cidade. Situava-se na rua da Glória (atual rua Benjamin Constant).

**TELLES, Mário** (Séc. 20). C.c. Helena de Almeida Telles. Titular do Cartório de Registro Civil da Vila Rezende, na avenida Rui Barbosa, nº 82, que anteriormente teve como oficiais maiores Joaquim Moreira Coelho Filho (Nhonhô Coelho), José Lino D'Alkimim, Jonas Leme de Camargo. Ligado a várias entidades de expressão, presidiu a Associação Atlética Sucrierie (posteriormente Clube Atlético Piracicabano). O historiador da Vila Rezende Alcides Aldrovandi (1991), após assinalar em Camargo as qualidades de “homem probo, amigo incondicional e prestativo”, observa que seu substituto, “seu Mário Telles, não deixou os vila-rezendinos com saudade de seu Jonas, pois o substituiu plenamente com as mesmas qualidades e ainda atingiu com seu trabalho, dedicação e combatividade, outros segmentos da sociedade... (como os) da assistência social e desportiva. Participou de inúmeros diretórios de clubes esportivos, especialmente do Atlético (Clube Atlético Piracicabano), associações de classe, benemerência e culturais”. Deixou vários filhos, que passaram a ocupar posições de destaque na sociedade piracicabana e em

outras regiões, como os professores Mário Rubens Telles, um dos dirigentes do Centro do Professorado Paulista na capital do estado; Tarcísio Roberto Telles, escrivão habilitado do Registro de Imóveis da 1ª Circunscrição; e Branca Aparecida Telles Cervellini, sucessora de seu pai no Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Piracicaba, Segundo Distrito (Camargo e Navarro, 1958; Aldrovandi, 1991). Mário Rubens Telles, que ganhou projeção na liderança dos educadores filiados ao Centro do Professorado Paulista na segunda metade do século vinte, formou-se como professor pela Escola Normal e Colégio Estadual Sud Mennucci em 1951, licenciou-se em pedagogia em Mogi das Cruzes e formou-se em administração escolar, aposentando-se em 1988. Há uma rua Mário Telles, no Jardim Santa Isabel.

**TEMUDO, Antônio Pereira, capitão.** N. c. 1635, São Paulo, SP. F. São Paulo entre 7-8.11.1698. C. em 1ªs núpcias, c. 1663, c. Isabel Ribeiro e em 2ªs núpcias, c. 1689, c. Catarina Borges de Cerqueira, n.c. 1670, provavelmente em São Paulo, SP, e f. novembro de 1727. Após a morte do esposo, esta última voltou a casar-se em 1699 com Manoel Álvares Monteiro. O capitão Temudo era f. de João Pereira Temudo e Maria Gonçalves (ou Maria Bícudo) e após seu primeiro matrimônio passou a residir em Itu, na paragem conhecida como Itaim. Tinha meia légua de terra em Capivari, SP, e outra em Itu. Depois de enviudar de Isabel Ribeiro, Temudo transferiu-se para São Paulo e residiu em um sítio no bairro de Pinheiros (Bogaciovas, 2006).

**TESTA, Cármine (Nucho)** (Séc. 20). Secretário da Escola Normal Sud Mennucci em meados do século, colaborou também na imprensa local. Pertenceu à família Testa, proprietária da tradicional Casa Testa, num casarão assobrado à rua Governador Pedro de Toledo, onde residiram os pais e seus irmãos: Luzia, Ernestina, Anunciata, Tereza e Luiz (Gijo). Em fevereiro de 2001, Maria Cecília Graner Fessel evocou-o com ternura e admi-

ração: Cármine e seus familiares residiam “num comprido casarão de esquina, na rua Prudente de Moraes... Era um circunspecto secretário da escola Sud Mennucci, jornalista nas horas vagas. Passava diante de minha casa cami-nhando lentamente, abstraído das coisas ao seu redor, a cabeça certamente ocupada com novos e incisivos artigos sobre a vida da cidade ou talvez com as longas atas onde registrava a vida dos alunos. Mas o que realmente chamava a atenção de todos que os conheciam era o carinho com que cuidava dos tios surdos-mudos, que também pouco enxergavam, mas eram dotados de grande inteligência... A família parecia formar ao redor dos dois uma sólida rede de apoio e de acolhimento”. Há notícia da presença da família Testa, de origem italiana, em Piracicaba, desde fins do século 19 e o início do século. Em Camargo (1900) consta que Maria Testa era proprietária de um dos bares e armazéns da cidade, à rua Santa Cruz, na passagem do século. Na relação de cidadãos italianos residentes em Piracicaba que não se naturalizaram, datada de 1904, figura Sante Testa, igualmente citado como associado da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, no livro protocolo desta, correspondente ao ano de 1905 (Alleoni, 2003). No Jardim Caxambu há uma rua denominada Cármine Testa.

**THAME, Abdala e José** (Séc. 20). Ambos fazem parte da relação de homenageados “in memoriam”, como associados falecidos, da Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba, reproduzida por Salum (2003).

**THOMAZI, Alberto.** N. Piracicaba, 14.1.1922. F. Piracicaba, 1.11.1986. Professor, artista plástico, f. do pintor Mário Thomazi (v.), aprendeu a pintar com o pai e com Ernesto Thomazi (v.), seu tio, um e outro pintores decoradores e com larga experiência em pintura, decoração e restauro de igrejas. Apesar de ter nascido em Piracicaba, foi registrado em São Manuel, SP. Trabalhou inicialmente como desenhista concursado na ESALQ (1944-48).

Formado como professor normalista, lecionou na zona rural, lecionou pintura (1973-1986) e publicou numerosos artigos sobre temas históricos piracicabanos. Além de artista plástico e educador, dedicou-se igualmente à decoração e à museologia. Foi também antiquário, restaurador e historiador. Ganhador de inúmeras lãureas e veneras, fazem parte dos seus prêmios maiores os que obteve no Salão Paulista de Belas Artes (1956, 1957, 1961, 1969 – prêmio de aquisição pelo Governo Estadual e prêmio Casa Miguelângelo de 1972), bem como medalhas de ouro em salões de belas artes de Piracicaba (1977), Itu (1982), Araras (1983), Limeira (1983) e em São João da Boa Vista (1985). Ganhou os diplomas de benemérito do Lar dos Velhinhos de Piracicaba e do Acervo Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz (ESALQ, 1986) e o diploma de Cidadão Piracicabano, que lhe foi concedido em 1968 pela Câmara Municipal de Piracicaba. Presidente de numerosos salões e membro de mais de três dezenas de júris de premiação e seleção, pertenceu a várias entidades culturais e artísticas conceituadas, entre os quais o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, de que foi co-fundador, a Associação Piracicabana de Artistas Plásticos (co-fundador) e a Academia Paulista de Belas Artes (membro consultivo). Dirigiu a Casa de Artes Plásticas de Piracicaba e integrou o Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba, assim como o Conselho Técnico e Consultivo da Casa de Artes Plásticas local. Teve numerosos trabalhos de sua autoria acolhidos em edifícios públicos, galerias e coleções particulares do país e do exterior. A Galeria de Artes da Casa do Povoador recebeu seu nome e uma escola pública no bairro da Cruz Criada passou a denominar-se EEPG Prof. Alberto Thomazi. “Pessoa pacífica, alegre e comunicativa... Desapegado das ambições comuns, jamais soube cobrar realmente pelos seus quadros... Teve a sorte de viver rodeado pela compreensão e carinho da família e orbitou livremente pelo universo da Arte... Todos que o conheceram bem consideravam-no uma pessoa



feliz” (A. A. Garboggini, cit. em F. A. F. Mello, 1999). U. S. Cosentino (*Jornal de Piracicaba*, 31.3.1985) o incluiu entre os artistas piracicabanos que “nunca deixaram o Brasil, mas absorveram o realismo erudito”, situando-o entre os mestres do “realismo naturalista da escola de Piracicaba”. De acordo com Cosentino, “não podemos separar o personagem Alberto Thomazi de seu trabalho artístico. Ambos se completam admiravelmente... A pesquisa e a documentação impregnam a obra e o próprio ambiente de trabalho deste pintor, que poderia ser chamado de um historiador plástico” (*Jornal de Piracicaba*, 15.9.1985).

**THOMAZI, Ernesto.** N. Veneza, Itália, 1889. F. Santos, SP, 1942. Artista plástico, decorador. Era menino quando passou a viver no Brasil e na juventude fixou-se em São Paulo, compartilhando moradia e o gosto pela pintura com outro jovem artista, Benedito de Toledo. “Dois pintores piracicabanos, boêmios incorrigíveis... fazem parte dos círculos literários e artísticos da garoeta São Paulo”, segundo o *Jornal de Piracicaba* (1.8.1961). O jornal transcreve o capítulo que Afonso Schmidt dedicou a ambos, no livro *O retrato de Valentina* (1948): “um moreninho truncado, com roupas estreitas que nem à força o punham delgado... Falava em patuá ítalo-brasileiro muito agravado pela característica fala piracicabana. Eram da mesma terra... Benedito pintava quadros, Ernesto pintava igrejas. Nenhum deles estava satisfeito com o destino. Quando Benedito veio para São Paulo, trouxe com ele o conterrâneo. Era para ele uma espécie de conselheiro, de mestre, de guia espiritual. E Ernesto, certo de que o amigo tinha a flama, submetia-se aos seus caprichos. Daí o seu chapéu de grandes abas, a gravata borboleta que lhe tomava o largo peito, o bengalão de junco, os sapatos de bico quadrado”. Moravam num quarto da rua Quintino Bocaiúva, deixando-o para residir ao lado da Sé, na praça Marechal Deodoro nº 2. Segundo F. A. F. de Mello (1999), Ernesto

foi pintor de destaque em seu tempo, “com muitos trabalhos distribuídos pelo Estado de São Paulo. Decorou várias igrejas do mesmo Estado, inclusive o Seminário Arquidiocesano de São Paulo. Foi, também, decorador de teatros. Obteve Medalha de Bronze no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul”. Seu companheiro Benedito Toledo teve fim trágico, na época da Primeira Guerra Mundial. Estava em Milão, na Itália, quando, “em acesso de neurastenia”, pôs fim à vida no lugar em que residia, na Via Panfilo Castaldi. Deixou no Brasil um irmão, negociante no Brás (*Jornal de Piracicaba*, op. cit.).

**THOMAZI, Mário.** N. Piracicaba, 7.2.1895. F. Piracicaba, 22.7.1974. Irmão de Ernesto Thomazi (v.). Artista plástico. “Um dos mais destacados representantes do realismo ingênuo regional na primeira metade do século XX”, segundo U. S. Cosentino, seu gosto pela pintura manifestou-se precocemente. Tinha 14 anos de idade quando passou a viver na capital paulista, ajudando seu irmão Ernesto na decoração de igrejas e teatros. Passou em seguida a receber orientação dos italianos Césare Formenti, Carlo de Servi e Adolfo Fonzari, sediados em São Paulo, que faziam decoração em igrejas e teatros e fabricavam vitrais. Aos 17 anos de idade, encarregaram-no de executar seu primeiro trabalho de vulto: o cenário do salão de festas para o Asilo da Imaculada Conceição, em Descalvado, SP. Em seguida, fez a decoração do cine-teatro Íris, em Piracicaba. Em 1914, voltou a trabalhar com o irmão Ernesto, na decoração do forro da capela-mor da antiga Igreja Matriz de Piracicaba. A partir de então, durante onze anos cuidou sozinho da decoração das igrejas de São Manoel e de Pirassununga, da Capela do Santíssimo Sacramento em Rio das Pedras, do cine-teatro Íris e do pano de boca do teatro Santo Estêvão em Piracicaba. Responsabilizou-se, ao mesmo tempo, pela cenografia de peças de um artista italiano, Barafon (v.), que o presenteou com alguns desenhos de paisagens e lugares piracicabanos, a partir dos quais

Thomazi executou pequenas aquarelas. Datam da segunda década do século vinte e pouco depois suas obras “A rua do Porto”, “O carnaval de Piracicaba no seu sesquicentenário”, “Curva do Rio” e “Antiga capela do Aleixo”. Juntamente com seu irmão Ernesto, decorou o Santuário do Bom Jesus de Iguape em 1926. Trabalhou intensamente como pintor decorador até 1970, não apenas em São Paulo, mas igualmente em Minas Gerais e no Paraná. A Piracicaba que retratou em suas telas inclui locais e edificações que não existem mais, sendo pois, essas obras o único registro que ainda perdura deles. Como sublinha Cosentino (op. cit.), Mário Thomazi “buscou antes pintar locais simples que fugiam à magnificência e, dentro de sua singeleza, se identificavam mais fortemente com sua alma sensível”. Em 1957 foi um dos integrantes do júri de seleção e premiação do V Salão de Belas Artes de Piracicaba. F. A. F. de Mello faz uma brevíssima referência a dois irmãos de Mário Thomazi, Eugênio e João Thomazi, igualmente piracicabanos de nascimento, autores de trabalhos de pintura e decoração em igrejas paulistas, em Iguape, Pirassununga e Botucatu. João Thomazi foi responsável pela decoração da capela-mor da Igreja de São Benedito, da capela da Santa Casa de Misericórdia e de várias capelas na zona rural. Existe uma rua Mário Thomazi, no loteamento Santa Rosa.

**THOMAZIELLA, Família.** Grafado com variações (Tomaziella, Tomaziello, Thomazella), o sobrenome presumivelmente designa o tronco e os inúmeros descendentes italianos que deixaram a terra natal em fins do século 19 ou anteriormente, fixando-se como camponeses em fazendas e sítios de Piracicaba e de outras cidades paulistas. Em Pereiras, SP, os descendentes dos Thomaziella realizam a cada quatro anos um encontro festivo, que em janeiro de 2007 reuniu seis centenas de pessoas com esse sobrenome. Registra-se a presença em Piracicaba de Armando Thomaziello, n. 1924 e f. nesta cidade a 20.8.2004, c.c. Anita

da Conceição Thomaziello e filho de Achilles Thomaziello e Paulina Segatto, ff. Paula Virgínia e Armando; José Thomazella, n. 1909 e f. em Rio Claro, SP, a 30.5.2007, c.c. Maria Thomazella, filho de Jacob Thomazella e Hermínia Cinselli, ff. Adair, Antônio Egídio, Erilda de Lurdes, Jacob Jovino, José Marcílio, Valdecir e Lucilda; Rogério Rosário Tomaziello, n.c. 1920-25, c.c. Elisa Prudente Tomaziello, n. 1929, ff. Rogério Achilles e Paulo Sérgio. O Guia Informativo de Piracicaba editado por Camargo e Navarro em 1959 apresenta um anúncio da casa Mário Alfaiate, de propriedade de Mário Tomaziello, na praça Tibiriçá, em frente ao Grupo Escolar Moraes Barros.

**THOMAZZI, Luiz.** N. Piracicaba, 1921. F. São Paulo, 15.5.1993. C.c. Ruth Adelaide de Paiva Thomazzi. F.: Luiz. Jornalista, figura de primeira grandeza no jornalismo, viveu a maior parte da sua vida na capital paulista. Foi jornalista da *Folha de São Paulo*, *Última Hora* e outros órgãos da imprensa paulistana. No governo de Adhemar de Barros, atuou como assessor do renomado homem de imprensa e político Blota Júnior, quando este foi Secre-tário Estadual de Turismo. Empenhado em divulgar Piracicaba, sua gente e seus aconteci-mentos na grande imprensa da capital, publicou inúmeros artigos nesse sentido. Em 1967, por ocasião da realização do Primeiro Festival da Música Popular em Piracicaba, Thomazzi teve papel essencial na sua organização e divulgação e na obtenção do apoio da Secretaria Estadual de Turismo. Era irmão da piracicabana Diva Thomazzi de Castro, nome dos mais respeitados no ensino e na cultura musicais da cidade e esposa de Décio Penteadado de Castro, veterano integrante da Orquestra da Escola de Música de Piracicaba. O sepultamento de Luiz Thomazzi ocorreu em São Paulo.

**THOMÉ DE JESUS, Frei** (Séc. 18). De origens espanholas e proveniente de Itu, SP, foi o segundo vigário da paróquia de Piracicaba, de 1784 a 1785 e de 1787 a 1788. Tinha já idade

avançada, quando esteve à frente da paróquia da “Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba”. Segundo G. Vitti, “deixou a paróquia, quando não pode mais suportar as trapalhadas ditatoriais do povoador Antônio Corrêa Barbosa” (v.) (*Jornal de Piracicaba*, 1.4.2004). No bairro Maracanã, ao lado da avenida Prof. Alberto Vollet Sachs, situa-se uma rua com seu nome.

**TOGNERI, Guglielmo.** N. Itália, séc. 19. Professor. Esteve à frente da “Scuola Italiana Umberto I”, à rua Direita, nº 206 (atual Moraes Barros). Camargo (1900) menciona-o como diretor desse estabelecimento de ensino fundado em 17.1.1893, com 65 alunos de ambos os sexos, por volta da passagem do século. Recebiam aulas de “gramática italiana e portuguesa, aritmética, geografia, história (da Itália e do Brasil), caligrafia, historia natural, física, doutrina católica, higiene, ginástica etc.”. Alleoni (2003) registra a existência de outra “Escola italiana, externato diurno e noturno, no largo da Cadeia, nº 2F”, segundo anúncio publicado a 9.6.1892 na *Gazeta de Piracicaba*, sem, no entanto, indicar o nome do seu diretor e (ou) professor responsável.

**TOLAINE (TOLAGNE), João e Ângelo.** O primeiro figura como proprietário de um restaurante, à rua São José, na passagem do século, segundo Camargo (1900). A mesma fonte refere-se a Ângelo Tolaine, dono de uma das vendas e armazéns na Piracicaba de 1900, na rua da Palma (atual Tiradentes), e um dos diretores da “Sociedade Filhos da Itália Mútuos Socorros” em Piracicaba, instalada na cidade em 1892, sob a presidência de Pedro Paulo Lagrecca (v.) (*Gazeta de Piracicaba*, 27.10.1892). De acordo com Alleoni (2003), a sociedade passou a ser posteriormente o “Círculo Italiano XX de Setembro”. O nome de Ângelo Tolaine consta na lista dos estrangeiros residentes em Piracicaba que não se naturalizaram, arquivada em 17.6.1904 na Câmara Municipal (Alleoni, op. cit.). Dentre os Tolaine que se destacaram no passado piracicabano, estão o engenheiro

agrônomo e esportista Osiris Tolaine, figura de prestígio no Clube de Regatas de Piracicaba, formado pela ESALQ em 1942, e João Tolaine, proprietário de um armazém de secos e molhados à rua Tiradentes, nº 82, registrado a 19.1.1940 no Sindicato do Comércio Varejista local sob nº 365 com capital de 10:000\$000. João foi o sócio nº 11 do Sindicato (Elias Netto, 2000, 2003; Guidotti, 2002).

**TOLEDO, Álvaro Pompeu de** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, professor. Formou-se como engenheiro agrônomo pela então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, na nona turma, em 1911. Pertenceu ao quadro docente da escola como ajudante de gabinete (1913).

**TOLEDO, Antônia Ferraz de.** N. 1896. F. 1965. Poetisa. Suas poesias eram divulgadas pelos jornais piracicabanos e traziam a assinatura de “Antoninha Ferraz”. Moraes Júnior (1994) a elogia como “uma das poetisas mais importantes e mais inspiradas da literatura piracicabana... Muito conhecida e admirada”.

**TOLEDO, Antônio Martins Belmudes de.** N. 1896. F. Piracicaba, 1971. C.c. Francisca Belmudes de Toledo. Ff.: Ibsen (f), Dalton, Orande(f), Clayton, Anderson. Professor, cirurgião dentista. Figura de projeção na cidade, lecionou durante longo tempo na Escola Normal Sud Mennucci, na primeira metade do século vinte. Foi seu diretor em 1939-40 e em 1945. Manteve consultório à rua XV de Novembro, nº 734, juntamente com Dalton Belmudes de Toledo, seu filho, professor da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (Camargo e Navarro, 1958). Culto, muito humano e cordial, foi professor notável e querido e estudioso de nomeada do passado piracicabano, líder nos meios esportivos e político atuante e sagaz. Foi um dos fundadores e diretores do Esporte Clube XV de Novembro. Dividiu com Bento Luiz Gonzaga Franco, José Vizioli e Jorge Coury (vv.) a liderança do Partido Social Democrático

local nos anos 40. Prefeito de Piracicaba por um breve período, em 1946. Foi docente da ESALQ (1935) e diretor da Escola Normal Sud Mennucci (1939-40). Modesto, sem afetação, seu trato amável e sua cordialidade escondiam uma cultura invejável e uma penetração de espírito verdadeiramente excepcional. Entre os numerosos trabalhos e artigos que assinou, destaca-se o “Roteiro histórico das vias de comunicação de Piracicaba”, incluído na Poliantéia Comemorativa do Jubileu de Prata da Fundação da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba (1958). Ibsen, seu filho, formou-se pela ESALQ em 1947 e dirigiu a Empresa de Mecanização Agrícola S/A de Mococa, SP (1951-58) (Virgílio, 2008).

**TOLEDO, Celso de Campos.** N. Piracicaba. F. São Pedro, SP, 6.2.1939. C.c. Ecyra Graciana da Silva. Ff.: Celso, Ecyra. Filho do coronel João Alves Corrêa de Toledo e Franklina Etelvina de Campos Toledo. Médico, irmão do dr. Luiz Gonzaga de Campos Toledo (v.), clinicou em São Pedro, mas residiu por longo tempo em Piracicaba, sendo aqui objeto de “grande admiração e estima” (Cambiaghi, 1984).

**TOLEDO, Francisco Alves Corrêa de.** N. Tietê, SP, 17.8.1899. F. 7.6.1977. Médico. C. em 1<sup>as</sup> núpcias c. Anna de Moraes Toledo, f. Theodora Maria. C. em 2<sup>as</sup> núpcias c. Lourdes de Moraes Toledo, irmã da primeira esposa, ff. Anna Maria, Francisco, Luiz Plínio, Guilherme, Cristina. Era filho de Luiz Corrêa de Toledo e Escolástica Alves de Moraes. Após cursar a escola primária em sua cidade natal, diplomou-se em 1917 pelo Ginásio do Estado, na capital paulista. Tornou-se médico em 1924, pela Faculdade de Medicina de São Paulo. Clinicou inicialmente em Piracicaba (1926-29) e transferiu-se para São Paulo, mas retornou a Piracicaba em outubro de 1929, atendendo primeiramente à rua XV de Novembro, nº 57 e a seguir na rua Piracicaba, nº 48. A Santa Casa de Misericórdia o admitiu em 1935,

passando a ser responsável pela Enfermaria São Francisco de Assis e pela Clínica Cirúrgica das Mulheres, cabendo-lhe ainda a chefia da Maternidade Coração de Maria desde 1936. Transferiu-se para Campinas em 1945, atuando em clínica particular e em vários outros hospitais da cidade. Lecionou na Faculdade de Enfermagem, vinculada ao hospital campineiro Irmãos Penteado, até fins de 1976. Foi um dos fundadores da Escola de Mães Dr. Álvaro Guião de Piracicaba. “Profissional competentíssimo, muito bondoso..., sempre atento, sempre pronto a servir àqueles que sofrem” (*Jornal de Piracicaba*, 1943, cit. em Cambiaghi, 1984)

**TOLEDO, Geraldo Pinto de.** F. Piracicaba, 21.1.1899. Político, fotógrafo. Juntamente com Ricardo Ferraz de Arruda Pinto (v.) e Geraldo Carvalhaes Bastos (v.), liderou em Piracicaba os partidários de Adhemar Pereira de Barros (v.), na época das eleições municipais de 1947. Toledo presidiu essas eleições, que deram a vitória ao candidato da União Democrática Nacional, Luiz Dias Gonzaga (v.). (Elias Netto, 1992). Além da sua atuação política, destacou-se como um dos principais e mais competentes profissionais da arte fotográfica na Piracicaba do século vinte. Combatente na Revolução Constitucionalista de 1932, foi um dos membros atuantes do núcleo de Piracicaba da Sociedade Veteranos de 32.

**TOLEDO, Jethro Vaz de.** N. Capivari, SP, 18.3.1899. F. São Paulo, SP, 31.3.1968. C. a 14.1.1924 c. Branca de Toledo Castanho, f. 29.5.1964. F.: Lísia (f. 2009). Professor, polígrafo, escritor, jornalista. Filho de José Vaz de Arruda Amaral e Theodora Francisca de Campos Toledo. Quinto filho com três irmãs mais novas, aprendeu as primeiras letras na fazenda em que nasceu e passou a infância. Prosseguiu os estudos em grupo escolar. Com a mudança da família para Piracicaba, ingressou na Escola Normal (a futura Sud Mennucci), trabalhando à noite como auxiliar de redação e revisor de um jornal. Abandonou os estudos

## TOLEDO, Jethro Vaz de

após ser aprovado no segundo ano e mudou-se para Ribeirão Preto, SP, onde fez exames parcelados de nível ginásial e foi professor e redator auxiliar de jornal. Após alguma permanência na capital paulista, aos 21 anos de idade retornou a Capivari, dedicando-se novamente ao jornalismo e ao ensino. Noivo de uma professora primária em Piracicaba, mudou-se para esta cidade, tornando-se funcionário do correio local, mas por pouco tempo: logo passou a trabalhar na Escola Normal Oficial, inicialmente como preparador de aulas de física, depois como professor da Cadeira de educação e por fim como titular de sociologia. Aposentou-se em 1955. Paralela-mente à docência na Escola Normal, lecionou português e latim no Colégio Piracicabano. Aos 58 anos de idade, mudou com a esposa, a filha e o neto para a capital paulista, onde instalou no bairro da Casa Verde uma escola particular de ensino primário e preparatório para o ginásio. Enfermo, deixou o magistério em definitivo em 1966 e abraçou o espiritismo, tendo publicado em 1967 seu livro *O espiritismo em face da ciência de nossos dias*. Piracicaba homenageou-o, dando-lhe o nome a uma rua, no bairro Santa Terezinha, e a uma escola, a Escola Estadual Prof. Jethro Vaz de Toledo, na rua Garça nº 535, no Jardim Itapuã.

**TOLEDO, João Ferraz de (João Mó).** N. Piracicaba, 16.3.1889. F. Piracicaba, 11.2.1948. C.c. Rachel Zardetto de Toledo, n. Treviso, Itália. Ff.: doze, entre os quais quatro engenheiros agrônomos formados pela ESALQ: Édison, João, Odette e Olga. Era filho de Francisco Antônio de Toledo (Nhonhô Mó) e Gertrudes Ferraz de Toledo, donos da fazenda Aparecida, perto do Bate Pau (atual Iracemápolis, SP). Estudou em Itu no Colégio São Luiz e ingressou em 1910 na então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, mas não concluiu os estudos. Dedicou-se com o irmão Otávio ao cultivo de café em Charqueada e constituiu (1924) firma para compra, benefício e exportação de café.

Passou depois a explorar o cultivo e a produção de frutas cítricas e a fruticultura em geral, destacando-se pelo pioneirismo na utilização de tecnologia na agricultura e na produção e venda de mudas e borbulhas para pomares. Foi de sua propriedade a fazenda citrícola Nova Califórnia, iniciada em 1926 e desapropriada em 1946, no bairro do Guamium (J. Z. Toledo, 2008, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*, nº 15).

**TOLEDO, Joaquim Norberto de, coronel** (Séc. 19-20). Vitoriosa a revolução de 1930, que acabaria conduzindo o país à ditadura de Getúlio Vargas, ocupante da presidência nos quinze anos seguintes, as eleições foram suprimidas e os prefeitos municipais passaram a ser nomeados pelo Interventor do Estado, um preposto do poder central. Joaquim Norberto de Toledo foi o quarto prefeito-interventor de Piracicaba, de novembro de 1933 a junho de 1936. O Estado de São Paulo se achava, nessa ocasião, governado pelo seu sétimo interventor, Armando de Salles Oliveira (1887-1945). O sucessor de Joaquim Norberto, Luiz Dias Gonzaga (v), foi escolhido para o cargo entre os vereadores eleitos para o biênio de 1936-37, mas ao longo do período ditatorial varguista subsequente a prefeitura passou novamente a ser ocupada por interventores nomeados, de 1938 a 1947 (Vitti, 1966; Alves, 1986). Há uma rua com seu nome, no bairro dos Alemães, perto da avenida Independência.

**TOLEDO, José (Capitão).** N. 1910. F. 1975. Intérprete da música caipira piracicabana, parceiro do seresteiro Vitorino Ângelo Cobra (v), o Cobrinha. Apresentavam-se no rádio, nos palcos, em espetáculos e discos. De acordo com E. Martins (*O Estado de São Paulo*, 1.5.1990), Capitão era pedreiro e boêmio e faleceu aos 65 anos de idade. Em 1990 a gravadora “Revivendo”, de Curitiba, PR, lançou “Mágoas de Carreiro”, LP com reproduções

das gravações que Cobrinha, Capitão e Mariano fizeram nos anos 30 e 40. A dupla Cobrinha e Capitão é lembrada por Rosa Nepomuceno em seu livro *Música Caipira* (2005, 2ª ed.).

**TOLEDO, José Martins de** (Séc. 19-20). Professor. Fez parte da primeira turma de quinze professores normalistas formados em Piracicaba em 30.11.1900, na antiga Escola Complementar, criada em 1896 e instalada a 21.4.1897 no seu antigo prédio, onde passou depois a funcionar a Escola Técnica e Industrial Fernando Febeliano da Costa. Na época da formatura, ocupava a diretoria do estabelecimento de ensino o prof. Antônio Alves Aranha (v.), que presidiu a solenidade, juntamente com o juiz de direito da comarca, Rafael Marques Cantinho (v.). Martins de Toledo dedicou-se ao magistério e posteriormente ocupou por muitos anos o cargo de diretor do Grupo Escolar Moraes Barros, de 1912 até 1945. De acordo com Elias Netto (2003), ele foi o primeiro aluno matriculado na Escola Complementar, com apenas doze anos de idade. Existem rua com seu nome, no bairro Jaraguá, e uma escola.

**TOLEDO, José Pousa de (Tutu Pousa)**. N. Piracicaba, 27.11.1896. F. Piracicaba, 1966. C.c. Orlandina Sodero Pousa de Toledo, n. 1907 e f. 26.9.1999. Ff.: Cecília, Ângela. Piracicaba-bano da rua do Vergueiro, era filho de Severiano Pousa Fernandes e Maria Faustina de Toledo Godinho. Professor, musicista, compositor, escritor, jornalista. Terminados os estudos primários na terra natal, matriculou-se na Escola Normal Primária (a atual Sud Mennucci), diplomando-se como professor em 1917. Lecionou na Fazenda Boa Vista, em Ribeirão Preto, SP; dirigiu os grupos escolares de Bento Quirino, em São Simão; Nova Granada, em São José do Rio Preto; e de Pau Queimado, em Piracicaba. Aposentou-se no magistério em 1949, como diretor do Grupo Escolar Prof. Carlos Martins Sodero. Lecionou harmonia no

Instituto Musical Piracicabano, na década de trinta, dirigido por Francisca Salles Arruda (v.). Em 1934 iniciou a publicação de um periódico, *Vida Rural*, órgão dos Grupos Escolares de Pau Queimado (posteriormente Prof. Carlos Sodero) e de Serrote, ambos na área rural piracicabana. Colaborou na imprensa local. Em 1945, juntamente com Erotides de Campos e Anísio Ferraz Godinho, publicou uma coletânea de músicas: *O Cancioneiro*, prefaciada por Elias de Mello Ayres (vv.). Publicou também *O ensino pré-vocacional nas escolas* em 1940. Paralelamente ao exercício do magistério e à colaboração na imprensa, sua notável dotação para a música impeliu-o à participação na vida artística como exímio flautista e compositor de polcas, mazurcas, canções, tangos, hinos, cantos escolares e inúmeras valsas, parte das quais saiu em partituras publicadas em São Paulo por Vitale e Campassi & Camin: *Alegria I*; *Alegria II*, letra de Leandro Guerrini (v.); *Despedida*, dedicada ao seu amigo Carlos Brasiliense; *Implorando* (1939); *Implorando amores*, dedicada ao amigo e colega Olênio de Arruda Veiga; e ainda *Lágrimas esquecidas*, dedicada à memória da prima Alice Garcia de Toledo; *Lídia*; *Lourdes* (letra e música); *Mágoas caladas*, letra de Benedito Costa; *Meditação*; *Mercedes*; *Noiva da Colina*, “grande valsa brasileira”; *Para o além*; *Piracicaba de outrora*; *Reminiscência*, dedicada ao irmão, Belmácio Pousa Godinho (v.); *Saudade*, letra de Leandro Guerrini; *Saudades de Piracicaba*, dedicada à esposa Orlandina; *Sombras do passado* (1916); *Suplício d'alma*, letra de Benedito Costa; *Valsa canção*, por Newton de A. Mello (v.), com harmonização de José Pousa de Toledo. Segundo N. De Cillo (*Jornal de Piracicaba*, 11.7.1991), sua valsa *Professorandos de 1917*, executada por banda de música pela primeira vez no jardim público de Piracicaba, talvez tenha sido sua primeira composição musical. Seu nome e os dos seus irmãos, os “irmãos Pousa”, estão ligados aos primórdios do futebol piracicabano e particularmente às origens do Esporte Clube

## TOLEDO, José Xavier de

XV de Novembro. Este surgiu em 1913 como resultado da fusão de dois times amadores, o Esporte Clube Vergueirense e o Doze de Outubro, liderados pelas tradicionais famílias piracicabanas Pousa e Guerrini. Belmácio, Francisco (vv.) e José (Tutu) Pousa estão entre os fundadores do XV de Novembro, na histórica reunião ocorrida em Piracicaba a 15.11.1913, de que participaram igualmente Leandro (v.) e Américo Guerrini, pela família Guerrini. Ripoli (1943) menciona como “o mais famoso prêmio da história do futebol local” o jogo disputado entre o E.C. XV de Novembro e a Associação Piracicabana (precursora da Associação Atlética Luiz de Queiroz), realizado a 18.10.1914, no campo esta última, que terminou com a vitória dos quinzistas por 3 a 2, tendo Samuel de Castro Neves (v.) arbitrado a partida. Do esquadrão vitorioso fizeram parte Chico Pousa, Belmácio Pousa e José Pousa (Ripoli, 1943; Mello, 1954; *O Diário*, 13.11.1983). Uma das filhas de José Pousa de Toledo, Cecília, tornou-se religiosa e a outra, Ângela, casou-se com Plauto Lapa Coimbra (v.), tendo falecido em Piracicaba. Orlandina, sua esposa, faleceu em Piracicaba em 1999, aos 92 anos de idade e era filha de Carlos Martins Sodero (v.), renomado educador e intelectual. José Pousa de Toledo teve vários alunos de flauta, entre os quais o renomado flautista piracicabano Léo Olita (v.). Há uma rua com seu nome, no Parque das Indústrias, perto do rio Corumbataí.

**TOLEDO, José Xavier de** (Séc. 19). Juiz de direito. Chegou em Piracicaba para assumir o cargo que passou a ocupar em 19.11.1882. Um registro da sua nomeação e posse encontra-se em Camargo (1900).

**LEDO, Luiz Augusto de** (Séc. 19-20). Comerciante. Um dos anúncios do almanaque de Camargo para 1900 é o do “Empório das Novidades”, à rua do Comércio, n<sup>os</sup> 92 e 94 (atual Governador Pedro de Toledo). Seu proprietário, Luiz Augusto de Toledo, destacava

na sua mensagem publicitária o “completo sortimento de vinhos, licores e molhados finos”, referindo-se também a outras mercadorias que tinha à venda: “louças, lampeões, cristais, porcelanas e ferragens”.

**TOLEDO, Luiz Gonzaga de Campos (Doutor Lula)**. N. Tietê, SP, 3.2.1900. F. Piracicaba, 29.8.1968. C.c. Valentina Nogueira de Campos Toledo, sem descendência. Décimo primeiro dos vinte filhos de João Alves Corrêa de Toledo e Franklina Etelvina de Campos Toledo. Passou a residir em Piracicaba deste os sete anos de idade. Frequentou a escola primária e a Escola Normal de Piracicaba e foi professor primário em Limeira e Charqueada. Ingressou em 1923 na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde se formou em 1928. Atuou inicialmente em São Paulo como médico interno junto às clínicas médicas de Antônio de Almeida Prado e neurológica de Enjolras Vampré, na Santa Casa de Misericórdia. Um ano após sua formatura, instalou seu primeiro consultório em Piracicaba e em 1931 foi admitido como integrante do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia local. Em 1934 encarregaram-no de dirigir o Hospício Barão da Serranegra. No ano seguinte, passou a se incumbir da clínica médica das enfermarias do manicômio. Atendia, além disso, enfermos do Lar dos Velhinhos e da Escola de Mães Dr. Álvaro Guião, em seu consultório particular. Tomou parte na Revolução Constitucionalista de 1932, como Primeiro Tenente Médico do Batalhão Piracicabano. Empenhou-se na fundação da seção regional local da Associação Paulista de Medicina. Seus colegas elegeram-no presidente, cargo que desempenhou durante nove anos. Candidatou-se a vereador, e eleito, ocupou a vereança de 1956 a 1959. A classe médica piracicabana homenageou-o em 1959, elegendo-o Presidente Honorário do núcleo local da Associação Paulista de Medicina e oferecendo-lhe um pergaminho desenhado por Archimedes Dutra (v.), com as assinaturas

de todos os médicos do núcleo. Em 1.8.1936 recebeu o diploma de Cidadão Piracicabano, conferido pela Câmara Municipal. Entre as muitas venerated, comendas e diplomas recebidos pelo doutor Lula, estão as medalhas Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a medalha da Constituição e a do monumento a Mário Dedini. Dá nome a uma avenida da cidade, a avenida Doutor Lula, no bairro Jaraguá, entre o Castinho e o Jardim São Miguel, com início na avenida Dr. Paulo de Moraes. Tem igualmente seu nome uma escola estadual de 2º grau (antigo Ginásio Estadual da Cidade Jardim). Eram irmãos do doutor Lula: Lastene, c.c. Caio Gracco Souza Campos; Avaiana, c.c. Evaristo Souza Campos; Jocelyne, c.c. Pedro Martins; Ondina, Ináh, Amélia, Wanda, Lourdes, Maria, Francelina, Homero, Nhonhô, José, Paulo, João Alfredo, Álvaro, João e o médico Celso de Campos Toledo (v.).

**TOLEDO, Milton Baptista de.** N. Capivari, SP. F. Campinas, SP, 15.4.1965. C.c. Alcina Martins de Toledo. FÉ: Milton, Heloisa, Cecília, Marco Antônio. Médico. Filho de Evaristo Baptista de Souza Toledo e Avaiana de Toledo Campos e sobrinho do médico Luiz Gonzaga de Campos Toledo (v.). Seus pais passaram a residir em Piracicaba, logo após seu nascimento. Coursou a escola primária no Grupo Escolar Moraes Barros e foi a seguir aluno do curso ginasial do Colégio Piracicabano, diplomando-se em 1932. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, mas transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Paraná, em Curitiba, onde obteve seu diploma de médico em 1942. Transferiu-se para Campinas, SP, onde estagiou no Instituto Penido Burnier em oftalmologia (1943). A convite do diretor do instituto, tornou-se médico sócio deste e passou a dedicar-se principalmente à cirurgia. Falecido e sepultado em Campinas, seus despojos foram depois transladados para o jazigo da família, no Cemitério da Saudade, em Piracicaba. “Chefe exemplar de família, médico

de reconhecida competência, exornado por finas qualidades morais e cívicas” (Cambiaghi, 1984).

**TOLEDO, Octávio Martins de.** N. Piracicaba, 4.5.1904. F. 1967. Médico. Após concluir o curso primário em sua terra natal, cursou o Ginásio do Estado na capital paulista. Formou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo em 1929, especializando-se em cirurgia. Foi, inicialmente, médico assistente voluntário da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina. Especialista em moléstias vasculares, tornou-se livre-docente de clínica cirúrgica na Faculdade de Medicina da USP e chefe da disciplina de vasos da 1ª Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas. Atuou como inspetor técnico da Inspetoria de Fiscalização do Leite e Laticínios e foi nomeado médico do Hospital de Isolamento Emílio Ribas na capital paulista em 1935. Dirigiu o hospital durante muitos anos e na sua gestão conseguiu a construção de um novo prédio para este. Publicou numerosos trabalhos científicos e pertenceu a várias entidades médicas e culturais. Um dos pavilhões do Hospital Emílio Ribas recebeu seu nome em janeiro de 1968. “Médico eminente..., gozava de um invejável prestígio entre seus pares da universidade, impondo-se pela sua cultura, pelo acurado senso clínico e pela sua elegante técnica cirúrgica... Paulista de ótima tèmpera, fez muito, mas muito mesmo, pelo seu Estado e pelo seu povo” (A. Vasconcellos Ribeiro, cit. em Cambiaghi, 1984). Na sua bibliografia, destacam-se os textos de *Varizes dos membros inferiores* (1949), *Venografia do cadáver após a ligadura da cava inferior* (1949) e *Noções sobre o tratamento de varizes* (1950) (Mello, 1954). Há uma rua com seu nome no Castelinho, entre a estrada do Bongue e a avenida Nove de Julho.

**TOLEDO, Sebastião de.** N. Piracicaba, séc. 19. F. séc. 20. Advogado, professor, jornalista, escritor. Lecionou português no Ginásio do Estado de Ribeirão Preto, SP. Exerceu a advocacia em São José do Rio Preto, SP, durante



## TOLEDO, Sebastião de

vários anos, onde dirigiu o periódico *O Quarto Poder*. Foi um dos intelectuais incumbidos da revisão e atualização de obra clássica para o ensino do idioma, a *Gramática expositiva* de Eduardo Carlos Pereira. Autor de *Torres eburneas*, poesia, *O custo da história* e traduções de versos árabes, em colaboração com Simão Salem, 1911 (Mello, 1954). Há uma rua com seu nome no Castelinho, entre a estrada do Bongue e a avenida Nove de Julho.

**TOLEDO, Sérvulo Pompeu de.** N. Piracicaba, 16.2.1911. F. São Paulo, SP, 1977. C.c. Maria da Penha Pompeu de Toledo. Advogado e professor, cursou o Liceu Coração de Jesus na capital paulista e o Ginásio São Joaquim, em Lorena, SP. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1934 e licenciou-se em filosofia pela Faculdade de Filosofia de São Bento (posteriormente, Pontifícia Universidade Católica). Exerceu o cargo de auditor adjunto da 1ª Auditoria da 2ª Região Militar e durante muitos anos esteve à frente de um dos cartórios da capital. Teatrólogo, teve uma de suas peças, *Velhice desvairada*, premiada pela Academia Brasileira de Letras, e em 1951 lançou sua peça *A vida é uma só*. A esposa, Maria da Penha (Tálita) Pompeu de Toledo, pertenceu ao quadro de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Dedicou-se particularmente à psicanálise e à psicologia educacional, como integrante da antiga cadeira de Psicologia Educacional, à rua Maria Antônia e publicou uma notável pesquisa sobre literatura infantil à luz da psicanálise, em meados do século, impressa como Boletim da cadeira de que fez parte.

**TOLEDO, Valêncio Bueno de.** Séc. 19-20. N. e f. em Piracicaba (?). Fundador e diretor do Museu Ornitológico da cidade, à rua Boa Morte, na esquina da rua Saldanha Marinho, criado por volta de 1880-90. No *Almanak de Piracicaba*, Camargo (1900) refere-se a Toledo, que se embrenhava, “com a sua espingarda

a tiracolo e os acessórios competentes, nas matas circunvizinhas de Piracicaba..., única e simplesmente para possuir uma bela coleção de exemplares da nossa ornitologia. De então por diante, começou a conservar empalhados os produtos de suas excursões venatórias e, reunidos estes a outros que amigos seus lhe ofereciam, conseguiu organizar, no fim de poucos anos, uma curiosíssima coleção de aves”. O museu achava-se instalado na chácara em que Toledo residia e reunia cerca de oito centenas de exemplares, cientificamente classificados em seis ordens. Achavam-se expostos no museu, além dos animais, vários “mecanismos ou aparelhos muito engenhosos, alguns instrumentos interessantes e outros objetos que divertem, pela sua originalidade”, segundo a fonte citada. Em artigo publicado em 1991 *Jornal de Piracicaba*, L. G. E. Lordello ressalta que, graças ao museu de Toledo, o nome de Piracicaba foi mencionado pela primeira vez em uma publicação científica de renome, a *Revista do Museu Paulista* (1902, vol. 5, pp. 261-329). Valêncio, segundo Lordello, tornou-se um grande amigo do Museu Paulista, “colaborando na coleta de material zoológico da região de Piracicaba e o remetendo ao então diretor, o insigne prof. Dr. Hermann von Ihering. Em 1902, Valêncio enviou ao dr. von Ihering um pássaro coligido em Piracicaba”, pertencente a uma espécie até então desconhecida pelos cientistas. Como expressão de reconhecimento ao seu amigo piracicabano, von Ihering deu ao pássaro a denominação científica *Icterus cayanensis Valencio-buenoi*. Segundo Lordello, “Valêncio Bueno deve ser considerado o pioneiro dos estudos ornitológicos em Piracicaba”. Situa-se no Jardim Santa Rosa a rua Valêncio Bueno Toledo, perto da avenida Manoel Lopes Alarcon.

**TOLEDO E SILVA, Manoel de** (Séc. 19). C.c. Ubaldina Luiza Leite. Ff.: Joaquim Floriano, Gertrudes Eulália, Anna Delfina (Anna Clara), João, Maria Eulália, Carolina. Segundo prefeito de Piracicaba (1838). O primeiro foi Francisco

José Machado (v.), que se demitiu em 1838, e transmitiu o cargo ao vice-prefeito Domingos Soares de Barros (v.), antecessor de Toledo e Silva como autoridade executiva. O cargo de prefeito originou-se da lei nº 18 de 11.4.1835 (J. T. Veiga, *Jornal de Piracicaba*, 7.9.1986). O prefeito era nomeado pelo presidente da Província. Após o período em que Toledo e Silva foi prefeito, o presidente da câmara municipal passou a ser igualmente o prefeito da cidade (Vitti, 1966). Em 17.9.1840, em eleição para vereadores, o mais votado foi Antônio Friúza de Almeida (v.), que presidiu a edilidade desde então, mas foi deposto pela Revolução Liberal de 1842 (Guerrini, 1970). As informações a respeito de Toledo e Silva são um tanto desencontradas. Guerrini assevera que, empossado no cargo de sub-prefeito de nossa terra (a 14.1.1838), permaneceu nele “por poucos dias, pois logo mais, foi extinto o cargo de prefeito, passando novamente, o legislativo e o executivo à responsabilidade da câmara municipal”. Mas de acordo com Vitti (op. cit.), teria sido prefeito de Piracicaba de 1838 a 1840.

**TOLKOWSKY, Semmi.** N. Rússia, séc. 19. F. séc. 20. Professor da então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ, diplomado pelo Instituto Agrônômico de Gembloux, na Bélgica, em 1907. No ano de 1910 seu nome figurava no quadro docente da escola, como ocupante da 5ª cadeira (Zootecnia).

**TORDIN, Luiz** (Séc. 19-20). Comerciante. C.c. Antonietta Ferrari Tordin. Ff.: Noêmia, Ézio, Luiz Victor, Reinaldo, Renato, Tereza, Gema. Nas primeiras décadas do século vinte, Tordin foi proprietário de uma casa de calçados e consertos. A loja e a residência da família situavam-se na Vila Rezende, na confluência da avenida Dona Francisca com a Rui Barbosa, “numa casa que parecia a ponta de um ferro de passar roupa” (Aldrovandi, 1991).

**TORRE, Juan (João) Echevarria, padre.** N. Mêneca, Bilbao, Espanha, 20.1.1894. F.

4.10.1975. Filho de Florentino Echevarria e Josefa Torre, foi ordenado sacerdote em seu país natal em 2.2.1910 e passou a viver no Brasil desde 11.10.1919. Ocupou os postos de ecônomo (1929) e reitor (1931) em Batatais, SP, no Colégio São José. Tornou-se superior da Casa Missão Experimental de Bebedouro, SP, em 1936 e ecônomo da Casa de Campinas em 1949. Fixou-se em Piracicaba em 1956, atuando inicialmente como cooperador na Catedral de Santo Antônio e depois como responsável pela recém-criada Paróquia do Imaculado Coração de Maria, na Paulicéia. Iniciou em 1957 seus vinte anos de contínuas lutas pela construção do templo mariano de Piracicaba, com suas duas torres em estilo gótico, por ele inaugurado. Visitou sua terra natal em 1975, ano em que faleceu (Elias Netto, 2003). Uma rua com seu nome localiza-se no Residencial Nova Pompéia, perto da avenida Rio das Pedras.

**TORRES, Alcides.** N. Ituaçu, BA, 12.3.1881. F. Santos, SP, 1953. C.c. Izaura Di Paravicini Torres. Ff.: Jacy, Alcides (v.), Guaracy, Júlio, Adélia, Avany, Lydia. Médico, vereador, professor, jornalista, presbítero, orador. Filho de João Nepomuceno Torres, juiz de direito no interior baiano, formou-se pela Faculdade de Medicina de Salvador, BA, e frequentou na mesma época a Escola de Belas Artes da capital do Estado, onde conheceu sua futura esposa. Casados, moraram inicialmente em Condeúba, município da microregião baiana de Brumado, onde teve consultório e farmácia por pouco tempo. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e passou a trabalhar no Instituto de Manguinhos, ao lado de Oswaldo Cruz, na luta contra a febre amarela e a peste bubônica, atuando como inspetor sanitário. Foi médico, cirurgião e parteiro em Santa Cruz do Rio Pardo, SP (1906-15), com uma interrupção por volta de 1913-14, quando cuidou de seu pai enfermo na Bahia, ocupando nessa ocasião o cargo de diretor de penitenciária. Após a morte do pai, retornou a Santa Cruz do Rio Pardo, onde permaneceu

até 1915, quando se transferiu para a capital paulista e decidiu mudar-se para Piracicaba. Em 1926, instalou seu consultório no antigo largo do Teatro, nº 27 (atual praça José Bonifácio), dedicando-se à clínica médica em geral e a moléstias de crianças e partos. Foi admitido no mesmo ano como membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Em 1928 mudou o consultório e a residência para a rua Moraes Barros, nº 102. Fez parte do corpo de professores da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia Dr. Washington Luiz. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, como oficial-médico do 8º Batalhão da Força Pública paulista. Após alguns anos durante os quais residiu e clinicou em Itapetininga, SP, regressou a Piracicaba, instalando em 1939 seu consultório à rua Santo Antônio, nº 8. Por motivo de saúde, decidiu mudar-se para Santos, SP. Tornou-se médico ginecologista da Santa Casa de Misericórdia santista, onde faleceu, vítima de um choque operatório (Cambiaghi, 1984).

**TORRES, Alcides Di Paravicini.** N. Rio de Janeiro, 19.9.1906. F. Piracicaba, 1.6.1992. C.c. Severina Carrano Torres (Nena). Ff.: Flávio, Flávia, Paulo, Nelson, Alcides, Guilherme. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Filho de Alcides Torres (v.) e Izaura Di Paravicini Torres. Formou-se pela ESALQ em 1930 e iniciou sua carreira docente na escola no ano seguinte, nela atuando ao longo de três dezenas de anos (1931-1961), durante os quais granjeou sua reputação de cientista e mestre dos mais notáveis, ao mesmo tempo em que se destacou na sua terra de adoção pelos seus dotes de liderança, sua generosidade a toda prova, seu espírito público acendrado. Inicialmente como professor interino (1933-34), depois como professor substituto (1934-36) e finalmente como professor catedrático efetivo, por concurso (1936-61), titular da 14ª Cadeira, Zootecnia, surgida em 1931, destacada da antiga 5ª Cadeira com a mesma denominação

e como sucessor do seu primeiro catedrático por concurso, Octávio Domingues (v.) (1931 a 1936). Em 1941-42 Torres dirigiu a ESALQ. Paralelamente à fecunda atuação na docência, na pesquisa e na administração na ESALQ, devotou-se de maneira brilhante ao Rotary Club de Piracicaba, de que foi um dos fundadores, em 15.2.1941, “organização na qual ocupou todas as posições, tendo sido o presidente no período 1947-48. Torres, se o quisesse, poderia ter sido Governador do Distrito e tinha todas as qualidades para ser elevado à presidência do Rotary Internacional. Muito modesto, jamais desejou ser guindado a essas posições da organização à qual tanto se dedicou” (L. G. E. Lordello, *Jornal de Piracicaba*, 2.6.1992). O Rotary Internacional outorgou a Torres a medalha Paul Harris. Colaborador com artigos substanciais no *Jornal de Piracicaba*, publicou várias obras muito bem acolhidas, como *Animais da fazenda brasileira*, *Melhoramento dos rebanhos*, *Criação prática de suínos*, *Alimentação das aves*, *Criação prática de marrecos*. Em 1956 fundou, juntamente com Fortunato Losso Netto e Philippe Westin Cabral de Vasconcelos (vv.), o Conselho Coordenador das Entidades Cívicas de Piracicaba (CCECP), recebendo os três fundadores, “in memoriam”, as medalhas do Mérito Legislativo, em homenagem que lhes foi prestada a 16.8.2002, na Câmara Municipal. A viúva de Alcides Di Paravicini Torres faleceu em Piracicaba aos 96 anos de idade, em 15.1.2007 e era filha de Raphael Carrano e Guilhermina de Almeida Carrano. Em homenagem a Di Paravicini Torres, a ESALQ deu seu nome a toda área experimental do departamento que dirigiu.

**TORRES, Francisco Simões da Costa.** N. séc. 19. F. séc. 20. Médico. São parcas e imprecisas as informações a seu respeito. Sabe-se que viveu e clinicou em Piracicaba entre 1922 e 1926, inicialmente atendendo em consultório provisório no centro da cidade, no Hotel

Central, em seguida no largo do Jardim, nº 12 (praça José Bonifácio) e por último na rua do Comércio, nº 14 (atual Governador Pedro de Toledo). Atendia senhoras e crianças em sua clínica médico-cirúrgica. Fez parte, por pouco tempo, do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, inscrevendo-se como seu irmão contribuinte e em 1923 foi nomeado médico clínico da enfermaria de mulheres da Santa Casa. Deixou Piracicaba em março de 1924, transferindo-se para a cidade de Batatais, SP (Cambiaghi, 1984).

**TORREZ, Domingos.** N. séc. 19? – F. séc. 20. C.c. Luiza Aléssio. Ff. : Prima Maria, Euclides, Emílio, Helena (f. na infância), José, Mercedes, Helena, Aurora, Lourdes. Comerciante. Residiu na Vila Rezende. De acordo com Aldrovandi (1991), os ancestrais paternos e maternos dos Torrez eram italianos. Domingos era filho de José e Santa Herculana Torrez, e sua esposa era filha de Giácomo Aléssio e Josefina Veronezi Aléssio. O filho José foi treinador de futebol do Clube Atlético Piracicabano e Mercedes Torrez casou-se com Antônio dos Santos, mais conhecido como Cardeal, jogador de futebol que se destacou como defensor do Clube Atlético Piracicabano e do Esporte Clube XV de Novembro.

**TOSELLO, André.** Séc. 20. Engenheiro agrônomo, professor. Formou-se pela ESALQ em 1933. Seu nome figura na relação dos docentes da escola em 1935 (Lordello e outros, 1976).

**TOURINHO, José Astério de Campos.** N. Bahia, março de 1856. F. a bordo do “Hamburg”, navio alemão, ao regressar da Europa, 24.9.1912. C.c. Olívia Ferraz do Amaral. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Residia em Santos, SP, quando veio a Piracicaba para casar-se em 12.12.1885 com a filha de Joaquim Ferraz do Amaral e Francisca

Emília Ferraz do Amaral e irmã de Coriolano Ferraz do Amaral (v.). O casamento teve como celebrante o padre Francisco Galvão Paes de Barros (v.). Transferiu-se para Piracicaba em dezembro do ano seguinte, com residência à rua São José, dedicando-se ao tratamento de “febres e moléstias do estômago”. A Santa Casa de Misericórdia o acolheu no seu corpo clínico e como irmão em 1887. Desde o início do ano seguinte, passou a responder pelo atendimento clínico do hospital, recebendo para tanto Rs. 800\$000 mensais. A 31.1.1889 deixou Piracicaba. Passou a viver e clinicar em Santos, SP. Retornou, contudo, a Piracicaba sete anos depois, com residência à rua Santo Antônio. No jornal *Gazeta de Piracicaba* apresentava-se em 1896 como médico especializado no “tratamento de moléstias uterinas, das crianças e sífilíticas”. Fez viagem à Europa para tratamento de saúde e faleceu a bordo do navio em que regressava ao Brasil (Cambiaghi, 1984).

**TRAVAGLINI, Família** (Séc. 19-20). Pertencem presumivelmente ao mesmo tronco de origem os inúmeros Travaglini e Travaliní que integram a população piracicabana no início do século 21 – cerca de quatro dezenas, cujos nomes constam em listas telefônicas recentes. Aldrovandi (1991) menciona o casal Marcos Travaglini e Anunciata Georgini Travaglini, antigos moradores do bairro de Dois Córregos. Lavrador e comerciante no Mercado Municipal, Marcos Travaglini mudou-se com a esposa para a Vila Progresso e posteriormente (1912) passou a residir na Vila Rezende, em local pertencente ao Engenho Central, conhecido como “Chácara do Dr. Kok”, no qual se instalaria mais tarde a Fábrica de Uísque Park Lane. Tiveram nove filhos: Marieta, Antônio, Domingos, Concheta, Teresa, Luiz, Pedro, Carola e Nazareno. O filho Antônio, empregado do Engenho Central como pedreiro durante 35 anos, teve como ajudantes três pessoas que posteriormente se destacaram: Alberto Seghesi, usineiro no estado do Paraná,

filho de Baptista Seghesi, Hermenegildo Santin (v.), proprietário da Metalúrgica Santin, e Rogério Brógio.

**TREMACOLDI, Buonomo.** N. Itália, séc. 19. F. séc. 20. No livro de protocolo e no livro caixa da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, referentes ao ano de 1903, consta o nome de Buonomo Tremacoldi, provavelmente um dos ancestrais dos muitos Tremacoldi piracicabanos de hoje em dia. Buonomo Tremacoldi deve ter vindo ao Brasil por ocasião da entrada no país dos que emigraram da Itália, fixando-se em Piracicaba entre fins do século 19 e começo do século vinte, para trabalhar em fazendas e sítios carentes de mão-de-obra, após a extinção da escravidão no país. “Tremocoldi” provavelmente é uma variante do mesmo sobrenome (Alleoni, 2003).

**TREVIZAN, Família** (Séc. 19-20). Aparentados ou não, há cerca de duas centenas de Trevizan (ou Trevisan) mencionados como moradores de Piracicaba, nas listas telefônicas locais do começo do século 21. Parte desses Trevizan deve descender de imigrantes com o mesmo sobrenome que chegaram a Piracicaba entre fins do século 19 e os anos iniciais do século vinte. Nas relações de associados da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba, transcritas por Alleoni (2003) e correspondentes aos anos iniciais do século 20, são mencionados vários Trevizan (ou Trevizano). Giuseppe Trevizan consta como conselheiro na diretoria provisória eleita por ocasião da criação, na Vila Rezende, em fins de janeiro de 1900, da “Società Italiana Agricola Cooperativa”, com nada menos que 270 sócios, cabendo a presidência a Luigi Negri (v.), a secretaria a Arthur Maggione (v.) e a tesouraria a Domênico de Cillo. Giuseppe Trevizan figura igualmente no livro protocolo dos sócios da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Piracicaba referente ao ano de 1906. Em 1907, os livros caixa e protocolo da mesma entidade trazem o nome de Luigi Trevizan. Na “Lista de Declarações” dos estrangeiros

(italianos) que viviam em Piracicaba e que não se naturalizaram, organizada em 17.6.1904, de acordo com documentação do arquivo da Câmara Municipal e reproduzida por Alleoni (op. cit.), encontram-se os nomes de Antônio, Carlo, Giacomo, Giovanni, Giuseppe, Joanni e Luigi Trevizan. Na obra de Caldari (1990), entre os antigos moradores da Vila Rezende está o nome de Guerino Trevisan, um dos sócios fundadores do Rotary Club Piracicaba de Vila Rezende em 1967. Fez parte de várias outras agremiações e entidades da Vila. Guerino foi vereador, trabalhou como contador da empresa dos irmãos Carmignani (v.) e faleceu com a filha, prematuramente, segundo a fonte mencionada. Na Nova Piracicaba existe a rua Guerino Trevisan, junto à avenida Cruzeiro do Sul e a praça Maria Nassif Curiaçós. Há uma rua Antônio Trevisan, no Gran Parque Residencial.

**TREVIZAN, Ludovico.** N. 19.6.1922. F. Piracicaba, 18.9.2006. C. a 27.7.1947 c. Nida Audi Trevizan. Ff.: Vanessa, Elizabeth, Cristina, Ludovico Filho. Advogado, contabilista, serventuário da justiça. Filho de José Trevizan e Emília Nozella Trevizan e neto de italianos, tinha doze anos de idade quando começou a trabalhar. Formou-se como contabilista pela Escola Técnica de Comércio Moraes Barros de Piracicaba e foi admitido como funcionário do 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Piracicaba, tornando-se oficial maior por meio de concurso público no qual obteve o primeiro lugar. Durante 25 anos ininterruptos desempenhou o cargo de escrivão do Tribunal do Júri da Comarca. Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São José dos Campos, da Universidade do Vale do Paraíba. Ao longo de 33 anos ocupou com dignidade, dedicação e competência excepcionais o cargo de Comissário de Menores. Organizou o Serviço de Colocação Familiar nos anos cinquenta, atuou na Guarda Mirim de Piracicaba e foi membro do grupo do trabalho para a escolha

do terreno do novo Fórum de Piracicaba, tendo representado o Poder Judiciário nesse grupo e secretariado a construção do edifício do Fórum. Atuou profissionalmente no setor de vendas de terrenos e imóveis em áreas nobres de Piracicaba. Orador oficial da inauguração da Catedral de Piracicaba (13.3.1958), presidiu a comissão que construiu a segunda torre da catedral. Participou intensamente e com desvelo de inúmeras iniciativas maiores em favor da coletividade local. No setor esportivo, destacou-se como presidente do Esporte Clube XV de Novembro, presidente do seu conselho deliberativo e presidente do conselho deliberativo do Clube Atlético Piracicabano. Pertenceu a numerosas entidades culturais e de ação comunitária, presidindo várias delas, como a Academia Piracicabana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, o Clube dos Escritores (presidente de honra), a Associação da Família Forense e outras. Publicou vários estudos, entre os quais *Da estrutura da Justiça de Menores* (1972) e trabalhos sobre o Incra, o Inps e implicações do protesto na vila civil e comercial. Detentor de numerosos diplomas, lãureas, honorarias e títulos, como o de Comendador da Soberana Ordem dos Cavaleiros de São Paulo Primeiro Apóstolo, soube cativar a todos pela lhanza de trato, objetividade, brilho intelectual, tenacidade e desprendimento. “Ludovico Trevizan: uma pessoa solidária... Prestativo e dinâmico, não se omitiu nos seus deveres para com a sociedade de seu tempo” (P. A. Leme Machado, *Jornal de Piracicaba*, 18.10.2006).

**TRICÂNICO, Marina.** N. Piracicaba, 16.2.1906. F. São Paulo, 26.12.1989. Advogada, contabilista, professora, escritora. Formada pela Escola Normal Oficial (Sud Mennucci) e pela Escola de Comércio local, transferiu residência para a capital paulista. Diplomou-se pelo Curso de Administração Escolar do antigo Instituto de Educação da Universidade de São

Paulo e em 1947 formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Pertenceu à Academia de Letras desta última, recebendo em 1946 o primeiro prêmio da Academia pelo poema *Mãe Preta*, em concurso de poesias. Foi professora primária, advogada do Estado, consultora jurídica da Secretaria da Fazenda do Estado e chefe do Serviço de Assistência Jurídica e Extrajudiciária do Departamento Profilaxia da Lepra da Secretaria da Saúde de São Paulo. Foi também procuradora do Estado. Iniciou sua vida literária nas colunas do *Jornal de Piracicaba*, ainda adolescente, e colaborou em inúmeros periódicos importantes, entre os quais *O Malho*, *Fon-Fon*, *Vida Doméstica*, *Universal*, *Vanitas*, *Viver*, *Excelsior*. Seu primeiro livro foi *Madrigal*, crônicas, lançado em 1932, vindo depois numerosas outras obras, entre as quais vários livros de poesia e literatura infantil: *Zé Sabido do Gorro Encarnado* (1939), *A cidade dos brinquedos* (1941), *Viagem ao reino do ouro* (1948), com prefácio de Agripino Grieco; *Receita para o amor* (1966), com prefácio de Fernando de Azevedo; *Minaretes do sonbo* (1970); *Taça da noite*, ilustrado por Aldemir Martins (1982); *Trovas de Marina* (quatro edições); *Arco-íris de estrelas* (1985). Recebeu inúmeros prêmios e condecorações de entidades culturais das mais representativas, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o Instituto Genealógico Brasileiro. “Losso Netto comparou-a ao Príncipe dos Poetas Brasileiros, Guilherme de Almeida... Se, nas, diversas profissões, soube honrar seus diplomas, como escritora e poetisa superou a muitos” (M. C. M. Bonachella, *Jornal de Piracicaba*, 28.2.1989).

**TRICÂNICO, Sylvio.** N. séc. 19. F. séc. 20. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Formou-se em agronomia em 1920 pela Escola Agrícola Luiz de Queiroz (posteriormente ESALQ) e passou a fazer parte do quadro de professores e pesquisadores da escola a partir do ano seguinte, nela permanecendo

até 1952. Professor catedrático, atuou na 13ª Cadeira (Agricultura Geral) que, criada em 1931 e posteriormente convertida em Solos e Agrotecnia, desde 1970 passou a fazer parte do Departamento de Solos e Geologia da ESALQ. A ele se refere E. Malavolta (em Elias Netto, 2003), apontando-o como “um autodidata de invulgar erudição... talvez o primeiro a se preocupar com as colóides e com a acidez do solo e calagem”. Fazia parte dos Tricânicos piracicabanos do passado Seraphim Tricânico, n. na primeira metade do século 20, c.c. Enedina Lara Tricânico. Sua filha, a psicóloga Vitória Augusta de Lara Tricânico, n. 1947 e f. em Piracicaba em 26.7.2007.

**TRUFFI, João** (Séc. 19-20). C.c. Carolina Fabretti. Ff.: Gino, Nelo, Olga, Iolanda, Clínio, Aldo, Zilda. Nas evocações da Vila Rezende de outros tempos, Aldrovandi (1991) menciona Truffi como construtor e pedreiro, que durante muitos anos foi funcionário do Engenho Central, tendo participado de muitas construções, “inclusive do Grupo da Vila e do Monumento da Independência, hoje no Jardim Monumento”. Um dos seus filhos, Gino, foi proprietário de uma empresa de ônibus entre Piracicaba e Campinas, a AVA (Auto Viação Americana S.A.), citado por Righetto (1966).


**TUDALINO, Carlos**. N. séc. 19. F. séc. 20. Limitam-se a umas poucas linhas as informações disponíveis a respeito de Carlos Tudalino, médico que clinicou em Piracicaba no início do século vinte. Cambiaghi (1984) alude ao ano de 1904, louvando-se no “Livro de Ofícios da Câmara Municipal de Piracicaba”, volume de 1901-1904, no qual há um registro a propósito de multa por sua falta de pagamento do imposto municipal de indústrias e profissões, que, no entanto, foi relevada.

**TÚLLIO, Donato**. N. séc. 19. F. séc. 20. O *Almanak de Piracicaba* (Camargo, 1900) inclui

seu nome entre os dos relojoeiros existentes em Piracicaba, na passagem do século. Sua loja situava-se na rua do Comércio, nº 110 (Governador Pedro de Toledo), perto de outra relojoaria, a de Nicolau Castronovo, no nº 99 da mesma rua. Donato Túllio é provavelmente ancestral de vários Túllio que nasceram, vivem ou viveram em Piracicaba, como os professores Ayrton Almeida Túllio, c.c. Ana Rodrigues Gomes Túllio e falecido a 10.1.2007, e Matheus Túllio, n. Piracicaba a 21.9.1921, filho do Alfredo Túllio e Maria Luiza Corrêa, que em meados do século fez parte do corpo docente do Colégio Piracicabano. Ayrton fez seu curso primário na Escola Normal Sud Mennucci, o secundário no Colégio Dom Bosco e o curso superior (graduação em pedagogia e mestrado) na Universidade Metodista de Piracicaba. Dirigiu durante muitos anos o Grupo Escolar de Água Santa, e a Escola Estadual de Primeiro Grau Dr. Prudente de Moraes durante seis anos. Foi professor da ESALQ durante oito anos.







**UBICES FILHO, Ramón.** N. 1927. F. Piracicaba, 1.5.2007. C.c. Pura Natera Ubices. Ff.: Vanda Maria Teresinha e Vanderlei de Jesus. Veterano esportista que se destacou no futebol piracicabano. Era filho de Ramón Ubices e Isabel Martínez. Foi um dos principais jogadores do clube esportivo Jaraguá.

**USBERTI, Antônio Carlos.** N. 1938. F. Piracicaba, 17.4.2007. C.c. Lúcia Matraia Usberti. Ff.: Antônio Carlos Júnior, Fabio, Rita Carolina, Letícia Maria. Cirurgião dentista e professor universitário, filho de Mário Usberti e Carolina Bianco Usberti. Fez parte do quadro docente da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (Unicamp), onde se aposentou. Pertenceu ao Departamento de Odontologia Infantil, no qual foi primeiramente assistente doutor e depois livre docente, nos anos oitenta.

**VALBERT & CAMARGO** (Séc. 20). Comerciantes. Nos anos trinta, proprietários de estabelecimento à rua D. Pedro II, nºs 62-64. Anunciavam ter à venda os produtos da Cervejaria União Piracicaba, “os preferidos e apreciados”, no almanaque de Neme (1936).

**VALÉRIO, Paulo Luís.** N. Piracicaba, agosto de 1902. F. Piracicaba, outubro de 1981. C.c. Amélia Novello Valério. Ff.: José Roberto, Domingos José, Luís, Durvalino Luís, Miguel Antônio, Moisés Fernandes, Osmair Carlos, Wlademir, Paulo, Maria de Lurdes, Luzia. Lavrador. Nasceu no bairro de Volta Grande, mas desde a década de trinta passou a viver em um bairro vizinho, o bairro Serrote, onde se manteve ao longo de sua vida e para o qual contribuiu com o melhor dos seus esforços e com seus próprios recursos em favor da comunidade que o acolheu. A lavoura, no bairro em que passou a residir já adulto, limitava-se ao cultivo de cereais. Valério promoveu desde os anos sessenta o cultivo da cana-de-açúcar. Com seu exemplo e estímulo, esta se converteu no cultivo majoritário da região e determinou os desmatamentos, em meados da década de sessenta, que possibilitaram a dinamização e a expansão desse cultivo. Seus filhos, seguindo a mesma orientação paterna, se converteram, notadamente na década de oitenta, em grandes fornecedores de cana-de-açúcar e produtores de leite da região. Em 1963, Paulo Valério doou uma área para a construção da escola

de ensino fundamental do bairro. A escola ganhou seu nome e por volta de 1990 tinha cerca de três centenas de alunos, matriculados da 1ª à 8ª séries e distribuídos em dois períodos. “Deixou um marco na história da nossa cidade, quer seja na atenção dada à educação, que seja no desdobramento de trabalhos” em favor do bairro que o acolheu e tanto amou (J. L. Anjos, *Jornal de Piracicaba*, 31.5.1990). O guia de Piracicaba de Camargo e Navarro (1958) inclui entre as principais casas comerciais da cidade a Casa Valério, dedicada ao ramo de ferragens e materiais de construção, à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1458, mas nada informa sobre seu proprietário, parente, talvez, dos Valério do bairro do Serrote.

**VALLER, Valentim** (Séc. 20). C.c. Ahyr Mazzonetto Valler. Ff.: Renato, Enzo. Usineiro, figura de projeção na agroindústria açucareira da cidade e do país, e comerciante. Os Valler, casal benquisto e partícipe dos círculos sociais mais notáveis da Piracicaba de meados do século vinte, tiveram Ahyr Mazzonetto Valler escolhida como um das sete “grandes anfitriãs piracicabananas” no Baile da Consagração de 14.1.1958, juntamente com Belinha Rípoli, Otília Dedini, Eloah Clement, Julieta D’Abronzo, Esther Farah Zardetto de Toledo e Diva Guidotti. Com raízes na Vila Rezende, a família Valler instalou e expandiu um dos maiores e mais afamados armazéns de secos e molhados do bairro, a Casa Valler, perto da

## VALSECHI, Ferrúcio

Estação Barão de Rezende da Estrada de Ferro Sorocabana. Mantinha em anexo máquina de beneficiar arroz e moinhos de milho, que produziam fubá e quirera. Aldrovandi (1991) cita Constante, José e Valentim Valler como comerciantes e industriais que se projetaram, no século vinte. Constante foi presidente da Associação Atlética Sucrierie (futuro Clube Atlético Piracicabano), fundada em 1914. No livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, Ana Valler constava como sócia nº 114 desde 3.11.1941, registrada no comércio local sob nº 120/1000, com capital de 30:000\$000, à avenida Conceição, nº 17, Vila Rezende.

**VALSECHI, Ferrúcio.** N. 1871. F. Piracicaba, 4.8.1959. Ff.: Aída, Pedro, Amélia, Corina, Angelina, André, Octávio. Negociante. Na primeira metade do século vinte, manteve ferraria em Piracicaba. Além dos serviços prestados na oficina, atuava na manutenção de equipamentos mecânicos, entre os quais os do Matadouro Municipal. Um dos netos de Ferrúcio, filho de André Valsechi, evocou no *Jornal de Piracicaba* (28.9.1995) o atendimento que a oficina prestava ao Matadouro, e, ao mesmo tempo, aspectos pitorescos da época: “Toda vez que surgia um problema nas instalações do Matadouro..., o seu Chico (Francisco Amaral, conhecido como Chico Tabaco, dono de um caminhão Chevrolet) aparecia na oficina de meu avô, comunicando o fato, o que havia se tornado rotina, para os reparos urgentes naquele local. Lá íamos nós, meu pai, seu Chico, a caixa de ferramentas e quase sempre eu os acompanhava... Aproveitava a oportunidade para pescar no ribeirão Guamium que passa nos fundos, desembocando no rio Piracicaba, onde haviam lambaris e piavas em grande quantidade... Recordo que a inspeção sanitária, na época, estava a cargo do dr. Ademar Spallini, e o administrador do local era o sr. Victor Lucafó”. No “Guia de Piracicaba” de Camargo e Navarro (1958) é mencionada a existência,

em meados do século, da Oficina Valsechi, especializada em “portas de aço, grades de ferro etc.”, à rua do Rosário, nº 705. Um membro da família Valsechi, Octávio Valsechi, formou-se pela ESALQ em agronomia em 1943 e fez parte do seu corpo docente a partir do ano seguinte, tornando-se professor catedrático e chefe de departamento de Tecnologia Rural. Sydney Valsechi, outro integrante da mesma família, n. 1936 e f. em Piracicaba em maio de 1999, chefou o setor de segurança do Grupo Dedini e destacou-se como colaborador do *Jornal de Piracicaba*.

**VALVANO, Alexandre** (Séc. 20). F. Piracicaba, 21.3.1996. C.c. Jovina Moretti Valvano (Jóia), f. 10.2.1990. Ff.: Daisy, Ysnel. Bancário, foi gerente da agência do Banco do Brasil em Piracicaba, à praça José Bonifácio, nº 945, tendo como contador-chefe Timótheo Feijó Jardim.

**VAN DEN BRANDEN, Edgard.** Séc. 20. N. Bélgica. C.c. Neide Van Den Branden. Maestro, violoncelista, professor. Possivelmente em virtude da 2ª Guerra Mundial (1939-45), emigrou da Europa, fixando-se no Brasil. Em contato com piracicabanos, recebeu convite da Sociedade de Cultura Artística para reger a Orquestra Piracicabana de Amadores, criada pelo maestro Fabiano Lozano (v). Aceitou o convite e em 1946 passou a dirigir a orquestra. De acordo com O. Veiga (*Jornal de Piracicaba*, 21.5.1993), ficou durante pouco tempo à testa da orquestra; convidado para lecionar em Campinas, SP, “transferiu sua residência para aquela localidade, onde encontraria melhores condições de trabalho, razão porque a (orquestra) Piracicabana ficou por algum tempo desativada”. Organizou e regeu uma orquestra de câmara em Campinas, formada com seus alunos. São muito escassas as informações disponíveis a respeito de Van Den Branden. Perdura, contudo, a lembrança de um maestro competente, cultíssimo e exigente, empenhado em obter um desempenho impecável dos seus

músicos, nos concertos realizados sob a sua regência.

**VASCONCELLOS, Adolfo Augusto Nardy de** (Séc. 19). Foi intendente (vereador), na época em que as câmaras municipais passaram a denominar-se Conselhos da Intendência Municipal, após a Proclamação da República. Dissolvidas as câmaras municipais, foram instalados Conselhos, compostos de sete intendentes. A 24.3.1891, o governo do Estado comunicou a elevação para nove do número de seus membros em Piracicaba, incluindo entre estes Adolfo Augusto Nardy de Vasconcellos. Os demais membros designados pelo governo foram Adolfo Corrêa Dias, Antônio Morato de Carvalho, Bento Ferraz de Arruda (v), Francisco Florêncio da Rocha, João Batista da Cruz Leite, João Manuel de Moraes Sampaio (v), Manuel Delfino de Matos e Tibério Lopes de Almeida (v). O intendente Adolfo certamente pertencia à família Nardy de Vasconcellos de Itu, de que, nos séculos 18-19, faziam parte Salvador Nardy de Vasconcellos, sargento-mor das minas do Paranapanema e distinguido em 1797 com o hábito de Cavalheiro da Ordem de Cristo por serviços prestados e vereador em 1837: Carlos Mariano Nardy de Vasconcellos Noronha, - de Pinhal, Barão da Serranegra (Francisco José da Conceição v.) e comendador Joaquim da Silveira Mello (v), sob a presidência do conde de Pinhal, Antônio Carlos de Arruda Botelho (v).

**VASCONCELLOS, Edmar Furquim Cabral de.** F. Piracicaba, 19.4.2001. Engenheiro agrônomo, pesquisador, professor. Completou os cursos ginásial e colegial na Escola Normal Sud Mennucci e formou-se em agronomia pela ESALQ em 1955. Doutou-se igualmente pela ESALQ em 1973. Foi, na escola, professor assistente do Departamento de Agricultura e Horticultura, a partir de 1961, prosseguindo em sua carreira docente e de pesquisa no mesmo departamento, até aposentar-se. Era filho de Philippe Westin Cabral de Vasconcellos (v). Seu

irmão, Philippe Westin Cabral de Vasconcellos Filho, diplomou-se em 1937 como engenheiro agrônomo pela ESALQ.

**VASCONCELLOS, José de Souza Menezes e** (Séc. 19-20). É citado por Lordello e outros (1976), no livro comemorativo dos 75 anos da ESALQ, como professor catedrático da Escola em 1913.

**VASCONCELLOS, Philippe Westin Cabral de.** N. Santa Rita do Passa Quatro, SP, 6.12.1892. F. Piracicaba, 27.9.1985. C.c. Dolméa da Silva Furquim de Vasconcellos. Ff.: Philippe, Dorival, Célia, Sílvio, Lélío, Edmar (v.). Professor, pesquisador, engenheiro agrônomo. Filho do Procópio Cabral de Vasconcellos e Amélia de Oliveira Westin Vasconcellos. Após o falecimento dos pais, ainda menor, foi confiado a um tutor. Veio em sua companhia a Piracicaba em 1909, para estudar e residir no internato mantido pela então Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, a futura ESALQ. Formou-se em agronomia em 1912. Em 1913 iniciou a carreira profissional como administrador do Instituto Butantã, na capital paulista. Começou a trabalhar na escola por volta de 1914, como auxiliar de gabinete do prof. José Álvares (v), incumbido das disciplinas Química Mineral, Orgânica e Analítica. Exerceu interinamente o cargo de professor de Agricultura Geral a partir de 1920 e de 1923 a 1925 fez parte da vereança local. Desde a gestão do provedor Oscarlino Dias (v.) (1915-20), foi irmão remido da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Elegeram-no vice-provedor, durante treze anos consecutivos (1950-63), sendo alvo de significativa homenagem por tudo quanto fez pela Santa Casa, em 21.9.1974. Presidiu o Centro Acadêmico Luiz de Queiroz em 1922-23. Em 1922 foi o terceiro professor da escola a se submeter a concurso para ocupar a 4ª Cadeira, de Agricultura Geral, Especial e Horticultura. Aprovado no concurso, foi nomeado em caráter efetivo como professor de horticultura e para

a direção técnica da secção correspondente, cargos vagos em virtude da saída do seu titular, prof. Henrique Vaz (v). Reformou os primitivos pomares da escola, cujos frutos ganharam o primeiro prêmio da Exposição Internacional do Centenário da Independência no Rio de Janeiro em 1922. Tornou-se titular da 13ª Cadeira, criada em 1931 como Agricultura Geral, que incluía o programa da 4ª Cadeira (Culturas especiais, horticultura, fruticultura e silvicultura). Logo após a criação da *Revista de Agricultura* na Luiz de Queiroz em 1926, por Nicolau Athanassof, Salvador de Toledo Piza Júnior e Octávio Domingues (vv.), ingressou no seu quadro de diretores. Vasconcellos instalou um ensaio de observação de comportamento vegetal na escola, com uma grande coleção de essências florestais, em lotes de 220 plantas em cada lote e fez outras instalações similares, às margens do Piracicamirim. Planejou e orientou a criação dos parques em torno dos pavilhões de Química (1930), Horticultura (1946) e Engenharia (1947-48), cuidando, também, da instalação de novos e amplos pomares no campus. Como se não bastasse tudo quanto fazia na ESALQ, traçou projetos de parques e jardins para a Praça de Vila Rezende, a Santa Casa de Misericórdia, o Lar-Escola Coração de Maria e Monte Alegre, bem como os parques de Águas de São Pedro das Estações Experimentais de Cordeirópolis e Nova Odessa, as praças de Santo Antônio do Jardim e de Jundiá e para inúmeras instituições e municípios do Estado, como o grande parque de Ribeirão Preto, SP. Proporcionava orientação e assistência gratuita a prefeituras e organizações assistenciais na sua área de competência, e até lhes dava plantas para fins ornamentais e de arborização. Durante a presidência de Eurico Gaspar Dutra (1946-50), viajou por todo o país para realizar um levantamento dos potenciais econômicos da agricultura nacional e seu mercado, a pedido do governo federal. Vasconcellos dirigiu a ESALQ de 19.5.1939 a 18.6.1941 e de 7.6.1954 a 13.8.1954. Aposentou-se em 1960. No ano seguinte, a

ESALQ homenageou-o com a outorga do título de Professor Emérito. Participante ativo e empenhado na vida cultural e social da cidade, foi um dos três criadores do Conselho Coordenador das Entidades Cívicas de Piracicaba em 1956, com Fortunato Losso Netto e Alcides di Paravicini Torres (vv.). Juntamente com esses e outros companheiros, participou da criação do Rotary Club Piracicaba em 1941 (15.2) e foi seu primeiro presidente. Publicou inúmeras pesquisas e estudos de cunho científico e técnico e fez parte de várias sociedades renomadas, entre as quais a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a Sociedade Botânica do Brasil e o Fórum Paulista de Fruticultura, tendo recebido grande número de venerated diplomas e homenagens. Pertence, com toda justiça, ao panteão dos mais notáveis, cultos e diligentes homens de saber e ação da Piracicaba do século vinte. Uma avenida tem seu nome, no Jardim São Francisco, entre a avenida das Ondas e a margem do rio Piracicaba.

**VASCONCELLOS, Sebastião Cabral de** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, professor. Formou-se em agronomia em 1918, quando a atual ESALQ denominava-se Escola Agrícola Luiz de Queiroz. Pertenceu ao quadro docente da escola. Lordello e outros (1976) anotam a sua atuação como ajudante de gabinete no ano de 1923.

**VAZ, Henrique César da Fonseca** (Séc. 19-20). Professor, pesquisador, engenheiro agrônomo. Fez parte da segunda turma formada pela ESALQ em 1904, quando a escola tinha a antiga denominação Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. Professor da escola no período de 1912 a 1921, seu nome constava neste último ano como professor auxiliar da 4ª Cadeira, Agricultura, que então compreendia o ensino de agricultura geral e especial, horticultura, fruticultura e silvicultura. Vaz encarregava-se das aulas de horticultura e silvicultura, no segundo ano do curso (Reis, 1921).

**VEIGA, Antônio dos Santos** (Séc. 19-20). Professor da Escola Normal (atual Sud Mennucci). Um dos fundadores (25.5.1925) e primeiro presidente da Sociedade de Cultura Artística de Piracicaba. Benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, foi eleito mesário da irmandade desta, na provedoria de Coriolano Ferraz do Amaral (v.) (1939) e primeiro secretário, na provedoria de Nelson Meirelles (v.) (1946). Juntamente com Leandro Guerrini (v.), pelo São João Futebol Clube, e Lindgard P. Müller, pela Associação Atlético Luiz de Queiroz, foi o representante do Esporte Clube XV de Novembro no grupo que elaborou em 1930 os estatutos da Associação Piracicabana de Esportes, na época em que Piracicaba contava com onze times de futebol, devendo a nova entidade promover um campeonato local, com a participação dos clubes citados. Antônio dos Santos Veiga foi pai de Olênio de Arruda Veiga (v.). Uma rua com seu nome existe no Jardim Ibirapuera, junto à avenida Raposo Tavares.

**VEIGA, Jair Toledo.** N. Itaberá, SP, 1917. F. Piracicaba, 3.9.2003. C.c. Sarah Duarte de Toledo Veiga. Ff.: Júlio Augusto, Inaya, Wanda Regina, Jair Filho, Joanna Rita, Débora. Historiador, professor, serventuário da justiça, jornalista, escritor. Atuante no 2º Tabelionato e Anexos como escrivão habilitado durante longos anos, seu trato diuturno com documentos cartoriais deu-lhe a oportunidade de decifrar e analisar documentos antigos ligados ao passado de Piracicaba, impondo-se nos meios cultos como um dos mais notáveis estudiosos da história da região de Piracicaba. Minucioso, paciente e de uma retidão exemplar, hábil genealogista, seus empenhos como pesquisador permitiram-lhe recuperar boa parte dessa história. Entre as suas inúmeras contribuições nesse domínio, destacam-se os estudos que fez da sociedade piracicabana no ano da proclamação da Independência do país, da criação da Vila Nova da Constituição (1822), de um assassinio ocorrido em 1873 que vitimou um coronel

confederado sulista dos EUA no seu sítio, em Santa Bárbara, e de um célebre processo que envolveu em 1822 a esposa do senador Vergueiro (v.) e o tenente Jaime da Silva Teles, com base em documentos existentes no Cartório do 2º Ofício. Além disso, segundo M. O. Camponez do Brasil Sobrinho, Veiga “fez um trabalho primoroso sobre o Colégio Piracicabano do século 19..., muito importante na recuperação de uma parte da história local e do metodismo” (*Jornal de Piracicaba*, 4.9.2003). No mesmo jornal, salienta-se que, “de uma moral ilibada, Jair de Toledo Veiga foi juiz de paz e era evangélico metodista”, deixando a sua morte “um profundo vazio na equipe de estudiosos e guardiões da memória da cidade”. Participou da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba em novembro de 1967, que presidiu de 1972 a 1973. Colaborou no *Jornal de Piracicaba* e em diversos periódicos locais. Foi líder da Igreja Metodista local, rotariano e venerável da Loja Maçônica. Lecionou na Escola de Comércio Cristóvão Colombo e trabalhou na Metalúrgica Dedini, nos anos setenta. Aposentou-se em 1986. Antes de falecer, doou uma parte dos seus documentos à Universidade Metodista de Piracicaba e outra parte à Loja Maçônica. Seu estudo sobre a trágica morte do coronel confederado Asa Thompson Oliver, aqui mencionado, encontra-se na publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (1989) *Estudos regionais paulistas* e o trabalho acerca do processo Vergueiro foi incluído por Leandro Guerrini em seu livro *De Piracicaba para Piracicaba* (1961).

**VEIGA, José Hígino.** N. 1907. F. Piracicaba, 15.4.1993. C.c. Elvira Ramalho Guimarães Veiga. Ff.: Maria Izabel, Maria Celina. Comerciante dos mais estimados na Piracicaba da primeira metade do século vinte. Era filho de José Guimarães Veiga e Izabel de Mello Veiga. Foi sepultado no jazigo da família Guimarães Veiga, no Cemitério São Bento, em Araraquara, SP.

**VEIGA, Olênio de Arruda.** N. Piracicaba, 1912. F. Piracicaba, 8.8.1997. C.c. Alice Guidolin Veiga. Ff.: Márcia, Ivan, Maria de Fátima. Professor, administrador, músico. Foi aluno interno em colégio religioso no Rio de Janeiro, formou-se como professor normalista e exerceu o magistério primário, tornando-se depois diretor de escola. Fez parte da diretoria da Cipatel, Companhia Telefônica de Piracicaba, fundada a 10.10.1953. Consagrou-se, no entanto, como violinista, “um dos maiores violinistas que Piracicaba já teve”, segundo o maestro Hélio Monfrinato (*Jornal de Piracicaba*, 9.8.1997). “Tocou com Fabiano Lozano (v.) em 1928, foi *spalla* da Orquestra da Escola de Música e da Orquestra Sinfônica de Piracicaba; teve o conjunto Nosso Jazz, onde foi solista de violino e trompete”. Lecionou violino, deixando vários discípulos notáveis, na Escola de Música de Piracicaba. Desprovido de qualquer afetação, bem humorado e muito culto, foi por longos anos o “instrumentista mais respeitado na cidade”, lembra Cidinha Mahle (*Jornal de Piracicaba*, 28.2.1993). Tocava com igual mestria e sensibilidade tanto nas apresentações para o público mais exigente em locais requintados como em modestos salões de festas, em casamentos, em aniversários, em Piracicaba e nas redondezas. Além disso, era “excelente articulista, colaborou muitíssimas vezes no *Jornal de Piracicaba*” (A. Zangirólami, *Jornal de Piracicaba*, 13.8.1997). Juntamente com Hélio Manfrinato e Egildo Rizzi Filho (v. Rizzi, Ângelo), criou a Orquestra Sinfônica de Piracicaba em 1994 e foi o violinista e líder de um notável grupo de musicistas, o “Conjunto Serenata”, que contou igualmente com Sérgio e Valdyr Belluco, Bortolai, Léo Olita (v. Olita, Eduardo) e outros. A Prefeitura e a Câmara Municipal de Piracicaba criaram uma medalha com seu nome e sua efígie, para a premiação bialenal a piracicabanos notáveis nos âmbitos artístico e cultural. Olênio Veiga foi um dos pioneiros do rádio piracicabano, como músico, locutor e cantor, nos primeiros tempos da PRD-6, então Rádio Clube de Piracicaba (M.

L. Alarcon, *Jornal de Piracicaba*, 25.4.1989).

**VELHO, Arnaldo.** F. Piracicaba, 29.9.1984. Cirurgião dentista. Ativo em Piracicaba em meados do século vinte, quando atendia em seu consultório à rua Bom Jesus, nº 598 (Camargo e Navarro, 1958; Romano e Salvego, 2006).

**VELHO, Walter** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo, professor. Formou-se em agronomia pela ESALQ em 1933, na mesma turma em que se diplomaram Walter Radamés Accorsi e Jacob Bergamin (vv.). Passou a lecionar na escola em abril do ano seguinte, na 1ª Cadeira, de Física Agrícola. Transferiu-se em outubro do mesmo ano para a Cadeira de Economia Rural (7ª Cadeira), criada em 1912 e posteriormente reunida (1967) com outras disciplinas no Departamento de Economia. Este, por sua vez, se converteu em Departamento de Ciências Sociais Aplicadas em 1970.

**VELLOSO, José de Assis** (Séc. 19-20). Professor. Lecionou matemática em Piracicaba. Fazia parte do corpo docente da Escola Normal Sud Mennucci (quando a denominação desta era Escola Normal Primária), por ocasião da sua transferência para o prédio definitivo, à rua São João, em 11.8.1917, tendo como diretor Honorato Faustino de Oliveira (v.). Em 1920, em virtude de lei que padronizou todas as escolas normais do estado e criou escolas complementares com curso de três anos de duração, a Escola Normal Oficial piracicabana deixou de ser “Normal Primária”. Velloso teve como vice-diretor Manassés Ephraim Pereira e como colegas de docência, entre outros, Pedro de Mello (francês), Fabiano R. Lozano (música), Adolpho de Carvalho (inglês), Carlos Martins Sodero (história natural), Joaquim de Mattos (desenho), Justino Marcondes Rangel (pedagogia), David Müller (ginástica), João Batista Nogueira (história universal e geografia) (vv.) e Henrique Carneiro (trabalhos manuais). Por volta de 1917 os professores ganhavam 450

mil réis mensais, então considerado “um ótimo salário” (*Jornal de Piracicaba*, 21.4.1977).

**VELLOSO, José Ferreira** (Séc. 19-20). Engenheiro agrônomo, formado em 1920 pela Escola Agrícola Luiz de Queiroz, a futura ESALQ. Presidiu o Centro Acadêmico Luiz de Queiroz no período de 1918 a 1919 (B. A. Moura, em Lordello e outros, 1975). Fez parte da primeira diretoria presidida por Antônio S. Campos e eleita em 1917 para conduzir os rumos do “Elite Foot-Ball Club”, que originou em 1924 a Associação Atlética Luiz de Queiroz. Velloso fez parte da Comissão de Sindicância do Clube (Rípoli, 1943).

**VENCESLAU Júnior, J.** (Séc. 20). Médico. Em meados do século, foi médico-chefe do Centro de Saúde de Piracicaba.

**VENCOVSKY, Família** (Séc. 19-20). Os Vencovsky (ou Vencowsky) figuram na relação de nomes de antigas famílias alemãs que deixaram a Europa e se fixaram em Piracicaba e em cidades vizinhas, em data ignorada. Estão incluídos na relação de alemães e seus descendentes piracicabanos divulgada por ocasião das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Brasil e preparada por Anneliese Brieger (*Jornal de Piracicaba*, 31.8.1974). Vários Vencovsky aparecem nas listas de moradores de Piracicaba, nos primeiros anos do século 21, como Maria, Vitor e Roland Vencovsky. Este último pertenceu ao quadro de docentes e pesquisadores da ESALQ desde 1959, como professor adjunto.

**VENDEMIATTI, Eurotides.** N. Piracicaba, 16.5.1932. F. 1.12.1976. C.c. Marilene Aparecida Perissinoto Vendemiatti. Ff.: Alexandre, Adriano. Médico. Filho de João Vendemiatti (v.) e Helena Bottene Vendemiatti e neto de Hermenegildo Vendemiatti (v.). Após completar a escola primária em Vila Rezende, no Grupo Escolar José Romão, estudou no ginásio e

no curso científico da Escola Normal Sud Mennucci. Em 1952 recebeu seu diploma de médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Estagiou inicialmente na então Capital Federal, na Santa Casa de Misericórdia, e foi médico-residente do Hospital de Neuro-Sífilis, tendo sido convidado para assumir a diretoria do hospital. Em 1963 passou a clinicar em sua cidade natal, mantendo consultório à rua do Rosário, nº 620. Especialista em proctologia, fez parte do quadro de médicos da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, de abril de 1963 a agosto de 1970. Trabalhou no Hospital dos Plantadores de Cana de Piracicaba até sua morte. “Espírito alegre e comunicativo... inteligência e competência..., querido de todos. Infelizmente, a fatalidade... truncou uma vida cheia de esperança e fadada ao sucesso” (Cambiaghi, 1984). Tinha 44 anos de idade quando faleceu. Nas Glebas Califórnia há uma rua Eurotides Vendemiatti, junto à estrada dos Marins.

**VENDEMIATTI, Hermenegildo.** N. Pa-dova, Itália, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Emília Moretti Vendemiatti. Tiveram nove ff.: Maria, Francisco, João, Aldina, Rosa, Fernando, Idalina, Hermenegildo Filho, Reynaldo. Comerciante, atuou nos bairros de Santa Terezinha e Vila Rezende. Três dos seus filhos foram igualmente comerciantes: João Vendemiatti (v.), Hermenegildo Filho e Reynaldo. Hermenegildo Filho, c.c. Ada Malusá, trabalhou no Engenho Central e foi dono de armazém e bar, nos fundos do teatro Santo Estêvão. Reynaldo, o último filho, n. 1924 e f. a 9.8.2006 em Piracicaba, c.c. Tereza Franchi Vendemiatti, foi igualmente proprietário de armazém e trabalhou como modelador nas Indústrias Dediní. O filho Francisco, c.c. Eugênia Massariol, dedicou-se ao fornecimento de carne aos açougues piracicabanos e seu irmão Fernando, n. 1907 e f. Piracicaba em 14.6.1983, c.c. Olinda Zambelo, ff. Ana Maria, Arlete e Sérgio, teve uma ferraria e um açougue. Reynaldo Vendemiatti f. em Piracicaba em



## VENDEMIATTI, João

2006. Quanto às filhas de Hermenegildo, Maria, a primeira de seus filhos, casou-se com Luiz Giusti, proprietário de olaria em Santa Terezinha; Aldina, a quarta a nascer, casou-se com o lavrador João Massariol; Rosa, que veio a seguir, casou-se com o dono de uma leiteria em Água Branca e contrabaixista da banda União Operária Justino Razera. Idalina Vendemiatti uniu-se em matrimônio a Ernesto Viliotti (Aldrovandi, 1991).

**VENDEMIATTI, João.** N. e f. Piracicaba, séc. 20. C.c. Helena Bottene Vendemiatti. Vereador, comerciante, músico. Terceiro filho de Hermenegildo Vendemiatti (v.) e pai de Eurotides Vendemiatti (v.), dedicou-se ao comércio e paralelamente à música. Tocava bandolim, clarinete e violão e ministrava aulas de música aos jovens de Vila Rezende, onde residiu. Foi vereador na Câmara Municipal de Piracicaba e destacou-se na história política local como um dos líderes do integralismo de Plínio Salgado, juntamente com Antônio Cera Sobrinho e Jorge Coury (vv.) (Aldrovandi, 1991). Uma travessa do bairro Santa Terezinha recebeu seu nome, junto à rua Corcovado e perto do rio Corumbataí.

**VERDERESI (Verderese), Luiz.** Séc. 20. Negociante. Proprietário de loja de armas e munições na primeira metade do século, à rua governador Pedro de Toledo, nº 56. Registrou-se em 9.11.1939 no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba com capital de 8:000\$000 (registro nº 328), passando a ser o sócio nº 102 do Sindicato. Atuante na vida econômica, política e social da cidade no século vinte, a família Verderese teve um dos seus membros diplomados como engenheiro agrônomo pela ESALQ em 1942: José Orlando Verderese. Outro piracicabano da mesma família, João Verderese, n. 27.11.1914 e f. Piracicaba a 1.3.2005, foi amigo íntimo de João Pacheco e Chaves (v.) e escreveu um livro a seu respeito. O tronco dos Verderese de Piracicaba é (presumivelmente) Antônio Verderese, n. 1880

e f. em Piracicaba em 13.6.1966.

**VERGUEIRO, Nicolau Pereira de Campos.** N. Vale da Porca, Traz-os-Montes, Bragança, Portugal, 20.12.1778. F. Rio de Janeiro, RJ, 18.9.1859. C.c. Maria Angélica de Vasconcelos a 2.8.1804. Ff.: Carolina, Luiz, Angélica, Joaquina, José, Antônia, Eufrosina, Maria do Carmo, Francisca, Nicolau José, Joaquim, Ana. Era filho de Luiz Bernardo Vergueiro e Clara Maria Borges de Campos. Sua esposa era filha do capitão José de Andrade Vasconcellos e de Antônia Eufrosina de Cerqueira. Prestou exames do Real Colégio de Artes da Universidade de Coimbra (1795-96). Devidamente habilitado, ingressou em 1796 no curso de letras jurídicas da mesma universidade, doutorando-se em leis em 11.7.1801. Emigrou para o Brasil em 1802, fixando-se em São Paulo no ano seguinte, onde se casou em 1804. Residiu na rua Direita, nº 14 e tornou-se proprietário de duas casas na mesma rua, nos nºs 29, 31 e 33. Dedicou-se à advocacia na capital paulista até 1815 e foi juiz de sesmarias a partir de 1811. Em 1815-16 mudou-se para Piracicaba, a fim de dirigir os engenhos por ele fundados, em sociedade com o brigadeiro Luiz Antônio de Sousa. Em 1813, nomeado vereador em São Paulo por d. João, então príncipe regente, prestou relevantes serviços à capital, um dos quais foi a organização do arquivo municipal no ano aqui mencionado. Atraído pela vida agrícola, decidiu seguir para os sertões de Piracicaba (1807), onde se tornou dono de uma sesmaria, inicialmente em sociedade com seu sogro José de Andrade Vasconcellos. Converteu-se depois em seu único dono e fundou o engenho do Limoeiro, voltando-se, assim, para a cultura de cana e o fabrico do açúcar. Em 14.9.1814 comprou nos campos de Araraquara, então distrito da freguesia de Piracicaba, a sesmaria do Monjolinho, na qual fez uma fazenda de criação (Araraquara desmembrou-se do território piracicabano em 1832). Vergueiro estabeleceu uma sociedade agrícola com o brigadeiro Luiz Antônio em

1816, entrando para esta com o engenho do Limoeiro, a sesmaria do Monjolinho e outros bens. O brigadeiro forneceu os recursos para a aquisição dos sítios do Taquaral e de Monte Alegre, no distrito da Vila da Constituição, onde Vergueiro fixou residência (1815 a 1825). Em 1818 Vergueiro e Sousa compraram terras com benfeitorias no Pau Queimado. Em 1819 o brigadeiro faleceu e Vergueiro continuou a dirigir a sociedade, dissolvida após o casamento da viúva de Luiz Antônio de Sousa com José da Costa Carvalho (v). Este último ficou com o Monte Alegre, Taquaral e Limoeiro, e Vergueiro com o engenho Ibicaba (Morro Azul) e as terras do Tatu igualmente pertencentes ao engenho. (Ibicaba e Tatu são terras em parte correspondentes aos municípios de Cordeirópolis, Rio Claro e Araraquara.) Forjaz (1924), principal fonte das informações aqui contidas, diz que “Vergueiro nessa ocasião gozava de grande influência na zona compreendendo... os municípios de Campinas, Piracicaba, Itu, Porto Feliz, Limeira, Rio Claro, Araraquara. Conquistara-a pelos conhecimentos agrícolas, pelas idéias adiantadas, pelo espírito liberal e pelo esforço em promover a fatura de estradas de rodagem, a fim de se facilitarem as comunicações entre aqueles povoados”. A ligação de Piracicaba com Vergueiro começa antes de sua vinda para aqui residir, em casa na esquina da atual rua Moraes Barros com o atual largo da Catedral, local que, durante longos anos, foi ocupado pelo Hotel Central (v. Castro, João Baptista de). Datam de outubro de 1808 as primeiras providências para a concretização do plano de arruamento de Piracicaba, compreendendo “cinco ruas, outras tantas travessas, pátio para a igreja e largo para a cadeia”, a partir de um plano elaborado por Vergueiro e concretizado pelo Alferes José Caetano Rosa (v) (Guerrini, 1970). Morador de Piracicaba durante cerca de dez anos (1815-1825), transferiu-se a seguir para sua fazenda Ibicaba. Tomou parte ativa no governo provisório de São Paulo em 1821, sendo eleito

deputado à Constituinte portuguesa. De volta ao Brasil, elegeram-no, em 1823, membro da Constituinte brasileira. Em 1826 foi eleito deputado à Assembléia Geral Legislativa pelas províncias de São Paulo e Minas Gerais e em 10.5.1828 tornou-se senador por esta última. Partícipe importante dos acontecimentos que precederam a abdicação de d. Pedro I, após a ocorrência desta passou a fazer parte da regência Trina provisória, que governou o Brasil de 7.4 a 17.6.1831. Tornou-se ministro do Império em 1832 e em 1840 sustentou no senado o projeto em favor da declaração da maioria de d. Pedro II, não obstante este ter apenas quinze anos de idade. De 1837 a 1842 dirigiu a faculdade de direito paulistana e em 1847 foi ministro da justiça. Em sua fazenda Ibicaba, “aconteceu o primeiro ensaio migratório no Brasil imperial, totalmente financiado pela iniciativa privada... Esse ensaio foi protagonizado, criado e executado unicamente pelo senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro... A fazenda Ibicaba é a célula-mater da imigração particular... Vergueiro foi o grande líder desse movimento da colonização desse pedaço aqui”, segundo J. E. Heflinger Júnior (em M. Rocha, *Jornal de Piracicaba*, 15.7.2007), autor de livro a respeito de Ibicaba (2007). Segundo Guerrini (1970), Vergueiro foi “um dos grandes latifundiários de Piracicaba, talvez o introdutor da agricultura metodizada em nossa terra” A despeito disto, nunca se conformou com o regime de trabalho escravo. Em 1831 apoiou projeto que declarava livres todos os escravos entrados no país a partir daquele ano. Graças a ele, cerca de três mil colonos entraram no país a partir de 1831, para trabalhar na lavoura em regime de parceria. Parece que suas iniciativas não tiveram o êxito que esperava, por causa da inadaptação dos colonos que, de modo geral, nos países de origem eram trabalhadores urbanos, segundo Forjaz (op. cit.). Vergueiro foi, nas palavras de Sisson, escritas em 1859, um “cidadão probo e honesto, estadista íntegro, representante fiel de um partido que se ufana

de o ter por decano” (Ribeiro, 1899;Forjaz, 1924; Elias Netto, 2003; Pfromm Netto e Martins, 2003; Sisson, 1948; Guerrini, 1970; M. Rocha, *Jornal de Piracicaba*, 15.7.2007). A rua do Vergueiro em Piracicaba tem esse nome em homenagem a ele.

**VERT, Germano.** N. França, séc. 19. F. 4.3.1908. Professor, pesquisador. Lordello e outros (1976) incluem seu nome entre os dos primeiros professores da ESALQ, quando esta se denominava Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. Referem-se a Vert como professor “proyecto e culto”. Tomou posse do cargo de lente de Botânica (2ª Cadeira) em 3.10.1904 e lecionou na escola até a ocorrência do seu falecimento em 1908. Foi, portanto, colega de vários mestres pioneiros e ilustres da ESALQ inicial, como Mário Brandão Maldonado, Jean Michel, Arsene Puttmans, Antônio de Pádua Dias (vv.). De acordo com a fonte citada, Vert foi um dos primeiros pesquisadores que estudaram no Brasil a antracnose do algodoeiro e vários nematóides de vida livre e parasitária. A vaga surgida em virtude da sua morte foi ocupada primeiramente pelo fitopatologista e arquiteto-paisagista Arsène Puttmans e a seguir, ainda em 1908, por Arthur Berthet (v.).

**VESSANI, Alcides.** F. 7.4.1984. Cirurgião-dentista, ativo em Piracicaba no século 20. Integrou o quadro associativo da Seção Regional da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas com sede em Piracicaba, segundo Romano e Salvego (2006).

**VIANA, Christiano Coutinho** (Séc. 20). Engenheiro agrônomo. Formado pela ESALQ em 1933. Foi mestre de leiteria desta, entre 1935 e 1937, cargo anteriormente e sucessivamente ocupado pelos professores Otto Behmer (1915) (v.), Eduardo Mezzacappa (v. Mezzacappa, Antônio)(1917-20) e Octávio de Campos Pacheco (v.).

**VIANA, José Fernandes** (Séc. 19). Cirurgião-mor da vila de Constituição, por volta de 1831. Empenhou-se no combate à varíola, incumbindo-se da aplicação da vacina anti-variolica, tanto nos habitantes da vila como nos “da Freguezia e Capellas vizinhas”, conforme registros em atas da Câmara Municipal de Piracicaba (Cambiaghi, 1984). Atuaram igualmente na luta contra a varíola nessa ocasião os cirurgiões “Benjamin e, provavelmente, Fraga”, segundo a fonte citada.

**VIANNA, Abílio Eusébio.** N. Bahia, 14.8.1860. F. 22.2.1930. Médico. C. em Piracicaba c. Maria Izabel de Almeida Franco. Sua filha Alice foi esposa do político Júlio Prestes de Albuquerque, que governou o estado de São Paulo (1927-1930) e foi deposto e exilado, após ter sido eleito presidente da república (1930). Maria Izabel, a esposa, era irmã de Ângela de Barros, c.c. Ignácio Leite de Negreiros (v.). Seu pai, o coronel Vicente Vianna, foi herói da Guerra do Paraguai, onde morreu a 16.7.1867. A esposa era filha de Luiz Antônio de Almeida Barros, fazendeiro em Piracicaba. Em anúncio na *Gazeta de Piracicaba* (3.7.1886) punha-se à disposição dos clientes em sua casa atrás da Matriz, para tratamento de moléstias do estômago, sífilis, das vias urinárias e operações. Atuou igualmente no comércio durante algum tempo, à frente da Casa de Descontos e Saques, firma de Abílio Eusébio Vianna e Cia. Dedicou-se também ao tratamento de moléstias oculares. De acordo com Cambiaghi (1984), além de clinicar por muitos anos em Piracicaba, exerceu igualmente cargos administrativos, como o de inspetor de instrução pública e particular.

**VIANNA, Manoel.** N. São Manoel do Paraíso, SP, 3.5.1898. F. São Paulo, SP, 3.11.1971. C. a 7.10.1923 c. Maria do Rosário Carrão, filha de Manoel A. Lustosa Carrão, um dos fundadores da Universidade do Paraná. Ff.: Regina, Rosy, Rachel, Maria Stella, Gilda, Maria Theresa. Filho caçula entre quatro irmãos,

formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 17.5.1928 passou a residir e clinicar em Piracicaba, com residência e consultório à rua Rangel Pestana, nº 82, dedicando-se à clínica geral, moléstias de senhoras e crianças, sífilis e doenças das vias urinárias. Nomeado médico diretor do Posto de Higiene local em 1930, foi um dos responsáveis pelo bem sucedido combate à febre amarela na cidade nessa ocasião. Foi responsável no Posto de Higiene pela seção de sífilis (1931) e pelo serviço pré-natal (1939). Mudou seu consultório para a rua Alferes José Caetano, nº 912, e proporcionou atendimento às colônias do Engenho Central e da Sociedade Sucrierie, mantendo um consultório na Vila Rezende. Identificou o primeiro caso de ocorrência do tifo exantemático no município, em fazenda do Engenho Central, e era freqüentemente buscado por vítimas de picada de cobra. Foi admitido em 1932 na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e dedicou-se ao rádio-amadorismo e à propagação de princípios de saúde pública em conferências e escritos (Cambiaghi, 1983). Duas das suas filhas, Rachel e Maria Stella Viana, nasceram em Piracicaba.

**VICTOR DA SOLEDADE, monsenhor.** N. Bahia, séc. 18. F. séc. 19. Vigário da paróquia de Piracicaba (Igreja da Matriz). Esteve à frente da paróquia de 1908 a 1910, após monsenhor José Rodrigues Seckler (v.) (1902-1908) e precedeu monsenhor Manoel Francisco Rosa (v.). Na relação contida no livro *Diocese de Piracicaba*, de d. Ernesto de Paula e outros (1955), monsenhor Victor é apontado como o 13º vigário da paróquia. Em 1908 regressou à Bahia, seu estado natal.

**VIEGAS & VIEGAS JORT, viúva** (Séc. 19). Faz parte da relação das sete dezenas de fazendeiros de Piracicaba (então Comarca de Constituição) em 1873, que nessa época, além da cidade, abrangia Tietê e Capivari. A relação inclui uma dúzia de mulheres (cinco viúvas) à

frente de fazendas locais: a baronesa de Itú, a baronesa de Limeira, Francisca Carolina de Barros, Gertrudes Ferraz de Sampaio, Maria da Anunciação Leite do Canto Leitão, Maria Joaquina de Barros, Maria Martins de Mello e as viúvas de Albano de Toledo e Silva, do capitão Francisco Florêncio do Amaral (v.), de Manoel Robino de Oliveira e do major Melchior de Mello Castanho (v.), além da já citada viúva Viegas (Luné e Fonseca, 1873). A presença feminina na fonte aqui mencionada, além das fazendeiras, limita-se à proprietária (de imóveis) Maria Rosa Lopes Pinto, à profes-sora particular de instrução primária Ana Joaquina de Aguiar (v.) e à proprietária de padaria Libânia Maria Ferreira. Segundo a mesma fonte, outra pessoa pertencente à família Viegas, Francisco Antônio de Almeida Viegas, era o administrador do cemitério local em 1873. Ana Joaquina dá nome a rua no Jardim São Luiz, no bairro de Santa Terezinha.

**VIÉGAS, Ahmés Pinto.** N. Piracicaba, 30.1.1905. Filho de Antônio Pinto de Almeida Ferraz (v.) e Indiana Viégas Pinto. Engenheiro agrônomo, formou-se pela ESALQ em 1932 e completou sua formação nos EUA, na Cornell University, em 1938. Admitido no Instituto Agrônômico de Campinas, SP, ocupou os cargos de sub-assistente de genética (1933-35), assistente (1935-37), fitopatologista (1937-40 e 1945), chefe da seção de Botânica (1940-45) e chefe da seção de Fitopatologia (1946-61) no referido instituto. Publicou numerosos estudos e um *Índice de fungos da América do Sul*, editado em 1961 (Coutinho, 1961). Outro Pinto Viégas, Glauco, igualmente formou-se em agronomia na ESALQ em 1934.

**VIÉGAS, Aulo Pinto.** N. Piracicaba, 24.7.1906. C.c. Odette Vieira Pinto Viégas. FF.: Ana Florência, Vinio, Ênio, Cássio, Consuelo. Médico. Formou-se em Belo Horizonte pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais em 1931 e clinicou na capital

mineira. Fez parte de várias entidades médicas e científicas, entre as quais a Associação Brasileira de Medicina, a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e a American Association for the Study of Internal Secretions. Em 1941 lançou seu livro *Endocrinologia Clínica*. Além disso, foi autor de cerca de uma centena de trabalhos científicos. Teve consultório à rua Tupinambás, nº 379 em Belo Horizonte, onde residiu, à rua Pernambuco, nº 485. Era filho de Antônio Pinto de Almeida Ferraz e irmão de Ahmés Pinto Viégas (vv.) (Coutinho, 1961).

**VIÉGAS, Darwin Amaral.** N. Piracicaba, 3.12.1906. C.c. Aurora Maria Marino Viégas. Ff.: Lister, Rosely Maria, Sueli Maria, Evani Maria, Heleny Maria. Era filho de Joaquim Viégas e Laura Amaral Campos. Médico, formado em 1931 pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Fixou-se em Botucatu, SP, onde foi diretor clínico do Hospital Regional da Sorocabana. Foi um dos fundadores da Associação Paulista de Medicina (Coutinho, 1961).

**VIEIRA, Avelino da Paz.** N. Piracicaba, 22.11.1902. C.c. Alzira Ortiz de Camargo Vieira. Ff.: Ilka, José Cássio. Professor e médico em Santos, SP, foi professor catedrático do Instituto Educacional Canadá de Santos e chefe da clínica da Santa Casa de Misericórdia local. Fez parte da Associação Médica de Santos. Valeu-se de uma emissora santista de rádio para fazer palestras radiofônicas sobre saúde e medicina destinadas ao público leigo. Publicou o livro *Alguns momentos com a medicina*, assim como estudos e artigos em periódicos. Residiu na avenida General Glicério, nº 574 e teve endereço oficial na rua Amador Bueno, nº 171 (Coutinho, 1961).

**VILLAÇA, Oscar** (Séc. 20). Tem seu nome citado na relação de professores da ESALQ, onde lecionou em 1939 (Lordello e outros, 1976).

**VINCENT, Charles.** N. Bélgica, séc. 19.

F. séc. 20. Engenheiro agrônomo, professor. Diplomado pela conceituada escola agrônômica de Gembloux, na Bélgica. Veio para o Brasil em 1909. De janeiro de 1911 a dezembro de 1912, foi titular da 5ª Cadeira, Zootecnia, da então Escola Agrícola Luiz de Queiroz (posteriormente, ESALQ). (Lordello e outros, 1976).

**VITTI, Família** (Séc. 19-20). Numerosa e exemplarmente laboriosa, modelo de cidadania responsável, firmemente arraigada nos bairros de Santana e Santa Olímpia, onde mantém vivas as tradições herdadas dos seus avoengos da região do Trentino, junto ao Ádige, a família Vitti tem origem em emigrantes que deixaram a Europa em 1881. Desembarcaram no Rio de Janeiro e foram conduzidos a Campinas, SP. Nessa ocasião, parentes da família já viviam e trabalhavam em propriedade agrícola do Visconde de Indaiatuba, capitão Joaquim Bonifácio do Amaral Gurgel, a fazenda Sete Quedas, na qual o visconde introduziu o braço livre a partir de 1852. Os Vitti e outros emigrantes trentinos livres, com sua vida frugal e extremamente responsável, conseguiram juntar recursos para adquirir Santana e Santa Olímpia, a cerca de 20 km de Piracicaba. Um dos seus descendentes, Guilherme Vitti, fez um livro a respeito da luta tenaz dos trentinos, que culminou na compra das terras de Santa Olímpia e Santana, anteriormente pertencentes ao barão de Serranegra e compradas por cem contos de réis pelo casal Bartolo Vitti e Maria Sartori, vindos de Meano-Cortesano, em Trento, Itália. Após a sua morte, a área foi dividida entre os oito herdeiros e seus numerosos descendentes tornaram-se proprietários de pequenas chácaras. Mais ou menos isolados, os trentinos descendentes casaram-se entre si, mantendo o seu dialeto, as tradições e os costumes dos ancestrais europeus. Católicos devotos, levantaram a capela de Santana em terreno de Paulo Vitti e outros, na qual a primeira missa foi celebrada por frei Felicíssimo de Prada a 27.6.1928. A bênção da

capela e do seu altar-mor ocorreu a 30.3.1930, quando a imagem de Santa Ana ganhou seu lugar definitivo (doada pelo pe. João Batista Ferraz, v., capelão da Igreja de São Benedito) e foi colocada a Via Crucis ofertada pelo chefe das famílias Vitti, Ângelo Vitti (Elias Netto, 2000, 2003). Segundo a fonte aqui mencionada, vários vereadores foram eleitos pelos bairros de Santana e Santa Olímpia, garantindo, assim, os moradores a sua representação na Câmara Municipal. Origem de vários frades e freiras, o reduto piracicabano dos trentinos deu à Igreja dois bispos, d. Moacir Vitti e d. Marcelino Correr. Um dos mais conceituados intelectuais de Piracicaba, Lino Vitti, aclamado “príncipe dos poetas piracicabanos”, por ocasião de homenagem que lhe prestaram na igreja de Santana, lembrou, em artigo no *Jornal de Piracicaba* (20.9.1997) alguns dos numerosos Vitti que se destacaram na cultura, na educação, em atividades econômicas e sociais: o professor da ESALQ Godofredo Vitti; o historiador, vereador e professor da Escola Normal Sud Mennucci, Guilherme Vitti, que em 1975 se aposentou como chefe do Departamento Administrativo da Prefeitura Municipal; Jair Vitti, “músico, articulista, instrumentista variado e poeta”; João Vitti, festejado ator da televisão e teatro; Lino Vitti, filho de José e Angelina Vitti, o poeta maior de Piracicaba que publicou seus primeiros sonetos no *Jornal de Piracicaba* (1942) e seu primeiro livro, *Abre-te Sésamo*, em 1959; o professor universitário Mathias Vitti; o engenheiro agrônomo Policarpo Vitti; o professor e administrador escolar Walter Vitti. Na história do comércio piracicabano, merecem menção o armazém de secos e molhados de Francisco Vitti no bairro de Santana, registrado no Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba sob nº 765 (sócio nº 165) e a Casa Vitti, armazém de secos e molhados, latarias etc., na avenida São João, nº 437, em meados do século (Guidotti, 2002; Camargo e Navarro, 1958). Em 1994 as quatro gerações de descendentes dos Vitti compunham um total

de 180 famílias (N. de Cillo, *Jornal de Piracicaba*, 15.5.1986; M. Massiarelli, *Jornal de Piracicaba*, 20.11.1992; E. Destro, *Jornal de Piracicaba*, 10.10.2003; D. Ricci, *Gazeta de Piracicaba*, 2.9.2007; Pfromm Netto e Martins, 2003).

**VIZIOLI, João Baptista.** Séc. 20, f. Piracicaba, 1962. C.c. Ermelinda Stolf Vizioli, n. 1902 e f. Piracicaba, 13.10.1983. Advogado provisionado, político, empresário, músico. Figura importante na vida política e social piracicabana do século vinte, combativo e influente, vereador em 1933 e de 1952 a 1955. Por ocasião da eleição de 1959, na qual saiu vitorioso Francisco Salgot Castillon (v.) para prefeito da cidade, João Baptista Vizioli foi eleito vice-prefeito, falecendo antes do término do seu mandato, que deveria estender-se até 1963 (Elias Netto, 1992, 2000). Musicista talentoso, Vizioli fez parte da orquestra que, nos tempos do cinema mudo, tocou nos cines Íris e Politeama. Tocou com músicos famosos, como Erotides de Campos, José de Aguiar (Aguiarzinho), Carlos e Melita Brasiliense Pinto, Osório Aguiar e Sousa (vv.), Totó Carmelo e outros, sob a regência do maestro Perfetti (v.) (Moura, 1996). Por volta de meados do século (ou antes), a família Vizioli deu nome a uma vila na rua Prudente de Moraes, com várias casas alugadas, nas quais residiram as famílias Benatti (v.), Drieselmann, Raphael e Isabel Ramos e outras. Os Drieselmann alojavam em sua casa na vila Vizioli pensionistas alunos da ESALQ, como Oswaldo Augusto Mamprim (formado em 1937) e Samuel da Silva Mello, formado em 1939. Por algum tempo, fez parte do grupo de pensionistas na Vila Vizioli o fotógrafo profissional Cícero Correa dos Santos (v.). A Vila situava-se à frente do antigo jardim do Largo São Benedito, entre o sobrado da Delegacia de Ensino e oficina Marangoni (v. Marangoni, Ernesto) e o armazém e bar do Ponto, de Augusto Pfromm (v.). Denomina-se João Baptista Vizioli uma travessa no Jardim Itamaraty.

**VIZIOLI, José.** N. Piracicaba, 30.3.1894. F. Piracicaba, 12.9.1957. Engenheiro agrônomo, professor, político, músico. C.c. Célia Ribeiro Vizioli. Irmão de João Baptista Vizioli (v.). Cursou o ensino primário no Grupo Escolar Moraes Barros. Prosseguiu nos estudos em Campinas, SP, aprendeu música e foi caixeiro de loja de fazendas. Formou-se pela ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, em 1917, na mesma turma em que se diplomaram Heitor Pinto César e Octávio Domingues (vv.). Logo a seguir, obteve comissionamento do governo federal para estudar na Cornell University, nos EUA. Terminado o prazo do comissionamento, decidiu permanecer à própria custa no país, trabalhando como tradutor durante o dia e como músico de orquestra à noite. Completou seu mestrado nos EUA em 1922, especializando-se no estudo da biologia da cana-de-açúcar. Em agosto de 1923 foi nomeado para exercer o cargo de ajudante de gabinete da 1ª Cadeira (Física Agrícola) da Escola Agrícola, onde levou avante uma série de pesquisas experimentais sobre as causas da decadência dos canaviais no país e descobriu que o mal era grave e contagioso. A ESALQ e o país devem principalmente a José Vizioli a Estação Experimental de Cana de Piracicaba, cujo funcionamento inicial deu-se em 1929. Esta, todavia, somente teve sua criação oficial ocorrida no ano de 1931. José Vizioli elaborou o plano que redundou na sua criação. Confiou-o a Fernando de Souza Costa (v.), naquela ocasião Secretário da Agricultura do Estado, tendo em vista a melhoria e a renovação dos canaviais paulistas, que naquela época estavam afetados pela praga do mosaico de cana. A organização inicial da Estação foi confiada a José Vizioli e suas instalações passaram a ocupar uma área de cinquenta hectares de terras da ESALQ. Em 1931, a fim de ocupar um cargo importante na Secretaria da Agricultura, Vizioli deixou a chefia da Estação. Em 1930, surpreendeu Piracicaba com a criação de um motor movido a álcool, que João Bottene (v.) adaptou ao seu

automóvel Ford 29. O veículo, que circulou na cidade nesse ano, é reconhecido como o primeiro carro a álcool do Brasil. Durante o período em que os municípios foram dirigidos por interventores nomeados (1938 a 1947), José Vizioli esteve à frente da prefeitura municipal de 12.2.1941 a 17.8.1943. Dentre as suas realizações nesse período, destacam-se o Parque Infantil de Piracicaba, cujos alicerces foram lançados por Vizioli em 1941, e a instalação da Legião Brasileira de Assistência na cidade, tendo como primeira presidente a sua esposa. Publicou inúmeros trabalhos científicos e de divulgação desde os anos vinte, entre os quais *Mycology* (1922), *L'alcóol industrialle* (ed. do Instituto de Gembloux, Bélgica), *La industria azucarera* (Buenos Aires) e *O álcool industrial e a defesa da indústria açucareira* (São Paulo, 1930). Foi um dos líderes locais do Partido Social Democrático, na época das eleições municipais em 1946-47, juntamente com Bento Dias Gonzaga, Antônio Martins Belmudes de Toledo e Jorge Coury (vv.). Uma rua no centro da cidade lembra seu nome, entre as ruas Rangel Pestana e Ipiranga, paralela à rua Luiz de Queiroz (Lordello e outros, 1976; Melo, 1954; Krähenbühl, 1955; Elias Netto, 1992 e 2000).

**VIZIOLI, Mário.** N. Piracicaba, 1907. F. Piracicaba, 1967. Comerciante, dedicou-se igualmente a atividades de caráter intelectual, a despeito de ter cursado apenas a escola primária. Destacou-se como esportista no E. C. XV de Novembro e em outros clubes locais, nos tempos do futebol amador. Órfão de pai aos onze anos de idade e com seis irmãos, participou da Revolução de 1930 na região de Itararé, SP. Começou nos negócios à frente de um açougue herdado do pai, na esquina das ruas Boa Morte e Floriano Peixoto. Deixou, ao falecer, filhos, noras, netos e bisnetos. “Era um líder, corretíssimo e justo nos seus procedimentos... Inteligência aguda, com grande presença de espírito, fino senso de humor e muita verve, o

que o fazia figura muito popular e admirada” (*Jornal de Piracicaba*, 3.7.2007)

**VOLLET, Família** (Séc. 19-20). Os Vollet fazem parte das famílias de origem germânica que deixaram a Europa no século 19 e passaram a viver na região de Piracicaba. Segundo Krähenbühl, Bento Vollet está entre os donos de casas comerciais na cidade entre 1858 e 1860, de origem alemã, juntamente com Martinho Diehl, Carlos Ritter, Henrique Schmelling (v.), Pedro Sommerhauser, Justino Wolmar. Antes, por volta de 1855-57, fixaram-se em Piracicaba Felipe Diehl (v.), Martinho Fischer, Jacob Walder (v. Walder Jr., Oswaldo), Herman Guenther (engenheiro), Frederico Guilherme Hank. Dentre os vários Vollet que contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento piracicabano, estão Alberto Vollet, n. 16.8.1872 e f. 26.3.1950; Armando Mendes Vollet, professor de biologia durante muitos anos na Escola Normal Sud Mennucci e em outras escolas, na segunda metade do século vinte; Carlos Vollet, casado com Maria Palmira Rodrigues Vollet, cuja filha, Maria Aparecida Vollet Fahl, nasceu em 1946 e faleceu a 25.12.2006, casada com Emerson Fahl Sobrinho. A despeito das várias fontes que atribuem uma origem germânica ao sobrenome Vollet, Barata e Bueno (2001) propõem origem francesa ao sobrenome e mencionam o francês Gabriel Ferdinand Vollet, que passou por Minas Gerais no começo do século dezenove. No bairro Morumbi existe uma rua Armando Mendes Vollet, paralela à avenida Antônia Pizzinato Sturion.

**VOLPI, Alfredo**. N. Lucca, Itália, 14.4.1896. F. 28.5.1988. C.c. Benedita Volpi. F: Eugênia Maria. Filho de Ludovico Volpi e Giuseppina Volpi. Nome consagrado da pintura contemporânea, liga-se a Piracicaba em virtude das pinturas que fez na Capela de São Pedro de Monte Alegre nos anos 30, encomendadas por Pedro Morganti (v.). A inauguração da capela ocorreu

em 1937, com o batismo de uma das filhas de Morganti. O teto, as paredes, a cúpula e a coluna da pequena capela abrigam cerca de 600 metros quadrados de pintura de sua autoria. Para fazê-las, Volpi viveu cerca de dois anos na vila da Usina Monte Alegre. O pintor tinha apenas dois anos de idade quando chegou com sua família ao Brasil em 1898. Residiu em São Paulo, no Cambuci, ganhando a vida, quando rapazote, como pintor de paredes, carpinteiro e tipógrafo. Seu pai era vendedor ambulante de frutas e legumes. Tinha treze anos quando começou a fazer murais decorativos em residências de pessoas abastadas e em 1922 passou a pintar sobre tela e madeira. Juntamente com Francisco Gonzalez Rebolo, Mário Zanini e Aldo Bonadei, participou do grupo Família Antártica Paulista. Sua primeira exposição individual ocorreu em São Paulo em 1944. São dos anos cinquenta as suas primeiras obras abstratas, que o levam à pintura das famosas bandeirinhas e dos mastros de festas, que passaram a ser a sua marca registrada. Em 1953 ganhou o prêmio de melhor pintor nacional na 2ª Bienal paulista e em 1954 participou da 1ª Exposição de Arte Concreta. Recuperada pelos empresários Marco Antônio e Wilson Guidotti Júnior, a capela que abriga seus afrescos, réplica de uma igreja de Siena, a terra natal de Morganti, tem as inscrições “Decorada por Alfredo Volpi” e “Construída por Pedro Morganti” (Coutinho, 1961; *Jornal de Piracicaba*, 11.8.2001; M. Tonello e outros, 2000; J. Medeiros, *O Estado de S. Paulo*, 11.8.2001).





**WAGNER, Jacob** (Séc. 19). Os Wagner são mencionados na relação de nomes de famílias alemãs que passaram a residir e trabalhar em Piracicaba e em cidades vizinhas, nos tempos do Império, divulgada pelo *Jornal de Piracicaba* (31.8.1974). Avô do artista plástico piracicabano Renato Wagner (v.), Jacob Wagner teve fábrica de cerveja, licores e gasosa na rua Boa Esperança (atual rua D. Pedro II), na esquina da rua Benjamin Constant, na segunda metade do século 20 (Camargo, 1900). Um depoimento do neto refere-se a uma primeira localização da fábrica, em “pequeno, barracão ao lado do palacete Boyes”. As garrafas eram fechadas com bolinha de gude e vendidas de casa em casa. “À saída de grandes espetáculos no teatro Santo Estêvão, Jacob Wagner montava sua carrocinha e vendia toda a sua produção”. A fábrica funcionou na rua D. Pedro II até 1918, quando foi vendida para a Cervejaria Rio Claro (Elias Netto, 2000). No bairro Piracicamirim existe uma rua Jacob Wagner, junto à avenida Rio das Pedras.

**WAGNER, Renato**. N. Piracicaba, 21.5.1921. F. Piracicaba, 21.10.1995. C.c. Margaret Pyles Wagner. Artista plástico, administrador de empresas, publicitário. Com um talento artístico que se manifestou muito cedo, desde os cinco anos de idade, destacou-se igualmente na sua juventude como esportista. Ganhou projeção no basquetebol, no futebol e na natação, desde os tempos em que estudava no Colégio

Piracicabano. Atuou de 1940 a 1944 como zagueiro do Esporte Clube XV de Novembro e jogou no São Paulo Futebol Clube de São Paulo. Participou de competições de natação no rio Tietê. Estudante no Mackenzie, na capital paulista, retornava amiúde a Piracicaba para participar como jogador nas partidas do XV. Nos anos quarenta, transferiu residência para São Paulo, dedicou-se ao desenho publicitário e ali permaneceu durante sete anos. Frequentou nessa ocasião a Associação Paulista de Belas Artes e foi aluno de pintura do iugoslavo Vladan Stilha. De volta a Piracicaba, paralelamente às atividades profissionais no âmbito da publicidade, continuou a participar ativamente da vida artística local, criando pinturas e desenhos de paisagens, retratos e de outros gêneros. Foi um dos principais responsáveis pela criação da revista piracicabana *Mirante*. Ganhou prêmios nos salões de belas artes de Piracicaba (1966) e Jaboticabal (1968, 1969) e no Salão Paulista de Belas Artes (1969, 1970), recebendo neste último o Prêmio Prefeitura de São Paulo em 1969. Várias medalhas e premiações foram-lhe atribuídas nos anos setenta e oitenta pelos salões de belas artes de Piracicaba (prêmio Prefeitura de Piracicaba em 1970 e medalhas em 1974 e 1976), Limeira, Rio Claro e Itapetininga. Ganhou prêmios em Leiria e Chaves, em Portugal (1987) e a grande medalha de prata da Mostra Almeida Júnior, promovida pela Associação Piracicabana dos Artistas Plásticos, tendo sido igualmente

premiado por esta com medalhas de ouro em 1993 e 1995. Em 1991 recebeu a medalha de ouro do Salão de Belas Artes de Piracicaba. A prefeitura municipal de Itanhaém, SP, deu-lhe a medalha Benedito Calixto (1º prêmio) em 1994. Participou de numerosas exposições coletivas e individuais desde 1978, em Piracicaba, Águas de São Pedro, Santa Bárbara d'Oeste, Brasília (Câmara dos Deputados), Limeira, Itu e Guarujá. Reconhecido em vida como um dos grandes pintores piracicabanos, recebeu da ESALQ uma homenagem póstuma extraordinária: a atribuição de seu nome à Galeria de Arte no campus da escola, em 1996. Criou o selo comemorativo do Segundo Centenário de Piracicaba, ministrou aulas particulares de pintura. Lecionou desenho na ESALQ (1978) e ganhou o título de benemérito do Lar dos Velhinhos de Piracicaba. De 1936 a 1941, quando estudava no Colégio Piracicabano, Renato Wagner conheceu Margaret Pyles, igualmente aluna da escola, com quem se casou. Descendente dos norte-americanos que se fixaram em Santa Bárbara d'Oeste, Margaret aposentou-se como secretária bilingüe. Seu pai foi primo-irmão da esposa de Fabiano Lozano (v.), Dora Pyles, que se formou igualmente no Colégio Piracicabano (*Jornal de Piracicaba*, 15.9.1991; F. A. F. Mello, 1999; Elias, 2001; Pfromm Netto e Martins, 2003). “Em pinceladas firmes, vigorosas, decididas, retratava a vida, usando os tons com sua arte distinguida, para criar o contraste claro e escuro, esmaecido e saliente, que traduzia o pouco do muito que lhe ia n'alma... O entardecer da Noiva, este, ele o recolheu muitas vezes nas suas telas: o Morro do Enxofre, a curva do rio, o momento tranqüilo do pescador, o casario, as árvores, as flores e a paisagem das cercanias, delas se tem um retrato fiel... Grande parte do encantamento desta terra foi por ele aprisionada com rara felicidade e inspiração... Em cada tela um pedaço de Renato permanece?” (A. R. C. L. Pedroso, *Jornal de Piracicaba*, 7.1.1996).

**WAKED, David (Daoud Uaked)** (Séc. 19-20). Comerciante. Integra o grupo de trinta e seis pessoas que a 27.11.1902 participaram da reunião para a conclusão do projeto e a eleição da diretoria da Sociedade Beneficente Syria de Piracicaba (posteriormente, Sociedade Beneficente Sírio Libanesa), fundada no dia 16 dos mesmos mês e ano (Salum, 2003).

**WALDER JÚNIOR, Oswaldo.** F. Piracicaba, 25.12.1969. Cirurgião dentista. Manteve consultório à rua XV de Novembro, nº 903, sala 1, segundo Righetto (1966). Devem ter sido seus ancestrais os Walder imigrantes que viveram em Piracicaba desde meados do século 19, ou antes. Krähenbühl (1955) assinala que “Felipe Diehl é o primeiro nome de um alemão a adquirir propriedade (na então Vila Nova da Constituição) em 1855, seguindo-se-lhe, em 1856, Martinho Fischer e Jacob Walder”, conforme o *Livro de Notas IX*, do Cartório do 1º Ofício de Piracicaba. Mais adiante, a fonte aqui referida acrescenta que Jacob Walder era protestante, casado com Celina Guiner. Uma avenida no Residencial Eldorado, junto à avenida Eurico Gaspar Dutra, denomina-se Osvaldo Valter e talvez se refira ao seu pai ou ao próprio Walder Júnior.

**WATANABE, Tawakichi** (Séc. 20). C.c. Katsu Watanabe. Deve pertencer ao grupo de famílias japonesas que se fixaram em Piracicaba nas primeiras décadas do século vinte, desde 1919 e até por volta de 1931, passando a trabalhar e viver na área rural, inicialmente na fazenda Pau D'Alho. Instalaram-se em Piracicaba 72 famílias, durante esses doze anos. Uma das filhas do casal, Kin Watanabe Saito, viúva de Denshiro Saito, n. 1902, faleceu em Piracicaba em maio de 2006, deixando os filhos Yukihiko, Wilson e Manabu e as filhas Mutsumi e Fumi (*Jornal de Piracicaba*, 23.6.2001 e 9.5.2006)

**WATTS, Martha Hite.** N. Bardstown, Kentucky, EUA, 13.2.1845. F. Louisville,

Kentucky, EUA, 30.12.1909. Professora, administradora escolar. Décima filha de um casal metodista, formado por pai advogado e mãe de prendas domésticas, era jovem quando, juntamente com a família, passou a viver em Louisville. Formou-se professora nessa cidade. Desejosa de ser missionária, aos 36 anos de idade (1881) veio ao Brasil, sob os auspícios da “Woman’s Foreign Missions Society of Methodist Episcopal Church”, tendo por companheiros de viagem o missionário John James Ransom, que aqui viera antes, em 1876; o reverendo James Kennedy (v.), que trabalhou com Ransom no Rio de Janeiro; e James William Koger (v.), responsável pela organização da Igreja Metodista de Piracicaba e seu primeiro pastor. Desembarcaram no dia 16.5 no Rio de Janeiro e dois dias depois vieram para São Paulo. No dia 19, chegaram a Piracicaba. Hospedada na residência do então vereador Manoel de Moraes Barros (v.) e sua esposa Maria Inês, na rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo), juntamente com a esposa do pastor Koger, miss Watts expôs-lhe o plano de criação de um colégio na cidade e obteve seu imediato e decisivo apoio nesse sentido. A 13.9.1881 abriam-se as portas da nova escola, em modesto prédio alugado, à rua dos Pescadores, atual Prudente de Moraes. Os Moraes Barros afeiçoaram-se a miss Watts, confiando-lhe a educação dos seus filhos menores. “Bateram as americanas à porta certa. Ninguém mais apaixonado pela instrução popular do que o velho Moraes Barros. Foi a sua luta de todos os dias, a obsessão de toda a sua vida”, segundo depoimento de seu filho Nicolau Moraes Barros (1958). Cerca de um ano depois, o colégio transferiu-se para instalações mais amplas, no largo da Matriz, e dois anos mais tarde ganhou casa própria e definitiva à rua Boa Morte, “construída segundo estudos e projetos vindos dos Estados Unidos”. De acordo com J. D. Bicudo da Silva (*Jornal de Piracicaba*, 15.9.1991), o Piracicabano contribuiu com três princípios

cardeais para a educação brasileira: introduziu a educação mista, garantiu a dignidade de uma formação superior para o sexo feminino e promoveu a liberdade de religião no campo educacional, associada ao direito dos pais e à liberdade de orientação própria das escolas. Em obra que organizou com as cartas de Martha Watts, Mesquita (2001) sintetiza a trajetória da insigne educadora no Brasil em quatro períodos: (1) a sua chegada a Piracicaba e a instalação, fundação e organização do Colégio Piracicabano, de 1881 a 1895; (2) o tempo em que, após deixar Piracicaba, viveu em Petrópolis, onde fundou e organizou o Colégio Americano (1895 a 1900); (3) o terceiro período, transcorrido em Juiz de Fora, MG, de 1902 a 1904, quando atuou no Colégio Mineiro, enquanto aguardava a compra do edifício para a instalação de uma escola metodista na capital do Estado; (4) o derradeiro período, de 1904 a 1908, correspondente aos seus anos de fundação e trabalho no Instituto Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte. Em 1907, a 27.11, a fundadora do Colégio Piracicabano participou das festividades promovidas por este, para o lançamento da pedra fundamental de nova edificação, “o “Anexo Miss Martha Watts”, recebendo nessa ocasião um álbum com mensagens carinhosas e de admiração dos seus alunos e amigos. De volta aos EUA, uma fratura na bacia, resultante de uma queda, e a progressão implacável do câncer de que padecia, foram padecimentos que enfrentou com estoicismo até a morte, ocorrida aos 64 anos de idade (P. M. Barros, 1956; N. M. Barros, 1958; J. Sampaio, 1958; Mesquita, 2001; Elias, 2001, 2006). Há uma rua no bairro Nova América, denominada Miss Martha Watts, paralela à rua Santa Catarina. De 1947 a 1970 funcionou, junto ao Colégio Piracicabano, na rua Boa Morte, a Escola Normal Livre Miss Martha Watts, desaparecida em virtude da extinção lamentável do ensino normal no país, pelo governo federal. Em 27.7.2003, na sede do Colégio Piracicabano, deu-se a inauguração do

Centro Cultural Martha Watts.

**WATZL, Glória.** N. 1892. F. séc. 20. Médica, filha de José Watzl. Manteve consultório em Piracicaba de 1927 a 1929. Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dedicou-se à oftalmologia, moléstias de senhoras e crianças, ginecologia e partos. Atendia na rua XV de Novembro, nº 63, e residia no Hotel Central. Fez parte da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia até fins de 1927, mudando-se para Ribeirão Preto, SP, em 1927-28. Retornou a Piracicaba em 1929, juntamente com José Watzl Filho (v.), seu irmão e também médico. Tiveram consultório a rua XV de Novembro, nº 138, e residiram no nº 63 da mesma rua. Deixou em definitivo a cidade, transferindo-se permanentemente para o Rio de Janeiro, RJ, e mais tarde para Jaú, SP (Cambiaghi, 1984).

**WATZL FILHO, José** (Séc. 20). Cambiaghi (1984) anota que o médico Watzl Filho, irmão da médica Glória Watzl (v.), veio a Piracicaba em janeiro de 1929, fixando aqui residência em março do mesmo ano. Dedicava-se a cirurgias em geral e ao tratamento de moléstias das vias urinárias, sífilis e partos, em consultório à rua XV de Novembro, nº 63. Ao que tudo indica, viveu e atuou profissionalmente em Piracicaba por pouco tempo.

**WERDESCHEIN, José.** N. Polônia. Séc. 20. É lembrado por Jaime Rosenthal em levantamento de famílias judaicas que se fixaram em Piracicaba desde a última década do século 19 (*Jornal de Piracicaba*, 1.8.1994). Werdeschein veio da Polônia com a esposa e quatro filhos. Fugiram da perseguição dos judeus na Europa pelo nazismo anti-semita, que entre 1933 e 1945 exterminou mais de seis milhões de pessoas, no mais cruel e devastador genocídio de toda a história da humanidade. A filha mais velha dos Werdeschein casou-se com Salomão Krasilchik. Dessa união nasceu a piracicabana Miriam Krasilchik, professora e cientista

brilhante, diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e vice-reitora da universidade.

**WINGETER, Carlos.** N. séc. 19. F. séc. 20. C.c. Maria do Carmo Wingeter. Cirurgião dentista, capitão da Guarda Nacional, foi fundador e primeiro presidente do Esporte Clube XV de Novembro em 15.11.1913, sendo igualmente quem deu nome ao clube. Esteve ativo em seu gabinete, à rua Alferes José Caetano, próximo à rua São José, até meados do século vinte. Presidiu o clube até 1917. Em reunião realizada em 1916, por proposta de Samuel de Castro Neves (v.), aclamaram-no como Presidente Perpétuo da agremiação. A imprensa saudou em 15.11 a criação do clube com a notícia de que “será inaugurado hoje nesta cidade mais um club de foot-ball, intitulado 15 de Novembro. O club que é constituído de distintos rapazes terá seu campo na rua do Conselho”. Na primeira metade do século, foram presidentes, após Wingeter: José Vieira, Antônio Augusto de Barros Penteado (v.), Avari dos Santos Cruz, Francisco Rigatto, Felício Lopretti, Eugênio Vasconcellos Calmon, Emílio Bertozzi (v.), Samuel de Castro Neves (presidente honorário) (v.), major Bento Ferraz Campos, Thales Castanho de Andrade (v.), Hans Whately, Oscar Bueno Moraes, Botafogo Muniz, Luiz Alves Filho, Esmeraldo Müller (v.), Antônio Santos Veiga (v.), Guilherme Ribeiro, Antônio Correia Maier, Manoel Rodrigues Vidal, Oscar Soares Diehl, Justo Moretti (v.), Santos Bueloni (v.), Eduardo Lucatto, Armando Bellato (v. Bellato, João), Antônio Martins Belmudes de Toledo (v.), Vicente Marino (v.), Gerolamo Ometto (v. Ometto, Antônio), Enéas Lemaire de Moraes (v.) e João Guidotti (v.), primeiro presidente do clube após a ascensão deste ao profissionalismo. Nos anos cinquenta, o E.C. XV de Novembro teve os seguintes presidentes: Enéas Lemaire de Moraes (v.), Nestor Passos de Mello, Vicente Marino, William Maluf, Luiz Holland (v.), Antônio Romano (v.), Antônio Cera Sobrinho

(v.), Luciano Guidotti (v.) e Romeu Ítalo Rípoli (v.) (R. Fabretti, *O Diário*, 13.11.1983). A estréia do XV ocorreu a 16.11.1913, em jogo contra o Sport Recreio Normalista, que terminou com a vitória (2 x 0). Fizeram parte do time do XV nesse primeiro jogo: Alberto Franklin Oliveira, Vicente Mastrandéa e Antônio Diehl (v.); Francisco Pellegrino (Paco), Antônio De Laringa e Belmácio Pousa Godinho (v.); Edmundo Huffenbaecher (v. Família Huffenbaecher) (Guinho), Milton, Salvinho Provenzano (v. Provenzano, Salvador), Chico Pousa (v. Pousa, Francisco) e Luciano Servija. Reservas: Laércio e Tutu Pousa (v. Toledo, José Pousa de). Ganhador de grande prêmio em dinheiro, o presidente Wingeter usou-o para adquirir o campo da agremiação. A esposa de Wingeter, Maria do Carmo Carvalho Wingeter, foi igualmente dentista, mantendo em meados do século seu consultório à rua Santa Cruz, nº 262, conforme informação colhida em Camargo e Navarro (1958). Há uma rua Carlos Wingeter no Jardim Caxambu, junto à avenida Comendador Luciano Guidotti.

**WITIER, Mário Arêas** (Séc. 20). C.c. Mercedes Lopes Witier, f. Piracicaba em 5.5.2008, ff. Anna, Eunice, Mário Filho, Maria Luiza. Segundo Aldrovandi (1991) “foi criado e educado pela Baronesa de Rezende (v. Rezende, Estêvão R. S.) (v.) e dona Lydía (de Rezende) (v.). Pessoa de fino trato, amigo bondoso e de todos querido, por muitos anos administrou as fazendas, imóveis e negócios dos herdeiros do Barão de Rezende. Era formado em agronomia”. A fonte citada acrescenta que “em 1918 a Baronesa de Rezende, já viúva e enferma, soube da existência de uma sua parenta, d. Vitalina Arêas Vitier, também viúva, que morava em Portugal com seu filho Mário. Mandou buscá-la para ser sua dama de companhia. D. Vitalina conviveu mais de trinta anos, juntamente com seu filho, com a família do Barão”. Era conhecido em Piracicaba como “o Mário da Baronesa”.

**WOHLGEMUTH, Henrique** (Séc. 19-20). Industrial, comerciante. Proprietário de fábrica de chapéus à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), na passagem do século 19 para o 20. Em anúncio publicado por Neme em 1936, verifica-se que a Chapelaria Wohlgeomuth tinha deixado de fazer chapéus, limitando-se a comercializar produtos feitos por outrem. Anunciava que tinha à venda mais de quatro dezenas de modelos de “chapéus finos Ramenzoni, pela sua qualidade, elegância e durabilidade... os preferidos”. No registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, consta como sócio nº 68, registrado desde 5.1.1933, a viúva Wohlgeomuth, Ana Vallet Wohlgeomuth (com sobrenome grafado erradamente, em Guidotti, 2002), no ramo de chapelaria e com capital registrado de 20:000\$000. Uma rua do Jardim Primavera, (rodovia Fausto Santomauro), tem seu nome.

**WOLTZENLOGEL, Família** (Séc. 19-20). Os Woltzenlogel são mencionados entre as famílias de origem alemã presentes em Piracicaba desde o século 19. Adolpho Woltzenlogel foi jogador do primeiro clube de futebol da cidade, o “Club Esportivo Piracicaba” (1903). Em meados do século 20 continuava ativo na rua Moraes Barros, à frente do prédio do “Jornal de Piracicaba”, o Salão Smart, barbearia tradicional, de Luiz (Lulu) Woltzenlogel. A barbearia mudou-se posteriormente para a praça da Catedral, no lado correspondente à rua Boa Morte. Além da sua atividade profissional, Lulu Woltzenlogel foi exímio flautista, companheiro dos melhores músicos que se apresentavam em audições e serestas na primeira metade do século, como Erotides de Campos, Cobrinha (vv.), Lulu Marangoni (v. Marangoni, Ernesto), Benigno Lagreca, Anysio Godoy, Pepe Artigosa, Ernesto Papini (v.), Umberto Aldrovandi (v.), Moacyr Martins, Rui Ramos, Castelo, Eugênio Vaz dos Santos, Demétrio Marangoni e outros – nomes citados por Aldrovandi (1991). Participou das “Papinadas”, espetáculos de música ao vivo no

restaurante de Ernesto Papini, na Vila Rezende. Celso Porta Woltzenlogel (n. 1940), filho de Lulu Woltzenlogel e discípulo, inicialmente, de Jayme Rocha de Almeida (v.), venceu em 1958 o concurso “Jovens Talentos Musicais”, promovido no Rio de Janeiro pelo Ministério da Educação e Cultura. Ganhou bolsa de estudo na então capital federal e projetou-se como um dos mais notáveis flautistas do século vinte. Publicou um manual para a aprendizagem de flauta com prefácio pelo famoso virtuose Jean-Pierre Rampal, no qual este o reconhece como obra de extremo valor.

**YAMAGUCHI, Kii.** N. 1923. F. Piracicaba, 18.4.2006. Deve fazer parte das 72 famílias japonesas que imigraram para o Brasil desde 1918-19, passando a viver e trabalhar no cultivo de café na região de Piracicaba, inicialmente na fazenda Pau D'Alho, perto de Anhemi. Era filha de Kensuke Onitsuka e Sugui Hidaka. Teve sete filhos piracicabanos: Hirotsune, Yasunori, Noritoo, Kohei, Helena Kazuko, Ana Mutumi e Arquimedes Osamu (*Jornal de Piracicaba*, 19.4.2006).

**YASSUF, Mansur** (Séc. 19-20). Salum (2003) inclui Mansur Yassuf no “Quadro de fundadores”, 37 ao todo, que criaram em Piracicaba em novembro de 1902 a Sociedade Beneficente Syria, posteriormente Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa. Seu nome, contudo, não aparece na lista, reduzida para 36 pessoas, dos participantes da segunda reunião da sociedade, em 27.11.1902, que elegeu sua primeira diretoria, tendo Mansur Elias Zina (v.) como presidente. A lista dos presentes à segunda reunião é igualmente reproduzida na fonte citada.

**YEDA (YEDA MATANY), José.** N. Japão, séc. 19. F. Piracicaba. C.c. Aurora Malpassi Yeda. Nove filhos. Um dos primeiros japoneses a chegar em Piracicaba, vindo da cidade portuária de Kobe, no Japão. Pairam dúvidas sobre seu nome verdadeiro, que seria na verdade Matagi Iida. Segundo informação de um dos filhos,

Durval Yeda, o pai “sofreu muito, rodando por fazendas e fazendas de café... Acabou arrumando emprego na casa do comendador Pedro Morganti (v.), no Monte Alegre”, tendo se transformado em “cozinheiro de mão cheia”. Mudou-se mais tarde para Poços de Caldas, MG, e passou a trabalhar no Grande Hotel local, onde conheceu a italiana Aurora, com quem se casou. Morganti, que freqüentava periodicamente o hotel, convidou-o para trabalhar como mordomo em sua casa. Yeda aceitou o convite e permaneceu nesse emprego durante muitos anos. Dominou bem a língua italiana (tinha completado os estudos ao nível do ensino médio no país natal) e era um homem “introspectivo e inteligente”, segundo Durval. Muito unido à esposa Aurora, esta faleceu dois meses após a morte do marido. Em 8.8.1995, em festa organizada pelo Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro na Câmara Municipal de Piracicaba, comemorativa dos cem anos da amizade nipo-brasileira e dos 77 anos da vinda dos primeiros japoneses à cidade, com homenagens aos japoneses e seus descendentes que se ligaram em definitivo a Piracicaba, José Yeda recebeu homenagem póstuma.

**YOCIDA, José** (Séc. 20). Presumivelmente de nacionalidade japonesa, pertenceu ao quadro de associados do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba. Foi o sócio nº 51, registrado no comércio local em 14.8.1934, na condição de comerciante de secos e molhados, com capital



de 5:000\$000. Teve armazém em Porto João  
Alfredo (Ártemis, atualmente). (Guidotti, 2002)

**ZAGATTO, Alcides Guidetti.** Séc. 20. F. Brasília, DF, 1969. Engenheiro agrônomo, professor, musicista e pianista. C.c. Maria Cecília Ayres Zagatto. Dez filhos. Formou-se pela ESALQ em 1943. Livre-docente em 1952 e professor associado, lecionou e realizou pesquisas na escola até a ocorrência do seu falecimento em um acidente, em 1969. A esposa, piracicabana e filha do notável professor Elias de Mello Ayres (v.), após estudos em Pirassununga, SP, obteve seu diploma de professora pela Escola Normal Oficial de Piracicaba (depois Escola Normal Sud Mennucci) e lecionou história na mesma escola (1944-49) e no Colégio Assunção, tornando-se professora por concurso público do Ginásio Estadual de São Pedro, SP, em 1949 e a seguir (1951) do Ginásio Estadual de Santa Bárbara, SP. Atuou também na docência na Escola Normal Rural de Piracicaba (1956-60), no Colégio Estadual Monsenhor Jerônimo Gallo (1960-75), no Ginásio Estadual Dr. Prudente de Moraes e no Colégio Salesiano Dom Bosco. O esposo, além da docência na ESALQ, consagrou-se como pianista e musicista exímio. Foi aluno do antigo Instituto Musical Piracicabano, dirigido por Francisca Salles Arruda (v.), à rua Moraes Barros, e seu nome faz parte do quadro dos mais notáveis musicistas da cidade no século vinte. Atuou como pianista da Orquestra de Amadores Benedito Dutra Teixeira e estudou com Magdalena Tagliaferro. Uma escola de Piracicaba ganhou seu nome. Pertenceu

igualmente ao corpo docente da ESALQ o engenheiro agrônomo Armando Guidetti Zagatto, formado pela escola em 1942 e seu professor de 1943 a 1952.

**ZAGHI, Antônio.** N. 1913. F. Piracicaba, 29.7.2006. C.c. Maria de Lourdes Schmidt Zaghi. Ff.: Eliete, Leni, Leonel, Evani, Antônio José, Antônio Henrique. Residiu na rua Boa Morte e era filho de Marcelino Zaghi e Rosa Maria Zaghi. Foi um dos combatentes piracicabanos na Revolução Constitucionalista de 1932.

**ZAGO, João** (Séc. 20). C.c. Maria Pavan Zago. Ff.: Zulmira, Agenor, Guerino, Rosa, Ana (Irmã Leocádia, franciscana), Anézia, Vitória, Vicente, Terezinha. Aldrovandi (1991) anota que João Zago era cultivador de pita, cujas folhas forneciam fibras para a fabricação de cordas. A plantação situava-se na Vila Rezende, à beira da estrada para São Pedro. O local tornou-se conhecido como “Pitá”. A produção destinava-se a uma fábrica de cordas em Corumbataí (a atual Santa Teresinha). João Zago cultivava igualmente cana de açúcar, a serviço de Mário Arêas Witier (v.). Homem religioso e muito identificado com a comunidade em que vivia, Zago deu contribuição substantiva para a fundação e construção da capela São Luiz, juntamente com Ângelo Rizzolo. Outro João Zago, n. no século 18, foi c. com Líce Ravelli Zago. Foi sua filha Antonieta Zago Cucolo, n. 1915 e f. Piracicaba em 17.8.2007, c.c. Francisco

## **ZAIDAN, Abrahão**

Cucolo, ff. Oswaldo, Elza Aparecida, Ademair João, Maria do Carmo, Edna, Rubens, Maria Leonice, José Modualdo, Maria Auxiliadora.

**ZAIDAN, Abrahão.** N. 1919. F. São Paulo, 6.5.2006. C.c. Branca Bozelli Zaidan. Ff.: Arlete, Abrahão Júnior. Filho de Elias Zaidan Chadad (v. Chaddad, Manoel) e Faride Neben Sawaia. Sepultado em Piracicaba no jazigo da família Zaidan, no Cemitério da Saudade. Salum (2003) menciona outros Zaidan, assim como grupos e empresas comerciais chamados Zaidan: Benefício de Arroz Elias Zaidan Maluf (v.), à rua Santa Cruz, na esquina da rua Rangel Pestana; Alfaiataria Zaidan, à rua Boa Morte, próximo à rua XV de Novembro; Zaidan Autoelétrica, à rua Prudente de Moraes, na esquina da rua Luiz de Queiroz. Em meados do século, à rua Benjamin Constant, nº 1650, funcionava a fábrica e depósito de bebidas Zaidan, denominada Produtos de Bebidas Paulista Ltda., fabricante de licores, amargos, xaropes, aguardente composta, vermouths, vinho de cana, conhaques de uva e engarrafadora de Caninha Zaidan (Krähenbühl, 1955). Trabalharam como mascates e ambulantes na Piracicaba de outros tempos Jorge Zaidan Chaddad e Elias Zaidan Chaddad (v. Chaddad, Manoel). Foram fundadores (1902) e antigos sócios da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa Salim Miguel Zaidan e Noman Ibrahim Zaidan Chaddad. Salim Miguel (Mikhail) fez parte da primeira diretoria da entidade, como primeiro secretário eleito. A diretoria da sociedade por ocasião do jubileu de prata desta (1927) contou com Elias Zaidan Maluf como primeiro tesoureiro. Na lista de associados falecidos, homenageados “in memoriam”, constam os nomes de Elias Zaidan Maluf (v.), Jamil Zaitun (Zaidan?), Marched Zaidan Chadad (v. Chaddad, Manoel), Paulo Zaidan e Phelippe Zaidan Maluf (v.) (Salum, op. cit.).

**ZAMBELLO, Antônio** (Séc. 20). Comerciante, foi de sua propriedade o Açougue Zambello,

à rua Prudente de Moraes, nº 166. Figura na relação dos sócios do Sindicato do Comércio Varejista desde 23.7.1940, sob nº 735 (Guidotti, 2002).

**ZAMBELLO, José.** N. Itália, séc. 19. F. Piracicaba, séc. 20. C.c. Margarida Carpi Zambello. Ff.: dezenove, entre os quais Judith, c.c. Luiz Trevisan, o “Banhara”, dono de cervejaria na Paulista; as gêmeas Tereza e Maria (mãe de Idiarte Massariol, famoso futebolista do E.C. XV de Novembro); Vitório, inicialmente lavrador, depois dono de fábrica de vassoura e por fim construtor de estradas de ferro, tendo levado até Marília os trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A esposa de José Zambello descendia de uma condessa da nobreza italiana. José e sua mulher imigraram da Itália juntamente com três irmãos do primeiro: Luiz, Carlos e Lucia, fixando-se toda a família em Piracicaba. José e a esposa viveram na Vila Rezende, inicialmente no Areão, onde abriram armazém no “ponto das figueiras”. Montou em 1907, na avenida Rui Barbosa, à frente do açougue Brusantin e acima da oficina de Oscar Martins, a Fábrica de Cerveja Única, pioneira na Vila Rezende (Aldrovandi, 1991).

**ZAMBELLO, Ermor.** N. Piracicaba, 26.5.1921. F. Piracicaba, 16.7.2007. C.c. Umbelina Maria Romani Zambello. Ff.: Erlina, Ermor Jr., Erliane. Engenheiro agrônomo, administrador. Formou-se pela ESALQ em 1947, tendo feito curso de extensão em química agrícola, adubos e adubações. De um devotamento excepcional à Piracicaba que tanto amava, paralelamente à atividade profissional, desdobrou-se em numerosos cargos que exerceu sem receber qualquer remuneração e desempenhados com dedicação exemplar. Foi, por assim dizer, a alma do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, desde meados do século vinte, ao longo de toda uma vida feita de trabalho, dedicação às boas causas, empenhos em favor da sociedade em geral. Presidiu o “Cristóvão

Colombo” durante uma dezena de anos, quando construiu a sede própria da agremiação, assim como a Loja Maçônica Piracicaba e a Poderosa Assembléia Maçônica de São Paulo, o Rotary Club Vila Rezende e por várias vezes o Conselho Coordenador das Entidades Cívicas de Piracicaba, de que foi um dos fundadores. Participou das diretorias do Clube de Campo, Clube Coronel Barbosa e do já citado Cristóvão Colombo. Alvo de inúmeras homenagens, foram-lhe outorgados os títulos de Piracicabanus Praeclarus e Cidadão Emérito. Ganhou a Medalha de Mérito Cultural e Social Pedro Álvares Cabral do Clube dos Escritores Piracicaba e a Medalha do Bicentário de Piracicaba. Na maçonaria, de que participou desde 1948, recebeu, entre outros títulos e diplomas, o Diploma de Honra ao Mérito Parlamentar Nelson Antônio Venco. Foi Zambello quem instalou a primeira fábrica de tijolos furados na cidade (*Jornal de Piracicaba*, 26.7.1996 e 17.7.2007).

**ZAMITH, Adiel Paes Leme.** N. Vassouras, RJ, 19.9.1917. F. 5.2.1988. Engenheiro agrônomo, professor, pesquisador. Era filho de João Renato Zamith e Izabel Maria Zamith. Descendente presumível dos Zamith do Vale do Paraíba fluminense, de origem portuguesa (Barata e Bueno, 2000), formou-se pela ESALQ em 1942, doutorou-se em 1948 e tornou-se livre-docente em 1952, fazendo parte do quadro docente da escola desde 1943. Após a aposentadoria de Salvador de Toledo Piza Júnior (v.) em 1968, Zamith, que vinha atuando como professor adjunto na então 9ª Cadeira da ESALQ (Zoologia, mais tarde convertida em Departamento de Zoologia), foi nomeado catedrático substituto e passou a dirigi-la. Criado o departamento, foi eleito e reeleito para a sua chefia. Submeteu-se a concurso de provas e títulos em 1974, sendo aprovado e nomeado professor titular. Uma avenida do loteamento Santa Rosa tem seu nome. Situa-se em paralelo entre a rodovia estadual Fausto Santo Mauro e a

avenida Branca de Azevedo (Lordello e outros, 1975; Elias Netto, 2003).

**ZAMITH, João Renato de Siqueira** (Séc. 19-20). Lordello e outros (1976) o incluem entre os integrantes do corpo docente da ESALQ, então Escola Agrícola Luiz de Queiroz, durante os anos que vão de 1912 a 1916, ao tempo em que Clinton D. Smith, Emílio Castello, Leônidas Botelho Damásio, novamente Castello e Tarcísio de Magalhães (vv.) foram seus diretores sucessivos. É provável que fosse aparentado com os Zamith do Vale do Paraíba fluminense e com Adiel Paes Leme Zamith (v.). Outro Zamith, Fernão Paes Leme Zamith, formou-se pela ESALQ em 1935.

**ZAMPIERI, Américo** (Séc. 20). Deve ter nascido por volta do início do século, pois, ao ser entrevistado por Aldrovandi (1991), declarou que tinha 88 anos e 8 meses de idade. Era filho de Domingos e Regina Zampieri, que tiveram um misto de bar e quitanda na Vila Rezende, na avenida Areão, nº 25 (depois Avenida Rui Barbosa nº 246). O pai também fazia serviços de carroceiro e a mãe, doceira e cozinheira, fornecia comestíveis para casamentos e festividades. Américo, após servir o Exército em Campo Grande, MS, foi empregado da fábrica de polainas dos irmãos Luiz (v.) e Vergínio Rizzolo e funcionário do Engenho Central, incumbindo-se de vários misteres. Sua irmã Olga casou-se com Rogério Bruzantin.

**ZANIN, Pedro Zalunardo** (Séc. 19-20). Professor. Italiano de nascimento e nome de destaque na história da educação em Piracicaba. Trabalhou inicialmente, por muitos anos, na Fazenda e Usina Monte Alegre. A 12.10.1913, juntamente com os professores Adolpho de Carvalho (v.) e Dácio Portella, fundou o Curso Comercial Cristóvão Colombo, que funcionou durante longo tempo no sobrado

de propriedade de Virgílio Testa, à rua do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo), no nº 1044, entre as ruas 15 de Novembro e Moraes Barros. Funcionaram no mesmo prédio, por volta dos anos 30, a escola de comércio e uma filial do Ginásio Diocesano de Campinas. A escola mudou-se posteriormente para a Praça José Bonifácio. Em 1918 passou a denominar-se Escola de Comércio Cristóvão Colombo, sendo Zanin seu diretor e proprietário. Segundo Mário Neme, no almanaque *Piracicaba* de 1936, nesse ano a escola contava com um total de 149 alunos e de seu corpo docente faziam parte os profs. Antônio Santos Veiga (v.), Beatriz C. Oliveira, Dirce Paes de Barros, Evelina Zalunardo Zanin, Jair C. Arruda, Nazira da Silva, Odette Veiga, Oswaldo Lordello Perches (v. Perches, Alcides Lordello) e Thales Castanho de Andrade (v.). De acordo com a mesma fonte, em meados dos anos trinta a escola contava com 440 diplomados até então, acrescentando: “345 já estão colocados e alguns destes ocupam posições importantes, como as de gerentes ou contadores de bancos, chefes de repartições públicas ou de escritórios etc.”. A escola foi reconhecida em 1921 pelo Governo do Estado e em 1923 pelo Governo Federal e mantinha curso diurno e noturno. Durou cerca de meia centena de anos, ganhando nos últimos tempos de funcionamento a denominação de Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo, carinhosamente (e jocosamente) apelidada de “Academia do Zanin”. Em meados dos anos 60, Righetto (1966) registrava que até então a escola tinha diplomado cerca de 1.600 contabilistas, contava com 600 alunos matriculados e tinha duas dezenas de professores. Nessa ocasião, ocupava a direção da escola o prof. Antônio Ítalo Zanin, filho do fundador, Ângelo Alberto Bertocco era o secretário e Carlos G. Elias incumbia-se da escrituração. Antônio Zanin dirigiu a escola durante cerca de três dezenas de anos. O sobrenome Zanin figura na designação de uma loja na Vila Rezende: a Casa Zanin,

que vendia “louças, alumínio etc.” na avenida Rui Barbosa, nº 188 (Camargo e Navarro, 1958). E assim também na denominação da loja de móveis e decoração Móveis Zanin, igualmente na avenida Rui Barbosa, nº 50, que em anúncios na imprensa local, datados de 1993, se apresentava como “Zanin: tradição de 40 anos, três gerações, oferecendo qualidade e bom gosto para ambientes... decoração da mais simples à mais sofisticada... com departamento especializado na elaboração de projetos para cozinhas moduladas com a vantagem do cliente montar peça por peça”. Situa-se na Paulicéia a rua Pedro Zalunardo Zanin, paralela à avenida São Paulo (M. Rontani, *Jornal de Piracicaba*, 9.9.1999; N. K. Costa, *Jornal de Piracicaba*, 11.11.1999).

**ZANOTTA, Carlo (Carlos).** N. Itália, 1844. F. São Paulo, SP, 13.1.1931. C.c. Adelaide Zanotta. Deixaram descendência. Construtor. Trabalhou como pedreiro em seu país de origem e era moço quando emigrou da Itália, fixando-se em Piracicaba. Quando a proposta do engenheiro João Frick (v.) para o abastecimento de água encanada à população local ganhou a concorrência da câmara municipal para essa finalidade, em novembro de 1885, o engenheiro associou-se a Carlos Zanotta para a concretização do projeto apresentado. A ambos se deve, portanto, esse importante melhoramento (Guerrini, 1970). A fim de levar avante a empreitada, constituíram a firma social Frick & Zanotta no ano seguinte. As primeiras experiências foram realizadas com êxito em 1887, a partir de fevereiro. A Empresa Hidráulica foi, no entanto, a leilão judicial em 30.8.1889, sendo arremata por Zanotta, em sociedade com o engenheiro Tito Ribeiro, por 700.000\$000. Muito bem aceito pelos italianos então residentes em Piracicaba, em 1.11.1887 elegeram-no presidente da “Società Italiana di Mútuo Soccorso” fundada naquela data. A fundação deu-se em reunião no “ex-

Salão Recreio”. Com sede na Vila Rezende, na avenida Barão de Serra Negra, em local depois ocupado pelo Clube Atlético Piracicabano, a sociedade funcionou nessa primeira fase até o fim de 1890, permanecendo inativa de 1891 a 1898. O prestígio de que gozava Zanotta é atestado pela grande festa que lhe foi oferecida por ocasião do seu aniversário em 16.3.1899, dela participando Prudente de Moraes Barros (v.), Júlia Prudente de Moraes, Lydia Rezende (v.), Carolina Zanotta de Moraes Barros e outras pessoas de destaque da sociedade piracicabana. Foi eleito tesoureiro do Clube Piracicabano na eleição realizada em 1902. Segundo Elias Netto (2003), Zanotta reformou a fachada do Teatro Santo Estêvão em 1903, construiu em 1905 a sede da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, a sede da Chácara Morato em 1906 e reformou a Chácara Nazareth para a família Conceição (v. Conceição, Francisco José da). Junto com o arquiteto Serafino Corso (v.), assinou o projeto do portal da entrada do Cemitério da Saudade. Inspirado no portal monumental do cemitério italiano de Gênova, fabricado na Alemanha e transportado para Piracicaba, foi aqui instalado em 1906. Uma rua Carlos Zanotta lembra seu nome, na Paulista, paralela à avenida Marquês de Monte Alegre (L. Guerrini, *Jornal de Piracicaba*, 13.9.1981).

**ZEIN, Elias.** É mencionado por Salum (2003) como um dos integrantes do quadro de homenageados “in memoriam”, de antigos associados da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba.

**ZÍLIO, Isidoro** (Séc. 19-20). C.c. Justina Zílio. Ff.: Vitório, José, Miguel, João, Emílio, Rosa, Luiza (Gigeta), Ana, Antônia, Teresa, Sílvia. Aldrovandi (1991) o indica como proprietário de açougue tradicional na Vila Rezende, na esquina das avenidas Rui Barbosa com a Doutor Eulálio (posteriormente, Monsenhor Jerônimo Gallo), “do lado do rio”. A fonte citada acrescenta que

toda a família Zílio se dedicava ao gado vacum: “criava, engordava, matava e vendia”. As filhas Luiza e Sílvia casaram-se com os Papini (v.), Ernesto e Alfredo. Ana casou-se com Tibúrcio de Oliveira (v.), músico, ligado ao esporte e dono de chalé e engraxataria na rua Alferes José Caetano, perto da rua Prudente de Moraes e à frente da Sapataria Banzato. Rosa casou-se com Caetano Carmignani (v.); Antônia, com Vicente Naval (v.); Teresa, com Miguel Pampolini.

**ZINA, Mansur (Manoel) Elias** (Séc. 19-20). Antigo integrante da comunidade sírio-libanesa de Piracicaba, participou das reuniões de 16.11.1902 (realizada na sua residência) e 27.11.1902, que concluíram com a fundação da “Sociedade Beneficente Syria”, depois Sociedade Beneficente Sírio Libanesa. Muito estimado pelos companheiros e eleito membro efetivo, foi também escolhido por eleição para presidir a associação recém-criada, no seu primeiro ano. Nos anos subsequentes da primeira década do século vinte, seus sucessores foram Rachid Daher (1903, v.), Mansur Cury (1904) (v. Michel Cury), Assad Nabhan (1905, v.), José Queiroz (1906 e 1909) e Gabriel Abrão Rizk (1907-8).

**ZOEGA, Família.** Anneliese Brieger, no *Jornal de Piracicaba* de 31.8.1974, inclui os Zoega entre as famílias alemãs que desde o século 19 passaram a viver e trabalhar na região de Piracicaba e em localidades vizinhas. Zoega é família tradicional em Rio Claro, SP.

**ZOGBI, Antônio** (Séc. 19-20). Cirurgião dentista. Foi um dos estudantes que se formaram na antiga “Escola de Pharmácia e Odontologia de Piracicaba”, fundada e dirigida por Jorge Augusto da Silveira (v.) a partir de 1915, no prédio da Sociedade Beneficente Operária, à rua Piracicaba (posteriormente Voluntários de Piracicaba). Participou de reunião festiva dos ex-alunos, realizada na década de 1940-49, em que esteve presente o diretor-proprietário

## **ZULZKE, Alberto**

da escola (Romano e Salvego, 2005). Zogbi mantinha, em meados do século, consultório à rua Governador Pedro de Toledo, nº 1367 (Camargo e Navarro, 1958).

**ZULIN, Júlio** (Séc. 20). C.c. Maria Grella. Ff.: Humberto, Ana, Antônio, Teresa, Adelina, Atílio, Iolanda, Margarida, Aldo, Odila. Aldrovandi (1991) lembra a figura simpática do velho Júlio Zulin, o “sanfoneiro que, com Umberto Volpato, animava os bailes da roça”. Antes de fixar residência na Vila Rezende, os Zulin moraram no bairro do Guamium, na Estrada do Meio.

**ZULZKE, Alberto** Séc. 20). O livro de registro de sócios do Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba, datado de 1943, inclui Alberto Zulzke entre seus associados. Foi proprietário de uma loja de fazendas e armarinhos à rua Governador Pedro de Toledo, nº 178. Registrou-se no comércio local como sócio nº 117 do Sindicato, a 20.1.1940, com capital de 5:000\$000.

## REFERÊNCIAS

- Administração Adilson Maluf-Antonio Faganello. 1987. *Piracicaba, ano 4*. Piracicaba: Imprensa Oficial do Município de Piracicaba
- Aguiar JB. 1930. *Hymnos e canções*. São Paulo: Irmãos Ferraz
- Alarcon ML. 1985. *Erothides de Campos*. Piracicaba: Grafite
- Albim RC. 2006. *Dicionário Houaiss Ilustrado música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Paracatu
- Aldrovandi A. 1991. *A Vila e seus vilões (A história de um bairro)*. Piracicaba: Prefeitura do Município de Piracicaba, Secretaria de Ação Cultural
- Alleoni ON. 2003. *Uma fresta para o passado: a presença italiana em Piracicaba*. Piracicaba: Autor
- Almeida A e outros. 1989. *Estudos regionais paulistas*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Almeida Júnior B, org. 1960. *Antologia piracicabana*. Piracicaba: Aloisi
- Alves OR. 1986. *Os homens que governaram São Paulo*. São Paulo: Nobel/Edusp
- Alvim GJD. 1998. *O Diário: a saga de um jornal de causas*. Piracicaba: Unimep
- Amaral AB. 1971. *Prudente de Moraes, uma vida marcada*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
- Amaral AB. 1980. *Dicionário de história de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado
- Andrade TC, org. 1929. *Histórias e História. Contos pelos alunos da Escola Normal de Piracicaba*. Piracicaba: Irmãos Perches
- Ângelo I e outros. 1992. *São Paulo – 110 anos de industrialização*. São Paulo: Três
- Antunes D. 1959. *Piracicaba*. Piracicaba: Departamento Municipal de Cultural/ Jornal de Piracicaba
- Aranha MAABS. 1982. *Sombras que renascem*. São Carlos: Autora
- Arruda JB. 1952. *Livro de minha família*. São Paulo: Autor
- Associação Brasileira de Educação. 1959. *Um educador brasileiro – Lourenço Filho*. São Paulo: Melhoramentos
- Barros MM. 1878. Piracicaba – Estado presente. *Almanach Litterario de São Paulo para o anno 1878. 3º anno*
- Bars R, editora. 2007. *Piracicaba 240 anos. Amor à terra*. Edição especial. Piracicaba: Jornal de Piracicaba
- Battistoni Filho, D. 2005. *Pequena história da arte no Brasil*. Campinas/São Paulo: Átomo/PNA
- Battistoni Filho, D. 2008. *Vida cultural em Campinas, 1920-1932*. Campinas: Komedí
- Bellotto HL. 1979. *Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Matens em São Paulo (1765-1775)*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas
- Blake AVAS. 1883. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Vol 1-7. Rio de Janeiro: Typographia Nacional
- Bogaciovas MMA. 2006. *Vultos notáveis de Piracicaba*. São Paulo: Autor
- Braga T. 1942. *Artistas pintores no Brasil*. São Paulo: Editora São Paulo
- Bruno ES. 1984. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. 1-3. São Paulo: Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.
- Bueno AHC, Barata CEA. 2000. *Dicionário das famílias brasileiras*. Rio de Janeiro: Iberoamérica
- Caldari P. 1990. *Memória da Vila*. Piracicaba: Autor
- Caldari P. 1991. *Memória da Vila*. Volume II. Piracicaba: Autor
- Camargo AB, Navarro JO, org. 1958. *Guia informativo de Piracicaba*. Piracicaba: Organizadores
- Camargo M, diretor. 1889. *Almanak de Piracicaba para 1900*. Piracicaba: Diretor



- Cambiaghi O. 1984. *Medicina em Piracicaba*. Piracicaba: Autor
- Campos VS. 1984. *O menino de Capivari*. São Paulo: Pannartz
- Capri R, editor. 1914. *Piracicaba, São Paulo, Brasil*. Roma: Editor
- Carradore HP. 1998. *Retrato das tradições piracicabanas*. 2ª edição revista e ampliada. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Carradore HP. 2002. *Síntese das memórias – 1900-2002*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Carradore HP, Ferraz HN. 1986. *Paulista, graças a Deus!* São Paulo: Bioinformática/Piracicaba: Shekinah
- Cavalcante C, org. 1973-80. *Dicionário brasileiro de artes plásticas*. 4 vol. Brasília: MEC/INL
- Comissão Municipal de Eventos Cívicos. 1997. *Piracicaba – 230 anos. Nossa história*. Piracicaba: Prefeitura do Município de Piracicaba, Centro de Comunicação Social
- Coutinho A, diretor. 1961. *Brasil e brasileiros de hoje*. Vol. 1-2. Rio de Janeiro: Sul Americana
- Coutinho A, Sousa JG. 1990. *Enciclopédia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Fundação de Assistência ao Estudante
- Duarte P. 1958. Cento e vinte e sete anos de imprensa paulista. Em *O Estado de São Paulo*, org. *Ensaios paulistas*. São Paulo: Anhambi
- Egas E. 1928. *Os municípios paulistas*. Vol. 1-2. São Paulo: O Estado de S. Paulo.
- Elias BV. 2001. *Vieram e ensinaram. Colégio Piracicabano, 120 anos*. Piracicaba: Unimep
- Elias BV. 2006. *Memória, encantamento e beleza. Colégio Piracicabano, 125 anos*. Piracicaba: Unimep
- Elias MJ. 1978. (Mário Neme) *A morte de um liberal: uma louvação tardia*. São Paulo: Universidade de São Paulo (separata dos “Anais do Museu Paulista”, tomo XXVIII)
- Elias Netto C. 1992. *Piracicaba política (A história que eu sei: 1942/1992)*. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba, Ação Cultural
- Elias Netto C. 2000. *Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba – Século XX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/Jornal de Piracicaba/ Unimep
- Elias Netto C. 2003. *Memorial de Piracicaba – Almanaque 2002/2003*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/A Tribuna Piracicabana/Jornal de Piracicaba
- Elias Netto C. 2004. *ABC do coração. Viagem amorosa por Piracicaba*. Edição especial de aniversário de Piracicaba. Piracicaba: Jornal de Piracicaba
- Elias Netto C, Elias B, Cachioni M. 2003. *O arraial globalizado. Piracicaba, 236 anos*. Edição especial. Piracicaba: Jornal de Piracicaba e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Ernesto de Paula, D. 1979. *Reminiscências*. São Paulo: Loyola
- Ernesto de Paula, D, e col. 1955. *Diocese de Piracicaba*. Piracicaba: Jornal de Piracicaba
- Fávero MLA, Brito JM, org. 1999. *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro/Brasília: Editora UFRJ/MEC-INEP
- Fernandes WI. 1977. Lyson Gaster *Jornal de Piracicaba*, 20.11.1977, 3-5
- Ferraz HN. 2001. *Centenário do nascimento de Haldumont Campos Ferraz (Tico da Farmácia)*. Piracicaba: C. N. Editoria
- Ferraz MS. 1911. *Piracicaba e sua Escola Agrícola*. Bruxelles: Verteneuil & Desmet
- Fonseca G. (s.d., c. 1990) *Alcântara Machado*. São Paulo: Academia Paulista de Direito
- Forjaz D. 1924. *Senador Vergueiro*. São Paulo: Oficina do Diário Oficial
- Franco FAC. 1954. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo

- Freitas AA. 1915 A imprensa periódica de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 19 (1914). 321-1136
- Freitas AA. 1927. O primeiro centenário da fundação de imprensa paulista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 25, 7-42
- Galvão F. 1975 A liberdade de informação no Brasil. *O Estado de São Paulo* (Suplemento do Centenário), 1975, nº 846-50
- Giesbrecht RM. 1997. *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* São Paulo: Imprensa Oficial
- Guerrini L. 1970. *História de Piracicaba em quadrinhos*. Vol. 1-2. Piracicaba: Imprensa Oficial do Município de Piracicaba
- Guerrini L. 1995. *Leandro Guerrini, fotógrafo de si mesmo (Memórias póstumas)*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Guia Banyan Piracicaba*. 1976. Campinas: Banyan
- Guidotti JL. 2002. *Sindicato do Comércio Varejista de Piracicaba – 60 anos de conquistas*. Piracicaba: Degaspari
- Guidotti JL. 2003. *Asas de Piracicaba – Aero Clube de Piracicaba: a história de seus 65 anos de existência e da aviação civil de Piracicaba*. Piracicaba: Degaspari
- Iglesias FA. 2003. *Memórias de um agrônomo: à Noiva da Colina – Piracicaba*. Piracicaba: Agronômica Ceres
- Kiehl EJ. 1951. *Contribuição para o estudo biográfico de Luiz Vicente de Souza Queiroz e o histórico do renomado estabelecimento de ensino*. Piracicaba: Tipografia do Jornal de Piracicaba
- Kiehl EJ. 1964. *Vida e obra de Luiz de Queiroz*. Piracicaba: Esalq/Departamento Municipal de Cultura/Diário de Piracicaba
- Krähenbühl HM, org. 1955. *Almanaque de Piracicaba 1955*. Piracicaba: João Mendes Fonseca
- Lagrecia F. 1959. *Poesias*. Piracicaba: Aloisi
- Leandro L (Guerrini L). 1961. *De Piracicaba para Piracicaba. Subsídios para a história da cidade*. Piracicaba: Jornal de Piracicaba
- Leão RM, ed. 1988. *Piracicaba, passado e presente*. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba
- Leme PTAP. 1980. *Nobiliárquia paulistana histórica e genealógica*. Vol. I-III. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp (1ª ed., 1869)
- Lisboa JM, editor. 1876-1885. *Almanach litterario paulista/ Almanach litterario de São Paulo*. Vol. 1-8
- Livro dos municípios do Estado de São Paulo*. 1951. São Paulo: Martins
- Lobo P. 1944. Antônio de Moraes Barros. Em *Homenagem do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz de Piracicaba a Prudente José de Moraes Barros e Manuel de Moraes Barros*. São Paulo: Elvino Pocaí. Pp. 35-42
- Lopes I. 1999. *Turma Caipira Cornélio Pires*. São Borja: Autor
- Lordello LGE e outros. 1976. *Esalq 75*. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
- Luné AJB, Fonseca PD, org. 1873 *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Typographia Americana
- Machado JA. 1973. *Brasilão Machado: 1848-1919*. Rio de Janeiro: José Olympio
- Marcovitch J. 2005. *Pioneiros & empreendedores*. Vol. 1-2. São Paulo: Edusp/Saraiva
- Marques B, ed. 1959. *Piracicaba, município de maior progresso do Brasil*. Piracicaba: Editor
- Marques MEA. 1980. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo...* Vol. I-III. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp (1ª ed., 1879)
- Martins TN, diretora. 1975. *Símulas biográficas de cidadãos prestantes*. São Paulo: Ensil
- Mello FAF. 1999. *Dicionário piracicabano de artistas plásticos*. Piracicaba: Autor

- Melo LC. 1954. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo
- Menezes R. 1978. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: LTC
- Mesquita Z, org. 2001. *Envelhecer e civilizar. Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Unimep
- Molina TC, org. 1872. *Almanak de S. João do Rio Claro para 1873*. Campinas: Gazeta de Campinas
- Monteiro N. 1997. *Mais que vencedores – Rebouças e convidados*. Piracicaba: Shekinah
- Monteiro N. 1998. *Piracicaba viva*. Piracicaba: Autor
- Moraes Júnior C. 1994. *Poetas piracicabanos (1880-1970)*. Piracicaba: Autor
- Morato, F e outros. 1943. *Homenagem do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz de Piracicaba a Prudente José de Moraes Barros e Manuel de Moraes Barros*. Piracicaba: Centro Acadêmico Luiz de Queiroz
- Moratori NO. 2004. *150 anos de história da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba: 1854-2004*. Campinas: Somus
- Motta Filho C. 1981. Prudente de Morais. Em AE Taunay e outros, *Homens de São Paulo*. São Paulo: Martins/Edusp
- Moura JC, coord. 1996. *Alvorada de lírios: obra musical de Erotides de Campos*. Piracicaba: Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz
- Muller DP. 1838. *Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo*. São Paulo: Costa Silveira
- Muller E e outros. 1958. *Polianteia Comemorativa do jubileu de prata da fundação*. Piracicaba: Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Piracicaba
- Nardy Filho F. 2000. *A cidade de Itu*. 2ª ed. Vol. 1-6. Itu: Ottoni
- Neme M. 1938. Piracicaba no Século XVIII. *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), 45
- Neme M. 1939. Um município agrícola. *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), 57
- Neme M. 1940. Fundação de Piracicaba. *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), 66, 129-178
- Neme M. 1943. *História da fundação de Piracicaba*. Piracicaba: João Mendes Fonseca
- Neme M. 1974. *Aposseamento do solo e evolução da propriedade rural na zona de Piracicaba*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
- Neme MA. 1936. *Piracicaba – Documentário*. Piracicaba: João Mendes Fonseca
- Nepomuceno R. 2005. *Música Caipira*. São Paulo: Editora 34
- Nobre ER. 1959. A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo. *Anais Científicos*, 15, nº. 67 (Separata)
- Nolasco AMF. 2005. *Acipi 1933-2005*. Piracicaba: Associação Comercial e Industrial de Piracicaba
- Oliveira JJMd<sup>r</sup>. 1897. *Quadro histórico da província de São Paulo para o ano de 1822*. São Paulo: Brasil
- Ornellas M. 1967. *Um bandeirante da Toscana*. São Paulo: Edart
- Passos E, Chamarelli M, org. 1996. *Dados bibliográficos dos senadores paulistas: 1826-1996*. Brasília: Senado Federal
- Pedroso MBCL. 2000. *De Piracicaba a Niterói. A pintura de Eugênio Luiz Losso e Fortunato Losso Netto*. Piracicaba: Jornal de Piracicaba
- Peixoto JBS. 1990. *A tormenta que Prudente de Moraes venceu!* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado
- Penteado AO e outros. 1978. *Rio Claro sesquicentenária*. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia/Governo do Estado de São Paulo
- Perecin MTG. 1989. *A síntese urbana (1822-1930)*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Perecin MTG. 2004. *Os passos do saber: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*. São Paulo: Edusp
- Pereira BHA, Klines HBG, Pozzoli TC. 1988. *Brasil A/Z*. São Paulo: Universo
- Pfromm Netto S. 2001. *Piracicaba de outros tempos*. Campinas: Átomo/PNA

- Pfromm Netto S, Martins CRS. 2003. *Pena, escudo e lança. Cem anos do Jornal de Piracicaba e cronologia piracicabana do século XX*. 2ª ed. revista e ampliada. Piracicaba: Jornal de Piracicaba/PNA
- Poliantéia Comemorativa. 1946. *1ª centenário do Ensino Normal de S. Paulo*. São Paulo: Comissão Organizadora
- Quem é quem no Brasil*. 1955, 1972. São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial
- Ramos F, Miranda LF, org. 2000. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac
- Rangel HBL, diretor-editor. 1978. *GGI – Gênese Guia Informativo*. São Paulo: Gênese
- Reichardt K. 2001. *Um olhar entre o passado e o futuro*. São Paulo: Prêmio
- Reis FTS. 1921. *O ensino na Escola Agrícola Luiz de Queiroz de Piracicaba*. São Paulo: Olegário Ribeiro
- Revista de Educação*. 1921. Vol. I, fascículo 1 (maio). Piracicaba: Escola Normal de Piracicaba
- Ribeiro JJ. 1899. *Chronologia paulista*. Vol. 1-3. São Paulo: Autor
- Righetto R, diretor. 1966. *Guia de Piracicaba*. Piracicaba: Diretor
- Rípoli RI. 1943. *Quarenta anos de glórias*. Piracicaba: Autor
- Rizzini C. 1946. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos
- Romano W, Salvego RJF. 2006. *Museu Odontológico – 25 anos*. Piracicaba: Degaspari
- Salum CAL, ed. 1987. *Panorama da cidade – Piracicaba*. Piracicaba: Gráfica Imprensa Oficial de Piracicaba
- Salum E. 1987. *IHGP – Memória dos 20 anos*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/Imprensa Oficial do Município de Piracicaba
- Salum E. 2003. *Sociedade Beneficente Sírio Libanesa. Sua gente e sua história*. Piracicaba: Sociedade Sírio Libanesa de Piracicaba
- Sant’Ana JG. 1987. *Repertório biográfico e genealógico paulista*. São Paulo: Autor
- Santos PRS. 1979. Contribuição para a história da imprensa de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), 42, 192, 131-236
- Sisson SA. 1948. *Galeria dos brasileiros ilustres: os contemporâneos*. Vol. 1-2. São Paulo: Martins (1ª ed.: 1859-61)
- Souza JS. 1978. *O centenário do Engenho Central de Porto Feliz, 1878-1978*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Museu Paulista
- Standard Oil Company of Brazil 1950. *Honra ao mérito*. Rio de Janeiro: Autor
- Taunay AE, org. 1981. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp (1ª ed., 1953)
- Terci ET, org. 2001. *O desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectivas*. Piracicaba: Unimep
- Thame ACM, org. 1998 *Rio Piracicaba: vida, degradação e renascimento*. São Paulo: Igual
- Torres MCTM. 1968. Um lavrador paulista do tempo do Império. *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), 172
- Torres MCTM. 1975. *Aspectos da evolução da propriedade rural em Piracicaba – no tempo do Império*. Piracicaba: Academia Piracicabana de Letras
- Torres MCTM. 1982. *Octavio Teixeira Mendes e sua Piracicaba*. Piracicaba: Shekinah
- Torres MCTM. 1991. Aspectos da expansão urbana de Piracicaba nos primeiros anos do século XX. *Revista do IHGP*, 1, nº 1, 22-26
- Torres MCTM. 2003. *Piracicaba no Século XIX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Valentini U. 2005. *Piracicaba 238 anos. Alma da cidade*. Piracicaba: Jornal de Piracicaba (Edição especial)
- Vasconcelos A. 1985. *A nova música da República velha*. Rio de Janeiro: Autor
- Veiga JT e outros. 1975. *Folhas de acácia*. Piracicaba: Augusta e Respeitável Loja “Piracicaba”
- Velloso ACF. 2000. *Os artistas Dutra, oito gerações*. São Paulo: Sociarte/Imprensa Oficial
- Virgílio S. S.d. (2008?) *O despertar da mecanização agrícola, 1948-1960*. São Paulo: Autor

- Vitti G, org. 1964-1965. *Subsídios à história de Piracicaba. Correspondência da Câmara Municipal de Piracicaba, no período 1829-1855*. Piracicaba: Diário de Piracicaba
- Vitti G, org. 1965. *Subsídios à história de Piracicaba. Ofícios e representações da Câmara Municipal de Piracicaba, 1855-1871*. Piracicaba: Diário de Piracicaba
- Vitti G. 1966. *Manual de história piracicabana*. Piracicaba: Jornal de Piracicaba
- Vitti G, Diehl JS. 1989. *Piracicaba dois estudos*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

#### Coleções de Periódicos

##### *Aldeia*

*Almanach Litterario de São Paulo* (séc. 19)

*Almanak Administrativo, Mercantil, e Industrial da Província de São Paulo* (séc. 19)

*Diário de Piracicaba/O Diário*

*Diário Oficial do Município de Piracicaba*

*Gazeta de Piracicaba* (séc. 19-20)

*Gazeta de Piracicaba* (séc. 21)

*Jornal de Piracicaba*

*Jornal do Povo*

*A Lanterna de Diógenes*

*Mirante*

*A Província*

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*

*Revista Mirante*

*Tribuna Piracicabana*